SERÕES GRAMATICAIS

OU

NOVA GRAMÁTICA PORTUGUESA

ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO

2026
Editorial LaborArt

Copyright © 2026 por Editorial Laborat

Publicado originalmente em 1890 e reeditado em 1915 com o título Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portugueza por Estabelecimento dos Dois Mundos, Salvador (BA).

Programação visual, projeto editorial e pós-produção:
Laboratório de Linguagens e Ambientes de Aprendizagem Hipertextual - UERJ

Capa: L. A. G. Senna (2026)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ribeiro, Ernesto Carneiro, 1839-1920
Serões gramaticais ou nova gramática portuguesa [livro eletrônico] / Ernesto Carneiro Ribeiro. -- Rio de Janeiro : Editorial Laborat, 2026.
PDF

ISBN 978-85-921998-3-8

1. Língua portuguesa - Gramática 2. Língua portuguesa - História 3. Língua portuguesa - Morfologia 4. Língua portuguesa - Sintaxe I. Título.

26-382584.0 CDD-469

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa 469

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

A comercialização desta obra é proibida

Publicado em Regime de Acesso Aberto e Gratuito, por
Editorial LaborAt
Iniciativa de Imprensa Acadêmico-Científica Aberta, Livre e Confiável

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Educação
Rua São Francisco Xavier, 524 gr. 12037-F - 20550-900 Rio de Janeiro (RJ)
www. editoriallaborat.com.br - editoria@editoriallaborat.com.br

SERÕES GRAMATICAIS

OU

NOVA GRAMÁTICA PORTUGUESA

PELO

Dr. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO

Lente jubilado do Gymnasio da Bahia e Director do Gymnasio "Carneiro Ribeiro"

Non ut laudemur, sed ut prosimus

2026

Editorial LaborAt



Ernesto Carneiro Ribeiro
(1839 - 1920)

PREFÁCIO

***Ernesto Carneiro Ribeiro**, nasceu na Bahia no ano de 1839, ainda às primeiras luzes do segundo reinado do fausto Império do Brasil. Seria de fato ordinário seu nascimento, não fosse ele um brasileiro negro sob a sombra de uma sociedade escravocrata que negava à população negra direitos civis fundamentais tais como, por exemplo, o registro de identidade ou o acesso à escola. O jovem Ernesto, porém nasceu livre, filho de pais de uma pequena burguesia cartorial, de cuja memória pouco se sabe, exceto do pai, escrivão de notas públicas. A liberdade, o nome e o registro civil não lhe bastaram, entretanto, para impedir que, vítima de um racismo histórico, tenha sido apagado da memória coletiva poucas décadas após a sua morte. O Editorial Laborat inaugura com os **Serões Gramaticais** uma coleção que reúne marcos das Letras da língua portuguesa no século XIX, publicadas até o início do século seguinte. Uma língua que já nasce com a suspeita de ser mero dialeto da língua de Castilha, com a qual amargaria preconceitos nos demais sítios europeus, devido aos traços arábicos que as adornaram com acentos particulares. Enfim, uma língua que em tudo condiz com uma política editorial que visa a explorar objetos e sujeitos da inclusão escolar – o Português, em si, é uma língua que representa processos de inclusão, já desde sua consolidação entre os séculos XV e XVI, quando tornou-se idioma de dois mundos: um reino europeu em busca de protagonismo, fama e riqueza; um continente-colônia, em busca de si e de sua própria língua. A figura ímpar de Ernesto Carneiro Ribeiro nos traz à tona toda a síntese desse idioma brasileiro a incluir-se no mundo, pelas mãos de um brasileiro negro e genial, ícone de todo um povo que luta para superar o racismo e o preconceito.*

Além de linguista – um dos primeiros nomes a se descreverem assim no país –, Ernesto foi médico e teve grande influência na cultura jurídica brasileira, tendo sido convidado para revisar o Código Civil da nova República, o que fez no prazo de poucos dias e lhe rendeu uma boa pendenga com um de seus ilustres alunos, o Sr. Ruy Barbosa. Apesar da rusga, cita-o com apreço em diferentes exemplos nos Serões, assim como outro ex-aluno, o escritor Euclides da Cunha, este que, seguindo os passos do mestre, enveredou pelo Naturalismo. Republicar sua obra mais importante é também uma homenagem àqueles que fizeram parte significativa na edificação da cultura brasileira e foram invisibilizados pelo racismo, explícito ou estrutural.

RIBEIRO é contemporâneo às grandes revoluções tecnológicas do século XIX e, como tal, é legatário da cultura científica que forjou, além das bases da ciência contemporânea, as crenças positivistas que tanto influenciaram o surgimento das ditas ciências humanas. O fascínio pelas ciências – quase um fetiche que se repetiria mais tarde em nosso século – é uma presença constante nos *Serões*, seja no apelo recorrente ao rigor e à logicidade no estudo dos fatos da língua, seja na alusão a fatos e vocabulários de diferentes áreas de conhecimento. Chega a citar no prólogo e na introdução à obra o apreço à doutrina de Augusto Comte, de certo por franca adesão à efervescência do movimento republicano e dos primeiros passos da jovem nação dos Estados Unidos do Brasil. Apesar disto, Ribeiro não raro manifesta no corpo da obra a convicção, pouco comum à época, de que é impossível conter a transitoriedade da língua por meio do controle normativo excessivo, como se lê nos trechos seguintes:

> *A lógica e a metafísica nem sempre constituem o melhor, o mais seguro, o único padrão por onde aferir o bom cunho e os quilates de uma frase, porque, na fatalidade de seus processos, nem sempre os idiomas harmonizam à justa com os ditames da razão* [… …] *Ao passo que os idiomas vão desenvolvendo e aprimorando, vão deitando à margem construções transpositivas e sintéticas, favoráveis e adaptadas aos grandes movimentos das paixões, e essas disposições mecânicas e artificiais vão, pelo desenvolvimento mesmo do espírito humano, cedendo o passo às construções analíticas, mais consoantes à linguagem da ciência, onde o espírito tem fome e sede de luz.* (p. 634; 715)

. . . nos quais se podem identificar traços de uma vanguarda acerca da transitoriedade dos sistemas gramaticais que somente se consagrariam décadas após, com os resultados das pesquisas de William Labov. Havia ali já um germe de uma teoria da variação não aleatória, mas desencadeada por ação sistemática e racionalizante do assim denominado *espírito* humano, designação empregada à época para referir-se à cognição.

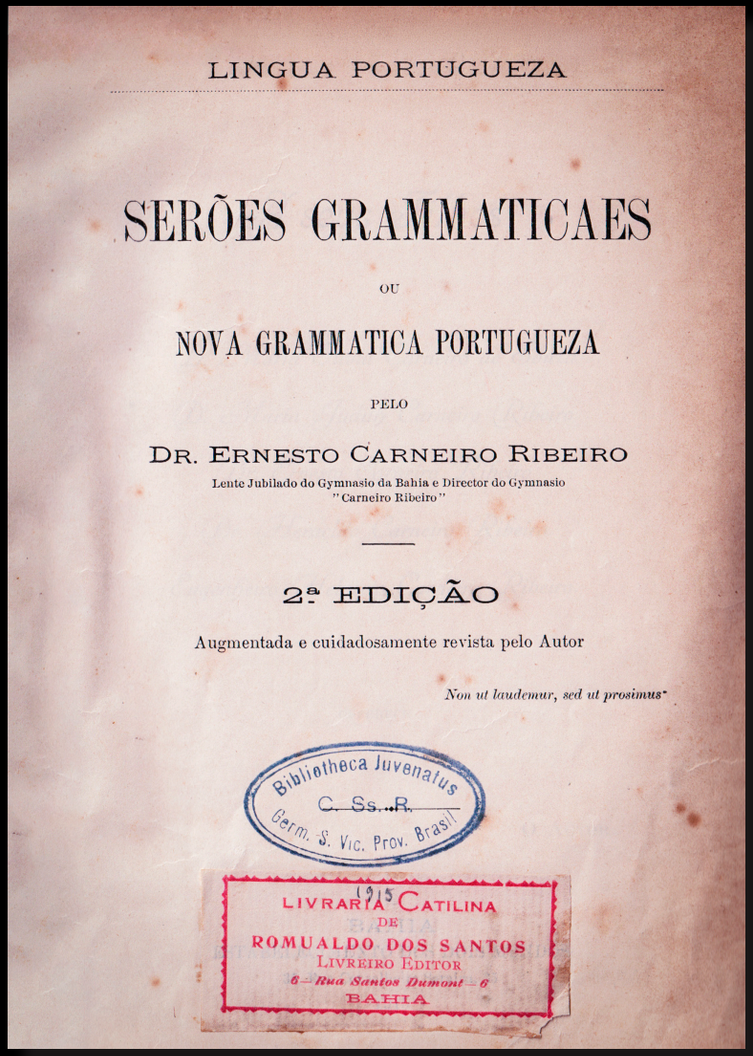
No bojo do teor cientificista da obra, há claramente um manifesto, uma doutrina linguística, que faz dos *Serões*, ao mesmo tempo que um compêndio gramatical, um marco teórico-metodológico da *gramática comparada,* um complexo modelo descritivo baseado no estudo da língua em projeção às demais das quais tenha derivado (perspectiva histórico-comparada), com as quais compartilhem traços estruturais comuns, ou, ainda, cuja confrontação auxilie a destacar a singularidade da língua em estudo. Amparado sobretudo no latim e no francês, assim como em largo exemplário do português arcaico,

E.C.R. constrói um desenho dos mais consistentes do complexo processo derivacional da língua portuguesa no cenário de um espectro a que ele denomina *línguas novolatinas*. É curioso notar que, em paralelo ao esforço notável pela construção de um modelo teórico-descritivo baseado em princípios metodológicos que viriam a reger a linguística contemporânea, sua obra preserva o tom herdado da tradição filológica que marcou sua formação primária. Isto se observa, por exemplo, no esmero com que cuida de situar os fatos linguísticos aos fatos sociais, à cultura e à produção literária, os quais, mais que ilustrar, os justificam, motivam, ou simplesmente os humanizam. Assim se verifica no seguinte trecho do capítulo dedicado às figuras de sintaxe:

> *A língua portuguesa, que não é tão transpositiva quanto a latina e a grega, nem, como a francesa e a inglesa, tão analítica, não se empece, disfarça e assombra tanto pelo equívoco e obscuro, como aquelas, nem, como estas, se arrasta lânguida, fria e pesada pela monotonia e frouxidão. Herdando da língua matriz sua nobreza e majestade, conservando, porém, seus ares, suas feições particulares e características, ocupando por sua construção um justo meio entre os idiomas antigos e os modernos, nossa língua já acompanha, sem destoar, os voos arrojados da poesia, já auxilia o orador, ferindo a tecla das paixões, já baixa à familiaridade do colóquio, subindo e descendo, sem desdouro, a corda dos sentimentos e das paixões, percorrendo a gama de todos os conceitos, tocando todos os assuntos sempre com nobreza e gravidade.* (p. 775)

Não obstante o rigor acadêmico e o compromisso com a formulação de um tratado científico, os *Serões Grammaticaes*, em sua grafia original, são , como já o sugere o título, um contributo do professor E.C.R. àqueles que toma como alunos, todos, os leitores a que se dirige não raro em segunda pessoa. No prólogo à primeira edição, de 1890, ele nos diz que "***Serões** lhes chamamos nós, porque, na vida trabalhada e afanosa que levamos, só em horas difícil e penosamente subtraídas ao repouso é que os traçamos e escrevemos*"; e o que de outro poderia ser-nos mais familiar e íntimo do que esta profissão de fé comum aos professores que nos dedicamos às Letras? Adiante, em vários momentos, vê-se ele dialogando conosco como se estivera em sala de aula, ensinando. . .

> *Ora se têm os latinos suas terminações próprias da forma passiva, não poderemos nós considerar o nosso pronome se, em alguns casos, como uma espécie de terminação inseparável do verbo, uma partícula, que se lhe pospõe ou antepõe, conforme*



LINGUA PORTUGUEZA

SERÕES GRAMMATICAES

OU

NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA

PELO

DR. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO

Lente Jubilado do Gymnasio da Bahia e Director do Gymnasio "Carneiro Ribeiro"

2ª EDIÇÃO

Augmentada e cuidadosamente revista pelo Autor

Non ut laudemur, sed ut prosimus

Bibliotheca Juvenatus
C. Ss..R.
Germ. S. Vic. Prov. Brasil

1915
LIVRARIA CATILINA
DE
ROMUALDO DOS SANTOS
LIVREIRO EDITOR
6 — Rua Santos Dumont — 6
BAHIA

Fac-símile da capa de Serões Grammaticaes (1915)

> *as circunstâncias, ligada ao verbo e nele talvez incorporada em algum período da língua matriz, e hoje mero sinal indicativo da mesma ideia, que os latinos exprimem por suas terminações e formas especiais, concretando, reunindo e aglutinando o que nós separamos, dividimos e analisamos?*

. . . Homem de estilo próprio, marcante e cuidadoso com o leitor, E.C.R. traz-nos com os *Serões* um monumento literário que dá corpo ao estudo linguístico relativo ao português. Daí resultou-nos desafiante sua reedição para os leitores do século XXI: *o que trazer para o tempo atual e o que manter no século XIX?; até onde adaptá-lo ao leitor contemporâneo sem desfigurar o monumento literário de Ernesto, nosso professor?* Por mera fac-símile do corpo original, não valeria a pena o esforço; trazer os *Serões* ao leitor constituído mais de um século e meio após sua publicação demandaria algum tipo de adaptação que lhe desse forma no mundo contemporâneo. Após semanas a fio imaginando o que viria a ser uma tal forma capaz de trazer a obra ao ano de 2026 sem lhe desfigurar a autoria, foi o próprio Ernesto que nos trouxe à luz, ao declarar no prólogo à segunda edição: "*Na ortografia não julgamos ainda de bom aviso seguir a reforma radical, a que meteu mãos a Academia Brasileira de Letras, que exagera, a nosso parecer, as vantagens do sistema fonético, sem lhe rastrear e apontar os defeitos*". Havemos de concordar que os sistemas ortográficos são, de fato, arbitrários, porém. . . bem nos facilitam a vida quando temos milhões e milhões de pessoas se utilizando de uma língua escrita que, diferentemente da fala, não bem se presta à plasticidade. Nesta reedição, foi utilizada a forma ortográfica do português em vigor desde 2009, assim como para o Francês, a forma em vigor desde 1990, ano da sua última reforma. Para os numerosos empregos do latim, utilizou-se a forma canônica tal como no original, com pouquíssimos ajustes pontuais; o mesmo com relação ao inglês e o alemão, com a ressalva de um termo germânico não identificado em nenhuma fonte lexical corrente. Naturalmente, não foram modificadas as formas das palavras oriundas de mais de um estágio do português arcaico, assim como das demais línguas, empregadas em frases e exemplos. Com o intuito de bem trazer a esta edição a figura de E.C.R. e preservá-la em seu caráter documental, construímos um pequeno corpus de formas *orthographicas* originais, categorizadas em conformidade com certos tipos característicos fortemente incidentes no original publicado em 1915, já idiossincrásico à norma vigente à época conforme propusera a A.B.L. Nele não incluímos os casos de acentuação, cuja exposição mereceria um estudo mais apurado, uma vez que se encontraram divergências no emprego de formas potencialmente análogas no corpo do texto, não nos tendo sido possível, deste modo, derivar com

razoável certeza sua motivação. Os fatos ortográficos que se destacaram na edição original foram os que se apresentam a seguir.

Emprego do [*c*] ou [*g*] pós-vocálicos de natureza etimológica, como em *abstracção (-ões), abstracto (-a,-s), direcção (-ões), fructo (-s), restricto (-a, -s), restricção, signal (-is)*, ainda verificados no português contemporâneo em formas como *pacto* ou *signo*.

Emprego de consoantes dobradas entre sílabas fora de posição de fronteira, como em *accumulo, accidente, allemão, annos, apparente, appellidar, approximar, attenção, attrito, bello, bocca, effeito, ellas, gomma, lettra, offerecer, permittir, repellido, somma, submmeter, innumeros* e *grammatica.*

Emprego de [*ph*], [*ch*], [*rh*] e [*th*], de origem etimológica, como em *anthipatia, architectar, Christo, rhythmo, theatro, thorax, trechea, orthographia.* Na mesma ordem, o emprego do [*y*], igualmente etimológico, como em *analyse, larynge, typico (-a, -s), amethysta e monosyllabo.*

Análogos são os casos de grafias que preservam traços de origens etimológicas como em *hontem, inherente, sciencia* e *schematico.* Porém não são análogos os casos em que se utiliza do [*h*] entre vogais que formam hiatos independentemente da tonicidade das sílabas, tal como *incoherente, emprehender, subtrahir.*

Monosylabo, tal como *emmudecer*, *emmaranhar*, *capimsal, commigo, comsigo, comtigo, comvosco, comtanto* e *receioso* exemplificam grafias em que se preserva a forma original dos termos que compõem palavras derivadas.

Certas formas têm origem na concepção fonológica do vocábulo, tal como: *acodir* (por "acudir"), *magua* (por "mágoa"), *ancear* (por "ansiar"), *craneo* (por "crânio"), *ideaes* (por "ideais"), *pae* (por "pai"), *engulir* (por "engolir"), *tossir* (por "tossir"), *valher* (por "valer"), *capitaina* (por "capitania"), *egreja* (por "igreja"), *taboleiro* (por "tabuleiro"), ou *concurrencia* (por "concorrência"), *quasi* (por "quase"); o espectro acústico dos fonemas nasais também está associado a formas singulares, como, por exemplo, *choramigar* (por "choramingar") e *ingenho* (por "engenho").

Destacam-se entre tais casos, os plurais dos ditongos crescentes em /*aw*/, em cuja grafia consta a média [*e*], por influência do latim, mais tarde e até os dias atuais substituídas pela alta correspondente, [*i*]. São inúmeros os exemplos nos *Serões*: *animaes, mananceaes, principaes, quaes, taes, territoriaes* etc.

Ainda com relação à concepção fonológica dos vocábulos, quanto à sua conformação lexical, observam-se formas gramaticais muito interessantes, ora com um, ora dois ou mais termos, a saber: *afim* (empregado como "a fim"), *em fim* (empregado como "enfim"), *por ventura* (por "porventura": "*. . . à primeira vista, mais fácil e* ***por ventura*** *mais explicável considerar como sujeito. . .*"), *ao envez*

de (por "em vez de"), *detraz* (por "de trás"); o interrogativo "por que" é grafado como *porque*, sem distinção para com relação à conjunção, à forma como segue até os dias de hoje no português europeu.

Um caso interessante é o que resulta da combinação do fator relativo à concepção fonológica do vocábulo e à tendência a preservar a forma primária de seus termos nos processos derivacionais. Neste caso, porém, aplica-se à ênclise pronominal, cujo registro apõe a consoante de ligação ao tema verbal deixando o pronome livre na sílaba seguinte: *fazel-o* (por "fazê-lo"), "*. . . não está,* ***dil-o*** *bem Buffon. . .*", "*. . . não só* ***amal-o****, senão ainda* ***adoral-o****. . .*".

Um pequeno número de formas não harmoniza com o português moderno ou contemporâneo, tendo-se de reconhecê-los, de fato, como memória de traços etimológicos que não chegaram propriamente a entrar na dinâmica derivacional do português. É o caso de *difthongo* (por "ditongo") e *augmentar* (por "aumentar"), a cujas formas não se familiariza o sistema gramatical do português, ou *membrar,* forma oriunda do português arcaico que significa "lembrar".

No mais, encontram-se às dezenas formas cuja grafia diverge do português contemporâneo naqueles acidentes em que o arbitrário é prevalescente: os grafemas ditos ambíguos, ou homófonos. São exemplos: *apezar, Brazil, cançar* e *cançaço, chicara, cortesia, expremer, extranho, freguez* e *freguezia, genipapo, gilo* (por "jiló"), *magestoso, mezes, mixta, musulmanos, pezar, portuguez, inglez, francez, socegado, vasio,* entre muitos outros. É curioso destacar, também, a grafia de nomes oriundos de línguas locais com o dígrafo [*ss*] e não com cedilha como se tornaria padrão no português escrito; assim, lê-se *Paraguassú,* ora com ora sem acento agudo, e não "Paraguaçu".

Nenhum dos fatos ortográficos acima destacados encontra-se na presente edição, na qual, como dito, utilizou-se a norma vigente no português escrito contemporâneo. Porém, nisto bastaram as modificações significativas realizadas no corpo da obra original. Em um primeiro momento, aventou-se a conveniência de reformatar a estrutura geral do texto segundo as normas da ABNT vigentes, fosse quanto às notações bibliográficas e capitulares, fosse quanto à homogeneização dos recursos de destaque como caracteres itálicos e negritos. Tememos, todavia, incorrer com isso em grave e desnecessária invasão no caráter da obra, tanto no que concerne à sua datação histórica, quanto ao próprio estilo de E.C.R. em uma obra que, não à toa, cuidou de denominar *Serões*. Optou-se, então, por lhe preservar de adaptações estruturais, buscando apenas, e sempre que possível, sem prejuízo da autoria

ou da datação, formatar parágrafos e as citações mais longas, introduzir notas explicativas ou traduções e conferir aos quadros e figuras uma sequência numérica à forma como se emprega atualmente. Não nos conveio compilar uma bibliografia consolidada ao final da obra, reunindo todas as centenas de referências citadas no corpo do texto ou em notas de rodapé; tal empenho resultaria outro tanto de meses em pesquisas, pois que, em sua maioria, as referências mais relevantes são citadas com nada mais do que nome de autores; haverá oportunidade para elencá-los em uma outra publicação.

Sobre a obra e sua vanguarda

Os *Serões Grammaticaes* reúnem cinquenta e dois capítulos distribuídos em quatro partes: *fonologia, ortografia, lexicologia,* em duas seções dedicadas respectivamente à *morfologia* e às *classes morfossintáticas,* e, finalmente, *freaseologia,* que corresponde a cerca de um terço de toda a obra. A sequência de partes e capítulos assemelha-se ao ordinário dos compêndios gramaticais, com a tendência de adotarem uma perspectiva analítica na apresentação dos fatos da língua, partindo da unidade (a camada fônica) progressivamente para as unidades maiores. Apesar da aparente formalidade na distribuição da matéria, a obra não põe de lado a informalidade e o tom dialogal que tornam sua leitura leve e prazerosa desde o início ao fim. Nos *Serões*, E.C.R. nos traz uma vanguarda ímpar para sua época, presente em diversos traços descritivos que viriam de encontro à cultura preponderantemente estruturalista de sua época. Sem desprezar o rigor na análise do sistema gramatical, a obra trata a língua a partir de uma cosmologia de fatos que se podem resumir ao conceito atual de *discurso*; é a língua como fenômeno vivo, dinâmico e sujeito ao uso. Assim nos explica E.C.R.:

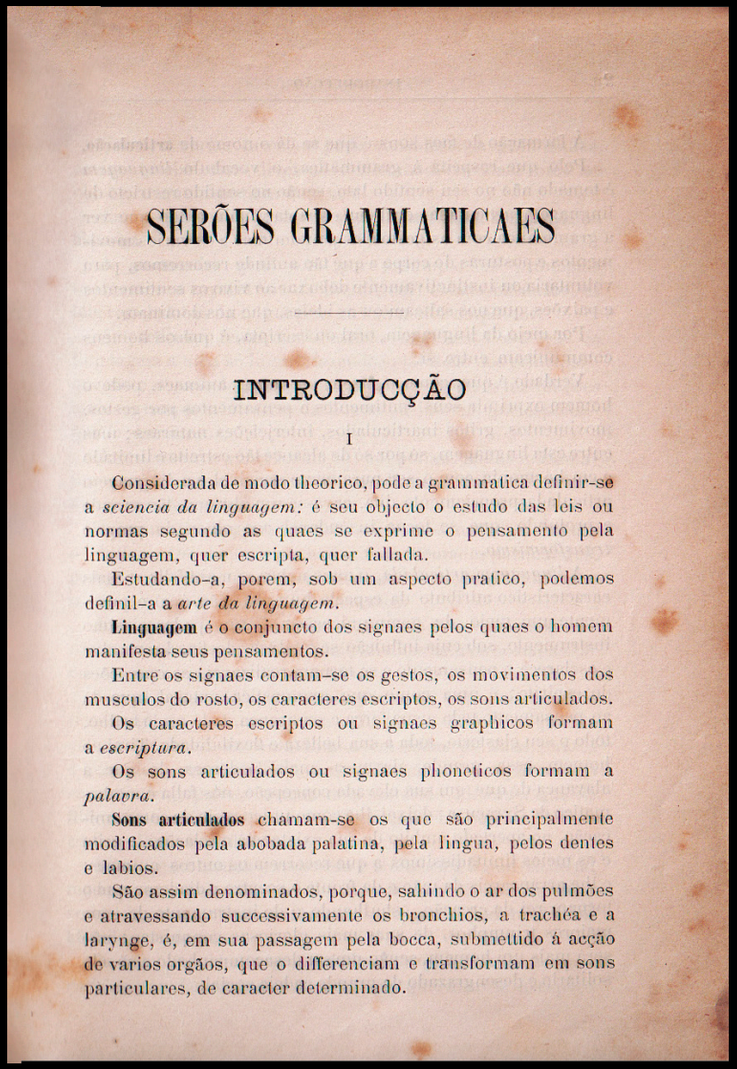
> *A lógica e a metafísica nem sempre constituem o melhor, o mais seguro, o único padrão por onde aferir o bom cunho e os quilates de uma frase, porque na fatalidade de seus processos nem sempre os idiomas harmonizam à justa com os ditames da razão.* [. . . . . .] *Um idílio, um madrigal, uma comédia, uma cançoneta, uma fábula, não se recitam nem escrevem no mesmo tom ou no mesmo estilo, que um discurso acadêmico, uma tragédia, uma epopeia, ou um elogio fúnebre. A voz nem sempre tem o mesmo tom: As chancas e ditos agudos de um discurso, ou conversação familiar malcondizem com a expressão dos sentimentos de mágoa e tristeza de uma carta ou visita de pêsames.* (Pág. 634, 778)

. . . É ainda no discurso, que E.C.R. ampara o texto como tessitura orientada segundo fatores que não se subordinam estruturalmente à cadeia frasal e sim a fatores semânticos e pragmáticos de ordem mais complexa.

> *. . . indicando esses gritos* (interjeições) *uma proposição, um discurso, uma situação inteira de nossa alma, pressupõem e encerram virtualmente um todo sem relações sintáticas com as outras partes do discurso* [. . . . . .] *as proposições se ligam às proposições para formar as frases, estas se encadeiam a outras para tecer os períodos, estes, em suma, se associam, se prendem e entrelaçam para urdir, tramar e compor a contextura do discurso, que se torna assim a expressão mais adequada e perfeita do pensamento.* (Pág. 152; 462-3)

No campo da fonética e fonologia, o emprego de alfabetos específicos remonta ao ano de 1889, quando da criação do *Alfabeto Fonético Internacional (AFI)*, porém sua chegada ao Brasil é mais tardia, apenas quando dos primeiros trabalhos em Linguística Geral publicados por Mattoso Câmara Jr., na década de 1930. Nos *Serões* de E.C.R., não se encontram notações fonético-fonológicas conforme as convenções adotadas posteriormente, com o uso de barras ou colchetes e a distinção entre fonemas e fones. Embora não lhe falte o zelo de fazer distinguir as distintas naturezas dos materiais sonoro e gráfico, a sua apresentação reflete ainda a crença em um alfabeto ordinário com potencial fonético – recorde-se que tradicionalmente, os grafemas empregados nas línguas alfabéticas eram chamados *alfabetos fonéticos*, designação que só viria cair em desuso após o advento da linguística contemporânea e a criação do AFI. Apesar disto, porém, é interessante visitar a primeira parte dos *Serões* para analisar dois aspectos de verdadeira vanguarda em suas proposições fonológicas. A primeira delas, oriunda da formação de E.C.R. sob influência da gramática histórico-comparada, a concepção do fonema como entidade plástica cuja existência é inexoravelmente sujeita à dinâmica do uso e do tempo. Esta fluidez na identidade dos fonemas somente viria a ser retomada mais de cinquenta anos após, no campo da Fonologia Gerativa norte-americana. É possível verificar tal concepção no seguinte trecho:

> *O fenômeno das permutas assenta em duas leis ou princípios gerais, que se fundamentam na observação dos fatos que nos sugere o estudo comparativo das línguas. Tais são os seguintes: 1.° O princípio de transição; 2.º O princípio do menor esforço ou da menor ação.*



SERÕES GRAMMATICAES

INTRODUCÇÃO

I

Considerada de modo theorico, pode a grammatica definir-se a *sciencia da linguagem:* é seu objecto o estudo das leis ou normas segundo as quaes se exprime o pensamento pela linguagem, quer escripta, quer fallada.

Estudando-a, porem, sob um aspecto pratico, podemos definil-a a *arte da linguagem.*

Linguagem é o conjuncto dos signaes pelos quaes o homem manifesta seus pensamentos.

Entre os signaes contam-se os gestos, os movimentos dos musculos do rosto, os caracteres escriptos, os sons articulados.

Os caracteres escriptos ou signaes graphicos formam a *escriptura.*

Os sons articulados ou signaes phoneticos formam a *palavra.*

Sons articulados chamam-se os que são principalmente modificados pela abobada palatina, pela lingua, pelos dentes e labios.

São assim denominados, porque, sahindo o ar dos pulmões e atravessando successivamente os bronchios, a trachéa e a larynge, é, em sua passagem pela bocca, submettido á acção de varios orgãos, que o differenciam e transformam em sons particulares, de caracter determinado.

Tipografia interna da segunda edição

> *O primeiro princípio exprime que as permutas não se fazem violentamente e ao acaso, mas por uma transição natural; de maneira que se não passa de salto e precipitadamente da consoante de um grupo ou ordem a outra consoante de grupo ou ordem diferente: as permutas realizam-se entre as consoantes homorgânicas.* § *Entre o c e o g, entre o t e o d, entre o b, c, f, p, são muito comuns as permutas.*
>
> *O segundo princípio é o da menor ação ou princípio da economia e quer dizer que a linguagem, sendo um organismo vivo, procura exercer-se o mais comodamente possível, empregando o menor esforço, tendendo a realizar o seu fim do modo mais simples.* § *Num grupo em que há consoantes fortes e consoantes fracas, a passagem não se realiza, em geral, das fracas para as fortes, senão destas para aquelas.* § *Este segundo princípio manifesta-se de vários modos na permuta das letras: 1.° Pelo abrandamento; 2.° Pela degeneração; 3.° Pela queda da consoante média; 4.° Pelo reforço; 5.° Pela acomodação ou assimilação e pela dissimilação; 6. Pela metátese ou transposição.* (Pág. 73)

A exposição das dinâmicas plásticas dos fonemas é exemplo de uma doutrina explanatória que em muito supera a perspectiva meramente taxionômica das gramáticas suas contemporâneas voltadas ao meio escolar. É o que se verifica, também, no aporte funcional com que estuda as vogais do português, sob uma perspectiva de sistema complexo, muito semelhante àquele que, mais tarde seria adotado e pulicado por Mattoso Câmara Jr. em **Estrutura da Língua Portuguesa** (1970).

Este mesmo caráter explanatório e comprometido com o estudo científico da língua enquanto fenômeno natural, confere aos *Serões* um lugar à parte na cultura normativa das Letras, especialmente à luz da instrumentalidade positivista que influenciaria sobremaneira os gramáticos brasileiros. Assim é que resgata Antonio de Castilho no trecho "*A linguagem* [... ...] *é consequência e causa, companheira e condição de todo o progresso social. É, pois, fanatismo, além de absurdo* [... ...] *pretender, como alguns, que a linguagem, uma vez chegada a certo desenvolvimento a que aprouve chamar-se clássico, se conserve nele perpetuamente estacionada; é negar a perfectibilidade, lei suprema da Providência*" (pág. 760). Discretamente pós-moderno, em diversas oportunidades. E.C.R. põe à prova a autoridade com que se punham a termo as normas e regras do idioma na recente gramatização da língua portuguesa da então recente República: "*Como torrentes caudais, as línguas por vezes rompem e derribam esses diques e represas, onde, em balde, as regras gramaticais se esforçam pelas encerrar e reprimir.*" (Pág. 582)

Tal orientação mais explanatória que taxionômica ou normativa segue ao longo de todas as partes dos *Serões* que vêm após a dedicada à *fonologia*, mesmo naquela que a sucede, dedicada à *ortografia*. Nesta destaca-se a breve apresentação dos sistemas ortográficos e da origem da noção em si da *ortografia*, além de um extenso inventário de abreviaturas tal como empregadas no século XIX e inícios do século seguinte.

A terceira parte, dedicada à *lexixologia*, divide-se em duas seções, a primeira das quais um primoroso painel sobre a morfologia do português com base em uma perspectiva histórico-comparada. E.C.R. dá-nos ali um exemplo primoroso de como um estudo consistente da palavra se beneficia quando da confluência entre a tradição filológica e o rigor metodológico da por ele chamada *ciência da linguagem*. Mesmo sem empregar nomenclaturas que se tornariam correntes na linguística contemporânea, os *Serões* apresentam uma morfologia baseada em princípios sintagmáticos que definem *elementos mórficos fundamentais* e *assessórios* (ou *secundários*) e, por sua vez, estes relacionados a *famílias derivativas* e *famílias gramaticais*. Tais noções de *famílias* assemelham-se à noção de relações paradigmáticas em Saussure, com maior especificidade; no caso das famílias derivativas, por exemplo, seguem-nas um inventário de sufixos portugueses devidamente distribuídos segundo sua base e efeito translativo. Não menos minucioso é o inventário de prefixos distribuídos conforme a fonte linguística e, tal como os sufixos, acompanhados de informação sobre sua origem histórica.

Decerto em virtude de sua formação, E.C.R. sente necessário agregar ao estudo descritivo da morfologia portuguesa um breve, porém preciso, percurso histórico do léxico português, no interior de um cenário mais amplo que nos permite não apenas caracterizá-lo enquanto parte de um sistema que agrega diferentes línguas, como, a partir dele, compreender os inúmeros acréscimos lexicais e estruturais que recebeu de outras línguas. Assim é que, cerca de metade da sessão dedicada à morfologia, apresenta-nos um arrazoado acerca da constituição do português e de seu perfil em confronto com a classificação das línguas indo-europeias. Alguns diriam que se trata de matéria deslocada no corpo da obra, porém, ao contrário, trata-se de um recurso que nos traz de volta um português em sua cosmogenia, uma língua entre línguas naturais, um corpo entre outros da mesma espécie. Nenhum dos demais sistemas gramaticais, é tão afetado pela cosmogenia como a o sistema morfológico, objeto constante da deriva e principal polo de acréscimos oriundos de outros sistemas gramaticais.

O apreço ao tratamento da língua como sistema biológico seja, talvez, a motivação de E.C.R. para deter-se por seis páginas em considerações

entusiasmadas acerca das *interjeições* e *vocativos*. Não os trata como verdadeiras partes do discurso, mas como manifestações do inconsciente fero do homem-natureza, espontâneo e momentaneamente alheio à razão. É de todo curiosíssima a presença desta figura de um humano irracional francamente exposto por um intelectual que desde o prólogo da obra apresenta-se como um cientista positivista; prova de que, como em outros trechos espalhados pelos *Serões*, E.C.R. demonstra-se mais um adepto ao racionalismo científico do que ao projeto sociocultural reacionário- positivista de seu tempo.

Avançando para a segunda seção, encontra-se uma das apresentações mais autorais e singulares das classes das palavras, fundindo uma perspectiva teórica sobre a própria natureza da taxionomia e a descrição do português. Situando-se entre duas concepções tradicionais sobre as partes do discurso, E.C.R. emprega tanto o esquema clássico das dez partes do discurso, como a amálgama fundamental dos termos da predicação aristotélica, que toma do *nome* como uma entidade semântica constituída por um núcleo substantivo e seus periféricos adjetivos. O verbo deixa de ser considerado o núcleo da frase, em favor do nome, o qual, ocupando a posição central na enunciação, é modificado pelo verbo sem que este, no entanto, torne-se adjetivo. Nesta perspectiva, somente os pronomes pessoais são classificados como tal, pronomes; todos os demais são tratados, ora como adjetivos, ora como verdadeiros substantivos, incluindo-se "*o*" e "*que*" interrogativos ou na expressão utilizada como conectivo relativo. Pode-se considerar o esquema taxionômico de E.C.R. bastante eficiente e elegante, já que totalmente baseado em princípios funcionais, assim como econômico, à medida em que reduz o número de classes adjetivas funcionalmente redundantes com os quais descrever o sistema.

A reforçar seu caráter explanatório, os *Serões* nos trazem uma apresentação das preposições que não encontraria par nas gramáticas do português que os sucederam. Ordinariamente definidas – ou "indefinidas" – como partículas de ligação, as preposições costumam ser apresentadas a partir de sua identidade semântica (o sentido que imprimem no discurso) e sua função sintática no sistema gramatical contemporâneo (ora como termo da locução, ora índice da regência verbo-nominal, ora como termo translativo). Ocorre, todavia, que as preposições portuguesas são herança latina que entram em seu sistema gramatical também para suprir a perda gradual dos casos em favor do sistema analítico de relações entre os termos da predicação. E.C.R. destaca este papel das preposições na transição do sistema sintático sintético do latim para o sistema analítico adotado em todas as línguas neolatinas, sendo-lhe com isto possível explicar a coerência entre os valores semânticos das preposições e os respectivos papeis das locuções por elas regidas nos diferentes espaços da predicação.

Na quarta e última parte da obra, dedicada à *fraseologia*, encontram-se outras mais contribuições singulares que nos surpreendem pela contemporaneidade. Constitui da obra sua parte mais visitada pelos pesquisadores contemporâneos, como se poderá constatar na curta bibliografia relativa a E.C.R. que traremos mais adiante.

Destaque-se primeiramente o capítulo intitulado *Dos sistemas de análise*, no qual se discriminam dois modelos distintos de análise sintática, um francês, que se consagrou na tradição gramatical brasileira, e outro inglês, os quais confronta diante de sua aplicação em exemplos de diferentes tipos de frases. Não há notícia de qualquer outra obra publicada no Brasil que cuide de apresentar dois modelos alternativos de análise sintática que não diferem apenas em procedimentos heurísticos, mas em concepções acerca da natureza das relações dos termos da frase. A ideia de que o procedimento analítico aplicado à frase esteja sujeito, como de fato está, a uma dada concepção doutrinária não fragiliza o empenho analítico em si, mas põe em cheque a hegemonia e o caráter peseudo-universal de doutrinas e rotinas teórico-descritivas. É, portanto, de se supor que, no espírito de E.C.R., a relevância da análise sintática residiria no esforço explanatório e no rigor metodológico aplicado, divergindo, assim, da cultura acadêmica preponderante que tende a atribuir caráter universal, lógico ou naturalista a certa doutrina hegemônica que é tão somente concepção.

Do ponto descritivo, a *fraseologia* de E.C.R. nos traz contribuições singulares e de vanguarda sobretudo na apresentação da *regência* e do campo morfossintático ligado ao *verbo*. Quanto à *regência*, na esteira do tratamento descritivo aplicado às preposições, esta é analisada a partir dos fatores, combinados, transitividade semântica e imposição de caso gramatical; nem sempre a regência é definida por uma relação de transitividade, mas sempre é determinada e determinante por/de casos gramaticais.

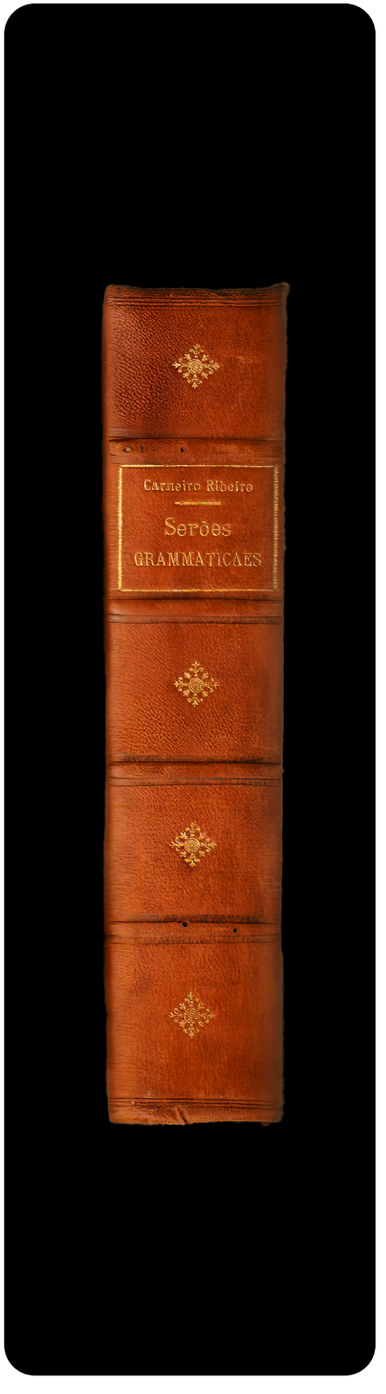
Já no campo morfossintático do *verbo*, as contribuições de E.C.R. vão muito além daquilo que de ordinário se encontra nas gramáticas suas contemporâneas e seguintes. Primeiramente, como já destacado, o verbo é tratado como termo *qualificativo*, o que não prejudica o sistema de análise proposto, uma vez que a concepção de regência associada preponderantemente aos casos gramaticais resgata ao verbo sua posição de centralidade no corpo da frase, sem macular a prevalência lógico-discursiva do nome-sujeito sobre o qual se institui o discurso. Mais uma vez o discurso presente nos *Serões*. E não se limita a isso.

Desde a inclusão dos tempos compostos nos respectivos paradigmas verbais do português, à apresentação dos modos verbais como recursos discursivos associados ao uso e não tão somente paradigmas que

especializam na expressão de diferentes impressões temporais, E.C.R. representa uma vanguarda que tardaria décadas para incorporar modelos descritivos não estritamente paradigmáticos na apresentação da categoria dos verbos.

Ainda mais contemporâneo é seu capítulo dedicado à *correspondência dos tempos*, uma joia ainda rara nos dias de hoje. O estudo, que leva em conta aspectos lógicos de sua concatenação, atrelados aos princípios de causalidade, somente viriam a ser superficialmente considerados décadas mais tarde, como por exemplo no clássico ***Comunicação em Prosa Moderna*** de Othon Moacir Garcia, ainda assim sem o mesmo cunho de caráter essencial. Posteriormente, embora estudos contemporâneos no domínio da linguística do texto tenham desenvolvido um consistente conhecimento sistemático sobre eixos de coesão e coerência na tessitura das relações temporais no corpo do discurso, ainda não são fartas as contribuições descritivas que aprofundem e sistematizem os feixes de relações causais que regem os tempos verbais do português.

Nas últimas notas do livro, encontra-se um breve capítulo que elenca diferenças estruturais entre expressões em *latim popular* (E.C.R. jamais emprega a expressão "latim vulgar") e em *latim clássico* ou *literário*. Se aparentemente nos parece deslocado em uma gramática do português um capítulo destinado ao estudo de fatos do latim, logo nos



apercebemos que não, sua presença é mais do que coerente; é a conclusão da obra, o fechamento de todo o percurso explanatório em que E.C.R. descreveu um português vivo, em processo corrente. E como não fazê-lo senão trazendo ao final de tudo a presença de um português ainda embrionário, gerando-se na expressão do povo; já antecipado e ali identificável. Não à toa, deste capítulo ao fim da obra, vem à cena o português do povo, dos *vícios de linguagem*, *idiotismos, Brasileirismos e provincianismos*, ou seja, a língua em deriva, em seu futuro.

A bibliografia disponível sobre *Ernesto Carneiro Ribeiro* e seus *Serões Grammaticaes* é escassa comparativamente à de outros vultos da cultura linguística da mesma época, como João Ribeiro (localizadas 275 teses e dissertações) ou Manuel Said Ali (com 240 teses e dissertações). Bem demonstra o silenciamento que lhe foi imposto na memória cultural do país. Vanguarda? Racismo? Rusgas com Ruy Barbosa e a ABL? Quem sabe? Não importa. Que sua memória se avive com esta edição e que sua genialidade inspire a diversidade e ajude a educar a jovem geração das Letras. Para concluir este prefácio, seguem as referências que se localizaram em repositórios de teses e dissertações defendidas no Brasil e em portais de periódicos.

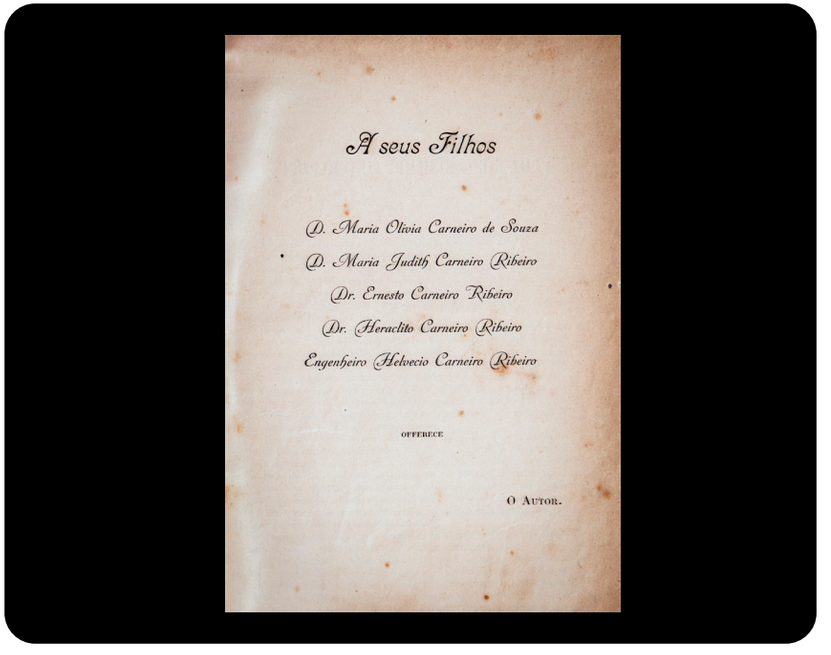
Luiz Antonio Gomes Senna
Agosto de 2026

ANDRADE, A. M. **Estudo descritivo-analítico do sujeito gramatical no período de 1881-1915 da gramatização brasileira: entre a tradição e a inovação**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. PUC-SP, São Paulo, 2019.

ARRUDA, M. G. **A polêmica gramatical entre Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro sobre a redação do Projeto do Código Civil.** Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUC-SP, São Paulo, 2019.

EVARISTO, J. Processos de formação de palavras em gramáticas do século XIXe XX: Manuel Said Ali, Ernesto Carneiro Ribeiro e Eduardo Carlos Pereira. **Língua e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 25(50), 2022.

LEAL, E. S. **Pressupostos Epistemológicos na "Phraseologia" dos Serões Grammaticaes de Ernesto Carneiro Ribeiro.** Dissertação de Mestrado em Letras. UFPR, Curitiba, 2014.


A seus Filhos

D. Maria Olivia Carneiro de Souza
D. Maria Judith Carneiro Ribeiro
Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro
Dr. Heraclito Carneiro Ribeiro
Engenheiro Helvecio Carneiro Ribeiro

OFFERECE

O Autor.

MEDEIROS, E. G. **Uma Historiografia do Processo Brasileiro de Gramatização da Colocação Pronominal em Gramáticas Oitocentistas**. Dissertação de Mestrado em Linguística. UFPB, João Pessoa, 2021.

OLIVEIRA, W. Dois Pioneiros no Mundo da Gramática: O médico Ernesto Carneiro Ribeiro e o Professor Francisco Dequi. **Lingu@a Nostr@**. V. 2(2), 2014.

PITANGA, I. L. **Ernesto Carneiro Ribeiro: trajetória intelectual de um professor negro na educação da Bahia (1839-1920).** Dissertação de Mestrado em História Regional e Local. Uneb, Santo Antônio de Jesus, 2021.

RODRIGUES, A. L. **Serões gramaticais: a gramática "científica" de Ernesto Carneiro Ribeiro**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUC-SP, São Paulo, 2019

SANTANA, L. "Grammatica da Lingoagem Portuguesa" x "Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portugueza": um estudo comparativo acerca da classe gramatical "verbo". **A Cor das Letras**. Feira de Santana, 2017.

TEIXEIRA, S. G. **O período dos estudos lingüísticos brasileiros dito científico na questão da colocação pronominal (1880-1920).** Dissertação de Mestrado em Linguística. USP, São Paulo, 2008.

PRÓLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

O desenvolvimento que nestes últimos anos têm tido os estudos gramaticais, esclarecidos pela gramática comparada, levou-nos a empreender este nosso trabalho, que não é senão a gramática portuguesa a que damos uma feição histórica, ampliando-lhe mais a base e enriquecendo-a de novas observações, que a longa prática e o estudo da língua, que, com tanto amor cultivamos, nos têm sugerido e ensinado.

Hoje todo o estudo da gramática a que não acompanham as observações sobre a história da língua em sua evolução progressiva, como um organismo vivo, que se não pode subtrair às leis a que está sujeito tudo o que vive, é incompleto e repelido para o puro domínio dos estudos abstratos e metafísicos, em nada consoantes à esfera em que deve girar e se deve manter toda a ciência que aspira a uma utilidade prática e real, e se harmoniza e concerta com os selos que em todos os trabalhos científicos vai imprimindo e gravando o século que atravessamos.

Neguem-se todos os méritos aos estudos positivos, tão ardentemente sustentados e pleiteados por Comte e Litré, e completados pela orientação que lhes dá a escola inglesa contemporânea, não se lhes poderá contestar o mérito de ter tenaz e instantemente chamado a atenção dos espíritos do ermo sombrio e intrincado das abstrações, vagas e ociosas, para o campo largo e fecundo da observação, aturada e refletida, que fornece à ciência o seu ponto de partida, sua base e *substratum.*

Todos os trabalhos gramaticais de algum merecimento atestam esta nova tendência no estudo da gramática.

Para o estudo da nossa língua e de todas as línguas românicas, foi a gramática de Frederico Diez o ponto de partida de todos os trabalhos sobre o mesmo assunto, a gramática histórica de Brachet, em França, os estudos criteriosos de Adolfo Coelho, em Portugal, e no Brasil os estudos de Pacheco Júnior e a nova gramática portuguesa de João Ribeiro, são outros tantos exemplos de que em nossa língua e nos idiomas novo-latinos essa é a direção geral que, de alguns anos a esta parte, se vai dando ao estudo da gramática, assentando-a não no domínio exclusivo do abstrato, senão no concreto e real, que lhe oferecem base ampla e segura.

Duas direções diferentes têm dado os escritores ao estudo da ciência da linguagem: na primeira o sentido das palavras é tudo, a sua função e o seu valor lógico; a gramática considerada sob esse aspecto é uma ciência puramente abstrata, como o é a lógica, a que se vincula intimamente e com que se confunde; na segunda atentam mais nos elementos mórficos das palavras, consideram-nas sob seu aspecto material; a gramática então se torna uma sorte de anatomia ou histologia: estudam-se as palavras como compostas de *órgãos;* estudam-se, para nos exprimirmos assim, os *tecidos* desses órgãos, os elementos desses tecidos,

como nascem e vivem, como crescem, proliferam e definham, se encorpam e se apoucam, se engrazam e separam, se modificam, se transformam, estacionam, envelhecem e remoçam, aparecem e morrem.

O gramático não é já um lógico, senão um naturalista.

Sob o primeiro aspecto estudaram a gramática os gregos e romanos; sob o segundo, os gramáticos da Índia.

Por muitos séculos foi aquela primeira direção que sempre se deu ao estudo da gramática; a direção, porém, a que se dá modernamente a preferência é a segunda; mas, por um excesso, a que tende sempre a humanidade, quando duas opiniões se contrastam e parecem dividir os espíritos, à força de atentar na forma e no material das palavras, tem-se menosprezado o seu lado lógico, o seu sentido e a sua função.

O verdadeiro estudo da gramática histórica, como de qualquer gramática especial, não é perfeito, se essas duas direções se reputam incompatíveis, antagônicas e inconciliáveis, se não se aproximam, auxiliando-se, completando-se, robustecendo-se, amalgamando-se e fundindo-se, encontrando uma na outra a base em que se levanta e sustenta.

Modestos, não visando a outro fito senão à utilidade, ali submetemos os nossos *Serões* ao juízo dos entendidos: *Serões* lhes chamamos nós, porque, na vida trabalhada e afanosa que levamos, só em horas difícil e penosamente subtraídas ao repouso é que os traçamos e escrevemos, esforçando-nos, na esfera limitada de nossas forças, por trazer este escasso óbolo ao tesouro, já bem enriquecido das letras pátrias: que nas grandes messes há sempre que respigar, por mais numerosos e precavidos que sejam os segadores.

O trabalho que ora trazemos à luz é, se nos não cega a vaidade, o resumo dos trabalhos modernos mais importantes sobre o assunto. Leiam-no e julguem-no os entendidos.

E se desta publicação auferir algum fruto a mocidade, a cuja instrução temos dedicado a maior parte de nossa obscura existência, pagos, bem pagos nos consideraremos nós de ter, com o sacrifício de longas horas de repouso, comprado o maior e mais profundo contentamento a que visamos, dando à estampa os nossos *Serões Gramaticais.*

BAHIA, 1890

PRÓLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Damos hoje à lume a segunda edição dos nossos *Serões Gramaticais,* revistos atentamente em todos os seus capítulos, aumentados e refundidos em todas as suas partes, de tal feitio que constituem antes uma obra nova do que uma nova edição propriamente dita.

O acolhimento que a primeira edição teve a dita de lograr dos entendidos, que com mão tão larga nos ampararam e animaram os esforços, a continuação dos nossos estudos atinentes a assuntos da língua, que com entranhado amor e carinho cultivamos, o desenvolvimento que, esclarecidas pela história, vão tendo em nossos dias as investigações das línguas românicas, a cujo grupo pertence a língua portuguesa, induziram-nos, embora nos reconheçamos *tenues grandia,* a pôr ombros à presente edição, furtando longas horas ao repouso e fechando os olhos à soma de sacrifícios do que, entrado em anos, já se vai sentindo fraco para a publicação de obras de tal folego e porte, como a que ora damos à estampa.

Bem que se guarde, em geral, nesta a ordem observada na distribuição dos capítulos da antiga edição, deles há completamente novos, deles muitos corrigidos, muitos ampliados, muitos de todo o ponto remodelados, como ao estudioso leitor fácil será de verificar, se perlustrar de assento e sobremão todas as partes e todos os capítulos da presente obra, já de há muito planeada,

Na ortografia não julgamos ainda de bom aviso seguir a reforma radical, a que meteu mãos a *Academia Brasileira de Letras*, que exagera, a nosso parecer, as vantagens do sistema fonético, sem lhe rastrear e apontar os defeitos*.

Todas as reformas ortográficas até hoje feitas, já no português, já no francês, já em qualquer das línguas congêneres, e tendentes a assentar a ortografia na pronúncia, pouco têm logrado em relação aos resultados a que aspiram os reformadores.

A unidade e uniformidade de qualquer sistema ortográfico é o ideal a que visam todas as reformas intentadas nessa parte gramatical; entretanto na realização do próprio sistema fonético diferenças há que contrastam com esse *desideratum.*

Esperemos, pois, a sanção do uso, que em coisas de linguagem é soberano ditador, sobrepondo-se não raramente aos avisos e sugestões refletidas da razão. Estudando a *lexicologia,* demos maior desenvolvimento à *morfologia,* aprofundando-nos no conhecimento dos *prefixos* e *sufixos* dos vocábulos,

---

* Nesta edição, todo o texto foi vertido à ortografa vigente à época de sua publicação, salvo nos trechos em que se demontrou conveiniente preservar a ortografia do original, entre os quais exemplos típicos do português do século XIX e passagens literárias em português arcaico. (n.e.)

mostrando quanto influem nas modificações radicais e temáticas e nas modalidades do sentido mesmo das palavras; que, segundo já o afirmamos algures, esses elementos formativos semelham, no organismo das línguas, os órgãos nos seres vivos, com seus tecidos e elementos anatômicos, que constituem a trama, a estrutura íntima desses tecidos.

Entre os novos capítulos da presente edição figura nessa parte o que trata do esboço histórico da língua portuguesa, desde a sua elaboração até os nossos dias, dando-se ligeira notícia dos mais notáveis escritores antigos e modernos, que se ligam às várias fases de desenvolvimento desse idioma, e o capítulo referente à classificação das línguas, onde se assinala o grupo em que ele se filia.

É também novo o capítulo que trata das variações de sentido das palavras. As diversas observações sobre a *semântica* têm hoje em dia atraído a atenção dos glotólogos e gramáticos, os quais lhe vão reservando lugar distinto nas obras gramaticais que se não limitam aos estudos puramente rudimentares da gramática expositiva, nem se embrenham no intrincado de problemas especulativos da linguagem sem nenhum alcance prático.

Por isso é que reputamos de bom conselho não omitir em nossos *Serões Gramaticais* as advertências sugeridas pelos vários sentidos que se vão adaptando aos vocábulos da língua em sua crescente mobilidade, como expoentes do estado social que traduzem e com que se emparelham e identificam, a modo de sombras ou imagens, acompanhando a realidade do ser interior, que refletem e com que se ajustam na expressão do pensamento.

Na *sintaxe,* onde se notam muitas explanações sobre as leis e regras da concordância e da regência, regular ou anômala, sobre o *se* nas construções de sentido passivo, em que tão de costume a índole de nossa língua se compraz e saboreia, encontra-se um capítulo sobre a análise lógica, já de concerto com a terminologia dos gramáticos ingleses, já com a dos franceses, por onde bem é de ver que os mesmos fatos gramaticais, designados por nomes diferentes e muitas vezes considerados à diferente luz, são diversamente interpretados, segundo o sistema de análise que se adote.

Na construção dos pronomes, empregados como complementos, individuamos com largas minudências os casos da próclise e ênclise pronominal, autorizando as observações e preceitos, referentes a esse importante ponto gramatical, com inúmeros exemplos, abonados por nossos escritores de melhor nota, por forma que não fique o leitor tão atalhado e sem conselho na discriminação dos casos da anteposição ou posposição pronominal.

Aí, pela natureza mesma da matéria, fomos, porventura, além da meta em que devêramos suspender a pena, se não confiáramos encontrar escusa na benevolência do leitor generoso.

Largo desenvolvimento igualmente demos aos casos de pessoalidade e impessoalidade dos infinitivos, ponto esse de nosso idioma que é, podemos assim dizê-lo, mar de vacilações, onde ao que escreve, ainda abeberando-se nos mais límpidos mananciais, é, por vezes, dificílimo achar fundo.

Seria por extremo tedioso indicar aqui todas as fontes que nos forneceram valiosos subsídios para a traça e feitura desta nossa obra.

A nossa prática de longos anos de estudos vieram ajuntar-se em ampla contribuição os trabalhos glotólogos e gramaticais de Bop, Diez, W. Meyer-Lübke, A. Maury, Gaston Paris, S. Reinach, Darmesteter, A. Hovelacque, Max Muler, Michel Bréal, Delon, Brachet, Brunot, Ayer, H. Torres y Gomez, R. de Vasconcelos, Gonçalvez Viana, Júlio Moreira, J. Leite do Vasconcelos, C. de Figueiredo, João Ribeiro, Adolfo Coelho, que nos ofereceram copiosos materiais para a remodelação desta nossa obra.

Aí vão publicados em sua segunda edição os nossos *Serões Gramaticais,* que procuramos com afanoso empenho tornar mais dignos da leitura do diligente e estudioso.

Dos entendidos desejamos e confiadamente esperamos não lhes falte o bafejo salutar e animador, nem o juízo sincero, *sine malitia et studio.*

Para os que não trabalham por amor à vaidade, sempre inimiga da ciência, senão por amor ao bem, único fito a que devemos aspirar em nossos cometimentos, é sempre bem-vinda a crítica que não destila fel, a crítica comedida e bem intencionada, que é elemento de animação e ardimento para os lidadores nessas sementeiras de luz, e incentivo de vida e progresso para as letras e ciências que eles cultivam.

Sigam, pois, rota desassombrada os nossos *Serões Gramaticais,* e se de sua publicação advier às letras pátrias um mínimo de utilidade, tê-lo-emos em muito, e sobejamente indenizados nos julgaremos nós das fadigas e esforços que nos custou esta segunda edição, comprada por preço ainda mais subido e levando o mesmo intuito da primeira, receoso ainda assim de não aquilatarmos bem o *quid ferre recusent, quid valeant humeri* do poeta venusino.

BAHIA. 1915.

INTRODUÇÃO

I

Considerada de modo teórico, pode a gramática definir-se a *ciência da linguagem:* é seu objeto o estudo das leis ou normas segundo as quais se exprime o pensamento pela linguagem, quer escrita, quer falada.

Estudando-a, porém, sob um aspecto prático, podemos defini-la *arte da linguagem.*

Linguagem é o conjunto dos sinais pelos quais o homem manifesta seus pensamentos.

Entre os sinais contam-se os gestos, os movimentos dos músculos do rosto, os caracteres escritos, os sons articulados.

Os caracteres escritos ou sinais gráficos formam a *escritura.*

Os sons articulados ou sinais fonéticos formam a *palavra.*

Sons articulados chamam-se os que são principalmente modificados pela abóbada palatina, pela língua, pelos dentes e lábios.

São assim denominados, porque, saindo o ar dos pulmões e atravessando sucessivamente os brônquios, a traqueia e a laringe, é, em sua passagem pela boca, submetido à ação de vários órgãos, que o diferenciam e transformam em sons particulares, de caráter determinado.

À formação de tais sons é que se dá o nome de **articulação.** Pelo que respeita a gramática, o vocábulo *linguagem* é tomado não no seu sentido lato, senão no sentido restrito de linguagem articulada, oral ou escrita; nada tendo que ver a gramática com os gestos, as pantomimas e os vários movimentos e posturas do corpo a que tão amiúde recorremos, para voluntária ou instintivamente debuxar ao vivo os sentimentos e paixões, que nos salteiam ou as ideias, que nos dominam.

Por meio da linguagem, oral ou escrita, é que os homens comunicam entre si.

Verdade é que, como o fazem os outros animais, pode o homem **exprimir** seus sentimentos e pensamentos por gestos, movimentos, gritos inarticulados, interjeições naturais; mas entre esta linguagem, só por só de alcance tão estreito e limitado e em harmonia com o ser puramente sensível e a linguagem articulada propriamente dita, cava-se um abismo, tão grande e profundo, que se torna insondável aos olhos do próprio *transformismo.*

A *linguagem articulada,* o mais nobre, o mais feliz, o mais característico atributo da espécie humana, não é só e puramente um meio de comunicação; é um poderosíssimo instrumento, sob cuja influição se analisa, desfia, desenvolve e esclarece o pensamento e se tornam realizáveis as operações do espírito; é uma como que ginástica natural, que dá ao pensamento toda a sua força e segurança, todo o seu brilho, todo o seu elastério, toda a sua beleza e flexibilidade. Tirai ao homem essa grande alavanca, mais poderosa do que a alavanca de que, em sua elevada concepção, nos fala o matemático de Syracusa; deixai-lhe como único meio de comunicação, no apertado âmbito de sua existência e relações, o grito e os meios limitadíssimos a que recorrem os outros animais; e lhe arrancareis da mão e da fronte o cetro e diadema que o tornam rei da criação, esbulhando-o do instrumento de seus maiores triunfos, de suas mais gloriosas conquistas: não será mais um homem, senão um ser desacompanhado e só, elo solitário e desengraçado da grande cadeia social.

Como a várias luzes se pode considerar a gramática, assim recebe esta diversas denominações, consoantes ao objeto a que especialmente visa.

Assim que se diz **gramática geral, particular, comparada** ou **histórica.**

A **gramática geral** tem por assunto os princípios universais e invariáveis da linguagem; estuda os factos, as leis reguladoras da linguagem na sua maior amplitude.

A **particular** restringe o estudo dos factos ou leis da linguagem a uma só língua, fazendo aplicação dos princípios, que são o objeto da gramática geral, aos usos, às instituições mais ou menos arbitrarias da língua ou idioma, que especialmente estudamos.

A **gramática geral** é uma só; há, porém, tantas gramáticas particulares, quantas são as línguas no seu período disciplinar ou crítico.

A **gramática comparada** estuda os idiomas investigando-lhes as analogias e semelhanças, as feições e ademanes particulares, comparando-lhes os fatos, as transformações, a filiação, o desenvolvimento e evolução histórica.

Esta recebe também a denominação de *histórica,* porque se não podem comparar dois ou mais idiomas sem os acompanhar em seu desenvolvimento histórico.

Isto não obstante, uso é muito comum entre os gramáticos aplicar à gramática o epíteto de *histórica,* quando estuda os factos de uma língua em todas as suas fases e períodos, reservando-se a qualificação de *comparada* ou *comparativa,* quando estuda dois ou mais idiomas, que se filiam no mesmo grupo ou família linguística, relevando-lhes as semelhanças e diferenças.

Mas a gramática *comparada* e a *histórica* ligam-se de tal modo, tanto se auxiliam, que parece não constituem duas sortes de gramáticas, senão uma só, a

que se poderá chamar **histórico-comparada.**

De feito, é evidente que, estudando a *gramática comparada* as transformações sucessivas por que, através do espaço e do tempo, passam as línguas em sua marcha evolutiva, encontra na *história* seu instrumento e auxiliar indispensável, seu antecedente necessário; do mesmo modo que esta, à luz daquela, estuda as línguas, filiando pela comparação as novas formas de um idioma derivado em formas sucessivamente mais antigas, até prendê-las à forma ou formas da língua matriz, donde promanam.

A *gramática particular* é **elementar** ou **filosófica,** conforme se limita à exposição dos factos de uma língua particular, ao estudo das regras e instituições mais ou menos arbitrarias, sem se elevar aos princípios gerais de que se deduzem; ou, ao revés disso, estuda essas instituições arrazoando-as, ligando-as aos princípios gerais, que são os seus fundamentos, princípios de uma verdade imutável, comuns a todas as línguas, sempre harmônicos e idênticos como leis constitutivas da humanidade, que é sempre uma, idêntica, igual a si mesma.

A gramática particular, quando *elementar,* diz-se também *expositiva, descritiva* ou *prática,* porque expõe, descreve, classifica, estabelece metodicamente os fatos ou fenômenos de uma língua, estatuindo as regras e preceitos a que se submetem, sem atentar nas leis e nos princípios gerais que os regem e dominam.

Essa é a que geralmente se define a arte de falar e escrever corretamente uma língua.

Gramática portuguesa *é* a disciplina ou arte de ler, falar e escrever corretamente a língua portuguesa. Seu objeto é o estudo metódico dos factos da linguagem e das leis a que esses fatos obedecem, no que respeita à nossa língua.

A tendência que atualmente se manifesta em todos os gramáticos a darem ao estudo dessa disciplina uma feição histórica, tem levado alguns modernos, e entre outros Ferdinand Brunot, a criticar a definição tradicional da gramática *a arte de falar e escrever corretamente uma língua,* julgando-a inexata e por demais modesta; «inexata, porque se julga hoje e parece com razão», diz ele, em sua *Gramática Francesa,* «que uma gramática não deve ensinar apenas a falar e escrever o francês atual; é mister que nos permita compreender a língua de nossos pais e apreciar as obras do todos os nossos escritores por velhos de muitos séculos que sejam. A gramática deve, pois, neste sentido ser histórica».

Pensamos, porém, que se pode dar ao estudo da gramática portuguesa ou de qualquer gramática particular a feição histórica, que lhe dão modernamente, não deixando por isso a gramática especial de ser *a disciplina ou arte de ler, falar e escrever corretamente,* pela razão de não haver na definição nada que se oponha ao estudo desenvolvido da língua não só no presente, senão também através de

todas as transformações, por que, por sua mobilidade essencial, tem passado desde a sua origem até o momento atual.

Chama-se **língua** ou **idioma** a linguagem articulada de um povo ou de uma nação.

Numa gramática estudam-se os sons constitutivos das palavras, suas modificações e transformações e o modo de representá-los; os elementos que entram no quadro do pensamento ou no discurso e as formas diversas que esses elementos revestem; as variadas combinações, o concerto e as relações desses mesmos elementos para tecer o discurso.

Em quatro partes, portanto, se divide a gramática:

Fonologia ou **Fonética, Ortografia, Lexicologia** e **Sintaxe** ou **Fraseologia.**

Fonologia é a parte da gramática que estuda os sons da língua, suas modificações e transformações.

Ortografia é a que tem por objeto a representação dos sons por meio de caracteres gráficos ou letras. E esta parte um complemento da *Fonologia.*

Lexicologia chama-se a parte que trata das palavras consideradas em relação ao seu valor, à sua etimologia, à sua classificação, às suas formas ou inflexões gramaticais.

A *lexicologia* recebe a denominação de **morfologia,** quando estuda a palavra considerada em suas formas e estrutura.

Sintaxe ou Fraseologia diz-se a que trata da composição da proposição e da frase, das relações que as palavras e as proposições têm entre si, de seu concerto e construção.

A *ortografia,* que, como dissemos, é um complemento da *fonologia,* parece, por outra parte, se inclui já na *lexicologia,* já na *sintaxe,* porque, ensinando a representar bem os sons das palavras, pressupõe o conhecimento da formação delas, de suas várias flexões e desinências, e a adaptação dessas flexões aos números, gêneros, graus, pessoas, modos e tempos das palavras que possuem tais acidentes, o que tudo pertence ao domínio da *lexicologia* ou da *sintaxe.*

Afora a *fonologia,* a *ortografia,* que lhe serve de complemento, a *lexicologia* e a *sintaxe* ou *fraseologia,* distingue-se como parte da *lexicologia* a **semasiologia** ou **semântica,** que estuda o sentido ou significação das palavras e as variações e transformações de sentido que apresentam ou por que vão passando.

O estudo da origem e das formas primitivas dos vocábulos constitui o objeto da **etimologia.**

Da classificação das palavras fazem alguns uma parte da *lexicologia,* que, por analogia com o que se dá na *botânica,* denominam **Taxionomia** ou **Taxinomia.**

A *etimologia,* a *semântica* ou *semasiologia,* como a designou Reisig,

impropriamente chamada por outros *sematologia* ou *semiologia* e que modernamente tem sido objeto de estudos muito importantes, bem que se liguem a gramática por laços bem estreitos, não são, rigorosamente falando, partes dela, senão da *glotologia* ou *filologia.*

A última dessas duas partes não se acha ainda radicalmente estabelecida e sistematicamente organizada.

Isto não obstante, os recentes e preciosos estudos de Bréal, Whitney, Suchier, Darmesteter e outros, enfeixando-lhe e sistematizando-lhe os factos, constituem valiosos fundamentos em que deve assentar essa moderníssima parte, que figura como importante apêndice dos estudos gramaticais.

II

O estudo da gramática não era de todo desconhecido dos antigos; entre os gregos as investigações gramaticais originaram-se da necessidade de explicar, criticar e interpretar os antigos poetas da Grécia, sobretudo Homero; entre os romanos os estudos gramaticais, considerados sempre na maior estimação, opuseram forte represa à torrente invasora da linguagem descurada do povo, a qual, em luta incessante com a língua de Cícero, César e Virgílio, ora vencida, ora triunfadora, a obrigou afinal a ceder o passo, deixando-a mal ferida e dando nascimento aos idiomas novo-latinos, a cujo grupo pertence a língua que portugueses e brasileiros falamos.

Todos os trabalhos da idade média têm por fundamento o ensino dado em Roma pelo gramático Donato, que viveu no século quarto e as ideias contidas nas *Institutiones Grammaticæ* de Prisciano, que floresceu no século sexto.

Mas o verdadeiro método no estudo da ciência gramatical ainda se não havia descoberto: regras de todo o ponto em antagonismo com o bom senso, subtilezas mais ou menos engenhosas, uma metafísica fútil e estéril, uma poliglotia pesada, inconsistente e embaraçosa substituíam os verdadeiros processos no estudo da gramática.

O critério histórico e comparativo data da primeira metade do século findo.

A sábia sociedade asiática, fundada em Calcutá por Wiliam Jones, com o descobrimento do sânscrito, levou os doutos investigadores à conceção da unidade indo-europeia, estabelecidos os vínculos de parentesco entre essa língua e os idiomas da Europa.

Este descobrimento foi, portanto, de importantíssimos resultados com relação à gramática histórica ou comparada, que tanta luz derrama nos factos da

gramática particular; foi, na frase judiciosa de Müler, a *centelha elétrica que fez cristalizar em formas regulares os elementos flutuantes da linguagem, reunidos nas obras imensas de Hervas e de Adelung*[1].

Daí uma série de progressos e conquistas da ciência gramatical, a que imprimiram os selos de seu engenho Schlegel, Bop, Pot, Jacob Grim, Maury, Benfey, Burnouf, Diez, Max Müler, Bréal, Litré, Brachet, Clédat, Brunot, Suchier, Meyer Lubke, Gaston Paris, Paul Regnaud, Darmesteter, Carolina Michaélis, Adolfo Coelho, Pacheco Junior, Gonçalvez Viana, Ribeiro de Vasconcelos, João Ribeiro e tantos outros, que deram uma feição inteiramente nova aos estudos gramaticais, ampliando-lhes os fundamentos, fazendo irradiar muita luz em todos os factos da ciência da linguagem.

1. *Apud* S. Reinach - **Philologie Classique.**

SUMÁRIO

- *Prefácio*, 5
- *Prólogo da primeira edição,* 23
- *Prólogo da presente edição,* 25
- Introdução, 29

PARTE PRIMEIRA
Fonologia

CAPÍTULO I - Do aparelho vocal. Vogais e consoantes ou articulações. Ditongo; sílaba; vocábulo. Da configuração do tubo sonoro na prolação das vogais, 41
CAPÍTULO II - Da classificação das consoantes ou articulações, 51
CAPÍTULO III -Das figuras de dicção ou metaplasmos, 55
CAPÍTULO IV- Da quantidade e do acento, 67
CAPÍTULO V- Do vocalismo. Origem das vogais, suas transformações; grupos vocálicos. Leis relativas às mudanças e alterações das vogais, 73
CAPÍTULO VI- Do consonantismo. Origem das consoantes; grupos consonânticos. Permutas das consoantes e de seus grupos, 79
CAPÍTULO VII - Leis das permutas das consoantes, 91

PARTE SEGUNDA
Ortografia

CAPÍTULO I - Da ortografia e dos sistemas ortográficos, 99
CAPÍTULO II - Do emprego da maiúscula, 103
CAPÍTULO III- Divisão das sílabas; abreviaturas; letras capitais, representativas de números, 108
CAPÍTULO IV -Dos sinais, ortográficos ou notações léxicas, 111

PARTE TERCEIRA
Lexicologia

SEÇÃO I

CAPÍTULO I - Das palavras e seus elementos mórficos, 119
CAPÍTULO II - Das palavras reunidas por seus elementos mórficos fundamentais. Famílias derivativas128
CAPÍTULO III-Das palavras reunidas por seus elementos acessórios ou secundários; famílias gramaticais. Estudo dos prefixos e sufixos, 133

CAPÍTULO IV- Dos sufixos latinos, gregos e de outra procedência, 149
CAPÍTULO V -Vocábulos de origem popular e de origem erudita; duplas formas ou derivações divergentes, 181
CAPÍTULO VI - Dos vocábulos reunidos por uma analogia de sentido, por uma relação de contraste ou por mera semelhança fônica ou ortográfica. Palavras de sentido próprio e de sentido translato, 187
CAPÍTULO VII - Da classificação das línguas; línguas indo-europeias; línguas românicas, 191
CAPÍTULO VIII - Esboço histórico-literário da língua portuguesa, sua origem e filiação, 201
CAPÍTULO IX - Da constituição do léxico ou vocabulário português, 223
CAPÍTULO X - Língua, idioma e dialetos; alterações das línguas; alterações léxicas; arcaísmos, neologismos e hibridismos, 239
CAPÍTULO XI - Do sentido das palavras, 247

SEÇÃO II

CAPITULO I - Da classificação das palavras; definições e divisões, 265
CAPÍTULO II - Das interjeições e onomatopeias, 273
CAPÍTULO III - Dos Substantivos, 279
CAPÍTULO IV - Dos Pronomes, 315
CAPÍTULO V - Dos Adjetivos, 323
CAPÍTULO VI - Dos Verbos, 359
CAPÍTULO VII - Das Preposições, 455
CAPÍTULO VIII - Das Conjunções, 469
CAPÍTULO IX - Dos Advérbios, 483
CAPÍTULO X - Da origem das preposições, conjunções e dos advérbios. Palavras invariáveis; locuções prepositivas, adverbiadas e conjuntivas, caídas pela maior parte em desuso, 495
CAPÍTULO XI - Da etimologia em geral e dos princípios em que se fundamenta, 507

PARTE QUARTA
Da Fraseologia ou Sintaxe

CAPÍTULO I - Fraseologia em geral; sintaxe e construção; proposição, oração ou sentença e seus elementos lógicos. Divisão das proposições; frase, período e seus membros, 513
CAPÍTULO II - Dos complementos e sua divisão; aposto, compelativo ou fórmula vocativa; atributo superposto ou secundário; atributo do complemento. Adjuntos dos gramáticos ingleses, 535
CAPÍTULO III - Dos sistemas de análise, 543
CAPÍTULO IV - Da Concordância, 551
CAPÍTULO V - Do emprego dos modos, 591
CAPÍTULO VI - Correspondência dos tempos, 609
CAPÍTULO VII - Do emprego do substantivo, do pronome, do artigo indicativo e de alguns outros determinativos, 613
CAPÍTULO VIII - Dos substantivos sintéticos *o* e *quem*, 633
CAPÍTULO IX - Do pronome *se*, 637
CAPÍTULO X - Da sintaxe das partes invariáveis, 665
CAPÍTULO XI - Da Regência, 681
C.APrrtL0 XII - Da Pontuação, 703
CAPÍTULO XIII - Das alterações sintáticas, 719
CAPÍTULO XIV - Da construção: ordem das palavras nas proposições e das proposições no período; colocação dos pronomes empregados como complementos, 733
CAPÍTULO XV - Da diferença de estrutura entre as orações no latim popular e no latim clássico ou literário. Tipos sintáticos divergentes, 767
CAPÍTULO XVI - Dos vícios de linguagem, 771
CAPITUL0 XVII - Dos Idiotismos, Brasileirismos, Provincianismos, 781
CAPÍTULO XVIII - Das Figuras de Sintaxe, 787
CAPÍTULO XIX - Da Sintaxe e do Estilo, 797

TABELA DE FIGURAS[2]

Figura 1 – Vogais do português, 47
Figura 2 – Quadro das consoantes; suas divisões e subdivisões, 54
Figura 3 – Abreviaturas ou breves do português, 114
Figura 4 – Formas ou derivações divergentes, 183
Figura 5 – Classificação morfológica das línguas, 195
Figura 6 – Idiomas derivados do baixo alemão, 198
Figura 7 – Línguas indo-europeias, 200
Figura 8: Variações dos pronomes conforme sua contração, 319

2. Notação e numeração introduzida na presente edição. (n.e.)

PARTE PRIMEIRA
Fonologia

CAPÍTULO I

Do aparelho vocal. Vogais e consoantes ou articulações. Ditongo; sílaba; vocábulo. Da configuração do tubo sonoro na prolação das vogais.

O *aparelho da voz* compõe-se de muitos órgãos, que o tornam maravilhoso e inimitável. É com efeito um dos mais importantes da organização humana: a natureza parece fez de cada homem um músico, dando-lhe um instrumento superior a todos quantos a arte mais aperfeiçoada, o engenho mais próvido e aguçado poderia arquitetar.

É um singularíssimo instrumento: de uma construção admirável, a um tempo único e múltiplo: único em sua estrutura; múltiplo em seus vários modos de funcionar; reúne o doce e suave de todos os instrumentos; irmana o simples ao sublime, o triste e lúgubre ao alegre e risonho; vivifica suas notas, aquecendo-as ao fogo das paixões; suaviza seus acentos, afeiçoando-os à ternura dos afetos e das doces comoções; avigora-os, acomodando-os às energias da vontade, ao brilho dos conceitos, à varonilidade e ao vigor d'alma. E, em suma, o instrumento dos instrumentos, o mais fiel tradutor de todas as nossas impressões, instrumento que nunca destoa, porque sempre se afina ao diapasão de nossos sentimentos, de nossos conceitos e paixões. Cante ou fale, é sempre a voz do homem, musical e significativa.

Falando ou cantando, tangemos um instrumento musical, totalmente peculiar, cuja unidade aparente contrasta com a diversidade que lhe imprime a vária configuração do tubo sonoro. Este instrumento tem suas notas graves ou agudas, sua intensidade ou amplitude, sua duração, seu timbre, seu ritmo, sua melodia particular.

Os sons elementares desse instrumento da voz chamam-se **vogais** e **consoantes** ou **articulações.**

Antes, porém, de mostrarmos qual a diferença entre unia vogal e uma consoante, é mister definir o sentido que se liga ao vocábulo *som* e determinar a diferença entre este e o *ruído,* fenômenos vibratórios a que, ao cabo de tudo, se reduzem as vogais e consoantes.

Som é a sensação produzida por uma vibração rápida e periódica do ar ou de qualquer outro meio elástico; **ruído** é, pelo contrário, a sensação produzida por vibrações irregulares e não periódicas.

As notas que percebe nosso ouvido, quando se toca uma flauta, um piano, uma rabeca, constituem *sons;* o marulhar das ondas, o ranger das enxarcias, o

atroar do canhão, o estampido da mina que rebenta, do edifício que abate, o bramido da fera, do vento, das bombardas, o farfalhar das maravalhas e das sedas, são *ruídos.* Com os sons podemos formar uma melodia, com os ruídos podemos apenas marcar um ritmo; com os primeiros formam-se acordes; com os segundos não se formam acordes, senão uma mistura indistinta e confusa.

Verdade é que se pode conjuntamente ouvir o *som* e o *ruído.* Assim que em uma peça musical, tangida ao piano, podemos distinguir as vibrações regulares que nos dão a sensação dos sons e os ruídos, ocasionados pelos dedos ao correr por sobre o teclado. As notas que nos chegam aos ouvidos, quando ouvimos o violino, diferem do ruído simultâneo, resultante do roçar do arco pelas cordas deste instrumento.

As *vogais* são sons produzidos por uma correnteza de ar, modificada, mas não interrompida pelas diversas disposições do tubo faríngeo-bucal.

As *consoantes* são ruídos que se produzem nessa mesma cavidade, em consequência de obstáculos que à correnteza do ar opõem certas disposições anatômicas.

Como em todo o instrumento musical, no aparelho vocal se distinguem os três elementos seguintes: o *elemento vibrante,* o *elemento motor* e o *tubo sonoro.*

O *elemento vibrante* é uma palheta representada pelas *cordas vocais (dobras tiro-aritenoides inferiores).*

O *elemento motor* é constituído pela correnteza de ar que se escapa dos pulmões, e em direção ao *orifício glótico,* atravessa os *brônquios* e a *traqueia* e vai de encontro as bordas das duas dobras inferiores ou lábios vocais[3], fazendo-os vibrar.

O *tubo sonoro* é representado pelas cavidades da *faringe* acima da *laringe.*

Tem-se comparado o instrumento da voz a um instrumento de palheta, como a *clarineta,* o *oboé* e o *fagote;* a palheta, porém, do instrumento admirável da voz, modificando-se de modos variadíssimos, produz uma série de sons ascendentes e descendentes, como o não fazem senão imperfeitamente os outros instrumentos da mesma espécie, em que a palheta vibratória não oferece o mesmo grau de mobilidade e elasticidade, nem se dobra, obedece e amolda tão a ponto, tão direta e intimamente às impulsões da vontade de quem o tange e anima.

Coando-se pelo orifício da glote, a corrente do ar, que vem dos pulmões, forma o som chamado *glótico* ou *inarticulado.*

As cavidades *faríngeo-bucal* e *nasal,* pelas várias posições que tomam, representam o papel de tubo sonoro.

3. Hoje denominadas pregas vocais. (n.e.)

As diversas partes consoantes do canal aéreo, revestindo de vida, digamo-lo assim, o arcabouço ou esqueleto do som inarticulado ou *glótico,* reforçam-no, imprimindo-lhe caracteres especiais.

As cartilagens do nariz, a traqueia, os brônquios, o pulmão, a caixa do tórax e até, segundo alguns, os ossos mesmos do crânio, entrando em vibração, reforçam o som da glote, representando um papel mais ou menos produção das vogais e consoantes.

Os lábios, os dentes, a língua, as fossas do nariz, o paladar e sua cortina móvel, a elevação ou o abaixamento da laringe, modificando a cavidade *faríngeo-bucal,* alteram consideravelmente esses elementos sonoros, de que se compõe a voz articulada.

No instrumento vocal humano, como em qualquer instrumento musical, os sons que se nos afiguram simples, demonstrou-o Humboldt, não o são realmente; mas, ao contrário, compõem-se de um som fundamental e de vários sons acessórios ou concomitantes, chamados *notas harmônicas.*

A combinação variável desses sons ou notas harmônicas é que constitui o timbre particular; de modo que os elementos sonoros, a que se dá o nome de *vogais,* se podem considerar como o colorido, as qualidades, os timbres particulares de nossa voz, variando entre si segundo variam as disposições da cavidade da boca, apresentando cada vogal um timbre tão diferente, quão diferente é o timbre de cada instrumento.

Todas as *vogais* se podem prolongar tanto, quanto o permite o folego de cada um; já não passa o mesmo com as *consoantes,* que nem todas se prolongam. A *vogal* é sempre sonora; não corre o mesmo com a *consoante,* que pode sê-lo *ou* não. Na *vogal* é sempre livre a passagem da correnteza do ar; na *consoante,* ao revés, há sempre um embaraço, um obstáculo, que se opõe à passagem dessa correnteza.

Só as *vogais* se cantam; só elas enchendo o canto, constituem a vida e alma deste; e, associando-se com os *ruídos consonantes,* que as quebram e interrompem, as apertam e constringem, as cortam e recortam, as atravessam e estorvam, constituem a *palavra articulada,* porventura o mais sublime característico da natureza humana.

O exercício musical que se denomina *vocalismo* outra coisa não é que cantar uma só *vogal;* não corre o mesmo com as *consoantes,* que se não podem cantar, como ruídos que são.

Na voz articulada a *vogal* representa o elemento sonoro mais natural, mais espontâneo da natureza humana; *cheia de ênfase, de harmonia e de suavidade,* liga-se mais às nossas sensações, ao passo que as consoantes parece ligarem-se mais às nossas ideias.

Por isso é que as línguas em que são copiosos aqueles primeiros elementos sonoros são mais próprias para a poesia, em que deve predominar o elemento espontâneo de nossa natureza, porque a poesia é filha da inspiração, *poeta nascitur.*

Por outra parte, ligando-se as *consoantes* às nossas percepções e ideias, sua multiplicação e acúmulo é muitas vezes do mais importante efeito na harmonia imitativa.

Em suas variadíssimas combinações elas nos representam ao ouvido o sibilar das serpentes, o ciciar da brisa na ramagem e franças das árvores, o rouquejar estertoroso do moribundo, o troar da artilharia, o reboar do trovão, o fragor e mugido da tempestade, o rumorejar prolongado da ventania, o zunir das balas, o estampido das bombardas, o gemido queixoso do rouxinol, o pio tristonho do mocho, os arrulhos maviosos da rola etc.

A teoria que explica o papel das *vogais,* suas permutas nos vocábulos de uma língua ou de um grupo ou família de línguas, chama-se **vocalismo.**

Consonantismo diz-se a mesma teoria com referência às consoantes.

Os vocábulos *vogais* e *consoantes* são tomados numa acepção dupla: ou indicam as letras ou sinais representativos dos *sons,* ou estes *sons* mesmos, estes *ruídos,* que, para se distinguirem, recebem também a designação os primeiros de *vozes,* os segundos de *articulações,* a que alguns modernos dão a denominação comum de *fonemas.*

Ligando-se a diferença das *vogais* ao timbre da voz e dependendo este das várias disposições do tubo *faríngeo-bucal,* sendo múltiplas estas últimas, deve conseguintemente subir muito o número das *vogais.*

É, todavia, incontestável que dessas diversas disposições do tubo *faríngeo-bucal,* de que principalmente depende a qualidade dos sons *vogais,* são principais agentes a língua e os lábios: aquela, atufando-se em sua base, elevando-se para o paladar, diminui em muito a capacidade do tubo bucal; estes, propelidos para diante, contraindo e franzindo a abertura exterior, alargam o mesmo tubo ou canal faríngeo-bucal.

Como as sete cores do espectro solar, diferem as vogais típicas umas das outras, aproximando-se e confundindo-se em seus limites extremos, cono tendem a aproximar-se e confundir-se imperceptivelmente os toques ou matizes de uma mesma cor.

Diz-se geralmente que as *consoantes* se não podem pronunciar desacompanhadas das *vogais,* com que se combinam, e que estas, pelo contrário, podem pronunciar-se sós e desacompanhadas daqueles ruídos, que lhes servem de armação e esqueleto.

Não devemos, todavia, dar a essa conceção um sentido restrito e absoluto;

porque consoantes há que se podem ouvir, ainda não associadas às vogais; tais são as consoantes contínuas *s, f, r, x* etc.

Por outra parte, levado pelas ideias dos gregos, que consideravam o espírito doce *spiritus lenis* como inerente a todas as *vogais* iniciais, em sua *Gramática Geral,* sustenta De Tracy que não há *vogal* absolutamente pura, que o som a que chamamos vogal é sempre acompanhado de uma consoante ou, ao menos, de uma leve aspiração.

Partindo das mesmas ideias, Max Müller parece chegou às mesmas conclusões, afirmando que ou na pronúncia das *vogais* ou na das *consoantes,* há uma aspiração elementar, sempre apreciável principalmente na *vox clandestina.*

Tais ideias são igualmente sustentadas por G. Humboldt.

> «A separação em consoantes e vogais», diz ele, «é puramente artificial. De feito, a *consoante* e a *vogal* formam uma unidade inseparável para o ouvido, unidade que nossa escritura quebra. Nem a vogal nem a consoante se podem pronunciar sós. A emissão de uma e outra é necessariamente precedida, senão de uma consoante bem determinada, ao menos de uma leve aspiração, que outra coisa não é que uma consoante enfraquecida. Assim a *consoante* e a *vogal* não passam de concepções ideais, que não tem existência alguma na realidade.

Inclinamo-nos, todavia, a pensar, como Brücke, que esta aspiração, se existe, se torna tão reduzida, que nos deixa apenas perceber a nota pura da *vogal,* sem ruído algum adicional perceptível.

As *vogais,* como já deixamos dito, são quase infinitas em número, por se ligarem às várias formas que na articulação pode apresentar o tubo *faríngeo-bucal;* contam-se, porém, cinco, consideradas *típicas* ou *radicais,* representadas pelos caracteres gráficos *a, i, u, e, o.*

São essas as *vogais* consideradas primitivas ou fundamentais.

O *e* e o *o* breves não os conheciam o sânscrito e o gótico.

Na primitiva parece só havia as *vogais a, i, u* com suas longas *ā, ī, ū* e seus ditongos *ai, au.*

O número das *consoantes* como o das *vogais* é ilimitado.

Os caracteres gráficos que as representam são: *b, e, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, c, x, z* e os dígrafos *ch, lh, nh.*

Além das cinco *vogais típicas* ou *fundamentais,* é para notar a que designam alguns sob o nome de *vogal neutra* ou *primitiva,* reputada por A. J. Elis como a voz em sua forma mais elementar e menos complexa.

Em nossa língua é essa ouvida no vocábulo *mas,* no primeiro *a* da preposição *para,* na primeira sílaba dos vocábulos *fazer, passar, verdade, pregar* (pregos), *menino, memória, beleza* etc.; no inglês é ouvida em *but, cut, nut, shut, dust, blood, flood, bird, son, trust, turn. firm, earn, spurn e virtue;* o alemão no *e* de muitas sílabas não acentuadas; no francês nos monossílabos *me, te, se, de, lê* etc.

Pode-se dizer, em geral, que todas as *vozes* ou *vogais mudas* tendem a tomar o som da *vogal neutra.*

Não tem a *vogal neutra* um caráter gráfico particular, que a represente, sendo ora representada por *a,* ora por *e* em português e ainda por outras combinações de vozes, sobretudo no inglês.

O caráter gráfico *a* é sinal dos sons vogais ou vozes seguintes:

a aberto nas palavras *pá, cal, sal, sadio, vadio.*
a grave nas palavras *ramo, mas, passeio, saber, caveira.*
a nasal em *ânfora, andas, ante, André.*
a mudo em *cola, louca, rola, sola.*

De todos os sons vogais é o da vogal *a* o mais cheio, o mais sonoro, mais puro, mais antigo e fundamental.

O *i* é sinal dos sons vogais seguintes:

i longo em *vida, crivo, buril, lida, jaborandi, bem-te-vi.*
i breve em *ânimo, ázimo, cândido, angélico, seráfico, tônico.*
i nasal em *inteiro, interno, inverno, invento, imortal.*

É o *i* o mais agudo dos sons.

O *u* é sinal dos seguintes:

u longo em *caju, tatu, bambu, umbu.*
u breve em *computo, túmulo, póstumo.*
u nasal em *unto, ungir, unguento, fundo, fundir, umbela.*[4]

O *e* representa os seguintes:

e aberto em *pé, sé, papamel, pego, prego, neve, neto.*
e grave em *se, crê, lê, ter, ver, cedo, sebo, grelo.*
e nasal em *empurrar, enganar, entrudo, enjeitado, emaranhar, emudecer, engulho.*
e mudo *em fole, pele, golpe, volume, pedir, medir.*

4. Em todos os idiomas novo-latinos tem a vogal *u* o som que ouvimos na prolação portuguesa desse elemento sonoro; oferece, porém, exceção a esta regra o *u* da língua francesa, do provençal e do piemontês, cujo som não *é* idêntico ao *u* das outras línguas românicas, sendo colocado entre o *i* e o *u* desses outros idiomas, apresentando muita semelhança com o som do *ü* alemão. Essa alteração do *u,* atribuída à influência gaulesa, dominou, dizem, em todas as circunscrições territoriais do céltico.

O *o* representa os seguintes:

o aberto em *dó, pó, anzol, filó, copo, frota, golpe, sova.*
o grave em *cor, dor, andor, sabor, bolo, forno, morno, forro.*
o nasal em *ontem, som, sombra, onça, tombo, zombo.*
o mudo em *livro, crivo, tomate, coruja, poder, medo.*

A gama vocálica em nossa língua pode representar-se de um lado por um *a* aberto, que insensível e gradativamente conduz ao *i;* de outro lado, por um *a* grave, que insensivelmente conduz a um *u,* como se vê na figura esquemática seguinte:

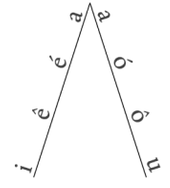


Figura 1 - Vogais do português

Podem as *vogais* ser *puras* ou *orais* e *nasais.*

São *orais,* quando o ar sonoro que as produz, levantada a cortina do paladar, se solta pelo canal direito da boca.

São *nasais,* quando o ar que as produz sai em parte por esse mesmo canal, em parte pelo canal curvo do nariz, vibrando e ressoando, com o abaixamento do *véu palatino,* pela cavidade que liga a faringe ao nariz.

São *orais* ou *puras* as vogais *a, e, i, o, u;* nasais, *am, an, em, en, om, on, um, un.*

Ditongo diz-se a combinação de duas vozes que se pronunciam de um só impulso, deixando-nos ouvir dois sons: tais são as combinações ou grupos vocálicos *ai, ae, ei, eo, eu, to, iu, oi, ui* nos vocábulos *mais, pai, peito, céu, eu, vio* ou *viu, coisa, ruivo.* Quando, porém, na combinação das vozes, não há essa dualidade de sons, que caracteriza o ditongo, não se dá ao som a designação de *ditongo,* senão a de *dígrafo, digrama, ditongo impróprio* ou melhor *monotongo.*

Se no *ditongo* só entram vozes puras ou orais, recebe este a denominação de **oral;** se, pelo contrário, se compõe de uma voz oral e outra nasal, diz-se ditongo **nasal.** Exemplifica-se a primeira espécie nas palavras *pae* ou *pai, mais, pao* ou *pau, mão* ou *mau, lei, rei, grey, seo* ou *seu, céo* ou *céu, subio* ou *subiu, coisa, heroico, cuidar, fui, uivar.* De nasais são exemplos as palavras *lição, mão, tão, muito, põe, mãe.*

A primeira voz do *ditongo* designa-se *prepositiva;* a segunda, *pospositiva;* destas é sempre uma a dominante, a outra a subdominante.

Nos *ditongos* portugueses é a prepositiva de ordinário a dominante; mas pode a pospositiva sê-lo igualmente, não sendo da essência do *ditongo,* como parece inculcar Jeronymo Soares, ter sempre como dominante a primeira das

vogais.

Quando no *ditongo* é a primeira voz que se pronúncia com mais intensidade, chama-se o *ditongo descendente* ou *trocaico;* se, pelo contrário, é o segundo elemento sonoro o que predomina, é o *ditongo* denominado *ascendente* ou *jâmbico.* Aos da primeira espécie chamam os gramáticos italianos *distesi,* isto é, *extensos;* aos da segunda, *racolti,* isto é, *contratos* [5].

Dá-se o nome de **sílaba** a um som ou a combinação de sons elementares pronunciados de uma só emissão de voz.

Em todo o *ditongo* há unidade silábica e dualidade de som.

Vocábulo é um todo silábico que é sinal de uma ideia.

Pode o vocábulo ter uma ou muitas sílabas: quando consta de uma só sílaba, chama-se *monossílabo;* de duas, chama-se *dissílabo;* de três, *trissílabo;* de muitas, *polissílabo.*

São tantas as *sílabas* em um vocábulo, quantos os esforços sucessivos da voz. A reunião de duas ou mais *sílabas* dá-se nome de *grupo silábico;* a de duas ou mais *vozes* ou *vogais,* de *grupo vocálico;* a de duas ou mais consoantes, o de *grupo consonântico.* As *consoantes,* quando idênticas ou dobradas, recebem a denominação de *geminadas.*

As *sílabas* consideradas em relação às vozes de que se compõem são *simples* ou *compostas;* em relação às consoantes, *incomplexas* ou *complexas.* É *simples* a sílaba, quando nela só entra uma *vogal;* é *composta,* quando consta de mais de uma, *incomplexa,* se só tem uma *consoante; complexa,* se é maior o número desses elementos sonoros.

Ou e outras combinações de *vozes* ou *vogais* em que não há essa dualidade de som, essencial a todo o *ditongo,* não são, rigorosamente falando, *ditongos,* senão *monotongos* ou *dígrafos,* isto é, combinação de dois caracteres escritos para exprimir um som único.

Pode ser diferente a notação de uma mesma *voz* ou *vogal.* O som do primeiro *o* do vocábulo *povo, gorro, ovo* é exatamente o mesmo que se ouve em *ouço, mouro, couro* etc.

As *vogais* podem ser *tônicas, átonas, protônicas* ou *postônicas.*

A *vogal* é *tônica,* quando sobre ela recai o acento: *café, milho, caridade, ático.* Aqui são *tônicas* as sílabas *fé, mi, da, a.* É *átona,* quando não recai sobre ela o acento, como a segunda do vocábulo *cova, cama, gesto;* a primeira e última de *formoso* e a primeira, terceira e quarta de *seráfico.*

Vogais protônicas são as que se acham imediatamente antes da sílaba *tônica.*

5. Contraídos. (n.e.)

Tais são as vogais *a, e, i, o, u,* nos vocábulos *pegajoso, veranico, trinado, teimosia, purgar,*

Vogais postônicas, também chamadas *metatônicas,* são as que se acham imediatamente depois das sílabas acentuadas. Tais são as vogais *a, o,* nos vocábulos *sépala, âncora, símbolo, cômputo, fâmulo.*

Hiato é o encontro de duas vogais consecutivas no interior de uma palavra, as quais demandam dois esforços sucessivos da voz: *pio, piedade, família, cicio, ágio* etc.

Na passagem do *latim vulgar* para nossa língua e para as línguas *novolatinas,* é de suma importância o conhecimento desse fenômeno *fônico,* de sua destruição e das leis que presidiram a esta destruição. É, outrossim, necessário atentar no conhecimento histórico das *vogais* e em sua situação nas *sílabas;* porque o destino delas não é só dependente de sua natureza, de seu timbre ou qualidade, de seu caráter de tonicidade ou atonicidade, senão também dos elementos sonoros, vogais ou consoantes, que as cercam e com elas só misturam, em suma, de sua situação no vocábulo.

Por isso é que, consideradas sob este aspecto, são divididas em *livres* e *estorvadas* ou *em posição.*

Vogal livre é a que é seguida de outra *vogal* ou de uma só *consoante* ou de um *grupo consonântico,* em que o segundo elemento é *r.* São livres as *vogais a, e,* o nos vocábulos *pai, peito, cofre.*

Vogal estorvada ou *em posição* é a que é seguida de duas ou mais consoantes, não sendo *r* a segunda do grupo consonântico: tais são as vogais *a, e, i, o,* dos vocábulos *malva, pele, grilo, soldo.*

Da configuração do tubo sonoro na prolação das vogais - Atestam-nos os fisiologistas que, na *articulação dos sons,* reforçando as vibrações das cordas vocais, a cavidade bucal representa o que nos instrumentos musicais se chama *caixa de ressonância.* Todos os sons variam ao infinito, pelas diversas disposições que essa cavidade ou tubo de emissão pode oferecer à corrente do ar, a qual, passando por ele, variável assim de largura, comprimento e forma interior, se modifica de inúmeros modos, tomando o caráter especial de sons articulados.

A configuração desse tubo sonoro, como as diversas partes que o compõem, na prolação das diferentes *vogais,* pode-se assim determinar de modo geral: o diâmetro longitudinal da cavidade diminui, ao passo que se vai sucessivamente aumentando o diâmetro transversal na prolação das vogais *a, e, i;* ocorre, porém, o inverso com as vogais *o, u,* aquele aumenta, à medida que este diminui.

Pelo que respeita a cada uma das *vogais* em particular, em sua articulação normal, podem assim recapitular-se as modificações que se realizam:

Relativamente à vogal *a,* os lábios abrem-se largamente, a língua fica em sua natural posição na base da boca, tocando de leve os *incisores* de baixo e os *caninos;* o véu palatino abaixa-se de todo.

Quanto ao *e,* não se abrem tanto os lábios; tufando-se para o paladar, arqueia-se a língua; a ponta desse órgão parece ligeiramente dobrar-se por detrás dos *incisores* de baixo; a cortina do paladar eleva-se moderadamente.

No tocante ao *i,* que, como já vimos, é a mais aguda das vogais, as arcadas dentarias procuram aproximar-se, com o auxílio dos *incisores;* a língua forma para frente uma estreita passagem ou fisga, por onde escapa e escoa a corrente sonorizada; o véu palatino adquire aqui o seu maior grau de elevação.

Quanto ao *o,* os lábios arredondam-se, executando ligeiro movimento para frente, retrai-se a língua; o véu palatino eleva-se mais que para a emissão do *e* e menos que para a do *u*.

No que respeita a esta última vogal, os lábios adiantam-se aproximando-se e arredondando-se; é mais completa a retração da língua; há elevação do véu palatino.

Nas diversas posições, na vária configuração da cavidade bucal está, pois, a verdadeira causa a que se liga a distinção dos sons vogais, podendo assim o mesmo som, que procede da glote, deixar ouvir todas as vogais, só com o mudar a posição dessa cavidade, que faz de *caixa de ressonância.*

CAPÍTULO II

Da classificação das consoantes ou articulações

As **consoantes** ou **articulações** dividem-se em duas classes: *contínuas, fricativas* ou *aspirantes* e *explosivas, instantâneas, momentâneas* ou *mudas.*

Darmesteter aplica a denominação de *aspirantes* a todas as *contínuas;* outros, porém, não a tornam tão extensiva, restringindo-a às *dentais sibilantes* ***s*** e ***z*** e as *labiais* ***f*** e **v.**

Consoantes **contínuas** são aquelas cujo som se pode prolongar por uma sorte de atrito do ar saindo da boca.

As **explosivas** são as *articulações* cujo som se ouve de um golpe, por uma espécie de explosão rápida e instantânea da voz.

Estas podem repetir-se, mas não se prolongam; aquelas, ao contrário, repetem-se e prolongam-se, tanto quanto o permite o fôlego de cada um.

Nas *consoantes fricativas* o contato das partes do aparelho vocal que modificam o som é parcial; o som é produzido pela fricção ou atrito da correnteza do ar de encontro a essas partes.

Nas *consoantes explosivas,* ao invés disso, é completo o contato, de modo que há inteira interrupção na passagem da correnteza do ar.

São *contínuas* as articulações *s, c* (brando), ***z, x, g*** (com o som de ***j***), ***j, r, f, v,*** que se exemplificam nos vocábulos *Sara, cera, zero, xarope, gelo, jarro, rosa, feio, vara.*

São *explosivas* as articulações *b, p, m, l, d, t, g* e *c* (duros), *k, q, lh, n, nh, ch,* que se notam nas palavras, *bolo, pato, mato, lago, dedo, tala, goma, calo, quiosque, quina, lhano, nave, manhã, Cristo.*

Quando na prolação das consoantes há vibração das cordas vocais, recebem elas a designação de *doces, médias* ou *sonoras;* quando, porém, tal vibração se não realiza, são as consoantes denominadas *fortes, tentes* ou *surdas.*

São *sonoras* ou *doces b, d, g, v* e *z;* são *fortes* ou *surdas p, t, k, f* e *s.*

Esses dois grupos ou classes, conforme a parte do aparelho vocal que representa papel mais importante na produção da consoante, dividem-se nas seguintes famílias: **labiais, dentais, linguais, palatais** e **guturais.**

Entre as **labiais** contam-se *b, p, m, e, f* e *ph* (com o som de *f*).

Entre as **dentais** figuram *s, c* (brando), *z, d, te n.* São **linguais** *l, lh* e *r.*
Palatais são *j, g* (com o som de *j*), *ch* (com o som que temi em *chá, chave,*

*choque, chuva), x (*com o som que se ouve em *xadrez, xilófago*).

Entre as **guturais** distinguem-se *c* e *g* (fortes), *k, q, nh, ch*[6] (com o som que tem em *arcanjo, quimera).*

Entre estas últimas consoantes, chamadas também *velares,* incluem alguns as articulações *palatais.*

As *consoantes l* e *r* também se chamam *líquidas ou flutuantes,* pela razão de se ligarem às outras *consoantes* e com elas facilmente se associarem para formar um grupo: *clave, cravo, froco, flor, prosa, plano, grave, glosa, glúten, grude, blaterar, brado, drama* etc.

Essas duas *consoantes* são ainda chamadas *vibrantes* ou *tremulantes. Trinados* lhes chamam alguns, pela semelhança do mecanismo de seu som com aquele alternativo e acelerado movimento da faringe, que tanto engraça o canto. O epíteto de *vibrantes,* extensivo a essas duas *consoantes,* deve, segundo a maioria dos escritores, aplicar-se mais especialmente ao *r.*

A consoante *labial m* e a *dental* ou *linguodental n* podem formar um som puramente nasal, e então se denominam **nasais:** *tempo, tem, lenço, também, extenso, silêncio* etc.

A consoante *gutural nh* deixa ouvir sempre em sua prolação um som nasal, e por isso poderia bem apelidar-se *nasogutural* ou *gúturo-nasal.*

As *consoantes* ***j, g*** (brando), ***ch*** (com o som que se ouve em *chá, choque, chuva),* ***x*** (com o som que se deixa ouvir em *xarope, xadrez),* denominam-se também *chiantes,* pela razão de se ouvir em sua prolação um *chio* ou *chiado.*

A *lingual* ***lh*** é conhecida igualmente pela designação de articulação ou consoante *molhada.*

Em nossa língua e no *provençal* é notada pelo sinal *lh***;** em *espanhol* por *ll***;** em *italiano* por *gl* ou *gli***;** em *francês,* já por *ill,* antes de uma vogal (*bataillon);* já por *il,* no fim de um vocábulo (*bail, travail, émail);* já por *ll,* depois de um ***i*** e seguido d'uma vogal (*file, trile);* já finalmente por ***l,*** depois de um ***i*** *(péril, fusil).*

Molhado também designam o som que é representado em *português* e *provençal* pelo grupo *nh,* e em *francês* e *italiano* por *gn***;** em *espanhol* por *ñ***:** *montanha* (port.), *montagne* (franc.), *montagna* (ital.), *montaña* (esp.).

As *consoantes,* a que chamamos *palatais* têm em algumas gramáticas modernas a designação de *marginais,* porque no seu mecanismo a corrente do

6. Considerando-se a ortografia à época da publicação, quando em muitos vocábulos empregava-se "ch" como em "chimera" ou "archanjo". (n.e.)

ar, em vez de atravessar a cavidade bucal, seguindo a linha média, acha na ponta da língua, arrimada contra os dentes, um embaraço à sua marcha, e então se escoa por sobre as bordas do dorso desse órgão, e escapa por sua parte inferior. E não é propriamente uma articulação ou consoante, senão a nota de aspiração, com que os latinos costumavam representar o *spiritus asper* dos gregos. Essa aspiração foi a pouco e pouco desaparecendo, não se fazendo mais ouvir na época romana na pronunciação vulgar.

Os latinos já usavam das contrações *nemo* por *ne hemo; nil* por *nihil; debeo* por *dehibeo,* perdendo o *h* a aspiração sensível que a princípio se lhe notava; escreviam, outrossim, indiferentemente *Hadria* e *Adria, Hanibal* e *Anibal, haruspex* e *aruspex, humerus* e *umerus, hibiscum* e *ibiscum, Hiberus* e *Iberus, hariolus* e *ariolus, Hano* e *Ano, vehemens* e *vemens.*

Os dígrafos *ch, th* reduziram-se por fim as notações dos sons representados pelas consoantes simples **e** (duro), *t; f,* a notação do som *p* e depois *f.*

As consoantes *dentais s, z, c* (brando), são geralmente conhecidas pela designação de *sibilantes.*

As consoantes *labiais* são apelidadas *infantis,* porque são as primeiras que a natureza põe na boca das crianças: efetivamente, antes que se lhes desate a língua para gaguejar os primeiros sons, ouvem-se-lhes as sílabas *pa, ba, má,* constituídas pelas labiais, como mais fáceis a pronunciação infantil.

Mas, coisa estranha! parecendo ser estas as articulações cuja existência se deveria verificar na fonologia de todas as línguas, mostra-nos o estudo da gramática comparada que idiomas há em que são elas de todo desconhecidas. Tais são os dialetos dos *Hurões,* dos *Mohawks* e de outros povos da América.

O ***g*** em *português, francês, italiano* e em todas as línguas românicas, além do som forte que sempre teve no *latim* e no *grego,* antes de todas as vogais, tem o som brando da palatal *j* em *gesso, giro, foge, tuge, muge, finge, tinge,* como se estes vocábulos fossem assim escritos *jesso, jiro, foje, tuje, muje, finje, tinje.*

O ***x*** ora figura, como já vimos, entre as *palatais; buxo, xarope, pixe, enxó, enxofre, eixo, enxada, Xavier;* ora deve considerar-se uma consoante dupla *gúturo-dental: fixo, nexo, plexo, anexo;* outras vezes é uma *dental: sintaxe, exceção, exordio, exemplo*[7].

7. Estudando os glotólogos o material fonético dos vários idiomas aglutinantes, mencionam uma espécie de consoantes, a que chamam *clicks* ou, como diz Sweet, *clucks,* frequentes no idioma hotentote, e muito comuns aos vários dialetos da África Meridional. São diversos ruídos consonânticos ou estalos, que precedem a todas as vogais, podendo igualmente preceder as consoantes *n, h,* formando sílabas com elas. Esses estalos formam-se comprimindo a ponta ou borda da língua contra o céu da boca e retirando-a por uma sorte de sugado. São estes sons de notável estranheza a qualquer ouvido habituado às articulações indo-europeias.

Chamam-se *homorgânicas* as consoantes que se formam no mesmo órgão, isto é, têm no mesmo órgão as regiões de sua articulação; as que se formam em órgãos diferentes recebem a denominação de *heterorgânicas.*

Assim são *homorgânicas* as consoantes *b, f, m, p, v,* por serem todas *labiais;* são, porém, *heterorgânicas p* e **s**, porque pertencem a órgãos diferentes, sendo a primeira *labial* e a segunda *dental.*

No estudo relativo às permutas das *consoantes,* é mister atender não só à ordem a que pertence a *consoante,* senão também à sua família e ao seu grau.

	Explosivas		**Contínuas**		**Líquid. E Nasais**	
	Surdas ou fortes	Sonoras ou doces	Surdas ou fortes	Sonoras ou doces	Líquidas	Nasais
Labiais	p	b	f, ph	v	—	m
Dentais	t	d	s, ç	z,s,(doce)	—	n
Linguais	—	—	r	—	l, r, lh	—
Palatais	—	—	x, ch (chave)	j, g (brando)	—	—
Guturais	c (duro), k, ch (duro)	G (duro)	—	—	—	nh

Figura 2: Quadro das consoantes; suas divisões e subdivisões.

CAPÍTULO III

Das figuras de dicção ou metaplasmos

Chamam-se **figuras de dicção** ou **metaplasmos** as várias alterações que sofrem os vocábulos em seu material ou em seus elementos fônicos, pelas quais se aumentam, diminuem, transpõem, substituem ou transformam as sílabas ou letras dos mesmos vocábulos. *Os metaplasmos* principais são: a *prótese* ou *próstese,* a *epêntese,* a *paragoge* ou *epítese,* a *aférese,* a *síncope,* a *apócope,* a *sinalefa,* a *crase,* a *sinérese,* a *eclipse,* a *metátese,* a *antítese,* a *tmese,* a *intercalação eufônica,* a *assimilação,* chamada também *atração* ou *acomodação* e a *dissimilação.*

Prótese é a figura pela qual se aumenta uma sílaba ou letra no princípio do vocábulo; como *acredor* por *credor, descantar* por *cantar.*

Epêntese é a figura pela qual se aumenta uma sílaba ou letra no meio do vocábulo: *Mavorte* por *Marte, despois* por *depois.*

Pela **paragoge** ou **epítese** faz-se o acrescentamento no fim: *produze, martire, felice,* por *produz, mártir, feliz.*

Aférese é o metaplasmo pelo qual se diminui uma letra ou sílaba no princípio da dicção. Assim se diz *bóbada* por *abóbada, póstema* por *apóstema, tabaque* por *atabaque.*

Síncope diz-se o metaplasmo que diminui uma sílaba ou letra no meio da dicção: *perla* por *pérola, imigo* por *inimigo, soidão* por *solidão, soidade* por *soledade.*

Apócope é a figura que diminui no fim, como *marmor* por *mármore, val* por *vale, são* por *santo, gran, grão* por *grande.*

Sinalefa chama-se o *metaplasmo* em virtude do qual se suprime a vogal muda no fim de uma dicção, deixando soar a que lhe é imediata: *do, da, dos, das* por *de o, de a, de os, de as.*

Crase é a combinação da preposição *a* com o artigo *a* ou com o *a* do demonstrativo *aquele,* contraídos num só *a* longo, em expressões como as seguintes: vestir *à francesa,* andar *à moda,* sair *à noite, à tarde, às avessas, às vezes* vir água *à boca;* a estes dei passas, dei queijo *àquele;* ir *à quinta, à herdade, à caça, à chácara;* viu *a Bahia.* É usual em nossa língua o emprego do sinal da *crase* nas expressões seguintes: *à toa, à garra, à vista, à força, à custa, à capucha, à roda, à soldada, à desfilada, à rédea solta, à gandaia, à farta, à força, à espada, à luz, à bolina, à navalha, à faca, à unha, à socapa, à matroca, à vara, à mão, à foice, à enxada, à vela, às cavaleiras, às cavalinhas, à viva força, à brida, à gineta, à fome, às rebatinhas, à trinca, à*

espora fita, à ventura, à competência, à revelia, à brocha, à chucha-caladinha[8]*, à larga, à ufa*[9].

Em um sentido mais amplo chama-se *crase* toda e qualquer combinação de duas vozes em uma só; como *pôr* em lugar de *poer* (ant); *têm* em lugar de *teem; vêm* em lugar de *veem.*

A *crase* neste caso recebe a denominação de *sinérese.*

Os antigos diziam *ó mar, ós penedos,* em vez de *ao mar, aos penedos,* e ainda hoje, em linguagem popular, se pronúncia muitas vezes *ó* em vez de *ao: fui o rio, o campo;* em vez de *fui ao rio, ao campo.*

Eclipse é a figura pela qual se suprime o *m* final de um vocábulo, quando a dicção seguinte começa por vogal:

«Fartar *co'o* sangue alheio a sede ardente ». (Cam.)
«*C'um* andrajoso humilde e pobre escravo ». (Garret.)
«*Co'a* pavorosa cena de um flagelo ». (Garção.)

Esta figura só se emprega na poesia ou no estilo correntio da prática ou conversação familiar.

Metátese é o metaplasmo pelo qual se transpõem as sílabas ou letras de um vocábulo; como *ladairo, contrairo, por ladário, contrário, vigairo* por *vigário.*

Antítese diz-se o metaplasmo que troca uma letra por outra por amor à eufonia: *pelo, pela, pu-lo, fi-lo, qui-lo, trá-lo,* por *pero, pera, pus-o, fiz-o, traz-o.*

Tmese chama-se a figura de dicção que consiste em dividir um vocábulo em duas partes, entremetendo uma dicção; como *dil-o-ei, dil-o-ia, fal-o-ei, fal-o-ia,* em lugar de *direi-o, diria-o.*

Denomina-se **intercalação eufônica** *a figura de dicção* que consiste em pôr entre dois vocábulos um elemento fônico, com o mero fim de adoçar mais a pronúncia. Assim nos seguintes versos de Camões:

Traziam-*na* os horríficos algozes
Ante o rei já movido à piedade.. . . .

O *n* que, unido à variação pronominal *a,* figura entre esta e a forma verbal *traziam,* é uma *intercalação eufônica.*

Outros exemplos de *intercalação eufônica* são ainda notados nos seguintes passos:

8. Secretamente. (n.e.)
9 DemÁsiadamente; muito. (n.e.)

«Olho à choca e olho a quem *na* joga» (Ferreira).
«Tanto é mor a dor quanto é mor quem *na* deu» (B. Ribeiro).
«A pátria não é a terra, não é o bosque, o rio, o vale, a montanha, a árvore, a bonina, são-no os afetos que estes objetos nos recordam na história da vida» (A. Herc.).
«E não *no há* mais modelo em pontos de galan» (A**.** Cast.).
«Quando ele era menino não *no* arrancou o povo dos braços de seu pai?» (Th. Ribeiro).

Estes exemplos, porém, de intercalação eufônica, muito comuns nos escritores antigos, e, a reveses, empregados por nossos escritores modernos, entram de ser havidos por antiquados.

O *n* que se combina com o artigo nas contrações *no, na, nos, nas* não resulta da mudança do *m* em *n,* supressa a vogal da preposição; não há, neste caso, nem antítese nem aférese: o ***n*** é simplesmente uma letra eufônica, de que usavam os antigos, quando haviam mister empregar o artigo indicativo após a preposição *em,* dizendo *em no, em na, em nos, em nas* ou suprimindo o *m* da preposição e unindo o *e* a eufônica, deste modo: *eno, ena, enos, enas.*

Atestam-nos isto os exemplos seguintes[10]:

«Furto é quando ho homem pode acorrer ao mingado *em na* sua minga e na sua necessidade e nom lhe acorre » *(Ined d'Alcob*).
«Tomou rei Faraó hum anel e pose-o *ena* maão a Joseph e pose-o hum colar d'ouro *eno* colo, e feze-o segundo *eno* seu reino » (*Ibidem*).
«que nom seja nenhum tão ousado de fazer volta ou arruído *em na hoste* por mal querença do tempo passado » (*Ord. .Afons.*).

Quando dizemos *no* mundo, *na* guerra, *nos* campos, *nas* ruas, a preposição *em* deve considerar-se elíptica e o ***n,*** que precede ao artigo em tais casos, *é,* o que sempre foi em português, uma letra meramente eufônica.

Assimilação é essa lei de eufonia em virtude da qual, por influência de uma consoante, se modifica outra que se lhe assimila e acomoda o mais possível.

Esta pode ser de dois modos: *progressiva* e *regressiva;* diz-se *progressiva,* quando a consoante modificada esta depois; *regressiva,* pelo contrário, quando a modificada é a que vem antes.

Assim os vocábulos latinos *hominem, feminam, angustiam,* por uma *assimilação*

10. Preservaram-se nestes exemplos e nos demais ao longo da obra as formas originais em português arcaico quando presentes. (n.e.)

progressiva, produziram os franceses *home, femme, angoisse.*

Por *assimilação regressiva* os vocábulos latinos *ad* e *sibilare, in* e *radiare, in* e *mortalem, ob* e *facere, sub* e *ridere, obeponere, cum* e *legere, in* e *lastrare, in* e *luminare, cum* e *respondere, cum* e *lateralem* deram em português os vocábulos *assobiar, irradiar, imortal, ofício, sorrir, opor, coligir, ilustrar, iluminar, corresponder, colateral.*

A *assimilação regressiva* é um fato muito mais frequente e comum que a *progressiva.*

Como exemplos desta daremos *facílimo, paupérrimo* das formas latinas primitivas *pauper, facili* e do *sufixo* superlativo *timus,* em que se fez a *assimilação* da consoante *t* do *sufixo,* trocando-se nas consoantes *r* e *l* do *tema.*

Algumas vezes não é completa a *assimilação:* há apenas apropriação de sons. A isso é que se dá o nome de *acomodação.*

Pelo fenômeno da *acomodação* explicam-se as palavras portuguesas seguintes: *almoço* de *(ad morsum*); *gesso* de *(gypsum); caixa* de *(capsam).*

Dissimilação é o fenômeno em virtude do qual a vizinhança de dois sons idênticos e uniformes traz a modificação de um deles, para evitar um mau soído. Assim de *liliam,* vocábulo latino, se fez no português *lírio;* de *triticum, trigo.* Pela dissimilação é que se diz em português e latim *homicida,* e não *hominicida; estipêndio, stipendium,* e não *estipipendio, stipipendium; venéfico, veneficus,* e não *venenífico, venenificus; semestre, semestris,* e não *semimestre, semimestris; caridoso, embalsamento,* e não *caridadoso, embalsamamento.*

Ainda pelo mesmo fenômeno fônico é que se designa em português com a denominação de *formicida* (e *não formicicida)* um produto industrial, destinado a destruição das formigas saúvas.

> «A dissimilação », diz A. Coelho, «pode ser de três espécies: **1.**° Por simples alteração de consoante, como em *marmelo* de *melimelum; lírio* de *lilium; rouxinol* de *lusciniolam.* **2.**° Por supressão de consoante, como em *proa* de *proram; frade* de *fratrem; crivo* de *cribrum.* 3.° Por supressão de sílaba, *como trigo* de *triticum; bondoso* por *bondadoso*»[11].

Levados pela mesma lei eufônica, não empregavam os romanos os sufixos *aris* e *alis* em relação a todos os radicais, bem que essas terminações tenham a mesma origem e o mesmo sentido. Assim que não diziam *singulalis, insulalis, solalis, consulalis,* e sim *singularis, insularis, solaris, consularis;* nem *pluraris,*

11. Adolfo Coelho. **A língua portuguesa**. p. 77.

particuraris, regarts, muraris, e sim *pluralis, particularis, regalis, muralis,* usando da terminação *aris,* quando no radical ou tema havia um *l,* e *alis,* quando continha este um *r,* evitando desta arte a repetição monótona dos mesmos sons ou de sons quase idênticos.

Tal monotonia de sons, todavia, que a dissimilação tende a evitar e repelir, é muito para notar em nossa língua e nos idiomas novolatinos em linguagem chula e familiar, em termos infantis, em diminutivos, em onomatopeias e mimologismos[12], em muitos vocábulos de origem africana e americana. Tais são os seguintes: *Sarará, sururu, sururuca, sururucujú, sororoca, surucucu, bobo, tororó, totó, tutu, bibi, pipi, pipia, sipipira, chuchu, chocho, cheché, chechéu, cacarejar, tipiti, tata, pururuca, urubu, uruçu, cariri, cururu, Beberibe, jararaca, tiririca, pororoca, perereca, miroro, cuscuz, canção, dindinha, papá, mamã, tatebitati, doe-doe, bum-bum, zão-zão, zum-zum, bule-bule, ruge-ruge, toque-em-boque, tim-tim, tirintintim, zas-traz, tique-tique, zigue-zigue, glonglon, glu-glu, cri-cri, trom-trom, nhonho, nhanhã, nenê, jareré, titi, titia, vovó, vovô, beribéri, arara, caracara, miciriri, pega-pega, quem-quem, Quinquim, Zezé, Mimi, Zazá, Babá, Lulu, Dadá, Zuzu, Janjão, Teté, Totônio, Dudú.*

No espanhol o vocábulo *gorri-gorri* (canto de criança); no italiano *Pepé (*diminutivo de Giusepe*), popo* (criança); no francês *pipi* (urina), *dodo (dormir), bobo* (dorsinha), *fan-fan* (menino), *tanade* (tia), *nononele* (tio), *fifile* (filhinha), *fifi* (filhinho), *dada* (cavalo em linguagem infantil), *nounou* (ama de leite *nourrice), bonbon* (docinho), *nanan* (docinho), *ouan-ouan* (grito do macho da *codorniz) pif, paf, pouf, pan-pan* (ruído das rolhas que se tiram de um vaso), *flon-flon* (som da rabeca), *don-don, zon-zon* (som do instrumento de corda), *frou-frou, ronron* e outras onomatopeias, tão conhecidas e trilhadas nas xácaras e cançonetas populares:

> «*Flon-flon,* l'aria dondaine,
> *Flon-flon,* l'aria *dondon* » (Lemon.)
>
> «Et violon, *zon-zon*» (Béranger.)
>
> «Lorsque le champagne
> Fait en s'échappant
> *Pan, pan,*
> Ce doux bruit me gagne
> Fame et le tympan » (Désaugiers)

12. De *mimologia* (s.f.): 1. ato de imitar gestos, formas ou objetos; 2. onomatopeia; -ismo: termo derivado de ~.

No latim mesmo, posto que em número diminuto, já se encontra esse redobramento fônico nos vocábulos *cuculus, furfur, murmur, purpura, turtur, querquerus, pipio, titio, titivilitium, tintinabulum* e na onomatopeia *taratantara,* usada pelo poeta Ênio:

«At tuba terribili sonitu *taratantara* dixit».

Aliteração é uma repetição da mesma letra ou som, que se faz não mais na mesma palavra, senão no princípio de dois ou mais vocábulos em imediata sucessão ou recorrência do mesmo som inicial, nas primeiras sílabas acentuadas das palavras, como: «*Terra, feia, fria* e *farta* ».

É muito conhecido o seguinte verso francês de Racine, em que a repetição do *s* é de maravilhoso efeito para pintar ao ouvido o silvo das serpentes:

«*Pour qui ces serpents qui sifent sur nos tétes?*».

É a *aliteração* um dos artifícios a que recorre muitas vezes a poesia, para produzir a harmonia, imitativa.

Esse redobramento de sons, tão comuns aos meninos e aos selvagens, e cujos restos esporádicos ainda se rastreiam em algumas formas verbais do *sânscrito* e do *latim,* indica um grau ainda pouco desenvolvido da evolução linguística.

Por um natural instinto de imitação, quando faltam aos povos as faculdades de abstrair e generalizar, são em seu modo de debuxar o pensamento muito frequentes e comuns essas repetições e redobramentos de sons, essas inúmeras onomatopeias, que vieram substituir os seus primeiros gritos, seus hesitantes ensaios na expressão do pensamento. Mais tarde, conforme os destinos dos idiomas e a marcha evolutiva das nações, que os falam e da sociedade, de que se devem reputar expoentes, processos outros vêm por sua vez, a pouco e pouco, oferecer ao pensamento vestes mais apropriadas e adaptadas à sua expressão, não deixando, porém, de surgir aqui e ali, ainda nos idiomas das nações mais civilizadas, vestígios inequívocos desses processos primitivos.

O redobramento dos sons ora tem por fim dar mais força e realce à imitação dos *sons* naturais, ora significar sua continuidade, já denotar o alongamento e a continuidade de uma ação, já, finalmente, indicar o plural, os coletivos e superlativos[13].

13. «A tribo lepeguana serve-se de diversas espécies de redobramentos para exprimir o plural: 1.° a palavra simples dobra-se como em *du,* mãe, plural *duddu,* mães, *qui* casa, plural *quiqui*; 2.º A primeira sílaba só é repetida como em *naxa,* orelha, plural *nanaxa,* orelhas; *tara,* pé, plural *tatara,* pés. 3.° Esta repetição se acompanha de una mudança da consoante, como em *buy* ou *vuy,* olho, plural *vupui; voca,* estômago, plural *opova.* 4.º Redobra-se a vogal inicial como em *ali,* menino, plural *aali; oga,* pai, plural *voppoca; ubi,* mulher, plural *uubi.* 5.° Redobra-se a segunda sílaba da palavra como em *alguli,* menino, plural *alguguli; mavidi,* leão, plural *mavipidi.* 6.° Repete-se uma vogal no meio da palavra como em *him* abobora, plural *hiim; gogosi,* cão, plural *googosi; alali,* menino, plural *alaali.* 7.* Muda-se um v ou um *b* no meio de uma palavra em *p,* como em *cavaio,* cavalo, plural *capaio ».)* (Bushman, citado por E. Jovy na tradução dos *pincipos de Filologia Comparada de Sayce.)* Em malaio, segundo afirma Sayce, *raja-raja* quer dizer *príncepes; orang-orang, gente,* nos nomes empregados coletivamente. « Muitos idiomas se aproveitam desse expediente infantil», diz Lefevre, «para reforçar a ideia contida em uma raiz e dar-lhe um valor frequentativo. O sânscrito, o grego, o latim abundam em **verbos** e **tempos verbais redobrados**.

Povos polinésios, americanos, africanos e outros há que ou se apelidam ou são designados por seus vizinhos por vocábulos, compostos de sílabas em que se observa esse redobramento fônico. Tais são os *Shoshones,* os *Chichimeques,* os *Berberes,* os *Unkulukulus.*

Em suas relações com o latim e sobretudo com o *latim vulgar,* que constitui o fundo do vocabulário de nossa língua, é que se nota a importância do conhecimento dessas mudanças, pela maior parte eufônicas, a que se dá a denominação de *figuras de dicção* ou *metaplasmos.*

Muitos vocábulos de fonte latina, ao passarem ao nosso idioma, sofreram diversas transformações de adição *prostética, epentética, epitética,* de *subtração, contração* e *transposição*.

Assim há *prótese* do *a* em *atormentar, atravessar, abarbar, apreçar, apressar, aproar, aprestar, afear, aninhar, atinar, agrupar, abrunho,* do *e* em *estrepito, esposo, estar, estaco, espírito, estudo, escola, escala, escada, espada, esponja, espuma, estreito, estrela, espúrio, estante, estátua, estilar, esperar, estridente, estopa, escabelo, espiga, escabroso, escama, escalpelo, espadua, espécie, estrada, escudo, estômago, estampa, espinha, estruir, escova* e noutros muitos vocábulos, que tinham no latim os grupos iniciais *se, sp, st*, como se vê em *strepitum, sponsum, stare, stationem, spiritum, studium, scholam, scalam, spatham, spongiam, spumam, strictum, stellam, spurium, stantem, statuam, stilare, sperare, stridentem, stuppam, scabellum, spicam, scabrosum, scamam, scalpellum, spatulam, speciem, strata, seutum, stomachum, stampam, spinam, struere, scopulam,* do ***s*** em *sombra* do vocábulo latino *umbram;* do *m* em *marfim,* derivado do latim medieval *alfinum.*

As formas prostéticas *esceptra, espatium, estatua, instruis, ispiritus,* que se não encontram no *latim clássico,* já aparecem nos manuscritos e inscrições, sendo assim a pronúncia popular uma antecipação das formas que mais tarde ocorrem no português, no francês e no espanhol.

Muitos vocábulos há em *português,* derivados do *árabe,* em que o artigo *al*

deste último idioma se aglutina por prótese ao tema da palavra, fazendo com ele um só corpo. Às vezes entre o artigo e a consoante inicial do tema se realiza uma *assimilação regressiva.* Dão-nos testemunho disto os exemplos seguintes: *Alcaide* do árabe *al + caid; alfeloa* do árabe *al + heloa; alfavaca* do árabe *al + hahaca; algipe* de *al + jubb; alcorão* de *al + koran; alferes* de *al + faris; álgebra* de *al + djebr; alfândega* de *al + fandag; alforge* de *al + hordj; almadia* de *al + madia; alfarroba* de *al + farrub; aletria* de *al + it'riya; alfena* de *al + hena; algibeira* de *al + jeiba; algibebe* de *al + jebbao; almanaque* de *al + manakk; azeite* de *al* (por assimilação as) + *zeit; arroba* de *al* (por assimilação *ar)* + *rob, açúcar* de *al* (por assimilação *as)* + *sukkar.* Fenômeno semelhante se observa no *francês* nos vocábulos seguintes: *Lierre* (l'ierre) de *hedera; lendemain* (l'endemain) de *inde mane; loriot* (l'oriot) de *auriolum, Lille* (l'ile) de *insulam luete* (l'uete) de *acetta; lors* (l'ores) de *hora,* e os nomes próprios *Laval* (L'aval), *Lefévre* (Le fevre), *Launay* (l'aunaie).

Pela aglutinação do artigo ao substantivo é que alguns explicam em português o substantivo *ameaça,* derivado do artigo *a* e do latim *minatia,* plural de *minatium: a + minati,* e o substantivo antigo *abentesma,* derivado de *fantasma,* a que se ajuntou o artigo *a*, *a + fantasma,* trocando-se o *f* em *b* e mudado o penúltimo *a* em *e.*

A nós parece-nos que, se as palavras *abentesma, alampada, abenção, alanterna* (formas portuguesas antiquadas), se podem assim explicar, não se explica do mesmo modo a palavra *apoio,* derivada de *podium,* e outros muitos vocábulos, substantivos ou não, em cuja pronúncia popular é usual na língua ouvir esse *a* prostético, como: *arresponder,* em vez de *responder, acredor,* em vez de *credor, alevante,* em vez de *levante, assijeitar-se,* em vez de *sujeitar-se,* onde o *a* se não pode de modo algum considerar artigo, e sim mera adição prostética, tão ao sabor da linguagem popular.

De *epêntese* são exemplos os vocábulos *humilde* do latim *humilem, hombro* do latim *humerum, deixar* (antigo *leixar)* do latim *laxare, lanterna* do latim *laternam, mancha* do latim *maculam, estrela* do latim *stellam, amargo* do latim *amarum.*

Era a *epêntese* de uso mais comum entre os antigos, que diziam *hondrar, includir,* em vez de *honrar, incluir.* Ainda hoje na pronúncia do povo ouvimos os vocábulos *major, lua,* pronunciados com uma certa nasalidade, como se sua grafia fora *manjor,* lũa.

Exemplos de *paragoge* não os há muitos em português, assim como não os conhecia a língua matriz, que, acentuando todos os seus vocábulos na penúltima ou antepenúltima sílaba, enfraquecia consideravelmente as finais dos vocábulos, sempre submetidos à influência do acento.

Apenas em composição se considera *paragoge* o *s* que se ajunta à preposição latina *ab,* em *abscondere, abstineo, absque, abstrudo, abstergo, abstemius* etc.

A *aférese* exemplifica-se em *botica* ou *bodega* de *apothecam; o* (ant. *lo), a, os, as* de *ilum, ilam, ilos, ilas, bispo* de *episcopum, tisana* de *ptisanam gume* de *acumen, relógio* de *horologium, mano* de *germanum, pasmo* de *spasmum; mante* de *adamantem tonto* de *atonitum; Lisboa* de *Olisiponem.*

De *síncopes há* inúmeros exemplos na passagem dos vocábulos latinos para o português. Assim é que por síncope se formaram em português os vocábulos seguintes *asno* de *asinum; dedo* de *digitum; postura* de *posituram; resposta* de *repositam; regra* de *regulam; pesar* de *pensare; contar* de *computare; cobrir* de *cooperire; genro* de *generum; livrar* de *liberare; desejar* de *desiderare; obrar* de *operare, pardo* de *palidum; eu* de *ego; mais* de *magis, mestre* de *magistrum; mister* de *ministerium; ilha* de *insulam, mosteiro* de *monasterium; bondade* de *bonitatem; vingar* de *vindicare; cidade* de *civitatem verdade* de *veritatem; mesa* de *mensam; mês* de *mensem; mancha* de *maculam; táboa* de *tabulam; palavra* de *parabolam; ver* de *videre; ter* de *tenere; comer* de *comedere; crer* de *credere; vir* de *venire; ler* de *legere; cruel* de *crudelem; fiel* de *fidelem; juízo* de *judicium; leal* de *legalem; delgado* de *delicatum; besta* de *balistam; nédio* de *nitidum; meio* de *medium; velar* de *vigilare; polir* de *polire; pego* de *pelagas; molde* de *modulam; alhear* de *alienare; vaidade* de *vanitatem.*

A *síncope* pode ser das vogais ou das consoantes: a *síncope* das vogais realiza-se ordinariamente, quando a vogal é imediatamente vizinha da sílaba tônica ou acentuada; é isso o que se denomina *queda da vogal breve;* como no vocábulo *verdade* do latim *veritatem,* onde caiu a vogal átona *i; bondade* de *bonitatem,* onde se deu a queda da mesma vogal.

Quando se efetua a *síncope* das consoantes latinas originarias, pode suceder ou que estas se achem sós, no meio de duas vogais e, neste caso, desaparecem as médias, ou que se reúnam constituindo um grupo, e então ora o grupo se conserva intacto, ora desaparecem os elementos que o constituem, ora *se* oblitera um só desses elementos, persistindo o outro, que o enfraqueceu ou anulou; o que se vê nos seguintes vocábulos: *mais* de *magis, cruel* de *crudelem, fiel* de *fidelem; rainha* de *reginam; bainha* de *vaginam; mestre* de *magistrum, mister* de *ministerium; reinar* de *regnare, isso* de *ipsum', gesso* de *gipsum, arado* de *aratrum, aceitar* de *aceptare, catar* de *captare.*

A *apócope,* que se liga aos sons finais, é fato muito vulgar na formação não só de nossa língua, senão também na de todos os idiomas românicos.

A maior parte das consoantes latinas finais repeliu-as o *português* por necessidade eufônica; passa o mesmo com o francês, o *espanhol* e as demais línguas *novolatinas.*

Já desde os primeiros tempos o *latim* no falar do povo mostrava uma tendência a apocopar as consoantes finais, pronunciando-as surda e fracamente, ou suprimindo-as de todo.

Sendo barítonas todas as palavras latinas, essa tendência ao ensurdecimento e à perda das finais, fato característico desse idioma, devia tornar-se mais e mais notável e evidente no período de sua transformação nos idiomas *novolatinos.*

Nos vocábulos *é* de *est, dez* de *decem, só* de *solum, sou* de *sum, fizeram* de *fecerunt, amava* de *amabat, diga* de *dicam, vida* de *vitam, hora* de *horam, rosa* de *rosam, amigo* de *amicum, e* de *et,* observam-se exemplos de *apócope.*

Em *fresta* de *fenestram, cabresto* de *capistrum, feira* de *feriam, pobre* de *pauperem, primeiro* de *primarium, trevas* de *tenebras, por* de *pro, paul* de *paludem, gengibre* de *zinziberi, copo* de *poculum,* observa-se o metaplasmo a que se dá a denominação de *metátese.*

O estudo dos metaplasmos é de importância capital para o conhecimento da formação e filiação de uma língua.

Essas mudanças e modificações, por que vão passando os vocábulos em seus processos genealógicos, são devidas já às afinidades e combinações dos elementos fonéticos da palavra e à sua mútua influência, já a incompatibilidades, que os separam e repelem, ora a analogias, verdadeiras ou falsas, que os aproximam, ora, em suma, a diversas outras condições e circunstâncias puramente exteriores, quais as climatéricas, políticas, sociais e literárias.

Como o espírito não é uma substância morta, senão uma força essencialmente ativa, que tem, não obstante, suas fases de enfraquecimento e torpor, a língua também não é um produto sem vida, um mecanismo sem unidade nem harmonia, senão um organismo vivo, que se forma, nasce, se desenvolve, cresce, principia a desmedrar e morre, como tudo o que vive; liga-se de tal modo ao pensamento, com ele se identifica a ponto, que o acompanha em todas as suas vicissitudes, elevando-se ou decaindo com ele, com ele engrandecendo-se e aprimorando-se, copiando, fotografando, porque assim o digamos, do modo mais maravilhoso e com a mais notável fidelidade, o verbo interior, de que é transunto[13].

Se, por um lado, ligada intimamente ao espírito, nele influi e atua, tornando possíveis todas as suas manifestações, aclarando-o em seus processos íntimos e profundos, acompanhando-o a passos iguais em seus mais recônditos recessos, excitando-lhe as energias, provocando-lhe os sentimentos, desdobrando-lhe as ideias, desfiando-lhe e analisando-lhe os conceitos e as noções, por outro lado, obedece e cegamente se submete ao espírito e ao pensamento, de cuja vida vive e se nutre.

13. Imagem, cópia, reflexo. (n.e.)

Há uma dupla correnteza de ações e reações, de influências a que chamaremos centrífugas e centrípetas, as quais se ligam à vida mesma dos idiomas e a todos arrastam fatal e instintivamente.

CAPÍTULO IV
Da quantidade e do acento

I

Quantidade de uma sílaba *é* o tempo empregado em pronunciá-la, comparado com o que se gasta em pronunciar outra, na mesma razão de pronunciação.

Segundo a *quantidade* é a sílaba *breve* ou *longa: breve,* quando *em* sua pronunciação só se gasta um tempo; *longa,* quando se gastam dois.

Como é o *e* mudo a menor vibração da voz humana, considera-se sua prolação o padrão por onde se afere a *quantidade* das sílabas. Assim se reputa um *tempo* a prolação do *e* mudo.

O *tempo,* portanto, é como a unidade nos números: não é um senão relativamente a outro, que é duplo; o mesmo *tempo* que, num caso, é um, poderá ser duplo noutro, nada havendo de absoluto neste ponto.

A nossa língua não tem, como tinham o latim clássico e o grego, uma *prosódia* bem determinada e fixa.

Na *quantidade, elemento material da palavra,* é que nestes dois últimos idiomas se fundamenta todo o sistema de versificação: as sílabas *breves,* bem combinadas, pintam os movimentos alegres e rápidos, a mobilidade do prazer, a vivacidade dos afetos, os lances vivos e violentos das paixões, a impetuosidade dos desejos, a concisão e rapidez dos conceitos; as *longas,* pesadas, lentas, arrastando-se com dificuldade, pintam a tristeza, o abatimento, a languidez, as paixões deprimentes, a melancolia, a profundeza da dor, as cenas graves e majestosas, as lágrimas e o pranto do infortúnio.

Os poetas gregos e os latinos souberam, pela rigorosa observância da quantidade, tirar de seus idiomas os tesouros maravilhosos que imortalizaram a *Odisseia* e a *Eneida.*

A *quantidade,* porém, em luta com o *acento,* elemento abstrato e lógico da palavra, foi-lhe a pouco e pouco cedendo o passo, obliterando-se, à medida que este se ia tornando predominante nas línguas, até que de todo triunfou, suplantando o elemento material.

Já no *latim vulgar* a distinção da *quantidade* se ligava à diferença de qualidade, isto é, de timbre.

Nas línguas românicas, pois, não há absolutamente falando, uma distinção entre as sílabas breves e longas, a que tão rigorosamente se atinham as línguas antigas, essencialmente musicais.

As sílabas, segundo a sua duração, isto é, segundo a sua quantidade, são, como vimos, *longas* ou *breves.*

Por dois modos pode uma sílaba ser *longa* ou *breve:* por *mecanismo* ou por *uso.*

Uma sílaba é *longa ou breve por mecanismo,* quando a voz sensível que a constitui depende de algum movimento orgânico, que o mecanismo natural deve executar com lentidão ou presteza, segundo as leis físicas que o dirigem. É *longa* ou *breve por uso,* quando, na voz sensível que a constitui, o mecanismo da pronunciação não exige nem lentidão nem presteza.

Por *mecanismo* são *longas* todas as vozes grandes, quer abertas, quer fechadas, ainda que não recaia nelas o *acento tônico.* Assim são longas as primeiras sílabas dos vocábulos *pregar* (sermões), *pregador, corado, vadio, sadio, freguês, seteira, credor, vedor, frechal, padeiro*[14].

Por *mecanismo* são-no ainda todas as vogais nasais, todas as crases, todas as sinéreses, todos os ditongos: *Ambrósio, à casa, à rua, têm, ver, pôr, dai, dei, leigo, mão, são, meu, teu* etc.

Do mesmo modo são *longas* todas as vogais sobre que está o acento tônico: *Dedo, medo, livro, casa, seda, roda, rosa, lógico, fétido, manada* etc.

São, porém, *breves por mecanismo* todas as *vozes* ou vogais pequenas, todas as *proclíticas* e *enclíticas.* Assim são *breves* as primeiras sílabas de *coruja, tomate, tomar;* as segundas de *lógico, cômputo, âmbito;* as *proclíticas* e *enclíticas lhe, lhes, te, me, se, nos, vos* etc.

São comuns as vozes *i, u;* estas fá-las o uso longas, colocando nelas o acento, ou breves, retirando-lhe. São, pois, estas *longas* ou *breves* somente *pelo uso,* porque, sendo ambas constantes ou invariáveis, é sempre o mesmo o mecanismo de sua formação, sejam breves ou longas.

São *longas por mecanismo* as vozes ou vogais que estão antes de duas consoantes, das quais pertence uma à sílaba antecedente e outra à seguinte, ou as que estão antes de *x*, tendo esta consoante o som de *cs*; como *farto, curto, custo, triste, parte, ermo, termo, sexo, nexo, fixo.*

As consoantes *geminadas,* quando têm um som simples, não influem na vogal que lhes precede.

14. Na pronúncia não observam isso os Brasileiros, que nenhuma diferença fazem entre *pregar* (pregos) e *pregar* (sermões), e pronunciam a primeira sílaba dos vocábulos *adio, sadio,* como as primeiras dos vocábulos *vazio* e *saraiva.*

II

Acento é a particular entoação com que pronunciamos uma sílaba de um vocábulo em relação às outras, ou um vocábulo em relação aos outros, ou, em suma, uma proposição em relação às outras proposições da *frase* ou do *período.*

Em toda a palavra uma sílaba sempre há cuja prolação ressalta sobre a de cada uma das outras do mesmo vocábulo; é esta sílaba o centro ou eixo, a roda do qual giram todas as mais, que se lhe subordinam e submetem.

O que faz a sílaba acentuada em relação às outras, faz o vocábulo relativamente aos vocábulos, e a proposição, relativamente às outras proposições do período.

O acento engraça e realça admiravelmente o discurso: se não fora ele, as sílabas, os vocábulos, as proposições, pronunciadas sempre com o mesmo tom, sempre com a mesma monotonia, sempre com o mesmo vozear confuso, indistinto e dissonante, perderiam seu principal caráter de sinais, de expressões adaptadas e modeladas à feição de nossos sentimentos, de nossos afetos e conceitos.

Com o acento, a que o gramático Diomedes chamou *anima vocis,* o pensamento sai vivo e animado do espírito que o concebe e transluz fielmente na linguagem, onde se lhe deparam notas para todas as paixões, tela para todos os quadros, sinais para todos os conceitos, teclas para todos os sentimentos, transunto, enfim, para todo o ser interior.

> «O *acento*», diz Gaston Paris, «é o que dá à palavra sua unidade e individualidade, o que faz de uma reunião de sílabas um todo perfeito e distinto; ele o que as vivifica e caracteriza. A acentuação de uma língua é um dos seus caracteres essenciais e contribui muito para lhe determinar a natureza e o gênio. [§] Se ao cabo de certo tempo viesse um idioma a mudar todo o seu sistema tônico, tornar-se-ia completamente outro do que dantes era; se, ao revés disso, em uma língua que perece e dá nascimento a outras, estas novas línguas conservarem a acentuação da língua de que derivam, sempre se tornara patente o seu parentesco, já com a língua primitiva, já em relação umas às outras, e serão realmente línguas irmãs; e isso foi o que ocorreu em relação às línguas românicas[15].

Tornando relevada e dominante uma sílaba do vocábulo, o acento tônico a protege e abriga da extinção e da morte.

15. Gaton Paris - **Étude sur le Rôle de l'Acent Latin dans la Langue Française**.

Na transformação das línguas é ele ao mesmo passo princípio de vida e fator de destruição: de vida para essa sílaba privilegiada e dominadora; de destruição para as *atônicas,* que se enfraquecem, ensurdecem e tendem a perder-se e desaparecer.

Os acentos principais são o *tônico,* a que também se dá o nome de *fonético* ou *prosódico,* o *enfático* e o *oratório, fraseológico* ou *patético.*

Acento fonético ou **tônico** é a particular entoação com que pronunciamos uma sílaba de um vocábulo em relação as outras do mesmo vocábulo.

Nas palavras *amizade, encanto, dizer, cândido,* o acento fonético recai nas sílabas *za, can, zer, can.*

Este acento, geralmente falando, não pode ser senão um. As sílabas não acentuadas chamam-se *átonas.*

Por necessidade métrica muitas vezes mudam os poetas a quantidade ou o acento das sílabas, já abreviando a sílaba longa, já alongando a breve ou fazendo *átona* a sílaba *tônica* e *vice-versa.*

A esta espécie de licença poética dão os gramáticos a designação de **sístole** e **diástole.** Assim *Próteo* por *Protéo, décano* por *decano* são exemplos de *sístole;* de *diástole,* porém, são-no os vocábulos *idólatra* por *idólatra, impio* por *ímpio.*

Na transformação do latim popular em português, há persistência da sílaba acentuada originaria: *Bondade bonitatem, crueldade crudelitatem, fiel fidelem* etc.

Os vocábulos portugueses podem ter o acento fonético já na *última* sílaba, já na *penúltima,* já na *antepenúltima: Adulação, menino, angélico.*

Quando é o vocábulo acentuado na última, chama-se *agudo* ou *átono;* quando acentuado na penúltima, *grave* ou *paroxítono;* quando na antepenúltima, *esdrúxulo, dáctilo* ou *proparoxítono.*

Os vocábulos *paroxítonos* e *proparoxítonos* recebem a denominação comum de *barítonos.*

No *latim* são os vocábulos acentuados ou na *penúltima* sílaba ou na *antepenúltima.* Nas palavras de três ou mais sílabas, se é breve a *penúltima,* o acento recai na *antepenúltima;* se, porém, é longa, nela é que recai o acento. Nenhuma palavra há em que seja a última sílaba a acentuada.

No francês são todos os vocábulos acentuados na *última* sílaba sonora; no *inglês* podem sê-lo na *última* sílaba, na *penúltima,* na *antepenúltima,* na *pré-antepenúltima* ou ainda na sílaba que a esta precede, como atesta o vocábulo inglês *preambulatory,* cujo acento está na sílaba *am.*

Enclítica denomina-se a palavra que, não tendo acento próprio, se acosta à palavra precedente para dela receber o acento. Se, porém, se ajunta à palavra seguinte, a cujo acento se subordina, chama-se **proclítica.** Nas expressões: *Carlos* **te** *ama, ele* **vos** *ama, eles* **se** *prezam, eu* **vos** *obedeço, ela* lhe *falou,* as

variações: *te, vos, se, lhe,* são *proclíticas;* e *enclíticas* nest'outras: *dei-te, amo-vos, louva-se, falei-lhe.*

Em nossa língua não pode, outrossim, vir o *acento fonético* na sílaba *pre-antepenúltima,* salvo em sílabas de formas verbais, a que se ajuntam as variações *enclíticas* dos pronomes, como nas frases seguintes: «*amava-se-lhes o procedimento*»; «*louvavam-se-lhe os desejos*»; «*corrigiram-se-lhe os defeitos* », e noutras análogas.

Em nossa língua, como no espanhol e no italiano, há uma tendência manifesta para colocar o *acento fonético* na *penúltima* sílaba do vocábulo; daí o possuírem esses idiomas maior número de palavras *graves,* que *esdrúxulas* e *agudas.*

Além do *acento fonético* principal, algumas palavras há em nossa língua em que se pode distinguir um *acento secundário:* tais são os vocábulos *vadio, sadio, pateta, padeiro, padeira, padejar, pregação* etc., na prolação de cujas primeiras sílabas não há para que se negue essa particular entoação, que constitui o acento secundário de que falamos.

Acento enfático é a particular entoação com que pronunciamos uma palavra de uma proposição, fazendo-a ressaltar sobre as outras da mesma proposição, para notar e relevar a ideia principal relativamente ao pensamento enunciado: «Os mais ilustres *honraram* sua família; os mais humildes *deram* a ela princípio»; «Camões é um poeta eminente; Virgílio, *eminentíssimo* »; « Ai! *infame,* mil vezes *infame* o que submeter sua consciência a quem mais der ». As palavras *honraram, deram, eminentíssimo, infame,* devem pronunciar-se com uma força e distinção tal, que fiquem bem relevadas as ideias de que são sinais.

Acento oratório ou patético diz-se o que, por diversas inflexões da voz, por um tom mais ou menos elevado, exprime os sentimentos de que se acha possuída a pessoa que fala. Na frase: «*Não admiras as belezas do Brasil*», será diverso o tom, se em vez de enunciar eu um simples fato, interrogo, estranho ou admiro, dizendo: «***Não** admiras as belezas do Brasil?*», «***Não** admiras as belezas do Brasil!*»

A interrogação, a admiração, o sobressalto, o entusiasmo, a alegria e a tristeza, a censura, as queixas, os assomos e ímpetos da cólera, todos os sentimentos, em suma, todas as paixões têm seu tom, seu acento particular; e como são inúmeros e variadíssimos os sentimentos que nos tomam e salteiam e as paixões que nos turbam os ânimos, inúmeras e sobremodo variadas devem ser as modalidades e gradações do *acento oratório.*

«O acento oratório», diz Duclos, «modifica a substância mesma do discurso, sem alterar sensivelmente o acento fonético ».

O *acento oratório* pertence mais especialmente à alçada da arte declamatória.

Além desses três acentos principais distingue-se o **acento nacional,**

chamado também **provincial** ou **local.**

Este é constituído pelas inflexões de voz, particulares a uma nação, a uma província ou parte dela.

Cada país, cada província, algumas vezes até cada cidade, tem seu *acento* particular.

Perdendo suas relações com o *acento fonético* ou *tônico,* os *acentos figurados* não se estudam em nossa língua, senão como meros sinais ortográficos.

A acentuação é em algumas línguas uma de suas feições características, servindo de vínculo analógico que as aproxima e reúne ao grupo que lhes é comum.

Nas línguas *novolatinas,* a cuja divisão pertence a nossa, é de suma importância o estudo do *acento,* especialmente do *tônico.*

A formação de todas as palavras nesses idiomas fundamenta-se na persistência do acento latino.

«O *acento tônico,* ao parecer de Diez, é o «eixo a roda do qual gira a formação dos vocábulos nas línguas românicas.»

«A *quantidade* representa na palavra o seu elemento material »; o acento, o elemento «abstrato e lógico», o qual o latim, em luta sempre com aquela, acabou por triunfar nos *idiomas românicos,* em que a *quantidade* se lhe subordinou de todo[16].

Entre a quantidade e o *acento* nota-se a diferença seguinte: «a quantidade é absoluta, pode ser considerada numa sílaba só, desacompanhada de outras; o acento é sempre relativo; não se considera a sílaba acentuada em abstrato e independentemente das outras sílabas; mas sim em relação às que formam a palavra na proposição ou na frase.»[17]

«O acento é que denota a ação exercida na palavra pela inteligência do homem; à medida que as línguas começam a acentuar-se, tomam consciência de si mesmas.»

16. Não raramente, Ribeiro traz citações registradas entre aspas e intercaladas com comentários pessoais, em sequência muitas vezes distribuída entre parágrafos distintos, como no caso desta citação de Diez; nesta edição optou-se por manter tais casos registrados tal como presentes na edição original, excetuando-se, como adiante, casos em que predomina o registro da fonte citada. (n.e.)
17. Gaston Paris. Op.Cit.

CAPÍTULO V
DO VOCALISMO
Origem das vogais, suas transformações; grupos vocálicos. Leis relativas às mudanças e alterações das vogais.

I
VOGAIS SIMPLES

Todas as nossas vogais têm por origem as vogais latinas, que eram igualmente cinco: *a, e, i, o, u.*

A

Esta vogal provém: 1.° De um *a* originário, acentuado ou não: *Abade,* de **abbatem;** *prado* de **pratum;** *lado* de **latus;** *pranto* de **planctum;** *canto* de **cantum;** *padre* de **patrem;** *paço* de **palatium;** *fava* de **fabam;** *estar* de **stare;** *amigo* de **amicum;** *idade* de **aetaten;** *favo* de **favum,** *barba* de **barbam,** *árvore* de **arboren,** *água* de **aquam,** *marido* de **maritum.** 2.° De um *e* originário: *Rainha* de **reginam;** *lagarta* de **lacertam;** *ébano* de **ebenum.** 3.° De um *i* originário: *Covado* de **cubitum;** *balança* de **bilancem;** *maravilha* de **mirabilia.** 4.° De um *o: Dama* de **dominam,** *lagosta* de **locustam.**

E

A vogal *e* provém: 1.° De um *e* originário, seja ou não acentuado, ou de *æ*: *Cruel* de crudelem; *terra* de **terram,** *lebre* de leporem; *pee, pé* de **pedem**: *ferro* de **ferrum;** *mel* de *mel; fel* de **fel,** *pedra* de **petram;** *febre* de **febrem;** *névoa* de ebulam, *parede* de **parieten;** *ímpeto* de **impetun;** *dez* de **decem;** *régua* de **regulam;** *esperar* de **sperare;** *César* de **Cæsarem.** 2.º De um *a* originário: *Alegre* de **alacren;** *escutar* de **auscultare;** *espargo* de **asparagum;** *Tejo* de **Tagum;** *cereja* de **cerÁsiam.** 3.° De um *i: Beber* de **bibere;** *mancebo* de **mancipium;** *sede* de **sitem**; *ves* de **vicem;** *pera* de **pira;** *negro* de **nigrum;** *pelo* de **pilum**; *pela* de **pilam**; *cepo* de **cipum**; *cabresto* de **capistrum**; *cabelo* de **capilum**; *cerveja* de **cervisiam**; *conselho* de **consilium**; *neve* de **nivem**; *selha* de **situlam**; *grenha* de **crinem;** *pega* de **picam;** *febre* de **febram;** *crena* de **carinam;** *meter* de **mitere;** *pescar* de **piscare;** *cercar* de

circare; *fé* de **fiden;** *cesta* de **cistam**; *cegonha* de **ciconiam;** *seco* de **sicum,** *seio* de **sinum;** *pé* de **picem;** *senho* de **signum;** *menos* de **minus;** *cedo* de **cito.** 4º De um *o: Frente* de **frontem.** 5.° De um *æ, : feno* de **fænam**, *pena* de **pænam;** *federação* de **fæderationem;** *fedor* de **fætorem**; *feder* de **fætere**, *prédio* de **prædium**; *idade* de **ætatem**; *céu* de **cælum;** *obsceno* de **obscænum.**

Mui frequentemente é o resultado de uma próstese, quando o vocábulo originário tem por iniciais os grupos consonânticos *se, sp, st, sm: Escada* de **scalam;** *espírito* de **spiritum;** *espaço* de **spatiun;** *estudo* de **studium;** *estar* de **stare;** *estômago* de **stomachum;** *esmeralda* de **smaragdumi;** *estrela* de **stellam;** *estirpe* de **stirpem;** *escova* de **scopam;** *Estevão* de **Stephanum.**

I

O *i* origina-se: 1.° De um *i* originário, acentuado ou átono: *Riso* de **risum;** *perigo* de **periclum;** *espinho, espinha* de **spinam;** *espiga* de **spicam;** *libra* de **libram;** *crista* de **cristam;** *rio* de **rivum**; fio de **filum;** *vinha* de **vineam;** *ninho* de **nidum;** *imagem* de **imaginem;** *lima* de **limam;** *livro* de **librun;** *vir* de **venire**; *ouvir* de **audire**. 2.° De um *e: Isca* de **escam**; *rim* de **ren**; *migo, tigo, sigo* de **mecum, tecum, secum**; *pergaminho* de **pergamenum**; *sizo* de **sensum**. 3.° De um *e, p* ou *g* dos grupos consonantes *ct, pt, gn,* em que há queda da primeira consoante do grupo e conseguinte reforço da vogal portuguesa que lhe antecede: *Leite* de **lactem** (ac. arch. de *lac*)*; feito* de **factum;** *peito* de **pectus;** *direito* de **directum;** *noite* de **noctem;** *oito* de **octo;** *leito* de **lectum;** *biscoito* de **biscoctum,** *estreito* de **strictum;** *afeição* de **affectionem;** *fruito* (ant.: fruto) de **fructum;** *conceito* de **conceptum;** *recitar* de **receptare;** *rejeitar* de **rejectare;** *reinar* de **regnare:** *reino* de **regnum.**

O

Provém esta vogal: 1.º De um *o* originário, tônico ou átono: *Dom* de **dominum;** *fogo* de **focum;** *olho* de **oculum;** *hoje* de **hodie;** *rosa* de **rosam;** *povo* de **populum;** *dono* de **dominum;** *sogro* de **socerum;** *força* de **fortia;** *árvore* de **arborem;** *coiro* de **corium;** *moio* de **modium;** *sonho* de **somnium,** *jogo* de **jocum;** *corvo* de **corbum.** 2.º De um *u: Mosca* de **muscam;** *tronco* de **truncun;** *copa* de **cupam;** *gota* de **guttam;** *dobrar* de **duplare;** *onda* de **undam;** *sombra* de **umbram;** *torre* de **turrem,** *governar* de **gubernare;** *romper* de **rumpere;** *podre* de **putre;** *covado* de **cubitum;** *lobo* de **lupum;** *forca* de **furcam;** *lodo* de **lutum;** *gosto* de **gustum;** *corro* de **curro;** *corso* de **cursum,** *boca* de **buccam,** *poço* de **puteum;** *odre* de **utrem;**

hombro de **humerum.** 3.° De um *a: Fome* de **famem.** 4.° Do grupo vocálico *an: Pobre* **de pauperem;** *coda* (ant.) de **caudam;** *orelha* de **auriculam;** foz de **faucem.**

U

Provém esta vogal: 1.º De um *a* originário, acentuado ou não: *Um* de **unum;** *seguro* de **securum;** *nu* de **nudum;** *verruga* de **verrucam;** *ruga* de **rugam;** *cru* de **crudum;** *miúdo* de **minutum;** *pulga* de **pulicem;** *fuga* de **fugam;** *mugir* de **mugire;** mu de **mulum;** *luz* de **lucem.** 2.º De um *o: Cumprir* de **complere;** *custar* de **constare;** *tudo* de **totum;** *perguntar* de **percuntari** ou **percoutari.** 3.º De um *y: gruta* de **cryptam,** por influência do latim medieval **cruptam, gruptam.**

Y

Em nossa língua tem o *y* o mesmo som do *i.*

Provém do *i* latino ou do com que no latim se representavam as palavras de origem grega.

Do *y* serviam-se os antigos como letra de intercalação para evitar o hiato, dizendo: *rayo, ayo, mayor, peor,* em vez de *raio, aio, maior, pior.*

Figura este caráter gráfico em muitos vocábulos, pela maior parte de origem grega, e em algumas palavras de origem indígena[18]: *Martyr, analyse, syntaxe, hipótese, fysica, ltajahy, Sapocahy, Andarahy, Itaborahy, Guahy, Catumby, Paraty, Icarahy, Mucury, Pirangy, Pacoty.*

II
GRUPOS VOCÁLICOS

Os *ditongos* em português provêm: 1.° De um *ditongo* originário: *Autor* de **auctorem,** *audaz* de **audacem.** 2.° Da queda de uma consoante: *Raio* de **radium;** *meio* de **medium.** 3.° Do reforço da vogal que precede ao grupo consoante, cujo primeiro elemento se sincopou: *Noite* de **noctem;** *feito* de **factum;** *seixo* de **saxum;** *auto* de **actum;** *eixo* de **axem;** *outro* de **alterum.** 4.° Da *atração* de uma vogal: *Feira* de **feriam;** *raiva* de **rabiem.** 5.° Do alongamento de uma vogal: *Sou*

18. Preservou-se nesses exemplos a ortografia em vigor quando da edição original da obra. (ne.)

de **sum;** *dou* de **do;** *estou* de **sto**. 6.° Da degeneração ou transformação de um *ditongo em ditongo* ou grupo vocálico que lhe é afim: *Cousa* de **causam;** *touro* de **taurum;** *loureiro* de **laurarium;** *pouco* de **paucun;** *rouco* de **raucum.** Na *atração* as duas vogais portuguesas, que constituem o grupo, estão no latim separadas por uma consoante que sofre uma transposição.

Ai

Este grupo vocálico provém: 1.° Da atração: *Aipo* de **apium;** *caiba* de **capiam.** 2.° Da queda da consoante média: *Vaidade* de **vanitatem;** *mais* de **magis** etc.

Este grupo vocálico corresponde ao antigo ditongo *ai,* que foi depois substituído por *ae*[19].

Au

O *ditongo* português ***au*** corresponde ao latim **au,** que na passagem para o português ou se conservou, como em *pausam* de **pausam,** *autor* de **auctorem,** *aplauso* de **aplausum;** ou, o que é mais frequente, degenerou em *ou,* como *cousa (coisa)* de **causam,** *mouro* de **maurum,** *louvar* de **laudare,** *couve* de **caulis.** Já entre os latinos mesmos o povo e os camponeses romanos pronunciavam o ditongo ***au,*** como se fora um ***o*** simples: *oram* por *aurum; ola* por *aula; copo, copona* por *caupo, caupona; coda* por *cauda; oricula* por *auricula; plostra* por *plaustra;* confundindo *explodo* com *explaudo; osculor* com *ausculor.* Outras vezes era o mesmo ditongo *au* substituído no latim por *a* simples, encontrando-se as formas antigas *frudare, frudo, cludo* em vez *de fraudare, fraudo, claudo.*

Essa pronúncia era notada pelos homens de letras, que não cessavam de condená-la por viciosa e imprópria do bom falar.

Ei

Ei origina-se: 1.º De uma atração e transposição de vogais: *Feira* de **feriam,** *madeira* de **materiam;** ou ao mesmo tempo de uma atração, transposição e abrandamento da primeira vogal latina: *Beijar* de **basiare;** *beijo* de **basium;**

19. [*-ae*], usado à época na ortografia vigente, hoje substituiu-se por [*-ai*] no português contemporâneo. (ne.)

queijo de **caseum;** *primeiro* de **primarium;** *dinheiro* de **denarium.** 2.º Do reforço da vogal que precede a um grupo consonântico, em que *se* realiza a queda do primeiro elemento do grupo: *Direito* de **directum;** *feito* de **factum;** *peito* de **pectus.** 3.º De um *e* longo latino, que se ditongou principalmente antes do *n: Veia* de **venam;** *cheio* de **plenum;** *freio* de **frenum;** *cadeia* de catenan.

Oi, Ou

Estes grupos vocálicos andam em igual paralelo com o latino **au:** *Coisa* ou *cousa* de **causam;** *ou* de **aut;** *oiro* ou *ouro* de **aurum;** *louro* ou *loiro* de **laurum;** *ousar* de **audere;** *rouco* de **raucun**; *pouco* de **paucum;** *tesouro* de **thesaurum;** *couve* de **caulem;** *louva* de **lauda.** São devidos já à atração de uma vogal, já ao seu reforço: *Coiro* ou *couro* de **corium;** *noite* de **noctem;** *coice* ou *couce* de **calcem;** *outro* de **alterum.**

Ui

Provém este grupo: 1.º Do *ui* originário: *Fui* de **fui** (latino). 2.º Da atração das vogais latinas **u, e, o, i**: *Ruivo* de **rubeum;** *cuidar* (antigo *coidar)* de **cogitare.**

As duplas vogais latinas *æ, œ* resolveram-se em nossa língua e nos idiomas novo-latinos em vozes simples: *Céu* de **cœlum**; *cego* de **cæcun;** *era* de **æram;** *ceia* de **cœnam;** *ledo* de **lætum;** *fedor* de **fœtorem:** *idade* ou *edade* de **ætatem;** *presa* de **prædam;** *César* de **Cæsarem;** *leso* de **læsum.**

No *latim arcaico* os vocábulos *preda* por *præda,* a pronúncia camponesa de *orum* por *aurum, plostra* por *plaustra, Penicas* por *Pœnicas* e as formas paralelas *cetera* e *cretera,* mostram-nos já essa tendência a converter os ditongos latinos em vogais simples.

A afinidade entre o som das vogais simples e o dos ditongos ainda se observa nas formas latinas arcaicas: *Loumen, jous, plous, jouvare, couravit, plourimi,* comparadas com as formas clássicas *lumen, jus. plus, jucare, curavit, plurimi.* Em alguns vocábulos latinos a primeira vogal é supressa na passagem para o *português,* quando é essa vogal átona; *bispo* de **episcopum;** *relógio* de **horologium.**

Não há permuta entre as vogais e consoantes: a natureza diferente desses dois elementos fonéticos assim o leva a pensar. Há sim na história das vogais e consoantes um fenômeno notável, a que Baudry chama *equilíbrio orgânico,* em virtude do qual as vogais radicais, postas antes de certos sufixos

e flexões pesadas, ora tendem por compensação a enfraquecer, ora, pelo contrário, pelo mesmo fenômeno compensativo, se reforçam, alongando-se, nasalando-se ou ditongando-se antes de uma consoante que cai.

Se as vozes ***i*** e ***u*** permutam com as consoantes ***j*** e ***v,*** é que estas duas últimas letras participam da natureza daquelas, e por isso geralmente se lhes dá a designação de *semivogais.*

As modificações das vogais podem-se, portanto, reduzir: 1.° à **apofonia,** isto é, ao fenômeno fônico pelo qual as vogais alternam; 2.° ao **reforço,** isto é, ao seu alongamento, à sua nasalização ou a sua ditongação; 3.° à **contração,** isto é, a reunião das vogais numa só no corpo da palavra; *4.°* a sua **supressão** ou **adição.**

Tratando das modificações das vogais latinas em sua transformação em *português,* vem a ponto fazer as seguintes ponderações: As vogais, como elementos mais móveis, são por sua inconsistência mesma mais sujeitas à alterações que as consoantes, elementos mais consistentes.

Raro desaparece a vogal *tônica;* sendo, pelo contrário, muito comum o desaparecimento das vogais *atônicas.*

A parte radical ou temática do vocábulo conserva-se geralmente intacta, sobretudo em seus elementos resistentes; a parte desinencial, pelo contrário, que encerra os elementos acessórios, a parte propriamente fugitiva da palavra, é sujeita a várias alterações na marcha evolutiva da língua.

As *vogais livres,* comparadas com as *vogais em posição,* por isso que estas últimas se arrimam às consoantes, que lhes dão mais apoio e consistência, são mais facilmente alteradas.

Nas palavras em que se podem notar o *acento primário* e o *secundário,* as sílabas sobre que recai o acento são as que mais resistência oferecem a mudanças e alterações, seguindo-se-lhes as que possuem o acento *secundário,* as quais, se bem apresentem menos consistência que as primeiras, têm, todavia, muito maior que todas as demais atônicas.

As consoantes *iniciais* resistem mais à destruição que as *médias* e *finais;* as *geminadas* e *agrupadas,* mais que as *simples.*

Na formação de nossa língua como na de todas as que derivam do *latim,* ou se estudem as vogais ou as consoantes, dos dois elementos com que entrou o *latim* para constituir o nosso vocabulário, não é do elemento literário e sábio que devemos partir, senão do elemento popular; este, elemento inteiramente espontâneo, mostra as forças vivas da língua e sua natural evolução na transformação em *línguas românicas;* aquele, elemento artificial, concorre, é verdade, para constituir o vocabulário dessas línguas, mas os vocábulos oriundos dessa fonte indicam um esforço, uma violência à evolução espontânea da língua e não se lhes podem com seguridade aplicar as leis fonéticas, nem fiar do conhecimento deles o estudo profícuo da filiação dessas línguas.

CAPÍTULO VI
DO CONSONANTISMO
Origem das consoantes; grupos consonânticos. Permutas das consoantes e de seus grupos

I
CONSOANTES SIMPLES

Como as vogais, têm também as consoantes portuguesas sua origem no *latim.* Estudemo-las em suas diferentes famílias.

LABIAIS
B, P, M, F, V,

B

Provém esta consoante: 1.° De um *b* originário, inicial ou médio: *Bom* de **bonum;** *boi* de **bovem;** *banhar* de **balneare;** *tábua* de **tabulam;** *habitar* de **habitare;** *beber* de **bibere;** *zambuco* ou *sambuco* de **zambucum** ou **sambucum.** 2.º De um *v* originário: *Bexiga* de **vesicam;** *bainha* de **vaginam.** 3.° De um *p: Lobo* de **lupum,** *cuba* de **cupam;** *cabra* de **capram;** *cabo* de **caput;** *sebe* de **sepem;** *bispo* de **episcopum;** *sabão* de **saponen,** *saber* de **sapere;** *receber* de **recipere;** *sabor* de **saporem,** *abrunho* de **prunum;** *soberbo* de **superbum;** *abril* de **aprilem.** **4.°** De um *f* ou *ph: Abrego* de **africum;** *rabão* de **raphanunum.**

p

P provém: 1. De um *p* originário: *Pai* de **patrem;** *piedade* de **pietatem,** *postura* de **posituram,** *posta* de **positam.** 2.º De *um f: Soprar* de **sufflare.**

M

Provém o ***m***: 1.° De um *m* originário, inicial ou médio: *Mãe, madre* de **matrem;** *camisa* de **camisian;** *mal* de **malum.** 2.º De um n: *Som* de **sonum**; *tom* de **tonum**; *bom* de **bonum**. 3.º De um *c: Sim* de **sic;** *nem* de **nec**.

Esta labial torna-se nasal no fim dos vocábulos ou depois de uma vogal, formando sílaba com ela: *Fim, bom, tom, som, dom, também, tambor, tromba, tempo, templo.*

F

Provém esta labial: 1.° De um *f* ou *ph* originário: *Fazer* de **facere;** *tufo* de **tofum;** *funda* de **fundam;** funil **de fundibulum;** *cofre* de **cophimum:** *faisão* de **phÁsianum.** 2.º De um *v* mediano: *Palafrém*[20] (por influência francesa) de **paraveredum**. 3.° De um *b* originário: *Búfalo* de **bubalum.**

V

Provém: 1.º De um *e* originário: *Voz* de **vocem;** *velo* de **velum;** *voar* de **volare;** *novo* de **novum;** *navegar* de **navigare;** *nave* de **navem.** 2.º De um *f* ou *ph: Ourives* de **aurificem,** *trevo* de **trifolium,** passando pelas formas intermediarias *trefolo* e *trevoo; Estevão* de **Stephanum;** *Cristovão* de **Christophorum.** 3.° De um *b: Cevar* de **cibare;** *duvidar* de **dubitare;** *árvore* de **arborem;** *dever* de **debere,** *avante* de **ab-ante;** *amava* de **amabat;** *cavalo* de **cabalum;** *inverno* de **hybernum;** *governo* de **gubernum;** *curvar* de **curbare;** *turvar* de **turbare;** *provar* de **probare;** *maravilha* de **mirabilia;** *trave* de **trabem;** *nuvem* de **nubem;** *livro* de **librum;** *nível* de **libellum;** *fava* de **fabam;** *dívida* de **debita;** *palavra* de **parablam** por **parabolam. 4.°** De um *p: Povo* de **populum;** *escova* de **scopam.**

DENTAIS
S, C, Z, T, D, N

S

S provém: 1.° De um ***s*** inicial, médio ou final: *Só* de **solum;** *são* de **sanum;** *rosa* de **rosam;** *casa* de **casam;** *menos* de **minus.** 2.º De um *x*: *Ensaio* de **exagium.** Entre vogais abranda-se esta consoante *em z: Casa, rosa, musa, prosa,* que se pronunciam como se fossem assim ortografadas: *caza, roza, muza, proza.* 3.° Da queda do primeiro elemento do grupo: *isso* de **ipsum;** *gesso* de **gypsum.**

20. *s.m.*: i. cavalo de nobres na Idade Média; ii. cavalo bem adestrado, manso. (n.e.)

C

O *c* brando provém: 1.º De um *c* latino: *Céu* de **cœlum;** *cidade* de **civitatem.** 2.° De um *q: Cinco* de **quinque;** *cincoenta (cinquenta)* de **quinquaginta.** 3.° De um *ti* ou *te* a que segue vogal: *Nação* de **nationem;** *tição* de **titionen;** *viço* de **vitium;** *espaço* de **spatium,** *praça* de **plateam;** *paço* de **palatium;** *poço* de **puteum.** 4.° De um *x: Tecer* de **texere.** 5.° De um *s,* simples ou geminado: *Codeço* de **cytisum;** *ruço* de **russum.** 6.° Da combinação *st: Moço* de **musteum.**

Ao *c* deram sempre os romanos o som de *k,* exceto quando depois desta consoante vinha um *i,* seguido de outra vogal: *Ce, ci* pronunciavam *ke, ki.* Assim, nos vocábulos *Cicero, Cæsar, facere* o *c* tinha o som duro, pronunciando-se *Kikero, Kesar, fakere;* mas a palavra *nuncius* pronunciava-se com o *c* brando.

Z

O *z* português provém: 1.° De um a inicial: *Zona* de **zonam;** *zelo* de **zelum.** 2.° De um *c: Cruz* de **crucem;** *paz* de **pacem;** *voz* de **vocem**; *noz* de nucem, *pez* de picem; *dez* de **decem**; *fazer* de **facere;** *dizer* de **dicere;** *amizade* de **amicitatem** (baixo latim); juízo de **judicium;** *vez* de **vicem;** *vizinho* de **vicinum;** *feroz* de **ferocem;** *veloz* de **velocem;** *audaz* de **audacem;** *falaz* de **falacem;** *mendaz* de **mendacem,** *produzir* de **producere.** 3. ° Da combinação *qu: Cozer* de **coquere;** *coxinha* de **coquinam.** 4.° De *um s* originário: *Me* de **mensem.** 5.º De *ti: Pre* (ant.) de **prætium;** *razão* de **rationem;** *dureza* de **duritiam.** 6.° Do grupo *ph: Gonzo* de **gomphum.**

Entre os gregos, de cujo alfabeto o tomaram os romanos, era o *z* uma letra dupla, que se pronunciava *ds, s* ou *ss.*

O *z* não existia primitivamente entre os latinos, aparecendo pela primeira vez no tempo de Cícero, que o empregava para escrever palavras gregas que antes se escreviam com *s* ou *ss.*

T

Esta consoante tem por procedência um *t* originário: *Terra* de **terram;** *todo* de **totum;** *castelo* de **castelum.**

Th

A combinação *th,* de origem grega, só se encontra em palavras de procedência erudita: *Thema, these, theatro, thesouro, theologia, theocracia.* figura em muitos nomes próprios de origem grega: *Thermodonte, Theófilo, Theseo, Thétis, Theotônio, Theodoro, Theodósio, Thoante, Thebas, Atheras, Theodorico, Thessália, Thrácia, Thomé, Thyrso, Thírmida, Thomaz* etc.

D

Esta consoante tem por procedência: 1.° Um *d* originário, inicial ou mediano: *Dar* de **dare;** *deão* de **decanum;** *surdo* de **surdum**; *dedo* de **digitum;** *vender* de **vendere;** *fidelidade* de **fidelitaten;** *divindade* de **divinitatem.** 2.° Um *t: Vida* de **vitam;** *roda* de **rotam;** *lado* de **latus;** *medo* de **metum;** *escudela* de **scutelam;** *cedo* de **cito;** *quedo* de **quietum;** *ladainha* de **litaniam;** *senador* de **senatorem;** *amado, louvado, vestido, privado* de **amatum, laudatum, vestitum, privatum.** [§] Geralmente em todos os sufixos em *ado, edo, ido, udo* o *d* português tem por origem o *t* latino. 3.° Um *l* originário: *Deixar, leixar* (ant.) de **laxare;** *escada* de **scalam.**

O *d,* quando médio, é muitas vezes sincopado na passagem do vocábulo latino para o português. Assim *crer* provém de **credere;** *ver* de **videre;** *nu* de **nudum;** *cru* de **crudum;** *cruel* de **crudelem;** *fiel* de **fidelem;** *raiz* de **radicem;** *quarenta* de **quadraginta;** *crença* de **credentiam;** *raio* de **radium,** *meio* de **medium;** *descer* de **descendere.**

N

O *n* provém: 1.º De um *n,* inicial ou não: *Nove* de **novem;** *nó* de **nodum,** *novo* de **novum;** *ninho* de **nidum;** *reinar* de **regnare;** *jovem* de **juvenem.** 2.º De um *l: Nível* de **libellum.** 3.° De um *m: Contar* de **computare;** *nêspera* de **mespilum.**

LINGUAIS
L, R

L

L provém: 1.° De um *l* originário, inicial ou não: *Lago* de **lacum;** *sol* de **solem;** *solo* de **solum.** 2.° De um *n: Alma* de **animam;** *Bolonha* de **Bononian;** *Palermo* de **Panonium.** 3. De um *r: Alvitre* de **arbitrium,** *palavra* de **parabolam. 4.º** De um *d: Julgar* de **judicare.** 5.° De um *m: Lembrar, membrar* (Arc.) de **memorare.**

Aqui é o *b* intercalado por eufonia; é uma dessas letras a que alguns chamam *adventícias* ou *inorgânicas,* isto é, que não têm origem etimológica, nem valor como reforço, por oposição às letras chamadas *orgânicas,* isto é, que têm um valor etimológico.

O *l* entre vogais cai de ordinário, passando do latim para o português: de **aquilam** fez o português o vocábulo *águia;* de **palum,** *pau;* de **dolorem,** *dor;* de **colorem,** *cor;* de **palumbum,** *pombo;* de **molinum,** *moinho;* de **alumen,** *aúme;* de **salire,** *sair;* de **mulum,** *mu;* de **malum,** *mau;* de **calentem,** *quente;* de **dolentem,** *doente;* de **mollentem,** *moente;* de **velum,** véu, de **salutem,** *saúde;* de **pelagus,** *pego;* de **palatium,** *paço,*

R

Provém esta consoante: 1.° De um *r: Rosa* de **rosam,** *roda* de **rotam;** *rei* de **regem.** 2.º De um *l: Rouxinol* de **lusciniolam;** *pardo* de **pallidum,** *obrigar* de **obligare;** *brando* de **blandum.** 4.º De um *d: Cigarra* de **cicadam** (passando pela forma intermediaria **cicalan** do latim medieval). 5. De um *s: Marselha* de **Massiliam.**

Em muitas línguas são muito comuns as permutas entre as liquidas *l, r.* Em latim, ao lado do adjetivo **latialis** encontra-se a forma **latiaris;** ao lado do verbo **saturare**, o verbo **satulare**. De **cœlum** derivou-se o adjetivo **cœruleus;** de **arbor**, o substantivo italiano *albero,* o espanhol *albol,* o francês *arbre* e o português *árvore,* de **cerebrum** derivou-se o português *cérebro,* o italiano *cervelo,* o francês *cervele.*

Em algumas palavras, derivadas do grego, em que figura o vocábulo **alos** (dor), o *l* deste se muda em *r.* Assim se diz: *otalgia* e *letargia.* O italiano *colonelo* figura ao lado do português *coronel,* que conserva a mesma forma no espanhol e no velho francês. No inglês a grafia desta palavra é *colonel***;** entanto na pronúncia soa o primeiro ***l*** como se fosse *r.*

O vocábulo latino **peregrinus** tem como correspondentes no português *peregrino*, no italiano *pelegrino* ou *peregrino*, no espanhol *peregrino*, no inglês *pilgrim*, no provençal *pelegrin* e no francês *pelerin*.

A identidade de sentido entre os dois sufixos latinos *alis* e *aris,* seu emprego alternativo, dirigido somente pelas leis da eufonia, a pronúncia plebeia de *pelegrino* por *peregrino,* os vocábulos portugueses *clina* e *crina, flauta* e *frauta, floco* e *froco, almário* e *armário, almaxem* e *armazém, aluguer* e *aluguel, frecha* e *flecha* ainda, por outro lado, nos vêm dar testemunho dessa aproximação dos dois sons.

A **afinidade** dos sons notados por esses dois caracteres gráficos na língua falada ainda se demonstra não só pelo fato de alguns idiomas, que não possuem o ***r,*** o substituírem na pronúncia pelo *z*, senão também pela confusão e troca de um som por outro na pronúncia do povo.

«O *r,*» diz Cocheris, «é desconhecido dos habitantes do Império Celeste: assim que dizem *Ealopa* por *Europa, Yamelia* por *América.*»

No dialeto atual de Paris e noutros dialetos populares, segundo Meyer Lübke, observa-se a mudança do *l* das palavras literárias em *r: Archimie* por *alchimie; arcol* por *alcool; arphabet* por *alphabet, artéré* por *altéré.*

Muitos indivíduos há, finalmente, em que se nota este vício de pronúncia, de que muitas vezes é tocado mais de um membro da mesma família.

PALATAIS

J, G (com o som de gê), **X**

J

Esta consoante, que a princípio tinha o mesmo som do *i* provém: 1.° De um *j* originário: *Já* de **jam**; *jazer* de **jacere;** *juiz* de **judicem**. 2.º Da combinação *hi* ou *h: Jerusalém* de **Hierosolymam**; *Jacintho* de Hyacinthum, *Jerônimo* de **Hieronimum;** *hieróglifo* de **hieroglyphicum;** *hierarquia* de **hierarchiam.** 3.° De um *g: Jasmim* de **gesiminum.** 4.° De um *l: Joio* de **lolium.** [§]Nas palavras portuguesas em que o *j* provém da combinação *hi,* a aspiração inicial desapareceu e o *i* inicial consonantizou-se. 5.° Das combinações *di, si, se, vi,* seguidas de vogal: *Beijo* de **basium;** *queijo* de **caseum;** *cerveja* de **cerevisiam;** *fojo* de **fovium;** *hoje* de **hodie;** *igreja* de **ecclesiam;** *inveja* de **invidiam.**

G (gê)

O *g* (brando) provém: 1.° De um *g* inicial: *Geral* de **generalem;** *gelo* de **gelu;** *gesto* de **gestum;** *vagido* de **vagitum.** 2.° De um *i,* que se consonantizou: *Sargento* de **servientem.** 3.º De um *s: Gengibre* de **zinziber.** 4.° Do grupo *ti* em cujos elementos se entrepõe uma vogal atônica: *Viagem* de **viaticum;** *passagem* de **passaticum;** *selvagem* de **selvaticum;** *coragem* de **coraticum.**

O *g* antes de *e* e *i* tem no português o mesmo som que o *j.*

Este som brando do *g* não era conhecido dos romanos, que pronunciavam sempre esta consoante, dando-lhe o som duro. Assim, os vocábulos latinos **gibbosus, gimelus, germanus, gingiva** soavam como se fossem escritos **guibbosus, guimelus, guermanus, guinguiva**.

X

Tem esta consoante vários sons no português: 1.° Pronuncia-se com o som originário do grupo consonante *cs,* como em *nexo, sexo, conexo, complexo.* 2.° Com o som de *ch* em *xadrez, coxo, buxo, xeque, graxa, xará, xairel, xacoco, xarife, xaroco, enxame, enxarcia, xenxém, xeringosa, xerez, baixo, frouxo, praxe, enxada* etc. 3.° Com o som de *z* ou *s* a que parece preceder um *i,* como nas palavras *exemplo, executar, exame, existir, exceção* etc. 4.° Com o som de *c* brando, como nas palavras *sintaxe, trouxe, axioma.*

Procede o *z* português: 1.° De um *s: Enxofre* de **sulfur** ou **sulphur;** *enxertar* de **insertare;** *bexiga* de **vesicam.** 2.° Da combinação *sc: Mexer* de **miscere;** *feixe* de **fascem,** *peixe* de **piscem**; *faia* de **fasciam**. 3.° De *x* ou *xs* (es): *Enxugar* de **exucare** ou **exsucare**. 4.° de um *s* geminado: *Paixão* de **passionem**; *baixo* de **bassum**; *graxo* de **crassum**.

C, G (fortes), K, Q

C

O *c* provém: 1.º De um *c* originário: *Camisa* de **camisiam;** *cavalo* de **cabalum;** *couve* de **caulem;** *indicação* de **indicationem.** 2.° De *qu: Nunca* de **nunquam;** *como* de **quomodo;** *escama* de **squamam;** *cinco* de **quinque.**

Q

Provém o *q:* 1.º De um *q* originário: *Qual* de **qualem;** *tranquilo* de **tranquillum;** *quando* de **quando;** *quaresma* de **quadragesimam;** *inquieto* de **inquietum.** 2.° De um *c* duro: *Queimar* de **cremare,** *quente* de **calenten.**

Há equivalência fonológica entre o *q* e o *c* forte.

G

O *g* provém: 1.º De um *g: Gosto* de **gustum;** *língua* de **linguam,** *galo* de **gallum.** 2.° De um *e* forte, simples ou geminado: *Amigo* de **amicum;** *braga* de **bracam;** *gato* de **catum;** *lago* de **lacum;** *dragão* de **draconem;** *fogo* de **focum;** *figo* de **ficum;** *jogo* de **jocum;** *sogro* de **socrum;** *lagosta* de **locustam;** *cegonha* de **ciconiam;** *advogar* de **advocare;** *vinagre* de **vinum-acre;** *pregar* de **plicare.** 3.° De um *q: Antigo* de **antiquum;** *águia* de **aquilam;** *gritar* de **quiritare;** *água* de **aquam. 4.º** De um v: *Golpelha* (ant.) de **vulpeculam;** *gomitar* (ant.) **vomitare;** *gastar* de **vastare;** *Gasconha* de **Vasconiam.** 5.º De um *t,* por influência germânica: *Guerra* de **Werra;** *guisa* de **Wise;** *Guilherme* de **Wilhelm;** *guarda* de **Warjan;** *galardão* de **Widarlon**[21]**.**

A mudança do *v* e do *w* em *gu* é atribuída à influência germânica. Nos vocábulos alemães o *w* inicial transformou-se em *gu,* ao passarem estes para as línguas românicas, e a pronúncia desta letra, que se mudou em *gu,* trouxe semelhantemente a mesma mudança do *v.*

K

O *k* é uma representação ou transcrição imperfeita do grego *chi.* Só se emprega essa consoante nas palavras portuguesas de origem erudita: *kilômetro, kisto, kilograma,* que seriam talvez mais bem representadas por *ch e* não por *k.*

«Nos termos métricos », diz Brachet, «é o *k* a reprodução bárbara do grego *chi;* a palavra *kilômetro,* escrita com *k,* é duplamente bárbara por *chiliometro*[22]».

21. Não consta o termo "*Widarlon*" no léxico alemão contemporâneo, tampouco raiz que o traga na sua memória histórica; equivalente a "*galardão*", consta o termo "*Lohn*". (n.e.)

22. Considere-se a ortografia vigente à época da publicação original; no português contemporâneo, o *k* e o *ch* foram substituídos pelo grupo *qu*, como em *quilômetro, quisto, quilograma.* (n.e.)

H

Como já vimos, é o *h* um caractere gráfico, que hoje em dia não tem valor algum fonético. A princípio fortemente aspirado no latim, foi-se a pouco e pouco tornando menos sensível; as contrações *nemo* por *ne hemo, nil* por *ne hil* (de **ne hiilum**), *debeo* por *de hibeo, de habeo, prendere* por *prehendere, praebeo* por *prae-hibeo prae-habeo,* e as formas latinas *asta* e *hasta, ircus* e *hircus, Hannibal* e *Annibal, Hasdrubal* e *Asdrubal, haruspex* e *aruspex, humerus* e *umerus, Hadria* e *Adria* atestam, como já dissemos atrás, o desaparecimento ou valor nulo dessa nota de aspiração em um certo período da língua latina.

Provém o *h:* 1.º De um *h* originário: *Homem* de **hominem;** *hoje* de **hodie;** *hora* de **horam.** 2.º De um *f* (por influência castelhana): *Hediondo* de **fœtibundum.**

Sabido é que o *f* latino a que segue uma vogal é representado por *h* em castelhano. Assim *fazer, fava* dos vocábulos latinos **facere, fabam** deram em castelhano *hacer, haba.*

Em regra geral, as consoantes latinas iniciais persistem na passagem para o português. São excepcionais os casos de supressão, como *tisana* de **ptisanam,** *irmão* de **germanum** e poucos mais.

II

GRUPOS CONSONÂNTICOS
Lh, nh, ch

Lh

Este grupo corresponde ao som a que chamam os franceses *l* molhado, figurado em seu idioma por *ill* no meio dos vocábulos e *il* no fim, como nas palavras *famille, fille, bataille, billet, péril.*

O *l* molhado não o conheciam os latinos.

Serve ordinariamente o *lh* para impedir os hiatos, que são no latim precedidos de *l; Filho* de **fillium;** *alho* **de allium;** *milha* de **milia;** *milho* de **milium;** *palha* de **paleam,** *folha* de **folia;** *folho* de **folium;** *conselho* de **consilium;** *mulher* de **mulierem;** *celha* de **cilia;** *batalha* de **batalia;** *julho* de **julium;** *parelha* de **parilia;** *melhor* de **meliorem;** *muralha* de **muralia.**

Às vezes tem por origem as combinações *cl, dl, gl, bl, tl, pl: Abelha* de **apiculam;** *ovelha* de **oviculam;** *orelha* de **auriculam;** *cravelha* de **claviculam;**

olho de **oculum;** *joelho (geolho)* de **genuculum;** *rolha* de **rotulam;** *artelho* de **articulum;** *mantilha* de **manticulam,** *malha* de **maculam;** *ralhar* de **radulare** e não **rabulare;** *trilho* de **tribulum;** *telha* de **tegulam:** *relha* de **regulam;** *tralha* de **tragulam;** *celha* (tabuleiro) de **situlam;** *escolho* de **scopulam.**

Outras vezes provém o *lh* de um *z* geminado, latino ou de outra língua novolatina: *Malho* de **malleum;** *bolha* de **bullam;** *trolha* de **trullam,** *centelha* de **scintillam,** *embrulhar* de **embrollar** (esp.); *bilhete* de **billetam;** *vermelho* de **vermillum;** *molhar* **de molliare;** *bilha* de **billa** (esp.); *manilha* de **manilla** (esp.); *pulha* de **pulla.**

Nos primeiros documentos da nossa língua não era o som deste grupo consonântico transcrito por *lh,* senão por combinações de vozes produzindo hiatos e mais tarde por um *l* simples ou geminado: *moyer, meor, muler, melor, muler, melor.*

Nh

Como o *lh,* assim também o grupo *nh* serve para impedir os hiatos: aquele, como vimos, opõe-se aos hiatos que nas palavras latinas são precedidos de *l* ou nas palavras que, procedentes d'outras línguas, têm essa consoante entre as duas vogais que as constituem; este, porém, opõe-se aos hiatos precedidos no latim de *n: Banho* de **balneum;** *senhor* de **senioren,** *adivinhar* de **addivinare;** *tinha* de **tineam;** *aranha* de **aranean,** *linho* de **lineum;** *linha* de **lineam;** *cunho* de **cuneum;** *vinha* de **vineam,** *pinha* de **pinean;** *tenho* de **teneo;** *venho* de **venio.**

Pode também o *nh* ter por procedência um *n* simples ou geminado, um *d,* um *ñ* ou um *nh* originário, não de fonte latina: *Vinho* de **vinum***; farinha* de **farinam;** *cozinha* de **cocinam** por **coquinam;** *caminho* de **caminum;** *grunhir de* **grunire;** *padrinho* de **patrinum;** *madrinha* de **matrinam;** *ninho* de **nidum;** *rainha* de **reginam;** *ganhar* de **gazanhar** (prov.); *penha* de **pena** (esp.); *sobrinho* de **sobrinum;** *sobrinha* de **sobrinam.**

Outros exemplos há em que se nos depara o *nh* como procedente da combinação *gn: Punho* de **pugnum;** *anho* de **agnum;** *cunhado* de **cognatum;** *senha* de **signa;** *manho* de **magnum;** *tamanho* de **tamagnun;** *conhecer* de **cognoscere;** *lenho* de **lignum;** *lenha* de **ligna.**

O *nh* dos diminutivos portugueses *inho, zinho* não provém diretamente do latim, senão do sufixo italiano *ino, ina,* que, por sua vez, se liga ao latim *inus, ina, inum* ou ao grego *nos, ine, inon: Casinha* de **casina;** *capinha* de **capino;** ***pobre****zinho* do **poverino;** *olhinho* de **occhiolino.**

Ch

O *ch* (com o som que tem em *chá, chapéu)* provém: 1.° Do grupo *pl: Chuva* de **pluviam;** *cheio* de **plenum;** *chorar* de **plorare;** *chão* de **planum;** *ancho* de **amplum;** *encher* de **implere;** chantar (ant.) de **plantare**. 2.° Dos grupos *cl, scl: Chamar* de **clamare;** *chave* de **clavem;** *manchar* de **maculare;** *charamela* de **calamellus;** *macho* de **masculum. 3.º Do** grupo *fl: Chama* de **flammam;** *inchar* de **inflare. 4.**° De um *c: Chefe* de **caput;** *charrua* de **carrucam;** *prancha* de **plancam;** *chapa* de **cappam;** *chapitel* de **capitellum.**

Estes últimos vocábulos, porém, bem que de origem latina, não nos vieram diretamente desta língua e sim por influência do francês, que nos forneceu os vocábulos *chef, charrue, planée, chape, chapiteau,* donde foram aqueles imediatamente tomados. Era desconhecido dos romanos o som chiante, que damos ao *ch.*

Os vocábulos que se escrevem no latim com *ch,* ou que são representados pela letra a que os gregos chamavam, *chi* (ki), devem escrever-se em português com *ch* duro[23]. Tais *são* as palavras *Christo, chaos, chylo, química, quimera, cacheticeo, chiromancia, archonte, cherubim, monarcha, arcanjo, archico, tachygraphia, Achiles* etc.

As consoantes latinas em sua passagem para o *português* e para os idiomas *românicos* nem sempre, como acabamos de ver, se conservam com os mesmos sons originários, sendo, algumas até diferentemente transcritas, conforme os novos sons que adquiriram.

Todas essas modificações se não fizeram à ventura, senão por processos e princípios gerais, mais ou menos uniformes, que a *fonologia* explica e a que se dá a denominação de *leis gerais das permutas.*

A natureza nada faz a esmo e sem razão: enquanto nos açodamos em precipitadamente lhe colher e compreender os segredos, enquanto em nossa vaidade julgamos tê-la presa e cativa, conduzindo-a e governando-a, a nosso sabor, ela, sempre como mestra previdente e guia esclarecido, vai direito seu caminho, sem saltos nem violências, desenvolvendo os seus processos fecundos, não patenteando seus íntimos recessos, senão ao estudo modesto, paciente e sábio, àquela *prudens interrogatio* do sábio, a que tanto devem as ciências da observação.

---

23. Considere-se, nesta situação, a ortografia vigente à época da publicação da obra; na ortografia contemporânea, substituiu-se o "*ch*" por "*c*" ou "*qu*" conforme o caso. (n.e.)

CAPÍTULO VII

Leis das permutas das consoantes

O fenômeno das *permutas* assenta em duas leis ou princípios gerais, que se fundamentam na observação dos fatos que nos sugere o estudo comparativo das línguas. Tais são os seguintes:

1.° O princípio de transição.
2.º O princípio do menor esforço ou da menor ação.

O primeiro princípio exprime que as permutas não se fazem violentamente e ao acaso, mas por uma transição natural; de maneira que se não passa de salto e precipitadamente da consoante de um grupo ou ordem a outra consoante de grupo ou ordem diferente: as permutas realizam-se entre as consoantes homorgânicas.

Entre o *c* e o *g,* entre o *t* e o *d,* entre o *b, c, f, p,* são muito comuns as permutas.

O segundo princípio é o da menor ação ou princípio da economia e quer dizer que a linguagem, sendo um organismo vivo, procura exercer-se o mais comodamente possível, empregando o menor esforço, tendendo a realizar o seu fim do modo mais simples.

Num grupo em que há consoantes fortes e consoantes fracas, a passagem não se realiza, em geral, das fracas para as fortes, senão destas para aquelas.

Este segundo princípio manifesta-se de vários modos na permuta das letras:

1.° Pelo abrandamento.
2.° Pela degeneração.
3.° Pela queda da consoante média.
4.° Pelo reforço.
5.° Pela acomodação ou assimilação e pela dissimilação.
6. Pela metátese ou transposição.

Abrandamento - O *abrandamento* é o processo fônico em virtude do qual as consoantes fortes se resolvem noutras homorgânicas, doces ou sonoras.

Assim a labial forte *p* se abranda na homorgânica *b,* que lhe corresponde: Do vocábulo latino *operam* fez-se o português *obra;* de *superbum* fez-se *soberbo;* de *super,* o vocábulo *sobre.*

A gutural forte latina *c* tem como correspondente em português a gutural branda *g: Lacum,* lago; *ficum,* figo; *locustam,* lagosta; *catum,* gato; *ficatum,* fígado.

A dental forte *t* corresponde à dental branda *d: Rotam,* roda, *monetam,* moeda; *motum,* modo; *laudatum,* louvado; *amatum,* amado, *vitam,* vida.

A dental sibilante forte *s* ou *c* tem como correspondente branda a dental sibilante z: *Mensem,* mês; *decem,* dez; *vices,* vezes; *facere,* fazer; *dicere,* dizer; *vicinum,* vizinho; *medicinam,* mezinha.

Degeneração - Degeneração é a passagem de uma momentânea ou explosiva a uma continua. Assim no latim antigo *c* e *g,* articulações explosivas, degeneram em português em contínuas: *Placere (plakere),* prazer, *gentem (guentem),* gente; *ducem (duquem),* duque.

O mesmo fenômeno de degeneração nota-se em *scopam, populum,* que correspondem aos vocábulos portugueses *escova, povo.*

Queda da consoante média - O grau mais forte do abrandamento ou enfraquecimento manifesta-se pela queda da consoante média: Pôr (antigo *poer*) corresponde ao latim *ponere;* ter a *tenere;* ver a *videre.*

Reforço - É o fenômeno oposto ao abrandamento e muito menos comum que este: consiste em reforçar-se a consoante, passando de uma branda a uma forte, ou de uma continua a uma explosiva ou momentânea. Assim o vocábulo latino *Africum* deu em português o vocábulo antigo *abrego; votum* deu o vocábulo português *bodo; vultur,* o vocábulo *abutre; vorsare,* o vocábulo *bolçar.* A líquida do verbo latino *laxare* reforçou-se em português no verbo *deixar,* que no antigo *leixar* mais se aproxima de sua fonte.

Assimilação - *Assimilação* é, como já vimos, a atração que exerce uma consoante relativamente a outra, que se lhe assimila e acomoda o mais possível. Do prefixo latino *ad* e do verbo *tendere* (tender) fez-se em português, por atração, o verbo *atender;* de *in* e *mortalem,* a palavra *imortal.*

A *assimilação* é *completa* ou *incompleta,* conforme a consoante que muda se assimila inteiramente a outra, ou se lhe acomoda simplesmente, sem se lhe assimilar de todo.

Neste último caso recebe miais propriamente o nome de *acomodação.*

Dissimilação - Designa-se assim o fenômeno fônico em virtude do qual a vizinhança de dois sons idênticos e uniformes faz que se modifique um deles, para evitar um mau soído. Encontra-se exemplificada na palavra latina *lilium,* donde, por *dissimilação,* se fez em português a palavra *lirio,* transformando-se a segunda articulação *l* em *r,* para evitar a repetição monótona e desagradável dos dois sons idênticos *li-li.*

Metátese - Metátese é o metaplasmo que consiste em deslocar uma

consoante por necessidade eufônica: Do latim *feriam* formou-se em português o substantivo *feira*; *de fenestram,* o substantivo *fresta*; de *singiber ou zinziber,* o vocábulo *gengibre;* de *pigritiam,* o vocábulo *preguiça.*

O conhecimento dessas leis fonéticas é da maior importância no estudo da origem das palavras, é a luz que, acompanhando os vocábulos de transformação em transformação, em sua marcha evolutiva, nos leva com seguridade e desassombro aos veios obscuros, donde se desentranham, livrando do obscuro e tenebroso a difícil ciência da *etimologia,* parcel onde mais de um engenho tem naufragado.

Dos grupos latinos
cl, gl, bl, tr, fl, br, pl, pr, dl, dr, mr, nr, m, st, sp.

CL

O grupo latino inicial *el* geralmente persiste intacto no português; outras vezes se transforma em *ch* ou *cr: Clemente* de **clementem**; *claro* de **clarum;** *século* de **sæculum;** *classe* de **classem**; *cravo* de **clavum;** *crasta* (aut.) de **claustra;** *chave* de **clavem**; *chamar* de **clamare.**

Quando mediano *el* geralmente se transforma em *lh* e às vezes em *ch: Abelha* de **apiculam;** *cravelha* de **claviculam;** *mantilha* de **manticulam;** *malha, mancha* de **maculam;** *trabalho* de **trabaculum;** *velho* de **veclus** (ant.); *espelho* de **speculum;** *vermelho* de **vermiculum.**

Às vezes o *c* do grupo *cl* se adoça, transformando-se em *g: Igreja* de **ecclesiam;** *mágoa* de **maculam.**

GL

O grupo *gl* ou se conserva, como *gula* de **gulam;** *glória* de **gloriam;** ou se transforma em *lh,* como *telha* de **tegulam;** *coalho* de **coagulum;** *relha* de **regulam.**

BL

Bl conserva-se na maior parte dos vocábulos em sua passagem do latim para o português: *Blandícias* de **blanditias;** *fábula* de **fabulam.**

Quando mediano *cl* é muitas vezes transformado em *lh: Trilho* de **tribulum.**

Às vezes com a queda de uma das consoantes do grupo, ditonga-se ou reforça-se a vogal: *Tábua* de **tabulam.**

Tr

Este grupo ordinariamente se conserva; às vezes se abranda em *dr: Trave* de **trabim;** *trado* de **teredinum;** *traça* de **taraza** (esp.); *transmudar* de **transmutare;** *transnadar* de **transnatare;** *transpirar* de **transpirare;** *trabucar* de **trabucare;** *travesso* de **transversum;** *trebelhar* de **tripudiare;** *tristeza* de **tristitiam;** *adro* de **atrium**, *padrinho* de **patrinum;** *madrinha* de **matrinam;** *vidro* de **vitrum**; *frade* (*fradre*), por dissimilação, de **fratrem.**

FL

O grupo *fl* ou se conserva intacto ou se transforma em *fr, ch: Flanco* do latim medieval **flancum;** *flagelo* de **flagellum;** *inflamação* de **inflammationem;** *frasco* do latim medieval **flascum;** *chama* de **flammam;** *cheirar* de **flagare.**

Br

O grupo *br,* inicial ou mediano, conserva-se intacto: *Braço* de **brachium**; *fábrica* de **fabricam;** *febre* de **febrem;** *membro* de **membrum.**

A primeira consoante do grupo algumas vezes degenera em *v*: *Livro* de **librun;** *lavrar* de **laborare;** outras vezes essa consoante degenera em *v,* com queda ou metátese do segundo elemento do grupo: *Crivo* de **cribrum;** *trevas* de **tenebras.**

Neste último vocábulo, afora a degeneração do *b* em *v* e da metátese do *r*, há queda da consoante média e do *e* metatônico.

PL

Neste grupo as duas consoantes originarias ou se conservam no português ou se transformam em *pr, ch, lh: Triplo* de **triplum;** *plano, pleno* de **plenum;** *manipulo* de **manipulum;** *praga* de **plagam;** *pranto* de **planctum;** *pregar* de **plicare;** *praça* de **plateam;** *chumbo* de **plumbum;** *chuva* de **pluviam;** *chorar* de **plorare;** *chato* de

platum; *chus* (ant.) de **plus;** *cheio* de **plenum;** *escolho* de **scopulum.**

Pr

O grupo *pr* ou se conserva intacto ou se transforma em português em *br: Prompto* de **promptum;** *comprar* de **comparare;** *cobre* de **cupreum;** *sobre* de **super;** *sobrancelha* de **supercilia.**

Dl

O grupo *dl* não figura como inicial em vocábulo algum português; como médio, ou se conserva, ou se transforma em *lh* com a queda da vogal intermédia: *Escândalo* de **scandalum;** *crédulo* de **credulum;** *ralhar* de **radulare,** que deu também o vocábulo **ralar.**

Com a queda da segunda letra do grupo reforça-se às vezes a vogal intermediaria, ditongando-se: *Amêndoa* do latim medieval **amandola,** corruptela do latim **amygdala.**

Do vocábulo latino **querquedula,** que, por dissimilação, se transformou em **cerquedula** e depois em **cercedula,** por assimilação, fez-se em português o vocábulo *cerceta*[24], onde se vê que se reforçou o *d* em *t* com a queda da vogal e da consoante seguinte.

Dr

Este grupo ordinariamente se conserva: *Dragão* de **draconem;** *droga* do francês **drogue;** *dromedário* de **dromedarium;** *drama* do latim moderno **drama.**

Algumas vezes é **para** notar a queda da primeira consoante do grupo: *Crer* de **credere.**

Mr, Nr

Estes dois grupos medianos sempre se conservam intactos: *Câmara* de **camera;** *número* de **numerum;** *gemer* de **gemere;** *gênero* **de genere;** *genro* de **generum.**

---

24. Ave semelhante a um pato. (n.e.)

Mn

Neste grupo uma das consoantes costuma cair ou ambas se conservam: *Outono* de **Autumnus,** *columna* de **columnam;** *comndenar*[25] de **condemnare;** *dona* de **dominam;** *nomear* de **nominare,** *domar* de **dominare.**

Como inicial este grupo só figura em vocábulos de origem grega, que não são da linguagem popular: *Mnemônico, mnemônica, mnemotecnia, Menmósines.*

St, Sm, Sp

Os grupos *st, sm, sp* nos vocábulos de cunho propriamente português sempre se tornam medianos pela próstese do *e: Estar* de **stare;** *estudo* de **studiun;** *esmeralda* de **smaragdum;** *esperar* de **sperare;** *esposo* de **sponsum.**

Só figuram como iniciais em palavras estrangeiras, empregadas em nossa língua, e em expressões latinas, não despidas ainda das vestes originarias.

Tais são as expressões latinas *statu-quo, spina-ventosa, specimen, stabat-mater:* as inglesas *spleen, sport* e a palavra *stepe* de origem eslava.

25. Considerando a ortografia empregada à época da publicação original (n.e.)

PARTE SEGUNDA
Ortografia

CAPÍTULO I

Da ortografia e dos sistemas ortográficos

I

A coleção dos caracteres gráficos com que se notam os sons dos vocábulos de uma língua chama-se **alfabeto,** que se compõe no português, como em todas as línguas novolatinas, de vinte e cinco letras, as quais se colocam na ordem seguinte: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

O *alfabeto* das línguas *românicas* procede do *latim;* os romanos derivam o seu do *alfabeto grego,* que lhes foi transmitido pelas colônias comerciantes de Cumas e da Sicília; o dos gregos veio-lhes diretamente do fenício, sendo este último sua origem, conforme afirma a filologia, na taquigrafia hierática dos egípcios, que foi modificada e transformada.

Como o *alfabeto* grego, o *alfabeto* romano não contava a princípio o mesmo número de caracteres gráficos. Assim é que os latinos não distinguiam ordinariamente na escritura a vogal *i* da consoante ou semivogal *j,* nem a vogal *u* da consoante ou semivogal *v*.

A confusão tão usual entre estas duas letras ou caracteres não se limitava só à escritura, senão também ao som ou pronunciação, que se notava ainda entre os melhores modelos latinos do bom falar. A aproximação ou confusão dos sons representados pelo *u* e pelo *o* é que explica porventura a simultaneidade das formas *faveo* e *fautor, caveo* e *cautus, monui* e *delevi, nauta* e *navita, avis* e *auceps, avitium* e *auspitium, volveo* e *volutum, solveo* e *solutum, lavo* e *lautum* etc. O *z* e o *y,* tomados ao alfabeto grego, eram só usados no tempo de Cícero em vocábulos de procedência grega.

A ordem na disposição dos diversos caracteres literais em nossa língua e em todas as *românicas* outra razão de ser não tem, que sua origem mesma latina; de feito, o alfabeto fenício, de origem egípcia, transformado pelos fenícios e por estes levado às bordas do Mediterrâneo e adotado por gregos, Etruscos e latinos, não conhecia as vogais de que se serviam os idiomas destes últimos povos e as línguas procedentes do latim, sendo *ipso fato* diversa a disposição que guardavam na colocação de seus caracteres; tal disposição, porém, seguem as línguas *novolatinas,* que, adotando o alfabeto latino, conservaram a mesma distribuição dos caracteres literais.

A *ortografia* ou considera as palavras de per si, ou em relação umas às outras;

no primeiro caso, diz-se *ortografia absoluta* ou *de uso;* no segundo, *ortografia relativa, de princípios* ou *de regras.*

Outro fundamento não tem a primeira que o *uso* ou a *etimologia;* para ela não se podem estabelecer regras seguras, princípios gerais e invariáveis. Assim é que só o uso explica **a** razão por que o pronome da primeira pessoa do singular *eu* assim se representa, enquanto em muitos vocábulos da mesma analogia fonologia é o mesmo som figurado por *eo* ou *eu:* tais são os vocábulos *meo, teo, seo, deo, creo,* que assim se figuram ou dest'outro modo: *meu, teu, seu, deu, creu,* empregando-se a letra *u* como pospositiva ou subjuntiva do som ditongal.

A segunda tem por fundamento os princípios mesmos da língua, tem suas regras, seus princípios gerais. Assim os números, os gêneros, os graus, as pessoas, todos os acidentes, em suma, dos nomes, dos pronomes e adjetivos; os modos, os tempos, as pessoas e outras modificações dos verbos, trazem às terminações dos nomes, dos pronomes, dos adjetivos e dos verbos mudanças correspondentes a essas diferentes ideias e relações.

Só da primeira espécie de ortografia trataremos aqui, porque a segunda, como já o fizemos notar, se acha compreendida na *Lexicologia* e na *Sintaxe.*

II

A três podem reduzir-se os diferentes sistemas ortográficos: **sistema etimológico** ou **de derivação; sistema fonético,** nacional ou filosófico; e sistema usual, misto ou eclético.

A regra única do *sistema etimológico* é escrever as palavras segundo sua derivação ou etimologia.

Neste *sistema* representam-se os vocábulos da língua em que se escreve com as mesmas letras com que se representam noutra língua os vocábulos donde se derivaram aqueles.

Tal sistema empregado exclusivamente não pode admitir-se: seguido à risca, é dificílimo, senão de todo o ponto inexequível.

Com efeito, tendo nossa língua, afora o fundo latino, um número considerável de vocábulos de várias procedências, seria necessário conhecer todas essas línguas donde tais vocábulos provieram. Aos sábios, portanto, pertenceria dar a lei neste ponto; mas o uso aqui não é por eles fixado, senão pelo povo na acepção geral desta palavra.

Demais disso, havendo uma tendência natural a figurar os sons conforme os pronunciamos, na transformação de um idioma em outro ou outros, variando sempre esses sons, adulterando-se e corrompendo-se no tempo e no espaço,

chegam por fim a obscurecer todo o resquício etimológico, perdendo-se o fio que os liga e conduz à sua fonte; de modo que em nossa língua, como em todos os demais idiomas, etimologias há obscuras, incertas, vagas e de todo desconhecidas.

O *sistema de pronunciação* ou *fonético* manda escrever os vocábulos como os pronunciamos.

Este sistema não admite na escritura vogal ou consoante que não corresponda a um som, nem o mesmo caráter como sinal de vários sons.

O *sistema de pronunciação* é igualmente inadmissível, pela razão da permanência e estabilidade dos caracteres, contraposta à variabilidade dos sons, não sendo assim possível a correspondência exata entre os sons e os caracteres que os representam e figuram, porque estes se conservam sempre os mesmos, são permanentes e aqueles, ao revés disso, variam.

Neste *sistema* um mesmo vocábulo teria ortografia diferente conforme as províncias e as épocas; multiplicar-se-iam os homônimos, produzindo-se assim a obscuridade, confusão e empobrecimento da língua.

Nenhum desses dois *sistemas,* pois, usado só por só e exclusivamente, deve admitir-se.

Efetivamente, ou a *ortografia* varia para acompanhar a variedade da pronunciação e representá-la fielmente, e então se tornam ilegíveis os escritos dos séculos anteriores, introduzindo-se dest'arte a desordem e a anarquia, que são a morte mesma e a negação de todo o sistema, ou fica e permanece sempre a mesma, e então não representa com exação e fidelidade os sons da língua atual, senão os que possuía esta em épocas anteriores.

> «Não se lê», diz um douto escritor[26], « letra por letra, mas a figura inteira da palavra faz impressão a um tempo na vista e no espírito, de feição que, quando essa figura se muda de repente de modo considerável, as palavras perdem a fisionomia que as torna reconhecíveis a vista[27].»

O sistema preferível é o *usual* ou *misto.*

Combinação criteriosa dos três fatores: a *pronúncia,* a *etimologia* e o *uso,* esse *sistema* formula as regras seguintes:

---

26. Bossuet, citado por Marty-Laveaux.

27. A Academia Brasileira e outros escritores, portugueses e brasileiros, nestes últimos tempos, têm autorizado reformas que perfilham este sistema de pronunciação. Ainda não julgamos de bom aviso aconselhá-lo, esperando a sanção indefectível do uso, a que não pertence só o *jus et norma loquendi,* senão também o *jus et norma seriben li.*

1.° Quando a *pronúncia* se não opuser à *etimologia,* devemos seguir a *etimologia.*
2.° Quando, porém, estiver em desacordo a *pronúncia* com a *etimologia,* deve preferir-se aquela.
3.° Naquelas palavras cuja *ortografia* o *uso* tiver sancionado, por mais que destoe este da *etimologia,* devemos segui-lo.

Por mais esforços que empreguem, não poderão os neógrafos levar de vencida o *uso,* mestre e árbitro soberano em muitas questões de linguagem, a cujas decisões inconscientes cedem por vezes a razão e a lógica.

Em despeito disso, encontram-se no *sistema usual* defeitos, que reformas lentas, graduais e razoáveis acabarão por emendar e corrigir.

São estas as principais causas da irregularidade dos *sistemas ortográficos:*

1. A existência de muitos caracteres para figurar um mesmo som.
2. A existência de muitos sons figurados ou representados por um só caráter.
3. Não haver letras senão para figurar as vozes e as articulações mais sensíveis, não podendo a escritura representar todas as modalidades das vozes e dos ruídos consonânticos, todos esses cambiantes fônicos, todas essas sutis e fugitivas meias tintas da gama dos sons, que escapam e se subtraem a toda a figuração.

A todas essas causas se ajunta uma, que nos não parece de importância menor; tal é a seguinte: sendo de origem *semítica* o alfabeto que dos latinos adotamos, por grandes que sejam as transformações e alterações posteriormente introduzidas, são esses caracteres literais os menos adaptados a representar os sons de línguas de família diferente.

CAPÍTULO II
Do Emprego da maiúscula

A *maiúscula,* chamada também *letra grande* ou *capital,* escreve-se:

1.° No começo de uma frase:

«Quem pergunta quer saber» (Prov.)
«O viandante que debaixo do sol ardente caminha todo o dia por charneca safara e erma, se, ao cair do sol, descobre abrigada à sombra de algum rochedo uma bonina solitária, pára e contempla com um sentimento de júbilo a pobre flor, que em variegado jardim lhe seria importuna por singela e campesina.» (A. Herc.)

2.° Na primeira palavra de cada verso:

«Rosa de amor, rosa purpúrea e bela,
Quem dentre os goivos te esfolhou na campa?» (Garret)[28]

3.° Depois de um ponto:

«Era por uma destas noites vagarosas do inverno, em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluta e tétrica. Era a hora em que o homem está recolhido em suas mesquinhas moradas; em que pelos cemitérios o orvalho se pendura do topo das cruzes». (A. Herc.)

4.° Depois de um ponto interrogativo ou admirativo:

«A Sansão arrancaram-lhe os olhos os filisteus, porque os entregou a Dalila. Não lhe fora melhor a Sansão fechar os olhos, para não ver, que perdê-los porque viu?
« Não lhe fora melhor a Amon não ver a Thamar?

28. À imitação dos espanhóis, os poetas portugueses vão generalizando o uso de não empregar a maiúscula no começo de cada verso, senão quando, como na prosa, há uma pontuação que o exija,

« Não lhe fora melhor a Holofernes não ver a Judith?»
(A. Vieira)
«Deploráveis mortais! Não somos nada!» (Bocage)

Essa regra, porém, tem algumas exceções: se o pensamento não ficou de todo concluído, apesar da interrogação ou da admiração, seguir-se-á a minúscula:

«O amor *não vê* distância:
É imenso e é mudo!
Há luz? ardor? fragrância? Mais nada!? e é tudo ».
(Th. Ribeiro)

Oh! Quem nascera lá na pátria dele,
Onde se pode amar.
Quem poderá voar!. . . voar!. . . voar!...»
(Idem)

5.° Em todos os nomes próprios, quer de homens, quer geográficos e nos vocábulos que indicam seres morais ou abstratos, considerados personificadamente: *Tácito, Virgílio, 0cídio, Theófilo, Themístocles, Sócrates, Platão, Alexandre, Alcebíades, Roma, Carthago, Athenas, Esparta, Aníbal, Scipião, Cincinato, Baía, Recife, Ceará, Itaparica, Cachoeira, ltamaracá, Petrópolis, Itu* etc.

«Entrai pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina, penetrai o mais interior e retirado daquelas soledades; que e o que vedes? Naquela cova vereis metido um Hilário, naquel'outra um Macário, na outra mais apertada um Pacômio; aqui um Paulo, ali um Jerônymo, acola um Arsênio, da outra parte uma Maria Egipcíaca, uma Thaís, uma Pelágia, uma Theodora. Homens, mulheres, que e isto?» (A. Vieira)

«Estúpido não sabe que apressada
A pálida *Doença*
Atrás dele caminha: que já chega
Envolta em parda nevoa
A *Morte* inexorável, derramando
Co'a fria mão angústias»
(Garção.)

6.° Nos vocábulos que designam as constelações: As duas *Ursas,* o *Cisne,* o *Dragão,* o *Serpentário,* a *Virgem,* o *Cão,* o *Leão,* a *Balança,* o *Câncer,* os *Gêmeos,* o *Bootes* etc.

7.º Nos nomes designativos das ruas, bairros e praças de uma cidade: A rua da *Lapa,* a rua do *Ouvidor,* a rua do *Hospício,* o largo do *Rocio,* o campo dos *Mártires,* o cais dos *Mineiros,* a rua da *Uruguayana,* a *Tijuca,* o *Botafogo,* o *Realengo, Copacabana,* o bairro da *Mouraria,* o bairro da *Almada,* o bairro da *Boavista,* o bairro da *Soledade.*

8.° Depois de dois pontos, quando nos referimos às palavras de alguém, constituindo estas um discurso direto:

«Já no seu tempo se queixava Sêneca da vã curiosidade dos doutos: Aprendemos a disputar, dizia o filósofo; não aprendemos a viver.» (Bluteau.)
«Diz São Martinho: Velho ajuntando é fazer alforge no fim da jornada.» (Bernardes.)

9.º Em toda a palavra que é título de uma obra, de qualquer produção científica, literária ou artística e no designativo de qualquer gazeta ou publicação periódica, de qualquer navio de guerra ou mercante: A *Odisseia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio, o *Rei Lear* de Shakespeare, a *Divina Comédia* de Dante, a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, a *Oração da Corôa* de Demósthenes, os *Varões Ilustres* de Latino Coelho, o *Habeas Corpus,* as *Cartas de Inglaterra* de Ruy Barbosa, a *Transfiguração* de Rafael, o *Réquiem* de Mozart, o *Leviathan* de Hobbes, o *Guarani* de Carlos Gomes, a *Norma* de Belini, os *Lusíadas* de Camões, a *Henriquíada* de Voltaire, as *Décadas* de João de Barros, os *Miseráveis* de Victor Hugo, a *Gramática Portuguesa* de Júlio Ribeiro, a *Gazeta de Lisboa,* o *Debate,* o *Jornal do Comercio,* o *Jornal de Notícias,* a *Gazeta de Notícias,* a *Imprensa,* o hiate *Dois Amigos,* o brigue *Esperança,* o *República,* o *Destemido,* o *Minas-Gerais* etc.

10.º No nome de *Deus* e todos os seus sinônimos e na palavra *Igreja,* quando indica a sociedade de todos os fiéis católicos, apostólicos, romanos, reunidos sob seu chefe visível.

Bem que, em geral, pouco difiram as regras atinentes ao emprego da maiúscula de uma a outra língua novolatina, todavia na gramática de todas essas línguas, ainda muita coisa há vaga, indecisa, arbitrária e incoerente com relação a este ponto ortográfico.

Entre nós divide-se o uso de representar por maiúscula ou minúscula os nomes designativos dos meses, dos dias da semana, os franceses, porém, em tais casos fazem constante uso da minúscula, escrevendo *mars, avril, juin, aout* e não *Mars, Avril, Juin, Aoút; lundi, mardi, samedi* e não *Lundi, Mardi, Samedi.*

CAPÍTULO III

Divisão das sílabas; abreviaturas; letras** capitais, **representativas** de **números.

I

Quando uma sílaba qualquer se formar de ditongo próprio ou impróprio, as vogais que a constituírem não se poderão separar: *Deus, céu, teu, meu, mais, pai, mãe, pou-co, noi-te, coi-sa, quin-to, quin-dim, quin-ze, lí-qui-do, ques-tão, que-si-to, qui-a-bo.*

Quando duas ou mais vogais reunidas não formarem ditongo próprio ou impróprio, poder-se-ão separar: *Sa-ú-de, le-al, a-in-da, ca-ná-ri-o.*

Toda a consoante simples que formar sílaba com a vogal seguinte não se poderá separar da vogal a que modifica: *Fe-liz, a-mor, li-da, Ma-ri-a, pa-li-to, pa-pel.*

Toda a consoante que se colocar entre duas vogais, pertencerá à vogal seguinte, salvo se essa consoante for *x,* precedida de *e,* que então se reunirá ao *e* que lhe precede: *A-ro, a-ra, ba-la, u-va, ú-vu-la, a-ma, a-ço, go-le, gu-la, ex-a-me, ex-em-plo, ex-a-cto*[29]*, ex-ér-ci-to, ex-er-cí-ci-o.*

Os caracteres *c, l, n, p, t,* quando seguidos de *h,* não se podem separar desta letra: *Cha-ve, cho-que, chu-va, lha-no, mo-lhe, se-nha, mi-nha, ti-nha, le-nha, pi-nha, phi-lo-só-pho, si-fão, sym-fo-ni-a, the-ma, am-fi-the-a-tro.*

Se for dobrada a consoante, ficará a primeira unida à vogal que lhe preceder: *Col-le-ga, col-le-gi-o, il-lu-mi-nar, met-ter, ad-mit-tir, op-por, oc-cor-rer, ab-ba-de, at-ten-ção, cor-rer, car-ro.*

Se não forem idênticas as duas consoantes, sendo a primeira *l* ou *r,* qualquer desses últimos caracteres se unirá à vogal precedente: *Pal-ma, tal-vez, pol-pa, cal-vo, cal-ma, tol-do, gol-pe, gol-fão, ter-so, ver-so, ver-me, cor-co-va-do.*

Quando qualquer consoante for seguida de *l* ou *r,* unir-se-á a esta para formar sílaba com a vogal que vier depois: *En-tra-da, a-tra-bi-li-á-ri-o, a-tra-sa-do*

---

29. Destaque-se que, na edição original, seguindo a ortografia vigente à época de E.C.R., grafava-se o termo na forma "*exacto*", considerando o "*c*" pós-vocálico como pertencente à sílaba seguinte: "*ex-a-c-to*"; tal modelo de separação silábica não é raro, a exemplo do que ensina Eduardo Carlos Pereira em sua *Grammática Expositiva*, datada de 1918, p. 21: "Nos grupos consonantaes as consoantes dobradas são separadas no fim da linha, as outra não: *ap-parecer, at-tenção, ac-ção, e a-pto, ac-to, escri-pto*. (n.e.)

tri-lho, tri-no, tre-la, tre-vo, en-con-tro, so-gro, pe-dra, gro-sa, gri-nal-da, em-ble-ma, cla-ve, pro-var, tro-va, en-cra-var, en-tru-do, pro-ble-ma.

Em palavras puramente portuguesas nenhum vocábulo há cujas sílabas sejam constituídas pelos grupos *jl, jr, ml, mr, nl, nr, ql, qr, sr, cl, xl, xr, zl, zr.*

São raríssimos em nossa língua os grupos *sl, tl:* depara-nos apenas a língua os vocábulos *slavo, tlintar, tlim-tlim**.

Certos grupos consonânticos há que se unem sempre à vogal seguinte para formar sílaba com ela. Tais são os seguintes: *ct, dm, dn, m, gm, gn, pe, pn, ps, pt, se. A-cto, Ca-dmo, A-ri-a-dna, gy-mna-si-o, con-de-mnar, au-gmen-tar, si-gni-fi-car, a-do-pção, pneu-má-ti-co, psal-te-ri-o, psal-mo-di-ar, prom-pto, com-sci-en-ci-a, pre-sci-en-ci-a, o-mni-sci-en-ci-a.*

As consoantes liquidas *l* e *r* ligam-se muito frequentemente como segundo elemento componente às consoantes *b, c, d, f, g, p, t,* para formar os grupos consonantes *bl, br, cl, er, dr, f, fr, gl, gr, pl, pr, tr.*

Nos vocábulos que começam pelas sílabas *com, in, per, pro, circum, super, re, retro,* sendo tais prefixos seguidos de ***s***, esta última letra pertence geralmente a sílaba seguinte: *Com-sti-tu-i-cão, im-sta-bi-li-da-de, per-scru-ta-ção, pro-spe-rar, cir-cum-stan-ci-a, su-per-sti-ção, re-tro-spe-cto, re-spon-der, re-sus-ci-tar, re-strin-gir, re-sur-gir, per-spe-cti-va, per-si-gnar, per-sis-ten-te, per-spi-caz, re-sti-tu-ir,*

Nos vocábulos que têm por iniciais *in, des,* privativos, o *n* ou ***s*** pertence à vogal precedente: *In-u-til, in-ha-bil, in-hos-pi-to, des-gra-ça, des-or-dem, des-car-ga, des-a-vir, des-cren-ça, des-can-çar, des-u-nir, des-co-brir, des-ven-dar* etc.

Palavras há cujas sílabas se não separam, segundo sua etimologia. Tais são entre outras as seguintes; *monarcha, método, telescópio, sinônimo, estratégia, sinéresis, pseudônimo, anônimo, sinóvia,* as quais são assim divididas segundo a pronúncia ou o uso; *mo-nar-cha, me-tho-do, te-les-co-pi-o, a-no-ny-mo, es-tra-te-gi-a, si-ne-re-sis, pseu-do-ny-mo, a-no-ni-mo, si-no-vi-a.*

Corre o mesmo com as sílabas iniciais das palavras cujo *radical* ou *tema* latino, principiando pelos grupos consonantes *sp, st* tem no português um *e* prostético: *Espírito, espaço, estado, estudo, espada, espelho, estadio, espetáculo, espectro,* as quais assim se separam conforme a pronúncia portuguesa: *es-pí-ri-to, es-pa-ço, es-ta-do, es-tu-do, es-pa-da, es-pe-lho, es-tá-di-o, es-pe-ctá-cu-lo, es-pe-ctro.*

---

* Hoje incorporados ao léxico na forma canônica do idioma: *eslavo* e *tilintar*; preserva-se, todavia, "*tlin-tlin*" como em outros casos análogos. (n.e.)

II

Depara-nos o estilo epistolar várias abreviaturas, muito em voga outrora, quer nos livros estampados, quer nos manuscritos.

As regras de polidez e cortesia têm a pouco e pouco abolido essas abreviaturas dos livros impressos, limitando-se a maior parte delas aos manuscritos de estilo corrente e familiar, a uma ou outra expressão empregada na linguagem oficial e comercial, aos calendários, as fórmulas médicas, as matemáticas, a clínica ou a certas palavras que não permite o uso se escrevam por extenso, seja qual for o estilo em que se empreguem.

Só pelo uso e pela leitura constante das abreviaturas, e que se elas podem conhecer bem; porque em algumas só se representam as iniciais de que se compõem os vocábulos; noutras, dois ou mais elementos gráficos servem para as representar; noutras, em suma, elementos que não figuram em sua ortografia por extenso.

Para que, entretanto, seja razoável uma abreviatura, forçoso é seja notada com todas as letras rigorosamente indispensáveis para evitar toda a equivocação, e facilitar o conhecimento e interpretação de seu valor significativo.

As *abreviaturas* ou *breves* mais geralmente empregados em nossa língua encontram-se na Figura 3, adiante.

III

Serviam-se os romanos de letras capitais para representar os números, que os árabes representavam pelos dez algarismos seguintes: *1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 0.*

Sete eram os elementos de sua numeração escrita, a saber: I, V, X, L, C, D, M. Esses caracteres figuravam os números 1, 5, 10, 50, 100, 500, 1000.

Assim aos algarismos árabes 1, 2, 3, 4, 5, G, 7, 8, 9, 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 500, 1000 correspondiam os romanos **I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, D, M**.

O valor dos caracteres numerais varia segundo o lugar que ocupam: o algarismo figurativo do número de menor valor, colocado antes do que figura ou representa o número mais forte, fá-lo diminuir tanto, quanto é o valor do mais fraco; quando, pelo contrário, o algarismo que indica o número mais fraco vem depois do que representa o mais forte, este torna-se tanto maior, quanto é o valor daquele. Assim é que o caráter IV representa o número quatro, isto é, cinco menos um; VI representa o número seis, isto é, cinco mais um.

Breves	Valor significativo	Breves	Valor Significativo
Ag.to	Agosto	M.ª	Minha
Alf.es	Alferes	Mr.ª	Maria
Am.º Aª	Amigo	M.s	Mais
Albuq.e	Albuquerque	M.to	Muito
Ant.º	Antonio	M.tas	Muitas
Att.º	Attento	Mīz.	Martins
Aug.to	Augusto	Muit.mo	Muitíssimo
a fl. 4	a folhas 4	Miz.ª	Misericórdia
a fl. 3 v.	a folhas 3 verso	Min.s	Minutos
Bap.ta	Baptista	N.S	Nossa senhora
Bernd.º	Bernardo	N.B.	Note bem
B.to	Bento	O.D.C.	Oferece, dedica e consagra
Cap.	Capítulo	P.e M.e	Padre mestre
Cap.m	Capitão	P.E.F.	Por especial favor
Comp.ª	Companhia	Per.ª	Pereira
Comp.e	Compadre	P.S.	Post-scriptum
Cons.º Cons.ro	Conselheiro	Q.do	Quando
Cor.el	Coronel	Q.to	Quanto
C/v	Conta de venda	Q.	Que
C/c	Conta corrente	Qm.	Quem
Com.são	Comissão	R.ª Re.ee	Recebi
C.ta	Costa	Rev.mo	Reverendíssimo
D.	Dona	R.s	Réis
D.D.	Donas	%	Por cento
D.e	Deve	Rv.do	Reverendo
D.ª D.ª	Dito, Dita	Roīz.	Rodrigues
Dig.mo	Digníssimo	S/c	Sua casa
D.s	Deus	S.E.O.	Salvo erro ou omissão
D.r D.or	Doutor	S.P.	Serviço Público
E.R.M.cê	Espera receber mercê	Snr. Sr.	Senhor
Ex.ma	Excelentíssima	S/c	Sua conta
Ex.mo	Excelentíssimo	S/c. o	Sua conta e ordem
Frž	Fernandes	S.S.	Sua Senhoria
F.º	Filho	Sz.ª	Souza
Fon.ca	Fonseca	S.tos	Santos
H.er	Haver	Supp.e	Supplicannte
Gen.el Gen.al	General	S.R.	Sua residência
Glž	Gonçalves	S.M	Sua Majestade
G.e	Guarde	S.M.F.	Sua Majestade Fidelíssima
Ig.cio	Ignácio	S.A.S.	Sua Alteza Sereníssima
Ill.mo	Ilustríssimo	S.M.I.	Sua Majestade Imperial
Ill.ma	Ilustríssima	T.e	Tenente
J.º	José	V.O.T.	Venerável Ordem Terceira
Joaq.m	Joaquim	V.or Vn.or	Venerador
Jan.ro Jan.º	Janeiro	V.g.	Verbi gratia
I.H.S.	Jesus Hominum Salvator	V.A.	Vossa Alteza
L.b	Libra	V.A.R.	Vossa Alteza Real
Lx.ª	Lisboa	V.Ex.ª	Vossa Excelência
M.D.	Muito digno	V.M.	Vossa Majestade
M.l M.el	Manoel	V.S.	Vossa Senhoria
M.ço	Março	Vm.ce	Vossa Mercê
M.º	Maio	7br.º, 8br.º, 9br.º, 10br.º, ou Xbr.º	Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro
M.e	Mestre		

Figura 3: Abreviaturas ou breves no português

CAPÍTULO IV

Dos Sinais Ortográficos ou Notações Léxicas

Chamam-se **sinais ortográficos** ou **notações léxicas as** notações empregadas para indicar as variações fônicas de uma letra, para ligar em um só todo os membros de uma palavra composta, ou as variações pronominais enclíticas às formas verbais, a cujo acento se subordinam.

Servem também os *sinais ortográficos* para separar ou destacar palavras ou frases e indicar mutilações na integridade dos vocábulos.

Destas notações são as principais as seguintes: O *acento figurado,* dividido em *agudo, grave* e *circunflexo;* a *cedilha,* o *apóstrofo* ou *viracento,* o *trema,* chamado também *ápices, cimalhas* ou *diéreses,* o *til,* a *risca de união* ou *hífen,* as *aspas, comas* ou *vírgulas dobres,* a *risca de separação* ou *travessão,* a *chave,* o *asterisco* e o *ponto abreviativo*[30].

Os quatro últimos são chamados *distintivos* ou *diacríticos;* os outros, *fonéticos.*

Acento **figurado** é um caráter gráfico inventado para indicar a elevação ou o decaimento da voz.

Entre os gregos, donde o tomaram as línguas modernas, era o acento figurado destinado a notar o acento tônico da sílaba e indicar ao leitor as variações desse acento; foi, porém, a pouco e pouco, perdendo toda a relação com o mesmo acento, não sendo hoje, em nossa língua ao menos, senão mero sinal ortográfico.

O *acento figurado* e *agudo, grave* e *circunflexo.*

O *agudo* é representado por uma risquinha, que sai de cima da vogal, inclinada para a direita, deste modo: (´).

O *grave* é representado por uma risquinha, que sai de cima da vogal, inclinada para a esquerda, deste modo: (`).

O *circunflexo* é o encontro dos dois primeiros, isto é, do agudo e do grave, tocando-se em sua parte superior em forma de ângulo agudo, deste modo: (ˆ).

O *acento agudo* indica as vozes mais intensas e abertas, como: *alvará, maná, cajú, massapé, cajá, jabota, jabirú, moco, imbú*[31].

---

30. Do *travessão* e das a*spas* ocupar-nos-emos, quando tratarmos da *pontuação.*

31. Conforme ortografia vigente à época da edição original, pontuavam-se as oxítonas terminadas em "u"; no português corrente: *caju, jabiru* e *imbu.* (n.e.)

Na combinação do artigo *a* com a preposição *a* ou desta com o *a* inicial do adjetivo *aquele,* é essa contração de vozes semelhantes notada pelo acento agudo: *áquele* por *a aquele; á mão* por *a a mão*[32].

É também empregado às vezes o acento agudo como um sinal meramente diacrítico, para distinguir os verdadeiros vocábulos dos meros sons ou sílabas, ou uns vocábulos de outros de categoria gramatical diferente: *Pe* e *pé, se* e *sé, te* e *té, e* e *é, para* (preposição) e *pára* (verbo), *pregar* (pregos) e *prégar* (sermões) etc[33].

O *acento grave* não é usado em nossa língua, sendo-o muito na língua francesa em todos os *ee* abertos que terminam as sílabas ou nos *ee* seguidos de *s* no fim dos vocábulos. Servem de exemplos os vocábulos franceses *pèle, gèle, revère, procès, decès* etc.

O *acento circunflexo* indica os sons graves, as vozes fechadas.

Serve como sinal distintivo ou diacrítico para evitar as homonimias: *Côro* e *coro, gôso* e *goso, môlho* e *molho, chôro* e *choro*[34].

Serve às vezes este acento para notar a contração de vozes semelhantes: *Vêm* por *veem, têm* por *teem.*

Foram os gregos, segundo Dumarsais, os que primeiro introduziram na escritura os acentos figurados.

Até certa época inúteis lhes foram tais sinais, pela perfeição com que pronunciavam os vocábulos de seu idioma.

A introdução dos acentos escritos data do tempo em que, desejando os gregos facilitar a pronunciação de seu belo idioma aos romanos, ávidos de conhecê-lo e admirá-lo, forçoso de algum modo lhes foi, para o conseguir, usassem desses sinais.

Os filhos do Lácio achavam assim, em Athenas, meios que lhes facilitavam a doce, numerosa e encantadora língua de Thucydides e Demosthenes, de cuja pureza tão ciosos eram os gregos.

Cedilha (do espanhol *cedilla,* hoje *zedilla,* a que se liga a forma italiana *zediglia, z* ou *seta* pequeno) é uma espécie de virgula, colocada por baixo do *c* antes de *a, o* e *u,* para indicar que deve esta consoante ter o som sibilante do ***s*** e não do *k: Praça, poço, alcaçuz, paço, raça, roça* etc.

32. Conforme ortografia vigente à época da edição original; na norma que rege a presente edição, a crase é indicada pelo acento grave, como em *àquele* e *à mão*; em todas as demais partes desta edição, adotou-se a norma vigente. (n.e.)
33. Os chamados acentos diferenciais são hoje empregados em apenas dois casos: por (prep.) x pôr (verbo); pode (pres. do indicativo) x pôde (pretérito perfeito do indicativo). (n.e.)
34. Idem. (n.e.)

Apóstrofo ou viracento é também uma espécie de virgula, colocada no alto de uma consoante e um pouco para a direita, que indica a elisão da vogal *a* ou *e* antes da vogal porque principia a palavra seguinte: *D'este, d'esta, d'esse, d'essa, d'aquele, d'aquela, d'um, d'uma, est'outro, est'outra;* em vez de *de este, de esta, de esse, de essa, de aquele, de aquela, de um, de uma, este outro, esta outra.*

Também se escrevem esses vocábulos e damos preferência a esta ortografia: *deste, desta, desse, dessa, daquele, daquela, dum, duma, estoutro, estoutra.*

Trema (de um vocábulo grego, que significa *buraco*) são dois pontinhos, postos horizontalmente sobre uma das vogais sucessivas que fazem de ordinário ditongo, para indicar que se devem pronunciar separadamente: *Saül, ataüde, alaüde, saüde.*

Em nossa língua é hoje em dia substituída essa notação pelo acento agudo.

O **til** (~) é geralmente empregado para representar a nasalidade das vogais e dos ditongos: *Maçã, irmã, romã, tão, pão, mão, lição, serão, Romão* etc.

É algumas vezes empregado o *til* como sinal de abreviatura: *q̃, que; Roiz̃* em vez de *Rodrigues.*

Outrora indicava também esse sinal a supressão da letra *m* ou *n,* quando terminava uma sílaba.: *Tãbem* em vez de *também; tẽpo* em vez de *tempo; tãto* em vez de *tanto.*

A **risca de união ou hífen** serve para distinguir e ao mesmo tempo ajuntar na escritura os diversos membros componentes de uma palavra, ou unir as variações pronominais enclíticas às formas verbais que lhes precedem: *Fruta-pão, couve-flor, rompe-gibão, quebra-noz, guarda-mancebos, para-queda, amo-te, prezo-te, disse-lhe, dei-lhe, obedeço-lhes.*

Também se ligam pela risca de união os vocábulos *o, a, os, as* à expressão *eis,* cujo *s* se suprime: *Ei-lo, eil-os, eil-a, eil-as*[35,36].

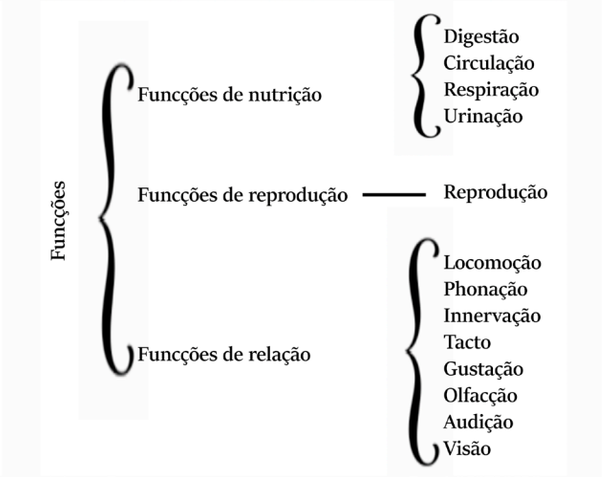
Serve ainda essa notação para indicar a decomposição das sílabas de uma palavra. Assim, quando o último vocábulo de uma linha não couber todo nesta, levaremos a outra ou as outras sílabas que o constituírem para a linha seguinte, unindo-as à linha precedente pela *risca de união.*

Chave é uma espécie de traço ou gancho, quebrado no meio, que serve para compreender ou abraçar muitos objetos, formando deles um todo ou mostrando o que têm de análogo ou comum. Conforme a necessidade, pode

35. Pensam alguns escritores que se deve escrever: *ei-lo, ei-la, ei-los, ei-las* e não como aqui escrevemos.
36. Na norma vigente à época da edição original, a consoante de ligação [*-l-*] aplicava-se ao tema verbal, isolando-se do pronome posto à sílaba posterior; na presente edição, exceto nesta cadeia de exemplos, em todas as formas enclíticas e mesoclíticas foram empregou-se a fórmula atual, com a consoante junto ao pronome formando sílaba.

a *chave* ser colocada horizontal ou perpendicularmente. É frequentemente usada nas contas, nas classificações, nos quadros sinópticos etc.

Há uma exemplificação desse sinal no seguinte quadro sinóptico da classificação das funções:



O **asterisco** (*) nada tem que ver com as variações fônicas dos vocábulos; é sim um sinal tipográfico, a modo de estrelinha, que serve para chamar a atenção do leitor para alguma nota à margem ou abaixo do texto.

O **ponto abreviativo** põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam: v. g.: V**.** S.ª; Il.mo; Ex.cia; etc.

PARTE TERCEIRA
Lexicologia

SEÇÃO 1

CAPÍTULO I

Das palavras e seus elementos mórficos

A parte da *lexicologia* que estuda a palavra em sua forma e estrutura, isto é, como um todo composto de órgãos, chama-se **morfologia.**

As partes ou membros de cada vocábulo, que têm uma função específica, recebem a denominação de *órgãos* ou *elementos morfológicos.*

Estes elementos, que figuram de órgãos dos vocábulos, são os seguintes: **raiz, radical** ou **tema** e **afixos.**

Raiz é o elemento mórfico mais simples, mais geral, o elemento fundamental da palavra e seu núcleo irresolúvel.

Radical ou **tema** é o elemento de significação menos vaga e geral, que indica a primeira formação da palavra, ou a palavra desacompanhada de sua desinência ou terminação.

Afixos são de ordinário elementos gramaticais inteiros, contratos ou mutilados, tomados dos latinos ou gregos, que se ajuntam à raiz ou ao tema e indicam ideias acessórias, secundárias ou relações.

Se esses elementos precedem ao tema, dá-se-lhes o nome de **prefixos;** se, pelo contrário, se lhe seguem, são denominados **sufixos;** uns e outros, bem como a *raiz* e o *tema,* são os órgãos do vocábulo de função especial, constituindo no seu conjunto a estrutura do vocábulo.

Se entre a *terminação* e a *raiz* ou *tema* se intromete algum elemento no vocábulo, recebe esse a designação de *infixo,* o que no português só se exemplifica, quando se separa a *raiz* do verbo de sua terminação, intercalando um pronome ou substantivo: *Dir-te-ei, di-lo-ei, far-te-ei* etc.

Desinências chamam-se as letras ou sílabas que servem para indicar nos substantivos e adjetivos o gênero e número; nos pronomes, o gênero, o número e a pessoa; nos verbos, o número, os modos, os tempos e as pessoas.

Terminação é uma denominação geral, que se aplica a tudo o que se coloca depois do *radical* ou *tema.*

Tem esse vocábulo mais extensão que o termo *desinência,* de modo que toda a *desinência* é *terminação* e não às avessas.

Isso não obstante, tomam-se, em geral, como sinônimos os dois vocábulos.

É a *terminação* dos derivados que se dá mais especialmente a designação de *sufixo.* São *sufixos* as terminações *ouro, eiro, eira, dade, cida, ice* nos vocábulos *logradouro, coqueiro, mangueira, liberdade, matricida, liberticida, homicida, infanticida,*

burrice, bobice, garridice, sandice, fanfarrice.

Entre os termos *raiz* e *radical* ou *tema* faz-se a distinção seguinte; a *raiz* é o elemento geralmente monossilábico, irredutível, comum às palavras que ela forma, pode constar apenas de um grupo consonântico, exprime uma ideia geral e vaga, sem a ideia acessória de tempo, lugar, pessoa ou número; o *radical* ou *tema,* porém, tem por si mesmo uma significação; é uma palavra mais ou menos completa; é o que fica intacto e invariável, quando ao vocábulo se tiram as letras ou sílabas que denotam os acidentes dos nomes, pronomes, adjetivos e verbos.

Tomando-se, todavia, o vocábulo raiz não em seu sentido rigoroso e restrito, senão numa acepção mais ampla, consideram-se muitas vezes como sinônimos os vocábulos *raiz* e *radical* ou *tema.*

Nas palavras podem distinguir-se duas espécies de terminações: *terminações acidentais* ou puramente *gramaticais* e *terminações específicas.*

As primeiras indicam as diversas variações por que passam as palavras para exprimir os casos, os números, o gênero, os modos e as pessoas.

Estas são a que se dá especialmente a denominação de *desinências, flexões* ou *inflexões* ou *desinências flexíveis.*

As terminações *especificas* são as que recebem o nome de *sufixos* e distinguem-se das *acidentais,* em que modificam profundamente o sentido mesmo do *radical* da palavra, a que se apõem.

Assim o sufixo *ice* acrescenta ao radical a que se apõe uma ideia pejorativa: *Tolice, sandice, doudice, bobice, garridice, tafulice, rabulice, patetice, burrice, parvoíce, fofice, momice, macaquice, mouquice, meninice, damice, pequice, esquisitice, fanfarrice, fanfarronice, farçolice, garrulice, tagarelice, estroinice, brejeirice, garotice, beatice, rabulice, bernardice* etc.

O sufixo *oso* ajunta a todos os radicais, cuja significação modifica, a ideia de abundância: *Cheiroso, gostoso, belicoso, formoso, valoroso, custoso, caridoso. cuidadoso, preguiçoso, relvoso, piscoso, folhoso, pedregoso, carunchoso, rochoso, jocoso, pegajoso, horroroso, limoso, nojoso, moroso, arenoso, delicioso, cioso, amoroso, saudoso, afetuoso, chuvoso, ventoso, tempestuoso, furioso, fogoso, vigoroso. fragoso.*

Mas nem sempre um mesmo *sufixo* modifica a significação do *radical* de modo idêntico ao que se observa em relação aos dois sufixos *ice* e *oso:* o sufixo português *eiro,* por exemplo, traz ao *radical* a que se pospõe uma multiplicidade de ideias. De feito, pode esse sufixo significar, ora uma ideia de profissão ou mister, como nos vocábulos *sapateiro, ferreiro, canteiro, bombeiro, carpinteiro, marceneiro, pedreiro, tanoeiro, correeiro, funileiro, barbeiro, taverneiro, garimpeiro;* ora uma ideia de agente produtor, como *limoeiro, coqueiro, cajueiro, jenipapeiro, cafezeiro, sapotizeiro, araçazeiro, bilreiro, tamarindeiro, tomateiro;* já a de qualidade,

estado ou hábito, como nas palavras *veleiro* (barco, navio *veleiro,* soldado *veleiro), prazenteiro, fagueiro, useiro, fragueiro, vezeiro, curraleiro, prisioneiro,* já, em suma, uma ideia de vaso, receptáculo, utensílio, instrumento com que se faz alguma coisa, lugar em que se efetua ou realiza alguma ação; o que se exemplifica nos vocábulos *tinteiro, agulheiro, areeiro, paliteiro, papeiro, candieiro, paneiro, cuscuzeiro, sombreiro, pandeiro, poleiro, travesseiro, açucareiro.*

As *raízes* dividem-se em *verbais, atributivas, predicativas* ou *nocionais* e *pronominais, demonstrativas* ou *relacionais.*

Atributivas ou *verbais* dizem-se as que indicam uma ação ou uma maneira de ser de modo vago e indeterminado, sem indicação de tempo, lugar, pessoa ou número.

Pronominais ou *demonstrativas* dizem-se as que designam as pessoas ou coisas com a indicação de tempo, espaço, gênero e número.

Menos numerosas que as primeiras, estas se lhes unem e ajuntam, combinando-se com elas, tirando-as do vago e indeterminado e dando-lhes precisão.

Como exemplos de *raízes* citaremos a raiz ***fl,*** que se nota nos vocábulos seguintes: *flama, fluxo, flavo, flecha, flexão, flexível, refluxo, influxo, eflúvio, eflorescência, flâmula, efluência, fluir, afluir, defluir, influir, defluxo, confluente, defluente, confluir, fluente, afluente, refluir, fluido, influente, flauta, flatos, flactuar, flotilha;* e ainda:

cap ou **cab** em *cabo, cabido, cabedal, capítulo, capitão, capa, capacete, cabeça, cabelo, cabeço, capitel, cabeçada, cabecel, cabeceira, cabeção, capital, decapitar, decapitação, recapitular, recapitulação, capitanear, acabar, Capitólio, cabidola, capota;*

st em *estar, estante, estado, prestar, prestante, restar, restante, restituir, instituir, instituto, instituição, constituir, constituição, insistir, resistir, resistência, persistir, estanque, estacar, estaca, estabelecer, estupeficar, estupido, estalido, estrondo, restituir, restituição, constar, estupor, destituir, destituição destino, destinar, distante, estância, estação, estudo, estilo, instar, estoque, estuque;*

tr em *trave, travessa, travesseiro, entrave, travar, travão, travessura, traduzir, tradição, tradução, traslado, trasladar, transferir, trajeto, transpor, trabucar, traficar, trafegar, transluzir, transitivo, transgredir, transfuga, tressuar, tresandar, tresvário, trabalhar, traspasso, trasbordar, transfundir, transir, transplantar, tresnoitar, tresler, tresmalhar;*

dic, diz em *dicção, diccionário, contradicção, diccas, dictério, dictar, dictado, ditador, dicto, redizer, dicacidade, dictame, predizer, desdizer*[37].

37. Preservadas as grafias vigentes à época da edição original, acentuadas conforme a norma contemporânea, neste e demais exemplos desta seção. (n.e.)

duc, **duz** em *conduzir, adduzir, reduzir, redução, condução, addução, induzir, indução produzir, produção, conducente, dúctil, ductilidade, ducal, ducado, duque, duqueza, produtivo, reprodução, educação, educar, redução, seduzir, sedução, introduzir, introdução, reducto, viaducto.*

spec em *aspecto, respeito, espelho, inspector, inspecionar, espectáculo, especular, especulação, espectro, espectral, espectador, espécie, retrospecto, especial, especioso, espectaculoso, espia, espiar, respeitar, respeitável, específico, especiaria, prospecto, perspectiva, suspeitar, suspeito, despeito*

Na formação das línguas passam as *raízes* por três fases, estádios ou períodos sucessivos, a que dão os filólogos as denominações de *monossilabismo, aglomeração* ou *aglutinação* e *fusão* ou *flexão.*

No primeiro período as palavras se compõem só de *raízes,* que se justapõem sem se fundir, guardando cada uma delas sua independência e autonomia. Representa este período o estado mais primitivo em que se nos depara a linguagem.

As línguas neste primeiro estadio e que, por circunstâncias especiais, podem nele persistir ou passar aos dois períodos subsequentes, chamam-se *monossilábicas* ou *isolantes.* Tais são o *chinês,* o *anamítico,* o *tibetano,* o *siamês* e o *birmano.*

O período de *aglutinação* é aquele em que as raízes se unem para formar palavras complexas, ficando uma delas intacta e perdendo a outra sua independência e forma primitiva.

Tais são a maioria das línguas *africanas,* as línguas *americanas,* as *uro-altaicas,* as *maleo-polinésicas,* o *japonês,* o *coréu* e o *vasconço.*

No terceiro período, chamado de *flexão* ou *fusão,* raiz e elementos acessórios unem-se e fundem-se, constituindo um só todo, um corpo único, perdendo todas elas sua independência e autonomia.

São exemplos desse terceiro período todas as línguas *indo-germânicas* e as *línguas semíticas,* a que pertencem o *chaldeu,* o *siríaco,* o *assírio,* o *hebreu,* o *fenício* e o *árabe.*

As *palavras* são **simples** ou **compostas:** *simples* são as que na mesma língua se não podem decompor em vários elementos gramaticais; *compostas* são as que se formam de duas ou mais palavras *simples.*

São *simples* as palavras *pedra, pão, pau, tudo, fruta, nada;* são *compostas pedra-hume, pão-de-ló, guarda-pó, tudo-nada, fruta-pão, prenuncio, retocar, transluzir.*

Quando as palavras *compostas* se formam, como as cinco primeiras, pelo ajuntamento, em um só todo, de dois ou mais elementos gramaticais, dizem-se formadas por **justaposição;** quando, porém, se efeitua a composição pela adição de um prefixo a palavra simples, dizem-se as palavras *compostas* por **prefixação.**

São formadas por **prefixação** as palavras *depor, dispor, antepor, prestar, concordar, discordar, traduzir, transluzir, monolito, perdurar, percorrer, seduzir, aduzir, anticristo, benfeitor, benefício, negócio, colega, colégio, coligir, confinar, concorrer, recorrer* etc.

Os elementos de uma palavra *composta,* quando são sobretudo de origem latina, direta ou indireta, ligam-se muitas vezes e fundem-se de tal modo entre si, desfigurando-se e corrompendo-se, que se perde, porque assim o digamos, a consciência da significação primitiva de cada um deles, tomado só por só.

Assim em algumas palavras *compostas* não é fácil, à prima vista, deduzir o seu sentido dos órgãos ou elementos mórficos que as constituem. Neste caso se acham os vocábulos seguintes: *morcego* - do latim **murem** (rato) e **cecum** (cego); *condestável* ou *condestabre* (ant.), termo que tomamos ao francês - do latim **comes stabuli** (administrador das cavalariças), *quaresma* - de *quadragésima; cantimplora - de chante-pleure, fidalgo* - de *filho* (do latim **filium**) e *algo* (palavra portuguesa antiga, tomada na acepção de bens, fazenda, fortuna, haveres); *freguês* do latim **filius-gregis**; *ourives* - de **aurificem**; *vinagre* - de **vinum** e **acre** (vinho azedo), *pedra-hume* - de **petra alumen**; *avestruz* - de **avis struthio**; *auspício* - de **auis**, **avis** e **spicere**; *biênio - de* **bis** e **anus**; *biduo - de* **bis** e **dies**; *tamarindo - do* árabe *thamar* (tâmara) e *Hindi* (da Índia).

Ao simples aproximamento dos elementos mórficos, que constituem o vocábulo, dá-se o nome de *justaposição* ou *composição aparente;* quando, porém, esses elementos se ajuntam e aproximam, modificando-se mais ou menos profundamente, o fenômeno morfológico recebe a designação de *composição propriamente dita.* Assim em *mãos-rotas há uma justaposição,* em *maniroto* há uma *composição propriamente dita.*

As palavras *compostas* por *justaposição* ou *aposição* podem sê-lo de dois substantivos, como: *fruta-pão, xale-manta, livro-mestre;* de um substantivo e um adjetivo, como: *tambor-mor, corneta-mor, cabra-cega, Vila-rica,* de um adjetivo e um substantivo, como: *grã-cruz, gentil-homem, verde-mar, verde-montanha, grand'almirante;* de dois adjetivos, como: *doce-amargo, agri-doce* ou *agro-doce;* de um verbo e um substantivo, como: *manja-leguas, papa-léguas, papa-figos, Papa-jantares, mata-cão, mata-ratos, mata-mouros, esfola-gatos, mata-cavalos, chupa-mel, serra-fila, engana-meninos, trinca-pintos, saca-rolhas, espanta-boiada, cata-vento, gira-sol, troca-tintas, frege-moscas, porta-licor, porta-joias, porta-bandeira, guarda-chuva, guarda-louça, para-queda, mata-lobo, lambe-pratos, tapa-olho, quebra-panela, espalha-brasas, Canta-gallo, Bota-fogo, quebra-mar;* de dois verbos, como: *luze-luze, ruge-ruge, vai-vem;* de um elemento invariável e outro variável, seja substantivo, adjetivo ou verbo, como: *sobrecasaco, sobreposse, entremês, entreato, antecâmara, ante-sala, antipoda, recém-nascido, malcriado, malferido, malquerer, recém-vindo;* de dois substantivos ligados pela preposição *de,* como: *pé-de-vento, língua-de-vaca,*

unha-de-gato, pé-de-galinha, pé-de-cabra, olho-de-boi, cabo-de-esquadra, crista-de-galo. lágrimas-de- Vênus.

Podem, em suma, os substantivos compostos formar-se de modo muito irregular, de elementos componentes que se combinem por *aliteração* ou sejam a representação gráfica de certos sons ou ruídos, de *onomatopeias,* de *mimologismos,* de vocábulos ou termos infantis. Tais são os seguintes: *Berliques e berloques* (na frase chula *por artes de berliques e berloques*), *charivari* (de origem franc.), *zum-zum, bum-bum, tique-taque, tique-tique, toque-emboque, lengá-lenga, tim-tim, tati-bitati, lufa-lufa, glu-glu, cré com cré, lé com lé, zaz-traz.*

Os mesmos fenômenos de *composição* se nos deparam no francês e seus dialetos: *fi-fi, fan-fan, nou-nou* (por *fils, enfant, nourrice); pif-paf-pouf, rèf-raf, bo-bo, do-do, pi-pi.*

Entre os compostos irregulares colocam-se certas locuções substantivas, adjetivas e adverbiais, em que entram várias categorias gramaticais e que frequentemente ocorrem no falar chulo e familiar. Tais as seguintes: Ao *Deus dará; a Deus misericórdia; por dá cá aquela palha; é um Deus nos acuda; adivinha quem te deu* (jogo infantil); *um dize tu direi eu* (altercação, disputa); é um *João ninguém,* isto é, um *papalvo;* é uma *Maria vai com as outras,* isto é, é um *simplório,* uma *simplória;* não vale *dez reis de mel coado,* isto é, *não vale nada;* Aí vem *Maria-das-pernas-compridas,* isto é, Aí vem chuva, *sem dizer água vai,* isto é, sem avisar; *vá que não vá,* isto é, admite-se.

É muito comum em nossa língua e em todas as derivadas do latim a composição em que figura o verbo como primeiro elemento componente da palavra, unido a um substantivo complemento ou fórmula vocativa, a um adjetivo ou a outro verbo.

Para o atestar, basta o grande número de exemplos já apontados; dividem-se, porém, as opiniões dos filólogos, quando tratam de determinar qual o modo com que tais verbos entram na composição, sustentando uns estar o verbo no indicativo; outros considerando-o no imperativo.

Para A. Lefevre o verbo está realmente aqui na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, neutralizada para dizê-lo assim, representando o papel de tema indeclinável.

Outros, porém, afirmam, e parece-nos mais fundadamente, que se não trata nestes compostos verbais do modo indicativo, senão do imperativo.

Esta segunda opinião, enunciada primeiramente por Diez, é sustentada por C. Ayer, Suchier, Ferdinand Brunot, Meyer-Lübke e principalmente por A. Darmesteter, que a fundamentou em exemplos numerosíssimos, colhidos na gramática comparada das línguas *novolatinas, germânicas* e *eslavas.*

Pensamos, pois, de acordo com estes últimos escritores, que a analogia entre as duas formas verbais, às vezes morfologicamente idênticas, trouxe por fim, com a criação constante e incessante de novos compostos verbais, uma falsa identidade lógica ou de sentido entre os dois modos, que de comum têm apenas a forma.

Novos compostos verbais têm-se assim analogicamente criado, em que o modo imperativo, que foi para as línguas românicas o fundamento dos primeiros compostos verbais, se vai a pouco e pouco obscurecendo e obliterando.

A história das línguas *românicas* mostra-nos que, quanto mais alto subimos aos primórdios de sua formação, tanto mais manifesto e patente se nos avulta em tais compostos verbais o sentido ligado ao imperativo, sendo o indicativo conseguintemente tanto menos explicável, quanto mais nos aproximamos dos primeiros desenvolvimentos e criações desses idiomas.

Ainda hoje em dia, em certos destes compostos, que enchem o vocabulário português e o dos idiomas que saíram da mesma fonte, é inexplicável o seu sentido considerando-se no indicativo o primeiro termo que os constitui.

Encontram-se, ainda assim, muitos destes compostos, de formação moderna, cujo sentido só no indicativo poderá encontrar explicação.

Exemplifiquemos estes compostos verbais:

Verbos no imperativo e substantivo no compelativo: *Mira-olho, salve-rainha, Cantagalo,* e no francês *gobe-mouton, broute-biquet, bechê-lisete, morgeline, gripeminaud.*

Verbos no imperativo com complemento direto ou indireto: *Manja-léguas, corta-ferro, papa-jantares, cata-vento, trinca-pintos, papa-moscas, serra-fila, esfola-gatos, espanta-boiada, engana-meninos, guarda-mancebos, quebra-panela, quebra-nozes, quebra-quilos, tapa-olho, manda-chuva, guarda-joias, para-quedas, mata-me-embora, noli-me-tangere* (palavra latina que se diz de uma planta ou ulcera maligna e que quer dizer *não me toques,* equivalendo aqui o subjuntivo ao imperativo, que assume sempre esta forma em português, quando empregado negativamente), *factotum* (indivíduo encarregado de todos os negócios de outrem, confidente), *fac-simile* (cópia exata de letra, gravura, desenho etc.), *vade-mecum* (carteira ou caderno de lembranças, de apontamentos, pasta que levam os rapazes à escola, onde guardam papel, penas), *Tene Gaudium* (nome de lugar), *não-te-esqueças-de-mim* (nome por que é conhecido o *miosotis), não me deixes* (planta da família das compostas).

No francês são conhecidos os compostos verbais: *regardesmoi* (nome vulgar da saudade), *suivez-moi-jeune-home* (nome de uma fita, enfeite de senhoras);

rendez-vous (conferência, entrevista); *couvre-feu; revenez-y* (iguaria que alguém gosta de repetir, de volver a ela); *tiens-toi-bien* (carrinho para ensinar as crianças a andar).

Verbos no imperativo e **advérbio:** *passavante, pisamansinho, puxavante, botafora.*

De modo análogo diz-se em francês: *passe-partout, trote-menu, réveile-matin, passavant, gagne-petit.*

Verbos duplos: *luze-luze*, *ruge-ruge, bule-bule, pega-pega, fecha-fecha, vai-vem;* no francês *tourne-vire, chantepleure, passe-passe* e no italiano o composto *andi-revieni.*

No espanhol *correvedile* (mexeriqueiro) é o vocábulo constituído por três verbos: *corre, vai* e *dize-lhe.*

As palavras são ainda ou **primitivas** ou **derivadas:** as *primitivas* são as que se não derivam de outras da mesma língua; como: *pedra, mar;* as *derivadas* são as que se formam das *primitivas.*

Assim do vocábulo primitivo **pedra** se derivam os seguintes: *pedrão, pedrinha, pedreiro, pedreira, pedral, pedraria, pedrado, pedroso, pedregoso, pedregulho, pedrada, empedrar, pedrouço, pederneira, pedernal, pedrar, pedregal, apedrar, apedrejar, empedernir, empedernecer, pedrisco;* de **mar** se derivam: *maré, maresia, marinha, marulho, marear, marisco, marejar, mareta, marujo, marinho, marinheiro, marítimo.*

As palavras *derivadas* formam-se geralmente por meio de sufixos.

Dizemos *geralmente,* porque em nossa língua grande número de derivados há que se formam sem sufixos; tais são os substantivos verbais: *compra, venda, ida, vinda, saída, entrada, procura, apara, volta, derrama, informe, reclamo, escapa, sova, tunda, apanha, desejo, espanto, folga, chama, disfarce, canto, conto, ceia, choro, gos0, gasto, raspas, aparas, junta, tosquia, corte* etc., que se derivam sem ser por meio de sufixos dos verbos, que lhes correspondem, havendo apenas entre alguns e os verbos, donde provêm, pequenas diferenças fônicas.

Quando em um vocábulo composto há combinação de *sufixos* e *prefixos* com a palavra principal ou *tema,* recebe o vocábulo a designação de **parassintético.**

São *parassintéticos* os vocábulos *enterramento, desanimar, empobrecer, insistente:* de *en* prefixo, *terra* radical e *mento* sufixo; *des* prefixo, *anim* radical e *ar* sufixo; *em* prefixo, *pobr* radical, e *ecer* sufixo; *in* prefixo, *sist* radical e *ente* sufixo.

Em todas as línguas, afora as *monossilábicas,* em que é tudo raiz, os elementos derivativos *sufixos* e *prefixos* se ajuntam à palavra principal, modificando-a de modos variadíssimos.

É, porém, para notar que na maior parte dos idiomas, sobretudo nos *indo-*

europeus, esses elementos derivativos concorrem ambos para ligar ao elemento fundamental ideias secundárias e acessórias, contrabalançando-se de algum modo sua ação na gênesis do vocabulário.

Entretanto línguas há em que predominam os *sufixos,* outras em que estes elementos derivativos são de todo desconhecidos, sendo apenas representados pelos *prefixos.*

O primeiro destes fenômenos, mostra-nos a linguística, é observado nos idiomas *uroaltaicos;* o segundo, nas línguas que constituem o sistema *bantu.*

CAPÍTULO II

Das palavras reunidas por seus elementos mórficos fundamentais. Famílias derivativas.

Família derivativa ou **propriamente dita** é a reunião de palavras que se originam da mesma *raiz* ou do mesmo *tema.*

Assim das raízes **fl, cap, cab, dic, duc, duz, spec,** como já vimos, se formou um número considerável de palavras, que foram já exemplificadas.

Vejamos agora algumas famílias, cujos vocábulos se reúnem por outros vínculos radicais ou temáticos.

Am - Da raiz *am* provêm os vocábulos: *amar, amante, amor, amável, amorável, amoroso, amigo, amizade, inimigo, inimizade, namorar, namoricar, namorico, amavelmente, amigável, amigavelmente, amabilidade, amador, amorar, desamor, desamorável, amorado, enamorado* etc.

Fac, faz, fec, fei, fic, fact, feit, fect - Da raiz *fac* e suas variantes procedem os vocábulos seguintes: *fazer, fazendo, fato, fazedor, feito, feitura, feição, feitor, feitoria, factura* (fatura), *fazenda, afeito, refeito, desfeito, confeito, confeição, faculdade, bemfasejo* (benfasejo), *bemfeitor* (benfeitor), *benfeitura* (benfeitura), *benefício, edifício, edificar, reedificar, beneficiar, afeição, beneficência, contrafeito, contrafazer, defeito, afetar, afetado, fácil, facilidade, difícil, dificuldade, facilitar, factício, defectivo, coeficiente, deficiente, confecção, defecção, refeição, efeito, eficaz, eficiente, ineficaz, malfeito, malefício, malfeitor, indefetível, infecto, desinfectar, infectar, ofício, oficial, oficina, oficiar, oficioso, oficiante, prefeito, prefeitura, perfazer, perfeito, perfeição, fação, eficazmente, perfeitamente, suficiente, insuficientemente, suficiência, deficiência, insuficiência, satisfazer, satisfatório, fac-simile, fac-totum, prefacio, prefação, tráfico, traficante, fatível* e todas as palavras em que entra o sufixo *ficar,* modificação de *facere* (fazer), que se nota na formação de muitos compostos verbais, constituídas por um adjetivo ou substantivo: *rarefícar, danificar, dulcificar, clarificar, edificar, deificar, modificar, glorificar, notificar, codificar, cientificar, purificar, identificar* etc.

Jur, jus, juz, jug, ju - Desta raiz originam-se os vocábulos: *justo, justiça, juízo, justeza, jugo, justiceiro, jurar, juramento, jura, julgar, julgamento, jurisdição, jurisprudência, jurisdicional, perjurar, perjuro, ajustar, injusto, injustiça, conjurar, esconjurar, júri, jurista, juiz, julgamento, abjurar, justificar, prejuízo, prejudicial, prejulgar, justificativo, judicatura, injuria, injuriar, jurídico.*

Ler, lis, lec, leg, lig, lei - Desta raiz procedem os vocábulos: *ler* (do latim *legere, lectum), lente, lido, legenda, lenda, legitimo, legitimidade, legal, legitimista, legendário, legionário, legume. leguminosa, legação, leitor, leitura, lição, lei, lealdade, leal, alegar, alegação, colher, acolher, recolher, colecta, coligir, colégio, coleção, colegial, delegar, delegação, diligente, diligência, eleição, eleitor, eletiva, ilegal, ilegalmente, ilegalidade, elegante, inteligência, intelectual, intelecto, legislador, legislatura, legislação, reler, reeleição, colheita, negligente, negligentemente, negligência* etc.

Lu, luc, luz, lum, lun, lustr - Desta raiz originam-se os vocábulos seguintes: *luzir* (de *lucere,* lat.), *luz, luzimento, lucides, lucido, luzerna, lume, luminária, luminar, lua, alumiar, luneta, lunático, lunação, lunar, lunária, lustre, ilustre, ilustrado, ilustração, elucidar, elucidação, iluminar, iluminação, luminárias, alucinação, alucinado, elucubração, transluzir, translucido, lustrar, lustroso, perlustrar* etc.

Mont - Desta raiz provêm os vocábulos: *monte, montanha, montuoso, montanhoso, montar, monteiro, montado, montículo, montaria, montador, monturo, monteia, montear, monteada, montearia, montante, montão, montanheira, montanhesco, montanha, desmontar, remontar* etc.

Ter, ten, tin, tent, tend - Desta raiz vieram: *ter* (do latim *tenere), tentação, tenção, tenaz, tenacidade, tensor, intenção, tensão, entender, estender, tentar, tentação, tentativa, tencionar, pretender, tenente, abster, abstenção, abstinência, retenção, atinente, atentar, atender, continente, contenção, contender, intendente, atentatório, entretenimento, contentamento, continência, atenção, contente, descontente, continuação, detenção, continuo, continuidade, continuar, deter, reter, conter, entreter, destino, destinado, destinar, pertinente, impertinente, pertinácia, sustento, sustentar, sustentáculo, sustentável, insustentável* etc.

Reg, re, rig, rei, rec, rect - Desta raiz originam-se: *rei, reinar, reger, regimento, regra, regular, regularizar, regrar, regulamento, regente, regime, reino, regularidade, regulador, recta* (reta), *recto* (reto), *rectidão* (retidão), *rectangulo* (retângulo), *real, realeza, realidade, regência, rainha* (do lat. *reginam), corrigir, dirigir, direção, correção, incorreção, corrigível, incorrigível, correto, incorreto, direto, indireto, direito* (do latim **diretum**)*, rectificar* (retificar), *rectificação* (retificação), *erecto* (ereto), *erigir, desregrar, desregramento, diretor, diretório, correctivo* (corretivo), *interregno, arregimentar, corretamente, incorretamente, diretamente, regulo, reitor, reitoria, região, regional* etc.

Fers, vert, ves - Da raiz *vers, vert, ves* originam-se as palavras seguintes: *verter* (de

vertere lat.) *inverter, reverter, converter, converso, conversão, vértebra, vertebral, vertebrado, vertical, vertigem, vertido, verticalidade, verticilo, vertente, verso, versão, versatilidade, reverso, revés, versejador, verseto, aversão, reversão, diverso, divertir, advertir, adversário, adversativo, advertência, inadvertência, inversão, invertido, controvérsia, controverter, diversão, diversidade, subversão, subverter, subvertido, subversivo, tergiversar, tergiversado, tergiversação, avesso, travessa, atravessar, através,* ***traves****seiro, perverter, reverter, universo, universidade, universário, aniversário, universalidade, transversal* etc.

CAPÍTULO III

Das palavras reunidas por seus elementos acessórios ou secundários; famílias gramaticais. Estudo dos prefixos e sufixos.

I

Dos prefixos de origem latina - Os *prefixos* que entram na composição dos vocábulos portugueses originam-se ordinariamente do *latim* ou do *grego.* São da primeira procedência os seguintes:

A ou **ad** (do latim *ad)*-Este prefixo significa direção para uma pessoa ou coisa, para um ponto ou termo, atribuição, destinação, tendência a ou para, aproximação.

O *d* da preposição ou se suprime, ou se conserva, ou toma por assimilação as formas *ac, af, ag, al, an, ap, ar, as, at.*

Exemplifica-se este prefixo nos vocábulos seguintes: *abarbar, abicar, aproar, aplainar, ajanelar, ajardinar, afear, afastar, afagar, aladeirar, afamar, aferir, admoestar, adjudicar, adjunto, administrar, adjetivo, adjurar, adjutor, acorrer, aclamar, acordo, acrescer, acusar, afirmar, afeto, afetar, afável, afazer, afim, afligir, aflição, agravo, agravar, agredir, agregar, aglutinar, aglomerar, aliar, alegar, aliança, alivio, aliviado, alucinação, anular, anexar, anunciar, anunciação, anuviar, anuir, aparecer, aparato, aparência, apelidar, apelativo, aparelhar, apelar, apelo, apetecer, arrevesar, arribar, arrenegar, arrendar, arremeter, arremessar, arriscar, arrolar, arrojar, assobiar, assistir, assumir, assunto, assoar, assoprar, assaltar, assombrar, assalto, assoberbar, assoalhar, atender, atenuar, atestar, atentar, atenção, atração, atônito, atribular, atrito, atribuir.*

Ab, a, abs (do latim *ab, abs)* que indicam afastamento, ponto de partida, separação: *abster, abstenção, abuso, aberração, aborto, abjeto, abstração, absorver, absurdo, abstruso.*

Ante, anti (do **latim** *ante)* significam anterioridade de tempo, lugar ou ordem: *antepor, antecessor, antecedente, antediluviano, antepassado, antecipar, antedatar, antístite.*

Bem, bene, bem (do advérbio latino *bene): Bemdizer* (bendizer)*, benefício, benévolo, benéfico, benigno, benfazejo, bemvindo* (benvindo)*, benemérito, benemerência, benzer, bento, bentinhos.*

Bis, bi, be, vis, ba. São formas diversas que em composição toma o advérbio latino *bis* (duas vezes).

São exemplos as palavras seguintes; *bisneto, bisavó, bisavô, biênio, bifurcar, binoculo, bigorna, bípede, bímano, biscouto, bisarma, biombo, bissexto, bistorta, bivalve, balança, bisegre, bisagra, vislumbre* ou *vislumbre.*

Este *prefixo* às vezes acrescenta um sentido pejorativo ou depreciativo, como se nota nas palavras portuguesas *belida, besuntar, besuntao, biez;* nas francesas *balafre, barlong, bevue* e *berlue, besas, beset;* e na italiana *barlume*, onde entra o mesmo prefixo, que nas línguas românicas apresenta as formas *bis, bi, be, bes, vis, ba, ber, bar, bre.*

Circum, circu (do latim *circum,* a roda): *Circunstância, circunlóquio, circunferência, circundar, circuito, círculo, circunvizinho, circunscrever, circunspecto, circunscrito, circunfuso, circunvagar.*

Cis ou **cit** (do latim *cis,* aquém): *Cisplatino, cisalpino, cisrenano, cispadano, citerior.*

Com (do latim *cum):* A preposição portuguesa *com,* entrando como partícula componente na formação das palavras, ou se conserva, ou toma as formas *co, col, com, cor,* como se nota nos vocábulos seguintes; *confluente, coerente, congruente, coirmão, colateral, conjugar, conspirar, comensal, comercio, comissão, compadre, comadre, companheiro, compreender, combustão, colega, colégio, cooperar, coonestar, colaço, conformar, conciliar, corresponder, corroborar, conúbio, concluir, correr, consorte, conspirar, colocar, colóquio, confrade.*

Contra, contro (Do latim *contra):* Indica posição fronteira, próxima, imediata, oposição: *Contrapor, contraforte, contraste, contravento, contramina, contramestre, contrapelo, contrasselo, contracosta, contradança, contraindicação, contratempo, contradizer, controvérsia, controverter, controvertido.*

De, des, di, dis (do latim *de, dis):* Sob essas várias formas indica esse prefixo a ideia de privação, afastamento, separação, diversidade, dispersão, divisão, dilação, intensidade: *Debulho, debulhar, defluir, decorrer, descascar, desfolhar, desandar, descarregar, desenrolar, desfazer, destruir, descalçar, desagravar, desdita, desonra, desoras, desviar, desregrar, denegrir, diversidade, dispersão, difusão, difundir, distinguir, discernir, distrair, difícil, distância, dissidente, dispersar, dissecar, digerir, distribuir, difuso, difamar, diluvio, distender.*

Em, en, in (do latim *in):* O prefixo latino in forma vocábulos portugueses a que ajunta a ideia de interioridade, intensidade, contrariedade, negação: *Empalmar,*

empolgar, embocar, empurrar, encravar, emaranhar, enterrar, entroncar, inepto, inábil, incógnito, inabitável, inóspito, empregar, inflamar, incendiar.

Toma o prefixo *in* as formas *im, il, ir,* nas palavras *imediato, imaterial, imenso, ilegítimo, ilegal, ilustre, irregular, irradiar, irradiação, iluminar, ilusão, iludir.*

E, es, ex (do latim *ex):* Indica extração, separação, origem, ausência, privação, ampliação: *Extrair, exuberância, expatriar, excomungar, emendar, emancipar, exumar, exfoliação, esgotar, exautorar, extravasar, extemporâneo, esclarecer, extenuar, esmorecer, extinguir, estorricar, extorquir, estorcer.*

Extra - Prefixo latino, que significa fora, além: *Extraordinário, extrair, extravagante, extravasar, extravio, extramuros, extravascular, extralógico* e outros vocábulos, usados em linguagem científica.

Inter, entre (do latim *inter):* Indica uma ideia de reciprocidade, posição intermediaria; significa também *a meio, um pouco, ao de leve: Entrechocar-se, entremeter-se, entreter, entremeio, entrecasco, intervir, entrepor, interrupção, intervalo, interregno, entrementes, entreabrir, entrever, entretecer, entrevista, entretela, entreouvir.*

Intro, intra (do latim *intra):* São poucas as palavras em que entra este *prefixo* como elemento formativo; contam-se apenas as seguintes, que são todas de formação erudita: *Introduzir, introdução, introdutor, intrometer-se, introversão, intra-muros, intradorso, introito, introrso, intrometer, introdutório, introspeção.*

Mal, male (do advérbio latino *male): Malvado, malcriado, malquistar, maléfico, malévolo, maldizer, malédico, maldição, malcontente, malcasado, malferido, mal-avindo, malbaratar, mal-assada, malfadado, mal-encarado, maldizente, malfeitor, malefício* etc.

Menos (do latim *minus): Menosprezo, menoscabo, menosprezar, menoscabar, menosprezível.*

Este *prefixo* corresponde às formas *mes, me* dos *prefixos* franceses, que se notam nas palavras *mégarde, méprise, mépriser, méfaire* e, *médire, médisance, mécontent, mésaventure, mesurer, mésintelligence, méchant,* em que se observa o sentido pejorativo que já se acha no advérbio latino, donde provêm todas essas formas.

Neg, ne (do latim *nec): Negar, negação, negligente, negócio, negociante, negociar, nefário, neutral.*

Não (do latim *non):* Entra como *prefixo* em algumas palavras portuguesas, como ocorria com o *ne* na composição dos vocábulos latinos *nihil* de *ne hilum, nemo* de *ne hemo, ne homo, nulus* de *ne ulus, nunquam* de *ne unquam, nolo* de *ne volo: Não-existência, não-eu, não-conformista, não condutor, não-efetivo, não-elétrico, não-concorrencia.*

0b (do latim *ob).:* Significa por causa de; denota ainda uma ideia de posição fronteira, donde a ideia de contrariedade, oposição, e transforma-se antes de *c, f, p* em *oc, of, op: Ocasião, ocaso, ocidente, occipício, ocupar, ocupação, oferecer, ofuscar, opor, oposição, oprimir, opressão, obscuro, obrigar, obsceno, obtemperar, observar, obsequio, obstar, obstruir, obumbrar, objeto, objeção.*

Pen (do latim *pene,* quase): *Penumbra, penúltimo, península, peninsular.*

Per (da preposição latina *per):* Indica a relação de lugar por onde, de passagem através da qual se executa uma ação; denota, demais disso, uma ideia de propagação, perfeição, acabamento: *Permeável, percorrer, perdurar, perfazer, perverter, perfeição, perlustrar, perpassar, percalço, pernoitar.*

O grau de intensidade que esta preposição inculca torna-se mais manifesto nos vocábulos latinos, tais como *perobscurus* (escuro em excesso), *perpaucus* (em número pequeníssimo), *permadescere (*estar inteiramente molhado, ensopado), *perlustrare* (percorrer com os olhos atentamente, examinar bem).

Post, pos (da preposição latina post-depois): *pospor, posterior, postergar, póstumo,*[38] *póstero, pospasto, postres, pospelo, post-datar* (pós-datar).

Pré (da preposição latina *præ,* antes): Indica anterioridade de tempo e lugar, donde a ideia de superioridade e excelência: *Prepor, prefácio, preambulo, precaver, prever, predizer, precoce, preceder, presidente, presidir, prematuro, prevenção, preceito, predileção, preferente, prefeito, pregar, preboste, prebenda, predomínio, preeminente, preocupação, prevalecer, preconceito, presença, preferir, precipício, preexistência* etc.

A preposição latina *per* e algumas vezes a preposição *præ* davam aos vocábulos, em cuja composição entravam como prefixos, um sentido superlativo.

Assim é que se encontram no latim em companhia de *pervirides, prævirides;* ao

38. *Póstumo* vem da preposição latina *post* e do sufixo superlativo *umus,* que às vezes oferece as formas *emo, imo.* como se nota nos vocábulos *extremo, postremo, supremo,* legitimo, que todos são formas superlativas.

lado de *pergrandis, prægrandis;* em concorrência com *pertenuis, prætenuis;* a par de *percautus, præcautus;* e assim *pervalidus* e *prævalidus; perceler* e *præceler; perdives* e *prædives; perfervidus* e *præfervidus; permollis* e *præmollis; pergravis* e *prægravis; perfulgidus* e *præfulgidus; pergelidus* e *prægelidus* e muitos outros.

Pela ideia de superioridade e excelência, oriunda da relação de anterioridade de tempo e lugar, primitivamente significada pela preposição latina *præ,* é que se explica essa ideia superlativa que se liga a esta preposição, assim identificada à preposição *per.*

É ainda a aproximação do valor significativo dos dois *prefixos,* que explica a coexistência das formas portuguesas *perjuízo* por *prejuízo; perjudicar* por *prejudicar; pertensão, pertender* por *pretensão, pretender; prefazer* por *perfazer; precorrer* por *percorrer; precalço, precalçar* por *percalço, percalçar, preverter, preversão* por *perverter, perversão,* de que nos dão exemplos alguns escritores.

A analogia, antes fônica do que etimológica, entre *pre* e *per,* prefixos portugueses, trouxe as formas *perguiçoso, perguiceiro, perguiça,* que nos depara a lição de Vieira, Filinto Elysio e Castilho Antônio, em vez de *preguiçoso, preguiceiro, preguiça.*

Preter (de *præter-além, afora): Pretérito, pretermissão, preterição, preternatural, preterível, pretermitir.*

Pro (*de pro,* preposição latina): Denota uma ideia de situação dianteira, longínqua, de substituição, adiantamento, afastamento: *Prólogo, procônsul, procurar, procurador, prosseguir, professar, professor, proclamar, prolongar, profano, procissão, prorrogar, profecia, proceder, projeto, propor, prover, prosa, prolóquio, provérbio, provedor, provecto, proemio, proposição, proposta, pronome, profundo, progresso, progredir, programa, projeção, prognostico, propelir.*

Re, red (da partícula latina inseparável *re):* Serve esta partícula para compor um número considerável de palavras, já no latim mesmo, donde a tomamos, já em todos os idiomas românicos.

Indica este *prefixo* uma ideia de repetição, reduplicação, restauração, renovamento, aumento, ampliação, intensidade, retrogradação, reciprocidade, oposição: *refazer, redizer, reviver, refolhar, remendar, restaurar, retocar, recrescer, retorcer, redarguir, redivivo, recurvar, ressequido, requeimar, recalcar, refluir, refluxo, repugnar, recobrar, recuperar, redimir, retroceder, remorder, recortar, recordar, resgatar.*

Todas as múltiplas relações que a partícula *re* trazia aos compostos latinos, a que se apunha, passaram para as línguas românicas, como passou igualmente para estas o caráter privativo que o prefixo inculca em muitos vocábulos,

parecendo esta última relação em manifesto antagonismo com as que mais geralmente se notam nos vocábulos em que entra. Essa transição a sentido oposto, em algumas palavras em que entra o prefixo *re,* é bem de ver nos vocábulos seguintes: *revelar, renunciar, retratar, reprovar.*

Com efeito, o verbo *revelar,* do latim *re* e *velare* (cobrir com véu), devia significar *recobrir, cobrir de novo com véu, cobrir bem com véu* e no sentido lato *encobrir, ocultar;* entretanto, na significação que se lhe dá, é tomado no sentido de *tirar o véu, descobrir, divulgar, fazer conhecer. Renunciar* devia tomar-se no sentido de *anunciar novamente, trazer de novo uma mensagem, ser mensageiro, declarar:* entanto é tomado no sentido de *abdicar, acusar, não aceitar. Retratar,* usado na acepção de *tratar de novo* algum assunto, é antiquado, subsistindo, contudo, em nossa língua na acepção de *desaprovar, desdizer-se, dizer alguém o contrário do que havia feito, cantar a palinódia.* O mesmo caráter privativo observa-se no verbo português *reprovar* na acepção comum de *não aprovar, rejeitar.*

Esse sentido do *prefixo* encontra-se nos verbos latinos *retego, retexo, renuntio, recludo, relino, retendo, renuo.*

É muito mais para notar ainda que, em cada um dos cinco primeiros desses verbos latinos, o prefixo de que se compõem lhes da um duplo sentido, já reduplicativo, já privativo.

Assim: **retegere** - significa ordinariamente *abrir, descobrir,* mais raramente *recobrir; retexere- destecer* e *tecer de novo;* **recludere** - *abrir*, *descobrir* e *fechar, encerrar;* **renuntiare** *anunciar, declarar* e *recusar, não aceitar;* **relinere** - *tapar***,** *fechar* (um vaso) e *destapar, abrir.*

O sentido privativo, exprimido pelo prefixo *re* em algumas palavras, de que é elemento formativo, filia-se na significação de oposição por este indicada: não é raro que uma associação de ideias, fundada na oposição ou no contraste, implante no mesmo vocábulo dois sentidos opostos: a palavra latina *valetudo,* por exemplo, que significa *força, saúde, vigor,* indicava também, entre os clássicos latinos, a ideia de *moléstia, enfermidade;* ao vocábulo *sacer,* adjetivo latino, que corresponde à palavra portuguesa *sagrado, santo, venerável,* davam os mesmos clássicos, por vezes, o sentido de *maldito, detestável, execrável, infame,* como no-lo atestam os seguintes lanços de Tácito, Virgílio e Horácio:

> «Quod assidere *valetudini,* fovere deficientem, satiari vultu, complexu non contigit ». (Tacito)

> «...Quid non mortalia pectora cogis,
> Auri *sacra* fames?» (Virgílio).

> «Dura *valetudo* inciderit, seu tarde senectus » (Horácio).

Recém - do advérbio latino *recens - de novo, novamente: Recém-nascido, recém-vindo, recém-chegado.*

Retro-(**do** latim *retro-para traz): Retrogradar, retrocessão, retroceder, retrocesso, retrospecto, retroverter, retrovender, retrotrair, retrogrado, retroativo, retro-seguir* e poucos mais de origem erudita.

Se, sed (de *se,* partícula latina inseparável, que indica separação, à parte). Entra em muitas palavras portuguesas; tais, entre outras, as seguintes: *Sedição, separar, secretar, segredar, segredo, secreto, sequestro, sedução, seduzir, semoto, secreção, seguro, sedutor, seleto, seleção.*

Semi (*prefixo* latino, que significa *meio, quase): Semivogal, semibreve, semicarpo, semideus, semicírculo, semivivo, semilúnio, semiânime, semicolcheia.* Antes de radicais que começam por *me* ou *mi,* contrai-se em *se* para evitar o mau soído: *semínima, semestre.*

Sex, ses - (de *sex* - seis): *Sextina, sextante, sextário, sesma, sextavar, sêxtulo, sêxtuplo, sexênio, sessenta, sexagenário.*

Sine, sem (da preposição latina *sine,* cujo sentido privativo está na primeira sílaba *si* por *se* e não na segunda). Indica falta, ausência, desacompanhamento, privação: *Sinecura, sem-razão, sem-sabor, sensaboria.*

Sub, sob, só, su, sus, (de *sub,* preposição latina, componente ou separável). Por assimilação apresenta este prefixo as formas *sue, soe, suf, sug, sup, sur: Subjugar, substância, submeter, suspeito, sobejo, sobeira, sobejar, sobraçar, socapa, socalco, suceder, sucumbir, sufixo, sugerir, sufocar, suportar, supor, surrir, surripiar, surrelfa, socorrer, subversão, subtrair, subverter, suster, soterrar, sotrancar.*

Em algumas palavras portuguesas apresenta o mesmo prefixo a forma *soto, sota, subter* (do latim *subter* preposição e advérbio latinos, donde fez o italiano o seu *soto): Sotopor, sotapiloto, sotavento, sotaina, subterfugir, subterfúgio, soto-mestre, sotacarcereiro, sotacomitre, sotacapitânea, sotacapitão.*

Sobre, super, supra (da preposição latina *super).* Indica este prefixo uma ideia de crescimento, superioridade, excesso: *Sobrevir, sobrestar, sobrecarga, superfície, superficial, supercílio, sobrar, sobranceria, sobranceiro, sobrancelha, supremacia,*

superior, superioridade, supremo, supradito, supranumerário, sobreposse, sobrepujar, sobrescrito, sobressaltar, sobressair, sobresselente, sobrecasaco, sobrecéu, sobrepeliz, sobrerrolda, supérfluo, superar, superfetação, supranaturalismo, superintendente.

Trans (da preposição latina *trans* -além, através, do outro lado). Em composição conserva-se ou toma as formas *tres, tras, tra: Transportar, transferir, transgredir, transtornar, tresnoitar, tresvario, tresmalhar, tresloucar, tresloucado, tresfolegar, tressuar, trestampar, transitório, transformar, transitivo, tresler, tresandar, traslado, trasladar, traspassar, trajeto, travesseiro, traficar, traduzir, trabucar, trasbordar, transplantar, trasfegar, transviar, trasvasar.*

Três, tri (do adjetivo latino *três, tria,* três): *Tripode, tripeça, triênio, triangulo, triangular, trivial, trimestre, triênio, tridente, trígono, trifauce, trimetro, triunvirato, tríplice, trissulco, trirregno, trirreme, tresdobro, tresdobrado, trezentos, trezena, trifólio, tríduo, tricúspide, trigêmeo, triedro, trigrama, tricórneo, tricolor.*

Ultra (do latim *ultra*-- além): *Ultramar, ultrapassar, ultraje, ultramontano, ultra-radical, ultraclerical.*

Uni, um (do adjetivo latino unus-um): *Unir, unificar, uniforme, unidade, único, universo, universal, universidade, universalidade, uníssono, unigênito, unitário, unicorne, unânime, unívoco, universitário, unitivo, uníparo, unissexual, unitarismo.*

Vice, vig por **vic, vis, viso** (do latim *vice,* ablativo de *vix vicis* - em vez de, em lugar de): *Vice-rei, viso-rei, viscônsul, vice-almirante, vice-diretor, vice-presidente, vice-reino, vice-reitor, vigário.*

II
Dos prefixos de origem grega

Na composição dos vocábulos portugueses, além dos prefixos latinos, que entram como elementos formativos em sua constituição, grande número de prefixos gregos há cujo conhecimento é necessário à perfeita inteligência do sentido que se liga a esses vocábulos.

Sob a denominação de *prefixos* notam-se aqui não só partículas de origem grega, que se antepõem ao radical das palavras para lhes modificar o sentido, senão também palavras ou raízes daquela mesma fonte, empregadas como prefixos, já unindo-se a raízes de outra procedência, já a elementos

fundamentais da mesma fonte, conservando apenas as vestes e roupagens portuguesas.

Entre os prefixos gregos, mais frequentemente empregados, notaremos os seguintes:

A - Prefixo grego, denominado *alfa privativo,* que tem, como o *in* latino e o *um* inglês, um sentido negativo. Este privativo apresenta a forma *an* por eufonia: *Acéfalo, acaule, ateu, anônimo, anódino, anomalia, apatia, anarquia, anedota.*

Anfi (dos dois lados, de todos os lados, ao redor): *Anfíbio, anfibologia, anfiteatro, ânfora, anfípodes.* Corresponde ao prefixo latino *amb, am, ambi, an,* usado no mesmo sentido, como se vê nas palavras *âmbito, ambiente, ambages, ambição, ambidextro, amputar, anfractuosidade, ambíguo.*

Ana - Prefixo grego, que inculca a ideia de reduplicação ou repetição, situação superior, média ou interior, afastamento, solidão, distribuição e semelhança: *Anáfora, anaplastia, anabaptista, anacoreta, anasarca, anatomia, analogia, anagrama* etc.

Anti - Indica oposição: *Antipapa, antideus, antídoto, antipolítica, antisséptico, anticristo, antiespasmódico, antítese, antinomia, antipatia, antípodas, antitérmico, antífrases, antipirético, antissocial, antiflogístico.*

Apo, af -Preposição grega, que tem o mesmo sentido que as latinas *ab, abs.* Significa longe, distante, separado de*: Apogeu, apólogo, apócope, aféreses, afélio, apócrifo, apostasia, aforismo, apoteose, apocalipse, apoplexia, apóstrofe, apologia.*

Archi ou **arch** e em composição às vezes **arce.** É um prefixo grego, que significa primazia, preeminência, princípio, origem, superioridade: *Arquipélago, arcanjo, arquitrave, arquétipo, arcedíago, arcebispo, arquiteto, arcaísmo, arquiduque, arquibancada.*

Encarece sobremodo a ideia exprimida pela palavra principal a que se apõe.

Assim disse Castilho: «Quem assim resiste à morte é *são, re-são* e *arquisão*», isto é, *são, muito são, saníssimo.*

Auto - Prefixo grego muito empregado em linguagem científica e que significa de si mesmo, por si mesmo, independentemente*: Autografo, autômato, autocéfalo, autocrata, autopsia, autoplastia, autóctone, automóvel.*

Baro - (peso) É uma palavra de origem grega, que entra na composição de muitas palavras ou termos científicos, implicando uma ideia de peso: *Barômetro, barometrografia, barologia, barométrico, barometria, barógrafo, baromacrômetro.*

Bio (de uma palavra grega, que significa *vida): Biologia, biografia, biogênese, biogenia, biometria, biológico, bioplasma, bioplasta, biofisiografia, biofisiologia.*

Biblio (palavra grega, que significa *livro): Biblioteca, bibliografia, bibliotecário, bibliolatria, bibliomania, bibliomancia, bibliopola, bibliófilo.*

Brachi (**Braqui**) - É um prefixo grego, que significa breve, curto, abreviado*: Braquicataléctico, braquilogia, braquicéfalo, braquíptero, braquípode, braquipneia, braquitarsas, braquícero, braquimetropia, braquicefalia, braquigrafia.*

Caco (do adjetivo *kakos:* mau): *Cacofonia, cacoeconomia, cacologia, cacoete, cacoselia, cacogênese, cacodoxia.*

Cata, cat, cath -Prefixo grego, que em composição indica vários sentidos: significa geralmente embaixo, para baixo, sobre, contra, por entre, atinente, relativo a; às vezes implica a ideia de ordem ou transtorno, de intensidade*: Catacrese, catarro, católico, cataclismo, cataplasma, catecismo, catálogo, catarata, catástrofe, catequizar, catedral.*

Chrono - Palavra grega, que significa tempo: *Crônico, crônica, cronologia, cronometro, cronógrafo, cronoscópio, cronoscopia, cronografia.*

Clryso (**Criso**) - Palavra grega, que significa ouro*: Crisólito, crisálida, crisografia, crisopeia, crisóptero, crisógrafo, crisologia.*

Cosmo (do grego *kosmos* - mundo): *Cósmico, cosmografia, cosmógrafo, cosmologia, cosmogenia, cosmorama, cosmopolita, cosmocrata, cosmometria.*

Demo - palavra grega, que quer dizer povo: *Demagogo, democracia, demagogia, democrático, democratizar, democratismo.*

Di (do grego *di, dis-dois,* duplo, duas vezes): *Ditongo, dígrafo, díptero, diplobia, dímetro, dissílabo, dilema, dístico, diploma, diatômico, diálogo, diérese, diedro.*

Dia (através): *Diâmetro, diaquilão, diapasão, diadema, diatribe, diáfano, diagonal.*

Dys(dis) (do grego *dys,* que indica mau estado, aflição, dificuldade, imperfeição): *Dispepsia, disfagia, dispneia, disuria, disenteria, díscolo, dislalia, disforia, discrasia.*

Ec, ex (prefixo grego, que significa fora de). *Êxodo, êxtases, eclipse, eczema, equimose, exantema, exegese, eclético, excêntrico, exorcismo, exostose.*

E - Partícula grega, que serve de prefixo, correspondendo à latina *in. Encéfalo, energia, empório, elipse, entusiasmo, emblema, empírico, embrião, ênfase, energúmeno e* outras palavras de formação moderna.

Endo - É um prefixo grego, usado como o precedente em palavras compostas em nossa língua ou nas romanas, de formação moderna. Significa dentro, no interior*: Endocarpo, endosmose, endógeno, endógamo, endocárdio, endotélio, endo-parasita, endosperma, endosporo, endosmômetro, endoscópio, endofago, endofagia.*

Ento - Prefixo grego, que tem o mesmo valor significativo do precedente, mas de uso menos frequente. Opõe-se às prefixas *exo, ecto: Entozoário, entoblasto, entóptico, entocôndito, entogástrico, entozóico.*

Ecto - Prefixo grego oposto a *endo, ento.* Significa fora, no exterior: *Fetoderma, ectoparasita, ectoplasma, ectocôndilo, ectozoico* e outros termos científicos.

Eu - Prefixo de origem grega, que significa *bom, bem;* implica uma ideia de excelência, adaptação, abundância, facilidade, prosperidade: *Eufemismo, eupepsia, eupéptico, euplócomo, eufonia, eugenia, Eumênides, Euxino, eucaristia.*

Exo - Prefixo equivalente a *ecto* e oposto aos prefixos *endo* e *ento.* Significa *fora, de fora, no exterior: Exofalo, exotérico, exógeno, exoftalmia, exofagia, exoplasma, exostoma.*

Epi, ep - Significa sobre, acima, depois: *Epidemia, epitáfio, epílogo, epiglote, epíteto, efêmero, epicarpo, efemérides, epicédio, epiderme, epicôndilo, episódio, epitálamo, época, epigástrio, epígrafe, epítome, epidídimo, epigeu, epitélio, epíteses.*

Etno - Palavra grega, que quer dizer *nação* e que se adiciona como prefixo a alguns nomes portugueses: *Etnografia, etnologia, etnogenia, etnopsicologia, étnico.*

Eto (de *ethos):* Palavra grega, que entra como prefixo em poucos vocábulos portugueses, usados em linguagem científica. Significa usos, hábitos, disposições, costumes: *Ética, etologia, etologista, etografia.*

Hemi - do grego, *hemi* (meio): *Hemisfério, hemicrania, hemistíquio, hemiplegia, hemianopsia, hemitropia.* Corresponde à partícula latina *semi,* que tem o mesmo valor significativo.

Hemato, hemo, hema - Raiz grega, que tem a significação de *sangue* e entra na composição de muitas palavras e termos científicos: *Hematocele, hemoptise, hematúria, hematêmese, hemoglobina, hematosina, hemorragia, hematose, hematidrose, hematoma, hematogênesis, hematozoário, hematoide, hematologia, hematofobia, hemofilia, hematozoico, hematopoieses, hematopédesis, hemostasis, hematina.*

Hipo, hipe (de *hipos,* raiz grega empregada na acepção de cavalo): *Hipódromo, hipopótamo, Hipócrene, hipotomia, hipocampo, hipiatria, hipologia, hipúrico, hipogrifo, hípico, hipomania.*

Homeo, homo (semelhante): *Anônimo, homólogo, homogêneo, homeopatia, homeotropo.*

Hydro, hydr (da raiz grega hydro: água): *Hidrogênio, hidrocele, hidrocéfalo, hidrofobia, hidropisia, hidrostática, hidráulica, hidragogo, hidroterapia, hidrometria, hidrogeologia, hidrocótilo, hidrodinâmica, hidromel, hidrografia.*

Hiper - Partícula grega, que implica a ideia de excesso, transcendência; significa *sobre, além.* Em composição entra como prefixo em vários vocábulos, que não são de origem popular: *Hipérbole, hipersecreção, hiperestesia, hipermetro, hipertrofia, hiperbóreo, hipercrítico, hiperemia, hipergenesia, hiperbóreo.*

Hypo (de origem grega-sob, debaixo)*: Hipogástrico, hipotenusa, hipocôndrio, hipócrita, hipoemia, hipoêmico, hipoteca, hipogíneo, hipogeu, hipótese, hipoglosso, hipocofose.*

Litho -Prefixo de origem grega, da raiz *lithos:* pedra*: Litotomia, litologia, litotricia, litografia, litotripsia, litófito.*

Macro (da raiz *makros* - longo, grande): *Macróbio, macrocéfalo, macrologia, macrodáctilo, macroscelia.*

Meta - Partícula grega, que significa além, depois, entre, com, sobre. Implica uma ideia de mudança, transformação: *Metafísica, metáfora, metaplasmo, meteoro, metátese, metempsicose, metasoico, método, metonímia, metamorfose, metílico, metabólico, metagênese, metabolismo.*

Metro (do grego *metron-* medida): *Metrologia, metrificação, metrificador, métrica, métrico, metromania, metrógrafo, metrônomo, metrista.*

Micro - Raiz grega *(mikros),* que significa pequeno*: Microscópio, microscopia, micrometro, microtomo, micro-organismos, microcosmos, micróbio, microzoide, mierófilo, microporo, microzoosporo.*

Mimo, mime (do grego *mimos:* imitador): *Mímese, mimétrico, mímica, mimologismo, mimetismo, mimologta.*

Mono (do grego *monos:* só, somente, solitário, um): *Monografia, monodelfia, monomania, monóculo, monograma, monologo, monossílabo, monarca, monandria, monada, monarquismo, monadismo.*

Morfo - Raiz grega, que tem a significação de *forma: Mórfico, morfologia, morfológico, morfose, morfogenia, morfografia.*

Necro-Raiz de origem grega. Significa *morto: Necrologia, necromancia, necrológico, necrose, necrofobia, necrolatria, necroscopia, necrotério, necrópole.*

Neo - Raiz grega, que significa novo, moço, recente e que entra na formação de muitas palavras usadas em linguagem científica: *Neoplasma, neoplástico, neologia, neologismo, neoplatonismo, neocracia, neografia, neontologia, neomorfismo, neofobia, neófito.*

Orto (do grego *orthos*: direito, correto, conveniente): *Ortografia, ortopedia, ortodoxia, octógono, ortopneia, ortodoxo, ortópteros.*

Palin (do grego *palín:* de novo, às avessas, para trás: *Palimpsesto, palingenesia, palinodia, palíndromo, palindrômico, palindromia, palilogia.*

Pan, panto, pasi - Raiz de origem grega, que entra na composição de muitas palavras das línguas romanas com a significação de tudo, todo, universal: *Panaceia, pandora, panorama, pantomima, pasigrafia, panteísmo, pandemia, pantofobia, pantógrafo, pantologia, pantoscópio, panteon, pasilalia.*

Para – Partícula grega, que significa ao lado, no lado, de lado, ao longo de, junto a, por, além de: *Paródia, parágrafo, paradoxo, paradigma, paralelas, paralisia, parábola, parasita, paraplegia, paracentese, paracêntrico, paráfrase, parélio.*

Peri - Em muitos vocábulos de origem grega entra este prefixo com a significação de em roda, ao redor, à roda*: Peripatético, pericárdio, perissologia, período, perífrase, pericardite, periósteo, perímetro, peritônio, peripécia, perianto, perigeu, peripneumonia, peridíneo, pericôndrio, periférico, periferia, periostite.*

Filo - Raiz grega, que tem a significação de amor, afeto, amigo, amante, que ama: *filosofia, filantropo, filarmônica, Filomena, filancia, filologia, filólogo, filósofo, filosofar, filopolêmico, filoprogenitura.*

Fono, fon (do grego *fone: som,* voz): *Fonético, fonologia, fônico, fonômetro, fonógrafo, fonóforo, fonomotor, fonotipo, fonografia, fonolito, foneidoscópio, fonautógrafo, fonema.*

Foto, fos - De um vocábulo grego, que significa luz*: Fotografia, fotógrafo, fotofobia, fósforo, fosfena, fotométrico, fotômetro, fotometria, fotofono, fotogravura, fotosfera, fototipia.*

Poly (do grego *polys:* muito, muitos): *Polígono, poliedro, polissílabo, policéfalo, poligamia, polidipsia, poliandria, politécnica, polinômio, pólipo, polísporo, polifagia, poliuria, polimorfismo, politeísmo, polígalo, policlínica* e muitos outros vocábulos.

Pro - Prefixo de origem grega *(antes, diante): Problema, programa, prólogo, professor, prolação, progênie.*

Proto, prot (do grego *proto:* primeiro*): Protótipo, protomártir, protóxido, prototônico, protandria, protoginia, protista, protagonista, protogenia, protonotário, protoplasma, protomórfico, protomédico, protonauta.*

Pseudo - Raiz grega, que tem a significação de falso*: Pseudônimo, pseudoprofeta, pseudografia, pseudologia, pseudomorfismo, pseudomembrana.*

Piro, pire - Raiz grega, que vale o mesmo que o vocábulo português fogo: *Pirômetro, pirófago, pirorotecnia, piromancia, pirilampo, piretro, pirósis, pirologia, pirografia, pirogravura.*

Sim, sin, sy - Indica ajuntamento, simultaneidade; tem o mesmo valor que a preposição latina *cum: Sílaba, simpatia, sinergia, síntese, sintaxe, sinopse, símbolo, silogismo, sistema, síngrafo, singênese, sinovial, sínfise, sinfonia, sindáctilo, síncope.*

Teo - Raiz grega, que quer dizer Deus: *Teologia, teosofia, teodiceia, teogonia, teocracia, teomania, teologismo, teomancia.*

Termo - De um vocábulo grego, que quer dizer calor: *Termômetro, termologia, termal, termas, térmico, termometria, termoscópio.*

Tele - Do grego *tele:* longe, distante: *Telégrafo, telegrama, telefone, telescópio, telegrafia, telepatia, telefoto, telefotografia.*

Zoo - Do grego *soon:* animal: *Zooblasto, zoogamia, zoologia, zootecnia, zoogeografia, zoológico, zoogiroscópio, zoolatria, zoófito, zoófago, zooscopia, zoólito, zoomorfismo, zooquimia, zoósporo.*

Além dos compostos em que entram como prefixos as raízes *mono, di, proto,* indicativas de números, devemos distinguir os numerais gregos empregados na formação de muitos vocábulos de nossa língua. Tais são os prefixos *tri, tetra, penta, pente, hex, hepta, hebd, oct, octo, enea, deca, endeca, dodeca, icos, hecto, hecato, hecaton, kilo, myria, deuto, deutero, trito,* de que são exemplos as palavras: *trilogia, triandria, trigonometria; tetraedro, tetrandria; pentágono, pentandra, pentecoste, pentametro; heptágono, heptandria, hebdomadário; octaedro, octógono, octandra; eneágono, eneandria; decágono, decandria, decálogo, decaedro; endecaedro, endecágono, endecandria; dodecágono, dodecandria; icosaedro, icosandria; hecatombe, hectolitro, hectare; kilograma, quilômetro, quilolitro; miriâmetro; mirianto, miríapode; deuteronômio, deuteroscópio; tritóxido, tritossulfureto.*

CAPÍTULO IV

Dos Sufixos latinos, gregos e de outra procedência

Os sufixos em português são também, pela maior parte, tomados do latim e do grego.

A derivação em geral faz-se por meio de sufixos; mas a nossa língua, como as outras línguas românicas, pode formar palavras sem recorrer aos sufixos; de diversos tempos de verbos já existentes o português deriva muitos vocábulos, formando um número considerável de substantivos.

Assim é que dos verbos *aparar, tundar, sovar, cevar, cantar, tosquiar, dobrar, exagerar, lascar, cear, escapar, apanhar, derramar, arrancar, lançar, laçar, reclamar, informar, pedir, investir,* se formaram sem sufixos os substantivos *apara, tunda, sova, ceva, canto, tosquia, dobre, dobro, dobra, exagero, lasca, ceia, escapa, apanha, derrama, arranco, lanço, laço, laçada, reclamo, informe, pedido, investida.*

Isso é o que se chama *derivação imprópria* ou sem sufixo, por oposição a que se efeitua por meio de sufixos, que recebe a denominação de *derivação própria.*

Como a composição por prefixos, por apostos ou justapostos, é a derivação por meio de sufixos fonte fecunda de riqueza para as línguas: por meio desses elementos é que elas criam uma multiplicidade e variedade de combinações, sinais de uma variedade ainda maior de ideias, que, se não foram eles, se tornara impossível exprimir sem empeçar em longos giros e fastidiosas perífrases.

Não só no processo da composição, senão principalmente no derivativo, é que transparece aquilo a que chamou o douto Bréal as *ideias latentes da linguagem*; porque nestes processos a inteligência vem em auxílio da linguagem, concebendo relações que esta não indica nem exprime, antecipando-se-lhe em sua engenhosa atividade criadora.

Nem a todos os prefixos, nem aos sufixos devemos, portanto, ligar um valor inequívoco, real e absoluto: nessas terminações específicas tal cópia de significações há, que, postas a esta luz, é dificílimo traçar-lhes uma classificação lógica e metódica

Quando o gramático parece ter enfeixado e filiado num conceito geral todos os valores significativos dessas formas fecundíssimas da língua, a inteligência liga à mesma forma uma nova ideia, que se subtrai àquele laço, que parecia reuni-la, prendê-la e encadeá-la. Ao espírito do gramático surgem novas relações, que se lhe haviam dantes subtraído à perspicácia e que se tornam os veios de uma multiplicidade de noções novas, as quais adicionando-se às outras vão mais e

mais opulentando o vocabulário da língua.

A ideia fundamental e primitiva que se liga a tal elemento formativo, prefixo ou sufixo, gera no espírito outras ideias acessórias ou secundárias, vários matizes da ideia geral, os quais se nos antolham como sendo, por sua vez, fonte e origem fecunda e copiosa de novas formações, em que muitas vezes se perde, oblitera e obscurece a ideia matriz, que lhes parecia servir de apoio e *substratum,* manifestando-se assim a vida das línguas nessas perdas e renovamentos, nesse incessante turbilhão em que se elas volvem, giram e revolvem, e que é o característico de todo o organismo vivo.

No estudo dos sufixos faz-se a seguinte divisão: *Sufixos dos substantivos, sufixos dos adjetivos, sufixos dos verbos, sufixos dos advérbios.*

I
Dos sufixos dos substantivos

Os substantivos derivados formam-se em português ou de outros substantivos, ou de adjetivos, ou de verbos.

a) **Sufixos que servem para formar substantivos de outros substantivos**

A língua portuguesa forma de substantivos já existentes outros substantivos, por meio dos *sufixos,* já do próprio seio da língua ou *autóctonos,* já em maior número, de procedência latina. Tais são os sufixos *aço, aça, iço, iça, ada, ado, ato, alho, alha, elho, elha, ilho, ilha, olho, ulho, ulha, agem, al, el, ança, anca, ame, ume, ão, aria, ário, orio, edo, ez, eza, isa, essa, eiro, eira, az, cida, cola, astro, astra, ano, ense, io, ia, ico, ica, elo, ela, ilo, ete, olo, ola, ulo, culo, acho, icho, ucho, im, ino, ina, inha.*

Aça - *Fumaça, arruaça, filaça, carnaça, couraça, caraça, vidraça, linhaça, vinhaça, barbaças, barcaça, mulheraça, tarraça.*

Aço - *Palhaço, favoraço, espinhaço, senhoraço, estilhaço, bagaço, terraço, fidalgaço, estudantaço.*

Iço, iça - Sufixos diminutivos ou depreciativos, de procedência latina: *Caniço, chamico, rabiça, carniça, toutiço, aranhiço, terriço, terriça, caliça, lagarica.*

Ada - *Facada, punhada, paulada, punhalada, navalhada, braçada, unhada, umbigada, cabeçada, narigada, canelada, penada, marmelada, olhada, umbusada, goiabada, cocada, ninhada, rapaziada, feijoada, colegiada, tigelada, dedada, colherada, carrada,*

sapatada, dentada, chinelada, chifrada, palmada, palmatoada, cacetada, chicotada, cotovelada, estocada, aguada, temporada, mesada, cajadada, cajuada, passarinhada, limonada, enseada, cutilada, espadeirada, sabinada, abrilada, portada, jangada, barcada, fiada, jagunçada, redada, alvorada, noitada, enxurrada, amurada, invernada, nortada.

Este sufixo, que tem por origem o sufixo latino *atus, a, um* dos verbos da primeira conjugação, exprime, como se vê, grande variedade de ideias: umas vezes acrescenta ao radical a ideia de coleção, reunião, abundância, prolongamento, intensidade e aumento, com ou sem laivos depreciativos, de que são exemplos: *papelada, panelada, portada, cumeada, colegiada, rapaziada;* outras vezes, a de golpe ou pancada, o que atestam os nomes *facada, punhada, espadeirada* etc., outras vezes, a ideia do que de uma vez o objeto exprimido pelo radical pode conter ou abarcar, como se nota nos vocábulos *colherada, carrada, barcada, braçada;* ora a ideia de ação, como o demonstram os substantivos *garotada, assuada, risada;* ora a ideia de bebida, licor ou iguaria, em que entra como primeiro ou principal elemento componente a coisa expressa pela palavra fundamental, de que são prova os vocábulos *marmelada, feijoada, cajuada, limonada* etc.; já a ideia de fato, duração, tempo ou época, como se nota nos vocábulos *alvorada, madrugada, noitada, abrilada, invernada, sabinada;* já, em suma, a ideia de instrumento ou utensílio, com que se faz alguma ação, lugar em que se efetua alguma coisa, de que são exemplos *machada, almofada, enxada, charqueada, malhada.*

Além desse sufixo, que tem sua origem no latim, existe o sufixo *ada,* que tem procedência grega. Tal o que figura nos vocábulos seguintes: *Ilíada, Henriquiada, Luzíadas, Olimpíada, miríada.*

Ado, ato - Procedentes do mesmo sufixo latino *atus, a, um* são os sufixos portugueses *ado, ato,* exemplificados nos vocábulos seguintes: *Consulado, professorado, bacharelado, bispado, almirantado, arcebispado, reinado, generalato, prebendado, cardinalato, curato, baronato, eleitorado, ducado, viscondado, protetorado, triunvirato, decenvirato, comissariado, sindicato, celibato, anonimato.*

Alha, alho, elho, elha, ilho, ilha, olho, ulha, ulho - São exemplificados estes sufixos nas palavras portuguesas: *fornalha, muralha, gentalha, borralho, trabalho, soalho, orelha, artelho, parelha, peitilho, gravatilho, cintilho, brocadilho, rastilho, coquilho, vidrilho, camilha, espartilho, sarilho, camarilha, corrilho, caudilho, lentilha, mantilha, zarolho, ferrolho, bandulho, marulho, forquilha, rodilha, escumilha.*

Esses sufixos procedem dos latinos *aculus, eculus, iculus, oculus, uculus,* em que houve queda ou síncope do *a* átono e transformação subsequente do grupo

consoante *cl* em *lh,* como corre com os vocábulos *malha* de *macula; telha* de *tecula; ovelha* de *ovicula; abelha* de *apicula; agulha* de *acicula.*

Agem (do sufixo latino *aticum* de *aticus, a, um): Viagem, rodagem, coragem, homenagem, vilanagem, vassalagem, personagem, paisagem, plumagem, folhagem, linguagem, aprendizagem, marinhagem, cordagem, carruagem, bobagem, forragem.*

Al, el - Sufixos derivados dos latinos *alis, ale, elus, ela, elum: Animal, hospital, foral, canal, curral, dedal, catedral, cardeal, aranzel, saquitel, trouxel, tropel, cafezal, areal, bananeiral, capinzal, olival, figueiral, larangeiral, ciprestal, pinheiral, milharal, arrozal, canavial, pombal, matagal, lamaçal, canistrel, cinzel, cintel, burel.*

Em muitos desses vocábulos, como se vê, o sufixo *al* implica em português uma ideia aumentativa e o sufixo *el,* pelo contrário, uma ideia diminutiva.

Ança, anca - Com esses sufixos derivados do elemento formativo *antia,* por analogia ao que ocorre com relação aos adjetivos portugueses em *ante, ente,* que todos se ligam aos elementos formativos *antia, entia,* formaram-se em nossa língua as seguintes palavras: *usança, mestrança, militança, festança, carranca, pelancas.*

Ame, ume: *Cordame, lume, vasilhame, cartuchame, chorume, legume, cardume, balame, betume, cavername, coirame, velame, ciúme, queixume.*

Provêm esses sufixos dos elementos formativos *amen, imen, umen,* que se observam nos nomes latinos: *regimen, lumen, certamen, gravamen, foramen, albumen.*

Ão - Derivado do latim *onem, anum, anem.* Entra na formação de nomes que indicam pessoas, animais ou coisas. É ordinariamente sufixo aumentativo, como se vê nos vocábulos *gavetão, portão, casão, mesão, marquesão, tabuão, pranchão, paredão, alegrão, homenzarrão, casacão, mocetão, mulherão, canjirão.*

Pode esse sufixo unido a palavra principal formar substantivos, indicando agente, produto vegetal, instrumento, utensilio, profissão e movimento ou ação etc.: *Formão, pilão, mamão, melão, feijão, cirurgião, capitão, histrião, eleição, ação, condição, paixão.*

Com relação a esses nomes aumentativos em *ão,* é para notar que em alguns casos a forma aumentativa do nome derivado está em antagonismo com a ideia por ele exprimida, quando comparada com a que exprime o seu primitivo.

Assim, por exemplo, apesar de *caixão* ser o aumentativo de *caixa,* ninguém dirá haver mais aumento num *caixão de doce* ou *de sabão,* que numa *caixa de açúcar; cordão* é o aumentativo de *corda;* mas o primitivo exprime maiores proporções: é mais espesso, mais volumoso; o *limão* é um fruto de dimensões menores que a *lima,* entretanto o vocábulo que o designa é considerado aumentativo deste. Digamos, finalmente, que o sufixo francês *on,* que, em geral, é diminutivo nessa língua, pode indicar uma ideia de aumento, por analogia com o sufixo correspondente *on, ão,* do espanhol e do português. De diminutivos em *on* deparam-se-nos no francês exemplos em *oison, oisilon, aiglon;* entretanto é evidente o sentido aumentativo da terminação em *fanfaron.*

Aria (Com o *i* acentuado) é um sufixo que procede do latino *arius, aria, arium.* Indica coleção, ação, indústria, mister, lugar em que alguma coisa se faz: *Cavalaria, hospedaria, gritaria, berraria, escadaria, cordoaria, saboaria, rataria, confeitaria, pescaria, marcenaria, carpintaria, pedraria, romaria, bugiaria, tafularia, alvenaria, doçaria, alfaiataria, padaria, livraria, drogaria.*

Ário (Com o *i* não acentuado): Procedente da mesma fonte: *Rosário, sudário, relicário, armário, vocabulário, escapulário, lampadário, estatuário, lapidário, campanário, boticário, serventuário, cenário, fadário, aquário, herbário,* que muitas vezes conservam as formas latinas *aquarium, herbarium.*

Orio - Sufixo que serve para formar alguns substantivos de substantivos com uma ideia de aumento, abundância, depreciação e muitas vezes de lugar em que se efetua alguma coisa: *Foguetório, avelórios, palavrório, seringatório.*

Edo - Este sufixo, que tem por origem o sufixo latino *etum,* indica coleção, abundância: *Penedo, olivedo, lajedo, figueiredo, fraguedo, arvoredo, olmedo, vinhedo, rochedo, castanhedo.*

Es, esa, isa, essa - (do latim *issa, itia):* Denotam qualidade, dignidade, nacionalidade, origem, lugar do nascimento: *Burguês, freguês, baronesa, princesa, duquesa, diaconisa, marquês, marquesa, condessa, viscondessa, abadessa, prioresa, sacerdotisa, poetiza, profetiza, chinês, chinesa, francês, francesa, inglês, inglesa, holandês, holandesa, marselhês, marselhesa, bolonhês, bolonhesa, cartaginês, carthaginesa, português, portuguesa, dinamarquês, dinamarquesa, islandês, islandesa.*

Eiro, eira - Sufixo frequentíssimo em nossa língua; é, como vimos, fonte muito fecunda de derivados, em que varia muito de significação: *Engenheiro, livreiro,*

ferreiro, tanoeiro, marceneiro, torneiro, funileiro, carpinteiro, taverneiro, estribeiro, moleiro, porteiro, caloteiro, useiro, vezeiro, brasileiro, veleiro, limoeiro, pinheiro, cafezeiro, bilreiro, olmeiro, pitangueira, cajazeira, limeira, pinheira, amendoeira, coqueiro, areeiro, saboneteira, tinteiro, manteigueira, açucareiro, escarradeira, poleiro, viveiro, soleira, galinheiro.

Tem por procedência o sufixo latino *arius, aria, arium.*

Em algumas palavras portuguesas o sufixo *eiro* aproxima-se mais de sua origem latina, como se vê nos vocábulos *lapidário, calendário, estatuário, diário, itinerário, horário, anuário, estuário.*

As formas *eiro* e *ário,* oriundas do mesmo sufixo latino, constituem duas séries paralelas, que dão origem a duas ordens de substantivos, uns em *ário,* forma alatinada ou erudita, outras em *eiro,* forma propriamente romana ou popular.

Az - Poucos vocábulos há em nossa língua em que se note este sufixo, modificando radicais substantivos. É apenas notado nas palavras *cabaz, capataz, ladravaz, cartaz, montanhaz, truanaz, fatacaz, dançaraz, rufianaz, arcaz, lobaz.*

Esse sufixo liga-se ao sufixo latino *acem* de *ax.*

Cida (do verbo latino *cœdo, is, ere- ferir,* matar): *Regicida, matricida, liberticida, vermicida, infanticida, patricida, formicida, parasiticida, homicida, tiranicida, bactericida.*

Cola (do verbo latino *colo, is, ere* - cultivar, respeitar, venerar, habitar, proteger): *Vinícola, vitícola, rurícola, agrícola, celícola, montícola, íncola, arvícola, silvícola.*

Astro, astra - Sufixo que se origina do sufixo latino *aster, astra, astrum,* corruptela talvez de *ater, atra, atrum.* É sufixo diminutivo ou pejorativo: *Madrasta, pilastra, padrasto, poetastro,* ***mentastro,*** *medicastro.*

Empregavam os latinos no mesmo sentido esse sufixo nas palavras *oleaster* (oliveira selvagem), *pinaster* (pinheiro selvagem), *parasitaster* (mau parasita), *surdaster* (um tanto ou um pouco surdo), *Antoniaster* (partidista de Antônio, tomada a expressão â má parte) e no baixo latim, *matrastra, patraster.*

Do mesmo modo emprega a língua francesa o sufixo *atre,* como se nota nos vocábulos *douceâtre, bleuâtre, verdatre, blanchâtre, rougeatre, jaunâtre,* em que é evidente o sentido diminutivo que o elemento formativo acrescenta ao tema nominal.

Ia, io (com o *i* acentuado) - Implicam esses sufixos uma ideia de ação, resultado de ação, coleção, senhorio, lugar em que se faz alguma coisa e instrumento: *Almadia, baronia, burguesia, freguesia, senhoria, chefia, moradia, gelosia, mordomia, secretaria, sacristia, almotolia, algaravia, pousio, pastio, armentio, mulherio, plantio, gentio, bailio, senhorio, poderio, cunhadio, compadrio.*

Os sufixos *io, ia,* com o *i* acentuado, são de formação romana, e realizando-se aqui a acentuação por analogia com as palavras gregas *Sofia, astrologia, Darius, Sperchius, Ifigênia,* em que é tônico o penúltimo *i.* Foi isso para as línguas romanas frequente fonte de palavras novas.

Ico, ica (do grego, de que o tomamos por intermédio do latim *icum).* Traz às vezes esse sufixo uma ideia de diminuição ou depreciativa: *Abanico, veranico, burrico, Tônico, Janico;* outras vezes não é já a ideia de diminuição ou depreciativa, que o sufixo implica, senão uma ideia de arte ou ciência, indicando o feminino do sufixo essa arte ou ciência e o masculino a pessoa perita na arte ou ciência, indicada pelo radical da palavra, ou a coisa relativa a essa arte ou ciência: *Lógico* e *lógica, metafísico* e *metafísica, náutico* e *náutica, físico* e *física, químico* e *química, mímico* e *mímica, mecânico* e *mecânica, prático* e *prática, matemático* e *matemática, ótico* e *ótica, técnico* e *técnica.*

À essa forma do sufixo *ico* ligam-se, segundo alguns supõem, as formas *aco, eco, uco,* de que se encontram os seguintes exemplos; *belaco* (esp.) *velhaco; baloco, marzoco* (ital.) *tolo, estupido; almendruco* (esp.) *amendoa verde,* e as palavras portuguesas *caneco, boneco, boneca, marreco, padreco, jaleco, careca.*

Ela, elo, ete, ola, olo, ilo, ula, ulo, cula, culo - Todos esses sufixos, de procedência latina, têm valor diminutivo. Provêm dos sufixos latinos *elas, etus, olus, ilus, ulus, culus.*

Exemplificam-se todos eles nos vocábulos seguintes: *Parentela, clientela, parcela, viela, pagela; columelo, libelo, capelo; escudete, caçonete, diabrete, tiranete, doudete, merete, corpete, malhete, estiete, bolinholo, camisola, caraminhola, graçola, castanhola, rapazola, bandeirola, sacola* e vários outros, usados em linguagem não popular, em que o *o* é átono, como *arteriola, gloriola, aréola, auréola; folíolo, vacúolo; codicilo, mamilo, bacilo, sigilo; fórmula, célula, glóbulo, régulo, lóbulo; partícula, animaleulo, homúnculo, furúnculo, aurícula, ventrículo, panículo, currículo, versículo, cubículo, vesícula.*

Acho, icho, ucho - Sufixos que entram como elementos formativos em muitos dos nossos vocábulos, empregados em linguagem popular e chula. Inculcam uma ideia diminutiva e depreciativa. Em alguns esse valor diminutivo tem

desaparecido, conservando-se apenas a ideia depreciativa, coisa muito para notar no estudo dos diminutivos em todas as línguas, ou porque não existe na língua a forma primitiva da palavra, como passa com relação aos nossos vocábulos *abelha, ovelha, agulha, virgula,* diminutivos de *apis, ovis, acus, cirga,* que não existem no português, senão no latim; ou porque a palavra originária se tenha de algum modo obscurecido e obliterado; ou, finalmente, porque, com a evolução semasiológica da palavra, tenha essa adquirido um novo sentido, em que aquela ideia diminutiva tenha de todo desaparecido, ou se haja de tal modo transformado, que adquira uma significação inteiramente diferente, senão oposta a que parecia indicar o sufixo.

A terminação *ela,* por exemplo, que é simplesmente diminutiva em *parcela,* não o e em *parentela,* em que ao sentido depreciativo ou pejorativo, que conserva, ajunta o coletivo, isto e, de multidão, reunião, aumento.

No francês as terminações ou sufixos *eau, ele,* que se consideram como diminutivos, perderam todo esse valor nos vocábulos *cerveau, cervele, pruneau, prunele, trousseau, vaisseau* etc.

Como exemplos dos sufixos *acho, icho, ucho,* do latim *aculus, iculus, uculus,* pela síncope do *a* e transformação do grupo *cl* em *lh,* ou, como pensam outros, dos sufixos latinos *aceus, acea, aceum; iceus, icea, iceum; uceus, ucea, uceum,* temos os seguintes vocábulos: *Populacho, vulgacho, riacho, fogacho, capacho, rabicho, papelucho, bombacha, muchacho, borracho, carrapicho, cochicho.*

Im, ino, ina, inha -Todas essas formas se ligam as formas latinas *inus, ina, inum.*

Em muitos de nossos vocábulos indica este sufixo, em suas várias formas, a ideia de diminuição, assumindo muitas vezes, já em nomes próprios, já em apelativos, a forma verdadeiramente portuguesa *inho, inha;* como se vê nos vocábulos seguintes: *Botim, botina, espadim, patim, jogatina, fortim, flautim, chapim, lagostim, camarim, bergantim, capuchinho, estopim, livrinho, Antoninho, Antonino, Aurelino, Calvino, Paulino, Bernardino, Bernardim, Ernestino, Carolino, Josefina, Delfino, Felismino, Delfim, Baldoíno, Secundino.*

Em sua forma feminina *ina* e esse sufixo de frequente emprego em linguagem química, industrial e mineralógica, de que dão testemunho as palavras *bromina, clorina, iodina, glicerina, atropina, codeína, estricnina, quinina, aconitina, santonina, pepsina, ptialina, pancreatina, pilocarpina, mucina, oleína, margarina, estearina, benzina, brilhantina, percalina. popelina, anilina, fucsina* etc.

Em algumas palavras denota qualidade, título, instrumento, ciência, lugar onde se exerce um mister, uma profissão: *Heroína, valdevino, Tzarina, medicina, barretina, disciplina, peregrino, oficina, turbina.*

Enfim, encontra-se ainda esse sufixo formando palavras que indicam ordens religiosas, seitas, partido político, escolas, países: *Theatino, Jacobino, Argentino, Benedictino, Gibelino, Florentino, Girondino.*

b) Dos sufixos de substantivos derivados de adjetivos

Entre os principais sufixos dos substantivos formados de adjetivos distinguem-se os sufixos *ada, ão, aria, dade, ena, ença, ência, ea, esa, ia, ice, iça, icia, mento, or, orio, tude, ura.*

Ada - No tocante à significação desse sufixo, que forma pela maior parte substantivos derivados de substantivos, podendo também formá-los de adjetivos, veja-se o que já deixamos dito sobre o sufixo *ada,* que se pode exemplificar em *dobrada, velhacada, tratantada.*

Ao - Esse sufixo, derivado do sufixo latino *onem, anem, anum,* empregado no latim e nas línguas românicas para formar nomes de pessoas, animais ou coisas, significa geralmente em nossa língua uma ideia de aumento, indicando às vezes qualidade, ação, estado: *Velhacão, mansidão, perfeição, gratidão, pobretão, aptidão, multidão, ineptidão.*

Aria - Indica lugar, estado, ação, qualidade: *Enfermaria, grosseria, porcaria, tafularia, pedanteria.*

Dade (do latim *tatem)-Indica* vício, virtude, sentimento, qualidades abstratas: *Felicidade, uberdade, fertilidade, liberdade, bondade, castidade, soledade, variedade, honestidade, claridade, mordacidade, urbanidade, fragilidade, sobriedade, mortalidade, simplicidade, puridade, mundanidade, lealdade, ferocidade, fealdade, humanidade, fidelidade.*

Ena - *Novena*, *dezena, vintena, trezena, quarentena, centena, quinzena.* Indica esse sufixo os números coletivos.

Ença, ência -Trazem ao espírito a ideia de qualidade, estado.

Têm por origem o sufixo latino *entia: Doença, demência, clemência, prudência, convalescença, aparência, assistência, continência.*

Ez, eza (do latim *itia)*-Significam qualidade, estado, nomes abstratos: *Rapidez, fluidez, insensatez, rigidez, altivez, surdez, nudez, fereza, alteza, riqueza, grandeza, crueza, chaneza, franqueza, lhaneza, torpeza, frieza, correnteza, pureza, limpeza, pequeneza, vileza, barateza, lindeza, beleza, boniteza, viveza.*

Ia - Do latim *ia,* cujo acento se descolocou nas palavras de origem popular, conservando-se, porém, nas de origem erudita, ou mantendo-se, neste particular, por analogia a acentuação grega: *Cortesia, cortesania, vilania, galhardia, bizarria, covardia, monotonia, monodia, perfídia, palinódia.*

Ice, iça, icia - Sufixos procedentes do latim *ities, itia.*

Designam estado, ideias abstratas, notando-se na forma *ice* quase sempre um sentido depreciativo: *Velhice, estroinice, parvoíce, tafulice, sandice, tolice, meiguice, justiça, patetice, rabulice, malicia, preguiça, sevicia, caricia.*

Ismo -Do latim *ismus,* cujo valor significativo deixamos já estudado. Como exemplos de substantivos, formados de adjetivos por meio desse sufixo, temos *os* vocábulos *racionalismo, radicalismo, purismo, fanatismo, dualismo, brilhantismo, socialismo, sensualismo, monoteísmo, utilitarismo, galicismo, Brasileirismo, fatalismo, americanismo, monismo, politeísmo, feudalismo, vitalismo.*

Mento – E o sufixo latino *mento* empregado não só para modificar os temas verbais, senão os adjetivos. Denota estado, ação, resultado da ação: *Contentamento, atrevimento, sacramento.*

Or - Sufixo, derivado do latim *or, oris.* Serve para formar substantivos abstratos e concretos. Tais são os vocábulos *alvor, candor, negror, verdor, primor, rubor, frescor, amargor, major, prior, menor* (que não chegou ainda a maioridade), *maior* (que já alcançou a maioridade).

Orio - Sufixo do latim *orius, oria, orium.* É usado familiarmente e em linguagem depreciativa nos vocábulos *mortório, finório, simplório, sabidório.*

Tude - Sufixo derivado do latim *tudo, tudinem* e que entra como elemento formativo de muitos substantivos femininos, para indicar ideias abstratas: *Magnitude, amplitude, mansuetude, quietude, latitude, longitude, beatitude, atitude, juventude, solicitude.*

Ura -Sufixo derivado do latim *ura* e que indica a ideia de qualidade, estado,

efeito, resultado de uma ação: *Frescura, brandura, ternura, doçura, candura, amargura, formosura, grossura, bravura, loucura, agrura, alvura, brancura, verdura.*

e) **Dos sufixos dos substantivos derivados de verbos**

Os verbos, em seus vários tempos, oferecem abundante fonte ao processo da derivação dos substantivos: o infinito, que, rigorosamente falando, outra coisa não é que um substantivo abstrato, o particípio presente, o particípio passado em suas duas formas, o particípio do futuro, ativo e passivo dos latinos, o imperativo, o indicativo, todos os modos, em suma, de um verbo poderão dar origem a grande número de substantivos, a que se ajuntam os elementos formativos designados sob a denominação de *sufixos.*

Os principais desses sufixos são os seguintes: *Aço, aça, agem, alho, ança, ença, ância, ência, ante, ente, inte, anda, ando, enda, endo, ao, eiro, eira, ouro, oiro, orio, ela, ido, iz, inha, ivo, mento, or, udo, ura, tura*

Aço, aça (do sufixo latino *aceus, acea, aceum* ou *acius, acia, acium*). Forma substantivos que exprimem resultado de uma ação, efeito, instrumento: *Andaço, cansaço, mordaça, liaça.*

Agem (do latim *aticum)* - Denota ação, duração, continuidade, reunião: *Lavagem, rodagem, passagem, moagem, espionagem, equipagem, vadiagem, pilhagem.*

Alho - Sufixo de origem latina, que se ajunta a temas verbais para formar substantivos que denotam instrumento, ação ou efeito da ação: *Espantalho, agasalho, frangalho, chocalho.*

Anca, enca, ância, encia - Do latim *antia, entia,* sufixos plurais dos particípios do presente latinos ***ans,*** *antis, ens, entis.* Denotam ação ou estado: *Clemência, prudência, arrogância, constância, pendência, eloquência, resistência, assistência, mantença, detença, crença, falência, carência, fragrância, ganância, matança, bonança, lembrança, fiança, segurança, vigilância, andança, esperança, demência, prudência, ocorrência.*

Ante, ente, inte - Sufixos que se originam dos mesmos particípios do presente latinos em *ans, ens,* da primeira, segunda, terceira e quarta conjugação: *Estudante, negociante, marchante, mercante, crente, corrente, demente, ouvinte, presidente, pretendente, amante, escrevente, dormente, tenente, pedinte, comediante, semente, servente.*

Ando, anda, endo, enda - Procedentes das formas latinas do particípio do futuro passivo, que terminavam em *andus, anda, andum, endus, enda, endum: Vianda, vivenda, legenda, lenda, propaganda, moenda, prebenda, comenda, encomenda, oferenda, fazenda, dividendo, multiplicando, diminuindo, educando, ordinando, doutorando, examinando, operando.*

Ão (do latim *onem*) - Indica este sufixo, unindo-se a temas verbais para formar substantivos, a ação ou o ato de fazer ou realizar aquilo que é implicado noradical a que ele modifica: *Confissão, profissão, procissão, comparação, justificação, exploração, exclamação, duração, eleição, composição, felicitação, libertação, empurrão, rasgão, torcão, persuasão, ocupação, oração, comilão, comichão.*

Eiro, eira, ouro ou **oiro, orio** - Provém dos sufixos latinos *arius, aria, arium, orius, oria, orium.* São, como já vimos noutra parte, dos mais frequentes sufixos em nossa língua e formam grande número de derivados, exprimindo variedade de ideias, ou se ajuntem a temas nominais ou verbais: *Matadouro, sangradouro, sumidouro, logradouro, bebedouro, comedouro, purgatório, escritório, lavatório, dormitório, jaculatório, parlatório, lavadouro, cozinheiro, oratório, ancoradouro, embarcadouro, resvaladeiro, resvaladouro, dormideira, escapatória, trajetória, estaleiro, viseira, auditório, casório, consistório, cuspideira.*

Ela - Indica ação, resultado da ação: *Mordidela, escorregadela, olhadela, escapadela, fartadela, pisadela, torcidela, amassadela, amolgadela, embaçadela, comedela, escarapela, lambedela, varredela, apalpadela, ensinadela, mistela.*

Esse sufixo, que se origina do sufixo diminutivo latino *elus, ela, elum,* a ideia de ação ou resultado por ele exprimida ajunta uma ideia pejorativa.

As palavras em que entra esse elemento formativo, para formar substantivos derivados de radicais verbais, só se empregam em linguagem familiar.

Ido - Sufixo procedente do latim *itus, ita, itum.* Indica ação, resultado da ação: *Bramido, latido, zumbido, balido, mugido, gemido, vestido, ganido, rugido, estampido, estalido, ca[idos.*

lz - Forma feminina do sufixo latino *or.* Forma poucos substantivos de temas verbais. Indica agente da ação que é significada pelo verbo: *Chamariz, cantatriz, diretriz, geratriz.*

lnha - Implica este sufixo uma ideia pejorativa: *Louvaminhas.*

ivo - Originário do sufixo latino *ivus, iva, ivum.* Formando substantivos de tema verbal, fá-los indicar a propriedade de fazer o que é indicado pelo verbo ou a aptidão de sofrer ou receber a ação por ele designada, apresentando em sua significação já o sentido ativo, já o passivo: *Curativo, incentivo, cooperativo, sedativo, lenitivo, explosivo, coletivo, aumentativo, diminutivo, adjetivo, relativo.*

Mento - Originário do sufixo latino *mentum.* Designa esse sufixo o resultado de um ato ou ação, ou o próprio ato, inculcando às vezes uma ideia de reunião, coleção: *Esquecimento, contentamento, falecimento, enterramento, ornamento, aborrecimento, doutoramento, passamento, testamento, fragmento, monumento, alimento, empreendimento, funda' mento, saimento, carregamento, paramento, retraimento, ensinamento, regimento, acampamento, armamento, acompanhamento, aviamento, aparelhamento, apercebimento.*

Comum a todas as línguas românicas, era este sufixo empregado mais a larga pelos nossos clássicos do século 15, que diziam *naviamento* por *navegação, atrasamento* por *atraso, perdimento* por *perdição, falamento* por *fala, sucedimento* por *sucesso, geramento* por *geração,* e assim *refrescamento, estoiramento, esprovamento,* que se tornaram obsoletos, preferindo a língua moderna a esse processo derivativo pelo sufixo *mento* ou a derivação própria, em que o sufixo *mento* é substituído pelo sufixo *ção, ão,* ou o processo de derivação imprópria, isto é, sem o emprego de sufixo, processo mais harmônico e menos pesado. O número dos substantivos em *mento* ficou, pois, muito restringido, a partir do século 16.

Digamos ainda, com referência ao sufixo *mento,* que sua forma feminina é principalmente empregada para formar substantivos de temas verbais, a que o elemento formativo ajunta uma ideia de reunião, coleção, como no-lo mostram os substantivos *vestimenta, ferramenta.*

Or - Sufixo procedente do sufixo latino *or.* Quando precedido de *d, t* ou *s (d-or, t-or, s-or),* correspondendo ao latino *t-or, s-or,* designa esse elemento formativo o agente de uma ação; quando precedido de outra consoante, denota, em geral, ideias abstratas.

São exemplos desse sufixo as palavras *governador, doutor, professor, fumador, legislador, remador, regador, confessor, promotor, monitor, instrutor, corretor, salvador, cantor, leitor, senador, feitor, contador, reitor, escritor, calor, vigor, olor, odor, fulgor, horror, terror, clamor, louvor, tremor, temor.*

ldo -Sufixo que corresponde ao latino *utus, uta, utum,* donde é originário. Como sufixo de substantivos de tema verbal só existe no substantivo *conteúdo.*

Ura, tura - Denota esse sufixo a ideia de ação ou resultado da ação. Tem por origem o sufixo latino *ura (t-ura, d-ura): Assadura, molhadura, fratura, pintura, feitura, rotura, armadura, captura, compostura, postura, estatura, apertura, aventura, sepultura, investidura, queimadura, descompostura, cobertura, ferradura, matadura, esfoladura, angustura, arranhadura, , criatura, cozedura, atadura, estrutura, varredura, cuspidura, urdidura, textura.*

II
Dos sufixos dos adjetivos

Os adjetivos derivam-se por meio de sufixos ou de substantivos, ou de outros adjetivos, ou de verbos.

a) Sufixos que servem para formar adjetivos de substantivos

Os principais sufixos que servem para formar adjetivos de substantivos são os seguintes: *Al, el, il, aco, aceo, ado, ano, ão, aneo, ar, ário, eiro, atico, ejo, enho, ante, ente, ento, lento, eo, ez, eza, esco, este, estre, forme, fero, fico, fugo, gero, ieo, ício, iço, ino, inho, onho, orio, oso, paro, peto, udo, um, undo, voro.*

Al, el, il - Designam· esses sufixos uma ideia de conveniência, pertença, uniformidade com o que denota o radical da palavra: *Meridional, mortal, magistral, legal, nacional, corporal, material, espiritual, festival, textual, civil, pueril, infantil, infernal, predial, casual, distrital, invernal, anual, fiel, gentil, juvenil, senhoril, mulheril.* Originam-se esses sufixos dos latinos *alis, elis, ilis.*

A primeira dessas formas de sufixos é equivalente ao sufixo português *ar,* trocando-se o *l* final do sufixo em *r,* quando no tema ou radical já houver um *l,* como se nota nos dois vocábulos *parcial* e *singular,* cujos sufixos são de sentido idêntico, havendo um *r* na terminação do segundo vocábulo, por existir um *l* no seu radical.

Aco - Sufixo originário do latim *acus, aca, acum:* designa semelhança, qualidade atinente ao objeto indicado pelo tema: *maníaco, demoníaco, ambrosíaco, elegíaco, paradisíaco.*

Aceo - Sufixo que deriva do latim *aceus, acea, aceum.* Indica a família, tribo ou divisão, relativa ao objeto significado pelo radical: *Malvácea, liliácea, bromeliácea, testáceo, crustáceo, cetáceo.*

É frequentemente empregado em linguagem botânica e zoológica: *Cetáceo, cretáceo, liliácea, bromeliácea, galináceo, rosácea, rutácea, ciperácea, rubiácea.*

Ado, ada (do latim *atas, ata, atum).* Exprime imitação, semelhança, modo: *Penado, abaulado, alado, alada, emplumado, emplumada, estrelado, estrelada, ervado, ervada.*

Ano, ão (do latim *anus, ana, anum).* Designa naturalidade ou lugar de nascimento, seita, sistema, ideia de pertença: *Ariano, maometano, transmontano, presbiteriano, pernambucano, romano, italiano, americano, baiano, cristão, diluviano, germano, cortesão, espartano, suburbano, vilão, beirão.*

Aneo (do sufixo latino *aneus, anea, aneum).* Indica a ideia de qualidade, pertença: *Terrâneo, conterrâneo, sucedâneo, subitâneo, consentâneo, subterrâneo, contemporâneo.*

Ar - Originário do latim *aris,* equivalente ao sufixo *alis, al,* em português, que é substituído por *ar* quando no tema figura um *l,* como já vimos tratando do sufixo *al: Ocular, familiar, militar, singular, maxilar, salutar, articular, patibular, popular, angular, triangular, similar, regular, auxiliar, capilar, exemplar.*

Ário, eiro (do sufixo latino *arius, aria, arium,* cujo valor significativo já vimos atrás: *Imaginário, voluntário, hereditário, camarário, interesseiro, embusteiro, lisongeiro, useiro, vezeiro.*

Ático - Originário do sufixo latino *aticus, atica, aticum.* Designa qualidade, pertença; só empregado em linguagem erudita: *Lunático, problemático, sistemático, linfático, aquático, hepático, dramático, pneumático, fanático, majestático.*

Ejo - Originário do italiano *egio,* que se liga ao latim *aticum, eticum.* Forma os adjetivos *andejo; anexo, sertanejo,* o último e primeiro dos quais podem igualmente empregar-se corno substantivos.

Enho - Originário do sufixo latino enus, *ena, enum.* Designa qualidade: *Ferrenho, carrasquenho, estremenho, sedenho* (adj. que tem sedas, ant.), *gamenho.*

Ante, ente - Procedentes dos sufixos *ans, antis, ens, entis* dos particípios do presente da língua latina, e por eles analogicamente moldados em português em adjetivos derivados de verbos ou em alguns adjetivos derivados de substantivos: *Caminhante, comerciante, negociante, gigante, feirante, prudente, demente.* Designa qualidade ou estado.

Ento, lento - Sufixos procedentes do latim *entus, lentus.* Indicam esses sufixos abundância, intensidade, qualidade duradoura. Às vezes são precedidos eufonicamente das consoantes *e, r* e do grupo consoante *nh*: *Sonolento, lodacento, purulento, macilento, lamacento, fraudulento, vinolento, corpulento, suculento, fumarento. friorento, nojento, fumarento, morrinhento, ferrugento, flatulento, sanguinolento, sangrento, bolorento, barulhento, barrento, escumento, pestilento, famulento, feculento, pachorrento, fedorento, mormacento.*

Eo (do sufixo latino *eus, ea, eum*)-Designa matéria, qualidade, semelhança. *Marmóreo, argênteo, ebúrneo, áureo, plúmbeo, cúpreo, térreo, pétreo, calcáreo*[calcário], *sidéreo, vítreo, sulfúreo, hercúleo, gigânteo, cerúleo, férreo, níveo, róseo, arbóreo, purpúreo, cítreo, femíneo, virgíneo, líneo, ósseo.*

Ês, esa -Corresponde ao sufixo latino *ensis.* Indica qualidade, procedência, habitação, naturalidade ou lugar de nascimento: *Montanhês, camponês, montês, pedrês, soez, irlandês, francês, inglês, holandês, português, aragonês, cortês, irlandesa, francesa, inglesa, holandesa.*

Esco - Sufixo que existe em todas as línguas românicas. Corresponde ao sufixo latino *iscus,* ao francês *esqte,* ao italiano *esco,* donde parece o tomamos. Designa uma ideia de qualidade, semelhança, imitação: *Cavaleiresco, tudesco, burlesco, dantesco, pedantesco, arabesco, pitoresco, moiresco, fradesco.*

Este - Derivado do latim *estis.* Designa qualidade e forma poucos adjetivos. *Celeste, agreste.*

Estre -Sufixo originário do latim *estris,* que em nossa língua não é muito fecundo. Denota qualidade: *Terrestre, equestre, pedestre, campestre, alpestre.*

Forme - Sufixo procedente do vocábulo latino *formis.* Entra na constituição de derivados que .indicam a ideia de semelhança na forma: *Piriforme, peniforme, fusiforme, reniforme, digitiforme, cordiforme, moniliforme, numiforme, filiforme.*

Fero - Elemento formativo, procedente do verbo latino *fero, fers, ferre,* que se emprega como sufixo em muitos adjetivos portugueses derivados de substantivos, com a significação de coisa *que produz, que traz em si* ou *consigo: Frutífero, frugífero, florífero, cornífero, armífero, prolífero, pestífero, sonífero, uriníferо, sanguífero* ou *sanguinífero, mortífero, mamífera, soporífero, estelífero.* É esse sufixo empregado em linguagem erudita e sempre lhe é anteposta a vogal *i,* que em todas essas formações é a sílaba tônica.

Fico - Elemento formativo, procedente do latino *ficas* (do verbo *facere:* fazer), que forma em português muitos adjetivos, derivados do latim, com a significação de coisa que faz, que é causa de: *Prolífico, pacífico, terrífico, horrífico, petrífico, honorífico.*

Fugo - Sufixo pouco produtivo. Provém do verbo latino *fugere:* fugir, tendo como sufixo nessa mesma língua as formas *fugus, fuga, fugum.* Tem a significação de que foge de, que se afasta de. Não é usado em linguagem popular: *Centrífugo, vermífugo, tenífugo.*

Gero - Elemento formativo, que no latim tem as formas *ger* ou *gerus, gera, gerum,* do verbo latino *gero,* geris, *gerere:* trazer, ter, trazer em si, sobre si: *Armígero, lanígero, cornígero, belígero, alígero.*

Ico - Procedente do sufixo latino *icus, ica, icum.* Elemento formativo átono, que forma muitos adjetivos em português, denotando qualidade habitual ou acidental, ideia de semelhança, pertença: *Diabólico, rábico, cênico, tirânico, cínico, geométrico, pérsico, seráfico, angélico, aromático, asmático, astronômico, econômico, agronômico, métrico, frenético, algébrico, cúbico, patronímico, lacônico, arábico.*

Iço, ício (do latim *itius, itia, itium).* Denota qualidade, hábito, semelhança, frequência: *Enfermiço, encontradiço, feitiço, palhiço, espantadiço, vitalício, adventício, metediço, patrício, tribunício, cardinalício, frumentício, esponsalício, assustadiço, namoradiço.*

Io (do sufixo latino *inus, ina, inum).* Implica uma ideia de qualidade, pertença, semelhança: *Leonino, Netunino, marino, transmarino, cerebrino, argentino, purpurino, ferino, canino, vulpino, felino, asinino, vespertino, matutino. mofino.*

Inho - Tem por origem o mesmo sufixo latino *inus* e forma adjetivos derivados de substantivos, designando qualidade e mais frequentemente ideia diminutiva: *Marinho, daminho, maninho, inocentinho, esfarrapadinho, ribeirinho, biscainho.*

Unho, undo, bundo - Elementos formativos procedentes da forma latina *undus, bundas.* Formam adjetivos derivados de substantivos e denotam qualidade, abundância: *Medonho, risonho, enfadonho, furibundo, iracundo, jucundo, rotundo.*

Ório - Sufixo que se origina do latino *orius, oria, orium.* Indica qualidade; não só forma substantivos, senão também adjetivos deles derivados. *Inglório, risório, tormentório, aleatório.*

Oso - Sufixo de origem latina, de *osus* por *ousus.* Denota abundância ou simplesmente a qualidade no substantivo a que ele se ajunta: *Ditoso, cheiroso, formoso, gostoso, amoroso, afetuoso, asqueroso, teimoso, belicoso, gracioso, melindroso, jocoso, corajoso, garboso, brioso, rugoso. nodoso, andrajoso, nojoso, rixoso, caridoso, lenhoso, anoso* (ant.), *pedregoso.*

Paro - Palavra latina, que se ajunta como elemento formalivo a alguns de nossos vocábulos empregados em linguagem erudita. Tem por origem o verbo latino da terceira conjugação *pario, paris, peperi, partum, parere,* que significa parir, produzir*: Ovíparo, vivíparo, sudoríparo.*

Peto - Tem por procedência o verbo latino *peto, petis, petere,* que significa *procurar, dirigir-se para: Centrípeto.* Como o precedente, é esse sufixo empregado em linguagem erudita.

Udo - Originário do sufixo latino *utus.* Forma esse sufixo adjetivos que designam abundância, aumento, propriedade, posse, inculcando em algumas palavras uma ideia depreciativa: *Beiçudo, papudo, cabeludo, testudo, espadaúdo, peludo, olhudo, pelancudo, repolhudo, façanhudo, barrigudo, barbudo, filhudo, orelhudo, abelhudo, linguarudo, lanzudo, sanhudo.*

Um - Sufixo português sem procedência estranha, que serve para formar adjetivos que denotam referência, relação: *Gatum, ovelhum, comum, caprum, vacum.*

Voro - Vocábulo latino, que outra coisa não é que o verbo *voro, voras, voravi, vorare:* comer, engolir. Unidos a um substantivo, os adjetivos terminados em *voro* denotam que o indivíduo significado por esse substantivo tem ordinariamente por alimento, come ou engole o objeto indicado pelo substantivo de que eles derivam: *Carnívoro, insetívoro, granívoro, frutívoro, ignívoro, herbívoro.*

b) Dos sufixos que servem para formar adjetivos de outros adjetivos

Não são em grande copia os adjetivos, formados de outros adjetivos por meio de sufixos.

Dentre esses os principais são os que têm por sufixos as terminações *al, el, ete, ento, inho, onho, orio, ote.*

Al - Sufixo cuja procedência e valor significativo já estudamos. Formando adjetivos de outros adjetivos, indica referência, pertença: *Matinal, divinal, paternal, maternal, angelical, eternal, perenal, anual, fraternal, celestial, senatorial musical, humanal, sideral.*

El - Sufixo de procedência já conhecida. Na formação de adjetivos derivados de adjetivos indica qualidade: *Cruel, novel, revel.*

Ete, ote, inho -Sufixos indicativos de diminuição. Não servem só para formar substantivos de substantivos ou adjetivos de substantivos, senão também para de adjetivos formar adjetivos: *Bonitinho, esfarrapadinho, inocentinho, pequenote, grandote, pobrete, alegrete, velhote, velhaquete, trigueirote.*

Ento (**-a**) - Na formação de adjetivos de adjetivos por meio desse sufixo, significa esse elemento formativo uma ideia de qualidade com toques de diminuição: *Pardacento, amarelento, alvacento.*

Onho - Indica qualidade: *Tristonho.*

Ório - Sufixo de origem latina, de que podem servir de exemplos as palavras*: finório, sabidório, simplório.*

c) Dos sufixos que servem para formar adjetivos derivados de verbos

Os principais sufixos que servem para formar adjetivos de verbos são os seguintes: *Ado, ido, ante, ente, inte, as, ace, ejo, ico, ivo, or, orio, nhado, vel, udo, ando, endo, undo, uro.*

Ado, ido - São sufixos originários das formas participiais latinas *atus, itas: Amado, defendido, punido, enfastiado, domesticado, partido, contido, alatinado, afrancesado, amarelado, anegrado, esbranquiçado, arruivado* ou *arruivascado.*

A primeira sílaba desse sufixo nasaliza-se às vezes: *Esquerdinhado.*

Quando se emprega para formar adjetivos de temas verbais, formados de adjetivos designativos de cores, inculca esse sufixo uma ideia de diminuição ou depreciação, como se vê em *esbranquiçado, anegrado* etc., sendo neste caso análogo ao sufixo *aster,* do latim *aster, astra, astrum* e do francês *tre.*

Ante, ente, inte - São sufixos que procedem das formas do particípio presente latino: *Amante, defendente, oferente, ouvinte, pedinte, docente, cintilante, coruscante, obediente cadente, vidente, dependente, arguente, crente, filante.*

Az, ace - Sufixos de adjetivos, derivados de verbos. Designam a ideia de agente ou de qualidade: *Voraz, mordaz, audaz, vivaz, contumaz, tenaz, rapace, loquaz, mendaz.*

Ejo - Sufixo que traz a ideia de aumento, frequência: *Andejo.* É este sufixo mais frequentemente empregado para formar substantivos de substantivos e então é diminutivo ou depreciativo.

Iço -Denota esse sufixo a ideia de qualidade, propensão: *Alagadiço, metediço, chovediço, movediço, tornadiço, espantadiço, jugidiço*[2]*, morrediço, molhadiço, atiradiço, intrometediço, abafadiço, mortiço, escorregadiço, pegadiço, alcançadiço, corrediço.*

Ivo - Sufixo de origem latina, cuja significação já atrás vimos. Serve para formar adjetivos: *Aflitivo, inventivo, passivo, ativo, corretivo, repressivo, exclamativo, auditivo, fugitivo, persuasivo, instrutivo, abusivo, afirmativo, negativo.*

Or - Do latim *or, tor,* como já deixamos dito: *Sedutor, abridor, amador, motor, diretor, promotor.*

Orio - Sufixo de procedência já conhecida. De temas verbais forma adjetivos que indicam uma ideia de causa, qualidade do agente, relação: *Inflamatório, declamatório, persuasório, satisfatório, imperatório.*

Vel, bil, il - É esse sufixo sob suas várias formas originário do sufixo latino *bilis.*

É precedido sempre de qualquer das vogais *a, e, i* (tônico ou átono), *o,* u. Serve para formar adjetivos de temas verbais. É um dos mais fecundos elementos formativos. Indica possibilidade, capacidade, inculcando ora significação passiva, ora ativa: *Amável, indelével, factível, solúvel, admirável, crível, ignóbil, volúvel, flexível, plausível, terrível, horrível, invejável, móvel, hábil, imitável, habitável, tolerável.*

Udo - Na formação de adjetivos de temas verbais só aparece hoje em dia esse sufixo no adjetivo *manteúdo,* ainda empregado na expressão *cavalo manteúdo* e na locução forense *teúda* e *manteúda.*

Como terminação dos particípios passados dos verbos da segunda conjugação, de que usavam os antigos, tornou-se de todo antiquado o sufixo *udo.*

Ando, endo - Sufixos que formam adjetivos de radical ou tema verbal. São formas tomadas dos particípios latinos do futuro passivo. Designam necessidade, dever: *Execrando, nefando, venerando, colendo, pudendo, reverendo, invejando, expiando.*

Tomando por tipos os sufixos latinos dos particípios passivos do futuro, não só formou a nossa língua alguns adjetivos, senão muitos substantivos, como já o fizemos notar.

Undo, bundo - Sufixos derivados das formas latinas *undus, bundus.* Denotam uma ideia de origem, abundância, tendência, qualidade: *Oriundo, vagabundo, iracundo, pudibundo, gemebundo, tremebundo, segundo, moribundo, meditabundo.*

Oiro, ouro, uro - Sufixo que se origina do latim *urus* dos particípios ativos do futuro. Indica uma ação que se realizará: *Nascituro, futuro, vindouro, imorredouro, duradouro, logradouro,* ou *vindoiro, imorredoiro, duradoiro.*

Há, finalmente, grande número de adjetivos em português que nos vieram diretamente do latim, sem radical, propriamente português: tal é a maior parte dos terminados em *emo, eme, ime, imo, umo,* a que se liga um sentido superlativo: *Extremo, extreme, sublime, íntimo, legitimo, mínimo, ínfimo, supremo, lídimo, próximo, póstumo.* Em alguns desses adjetivos a ideia superlativa se tem pouco e pouco obliterado.

III
Dos Sufixos dos verbos

Os verbos derivados formam-se ou de substantivos, ou de adjetivos, ou de outros verbos.

Os derivados de substantivos podem exemplificar-se nos verbos seguintes: *finar, folhar, cabecear, caiar, cavalgar, fumar, pentear, gralhar, engatinhar, acaçapar-se, bruxulear, narcisar-se, pavonear-se, sandejar, boquear, boquejar, bracejar, capear, amanhecer, anoitecer, campear, coxear, gotejar, harpejar, manear, manejar, manusear,*

amamentar, ensanguentar, amedrontar, aguar, menear, ondear, pinotear, sapatear, aterrar, esmolar, escudar, polvilhar, achinelar, pestanejar, pernear, estomagar-se, taramelar, taramelear, enfurecer, amortecer, topetar, palmear, palmejar, velejar, trombejar, vozear.

Derivados de adjetivos são os verbos: *rouquejar, branquear, alvejar, secar, clarear, azedar, anegrar, azular, azulejar, fraquear, endoidecer, amolecer, amadurecer, enlouquecer, entristecer, entorpecer, empalidecer, emudecer, enricar, enriquecer, apodrecer, ensurdecer, umedecer, engrandecer, enfraquecer, alvorecer, embrutecer, encanecer, emagrecer.*

Os verbos que se formam de outros são principalmente os *diminutivos, frequentativos* e *incoativos.*

Contam-se entre os *diminutivos* os verbos *saltitar, saltarinhar, adocicar, chupistar, fervilhar, lambiscar, pipilar, pipitar, tremelicar, escoucinhar, sorvilhar, depenicar, beliscar, gemelicar, beberricar, namoricar* ou *namoriscar, chuviscar, cuspinhar, escrevinhar.*

Como *frequentativos* citaremos os verbos *relampadejar, fumear, fumegar, joguetar, joguetear, espanejar, forcejar, beijocar, cravejar, mercadejar, dormitar, choramingar, salteiar, pastorear, voltear* ou *voltejar.*

Entre os *incoativos* terminados todos em *escer* ou *ecer,* do sufixo latino *scere* (forma incoativa), estão os verbos portugueses *florescer, adormecer, emurchecer, embebecer, esmorecer, enraivecer.*

Pode o mesmo sufixo que designa diminuição reunir a essa ideia a de frequência, de que nos fornecem exemplos os dois verbos *cuspinhar* e *escoucinhar,* em cujo sentido se combinam ideias de frequência e diminuição.

Outros sufixos há próprios dos verbos, que lhes modificam o tema ou radical, seja este substantivo, adjetivo ou verbo.

Tais são os sufixos **ficar** (*ficare* de *facere),* **entar, izar**, (sufixo grego correspondente ao latino *issare,* da decadência), *ladar, latar* (de *latum,* supino do verbo latino *ferre): Pacificar, dulcificar, clarificar, plenificar, simplificar, purificar, rarefícar, justificar, amplificar, glorificar, prontificar, magnificar, dignificar, latinizar, ridicularizar* ou *ridiculizar, batizar, simbolizar, pulverizar, economizar, barbarizar, frequentar, acalentar, avelhentar, aguentar, apoquentar, adormentar, acrescentar, trasladar, relatar.*

A esses sufixos ajuntam-se os sufixos verbais **dusir, flair, ferir, mergir, meter, mitir, pelir, pilar plicar, primir, scender, trair, vergir, vertir.**

Esses não são em rigor meros sufixos, em que de todo tenha desaparecido seu sentido específico; são sim temas verbais latinos, levemente alterados em sua forma, que, modificados por afixos, deram origem em nossa língua a grande cópia de vocábulos.

Exemplifiquemos algumas palavras em cuja formação entram os aludidos sufixos:

Duzir - Do verbo latino *duco, ducis, ducere: guiar, levar: Aduzir, conduzir, deduzir, reduzir, induzir, produzir, introduzir.*

Fluir – Do verbo *latino fluo, fluis, fluere: correr, manar: Afluir, defluir, influir, refluir, confluir.*

Ferir -Do verbo latino *fero, fers, ferre: levar: Aferir, deferir, conferir, referir, inferir, proferir, preferir.*

Mergir - Do verbo latino *mergo, mergis, mergere: enterrar n'água, mergulhar: Emergir, imergir, submergir.*

Meter, mitir - Do verbo latino *mitto, mitis, mittere: mandar, enviar: Prometer, remeter, intrometer, cometer, admitir, transmitir, demitir, emitir.*

Pelir - Do verbo latino *pelo, pelis, pelere: empurrar: Impelir, compelir, repelir, expelir.*

Pilar - Do verbo latino *pilare: pilhar: Compilar, recopilar.*

Plicar - Do verbo latino *plico, plicas, plicare: dobrar: Aplicar, complicar, implicar, replicar, duplicar, triplicar, centuplicar, multiplicar.*

Primir -Do verbo latino *premo, premis, premere: opri_ mir, apertar: Exprimir, espremer, deprimir, reprimir, imprimir, comprimir.*

Scender - Do verbo latino *ascendere - subir: Ascender, descender, transcender, rescender.*

Trair - Do verbo latino *traho, trais, trahere: trazer, puxar: Atrair, detrair, retrair, subtrair, contrair, distrair, retrotrair.*

Vergir - Do verbo latino *vergo, vergis, vergere.-propender, inclinar: Divergir, convergir.*

Verter, vertir - Do verbo latino *verto, vertis, vertere: voltar, virar: Converter, reverter, inverter, advertir, divertir.*

IV
Dos Sufixos dos advérbios

O sufixo mais notável dos advérbios portugueses é o sufixo *mente,* que outra coisa não é que o ablativo *mente* do vocábulo latino *mens, mentis;* e como era esse substantivo do gênero feminino em latim, ajuntou-se a adjetivos portugueses na terminação feminina, para constituir um grande número de advérbios de modo, substituindo as formas *im, um,* e, *ter,* usadas pelos latinos, das quais carece o português.

Assim, do adjetivo *doce* se formou com esse sufixo o advérbio *docemente;* de *prudente, prudentemente;* da terminação feminina de *modesto,* por ter esse adjetivo duas formas, o advérbio *modestamente;* de *belo, bela, belamente,* perdendo o substantivo latino, em sua passagem ao português, o seu caráter independente e autônomo para assumir o de elemento meramente formativo.

A língua latina tinha para exprimir a ideia indicada por esse sufixo, que lhe tomamos, os advérbios em *e, im, um* e *ter,* dizendo *sane, modeste, pulchre, bene, male, recte, viritim, blandum, paulatim, blanditer, fortiter, leniter, breviter, singulariter, sigilatim, raptim, paulum.*

Na boa latinidade mesma já se notava o emprego da palavra *mente,* bem que não fazendo corpo com o adjetivo, em sentido idêntico ao que lhe hoje damos, empregando-a como sufixo:

> «Sensit cam simulata *mente* locutam » (Virg.).
> «Tu *condita mente* teneto » (Id.).

Tais exemplos mais frequentes ainda se nos deparam nos escritores do império:

> « *Bona mente* factum » (Quint.).
> « *Devota mente* tuentur» (Claudiano).
> « *Iniqua mente* concupiscit» (Greg. de Tours).

Esse sufixo *mente* não se uniu aos nossos adjetivos fazendo corpo com eles e constituindo os advérbios em *mente,* sem nos deixar resquícios e reminiscências de sua origem latina, não já na terminação feminina do adjetivo a que se ajunta, senão ainda no fato de se empregar uma só vez, quando em concorrência com outro ou outros da mesma natureza. Assim é que se diz «*branda, terna* e *amorosamente*», calando-se o sufixo nos dois primeiros adjetivos na terminação feminina e enunciando-se no último.

O mesmo ainda se dá no espanhol, em que se diz «*temeraria* y *locamente* » e ocorria no francês, provençal, onde eram para notar os exemplos seguintes: *humble et dulcement, si cruel et si longuement.*

V
Dos Sufixos gregos

Na formação dos vocábulos portugueses, além dos elementos latinos, partículas ou palavras, que se empregam como sufixos no processo de sua derivação, muitos sufixos gregos há que ou tomamos diretamente da língua grega, ou, como mais geralmente ocorre, indiretamente, por intermédio do latim. Como fizemos relativamente aos *prefixos,* incluímos aqui não só os sufixos propriamente ditos, constituídos pelas partículas, senão também palavras e radicais gregos, empregados como tais em muitas palavras de nossa língua.

Entre os sufixos gregos notam-se em nossa língua os seguintes, comuns a radicais diversos:

Algia - De um vocábulo grego, que quer dizer *dor: Odontologia, raquialgia, otalgia, nevralgia, cardialgia, gastralgia, nostalgia.*

Cele (tumor): *Hematocele, hidrocele, sarcocele, bronquiocele, varicocele, encefalocele.*

Cracia, crata (governo, poder, o que favorece o governo, relativo à coisa indicada pelo radical): *Aristocracia, teocracia, autocracia, democrata, teocrata, aristocrata.*

Bio (vida): *Anfíbio, micróbio, macróbio, cenóbio.*

Céfalo (cabeça): *Acéfalo, hidrocéfalo, microcéfalo, dolicocéfalo, braquicéfalo,*

Cosmo (mundo): *Microcosmo, macrocosmo.* Muito mais geralmente empregado em palavras de origem grega, em que entra como prefixo, como já vimos tratando dos prefixos.

Edro (face): *Diedro, octaedro, poliedro, dodecaedro, tetraedro, icosaedro.*

Gamo, gamia (casamento): *Ágamo, criptógamo, bígamo, bigamia, poligamia, fanerógamo, monógamo, monogamia.*

Geno - Sufixo, que entra na formação de muitas palavras, tendo ora sentido passivo, como nos vocábulos *acrógeno, endógeno, exógeno,* ora ativo, como nas palavras *oxigênio, hidrogênio, nitrogênio.* O sentido passivo é o que mais de acordo está com a etimologia e significação primitiva da palavra; o sentido ativo, porém, destoa um pouco dessa significação primitiva. Assim o sufixo *geno* tanto designa hoje objeto que é gerado, que é produzido, como objeto produtor, que gera, que produz.

Vem de uma palavra grega, que quer dizer *gerar, produzir,* devendo o sufixo, que responde exatamente ao adjetivo latino *gignas,* significar *gerado, produzido.*

Geu (terra): *Perigeu, apogeu, hipogeu.*

Gonia (produção, geração): *Teogonia, geogonia, cosmogonia.*

Gnose, gnosis (conhecimento): *Diagnosis,* ou *diagnose, geognósia.*

Grafia, grafe, grafo (escrever, escrita, descrição, que descreve): *Telegrafia, geografia, epigrafia, coreografia, cosmografia, tipografia, epigrafe, fotografia, etnografia, geografo, tipografo, telegrafo, litografia, litografo.*

Grama (escrito): *Anagrama, telegrama, radiograma, epigrama.*

Ismo - É um sufixo procedente do grego, correspondendo ao latim *ismus.* E mui frequentemente empregado em nossa língua e em todas as novolatinas. Denota sistema, imitação, aplicação ardente a tudo o que respeita a certas doutrinas filosóficas, políticas ou religiosas, teorias, seitas, princípios, ideias abstratas: *Dogmatismo, materialismo, estoicismo, racionalismo, idealismo, positivismo, cartesianismo, panteísmo, espiritualismo, maometismo, anarquismo, niilismo. fetichismo, comtismo, egotismo, islamismo, cristianismo, evolucionismo, socialismo, galicismo, helenismo, lusitanismo, semitismo, espanholismo, darwinismo, nefelibatismo.*

Ista - Sufixo derivado da mesma origem e que se liga ao sufixo *ismo,* como o agente a ação, notando-se com a mesma significação nas línguas românicas. Designa pessoa que faz obra ou executa uma ação, um mister, um ofício, sequaz, zeloso e apaixonado de arte, ciência, sistema, doutrina religiosa, política ou social: *Artista, dentista, salmista, deísta, dentista, positivista, evolucionista, socialista, anarquista, panteísta, romancista, rabequista, equilibrista, niilista, revisionista, dualista, jurista, legista, constitucionalista, civilista.*

É esse um sufixo que continua na maior vitalidade nas línguas românicas e ainda germânicas, dando nascimento a uma multiplicidade de palavras novas.

Latria (adoração, culto divino): *Idolatria, zoolatria, iconolatria.*

Logia (doutrina, teoria, tratado sobre um assunto qualquer): *Fonologia, morfologia, geologia, biologia, histologia, fisiologia, zoologia, fitologia, sociologia, teologia, psicologia.*

Mancia (adivinhação): *Quiromancia, necromancia, higromancia, cartomancia.*

Mania (furor, loucura, delírio furioso). *Monomania, anglomania, metromania.*

Metro, metra, metria (medida): *Geometria, trigonometria, termometria, geômetra, barômetro, termômetro, pluviômetro, eletrômetro, grafômetro, hidrômetro, quilômetro, miriâmetro, cronômetro.*

Morfo (forma): ***A**ntropomorfo, zoomorfo, polimorfo, amorfo.*

Nomia (lei, regra, conhecimento): *Agronomia, astronomia, autonomia, economia.*

Nomo (que conhece, que regula): De um verbo grego, que significa *regular, governar, arranjar, administrar, distribuir: Agrónomo, astrónomo, gastrónomo.*

Oide (que tem a forma de); *Odontoide, elipsoide, esferoide, ovoide, concoide, romboide, metaloide, cicloide, conoide, esfenoide, planetoide, asteroide.*

Orama (vista): *Panorama, neorama, diorama, georama, cosmorama.*

Onymo (nome): *Sinônimo, antônimo, parônimo, homônimo.*

Patia (doença, sentimento, afeição): *Alopatia, homeopatia, antipatia, simpatia, neuropatia, psicopatia.*

Fagia, fago (prática ou ato de comer, comer, que come): *Antropofagia, antropófago, lipófago, ictiófago, sarcófago, litófago, esôfago, autófago, homófago, xilófago.*

Filo (amigo): *Teófilo, hemófilo, bibliófilo.*

Fobia, fobo (medo, que teme): *Aidrofobia, pantofobia, fotófobo, fotofobia, hidrófobo, bibliofobia, bibliófobo.*

Foro (que traz consigo, que produz): *Eletróforo, fósforo, galactóforo, metáfora, andróforo.*

Fyto (planta): *Zoófito, neófito.*

Podo, pode, pod (pé): *antípoda, miriápode.*

Esse radical grego, que se emprega algumas vezes como sufixo, é mais frequentemente usado como prefixo, exemplificando-se nos vocábulos *podargo, podobrânquias, podostomatos, podalgia, podagra, podóptero, pedômetro, podófilo.*

Pola (vender): *Bibliopola, farmacopola.*

Pole, polis (cidade): *Metrópole, Adrianópolis, Petrópolis, necrópole, Florianópolis, acrópoles, Teresópolis, Trípoli.*

Ptero (aza): *Coleóptero, hemíptero, díptero, ortóptero, himenóptero, necróptero, crisóptero.*

Ocópio (vista, observação): *Microscópio, telescópio, estetoscópio, laringoscópio, caleidoscópio.*

Sofia (sabedoria): *Filosofia, teosofia.*

Stenia (força): *Astenia, estenia, neurastenia.*

Stilo (coluna): *Diastilo, peristilo.*

Tecnia (arte, ciência): *Zootecnia, teotecnia, mnemotecnia, pirotecnia, fitotecnia,* donde os adjetivos *zootécnico, teotécnico, mnemotécnico, pirotécnico, fitotécnico, politécnico.*

Terapia (tratamento médico): *Hidroterapia, metaloterapia, eletroterapia.*

Trofia (nutrição): *Atrofia, distrofia, extrofia, hipertrofia.*

Tomia (corte, incisão): *Anatomia, litotomia, cardiotomia, estereotomia, uretrotomia, ovariotomia.*

Tipo (modelo, exemplar): *Protótipo, arquétipo.*

Urgia (trabalho): *Cirurgia, liturgia, metalurgia.*

A todos esses sufixos gregos devemos acrescentar o sufixo *ite,* a que se dá o nome de *final médica,* de meneio muito comum na medicina, e que intima a ideia de inflamação do órgão ou parte do corpo indicada pelo radical do vocábulo a que se pospõe; e a terminação *ol,* hoje tão trilhada na linguagem da química orgânica, que é uma abreviação arbitrária do vocábulo latino *oleum,* acentuado na primeira, ou do vocábulo *álcool,* de origem árabe, sendo esse sufixo constituído pela primeira sílaba do vocábulo latino, ou pela última do árabe.

Do sufixo *ite* são exemplos os vocábulos *hepatite, osteíte, ovarite, otite, metrite, renite, esplenite, conjuntivite, colite, enterite, peritonite, apendicite, adenite.*

O segundo sufixo exemplifica-se nos seguintes vocábulos, usados como o primeiro em linguagem científica: *Glicerol, manitol, quinol, fenol, benzol, mentol, formol, ictiol, gaiacol, glicol, salol, benzonaftol, naftol, terpinol, iodol.*

Além dos sufixos latinos e gregos, que entram na formação dos vocábulos portugueses, nota-se em alguns de nossos vocábulos o sufixo *aldo,* correspondente ao latino *oaldus,* que provém do sufixo gótico *wald,* o qual figura em alguns prenomes ou nomes de baptismo: *Beraldo, Arnaldo, Adroaldo, Geraldo, Reinaldo, Reginaldo, Clodoaldo, Modoaldo, Theobaldo;* os sufixos portugueses *engo, enga, ingo,* cuja procedência se atribui ao alemão ou anglo saxônio *(ing),* os quais se notam nas palavras *flamingo, Realengo, flamengo, solarengo, abadengo, verdoengo, podengo, podenga, reguengo, avoengo, molenga, mulherengo, bordalengo, mostrengo, soenga,* implicando geralmente a ideia de pertença, origem, referência, qualidade, e num ou noutro caso ideia pejorativa; e os sufixos *ardo, arda, arte,* do alemão *hart,* que figuram não só em prenomes e nomes de famílias, senão também em alguns apelativos e adjetivos: *Bernardo, Ricardo, Leonardo, Suzarte, Eduardo, Mainarte, Duarte, Felizardo, Gularte, bombarda, baluarte, brocardo, estandarte, espingarda, covarde, bastardo, galhardo, bacamarte, moscardo.*

Em alguns nomes apelativos e adjetivos também indica esse último sufixo uma ideia depreciativa.

O domínio ou esfera de um sufixo nem sempre é a mesma nos idiomas em que se emprega. Assim é que o sufixo *al* dos adjetivos, o qual é empregado no francês, no espanhol e no português sob a mesma forma e significação, não tem nesta última língua a aplicação extensiva, que se nos mostra no inglês, onde se encontram para o mesmo adjetivo as formas paralelas *ic* e *al: Artistic* ou *artistical, logic* ou *logical, electric* ou *electrical,*

classic ou *classical, mathematic* ou *mathematical, politic* ou *political, medic* ou *medical, problematic* ou *problematical, technic* ou *technical, ethnic* ou *ethnical.*

Os sufixos portugueses *ego, igo,* tão em voga nos séculos 15 e 16, nos vocábulos *messiadego, relego, achadego, famadego, palacego, vinhadego, lavego, lamego ou labrego*[39], *mordomadigo, terradigo, portadigo, hospedadigo, leitiga,* desapareceram de todo do falar português.

Os sufixos *anca, dade, agem, eiro,* ainda usados na língua, unidos a vários radicais, tornaram-se de todo em todo antiquados nas palavras *maridança, perdoança, provança, lavrança, andança, mostrança, possança, gabança, turpidade, viuvidade, mansidade, nuidade, devacidade, medidagem, navagem, portagem, barcagem, carriagem, erreiro, meiguiceiro, evangelisteiro* etc.

O uso frequentíssimo dos sufixos *logia, cracia, mania, algia, ismo, ite,* da linguagem científica, se, por um lado, desvirtua a língua, criando hibridismos e vocábulos, nem sempre formados por boa analogia, por outro lado, enriquece-lhe copiosamente o vocabulário, ensanchando-o de neologismos, que se radicam e fundamentam nas necessidades das ciências, as quais se tornariam impossíveis sem meios novos para exprimir novos fatos, novos fenômenos.

É ainda para notar que são de destino mais precário os sufixos átonos, cai confronto com os tônicos; estes, ao revés daqueles, conservando o acento, *anima vocis,* têm em si esse elemento de vida, que resiste à destruição e à morte. E porventura essa a razão por que o sufixo *mente,* tomado dos latinos, nos veio substituir os advérbios em *im, e* e *ter* da língua matriz.

Em nenhuma parte se nos patenteia tão clara e evidente a evolução e vida mesma da palavra, quanto no estudo dos prefixos e sufixos.

As raízes, matéria, base fundamental das palavras, elementos de significação geral, vaga, indecisa, indeterminada, fugitiva, às vezes, nas línguas de flexão recebem dos afixos, prefixos e sufixos, seu modo de ser, sua individualidade e precisão; e, se aquelas podem nestes influir, modificando-os, já em sua forma, já nas modalidades de seu sentido, estes, por sua vez, influem nas raízes, introduzindo-lhes elementos novos, cortando-as, mutilando-as, substituindo-as, aumentando-as, diminuindo-as, desfigurando-as e destruindo-as.

Essas duas séries de ações e reações caracterizam os elementos mórficos dos vocábulos, oferecendo à raiz[40] a matéria, o esboço informe e tosco da palavra;

39. Em linguagem familiar uma ou outra vez ouve-se ainda o vocábulo *labrego* para indicar um grosseiro, um rústico.

40. No original, "*. . . oferecendo a raiz a matéria, ...*"; na adaptação, optou-se pela preservação da ligação não apositiva entre as partes e o acréscimo do acento grave. (n.e.)

os prefixos e sufixos, o cinzel, que, desbastando-lhe o grosso e rude, lhe determina os contornos e delineamentos, dando-lhe feitio, corpo, feições e ademanes conhecidos.

Não só os afixos modificam variamente a raiz, que lhes serve de *substratum,* senão que esses elementos formativos, principalmente os sufixos, podem modificar-se no tempo e no espaço, já ampliando e esfera de sua significação, já restringindo-a, ora usurpando o sentido de um sufixo de forma diferente, fazendo-o desaparecer ao cabo, ora sucumbindo a tal ou tal influência; aqui emparelhando com outro sufixo, até que este enfraquece e cede o passo na luta, ou, ao revés, se torna vencedor; ali assumindo sentido que não tinha; acolá perdendo o sentido que tinha; além significando na mesma forma ideias antagônicas, apresentando, em suma, todas essas vicissitudes por que passa tudo o que vive.

CAPÍTULO V

Vocábulos de origem popular e de origem erudita; duplas formas ou derivações divergentes

O *português,* como todas as línguas *românicas,* tem sua origem no *latim;* mas para a produção desses idiomas concorreu o latim com dois fatores: o elemento *popular* e o elemento *erudito;* este devido aos sábios, de criação literária e posterior ao primeiro, obra da reflexão e do artifício; aquele devido ao povo, produção inteiramente espontânea, natural e irrefletida.

Esses dois elementos constituem no estudo da origem e filiação da nossa língua ou de qualquer da mesma procedência, duas, como que línguas diferentes, dois estratos sobrepostos, que se encadeiam e engranzam, perdendo-se todos no *latim,* sua fonte e origem comum.

Os vocábulos de origem erudita têm ordinariamente uma forma mais alongada que os de origem popular; pouco se afastam de seu tipo latino, reduzem-se a uma transcrição quase literal do vocábulo latino; os vocábulos de origem popular, pelo contrário, mais breves em sua forma, disfarçados, desfigurados, mutilados por várias influências de lugar, tempo e clima, distanciam-se mais de sua fonte ou de seu tipo latino, sendo esse desvio sujeito a leis quase invariáveis.

A esses caracteres de pouco valor e puramente exteriores ajuntam-se os caracteres específicos seguintes:

1.° **Persistência do acento latino -** O acento latino, em geral, conserva-se no português em todas as palavras de origem popular.

Assim do vocábulo latino **cantorem** se fez em português o vocábulo *cantor;* de **operam,** *obra;* de **plateam,** *praça;* de **imaginem,** *imagem;* de **maritum,** *marido;* de **viaticum,** *viagem;* de **angelum,** *anjo;* de **capistrum,** *cabresto;* de **organum,** *órgão;* de **comptum,** *conto;* de **parábolam,** *palavra;* de **delicatun,** *delgado;* de **claviculam,** *cravelha* e *cavilha;* de **asinum,** *asno.*

Nos vocábulos de origem erudita nem sempre se observa essa regra. Assim o vocábulo português *plateia,* de **plateam,** pela deslocação do acento latino, denuncia sua origem erudita, não popular; o vocábulo português *ídolo,* acentuado à grega, com a primeira sílaba predominante, de **idolum,** paroxítono em latim, demonstra semelhantemente ou uma infração à regra da conservação do acento latino ou que no *latim popular* já havia a deslocação do acento, podendo-se outrotanto dizer da palavra *fiado,* de **ficatum** *(jecur-ficatam).*

A palavra *nogado,* de **nocatum,** com respeito à acentuação[41], oferece a maior semelhança com o vocábulo *fiado,* de **ficatum.** Este substantivo fá-lo proparoxítono a pronúncia portuguesa, quando, como bem pondera **A. R.** Gonçalvez Viana[42], deveria pronunciar-se com acento no *a,* por ser uma forma participial em *ado.*

Em *jecur ficatum* a palavra fundamental (*jecur)* cedeu o passo à acessória *ficatum*.

Exemplos como este não são raros no estudo da origem das palavras. Assim que do latim **rem natam** se fez em português o vocábulo *nada;* de **seta serica** (meada de fios de seda) fizeram os franceses a palavra *soie;* de **trojanus porcus,** a palavra *truie* etc.

A esse primeiro caráter ligam-se os dois seguintes, que são aplicação do primeiro:

2.º **Supressão da vogal átona e breve,** que precede imediatamente a vogal tônica ou acentuada nas palavras latinas.

Assim, do substantivo latino **bonitatem** fez o português o substantivo *bondade;* de **legalitatem,** *lealdade;* de **veritatem,** *verdade;* de **posituram,** *postara:* de **coagulare,** *coalhar;* de **liberare,** *livrar;* de **regulare,** *regrar;* de **computare,** *contar;* de **amaricare,** *amargar.*

Quando, porém, a vogal átona, que precede imediataente a tônica, é a primeira do vocábulo, ordinariamente se conserva: **Ferocem,** *feroz;* **fidelem,** *fiel;* **rebelem,** *revel* ou *rebelde;* **modestum,** *modesto;* **ministrum,** *ministro.*

3.º **Queda ou permuta frequente da consoante média** - Na passagem dos vocábulos latinos para o português a consoante média ora cai de todo, ora permuta com outra: **Benedicere,** *benzer;* **comunicare,** *comungar;* **vanitatem,** *vaidade;* **implicare,** *empregar;* **maturum,** *maduro;* **sudare,** *suar;* **dotare,** *doar;* **crudelem,** *cruel;* **fidelem,** *fiel;* **securum,** *segaro;* **plicare,** *pregar;* **catenam,** *cadeia;* **vocaleni,** *vogal;* **confidenciam,** *confiança;* **credentiam,** *crença;* **sanare,** *sarar;* **cogitare,** *cuidar;* **operare,** *obrar.*

Não são idênticos os processos de derivação seguidos pelos sábios e pelo povo, bem que este e aqueles recorram a mesma fonte etimológica; de modo que um mesmo vocábulo latino forneceu muitas vezes ao português dois

41. Notado como "*nógado*" no original.
42. *Apostilas aos Dicionários Portugueses.* Tomo I. Pág. 187.

Formas populares	Formas eruditas	Vocábulos latinos	Formas populares	Formas eruditas	Vocábulos latinos
Abrego	*Africo*	**Africum**	*Inteiro*	*Integro*	**Integrum**
Agro	*Acre*	**Acrem**	*Fogo*	*Foco*	**Focum**
Auto	*Acto*	**Actum**	*Forja*	*Fabrica*	**Fabricam**
Areia	*Arena*	**Arenam**	*Greta*	*Crypta*	**Cryptam**
Amêndoa	*Amygdala*	**Amygdalam**	*Goso*	*Gaudio*	**Gaudium**
Ancho	*Amplo*	**Amplum**	*Leal*	*Legal*	**Legale**
Alvidrar	*Arbitrar*	**Arbritrari**	*Madeira*	*Materia*	**Materiam**
Bolbo	*Bulbo*	**Bulbum**	*Mascar*	*Mastigar*	**Masticare**
Coalhar	*Coagular*	**Coagulare**	*Mezinha*	*Medicina*	**Medicinam**
Cabido	*Capítulo*	**Capitulum**	*Mister*	*Ministério*	**Ministerium**
Cabedal	*Capital*	**Capitale**	*Nedio*	*Nitido*	**Nitidum**
Cadeira	*Cathedra*	**Cathedram**	*Pardo*	*Pallido*	**Pallidum**
Coisa	*Causa*	**Causam**	*Pente*	*Peeten*	**Pecten**
Conceição	*Concepção*	**Conceptionem**	*Pego*	*Pelago*	**Pelagus**
Colgar	*Collocar*	**Collocare**	*Pesar*	*Pensar*	**Pensare**
Chama	*Flamma*	**Flammam**	*Peçonha*	*Poção*	**Potionem**
Colmar	*Cumular*	**Cumulare**	*Prégar*	*Predicar*	**Predicare**
Combro	*Cumulo*	**Cumulum**	*Prea*	*Presa*	**Prœdam**
Chão	*Plano*	**Planum**	*Quaresma*	*Quadragésima*	**Quadragesimam**
Chave	*Clave*	**Clavem**	*Raiar*	*Radiar*	**Radiare**
Deão	*Decano*	**Decanum**	*Rezar*	*Recitar*	**Recitare**
Dedo	*Digito*	**Digitum**	*Redondo*	*Rotundo*	**Rotundum**
Delgado	*Delicado*	**Delicatum**	*Rijo*	*Rigido*	**Rigidum**
Dobro	*Duplo*	**Duplim**	*Sarar*	*Sanar*	**Sanare**
Escada	*Escola*	**Scalam**	*Sello*	*Sigillo*	**Sigillum**
Escutar	*Auscultar*	**Auscultare**	*Senho*	*Signo*	**Signum**
Esmar	*Estimar*	**Aestimare**	*Sina*	*Signa*	**Signa**
Ensosso	*Insulto*	**Insulsum**	*Solteiro*	*Solitario*	**Solitarium**
Feito	*Facto*	**Factum**	*Teia*	*Tela*	**Telam**
Febra	*Fibra*	**Fibram**	*Traição*	*Tradição*	**Traditionem**
Fresta	*Fenestra*	**Fenestram**	*Vagar*	*Vacar*	**Vacare**

Figura 4: Formas ou derivações divergentes

vocábulos: um de origem popular, outro de origem erudita ou literária. A isso é que se dá o nome de **duplas, dicções dimorfas, formas divergentes** ou **derivações divergentes** ou, como lhes chama A. R**.** Gonçalvez Viana, **alotropos.**

Essa denominação de *duplas* (de *doublets,* termo francês, inventado por Nicolas Catherinot) têm-na querido substituir alguns escritores modernos pelas palavras *ditologia, bifurcação* ou *dimorfismo,* sendo o fenômeno filológico mais geralmente conhecido pela designação de *duplas, formas* ou *derivações divergentes.*

Formas divergentes, derivações divergentes ou *dicções dimorfas,* pois, são duas ou mais palavras de formas diferentes, que partem de uma origem comum ou de um mesmo vocábulo latino; e como os vocábulos portugueses e os dos idiomas apelidados românicos se fiam no *latim,* que concorreu com os dois fatores, de que atrás falamos, para a formação do vocabulário dessas línguas, sendo o elemento *popular,* como vimos, anterior ao *literário,* as formas divergentes correspondem, pelo comum, a duas idades diferentes no desenvolvimento histórico da nossa língua e das congêneres.

No processo das derivações divergentes notam-se ainda os factos seguintes:

1.° Da mesma forma latina podem provir duas ou mais *formas divergentes,* todas *populares.* Assim de **cupam,** vocábulo latino, se formaram as palavras portuguesas *cuba* e *copa;* de **apothecam,** as palavras *bodega* e *botica;* de **coronam,** *cora* e *coronha;* de **radulare,** *ralar* e *ralhar;* de **fratrem,** *frei, freire* e *frade;* de **laxare,** *laxar* e *leixar* (ant) por *deixar;* de **insulam,** *ilha* e ***insula;*** de **plumbum,** *chumbo* e *prumo;* de **plantare,** *plantar, prantar* (ant) e *chantar (ant);* de articulum, *artigo* e *artelho;* de **maculam,** *mágoa, malha, mancha;* de **matrem,** *mãe* e *madre;* de **patrem,** *pai* e *padre.*

2.° Algumas vezes as *formas divergentes* portuguesas vieram do *latim* por intervenção de outra língua, principalmente dentre as *românicas.*

Assim é que a palavra portuguesa *chefe* vem do latim *caput,* por intermédio do francês *chef* e se conserva ao lado do vocábulo *cabo,* que tem por fonte o mesmo vocábulo latino *caput,* o português *chapéu* origina-se do latim médio *capelum,* diminutivo neutro de *cappa, capa,* através do francês *chapeau. Caveola,* vocábulo latino, por mão do francês *geôle,* forneceu ao português o vocábulo *jaula,* que se põe em paralelo com a palavra *gaiola,* procedentes todos da mesma origem; o vocábulo latino *carrucam,* acusativo de *carruca,* deu ao português a palavra *charrua,* mediante o francês *charrue; cré,* do francês *craie,* conserva-se ao lado *de greda,* derivados todos do vocábulo latino *cretam. Hotel* nos veio da palavra latina *hospitale,* por via do vocábulo francês *hotel,* e mantem-se a par de *hospital. Forja* procede do *latiu fabricam,* por meio do francês *forge,* conservando-se ao lado de *fábrica. Lhano,* do espanhol, permanece de parceria com a palavra portuguesa *chão,* prendendo-se ambos esses vocábulos ao latim *planam. Atitude* conserva-se ao lado de *aptidão,* ligando-se um e outro vocábulo à fonte comum *aptitudinem,* através do italiano *attitudine.*

3.° Às vezes, uma das formas *populares* provém da outra *popular,* já existente na língua, unindo-se todas à mesma fonte latina: *Mealha* e *medalha* de **metaliam;** *cem* e *cento* de **centum;** *mui* e *muito* de **multum;** *dom* e *dono* de **dominum;** *dama* e *dona* de **dominam;** outras vezes, uma das formas populares torna-se antiquada e só subsiste a que lhe era paralela: *Joelho* e *geolho* de **geniculum,** diminutivo de *genu; coração* e *cor* (palavra antiquada, que significava *vontade, graças, bom termo, humanidade* e hoje só usada na expressão *de cor),* derivados de **cor,** *século* e *segre* (ant) de **seculum.**

Podem ainda as *formas divergentes* provir da mesma dicção latina, é verdade, mas de casos diferentes, e os casos que ordinariamente figuram nesses processos de derivação são o *nominativo* e o *acusativo* latino. Mas o que é para notar neste

último processo das *derivações divergentes* é que, embora em seus primórdios as duas formas casuais fossem apenas a representação de diferentes aspectos da mesma ideia, indicada pelo vocábulo latino, a mudança de forma, em alguns casos, trouxe, no decurso do tempo, uma mudança de significação nas duas formas, que, em vez de se considerarem dois casos da mesma palavra, passaram a denotar duas palavras diferentes. Testemunhas sejam as seguintes palavras: *Serpe* do nominativo latino **serpens** e *serpente* de **serpentem,** acusativo; *Cícero* do nominativo latino **Cícero** e *Cicerão* do acusativo **Cíceronem;** *Atlas* do nominativo latino **Atlas** e *Atlante* do acusativo **Atlantem;** *Zeno* do nominativo **Zeno** e *Zenão* de **Zenonem,** acusativo; *Nero* do nominativo **Nero** e *Nerão* do acusativo **Neronem;** *Polio* do nominativo **Polio** e *Polião* do acusativo latino **Polionem;** *chantre* do nominativo **cantor** e *cantor* de **cantorem,** acusativo; *saibo* do nominativo latino **sapor** e *sabor* do acusativo **saporém;** *ladro* do nominativo latino **latro** e *ladrão* de **latronem,** acusativo, *tredo* de **traditor,** nominativo, e *traidor* do acusativo **traditorem;** *erro* de **error,** nominativo, e *error* de **errorem,** acusativo; *drago* do nominativo **draco** e *dragão* de **draconem,** acusativo.

Do mesmo modo na língua francesa, onde por mais tempo se conservou a distinção entre o *caso sujeito* e o *caso regime,* o nominativo latino **pastor** deu o vocábulo francês *pâtre;* o acusativo **pastorem,** o vocábulo francês *pasteur,* **senior,** vocábulo latino, no nominativo produziu o vocábulo *sire* e **seniorem,** acusativo, o francês *seigneur;* **pictor,** nominativo, gerou o vocábulo francês *peintre* e **pictorem,** o vocábulo antigo *painteur;* **latro** deu nascimento à palavra francesa *lerre* (ant) e **latronem,** a palavra *larron;* de **serpens** fez o francês o substantivo *serpe* e de **serpentem,** o substantivo *serpent;* de **civitas,** a palavra antiga *cit* e de **civitatem,** o vocábulo *cité;* de **abbas,** o francês antigo **abe,** de **abbatem,** *abbé;* de **infans,** o antigo vocábulo *enfe,* **de infantem,** *enfant;* de **comes,** o antigo *cuens,* de **comitem,** *comte;* de **baro,** palavra latina, o antigo *bar* (provençal) ou *ber,* de **baronem,** *baron.*

Ocorria isso nos substantivos imparissílabos da terceira declinação latina, em que a deslocação do acento mudava a fisionomia dos vocábulos, estabelecendo muitas vezes diferenças de sentido entre os vários aspectos da mesma palavra.

CAPÍTULO VI

Dos Vocábulos reunidos por uma analogia de sentido, por uma relação de contraste ou por mera semelhança fônica ou ortográfica. Palavras de sentido próprio e de sentido translato.

Sinônimos chamam-se as palavras que têm uma significação idêntica ou muito semelhante.

Os *sinônimos* dividem-se em duas classes: 1.° Os que tendo radicais idênticos se distinguem, todavia, uns dos outros, já pelos afixos que os modificam, já por serem submetidos a diferentes influências ou circunstâncias gramaticais. 2.º Os que têm radicais diferentes.

São exemplos dos primeiros as palavras seguintes: *negar, denegar, renegar; enjeitar* e *rejeitar, faminto, esfaimado, esfomeado* e *famulento dissentimento* e *dissenção, consentimento* e *consenso, fragmento e fração, conspirar a, conspirar em* e *conspirar para secar, dessecar, ensecar, ressecar; zelo* e *zelos, meninice* e *meninices, liberdade* e *liberdades; honra* e *honras, ternura* e *ternuras, dignidade* e *dignidades, amor* e *amores, bem* e *bens, atenção* e *atenções, baixeza* e *baixezas candura, candidez* e *candor, caridade* e *caridades, prudentemente* e *com prudência, geralmente* e *em geral, afinadamente* e *com finura, atinadamente* e *com tino.*

Da segunda classe de sinônimos são exemplos est'outros vocábulos: *comer, tragar* e *devorar, padecer, sofrer, aturar, suportar* e *tolerar, rosto* e *semblante, homem* e *varão*; *antidoto* e *contraveneno, medo, temor, receio* e *pavor; misturar* e *confundir, peçonha* e *veneno, contar, relatar, referir* e *narrar.*

Há mais semelhança de sentido entre os sinônimos da primeira categoria que entre os da segunda; porque naqueles o elemento mórfico mais importante, isto é, o radical ou a raiz, que lhes é comum, os aproxima e liga inteiramente, tendendo a identificá-los quanto ao sentido capital; o que não passa com respeito aos sinônimos de radical ou raiz diferente.

Se, por um lado, são os sinônimos copiosos mananciais de riquezas, que as línguas entesouram, tornam-se, por outra parte, muitas vezes a causa do desaparecimento de certos vocábulos, concorrendo em muito para a transformação dos idiomas.

Homônimos dizem-se os vocábulos semelhantes que indicam ideias diferentes; ou se escrevam e pronunciem exatamente do mesmo modo, como *manga* (fruto), *manga* (turma, grupo, ajuntamento), *manga* (tromba d'água), *manga* (redoma) e *manga* (de vestido); *venda* (taverna) e *venda* (faixa); ou tenham a

mesma ortografia e pronúncia diferente, como *férvido* (adjetivo) com a primeira sílaba acentuada[43] e *fervido* (particípio) com acento na penúltima: *provido* (adjetivo) e *provido* (particípio); ou, em sumia, se pronunciem semelhantemente, apesar de sua diferença ortográfica; tais as palavras *assento* e *acento; acerto* e *asserto; apreçar* e *apressar*' *aparentar* e *aparentar, assoar* e *assuar; atestar* e *atestar, cerrar* e *serrar caça* e *cassa, bucho* e *buxo, cegar* e *segar, cela* e *sela, censo* e *senso cerva* e *serva, cessão, seção* e *sessão, cesta* e *sexta cesto* e *sexto, cervo e servo, condeça* e *condessa, sumo* e *sumo, pecar* e *pecar, coser* e *cozer, treplicar* e *triplicar corveta* e *curveta, cota* e *quota, eminência* e *iminência, empenar* e *empenar laço* e *lasso, maça* e *massa, peão* e *pião, paço* e *passo, pena* e *pena, rombo e rombo, testo* e *teto, vadear* e *vadiar.*

Os *homônimos* da primeira classe chamam-se *homógrafos;* aos outros dá-se a denominação de *homófonos.*

Parônimos chamam-se as palavras que têm relação entre si por sua etimologia ou por sua forma, como *eminente* e *iminente, conduzir* e *reduzir, divertir* e *advertir, distrair* e *abstrair, influir* e *defluir, emanar* e *dimanar, crescer* e *acrescer, confiado* e *desconfiado.*

Antônimos dizem-se os vocábulos cuja significação se encontra e opõe, como *grande* e *pequeno, magro* e *gordo, grosso* e *fino, longo* e *breve, triste* e *alegre, bonito* e *feio, alto* e *baixo.*

Em uma mesma palavra distinguem-se algumas vezes dois sentidos: um *próprio* ou *literal,* outro *translato* ou *figurado.*

Diz-se que uma palavra é tomada no *sentido próprio,* quando se lhe dá o seu *sentido primitivo;* quando, porém, toma um sentido mais ou menos afastado do primitivo, diz-se tomada no *sentido figurado* ou *translato.*

Assim o vocábulo *fogo* nas expressões «*pôr fogo à fogueira, às matas*»; «*atacar fogo às* caldeiras, aos canaviais»; «a casa ardeu *em fogo*», «crepita o *fogo* na chaminé»; «está sem *fogo* o fogão»; o vocábulo *fogo* é tomado em *sentido próprio;* se, porém, digo «o *fogo* das paixões», «o *fogo* da vaidade», «o *fogo* da revolta», «o *fogo* da cobiça», «estar a ferro e *a fogo* ou *de fogo* e sangue com alguém ou contra alguém», é o mesmo vocábulo transportado de seu *sentido próprio* para o *figurado.*

43. "férvido" não era acentuada segundo a norma ortográfica vigente à época da publicação original. (n.e.)

Esse transporte na significação das palavras, o qual tem por fundamento a analogia, cria para um mesmo vocábulo diferentes acepções, que se vão mais e mais afastando de seu primeiro sentido. Esse fato é que explica a razão por que as línguas em sua evolução apresentam palavras que têm um sentido por vezes incoerente e até encontrado* com sua etimologia; porque em sua marcha progressiva, desaparecendo algumas das acepções intermediarias do vocábulo, se perde o laço que prende e liga a sua última acepção ao sentido com que primitivamente *entrou* para o vocabulário.

* No sentido de: ir de encontro a; contrariar. (n.e.)

CAPÍTULO VII

Da classificação das línguas; línguas indo-europeias; línguas românicas

I

Classificação das línguas

No estudo das diversas línguas e da infinidade de dialetos que delas derivam têm os sábios tentado grande número de classificações, que diferem entre si, seguindo a luz sob que encaram esse dificílimo problema.

Estas classificações, consoante o modo por que é estudada esta questão de *glotologia,* distinguem-se em **geográficas, genealógicas, etnológicas, psicológicas, literárias** ou **populares** e **morfológicas.**

A *classificação geográfica* é a que estuda as línguas ligando-as à sua distribuição geográfica.

Esta classificação, se, à prima vista, parece a mais fácil de fazer, considerando a humanidade em suas épocas primordiais, é de fato a que oferece aos olhos do glotólogo um valor de menos importância e impossível de manter-se, atentos os progressos mesmos das raças e dos povos, suas guerras, suas lutas constantes em busca do que se lhes antolha melhor, suas conquistas, suas constantes migrações, suas usurpações ou sua maior ou menor força de resistência.

Nas fases históricas da humanidade é de observação que não há coincidências das línguas com as raças, nem destas com as diversas circunscrições em que o globo geograficamente se reparte. Sob o aspecto da classificação das línguas não conformam com a verdade as expressões *línguas da Europa, línguas da Ásia, línguas da América, línguas da Oceania.*

Nada tem, pois, de estável e segura esta classificação, cujo fundamento não assenta na verdade histórica. O domínio, por exemplo, da língua *árabe* não se encantoa na vasta península arábica: transpõe esses limites, estendendo-se à África e a Ásia.

Não é na Europa só, naquele recanto ocidental a que se dá o nome de Portugal, que se fala a formosa língua *portuguesa;* esta não se circunscreve em tão estreitos limites: vai à África, estende-se à Ásia, atravessa o Atlântico e é a língua do nosso país, isto é, de 25 milhões de homens. O *grego* e os idiomas da Índia setentrional, que se vinculam todos por tão apertados laços de parentesco, são entre si separados pelas línguas *altaicas,* que tanto diferem dos primeiros.

Nas condições atuais, pois, como judiciosamente pondera Hovelacque[44], a divisão geográfica das línguas não respeita nem os laços de parentesco dessas línguas, nem suas analogias morfológicas.

A *classificação etnológica* divide as línguas fundamentando-as nos caracteres das raças, que as falam. Se, como já vimos, as línguas não coincidem com as raças, uma classificação que estribe exclusivamente nos caracteres étnicos, dê-se-lhe a denominação de *etnológica* ou *genealógica,* não se justificará perante a observação dos factos.

Não se conhecem caracteres *étnicos distintivos* que separem fundamentalmente entre si os *navarrinos,* os *gutpuzcoanos,* os *biscoenhos,* os *alavanos,* os *asturianos,* os *andaluzes* e os *bascos;* todos são espanhóis, são todos *expressões* da mesma raça.

Entretanto o *vasconço* ou *euskaro,* língua falada pelos *bascos,* em ambas as encostas dos *Pirineus,* é essencialmente diverso do *espanhol,* sendo esse singular idioma, ao parecer de Taylor, uma espécie de ilha linguística no grande oceano ariano. Ainda mais, como no-lo inculcam as observações dos antropólogos modernos, esses mesmos *bascos,* de língua tão original, irredutível até hoje, não oferecem o mesmo tipo.

A *classificação genealógica* distribui as línguas em grupos, cujas famílias se consideram como filiadas num mesmo tipo de língua, de que são alterações mais ou menos profundas.

Se, como afirma Frederico Müler, as raças humanas, as doze grandes raças da humanidade, se formaram antes da constituição mesma das línguas, não havendo, portanto, concordância entre a origem linguística e a étnica, não passa de uma afirmação sem fundamento a pretensa classificação *genealógica,* nem a pluralidade das línguas e dialetos, de presente existentes, implica necessariamente a impossibilidade de uma origem comum do gênero humano.

Os caracteres *étnicos,* tirados da distinção dos cabelos, conforme são lanosos ou lisos e segundo seu modo de implantação, apesar de sua importância aos olhos do naturalista, não se devem considerar base exclusiva nem para uma classificação das raças, nem das línguas.

Com efeito, estudadas muitas línguas à luz desses caracteres *étnicos,* veremos que idiomas de construção totalmente diferente, de estrutura flexional e sintática diversa se acham ao lado uns dos outros. Nada têm de idênticas as línguas dos negros de Guiné e os dialetos Cafres, nem a língua dos Hotentotes e a dos Papous.

---

44. **Études de Linguistique et Etnografie**

Entretanto, tomando por base de classificação os característicos étnicos dos cabelos, deveriam esses idiomas, morfologicamente tão diferentes, estar encerrados no mesmo grupo.

A *classificação psicológica* assenta no estudo dos processos, do modo de que se servem as várias línguas para exprimir as operações psíquicas.

Esta classificação que se embrenha nos domínios da especulação metafísica, sem atentar na forma e estrutura das línguas, que é o que mais íntima e particularmente se prende ao objeto mesmo da glotologia, é inteiramente falsa, assentando a distribuição das línguas no vago, incerto e duvidoso, no que têm de fugitivo e fugaz.

A classificação das línguas em *línguas literárias* e *línguas não literárias* ou *populares, línguas cultas* e *incultas* fundamenta-se num fato ou fenômeno puramente exterior das línguas, que em nada interessa aos idiomas considerados em sua estrutura íntima, nos elementos, poderíamos chamar *histológicos,* que lhes constituem a trama íntima e representam o papel principal, ao parecer dos glotólogos, que no estudo das línguas fazem conta, como os naturalistas, de todos os caracteres, base das classificações, subordinando-os uns aos outros, sem se ater a um só caráter, exclusiva e absolutamente, por importante que seja.

A classificação, a que se dá o epíteto de *morfológica,* e proposta por Frederíco Schlegel, tem por base a estrutura das línguas, o exame das palavras consideradas em sua forma.

Tomando por fundamento a estrutura das línguas, Schlegel divide-as em três grandes classes, a que chamou *línguas sem flexão,* apelidadas também *insulativas* ou *monossilábicas, línguas afixivas,* chamadas igualmente *aglutinativas* ou *aglomerativas* e *línguas de flexão* ou *inflexivas.*

A primeira classe compreende as línguas que constam de *palavras- raízes monossilábicas.*

As línguas desta classe não têm estrutura alguma gramatical. A frase compõe-se de raízes simples, puras, monossilábicas, com uma significação própria e independente.

No *monossilabismo* não se conhece nenhum elemento de composição ou derivação; só a diversa posição das palavras na oração ou na frase é que indica as funções que representam.

Cada palavra tem um lugar determinado na frase; é por essa posição que ocupa no discurso e pela variada entoação que o *chinês* dá a mesma sílaba para exprimir significados diferentes, é que se sabe se é um substantivo, um adjetivo, um pronome, um verbo, um advérbio ou qualquer outra categoria gramatical. As línguas *monossilábicas* não têm formas gramaticais,

mas possuem uma sintaxe rigorosa. Como exemplos de línguas *insulativas* ou *monossilábicas* cita-se o *chinês,* o *birmano,* o *siamês,* o *anamita* e o *thibetano.*

No *chinês* distinguem-se quatro dialetos: o *mandarino,* que é a língua nacional, falado em Nanquim, o *dialeto de Cantão,* o de *Tuquian* e o *cochinchinês.*

Na classe das línguas *aglutinativas* certas raízes perdem seu caráter independente e autônomo e unem-se à raiz principal, que permanece inalterável e a respeito da qual representam o papel de elementos de relação.

Nestas línguas uma parte da palavra indica a ideia fundamental, a outra é constituída por uma ou muitas raízes acessórias, que, perdendo o seu caráter próprio, passam a indicar as várias relações, os vários modos de ser da raiz fundamental, que se não altera.

Na classe das línguas *aglutinativas* está compreendida a maioria dos idiomas que se conhecem. Assim é que são *aglutinativas* na Europa o *basco;* na América, as línguas e dialetos dos indígenas; na África, as línguas *bantas;* na Ásia, os idiomas *altaicos;* na Oceania, os do grupo *malaio-polinésio.*

As línguas *aglutinativas* dos indígenas da América também lhes chamam alguns *incorporativas* ou *polissintéticas,* porque nelas todos os elementos da proposição se incorporam por elisão e contração de sons. Nesses idiomas o sujeito, o objeto e todas as demais determinações da proposição se absorvem e embebem numa só palavra verbal. Por meio de contrações, síncopes e elipses têm esses idiomas notável tendência a fazer compostos indefinidos, resumindo num só vocábulo, de extensão descomunal, frases e sentenças inteiras.

Na terceira classe figuram as línguas chamadas *de flexão* ou *inflexivas.* É a estrutura mais perfeita das línguas, a qual se reputa procedente da *aglutinação,* como esta do primeiro estádio conhecido por *monossilabismo.*

Esta terceira espécie de estrutura das línguas consiste em que a raiz é susceptível de indicar as diversas relações, por modificações fônicas que ela própria experimenta.

Nesta última classe estão o *hebreu,* o *fenício,* o *árabe* e todas as línguas *semíticas,* o *sânscrito,* o *grego,* o *latim,* o *eslavo,* o *germânico,* o *céltico* e todas as línguas *indo-europeias* ou *áricas.*

Nas línguas *insulativas* ou *monossilábicas* não se conhecem senão *raízes,* puras, monossilábicas, tendo cada uma delas sua significação própria e independente. Nessas línguas não pode haver alteração fonética; nas *aglutinativas* uma das raízes representa o elemento mórfico fundamental, inalterável e independente; as outras, que se lhe ajuntam e unem em um organismo indivisível, representam os elementos acessórios ou formativos, perdendo seu caráter de independência e autonomia; nas *inflexivas há* fusão entre a raiz, que em si mesma se pode alterar, e os elementos derivativos, por forma que nem estes, nem aquela podem

subsistir sós por sós. A alteração fonética que, como vimos, não existe nos idiomas monossilábicos, e nos aglutinativos só pode haver na raiz indicadora do elemento formativo, pode nas línguas inflexivas existir na raiz e nos elementos formativos ou determinativos.

> «No *monossilabismo*», como se enuncia Alfredo Maury, «a língua é, para que assim o digamos, inorgânica, na *aglutinação* seu organismo constitui um todo indivisível, uma sorte de vegetação análoga à das plantas criptogâmicas, que não têm nem centros vitais nem aparelhos de funções[45]. Enfim, na *flexão* o organismo é completo, todos os órgãos especiais são criados, bem que originariamente esses órgãos se achem em dependência estreita uns dos outros, e seja necessário um movimento analítico trazido pelo tempo para os tornar mais independentes »[46].

Bem que não isenta de objeções é esta classificação *morfológica* a mais comumente seguida e a que se referem sempre os mais abalizados glotólogos, que a aceitam, apesar de a haverem alguns por pouco científica. Mas na *ciência da linguagem* corre o mesmo que na *botânica,* na *zoologia* e em todas as *ciências naturais:* nenhuma classificação existe inteiramente limpa de defeitos e que satisfaça plenamente o espírito, considerando-a a todas as luzes da ciência.

Adotando essa classificação *morfológica* das línguas, podemos compor o seguinte quadro:



Figura 5: Classificação morfológica das línguas

45. Não harmoniza bem com as investigações modernas o sustentar hoje que as criptogâmicas não têm centros vitais nem aparelhos de funções. (Nota de. E.C.R.)
46. **La Filologie Comparée**, (Recue des Deux Monde, 1857).

II
Das línguas indo-europeias

Chamam-se línguas *indo-europeias, arianas* ou *áricas* todos os idiomas de flexão, alguns já mortos, outros ainda existentes, falados em quase toda a Europa e no ocidente da Ásia.

É capital a importância do estudo da grande *família indo-europeia,* porque esta família de línguas encerra os idiomas que são órgãos da civilização moderna, depois de o terem sido das grandes civilizações dos povos antigos, que mais sobrelevam na história da humanidade.

Em suas investigações demonstrou Pop que as línguas *indo-europeias,* pela maior parte, se uniam por uma estreita aliança; que eram línguas aparentadas o *sânscrito,* o *sendo,* o *persa,* o *grego,* o *latim,* o *celta,* o *germânico,* o *eslavo* e o *lituano.*

Demonstrado esse parentesco, fácil foi aos sábios, seguindo a trilha do douto alemão, ligar as formas desses diversos idiomas a uma forma antiga, perdida, é verdade, mas que novas e ininterruptas escavações científicas foram a pouco e pouco reconstruindo, filiando todas as línguas da grande *família indo-europeia* numa língua primitiva, de que eram apenas variedades, língua falada, em seus primórdios, na achada central da Ásia, ou, como imaginam alguns, numa imensa zona, entestando a leste com o *Iaxartes,* e a oeste com o Atlântico.

As línguas **indo-europeias** dividem-se primeiramente em dois grandes ramos: o **índico, asiático** ou **árico** e o **europeu.**

O ramo **índico** subdivide-se em línguas **índias** e línguas **irânicas**[47].

As línguas **índias** compreendem:

1.° O *sânscrito* - É a mais antiga das línguas *indo-europeias* sua literatura, reputada copiosíssima, e que, segundo cálculos dos orientalistas, começando com os *Vedas,* data de quase 2000 anos antes de Cristo, é um tesouro de sabedoria. É a língua sagrada dos *brâmanes* e ainda hoje cultivada, com respeitoso carinho, como língua clássica e litúrgica.

2.° Os *dialetos prakritas,* derivados todos do *sânscrito,* sendo o principal o *pali,* língua sagrada dos *budistas* da *Índia oriental* e *meridional* e em que são redigidas as mais antigas inscrições da *Índia,* que se conhecem.

3.° Os *idiomas vulgares,* oriundos dos antigos idiomas *prakritas.* Nesta classe figuram o *bengali,* o *assami,* o *oriá,* falados na região oriental e ao ocidente para

47. Este designativo *irânico* procede de *Iran,* nome que se aplica a uma achada ou alta planura que abrange a *Pérsia,* o *Afeganistão* e o *Beluquistão**.

* *O Beluquistão (também, Baluquistão) é hoje uma província no território do Paquistão. (n.e.)*

a embocadura do *Indo,* o *hindi* ou *sindi,* o *hindustam* ou *urdu,* falado na região central, e o *mahrata,* falado ao sul.

As línguas **irânicas** abrangem: o *sendo* ou *baétrio,* o *persa antigo* e o *persa moderno.*

O *zendo* é a língua de Zoroastro, fundador da religião dos *Irano-Persas.*

O *persa antigo,* conhecido pelas inscrições cuneiformes, é a língua de Dário e de Xerxes.

O segundo ramo das línguas *indo-europeias* subdivide-se nas seguintes famílias: *céltica, germânica, leto-eslava, helênica e itálica.*

a) **A família céltica** abrange dois grupos: o *câmbrico* e o *gaélico.*

O *câmbrico* compreende:

1.° o *galês,* língua do *País de Gales.*
2.° o *córnico* ou *cornualhês,* que se falou em *Cornualha* e é hoje extinto.
3.º o *armórico* ou *baixo-bretão,* falado na *Bretanha francesa.*

O *gaélico* ou *gadélico* compreende:

1.° o *irlandês.*
2.º o *erso,* falado ao norte da Escóssia.
3.º o *mankez,* dialeto da ilha de ***Man.***

b) **A família germânica** ou **teutônica** abrange as seguintes línguas:

1.° o *gótico,* língua extinta desde o século IX e que se conhece por uma tradução da Bíblia, feita pelo bispo Wulfilas, dum original grego.
2.° o *baixo-alemão* ou *saxônio,* de que procedeu o *inglês moderno,* o *Platdeutsch* ou *baixo alemão moderno,* falado e usado familiarmente ao norte da Alemanha, e o *holandês.*

O *baixo alemão* ou *saxônio* deu primeiro nascimento a dois ramos distintos o *saxão* e o *frisão,* ao primeiro dos quais se ligam vários idiomas, contidos no seguinte quadro sinóptico[48]:

48. Este quadro vem traçado na excelente obra de A. Hovelacque **- La Linguistique**, de que se utilizou igualmente Guacomo De Gregório no seu **Manual da Ciência da Linguagem**, traduzido em nossa língua pelo ilustre escritor português Cândido de Figueiredo.

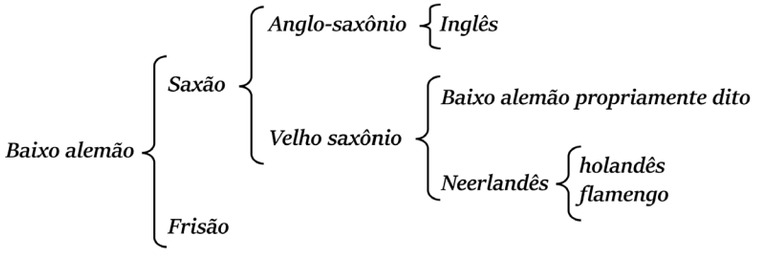


Figura 6: Idiomas derivados do baixo alemão

O *inglês* conta na história de sua evolução três períodos, a que se dá o nome de *antigo, médio* e *moderno.* O primeiro, em que a língua se assemelha muito ao *anglo saxão,* vai da metade do século XIII à metade do século XIV; o segundo d'aí até o meio do século XVI, donde começa a língua a alterar-se e entra em sua moderna fase.

3.° o *escandinavo* e seus dialetos *islandês, norueguês, sueco* e *dinamarquês,* representando este último uma fase de evolução mais adiantada do que os dialetos congêneres.
4.° o *alto alemão,* língua literária da Alemanha, que abrange as línguas da *Europa central,* dividido, segundo as épocas, em *antigo,* apelidado também *tudesco, médio* e *moderno,* correspondendo o *antigo* aos séculos VII e IX, o médio aos séculos XII e XVI e começando o moderno com a reforma de Lutero.

c) **A família leto-eslava** subdivide-se em *lético,* que compreende:

1.° o *leto* ou *lético antigo,* língua morta, e o *letão* ou *leto,* falado atualmente em Lituânia.
2.° o *eslavônio,* que abrange o *russo,* o *polaco,* o *boêmio* ou *cheque,* o *búlgaro,* o *ilírio,* o *sérvio* ou *croata* e o *eslavônio.*

d) **A família helênica** abrange:

1.° o *grego antigo*
2.° o *grego moderno* ou *romaico.*

Do *grego antigo* conhecem-se muitos *dialetos;* tais os seguintes:

1.° *Dialetos jônicos,* divididos em *jônico antigo* ou *épico,* em que escreveram Homero e Hesíodo, *novo jônico,* língua de Heródoto e Hipócrates: *ático,* encontrado apenas nas inscrições, diferindo mui pouco do dialeto *jônico.* É a língua comum de Atenas; é a língua de Aristófanes e Platão, de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, de Tucídides e de Demóstenes.

Decaindo e corrompendo-se o *ático,* dialeto comum dos gregos, tornou-se o *bizantino* da idade média, a que sucedeu o *romaico* ou *grego moderno.*

2.° *Dialetos dóricos* (dório, lacônio, coríntio, cretense etc.); *dialeto lésbio,* língua em que escreveram Alceu e Safo, antigos poetas líricos; os dialetos da Grécia setentrional, o *tessálio,* o *beócio* e outros.

O *grego moderno* ou *romaico,* posterior à queda do Império Bizantino, não difere muito da língua clássica, que lhe deu nascimento, há uns vinte séculos.

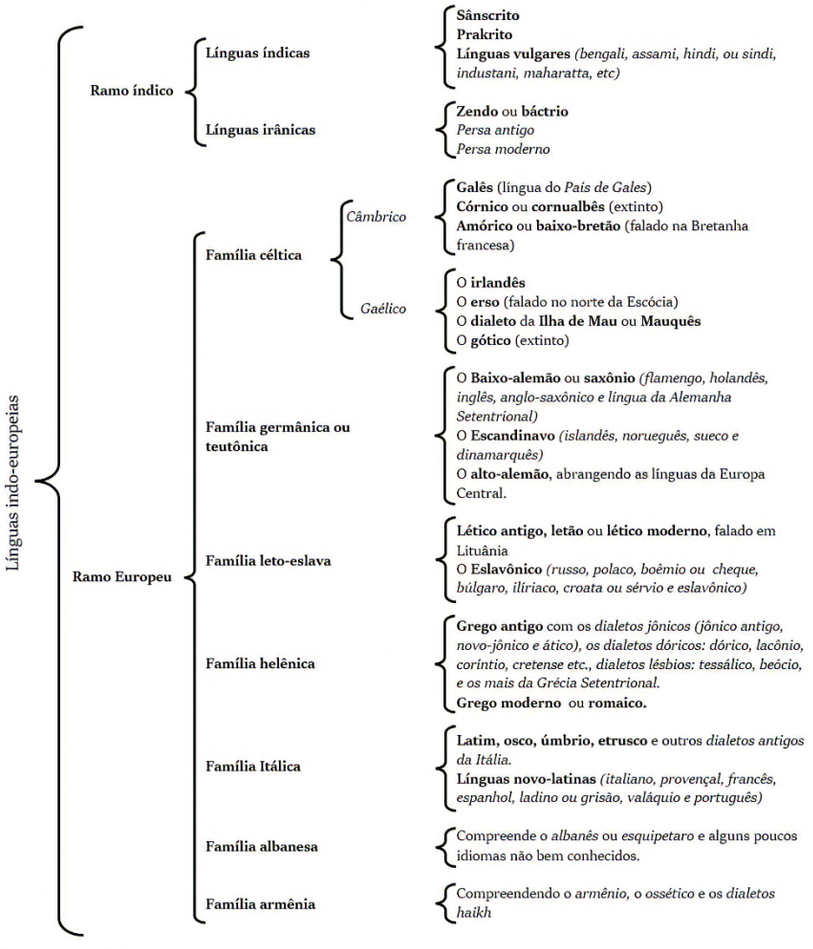
e) *A* **família itálica** é representada pelo *latim,* pelo *osco, úmbrico* e antigos *dialetos* da *Itália* e pelo *etrusco.*

Do *osco,* que se falava ao sul, em Sâmio e na Campânia, conhecem-se algumas inscrições, tais as *tábuas* de bronze de *Agnona* e de *Bantia* e a *pedra de Abela.*

O *úmbrico* falava-se ao nordeste da Península, a ele se liga o *volsco* por laços muito estreitos. Formam o principal monumento do *úmbrico* as *Tábuas Eugubinas,* sete tábuas de bronze, encerrando inscrições, descobertas perto de Gubbio, na Itália, em 1414, e relativas a atos de uma corporação de sacerdotes. Do *etrusco* pouco se tem decifrado que lhe sirva de monumento, a não ser a moderna inscrição encontrada na *ilha de Lemos,* que parece identificar os Etruscos aos Tirrênios, Pelásgios do Mediterrâneo.

No *latim* se filiam as línguas conhecidas pela denominação de *novo-latinas, novi-latinas* ou *românicas.* Todas estas línguas procedem do latim, por transformações lentas e sucessivas, que este idioma sofreu nos países da *Europa Meridional.* São elas o *italiano,* o *provençal,* o *francês,* o *espanhol,* o *ladino* ou *grisão,* o *valáquio* e o *português.*

Eis o quadro das línguas que constituem as conhecidas geralmente pela designação de *línguas* **áricas** ou **indo-europeias**[49]**:**



Quadro 7: Línguas indo-europeias

CAPÍTULO VIII

Esboço histórico-literário da língua portuguesa, sua origem e filiação

O *português,* o *espanhol,* o *italiano,* o *francês,* o *antigo provençal,* o *valáquio* ou *romeno,* com seus dialetos *dacoromeno* e *macedo-romeno* e o *ladino* ou *reto-romano* são conhecidos pela denominação de línguas românicas ou *novolatinas,* por se derivarem do *latim* por uma série de transformações lentas, progressivas e ininterruptas.

Esse idioma latino, fonte donde promana a nossa língua, a princípio simples dialeto falado, sem escrita nem literatura, como o eram o *úmbrico,* o *osco,* o *samita,* o *volsco* e o *sabino,* foi assim chamado do nome *Latium,* humilde, obscuro e pequeno território da *Itália Meridional,* , berço da nação romana, que, por seu poder, por sua grandeza sempre crescente, por seus brilhantes destinos, por sua política sagaz, perseverante, ambiciosa e absorvente, lançou a rede de suas conquistas sobre o mundo civilizado ocidental e fez do humilde e vulgar dizer do *Lácio* a língua que se desenvolveu e cresceu, à medida do desenvolvimento do povo romano, *populum late regem,* de que era instrumento, tornando-se no decurso do tempo *a bela, a rica, « pomposa língua latina, esplendidamente vestida e ornada como uma rainha.*

Assim é que essa língua estendeu o seu domínio por toda a Itália, pela Córsega, pela Sicília, pela Sardenha, pela Espanha, fazendo desaparecer a língua indígena dos Iberos, cujos destroços ainda porventura se rastreiam no *vasconço* ou *euscaro,* falado em alguns distritos montanhosos do sudoeste da França; percorreu a Gália, a Suíça ocidental e meridional e certas circunscrições da Suíça oriental, as bacias do Mediterrâneo e do Danúbio.

O *latim,* origem dos idiomas românicos, pertence à grande e importante família das línguas *indo-europeias* ou *arianas,* oriundas do antigo *aríaco,* língua hoje perdida, que era falada pelos arianos, raça inteligente, poderosa e fecunda de pastores e lavradores a um tempo, cujo berço se supõe ter sido a elevada planura central da Ásia Bactriana e Sogdiana, como lhes chamavam os antigos, donde, como raios divergentes, partiram várias tribos em direção à Europa e ao sul do continente, levando consigo e transmitindo sua língua, seus costumes, suas crenças, sua civilização e constituindo, conforme as diversas regiões que iam conquistando e onde se fixavam, outros tantos núcleos de povoações novas, que, em despeito de receberem o legado comum de linguagem, crenças religiosas e costumes, se foram, todavia, a pouco e pouco especificando e

estremando, mercê das condições físicas, fisiológicas e mesológicas, que imprimiram em cada um dos dialetos dos povos conquistados certo cunho de individualidade.

Mas, ao lado do *latim* oficial, do *latim* dos atos administrativos, do *latim* literário e clássico *(sermo urbanus),* da língua dos livros e dos grandes escritores, que com tanto garbo e luzimento se imortalizaram sob os nomes de César, Cícero, Tito Lívio e Tácito, Lucrécio e Virgílio, Horácio e Ovídio, é incontestável a existência em Roma, ainda no tempo de César, do *latim vulgar* ou *popular* e *campesino (sermo plebeus),* da língua falada.

Esta foi a que levaram aos países submetidos a seu poder, a Espanha, a Gália, a toda a parte, enfim, em que estenderam o seu domínio, as legiões romanas, compostas de soldados romanos, ilírios, espanhóis e africanos, desvirtuando-se mais e mais o *latim,* já profundamente modificado na linguagem do povo, por essa mescla de elementos heterogêneos e estranhos, que lhe deviam de força alterar a pureza e pronunciação.

Desse *latim popular,* falado e não escrito, no que se distingue do *baixo latim,* que era a língua escrita nessa época, mistura bárbara, extravagante e indigesta do *latim literário* e da língua popular falada, é que se originou a nossa língua, como todos os idiomas *novo-latinos.*

Avantajados em civilização aos Iberos, os romanos, pelas relações que com estes estabeleceram durante a dominação de tantos séculos, com o engodo do direito de cidade, que lhes abriu de par em par as portas a todas as aspirações e interesses, pela difusão do Cristianismo, pregado aos vencidos por seus apóstolos, que, mirando ao mesmo intuito, para serem mais facilmente compreendidos, desciam à linguagem vulgar, preferindo no tecido do discurso os processos analíticos ao engenhoso e sábio mecanismo da síntese, tão ao gosto da formosa língua de Cícero, adaptando o dizer à ignorância e rudeza dos povos conquistados, empregando construções e modismos até contrários à contextura do latim literário e clássico; os romanos, dizemos, por sua política sabia, previdente, firme, ambiciosa e tenaz, a qual rompia por todos os estorvos e a que tudo se curvava e cedia, com seu inelutável jugo político, lhes impuseram sua língua, eficaz. e poderoso instrumento de conquista, que os fazia sempre vencedores, ainda quando vencidos, verificando-se aquela conhecida lei da história, que, quando entram em competência dois povos, que falam línguas diferentes, o que mais civilizado é, seja vencedor ou vencido, esse é que impõe sua língua ao outro.

No século 5.° os visigodos, povos bárbaros, que em suas conquistas foram precedidos pelos vândalos, suevos e alanos, substituíram os romanos em seu domínio na Espanha; mas, embora vencedores, menos adiantados que os

vencidos na ciência e civilização, adotaram a língua destes.

A consequência da invasão desses bárbaros foi a corrução, decadência e ruína das letras e da cultura romana: suprimiram-se as escolas, desapareceu a maior parte dos estabelecimentos de instrução. Estancados assim os mananciais donde vertiam os tesouros preciosos com que se enriqueciam as ciências, as artes e as letras, a língua, tão solida e custosamente implantada na Península, foi-se ainda mais abastardando e corrompendo.

Aos Visigodos ou Godos do Ocidente sucederam, no século 8.°, os Árabes, que não mudaram a língua nem a religião dos vencidos.

Mas, se a conquista muçulmana não determinou o desaparecimento dos dialetos peninsulares, o *árabe* em contato com eles ministrou-lhes maior ou menor soma de vocábulos, conforme a maior ou menor facilidade com que se infiltrou em seu vocabulário.

Com o declinar do império romano no século 5.°, declinou à proporção a língua latina literária, que, sob a influência genial de Ênio, se havia tornado a chave de ouro que abriu a seus sucessores o cofre precioso das ricas alfaias da literatura clássica latina, ainda loje tão admiradas por seus finos quilates.

A língua vulgar, agora livre e independente, entregue só às suas tendencias ingênitas, sem as peias da língua clássica e oficial, que desde então se condenou à esterilidade, foi-se mais e mais desenvolvendo, à feição de sua índole nativa, dando afinal nascimento a vários dialetos, que, no decurso do tempo, acentuando mais singularmente sua individualidade e preponderância, suplantando os dialetos congêneres, que se foram obscurecendo e reduzindo a dizeres populares, a línguas meramente faladas, produziram, pelas condições históricas, que os elevaram, favoreceram e diferenciaram, as línguas *novolatinas* ou *românicas,* as quais outra coisa não são que o *latim vulgar,* disfarçado em *português,* em *espanhol,* em *italiano,* em *francês,* em *provençal,* em *reto-romano* e em *paláquio* ou *romeno,* tendo todos esses idiomas os traços gerais e os ares de família, que os aproximam e a fisionomia peculiar e individual que os separa e distingue, fazendo-os todos *diversos aspectos de uma só e mesma língua, diversas florescências de uma mesma plantação em terrenos diferentes.*

*

* *

A *língua portuguesa* começa a constituir-se no lapso do século 12, com a fundação da monarquia em 1139.

Sua história literária pode dividir-se em cinco épocas:

Primeira época--A primeira época vai de 1139 a 1279, isto é, desde a fundação da monarquia depois da vitória de D. Afonso Henriques no campo de Ourique,

até a acessão de D. Diniz, sucessor de D. Afonso 3.º, o *Bolonhês.*

Neste período de 140 anos a língua portuguesa oficial era um *latim bárbaro,* em que se redigiu a primeira Constituição das Cortes de Lamego em 1143, instrumento grosseiro e mal soante, apenas manuseado pelas classes mais elevadas da sociedade. Nesta língua rude e inculta, neste *latim bárbaro,* escreveu Frei João Camelo, capelão de Afonso Henriques, o *Sumário das Famílias e primeiros conquistadores deste Reino.*

Nos usos domésticos, porém, não era essa língua rude de que se servia o povo, era o *galego,* tendo-se a maior parte do novo condado de Portucale, depois reino de Portugal, desligado da Galiza. É, pois, essa primeira época da história literária da língua portuguesa um período de incubação ou elaboração.

Os únicos monumentos poéticos que essa época nos transmitiu, segundo nos afirma a história, são uns versos atribuídos a um cavaleiro, chamado Gonçalo Hermingues, o *Traga-Moiros,* chorando a morte da esposa idolatrada e os de Egas Muniz Coelho, aio de D. Afonso Henriques, ao despedir-se de D. Violante, dama de honor da rainha, por quem ardia de paixão.

Segunda época - A segunda época vai da acessão de Diniz, o *Lavrador,* em 1279, até a de D. João 3.º, o *Piedoso,* em 1521.

Nesta época a língua portuguesa a princípio ainda indecisa, correndo parelhas com o *galego,* vai a pouco e pouco despindo as vestes galicianas; diferencia-se, toma consciência de si mesma, individualiza-se.

D. Diniz, amigo extremo das letras, leva *o* influxo de sua incansável atividade a todas as partes de seu reino, funda a universidade de Lisboa, em 1290, transferida depois para Coimbra, dá incremento a todos os ramos da administração. É considerado o monarca mais instruído do seu século, nutre uma paixão viva pelas letras latinas, pela poesia, pelas artes, pela agricultura, por tudo, em suma, o que pode concorrer para o lustre e engrandecimento do seu reino.

Do reinado deste rei poeta data a literatura portuguesa. Dom Pedro, filho natural de D. Diniz, conhecido por conde de Barcelos, imitando as tendências naturais e os altos intuitos de seu pai, é também poeta, escreve o seu *Nobiliário* ou *Genealogia das famílias nobres* e anima os impulsos literários do seu tempo.

O *lirismo provençal,* cuja influência havia tão notadamente repercutido em todo o movimento literário dos outros países da Europa, estende também sua ação a Portugal, manifestando-se em todos os produtos literários.

Em suas produções poéticas D. Diniz segue a correnteza geral, imitando em suas poesias o dizer dos *trovadores* provençais, cantando, como ele mesmo o diz, à moda de Provença, inspirando-se nas tradições das serranilhas galegas.

À escola dos trovadores devem as letras o *Cancioneiro de Diniz ou da Vaticana,* assim chamado por se haver descoberto na biblioteca do *Vaticano,* no reinado de D. João 3.º e o *Nobiliário* de seu filho, o conde de Barcelos.

Por esse tempo, ao parecer da maioria dos autores, é que vivia Vasco da Lobeira, escritor e soldado ao serviço de D. João 1.°, reputado autor do celebre romance de cavalaria, conhecido pela denominação de *Amadis de Gaula,* traduzido em italiano por Bernardo Tasso.

Sob o título de *Amadis de Gaula* oculta-se o nome do herói legendário do mais notável romance cavalheiresco, que logrou tanta celebridade na Espanha, Vasco da Lobeira, nascido no Porto, meiado o século 14, pertence à escola dos *trovadores* e suas composições na língua nacional tornaram-se o encanto e a admiração da corte e dos nobres.

No reinado de D. João 1.°, de 1385 a 1433, continua o português em sua marcha ascendente, decretando esse monarca que se fizesse uso dessa língua na redação de todos os atos e documentos públicos.

D. Duarte, filho de D. João 1.° **e** seu sucessor, foi um príncipe esclarecido e bom administrador; protegeu as letras, o comercio e as ciências, compôs algumas obras, entre as quais a mais notável e o *Leal Conselheiro.*

Fernão Lopes, o secretário de D. Duarte, o fundador da história portuguesa, o cronista dos reis de Portugal, mostra-se de notável superioridade no gênero de literatura em que se comprazia seu espírito observador, e a língua portuguesa, ao influxo desse eminente cronista, começa já a manifestar os grandes recursos que dela pode tirar a pena, quando a maneja arguto engenho.

Este historiador português foi o primeiro na Europa que teve, segundo opina Loiseau[50], "as verdadeiras qualidades do historiador. a independência do caráter, a austeridade do juízo, a imparcialidade e a franqueza".

A Fernão Lopes sucederam: os *cronistas* Gomes Eanes de Azurara, o grande cronista do reino sob Afonso 5.º e a quem se devem *Os Feitos de D. Joao 1.°* e a *Tomada de Ceuta;* Ruy de Pina, o cronista de D. João 2.º e sucessor de Azurara na guarda da *Torre do Tombo.* Com fogo patriótico, bem que em linguagem e estilo afetado, sob D. Manuel, redigiu Ruy de Pina as *Crônicas dos primeiros reis de Portugal* desde Sancho 1.° até D. Joao2.°; Garcia de Rezende, celebre diplomata e distinto colecionador das canções e baladas populares; escreveu a *Crônica dos valorosos e insignes feitos d'el-rei* D. João 2.°, o *Cancioneiro geral* ou coleção de poesias populares,

Logrou influência poderosíssima no movimento literário desta época e conseguintemente no desenvolvimento da língua a invenção da imprensa. Em

50. **Literature Portugaise.**

1470 vê Portugal o seu primeiro estabelecimento tipográfico, estabelecido em Leiria; depois em 1481 em Lisboa; dez anos mais tarde em Braga.

Abertos agora a todos pela prodigiosa arte de Gutenberg os tesouros que a muitos até então se ocultaram, a língua portuguesa, nacionalizando-se mais, desenvolve-se e cresce, deixando entrever a próxima fase de grandeza e brilho de que se enriquece no século seguinte.

Terceira época - A terceira época estende-se de 1521 a 1621 ou de D. João 3.º a Filipe 3.º de Espanha.

É esta época que se tem com razão apelidado a *idade de ouro* da língua e das letras em Portugal. Abrange um período de cem anos, compreendidos o reinado de Filipe 2.º de 1527 a 1598 e o de Filipe 3.º, de 1570 a 1621.

É o século 16 para as letras em Portugal o que é o século de Augusto para Roma, o de Péricles para a Grécia, o de Leão 10 para a Itália e o de Luiz 14 para a França, de modo que analogicamente o podemos designar o século de D. João 3.°

Tem o nome de quinhentistas todos os escritores dessa época; eles elevaram o idioma a seu mais alto ponto de pureza e perfeição; consideram-se os miais desenganados exemplares do bom dizer.

É o período da disciplina gramatical. Aqui entra a língua em sua varonilidade: a literatura, divorciando-se da erudição humanista, a que se achava peada no século anterior, e mirando a tradição nacional, seguindo os veios naturais, desvenda aos espíritos os ricos tesouros de suas minas inexauríveis.

Publicam-se no século 16 os primeiros trabalhos gramaticais.

Aos primeiros ensaios no século 15 de D. Duarte e do Conde de Barcelos sobre o método de escrever sucederam estudos mais refletidos sobre a gramática nacional. Fernão de Oliveira dá à estampa a sua *Gramática da Lingoagem Portuguesa,* em 1536; João de Barros em 1540 segue-lhe no encalço, publicando uma obra sobre o mesmo assunto. A estes trabalhos sobre a língua sucedem um *dicionário latino-lusitano* e *lusitano-latino* de Jeronymo Cardoso, em 1570, e as *Regras que ensinam a maneira de escrever a ortografia da língua portuguesa com um diálogo em defensão da mesma língua* de Pedro de Magalhães Gandavo, em 1590.

Quando Pierre de La Ramiée tirou a lume sua *Gramática francesa* em 1562, já Portugal, como acabamos de ver, conhecia as *Gramáticas* de Fernão de Oliveira e de João de Barros.

O século 16 viu prosadores insignes. Tais entre outros: João de Barros, apelidado o *Tito Lívio português.* Escreveu o *Clarimundo,* crônica em forma de romance, uma *Gramática da língua portuguesa,* uma *Cartilha para aprender a ler;*

mas a obra que o imortalizou foram as suas *Décadas,* destinadas a consignar todos os grandes feitos e façanhas dos Portugueses nas terras e mares do Oriente. Esta obra foi continuada por Diogo de Couto.

Damião de Góes, que deu às letras a *Crônica de D. Manuel,* a de *D. João 2.°* e traduziu o livro *De Senectute* de Cícero. Fernão Lopes de Castanheda, a quem se deve a *história do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses.*

André de Rezende, escritor da *História das Antiguidades da Cidade de Évora* e da *Vila do infante D. Duarte.*

Fr. Amador Arraes, bispo de Portalegre, que compôs *Diálogos morais.*

Heitor Pinto, que escreveu a *Imagem da Vida Cristã, ordenada por diálogos,* obra de estilo puro, traduzida em várias línguas.

Fernão Mendes Pinto, autor da *Peregrinação.*

Diogo de Paiva de Andrade e Luiz de Granada, conhecidos principalmente pelos seus *Sermões.*

Francisco de Morais, o autor do *Palmeirim de Inglaterra,* novela de Cavalaria Andante.

Jeronymo Osorio, bispo de Silves, por antonomásia o *Cícero Português.* Escreveu em latim a V*ila de 1. Manuel.*

Duarte Nunes de Leão, que foi um dos mais notáveis escritores do século 16. A *este* devem as letras as *Crônicas dos Reis,* a *Descripção do Reino de Portugal* e a *Origem e Orthografia da língua portuguesa.*

O Padre João de Lucena, um dos mais elegantes escritores de seu tempo, de quem se conhece a Vila *de S, Francisco Xavier.*

Todos esses escritores portugueses elevaram a nossa língua a um grau tal de pureza e polimento, que com razão se reputam os modelos da boa linguagem, embora num ou noutro já se nos deparem palavras e modos de tecer o discurso que destoam do bom falar moderno. É que as línguas vivas, como as sociedades, de que são instrumentos, bem que surda e lentamente, estão num perpétuo mudar. O movimento é a lei de tudo o que vive.

Produções poéticas também as possui o século 16, como a *Menina e Moca,* composição romântica do mavioso Bernardim Ribeiro; os *Autos,* as *Comédias* e *Tragicomédias* de Gil Vicente, o festejado poeta popular, apelidado o Plauto Português; as *Canções, Hynos, Elegias* e as duas *Comédias: Os Estrangeiros e os Vilhapandos* de Francisco de Sá de Miranda; as *Epístolas, Sonetos, Elegias* e *Odes* de Antônio Ferreira; o *Cioso* e o *Bristo,* comédias do mesmo escritor e sua tragédia a *Castro;* o *Cerco de Diu* e o *Naufrágio de Sepúlveda* de Corte Real; as *Éclogas* de Diogo Bernardes, de Pedro de Andrade Caminha e de Cristóvão Falcão; a *Elegia* de Luiz Pereira Brandão; o *Affonso africano* de Vasco Mousinho de Quevedo e sobretudo esse imortal padrão de glória das letras portuguesas -

os *Lusíadas,* poema épico do celebrado Luiz de Camões, que a todos excede e empana, cujos surtos sublimados maravilham Torquato Tasso, que tanto aplaude e exalta ao exímio poeta português, «cuja obra reflete», no dizer de Loiseau, «a inspiração de todos os elementos poéticos que constituem as tradições de um povo e representa a um tempo o grande fato da vida histórica do século 16, a aliança do Ocidente com o Oriente, realizada pelo descobrimento dos Portugueses! »[51]

Além dos *Lusíadas,* que cantam Vasco da Gama, abrindo ao Ocidente novo caminho para a Índia, compôs Camões *Sonetos, Odes, Elegias, Comédias,* não sendo estranho o seu fecundo gênio a gênero algum de composição literária.

Como contemporâneo de Camões, a quem sobreviveu mais de vinte anos, mencionemos o nome de Bento Teixeira Pinto, natural de Pernambuco, o autor da *Prosopopea,* poemeto sem grande valor literário, mas notável por ser a primeira produção poética do Brasil.

No mesmo período, no começo do século seguinte, o gênio português, como se cansado dos seus grandes cometimentos, colhendo fôlego, paira no arrojado de seu voo e entra de declinar e enfraquecer-se.

Na prosa figuram os nomes de Bernardo de Brito com a *Crônica de Cister* e a *Monarchia Lusitana* e várias composições históricas; de Diogo de Couto, o continuador das *Décadas* de João de Barros; de Jacintho Freire de Andrade, o conhecido autor da *Vida de D. João de Castro,* livro por muitos anos manuseado nas escolas Brasileiras.

Em poesia citam-se as *Éclogas* e produções líricas de Rodrigues Lobo; a *Ulysses* de Gabriel Pereira de Castro; a *Malaca Conquistada* de Francisco de Sa e Menezes e outras produções de menor valia.

No decorrer, porém, do século 17, três nomes há que resumem e sintetizam brilhantemente toda a glória literária de seu tempo. São: Frei Luiz de Souza, o autor da *História de S. Domingos,* dos *Annaes de D. João 3.°* e da *Vida de Fr. Bartholomeu dos Mártires;* o Padre Manuel Bernardes, o escritor da *Nova Floresta,* da *Luz e Calor* e do *Pão partido em pequeninos;* e o Padre Antônio Vieira, conhecido por seus *Sermões,* suas *Cartas,* suas *Vozes Saudosas* e sua *História do Futuro,* que tanto lustre deram às letras pátrias, enriquecendo das mais preciosas galas e louçainhas o formoso, senhoril e harmonioso idioma português.

Na primeira parte desse século publicou-se o *Método Gramatical* de Amaro Roboredo, dado à luz em Lisboa, em 1619, e mais tarde os *Breves Louvores da Língua Portuguesa* e *Ortografia ou modo de escrever certo na língua portuguesa* por

51. Loiseau. Op.Cit.

Álvaro Ferreira da Vera; em 1631, e na metade e último quartel do mesmo século, o *Tesouro da Língua Portuguesa* pelo Padre Bento Pereira, tirado a lume em 1617 e a *Ortografia da língua portuguesa* por João Franco Barreto, em 1671.

Quarta época - A quarta época percorre o estadio de 1621 a 1750 ou de Filipe 3.º a D. José 1.º, o *Reformador.* É caráter distintivo desta época a perversão do gosto.

Depois da breve e infeliz regência do cardeal D. Henrique, durante a menoridade de el-rei D. Sebastião, seu sobrinho, foi Portugal invadido pelos exércitos de Filipe 2.º, comandados pelo duque d'Alba. Com o domínio espanhol e a amarga sujeição de 60 anos, profunda decadência salteia o espírito do país; comercio, indústria, agricultura, letras, riqueza, instituições, estabelecimentos científicos, associações, ensino público, boas artes, artes mecânicas, lances patrióticos, tudo emurchece e definha ante o ferrenho despotismo do rei de Espanha.

A literatura não se pode forrar a esse abatimento moral dos espíritos; começa a perder seu caráter nacional; a poesia não tem mais originalidade; a invasão espanhola penetra na língua, como já o havia feito no governo do país,

É o período do *gongorismo,* de que se ressentem os escritores portugueses, implantando na literatura portuguesa o mau estilo de Góngora, poeta de Cordova.

Por esse tempo D. Violante do Céu, hiperbolicamente cognominada a *décima musa,* compõe a sua *Santa Engrácia,* comédia inçada de imagens extravagantes e metáforas sensabores, descabidas e sem naturalidade.

Manuel Severim de Faria escreve muitos *Discursos Políticos,* em que, não se lhe negando talento, o arguem de recorrer a constantes arcaísmos.

Foi por essa época que floresceu Gregório de Matos Guerra, poeta satírico, rival de Bocage, nascido na Bahia em 1623 e morto em 1696.

Quinta época - A quinta e última época vai de 1750, isto é, do reinado de D. José 1.º até os nossos dias. O século 18, sob o reinado de D. José 1.º, abre a Portugal nova era. A literatura, por iniciativa da *sociedade dos Arcades,* fundada em 1756 e destinada a dar impulso aos estudos literários, entra em nova fase de crescente prosperidade; procura-se estudar a língua, desempeçando-a dos estrangeirismos, que lhe haviam desfigurado a índole e fazendo-a voltar à fonte pura da linguagem do século 16.

O movimento geral, imprimido nos espíritos pelos *Enciclopedistas* franceses, tem em Portugal e no Brasil sua ressonância nos vários ramos de conhecimentos, a que se aplica a atividade humana.

A capital da França torna-se o ponto onde se fitam os olhos de todos os espíritos, e constitui-se o centro de todo o movimento literário; neste século é predominante a influência francesa, como o havia sido a italiana e a espanhola nos dois séculos precedentes.

Nas ciências políticas e sociais distinguem-se o conde de Castelo Melhor e o Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo), o grande ministro de D. José I; nas ciências naturais, os brasileiros Alexandre Rodrigues Ferreira, Andrada e Silva, Fr. José Mariano da Conceição Veloso, o autor da *Flora fluminense;* sobre assuntos comerciais e de economia política são escritores de vulto José da Silva Lisboa, o erudito Visconde de Cayrú, que publicou os seus *Princípios de direito mercantil* e *Princípios de economia política* e José Joaquim da Cunha Azevedo Coutinho, bispo de Pernambuco, que escreveu sobre *Portugal e suas colônias.* Sua linguagem tem muitos ressaibos de galicismos.

A poesia encontra dignos e brilhantes representantes no inditoso Antônio José, Brasileiro de origem e segundo reformador do teatro português: em Pedro Antônio Correia Garção, poeta português, conhecido pelo nome arcádico de *Corydon Erymantheu,* autor da *Cantata de Dido;* em Antônio Diniz da Cruz e Silva, poeta herói-cômico, o *Elpino Nonaeriense da Arcádia*, apelidado o *Pindaro Português,* autor do *Zyssope;* em Domingos dos Reis Quita, o *Alcino Micenio da Arcádia*, o primeiro bucólico português, ao dizer de Garret, notável pelos seus *Idylios,* a quem a literatura deve a *Segunda Castro;* em Francisco Dias Gomes, escritor português estimado por seus escritos críticos; em Manuel de Figueiredo, o *Lycidas Cynthio,* conhecido por sua tragédia *Ignez de Castro;* em Nicolau Tolentino, poeta português, cômico e satírico; em Francisco Manoel do Nascimento, conhecido pelo nome de *Filinto Elysio da Arcádia*, cujas *Odes, Sátiras, Epístolas* e vários outros gêneros de composição literária tanto lhe sobredoiram o nome, elevando-o ao número dos escritores portugueses de mais merecimento e que mais opulentaram o nosso idioma; em Fr. José de Santa Rita Durão, poeta Brasileiro, nascido em Minas, em 1737, falecido em 1784, autor d'*O Caramurú;* em José Basílio da Gama, brasileiro da Arcádia ultramarina, o autor do Poema *Uruguai;* em Souza Caldas, lírico distinto, nascido no Rio de Janeiro em 1762, o tradutor dos *Psalmos de David;* em Gonzaga, o poeta lírico da *Marília de Dyrceu,* em Cláudio Manoel da Costa, poeta mineiro, que compôs *Éclogas* e *Sonetos,* tomando por modelos os poetas italianos; em Alvarenga Peixoto, Brasileiro, a quem se atribuem as *Cartas Chilenas,* em Manoel Maria Barbosa du Bocage, o *Elmano Sadino da Arcádia*, celebre pelos seus magníficos sonetos, por suas *Éclogas, Elegias* e *Tragédias.*

Todos esses poetas mantêm o nosso idioma em certo grau de pureza

e elegância, moldando suas dicções e sentenças ao dizer quinhentista, sem esquecer a alguns o cunho ou tradição nacional, que de tão suave brilho recama as obras dos grandes escritores.

A despeito, porém, da fermentação que nesta época agitava todo o mundo literário, pouco adiantaram neste período os estudos sobre a língua portuguesa.

A gramática desta língua só era estudada na latina, considerada uma e a mesma.

Não foi senão de 1770 que essa disciplina começou a ser estudada em separado.

Bluteau, teatino, compõe o seu *Vocabulário português-latino;* João de Morais Madureira Feijó tira à luz a *Ortografia ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa;* Francisco José Freire, mais conhecido pelo nome arcádico de Cândido Lusitano, escreve as suas *Reflexões sobre a língua portuguesa;* Antônio José dos Reis Lobato pública a sua *Gramática da língua portuguesa.*

Fundada em 1780 a *Academia Real das Ciências de Lisboa,* por iniciativa do Duque de Lafões, é seu primeiro pensamento a organização de um dicionário da língua portuguesa, cujo primeiro volume sai à luz em 1793, com o título de *Dicionário da língua portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa,* cuja edição interrompida de começo fornece não obstante alguns materiais proveitosos para o estudo de nossa língua; escrevem opúsculos sobre o mesmo assunto os acadêmicos Francisco Dias Gomes, Antônio Ribeiro dos Santos, Antônio das Neves Pereira e o Cardeal Saraiva.

Jeronymo Soares Barbosa, no começo do século 19, pública sua *Gramática Filosófica da língua portuguesa* e, bem que se distancie de seus predecessores, apresentando em sua obra observações exatas e judiciosas sobre muitas questões gramaticais, inspirando-se nos trabalhos dos autores de *Port-Royal,* não conhecendo ainda no estudo da língua o verdadeiro método histórico e comparativo, iniciado na culta Alemanha na primeira parte do século findo, não pôde forrar-se ao espírito metafísico em que se inspiram Condilac, Destut de Tracy e os filósofos e gramáticos de *Port-Royal.*

A primeira parte do século passado não foi muito fecunda à literatura portuguesa. As lutas políticas, as guerras estrangeiras e civis, que haviam trazido a Portugal dias de tantas águas, tão tristes e sombrios, o absolutismo mais ferrenho e cruel, que cortava as asas ao gênio e tolhia os passos à liberdade do pensamento, asfixiando-o no mais estreito e desalentado ambiente, não podiam deixar de influir de modo fatal na literatura e na língua, instrumento de sua manifestação, as quais, para se expandirem, têm necessidade do ar amplo. puro e vivificante da liberdade.

Isto não obstante, não nos furtaremos a mencionar aqui o nome de Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu, cujos escritos o colocam no catálogo dos autores dessa primeira parte do século 19. São de sua lavra os estudos sobre ***Fr. Luiz*** *de Sousa* e a *Memória sobre Camões.*

O último período da história literária da língua portuguesa é o que pode chamar-se período *histórico.* O estudo da língua, abandonando as velhas usanças da gramática tradicional, impulsionado pela nova orientação que a essa província dos conhecimentos humanos deram os escritores alemães, entra numa trilha até então desconhecida, tomando as investigações linguísticas feição inteiramente histórica, encontrando-se no estudo comparativo do passado deste ou daquele grupo de línguas a razão do fato aparentemente anômalo dos idiomas congêneres, prendendo-se por leis fonéticas certas e invariáveis a explicação de formas novas a outras já conhecidas, e manifestando-se nessa marcha evolutiva das línguas que todas elas nascem, crescem, medram, decaem, definham e morrem, que são, em suma, verdadeiros organismos vivos.

É essa feição nova que em todos os países civilizados se vai imprimindo ao estudo da língua e da gramática.

Como representantes do século 19 ocupam lugar eminente na história literária de nossa língua:

J. B. da Silva Leitão de Almeida Garret, romancista, poeta, dramaturgo e político notável, nascido em 1799 e falecido em 1854. Escreveu *D. Branca,* romance em verso; *Adosinda,* romance cheio de colorido local; o poema *Camões,* repassado de doce inspiração e naturalidade; o drama denominado *Um auto de Gil Vicente; Fr. Luiz de Sousa;* o romance histórico o *Arco de Sant'Ana;* a tragédia *Catão;* as *Viagens na Minha Terra;* o drama histórico *Filipa de Vilhena* etc.

Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, historiador, romancista erudito e filólogo, nascido em Lisboa em 1810, falecido em 1877. É o autor do *Arras por foro de Espanha,* d'*O Monge de Císter.* romance histórico; do *Eurico,* do *Mestre Gil,* das *Lendas e Narrativas,* da *História da Inquisição, d'a Harpa do Crente,* d'*A Voz do Profeta* e de outras obras, que lhe abriram praça entre os mais estrênuos lidadores do bom falar.

Antônio Feliciano de Castilho, nascido em 1800, falecido em 1875. É o insigne tradutor *d'as Metamorfoses* e *d'os Fastos* de Ovídio, *d'As Geórgicas* de Virgílio, do *Fausto* de Goethe; o autor d'a *Noite do Castelo, d'os Ciumes do Bardo,* das *Cartas de Eoho a Narciso,* dos *Quadros históricos,* do *Outono,* da *Primavera* e de vários outros trabalhos literários; poeta ou prosador, é o mais sublime e, porventura, mais fecundo artista dos lavores de nosso belo idioma, que nunca teve segredos que se ocultassem a seu inspirado engenho.

Luiz Augusto Rebelo da Silva, falecido em Lisboa, donde era natural, em 1871, orador, político, romancista, historiador e dramaturgo. Seus escritos não tém, é verdade, a mesma pureza de linguagem dos dois precedentes mestres do dizer, mas abundam em graça, elegância, finura, vivacidade, brilho e naturalidade. É a este escritor que se devem as traduções do *Otelo* de Shakespeare e do *Dinheiro de Ponsard.* Pertencem-lhe *Rausso por Homisio, a Mocidade de D. João 5.°,* 0 romance denominado *Ódio Velho não cança,* os *Fastos da Igreja,* a *Última corrida de touros em Salvaterra.*

Inocencio Francisco da Silva, nascido em 1810 e morto em 1876. Redigiu e publicou o *Dicionário Bibliográfico Português* e os *Estudos aplicáveis ao Brasil.* Escrevia o português em linguagem clássica. Seus trabalhos são muito estimados entre nós e em Portugal, onde é reputado mestre e um dos mais vernáculos escritores.

José da Silva Mendes Leal, dramaturgo sempre ardente, patriota e cheio de inspiração; compôs *o Fantasma Negro,* a *Visáo, Égas Moniz, Martim de Freitas, os Dois Renegados,* D. *Pedro, a Estátua de Nabuco, Elogios, Memorias* e muitos discursos políticos e composições poéticas, a que não faltam nem a beleza do estilo, nem o entusiasmo da inspiração.

Camilo Castelo Branco, nascido em Lisboa em 1825, observador profundo dos costumes portugueses, escritor de notável fecundidade, tão vernáculo nas suas últimas composições literárias. São inúmeras as publicações que saíram de sua pena, entre as quais enumeraremos as seguintes: *A Bruxa do Monte Cordova, Carlota Ângela, o Regicida, a Filha do Regicida. o Judeu, o Anátema, Mistérios de Lisboa, o Olho de Vidro, a Queda de um Anjo, o Santo da Montanha, as Memorias da Prisão, as Noites de Lamego, as Estrelas Funestas, as Estrelas Propícias, as Lágrimas Abençoadas, Espinhos e Flores,* o *Marquês de Torres Novas,* o *Amor de Perdição, Amor de Salvação,* as traduções do *Gênio do Cristianismo e dos Mártires* de Chateaubriand etc.

Manoel Pinheiro Chagas, nascido em Lisboa em 1842, falecido em 1895, membro da *Academia Real das Ciências,* professor do curso superior de letras, jornalista, dramaturgo e romancista distinto. são conhecidos dentre os seus melhores dramas: *A Morgadinha de Val Flor,* **A** *Roca de Hércules,* o *Drama do povo, A Judia;* entre os romances: *Tristezas a Beiramar, Flor Seca, A Mantilha de Beatriz, O Segredo da Viscondessa, A Joia do Vice-Rei, O juramento da Duquesa;* compôs um *Elogio Histórico de Alexandre Herculano,* a *História de Portugal, segundo o Plano de Ferdinand Diniz;* redigiu artigos para os principais jornais de Portugal; foi o diretor do *Dicionário Popular.* Todos os seus trabalhos são tidos na melhor conta, pela profundeza de seus conceitos e pela beleza de seu estilo, sempre cheio de vida, graça e elegância.

José Maria Latino Coelho, o douto helenista, o exímio tradutor da *Oração da Coroa* de Demósthenes, o escritor dos *Varões Ilustres,* dos *Elogios Acadêmicos, d'o Marquês de Pombal* e *sua Época,* da *História Política e Militar de Portugal* e de várias outras composições literárias e políticas. A Latino Coelho a língua portuguesa patenteou as suas minas mais preciosas, tornando-se flexível e dócil à sua pena inspirada, oferecendo o melhor dos seus tesouros a seu estilo ardente, pomposo e brilhante, que nos lembra, no majestoso de seus lances, o vigoroso estilo de Macaulay.

Thomaz Ribeiro, poeta português, que imortalizou o seu nome com o poema ***D.*** *Jayme.* Pela riqueza de suas imagens, pela patriótica inspiração que destila de cada uma de suas páginas, pela linguagem sempre tersa, sem afetações nem violência, com que o inspirado e patriota poeta exprime suas concepções, é o *D. Jayme* um mimo, um verdadeiro primor da literatura portuguesa. Além do *D. Jayme* são da lavra deste exímio poeta *A Delfina do Mal, A Indiana, Vésperas, Sons que passam* etc.

Eça de Queiroz, um dos escritores portugueses da geração moderna mais festejados pela mocidade; é romancista muito popular, escreve com muita graça e naturalidade, bem que com respeito à pureza da linguagem se não repute no mesmo plano de alguns escritores precedentes. Todos os seus escritos são lidos com muita avidez.

Pertencem-lhe *Os Maias, O Mandarim, As Cartas de Fradique Mendes, A Relíquia, A Ilustre Casa de Ramires, A Cidade e as Serras* etc.

Não finda aí o movimento literário que tanto opulenta as letras em Portugal: além dos ilustres escritores, já citados, que fizeram jus a gratidão e aos aplausos nacionais, injusto fora não mencionarmos os nomes de vários outros, que, à semelhança das vestais mitológicas, se esforçaram ou se têm esforçado por não deixar extinguir-se o fogo sagrado a que sempre se aqueceram, honrando as gloriosas tradições literárias de seu país, não malbaratando o precioso legado de seus antecessores. Tais, entre outros, os seguintes:

Francisco Gomes de Amorim, nascido em Avelamar, no Minho, em 1807 e falecido em 1868. Publicou os dramas *Gigi, Ódio de raça, A Viúva, Corações de Tire* e os romances *Amor da pátria, Frutos de sabor variado, Memorias de Garret,* várias poesias políticas e quadros, em que descreve com vivíssimas cores os costumes do Minho, seu torrão natal.

Ernesto Biester, autor dramático (1829 -1880), nascido em Lisboa. Escreveu *O Jogo, A mocidade de D. João V, Os difamadores, Rafael, A mãe dos pobres.*

João de Andrade Corvo, estadista e escritor de peso, nascido em *Torres Novas* em 1826 e falecido em 1890. É de sua composição o drama *Maria Teles* e o

romance *Um ano na corte,* obras que lhe laurearam o nome como notável escritor.

João de Lemos (1819-1889), o autor das poesias *Flores e Amores, Religião e Pátria, Impressões e Recordações,* reunidas no seu *Cancioneiro* e da conhecida e inspirada *Lua de Londres,* só por só bastante para denunciar a grande força de espontaneidade deste poeta romântico.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, mais conhecido pelo pseudônimo de *Júlio Dinis* (1839-1871), o elegante escritor d'a *Morgadinha dos Canaviais,* dos *Serões da província* e do tão conhecido romance *As Pupilas do Senhor Reitor.*

João de Deus (1830 - 1895), o autor da *Cartilha Maternal,* ao parecer de Camilo Castelo Branco «a mais distinta vocação lírica de Portugal, o herdeiro do melhor oiro de Bernardim Ribeiro e Camões, acendrado, defecado das ligas que lhe desprimoravam os antigos quilates». Suas poesias colecionou-as e coordenou-as Theófilo Braga num precioso livro, conhecido sob o título de *Campo de Flores,* reputado uma das mais primorosas gemas poéticas em língua portuguesa.

Antônio Augusto Teixeira de Vasconcelos (1816-1878), escritor e jornalista, de estilo elegante e de muita correção de linguagem. A ele pertencem a comédia apelidada *O Dente da Baroneza* e outros estudos históricos.

Anthero do Quental (1842-1891), o autor dos *Raios de extinta laz.* Foi sempre tido em muito bom conceito pela originalidade e profundeza de seus pensamentos. Suas *Odes,* diz Castelo Branco, «são a aurora da poesia moderna; ficaram emperladas dos orvalhos da estrela d'alva».

Silva Tulio (1818 -1884), o zeloso cultor da pureza e das louçainhas de nosso belo idioma.

Júlio César Machado (1835- 1890), distinto escritor, folhetinista de nomeada; são de sua lavra os *Contos ao luar, Recordações de Paris e Londres, Cenas da minha terra, A vida em Lisboa.*

Antônio José Viale, o erudito autor do *Bosquejo historicopoético* (1807- 1889).

Guerra Junqueiro, nascido em 1850, o festejado, inspirado e brilhante poeta, autor do poema *A Morte de D. João* e d'*A Musa em Férias,* coleção de inspiradas poesias, notáveis pela doçura e riqueza do ritmo.

Alberto Pimentel, escritor de notável fecundidade, nascido em 1849. Pertencem-lhe os romances históricos *Rainha sem reino, As Amantes de D. João V* e outras produções.

Ramalho Ortigão, nascido no Porto em 1836, mui vantajosamente conhecido do nosso mundo literário. É o erudito autor d'*A Iolanda* e das famosas *Farpas,* publicação mensal, fundada por ele e Eça de Queiroz, confiada por fim à sua única direção. *As Farpas* constituem o maior título de glória desse

exímio escritor; deram-lhe tanto relevo entre os escritores portugueses da moderna geração, que, ao juízo de Eça de Queiroz, seria mais exato dizer que as *Farpas* é que foram as autoras de Ramalho Ortigão, do que este daquelas. Nesta produção literária o brilhante estilista parece compendiar todos os gêneros de composição, a ela é que ele deve os esplendidos triunfos literários, que tanto lhe aprimoram a reputação. Nunca se aplicou mais a própria do que em relação às *Zarpas* a verdade do *ridendo castigat mores.*

Theófilo Braga, nascido em 1843. É o ardente e infatigável publicista, vulgarizador da literatura portuguesa. Poeta de imaginação viva e ardente; escreveu as *Tempestades sonoras,* a *Visão dos tempos,* a *Ondina do Lago.* Seus profundos estudos sobre a literatura portuguesa, sobre as tradições, lendas e canções populares, embora lhe notem alguns críticos falhas na forma e no estilo, lhe têm conquistado uma glória universal; em assuntos históricos é este escritor de incansável atividade.

Na recente mudança de regime a nação portuguesa bem avisadamente lhe confiou os destinos de sua pátria, pondo-o à testa do governo provisório da república portuguesa.

Abel Botelho, nascido em 1854, escritor dramático e romancista. Dentre as obras que escreveu para o teatro conhecem-se-lhe os *Vencidos da vida, Imaculada, Jocunda;* dos seus romances são conhecidos *Os Lázaros, O Barão de Lavos, O livro de Alda* etc.

Júlio Dantas, nascido em 1875. Compôs poesias e dramas, entre estes avultam os que têm os seguintes títulos: *Rosas de todo o ano, A ceia dos cardeais. Viriato trágico, O que morreu de amor.*

Carlos Malheiro Dias, romancista e escritor dramático, nascido no mesmo ano que o precedente. O drama *Cagliostro* lhe conquistou grande fama, como os romances *A Paixão de Maria do Céu, Os Teles de Albergaria.*

Entre os filólogos e gramáticos o operoso Cândido de Figueiredo, o autor do *Dicionário Contemporâneo* e várias outras produções filológicas, a cujo espírito investigador tanto devem nestes últimos tempos os estudos de nossa língua. A. R. Gonçalvez Viana com as suas eruditas *Apostilas aos Dicionários Portugueses,* onde se encontram judiciosas observações, que revelam profundos conhecimentos.

D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, alemã de origem, mas portuguesa pelo espírito e pelo coração, cujos notáveis estudos no domínio do português e das línguas românicas lhe têm valido lugar tão honroso entre os escritores portugueses contemporâneos.

Antônio Garcia Ribeiro de Vasconcelos com a sua excelente *Gramática Histórica da Língua Portuguesa,* e muitos e muitos outros, cujos nomes seria

fastidioso citar já entre os prosadores, já no teatro, já na tribuna parlamentar ou popular, já na imprensa atual.

*

* *

Não cerremos este nosso esboço histórico sem mencionar os nomes dos escritores, prosadores e poetas brasileiros, que formam a lustrosa galeria dos espíritos seletos, que brilhantemente representam o movimento literário do século 19 e do começo do século 20.

Destes uns, já ausentes d'entre os vivos, imprimiram às letras os selos de seu gênio; outros, ainda vivos, continuam com afetuoso carinho a zelar as honrosas tradições que lhes legaram aqueles prestadios engenhos, a quem tanto devem as letras pátrias.

Entre esses fautores gloriosos de nossa literatura avultam:

Francisco de Monte Alverne, religioso franciscano (1784- 1858), eloquente orador sagrado, notável pela correção e pureza de linguagem. Suas *Obras Oratorias* foram tiradas a lume em 1867.

Romualdo Antônio de Seixas, conde de Santa Cruz, arcebispo da Bahia, nascido em Cametá, no Pará, em 1787, falecido em sua diocese em 1860. É escritor de grande merecimento, já quanto à linguagem, já quanto ao estilo. Os seus *Sermões, Cartas Pastorais* e vários outros escritos foram colecionados por seu sobrinho o Cônego Romualdo de Seixas Barroso, que os distribuiu em 6 volumes, dados à estampa depois da morte do seu venerando tio.

João Francisco Lisboa (1812- 1863), natural do Maranhão. É o notável autor da *Vida do Padre Antônio Vieira,* obra reputada bom exemplar de linguagem portuguesa e dos *Apontamentos* para a História do Maranhão.

Junqueira Freire, poeta baiano, de grande polpa, nascido em 1832, morto em 1855. Sua produção principal é o livro que corre com o título de *Inspirações do Claustro,* em que se lhe nota ardente inspiração e espontaneidade.

Sotero dos Reis, escritor maranhense, muito ilustrado e gramático de muita estimação (1800)-1871). São de sua lavra uma *Gramática Portuguesa* e um *Curso de Literatura.*

Manoel Odorico Mendes, poeta clássico, nascido também no Maranhão, em 1799, e falecido em Londres, em 1861, eminente tradutor da *Ilíada* e da *Odisseia* de Homero, das obras de Virgílio e da *Merope* e *Tancredo,* tragédias de Voltaire. Escreveu sempre em linguagem castigada, donde ressumam a lanços constantes latinismos, que destoam, não raro, da índole nativa de nosso idioma.

Francisco Adolfo de Varnhagem (1816 -1878). Diplomata e escritor distinto, embora não seja sua linguagem extreme de estrangeirismos. É de sua composição a *História Geral do Brasil,* obra de muito merecimento.

Antônio Gonçalves Dias, poeta Brasileiro, nascido no Maranhão, em 1823, e falecido em 1864, quando já se achava em vista das plagas de sua pátria. São partos de sua bem inspirada imaginação os *Primeiros Cantos,* os *Segundos Cantos,* os *Últimos Cantos, os Timbiras,* o *Dicionário Tupi,* o *Vocabulário da Língua Geral do Amazonas,* o drama D. *Leonor de Mendonça.* É o mais distinto poeta Brasileiro; cultivou com muito zelo e carinho a língua portuguesa, sendo em nosso país o príncipe dos cantores do índio selvagem, que representa um dos principais fatores da nacionalidade Brasileira.

Domingos José Gonçalves Magalhães, visconde de Araguaya (1811 -1882). Escreveu *A Confederação dos Tamoyos, Suspiros Poéticos, Antônio José ou o Poeta e a Inquisição* e a obra filosófica intitulada *Factos do Espírito Humano.*

José Martiniano de Alencar (1829-1877). Foi um dos escritores brasileiros de maior fecundidade e de mais lindo estilo. Compôs grande número de romances. Em suas brilhantes produções literárias não esqueceram ao emérito poeta e elegante estilista as tradições populares, descrevendo o indígena e seus costumes, aspirando a dar às suas composições certo cunho de originalidade nacional.

São seus os romances *O Guarani, As Minas de Prata, O Gaúcho, Lucíola, Diva, Senhora, Viuvinha, Sonhos d'Ouro, O Tronco do Ipê, Iracema, Guerra dos Mascates,* e as Comédias *O Demônio Familiar,* a *Noite de São João, Expiação, Os Jesuítas, Verso e reverso,* e muitas outras produções jurídicas e de crítica literária.

Antônio de Castro Alves, poeta baiano (1847-1871). Foi talvez, depois de Gonçalves Dias, o poeta mais apreciado no Brasil. Cantando os escravos, mostrando as asquerosidades da hedionda chaga da escravidão, condoendo-se dos amargos sofrimentos da raça infeliz, que simpaticamente lhe faziam vibrar as cordas da lira generosa, em muito concorreu para a grande reforma social e humanitária da abolição dos escravos no Brasil. Considerado à essa luz é de muita originalidade.

Nas arrojadas metáforas, nas impulsões geniais em que por vezes se atirava nos seus surtos poéticos, ressente-se o calor da chama, que abrasava a musa de Shakespeare e de Hugo. São suas principais produções as *Espumas Flactuantes, Gonzaga ou a Revolução de Minas* e o *Poema dos Escravos.* As suas poesias o *Navio Negreiro, Vozes da África,* a *Cachoeira de Paulo Afonso,* o *Século, Adeus, meu canto,* são lidas e relidas com entusiasmo sempre crescente. Notam-se-lhe alguns defeitos de linguagem, de que também se não pôde eximir o notável autor do *Guarany* e da *Iracema;* mas aos 24 amos de sua idade não teve o jovem poeta tempo bastante para acepilhar e aperfeiçoar os moldes em que vazou as torrentes impetuosas de sua inspiração. A águia não tinha bem emplumado as asas e seus primeiros adejos eram já voos notáveis.

«A musa de Castro Alves», escreveu Machado de Assis, «não podia ter mais feliz introito na vida literária. Abriu os olhos em pleno capitólio.»

Tobias Barreto de Menezes, escritor e poeta Brasileiro, natural do Estado de Sergipe, nascido pelos anos 1839 e falecido em Pernambuco em 1889. Foi filósofo, poeta, jurisconsulto e crítico de notável erudição. É de sua lavra o livro de poesias *Dias e Noites,* onde se admira seu viçoso e exuberante vigor de inspiração. Foi um dos mais fecundos engenhos da geração moderna, muito versado na lição dos escritores alemães, cujas ideias difundiu e vulgarizou no Brasil. Seus *Estudos de Direito,* seus *Estudos Alemães,* seus *Ensaios de Crítica* são obras de grande tomo e incontestável valor.

Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), escritor muito conhecido pelos seus romances tão populares no Brasil e pelos seus dramas. São produções suas *A Moreninha, Vicentina, O Forasteiro, O Moço Loiro, Os Dois Amores, A Baroneza do amor,* o poema *A Nebulosa,* os dramas *Luxo e Vaidade, Lusbela, Fantasma Branco* e vários outros escritos avulsos, discursos, livros didáticos etc. Foi professor do *Gymnasio Pedro 2.º,* publicando as *Lições de História do Brasil,* professadas nesse importante estabelecimento de instrução.

Júlio Ribeiro, distinto filólogo e erudito gramático (1845-1890). Escreveu uma Gramática Portuguesa, dando nova feição aos estudos gramaticais, onde introduziu o sistema de análise inglesa, perfilhando as ideias de ***Ma**son.* É fruto de seu engenho o romance A *Carne,* da escola naturalista, seguindo de perto a Aluízio Azevedo, outro eminente homem de letras, propagador das ideias realistas na literatura nacional, autor d'*O Mulato,* d'*O Cortiço,* da *Casa de Pensão,* d'*O Coruja,* do *Livro de uma sogra,* onde se sente a influência do naturalismo de Zola.

Machado de Assis, nascido em 1839, morto em 1908 no honroso cargo de presidente da *Academia Brasileira de Letras.* Se a crítica demasiado rigorosa pode, de longe em longe, rastrear nas obras desse primoroso escritor um ou outro deslise de linguagem, não se lhe poderá contestar o lugar eminente que mantém entre os melhores escritores da moderna geração, no que toca à elegância do estilo, à originalidade do dizer, à beleza da dicção, à riqueza do vocabulário e ao profundo conhecimento do coração humano. Foi poeta e principalmente prosador notável por sua linguagem simples, clara, polida, pela maior parte vazada nos bons modelos. Dentre as várias obras de seu gênio fecundo proeminam as seguintes: *Crisálidas, Falenas, Americanas* (poesias), *Contos fluminenses, Histórias sem data, Memórias póstumas de Braz Cubas, Helena, Relíquias de casa velha, Quincas Borba, D. Casmurro, Iaiá Garcia, Ressurreição, A Mão e a Luva, Páginas recolhidas, Memorial de Aires* e diversas outras produções em prosa e verso.

Arthur Azevedo, poeta maranhense (1855-1908), comediógrafo distinto, orador e jornalista vigoroso: compôs diversas produções, escrevendo *Contos e Palestras, Maria Angu, Soro e Genro, O Dote, A Capital Federal, A Joia, O Badejo, Os Noivos.* Traduziu algumas comédias de Molière, atendo-se com a maior fidelidade à graça, beleza, naturalidade do texto francês. Em sua *Véspera de Reis* nota-se-lhe certo sainete de elegância, certo donaire no dizer, certo mimo no estilo, que o tornam admirável. Na comédia foi o digno continuador de Carlos Martins Pena e do fecundo e inimitável folhetinista França Junior.

Afora os poetas, de que já falamos, ocupam lugar distinto em nossa literatura, seja qual for a escola poética em que se filiem: Manuel de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Ângelo (1806-1879), o vigoroso e elegante autor *d'As Brazilianas* e do poema *Colombo;* José Bonifácio, apelidado o *moço,* o autor das *Rosas e Goivos;* Laurindo Rabelo, inspirado poeta lírico e notável improvisador; Francisco Moniz Barreto, poeta baiano, admirado igualmente pela sua notável facilidade de repentista; Alvares de Azevedo, Augusto de Mendonça, Bernardo Guimarães, Aureliano José Lessa, Casimiro de Abreu, o poeta cantor das *Primaveras;* Teixeira de Melo, Victoriano Palhares, Pedro Calazans, Franklin Dorea, Barão do Loreto, o autor dos *Enlevos* e o tradutor em verso da *Evangelina* de Long-Felow; Luiz Guimarães Junior, o apreciado cantor dos *Corimbós;* Luiz Nicolau Fagundes Varela, um dos mais notáveis líricos brasileiros, autor das *Vozes da América,* dos *Cantos Meridionais,* do *Diário de Lázaro,* do *Anchieta* ou *Evangelho das selvas;* Bitencourt Sampaio, o autor das *Flores Silvestres* e da *Divina Epopeia;* Bruno Seabra, nascido no Pará, autor das *Flores e Frutos* e outras produções; Joaquim Terra, poeta maranhense, o conhecido autor de *Um coração de mulher, Quadros.* Foi poeta muito elegante, literato distinto e jornalista de muito merecimento; e Juvenal Galeno, o inspirado cantor da *Lyra cearense,* das *Lendas e Canções populares.*

Rematando este nosso esboço, tocando, embora ao de leve, no movimento literário com que refulge a literatura Brasileira, que mais e mais se vai acentuando e individuando, releva ajuntar a esses os nomes dos eméritos escritores, quase todos em plena e gloriosa atividade, cujas produções científicas ou literárias formam o lauto e inestimável patrimônio, com que do século 19 ao começo deste se está a opulentar a língua e a literatura de nossa pátria. Tais os seguintes: Martins Junior, Guimarães Passos, Olavo Bilac, poeta e jornalista, considerado dos mais primorosos no lavor de suas produções; Alberto de Oliveira, igualmente havido por um dos mais distintos poetas da geração moderna; Valentim Magalhães, o ardente escritor da *Semana,* o fecundo autor dos *Quadros e Contos,* dos *Cantos e Lutas,* das *Horas Alegres* e do *Rimário;* Luiz Murat, Luiz Delfim dos Santos, Rodrigo Octavio, Afonso Celso, Lucio de Mendonça,

Heitor Guimarães, Salvador de Mendonça, Capistrano de Abreu, historiógrafo de reputação, cujos trabalhos são tidos na melhor conta; escreveu uma excelente *Memória sobre a Literatura Brasileira,* Sylvio Romero, poeta eminente, exímio crítico e distinto historiador de notável erudição; seus trabalhos de história e seus estudos críticos são hoje sempre consultados com avidez e confiança. Seus *Contos Populares,* seus profundos conhecimentos sobre a evolução da literatura nacional são reputados seguros mananciais de ciência; Raul Pompeia, o autor do *Atheneu,* romance naturalista, e das *Canções sem metro;* Adolfo Caninha, o autor da *Normalista;* Melo Morais, poeta e escritor, conhecido pelos seus estudos etnográficos é o autor de *Cantos do Equador, Mythos e Poemas, Cancioneiro dos Ciganos, Festas e tradições populares no Brasil* e *Quadros* e *Crônicas* de cunho inteiramente nacional; Coelho Neto, fecundíssimo escritor, cujas produções sobressaem saturadas da mais fina graça e lardeadas dos toques mais espirituosos; Graça Aranha, que escreveu o seu *Chanaan,* a que deu feição totalmente moderna; Escragnolle Taunay, historiador e romancista Brasileiro, a quem devem as letras *la Retraite de Laguna, Oiro sobre azul* e o primoroso romance *Inocência,* traduzido em várias línguas; Domício da Gama, Filinto de Almeida. Raymundo Corrêa, o autor das *Synfonias, Aleluias* etc., Magalhães de Azeredo, o brilhante autor das *Procelárias,* das *Horas Sagradas* e das *Baladas e FantÁsias;* Oliveira Lima, notável crítico, jornalista, diplomata, bem versado em assuntos históricos; Medeiros e Albuquerque, o ilustre autor d'o *Remorso,* das *Canções da decadência* e das novelas *A Mãe Tapuia* e *Um Homem prático,* que lhe valeram tantos elogios; Araripe Junior, romancista de nome e distinto crítico; escreveu *O Ninho de beija-flor, Luizinha,* excelentes romances e estudos críticos sobre *Gregório de Matos, José de Alencar;* D. Julia Lopes de Almeida, romancista fluminense; são de sua composição: ***A** Família Medeiros, A Intrusa, A Falência, **A** Viúva Simões, Cruel Amor,* e outras produções, notáveis pela naturalidade e graça de estilo, pela singeleza, fidelidade e finura de suas concepções; D. Julia Cortines, nascida no Rio de Janeiro, poetisa Brasileira de muita inspiração; conhecem-se-lhe os *Nervos* e *Vibrações;* Francisco de Castro, tão bem apontado no versar a donosa língua de Camões e de Vieira, quanto profundo conhecedor dos grandes segredos da ciência de Hipócrates; João Ribeiro, emérito poeta, prosador e infatigável filólogo e gramático; Quintino Bocayuva, o grande, o venerando e eminente repúblico, autor de *Omphale* e dos *Mineiros da desgraça,* a quem tanto devem as letras e a pátria; Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo, nosso primeiro embaixador nos Estados Unidos da América do Norte. É escritor de grande merecimento pela profundeza de pensamento e pela beleza do estilo, que é claro e elegante. A ele devem as letras *Balmaceda, Um estadista do Império, Minha formação* e outras produções; José do Patrocínio

jornalista, romancista e fluentíssimo orador, natural do Rio de Janeiro, um dos mais esforçados paladinos da campanha abolicionista, autor dos romances *Motta Coqueiro, os Retirantes, Pedro Hespanhol;* Arthur Orlando, natural do Recife, autor de *Propedêutica político-jurídica, Pan-americanismo, Ensaios de crítica, Meu álbum* etc.; Inglês de Souza, romancista paraense de muito conceito, que escreveu *o Missionário, Títulos ao portador, Contos Amazônicos* etc.; Franklin Távora, nascido no Ceara, que escreveu *o Cabeleira, o Matuto;* Francisco Mangabeira, poeta baiano, de ardente inspiração, cuja existência, ainda em seu primeiro e florido despontar, a morte veio ceifar; é o autor do *Hostiário,* das *Visões de Santa Thereza,* da *Tragédia Épica,* as *Últimas poesias;* Xavier Marques, outro escritor Baiano de merecimento, é o autor dos *Praieiros, Insulares, Holocausto, Boto & C., Uma Família Bahiana* e *Pindorama;* Carlos de Laet, insigne escritor, natural do Rio, jornalista e polemista dos mais conceituados, cuja pena sempre aparada com esmero se ajeita flexível a todos os assuntos. Devem-se-lhe muitas crônicas e muitos estudos críticos; Clóvis Bevilácqua, escritor fecundo, muito versado nas ciências jurídicas, nascido no Ceará em 1853; escreveu *a Filosofia positiva no Brasil, Frases e fantasias, Direitos da família, Projeto do Código Civil* e vários outros trabalhos, que muito o recomendam por sua profunda erudição; José Veríssimo, o crítico severo, bem versado nas coisas do escrever; Euclydes da Cunha (1868-1909), o estilista elegante, o relembrado escritor tão inditosamente roubado à vida; é o autor *d'os Sertões,* dos *Contrastes e Confrontos,* dá à *Margem da História;* Ruy Barbosa, (1849), o profundo e erudito Ruy, com sua frase sempre copiosa, tersa, polida e elegante, com seu admirável e opulento vocabulário, cioso do brilho das alfaias de nosso idioma, que sua douta e adestrada pena sabe com maravilhosa maestria aprimorar e burilar, conservando-lhe os elevados quilates e nativo colorido; e outros escritores, prosadores ou poetas, que em muito concorreram para ilustrar as letras pátrias, cujos nomes indicaríamos aqui, se no-lo não tolhesse o receio de avolumar sobreposse este já bem estirado catálogo histórico-literário.

CAPÍTULO IX

I

Da Constituição do léxico ou vocabulário português

Chama-se **vocabulário português** o conjunto dos vocábulos da língua portuguesa.

Além do *latim,* que constitui o fundo do vocabulário português, como o de todas as *línguas românicas,* distinguem-se no nosso vocabulário muitas palavras que lhe provieram de outra fonte e que se lhe implantaram, encorpando-o e enriquecendo-o. Tais são o elemento *germânico,* o *árabe,* o *francês,* o *italiano, espanhol,* o *inglês,* o *céltico,* o *grego,* os elementos de outras línguas da Europa, os elementos de dialetos e *línguas americanas,* os elementos das *Africanas* e das *orientais.*

Elemento **germânico** e **árabe** - Depois do domínio romano, deixando de parte o *latim,* que, como vimos, constitui o fundo mesmo do léxico das línguas hispânicas, o elemento *germânico* e o *árabe* com o *francês* representam o papel mais importante na constituição do vocabulário dessas línguas ou dialetos.

Substituindo no século 5.° os romanos em seu domínio na Espanha até a queda de Roderico, no ano 711, os Visigodos ou Godos do ocidente e os Árabes, que lhes sucederam, no século 8.°, deviam naturalmente trazer muitas modificações ao vocabulário dos povos vencidos, embora como instrumento de civilização mais adiantada fosse vencedora a língua destes. Nem bárbaros, nem muçulmanos fizeram desaparecer os dialetos vulgares nas circunscrições aonde estenderam seu domínio, mas implantaram muitos vocábulos até então desconhecidos na língua ou idiomas dos vencidos, sem lhes mudar a essência.

Elemento germânico - Entre as palavras portuguesas cuja origem se liga ao germânico, já antigo, já moderno, fazendo-se abstração dos veículos ou canais por onde nos foram transmitidas, contam-se as seguintes, relativas, pela maior parte, à guerra, à caça, aos pontos cardeais da esfera, ao regímen feudal, à marinha e à nobreza:

Alabarda, adubar, albergue, espato, arcabuz, baú, baixel, baluarte, barão, batel, bedel, cobalto, níquel, boulevard, schotish, vago-mestre, brandão, branco, borzeguim, bloqueio, blindar, bandeira, borda, bordo, brandir, burgo-mestre, coifa, croque, droga, dique, elmo, esmalte, esquife, estofo, estae, forragem, fúcsia, feltro, fila, frete, feldspato, gastar, garupa, gaio, gás, guante, grimpa, guerra, grupo, leme, loja, luva, marechal,

mastro, malandro, mocho, manequim, norte, sul, leste, oeste, orgulho, piloto, poltrona, quartzo, quilha, rampa, raça, raspar, rato, rico, rombo, roubar, roupa, senescal, sopa, trabuco, tréguas, trica, tufo, vaga, zinco, talco, valsa, vagão, zig-zag.

No elemento germânico incluem-se:

1.° O *gótico,* extinto desde o século 9.º
2. O *escandinavo* ou *nórdico* com o *sueco* e o *dinamarquês.*
3.º O *alemão* propriamente dito, que se divide em *alto alemão: antigo, médio* e *moderno,* indo o primeiro do século 7.° ao século 12; o segundo, deste século ao século 16; e o *moderno alto alemão,* do século 16 até os nossos dias.
4.° O *baixo-alemão* compreendendo o *neerlandês, o frisão,* o *anglo-saxônico,* fonte donde procede o moderno inglês, de que em breve falaremos em separado, quando enumerarmos os vocábulos com que tem este idioma concorrido para ampliar o nosso vocabulário.

Elemento árabe - Do *árabe* formou nossa língua muitos vocábulos atinentes em geral à guerra, ao jogo, à pesca, à navegação, à astronomia, à agricultura, à administração, ao vestuário, aos pesos e medidas. As palavras portuguesas a que se atribui origem árabe são as seguintes: *Acepipe, açude, álcali, alcáçar, alambique, alcaide, alquimia, álcool, assassino, alecrim, alface, alaúde, alfaia, alcorão, alcateia, alarve, alfaiate, alfazema, alfandega, alfange, alfenim, almirante, alforge, almíscar, alcatifa, alcaçuz, alcatruz, alfarrábio, algarismo, almanaque, alvará, arrebique, alarido, azêmola, algoz, alqueire, amuleto, âmbar, alvíssaras, alarde, andaime, arroba, ataúde, álgebra, almotolia, azeviche, arsenal, almocreve, baraço, bórax, cáfila, café, cifra, dália, divã, emir, elixir, fulano, fateixa, gergelim, ginete, gengibre, garrafa, hégira, matraca, maometano, mirra, monção, nácar, nadir, oxalá, récua, razia, sáfaro, sofá, sarraceno, sultão, tarrafa, tarimba, tara, vizir, xeque, xadrez, xairel, xarope, zênite, zagal, zarcão, zero.*

Em muitos desses vocábulos vem prefixado o artigo árabe *al,* cujo caráter gramatical se oblitera e desaparece em nossa língua, de modo que a tais palavras, a cujo tema já se havia aglutinado o artigo, se ajunta o artigo português *o, a.*

Elemento francês -São de origem francesa os vocábulos: *aproche, avançada, bisturi, brete, blusa, chefe, chantre, chapéu, chapa, crê, chapiteo, chaminé, jaula, hotel, oboé, retreta, contradança, etiqueta, reproche, boné, policia, vitrina, pedante, garante, rotina, piquenique* (vocábulo tomado diretamente ao francês, que o derivou do inglês *pick-nick), framboesa, papelotes* (do francês *papillotes,* outra forma do vocábulo francês *papillon,* borboleta, porque esses pedacinhos ou tiras de

papel, de que usam as senhoras e meninas, para frisar e encrespar os cabelos, semelham grande número de borboletas que lhes poisam sobre a cabeça), *corneta, vendaval, tambor, esquissa, fraque, briga* (do velho francês *brigue,* donde o italiano e o português *briga).*

É modernamente o *francês* a fonte que mais considerável número de vocábulos tem fornecido ao *português.* Não só se observa que muitas palavras *célticas* e *germânicas* passaram ao vocabulário português por intermédio do *francês,* senão que é esta língua o veículo que ao nosso idioma tem trazido a maior parte dos neologismos ingleses, alemães e italianos.

Muitos dos vocábulos franceses que passaram ao nosso idioma e ainda não receberam, porque assim o digamos, suas cartas de crédito, conservam o cunho da fonte donde procedem. Tais são entre outros os seguintes: *soirée, matinée, comité, rendez-vous, abat-jour, toilette, étagéres, bidet, vis-à-vis, fichú, plissé, soutache* (palavra de origem húngara, trazida a nossa língua pelo francês), *bouquet*[52], *porte-manteau, boudoir, plastron, cache-nez, pince-nez, paletot* (palavra de origem germânica, que nos veio por intermédio do francês), *croquis* e muitos outros.

Elemento italiano - São originárias do *italiano* as palavras seguintes, relativas em geral às artes liberais, ao comércio, à literatura: *Ágio, adágio, alegro, andante, arlequim, arpejo, aquarela, banco, bandido, contrabando, cascata, fantoche, laguna, granito, empresário, libreto, levante, piano, pórtico, sonata, baldaquim, balaustrada, bufão, bússola, malária, manifesto, estança, trio, doge, influenza, incógnito, quota, diletante, vilegiatura, alerta, barcarola, bravo, bufo, cantata, cavatina, charlatão, crescendo, dueto, terceto, fiasco, gondola, grotesco, burlesco, pitoresco, embrolho, madrigal, carnaval, macarrão, soprano, tenor, regata, paladino, violoncelo, bemol, ópera, medalha, parapeito, saltimbanco, pomada, cadafalso, cavalaria, beladona, primadona, madona, contralto, capricho, esgrima, mosquetão, esplanada, brigada, calibre, escaramuça, anspeçada, cartucho, Cicerone, caricatura, camisola, banco-roto* ou *banca-rota, boletim, gazeta, tarifa, caravela, alteza, pagem, poltrão, reducto, soldado, estacada, quadrilha, polichinelo, girândola, mosaico, escala, mascarada, cupola, nicho, busto, bronze, cornija, filigrana, estuque, sentinela, cavalheiresco, salada, trombone, balão, siroco, talismã, catacumba, borrasca, bagatela, concerto, solo, oratório, solfejo* e inúmeras outras.

Todos esses vocábulos ou nos vieram diretamente do *italiano,* ou deste idioma por intermédio de outras línguas principalmente do *francês,* onde foi grande e importante a influência da língua italiana, já no século 16, em que também o foi relativamente à nossa língua, já no século 18.

---

52. Conforme no original. (n.e.)

Elemento espanhol - São de origem espanhola os vocábulos: *basto* (termo de jogo), *albinos, bolero, castanhola, eldorado, espadilha, camarada, caramelo, manilha, lhano, guitarra, matamouros, fandango, palomita, sarabanda, sainete, alarma, seguidilha, trecho, zarzuela, guerrilha, mantilha, baunilha, cabrestante, canela, cigarro, benjoim, cochonilha, merinos, tulipa, alazão, lacaio, coronel, galão, junquilho, serenata, sesta, savana, ponte. dominó, embargo, sobrecarga, abricó, regalar, mosquito, flotilha, granada, renegado, dom.*

No século 17, torna-se preponderante na língua e na literatura portuguesa e até na francesa a influência da literatura espanhola. A maioria dos escritores portugueses largam por mão seu belo idioma, escrevendo no castelhano a maior parte de suas produções; é então moda beber inspirações nos clássicos desta última língua, como o havia sido no século 16, nos da língua de Ariosto e de Dante.

Elemento inglês - O *inglês* ministrou ao nosso vocabulário muitos termos relativos principalmente aos caminhos de ferro, à marinha, à política, ao comercio, à indústria, à arte culinária e aos desportos e exercícios a que se dá a denominação comum de *sports.*

Tais palavras se exemplificam nos termos: *breque (breack), bill, buldogue, cricket, jockey, bife* (de *beef,* carne), *dandy, drenagem (drainage), jury, lanche, expresso, impeachment, meeting, pudim, smart, spleen, sport, turfa, paquete, tilbury, tunel, peny, troley, whist, clown, dolar, club, coke, esquadro, tramway, lord, reporter, gentleman, humor, rosbife (roast-beef), redingote (riding-coat), foot-bal, bolina, revolver, sandwich, hiate (yacht), budget, cuter, cheque, tose, whiske, tourista, panfleto, grog, high-life, ponche, rhum, elbow, block, shoot, goal, up-to-date* etc.[53]

A introdução em nosso vocabulário e no das línguas *novolatinas* de palavras procedentes do *inglês* data do fim do século 18, crescendo sucessivamente o curso das palavras importadas dessa fonte.

Elemento céltico - Sem falar em um número diminutíssimo de palavras que dos dialetos célticos passaram, por influência do francês ou de outra língua romana, ao vocabulário português, como os vocábulos *dolmen* (do gaélico *tolmen,* mesa de pedra), *feniano* (do irlandês); há em nossa língua algumas palavras a que se atribui uma origem céltica; mas todas elas, com raras exceções, se encontram no fundo popular da língua e se ligam ao *latim,* donde as recebemos. Tais são as palavras *bico, bacia, duna, ataque, bagagem, cerveja, bojo, cogulo, carro, sabão, catrefa, flanela, marga, mackintosh, carreira, carpinteiro, penha, loa, Penalva, cães, vassalo, garrote, légua, carga, arnez, chapa, embaixada, barreira* etc.

53. Conforme no original. (n.e.)

Elemento grego - Ao *grego* atribuem-se os vocábulos *agonia, anarquia, crônica, harmonia, economia, sumo, bolsa, tio, cola, golfo, tumba, esmeril, gruta, torso, entono, apoplexia, camomila, intoxicar, magnésia, alegoria, anacoreta, apostasia, apóstata, calendário, genealogia, calma, carta, misantropia, filantropia, catálogo, cauterizar, sarcófago, protótipo, clero, clima, clínica, arcaísmo.*

A maior parte das palavras gregas passaram à nossa língua ou por influência do *latim,* ou do *árabe,* ou de uma das línguas *românicas.* Depois de constituída a nossa língua, o fundo de seu vocabulário aumentou consideravelmente pela adição de grande cópia de vocábulos não só latinos, senão gregos, a que deram nascimento as necessidades das ciências, das artes, da indústria e as várias circunstâncias políticas e sociais.

Entre as palavras formadas modernamente de elementos gregos, as quais não eram conhecidas no vocabulário grego, contam-se as seguintes: *Barômetro, eletrômetro, termômetro, termometria, enófilo, bibliófilo, telégrafo, telefônico, oxigênio, hidrogênio, hidropneumática, esfigmógrafo, laringoscópio, hidroterapia, tipografia, estetoscopia, topografia, litografia, ortopedia, autoplastia, automático, eletroterapia, fotografia, estenografia, cosmografia, microscópio, telepatia, telescópio, micróbio, micrótomo, aristocracia, autópsia, fonógrafo, hectômetro, quilômetro.*

Do século 18 a esta parte é prodigioso o número de palavras gregas que se tem introduzido em nossa língua, no *francês* e em todas as línguas românicas, sendo essa introdução justificada pelo crescente desenvolvimento das ciências, se bem que nem sempre a boa analogia presida, entre os sábios, à formação desses vocábulos.

Elementos de outras línguas da Europa - Além das línguas que acabamos de mencionar como principais fatores na constituição do *vocabulário português,* outras línguas europeias há que lhe forneceram alguns vocábulos. Tais os seguintes: *Tsar* ou *csar, stepe, ucasse, rublo, verst, cossaco, drosky,* derivados do russo, *polca, mazurca, redoma, caleça,* derivados do polaco, *hussard, dolman, shako, sabre, toka,* procedentes do húngaro, *bey, horda, janízaro, caftan, uhlan, otomano, odalísca, turqueza, pachá, turbante, tulipa, chacal, quiosque, xaveco, caíque,* originários do turco.

Elementos das línguas americanas - São de origem americana os seguintes vocábulos: *Aipim, araçá, andu, angu., carimã, condor, caipira, catapora, caipora, caju, carioca, caruru, copim, coivara, arara, mulungu, maribondo, pequiá, jiqui, cuia, chocolate, chácara, embira, jia, girau, goiaba, guaiamu, grauçá, jalapa, jaca, juriti, jararaca, igaçaba, mangaba, mandioca, maniva* ou *manaíba, mutuca, muriçoca, mingau,*

maniçoba, maracá, mirim, manibeba, moquem, mucuim, murici, pitanga, puba, pucumam, pitu, peva, pipoca, guaxinim, quem-quem, siri, siricaia, surucucu, cioba, sariguê, samburá, sernambi ou *sarnambi, sambaqui, taba, tucum, traíra, timbó, tabatinga, taboca, tanajura, tapera, tapeti, taioba, taioca, taquari, timbu, tejupar, urubu, urucu, urupemba, urumbamba, uruçu, piroga, quina, guaiaco, copal, canibal, guano, tolu, tapir, jaguar, tapioca, jacuba, urucuana, maca, ipecacuanha, alpaca, tabaco, tucano, cacau, abacate, coco, abacaxi, aluá, amendoim, ananás, andiroba, açu, anum, araponga, arapuca, araripe, araticum, aroeira, bacuri, Bahiacu, beiju, bugre, caboré, cabuçu, cacique, caititu, caju, calundu, camboatá, cancan, canjica, capeba, capanga, capim, capoeira, cará, carapecu, carapeba, carnaúba, caju, coité, cipó, combuca, quati, curimã, curimatã, cotia, cutucar* (vulgarmente *futucar*), *gamboa, jenipapo, jerimum, guariba, imbu, ipu, irapuã, jaborandi, jacaré, jangada, jandaia, jaquiranaboia, jatobá, jataí, juá, Iracema, inhame, xará, tem-tem, tijuco, teju* ou *teiú, tapuia, panamá, itaem, itaqui, tamanduá, tainha, surubim, sura* e grande número de nomes próprios como *ltapagipe, Icaraí, Itaparica, Itapoã, Itacolomy, Itacaranha, Itarema, Itajaí, Itatinga, Itarema, Andaraí, Itabaiana, Iguapé, Irará, Iguaçu, Igatu, Panamá, Paraná, Paraíba, Paranaguá, Paranaíba, Cajaíba, Cuiabá, Carinhanha, Tororó* e outros mais.

Elementos das línguas Africanas - Muitos, vocábulos se encontram em nossa língua que têm por procedência vocábulos de vários dialetos e idiomas da África. Tais são os seguintes: *Tanga, quegila, moleque, lundu, batuque, obi, mandinga, mucama, moringa, cacimba, banza, carimbó, marimba, senzala, zebra, baobá, canário, chimpanzé, gorila, guinéo, marroco, quassia, ibis, oasis, barbo, azagaia, banzé, biriba.*

Elementos das línguas orientais - Além desses diversos elementos que em maior cópia concorrem para a ampliação do léxico português, palavras há ainda em nossa língua, a que se atribui já uma origem *hebraica,* já uma origem *pérsica,* já, em suma, uma origem *indiana.* Assim se consideram de origem **hebraica** as palavras *abade, damasco, amem, aleluia, querubim, gaze, safira, serafim, páscoa, hosana, talmud, cabala, rabino, Messias, simonia, sábado, Satanás, judeu,* Jesus, *fariseu, hissope, levita, jacobino, Jeová, maná, jubileu, leviatã, geena.*

Todas essas palavras vieram para nossa língua não por filiação direta, senão por intermédio da Bíblia, versão dos Setenta ou do latim de S. Jerônimo, no século 4.°.

São de origem **pérsica:** *lascarim, paraíso, pagode, julepo, chale, laranja, tafetá, Khan, serralho, cimitarra, caravana, bazar, múmia, dervixe, jasmim, paxá, escarlate, aspargo, gesso, láudano, jujuba, mágica, murta, sátrapa, tigre, arroz, pêssego, carcaça.*

De origem **indiana** são os vocábulos: *rajá, tufão, nababo, nanquim, bonzo, chá,*

cetim, anil, sagu, bengala, cânfora, musselina, pária, Vedas, caxemira, coolie, ylang-ylang, bambu, ganga, mandarim, junco, (embarcação).

Pertencem a dialetos do grupo *malaio-polinésio* os vocábulos: *laca, guta-percha, orangotango, cacatua, proa* (navio malaio pequeno), *caçoar, manga* (fruto), *bétele* (planta).

II
Origens históricas, fortuitas ou alusivas

Vocábulos e expressões há, em nossa língua, a que se atribuem origens *históricas,* chamadas também *acidentais, fortuitas* ou *alusivas.*

Tais são os seguintes:

Agosto - Oitavo mês do ano, assim chamado em honra de *Augusto César.*

Automedonte - Nome do cocheiro de Aquiles. É algumas vezes empregado este vocábulo para designar um hábil condutor.

Atlas - Palavra que se usa hoje para indicar uma coleção de cartas geográficas; empregada neste sentido pela primeira vez por *Mercator,* geografo flamengo do século 16. O vocábulo foi tirado de *Atlas,* um dos gigantes que, conforme a mitologia, teve por castigo, infligido por Júpiter, sustentar nos ombros a abóbada celeste. Por extensão do sentido que lhe deu Mercator, também se aplica a um conjunto de estampas, que servem para elucidar uma obra qualquer, a que estão anexas e, por alusão ao nome do Titão, punido por Júpiter, à primeira vertebra que sustenta a cabeça.

A palavra *Atlante,* com que se designa mais especialmente o gigante que sustenta a abobada do céu, é o mesmo vocábulo procedente do acusativo latino *Atlantem.*

Anfitrião - Nome próprio grego, empregado para designar o dono da casa em que se serve lauto jantar a grande número de convivas. O vocábulo é tirado da personagem do mesmo nome na comédia de Molière, a qual dá um grande banquete aos oficiais de seu exército.

Assassino - Substantivo e adjetivo, derivado do árabe *haschischin,* nome de uma seita religiosa, cujos prosélitos fazem voto de cometer todo o morticínio, ordenado pelo seu chefe, apelidado o *Velho da Montanha,* embriagando-se para esse fim com uma bebida preparada com o cânhamo (*haschisch*). A realização das ordens criminosas do *Velho* ou *Senhor da Montanha* atraía grande recompensa aos partidistas de sua seita, que as tivessem melhor executado. O nome desses sectários tornou-se por extensão aplicável aos que tiram a vida a outrem à traição, propositadamente, por paga ou peita, enfim aos que cometem homicídio voluntário.

Aristarco - Crítico discreto e severo; de Aristarchus, célebre crítico e judicioso gramático, nascido na Samotrácia; escreveu sobre as obras dos mais distintos poetas da antiguidade, tais como Homero, Píndaro, Arato e outros, fazendo-lhes criteriosas, bem que algum tanto severas, críticas.

Adonis - Diz-se de um mancebo gentil, adamado, e ironicamente do que se veste com ridícula afetação e ajanotadamente. Por alusão ao *Adonis* mitológico, filho de Ciniras, rei de Chipre, amado de Vênus, a qual se tomou de amores por ele por causa de sua excessiva beleza.

Aticismo - Pureza de gosto na linguagem e no estilo, maneira elegante de falar dos Atenienses; do adjetivo *ático* e do sufixo *ismo.* Por extensão diz-se para caracterizar um estilo puro, conciso e engraçado, aludindo ao estilo daquele povo antigo.

Bacanal -Lugar de devassidão, festa de dissoluções e embriaguez. Do latim *Bachanal, Bachanalis,* lugar em que se celebravam as festas consagradas ao deus Baco *(Bachanalia),* realizadas em Roma, de três em três anos, e onde se praticavam os atos mais desonestos e torpes, em meio de ruidosos instrumentos musicais, de gritos furiosos e gestos desordenados.

Baioneta- Arma de ponta, que se adapta à extremidade do cano da espingarda. Assim chamada de *Bayonne* na França, onde foi fabricada pela primeira vez, meado o século 17.

Bretanha -Tecido de linho muito fino, fabricado antigamente na Bretanha, província de Franca, e hoje de diversas procedências.

Berlinda -Espécie de carruagem, que tira seu nome da cidade de Berlin, onde foi inventada.

Busilis - Provém da última sílaba do substantivo plural *diebus* e do vocábulo *ilis* da expressão *in diebus ilis,* considerada equivocadamente constituindo com este adjetivo **a** palavra *busilis,* que não existe. Aqui está o *busilis,* isto é, aqui bate o ponto, aqui está o embaraço, a dificuldade, o ponto da questão. É frase escolástica.

Bernardice -Diz-se no sentido de parvoíce, dizer disparatado, dislate. Alusão aos frades da ordem de S. Bernardo, tidos e havidos por homens de espírito de pouco alcance, pesados, estúpidos e glutões.

Cambraia - Lençaria de linho muito fina, fabricada em *Cambray,* cidade de França.

Curaçao - Licor preparado pela primeira vez na ilha do mesmo nome.

Cachemira -Tecido de seda, originário de Kaschmir, capital de uma província do mesmo nome no reino de *Lahore.*

Cognac - Aguardente fabricada nas cercanias de Cognac, cidade de França.

Catilinária - Discurso violento e acerbo, acusação veemente, em alusão às quatro notáveis orações de Cícero contra Catilina, o conspirador romano.

Candidato - Diz-se do que pretende cargo ou dignidade, do que solicita votos de seus concidadãos, a fim de ser eleito para um cargo. Do nome latino *candidatus* de *candidus, can+dida, candidum:* alvo, branco, porque os que em Roma aspiravam a algum cargo público trajavam de branco, simbolizando, na alvura das togas que vestiam, a pureza de suas intenções.

Camélia - Roseira do Japão, assim chamada por ser pela primeira vez descrita pelo padre George Josef Cameli, que do Japão a introduziu na Europa.

Césarismo -Governo despótico e autocrata, como o dos *Césares,* em que todo o poder se acha nas mãos de uma pessoa só, que governa sem restrições. De *César,* designação comum ao ditador romano Júlio César e aos primeiros soberanos que lhe sucederam e governaram o império romano.

Cova de Caco - Diz-se de um lugar onde se escondem coisas furtadas e se acoitam ladrões. Por alusão a *Caco,* personagem mitológica, filho de Vulcano, de tamanho colossal, meio homem, meio sátiro, que, segundo a lenda tebana, roubou quatro juntas de bois a Hércules, levando-as para seu antro, às recuadas, para lhes não perceberem as pegadas. Mas o mugido das vacas no interior do antro traiu-lhe o roubo; Hércules penetra na caverna, segura o ladrão, aperta-o e estrangula-o.

Cinismo - Descaro, indecência, desregramento de costumes, despejo; *cynico* - descarado, indecente, sem vergonha. Por alusão ao sistema e ao modo de proceder dos sectários da filosofia cínica, fundada em Atenas por Antisthenes; chamavam-se *cynicos,* de uma palavra grega, que quer dizer *cão,* porque timbravam em praticar os atos mais indecentes e sórdidos à vista de quem quer que fosse, com o mesmo desembaraço e desenvoltura com que o fazem os cães.

Daguerreotipo - Primitivo aparelho de fotografia, inventado em 1839 por *Daguerre,* pintor francês.

Daguerreotipar - Representar fielmente, reproduzir com exação, reproduzir por daguerreotipo. De *daguerreotipo.*

Dália - Flor trazida do México, de que é natural, e cultivada pela primeira vez pelo botânico sueco *Dahl,* a quem Cavanilles a dedicou em 1790.

Damasco - Fruto do damasqueiro; estofo de seda com desenhos em relevo, tecido de cetim e tafetá, primitivamente fabricado em Damasco, cidade da Síria. Por extensão dá-se o mesmo nome a qualquer outro tecido que imite o damasco.

Dédalo - Labirinto, confusão de caminhos, encruzilhada, encruzamento,

enredo, complicação. De *Dédalo,* nome mitológico do arquiteto do *Labirinto de Creta.*

Dulcinéa - Nome com que se designa familiarmente uma amante, uma namorada. De *Dulcinéa del Toboso,* nome da dama de D. Quixote no romance de Cervantes.

Epicurismo - Vida sensual e voluptuosa, sensualidade, desregramento de costumes. De Epicuro, filósofo grego, nascido em Samos em 342 anos antes de Cristo e morto em Atenas em 270. Fundador da filosofia apelidada epicurista, de seu próprio nome, para a qual era o prazer o fim único de nossas ações, adoptando como preceito de moral a seguinte máxima: *voluptas expetenda, fugiendus dolor. Epicurista* chama-se alusivamente o que segue a vida voluptuosa, em que tudo se subordina aos prazeres.

Estreia - Brinde, presente, d[adiva no primeiro dia do ano, mas é tido por antiquado nesta significação. É muito usado no sentido do ato de usar pela primeira vez de uma coisa, do funcionamento pela primeira vez de um estabelecimento industrial, literário, artístico ou científico, da inauguração de alguma coisa. Diz-se *estreia* de uma artista, de um ator, quando se fala de sua primeira execução ou representação em público; a *estreia* de um deputado é o primeiro discurso que faz na assembleia, de que é membro. De *strena,* palavra latina que tem o mesmo sentido e que se liga ao nome *Strenia* ou *Strenua,* divindade sabina, que presidia a saúde e ao desenvolvimento regular do corpo. Da mesma raiz fizeram os franceses o vocábulo *étrennes.*

Estoicismo- Doutrina dos estoicos, sistema filosófico, fundado por Zeno no século 3.° antes de Cristo, em que se ensina que o homem deve ser insensível a todas as adversidades e a todas as prosperidades e cuja máxima se recapitula no pensamento contido nas palavras seguintes: *sustine et abstine.* Do grego *stoikos de stoa,* pórtico, porque Zeno, fundador da doutrina, a expunha a seus discípulos em um pórtico de Athenas. Por alusão diz-se *estoicismo* uma doutrina, um sistema ou modo de viver e proceder severo e ríspido, e *estoico* o que procede com severidade e rigor, guardando em tudo o mais rígido caráter, e cultivando a virtude por amor da própria virtude.

Escobar- Hipócrita de consumada astúcia, homem falso e refolhado, que resolve sempre de conformidade com os seus interesses os atos mais delicados da consciência. De Antônio Escobar y Mendoza, casuísta espanhol da ordem dos jesuítas, nascido em Valadolid em 1589 e morto em 1669. *Diz-se* por extensão de um homem astuto, extremamente refolhado, que a tudo antepõe os seus sentimentos interesseiros.

Entre Seyla e Charybdes – Entre dois grandes e extremos perigos; sair de *Seyla* e cair em *Charybdes,* sair de um mal e cair noutro igual ou maior. Por

alusão a Charybdes, sorvedouro perigosíssimo no mar de Messina entre a Itália e a Sicília, fronteiro a Seyla, penhasco mui perigoso, reputado o terror dos navegantes.

Fauna - Conjunto dos animais de um país. Do substantivo latino *Faunus, Fauni,* Fauno, personagem mitológica, que foi quem primeiro ensinou a agricultura e a criação do gado.

Flora - Conjunto das plantas de um país. Do substantivo latino *Flora, Florae,* Flora, conhecida pelos gregos sob o nome de Chloris, ninfa, esposa de Zéfyro, que lhe deu o império das flores.

Fúcsia - Planta da família das *onagrárias,* que produz lindas flores, conhecidas vulgarmente pelo nome de *brincos de princesa.* De Leonhard Fuchs, botânico alemão.

Fio de Ariadna - Diz-se por coisa que conduz, guia, faz sair de dificuldades; por alusão ao fio que, segundo a mitologia grega, Ariadna, filha de Minos, deu a Theseu para sair do labirinto.

Gravata -Vocábulo procedente do nome dado aos *Croatas.* Para evitar o hiato em vez de *croata* dizia-se também *cravata.* O italiano diz *croata, cravata,* e o espanhol *corbata.* Ménage, que viveu no tempo da introdução em França dessa parte do vestuário (1636), diz-nos que esse ornato era usado pelos *Croatas,* comumente apelidados *Cravatas* (Cravates).

Greve – Parede, conluio de operários, que recusam trabalhar, enquanto se lhes não atendam as reclamações relativas aos salários ou às horas de trabalho; vem esta palavra do francês *Greve,* praça de Paris, a margem do Sena, onde se reuniam os obreiros sem trabalho e os que tinham deixado seus patrões.

Guilhotina - Instrumento de suplício, usado em França, com que se decepavam as cabeças dos condenados à pena de morte; vem de Guilotin, médico, seu inventor, morto em 1814**.**

Gargantua - Nome que Rabelais deu a seu gigante e que extensivamente se aplica a um homem de apetite voraz e que tudo traga e devora, a um comedor insaciável.

Górdio (Nó górdio) - Dificuldade que só se vence por medidas extraordinárias e de descomunal ousadia. Cortar o *nó górdio,* cortar toda a dificuldade, vencer os maiores tropeços por desusado impulso. Alusão ao *no* do jugo do arado de *Gordio,* rei de Frígia, nó que, conforme o oráculo, daria o império da Ásia a quem o desatasse. Alexandre Magno, não o podendo deslindar, bem como vários outros que em balde tentaram fazê-lo, cortou-o resolutamente em duas partes com a sua espada e apropriou-se da profecia.

Gongorismo - Estilo pedantesco e afetado, introduzido na literatura espanhola pelo poeta Luiz de Góngora. Aplica-se, por extensão, a todo

o estilo que abusa dos ornatos, trocadilhos, metáforas e pensamentos por extremo afetados, lembrando o estilo do poeta castelhano.

Harpia - Pessoa feia, imunda, de hábitos dissolutos, amiga de roubar. De *Harpiæ,* monstros fabulosos, que só representavam com rosto de mulher, orelhas de urso e asas de aves de rapina.

Hecatombe - Grande carnificina, matança. De *hecatombe,* vocábulo grego, que significa sacrifício de cem bois queimados, oferecidos sobre cem altares de relva, por cem sacrificadores.

Havana - Charuto feito em *Havana.* Fumar deliciosos *havanas,* fumar charutos fabricados com fumo de Havana.

Hermeticamente (fechado)- Diz-se de um tubo ou vaso que está bem tapado, perfeitamente fechado, de modo que se não possa facilmente abrir. De *hermético,* isto é, relativo à doutrina misteriosa da grande obra de *Hermes Trismegisto,* filósofo egípcio.

Imolar - Sacrificar**,** matar. De *mola, molae,* vocábulo latino, que significa a massa de farinha de trigo e sal, que os sacerdotes pagãos atiravam sobre a cabeça da vítima antes de a degolar.

Janeiras - Cantigas e descantes populares no primeiro dia do ano; presentes, boas festas dadas no dia de ano bom. De *Janeiro,* primeiro mês do ano, conforme o uso atual. Chamavam-lhe os latinos *anuarius,* donde fizemos *janeiro,* de *Janus.*

Labirinto - De *Labyrintho* (em latim *labyrinthus),* nome do magnífico e famoso palácio, situado à margem do lago Moeris por Amenemhat III. Tinha tão grande número de câmaras, passagens, divisões e recantos tão intrincados, que, uma vez no recinto, não havia como lhe atinar a saída, no enleio de seus três mil corredores. Além do *labirinto* do lago Moeris, no Egito, contava a antiguidade clássica o de Creta, construído por Dédalo, o da ilha Lemos e o da Itália.

Emprega-se esse vocábulo em alusão ao *Labirinto* da antiguidade para indicar qualquer estabelecimento de tantas e tão complicadas divisões, que se torna difícil, sem guia, dar-lhe com a saída. Por analogia dá-se o nome de labirinto ao conjunto das partes que constituem a orelha interna e aos jardins cujas alamedas e ruas de plantas nos lembram as complicadas ruas, passagens e recantos inextricáveis do *Labirinto.*

Lázaro - O leproso, o que está coberto de chagas em pústulas: *laseira,* desgraça, penúria, indigência, miséria, fome, lepra; *lasarar* - ter muita fome, ter lazeira, ser indigente e miserável, padecer, sofrer castigo, pagar pela fazenda e pelo corpo o mal que se cometeu; *lazarento* - leproso*,* chaguento; *lazarista* -membro duma ordem fundada por S. Vicente de Paulo, conhecida também pelo nome de *padres da missão; lazareto*- edifício destinado a quarentenas, e na idade

média hospital de leprosos; todas essas palavras se ligam etimologicamente ao vocábulo *Lázaro,* personagem evangélica, que, à beira do caminho, coberto de chagas, debalde implorava a caridade do rico.

Liliputiano - Pessoa extremamente pequena, pigmeu, anão. De *Liliput,* reino fantÁsiado por Swift, escritor inglês, numa de suas obras intitulada **Gulliver travels** - Viagens de Gulliver. Os habitantes deste reino fictício tinham, segundo descreve Swift, 6 polegadas de altura.

Luteranismo - Doutrina dos luteranos, religião fundada por *Luthero,* reformador germânico, nascido em 1483 e morto em 1546.

Landau - Carruagem de quatro rodas, cujo tejadilho se cobre ou descobre à vontade. De *Landau,* cidade da Baviera.

Linchar - Punir sumariamente, infligindo usualmente a morte, justiçar pelo processo ou lei de Lynch, patriota lavrador da Virgínia, que, durante a guerra revolucionária nos Estados Unidos, punia os criminosos sumariamente.

Macadam - Modo de calçar as ruas, conforme o sistema de John Loudon Macadam, engenheiro escocês, que viveu no século 18 e princípios do século 19.

Maquiavelismo - Astúcia política empregada no intuito de favorecer o poder arbitrário. *Maquiavélico* - que segue, que adota os princípios de *Machiaveli,* célebre publicista italiano, que adota em seu *Il Príncipe* um sistema político cimentado na astúcia mais requintada. Diz-se alusivamente *maquiavélimo* para denotar procedimento astucioso, manhoso e cheio de perfídia.

Magnólia - Gênero de árvores notáveis pela beleza de suas folhas grandes, luzidias e de um belo verde e pelo aroma agradável de suas flores. Tira seu nome de Magnol, botânico e médico francês, nascido em Montpelier em 1638 e morto em 1715.

Marroquim - Pele de bode ou cabra, trabalhada e tingida do lado da flor. De *Marrocos,* país da África, donde vieram as primeiras das peles assim chamadas.

Mausoléu -Túmulo magnífico e pomposo. De Mausolo, rei da Caria. Depois de sua morte, sua mulher Artemísia lhe fez erigir um tumulo tão soberbo, que se reputou uma das sete maravilhas do mundo. Daí a aplicação deste nome a todos os túmulos ricos e pomposos.

Maometismo - Religião fundada por Maomé, nascido em Meca, cidade da Arábia.

Meandro - Volta, rodeio, giro, sinuosidade. Diz-se por alusão ao *Meandro,* rio da Ásia Menor, notável por seus circuitos e sinuosidades.

Nanquim -Tecido de algodão, que tem o nome da cidade chinesa *Nankin,* onde se fabricou pela primeira vez; também se dá o mesmo nome em português a certa espécie de tinta, originária da China, usada nos desenhos e aquarelas.

Nicotina - Alcaloide vegetal, que existe no *tabaco (Nicotiana tabacum),* vegetal da família das *solaneas.* Este vocábulo tira sua origem do nome do presidente *Jean Nicot,* que, sendo embaixador em Portugal, enviou pela primeira vez essa planta para França em 1560.

Orgias - Banquetes licenciosos, cujos convivas se entregavam a todos os desregramentos e excessos da mesa e a mais desbragada imoralidade. De *Orgia,* festas noturnas dedicadas a Baco.

Panamá - Chapéu que vem do istmo de Panamá, na América Central, chamado geralmente na Bahia *chapéu do Chile.*

Pagode - Palavra persa, que significa divertimento, patuscada, bambochata, banzé. De *Pagoda* ou *Pagode,* nos países do extremo Oriente, templo ou pavilhão sagrado, de muitos andares, de forma geralmente piramidal, profusamente adornado, e consagrado ao culto dos ídolos.

A significação que em linguagem familiar se lhe dá em português provém das danças desregradas, cantares e prazeres licenciosos a que se entregava a imensa multidão que se apinhava nestes templos.

Pasquim -Escrito satírico, afixado em lugar público, jornal, folheto que difama. De Pasquino, celebre alfaiate de Roma, notável pelos seus ditos satíricos e espirituosos contra o governo. Deu-se o mesmo nome a uma estátua mutilada de gladiador, achada em Roma no século 15. Foi levantada esta estátua perto da tenda de Pasquino, cujo nome tomou. Em seu pedestal afixavam-se escritos mordazes e infamantes contra o papa e os cardeais.

Pânico (adj.), **Medo, temor, terror pânico** - Por alusão ao terror inspirado pelo deus Pan aos Gauleses, assaltados perto do templo de Delfos pelos gregos, que estavam sob o patrocínio de Pan. Diz-se por extensão de qualquer medo, temor ou terror súbito e sem fundamento. Empregado como substantivo, não tem selo clássico que o autorize.

Panurgo ou **Panúrgio,** como geralmente se pronúncia. -De uma palavra grega, que significa *bom para fazer tudo.* Uma das personagens do livro de *Rabelais.* Diz-se figuradamente de um agente hábil, delicado, falador insigne e que tudo faz jeitosamente. *Rebanho* ou *carneiros de Panurgo* designam-se aqueles que imitam o que veem fazer, sem medir a grandeza do perigo a que se expõem.

Pantagruel - Personagem da *História de Gargantua e Pantagruel* de Rabelais. Diz-se de um bom conviva, epicurista, amigo do comer e do beber. Figuradamente se aplica a um homem que vive sempre a comer e a beber.

Filipica - Discurso acerbo e injurioso, sátira violenta. Diz-se em alusão às orações notáveis de Demosthenes contra Filipe, rei da Macedônia, que ameaçava a independência da Grécia.

Por alusão dá-se o mesmo nome a cada um dos discursos de Cícero, sobre os

negócios públicos, em que, enfunando as velas de sua eloquência, o orador romano estigmatizava pujante e acremente o procedimento de Antônio.

Farol ou **farol** - Provém do nome *Faros,* que se deu a uma ilhota, perto de Alexandria, célebre pelo farol mandado aí construir por Ptolomeu Filadelfo.

Pomo de discórdia - *(Discordiae malum)* Diz-se de uma pessoa ou coisa que produz a discórdia, que é causa de dissensões e desavenças. Alusão à história mitológica do fatal pomo de oiro, que, nas núpcias de Thetis e Peléo, a *Discórdia,* despeitada por não haver sido convidada, atirou sobre a mesa do banquete com a inscrição seguinte: *A mais bela.* Esse pomo disputaram-no Vênus, Juno, Minerva.

Receando Júpiter ser juiz em questão sobremodo melindrosa, enviou as três deusas a Páris, no monte Ida, a fim de julgá-las. Este adjudicou o pomo a Vênus, excitando contra si os ódios de Juno e Minerva, que se tornaram implacáveis inimigas dos Troianos e tudo puseram em os destruir.

Platonismo - Filosofia, doutrina ou sistema de Platão, qualidade do que é platônico, isto é, do que tem caráter puro, ideal, sem laivos de sensualidade, como o amor de que nos fala Platão em sua **República**. De Platão, celebre filósofo grego, nascido em Egina em 429 ou 427 antes de Cristo e morto em Atenas. Tão pura foi a sua doutrina, que a apelidaram de *prefácio humano do Evangelho.*

Procustes ou **Procrustes** (Mitologia) - Salteador da Ática, que estendia os viajantes sobre um leito de ferro, mutilando os que eram altos demais e estirando à força os que eram excessivamente pequenos ou baixos. *Leito de Procustes* diz-se por alusão, falando de uma regra mesquinha e tirânica.

Quixotada - Fanfarronada, bazofia, fanfarrice, bravata, ação extraordinária e ridícula. Diz-se por alusão às roncas de D. Quixote, herói da notável novela de Cervantes, escritor espanhol do século 16 a princípios do 17.

Sarcófago- *Tumulo, carneiro.* De duas palavras gregas *sarko* (carne) e *fago* (eu como), aplicava-se antigamente a uma espécie de pedra de cal, que tinha a propriedade de consumir a carne e os ossos comi que ficava em contato. Essa pedra empregava-se na construção dos túmulos, que em pouco tempo consumiam carne e ossos. Depois se estendeu a palavra a todo e qualquer túmulo, fossem quais fossem os materiais de sua construção.

Sabinada - Nome que se dá a um movimento revolucionário na antiga província da Bahia. De *Sabino,* chefe desse movimento.

Solecismo -Do grego *soloikismos,* vício contrário à sintaxe, por alusão aos habitantes de *Soles,* na Cilicia, região na parte meridional da Ásia Menor, onde mui frequentes eram essas faltas na linguagem.

Simonia -Tráfico criminoso de coisas santas; a compra ou venda de funções espirituais, de benefícios, dignidades eclesiásticas. De *Simão Mago,* que desejou comprar os dons do Espírito Santo.

Sibarita - Pessoa que passa a vida entregue aos prazeres, efeminada, voluptuosa. De *Sybaris,* cidade edificada a margem do rio do mesmo nome, cujos habitantes eram notáveis por sua voluptuosidade.

Sicofanta -Delator, adulador servil, acusador, testemunha falsa, caluniador, velhaco. De uma palavra grega, que significa literalmente denunciador de figos, talvez o que denunciava as pessoas que, violando a lei, expunham figos da Ática ou roubavam as figueiras. Deste sentido particular passou o vocábulo a exprimir o falso delator, o caluniador.

Tartufo - Hipócrita, devoto fingido. Liga-se esta palavra ao nome da principal personagem de uma das melhores comédias de Molière.

Teia de Penélope - (*Penelopes tela)* Diz-se de uma obra que por sua grande dilação parece interminável; por alusão à teia ou trabalho de *Penélope,* mulher de *Ulisses,* pai de *Telêmaco.*

Segundo a lenda grega, depois da ausência de seu marido, que havia partido para a guerra de Troia, foi Penélope importunada por um grande número de pretendentes. Em tais circunstâncias, prometeu fazer a escolha de um, tanto que acabasse de urdir a tela que estava a fazer; mas era apenas um artifício para ganhar tempo, porque durante a noite desfazia o trabalho do dia, malogrando desta arte a pretensão dos que lhe aspiravam à posse. De maneira análoga diz-se em português, em linguagem chula: *obra de Santa Engrácia,* por obra que parece não ter fim.

Utopia - Sistema, projeto ou ideia que é mera fantÁsia, que se não pode realizar. De *Utopia,* ilha fictícia, descrita por Thomas More em um romance que corre com esse título. Era governada por eleição popular, gozando do mais perfeito sistema social e político.

Verrina - Censura violenta e acrimoniosa, invectiva. *De Verres,* pretor romano, governador da Sicília, defendido por Hortênsio e acusado violentamente por Cícero, que pronunciou diversas orações, exprobrando-lhe os atos.

Zoilo - Crítico invejoso. De *Zoilus,* gramático de Alexandria, que invejosamente criticou as obras de Homero.

CAPÍTULO X

Língua, idioma e dialetos; alterações das línguas; alterações léxicas: arcaísmos, neologismos e hibridismos

Língua é a linguagem articulada de um povo ou de uma nação. **Idioma** é a linguagem considerada em relação a seus idiotismos, à singularidade de seu vocabulário e de sua sintaxe, a tudo o que, enfim, tem essa língua de especial e original.

Dialetos são as variantes de um mesmo tipo de línguas. Modificando-se no tempo e no espaço, uma mesma língua apresenta formas distintas, conforme as circunscrições territoriais em que se fala e constitui assim diversas outras línguas ou dialetos.

A essas formas dá-se o nome de línguas, quando se consideram independentemente; quando, porém, se reputam variantes de um mesmo tipo, recebem a denominação de *dialetos*[54]. O *português,* o *espanhol,* o *francês,* o *italiano,* considerados independentemente, são *línguas;* são, porém, *dialetos* em relação ao *latim,* de que todas se derivam, não sendo senão o resultado de uma série de transformações orgânicas, lentas, insensíveis e factuais.

Em sua marcha evolutiva pode um dialeto avantajar-se aos dialetos congêneres e afins com que entra em concorrência, os quais, desmedrando e desfalecendo, passam então a ser modos especiais de falar tosco e grosseiro, limitados aos habitantes de uma província, dialetos puramente falados e não escritos, sem literatura, que lhes guarde e perpetue as formas.

Com respeito às línguas passa o mesmo que relativamente aos seres vivos, animais ou vegetais: os que, no espaço e no tempo, não adquirem em seu favor certo concurso de circunstâncias que, favorecendo-os, lhes facilitam a existência, definham, arruínam e morrem, quando em competência com seres mais felizes, a quem dá a vitória esse conjunto de circunstâncias propícias, que os levam a suplantar aquel'outros.

O *dialeto francês,* que originariamente não era senão o dialeto da província denominada *Ilha de França* e um dos dialetos em que, para o século 11, se desdobrou a língua *d'oil,* na Gália, torna-se no decurso de certo tempo a língua predominante; leva de vencida os dialetos congêneres - o *normando,* o *picardo,* o *borguinhão* - e dá em resultado a língua francesa dos nossos dias.

---

54. Adolfo Coelho. *Op. Cit.*

No século 12 conheciam-se na Espanha vários dialetos: o *português,* o *galego,* o *castelhano,* o *aragonês* etc. Dois desses dialetos o *português* e o *castelhano,* desenvolvendo-se, com o transcorrer dos anos, ao influxo de circunstâncias políticas especiais, recrescem de importância e tornam-se as línguas oficiais das duas nacionalidades, que se firmam, individualizam e acentuam mais e mais, considerando-se independentes e autônomas.

O dialeto *português* torna-se a língua oficial de Portugal, como o *castelhano,* a língua oficial da Espanha, à medida que os outros dialetos, declinando, se reduzem à condição de meros dialetos falados.

Dentre os dialetos da língua portuguesa, distinguem-se o *galego,* o *indo-português,* falado na capital de Ceilão e em Malaca, o *creolo,* na África portuguesa, e o *mirandês,* em Trás-os-Montes. Já um tanto combalido pelas conquistas holandesas, o elemento português do dialeto *indo-português* irá pouco e pouco cedendo o passo ao elemento inglês, ao embate da civilização superior dos ingleses, atuais e exclusivos dominadores daquela ilha e da cidade e província de Malaca.

As línguas, em sua marcha, como organismos vivos que são, submetem-se a grandes alterações; estas podem realizar-se já em seu vocabulário, já em sua sintaxe: as primeiras respeitam aos vocábulos considerados de per si e chamam-se *léxicas* ou *lexicológicas;* as segundas são atinentes aos vocábulos considerados em suas relações, para constituir a frase ou proposição, e denominam-se *sintáticas.*

Neste capítulo só trataremos das **alterações léxicas.** Dentre as *alterações* do vocabulário notam-se o *arcaísmo,* o *neologismo,* o *hibridismo* e as alterações fônicas e *mórficas.*

Arcaísmo é a adoção ou imitação de vocábulos que caíram em desuso.

O *arcaísmo* pode ser *léxico* ou *sintático,* conforme se refere às palavras empregadas sós por sós ou em sua combinação umas com as outras na contextura do discurso. É dos arcaísmos da primeira espécie que trataremos aqui.

São *arcaísmos* as palavras seguintes: *Abilhamento* por *atavio; avença, avinça* por *concórdia; heréo* por *herdeiro; senhor* por *proprietário; sengo* por *sonso, sábio, prudente; hastáo* por *hospedaria; encréo, incréo* por *incrédulo; treição, treidor* por *traição, traidor; bordegão* por *vil, grosseiro; vagamundo* por *vagabundo; aprizoar* por *prender; bolimento* por *movimento de gente de guerra; véspora* por *véspera; ende* por *d'Aí; tamalavez* por *algum tanto, um poucochinho; colacia* por *familiaridade, união entre os colaços,* isto é, os que se amamentaram com o leite da mesma mulher; *entonces* por *então; laidar* por *causar deformidade, aleijão; chavadêgo,* luvas ou molhadura que dava o foreiro pela concessão ou aforamento de uma terra, *gafo*

por *leproso; chave* por cotovelo ou recanto que o terreno faz para algum dos lados; *chegamento* por citação para comparecer em certo dia perante as justiças, *asinha* por *sem demora, depressa, em breve; colação* por *freguesia, paróquia; gafaria* por *hospital de leprosos; britar* por *quebrar; cuidança* por *cuidar; trebelho* por *brinco; porende* por *portanto, por isto, a vista disto; leixar* por *deixar; colonha* por *qualquer carga, fardo* ou *feixe* que alguém leva ao ombro, às costas ou à cabeça; *cor* por *vontade, graça, humanidade; cuidação* por *desvelo, cuidado, pensamento; dioso* por *antigo, velho, de muitos dias; igualeza* por *igualdade; lazeira* por *pobreza; abrego* por *parte meridional* ou *do sul; enganir* por *tolher-se com frio; coitar* por *magoar; chus* por *mais* (adv.); *chanta* por *estaca* ou *vergonha; compoer* e *componar* por *compor; creúdo* por *crido; cotrim* por *moeda de ouro* e *prata* que fez lavrar D. Afonso 5.°; *ensejas* por a *traição, a falsa fé; credença* por *crença; adur* por *apenas; toste* por *logo, sem demora, ligeiramente; torto* por *dano, injuria; car* por *porque; asuso* por *acima; samicas* por *porventura; jungo* por *justiça, observância da lei, sentença* ou *aresto; ementrês* por *entretanto; de job a job* por *de popa a proa; jarrear* por *beber com excesso* e *repetidamente; lapedo* por *terreno pedregoso; ladinho* por *legitimo, puro; ladário* por *ladainhas, súplica, rogativa; lançadiço* por *astuto, manhoso, destro; longueza* por *longura; hogano* por *este ano; ooyte, oyle* por *ontem; emsembra* por *juntamente, de comum acordo; eramá* por *hora má* ou *em má hora; geolho* por *joelho; satisfazimento* por *satisfação, cumprimento; sargentas* por *vala; sangradouros sabença* por *sabedoria; viuvidade* por *viuvez; viuvadas* por *loucuras* e *desonestidades a que se entregam as viúvas de pouca idade*; *malada* por *escrava, moça de servir, criada; mal pecado* (interj.) por *por desgraça, por nossos pecados; matamingo* por *missanga, continhas de vidro muito miúdas*; *nemichalda, nemigalha* por *nem migalha; seer* por *ser* ou *estar sentado; montadego* e *montadigo, o que se pagava por postar os gados nos montes de algum senhorio*; *mu* por *mulo, macho; solaz , o que consola a seu próximo*; *sedorento,* o que está *sequioso,* o que tem desejo ardente; *solarengo, solarego, solariengo,* o que vivia no solar, fazenda ou quinta de alguém e lhe prestava seus serviços; *xi* por *se; a tute* por *com abundância; vintes* por *vindouros, descendentes; Xago* por *Thiago, Jacob, Jacome* ou *Diogo; Santoano* por *S. João; primeira feira* por *domingo; próe* por *utilidade; prúvico* por *público, notório; queimamento* por *queimadura; querençoso* por *amoroso; rabolaria* por *palanfrorio; palavrório, grande ruído de vozes* sem fundamento; *quitamento* por *quitação; rebentina* por *furor, ira; raguengo, regalengo, reguengo* por direito ou regalia que pertencia à coroa, terra de patrimônio real; *padromadigo* por *herança, dote* da parte *paterna.*

Neologismos são as palavras novas empregadas numa língua, ou as que, sendo já usadas na língua, recebem sentido novo.

Na vida das línguas releva notar a luta que se trava entre o *arcaísmo* e o *neologismo;* o excesso daquele paralisa e atrofia os idiomas, tornando-os

incompatíveis com a sociedade e civilização de que são órgãos, e cuja índole, costumes, vicissitudes e feições particulares devem desenhar e fielmente traduzir; o excesso deste desvirtua e abastarda os idiomas, emprestando-lhes cores e feições que destoam de seu caráter, de sua índole e graça nativa.

Não há língua, por mais rica e abundante que seja, que não tenha necessidade de importar de alheios idiomas certas palavras de que carece o seu vocabulário; essa importação dentro em certos limites é uma necessidade fundamental, que se liga à vida mesma das línguas e a que cedem os esforços do exagerado purismo.

Uma língua que se divorciasse das outras seria um organismo em marcha acelerada para a dissolução e para a morte: a vida das línguas, como a do organismo vegetal ou animal, está num renovamento incessante e perene, em que todas se dão as mãos, se auxiliam, assimilam e irmanam. Elas são órgãos, que acompanham e traduzem o pensamento dos povos que as falam; se este cresce, se desenvolve e enriquece, deve a língua, que lhe serve de veículo, transmiti-lo, externá-lo e traduzi-lo à justa; donde a necessidade dos *neologismos,* a que força a mesma evolução do pensamento, que na língua estacionaria não encontraria já o instrumento adaptado às suas manifestações, ao seu crescente caminhar.

Como os turbilhões concebidos por Descartes, as línguas estão em movimento perpetuo; não param nem se fixam em sua marcha: sua lei é a mobilidade perene, que as faz revolutear, como as ondas do oceano, agitando-as sempre lenta e surdamente, *é* verdade, mas de modo fatal.

> «..... … *Licuit semperque licebit*
> *Signatum præsente nota procudere nomen*». (Hor.)

> «O *neologismo* é uma fatal necessidade e os rebates dos puristas não conseguem impedir o complemento natural de uma lei inexorável »[55].

De *neologismos* são exemplos as palavras seguintes: *Periodista, hidroterapia, critério, atavismo, discrasia, altruísmo, distocia, dispepsia, proliferação, acromático, transformismo, asséptico, assepsia, diferenciação, metaloterapia, micróbio, microrganismos, neuroma, orientação, susceptível, avalanche, telefone, cinematógrafo, fonógrafo, telégrafo, barômetro, micrômetro, micrótomo, velocípede, bicicleta, fagocitose, automóvel, urcômetro, sismógrafo, hidrometria, esquissa, grafômetro, dinamia, dinâmetro, dinâmica, micrófono, xilófago, xipófago, sabinada, setembrista, valsa, polca,*

55. Latino Coelho. **Elogios Acadêmicos**.

xilografia, ameba, bacilo, protoplasma, lasquenet, anterozoide, anterídio, leucócito, estetoscópio, pantofobia, esfigmógrafo, cardiógrafo, megalomania, megalografia, rheografo, radioscopia, simbiose, fonema, telespectroscópio, radiografia, radiograma.

Os *neologismos* ou se formam combinando elementos que já existem na língua, como *abrilada, sabinada,* ou provêm de elementos das línguas clássicas, que entram em combinações novas como *simulcadência, termometria, xilografia, xilógrafo, monografia, patogenia, telepatia, neuropatia, etnografia;* ou têm por origem as outras línguas modernas, *como alegro, bolero, zarzuela, guerrilha, anuidade, arabesco, clube, smart, clown, shoot, goal, esporte, rosbife, schotisch, confete;* ou, em suma, se compõem de elementos híbridos, tomados a línguas diferentes, como: *quebra-quilos, sociologia, anormal, cólera-morbus, burocracia, neolatino, neoplatônico, seroterapia, decímetro, milímetro, protonotário.*

Estes últimos *neologismos* denominam-se **hibridismos,** porque constam de elementos de línguas diferentes.

Noutros casos não são já as palavras que são novas, senão os sentidos que se lhes atribuem.

Tínhamos, por exemplo, em português o verbo *desaperceber* no sentido de *desaparelhar, cessar os apercebimentos para alguma empresa ou tentativa,* e *desapercebido* no sentido de *desarmado, descuidado, não prevenido para qualquer coisa;* no sentido, porém, que se dá hoje a este particípio de *sem reparo, sem estranheza* é *neologismo* ou antes *galicismo* escusado, que deve ser substituído pelo particípio *despercebido.*

O adjetivo *brusco* sempre existiu em nossa língua com a significação de *escuro, carregado, anuviado;* e assim, por analogia, dizíamos *homem brusco* por *homem de má catadura, de rosto triste* ou *carregado; céu brusco, água brusca* por *céu anuviado, não sereno e límpido, água turva.* No sentido que modernamente se lhe dá de *rude, desabrido, seco, árido, violento, áspero, precipitado,* é palavra nova, a que, sem necessidade, se liga o mesmo sentido que atribuem os franceses ao vocábulo *brusque.*

A palavra *carnagem* tinha em português a significação de *provisão de carnes de animais;* no sentido que modernamente se lhe atribui de *matança,* ou *mortandade de gente na guerra, morticínio, carnificina* é um neologismo, correspondente ao vocábulo francês *carnage,* que é quase sempre empregado nesta última acepção.

O advérbio *jamais* existiu sempre em nossa língua no sentido de *em tempo nenhum, nunca, em tempo algum.* Empregado, porém, como hoje o povo frequentemente o emprega para significar *principalmente, é neologismo.*

O termo *teteia* foi sempre de uso no sentido de *brinco de criança, dive, mimo, objeto delicado, primor.* É *neologismo* significando *coisa de nenhum valor, ridícula,*

A corrente dos *neologismos* começou dos fins do século 15, tomando desenvolvimento maior e mais rápido no século 16, em que concorreram em

muito para aumentá-la Camões e os grandes escritores de seu século, e continuando a encorpar desde então com o crescente progresso, de que se têm enriquecido ciências, artes e indústrias .

Alterações fônicas -Essas alterações realizam-se nos sons dos vocábulos, já na linguagem do povo, tão propenso a alterar e adulterar os sons das palavras, já na linguagem dos próprios eruditos.

A analogia fonética, por exemplo, entre os vocábulos *baraço* e *braço* trouxe a confusão vulgar dos dois termos na expressão portuguesa *baraço* e *cutelo,* que não é raro ouvir pronunciar e escrever *braço e cutelo;* corre o mesmo com a expressão *sem rei nem roque,* que se ouve geralmente dizer *sem lei nem roque,* e a locução familiar *escrito e escarrado,* que também se ouve dizer *cuspido e escarrado;* também não é raro ouvir pronunciar *descarrilhar* em vez de *descarrilar* (por influência talvez de *destrilhar); desestrado* em vez de *desastrado; inflingir* (por influência talvez de *infringir)* em vez de *infligir; estauta* em vez de *estátua; agardecer* em vez de *agradecer; percurar* em vez de *procurar; manjor* em vez de *major; barguilha* em vez de *braguilha; cantrafilar* em vez de *catrafilar.*

Há ainda alterações fônicas nas seguintes palavras, algumas das quais outrora usadas pelos escritores ainda de melhor nota, só se encontram hoje na boca do povo: *Bauptismo, bauptizado, bauptisterio, Bauptista,* em *vez* de *batismo; batisado, batistério, Batista; salvático* em vez de *selvático; salvagem* em vez de *selvagem; sancristão* em vez de *sacristão; devação* em vez de *devoção; estâmago* em vez de *estômago; dentrifico* em vez de *dentifrício; barão* em vez de *varão; bespa* em vez de *vespa; coresma, contia, quarador, fremoso, fermoso, valeroso,* em vez de *quaresma, quantia, coradouro* ou *coradoiro, formoso, valoroso; pera* em vez de *para; assi, despois* em vez de *assim, depois; cristel* em vez de *clister; gado ranhoso, ovelha ranhosa,* em vez de *gado ronhoso, ovelha ronhosa; coidado* em vez de *cuidado; somana* em vez de *semana; tuta e meia* em vez de *macuta e meia; anteado* em vez de *enteado; dixede* em vez de *dizei; enviasado* em vez de *enviesado; trazer, vir à coleção* em vez de *trazer, vir à colação; Santarico* em vez de *Santo Erico; Brísida* em vez de *Brígida; artemija* em vez de *artemísia; hartelã* em vez de *hortelã; piadoso* em vez de *piedoso; fruito* em vez de *fruto; truitas, enxuito, sodes, sam, são, so* em vez de *trutas, enxuto,* ***sois,*** *sou,* como hoje se diz; e muitos outros substantivos principalmente dentre os próprios em que há constantes adulterações.

Alterações mórficas - São as que se realizam na forma dos vocábulos. Assim que pertencem a esse gênero as seguintes alterações: *jazi, jazo, jaza,* como hoje se diz, em lugar das formas antigas *jouve, jaço, jaça; impeço, impeças, impeça* formas geralmente usadas hoje, em vez de *impido, impidas, impida,* antiquadas; *despeço,*

despeças, despeça, que substituíram as formas *despido, despidas, despida,* ainda usadas por Vieira; *joelho* em vez da forma antiga *geolho; então* em lugar de *entonces,* forma tão encontradiça entre os nossos escritores antigos.

CAPÍTULO XI

Do Sentido das palavras

I

A história das palavras mostra-nos que elas estão sujeitas a várias mudanças não só nos elementos fonéticos de que se compõem, senão também relativamente a sua significação.

Ao estudo que trata dessas últimas mudanças ou variações de sentido das palavras dá-se a designação de **semasiologia** ou **semântica.**

A palavra é um som articulado, um sinal sonoro que nos representa a imagem de um objeto do mundo material, ou a ideia de um fato, ou uma noção puramente abstrata.

Parece que deviam ser tantos os vocábulos, quantas as noções, as ideias simples do nosso pensamento; mas uma multiplicidade tão considerável de sinais escritos ou falados, destinados cada um a exprimir uma ideia, um fato ou uma noção abstrata particular, seria por extremo prodigiosa e assombrosa, de tal feitio, que não haveria inteligência que não cedesse a peso tão esmagador, por isso é que raríssimo é haver na língua um vocábulo com um sentido só, correspondendo a uma só ideia. Os vocábulos substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encadeiam-se, penetram-se, usurpam os sentidos uns dos outros, auxiliam-se, irmanam-se, fundem-se e confundem-se, às vezes, na variedade de suas significações, por forma que é muitas vezes dificílimo determinar qual o primeiro sentido com que uma palavra entrou a fazer corpo com o vocabulário do uma língua; por isso é ainda que nas línguas modernas a onda dos *neologismos* cresce e recresce, subvertendo os diques e reparos que levanta o purismo para a represar; é essa a razão por que há nos vocabulários de todos os idiomas verdadeiras ressurreições, em que um vocábulo, pela multiplicidade de associações de ideias que desperta, traz à vida a palavra já de há muito esquecida e sepultada, fazendo-a muitas vezes, nessa segunda fase de existência, lograr vida mais ampla e mais segura, pelas novas relações, que adquire e desperta.

Não só a mesma palavra pode, conforme as diversas épocas em que se estuda uma língua, oferecer sentidos diferentes, senão também na mesma época pode variar muito de significação, transferindo-se do sentido abstrato e geral para o concreto e particular ou deste para aquele, sendo a analogia, verdadeira ou falsa, o agente, a clave de explicação dessas mudanças.

e na mesma língua se dão essas variações de sentido, já em épocas diferentes, já na mesma época, muito mais comum é o fenômeno de exprimir concepção diferente o mesmo vocábulo, oriundo da mesma fonte, composto dos mesmos elementos mórficos, considerado em duas línguas diferentes.

A palavra *sobejo,* por exemplo, que nos primeiros tempos da língua portuguesa, empregada como adjetivo, significava *pertinaz em seguir o desregramento e desordem de seus apetites,* tem hoje a significação de *farto, excessivo, demasiado* e como substantivo vale o mesmo que *sobras, restos.*

A palavra *sinistro,* do adjetivo latino *sinister,* significava em nossa língua *esquerdo, funesto, temível, de que se não esperam senão males, desgraças, que indica maus prenúncios; n*a língua latina, donde nos veio, não só tem essa significação, mas ainda a de *feliz, bom.* Assim disse Cícero *fulmen sinistrum,* isto é, *raio de bom* ou *de feliz presságio* e Plauto: *avi sinistra,* isto é, *sob auspícios felizes,* empregando este último escritor latino o adjetivo *sinistra* na mesma acepção em que Hácio empregou o seu antônimo *dexter,* na expressão *sidere dextro elatus,* isto é, *nascido sob astros favoráveis, sob uma boa estrela.*

A palavra *cor,* derivada do substantivo latino *cor - coração, inteligência, espírito, agrado,* empregada antigamente em português na acepção de *vontade, graça, humanidade, bom termo,* antiquou-se em nossa língua nesse sentido, que se inferia do primitivo, sendo apenas usada hoje na locução *de cor,* que significa *de memória, sem o emprego do raciocínio* e assim dizemos *aprender de cor, saber de cor, dizer de cor.*

Que multiplicidade de concepções nos não sugere o nosso verbo *dar,* nos vários casos em que o uso o emprega em nossa língua? Exemplifiquemos: *Dai esmola aos pobres; «dê-se uma fatia de pão a quem tem fome »* (Herc.); *dai de comer a quem tem fome; dai de beber a quem tem sede; «a todos que ajuntarem a verdade com a misericórdia dará Deus nesta vida a graça e na outra a glória»* (Vieira); *dar na balda de alguém; dar* no *goto, dar para* ou *em fazer versos; dar em doudo; dar com o rosto num paredão; dar em terra; dar em seco; dar nos baixios; dar de face* (encontrar); *«agora deu-lhe a telha de querer casar »* (Camilo); *dar na vista* (causar reparo); *dar às gambias, às de Vila Diogo; dar à canela; dar à costa, praia; dar-se bem* ou *mal com alguém; dar-se por ofendido, por filho de fidalgo, por feliz; dar-se bem num terreno* (falando de uma planta); *dar-se bem num país; dá-lhe que dá-lhe; a dar a dar; dar o muro de si; dar em droga, em pantana, em vasa-barris; dar com os burros n'água; dar a correr, a fugir; dar de mão; dar de olho; dar-se com todos os colegas; «vivas tu de mim segura do mundo que se me dá?»* (Cast.); *dar* no sentido de *produzir: terreno que dá muito fumo, muito cacau, muita cana de açúcar; dar* por *acertar: deu-lhe na tecla; dar as cartas; dar murros; dar pancadas; dar punhadas em alguém; dar uma topada; uma canelada; o dinheiro não dá para tantos desperdícios; não se dar por achado; deu uma*

hora; deram três horas; já deu meio dia; quem me dera a tua sorte!; quem me dera o teu saber!; dar um passeio; dar um giro, uma volta; dar combate; dar pontos; dar escândalo; dar ocasião; dar motivo; dar saltos; dar pulos; dar encanto; dar feitiço; dar fundo; dar indício; dar testemunho; dar provas; dar no sentido de *investir, arremeter, saltear: é uma vaca, um carneiro que dá; deu a peste no acampamento, deu-lhe a varíola.* Em muitos desses exemplos é obvio que o verbo *dar* se afasta do sentido primitivo que só lhe nota nos primeiros cinco exemplos aqui apontados.

O vocábulo *golpe,* do latim *colafus* (punhada, murro, bofetão), entrou para o vocabulário português com o sentido físico um pouco mais generalizado de golpe com instrumento contundente ou cortante, e dessa última acepção, conservando sempre em latim o sentido físico primitivo, passou ao sentido moral de *acontecimento funesto, desgraça, ação notável, rasgo, lance,* e assumiu de mais o sentido de *multidão, grupo de objetos que saem ou entram de uma vez, gole, trago.*

O verbo latino *insultare,* que, no sentido próprio significava *saltar, pular sobre, lançar-se, atirar-se,* e no figurado ou translato, *atacar, afrontar, ultrajar, censurar, ser insolente,* perdeu em português o sentido próprio, que tinha no latim, assumindo o sentido figurado de *injuriar, ultrajar, ofender.*

Affligere, verbo latino da terceira conjugação, perdeu em português a significação que tinha de *arremessar, atirar contra, travar com alguém, abalroar, bater com violência, destruir,* para conservar somente o sentido que em latim já possuía de *atormentar, maltratar, molestar, abater, oprimir.*

O vocábulo latino *angustiæ,* no plural, designava entre os romanos *espaço apertado, estreito.* Assim se dizia: *angustiæ loci:* lugar apertado, *angustiæ locorum:* lugares estreitos, apertados, desfiladeiros, *angustiæ itinerum:* ruas estreitas; e, por analogia, *angustiæ verborum*: estilo seco, árido; *angustiæ temporis*: brevidade do tempo, falta de tempo; *angustiæ pecuniæ publicæ:* - esgotamento da fazenda ou do tesouro público; *esse in angustiis:* ser ou estar reduzido ao extremo, estar em apuros. Não foi senão com esta última acepção de *extremidade, apuros,* que passou para a nossa língua o vocábulo *angústia:* As *angústias* do coração, as *angústias* da morte, as *angústias* da pobreza, da indigência e da miséria.

Talento, do vocábulo latino *talentum,* passou do sentido primitivo de *barra, certo peso de uma matéria preciosa, soma de dinheiro, peso de 120 libras romanas,* a denotar a ideia de *engenho, habilidade, diligência, empenho, desejo, inclinação,* sendo ainda nestas duas últimas significações de uso na expressão adverbiada *a seu talante,* onde o substantivo varia de forma, apesar de se ligar à mesma fonte etimológica.

O vocábulo *vianda,* do latim *vivenda* ou *vivanda,* donde o português *vivandeiro, vivandeira,* significa propriamente *provisões, mantimentos precisos para a vida.*

alimento em geral; no vocábulo francês *viande* restringiu-se essa significação primitiva, encontrada em muitos exemplos do antigo francês, para modernamente significar mais particularmente a carne dos animais de que nos alimentamos. Houve aqui restrição do sentido e não ampliação.

Do mesmo modo na palavra portuguesa *carta* houve restrição do sentido que tinha em latim o vocábulo *charta,* donde aquele se origina. *Charta* significava em latim *livro, escrito,* apresentando já em Ovídio o sentido que se lhe dá hoje em português. Pelo contrário, o vocábulo francês *panier,* do substantivo latino *panarium: cesta que contém ou em que se deita pão,* passou deste sentido especial para indicar toda e qualquer *cesta* em geral.

O substantivo *capricho,* originário do latim *capra,* por intermédio do italiano *caprício,* significa em nossa língua não só *obstinação em fazer alguma coisa desarrazoada, inconstância, irregularidade, variabilidade, fantÁsia,* senão também *brio, pundonor, timbre,* o que não ocorre no francês, onde não é tomada a palavra nesta última acepção e sim na primeira, que parece mais se aproxima do sentido etimológico.

O adjetivo português *esquisito,* do latim *exquisitus,* além do significado primitivo de *excelente, delicioso, apurado, requintado,* com que nos veio do latim, designa às vezes uma ideia, que nem se encontra na fonte donde deriva, nem no francês, nem no inglês. Assim se diz em português é um *homem esquisito* no mesmo sentido que um *homem excêntrico, extravagante.*

O vocábulo *bizarro,* considerado de procedência vasconça, que no francês do século 16 significava *valente,* e no italiano inculca a ideia de *cólera, irascibilidade, assomo,* no português e no espanhol significa *magnânimo, brioso, generoso, garboso,* não apresentando, como ocorre em francês, o sentido de *extravagante, que se afasta do gosto, dos usos recebidos.*

O substantivo latino *pecunia,* que a princípio exprimia *propriedade, riqueza em gado (pecus),* estendendo ou ampliando o seu sentido, tomou a significação de riqueza em geral.

O mesmo passou com respeito ao verbo latino *considerare,* que indicou primeiro o *considerar ou observar os astros (sidus, sideris);* mais tarde assumiu o sentido mais amplo de considerar, observar não já os astros, senão todo e qualquer objeto.

A palavra latina *salarium,* donde fizemos em português o substantivo *salário,* significava primitivamente em latim *dinheiro dado aos soldados para comprar sal* (*salarium argentum);* passou depois a ter significação mais geral, aplicando-se em português a toda e qualquer retribuição, sentido que começou de ter na língua latina desde Augusto.

O vocábulo português *impertinente,* afora outros sentidos, tem no francês e no inglês o de *incivil, grosseiro, bordalengo, intruso,* o que se não dá em português, onde, além de significar *inoportuno, que não vem ao caso, que não pertence* ou *é alheio ao assunto,* indica também a ideia de um *rabugento, de mau gênio, que é difícil de contentar.* Neste último sentido não o emprega o francês.

Os substantivos latinos *serra, tranca, ferrolho* e *serra-serra,* confundindo-se pela semelhança de suas formas, o que já era de ver no latim vulgar, originaram em provençal o verbo *sarrar* ou *serrar,* em italiano *serrare,* em espanhol e português *cerrar* (de *serare:* fechar por meio de tranca, ferrolho) e *serrar* (de *serrare*), e no francês o verbo *serrer,* reunindo sob uma só forma as duas significações de *fechar, unir, apertar* e *serrar -dividir por meio de serra* (instrumento).

Do substantivo *serra* formou-se analogicamente a palavra *serra* na acepção de *cadeia de montanhas,* que apresentam em seus vértices pontas ou dentes, quais os de uma serra.

Vê-se, pois, que o ***r*** geminado do verbo *cerrar* (fechar) não é originário.

Muitas vezes, por concisão ou brevidade, a mudança de sentido da palavra resulta de uma elipse, calando-se por braquilogia a palavra principal ou determinada e representando-a pelo vocábulo determinante ou epíteto.

Assim é que a palavra portuguesa *broquel* provém não de um substantivo, mas do adjetivo latino *buccularius,* da expressão *clypeus buccularius* ou *scutum buccularium,* cujo epíteto ficou sendo o único representante da expressão total.

A palavra portuguesa *ortelã* provém do adjetivo latino *hortulanum* e não do substantivo *mentam* ou *mentham,* a que se costumava acrescentar o adjetivo, formando a expressão total *hortulanam mentam.*

A palavra francesa *fromage* não deriva de um substantivo, mas do adjetivo *formaticum,* epíteto do substantivo *lac,* supresso por braquilogia, sendo a expressão total a seguinte: *lac formaticum (leite feito em uma fôrma, em um molde).*

Do mesmo modo o vocábulo francês *sanglier* (javali) não dimana de substantivo nenhum, senão do adjetivo *singulare,* epíteto desse animal, havendo elipse do substantivo *animal ou pecus,* ficando completa a construção gramatical do modo seguinte: *animal* ou *pecus singulare,* isto é, *o animal solitário, que vive só, desacompanhado.*

É muito comum na língua latina o emprego dos adjetivos *cani* por *capilli cani ferina* por *ferina caro; calida, frigida* por *aqua calida, aqua frigida* e as expressões *primas, secundas agere, ferre, tenere,* por *primas partes, secundas partes, agere, ferre, tenere, actio repetundarum* ou *actio de repetundis* em vez de *actio repetundarum pecuniarum, actio de repetundis pecuniis.*

De modo semelhante emprega o português o vocábulo *prima,* para indicar a primeira e mais delgada corda de certos instrumentos, como a viola, a guitarra

etc., *terça,* para significar a terça parte de uma herança; *décima,* para exprimir o tributo consistindo na décima parte de uma renda; *oitava,* para designar a oitava parte de uma onça ou o espaço de oito dias em que celebra a Igreja alguma solenidade.

A muito conhecida a frase francesa *coucher sur la dure,* onde aparece o elemento determinante, ocultando-se por *braquilogia* o determinado *coucher sur la terre dure.*

É também de meneio comum em nossa língua dizer por braquilogia *à direita da rua, do edifício, à esquerda da praça; à esquerda do beco, dobrar à direita, à esquerda, voltar à direita, à esquerda,* em vez de *a mão direita da rua, do edifício; à mão esquerda da praça, à mão esquerda do beco; dobrar à mão direita, à mão esquerda voltar à mão direita, à mão esquerda.*

Fazendo elipse do substantivo *vinum* diziam analogicamente os latinos: *falernum, caecubum, massicum, sabinum, lesbium, mareoticum,* por *vinum falernum, vinum caceubum, vinum massicum, vinum mareoticum* etc.

O emprego de um nome no singular ou plural fá-lo em muitos casos mudar de significação. Assim é que em latim *litera* significa *letra do alfabeto* e *literæ: carta; impedimentum: obstáculo; impedimenta: bagagens; ludus: jogo; brinquedo; ludi: jogos públicos; lignum: madeira; ligna: achas de madeira, pedacos de pau; comitium: praça pública; comitia: os comícios, assembleias do povo. auxilium: socorro; auxilia: forcas, tropas auxiliares; castrum: castelo; castra: acampamento.*

Em português a palavra *costa* no singular primitivamente designava o mesmo que *costela* e depois *litoral, borda do mar* e, por extensão, *país, região próxima do mar;* no plural significa a parte posterior do corpo do homem e superior dos outros animais, e por extensão a parte posterior de muitos objetos:

Andar *de costas,* voltar *as costas* a alguém; *as costas* da mão, *as costas* da cadeira, *as costas* da casaca, *as costas* de uma faca, de uma carta etc.

A mesma diferença será fácil notar entre *bem* e *bens, zelo* e *zelos, meninice* e *meninices, bondade* e *bondades, liberdade* e *liberdades, fumo* e *fumos, fumaça* e *fumaças, graça* e *graças, trigo* e *trigos; feijão* e *feijões; álcool* e *álcoois, milho* e *milhos, açúcar* e *açucares, prata* e *pratas, cobre* e *cobres, ferro* e *ferros bronze* e *bronzes.*

A mesma palavra, embora fundamentalmente exprima a mesma ideia, pode, em nossa língua, tomando a desinência genérica, adaptada ao masculino ou ao feminino, indicar vários aspectos ou matizes da mesma ideia por ela designada. dão testemunho disso os vocábulos portugueses: *Trilho* e *trilha, caneco* e *caneca, madeiro* e *madeira, tacho* e *tacha, fosso* e *fossa, taleigo* e *taleiga; gorro* e *gorra, saco* e *saca; tamanco* e *tamanca; fruto* e *fruta, lenho* e *lenha, pero* e *pera, pingo* e *pinga, porto* e *porta, barco* e *barca, valo* e *vala, bago* e *baga, ramo* e *rama, grito* e *grita, cepo* e *cepa, pago* e *paga, cevo* e *ceva, serro* e *serra, cimo* e *cima, horto* e *horta, toldo* e *tolda, tampo* e

tampa, galho e *galha, manto* e *manta, saio* e *saia, rio* e *ria, cabeço* e *cabeça, ameaço* e *ameaça, tocheiro* e *tocheira.*

II

Das figuras pelas quais uma palavra assume sentido que não tinha

Os gramáticos classificam sob nomes diferentes as diversas espécies de *figuras de palavras* ou *tropos,* pelos quais se transforma a significação das palavras.

Essas figuras são a **metáfora, a alegoria, a catacrese, a metonímia, a antonomásia, a sinédoque, a antífrase** e o **eufemismo.**

Metáfora (de um vocábulo grego que significa *transportar) é o tropo ou figura* pela qual, graças a uma suposta semelhança ou analogia, um nome, um atributo ou uma ação, pertencente a um objeto ou que lhe é característica, se adapta a outro, a que não é literalmente aplicável.

Há *metáforas* nas seguintes expressões: *Este homem é um leão, aquele orador é um rouxinol, é um trovão, é uma borboleta o coração daquela donzela, é uma víbora, é uma serpente aquela mulher, o vício toma muitas vezes a máscara da virtude, a luz do espírito, a luz da esperança, o facho da razão a chave das línguas e ciências, o fogo das paixões', «Deus é meu sol e meu escudo».*

É a *metáfora* o tropo mais natural e por isso mais frequente, mais belo, mais rico e mais brilhante.

Procede sempre por extensão, implica uma comparação, cujos termos não são formalmente exprimidos; por isso é que Quintiliano lhe chamou *comparação abreviada,* assim como a **alegoria** não é senão uma *metáfora continuada.*

Quando a *metáfora* é empregada por necessidade, recebe o nome de *catacrese* como quando dizemos: *chumbar de prata, de ouro; folha de prata, de zinco, de Flandres, de papel, de estanho, de faca, de serra, de ardósia, folha corrida, folha de férias, de partilhas, novo em folha, folha* (jornal, gazeta). Como a *metáfora,* a *catacrese* sempre procede por extensão.

A palavra *parricida* designa propriamente *o que mata seu pai,* pela *catacrese* estende-se o seu sentido *ao que mata sua mãe,* ou *qualquer de seus ascendentes, ao que destrói* ou *arruína sua pátria;* de modo análogo dizemos: *os pés da mesa, a boca, os braços de um rio às entranhas da terra, os botes da inveja, o dente da charrua, o coração de um país as veias do mármore, as lágrimas da aurora; lençol de fogo; lençol d'água, as pernas de compasso, as alas de um exército, a cabeça da comarca, a asa de uma xícara, a boca de um vulcão, de um abismo.*

Exemplifiquemos algumas locuções e frases metafóricas, colhidas de nossos clássicos e escritores de melhor nota:

«Assim se apressa a fazer mercês a divina liberalidade e *madruga* a convidar os seus a providência divina» (Lucena).
«Começou o mar a ser *lavrado* das naus» (Barros).
«Já a labareda lambia pelos castelos das naus» (Idem).
«Dali vinha aquela região *beber* ao mar» (Idem).
«Tempo ainda *verde* para navegar» (Idem).
«Uma plebe de riachos, que entram no Mondego» (Idem).
«Se os príncipes fizessem *toque* dos homens e quantos *quilates* cada um tivesse de merecimento, tantos lhe dessem de galardão» (Tr. H. Pinto).
«*Cuspiam* o ferro de si» (Barros).
« *Cardume* de fustas; *golpe de* mouros, *chuva* de frechas, *garfo* de gente» (Idem).

«Da branca neve e da vermelha rosa
O céu de tal maneira derramou
No vosso rosto as cores, que deixou
A rosa da manhã mais *vergonhosa*»
(D. Bern.)

«Meteu todas as *velas* de sua eloquência » (Souza).
«*Arde* o ódio, *morde-se* a inveja, *escuma* a ira, *raiva* a desesperação, *grita* furiosa a dor e *desafoga-se* sem nunca *desafogar-se* a vingança em injurias, em opróbrios, em maldições contra o sempre mais e mais odiado Deus » (Vieira).
«A necessidade é a que mete ou precipita o mineiro ao mais profundo das *entranhas* da terra, e sem temor que as mesmas montanhas, que tem sobre si, caiam e o sepultem, lho vai cavando as *raízes* e sangrando as *veias*» (Idem).

Não serve só a *metáfora* para engraçar e aformosear o estilo dos grandes escritores.

Não é só peculiar ao estilo a que chamam oriental; é de todos os estilos: do oriental e do ocidental; entra na linguagem de todos os que falam; a ela recorre na expressão de seus pensamentos o erudito e o ignorante, o homem da cidade e o homem dos campos; e tanto mais comum é o emprego das translações, das *metáforas,* do sentido figurado, quanto mais forte e vigorosa é a memória física e a faculdade imaginativa.

As *metáforas* derramam grande variedade no discurso, revestindo de vida e calor as palavras, que jorram vividas da forja de nosso espírito, onde se aquecem e retemperam.

A *metáfora* que se estende, continua e prolonga recebe a designação de *alegoria:*

«A glória é uma planta de tal casta, que se quer regada pelo suor» (M. Bernardes).

Nos versos seguintes emprega uma alegoria o celebrado autor dos **Lusíadas:**

«Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrário,
Que se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco baixel se alague cedo».

A maior parte dos *provérbios* são verdadeiras *alegorias;* passa o mesmo com respeito aos *apólogos,* as *fábulas* e *parábolas;* porque em todos esses modos de expressão do pensamento, sob o sentido literal, que é o primeiro que se antolha ao leitor ou ouvinte, ocultamos um sentido figurado, que é aquilo a que visamos, empregando esse tropo.

Sob uma bela *alegoria,* Horácio designa a República e a exorta a não se expor de novo às perturbações da guerra civil, escrevendo as estrofes seguintes:

«*O navis, referent in mare te noti*
Fuetus. O quid agis? fortiter occupa
Portum. None vides ut
Nudum remigio latus,

Et malus celeri saucius Africo,
Antennaeque genant, ac sine funibus
Vi durare carinœ
Possent imperiosius
Æquor?..... . . .»

Metonímia é o tropo em que se põe a causa pelo efeito, o inventor pela coisa inventada, o possuidor pela coisa possuída, o continente pelo conteúdo e vice-versa, o que governa pelas coisas governadas, o símbolo pelas coisas que ele representa, o nome do lugar em que se faz uma coisa pela mesma coisa.

Há *metonímias* em todos os seguintes exemplos:

A *fala do trono, da coroa,* isto é, a *fala do monarca; é amante do copo,* isto é, *do vinho, das bebidas alcoólicas; beber dois copos de cerveja,* isto é, *a cerveja contida em dois copos; é uma boa pena,* isto é, *é um bom escritor, um bom jornalista; é um excelente pincel, uma boa espada,* isto é, *é um excelente pintor, um bom general; e um bom canivete,* isto é, é *um bom cirurgião; a toga,* isto é, *a magistratura; o cetro, isto* é, *a autoridade real; o báculo, a mitra,* isto é, *o poder* ou *a autoridade episcopal*; *tomar um copo de cognaque, de bordeaux, de champagne, de jerez* ou *xerez,* isto é, *de vinho de Bordeaux, de vinho de Champagne, de Jerez* ou *Xerez; ler Cícero, Virgílio, Horácio,* isto é, *ler as obras de Cícero, Virgílio, Horácio; a moral do Pórtico,* isto é, *a moral estoica ensinada sob o pórtico de Zenão.*

> «Lia Alexandre a Homero de maneira, que sempre se lhe sabe à cabeceira» (Cam.)

... Isto é, lia a *Odisseia* ou a *1líada* de Homero.

No seguinte exemplo aplica-se a palidez, que é efeito, a morte, que é a causa:

> «A morte pálida igual destroça
> Os torreões dos reis e a pobre choça.»

Nest'outro passo do autor dos *Lusíadas* é ainda o efeito pela causa:

> «Diz-lhe que vem de gente carregadas
> E dos trovões horrendos de Vulcano»

Isto é, as naus carregadas de gente e dos instrumentos que produzem trovões.

Antonomásia é uma espécie de *metonímia* pela qual se põe alguma coisa pelo nome próprio.

Por *antonomásia* diz-se: *O Cartaginês* em vez de *Anibal; destruidor de Carthago* em vez de *Seipião; o herói das Thermopylas* em vez de *Leônidas.*

Por *antonomásia* ainda é que se diz *é um Catão,* isto é, *é um homem de costumes austeros; é um Nero,* isto e, *é um homem cruel, é um Creso,* isto é, *e um homem riquíssimo.*

Dizendo *o poeta, o filósofo, o orador,* os gregos designaram Homero, Platão e Demósthenes.

Sinédoque é um tropo que nos dá a entender o plural pelo singular, o todo pela parte, o gênero pela espécie, o número certo pelo incerto, o abstrato pelo concreto e *vice-versa.*

Assim que se diz: *cincoenta velas* em vez de *cincoenta navios; treze mil almas* em vez de *treze mil pessoas; o Brasileiro, o francês, o inglês, o americano, o português,* em vez de *os brasileiros, os franceses, os ingleses, os americanos, os portugueses; os mortais,* isto é, *os homens; a nobreza, a pobreza, a clerezia, a inocência,* isto é, *os nobres, os pobres, os clérigos, os inocentes; cem vezes, mil vezes,* isto é, *muitas vezes.*

> «Este quis o céu justo que floresça
> Nas armas contra o torpe Mauritano »
> (Cam.)

Por este tropo ainda é que se emprega o nome da matéria de uma coisa pelo da própria coisa. Assim se diz *o som do bronze,* em vez d'o *som do sino; o troar do bronze* em vez *d'o troar das peças de artilharia, feitas de bronze; tudo cedeu à força do ouro,* isto é, *à força do dinheiro; morrer sob o ferro do tirano,* isto é, *sob o alfange, sob a espada do tirano* ou *aos golpes do alfange, da espada do tirano.*

Antífrase é o tropo que diz o contrário da verdade. É por *antífrase* que os gregos davam às *Fúrias* o nome de *Eumenines,* que em rigor significa *deusas benfazejas* o Mar *Negro,* funesto aos navegantes, era na antiguidade apelidado *Ponto Euxino,* isto é, *Mar Hospitaleiro* por *antífrase* ainda é que se deu o nome de *Cabo da Boa Esperança* ao *Cabo das Tormentas,* onde tantas vidas se apagaram.

Eufemismo é o tropo pelo qual, para evitarmos palavras de significação obscena, triste, desagradável ou odiosa, empregamos outras de significação decente, menos triste, menos desagradável.

Assim a um mendigo que nos pede esmola, dizemos: *Deus te ajude, Deus te favoreça,* isto é, *nada tenho para te dar,* anunciando a morte de Pedro, assim nos exprimimos: *Já não existe Pedro, não pertence mais aos vivos,* isto é, *Pedro morreu.*

Camões dá-nos um exemplo deste tropo nos seguintes versos:

> «E pagarão seus anos deste jeito
> À *triste Libitina* seu direito.»

Estes dois tropos outra coisa não são que formas das figuras de pensamento conhecidas pelos nomes de *ironia, litotes, atenuação.*

III
Das mudanças de sentido das palavras. Analogia

Estudando os processos pelos quais passam as palavras em suas variações de sentido, recapitula-os Whitney em duas classes:

1.º Especialização de termos gerais.
2.° Generalização de termos especiais.

Em seu precioso livro **Les Mots Latins** distinguem Bréal e Baily os processos seguintes:

1.° **O sentido material torna-se moral.** Assim, da palavra latina *insultare (saltar sobre)* fez-se o verbo *insultar,* que em português e noutras línguas modernas perdeu o seu primitivo sentido material.

2.° **0 sentido abstrato torna-se concreto:** *legto (a leva),* donde se formou o vocábulo *legião (legionem).*

3.° **O sentido geral restringe-se.** Assim o substantivo latino *æquor (superfície lisa)* significa também mais restritamente o *mar.*

4.° O sentido que é originariamente restrito desenvolve-se e **amplia-se.** Isso nos atesta o vocábulo *pecunia,* que entrou para o vocabulário latino com a significação restrita de *riqueza em gado,* indicando mais tarde *riqueza em geral, fazenda, ·dinheiro.*

5.° A **palavra muda de classe ou categoria,** tornando-se substantivo de adjetivo que era; de primitivamente invariável, variável; como no-lo atestam os vocábulos *magister (maior),* donde o substantivo *mestre, dono, amo; primo (pelo primeiro),* donde o advérbio *primeiramente, primitivamente; licet (é permitido),* donde as conjunções ou locuções conjuntivas *bem que, ainda que,* que traduzem em nossa língua o vocábulo latino; *quer* terceira pessoa do afirmativo do verbo português *querer,* empregado como conjunção nas expressões: *quer chova, quer faça sol, quer ele queira, quer não.*

Tratando do mesmo assunto, distingue Pot nessas variações significativas as seguintes categorias:

1.° **Restrição da extensão do sentido.** A palavra latina *emere,* por exemplo, significava primitivamente *tomar,* passou depois à significação de *comprar;* o vocábulo português *jumento,* que tem uma significação restrita, é tomado em latim na acepção de todo e qualquer animal de carga ou de tiro: cavalo, boi,

asno, empregando-o nesse sentido Tito Livio nos seguintes passos: «*Postero die, jam segnius intercursantibus barbaris, junctæ copiæ, saltusque, haud sine clade, majore tamen jumentorum quam hominum pernicie, superatus.*» (T**.** Liv. Ed. de N. Theil, Pág. 88.)

> « *Sed ruinæ máximæ modo* **jumenta** *cum oneribus devolvebantar.*» (Id. *Ibid.* Pág. 87.)

2.° Metáfora - preposições locais ou de lugar tornam-se temporais ou de tempo: *neste país, em três dias.*

3.° **Aplicação de uma palavra a pessoas ou coisas, ao que é bom ou mau.** A palavra *perdido,* aplicada a uma pessoa, nas expressões: *E um perdido; homem perdido;* não tem o mesmo sentido que se lhe dá, falando de coisas: objeto *perdido* ou coisa *perdida.*

Cada uma das palavras latinas *sacer, valetudo,* como já vimos atrás, pode indicar ideias opostas; corre o mesmo com os vocábulos portugueses *sucesso* e *fortuna* que podem ser tomados no sentido de *bons* ou *maus, felizes* ou *infelizes* e com o vocábulo inglês *silly,* que se pode tomar a boa ou à má parte.

4.° Emprego das palavras ativa ou passivamente, com sujeitos ou objetos: *Dea veneranda, venerandus deam; o amor de Deus* no sentido duplo *do amor que dedicamos a Deus,* que tem Deus por objeto ou *do amor que tem Deus a suas criaturas, do amor de que somos objetos.*

5.° Expressão de uma ideia por uma palavra simples ou por uma palavra composta.

6.º **Emprego de uma mesma palavra em diversos sentidos.** Sirvam de exemplos a palavra latina *res,* a francesa *coup* e a portuguesa *ponto* em todas as variadas locuções em que entra.

7.º A **perda de vocábulos** força a introdução de outras palavras, que não são sinônimas, e com a introdução dessas palavras estranhas, muda o sentido dos vocábulos já conhecidos, como se vê nos vocábulos franceses *potion e poison,* que, com serem irmanados ao mesmo radical, passam a indicar ideias diferentes; o mesmo corre com os vocábulos portugueses *pensar* e *pesar.*

Todos esses processos, por que vão passando as palavras em suas mudanças significativas, se filiam num princípio, que, unido à alteração fonética, mais geral e importante que esta, é a chave de explicação dos fenômenos dessas variantes de sentido nos vocábulos de todas as línguas; conserva-as numa renovação incessante, num vaivém constante, que se liga à essência, à vida mesma desses organismos, que tão íntimas relações mantém com o pensamento e o espírito, de que são cópias fidelíssimas: é a *analogia.*

A alteração fonética mira especialmente às palavras, considerando-as pelo seu exterior, pela sua forma; a analogia, não se limitando à forma, que também lhes altera e modifica, vai mais longe, penetra-lhes no fundo, acompanhando-as em todas as suas fases e mudanças, explicando-as, sendo-lhes causa e fundamento; a primeira é um elemento de destruição; a segunda é sobretudo um elemento de reparação, de renovamento e reconstrução.

A analogia, elemento criador nas línguas, tem por fundamento já a preguiça do nosso espírito, já o desejo de imitação.

É de importância capital o princípio da analogia em todas as províncias da disciplina gramatical: domina no vocabulário das línguas, influi em sua fonologia, altera-lhes a sintaxe, modifica-lhes profundamente a gramática, transformando-a inteiramente. «A gramatica, di-lo assim Sayce, não é só o esqueleto de uma língua; é também o sangue que lhe sustenta a vida, e as mudanças nela produzidas são em grande parte causadas pela analogia.»

Mina fecunda das *metáforas,* das *alegorias,* das *catacreses,* das *metonímias* e *snedoches, alma mater* da ficção, é a *analogia* a causa a que se deve o fenômeno da *aliteração* e da *rima,* sendo a primeira a feição característica da antiga poesia teutônica, a segunda, a característica da moderna poesia meridional.

Fator de uma infinidade de mudanças nas palavras de uma língua, é **a** analogia a que se devem essas enalages de gênero do *latim vulgar,* que explicam o gênero feminino dos vocábulos portugueses *vela, vestimenta, folha, arma.*

Com efeito, as formas latinas *vela, vestimenta, folia, arma,* plurais dos nomes neutros da segunda declinação latina, já no *latim vulgar* apresentam, por uma falsa analogia, as formas *velas, vestimentas, folias, armas,* como se proviessem de substantivos da primeira declinação, terminados em *a, vela, vestimenta, folia, arma,* donde tiramos os substantivos correspondentes em *português,* dando-lhes analogicamente o gênero feminino.

A falsas analogias fonéticas é que se deve a confusão de sentido por vezes notada entre os vocábulos *emigrar* e *imigrar, eminente* e *iminente, ratificar* e *retificar, exotérico* e *esotérico.* As formas *meço, meças, meça; peço, peças, peça* dos verbos *medir* e *pedir* trouxeram, por analogia, as formas *impeço, impeças, impeça; despeço, despeças, despeça,* como se essas últimas formas se compusessem do verbo *pedir.*

É igualmente a analogia que nos dá a explicação de indicar cada um dos dois verbos ingleses *parboil* e *parbake* significações opostas e antagônicas, significando o primeiro *ferver bem, completamente* (de *per,* prefixo latino, que implica a ideia de *perfeição* e *bulire: ferver), ou ferver mal, incompletamente, ligeiramente* (de *part: em parte* e *bulire. - ferver),* significando o segundo *assar ao fogo ligeiramente, parcialmente* (de *part;-em parte* e *bake: assar),* ou *assar bem, completamente* (de *per* e *bake*).

É uma espécie de *analogia lógica,* que nos dá o fio que liga dois substantivos que essencial e fundamentalmente indicam a mesma ideia, sob matizes diferentes, nas duas formas masculina e feminina. Tais são, entre outros, *os* substantivos *caneco* e *caneca, taleigo* e *taleiga, chinelo* e *chinela, pero* e *pera,* de que atrás falamos.

É igualmente a *analogia* em que parece assentar o fato de serem do gênero masculino em nossa língua todos os substantivos aumentativos terminados em *ão,* bem que sejam femininos em suas formas primitivas, e do gênero feminino todos os diminutivos correspondentes. Assim que dizemos: *a marquesa, o marquesão; a faca, o facão; a farda, o fardão; a mulher, o mulherão; a pedra, o pedrão; a tábua, o tabuão; a prancha, o pranchão; a janela, o janelão;* ao passo que só dá o gênero feminino aos diminutivos dos mesmos nomes, dizendo-se: *a marquesinha, a faquinha, a fardinha, a mulherinha, a pedrinha, a tabuinha, a pranchinha, a janelinha.*

A formação do futuro dos verbos portugueses, cuja origem se prende a certas fórmulas do latim popular, não de todo desconhecidas do mesmo latim clássico: *habeo etiam dicere, habeo convenire, habeo ad te scribere,* trouxe, por analogia, a formação do condicional em nossa língua: *Amarei- amare habeo; amaria- amare habebam.*

Quanto mais caminha uma língua em seus processos analíticos, tanto mais para notar é o poder da *analogia,* que, unida à *alteração fonética,* lhe vai dominando as novas formações.

Pela tendência à análise desapareceu a voz passiva nas *línguas românicas* e as expressões latinas *laudantur, aspectantur, amatur, debetur* são substituídas em *latim vulgar* pelas formas analíticas *laudati sunt, aspecti sunt, laudatae* ou *laudata sunt, aspectae* ou *aspecta sunt, amatus est, debitus est, amati sunt, amatum est, debitae sunt, debitum est,* que respondem analogicamente às portuguesas *são louvados, são louvadas, louvam-se; são vistos, são vistas, veem-se; e amado, são amados, ama-se; e devido, são devidas, deve-se.*

O ensurdecimento e enfraquecimento das desinências casuais[56] a que deu ensejo o triunfo incessante do acento fonético sobre a quantidade prosódica, tão rigorosamente observada na língua latina clássica, trouxe ao *latim vulgar* a confusão dos casos e de seu valor logico, produzindo, ao desabrochar dessa língua nos idiomas *românicos,* a consequente multiplicação das preposições, a que, no dizer de Suetônio, já recorria o próprio Augusto, para se fazer entendido de suas legiões, aumentando-se mais e mais esses recursos analíticos, a que tenderam todas as línguas dimanantes da mesma fonte.

---

56. Hoje ditas desinências de caso. (n.e.).

SEÇÃO II

CAPÍTULO I

Da classificação das palavras; definições e divisões

Do mesmo modo que, considerada a realidade abstratamente, se distinguem as categorias lógicas da *substância,* da *qualidade* e da *relação,* assim também se distinguem na gramática três categorias que lhes correspondem e se conhecem sob as denominações de categoria dos **substantivos** ou **denominativos,** dos **modificativos** ou **atributivos** e dos **conectivos** ou **relativos.**

Na primeira dessas categorias estão compreendidos os **nomes** ou **substantivos** e os **pronomes;** na segunda, **os adjetivos,** os **verbos** e os **advérbios;** na terceira, os **elementos conectivos,** isto é, as **preposições** e as **conjunções.**

A parte da *lexicologia* em que se estuda a classificação dessas partes do discurso é conhecida, como já vimos na *introdução* deste nosso trabalho, sob a designação de **taxionomia,** termo tomado das ciências naturais, e aplicado à classificação dos elementos gramaticais.

Uma divisão antiga, seguida por Aristóteles, Varrão, Quintiliano e outros antigos escritores e admitida por Lancelot e outros gramáticos, dispõe todas as partes do discurso em três classes: nomes, verbos e partículas, encerrando-se na categoria dos *nomes* os *substantivos,* os *adjetivos* e os *pronomes;* a dos *verbos,* os *verbos* e na das *partículas,* todas as mais palavras não sujeitas a variações ou flexões.

Tem esta classificação o inconveniente de colocar no mesmo grupo palavras essencialmente diferentes: se, de feito, as *preposições* e as *conjunções* se aproximam entre si por sua natureza e pelas funções que exercem na contextura do discurso, como elementos conectivos que são, já não passa o mesmo com os *advérbios,* cuja função é análoga a dos *adjetivos,* pela razão de realmente serem *atributos de atributos.*

Em sua obra de gramática universal, conhecida pela denominação de *Hermes,* J. Harris distribui as palavras em duas classes: **palavras principais** ou **de significação absoluta** e **palavras acessórias** ou **de significação relativa:** as primeiras têm por si e independentemente de outras uma significação; o que não ocorre com referência às segundas, que só unidas a outras oferecem uma significação. Tais as *preposições,* as *conjunções* etc.

Demais de nos poderem induzir a equívocos as expressões *palavras de significação absoluta* e *palavras de significação relativa,* por indicarem habitualmente outras ideias, não será difícil encontrar nas línguas *preposições, conjunções* e *advérbios,* que sós por sós, desacompanhados das palavras a que unem e modificam, trazem ao espírito uma significação manifesta. Não nos sugerem as preposições *com, sem, sobre, sob, contra,* as conjunções *mas, ou, e,* os advérbios *aqui, ali, hoje,* sim, *não, docemente,* ainda desacompanhados das palavras ou sentenças entre as quais estabelecem laços de conexão, as noções e ideias de acompanhamento, exclusão, situação superior, inferior, oposição, junção, separação, alternativa, lugar, tempo, modo, bem que tais ideias se acentuem, se particularizem, se determinem mais, quando presentes os termos que esses elementos aproximam, ligam e modificam.

Não são no inglês sinais significativos de alguma ideia, de alguma noção, por simples e geral que se nos afigure, as preposições *in, out, up, on, down,* as quais, associadas ao mesmo verbo lhe dão significação diferente, indicando dest'arte que, ainda tomadas em separado e desajudadas de outras, têm em si mesmas uma significação que levam ao verbo, cujo sentido modificam sempre de conformidade com a noção geral que lhe imprimem?

O verbo inglês *to come,* por exemplo, significa *vir; to come in (entrar); to come on (seguir, continuar);* to *come down (descer); to come back* (*voltar*).

Mason e outros dividem as palavras em **palavras que designam noções** e **palavras que designam relações.** Pertencem à primeira classe os *nomes* ou *substantivos,* os *adjetivos qualificativos* e os *verbos;* entram, porém, na segunda classe os *pronomes,* os *adjetivos quantitativos* o os *adjeti0os pronominais.* As *preposições* e as *conjunções* indicam sempre relações; os *advérbios* denotam em parte noções, tais são os advérbios *wisely* (sabiamente), *brightly* (brilhantemente); em parte já não traduzem noções, como estes, senão relações, de que servem de exemplos os advérbios *thus (assim), now (agora), whence (donde).*

Essa divisão, porém, tem o inconveniente de separar o que deve estar unido. Assim é que *adjetivos* há, como os *determinativos,* que exprimem relações, ao mesmo passo que outras palavras da mesma categoria, tais como os *adjetivos qualificativos,* exprimem noções; do mesmo modo os *advérbios* são aqui colocados em grupos distintos, significando uns, relações e outros, noções.

À divisão, por conseguinte, deve reputar-se falha de fundamento, por carecer daquele requisito que a lógica exige, isto é, a distinção.

Os princípios que adotamos para explicar a classificação das palavras, desenvolvidos por Charma em sua obra sobre a linguagem, são assim expostos pelo Dr. J. D. Morel em sua **Gramática Inglesa***:*

As várias noções de que é capaz o espírito humano podem dividir-se em duas grandes classes:

1.º *Noções de todas as coisas mentais ou materiais, reais ou imaginárias, de que podemos formar uma concepção.*
2.° *Noções de todas as qualidades, estados ou ações que de algum modo lhes podemos atribuir.* Donde duas classes principais de palavras, que correspondem a essas duas classes de noções:

1.º Nome de coisas, isto é, *substantivos.*
2.º Nome de ações, estados *ou* qualidades, isto é, *atributivos.*

Sob o nome de coisas temos duas partes do discurso, a saber: o *nome* e o *pronome.*

Sob o nome de atributivos temos o *verbo,* o *adjetivo* e o *advérbio.*

Isto não obstante, é necessário exprimir não só as diferentes espécies de noções, que formamos já de substâncias, já de atributos, senão também indicar certas relações como existentes entre elas.

Se nos é mister exprimir a relação entre uma *noção* e outra, empregamos a *preposição;* se, porém, desejamos mostrar a relação entre uma afirmação e outra, recorremos à *conjunção.* A *interjeição* é um modo de expressão extragramatical.

A mais trilhada e conhecida divisão das gramáticas tradicionais distingue todas as partes do discurso em dois grupos: **palavras variáveis** ou **de flexão,** e **palavras invariáveis** ou **sem flexão,** pertencendo ao primeiro grupo os *nomes* ou *substantivos,* os *pronomes,* os *adjetivos* e os *verbos;* ao segundo, as *preposições,* as *conjunções,* os *advérbios* e, ao parecer de alguns, as *interjeições.*

Essa divisão que atenta na palavra, encarando-a somente pela sua forma, não é isenta de objeção.

A variabilidade ou invariabilidade do vocábulo não é um caráter essencial à sua natureza e aplicável igualmente aos elementos gramaticais de todas as línguas; é fato puramente acidental, que não deve constituir o fundamento de uma divisão.

Afirmam-nos os gramáticos orientalistas que nas línguas *monossilábicas* todos os elementos gramaticais são privados de inflexões; sabe-se que no *inglês* mesmo são invariáveis todos os adjetivos, não mudando de flexão senão para indicar as variações gradativas; no *francês* e em nossa língua casos há em que o *advérbio,* que é elemento gramatical invariável, por uma anomalia gramatical, que obedece à lei da eufonia, pode, bem que raramente, oferecer o fenômeno da inflexão, quando se ajunta a certos *adjetivos* para os modificar. Isso se nota em algumas

construções portuguesas em que entram os vocábulos *todo* e *meio,* unidos a certos adjetivos por eles modificados e no vocábulo francês *tout,* que, empregado como advérbio, pede em certas circunstâncias variar.

Nos exemplos seguintes, colhidos dos bons escritores portugueses e franceses, elucida-se e ilustra-se a observação que vimos fazendo:

«*Toda rota e esfarrapada, toda cheia de meiguice* ».
«*Meios enterrados* nas lapas» (Luc.).
«Viemos a dar à costa e meios alagados nos foram os mares rolando até uma ponte de pedras » (Mendes Pinto).
«A nau *meia sepultada*» (Vieira).
«Habitações *meias enterradas* em parte» (Rebelo da Silva).

«D'un loup écorché vif, appliquez-vous la peau *toute chaude et toute fumante* » (La Font.).
Enfin me voilà *toute reposée, toute tranquille, toute contente* d'être en repos dans ma solitude» (Mol.).

Poremos remate a este nosso capítulo, dizendo que todas as classificações são mais ou menos defeituosas, por se não poderem aplicar às línguas em todos os seus períodos de desenvolvimento.

Assim é que no uso atual de nossa língua substantivos há, considerados como tais pelas funções que exercem, os quais, estudados nos elementos etimológicos de que se compõem, são realmente adjetivos; tal é o substantivo *nada,* que outra coisa não é que o adjetivo latino *natam,* unido a palavra *rem* em frase de sentido negativo *nulam rem natam,* como diziam igualmente os latinos *nulus homo natus* para significar *nenhuma coisa, nada, ninguém, nenhum homem.*

O vocábulo *meado,* de ordinário empregado hoje como substantivo nas seguintes frases: no *meado* do mês, no *meado* de outubro, no *meado* de dezembro, era mais usado por nossos bons exemplares como passado do verbo *mear* nas expressões seguintes: *meado o mês de novembro* ou *o mês meado de novembro; meado o mês de outubro* ou *o mês meado de outubro.* Este modo de empregar o vocábulo *meado* encontra-se ainda a trechos nos nossos bons escritores modernos.

O advérbio *agora* não é senão a junção dos elementos gramaticais *hac hora* (nesta hora); *hoje,* a junção do adjetivo *hoc* e do substantivo *die; ontem,* de *ad* e *noctem,* a conjunção *embora,* dos três elementos *em (in*), *boa* e *hora. Quer* e *seja,* empregados como conjunções *disjuntivas,* são os mesmos verbos *querer* e *ser,* desviados um pouco do sua significação primitiva; de modo análogo empregavam os latinos como conjunções *disjuntivas* o vocábulo *vel,* que deriva do verbo *vele* (querer), e *licet,* do verbo latino *licet, licere* (ser permitido).

Essa mesma palavra latina *vel,* que se emprega como conjunção, passa algumas vezes a fazer de advérbio, anteposta a alguns vocábulos para lhes encarecer a significação, afastando-se mais e mais de seu sentido etimológico e originário; o que se observa nas expressões *vel propere, vel minimum, vel optime* etc.

Pequeno e *mínimo,* adjetivos em português, são às vezes empregados, dando-se-lhes o valor de substantivos. Assim é que disse Luiz de Souza, na *Vida do Arcebispo:* «Não querer mudar uma *mínima* do trato e costume santo da religião». «Que por fugir a um *pequeno* de trabalho, se lhe dilatasse um só momento a satisfação»; e Vieira, nos *Sermões:* «Que boa ocasião tínhamos aqui para uma *pequena* de doutrina !»

Na língua francesa são para notar as mesmas transições de uma classe de palavras a outra. Assim que a palavra *chez,* considerada no uso atual dessa língua como preposição, tem por étimo o substantivo latino *casam.* Ainda no século 13 se dizia em francês em *chez quelqu'un,* donde se colhe que na primitiva o vocábulo *chez* era substantivo e não preposição, como é no uso atual da língua.

A preposição *hormis* liga-se etimologicamente à expressão latina *foras missum,* escrevendo-se ainda no século 15 *hors mise la clameur* com o particípio variável; o advérbio *trop,* ao médio latim *tropus* (rebanho, multidão); o advérbio *três,* a preposição latina *trans;* os advérbios franceses *beaucoup, encore, jadis, longtemps, lors, toujours,* resultam da junção numa só palavra de dois elementos gramaticais diferentes: *beau* e *coup,* antigamente *colp,* do latim *colafum; hanc horam, jam dies; longum tempus; ilis horis; tous les jours.*

O adjetivo *aise,* origina-se do substantivo *aise,* que aparece na locução adverbiada antiga *à aise.* O advérbio *aujourd'hui* reúne em si quatro vocábulos, e no advérbio francês *naguère* concentra-se uma proposição ou sentença completa: *il n'y a guère.*

Além dessas transições que se notam nas várias classes de palavras, estudadas em períodos diferentes de sua evolução, não é raro de observar fato idêntico num mesmo período linguístico.

Muitos adjetivos há em nossa língua que, conforme as circunstâncias do contexto, ora são considerados como tais, ora representam o papel de advérbios. Tais são os vocábulos *contínuo, manso, junto, frio, largo, doce, rijo,* nos exemplos seguintes:

Que a neve está *contínuo* pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes» (Cam.).

«Para conseguir seus fins e se sustentar carecia de ir *manso* e *manso* em sua difícil tarefa » (Garret).

«Boninas várias vai regando a fonte,
Que convida correndo *manso* e *manso*
O rouxinol que suas mágoas cante » (F. A. do Oriente).

«Tocado *junto* foi de medo e de ira » (Cam.).

«O remo compassado fere *frio*
Agora o mar, depois o fresco rio » (Idem)

«Falo mui *doce* e cortês» (Gil Vicente).
«*Doce* tanges, Pierio, *doce* cantas » (Ferreira).
«Corria a gente *rijo* para a praia » (B).

De modo análogo empregavam os latinos muitos de seus adjetivos na terminação neutra, tal é o vocábulo *dulce* no mavioso passo do lírico venusino, embevecido na fala e no doce sorrir de sua Lalagen:

« *Dulce* ridentem Lalagen ammabo,
Dulce loquentem » (Hor.).

Corre o mesmo com o pronome *eu,* que em muitos modos de dizer não é já pronome, senão substantivo, como no seguinte passo de A. Castilho no *Fausto:* «O melhor dos meus dois *eus*».

As *interjeições,* bem que fossem pelos gramáticos gregos estudadas na classe dos *advérbios,* não as colocamos entre as partes do discurso, primeiramente, porque não pertencem à linguagem analítica ou lógica, cujos fatos estão sob a alçada da gramática, que os regista, regulando-os, coordenando-os, sistemando-os; pertencem sim à linguagem das paixões, à linguagem sintética; não são palavras, senão explosões naturais com que traduzimos automática e instintivamente nossas comoções vivas e súbitas; em segundo lugar, indicando esses gritos uma proposição, um discurso, uma situação inteira de nossa alma, pressupõem e encerram virtualmente um todo sem relações sintáticas com as outras partes do discurso; prorrompem das profundezas da organização, compendiando e resumindo de modo brevíssimo todo o nosso ser, que a análise seria incapaz de traduzir ou imitar com a mesma intensidade de significação, com a mesma vivacidade, rapidez, impetuosidade e instantaneidade de eloquência.

Nos capítulos subsequentes trataremos separadamente dos elementos gramaticais, isto é, dos *substantivos, pronomes, adjetivos, verbos, advérbios, preposições*

e *conjunções;* e, como, de envolta com esses sinais da linguagem analítica, surgem no discurso essas fórmulas holofrásticas, conhecidas pela denominação de *interjeições,* que tão vivo colorido dão ao pensamento, releva ao gramático estudá-las, analisar-lhes a natureza e explicar-lhes as espécies.

Aos capítulos das várias partes do discurso faremos, pois, preceder o das *interjeições.*

CAPÍTULO II

Das interjeições e onomatopeias

Interjeição é uma espécie de grito, de que usamos, para exprimir as paixões, os sentimentos súbitos de nossa alma.

O vocábulo *interjeição* deriva da palavra latina *interjetoionem,* acusativo de *interjetoio: ação* de lançar entre, no meio (*jacere - lançar, inter - entre,* no meio); como se figurasse sempre a *interjeição* no meio da proposição, quando pode vir no rosto da frase, no corpo dela ou desacompanhada inteiramente de outras palavras, constituindo por si só, já o dissemos, uma proposição, um discurso inteiro, sem relação sintática, sem analogia alguma com os elementos gramaticais.

As *interjeições* exprimem os primeiros laços de afetos benévolos que aprouve à natureza estabelecer entre os membros da grande família da humanidade: ao grito instintivo de dor profunda, ao reclamo interjetivo de socorro, partido embora de coração estranho, responde e repercute no coração de todo o homem um eco de simpatia e de amor.

As *interjeições* tiram todo o seu valor significativo, toda a sua força da expressão do acento, que as anima e vivifica, tornando-se impossível imitá-las. Os gritos inarticulados, as *interjeições,* as *onomatopeias,* que tantas relações têm com as sensações, comoções e primeiras percepções de nosso espírito, são para alguns filólogos os antecedentes da palavra articulada, substituindo-se a pouco e pouco e com o progressivo desenvolvimento do espírito vagas, espontâneas e irrefletidas explosões do aparelho vocal por suas manifestações refletidas, já vagamente esboçadas e delineadas naquelas primeiras manifestações vocais.

Nem todas as interjeições têm a mesma origem: umas são o produto espontâneo e instintivo do aparelho vocal, provocado pela sensação que experimentamos; outras são devidas ao uso; são produto mais ou menos refletido e convencional.

As *interjeições,* pois, dividem-se em *interjeições propriamente ditas ou naturais*, chamadas também *simples,* e *analíticas ou convencionais*.

As *naturais,* quase todas monossilábicas, não são, em geral, mais que as vozes *a, e, i, o, u,* pronunciadas com certo grau de aspiração, que depende da sensação, da comoção imprevista que nos salteia e domina.

Estas não se aprendem: compreendem-se. A natureza que, como mestra sabia e previdente, com tanta seguridade ensinou acriança a contrair os lábios

para sorver o primeiro leite, que nos primeiros vagidos lhe ministrou o primeiro esboço da voz, que lhe forneceu os primeiros contornos do sorriso, ensinou-nos também, por avisada antecipação, a manifestar por esses sinais interjetivos as sensações, as comoções que de sobressalto nos turbam e senhoreiam, preludiando-nos uma soberania no primeiro desabrochar da linguagem refletida.

As principais interjeições simples ou naturais são as seguintes: *ah! há! eh! he! ih! hi! oh! ho! uh! hu! ai! hai! ui! hui! hou!*

«Ah! Embatucas? Oh, oh, ih, ih, ih!» (A. Herc.).
«Ai! ai! ai! daquele por quem na religião se introduzir vaidade ou propriedade!» (M. Bern.).

«A est'outra barca me vou:
Hou da barca! para onde is?
Ah! barqueiros, não me ouvis?
Respondei-me... *Hou la! hou!*
Por Deus! aviado estou»
(Gil Vicente).

«*Hai!* como venho cansada!» (Idem).
«Ih! fungou um terceiro, que, ouvindo aquilo, olhara também» (A. Herc.)
«*Ui!* gritou sua mulher, como se a houveram queimado » (Idem).
«*Hui* por ele e pela sua vida!» (D. Francisco Manoel).

« *Oh!* como as horas fugiam!
Como o tempo se apressava!
Como ante nós o universo
Todo, todo se anulava!»
(A. Cast.).

«*Ai!* imiga fortuna! *Ai!* vingativo amor!» (Idem).
«Caridade! *oh!* sê bendita,
Que assim dás à infância aflita
Lar, sustento, ensino, amor !»
(Idem).

«*Ui!* como vai crescendo! que hipopótamo é este! (Idem).

« *Ah!* quem me dera
Dessas horas douradas um minuto,
Uma só gota dessas fontes amplas
Por este areal tão seco!
Oh! com que sede

Num só momento me vingara de anos!» (Idem).
«*Ai!* que serão doze anos de agonia?!
Doze! doze!! sem ar, sem luz, sem dia?!» (Th. Ribeiro).
«*Oh!* mas a feiticeirinha...
Que lindos olhos que tinha!» (Idem).

As *interjeições convencionais são* sinais da linguagem analítica, alterá-los ou não na ortografia, de que usamos, à feição das interjeições simples.

Tais são as interjeições *apre! arre! arrela! arreda! irra! safa! fora! bofe! ápage! ora! ora sus! oxalá! alto! eia! bravo! sus! homem! psiu! heim! sentido! caluda! cáspite! olá! olé! chuta! chiton! tá!*

«Olá! senhores, pedem as figuras alfinetes para toucarem um escudeiro. *Ora sus!* há aí quem dê mais? Que ainda vos veja todas a mim às rebatinhas: *ora sus!* venham de mano em mano, ou de mana em mana» (Cam.).
«Antônio de Faria, dando a isto um grande grito, a modo de espato, disse: *Ta, tá, tá,* não quero saber mais » (F. Mendes).
«Sempre os bons foram com perseguições exercitados e *guai* dos que vivem sem elas » (Souza).
«*Tá,* Pedro, embainha a espada » (Vieira).
«Levantando a voz, bradou: *olá! olá!* gente da minha guarda » (M. Bern.).
«*Oxalá* não tivesse de tingir o sangue as ruas de Korthoba!» (Herc.).
«*Olé!* vossa senhoria por aqui a estas horas!» (Idem).
«*Guai* de ti e de mim, se és dessa raça danda!» (Idem).
«Mas, *tá!* Ei-lo que de repente para» (Idem).

Afora as *interjeições naturais* e as *convencionais,* locuções e frases há empregadas interjetivamente, como as seguintes: *Praza a Deus! quem me dera! tomara eu! Ave Maria! ai de mim! ai Jesus! aqui d'el-rei! quem me acode! ora deixe-me! hom'essa! de veras! mal fim tenhas!*

Pode-se, enfim, dar o acento interjetivo a qualquer dos elementos gramaticais, que, segundo figura de substantivo, adjetivo, verbo etc., se dirá substantivo, adjetivo, verbo etc., empregado interjetivamente.

Entre as interjeições convencionais algumas há caídas em desuso, tais são as interjeições *arama, erama, ierama, maocha, maochas, mal pecado,* tão em voga no século 16 nas poesias de Gil Vicente.

Na classe das *interjeições* estuda-se uma espécie particular de sinais, a que se dá o nome de *onomatopeias.*

Onomatopeia é o som imitativo da coisa significada; é a pintura do objeto pelo som ou ruído por ele produzido: *Bum-bum, bumba, bomba, plach-plach, chape-chape, truz, truz-truz, glon-glon, glu-glu, cri-cri, fwn-fun, zas, zao-zão, pié-pie, pio-pio, hão-hão, trom, fru-fru, hu-hu-hu, pi-pi, tatibitate, catrapós-catrapós, laralá-larala, sirolico-tico, tiquetique, tique-taque, toque-emboqte, xum-zum.*

«Entra-me em casa .... amordaça-me e *zas!* coseu-me a facadas» (A. Cast.).
«Tremo das vizinhas: o seu modo de vida é estar continuamente a espiar, a inquirir tudo que faz a gente; a princípio é *zum-zum;* depois já são balelas» (Idem).
«Com o pau sobre o pobre é *bumba* e mais *bumba*» (Idem).

«*A* mim!. . . a mim!. . . *irra* co'o piparote!
Meta mão, se é capaz, que eu cá não fujo,
Trape, zape! É bem rijo o tal sabujo!
Não recua?. .. traz malha?. .. traz pelote?»
(Filinto Elysio).

«Nos ribeiros peito n'água
Chape, chape a vadear;
Nas devesas dos valados
Up! salto e a galgar».
(Garret).

« As poças d'água refletem essa débil claridade, que as alumia e fazem um contínuo *plach-plach* debaixo dos pés dos caminhantes» (A. Herc.).
«Daí a pouco ouviram os nossos caçadores por cima da cabeça uma gralhada de pássaros *pié! pié! pié!,* que era mesmo de fazer os miolos em água » (F. Leite).

As *onomatopeias* diferem das *interjeições,* em que estas indicam e traduzem as sensações, os vários estados do nosso ser interior, são puramente subjetivas;

aquelas indicam percepções, são objetivas; as primeiras induzem quem as ouve a pensar em nós, no que experimentamos ou sentimos, as segundas, nos objetos que estão fora de nós.

Assemelham-se em que umas e outras, rigorosamente falando, e consideradas em sua maior simplicidade, constituem a linguagem afetiva e não a discursiva e analítica, ainda que com esta se associam e combinam maravilhosamente para representar o quadro completo do pensamento.

Como as *interjeições,* podem as *onomatopeias* dividir-se em **simples** ou **naturais** e **convencionais** ou **artificiais:** as primeiras são manifestações espontâneas e inconscientes da atividade do órgão vocal, provocadas pela ação dos objetos exteriores sobre os sentidos; as outras, produtos da reflexão, são vasadas nesses moldes naturais e voluntariamente empregadas para difundir mais vida e animação ao quadro do pensamento, favorecendo aquele engenhoso artifício da linguagem, que tanto aviva o contexto, e a que se dá o nome de *harmonia imitativa.*

Nas *onomatopeias* estão compreendidos os **mimologismos** ou imitações da linguagem humana, do grito dos animais e certos ruídos ou efeitos vocais.

Palavras há, expressões, proposições e construções formadas por *onomatopeia.* tais são as seguintes. *pipitar, pipilar, cacarejar, roncar, estrondar, surrar, reboar, chiar, matraca, taramela, tinir, farfalhar, grunhir, grasnar, gralhar, arara, rumorejar, arrulhar, ganir, obumbrar, ciciar, sibilar, sussurrar, chuchurrear, palrar, bramar, rebramar, zunir, zumbido, tinido, cegarega, urrar, ribombo, zabumba, coaxar, bufar, estampido, escachar.*

Às vezes o efeito onomatopaico não está na palavra, considerada em si, mas em sua junção e combinação com as outras no contexto da frase.

Justifica-se nos exemplos seguintes tudo o que acabamos de dizer:

«Sentou-se num tamborete sem dizer *chus* nem *bus* » (A. Cast.)
"Não digo fun nem fan" (Idem)
«O peru se despica com *glu-glu* tão redobre e tão trinado» (Filinto).
Eu te consagro, ó botelha, irmã da nectárea taça, que tens, pequena bacante, colo de graça e *glon-glons*» (Th. Ribeiro).

Ruem por terra as emperradas portas
Das eólias horríssonas masmorras,
Que de um fero encontrão rugindo arromba
A caterva dos euros»
(Bocage).

Em tanto se ergue horrível tempestade,
Trovões roncam, relâmpagos fuzilam,
Densa treva que chove, esconde a lua;
Brama e rebrama em ecos o estampido,
Por ocas furnas reboantes brenhas.
Creras que cada tronco estala e escacha.»
(Filinto).

Enrista a tropa infante a lança; os ares
Relampejam, fuzilam, quando a espada
Despe de um trato a cavalgada turma.
Do seio das legiões rompe o alarido
Vitória ao Imperador. Clamor que os Francos
Rechaçam, horribilíssimos rugindo.»
(Idem).

Na expressão onomatopaica *de cá lá, de lá cá,* para pintar as doces e monótonas pancadas do pente e dos pedais do tear, dá-nos exemplo de uma onomatopeia o inimitável tradutor dos *Fastos,* apresentando-nos ainda na mesma produção de *Ocídio* o seguinte passo:

«Súbito foge o sol; negrejam nuvens;
O céu se obumbra; horríssono chuveiro
Se desata precipite; rebrama
Trovão tetro; relâmpagos tremulam;
Roxos coriscos pelas sombras giram;
Foge-se .....»

Do mesmo modo tinham os latinos os vocábulos *butubata!,* empregado para exprimir a indiferença, a ninharia, a gagueira; *hahahe!,* usado como sinal gráfico do riso, correspondendo ao português e ao francês *ah! ah! ah! ah!,* para exprimir a mesma ideia; o português emprega a expressão *etchi,* que é sinal gráfico do ruído do espirro; *ah, ah, aah,* sinal gráfico do bocejo; *pst,* sinal gráfico de um rápido movimento de partida, fugida: « Mas apenas se firmou na sela, *pst- ei-lo* que parte» (A. Herc.); e recorreu ao vocábulo *taratantara* o poeta latino Enio, para imitar o som da trombeta:

«*At tuba terribili sonitu* **taratantara** *dixit*».

CAPÍTULO III
Dos Substantivos

I
Dos Substantivos, suas espécies e divisões

Nomes ou **substantivos** são palavras que exprimem determinadamente os seres pela ideia de sua natureza.

Pelos *nomes* designamos os seres diretamente em sua substância e natureza; pelos *adjetivos* designamo-los indiretamente em seus atributos.

Considerados os *nomes* quanto à sua natureza ou às ideias que exprimem, podemos dividi-los em *próprios* ou *individuais* e *comuns* ou *apelativos.*

O **substantivo** ou **nome próprio** designa o ser pela ideia singular de uma natureza individual.

É esse nome aplicável 1.°: às pessoas, como *Pedro, Antônio, Carlos, Raymundo, André;* 2.º. às coisas personificadas, como o *Amor,* a *Doença,* a *Fortuna,* o *Destino,* a *Fama;* 3.º. às nações, províncias, cidades, localidades e seus habitantes: a *Alemanha,* a *Inglaterra,* o *Brasil,* o *Japão,* o *Maranhão,* o *Ceará,* o *Recife, Belém, Londres, Paris,* a *Bahia,* os *Americanos,* os *Brasileiros,* os *Ingleses, Paulista, Coimbrão, Algárvio, Minhoto, Beirão;* 4.°: aos acidentes geográficos, como os *Andes,* os *Alpes,* os *Pirineus,* o *Reno,* o *Tamisa,* o *Paraguassu* etc.

Nome apelativo ou **comum** é o que designa o ser pela ideia geral de uma natureza comum: *homem, animal, planta, cidade, jardim* etc.

O substantivo *apelativo* ou *comum* é aplicável a todos os seres da mesma espécie: Quando, por exemplo, dizemos *homem, planta. árvore, flor,* esses nomes não se limitam a este ou aquele homem, a esta ou aquela planta, a esta ou aquela árvore, a esta ou aquela flor; mas são extensivos a quaisquer dos seres do número dos homens, das plantas, das árvores, das flores.

Em um nome *apelativo* é mister atender a *compreensão* e a *extensão.*

Compreensão de um substantivo é a totalidade das ideias parciais que se encerram na ideia total que o nome exprime; é o conjunto dos atributos que o caracterizam; **extensão** é o número de indivíduos a que se aplica o *nome.*

Essas duas propriedades dos nomes *apelativos* ou *genéricos* caminham na razão inversa uma da outra: quanto maior for a *extensão* de um nome, tanto menor será sua *compreensão* e *vice-versa.* Assim o nome *homem* tem miais extensão que o nome *imperador,* porque se aplica a todos os homens, à humanidade inteira; o nome *imperador,* ao contrário, tem mais *compreensão,* pela razão de encerrar em si maior número de ideias parciais ou atributos característicos.

Do mesmo modo o nome *planta* tem mais *extensão* que *árvore, árvore* mais *extensão* que *cajueiro,* este mais *extensão* que *cajueiro bravo,* tendo, ao revés disso, o último desses nomes mais *compreensão* que o penúltimo, este mais que o antepenúltimo, este mais que o primeiro.

Nos nomes próprios de pessoas distingue-se o *prenome* ou *nome de batismo* e o *apelido* ou *nome de família,*

O *prenome* ou *nome de batismo,* originariamente próprio ao indivíduo, pode pertencer a pessoas de famílias diferentes *Antônio, Pedro, Simão;* os nomes de família são uma espécie de *apelativos* que designam apelidos hereditários, próprios de certas famílias. *Patronímicos* lhes chamam também, por indicarem de primeiro *filiação.* Tais são os nomes *Henriques, Bernardes, Nunes, Rodrigues, Martins, Alvares, Mendes, Sanches, Pires, Vasques, Soares. Gonçalves, Lopes* etc.

Henriques significava filho ou filha de *Henrique; Bernardes,* filho ou filha de *Bernardo: Nunes,* filho ou filha de *Nuno; Rodrigues,* filho ou filha de *Rodrigo; Martins,* filho ou filha de *Martim* ou *Martinho, Álvares,* filho ou filha ge *Álvaro; Mendes,* filho ou filha de *Mem* ou *Mendo; Sanches,* filho ou filha de *Sancho, Pires,* filho ou filha de *Pero; Vasques,* filho ou filha de *Vasco; Soares,* filho ou filha de *Soeiro' Gonçalves,* filho ou filha de *Gonçalo, Lopes,* filho ou filha de *Lopo* ou *Lobo.*

Os latinos da decadência vertiam em sua língua esses *patronímicos,* pondo-os em genitivo. Assim o nome *Antônio Pires* se dizia *Antonius Petri, João Pires, Joanes Petri, Paulo Rodrigues, Paulus Roderici.*

No latim clássico copiavam os latinos os gregos, dando aos patronímicos as terminações *ides, ades, iades: Atriles, Heraelides, Cecropides, Laomendontiades, Aeneades, Atlantiades, Laertiades, Thesides.*

Os *prenomes* têm sua origem ou em nomes latinos, gregos ou hebraicos, ou em nomes de procedência germânica.

São de procedência latina os prenomes *Antônio, Antonino, Bento, Paulo, Paulino, Benedicto, Rômulo, Tácito, Sílvio, Virgílio* ou *Vergilio, Ovídio, Salástio, Virgínio, Tito, Cornélio, Octávio, Marcos, Públio, Júlio, Fábio, Scipião.*

Procedem do grego os prenomes *André, Jeronymo, Ambrósio, Nicolau, Dionísio.*

Têm origem hebraica os nomes *Adão, Simão, Simeão, Eva, João, Daniel, Matheus, Jacob, Bartholomeu, Lazaro, Eleazar.*

Derivam de fonte germânica os seguintes: *Arnaldo, Alberto, Bernardo, Clodoaldo, Geraldo, Romualdo, Guilherme, Ricardo, Godofredo, Manfredo, Henrique, Lamberto, Reinaldo, Bernardino, Frederico, Bertholdo, Luiz.*

Bem que reputados *substantivos* ou *nomes próprios,* são os nomes de família, como já dissemos, espécies de apelativos, que, em sua origem, ou são adjetivos atributivos, empregados como epítetos, ou nomes já indicando nacionalidade, país ou lugar de nascimento, já indicando árvores ou produtos vegetais, ali

significando animais, acolá significando objetos vários de uso comum e usual, sendo para notar um número considerável dentre esses nomes tomados das línguas e dialetos indígenas: *Pacífico, Calado, Manso, Salgado, Calisto, Trigueiro, Moreno, Guerreiro, Nobre, Gordo, Delgado, Magno, Branco, Russo, Roxo, Portugal, Bahia, Pernambuco, Maranhão; Pau-Brasil, Cajazeira, Limoeiro, Limeira, Palmeira, Jaqueira, Macieira, Tamarindo, Pitanga, Figueiredo, Nogueira, Pereira, Coqueiro, Cana Brasil, Canamirim, Alecrim, Arruda, Oliveira, Pindoba, Jambeiro, Pitombo, Cajueiro, Silvado, Murici, Mucuri, Gravata, Jatobá, Guabiraba' Conde, Sacerdote, Bispo, Duque, Pastor, Lampreia, Camelo, Carneiro, Cordeiro, Coelho, Raposo, Camarão, Galo, Pinto, Lobo, Lebre, Sardinha; Correia, Bandeira, Galeão, Ribeiro, Machado, Sombra.*

Os *nomes de família* ou *apelidos* não mudam de gênero, o que se não da com referência aos *prenomes* ou *nomes de batismo,* os quais mudam de gênero, por isso que designam sempre e exclusivamente as pessoas.

Quando os nomes de nações se aplicam aos habitantes de uma região ou de um país, recebem a denominação de **étnicos**: os *Brasileiros,* os *Americanos,* os *Ingleses,* os *Franceses,* os *Japoneses,* os *Russos,* os *Suecos* etc.

Os nomes próprios tomam a designação de **geográficos,** quando exprimem os vários acidentes do solo: rios, ribeiros, montes, montanhas, vales, baías, golfos, promontórios, cabos etc.

Os nomes *próprios* ou constam de uma só palavra, como: *João, Pedro, André* ou de um grupo de palavras, e neste caso ou são próprios todos os nomes de que consta o grupo, ou são comuns, ou constituídos por próprios e comuns: *Pedro Antônio Mendes, Ruy Barbosa, Zacharias de Goes e Vasconcelos; Rua do Ouvidor, Rua Nova das Princesas.*

Os nomes *apelativos* ou *comuns* ou são *propriamente comuns,* ou *nomes de matéria:* os primeiros designam objetos que se podem contar, como *mesa, livro, homem, flor.*

Esses nomes pressupõem sempre a ideia de indivíduos; os *nomes de matéria* significam objetos formados de uma mesma matéria, os quais se não podem contar; esses não pressupõem, como os primeiros, a ideia de indivíduos.

Tais são os vocábulos *água, leite, vinho, ar, trigo, centeio, capim, farinha.* Com efeito, podemos dizer *duas mesas, três, quatro mesas; dois, três, quatro* etc. *livros; dois, três* etc. *homens; duas, três* etc. *flores;* mas não se diz: *duas águas, três águas, dois leites, dois vinhos, dois centeios, três, quatro farinhas* etc.*;* nesses nomes ou a ideia de indivíduos não existe ou é de todo obscurecida.

Aqui a espécie indicada por cada um desses últimos nomes não se compõe de indivíduos; exprime sim um todo, que se nos apresenta com o caráter de homogeneidade, tendo cada uma de suas partes o mesmo nome.

Os nomes *comuns* distinguem-se ainda quanto à sua significação em *concretos, abstratos, sintéticos* ou *genéricos, coletivos* e *verbais.*

Os nomes **concretos** designam objetos realmente existentes, que impressionam os nossos sentidos: *Livro, árvore, flor, pedra, fruto.*

Os **abstratos** designam objetos que se representam em nosso espírito como realmente existentes: *Virtude, sabedoria, prudência, bondade, justiça.*

Os nomes **sintéticos ou genéricos** são nomes gerais, de pessoas ou coisas, que nem designam um indivíduo, nem uma pura e mesma qualidade; mas um conjunto de qualidades ou atributos, aplicados aos indivíduos de modo vago e indeterminado: *Isto, isso, aquilo, tudo, nada, al, algo, quem, alguém, ninguém, outrem, fulano, sicrano,* o *belo,* o *justo,* o *injusto,* o *doce,* o *amargo,* o *verdadeiro,* o *falso,* o *sublime* e em certos modos de dizer os vocábulos *o* e *tal.*

> «Folgarei sabê-lo para assim viver em mais quietação» (M. A. de Miranda).
> «Declara ele mesmo que Santarém foi a sua pátria, como *o* fora de seu pai» (F. Alex. Lobo).

Não faças *tal;* não há *tal;* o *belo* e o *sublime* do quadro; *o justo* e o *injusto,* o *doce* e o *amargo,* o *verdadeiro* e o *falso* são coisas diversas.

O mesmo valor funcional tem o vocábulo *o,* quando se lhe segue o adjetivo conjuntivo *que* em sentenças ou frases como as seguintes; *não sei* o *que dizes;* é *errôneo* o *que sustentas.*

Coletivo chama-se o nome que, estando no singular, indica uma coleção de indivíduos da mesma espécie: Um *bando* de pássaros; um *cardume* de peixes; uma *cáfila* de camelos; um *golpe* de gente; uma *quadrilha* de salteadores; uma *manga* de populares; uma *pinha* de curiosos; um *rebanho* de ovelhas; uma *nuvem* de gafanhotos; uma *recova* de bestas; uma *renque* de colunas, de palmeiras; *esquadrão, batalhão, exército, esquadra, frota, senado, congresso, sínodo, cabido, conclave, gente.*

O *coletivo* ou é *geral,* ou *partitivo:* **geral,** quando a coleção por ele indicada é *inteira, completa, total:*

> «Acudiu *todo o campo* ao arrecife e mataram cinco dos nossos» (Souza).
> «Esta *casta de gente* toma ao revés a sentença dos provérbios» (Bern.).

É **partitivo** o *coletivo,* quando, ao contrário, é parcial e incompleta a coleção por ele indicada:

> «Dos mouros pereceu *a maior parte,* uns no conflito; os mais na retirada » (J. Freire).
> «Um *grande troço* dos moradores, cortados do temor e do ferro. desampararam o campo» (Idem).

Apelativos verbais dizem-se os que se derivam dos verbos. Tais são os seguintes: *andas, andadura, estima, estafa, leva, levada, solta, liga, laco, lacada, vela, vigia, paga, pega, prega, compra, venda, choro, entrosa, tangeres, tocares, touca, toucado, tapada, abra, aberta, merca, dura, pisa, pisada, pesca, pescada, pegada, passada, tunda, sova, tosquia, apanha, apara, assento, assentada, quebra, quebrada, queima, idas* e *dindas, comes* e *bebes, dares* e *tomares, cerca, cerco, cercado, corrida, fugida, entrada, escuta, partida, saída, subida, deixa, deita, descida, degola, esfrega, emenda, viso, mira, vista, corro, corra, corrida* etc.

Quanto a sua forma distinguem-se os nomes em *simples* e *compostos.* **Simples** são os que constam de uma só palavra ou de um só elemento gramatical; como *flor, árvore, fruto, homem, virtude.*

Compostos chamam-se os apelativos que se compõem de dois ou mais elementos gramaticais, já unidos e intimamente combinados, já simplesmente justapostos. Tais são os nomes: *Vera-cruz, fruta-pão, pão-de-ló, mãos-rotas, tudo-nada, bentevi, malmequer, beija-flor, saca-rolhas, quebraesquinas, troca-tintas, Botafogo, trinca-pintos, manja-léguas, valhacouto, vai-te-a-ele, água-vai.*

Qualquer palavra, seja qual for a categoria a que pertença, pode ser empregada como substantivo ou nome para exprimir a palavra mesma independentemente de sua significação.

Nesse caso diz-se a palavra considerada *materialmente: «Ela* é pronome, *me, te,* são variações dos pronomes *eu* e *tu; mas* é uma conjunção; *ah!* é uma interjeição; *hoje, ontem* são advérbios; *a fina forca, a viva forca, a voga arrancada* são locuções adverbiadas.»

II

Das flexões dos substantivos: gênero, número e grau

Flexão dos substantivos é a propriedade que têm estes de exprimir por uma modificação em sua terminação diversos aspectos ou variações acidentais em seu sentido.

Esses acidentes ou flexões reduzem-se a três: *gênero, número* e *grau.*

Todas as palavras *variáveis* se dizem *palavras de flexão.*

a) **Do gênero**

Gênero é a propriedade que têm os nomes de representar os sexos e em algumas línguas a ausência dos sexos.

Os *gêneros,* pelo menos os dos seres animados, têm o seu fundamento na distinção dos seres relativamente à sexualidade.

E como segundo os sexos todos os animais naturalmente se dividem em animais *machos* e *fêmeas,* nas línguas só deviam ter gênero os nomes que indicassem animais, correspondendo o *gênero masculino* ao *sexo masculino* e o *feminino* ao *sexo feminino;* todos os mais nomes dos seres, que não entrassem na classe dos animais, não deviam ter *gênero,* isto é, deviam ser do *gênero neutro.*

O arbítrio, porém, nem sempre seguiu na maior parte dos idiomas o caminho que, com tanta segurança e previdência, a natureza apontava e ensinava ao homem na escolha e instituição dos gêneros, de sorte que rara é a língua em que analogias falsas, inconsistentes, aparentes e mais ou menos remotas não venham substituir os avisos que, neste ponto de linguagem, tão sabiamente ministrava ao homem essa prudente condutora.

Em nossa língua só se conhecem dois gêneros: o **masculino** e o **feminino;** dando-se por analogia ou convenção ora um, ora outro destes dois gêneros ao nome das coisas inanimadas.

No latim e no grego, além do *masculino* e, *feminino,* há o gênero neutro; esse possuem-no igualmente o inglês e o alemão.

Com o desdouro e decadência do latim, foi o gênero *neutro* pouco e pouco desaparecendo; o povo romano foi perdendo a consciência das razões porventura delicadas e subtis de mais para seu espírito grosseiro e rude, as quais o forçavam a dar a certos nomes já o gênero *masculino,* já o *neutro.*

Não desapareceu, porém, este último sem deixar em nossa língua e nas oriundas da mesma fonte vestígios inequívocos de sua existência.

Nas expressões *isto, isso, aquilo, tudo, o sublime, o belo, o justo, o honesto, o lícito, o ilícito, o útil, o agradável,* na palavra *al,* ainda tão usada na cláusula forense *e al não disse,* nos vocábulos *algo* (alguma coisa), *tal, o* (isto, isso), e na expressão *um e outro* em referência a dois substantivos de gêneros diferentes, colhem-se evidentes resquícios do gênero neutro.

«Eu devia-lhe a vida e o reino; ele *um e outro* me tirou» (Jac**.** Freire).

No francês também se reputa como indício do gênero neutro o pronome *il* que acompanha os verbos impessoais: *il pleut, il faut, il grele, il bruine;* a expressão *quelque chose,* as palavras *ce, cela,* substituindo uma oração ou expressão e certos

adjetivos usados adverbiadamente, de que servem de exemplos as expressões *parler haut, parler fort, chanter juste, chanter bas.*

Quando o gênero é o sinal ou a expressão do sexo real dos seres, chama-se **lógico, natural ou real;** chama-se, porém, **gramatical, convencional ou fictício,** quando é a expressão do sexo fictício.

É o gênero, portanto, conhecido pela significação ou pela terminação: *Homem, cão, leão, mulher, leoa, Pedro, Maria, Olivia, costureira, pombo, rola* conhecem-se pela significação; são, porém, conhecidos pela terminação os gêneros das palavras *livro, mesa, lápis, tinteiro, tábua, papel, lição, caderno,* o gênero destes é *convencional ou fictício;* o daqueles, *real* ou *natural.*

São **comuns de dois** os nomes que com uma só terminação designam um ser animado, masculino ou feminino, como *o mártir, a mártir; o jovem, a jovem; o intérprete, a intérprete; o cliente, a cliente; o infante, a infante; o refém, a refém.*

Dizem-se **epicenos**, **promíscuos** ou **sobrecomuns** os nomes ou substantivos que, com a mesma terminação e debaixo de um só gênero, *masculino ou feminino,* se aplicam a ambos os sexos, como *rouxinol, coruja, cobra, mosca, formiga, corvo, perdiz, onça, jacaré, crocodilo, vítima, criança, testemunha.*

Veste último caso, se são irracionais os seres que os nomes designam, empregam-se os adjetivos *macho* e *fêmea* para distinguir os sexos, dizendo-se *o rouxinol macho, o rouxinol fêmea, a cobra macha, a cobra fêmea, a onça macha, a onça fêmea* ou então, substantivando-se as palavras *macho* e *fêmea,* se diz: *o macho da cobra, a fêmea da cobra, o macho da onça, a fêmea da onça, o macho do jacaré, a fêmea do jacaré* etc. Do mesmo modo os latinos, para denotarem os sexos, ou apunham ao *epiceno* um adjetivo com uma terminação correspondente ao sexo que queriam indicar, dizendo por exemplo *elefantus gravida,* ou faziam-no seguir das palavras *masculus ou femina,* dizendo *vulpes masculus, elefantus femina.*

Os nomes que indicam *répteis, peixes, insetos* e outros animais inferiores da escala zoológica são *epicenos;* o que não ocorre com os quadrupedes e aves, dos quais alguns apresentam as duas formas designativas do macho e da fêmea, outros uma só forma para os dois gêneros.

São do gênero masculino os nomes ou substantivos que significam seres machos, ou sejam próprios ou apelativos, já de homens, como *Pedro, Antônio, José, Eduardo;* já de brutos, como *Bucéfalo,* o cavalo de Alexandre, *Incitatus,* o cavalo de Calígula, *Rossinante,* o de D. Quixote, *Pégaso,* o das Musas; já de ministérios, ofícios, profissões e títulos próprios de homens, como: *lavrador. ferreiro, ourives, pintor, estatuário, bispo, arcebispo, cardeal, senador, deputado* etc.

Do mesmo gênero são os nomes de *anjos, deuses falsos, ventos, rios, montes, serras, mares, mexes,* porque se costumam representar sob a forma de homens: *S. Miguel, Lúcifer, Satanás, Júpiter, Saturno, Marte,* o *Norte, Sul, Leste, Oeste, Sudoeste,*

Nordeste, Noroeste, Sueste, Euro, Austro, Aquilão, a serra *dos Andes, dos Órgãos, do Espinhaço, Vesuvio, Etna, Jura, Sinai, Horeb, Mediterrâneo, Pacifico, Amazonas, Tejo, Tocantins, Purus, Madeira, Tibre, Eufrates, Nilo, Janeiro, Fevereiro, Março* etc. Diz-se, porém, *a Serra da Canastra, a Serra da lbiapaba, a Serra da Mantiqueira.*

São femininos os nomes ou substantivos que designam seres fêmeas, ou sejam próprios ou apelativos, já de mulheres, como *Maria, Elisa, Helena, Francisca, Elvira,* já de brutos, como *Issa* (cadela de Publío Romano), *Estricta* (cadela de Acteon), *novilha, ovelha, égua, vaca,* já de ministérios ofícios, profissões e títulos que são concernentes a mulheres, como: *abadessa, avó, tecedeira, costureira, modista, lavadeira, engomadeira.*

São igualmente femininos todos os nomes que exprimem seres que são representados pela escultura, poesia ou pintura sob a forma de mulheres, como as deusas e criações do paganismo: *Juno, Vênus, Minerva;* as musas, como *Melpomenes, Euterpe, Thalia, Terpsichore, Urani;* as parcas: *Clotho, Lachesis, Atropos;* as fúrias: *Megera, Tisifone,* as ninfas, como: *as Nereidas,* as *Tagides,* as *Dryades, Egeria, Arethusa;* as partes do mundo: *Europa, Ásia, África, América, Oceania,* as ciências e artes liberais, como a *teologia,* a *filosofia,* a *sociologia,* a *gramática,* a *pintura,* a *poesia,* as *virtudes* e os *vícios*: *a ira, a cólera, a gula, a temperança, a justiça, a caridade, a fortaleza, a inveja, a soberba.*

Os nomes próprios de países, regiões, cidades, vilas, ilhas, praças não têm propriamente gênero: são de um ou outro, conforme é masculino ou feminino o comum ou apelativo que eles individuam, a classe ou espécie a que pertencem ou a terminação masculina ou feminina em que findam: A *denodada Itaparica,* isto é, *a denodada vila, hoje cidade de ltparica; a industriosa Londres,* isto é, *a industriosa cidade de Londres, a sábia Alemanha, a poderosa Inglaterra,* o *vasto Brasil, a progressiva América do Norte, a artística Itália, a bela Suíssa, o glorioso Portugal, a irrequieta França, a fresca Chypre, toda Lisboa, toda a Bahia, a linda Guido, a formosa Veneza, a bela Paris, o Havre, o Egypto, o Cairo, o Helesponto, o Japão,* dando-se-lhes o gênero masculino ou feminino, conforme se subentende o apelativo *ilha, país* ou *cidade* que designa a classe a que pertencem, ou se atenta na sua terminação ou na etimologia em que se filiam.

A alguns desses nomes davam os nossos clássicos, ora um gênero, ora outro, dizendo Fernão de Oliveira: *um Paris, um Londres;* Freire: *a ilustre Diu;* Castanheda: *outro Diu;* Camões: *a soberba Ormuz;* Corte Real: *. . .Ormuz. . . e toma dele posse;* Camões: *Tangere populoso* e *a dura Arsila,* Leão: *Santarém é tomado.*

Embora femininos, quando precedidos do vocábulo francês *tout,* dão os franceses o gênero masculino aos nomes de cidades, dizendo: *tout Rome, tout Bahia, tout Babylone, tout Smyrne, tout Marseile,* subentendendo, em tais casos,

o nome *peuple* (povo), como se dissessem *tout le peuple de Rome, de Smyrne, de Marseile* etc.

Os nomes que designam navios, vasos de guerra ou mercantes, fragatas, brigues, corvetas, iates etc., são masculinos ou femininos, conforme o nome apelativo que por eles é individuado.

Assim é que se diz *a Niterói,* isto é, *a fragata Niterói; a Meduza,* isto e, *a fragata Meduza, o Minas Gerais,* isto é, *o vaso de guerra Minas Gerais; o Riachuelo,* isto é, *o couraçado Riachuelo;* o *Bahia,* isto *é, o cruzador Bahia; o Araguaya,* isto é, *o paquete Araguaya; a Gustavo Sampaio,* isto é, *a torpedeira Gustavo Sampaio, o Pirajá,* isto é, *o brigue Pirajá; o Guararapes,* isto é, o *patacho Guararapes; o Silva Jardim,* isto é, *o iate Silva Jardim.*

Os nomes que designam árvores, flores e frutos são masculinos ou femininos, conforme a terminação, sendo o nome do fruto em geral do mesmo gênero que a árvore que o produz: *A pereira, a pera; o limoeiro, o limão; o cafezeiro, o café; a limeira, a lima; a romeira, a romã; o coqueiro, o coco; a mangueira, a manga;* o *jenipapeiro, o jenipapo; a pitangueira, a pitanga; o jasmim, o cravo, o junquilho, a margarida, a açucena,* o *jacinto, a rosa, a bonina.*

De frutos que são de gênero diferente do gênero da árvore que os produz temos em português, entre outros, o nome *figo,* falso fruto *da figueira.*

Algumas vezes o nome do fruto, que é do mesmo gênero que o da árvore, não tem relação alguma etimológica com o substantivo que o designa: *Azeitona,* fruto da *oliveira; uva,* fruto da *videira; bolota,* fruto do *carvalho.*

São masculinos ou femininos, conforme a terminação, os nomes que indicam pedras preciosas: *o rubi, o topázio, o diamante, o ônix, a esmeralda, a ágata, a turquesa, a calcedônia, a safira, a opala, a ametista, a turmalina* etc.

São masculinos os nomes que designam as letras do alfabeto e todos os que são materialmente considerados: *o A,* o *M, os T, os OO; este B* está mal feito; pôr os pontos *nos ii;* gosta muito *do S; o Z é* mais doce que *o S;* não gostava Voltaire *dos H H* aspirados.

São do gênero feminino os nomes em *a,* oriundos quase todos da primeira declinação latina, cujos substantivos eram igualmente femininos nessa língua: *A hora, a rosa, a porta, a casa, a pluma, a pena, a mesa, a roda, a renda, a cana, a vela* etc.

Exceptuam-se os nomes *dia, cometa, poema, planeta, sistema, teorema, problema, dilema, epiquirema, anátema, dogma, tema, emblema, diadema, enigma, diploma, cisma, programa, telegrama, diagrama, drama, estratagema, Crisma* (óleo santo), *clima.*

Alguns desses substantivos eram primitivamente do gênero feminino.

Passa o mesmo com os terminados em *a* agudo, quase todos de origem indígena ou procedentes de línguas orientais: *Chá, maná, ingá, tafetá, maracá, maracujá, juá, araçá, cará* etc.

Dos terminados em *e* agudo ou não, uns são masculinos, como: *dente, dote, fole, choque, bule, bote, corte, crê, peixe, orbe, gole, golpe, polé, leite, lume, pé, cume, limite, leque, açude, azeite, aríete, corpete, pote, porte, colete, colchete, fuste, embuste, martinete, molhe;* outros femininos, tais os seguintes; *ave, trave, sede*[/e/], *sede*[/ɛ/], *rede, parede, haste, messe, neve, febre, pele, gengibre, corte, ralé, libré, série, bondade, tolice* e todos os terminados em *ade, ice,* e *ie: caridade, liberdade, bobice, sandice, meiguice, fofice, espécie, progênie, efigie.*

São masculinos os nomes terminados em *o,* acentuados ou não, em *i* e em *u: Filho, modo, livro, canto, rancho, fumo, chino, dó, nó, pó, jiló, mocó, Trípoli, álcali, bisturi, bem-te-vi, sapoti, nebri, siri, javali, buriti, andu, peru, angu, bambu, tatu, beiju, sagu, tatu, umbu, cururu* e grande número de vocábulos de origem indígena.

O vocábulo *tribo,* masculino até o século 17, faz exceção a esta regra. Diz-se: **a tribo** *dos Tapinambás* e não **o tribo** *dos Tupinambás,* como se dizia outrora. Corre o mesmo com os vocábulos *avó, encho, mó* e *virago,* que são do gênero feminino.

Aos substantivos *filhó, teiró* dão os nossos escritores ora o gênero masculino, que é o mais geral, ora o feminino.

São masculinos os nomes terminados em *al, el, il, ol, ul, ar, er, ir, or, ur*: *Portal, poial, arraial, parreiral, hospital, umbral, avental, dedal, tendal, sal, mal, capinzal, cafezal, arrozal, tonel, burel, painel, arrátel, sável, pastel, alcantil, perfil, mandil, ardil, funil, barril, anil, buril, carril, fuzil, arrebol, sol, anzol, crisol, cerol, bemol, lençol; sul, azul, paul, lar, altar, solar, par, talher, prazer, elixir, emir, nadir, porvir, vizir; amor, licor, condor, labor, bolor, andor, fervor, favor, vigor, catur.*

Exceptuam-se os nomes *cal, pastoral, catedral, moral, decretal, mulher, colher, cor, dor, flor,* que são femininos.

Do gênero masculino são igualmente os substantivos terminados em *im, om, um: Fim, marfim, motim, Talim, cupim, capim, gergelim, trancelim, camarim, estopim, fortim; dom, som, tom, tom; atam, anu, jejum, bodum. fartum.*

São masculinos os nomes acabados em *ão,* se não têm por procedência substantivos latinos da terceira declinação, terminados no nominativo em *io* e *do: sabão. sermão, grão, coração, feijão, verão, sifão, trovão.*

Os terminados em *ão,* quando for aumentativa essa terminação, são sempre do gênero masculino, ainda que sejam femininos os seus primitivos: *portão, carão, caixão, marquesão, tabuão.*

Aos nomes em *ao* que *se* derivam de nomes latinos, que formam o nominativo em *io* ou *do,* dá-se o gênero feminino; tais são os substantivos *região,*

união, opinião, execução, ação, legião, poção, resolução, instituição, solidão, lentidão, mansidão, servidão, derivados dos nomes latinos *regionem, unionem, opinionem, executionem, actionem, legionem, potionem, resolutionem, institutionem, solitudinem, lentitudinem, mansuetudinem, servitudinem.*

Pertencem ao gênero feminino os nomes em *agem, igem, ugem: Imagem, viagem, aragem, plumagem, linguagem, bagagem, roupagem, homenagem, passagem, coragem, paragem, vilanagem, visagem, frescagem, lavagem, equipagem, sondagem, voragem, rapinagem, forragem, linhagem; impigem, fuligem, vertigem; ferrugem, penugem, babugem, rabugem.*

Selvagem, porém, é do gênero comum e *pajem,* sempre masculino pelo seu sentido ou significação.

Entre os nossos clássicos não raro se encontram no gênero masculino os nomes em *agem,* e ainda hoje em dia ao vocábulo português *personagem* se dá um ou outro gênero, dizendo-se *um personagem* ou *uma personagem.*

A maior parte dos vocábulos correspondentes a esses nomes dão os franceses, ao inverso do que praticamos, o gênero masculino, dizendo: *le courage, le passage, un grand avantage, un beau mirage,* tendo por origem os vocábulos portugueses e os franceses o mesmo sufixo *aticum.*

Os substantivos acabados no português em *en,* correspondentes aos latinos, terminados do mesmo modo, são masculinos, sendo no latim neutros ou masculinos: *Tentamen, regimen, germen, certamen, dictamen, líquen.*

Substantivos há em português que têm duas formas: uma em *o* para o gênero masculino; outra em *a* para o feminino. Tais são os seguintes; *cozinheiro, cozinheira; sobrinho, sobrinha; enteado, enteada; raposo, raposa; padeiro, padeira; estalajadeiro, estalajadeira; gato, gata; neto, neta; velho, velha; rendeiro, rendeira;* além de muitos nomes próprios em *o,* que têm os seus correspondentes no feminino em *a: Antônio, Antonia, Andrelino, Andrelina, Florencio, Florencia, Estefânio, Estefânia.*

Exceptuam-se os nomes *avô* e *diácono,* que se dizem no feminino *avó e diaconisa.*

Dos terminados em *ão* uns há que perdem o *o* final e conservam no feminino o *a* nasal: *órfão, órfã, irmão, irmã, Cristão, Crista catalão, catalã; pagão, pagã; aldeão, aldeã;* outros mudam a desinência *ão* em *ôa: leão, leoa, ermitão, ermitoa; pavão, pavoa, Leirião, Leirioa, leitão, leitoa, patrão, patroa, hortelão, horteloa;* outros, finalmente, mudam a terminação masculina em *ona: mulherão, mulherona, resmungão, resmungona; mocetão, mocetona, mandrião, mandriona, chorão, chorona.*

São exceções os nomes *barão, cão, ladrão, sultão,* que fazem no feminino *baronesa, cadela, ladra, sultana.*

Os nomes acabados em *l, r, s,* quando têm duas formas, tomam um *a* para indicar o feminino: *Espanhol, espanhola; sagal, sagala; credor, credora; devedor, devedora; caçador, caçadora; feitor, feitora; freguês, freguesa; maltês, maltesa.*

São exceções os vocábulos *rapaz*[57], *motor, ator, imperador, embaixador, prior, cantor,* que fazem no feminino *rapariga, motora* ou *motriz, atora* ou *atriz, imperatriz, embaixadora* ou *embaixatriz, prioresa* ou *priora cantora, cantarina* ou *cantatriz.*

No que toca aos nomes terminados em *or,* consideravam os nossos escritores essa terminação comum aos dois gêneros.

Assim é que na lição dos nossos clássicos até o século 16 se nos deparam os exemplos seguintes:

> «Eu sou *má ledor* (falava uma mulher) de letra tirada » (J. Ferreira).
> «A *mentira, autor* de toda a maldade » (Idem).
> «Bom *pacificador* de arruídos esta *está* » (Idem).
> «Princesa, filha de David, *divina* caçador » (Arraes).

Originariamente também ao vocábulo *português* só se dava uma terminação, dizendo-se, como G**.** de Rezende e Barros: *linguagem português, língua português.*

Vários substantivos conhece a língua portuguesa, que experimentam outras modificações para indicar a diferença genérica, sendo em alguns o vocábulo masculino morfologicamente diverso do feminino. Tais são os seguintes: *Infante, infanta, conde, condessa, marquês, marquesa, duque, duquesa; abade, abadessa papa, papisa* ou *papesa, poeta, poetiza herói, heroína; réu, ré, sacerdote, sacerdotisa, frade, freira, diácono, diaconisa, monge, monja, czar* ou *tsar, czarina* ou *tzarina, alcaide, alcaidessa, profeta, profetiza, rei, rainha, dom, dona, príncipe, princesa, cônsul, consulesa, homem, mulher, padre, madre, compadre, comadre pai, mãe, genro, nora, padrasto, madrasta, cavalo, égua, carneiro, ovelha; bode, cabra, veado, cerva* ou *corça, zangão, abelha.*

Alguns substantivos há que são masculinos ou femininos, conforme a acepção em que se tomam.

Assim, no sentido de *valores, fundos monetários* é masculina a palavra *capital:* **O capital** desta sociedade; não tenho **capital** para esse empreendimento; no sentido, porém, de *cidade principal de um país ou estado* é do gênero feminino: Lisboa é **a capital** de Portugal; Paris, **a capital** da França; **a capital** do Império russo é S. Petersburgo.

57. Para o feminino de *rapaz* também se encontra, conforme afirma Gonçalves Viana, a forma *rapaza;* e como forma masculina de *rapariga, raparigo.*

A palavra *cabeça* no sentido de parte do corpo é do gênero feminino: *Este menino tem* **uma cabeça** *bem conformada;* e extensivamente: **a cabeça** *da comarca, do distrito* etc. No sentido de *chefe, principal motor,* é ordinariamente masculina: *Foram presos todos* **os cabeças** *da revolução;* **os cabeças** *da sedição, da conspiração;*

No sentido de *divisão na unidade da Igreja* é do gênero masculino a palavra *cisma;* **Os cismas** *dos protestantes,* designando *apreensão errônea, pensamento, opinião mal fundada,* que não assenta na verdade, é do gênero feminino: **Meteu-se-lhe esta cisma** *nos cascos.*

Lente no sentido de *professor catedrático* é masculino ou feminino, conforme se diz de homem ou mulher; na acepção de *vidro de aumento* é feminino: **Os lentes** *da Faculdade de Medicina, uma* **professora, lente** *do Instituto Normal;* é **um lente** *do Ginásio Nacional, da Escola Politécnica; com* **uma boa lente** *observa-se bem este objeto* **uma lente** *biconvexa;* **uma lente** *plano-convexa.*

Espia no sentido de *pessoa que espia* é masculino ou feminino; no sentido de *corda, cabo* (termo marítimo) é feminino: *Foram aprisionados* **dois espias;** *rebentou-se* **a espia** *e foi garrando a nau.*

Corre o mesmo relativamente aos nomes *atalaia, charamela, caixa, sanfonina, guia, língua, trompa, trombeta, clarineta,* que são femininos no sentido de *coisas, ações, instrumentos* e masculinos, quando se fala de certos *misteres* ou *ofícios pertencentes ao homem* ou do homem mesmo que os exerce.

Há em nossa língua certos nomes a que dão indiferentemente os escritores ora um gênero, ora outro.

Tais são: *Hélice, grude, ênfase, personagem, cataclismo, laringe, faringe, derma, parênteses, apostema, aneurisma, diabetes, esfinge, guarda-roupa, guarda-loiça, grama, emboras, hosanas, Alcione, renque.*

A distinção dos nomes pelo gênero real, já o dissemos, no-la sugere a natureza, imprimindo nos seres certas diferenças segundo a sexualidade.

Conta, outrossim, o vocabulário português certos substantivos que, sem nomearem seres animados, têm, todavia, uma terminação diferente para cada gênero. Esses nomes significam em substância a mesma ideia nas duas formas que revestem; os toques diferenciais que os separam reduzem-se a que a forma feminina indica a ideia de modo mais geral, mais extensiva e vagamente considerada; a forma masculina, porém, apresenta a ideia de maneira mais particular, mais compreensiva, mais individuada, como uma parte do todo indicado pela forma feminina, como uma aplicação, uma realização do que é significado por essa forma.

Não será difícil colher os laços mais ou menos analógicos que prendem este fato à distinção natural dos seres conforme a sexualidade; lobrigando-se aqui, porque nos exprimamos assim, uns longes dessa separação natural.

Do fato idiomático a que aludimos servem de exemplos os seguintes vocábulos: *cima* e *cimo, pinga* e *pingo, pêndula* e *pêndulo, barca* e *barco, barreira* e *barreiro, tolda* e *toldo; pereira* e *pereiro, cesta* e *cesto, pera* e *pero, púcara* e *púcaro, troca* e *troco, estofa* e *estofo, borda* e *bordo, canastra* e *canastro, regueira* e *regueiro, ria* e *rio, gorra* e *gorro ceva* e *cevo, zorra* e *zorro, manta* e *manto, fossa* e *fosso, vala* e *valo, madeira* e *madeiro, baga* e *bago; boda* e *bodo, encosta* e *encosto, horta* e *horto, jarra* e *jarro, cerca* e *cerco, calda* e *caldo, folha* e *folho, riça* e *riço, casca* e *casco, cova* e *covo, grita* e *grito, saia* e *saio lenha* e *lenho, rama* e *ramo, fruta* e *fruto, bacia* e *bacio, cabeça* e *cabeço cepa* e *cepo, caldeira* e *caldeiro, caneca* e *caneco, taleiga* e *taleigo, giga* e *gigo, poça* e *poço, paga* e *pago, saca* e *saco, sapata* e *sapato, chinela* e *chinelo, cinta* e *cinto tacha* e *tacho, tamanca* e *tamanco, moda* e *modo, chuça* e *chuço, porta* e *porto, ribeira* e *ribeiro' cântara* e *cântaro, banda* e *bando, veia* e *veio, trilha* e *trilho, carreira* e *carreiro.*

Nesses nomes o ponto principal e fundamental de sua significação, a ideia matriz é a exprimida pelo feminino; no feminino está o tipo ou unidade da distinção genérica; não é o masculino que explica o feminino; é, sim, este que explica o primeiro. Assim, *saco* é uma espécie de *saca, porto,* uma espécie de *porta; troco,* uma espécie de *troca, pero,* uma espécie de *pera, cinto,* uma espécie de *cinta* etc.

Desenvolvendo essa correnteza de ideias, assim se enuncia Lafaye em seu **Dicionário dos Sinônimos***:*

> «Em cada espécie animal a fêmea contém e produz o macho, como na linguagem o feminino compreende o masculino. De seu lado o macho distingue-se por sua individualidade; os caracteres da espécie brilham só nele ou nele o fazem com maior intensidade ».

Em relação aos gêneros de notável cópia de substantivos de nossa língua, como de todas as línguas românicas e de vários idiomas pertencentes a outros grupos, releva notar que é esse um dos assuntos gramaticais em que com mais força e intensidade prorrompe o arbitrário e o inconsistente. Se, no que toca à espécie humana e aos animais mais próximos do homem, parece indubitável que foi a diferença dos sexos que trouxe às *línguas românicas* a distinção dos gêneros, não se nos patenteia isso com o mesmo grau e com o mesmo caráter de evidência na língua matriz e nos idiomas seus derivados, quando se trata dos nomes de seres inanimados, havendo línguas como o latim, o grego, o inglês e o alemão, onde se contam três gêneros: o *masculino,* o *feminino* e o *neutro;* outras, como a portuguesa, a francesa, a espanhola e a italiana, em que se distinguem dois: o *masculino* e o *feminino,* tendo todas na época romana perdido o terceiro

gênero ou gênero *neutro;* outras, finalmente, como vários idiomas africanos, em que, segundo nos afirma a filologia, é muito maior o número dos gêneros, não havendo acordo e correspondência entre o gênero gramatical e o lógico, dando-se o *gênero neutro* até a nomes de pessoas.

No antigo inglês mesmo, por exemplo, em vez do *gênero feminino,* como nos parecia inculcar a lógica, dava-se o *gênero neutro* ao nome *wife* (mulher casada, esposa) e o *masculino* em vez do *feminino* ao substantivo *woman* (mulher em geral). No alemão dá-se o gênero neutro ao vocábulo *Weib* (mulher) e a todos os diminutivos em *chen* e *lein,* bem que sejam concernentes a nomes de pessoas; tais são os substantivos diminutivos *Mädchen (menina); Hündchen (cãosinho); Söhnlein (filhinho); Müterchen (mãisinha); Brüderlein (irmãozinho); Vüterchen (paizinho); Schwesterlein (irmãzinha).*

Por isso é que George Marsh sustenta haver muitas razões para acreditar que o gênero gramatical era originariamente independente do sexo[58].

Dominado pela observação dos mesmos fenômenos linguísticos é que Sayce[59], que considera o gênero um fenômeno puramente acidental da linguagem, desenvolvendo a teoria de Bleek sobre a gênese do gênero, perfilha com ele a ideia de que o *masculino,* o *feminino* e o *neutro* não eram em seus primórdios senão pronomes diferentes, sendo cada um deles apropriado a uma classe de substantivos que o uso havia amalgamado com os mesmos sufixos pronominais ou com sufixos aliados.

Segundo Darmesteter[60], «essa distinção de gêneros não corresponde a nenhuma ideia lógica. Nos idiomas romanos os gêneros não servem ordinariamente senão de quadros em que a língua distribui a totalidade de seus substantivos, deixando-se guiar mais ou menos obscuramente por analogias exteriores, terminações, sufixos e algumas vezes razões vagas e contraditórias. Em limitado número de casos, para os nomes de pessoas e algumas vezes de animais, o gênero é determinado pela ideia do sexo, e isso mesmo com desprezo da etimologia.»

b) Do número

Além dos acidentes ou flexões, por que passam os nomes para exprimir o *gênero,* oferecem estes a flexão do *número* e do *grau.* A essas flexões se ajuntam na

---

58. *There are many reasons, however, for believing that grammatical gender was originally wholly independent of sex.*
59. **Principes de philologie comparée**, pág. 194.
60. Arséne Darmesteter - **Cours de grammaire historique.**

língua latina as flexões dos *casos,* cujo todo sistemático se chama *declinação.*

No latim há cinco séries de terminações ou flexões, que constituem as cinco declinações dessa língua.

São seis os casos em latim: 1.° O **nominativo** (do latim **nominare** - *nomear)* representa o nome como o sujeito de que se fala. 2.° O **genitivo** (do verbo latino **gignere, genitum,** da terceira conjugação: *gerar, produzir)* exprime o caso que produz, que gera os outros, de que nascem os outros. 3.° O **dativo** ou **atributivo** (de **dare, datum,** da primeira conjugação latina, *dar, atribuir)* representa o nome como significando o objeto a que se dá, a que se atribui alguma coisa. 4.° O acusativo (do verbo latino ***acusare, acusatum***, da primeira conjugação, *acusar)* representa o nome como indicando o objeto que sofre a ação do verbo. 5.° O **vocativo** (de **vocare, vocatum,** verbo latino da primeira conjugação, *chamar)* designa o nome como representando a pessoa ou coisa a que se dirige a palavra. 6.° O **ablativo** (de **auferre, ablatum,** *tirar)* designa a ideia de afastamento, separação.

De todos esses *casos* as línguas modernas, filiadas no latim, só conservaram o caso chamado *regime,* correspondente ao *acusativo* latino, bem que em todos os idiomas *românicos* transpareçam, a trechos, vestígios das outras flexões casuais latinas, cuja destruição lhes impuseram e forçaram suas tendencias analíticas.

*
* *

Número do substantivo é a flexão por meio da qual exprime este a unidade ou pluralidade.

Na língua portuguesa e nas outras línguas *românicas* só se conhecem dois números: o **singular** e o **plural.** O latim também só conhece esses dois números. No grego, porém, a exceção do dialeto *eólio,* além desses dois números, distingue-se o **dual,** que se emprega, quando se fala de dois objetos que andam sempre juntos ou considerados como tais, e de que oferece indício a língua latina no seu vocábulo *ambo.*

Nos pronomes recíprocos ingleses *each other* e *one another* entrevê-se, segundo Henry Sweet[61], um vestígio da distinção entre o *dual* e o *plural;* sendo o primeiro desses pronomes indício do *dual,* o segundo, indício do plural.

No latim e no grego faz-se a distinção dos números por desinências particulares a cada declinação.

61. **A New English Grammar.**

No alemão, afora esse modo de distinção dos dois números, há muitas vezes o enfraquecimento ou adoçamento do radical ou parte temática do vocábulo.

No italiano é a mudança da vogal final que estabelece a distinção.

Em nossa língua, no espanhol e no francês é, em geral, o *s* a nota ou marca do plural dos nomes.

Os substantivos terminados no singular em vogal tomam um s, passando ao plural: *Casa, casas, rosa, rosas, livro, livros, tope, topes, buriti, buritis, andu, andus, bambu, bambus, pó, pós, ilhó, ilhós.*

Se terminarem em consoante, tomam no plural a terminação *es: Ar, ares; colher, colheres, éter, éteres, emir, emires, cor, cores, paz, pazes, país, países, catur, catures, cruz, cruzes, obus, obuses.*

Os terminados em *al, ol, ul* mudam a consoante final em *is: Sal, sais, anzol, anzóis, prol, proes, farol, faróis, azul, azuis, taful, tafuis.*

Exceptuam-se os substantivos *mal,* que faz no plural *males; real, reais* (no sentido de antiga moeda portuguesa); e *réis* (no sentido de unidade monetária das moedas portuguesas); *cal, cales* (significando *cal de moinho).*

Cal no sentido de *pedra calcária, calcinada* não tem plural. *Cônsul, procônsul* e *vice-cônsul* fazem no plural *cônsules, pró-cônsules* e *vice-cônsules.*

Os substantivos terminados em *il* longo mudam no plural o *l* em *s: Fuzil, fuzis, funil, funis, ardil, ardis.*

Os terminados em *il,* breve e *el,* breve ou longo, mudam a terminação do singular em *eis,* passando ao plural: *Fóssil, fosseis, sável, sáveis, dócil, dóceis, painel, painéis, arrátel, arráteis, papel, papeis, menestrel, menestréis, projétil, projéteis.*

Se terminarem no singular em *m,* mudam no plural o *m* em *ns: Bem, bens, som, sons, atum, atuns, tom, tons, homem, homens, nuvem, nuvens, jejum, jejuns.*

Os terminados em *s* não sofrem mudança alguma, passando para o plural; *Pires, ourives, alferes, arrais, cais,* fazem no plural *pires, ourives, alferes, arrais, cais.* O plural arcaico desses quatro últimos nomes era: *ouríveses, alféreses, arraeses, caises.*

Fazem exceção os nomes *simples* (drogas, ingredientes), *cálix,* que também se escrevem *símplice, cálice,* que fazem *símplices, cálices* e a palavra *Deus,* que no sentido de Deus do paganismo faz no plural *Deuses.*

Alguns nomes terminados em *ex, ix* nada têm de irregulares no plural, por se formar esse número da forma singular *ice* com que mais ordinariamente são esses nomes ortografados. Assim *índex ou índice, códex* ou *códice, apêndix* ou *apêndice* modelam o seu plural pela segunda forma que têm no singular, fazendo: *índices, códices, apêndices.*

Os substantivos terminados em *ão* no singular fazem o plural uns em *ãos,* outros em *ões,* outros em *ães.*

Em *ãos* fazem os nomes seguintes: *irmão, acordão, mão, cidadão, Coimbrão, Cristão, comarcão, lodão, sótão, órfão, grão, corrimão, pagão, rabão, ancião, cortesão, medão, vão, temporão, são, chão, golfão, órgão, frangão, orégão, benção, zangão* e todos os acabados em *ão,* acentuados na penúltima.

Fazem em *ões* os substantivos *sermão, lição, feijão, tição, ação, petição, eleição, coração, solidão, menção, melão, opinião, viração, multidão, beliscão, mourão, caixão, religião, marquesão, facão, medalhão, gramaticão, moçalhão, doidarrão* e todos os acabados em *ão,* cuja desinência for aumentativa, e os nomes acabados em *ão* que tiverem por procedência nomes latinos, terminados no nominativo do singular em *io* e *do.*

É esta terminação plural que se aplica ao maior número dos substantivos portugueses e a que o povo mais comumente se afeiçoa.

Em *ães* fazem os seguintes: *pão, cão, capitão, capelão, alemão, catalão, deão, tabelião, escrivão, massapão, sacristão, charlatão, guardião, ermitão.*

Têm mais de uma terminação no plural os substantivos *aldeão, vilão, anão, vulcão, alão, peão, truão,* que fazem *aldeãos* ou *aldeões; vilãos* ou *vilões, anãos* ou *anões, vulcãos* ou *vulcões; alãos, alões* ou *alães, peões* ou *peães, truões* ou *truães.*

Têm alguns gramáticos procurado a explicação dessas três terminações plurais, já na língua latina, já na castelhana.

A terminação portuguesa *ão,* dizem alguns, é uma contração de quatro terminações latinas, pertencentes à segunda e terceira declinação, e posto que tais terminações latinas se reduzam em português a uma só, passando o nome ao plural, segue a terminação portuguesa sua forma etimológica correspondente.

Essas quatro terminações latinas, a que se liga a portuguesa, são *anem, anum, onem* e *udinem.*

A palavra *irmão,* por exemplo, que vem do acusativo latino *germanum,* da 2.º declinação, faz *irmãos* (de *germanos,* acusativo plural); *Cristão,* do acusativo latino *Cristianum,* faz *Cristãos* (de *Cristianos), ratão* (de *raphanum)* faz no plural *ratãos* (do acusativo plural *raphanos). Sermão, servidão, melão, ação, tição, religião,* procedentes dos acusativos *sermonem, servitudinem, melonem, actionem, titionem, religionem,* da 3.º declinação, fazem no plural *sermões, servidões, melões, ações, tições, religiões,* dos acusativos latinos plurais *sermones, melones, servitudines, actiones, titiones, religiones. Cão* (de *canem)* faz no plural *cães* (de *canes), pão* (de *panem)* faz *pães* (de *panes).*

Outros, como Vera e Duarte Nunes, explicam as terminações do plural dos nomes em *ão* comparando-as com outras que lhes correspondem no castelhano, estabelecendo as seguintes regras:

Quando a terminação portuguesa *ão* corresponder à castelhana *an,* fará o nome o plural em *ães: Capitão,* que corresponde ao castelhano *capitan,* faz no plural *capitães.*

Se a terminação portuguesa tiver como correspondente no castelhano a terminação *ano,* o nome fara seu plural em *ãos: vilão, cidadão, aldeão,* devem, segundo essa regra, ter como plurais *vilãos, cidadãos, aldeãos.*

Se, porém, a terminação portuguesa for *on* no castelhano, terá no seu plural a terminação *ões: Sermão, opinião, coração,* que correspondem ao castelhano *sermon, opinion, coraçon,* fazem no plural *sermões, opiniões, corações.*

Se, finalmente, os vocábulos em *ão* forem meramente portugueses sem correspondentes no castelhano, terminarão em *ões: patacão, patacões; folião, foliões.*

Nada obstante, encontram-se em português palavras terminadas em *ão,* cuja terminação plural não é empregada pelo uso de conformidade com as regras e com os preceitos que aí se veem estatuídos.

A lição constante e assídua dos bons escritores ensinara de modo seguro o emprego de tais desinências plurais, em que, por vezes, o uso se nos mostra arbitrário e inconsequente.

Os substantivos tomados materialmente e qualquer parte do discurso empregada como substantivo, a que o uso dê em nossa língua o número plural, terá um *s* como nota característica desse número: os *ds,* os *bes,* os *mês* ou *emes,* os rês ou *erres,* os *sis ou essis,* os *ves,* os *nes* ou *enes, os fês* ou *efes, os quês,* os *porquês,* os *prós* e os *contras,* os *comes* e *bebes,* os *dares* e *tomares,* os *ais,* os *itens,* Os *provarás,* os *cantares* e os *tangeres.*

Vê-se, pois, que, seja qual for o substantivo português, é o *s* sinal ou a marca do número plural.

Essa letra proveio-nos do acusativo plural latino. Com efeito, de todos os casos da declinação latina, o caso regime ou acusativo é o único cuja existência se nos patenteia clara e distintamente no estudo do nosso vocabulário; e como em todas as declinações latinas terminava esse em *s* no acusativo plural *(horas, muros, arbores, currus, res),* tornou-se essa letra, por uma generalização, a nota característica do número plural.

Não só se nota que no acusativo plural dos nomes latinos é que se acha a explicação do *s* como sinal distintivo do plural dos substantivos ou nomes portugueses, senão que é esse o caso etimológico por excelência, como noutro lugar mais largo mostraremos.

Substantivos há que só se empregam no singular; outros, porém, só se usam no plural.

Empregam-se no singular:

1.° Os nomes próprios: *Pedro, José, Maria, Amélia, Thomas, Olinda.*

Exceptuam-se os nomes próprios, quando, por sinédoque, se convertem em comuns ou quando se aplicam a dois ou mais indivíduos da mesma família; Os *Camões,* os *Tácitos,* os *Romualdos,* os *Rios Brancos,* os *Florianos,* os *Argolos, os Fernandes da Cunha,* isto é, os poetas semelhantes a *Camões,* os historiadores semelhantes a *Tácito,* os arcebispos semelhantes a *D. Romualdo,* os estadistas como o *Visconde do Rio Branco,* os generais como *Floriano* e *Argolo,* os oradores eloquentes, os políticos de caráter espartano como *Fernandes da Cunha.*

«Os dois Sênecas, os três Andradas, os dois Plínios, os Albuquerques e os Catões.»

«Teve D. João de Castro Dários a quem vencer na Ásia; mas não achou Cursios e Livios na Europa, que ilustrassem seu nome » (Freire).

«Dai-me um rei brando, afável e prudente, e dar-vos-ei andar rodeado de Fabrícios, Cíceros, Sênecas e Catões » (Paiva).

2.° Os substantivos que exprimem noções abstratas, virtudes, vícios, substâncias elementares, metais, metaloides: A *prudência,* a *preguiça,* a *caridade,* a *temperança,* a *ociosidade,* a *fortaleza,* o *azoto,* o *carbono,* o *mercúrio,* a *prata,* o *ferro,* o *cobre,* a *platina,* o *chumbo,* o *ouro,* o *fosforo,* o *arsênico,* o *iodo,* o *enxofre* etc.

Exceto quando figuradamente dizemos: Preciso de *uns cobres,* ganhou naquela empresa muito *bons cobres; as pratas* da coroa; foi o preso posto *a ferros;* homem de *duas fés;* Pedro pratica *muitas caridades;* é um homem de *muitas bondades.*

Tratando-se de virtudes, vícios, de certas disposições, sentimentos e paixões, muito é para notado que, em alguns casos a mesma palavra, empregada no singular ou plural, não designa de todo o ponto a mesma noção ou concepção, mas dois aspectos deferentes por ela indicados nos dois números, como tão ao claro no-lo dão a ver os modelos do bom falar.

Tais são: *liberdade* e *liberdades, caridade* e *caridades, zelo* e *zelos, amor* e *amores, mérito* e *méritos, bondade* e *bondades, meninice* e *meninices, vivacidade* e *vivacidades, bem* e *bens, baixeza* e *baixezas, vaidade* e *vaidades, amabilidade* e *amabilidades, franqueza e franquezas* etc.

O singular, em tais casos, mostra uma disposição permanente, habitual, continua, independente dos efeitos e movimentos que produz exteriormente.

O plural apresenta, ao contrário, tais disposições e sentimentos como diversos e múltiplos em suas manifestações, em seus efeitos, sob o que têm de passageiros e acidentais.

A *bondade,* por exemplo, é a qualidade geral de ser bom física ou moralmente; as *bondades* são a mesma bondade considerada em seus múltiplos efeitos, em suas diversas manifestações; não são uma virtude, senão virtudes.

A *caridade* é a virtude que nos leva a amar o nosso próximo; as *caridades* são os efeitos, os acidentes desta virtude.

«E o pior é que não só se vê em nós a *meninice,* senão as *meninices* que o são do juízo » (Vieira).

«Tirarão os cálices e vasos sagrados e aplicá-los-ão a suas *embriaguezas*» (Idem).

«Se confiardes em homens, achareis em vez da verdade a mentira; em vez da sinceridade, enganos; em paga de benefícios, ingratidões; com promessa de bons ofícios, maldades; com bandeira de paz, guerra; com capa de *zelo, zelos*» (Idem).

«Entre as *pobrezas* e *desamparos,* entre os *ascos* e as *misérias* da gente mais inculta» (Idem).

«Não vem cá buscar *nosso bem,* vem buscar *nossos bens*» (Idem).

«Se quereis a *minha graça* e as *minhas graças,* ali as tendes assinadas por mim » (Idem).

«Deixando as armas e as armaduras, a *liberdade* e as *liberdades* da vida, se vestiu de um hábito religioso » (Idem).

3.º Os nomes que indicam ciências e artes: A *filosofia,* a *sociologia,* a *geologia,* a *lógica,* a *retórica,* o *desenho,* a *pintura,* a *música,* a *cirurgia,* a *carpintaria,* a *estenografia,* a *política.*

Exceptua-se o substantivo *matemática,* que se diz *a matemática* ou *as matemáticas.*

4.° Alguns adjetivos empregados substantivadamente: *o belo,* o *sublime, o verdadeiro, o justo, o lícito, o ilícito, o honesto, o agro* e *o doce, o elevado* e *escabroso* da serra.

5.° Os nomes que indicam produtos animais ou vegetais: o *leite,* o *mel,* a *cera,* a *almecega,* o *almíscar,* o *castoreio,* a *resina,* o *incenso,* a *borracha,* o *benjoim,* o *cravo,* a *canela,* a *laca,* o *maná,* a *cânfora,* o *milho,* o *feijão,* o *arroz,* o *trigo,* o *café,* a *cevada,* o *centeio,* a *aveia.*

Disse, porém, Fernão Mendes, falando de diversas espécies de *trigo, arroz, cevada* e *milho:*

> «Campinas rasas e grandíssimas de *trios, arrozes, cevadas, milhos* e muitos legumes.»

6.° Os nomes indefinitos *tudo, nada, isto, isso, aquilo, al, algo, aluem, outrem, ninguém, quem, quer, fulano, sicrano.*

Os substantivos que só se empregam no plural são os seguintes: *alvíssaras, andas, arredores, cans, fasces, fauces, fastos, anais, esgares, trejeitos, confins, olheiras, manes, migas, esponsais, núpcias, exéquias, herpes, idos, nonas, calendas, endoenças, castanhetas, bentinhos, vitualhas, laudes, senas, matinas, ferias, viveres, ouros, copas, paus, espadas* (naipes ou metais de cartas), *lêmures, parcas, penates, pelancas, sevícias, lampas, emboras, arras, ferropeais, janeiras, polainas, antolhos, meças* etc.

Os vocábulos *parabém* e *pêsame,* outrora usados amiúde no singular, hoje em dia costumam empregar-se no plural. Haja vista ao seguinte passo de Vieira em suas *Cartas:*

> «Vossa senhoria me dá o *pêsame* dos achaques com que vivo, e juntamente o *parabém* da enfermidade com que hei de morrer ».

Empregam-se sempre no plural os nomes que designam multiplicidade de indivíduos ou objetos: tais são os que indicam classes, famílias botânicas ou zoológicas: *As leguminosas,* as *malváceas, os lepidópteros, os dípteros, os mamíferos.*

Diz-se, porém, empregando o singular: o *bambu* é uma *gramínea,* o *tamarindo* é uma *leguminosa;* a *mandioca* é uma *euforbiácea,* a *borboleta* é um *lepidóptero,* porque nestes casos é intuito de quem fala designar especialmente um indivíduo da classe ou família.

Os substantivos no número plural conservam o acento fonético do singular: *Rosa, rosas, manada, manadas, epíteto, epítetos.*

Exceptuam-se as palavras *caráter,* que faz *caracteres,* e *sóror* (freira confessa), que faz *sorores* e não *sórores.*

Os sons das vozes de um vocábulo não sofrem em geral alteração alguma passando este para o plural. Isto não obstante, conhece nossa língua substantivos que tem no singular o penúltimo *o* grave, os quais no plural ou mudam esta voz grave do singular em *o* aberto, ou a conservam em ambos os números.

Da primeira classe são exemplos os seguintes substantivos: *Choco, canhoto, caroço, coro, folho, globo, cachopo, goro, horto, molosso, tijolo, tremoço, toco, rogo, corno, corpo, corvo, destroço, despojo, escolho, Jogo, forno, forro* (de casa, de vestes), *fosso, jogo, miolo, morno, morto, novo, olho, osso, ovo, poço, porco, porto, posto, povo, renovo, socorro, sogro, toldo, tojo, tordo, torno, torto, troço, troco, barroco.*

Dos que conservam no plural o *o* grave do singular são exemplos os seguintes: *Abono, aborto, soco, almoço, alvoroto, arrojo, arrolo, bobo, bodo, bojo, bolo, bolso, boto, cachorro, choro, coco, contorno, enxacoco, trambolho, perdigoto, gogo, lobo, roto, gafanhoto, ceroto, endosso, colosso, fofo, garoto, rodo, balofo, esposo, corro, coto, coxo, dobro, enjoo, esboço, estofo, jojo, forro* (liberto), *ferrolho, pescoço, bioco, goto, gorro, mono, morro, gosto, gozo* (substantivo), *gordo, maroto, jorro, lodo, mocho, moço, molho* (caldo), *mofo, nojo, oco, olmo, Peixoto, piloto, pimpolho, piolho, polvo, poldro, potro, raposo, repolho, rolo, roto, roxo, soldo, solho, soro, sorvo, todo, tolo, vodo, volvo, zarolho, zorro, xarroco.*

Vocábulos há, em suma, em que o penúltimo *o* é agudo nos dois números. Tais são os seguintes: *Abrolho, apodo, tropo, poro, esporo, bordo, copo, copto, dolo, dogo, froco, foco, foto, galeoto, loro, hissopo, marzoco, molho* (feixe), *modo, noto, orco, orlo, topo* (choque, encontrão), *voto, polo, colo.*

Quanto aos substantivos das duas primeiras categorias é principalmente o bom uso o guia mais seguro na escolha de uma ou outra forma do plural.

Diremos, todavia, que é sempre preferível empregar o *o* agudo no plural dos substantivos, que já o tiverem na forma feminina, quando para tais substantivos houver um correspondente do gênero feminino. Assim é que o nome *fosso,* que no feminino *fossa* tem agudo o *o,* faz no plural *fossos, torto,* que faz no feminino *torta* com *o* agudo, faz *tortos* no plural; *porco, porca, porcos, cachopo, cachopa, cachopos.*

Se, pelo contrário, for grave o *o* no feminino correspondente, o substantivo fará ordinariamente o plural em *o* grave e não agudo: *bodo, boda, bodos, gorro, gorra, gorros, zorro, zorra, zorros, raposo, raposa, raposos, moço, moça, moços, bolso, bolsa, bolsos.*

Nos casos, porém, em que o nome não tem um feminino correspondente, divide-se o uso no que respeita à escolha de uma ou outra forma do plural.

Os substantivos puramente latinos ou de origem estrangeira, bem que ainda não naturalizados portugueses, fazem o plural seguindo a regra geral[62]: *Os amens, os ex-votos, os misereres, os Te-Deuns, os factotuns, os in-folios, os specimens, os deficits,* ***os*** *benedicites, os solos, os fac-similes, os quiproquos, os post-scriptuns, os diletantes, os alegros, os trios, os lords, os budgets, os stocks, os torys, os placets, os whigs, os autos-dafé, os buldogs, os bils, os breacks, os fandangos, os thalers, os boleros, os juris, os sombreros, os shilings, os toasts, os beys, os deys, 0s pachás, os paletots, as ladys, os quidams, os tenders.*

62. Preservaram-se aqui os vocábulos tal como empregados à época da publicação original, quando ainda não lexicalizados em formas portuguesas. (n.e.)

Todos esses nomes terminam no plural em *s* em nossa língua, bem que em alguns não seja essa a terminação que lhes dá a língua a que pertencem.

Os vocábulos *errata, duplicata, agenda,* dos plurais latinos *errata, duplicata, agenda,* empregados em nossa língua, são geralmente usados com a nota do plural: *erratas, duplicatas, agendas.*

Corre o mesmo com os adjetivos portugueses *cinco, sete* etc., que, empregados como substantivos, tomam algumas vezes a nota ou sinal do plural, bem que já o sejam desse número: *Os cincos, os setes, os noves* do baralho.

*

* *

As regras principais relativas aos *substantivos compostos* podem reduzir-se às seguintes:

Quando o substantivo composto consta de dois substantivos, sendo estes escritos em uma só palavra, sem a risca de união entre os elementos componentes, é de ordinário o último desses elementos que toma a nota do plural: *Madressilva, madressilvas; pontapé, pontapés tiracolo, tiracolos; madrepérola, madrepérolas; madrepora, madreporas; varapau, varapaus, aguapé, aguapés.*

Se, porém, entre os dois elementos componentes houver a risca de união, cada um dos dois substantivos que constituem a palavra composta tomará a nota do plural: *Chale-manta, chales-mantas; couve-flor, couves-flores; mestre-sala, mestres-salas; mestre-escola, mestres-escolas; livro-mestre, livros-mestres; banho-maria, banhos-marias; fruta-pão, frutas-pães, guarda-marinha, guardas-marinhas.*

Quando o substantivo composto constar de um substantivo e de um adjetivo, se for o substantivo o primeiro dos elementos componentes, ambos variarão no plural; se, porém, for o adjetivo, será o substantivo só que tomara a nota do plural: *corneta-mor, cornetas-mores; tambor-mor, tambores-mores; capitão-mor, capitães-mores; guarda-mor, guardas-mores; cofre-forte, cofres-fortes; gato-pingado, gatos-pingados; cabra-cega, cabras-cegas; amor-perfeito, amores-perfeitos; obra-prima, obras-primas; vangloria, vanglorias; centopeia, centopeias; grã-mestre, grã-mestres; grã-cruz, grã-cruzes; grã-oficial, grã-oficiais; salvo-conduto, salvo-condutos; grã-almirante, grã-almirantes; grã-besta, grã-bestas; reta-guarda, reta-guardas*[63].

De acordo com a regra aqui enunciada diz-se *primeiranistas, segundanistas, terceiranistas, quartanistas* etc.

Exceptuam-se os substantivos compostos seguintes:

63. Na ortografia atual: *retaguarda*. (n.e.)

Canto-chão, lugar-tenente, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, aguardente, gentil-homem, malfeitor, que fazem no plural *canto-chãos, lugar-tenentes, segundas-feiras, terças-feiras, quartas-feiras, quintas-feiras, sextas-feiras, aguardentes, gentis-homens, malfeitores.* Vieira dizia *gentil-homens,* como o testifica o seguinte lanço de suas *Cartas:* «Não pareceremos pouco *gentil-homens* a essa dama ».

São invariáveis *verde-montanha, verde-terra, verde-crê, verde-mar, roo-terra.*

Quando o nome composto contém um verbo e um substantivo, é este último que toma a nota do plural: *Girassol, girassóis; guarda sol, guarda-sóis; corrimão, corrimãos; porta-bandeira, porta-bandeiras; chupamel, chupaméis; lambe-prato, lambe-pratos, guardaloiça, guardaloiças; guarda-pó, guarda-pós; ganha-pão, ganha-pães; tapa-olho, tapa-olhos; vira-casaca, vira-casacas; finca-pé, finca-pés; guarda-portão, guarda-portões; mira -olho, mira-olhos; guarda-porta, guarda-portas; guarda-mato, guarda-matos; guarda-mão, guarda-mãos; guarda-freio, guarda-freios; guarda-fio, guarda-fios; guarda-lama, guarda-lamas; rapapé, rapapés ;tirapé, tirapés; passatempo, passatempos; pesa-licor, pesa-licores; quebra-facão, quebra-facões; papa-peixe, papa-peixes; corta-pau, corta-paus; quebra-mar, quebra-mares; quebra-cabeça, quebra-cabeças.*

São invariáveis *papa-moscas, guarda-livros, estoura-vergas, traga-mouros, guarda-rios, guarda-joias, guarda-quedas, guarda-mancebos, guarda-chaves, quebra-nozes, quebra-esquinas, papa-jantares, manja-léguas, trinca-pintos, trinca-nozes, troca-tintas, espalha-brasas, guarda-fechos, espanta-lobos, saca-rolhas, passa-culpas, choramingas.*

Dos compostos de dois verbos uns há que variam nos dois elementos de que constam, noutros varia só o último elemento componente; noutros, enfim, são invariáveis ambos os elementos: *Luze-luze, luzes-luzes; ruge-ruge, ruges-ruges; vaivém, vaivéns; ganha-perde, ganha-perde.* Vieira e outros disseram *vais-vens.* Disto testemunha o excerto seguinte: «Quem tem acabado a vida, de todos esses *vais-vens* da fortuna está seguro ». (*Sermões*).

Quando na composição do substantivo entra um elemento variável e outro invariável, só aquele é que toma o sinal do plural: *Recém-cristão, recém-cristãos; semideus, semideuses; antipapa, antipapas; antecâmara, antecâmaras; bem-aventurança, bem-aventuranças; ex-diretor, ex-diretores; sub-chefe, sub-chefes; sota-piloto, sota-pilotos; dama-entre-verdes; damas-entre-verdes; sensaboria, sensaborias; contravento, contraventos; parapeito, parapeitos; entremeio, entremeios; entrecasco, entrecascos; parabém, parabéns; sempre-viva, sempre-vivas.*

Quando o substantivo se compõe de dois substantivos, unidos pela preposição *de,* só o primeiro é que toma o sinal do plural: *Pé-de-vento, pés-de-vento, olho-de-boi, olhos-de-boi língua-de-vaca, línguas-de-vaca, pé-de-cabra, pés-de-cabra,*

pão-de-ló, pães-de-ló, cabo-de-esquadra, cabos-de-esquadra, crista-de-galo, cristas-de-galo, pé-de-galinha, pés-de-galinha, pé-dê-leão, pés-de-leão, pé-de-lebre, pés-de-lebre, mão-de-vaca, mãos-de-vaca, botão-de-oiro, botões-de-oiro, coração-de-negro (pedra), *corações-de-negro, cravo-de-defunto, cravos-de-defunto, beiço-dê-lebre, beiços-dê-lebre.*

O sentido não admite senão o plural nos nomes compostos *pingos-d'ovos* (doce), *lágrimas-de Vênus* (flor), *lágrimas-de Job* (erva).

c) Do grau

As **flexões graduais** constituem nos substantivos os *aumentativos* e *diminutivos.*

Grau do substantivo, portanto, é a modificação particular que este sofre em sua terminação, pela qual se exagera, aumenta, atenua, diminui ou deprecia a significação do seu primitivo.

Aumentativos são nomes que, por meio de certas terminações particulares, exageram a ideia significada pelos seus primitivos.

Esses nomes são empregados em linguagem familiar e geralmente tomados à má parte.

Ão, az e *aço* são as terminações mais comuns dos aumentativos, sofrendo várias modificações fônicas a desinência dos primitivos, antes de tomarem esses as terminações que lhes trazem o sentido aumentativo.

Assim de *casa* se forma o aumentativo *casão* ou *casarão,* de *chapéu, chapeirão;* de *cão, canzarrão; de febre, febrão;* de *fatia, fatacaça;* de *rapaz, rapagão;* de *homem, homenzarrão;* de *dente, dentão;* de *sábio, sabichão;* de *frade, fradalhão;* de *poeta, poetaço* ou *poetastro;* de *ministro. ministraço;* de *estudante, estudantão* ou *estudantaço;* de *truão, truanaz;* de *ladrão, ladravaz* ou *ladroaço;* de *santo, santarrão* ou *santarras; de favor, favoraço;* de *monsenhor, monsenhoraço;* de *senhor, senhoraço;* de *velhaco, velhacão, velhacaz;* de *lobo, lobas;* de *macho, machacaz;* de *paspalho, paspalhão;* de *carta, cartaz;* de *cabeça, cabeção;* de *moça, mocetão* ou *moçalhão.*

«Andava Leonardo às cutiladas com um *rufinaz*» (Ferreira).
«Que me matem, se m'o não levou aquele *ladravaz* de Montalvão» (Idem).
«Parece-me grande *favoraço,* de que sou totalmente indigna» (Bern.).
«Eles lhe chamavam *Jacobão,* correspondendo, por escárnio, ao próprio nome, que era Jacob » (Idem).
«Representam eles o papel de *senhoraços* » (Idem).
« Preferiu o *mocetão* de quem anda sempre a falar-me » (A. Cast).

Diminutivos são os nomes que, por meio de certas desinências particulares, exprimem atenuação ou diminuição no significado de seus primitivos.

Servimo-nos desses nomes para exprimir mimo, familiaridade, compaixão, ternura, carinho ou para depreciar e ridicularizar.

O diminutivo em *inho, zinho* é sempre do mesmo gênero de seu primitivo; não acontece assim com o aumentativo em *ão,* que é sempre masculino, embora seja feminino o primitivo que lhe deu origem: **a pedra,** *a pedrinha, a pedrazinha,* o *pedrão,* **a casa,** *a casinha, o casão, o casarão.*

As terminações diminutivas são *tinho, zinho, ete, ote, ito, ilo, ulo, culo, eco, ieo, ejo, im, acho, ucho, el, elo, elho, ilho, olo,* etc: *Livrinho, livrozinho, livreco, livrete; pintinho, pintozinho, pintinho; fontinha, fontezinha, fontainha, fontículo; rapazinho, rapazito, rapazote, rapazola; salmonete, salmonejo; lugarejo, lugarzinho, quintalejo, animalejo, cãozinho, cãozito; pezinho, pezito, florinha, florzinha, florita, florica, folhinha, folhazinha, folheta; doidete, mocete, moçoila burrinho, burroainho, burrico, burrito, burriquito, cintilho, brocadilho, caminha, camilha, cartilha, peitilho, mantilha, camarilha, serrilha, pagela, parcela; colunelo; bacelo, bacilo, rodela; riacho, vulgacho, papelucho, bolinholo; sacola, homúnculo, corpúsculo, flósculo, frouxel canistrel; saquitel, casulo célula, lóbulo, glóbulo, animálculo, partícula, espadim, fortim, camarim; flautim, tamborim, lagostim' mamilo; atilho, velhote dichote, serrote frangote camarote caixote, perdigoto; ilhota, ilheta, ilhote, ilhéu, poviléu, abanico veranico, beberete; saberete.*

« *Chiquinito* de *cabelinho* crespo, mais formoso que todos, vinde cá, vinde cá » (Bernardes).

«E as mães que o som terrível escutaram
Aos peitos *os filhinhos* apertaram »
(Cam.)

« Aos montes ensinando e às *hervinhas*
O nome que no peito escrito tinhas »
(Idem).

«Está o lascivo e doce *passarinho*
Com o *biquinho* as penas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando
Despedindo no rústico *raminho* »
(Idem).

«As roupas recamadas de ouro e tomadas airosamente em um *cintilho* de safiras » (Vieira).

«Nem a moça há de ser estátua nem *diabrete*» (J. Ferreira).
«O dono à *janelinha* escuta ocioso a viração de Deus que lhe está chovendo pão lá de dentro » (A. Castilho).

«Das brancas *ovelhinhas* tiro o leite
E mais as finas lãs de que me visto;
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrela!»
(Gonzaga).

«Há umas certas *boquinhas gravezinhas* e *espremidinhas* pela *doutorice,* que são a mais *aborrecidinha* coisa e a mais *pequeninha* que Deus permite fazer às suas criaturas fêmeas » (Garret).

Fazendo riso das modas exageradas de seu tempo, assim escreveu Garcia de Rezende:

« Agora vemos *capinhas*
Muito curtos *pelotinhos,*
Golpinhos e *sapatinhos,*
Fundas pequenas, *malinhas,*
Gibõezinhos, barretinhos
Estreitas *cabeçadinhas,*
Pequenas *nominazinhas,*
Estreitinhas guarnições,
E muitas mais invenções,
Pois que tudo são *coisinhas* ».

Não é só aos apelativos que se acrescentam desinências diminutivas; estas também se costumam pospor aos nomes próprios na linguagem familiar, no trato doce e afetuoso do lar doméstico.

De *Ana,* por exemplo, formaram-se os diminutivos *Aninhas, Anazinha, Naninha, Anita, Anicota, Anica, Anoca, Aniquita, Nanoca, Nazinha, Nana, Na;* de *José* forma-se *Zezinho, Zezé, Zeca, Juca, Zuza, Zuzu, Cazuza;* de *Luiz, Luizito, Luizinho, Lulu, Lula;* de *Maria, Mariazinha, Marieta, Mariquinha, Mariquita, Marica, Maricas, Maricota, Maricotinha, Cota, Cotinha* etc.; de *Isabel, Isabelinha, Zabelinha, Belinha;* de *Pedro, Pedrinho, Pedrito, Pedrota, Piroca* etc.; de *Carlota, Carlota'nha, Lota, Lotinha, Lolota, Lólo;* de *Joaquim, Joaquimzinho, Quinquim, Quinzinho;* de *Domingos, Dominguinhos, Minguinho, Mingu.*

« *Gonçalinho* lhe chamais, não sei se vos tomardes com ele, *Gonçalão* vos parecera » (G. de Rezende).
« Era frei Balthazar muito pequeno de corpo, e por essa razão não conhecido por outro nome senão de frei *Balthazarzinho*» (Chr. de S. Domingos).

Esses diminutivos formam-se, em geral, ou empregando-se uma das sílabas do nome próprio, ordinariamente a acentuada, a que se pospõe uma desinência diminutiva, ou dobrando-se qualquer de suas sílabas, ou ainda corrompendo-se inteiramente a fonologia do primitivo e ajuntando-se-lhe uma terminação apropriada, ou, em suma, conforme a regra geral da formação dos diminutivos, pospondo-se ao próprio a desinência diminutiva.

Nos diminutivos há muitas vezes, no estilo familiar, um requinte na ideia diminutiva, podendo haver diminutivos de diminutivos de diminutivos.

Assim os vocábulos *pequenino* e *pequenito* já são diminutivos; do primeiro, forma a nossa língua os vocábulos *pequenininho, pequenichinho, pequerrucho, pequerrichinho, pequenichichinho,* do segundo, os diminutivos *pequenitinho, pequenitozinho, pequenitote.*

Esse processo de encarecer assim a ideia dos diminutivos não era alheio do latim, que dizia: *cista, cistula, cistela, cistelula.*

A maior parte dessas desinências diminutivas conhece-as a língua latina, que no-las forneceu.

Assim é que nessa língua se conhecem como diminutivos as terminações *elus, a, um; olus, a, um; ilus, a um, ulus, a, um, culus, a, um;* e *leus,* que se exemplificam nos vocábulos latinos seguintes: de *oculos; ocelus;* de *asinus; aselus;* de *puera* (feminino antigo de *paer*); *puela;* de *puela; puelula;* de *catena; catela;* de *opera; opela;* de *lamina; lamela;* de *rex; regulus;* de *servus; servulus;* de *opidum; opidulum;* de *luna; lunula;* de *hortus; hortulus;* de *baculum; bacilum;* de *signum; sigilum;* de *codex; codicilus;* de ***lapis; lapilus;*** de *pater; paterculus* de *mater; matercula;* de *frater; fraterculus;* de *soror; sororcula* de *virga; virgula;* de *rana; ranula;* de *tignum; tigelum;* de *calceus; calceolus;* de *infans; infantulus;* de *vetus; vetulus* de *poeta; poetila;* de *litera; literula;* de *canis; canícula;* de *pulvis; puloisculus;* de *flos; flosculus;* de *pulvinus; puloilus* de *os; osculum;* de *uxor; uxorcula* de *cor; corculum;* de *opus; opusculum;* de *homo; homunculus* de *venter; ventriculus;* de *sermo; sermunculus;* de *caro; carúncula;* de *cos; cotícula;* de *nubes; nubécula;* de *piscis; pisciculus;* de *rumor; rumusculus;* de *corona; corola;* de *filius; filiolus;* de *glória; gloriola;* de *equus; equuleus;* de *hinus; hinulus;* de *acus; aculeus;* de *pons; ponticulus* de *pugnas; pugelus* de *dies; dieculus;* de *ingenium; ingeniolum.*

Os *aumentativos* e *diminutivos,* quando tomados a má parte, chamam-se **pejorativos.**

Tais são, entre outros, os nomes *casebre, dentuça, doutoraço, vulgacho, homúnculo, papelucho, talentaço, estudandaço, monsenhoraço, mestraço, pecadoraço.*

De modo idêntico davam os latinos um sentido pejorativo ao sufixo diminutivo *culus, a, um* nas palavras *plebecula, muliercula, meretricula.*

O sentido aumentativo ou diminutivo nem sempre se conserva em toda a sua força significativa, de feição que, apesar do sufixo aumentativo ou diminutivo, se vai em alguns vocábulos pouco e pouco obliterando a ideia de diminuição ou aumento, de que é ele expressão.

No vocábulo *agulha,* em português, desapareceu totalmente em nossa língua o sentido diminutivo, evidente no sufixo do vocábulo latino *acicula,* diminutivo de *acas,* donde aquele procede.

Corre o mesmo com a palavra *abelha, joelho, ovelha, orelha, golpelha* (ant.), que derivam dos diminutivos latinos *apiculam, genuculum, oviculam, auriculam, vulpeculam,* onde se obliterou de todo em português o sentido que persiste na língua matriz.

III

Da fusão do gênero neutro latino em masculino e feminino em português; mudança do gênero de alguns substantivos; vestígios em português dos diversos casos da língua latina.

O *gênero neutro* latino desapareceu em português, não o fazendo, porém, como já vimos atrás, sem deixar vestígios manifestos de sua existência.

Os nomes *neutros* latinos tornaram-se em português *masculinos ou femininos.*

Já em algumas inscrições latinas se começava, ainda sob o império, a observar a confusão dos gêneros, fazendo-se masculinos nomes que eram do gênero neutro. Assim é que se encontram, em vez das formas *brachium, dorsum, eolum, templam, monumentum, vestigium, animal, fatum, metala, coelum, balneum, judicium,* as formas *brachius, dorsus, colus, templus, monumentus, vestigius, animalem, fatus, metalus, coelus, balneus, judioius,* donde em nossa língua se formaram os substantivos *braço, dorso, colo, templo, monumento,* vestígio, *animal, fado, metal, céu, banho, juízo.*

Tais exemplos ainda mais frequentes se tornam no latim depois da queda do império.

Nessa época um erro ainda mais notável veio aumentar a perturbação neste ponto da linguagem: confundia-se usualmente o plural dos nomes neutros em *a*

com os substantivos da primeira declinação latina, em forma que se dizia no latim popular *folias, velas, piras, armas, vestimentas, cerasas, festas, insignias, mirabilias,* como se fossem casos de substantivos da primeira declinação, em lugar das formas clássicas *folia, vela, pira, arma, vestimenta, cerasa, festa, insignia, mirabilia,* tomando-se aqui erradamente o plural neutro em *a* pelo nominativo singular dos nomes da primeira declinação latina.

Dessas formas, introduzidas assim no latim vulgar, por um erro ou confusão estranha e grosseira, provieram em nossa língua os substantivos femininos *folha, vela, pera, arma, vestimenta, cereja, festa, insígnia, maravilha.*

Os nomes nem sempre conservam o gênero com que primitivamente entram para o vocabulário da língua. Assim, alguns há, como já vimos, em cujo gênero é o uso indeciso; outros, que eram a princípio masculinos, fá-los hoje o uso femininos e *vice-versa;* a outros, cujo gênero foi sempre neutro no latim, sancionou-lhes o uso ora o gênero masculino, ora o feminino no português.

O substantivo *árvore,* por exemplo, no antigo português era masculino; o uso atual, entretanto, não lhe da senão o gênero feminino.

Numa *Écloga,* denominada *Crisfal* de Cristóvão Falcão, poeta que floresceu no reinado de D. João 3.°, encontra-se o seguinte exemplo desse substantivo empregado como masculino:

> «Em uma frauta tangendo
> Ao pé de *um árvore* estava;
> Desque da boca a tirava,
> De dentro dalma gemendo,
> Em vez de cantar chorava.»

O substantivo *fim* era a princípio do gênero feminino; hoje não se lhe dá senão o masculino:

> « Dizem que *o fim* do mundo há de ser per fogo » (Barros).

Este último substantivo sempre do masculino em o número plural, em latim, é nesta mesma língua ora masculino, ora feminino no singular, sendo do primeiro desses gêneros na maioria dos casos.

O mesmo vocábulo era dos dois gêneros no velho francês, não se lhe dando no francês moderno senão o gênero feminino.

O substantivo *torrente* fizeram-no os clássicos antigos do gênero masculino; hoje é por todos considerado *feminino.* Vieira ainda lhe deu o gênero masculino, dizendo: «Vistes *o torrente* formado da tempestade de súbito como se despenha impetuoso » *(Sermões).*

O substantivo *mar,* do latim *mare,* do gênero neutro, era no português arcaico do gênero feminino, o que se evidência nas expressões *preamar, baixa-mar,* hoje, porém, não se lhe dá, em nossa língua, senão o gênero masculino.

Diadema é hoje masculino segundo todos os escritores modernos. Vieira, entretanto, deu-lhe o feminino em vários passos de suas obras, como no-lo atesta o exemplo seguinte:

«Se Cristo tirara *a diadema*»

Este mesmo escritor fê-lo algumas vezes do gênero masculino.

O uso parece prevalecer relativamente ao gênero masculino do substantivo *fantasma;* também o empregou Vieira com o mesmo gênero; os outros clássicos, ao contrário, nem sempre lh'o deram, sendo entre eles muito geral o uso do gênero feminino em relação ao mesmo substantivo.

Os latinos sempre lhe deram o gênero neutro.

A palavra *fênix* fê-la sempre Vieira do gênero feminino, que é o preferido hoje pelos escritores de melhor nota; entretanto deram alguns a esse vocábulo o gênero masculino em português, à semelhança do que ocorre no latim e no francês, onde é sempre masculino.

Aos vocábulos *hélice, grude, personagem* dão ora um, ora outro gênero.

Catástrofe, hipérbole, tribo, apostrofe, pirâmide, ênfase, perífrase, síncope, que todos fazem hoje femininos, figuram nos escritores antigos ora com o gênero masculino, ora com o feminino[64].

Em Vieira acha-se, outrossim, *amethisto,* em lugar de *ametista, safiro,* em lugar de *safira, espinha,* em lugar de *espinho,* ainda falando da *rosa,* como testemunha a expressão: «*uma rosa entre as espinhas* », que empregou e de que ninguém usará hoje.

Em João de Barros encontra-se *paradoxa* em vez de *paradoxo,* como o atesta o exemplo seguinte: «Donde se pode verificar *uma paradoxa,* que todo o fraco de animo é malicioso em cautelas.»

Do que até aqui temos estudado sobre o gênero depreende-se que é este determinado já pelo sentido, já pela terminação, já pela etimologia, já, em suma, pelo uso, que neste passo é, em alguns casos, sobremodo incoerente, arbitrário e caprichoso na maior parte dos idiomas.

Tinham os latinos a palavra ***Deus*** masculina, não só pelo sentido, senão também pela terminação, e a palavra *dea,* a que deram sempre o

64. Logo lhes fazem huns *pyramides* mui altíssimos (Barros) «Aquele *catastrofe* admirável » (Vieira)

feminino, sob o duplo aspecto do sentido e da terminação; entretanto, numa passagem do 2.° livro de sua *Eneida,* deu Virgílio o gênero feminino ao primeiro desses nomes, no que foi também imitado por Ovídio.

Este último escritor, por sua vez, fez feminina a palavra latina *miles* na sentença «*Et nova miles eram*».

E conhecida a expressão latina *heres primus, heres secundus,* ainda falando de uma mulher.

Na expressão moderna «*Le phyloxera vastatrix*» (*a filoxera devastadora),* com que os franceses designam alatinadamente o terrível inseto hemíptero, destruidor das vinhas, há o fato notável do emprego do substantivo essencialmente feminino *vastatrix,* aplicado como epíteto ao substantivo *filoxera,* que é masculino na língua francesa.

Consoante a mesma correnteza analógica, foi que um dos nossos mais distintos pregadores sacros disse, falando de S. Izabel, rainha de Portugal: *Isabel era rei,* imitando aquele passo em que, falando de Febes, ninfa do séquito de Diana, disse o autor das *Metamorfoses*' «*Miles erat Fœbes*» e est'outros, em que, tratando das abelhas e das aves *(apis, avis,* nomes essencialmente femininos), disse Virgílio: « *Rex apum* » e Plínio: «*Rex avium*»,

*
* *

Em alguns vocábulos portugueses há indícios ou vestígios manifestos dos vários casos das declinações latinas.

Nominativo. Do nominativo acham-se exemplos em muitos nomes próprios ou sobrenomes e em alguns apelativos, de que são prova os nomes seguintes: *Cícero, Nero, Hugo, Latro, Polio, Varro, Apolo, Júpiter, Vênus, Dido, Juno, Deus, Drago, Virgo, Carlos, Luiz, ladro, tredo, bafo, sor* ou *sóror, serpe, gorgulho, saibo, chantre, neto, drago, lausperene, trado, erro,* correspondentes aos nominativos latinos: *Cícero, Nero, Hugo, Latro, Polio, Varro, Apolo, Júpiter, Vênus, Dido, Juno, Deus, Drago, Virgo, Carolas, Luduvicus, latro, traditor, vapor, soror, serpens, curculio, sapor, cantor, nepos, draco, lausperenis, teredo, error.*

As formas *Cicerão, Nerão, Polião, Varrão,* que se acham em alguns dos nossos escritores antigos, não se prendem ao nominativo, senão aos acusativos latinos *Cíceronem, Neronem. Palionem, Varronem,* que geraram os vocábulos franceses *Cicéron, Néron, Polion, Varron,* como os acusativos *Didonem, Platonem* deram nascimento nessa língua às formas francesas *Dilon. Platon.*

Genitivo. Deste caso podem servir de exemplos os vocábulos seguintes: *Legislador, regicídio, infanticídio, homicídio, deicídio, jurisprudência, jurisconsulto, senatusconsulto, plebiscito, ourives, agricultor, agricultura, naufrágio, auspício, filho-famílias, celícola, agrícola, vinícola, vinicultura, piscicultura, aurífice, auriscalpo;* de *legis,* genitivo latino, e *lator: regis* e *cædere (matar),* donde o substantivo artificial latino *cidiu***m,** *cidio (assassinio, morte); infanti* por *infantis* e *homi* por *hominis* e *caedere, dei* e *caedere; juris* e *prudentia; juris* e *consultus; senatus* e *consultus; plebi* por *plebis* e *citum* do verbo *cieo, ciere (chamar); auri e ficem* (substantivo artificial de *facere); agri* e *cultor, agri* e *cultura navis* e *fragum* (substantivo latino artificial de *frangere-quebrar); au* ou *avi por avis e spício, spicere (ver, olhar), filius* e *famílias* (antigo genitivo latino) em vez de *famíliae, coeli* e *colere, piseis* e *cultura, auri* e *facere, auris* e *scalpere, scalpsi, scalptum (limpar, raspar).*

Podem considerar-se como reminiscências do genitivo latino os nomes patronímicos, designativos hoje de apelidos hereditários de certas famílias.

Neste caso estão os nomes seguintes: *Antunes, Nunes, Sanches, Martins, Rodrigues, Lopes, Pires, Soares, Bernardes, Alves, Alvares, Muniz, Dias, Fernandes, Mendes, Guedes, Esteves, Garcea, Munhoz* e outros.

Dativo. O dativo exemplifica-se nas palavras *devoto* de *deo* (dativo de *Deus, ei)* e *votam* (acusativo do adjetivo latino *potus, a, um; dado, entregue), crucifixo* do latim *crux, cis* (no dativo do singular) e *fixum* (acusativo de *fixus, a, um,* e que significa literalmente: imagem de Cristo *pregada à cruz)* e o nome próprio *Deodato* ou *Adeodato,* que a letra quer dizer *dado a Deus,* de *datus* (particípio latino *dado)* e *Deo* (dativo do nome *Deus - a Deus),* a que se ajunta a preposição *a,* perdendo-se o valor significativo do caso latino, quando em vez de *Deodato* se diz *Adeodato.*

Nas variações pronominais *mi* (ant.) ou *mim, ti, si,* que, por analogia, também revestiram as formas *tim, sim, lhe,* que também apresenta as formas arcaicas *li, le,* notam-se os indícios dos dativos latinos *mihi, tibi, sibi, ili.*

Acusativo. É o acusativo o caso que deu origem à maior parte dos nomes. As palavras *leão, condição, dicção, religião, lição, sedição, tição, legião, torrente, serpente, tridente, infante, pastor, pintor, condor, sabor, sabão, valor, falcão* vêm evidentemente dos acusativos latinos da terceira declinação *leonem, conditionem, dictionem, religionem, lectionem, seditionem, titionem, legionem, torrentem, serpentem, tridentem, infantem, pastorem, pictorem, condorem, saporém, saponem, valorem, falconem.*

Pensam alguns que é o ablativo o caso de que se formaram os nomes em português, mas, se atentarmos bem nos nomes neutros imparissílabos da terceira declinação latina, veremos que, se fosse o ablativo o caso de que se originam os vocábulos, não teriam as formas que têm no português.

Assim *lado, peito, corpo* vêm dos acusativos *latus, peetus, corpus* e não de *latere, pectore, corpore,* que dariam as formas *ladre, pectre* ou *peitre, corpre.*

Vocativo. Como originários do caso a que chamavam os latinos *vocativo* são raros os nomes.

Põem-no todavia em luz as expressões *Ave-Maria, Salve-rainha, Cantagalo, mira-olho,* em que as formas imperativas *ave, salve, canta, mira,* bem justificam o vocativo dos nomes *Maria, Rainha, galo, olho.*

Este fato encontra explicação em ter sempre a mesma forma no latim o *vocativo* e o *nominativo* em todas as declinações, exceptuados apenas os nomes da segunda declinação, em que, por outra parte, não são poucos os que têm forma idêntica nos dois casos.

Demais disso, nos escritores latinos, ainda falando dos que melhor escreviam, encontra-se a forma nominativa, tendo exatamente o mesmo valor significativo que o vocativo e vice-versa.

Assim é que disse Horácio: «*Almae filius Maiae!*», « *Vós, o Pompilius sanguis*!»; e Tito Livio: «*Audi tu, populus Albanus*!».

Nesses casos os *nominativos* **filius, sanguis, populus** estão empregados em vez do *vocativo.*

Nest'outro, porém, de Virgílio: « *Heu! terra ignota canibus date præda Latinis alitibusque jaces* » o adjetivo **date,** *vocativo,* é empregado pelo nominativo **datus.**

Ablativo. Representam o *ablativo* todos os *advérbios* formados com o sufixo *mente* e muitos outros *advérbios* e fórmulas adverbiadas: *Piamente, devotamente, secretamente, simuladamente, cedo, tarde, longe, perto, breve, logo, certo, presto, como, revera, de indústria, de cadeira, de súbito, de repente, de improviso, ex-ofício, ex-professo, de visu, agora, hoje.*

CAPÍTULO IV

Dos pronomes

Pronomes são palavras que exprimem determinadamente os seres pela ideia de sua pessoa.

Os *pronomes* pertencem à mesma categoria dos *substantivos;* estes caracterizam os seres, designando-os pela ideia de sua natureza; aqueles, designando-os pela ideia de sua pessoa.

Os *pronomes* não são outra coisa mais que *substantivos personativos,* como lhes chamou Lemare.

A maior parte dos gramáticos, levados pelos elementos etimológicos da palavra *pronome* (**pro** e **nomen, inis** - *em lugar do nome),* o definem *uma palavra que se põe em lugar do nome* e o consideram como mero substituto do *nome* ou *substantivo.*

O *pronome,* é verdade, substitui muitas vezes o nome; mas isso nem sempre o faz, nem constitui o seu caráter principal, senão uma função, que lhe é acessória, secundária e acidental.

Quando se diz: *Pedro estuda muito; tu, Antônio, não trabalhas; ele faz progressos; tu não te adiantas,* o pronome *ele* da terceira proposição pode perfeitamente substituir o nome *Pedro* da primeira; mas já não passa o mesmo com referência ao pronome *tu* da segunda e quarta; esse não é meramente um substituto do substantivo *Antônio,* mas tem por função principal denotar que *Antônio* é a pessoa a quem me dirijo.

Do mesmo modo nas proposições: *Eu, Eduardo, estudo e tu, Emilio, não trabalhas,* os pronomes *eu* e *tu* não têm por fim unicamente substituir os nomes *Eduardo* e *Emilio;* têm sim por objeto indicar principalmente que *Eduardo* fala e se dirige a *Emilio.*

O pronome tem por função principal e característica determinar o ser pela ideia precisa de uma relação com o ato da palavra.

Quando se procura determinar a natureza de alguma palavra, não é a seu valor ou sentido etimológico que se deve principalmente mirar, senão à ideia que sugere ao espírito essa palavra, à sua função principal e característica, ao seu valor psicológico.

O pôr-se uma palavra em lugar de outra não é coisa que lhe pertença por essência e naturalmente, senão de modo acidental.

De feito, atendo-nos a etimologia, se o pronome é simplesmente o substituto do nome, é a voz ou palavra que se põe em lugar do nome, como nos inculcam as gramáticas tradicionais, na classe dos pronomes devem incluir-se não só todos os nomes considerados metaforicamente, senão grande número de adjetivos, já determinativos, já atributivos ou qualificativos, tais os adjetivos *meu, teu, seu, nosso, vosso,* todos os adjetivos que exprimem nacionalidade e muitos qualificativos, tais os adjetivos *mariano, celestial, napoleônico, argênteo, platônico, socrático, aristotélico, marmóreo, áureo, julhino, afonsino,* etc.

Chamam-se pessoas (de *personas*, acusativo plural de *persona,æ - papel, personagem)* as várias situações ou os vários papeis dos seres relativamente ao ato da palavra.

Em relação ao ato da palavra são estas as situações do ser; ou representa ele a pessoa que fala, ou a pessoa a quem se fala, ou a de quem se fala.

A primeira situação recebe o nome de *primeira pessoa;* a segunda, de *segunda pessoa;* a última, de *terceira pessoa.*

A *primeira pessoa* é, portanto, a que fala; a *segunda,* aquela com quem se fala; a *terceira,* a de quem se fala.

Dos casos da língua latina, as línguas românicas, depois de constituídas, não conservaram nos nomes senão o *caso regime.*

Ainda nos séculos 11, 12 e 13 era conhecida no dialeto *romano-língua d'oïl* das províncias setentrionais da França, a declinação de dois casos: *caso sujeito* e *caso regime,* que desapareceu de todo no século 14. No que, porém, concerne aos pronomes, é evidente a conservação no português e nas línguas românicas do *caso sujeito* e do *caso regime.*

Os pronomes da *primeira pessoa* assim se declinam:

Singular	*Caso Sujeito: Eu* *Caso Regime: Me, mim, migo.*	Plural	*Caso Sujeito: Nós.* *Caso Regime: Nos, nosco.*

Os pronomes da segunda pessoa assim se declinam:

Singular	*Caso Sujeito: Tu.* *Caso Regime: Te, Ti, tigo.*	Plural	*Caso Sujeito: Vós.* *Caso Regime: Vos, vosco.*

Os pronomes da terceira pessoa assim se declinam:

Singular	*Caso Sujeito: Ele, ela.* *Caso Regime: Se, si, sigo, o, a.*	Plural	*Caso Sujeito: Eles, elas.* *Caso Regime: Se, si, os, as*

Eu, tu, ele, ela, eles, elas, nos, vos, correspondentes ao caso nominativo dos pronomes latinos, chamam-se variações *diretas;* todas as mais variações pronominais recebem a denominação de *oblíquas.*

As variações *mim, ti, si,* andam sempre acompanhadas de uma preposição, que indica as relações de que são sinais: *De mim, para mim, por mim, de ti, por ti, de si, para si, por si.*

As variações *migo, tigo, sigo, nosco, vosco,* no uso atual da língua, vêm sempre associadas com a preposição *com: Comigo, contigo, consigo, conosco, convosco.*

Dessas variações usaram os escritores antigos, desacompanhadas da preposição *com,* dizendo *migo, tigo, sigo,* à semelhança do que ocorre no italiano, que emprega as formas: *meco, teco, seco, nosco, vosco,* sem lhes adicionar a dita preposição.

Com efeito, o emprego da preposição *com* antes dessas variações é pleonástico, por já encerrarem todas a preposição *cum* em sua composição.

As variações átonas *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes,* empregam-se sem preposição.

Essas são *proclíticas* ou *enclíticas,* conforme se submetem ao acento da palavra que lhes segue ou da que lhes precede: *Tito* **lhe** *rendeu sempre homenagem, Márcio deu-***lhe** *muitos parabéns;* na primeira proposição é o **lhe** *proclítico* e *enclítico* na segunda.

A maioria dos gramáticos antigos e modernos estendem a denominação de *pronomes* a outras palavras, que colocamos já na categoria dos *substantivos,* já na dos *adjetivos;* tais, entre outras, as palavras *isto, isso, aquilo, tudo, outrem, quem, ninguém, al, algo, nada, que, o qual, cujo, meu, teu, seu, este, esse, aquele.*

Pensando assim, distinguem entre os pronomes os *pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos* ou *conjuntivos* e *indefinitos.*

A nós parece-nos, porém, que só merecem essa denominação os geralmente chamados *pessoais,* a que chamaremos simplesmente *pronomes,* pela razão de serem esses os únicos que designam determinadamente os seres pela ideia de sua pessoa, sendo redundante o epíteto *pessoais,* por isso que todos o são em rigor.

Não se nos afigura também lógico considerar a mesma palavra, como o fazem alguns, ora como *pronome,* ora como *adjetivo,* segundo se emprega absolutamente ou vem unida a um substantivo. As palavras *este, esse, aquele, meu, teu, seu* não mudam de natureza nas expressões seguintes: **esse** *m'o afirmou,* **esse** *homem mo afirmou,* **meu** *livro e o* **teu; teu** *caráter e o* **seu**; **este** *homem é* **meu** *parente;* **aquele** *é-me de todo desconhecido,* **seu** *caráter e ilibado;* **este** *é o seu chapéu, o* **seu**, **aquele**.

Até o século 16 e mais raramente depois, uso era entre os nossos clássicos o emprego da variação pronominal átona *lhe,* já para indicar a singularidade ou unidade, já para indicar a pluralidade. São mui frequentes os exemplos desse emprego em Camões, Lucena, no século 16 e raros nos séculos posteriores.

Atestam-nos isso os seguintes passos:

«Aos que tudo põem em falar, quem faz que não ouve os açama;
quem *lhe* responde, os acende» (Lucena).
«Os padres *lhe* diziam a eles as coisas da fé» (Idem).
«Recebendo os companheiros, quis, por *lhe* fazer mais mercê, que
defendessem ali algumas conclusões» (Idem).

« Comendo alegremente perguntavam
Pela arábica língua donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos *lhe* tornavam
As discretas respostas que convinham:
Os portugueses somos do ocidente,
Imos buscando as terras do oriente»
(Cam.)

«Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, enquanto pasto *lhe* buscava,
O pastor de Marsilha lh'os roubava.»
(Idem).

«Vinde salvar estes pardais castiços
Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas »
(Bocage).

«Acontece-lhe aqui aos moradores o mesmo que aos pilotos, que
nenhum sabe em que altura esta » (Vieira).

As variações *me, te, lhe, lhes, nos, vos,* quando se unem ao pronome *o, a, os, as,* combinam-se do modo descrito no quadro 8, adiante.

Nenhuma dessas variações átonas pode figurar como palavra inicial no rosto de uma frase; assim é que as proposições tão frequentemente ouvidas na boca

Me	*o*	*m'o*	*Lhes*	*o*	*lh'o*
Me	*a*	*m'a*	*Lhes*	*a*	*lh'a*
Me	*os*	*m'os*	*Lhes*	*os*	*lh'os*
Me	*as*	*m'as*	*Lhes*	*as*	*lh'as*
Te	*o*	*t'os*	*Nos*	*o*	*nol'o*
Te	*a*	*t'a*	*Nos*	*a*	*nol'a*
Te	*os*	*t'os*	*Nos*	*os*	*nol'os*
Te	*as*	*t'as*	*Nos*	*as*	*nol'as*
Lhe	*o*	*lh'o*	*Vos*	*o*	*vol'o*
Lhe	*a*	*lh´a*	*Vos*	*a*	*vol'a*
Lhe	*os*	*lh'os*	*Vos*	*os*	*vol'os*
Lhe	*as*	*lh'as*	*Vos*	*as*	*vol'as*

Figura 8: Variações dos pronomes conforme sua contração

do povo *me deixe, me parece* devem substituir-se pelas frases portuguesas *deixe-me, parece-me.*

Conhecem-se, todavia, a expressão popular, imprecativa: «*me melem,* se eu fizer isso» e a locução interjetiva: *t'arrenego!*

«Me *melem,* se eu percebo o tal conluio» (Cast.)

Ambos esses modos de dizer são notados por J. Ribeiro em sua excelente **Grammatica Portugueza**.

Notemos, porém, que na locução interjetiva *t'arrenego!* a proclítica se une e aglutina tão intimamente ao verbo, que constitui com ele uma só palavra. Ao ouvido não soa o *e* da proclítica *te,* senão o som *tar,* constituindo a primeira sílaba da expressão. O desvio da regra é aqui apenas aparente.

Eu faz no plural *eus,* quando empregado como substantivo:

«Em mim há dois *eus,* um segundo a carne e outro segundo o espírito
» (F. Mendes).

Esse vocábulo vindo depois do adjetivo *outro* é invariável, ainda empregado como complemento.

Assim é que se diz em português: *nele terás, nele verás outro* **eu** *e não outro* **mim.**

A razão é que em tais casos perde o vocábulo o seu valor pronominal, assumindo o caráter de substantivo.

É ainda substantivo o mesmo vocábulo nas expressões *o* **eu**, *o não* **eu**.

Não é logo para imitar a seguinte sentença de Bernardim Ribeiro:

> «Após mim não há *outro mim*», em vez de «após mim não há *outro eu*».

A forma pronominal *eu* não pode ser regida de preposição alguma: quando pelas circunstâncias do discurso vier uma preposição precedendo imediatamente a forma pronominal *eu,* essa preposição não regerá o pronome *eu,* senão o elemento gramatical que se lhe seguir. É incorreto, portanto, dizer: «Pedro emprestou-me dinheiro **para mim** comprar uma casa », em lugar de «**para eu** comprar»; a preposição *para* não rege aqui o pronome *eu,* senão a forma verbal infinitiva que se lhe segue.

Para exprimir enfática e distintamente os pronomes *eu, tu, ele, nós, vos, eles, elas* e suas variações tônicas, costuma nossa língua ajuntar-lhes os adjetivos *mesmo, mesma, mesmos, mesmas: «Eu mesmo* o vi; *tu mesmo* o ouviste; ele *mesmo* o disse, *nós mesmos* o abandonamos, a *ti mesmo ele* desobedeceu; a *si mesmo ele* desconheceu; em tal conjunção vós *mesmos* o censurastes» etc.

Os pronomes da primeira e da segunda pessoa não têm inflexão distinta para exprimir o gênero, ao passo que é manifesta essa distinção no que respeita aos pronomes da terceira pessoa. Diz-se *eu, tu,* no singular; *nós, vós,* no plural, sendo a mesma flexão singular ou plural comum aos dois gêneros; mas, empregando desinências diferentes para indicar a diferença dos gêneros, dizemos *ele, ela,* no singular; *eles, elas,* no plural.

> «A razão», diz Stoddart, em sua excelente **Glossology**, «é que, sendo suficientemente conhecidas a primeira e a segunda pessoa como presentes uma à outra, é supérflua a mudança de terminação para indicar a distinção dos gêneros, já bem estabelecida pelas circunstâncias especiais do discurso; *Demonstratio ipsa secum genus ostendit*».

Já não corre o mesmo com os pronomes de terceira pessoa: designando esses geralmente pessoas ausentes, têm necessidade de tais distinções para a inteligência, precisão e clareza do discurso.

Todos os pronomes e, mais que todos, os da primeira e segunda pessoa, são acompanhados de uma ideia de indicação precisa, externada de ordinário por um gesto, que traduz materialmente e com viva expressão a ideia da relação por eles significada.

Induzido por esse fato foi que aos pronomes deu Darmesteter[65] a denominação, que ele mesmo considera paradoxal, de *gestos falados.*

65. A. Demester. **Cours de Grammaire Historique de la Langue Française.**

Em nenhum ponto da linguagem falada mais do que neste se manifesta e evidência tanto o estreito consórcio entre essa e a linguagem dos gestos, que é tanto mais predominante, quanto mais nos aproximamos do desenvolvimento inicial da linguagem articulada, que tão pobre, escassa, minguada e deficiente de princípio deverá de ser, em concerto com as primeiras necessidades da humanidade, encontrando nos gestos naturais sua explanação, seu complemento e precisão.

Essa mesma indicação precisa, esse *gesto falado,* segundo a feliz concepção do gramático já citado, notam-se igualmente nos adjetivos *este, esse, aquele, meu, teu, seu, nosso, vosso,* e nos advérbios *aqui, aí, ali, acolá,* pela relação que têm com os pronomes da primeira, segunda e terceira pessoa. Donde, porventura, a razão por que não somente são por alguns denominados *pronominais* aqueles adjetivos, mas também os mesmos advérbios aqui apontados.

*
* *

Origens latinas - Os pronomes em português e em todas as línguas romanas originam-se dos pronomes latinos correspondentes.

Para a primeira pessoa tinham os latinos o pronome *ego* no singular e *nos* no plural, em todas as suas variações diretas ou oblíquas; para a segunda pessoa possuíam o pronome *tu* no singular e *vos* no plural, empregando-os nos seus vários casos. Para exprimirem, porém, a terceira pessoa, não recorriam somente ao seu demonstrativo *ile,* de que as línguas derivadas do latim tiraram o seu pronome da terceira pessoa, senão também aos adjetivos *hic, haec, hoct iste, ista, istud; ipse, ipsa, ipsum; idem, cadem, idem.*

O pronome português *tu* tem por étimo o nominativo singular do pronome latino *ego.*

Precederam a forma *eu* as arcaicas *ei, iet,* notadas no primeiro século de formação da nossa língua.

Esta última forma do pronome *ego* encontra-se igualmente no francês primitivo, donde mais tarde as formas *jèo, jeo, jo, jou* e finalmente ***je,*** que modernamente caracteriza a primeira pessoa do singular do pronome francês.

Mim, antigo *mi,* origina-se do dativo do singular latino *mihi; me,* do acusativo latino *me; migo (com),* do ablativo latino *mecum.*

Nós provém do nominativo latino *nos; nos,* do acusativo *no; nosco (com),* do ablativo *noscum,* contração de *nobiscum.*

Tu deriva do nominativo latino *tu; ti,* do dativo *tibi; te,* do acusativo *te; tigo* (com), de *tecum,* ablativo latino.

Vós dimana do nominativo latino *vos; vos,* do acusativo *vos; vosco* (*com),* de *voscum,* contração de *vobiscum,* ablativo latino.

Ele, ela, formas masculina e feminina dos pronomes portugueses da terceira pessoa, originam-se dos nominativos *ille, illa, elles, ellas,* das formas latinas *ili, ilas, o, a,* que apresentavam as variantes antigas *lo, la,* do acusativo *illum, illam, os, as* (*los, las,* formas antigas), de *illos, illas, lhe,* de *illi huic* ou *ill'hui,* que se funde na forma *illui,* não raramente encontrada nas inscrições.

O mesmo pronome português *lhe,* usado antigamente sob a mesma forma, no singular e plural apresenta nos primeiros documentos da língua as formas *le, les, li, lhi, ly* e unido às variações pronominais *o, a* (antigas *lo la),* as formas igualmente antigas *lhe-lo, lhi-lo, lhe-la, lhi-la.*

Os pronomes pessoais recíprocos ou reflexos *se, si, sigo,* têm seu étimo nas formas latinas correspondentes *sibi, se, secum.*

Por analogia com a forma pronominal *mim* da primeira pessoa encontram-se as formas dialetais *tim,* por *ti, sim,* por *si* para os pronomes da segunda e da terceira pessoa.

CAPÍTULO V

Dos adjetivos

I

Adjetivos são palavras que indicam seres indeterminados, designando-os por uma ideia acidental a natureza comum, indicada pelo apelativo.

Pertence essa espécie de palavras à classe dos *modificativos,* a qual compreende igualmente os *verbos* e os *advérbios.*

Há duas classes de adjetivos: *qualificativos* ou *atributivos* e *determinativos* ou *artigos,* chamados também *articulares* ou *extensivos.*

Adjetivos qualificativos são os que modificam a compreensão dos nomes apelativos sem lhes determinar a extensão; **determinativos** são os que determinam a extensão dos apelativos sem nada lhes ajuntar à compreensão.

Os primeiros não fazem aplicação aos indivíduos da natureza comum indicada pelo nome; essa aplicação fazem-na os segundos.

Os adjetivos, pois, ou qualificam, ou explicam, ou limitam e definem os substantivos.

São *adjetivos qualificativos: bom, mau, justo, bonito, belo, grande, honesto, mole, duro, quente, frio, doce, amargo, verde, rubro, branco, azul, negro, útil, necessário, possível, perfeito, infinito, imenso, eterno.*

São *determinativos: o, a, os, as, todo, nenhum, cada, um, uma, algum, dois, três, quatro, primeiro, segundo, terceiro, este, esse, aquele, meu, teu, seu, qual, cujo.*

Quando, por exemplo, dizemos *flor, homem,* os nomes *flor, homem* indicam a ideia geral de uma natureza comum a muitos indivíduos, a cada um dos quais chamamos *flor, homem.*

Se a cada um desses nomes gerais acrescentarmos os adjetivos qualificativos *cheirosa, polido,* as palavras *flor, homem* ainda são gerais e abstratas, mas ajuntamos à compreensão da primeira a qualidade acessória significada pelo vocábulo *cheirosa* e à compreensão da segunda a qualidade acessória, exprimida pelo adjetivo *polido.*

Quando, porém, dizemos *esta flor, aquele homem, uma flor, dois homens,* os adjetivos *esta, aquele, uma, dois,* fazem aplicação da natureza comum exprimida pelos dois substantivos *flor, homem* a indivíduos determinados, que mostramos e apontamos ou distinguimos e tiramos de um número indefinido e indiscriminado de indivíduos.

Bem que alguns escritores modernos, e entre eles Darmesteter, julguem não existir diferença fundamental entre os *substantivos* e os *adjetivos,* capitulando essas duas espécies de palavras na classe dos *nomes,* subdividindo-os em *nomes substantivos* e *nomes adjetivos,* somos que, correspondendo o *adjetivo* a uma categoria lógica diversa, devem os *substantivos* ser estudados em separado e discriminadamente, constituindo esses dois elementos gramaticais duas categorias distintas.

De feito, uma coisa é o ser, o sujeito, com o conjunto de qualidades que confusamente se nos antolham e lhe caracterizam a natureza, outra coisa são as qualidades desse ser consideradas abstratamente, independentes do sujeito ou substância que lhes serve de apoio e *substratus.*

O fato atestado por Jonathan Edwards sobre a linguagem dos mohegans, tribo de indígenas da América do Norte, verificado por Lord Monboddo, relativamente no idioma dos hurões, da falta absoluta deste elemento gramatical no vocabulário dos idiomas desses dois povos, reduz-se, quando muito, à asserção que ambos esses povos empregam a mesma palavra, já como substantivo, já como adjetivo; o contrário seria, como bem pondera Stoddart, sustentar o absurdo de que eles não distinguem o sujeito do predicado ou a substância da qualidade.

Assim como todo o predicado, toda a qualidade, toda a maneira de ser se refere sempre a um sujeito, a uma substância, assim todo o adjetivo se ajunta ao substantivo que ele modifica e essencialmente supõe.

Os adjetivos, por isso que são abstrações, não têm propriamente nem *gênero,* nem *número;* mas recebem as flexões relativas ao gênero e ao número dos substantivos a que se ajuntam, para melhor firmar, acentuar e assentar mais precisamente as relações que com esses estabelecem e entretêm.

Em algumas línguas como na *inglesa,* é o adjetivo sempre invariável. No *português,* porém, no *espanhol,* no *italiano,* no *francês,* no *latim* e em todas as línguas de procedência latina admite o adjetivo os mesmos acidentes de gênero e número que os substantivos, mas enquanto essas modificações são próprias dos substantivos, só as têm os adjetivos em relação com esses elementos gramaticais, a que se acostam, modificando-os.

Indicando os nomes próprios naturezas individuais, que em si mesmas têm todas as determinações e restrições, não hão mister modificados e restringidos pelo adjetivo.

Por esta razão é que todas as vezes que junto a um desses nomes vier um adjetivo, este não modificara efetivamente o nome próprio, senão o apelativo que designa a classe ou espécie a que esse pertence. Quando dizemos: *Napoleão era intrépido, Tito era bom, Nero era cruel, Santos Dumont é ousado,* não significam

essas proposições: *Napoleão era Napoleão intrépido; Tito era bom Tito, Nero era Nero cruel, Santos Dumont é Santos Dumont ousado,* senão o seguinte: *Napoleão era um general intrépido, Tito era um bom imperador; Nero era um imperador cruel; Santos Dumont é um aeronauta ousado.*

O adjetivo, pois, não modifica os nomes *próprios,* mas os *apelativos,* que, significando naturezas comuns, pelo vago mesmo de sua significação, hão mister determinados.

II

Da flexão dos adjetivos; gênero, número e grau dos adjetivos qualificativos

a) Do gênero

Adjetivos há em português que têm uma só forma para os dois gêneros; outros há que têm duas, uma para o *masculino,* outra para o *feminino.*

Não os há, porém, de três formas.

Isto, isso, aquilo, tudo, al, algo (ant.) não são, já o dissemos, adjetivos, mas verdadeiros nomes ou substantivos, em que transparece o gênero neutro do latim.

Quase todos os adjetivos portugueses de duas formas, mais numerosos que os de uma só forma, correspondem aos adjetivos latinos da primeira classe; os de uma só forma, porém, correspondem, pela maior parte, aos latinos da segunda classe.

Assim é que os adjetivos portugueses *belo, bela, formoso, formosa, ditoso, ditosa, alvo, alva rouco, rouca, novo, nova, cálido, cálida, roxo, roxa, grosso, grossa, graxo, graxa, negro, negra, brando, branda, um, uma, todo, toda*' correspondem ao latim *belum, belam, formosum, formosam, ditosum, ditosam, album, albam, raucum, raucam, novum, novam, cealidum, calidam, rubidum, rubidam, grossum, grossam, crassum, crassam, nigrum, nigram, blandum, blandam, anum, unam, totum, totam.*

Ao contrário, os adjetivos portugueses *doce, grave, grande, prudente, clemente, dormente, frágil, dócil, comum, amável, nacional, liberal,* que em português só têm uma forma, correspondem aos latinos da segunda classe *dulcem, gravem, grandem, prudentem, elementem, dormientem, fragilem, docilem, comunem, amabilem, nationalem, liberalem.*

Já na língua latina, depois da época imperial, alguns desses adjetivos da segunda classe se moldavam pelos da primeira, cujo tipo era *justas, justa, justum.* Assim é que no latim das *galias comunis* se mudou em *comunus, molis,* em *molus* etc.

Há, todavia, em português adjetivos de uma só forma, que correspondem aos latinos da primeira classe, como o adjetivo *só* do latim *solus, sola, solam;* o adjetivo *salubre* de *saluber, salubris, salubre.*

Os adjetivos qualificativos terminados em *e, a* têm uma só forma para ambos os gêneros: *Grave, leve, pobre, nobre, verde, leve, extreme, mole, chué, indene, idiota, janota, ateísta, belga, persa, catita.*

Os adjetivos em *al, el, il, ul, ar, az, iz, oz, uz* têm igualmente uma só terminação para os dois gêneros: *Liberal, parcial, trivial, especial, nacional, amável, móvel, volúvel, amorável, adorável, dócil, fértil, gentil, pênsil, grácil, civil, fácil, azul, curul, singular, particular, muar, falaz, audaz, voraz, vivaz, mordaz, capaz, feliz, matriz, motriz, veloz, lapuz.*

Andaluz, porém, faz *andaluza.*

Os que terminam em *m* ou *n* são uniformes: *Afim, comum, jovem, gran* (em composição de expressões designativas de títulos, dignidades), *cabrum, gatum, ovelhum, vacum, malsim, ruim.*

Exceptuam-se os adjetivos *bom,* que faz na terminação feminina *boa; um,* cuja forma feminina é *uma, algum, nenhum,* que se dizem na forma feminina *alguma, nenhuma.*

Se terminar o adjetivo em *eo* ou *eu,* mudará diversamente essa terminação, passando ao feminino: *Judeo* ou *judeu, sandeo* ou *sandeu, tabaréo* ou *tabaréu* fazem no feminino *judia, sandia, tabaroa.*

Europeu, hebreu, cananeu, filisteu, eritreu, ateu, plebeu, idumeu, fazem na terminação feminina *europeia, hebreia, cananeia, filisteia, eritreia, ateia, plebeia, idumeia.*

Ilhéu faz *ilhoa, réu* faz *ré.*

Os acabados em *ão* perdem o *o,* passando para o feminino: *São, sã, loução, loução, temporão, temporã, comarcão, comarcã.*

Aos terminados em *u* acrescenta-se um *a* para o feminino: *Nu, nua, cru, crua.*

Mau faz na terminação feminina *má.*

Os acabados em *ês, ol, or,* tomam um *a* na terminação feminina: *Português, francês, inglês, dinamarquês, espanhol, imorredor, amador, encantador,* fazem, passando para o feminino, *portuguesa, francesa, inglesa, dinamarquesa, espanhola, imorredora, amadora, encantadora.*

Exceptuam-se os adjetivos *cortês, montês, pedrês, bicolor, tricolor, incolor* e os comparativos sintéticos *citerior, exterior, interior, inferior, superior, anterior, posterior, ulterior, melhor, pior, menor, maior,* que só têm uma forma.

Dos adjetivos em *or* alguns há que admitem já a desinência *ora,* já a desinência *triz* para a forma feminina: *Diretor, diretora, diretriz; gerador, geradora, geratriz; motor, motora, motriz,* outros dos terminados na mesma desinência *or* mudam-

na em *ora* ou *eira: Trabalhador, trabalhadora, trabalhadeira, obsequiador, obsequiadora, obsequiadeira, agasalhador, agasalhadora, agasalhadeira, trepador, trepadora, trepadeira, enredador, enredadora, enredadeira.*

Os nossos escritores antigos até o século 16 faziam a terminação *or* comum aos dois gêneros, dizendo: *homem pecador, mulher pecador.*

Sirvam-nos de exemplos os seguintes passos, encontrados nos **Inéditos de Alcobaça**, em Fernão Lopes, Arraiz, Barros e outros:

«E suspeitou que era mulher pecador » (Ined. d'Aleob,)
«Arte imitador da natureza » (Arraiz).
«A mais feroz gente e mais sabedor na guerra » (Fern. Lopes).
«Maria, sua manceba, morador em Lisboa » (Idem).
«Letras conservadores de todas as boas obras » (Barros)
«Mente honrador de Deus» (Perf. da Vid. Mon.)
«Eu sou má ledor de letra tirada » (Ferreira).

Davam igualmente uma só forma aos adjetivos em *ol,* dizendo *língua espanhol* e não *espanhola,* como hoje se diz.

b) Do número

As regras da formação do plural dos adjetivos são, em geral, as mesmas que respeitam ao plural dos substantivos; e no que toca aos adjetivos compostos releva atentar nas seguintes observações:

Quando o adjetivo se compõe de dois elementos, ligados ou não pela risca de união, é de ordinário o segundo elemento componente que toma a nota do plural.

O primeiro desses elementos, sendo palavra variável, poderá ser modificado em sua forma para formar o adjetivo composto: *Altitonante, altitonantes; altissonante, altissonantes; ambidextro, ambidextros; azul claro, azul claros; primeiranista, primeiranistas; boquiaberto, boquiabertos, boquicheio, boquicheios, boquissedento, boquissedentos; pernilongo, pernilongos, pernalto, pernaltos; boquimole, boquimoles, boquitorto, boquitortos; olhinegro, olhinegros, olhizaino, olhizainos, olhibranco, olhibrancos, olhizarco, olhizarcos; pernicurto, pernicurtos; manirroto, manirrotos; verdenegro, verde-negros; unigênito, unigênitos uníssono, uníssonos unissonante, unissonantes; altíssono, altíssonos, altilóquio, altilóquios; unilobado, unilobados unilateral, unilaterais, unipessoal, unipessoais; grandilóquio, grandilóquios; unilocular, uniloculares, unissexual, unissexuais, undíssono, undíssonos; albicaule, albicaules, alvi-*

nitente, alvinitentes; clarividente, clarividentes; sarapintado, sarapintados; longuimano, longuimanos; malcheirante, malcheirantes; médico-cirúrgico, médico-cirúrgicos; agrodoce ou *agridoce, agrodoces* ou *agridoces; novolatino* ou *novilatino, novolatinos, novilatinos, romano-céltico, romano-célticos; rubi-cristata, rubi-cristatas; primogênito, primogênitos; secundo-gênito, secundo-gênitos; luso-brasileiro, luso-brasileiros; anglo-americano, anglo-americanos, anglo-normando, anglo-normandos; hispanobrasileiro, hispanobrasileiros; poético-musical, poético-musicais; mal-ensinado, mal-ensinados; benfalante, bem-falantes; malcriado, malcriados; meio-aberto, meio-abertos; semimorto, semimortos; recém-nascido, recém-nascidos, recém-Cristão, recém-Cristãos, recém-chegado, recém-chegados; todo-poderoso, todo-poderosos; tragicômico, tragicômicos; franco-português, franco-portugueses; amplocrinito, amplo-crinitos; novocomense, novocomenses.*

Diz-se, porém, os *surdos-mudos* e não os *surdomudos.*

Não devendo variar o vocábulo *meio,* posto antes de um adjetivo para o modificar, por isso que representa então o papel de advérbio, encontra-se, todavia, com terminação variável nos nossos melhores escritores, levando-se porventura tal variabilidade à conta da eufonia.

«Iam cansados da briga e meios mortos de medo » (Luc.)
« Meios enterrados nas lapas e covas das feras » (Idem).
«E meios afogados nos foram os mares rolando » (Idem).
«Espada meia desembainhada » (Cam.)
«Edifícios meios cobertos de areia » (Barros)
«Aqueles ossos meios descarnados» (Vieira)
«Pequena e triste povoação de poucos vizinhos com habitações meias enterradas em parte » (Rebelo da Silva).

Com muita propriedade e exação empregou o vocábulo *meio* o Padre Antônio Vieira, já variando-o, já tornando-o invariável, no seguinte excerto, em que essa palavra representa duas categorias gramaticais diferentes:

«E porque eram, ou foram ou haviam de ser aquelas línguas partidas? Eram línguas partidas, não só, porque eram muitas línguas, senão porque eram línguas e *meias* línguas, como as que ele arremedava. *Meias línguas,* porque eram *meio europeias* e *meio indianas; meias línguas,* porque eram *meio-políticas* e *meio-bárbaras; meias línguas,* porque eram *meio-portuguesas* e *meio* de todas as outras nações, que as pronunciavam e mastigavam a seu modo» (*Sermões*).

Vários adjetivos compostos há formados pelos sufixos átonos de origem latina *voro, paro, figo, frago, fero, peto, fico, colo, cida, loquo,* dos verbos latinos *vorare* (comer); *parere* (produzir, gerar); *fugere* (fugir); *frangere* (quebrar); *ferre* (levar, trazer); *petere* (pedir, buscar); *facere* (fazer); *colere* (cultivar); *cædere* (matar); *loqui* (falar), empregados principalmente em linguagem erudita: *Carnívoro, herbívoro, onívoro, frugívoro, insetívoro, ovíparo, vivíparo, centrífugo, vermífugo, saxífrago, argentífero, centrípeto, aurífero, pacífico, prolífico, vinícolo, vitícolo, infanticida, liberticida, homicida, grandilóquo, altilóquo, brandilóquo.*

c) Do grau

Grau do adjetivo é a propriedade que tem este de, por si mesmo e sem auxílio de outra palavra, acrescentar {a ideia fundamental por ele significada a ideia de uma relação com uma medida qualquer geral ou particular.

Há nos adjetivos três graus de significação: **positivo, comparativo** e **superlativo.**

O **positivo** indica uma ideia de igualdade com a medida geral ou padrão comum, que nos serve de unidade comparativa: *Bom, mau, grande, pequeno.*

O **comparativo** indica uma ideia de superioridade relativa à medida geral ou a qualquer outra medida: *Melhor, pior, maior, menor.*

O **superlativo** indica uma ideia de abundância, relativamente à medida geral; é o mesmo positivo considerado no seu mais elevado grau; *Boníssimo, ótimo, malíssimo, péssimo, grandíssimo, máximo, pequeníssimo, mínimo.*

São *comparativos* as palavras: *júnior, sênior, major, inferior, superior, exterior, interior, anterior, posterior, prior, ulterior, citerior;* são *superlativos: ínfimo, supremo, sumo, supérrimo, último, próximo, primo, primeiro, póstumo.*

Nestes *superlativos* e *comparativos* tem-se de alguma sorte obliterado o sentido gradual de que eram sinais, empregando-se como meros adjetivos e outros até como substantivos, tais os vocábulos *maior, menor* (em sentido jurídico), *major, prior, senhor,* correspondentes aos comparativos latinos *majorem, minorem, priorem, seniorem.*

No latim mesmo, em que Cícero e César, oráculos do bom dizer do seu tempo, lançavam mão do adjetivo *proximus,* dando-lhe um sentido superlativo, dizendo: «*Hane viam ad gloriam* **proximam** *et quase compendiariam dicebat esse*», «*Qua* **proximum** *iter in Gallium per Alpes erat*», já se encontravam escritores, nos séculos que se seguiram a era Cristã, que ao mesmo vocábulo davam a forma comparativa, dizendo **proximior,** donde se vê que no latim se foi a pouco e pouco perdendo o sentido superlativo que de princípio se lhe atribuía.

Origens latinas - Os vocábulos *júnior, sênior, senhor, major, maior, menor, melhor, pior, superior, inferior, exterior, interior, prior, posterior, anterior, ulterior, citerior, ótimo, malíssimo, péssimo, grandíssimo, máximo, último, mínimo, ínfimo, sumo, supremo, supérrimo, próximo,* provêm dos vocábulos latinos: *junior, senior, seniorem* (acusat.), *majorem, minorem, meliorem, pejorem, superiorem, inferiorem, exteriorem, interiorem, priorem, posteriorem, anteriorem, ulteriorem, citeriorem, optimum, malissimum, pessimum, grandissimum, maximum, últimum, minimum, infimam, sumum, supremum, superrimum, proximum.*

*
* *

As variações graduais, tomadas no sentido a que acima aludimos, pertencem exclusivamente aos adjetivos: os substantivos pela sua natureza mesma não as podem admitir.

Quando dizemos: *Pedro é mais homem que Antônio, Jorge é tão cordeiro, quanto é leão seu filho,* as palavras *homem, cordeiro, leão* são adjetivos ou atributivos, que separam da compreensão dos nomes *homem, cordeiro, leão* os atributos *coragem, brandura, valentia;* equivalendo às expressões *mais homem, tão cordeiro, quanto é leão* a est'outras: *mais valente,* ou *corajoso, tão manso, quanto é bravo ou feroz.*

Emprega-se, todavia, por analogia, o vocábulo *generalíssimo,* no sentido de general *chefe do exército,* e, só em linguagem chula e familiar, a palavra *coisíssima,* à imitação do que fez Plauto em latim, escrevendo a palavra *oculissimus* como superlativo de *oculus,* para designar uma pessoa em extremo querida e amada: « *Salve,* **oculissime** *homo*».

Muitos adjetivos há que não admitem *comparativos* nem *superlativos.*

Assim é que não admitem essas variações graduais os *adjetivos determinativos* e muitos *qualificativos* que, tendo já por si um sentido superlativo ou indicando sempre coisas definidas, não podem admitir sinais indicativos de intensão nem remissão, aos quais se devem acrescentar todos os adjetivos que exprimem matéria, como o atestam os adjetivos seguintes: *duplo, médio, angular, triangular, lateral, férreo, áureo, argênteo, plúmbeo, cúpreo, ebúrneo, maternal, fraternal, filial, vernal, celestial, imortal, vivo, morto, nascido, casado, solteiro, deputado, diurno, diário, noturno, diuturno, vespertino, brasileiro, francês, americano, principal, perene, perpétuo, absoluto, imenso, ilimitado, eterno, divino, físico, infinito, preferível, absurdo.*

Se nos escritores se encontram os adjetivos *certíssimo, imensíssimo, supremíssimo, perfeitíssimo, ilimitadíssimo, pereníssimo, diviníssimo, principalíssimo, mortalíssimo, portuguesíssimo, latiníssimo,* as desinências superlativas são em tais casos puramente pleonásticas, nada acrescentando à ideia exprimida pelo adjetivo em sua forma positiva.

Esses modos de exprimir a ideia, encarecendo-a, não eram alheios da língua latina, onde se requintava o conceito exprimido por tais vocábulos, recorrendo ao mesmo artifício ou apondo-lhes os advérbios *multo, longe, vel, quam, quan maxime, vel maxime, vel plurimum* e outras expressões, para relevar e encarecer a ideia por eles indicada. Assim é que se nos deparam nos escritores latinos as expressões *infinitior, perpetuior, perpetuissimus, longe nobilissimus, multo formosissimus, longe ditissimus, vel minimum, vel maximum, longe plurimum, multo optimus, multo máxima pars, multo pulcherrimum, multo maxime, multo utilissima, multo fœdissimum, quam plurimum, quam diligentissimus, quam maxime*[66].

Em João de Barros, Vieira, Castilho Antônio e outros muitos escritores amiúde se topam as expressões *mais principal, tão principal, principalíssimo, muito primo, muito reverendíssimo, muito mínimo, mais mínimo,* como nos mostram os seguintes lances:

«Fica aqui uma parte a mais principal desta lição da História» (Barros - Décadas).
«Membro tão principal daquela casa » (Veira - Cartas).
«Artífice muito primo neste gênero » (Cast.)
« Duas excelências principalíssimas caracterizam o nosso autor » (Castilho - Telas Literárias).
«Muito reverendíssimo padre Fr. Thomé da Conceição» (Vieira - Cartas)
«Por muito mínimo que fosse» (Fern. Mendes Pinto - Peregr.)
«Tão mínimo como um átomo» (Vieira - Sermões)
«Não desmerecia no mais mínimo o conceito, que nestes pontos de heroica impavidez havia conquistado » (Lat. Coelho-*Elog. Acad.)*

O uso, outrossim, consagrou a frase portuguesa, tão trilhada e conhecida, *mais morto que vivo* e os *superlativos mesmíssimo, pouquíssimo, muitíssimo, tantíssimo.*

«De tudo que ali havia e que era tantíssimo, quase que só eu resto» (A. Cast. - O Outono).
«Tantos brados da imprensa lhe deram o sentido vale, e em tantíssimas casas se chorou a sua partida » (Id. *Ibid.*)

66. Em César encontram-se os seguintes exemplos: « *Longe nobilissimus et ditissimus aud Helvetios*»; em Cícero: « *Longe plurimum ingenio valuisse videtur*»; «*plurimum et longe longeque plurimum*»; «*quam plurimo vendere*»; «*infinitior distributio*» e em Catullo: «*perpetuíssimo curriculo*».

Os *superlativos* formam-se em nossa língua do modo seguinte:

Se termina o adjetivo em vogal, cerceia-se-lhe a vogal antes de acrescentar o sufixo *íssimo: Lindo, lindíssimo; formoso, formosíssimos justo, justíssimo.*

Exceptuam-se os adjetivos: *celebre, sagrado, frio, magnífico, malédico, benévolo, benéfico, mirífico, mísero, sábio, livre,* que fazem *celebérrimo, sacratíssimo, frigidíssimo, magnificentíssimo, maledicentíssimo, benevolentíssimo, beneficentíssimo, mirificentíssimo, misérrimo, sapientíssimo, libérrimo.*

Os adjetivos terminados em *co, go,* mudam estas desinências em *qu, ga* ou *e,* antes da desinência superlativa: *Rico, antigo, vago, amigo, parco,* fazem no superlativo *riquíssimo, antiquíssimo, vaguíssimo, amicíssimo, parcíssimo.*

Aos terminados em *ão* suprime-se-lhes o *o* final ou muda-se-lhes a terminação *ão* em *an* antes da terminação superlativa: *Chão, cão, são* fazem *chaníssimo, caníssimo, saníssimo.*

Exceptua-se a palavra *Cristão,* que faz *Cristianíssimo.*

Os acabados em *m* mudam o *m* em *n* antes da desinência *íssimo: Bom, comum* fazem *boníssimo, comuníssimo.*

Ao adjetivo *ruim,* que não tem superlativo próprio, dá-se-lhe o superlativo de *mau: Não é* **ruim,** *senão* **péssimo.**

Os acabados em *l* e *r* tomam simplesmente o sufixo *íssimo: Singular, singularíssimo; natural, naturalíssimo; particular, particularíssimo; peculiar, peculiaríssimo.*

Exceptuam-se *fácil, difícil, grácil, frágil,* que tomam a terminação *imo* para o superlativo: *Facílimo, dificílimo, gracílimo, fragílimo.*

Os acabados em *s* mudam esta consoante em *c,* antes da desinência superlativa: *Audaz, falaz, voraz, feliz, veloz, atroz, vivaz, tenaz,* fazem *audacíssimo, falacíssimo, voracíssimo, felicíssimo, velocíssimo, atrocíssimo, vivacíssimo, tenacíssimo.*

Os acabados em *vel* mudam esta desinência em *bil* (sua antiga terminação) antes do sufixo superlativo: *Amacel, saudável, agradável, móvel,* que de primeiro se diziam *amábil, saudábil, agradábil, móbil,* fazem *amabilíssimo, saudabilíssimo, agradabilíssimo, mobilíssimo.*

Superlativos há que não têm em nossa língua positivos correspondentes: *Belacíssimo, ubérrimo,* formados por analogia dos adjetivos latinos *belacem, uberem,* donde os tiramos.

De dois modos formam os seus superlativos os adjetivos seguintes: *ágil, agilíssimo* ou *agílimo; áspero, asperíssimo* ou *aspérrimo; acre* ou *agro, acérrimo* ou *agérrimo; bom, boníssimo* ou *ótimo; cruel, cruelíssimo* ou *crudelíssimo; doce, docíssimo* ou *dulcíssimo; frágil, fragilíssimo* ou *fragílimo; grande, grandíssimo* ou *máximo; humilde, humildíssimo, humilíssimo* ou *humílimo; integro, integríssimo* ou *integérrimo; mau, malíssimo* ou *péssimo; nobre, nobríssimo* ou *nobilíssimo; pequeno, pequeníssimo*

ou *mínimo, pobre, pobríssimo* ou *paupérrimo; salubre, salubríssimo* ou *salubérrimo; semelhante, semelhantíssimo* ou *simílimo.*

A primeira forma é *regular;* a segunda é *irregular* ou *anômala.*

Além das formas sintéticas, que constituem os verdadeiros *comparativos* e *superlativos,* conhece a língua portuguesa certas formas perifrásticas, a que se dá geralmente a denominação de *comparativos* e *superlativos.* Tais são entre os *comparativos* as expressões *mais pequeno, mais justo, mais sábio, mais belo* e entre os *superlativos* as expressões *muito pequeno, muito justo, muito sábio, muito belo, nimiamente justo, nimiamente pequeno, nimiamente sábio, sobremodo sábio, sobremodo justo, extremamente pequeno, extremamente justo, extremamente sábio.*

Esses modos particulares de exprimir os *comparativos* e *superlativos* por mais de uma palavra, de que igualmente usavam os latinos, apondo a certos adjetivos os vocábulos *magis, valde, longe, opudo, multo, admodum, quam, maxime, unus omium, nimium, nimis, vel, in primis, apprime* etc., constituem os *comparativos* e *superlativos analíticos* ou *perifrásticos,* por oposição aos verdadeiros *comparativos* e *superlativos,* que se exprimem em uma só palavra, designados pelo nome de *comparativos* e *superlativos sintéticos.*

O fato de exprimir assim as variações graduais em nossa língua e nas *novo-latinas* bem se concilia com a tendência desses idiomas para as construções analíticas, sempre preferíveis às construções sintéticas da língua matriz.

O mesmo valor dos advérbios, que, no latim, se antepunham aos adjetivos para formar os *superlativos,* ditos *analíticos,* tinham nessa mesma língua as preposições *per* e *præ* em composição: *Perdifieilis, præclarus, pergrandis, prægrandis, perdulcis, prædulcis, percomodus, permagnus, prægelidus, pertristis, prægravis, perlongus,* etc.

O sufixo *íssimo,* empregado para indicar o superlativo, não foi conhecido em todos os períodos da língua portuguesa: é de origem erudita e só se nota na língua depois do século 15.

Ainda se ajudavam os antigos de outros meios para indicar o superlativo. Assim é que se acha em Gil Vicente e Fernão Lopes a expressão *mui muito:*

> «Que dos *mui muitos* ciúmes
> Nasce o mui *muito* amor »
> (Gil Vicente).

> «Gente de pé *mai muita* sem conto »
> (F. Lopes).

Os nossos clássicos, outrossim, antepunham muitas vezes aos superlativos os advérbios *tão, mui, mais,* dizendo, por exemplo, *tão grandíssimo, mui riquíssimo, mui grandíssimo, mais que averiguadíssimo* etc.

Assim disse Lucena:

> «Um *tão grandíssimo* pecador »;

João de Barros:

> «Rei *tão Cristianíssimo*», «pirâmides *mui altíssimas*», costume *muito antiquíssimo* entre eles»;

Camões e Castilho:

> «Porque *tão muito* tarde desta vez» (Cam.).
> «O erguer *muito primeiro* que o sol» (**A.** Cast.).

Também ainda hoje dizemos familiarmente: *é mais que muito sabido, é mais que muito esperto, é mais que muito conhecido;* e em Vieira, Filinto e Herculano encontram-se os passos seguintes:

> «Os frios são grandes, os seus anos *mais que muitos* » (Vieira).
> «*Já mais que muito* o experimentou na história » (Filinto).
> «Mostravam nele *mais* que *muito* » (A. Herc.)

Por meio dos prefixos *re, arqui, hiper, ultra* damos em português a alguns de nossos adjetivos uma ideia superlativa. Assim se diz: *hipercrítico, ultraespiritualista, arqui-sábio, re-são, re-seu, re-tolo* (familiarmente), velho e *revelho,* e entre os antigos, em linguagem chula: *retanto, remelhor.*

> «Quem assim resiste à morte é são, *re-são* e *arqui-são* (A. Cast.).
> «Você lá, meu neto, é tolo *e re-tolo* » (Idem).
> «Porque é seu e *re-seu*» (Idem).

A maioria dos gramáticos tradicionais distinguem três espécies de comparativos: o de **superioridade,** como *melhor, maior, mais sábio, mais justo, mais rico;* o de **igualdade,** como *tão. . . quanto, tão. . . como,* em frases como as seguintes: tão *sábio* **quanto** *Pedro;* **tão** *ilustre* **como** *Carlos;* e o de **inferioridade,** como no exemplo seguinte: *Carlos é* **menos** *hábil* **que** *seu irmão Pedro.*

Nos *comparativos de* **superioridade** e **inferioridade** são os dois termos que se comparam ligados pelo conectivo **que** ou **do que**. Nos *comparativos* de **igualdade** é a expressão **quanto** ou **como** que lhes serve de conectivo, correlacionada com as palavras **tão, tanto,** do primeiro membro comparativo: *Pedro é* **mais** *ilustrc* **que** ou **do que** *Paulo; Antônio é* **menos feliz que** ou **do que** *seu irmão.*

Admitem ainda os mesmos gramáticos duas espécies de *superlativos:* o **absoluto** e o **relativo.** Assim *ótimo, boníssimo* ou *muito bom, péssimo, malíssimo* ou *muito mau,* são denominados *superlativos absolutos;* as expressões compostas seguintes: *o mais rico, o mais sábio, o melhor, o menor,* são *superlativos relativos.* Nestes últimos *superlativos* são as expressões *de, do, dos, da, das, entre, dentre,* que servem de conectivos entre os membros da comparação.

Tais distinções e denominações só as conservaremos em homenagem à tradição gramatical.

De feito, a ideia mesma de grau ou degrau não se apresenta a nosso espírito, senão como resultado de uma comparação; há, pois, comparação em todos os graus, todos são comparativos, ou se trate do *positivo* ou do *comparativo* ou do *superlativo.*

Por isso é que reputam alguns imprópria para um desses graus a designação de *comparativo,* pois que todos o são, julgando Lemare de melhor aviso substituir essa denominação pela de **superiorativo.**

Os adjetivos *qualificativos* tomam muitas vezes a forma *aumentativa* e *a diminutiva.* Assim *se diz: fracalhão, feanchão, secarrão, toleirão, grandalhão, gordanchudo, ignorantão, cabeludo, testudo, espadaúdo, olhudo, ossudo, bonitinho, galantinho, esfarrapadinho, pobrete, pobretão:* « *Pobrete,* mas *alegrete* ».

> «E este *esfarrapadinho* inocente ensina a Fr. Bartholomeu a ser arcebispo» (Fr. Luiz de Souza).

> «Não, *sozinho* é melhor. *Sozinho* o cisne
> No vazio dos céus mais livre adeja»
> (Junqueira Freire).

Há, porventura, uma espécie de antinomia entre a denominação de *diminutivos* e a significação de alguns adjetivos e advérbios, que tomam sufixos diminutivos, como ressalta dos exemplos seguintes: Os ministros estavam *cosidinhos* com as pastas; ele está *chegadinho* ao fogo, *juntinho* à janela; estão *agarradinhos* ao salário; está *sossegadinho, escondidinho, caladinha, deitadinho;* falou *baixinho;* isto é, *muito cosidos, muito chegado, muito junto, muito agarrados, muito sossegado, muito escondido, muito calado, muito baixo, deitado com muita tranquilidade.*

Tais adjetivos *diminutivos* aproximam-se por sua significação intensiva da ideia exprimida pelos *superlativos.*

«Carpe-se toda a noite *apegadinha* ao ramo». (A. Cast.).

Há nesses modos de dizer, porque assim o digamos, diminuição na forma ou sinal e aumento ou intensão na ideia, na coisa significada; o sentido, parece, assenta aqui numa relação de contraste entre a palavra e a ideia que ela traduz.

Aos comparativos ajuntam-se também sufixos diminutivos: *maiorzinho, menorzinho, maiúsculo, minúsculo.*

III

Dos adjetivos determinativos

Os **adjetivos determinativos** ou **artigos** dividem-se em **artigo indicativo,** chamado também **definito** ou **puro,** e **artigos combinados,** denominados também **especiais,** por oposição ao *indicativo* ou *puro,* a que dão alguns igualmente a denominação de *artigo geral.*

O **artigo indicativo,** a que Lancelot chamou *definito,* determina de modo vago a extensão dos nomes apelativos.

É assim chamado, porque apenas indica de modo vago que a natureza comum, significada pelo apelativo, deve aplicar-se aos indivíduos.

O *artigo indicativo* é: *o, a, os, as.* Todos os mais adjetivos determinativos se chamam **artigos combinados** ou **especiais,** pela razão de combinarem com a indicação geral, exprimida pelo *artigo indicativo,* as ideias especiais de que são sinais.

Os *adjetivos determinativos combinados* ou *especiais* são *universais* ou *partitivos.*

Os **universais** são os que fazem aplicação da natureza comum significada pelo nome apelativo a todos os indivíduos.

Dos *universais* um há **negativo** e dois **positivos:** o *negativo* é *nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas;* os dois **positivos** são *todo, toda, todos, todas,* a que se dá a denominação do **coletivo,** e *cada,* que *é positivo* **distributivo,** sempre invariável, ainda quando figure antes de um nome do plural indicativo de número.

O *universal coletivo todo, toda, todos, todas* e o *distributivo cada* fazem ambos aplicação da natureza comum exprimida pelo apelativo a totalidade dos indivíduos; mas *cada* respeita as particularidades dos indivíduos da totalidade, supõe e indica relação por menor, *diferenças individuais;* todo, *ao revés disso, supõe conformidade nos indivíduos, excluindo as exceções.*

Quando dizemos: *todo o homem é mortal* ou *todo o homem é sujeito a paixões,* atribuímos qualidades, atributos comuns à espécie inteira, sem atentar nas diferenças individuais, sem as miudear.

Quando, porém, dizemos: *cada terra tem seu uso; cada homem tem sua paixão dominante,* exprimimos atributos comuns, é verdade, à espécie inteira, com as circunstâncias, miudezas e diferenças particulares aos indivíduos compreendidos na proposição universal coletiva, que contém e encerra a distributiva, como o todo encerra e contém cada uma das partes que o formam e constituem.

As proposições *cada terra tem seu uso; cada homem tem sua paixão dominante* significam o seguinte: *todas as terras têm seus usos, cada uma o seu particular e próprio; todos os homens tem suas paixões dominantes, cada um a sua particular e própria.*

Nenhum, variável de gênero e número, é um *determinativo universal,* que aplica negativamente um atributo a todos os indivíduos de uma classe. Compõe-se de *nem* e do adjetivo *um;* mas a expressão *nem um* significa porventura com mais encarecimento a ideia exprimida pelo universal *nenhum:* **Nenhum homem** *me apareceu ali; era cruel e bárbaro o tirano: de todo aquele luzido batalhão, que aprisionou,* **nem um soldado** *escapou com vida.*

No sentido de *nulo, sem efeito, sem vigor* é o adjetivo *nenhum* um qualificativo:

«Fendo por *nenhumas* as perdas» (Ir. Bern. de Brito).
«Sentença *nenhuma* por direito » *(Ord. A fons.).*

Os **artigos partitivos** fazem aplicação da natureza comum exprimida pelo nome não já à totalidade dos indivíduos, senão a uma parte dela.

Essa parte ou é vaga e indeterminada ou determinada por alguma ideia especial ou aspecto particular, compreendido na significação mesma dos artigos. Donde duas espécies de *partitivos:* **indefinitos** e **definitos.**

Os **indefinitos** são *algum, certo, tal, qualquer, um* e seu plural *uns, tanto, quanto, outro, mais, pouco, muito, diverso, vário, menos, demais.*

Os adjetivos **indefinitos** não se subdividem.

Os **definitos** subdividem-se em **numerais** ou **numéricos, possessivos** e **demonstrativos.**

Os **numerais** determinam os indivíduos pela precisão numérica. São eles **cardeais** ou **cardinais, ordinais, dual, multiplicativos** e **fracionários.**

Os *cardeais,* assim chamados (do substantivo latino *cardinem:* couceira da porta, ponto principal, essencial), porque são, em geral, a base, os fundamentos radicais de todos os numerais, determinam simplesmente os indivíduos pela

precisão numérica. Tais são *um,* que, como tal, não tem plural, *dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, vinte, trinta, quarenta, cincoenta, noventa, cem* etc.

Os *ordinais* determinam os indivíduos pela ideia ou precisão numérica da ordem. Tais são os seguintes: *primeiro, último, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, décimo, undécimo, vigésimo, trigésimo, quadragésimo, quinquagésimo, nonagésimo, centésimo.*

Dual é o que da totalidade dos indivíduos determina apenas dois ou duas coleções deles, unidas entre si e apresentando-se juntas ao espírito. Só há um numeral *dual,* que é *ambos, ambas.*

Os *multiplicativos* determinam os indivíduos pela ideia ou precisão numérica, decorrente da multiplicação. Tais são os adjetivos *duplo* ou *dobrado, triplo, tríplice* ou *triplicado, quadruplo, quíntuplo, sêxtuplo, décuplo, cêntuplo.*

Os *fracionários* determinam os indivíduos pela precisão numérica, resultante da divisão.

Tais são os vocábulos *terça, quarta, quinta, sesma* (ant.). *sexta, oitava, décima,* usados ordinariamente como substantivos, onde é manifesta a elipse do substantivo *parte,* que tais adjetivos determinam e com que se põem em concordância.

Os **adjetivos possessivos** determinam os indivíduos, ajuntando-lhes uma ideia de pertença ou dependência, relativa à *primeira, segunda* ou *terceira pessoa.* São *meu, minha, meus, minhas, teu, tua, teus, tuas, set, sua, seus, suas, nosso, nossa, nossos, nossas.*

Os **demonstrativos** determinam os indivíduos ajuntando-lhes uma ideia de indicação precisa.

Subdividem-se em **puros** e **conjuntivos.**

Os *puros* determinam simplesmente *os* indivíduos pela ideia de indicação ou demonstração. Tais são *este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas, aquele, aquela, aqueles, aquelas.*

Este diz respeito a uma proximidade relativa à primeira pessoa: **Este** *livro, que estou lendo, é de teu irmão,* **esta** *cadeira, em que estou sentado, é de Gonçalo-Alves,* **este** *coração está muito magoado.*

Esse diz respeito a uma proximidade relativa à segunda pessoa: **Esse** *livro que estás lendo é de Carlos,* **essa** *cadeira, em que estás sentado, e de jacarandá ninguém compreende* **esse** *teu coração.*

Aquele refere-se a uma proximidade relativa à terceira pessoa: **Aquele** *livro que está na mão de Pedro é muito bem escrito, repara* **naquele** *olhar doce e esquivo, vê que lindos racimos pendem* **daquela** *videira.*

«Mete *essa* mão e vê bem *estas* chagas de minhas mãos e lado » (Vieira).

«Porque tudo quanto se passa *nessa* corte (na corte em que estava D. Rodrigo, a quem escreve Vieira) e conselhos de sua alteza, se sabe logo *nesta* (em Roma, donde escreve Vieira)» (Idem).

«Mas, ó filha de David, ó virgem poderosíssima do Rosário, que havia de ser de nós, se *essas* entranhas de piedade, onde trouxestes a Deus, não fossem o nosso presídio, o nosso remédio e toda a nossa esperança?» (Idem).

«O céu não te deu a ti debalde *essa* beleza, nem a mim *este* amor com que te amo» (A. Ribeiro dos Santos).

«Porque ir aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha e não é vossa?»
(Cam.)

«Que protestos! que voz! Inda palpita
sobre *este* peito o seu num meigo abraço!
inda *esta* destra está sentindo a sua!
inda esses olhos lânguidos me escaldam
com lágrimas de amor! . . »
(A. Cast.).

«Meteu-me tão fundo a seta dentro *neste* coração !» (Idem).

Falando-se de dois substantivos, o adjetivo *este* refere-se ao segundo, *aquele* ao primeiro enunciado: «Pedro e Tício fizeram todos os seus estudos na Europa, *este* (Tício) residiu muitos anos em Paris, *aquele* (Pedro), em Berlim».

«A quem trarão
Rosas à roxa Clóris,
Conchas à branca Dóris;
Estas, fores do mar,
Da terra *àquelas.*»
(Cam.).

Com referência a um pensamento que se vai enunciar emprega-se de ordinário o adjetivo *este; esse,* porém, refere-se a um pensamento já enunciado. Sirva de exemplo o seguinte passo de Jacintho Freire:

«E lembro-vos que o que vier mais honrado esse será meu filho. Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores: morrer gloriosamente pela lei, pelo rei e pela pátria.»

Em contraposição ao que ali se vê enunciado escreveu Vieira:

«*Essa* era a obrigação de fiel ministro: adorar a seu Senhor e adorá-lo sempre!! Porque *essa* é a bizarra natureza dos raios: ferir e executar primeiro !! *Essa* diferença houve entre Cristo e os outras homens: que os outros começam a vida pela idade de meninos; Cristo, pela idade de homem.»

Quando são diferentes os indivíduos próximos *da primeira, segunda* ou *terceira pessoa,* para os distinguirmos, apomos a cada um dos *demonstrativos puros* o adjetivo *outro,* dizendo: *este livro, est'outro livro, esse fruto, ess'outro fruto, aquela árvore, aquel'outra árvore, est'outros livros, ess'outros frutos, aquel'outras árvores.*

Também para indicar com mais ênfase e distinção a pessoa ou coisa, que é o objeto da determinação, é de uso pospor-se aos adjetivos demonstrativos *este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas, aquele, aquela, aqueles, aquelas,* o adjetivo *mesmo, mesma, mesmos, mesmas,* dizendo-se: *este mesmo livro; esta mesma for, este mesmo homem, esses mesmos estudantes, essas mesmas atrizes, aquele mesmo procedimento, aquela mesma mulher, aquelas mesmas mulheres.*

Demonstrativos conjuntivos são os que, além da indicação precisa, que é particular a todos os demonstrativos, encerram em seu sentido a ideia de uma conjunção, unindo, em virtude desse valor conjuntivo, uma proposição à outra. São *que, o qual, a qual,* os *quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas,*

O adjetivo *que***,** sempre invariável de gênero e número, em certas frases admirativas é empregado, inculcando um sentido especial de aumento e intensidade: *Que homem! que vilão! que velhaco! que gente, meu Deus!*

Em tais casos o adjetivo *que* é antes *qualificativo* que *determinativo.*

De feito, no mesmo sentido emprega-se em nossa língua o adjetivo qualificativo forte, dizendo: *forte ignorante! forte vilão! forte sandice! forte mentira!*

O adjetivo *qual***,** quando é *conjuntivo,* vem sempre precedido do artigo *o, a, os, as.*

Quando, porém, o não acompanha o artigo, é um adjetivo *qualificativo,* que exprime a ideia de uma qualidade indeterminada ou de uma semelhança: *Não é tal* **qual** *eu pensava;* **qual** *é tua opinião?* **quais** *são tuas ideias?*

«Tais vassalos terá o príncipe no amor, *qual* lhes ele for príncipe na brandura » (Paiva).

No sentido de *qual* como atributivo usavam às vezes os nossos escritores o adjetivo *quejando,* com menos frequência empregado hoje:

«Logo na obra se vê quejando é o obreiro » (Filinto Elysio).
«Santo Isidro o profetizou assim tal e *quejando* com filhos, netos e bisnetos » (Camilo).

Outras vezes é o mesmo adjetivo tomado na mesma acepção que os demonstrativos puros *este, aquele* ou os adjetivos *um, outro,* contrapostos:

«Enfim, *qual* mais, *qual* menos, não houve navio que deixasse de fazer proveito » (Fr. Luiz de Souza).
«*Qual* de um, *qual* de outro travada com mostras raras de amizade singular » (Fern. Alvares).
«*Qual* fugia para o ermo, *qual* para a sociedade para se aturdir, qual para o suicídio para se resgatar» (A. Cast.).

« *Qual* do cavalo voa que não desce;
Qual c'o cavalo em terra dando geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.»
(Cam.).

Na mesma acepção empregavam os nossos clássicos o vocábulo **quem,** que em sua significação sintética, afora o elemento fundamental que implica (homem ou *pessoa),* encerra o elemento acessório, exprimido pelo conjuntivo *que:*

«*Quem* lhe dava uma ovelha, *quem* um carneiro, *quem* um novilho» (Sá de Menezes).
«*Quem* se arremessava a nado; *quem* entrava n'água até a boca» (Luc.).

«Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado diligente,
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.»
(Cam.).

«Todos se reconhecem por devedores, *quem* com pão, *quem* com gado, *quem* com dinheiro » (Luiz de Souza).

O adjetivo **cujo, cuja, cujos, cujas** refere-se às pessoas e coisas e é equivalente às expressões *do qual, da qual, dos quais, das quais;* «É um homem *cujo* saber conheço, *cuja* probidade respeito, *cujos* talentos admiro; é um cavalheiro *cujas* virtudes venero.»

O adjetivo **cada** é sempre invariável: *Cada homem, cada mulher, cada país, cada província:* «*Cada homem* tem seu fraco, *cada cuba* cheira ao vinho que tem.»

Isto não obstante, pode o adjetivo *cada* vir antes de um adjetivo *numeral,* essencialmente do número plural: *Cada três, cada seis, cada doze.* «A *cada seis* deu um saco de arroz.»

Muitas vezes pospõe-se a *cada* o adjetivo *um, qual: Cada um, cada uma, cada qual, cada quais.* «*Cada um* colhe conforme semeia; *cada qual* com seu igual; *cada qual* sente o seu mal.»

O *partitivo indefinito* **algum** faz aplicação da natureza comum indicada pelo substantivo a uma parte indefinita e vaga dos indivíduos:

> « *Algumas doces cítaras* tocavam,
> *Algumas harpas* e sonoras frautas.» (Cam.).

Há elipse deste adjetivo em algumas frases clássicas, em que vem representado pelas expressões pronominais *deles, delas:*

> «E contudo aqueles nobres vultos, *deles* ainda no viço dos anos e das graças, *deles* na aparência venerandos pela idade. . . arrancavam aos menos compassivos corações um grito de horror e execração » (Lat. Coelho).

Seguindo-se ao substantivo, é o adjetivo *algum* equivalente ao adjetivo *nenhum,* quando figuram na frase os elementos negativos *não, nem: Não vi homem* **algum;** *não tenho arrependimento* **algum** *de tê-lo assim tratado;* isto é, *não vi* **nenhum** *homem; não tenho* **nenhum** *arrependimento.*

Quando, porém, não figuram na frase esses elementos negativos, os escritores mais bem apontados no dizer empregam não raro o adjetivo *algum* depois do substantivo em sentenças ou frases assertivas:

> «Desta gente repouso *algum* tomamos.» (Cam.).

> « Palavra *alguma* arábia se conhece
> Entre a linguagem sua que falavam.»
> (Idem).

Não basta, portanto, a colocação depois do substantivo para dar ao adjetivo *algum* o mesmo valor significativo do adjetivo *nenhum.*

É mister que a frase seja evidentemente negativa. *Algum* considerado só por só tem sempre o mesmo valor ideológico.

O adjetivo *algum, alguma* acha-se muitas vezes em nossos escritores de bom cunho combinado com o adjetivo *outro, outra:*

> «Como nunca depois ouvi *outra alguma.*» (A**.** Cast.).
> «Sem na dita repartição se poder meter governador, nem câmara, nem *outra alguma* pessoa » (Vieira).

Com elipse deste adjetivo ou da expressão *um pouco de, uma parte de,* usavam os nossos bons escritores certos modos de dizer, exatamente análogos ao artigo a que os gramáticos franceses chamam *artigo partitivo,* exprimidos em sua língua por *du, de l', de lá* e *des.* Assim é que se encontram abonadas as seguintes frases:

> «E lá vão comendo *do bacalhau* por essas estradas até Elvas, onde o molham para que não falte no peso» *(Arte de Furtar).*
> «As virgens néscias. . . chegaram-se às prudentes a pedir que lhe quisessem dar *do óleo* que traziam prevenido» (Vieira).
> «Comerás *do leite,* ouvirás *dos contos* e partirás quando quiseres» (R**.** Lobo).

Dizia-se no mesmo sentido *dar do pão* e *do pau,* isto é, dar alimento, ensino e castigo.

O *partitivo indefinito* **certo** faz aplicação da natureza comum indicada pelo apelativo a uma parte da totalidade que poderíamos nomear, mas que indicamos de modo vago: *Certo homem, certa mulher, certa pessoa, certo autor.*

> «Com tal vista se alegra toda a gente,
> Já lhe fazem lugar, já vem com *certo*
> Airoso contrapasso.»
> (Corte Real).

Quando posposto ao substantivo, já não é artigo partitivo, senão adjetivo qualificativo, que vale o mesmo que *exato, verdadeiro, seguro, certeiro: Tive notícias de meu pai por pessoa* **certa;** *à hora* **certa** *estavam todos à mesa.*

«Oh caminho da vida nunca *certo!*
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!»
(Cam.).

O *partitivo indefinito* **tal,** variável somente de número, faz aplicação da natureza comum a indivíduos que não podemos designar de modo determinado ou não queremos fazei-o: **Tal** *semeia que não colhe;* **tal** *se tem por sábio que não passa de espírito fátuo e medíocre.*

Nem sempre é determinativo o adjetivo *tal:* é muitas vezes um qualificativo, que indica a ideia de semelhança que tem um indivíduo ou indivíduos com outro ou outros, entre os quais se estabelece uma comparação: **Tal** *amo,* **tal** *criado;* **tal** *a grei,* **qual** *o rei.*

Neste caso é o adjetivo *tal* seguido algumas vezes do adjetivo *qual,* ou da expressão *e qual* ou *qual como,* sobretudo familiarmente:

«Tal qual sem tirar nem pôr» (A. Cast.-- Fausto).
É tal e qual, não zombo » (Td. Ibd.)
«Herdam-se e testam-se leis e direitos, tais quais se coam de bisavós a avós, de pais a filhos o sangue eivado, a tísica, as alporcas» (Id. *Ibid.*)
«Tal e qual como as raparigas» (Id. Coloq.)
«Dado que tal e qual defeito repreende nos outros, que ele cego não vê» (Filinto-Obras).

Este adjetivo é muitas vezes oculto, vindo claro o seu termo correlato.

«As estrelas os céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas» (Cam.).

Noutros casos o adjetivo *tal* exprime a qualidade de grandeza, força, intensidade, seguindo-se-lhe então como termo correlato à conjunção *que:* ***Tal foi*** *o terror,* **que** *a cidade ficou inteiramente deserta.*

O adjetivo **qualquer** (composto de *qual* e da forma verbal *quer,* por *quiser)* é talvez o artigo combinado de significação mais geral e vaga.

Faz aplicação da natureza comum significada pelo nome a um indivíduo indeterminado: pode vir anteposto ou posposto ao apelativo por ele determinado: **qualquer** *homem conhece isso; um homem* **qualquer** *vos ensinará o caminho; com* **qualquer** *esmola fica contente o mendigo;* **qualquer** *que seja o teu procedimento, ficarei resignado.*

É este adjetivo invariável de gênero; mas varia de número no primeiro elemento de sua composição, fazendo no plural *quaisquer:*

«O peito feminil que levemente
Muda *quaisquer* propósitos tomados»
(Cam.).

Ao adjetivo **um,** quando não determina os substantivos com a ideia precisa do número, chamamo-lo *partitivo indefinito.*

Neste caso faz no plural *uns, umas,* (o que não sucede, quando designa o nome com determinação ou precisão numérica) e pode-se-lhe contrapor o mesmo adjetivo *um, uma, uns, umas;* ou o adjetivo *outro, outra, outros, outras:* **Um** *rei deve ser o pai de seus súditos; é* **um** *Cícero aquele orador; são* **umas** *doudinhas aquelas meninas; é* **um** *estouravergas aquele rapaz.*

«***Um*** safardana em literatura que ninguém conhece» (A. Cast.).

« *Um* arca iroso aqui co'adversário,
Um cai além do alfange atravessado,
Outro vinga e mata o que o matara »
(Cam.).

Um na acepção de *igual, mesmo, idêntico, indivisível, uno, simples* é qualificativo: *Deus é* **um;** *a verdade é sempre* **uma,** *sempre é igual a si mesma; minha vida é* **uma** *com a dele.* «**Um** *te deixa Dezembro,* **um** *te acha Agosto».*

Muitas vezes ocorre o adjetivo indefinito *um* com elipse do substantivo *homem,* no sentido de *alguém:*

«Por mais que resplandeça *um* em virtudes » (A. Arraiz).

É para notar que o adjetivo latino **unus** já no latim clássico tinha algumas vezes esse sentido indefinito, que lhe hoje damos:

« *Forte* **unam** *adspício adolescentulam* » (Plauto).

O partitivo indefinito **tanto,** variável de gênero e número, faz aplicação da natureza comum indicada pelo apelativo a uma quantidade indeterminada de indivíduos, contraposta expressamente ou não à outra.

«No mar *tanta* tormenta, *tanto* dano,
Tantas vezes a morte apercebida !
Na terra *tanta* guerra, *tanto* engano,
Tanta necessidade aborrecida!»
(Cam.).

Quando o substantivo modificado pelo adjetivo *tanto* está em correlação com outro, tem esse indefinito por termos correlatos os vocábulos *quanto,* igualmente indefinito, variável de gênero e número, *como* e *que:* «São *tantas* as sentenças, *quantas* as cabeças»; «tem *tanto* dinheiro *como* falta de senso »; «era *tanta* a dissolução dos costumes nos últimos tempos de Roma, *que* se pode, sem exagero, dizer que a honra era posta em almoeda ».

Falando de uma quantidade desconhecida e indefinida, usamos do indefinito *quanto* e então não é assertiva a proposição que o encerra, como a que encerra o adjetivo *tanto,* senão dubitativa, exclamativa ou interrogativa: «*Quantos* homens vieram !»

« *Quantos* montes então, que derribaram
As ondas que batiam denodadas!»
(Cam.).

Em vez de *tanto* emprega nossa língua algumas vezes o adjetivo *todo,* como correlato de *quanto:* «*Todos quantos* prédios ele tem herdou-os de seu irmão»; «*toda quanta* doçura nos dá o mundo converte-a ele em amargo absintio.»

Emprega-se ainda o adjetivo *tanto* no plural para exprimir o resto de uma quantidade de dezenas (de vinte por diante), de centenas ou milhares, de que não temos certeza: *Vinte* **tantos** *homens; trinta e* **tantas** *mulheres; cincoenta e* **tantos** *estudantes; duzentos e* **tantos** *mil réis; mil e* **tantas** *palmeiras; cinco mil e* **tantos** *pés de café.*

No sentido de *tão grande, quão grande* não são já determinativos os adjetivos *tanto, quanto,* senão qualificativos: **Quanta** *fortuna não dissipou aquele perdulário!, Nunca poderei esquecer* **tanta** *amizade,* **tanto** *afeto e* **tanto** *amor.*

O partitivo indefinito **outro,** variável igualmente de gênero e número, faz aplicação da natureza comum indicada pelo apelativo às pessoas ou coisas que se confrontam ou contrapõem:

«Há uns a quem o zelo come, e há *outros* que comem do zelo »
(Vieira).

Às vezes é este adjetivo empregado na terminação feminina com elipse do substantivo: *Temos* **outra;** *por* **outra;** *por essas e* **outras**; *umas em cheio,* **outras** *em vão.*

Significando *diverso, diferente, não o mesmo,* é um qualificativo:

«*Tão outro* do que era em costumes » (Souza).
« *Muito outros* do que dantes eram » (Vieira).

O adjetivo **mais,** invariável de gênero e número, aplica a natureza comum, de que é sinal o substantivo apelativo, a uma parte dos indivíduos comparativamente maior do que a indicada por outro substantivo, ou ao resto de uma quantidade em relação às outras partes que a compõem: « *Dos náufragos seis se puderam salvar,* **os mais** *foram vítimas da ferocidade dos índios.*»

«Tinham descoberto *mais* riquezas do que era a da Índia» (Barros).

Pouco, variável de gênero e número, aplica a natureza comum significada pelo apelativo a uma parte pequena dos indivíduos: *Pouco dinheiro, pouca fortuna, poucos recursos, poucas pessoas, poucos soldados.*

Este adjetivo é, às vezes, empregado na terminação feminina com elipse de um substantivo.

Assim que se diz: *uma pouca* de farinha; *uma pouca* de palha; *uma pouca* d'água, subentendendo por elipse o substantivo *parte, porção, quantidade* ou outro qualquer apropriado ao sentido.

O adjetivo partitivo indefinito **menos** faz aplicação da natureza comum a um número menor de indivíduos que o significado pela outra palavra com que está em relação: *Tem* **menos** *virtude que sagacidade,* **menos** *ciência que fatuidade.*

O partitivo **demais** é empregado no mesmo sentido que os indefinitos *mais, outro:* «Comparar o Rio de Janeiro às *demais* cidades da América.»

Muito, vário, diverso, diferente, todos variáveis de gênero e número, aplicam a natureza comum indicada pelo apelativo a um grande número de indivíduos: *Tem* **muitos** *prédios; vi* **várias** *pessoas;* **diversos** *deputados se opuseram ao projeto;* **diversas** *vezes o ouvi falar; fala* **várias** *línguas, percorreu* **várias** *cidades da Europa, escrevi-lhe* **diferentes** *vexes.*

Desses adjetivos os três últimos são igualmente empregados como qualificativos: *A* **vária** *fortuna o* **vário** *pintassilgo.*

« Sem esperar mudança da ventura, **vária** por gênio, **vária** por costume » (Bocage).

«O amor da pátria. . . e o sentimento íntimo do belo me dão na leitura dos *Lusíadas* outro deleite **diverso,** mas não inferior ao que noutro tempo me deram » (Garret).

«São **diferentes** os resultados, mas é igual o jus de uns e de outros» (A. Herc.).

Empregados como determinativos os adjetivos *vários, diversos* só se usam no número plural.

Os adjetivos *numerais* **cardeais** ou **cardinais** são invariáveis, afora **um** e **dois,** que se dizem no feminino **uma, duas** e todos os cardeais compostos de *cem: Duzentos, duzentas, trezentos, tr6sentas, quatrocentos, quatrocentas oitocentos, oitocentas; novecentos, novecentas.*

O adjetivo *numérico* **cem,** antes de um nome, quer só, quer acompanhado de um adjetivo qualificativo, é invariável: *Cem homens; cem pessoas cem valentes soldados, cem lindas chácaras.*

Se, porém, depois do adjetivo **cem** vier outro adjetivo numérico, exceto **mil,** não se dirá mais em português **cem,** senão **cento:** *Cento e dois estudantes cento e vinte passageiros* e não *cem e dois, cem e vinte.* Também se diz: *cento e tantos, cento e poucos* e não *cem e tantos, cem e poucos.*

Os **ordinais** são variáveis de gênero e número.

O adjetivo *numérico dual* **ambos, ambas** aplica a natureza comum indicada pelo apelativo a dois indivíduos da totalidade, juntos e simultaneamente considerados: **Ambos** *são bons;* **ambos** *são felizes.*

«*Ambas* vêm pela mão; igual partido;
Pois *ambas são* esposas de um marido»
(Cam.).

No francês da idade média também usavam desse adjetivo no mesmo sentido: *ambes mains, ambes parts.* Esse emprego do adjetivo caiu em desuso, deixando, porém, um indício de sua existência, fixado no substantivo *ambe,* termo de jogo: *j'ai gagné un* **ambe** *à la loterie.*

As expressões pleonásticas *ambos os dois, ambos e dois, ambos de dois,* muito em voga entre os antigos, são ainda hoje a trechos empregadas por alguns escritores de nota. As duas últimas, sobretudo, ressentem-se de vulgarismo, que se deve relegar para os domínios do estilo chulo.

Essas expressões redundantes ordinariamente nenhuma força, graça e elegância trazem à enunciação do pensamento, havendo-se por exagerada afetação no escrever, que nos lembra o descurado *todos dois* do vulgo. Sem embargo disto, apontamos os seguintes passos de Castanheda, Camões, A. Castilho, Herculano, Camilo e Ruy Barbosa:

«Com traves pregadas em *ambas de duas* » (Castanheda- Hist. da *Índia).*

De *ambos de dois* a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha»
(Cam.).

«As mais das vezes *ambos os dois* residiam na pousada » (A. Cast. ***-Mil** e Um Myst.*).

«*Ambos os dois* ganhavam na prorrogação da luta» (Heve.*-Hist. da Ing.).*

«Ambos *os dois* monges tão amigos caminhavam juntos» (Idem- *O Monge de Cister*).

«Acho que se emborracharam *ambos de dois* » (Camilo *O General Carlos Rib.*).

«Ambas as frases estão certas? Estão: *ambas as duas*» (Ruy Barbosa - *Réplica*).

Os adjetivos *numerais* **fracionários** são os mesmos ordinais a que sempre se ajuntam as palavras *parte, fração, hora* ou outra que se ajuste e acomode ao sentido, ou venham essas claras, ou ocultas.

Estes adjetivos vêm sempre na terminação feminina, para poder concordar com o substantivo que modificam, e são precedidos do artigo indicativo ou dos cardeais. Assim que se diz: *a quarta, a oitava, uma quarta, uma oitava, duas oitavas, a décima, a sexta, a sesma.*

Os **determinativos possessivos** aplicam aos indivíduos a natureza comum exprimida pelo apelativo, ajuntando-lhes uma ideia de pertença, relativa às três pessoas.

São esses adjetivos derivados dos pronomes e variam de gênero e número.

Meu, minha, meus, minhas significa **de mim,** *que parte* **de mim,** *pertencente* a mim: *Meu livro, meus livros, meu pai, meus pais, minha mãe, meus haveres, meu amor, minhas saudades.*

Teu, tua, teus, tuas significa **de ti, a ti** *pertencente: Teu livro, teus livros, tua mãe, teu filho, teus filhos, teu amor, tuas saudades.*

Seu, sua, seus, suas, isto é, pertencente **a ele, a ela, a eles**, **a elas:** *Seu pai, seus pais, seu livro, seus livros, sua mãe, seu filho, seus filhos, seu amor, suas saudades.*

Nosso, nossa, nossos, nossas significa pertencente **a nós**: *Nosso livro, nossos livros, nosso pai, nossos pais, nossa mãe, nossas flores, nossos haveres, nosso amor, nossas saudades.*

Vosso, vossa, vossos, vossas, isto é, *pertencente* **a vós**: *Vosso livro, vossos livros, vossa mãe, vossas mães, vossos filhos, vossas casas, vossos haveres, vosso amor, vossas saudades.*

O adjetivo possessivo *seu, sua, seus, suas,* ou venha acompanhado de um possuidor que exprima unidade, ou de um possuidor de pluralidade, é sempre empregado sob as mesmas formas *seu, sua, seus, suas: Pedro vendeu* **seu prédio** ou **seus prédios***; Eduardo e Carlos venderam* **seu prédio** ou **seus prédios**.

Não passa assim no francês, que, em tais casos, exprime a pluralidade do possuidor pelas formas *leur, leurs,* derivadas do genitivo latino *ilorum,* nem no italiano, que tem a forma *loro,* derivada da mesma fonte latina, nem no inglês, que, para o possuidor de unidade, tem a forma *his* (masc.) e *her* (femin.) e para exprimir a pluralidade do possuidor tem a forma *their.*

Os nossos escritores empregavam algumas vezes o adjetivo *meu, minha,* unido ao substantivo em sentido duplo.

Assim, neles se encontra a expressão *meu amor* ou significando o *amor* que tenho a alguém, de que é objeto alguém, ou o amor que alguém me tem, o amor que me tem a mim por objeto.

Assim é senão inexato, ao menos equívoco, aquele passo de Vieira, quando diz:

> «Se sou pai, diz Deus, onde está o *meu amor?* Se sou senhor, onde está o *meu temor?»;*

. . . Isto é, *o amor, o temor, que a mim devem; de que devo ser objeto;* e aquel'outros do autor da *Eufrosina:* «Minha mãe morreu de *meu parto;* fugiu com *meu medo* » isto é, *por causa do parto em que me deu à luz, com medo de mim.*

Deve-se, pois, em tais casos, em vez do adjetivo *meu* empregar a expressão *de mim,* que nem sempre se pode substituir, usando-se indiferentemente.

Ao adjetivo *seu, sua, seus, suas* ajuntam-se às vezes as variações pronominais *dele, dela, deles, delas,* quando do emprego do possessivo resulta algum equívoco, dizendo-se *seu livro dele, seus livros deles, seus livros dele, sua casa deles, sua casa delas.*

Tais modos de dizer, ainda que são aforados em textos portugueses de bom cunho, devem evitar-se, dando-se outra feição ao fraseado.

*
* *

Origens latinas- O *artigo indicativo,* elemento gramatical de precisão e clareza, era desconhecido na língua latina, que, privada dos recursos analíticos dos idiomas modernos, não podia evitar na enunciação do pensamento certas construções embaraçosas e equívocas.

A existência, pois, do artigo deve considerar-se como uma das mais importantes conquistas do espírito moderno das línguas, em sua constante aspiração à clareza do pensamento.

O nosso *artigo indicativo* ou *definito,* como o de todas as línguas *novolatinas* ou *românicas,* filia-se em formas do artigo demonstrativo *ille, illa, illud,* donde tiraram também os franceses o seu *le, la, les, leur,* os italianos, o seu *lo, la, i, li, gli, le* e os espanhóis, o seu *el, lo, la, los, las.*

Para suprir a falta desse instrumento analítico, em que eram falhos, empregavam os latinos muitas vezes o demonstrativo *ile,* tomando-o exatamente no mesmo sentido em que nas línguas românicas se emprega o *artigo indicativo.*

Testemunhas sejam as passagens latinas seguintes:

> «**Illa** *rerum domina fortuna*» (Cic.).
> «*Funerat est pars* **illa** *corporis mei quœ quondam Achiles eram* » (Petron.).
> « *Romam sales salsiores sunt quam* **illi** *Atticorum* » (Cic.).

Neste último exemplo deu o escritor latino ao vocábulo *illi* o mesmo valor que Vieira ligou ao artigo *os,* empregando-o como adjetivo demonstrativo no seguinte passo: «E como os reis são *os* a quem mais neste mundo se furta.»

Esses exemplos são ainda mais frequentes nos textos e documentos latinos posteriores a queda do império do ocidente, em que o latim clássico, mais e mais alterado, em luta incessante e desigual com o latim vulgar, lhe cede o passo, substituindo-se por um mecanismo mais analítico as formas e construções sintéticas do latim clássico de Roma, tornando-se de indeclinável necessidade o emprego desse meio analítico para esquivar as constantes obscuridades e confusões, à que, com ser engenhoso e sábio o seu mecanismo, não escapava o mesmo latim literário, que não conhecia tão simples instrumento de clareza e precisão, preciosa conquista das línguas românicas e de todos os idiomas, que,

em sua marcha evolutiva, vão naturalmente fugindo às construções embaraçosas e sintéticas da língua originaria.

> «No meio das frases mais incorretas e da mais extravagante confusão dos casos», diz Vilemain[67], «um instinto de clareza, totalmente moderno, traz de contínuo o uso do artigo, que naturalmente se liga a essa necessidade de método e precisão, que experimentam ao mesmo passo a civilização e a barbaria, os povos metafísicos e os povos grosseiros.»

Todo, toda, todos, todas provêm das formas latinas *totum, totam, totos, totas.*

É esse adjetivo tomado em duas acepções: ou corresponde ao *totus, tota, totum* dos latinos e indica todas as partes integrantes de um todo físico, ou equivale pelo seu sentido ao *omnis, omne,* designativo do todo *logico,* e suas partes, denominadas inferiores ou subjetivas, são todos os sujeitos compreendidos em sua extensão.

Quer indique o primeiro *todo* ou todo *físico,* quer indique o todo lógico, o vocábulo *todo* tem sempre por étimo o latim *totus, tota, totum.*

No primeiro caso pode vir antes ou depois do apelativo; no segundo vem sempre antes: *A cidade* **toda** *ficou imersa n'água,* isto é, a cidade considerada em todas as suas partes; **todo** *o edifício foi devorado pelas chamas,* isto é, o edilício em todas as suas partes; **todo** *o homem e mortal,* isto é, a totalidade dos indivíduos que constituem o gênero humano.

No latim nem sempre os escritores fazem esta distinção, empregando muitas vezes o vocábulo *omnis* para indicar o **todo** *físico,* isto é, o **todo** *totum.* Assim é que disse Horácio:

> « *Nom* **omnis** *moriar multa que* [§] *pars mei vitavit Libitinam.*» (Hor.).

O adjetivo distributivo *cada um, cada* vem do latim *quisque ad unum.*

Por influência do acento, que nesta expressão recai na primeira sílaba de *unum,* caiu a sílaba *quis,* ficando a forma *cadun,* que se encontra no provençal, conjuntamente com as formas *cad, cac,* donde diretamente tiramos *cada um, cada*[68].

Também as formas provençais *quascun, quecs* parece deram nascimento aos adjetivos franceses *chacum, chaque,* procedendo o italiano *ciascuno* da primeira dessas duas formas.

---

67. **Cours de Litérature**.
68. Nem todos pensam assim, porque ligam, como o fazem A. R. G. Viana e Joio Ribeiro, a forma *cada* ao grego *kata.*

O indefinito *nenhum* deriva-se do latim *nec - unus,* formado por nossa língua de modo análogo aos vocábulos latinos *nullos = ne – ullos; nihil = ne – hilum; nemo = ne- homo; nefas = ne- fas; nefastus = ne – fastus; negotium = nec – otium,* que ainda serviram de modelos para outras formações portuguesas, tais como os vocábulos *nenhures, nonada,* não existência.

O adjetivo *nulo,* que, por sua significação em latim, corresponde ao adjetivo *nenhum,* não é empregado em nossa língua como *determinativo;* é sim um *qualificativo,* que significa *irrito, sem valor, sem efeito, vão, sem vigor, inútil: Sentença nula, venda, contrato nulo, esforços nulos.*

> «Deve ser assim a morte: um descanso apático e *nulo* depois de inexplicável padecer » (Garret).

Algum provém da expressão latina *aliais unas,* que se reduz pelas leis da acentuação a *aliq'uno, alq'unc, algum.*

A mesma procedência latina tem o adjetivo francês *aucun,* que antes de *aucun,* apresenta as formas sucessivas *alque, alun, alcun.*

Certo, certa, certos, certas, que correspondem pelo sentido ao adjetivo latino *quidam,* originam-se do adjetivo latino *certas, certa, certum.*

Já em latim o adjetivo *certus* apresentava, em alguns casos, esse sentido indefinito, como o atestam os exemplos seguintes:

> *"Lecticarum usum, nisi certis personis ademit »* (Suet.).
> « **Certis** *rebus imperatis jussit*» (Cic.).

O indefinito latino *quidam* só se conservou em nossa língua sob a mesma forma latina, empregado como substantivo, para designar um indivíduo indeterminado, a que se liga uma ideia depreciativa.

Assim dizemos em linguagem familiar e zombeteira: «*é um* **quidam** *perito em levantar balelas ».*

No mesmo sentido o empregam os franceses, dizendo: *c'est um* **quidam; um quidam** *de mauvaise mine;* e La Fontaine em uma de suas fabulas assim falou:

> «Ils allaient de leur œuf manger chacun sa part,
> Quand um **quidam** parut »

Qualquer tem por origem o adjetivo português *qual,* do latim *qualem,* e a expressão *quer* por *quiser,* do verbo *querer.*

A forma antiga *qualquizer* prova ser esta e não outra a etimologia do vocábulo *qualquer.* Introduzindo o verbo como elemento componente do adjetivo indefinito, dizem os italianos *di qualsisia, di qual sivoglia specie.*

Esse adjetivo, como já vimos em outro lugar, varia somente de número no seu primeiro elemento componente: *qualquer homem, quaisquer livros, um livro qualquer, dois homens quaisquer.*

De modo análogo formavam os latinos os adjetivos *qualislibet, quivis, quisquislibet,* separando às vezes por *tmese* os dois elementos componentes, como fez Catão, dizendo: «**quod** *genus* **vis** *propagabis* ».

Um, uma, uns, umas provém do adjetivo latino *unum, unam, unos, unas.*

Como indefinito é de menos uso no latim que em nossa língua.

Isto não obstante, disse Suctonio: «*capta ab* **uno** *tuba prosiluit»;* e Terêncio: «**unam** *adolescentulam adspicio*».

O adjetivo *tanto, tanta, tantos, tantas* origina-se do latim *tantum, tantam, tantos, tantas.*

Quanto, quanta, quantos, quantas provêm do adjetivo *quantum.* Empregado no francês com forma semelhante até o século 16, foi substituído depois pelo advérbio *combien,* seguido de um complemento precedido da preposição *de:*

> «Elles étaient demeurées en état de se révolter toutes et *quantes* fois que bon leur semblerait » (Malh.).

Outro, outra, outros, outras origina-se do adjetivo latino *alterum, alteram, alteros, alteras.* A forma antiga *altro* era mais aproximada de sua fonte etimológica.

Mais tem por origem o advérbio latino *magis.*

Pouco, pouca, poucos, poucas tem por etimologia o adjetivo **latino** *paucum, paucam, paucos, paucas.*

O adjetivo *menos* é derivado do latim *minus.*

Muito, muita, muitos, muitas tem por origem o adjetivo latino *multum, multam, multos, multas.* Corresponde ao antigo francês *moult,* empregado já como adjetivo indefinito, já como advérbio, oriundo da mesma fonte latina e substituído hoje pelo adjetivo *maint, mainte,* de origem germânica.

Os adjetivos *diverso, vário,* usados algumas vezes em nossa língua como indefinitos, têm por procedência os adjetivos latinos correspondentes *diversum, diversam, diversos, diversas; varium, variam, varios, varias,* que, em alguns casos, já ofereciam esse sentido na língua latina.

Têm sua origem no latim todos os adjetivos numerais.

Assim que os cardinais *um, uma, dois, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, dose, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e*

oito, vinte e nove, trinta, quarenta, cincoenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem, duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, novecentos, mil correspondem etimologicamente às palavras latinas *unam, unam, duos, duas, três, quatuor, quinque, se~, septem, octo, novem, decem, undecim, duodecim, tredecim, quatuordecim, quindecim, decem et sex, decem et septem, decem et octo, decem et novem. viginti, viginti unus, viginti duo, viginti três, viginti quatuor, viginti quinque, viginti sex, viginti septem, viginti octo, viginti novem, triginta, quadraginta, quinquaginta, sexaginta, septuaginta, octoginta, nonaginta, centum, ducenti, trecenti, quadrigenti, quingenti, sexcenti, septingenti, octogenti, nongenti, mile, milia.*

As formas sintéticas do latim clássico *septemdecim, octodecim, novemdecim* foram no latim popular substituídas pelas analíticas *decem et septem, decem et octo, decem et noven.*

Dos adjetivos latinos *viginti, triginta, quadraginta* até o adjetivo *nonaginta* formaram-se, como se vê, em português os adjetivos correspondentes *vinte, trinta, quarenta* etc., desaparecendo em todos eles a consoante *g* do adjetivo originário e a vogal protônica que a esse precede no vocábulo latino.

De *onze (undecim)* a *quinze (quindecim)* os adjetivos latinos, em virtude da posição do acento fonético, sofreram modificações no seu segundo elemento componente com a queda da sílaba breve postônica.

Todos os *números ordinais* procedem de ordinais latinos.

Assim, *primeiro* vem de *primariam; segundo* de *secundam; terceiro* de *tertiarium; quarto* de *quartum; quinto* de *quintum; sexto* de *sextum; sétimo* de *septimum; oitavo* de *octavum; nono* de *nonum; décimo* de *decimum; undécimo* de *undeeimum; duodecimo* de *duodecimum; décimo terceiro, décimo quarto, décimo quinto, decimo sexto, decimo sétimo, decimo oitavo, décimo nono* de *decimum tertium, decimum quartum, decimum quintum, decimum sextum, decimum septimum, decimum octavum, decimum nonum; vigésimo, trigésimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo, octogésimo, nonagésimo, centésimo, milésimo* de *vicesimum, tricesimum, quadragesimum, quinquagesimum, sexagesimum, septuagesimum, octogesimum, nonagesimum, centesimum, milesimum*[69].

---

69. Os latinos, para indicarem um número excessivamente grande, infinito, recorriam de costume a alguns numerais cardeais, cujos principais eram os seguintes: *sexcenti, mile, milia, trecenti:* a **sexcenti** *cives multuque* » (Cic.i, «Arat *Falerni* **mile** fundi *jugera*» (Hor.); a **Milia** *nova consilia*» (lit. Livio); «.*Amatorem* **trecentae** *Pirilloum cohibent catenae*» (Virg.).

Exemplos semelhantes nos sugere a nossa língua, já empregando os cardeais com esse sentido, já recorrendo mais frequentemente a nomes ou substantivos designativos de números que traduzem fielmente a mesma ideia. Assim se diz: «*Mil vezes* o tenho advertido»; «*centenas de cadareres* juncavam o sitio daquela tremenda catástrofe»; « *milhares de borboletas*», «*milhões de infusórios* », «*myriades de*

O adjetivo numeral dual *ambos, ambas* tem por origem o adjetivo latino **ambos, ambas.**

Os *multiplicativos duplo, triplo, quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, séptuplo, óctuplo, décuplo, cêntuplo* originam-se dos latinos *duplum, triplum, quadruplum, quintuplum, sextuplum, septuplum, octuplum, decuplum, centuplum.*

Entre os *multiplicativos* distinguem-se duas classes, caracterizadas morfologicamente pelos sufixos portugueses *plice e plo.* Tais são: *dúplice* ou *duplo, tríplice* ou *triplo, quadrúplice* ou *quadruplo, múltiplice* ou *múltiplo.* Todos se ligam originariamente aos correspondentes latinos em *plicem* do verbo *plicare* - *dobrar* - e em *plum* do latim *plus* – mais -, ajuntando-se um e outro ao tema que modificam.

Os *fracionários terça, quarta, sexta, oitava, décima,* derivados de *tertia, quarta, sexta, octava, decima* são geralmente considerados como substantivos, bem que seja manifesta a elipse do substantivo a que modificam.

Os adjetivos *possessivos meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, nossa, nossos, nossas, vosso, vossa, vossos, vossas* têm todos eles sua fonte no latim.

Meu provém de *meum; minha, mia* (ant.) de *miam* (ant.) *meam; meus, minhas* de *meos, meas; teu, tua* provêm de *tuum, tuam; teus, tuas,* de *tuos, tuas; nosso, nossa, nossos, nossas* de *noster, nostra, nostros, nostras; vosso, vossa, vossos, vossas* de *vestrum, vestram, vestrum, vestros, vestras, vestra,* formas do latim literário transformadas

---

estrelas cintilavam na abóbada do céu»

«Feliz o velho' e vós... *mil vezes* mais feliz!» (A. Cast.).

Às vezes, não já para designar um número infinito de objetos, senão para lhes indicar determinadamente o número, costumavam os latinos, sobretudo na poesia, multiplicar dois números cujo resultado representava o número real, servindo-se para isso dos advérbios *bis, ter, quater, decies* antes do numeral, dizendo: *bis duo, bis quinque, bis septem, bis novem, bis centum, decies centum milia.*

«Forte meum si quis te percontabitur ævum,
Me *quater undenos* sciat implevisse Decembres»
(Hor.)

Esses adjetivos multiplicativos são indicados em nossa língua por um número cardeal, seguido do substantivo vez, a que se pospoe imediatamente outro cardeal: **uma *vez três=três; cinco vezes dois=dez.***

Para denotar o espaço de cinco anos completos emprega-se as vezes em português o vocábulo *lustro,* dizendo, como Camões num de seus *Sonetos:*

«Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco *lustros* acabados»

Não vi cinco lustros, isto e, não completei cinte cinco anos.

Imitamos nisso os latinos, donde tomamos a palavra *lustro,* de *lustrum,* i e que, como Horácio, diziam «*octavum clandere* **lustrum**», fechar ou completar o oitavo *lustro,* isto e, ter 40 anos. Diz-se também em português *quinquenio* para exprimir a mesma ideia, como se diz *biênio, triênio, decênio, milênio, para exprimir o período de dois, três, dez, mil* anos, em cuja composição etimológica entra o substantivo latino *anus* (anos), cuja inicial se transformou em *e* e os vocábulos latinos *bis, três, decem, mil***e.**

no latim popular em *vostrum, vostram, vostrum, vostros, vostras, vostra,* mais aproximadas às formas portuguesas *vosso, vossa, vossos* etc.; *seu, sua, seus, suas* de *suum, suam, suum, suos, suas, sua.*

Como formas femininas do possessivo da primeira pessoa do singular conhecia a nossa língua além da forma *mia* a forma *mha* e os vocábulos antigos *meana, miana, miona, mana, madama, madona,* onde é manifesto o aparecimento da forma feminina.

Nos documentos mais antigos da língua francesa encontram-se como formas do possessivo os vocábulos *moie, teue, seue,* correspondentes às formas latinas *miam, tuam, suam;* a forma acentuada masculina *mien* corresponde ao latim *meum; tuen* ao latim *tuum; suen* ao latim *suum.*

Por *mien* modelaram-se *tuen, suen,* transformando-se em *tien, sien,* como as formas *tuum, suum,* moldando-se à forma *meu,* se transformaram em português em *teu, seu.*

Os adjetivos demonstrativos *este, esta, estes, estas, esse, essa, esses, essas, aquele, aquela, aqueles, aquelas* provêm de *istum, istam, istos, istas, ipsum, ipsam, ipsos, ipsas, ecce-illum, cece-illam, ecce-illos, ecce-illas.*

Os *conjuntivos que, o qual, cujo* têm por origem os adjetivos latinos *qui, qualis, cujus.*

O adjetivo português *mesmo,* classificado por alguns gramáticos entre os demonstrativos puros, é um *qualificativo,* que, como já deixamos dito, se costuma apor aos *demonstrativos este, esta, esse, essa, aquele, aquela* para lhes dar mais ênfase e realce.

Tem este adjetivo por fonte etimológica o adjetivo superlativo latino *metipsimus,* contraído de *metipsissimus,* que também forneceu ao italiano a forma *medésimo,* ao provençal a forma *medesme,* ao espanhol *meismo, mismo,* ao francês as formas *medisme, meisme, meesme, mesme, même* e ao português as formas *meesmo, mesmo,* além da antiquíssima forma *medes.*

A ideia exprimida pelo adjetivo *mesmo* é vertida em latim já pelo adjetivo *ipse, ipsa, ipsum,* do latim *is* e *pse,* já pelo adjetivo *idem, cadem, idem,* de *is* e *dem,* não deixando este último adjetivo vestígio algum, nem no francês nem em nossa língua.

Ainda, por ênfase, aos mesmos demonstrativos *este, esse, aquele* se ajunta às vezes o adjetivo *próprio, própria,* que se origina do adjetivo latino *proprius, propria, proprium.*

Os nomes *indefinitos,* considerados geralmente entre os adjetivos indefinitos, e a que damos a denominação de substantivos *sintéticos,* pela razão de envolverem, em geral, em uma só palavra um elemento fundamental que significa *homem, pessoa, coisa, fato, circunstância* e um elemento acessório,

indicado pelo adjetivo, são *o* (invariável neste sentido), *quem, outrem, aluem, ninguém, al, algo* (ant.), *isto, isso, aquilo, tudo, nada* etc.

Quem tem por etimologia o vocábulo *quem,* do latim vulgar, que ainda se mostra no espanhol com a forma *quien* no singular, *quienes* no plural.

Outrem tem por procedência o latim vulgar *altrui,* que deu no italiano a forma *altrui,* no francês *autrui,* no provençal *autrui* e a forma antiga portuguesa *outri* e, por analogia, o vocábulo português *alguém* e o espanhol *alguien.*

Al, algo, isto, isso, aquilo originam-se de *aliud, aliquid, istud, ipsum, hac-illud, ecce-illud. Tudo* provém de *totum.*

A palavra *nada,* que é no uso atual da língua um substantivo e pode empregar-se às vezes como advérbio, é em sua origem um adjetivo, que tem por fonte etimológica o adjetivo *natam* (de *natus, nata, natum),* da expressão composta *rem natam,* de que desapareceu em português o primeiro termo, dando o segundo origem ao vocábulo português *nada* e o primeiro a palavra portuguesa arcaica *rem* e à francesa *riens, rien,* que, nos seus primórdios, conservava o seu sentido originário: *la* **riens,** *une très belle* **riens.**

O sentido negativo da palavra *nada* provém de andar a expressão latina *res nata,* donde ela emanou, empregada sempre a par com a negação, dizendo-se *nula res nata,* como se dizia *nemo natus.*

Daí se tornou extensiva a um termo da expressão *res nata* a ideia que era peculiar a expressão inteira.

De modo análogo empregamos as expressões *pessoa viva, viva alma,* para significar *ninguém: Não encontrou* **viva alma;** *não vit* **viva alma.**

> «O qual *(segredo)* era de qualidade que até aquela hora o não comunicara a pessoa **viva** » (Souza).

CAPÍTULO VI

Dos Verbos

I

Verbos são palavras que indicam seres indeterminados pela ideia de uma existência intelectual com relação a um atributo.

Indicando o *verbo* uma afirmação relativamente a um sujeito, enquanto não for expresso esse sujeito ou por qualquer circunstância conhecido, não o indicará ele senão de modo indeterminado.

Quando digo *morrem,* exprimo uma afirmação de uma qualidade, de um fato ou atributo determinado; e contudo, nada tem de determinado o sujeito de que afirmo essa qualidade ou atributo. Será relativa a afirmação a um homem, a uma mulher, a um animal, a uma planta, a um objeto qualquer inanimado?

Nada disso indica o verbo considerado só por só.

Por isso é que, perfilhando à concepção de Beauzée, dizemos que os *verbos* indicam seres indeterminados.

Cada elemento gramatical do discurso recebe um nome especial; este, porém, é apelidado *verbo,* isto é, *palavra* (do vocábulo latino *verbum),* por ser a palavra por excelência. O *verbo* é, pois, a vida e a alma do discurso.

Se o *verbo* é dos elementos da proposição o que compendia aquela operação do pensamento a que chamamos juízo, se esse, no conceito de um profundo escritor, é o *flat lux* da inteligência, podemos dizer que o *verbo,* que em resumo o traduz exteriormente, é *o fiat lux* da linguagem.

«Enquanto o verbo não aparece na frase», dizia Plutarco, «o homem não fala».

É a categoria dos modificativos que pertence este elemento gramatical.

Colocamos o verbo na classe dos *modificativos,* porque a ideia primordial e característica desse elemento gramatical é a ideia de existência, e a existência é o atributo universal dos seres: do próprio nada coisa alguma pudéramos afirmar se primeiro que tudo lhe não déramos uma existência, embora puramente intelectual e fictícia; se o verbo indica também uma relação, fá-lo secundária e posteriormente.

Só as *preposições* e *conjunções* é que constituem a categoria dos *conjuntivos* ou *conectivos.*

Os *verbos* considerados quanto a sua natureza, ou quanto a conter ou não em si um atributo, são divididos em **abstrato** e **concretos**.

Verbo abstrato é o que designa o ser pela ideia precisa duma existência intelectual com relação a um atributo qualquer.

Verbo concreto é o que designa o ser pela ideia de uma existência intelectual com relação a um atributo determinado, concentrado e contido no radical verbal.

Só há um verbo *abstrato,* que é o verbo **ser;** todos os mais se dizem *concretos.*

Quando dizemos: *a caridade é amável; os homens são frágeis; a virtude é estimada o justo será recompensado,* os vocábulos *é, são* e *será* são variações ou formas diversas do *verbo abstrato,* as quais designam aqui os sujeitos *caridade, homens, virtude, justo* pela existência intelectual com relação aos atributos separados *amável, frágeis, estimada, recompensado.*

Tais atributos considerados em separado, em se tratando do verbo *ser,* são indeterminados e vagos, não recebendo a determinação senão quando se faz a referência atual ao sujeito que modificam e a que se aplicam. Quando, porém, dizemos: *Pedro ama a virtude, Francisco dança, eles cantam, teus irmãos farão essa viagem,* os vocábulos *ama, dança, cantam, farão* são formas ou variações diversas dos verbos concretos *amar, dançar, cantar, fazer,* que exprimem os sujeitos *Pedro, Francisco, eles, teus irmãos* pela ideia precisa da existência intelectual com relação aos atributos determinados, encerrados e contidos nos radicais verbais *ama, dança, cantam, farão.*

Racionalmente falando é o verbo *ser* anterior a todos os outros verbos; porque, sendo a existência o atributo universal dos seres, e indicando todos os verbos a existência simples, combinada virtualmente com um atributo, tem o verbo ser a prioridade lógica relativamente aos outros, pela razão de ser o único que designa a existência simples, abstrata, só e desacompanhada de ideia atributiva.

Todos os verbos *concretos,* pois, racionalmente considerados, contêm a ideia exprimida pelo verbo *abstrato ser*, combinada mentalmente com um atributo.

Por outro lado, cronologicamente falando, e atentando na ordem em que se adquirem todas as nossas ideias, todos os nossos conhecimentos, onde se não passa do abstrato para o concreto, senão às avessas, não será já exato considerar o verbo *ser* anterior aos outros.

Prova, com efeito, a observação que o verbo *ser (esse)* não teve sempre essa significação geral e abstrata; bem pelo contrário, indicou de princípio uma ideia material e concreta.

A abstração não é fato primitivo; é, muito ao invés, um processo ulterior; não se liga à vida do espírito considerado em suas fases primordiais, mas a um estadio ulterior, a uma fase mais adiantada de desenvolvimento. «A abstração», diz Renan[70], «não é do homem selvagem; é sim do homem civilizado ».

O verbo *estar* não é um verbo *abstrato;* é sim um verbo *concreto,* que a ideia da existência simples e abstrata ajunta à de um atributo: *estar* quer dizer *ser em certo lugar, em certa posição, em certo estado* ou *situação, ter atualmente tal ou tal modificação, tal ou tal atributo* ou *acidente.*

Ainda que os nossos escritores antigos empregavam muitas vezes o verbo *estar* na mesma acepção em que se utilizavam os latinos do seu **stare** *(estar em pé, conservar-se firme, permanecer, estacionar),* todavia no uso atual da língua é este verbo usado em acepção mui diferente da acepção que lhe davam os latinos, aproximando-se em certos casos da ideia exprimida pelo verbo abstrato *ser,* mas sem com este se confundir.

Ser indica que a qualidade por ele afirmada do sujeito é permanente, habitual e duradoura. *Estar* denota essa qualidade, considerando-a atual, acidental, passageira e transitória.

Quando dizemos: *Francisco é surdo, Pedro é rico, João é cego,* os atributos que aqui se afirmam dos sujeitos *Francisco, Pedro, João* designam qualidades, estados habituais, duradouros, permanentes; quando, porém, empregando o verbo *estar,* dizemos: *Francisco está surdo, Pedro está rico, João esta cego,* enunciamos estados acidentais, não permanentes, qualidades atuais, que datam de pouco tempo.

Com muita propriedade e exação emprega esses verbos o Padre Antônio Vieira no exemplo seguinte:

> «O amigo por *ser* antigo ou por *estar* ausente, não perde o merecimento de ser amado.»

Isto não obstante, encontram-se em nossos melhores clássicos do século 16 e 17 exemplos do emprego do verbo *ser* exatamente na mesma acepção de *estar,* como se poderá ver nos trechos seguintes:

> «Depois da frota *ser* dentro » (Damião de Goes);
> «Amanhã *serei* em Lisboa» (Souza);
> «E o duque de Viseu, que também *era* aí, foi com a infanta D. Isabel até o extremo» (G. de Rezende);
> «E ainda vos digo que as pessoas que lhe bem queriam não devem *ser* tristes» (Bern. Ribeiro).

---

70. E. Renan. **Origine du Langage**.

«Não *eram* os traquetes bem tomados,
Quando dá grande e súbita procela:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.»
(Cam.)

Em certos modos de dizer, não só entre os escritores antigos, senão também entre os modernos, encontra-se ainda o verbo *ser* empregado pelo verbo *ter:*

«Depois d'el-rei D. Afonso *ser* vindo de França » (G. de Rezende);
«Era chegada a noite; era chegado o momento fatal»; « *Era* apenas entrado na adolescência.»

De meneio mui trilhado, em frase forense, é a expressão «*foi vindo* a meu cartório» em vez de «*veio* a meu cartório».

*
* *

Dos verbos auxiliares - Chamam-se **auxiliares** dos verbos certas formas verbais que se ajuntam ao verbo *abstrato* ou *concreto,* para exprimir diversos aspectos sob que se considera a ideia fundamental por ele enunciada.

Entre os *auxiliares* contam-se em nossa língua os verbos *estar, ter, dever, ir, vir, andar.*

Todos eles, como auxiliares, formam linguagens compostas com as variações verbais indefinitas a que se apõem.

Mas nem sempre são auxiliares tais verbos: só o são, quando formam as ditas linguagens compostas: *Estou escrevendo, tenho escrito, hei de escrever, devo de voltar cedo, ou vivendo, vem entrando, ando vendo.*

« *Andam* pela ribeira alva arenosa
Os belicosos Mouros *acenando.*» (Cam.)

«O mal que vos muda a cor
(Se eu posso julgar de cores),
Pois a cor mata de amores,
Deve de ser mal de amor.»
(F. R. Lobo).

A existência dos auxiliares no português e nas línguas românicas explica-se pelas tendencias analíticas desses idiomas, desde a primeira fase de sua evolução.

Por eles torna-se mais clara, mais precisa, mais completa a enunciação da existência exprimida pelo verbo, considerada não já meramente em si mesma, senão à vária luz, debaixo dos variadíssimos aspectos por que o pensamento a encara, concebe e representa.

Bem que não fosse comum no latim o emprego das formas auxiliares, já em muitos escritores, ainda entre os de maior celebridade, na idade áurea da literatura romana, se notam exemplos onde figura como auxiliar o verbo latino *habere:* «*Copias quas* **habebat paratas**» (Corn.), «*De Caesare satis* **dictum habeo**» (Cic.); «*Satis* **habes cognitum**» (Id.); « *Vectigalia parvo pretio* **redempta habet**» (Caes»); « *Urbem quam parte* **captam,** *parte* **dirutam habet** » (Tito Livio).

O emprego dessas formas auxiliares, pouco encontradiço, é verdade, nas construções do latim literário, mais frequente se torna, à medida que a língua latina se vai vulgarizando mais, dando nascimento, pela diferenciação a que se submetem os dialetos, dela oriundos, às línguas românicas em cujo número figura a nossa língua portuguesa.

II
Dos verbos concretos e sua classificação

Os *verbos concretos* dividem-se em **absolutos** ou **intransitivos** e **relativos** ou **transitivos.**

São **intransitivos** os verbos que em si mesmos têm um sentido determinado ou completo; tais são os verbos *brincar, existir, morrer, nascer, permanecer, durar, ficar, cair, desaparecer, viver, amanhecer, alvorecer, dormir, rir, enlouquecer.*

Relativos ou **transitivos** dizem-se os que não têm em si um sentido completo, sendo mister um complemento ou objeto para lh'o determinar e completar; tais são os verbos *amar, receber, defender, matar, admitir, estimar, encher, trazer, saber, conhecer, ter, levar, conduzir, colocar, perder, ganhar, meter, possuir, concluir, terminar, completar.*

Estes ou pedem depois de si um *complemento direto* ou *imediato,* chamado também pelos gramáticos ingleses *objeto direto,* e então se denominam *transitivos diretos;* ou pedem um *complemento indireto* ou *mediato,* a que também se dá a denominação de *objeto indireto* e então se dizem *transitivos indiretos.*

São *transitivos* **diretos** os verbos *amar, colher, possuir, perder, ganhar: Amo a virtude; colho flores e frutos; possuo uma chácara; perdi um conto de réis; ganhei a sorte grande.*

São *transitivos* **indiretos** os verbos *obedecer, pertencer, tender, resistir, carecer, precisar, depender, emanar, emergir: Obedeço à voz de minha consciência; o homem público não pertence a si, pertence ao seu país, sua pátria; os corpos tendem para o centro da terra; resistiu aos maus impulsos, careço de dinheiro, careço do teu auxílio; preciso de tuas luxes; este negócio depende de muita prudência e discrição; esta autoridade emana de um poder legitimo; a luz vai emergindo destas trevas.*

Entre os transitivos alguns há que pedem dois complementos: um *direto;* outro, *indireto;* dá-se-lhes o nome de *bitransitivos.* Tais são os verbos *dar, entregar, remeter, restituir, oferecer, atribuir, contar, dizer, referir, relatar,* em frases como as seguintes: *Dar esmolas a um mendigo, entregar uma carta a alguém, remeter uma carta a um amigo, restituir a alguém as forças, o vigor, oferecer seus ofícios a um amigo, atribuir tudo a má sorte; atribuir a alguém a autoria de um crime, contar seus segredos a alguém, dizer, referir, relatar seus males, suas desventuras a alguém.*

Verbos *concretos há* em nossa língua que têm um duplo emprego, ora são usados em sentido *transitivo, direto* ou *indireto,* ora se lhes da um sentido *absoluto* ou *intransitivo.*

No primeiro caso a ação indicada pelo verbo clara e determinadamente recai no *objeto direto* ou *indireto;* no segundo é ela designada de modo geral, sem referência a objeto algum em particular.

Assim dizemos no sentido transitivo: *cantar uma serenata, cantar uma ária; cantar o Guarani de Carlos Gomes* e no sentido intransitivo: *cantam as aves; cantam os moinhos; cantam os malhos e martelos; cantam as fábricas; cantam as escolas; cantam os ventos.* «Quem *canta* seus males espanta» (Prov.).

Verbos há, outrossim, que, afora o objeto que os acompanha, têm ao demais um complemento circunstancial, regido invariavelmente em nossa língua por determinadas preposições.

Essa variedade de sentido põem-na em luz os seguintes verbos portugueses:

Abafar: *Abafar* o fogo; *abafar* o doentinho.

> «E foi tanto o concurso de gente e tanto o aperto dos que lhe queriam tocar a roupa a alcançar a sua benção, que esteve em notório perigo de o *abafarem* » (Brito - *Chron.*).
>
> «Por certo que eu me espanto como não *abafei* em tanta glória: perdi os espíritos» (*Eufros.*).

> «Vemos muitos que com pouco trabalho *abafam* e perdem o tino» (Souza).

Abaixar: *abaixar* a cabeça, os ombros, a cerviz; *abaixar* o chapéu; a temperatura *abaixou.*

> «Os vícios nos *abaixam* e a virtude levanta e enobrece » (Leitão).
>
> *Abaixam* inchados rios pelas íngremes ladeiras » (Cort. Real).

Abalar: «*Abalou* (o Padre Gaspar) a cidade de Goa com os sermões que fazia » (Luc.); «*Abalam* o peito essas lastimosas palavras e enchem os olhos de lágrimas» (Arraiz).

> As casas *abalaram* com o terremoto; os dentes todos *abalaram.*
>
> «*Abalou* o colégio quase todo em procissão pelas ruas de Coimbra » (B. Teles).

Abalroar: «*Abalroaram* os nossos por ambas as partes» (André -*Chron.*).

> « Pondo o peito às tranqueiras, *abalroaram* por tudo » (Couto).

Abater: *Abater* o orgulho, a vaidade, a vista, os olhos, os fumos, as armas, as bandeiras.

> «As delícias e vícios sensuais *abatem* o esforço e escurecem a razão» (Luc.).
>
> Por estar toda socavada *abateu* aquela imensa muralha; todo o terreno *abateu.*

Acabar: «Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo *acaba*» (Vieira). «Ali onde o mar *acaba*».

> «*Acabai* de *acabar* tantas tristezas,
> Pois *acabastes* já vãs esperanças;
> *Acabem* já também minhas firmezas,
> *Acabe* a vida, *acabarão* lembranças,
> Mas tudo está por vós tão acabado.»
> (Cam.)

Acalmar: O remédio *acalmou* as dores do dente. O vento subitamente *acalmou.*

Adiantar: *Adiantar* os negócios; *adiantar* dinheiro; *adiantar* os preparativos da jornada.

As tribulações *adiantaram-lhe* a morte.
«Fácil fica de entender quanto *adiantou* nas letras, no decurso de tão entendido leitorado» (L. Souza).

Afrouxar: «O decurso do tempo não *afrouxara* a indignação» (A. Herc.). «A autoridade moral de seus acórdãos *ia afrouxando* a olhos vistos» (Lat. Coelho).

Amainar: « *Amaina,* disse, *amaina,* a grande vela» (Cam.); *Amainaram* os mares, *amainaram* os ventos, as tormentas, a febre, o calor, o furor.

Arrancar: « *Arranca* o estatuário uma pedra dessas montanhas» (Vieira). «E dizendo isto, *arranca* meia espada » (Camões).

«Suas capelas, seus cabelos d'ouro,
Arrancam e desfazem.»
(A. Ferreira).

«Como tinha uma galé bem esquipada, *arrancou* e rijo foi dar um cabo à galé de L. Brito » (Couto).
«Quando na força desta contenda *arrancaram* furiosamente as galés » (L. de Souza).

Arrastar: «As luzes do nascimento de Jesus *arrastaram* as púrpuras dos reis » (Vieira). Os vestidos *arrastam;* as serpentes *arrastam.*

«À serpe disse: a mais abominada
Serás de quantas coisas há na vida;
Andarás sobre peitos *arrastando,*
Ficar-te-ás só da terra sustentando.»
(Rolim de Moura).

Arremeter: « *Arremetem* no inimigo, como leões » (L. de Souza). A fera *arremete* contra os varões da jaula.

Arrebentar: As minas *arrebentaram* o edifício; *arrebentou* fecho e tranquetas. «E o escarcéu *arrebentou* todo em flor » (Fern. Mendes). «E arrebentando a terra em borbolhões d'água, se sovertia toda a cidade » (Idem).

Aspirar: «Flores. . . . . , impregnadas de tão subtil veneno, que está ao beijá-las *aspirou* a morte » (A. Cast.) *Aspirar às* dignidades, aos postos elevados, ao senhorio. E uma ambição a que não cessa de *aspirar.* «Onde tudo *aspirava* amor » (Vieira).

Assistir: *Assistir* alguém com mesadas, com dinheiro, com conselhos, com esmola. *Assistir à* missa, às exéquias, aos ofícios divinos; *assistir* ao moribundo, à cerimônia. «Se as não *assiste* este divino e todo poderoso socorro » (Vieira).

Aumentar: *Aumentar* alguém suas rendas, seu capital, seus fundos, seus haveres e fortuna. A cidade *aumentava* cada ano em poder e grandeza.

Avultar: «Tudo o que lhe falo quero que pareça alguma coisa e para isso o *avulto* com termos e ações encarecidas » (M. Bernardes, Luz *e Calor). «Avulta-lhe* as faces» (A. Vieira). «Com a evidência do ventre da Senhora, que já *avultava*» (Teles, *Hist.).*

Balbuciar: *Balbuciar* histórias, contos, desculpas; *balbuciar* seus cândidos pensamentos. A timidez *balbucia.*

Branquear: Esse preparado *branqueia* as mãos; a velhice *branqueia* os cabelos; a neve *branqueia* os campos.

«E por isso dizem bem, que dizer e fazer não é para todo o homem, que nem é ouro tudo o que reluz, nem farinha o que *branqueia.* (Ferreira, *Eufros.).*

Cantar: *Cantar* as armas, os heróis, as proezas, os feitos gloriosos, o amor, a palinódia, uma cavatina, uma serenata, uma aria: «*Cantam* as oficinas e as fábricas » (A. Cast.).

«Ao longo d'água o níveo cisne *canta,*
Responde-lhe do ramo a filomela » (Idem).

Chorar: « *Chorava* ali minhas mágoas» (B. Ribeiro).

«De veras *chora* o coração de considerar isso»
(F. M. de Melo).
«Vivo; impero; sou tua; e tu me *chorarás?!*» (A. Cast.)

«Se uma lagrima ainda, ó mãe, turbar teus olhos,
Dize: o meu anjo bom não me quer ver *chorar* » (ldem).

«E debulhada em pranto assim parece
Alvo lírio do prado, em cujo cálix
Chorou a aurora ao despontar do dia »
(Garret).

Chover: Deus fez *chover* o maná do céu. *Chova* Deus sobre vós as bençãos de sua munificência. « Muitas bençãos, muitas graças *chovam* nesta habitação» (“A. Cast.). «*Choviam* os papelinhos de pastilhas» (R**.** da Silva).

Coar: «O vento *vinha coado* pelas fisgas da porta» (A. Herc**.**).

«*Coar* mosquitos e engolir camelos »
«Sentia a piedade coar-lhe no coração » (A. Herc.).

Colher: *Colher* frutos, *colher* flores, *colher* aplausos, *colher* louros e triunfos. A morte *colheu-o* cedo; a frecha não pode *colher* o alvo; *colheu-o à* unha; *colher* as velas. Esse teu argumento não *colhe.*

Comer: A ferrugem come o ferro; os vermes lhe *comerão* as carnes. «Aqui gastei a vida; já agora quero que esta terra me *coma* também os ossos» (Camilo). «E porque havia três dias que jejuava, *comeu à* tripa forra» (Idem). «*Come* como um alarve».

Correr: *Correr* a campanha, *correr* terras, mares, ruas; *correr* folha, *correr* o ferrolho, *correr* a posta, *correr* Seca e Meca, *correr* o mundo, *correr* a via-sacra; *correr* a cortina; os ventos *correm* os rumos da agulha. «Entre nós e Deus não *corre* **a** mesma lei que entre nós e o mundo» (Paiva)**.** « Pouco basta para quem de uma vez se sabe determinar e *correr* contas com o mundo» (L. de Souza). «Abaixou os olhos e *correu-os* pela espada » (A**.** Herc.).

Declinar: *Declinar* o perigo, a ação da justiça, *declinar* o nome de seus cumplices. «*Declinaram* o caminho para a mão esquerda» (Leitão). O dia começou a *declinar;* sua saúde começou a *declinar.*

Derivar: *Derivar* uma palavra de outra; *derivar* toda a sua riqueza da herança paterna. «Não são os que *derivam* o poder real do divino em linha reta »

(Garret). « Deste fato psicológico *deriva* principalmente a hipocrisia» (A. Herc.).

Desfalecer: «Já a chaga cruel me *desfalece*» (J. F. Barreto); «Depois que a grã Roma *desfalecer* do seu senhorio » (Barros).

Descansar: *Descansar* os membros fatigados; *descansar* o braço sobre a cadeira; o campo *descansou* muito.

« *Descansa,* frauta, agora» (Cam.).

Desfechar: *Desfechar* o selo, a porta; *desfechar* setas, tiros, golpes. O drama *desfechou* tristemente; a bombarda estava para *desfechar.*

Dizer: *Dizer* verdades, *dizer* mentiras, *dizer* parvoíces; *dizer* a missa, as horas canônicas. Não lhe *dizem* bem essas louçainhas, As duas janelas *diziam* para a praia do Flamengo.

«Se *dizem,* fero amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano » (Cam.).

Dobrar: *Dobrar* o joelho, *dobrar* os golpes, os muros, as fortificações, os esforços, o cuidado; *dobrar* o pranto, os soluços, as lágrimas. «Era um espírito vigoroso e um caráter d’aço, *dobrou,* mas tornou a erguer-se » (R. da Silva).

«O ânimo de subir lhes acovarda;
Dobra co’as trevas o terror, aumenta
Com a grita confusa a sanha, a fúria
D’um lado e outro, e longo permanece
Entre tanto valor dúbia a vitória»
(Garret).

Doudejar: *Doudejar* ameaças, *doudejar* finezas; deixai-o *doudejar; doudejam* as borboletas na campina.

Embrutecer: A vida material o *embrutece;* os vícios e as paixões o *embrutecem.* Ali não medra o entendimento, mas *embrutece.*

Empolgar: *Empolgar* o poder, *empolgar* o dinheiro alheio, *empolgar* a herança; a águia, ave de Jove, *empolga* o raio. « Os bens em que os reis *empolgam,* não os soltam facilmente» (L. de Souza).

Emudecer: « Se Deus *emudecera* os oráculos» (Vieira). « *Emudeceu* uma boca eloquente, morreu um grande homem em Portugal » (Lat. Coelho).

Enfraquecer: A escuridão enfraquece os ânimos; a doença o *tem enfraquecido;* com os anos vai ele *enfraquecendo.*

Encarecer: *Encarecer* a culpa, a fineza, os favores, os talentos e os merecimentos de alguém. «Não *encareço* este negócio, porque conheço a piedade e zelo de V. A.» (Vieira). As vitualhas vão *encarecendo.*

Envelhecer: A vida afanosa, os trabalhos e as tribulações *envelhecem* o homem. «Os corações verdadeiramente bons não *envelhecem:* tocam a meta da perfeição » (Santo Agostinho). « *Envelhecera* ali um século em sete dias» (R. da Silva).

Errar: *Errou* o caminho, o nome, a lição, o golpe, o alvo, o tiro, a conta, o cálculo.

> «Se por algum acerto Amor vos *erra*» (Cam.). «Nunca o mau agouro *erra*» (Lobo).

Esforçar: «*Esforça,* coração, não desfaleças em coisas de tamanho contentamento » (Barros).

> « Dest'arte a gente força e *esforça* Nuno» (Cam.).
> «O cisne morrendo a voz *esforça* em doce melodia » (Sá de Menezes).

Espadanar: «Viu cair destroncado o corpo *espadanando* sangue» (R. da Silva). «Das rochas *espadanam* as fontes » (Idem).

Espertar: *Espertai* aquele homem. Ao ruído do povo *espertou* a cidade.

Faiscar: «Os olhos *faiscando* raios de amor» (Lobo). *Faísca* a pederneira; debaixo do malho *faísca* o ferro sobre a bigorna. «Afigurava-se-lhe que em roda dele balançava a caverna, e a luz fumosa da tocha que ardia, segura no braço do

ferro, cravado na pedra, parecia-lhe *faiscar* em fitas cor de sangue» (A. Herc.).

Ferver: *Ferver* bagas de zimbro, cabeças de papoulas em dois litros de água. «*Ferviam* as águas nas fragas, despenhando-se em caixão na ribeira » (R. da Silva).

Filtrar: *Filtrar* um licor, *filtrar* a água. Este xarope *filtra* lentamente,

Gelar: «*Gelas* a contrição no fundo d'alma» (Bocage). *Gela* o coração de horror e medo; *gela* o orvalho nos campos. «O som das trombetas *gelou* de súbito » (A. Herc.).

Gotear ou **gotejar:** As flores pela manhã *gotejam* orvalho. «Veremos a mesma espada já *goteando* sangue nosso» (Vieira).

> «Há muito que meus olhos não *gotejam*
> o repassado fel de atra amargura»
> (Gonçalves Dias).

> «Cinco 'té seis passos na mesma rocha nasce uma fontezinha d'água, a qual de fora não dá mais sinal de si que sentir-se *gotejar* » (Fr. Pantaleão d'Aveiro).
> «Nas grinaldas, nos festões, nas rosas / com que se enflora, *goteja* o orvalho / da aurora, dictamo dos corações » (G. Dias).

Imperar: «A rainha a qual em nossos tempos *imperou* os Etíopes» (Barros). «Lembra-me haver ouvido e lido do imperador D. Fernando o segundo, pai do que hoje *impera,* que não quis dormir em uma cama por lh'á terem perfumado » (Francisco M. de Melo).

Inchar: Os ventos *incham* as velas, o gás *incha* o balão, a tormenta *incha* o mar; *incharás* como a cigarra da fábula. « O que só desejo é que toda esta monarquia de Portugal se não deixe *inchar* muito do vento da fortuna » (Vieira).

Indenizar: «Era necessário que a sociedade me *indenizasse* do patrimônio» (Camilo). «Para o defender e *indenizar* de quaisquer danos » (Lat. Coelho). « *indenizar* a câmara apostólica por todas as despesas» (Idem). «Como poderia *indenizar* a sua pátria das produções futuras?» (A. Cast.).

Interessar: Nada os *interessa;* o golpe *interessou* o pulmão, a carótida. «Para os *interessar* na sua defesa » (A. Herc.). «Que logo conhecereis quanto lhe devia *interessar*» (A. Cast.) «*Interessava* à honra d'el-rei e à memória de seu pai» (A. Herc.).

Jogar: *Jogar* cartas, *jogar* alusões, injúrias, remoques, *jogar* dados, *jogar* a fortuna dos filhos, o dinheiro alheio; *jogar* o bilhar, o gamão, o xadrez. «Se não se emendar, um dia, *Jogo-lhe* um remoque desagradável» (Cam.). « Velho na idade, moço na figura, joga, graceja e ri» (A. Ferreira).

« Esbelta joga a fragata
Como um corcel a nitrir»
(G. Dias).

Ladrar: «Atrás eles vinham os outros mouros, que os vinham *ladrando* » (Ruy de Pina). «Não fujas nem *ladres,* senão asso-te numa camisa de pez» (R. da Silva). *Ladrar* insultos, calúnias, pragas, maldições, blasfêmias.

Levantar: *Levantar* a cabeça, as mãos, os braços; *levantar* uma carta, um mapa geográfico; *levantar* um edifício, uma planta; *levantar* trincheiras, muralhas, fortificações, uma estátua, um monumento; *levantar* o cerco; *levantar* a lebre; *levantar* a luva.

«Como não *levantará* ela a áurea fronte
Entre tantas nações, que a só conhecem
Por ter dobrado o horrendo Promontório
Por um antigo brado de conquista!»
(F. M. do Nascimento).

O tempo *levantou;* os gêneros alimentícios *levantaram;* o pão *levantou* bem desta fornada; o barco *levanta* muito de proa.

Mergulhar: *Mergulhou-os* essa notícia na mais acerba tristeza; *mergulhar* a cabeça na torrente. O pescador de pérolas *mergulha* muito.

Moer: «O pai *moeu-a* muito bem moída de pancadaria» (Camilo). Este ano o nosso engenho *moeu* tarde. «Com águas passadas não moi moinho ».

Montar: *Montar* um cavalo; *montar* um colégio, uma loja, um armazém, uma fábrica; este cruzador *monta* muitas peças. «Quanto V. S. está em Coimbra, tanto *monta* Roma, como Lisboa » (Vieira).

Navegar: Estes povos *navegam* sempre aqueles mares. «*Navegamos* dez léguas neste dia sem susto e divertidos» (B**.** do Grão Pará).

Passar: *Passar* o rio, a ponte, o estreito, os vales, os montes, os limites, as fronteiras. Tudo *passa* e acaba.

«De todo aquele idílio tão vivo só eu resto; guardadora, choca, rebanho, *passou* tudo» (A**.** Cast.).
«O homem *passou* e morreu: é a lei da caduca humanidade» (Lat. Coelho)

Purpurear: A luz da aurora *purpureia* o horizonte; a natureza *purpureia* várias conchas. «Faz *purpurear* as pálidas areias » (Gabriel P. de Castro). « Longe *purpureia* a aurora».

Quebrar: *Quebrar* o silencio, as leis, os privilégios, o seguro, as pazes, a verdade, o pacto, a fé, os contratos, a promessa.

«A reputação é espelho cristalino: qualquer toque o *quebra,* qualquer bafo o empana» (Francisco M. de Melo).
Aquela dama já principia a *quebrar;* o vento *quebrou* durante a noite; *quebrava* com todos.
«Homem de antes *quebrar* que torcer» (Sá de Miranda).
«A esmola monta a mais de mil cruzados, ainda que *quebra* muita desta quantia pela diferença de câmbio» (Fr. Pantaleão d'Aveiro).

Querer: *Quero* vê-lo sempre assim; Deus assim o *quis.* «Se o destino assim o *quer,* faça-se » (A. Herc.). « Oficiais que lhe *queriam,* como a pai» (D**.** de Góes). «Havia na casa outra religiosa que lhe *queria* muito» (Luiz de Souza). « Mariana é minha irmã; *quero*-lhe muito » (A. Cast.).

Rebentar: A mina *rebentou* a abobada. « As lágrimas *rebentaram* lhe como punhos» (A**.** Herc.).

«Eis *rebenta* a meus pés um fantasma» (G. Dias).
« As portas, os pátios, as ruas *rebentando* de gente» (Vieira).

Recuar: *Recuar* um carro, uma sege, um móvel; *recuar* o passo, o olhar; recuar o atrevimento, a proterva, a audácia, o insulto. «Oh! se eu pudesse *recuar* tua existência!» (A**.** Cast.).

«A concepção humana *recuaria* aterrada, se pudesse observar nesse momento a alma tenebrosa do monge, revendo-se com acre e frenético deleite nas sensações de um ódio encanecido, enfim satisfeito, satisfeito além de tudo o que esperava» (A. Herc.).
«*Recuai,* refugi, vaidosos monumentos, diante o sério varão» (A. Cast.).

Refletir: Os espelhos *refletem* a imagem dos objetos.

«É a safira que o azul do céu *reflete*» (Garret).

«Pensa, prevê, recorda-se, *reflete,*
Num ponto *sobe* aos céus, desce num ponto.»
(J. A. de Macedo).

Reger: *Reger* o reino, *reger* o império, *reger* uma orquestra, *reger* uma cadeira. «Não tem ela tanto interesse como nós, em que leis sabias *rejam* e homens sábios administrem?» (A. Cast.). «Onde *regem* e trabalham reis Cristãos» (Lat. Coelho). «Que forma de governo *tem regido* em Portugal?» (Idem). «Cumpra-se o ajuste; é Romulo quem *rege*» (A. Cast.).

Rolar: As correntes vão *rolando* o navio; o rio *rola* as areias e pedrinhas de seu leito. *Rola* o mar; *rolam* os anos.

«..... Mil obséquios
Na cabeça lhe *rolam* e o transportam».
(A. Diniz da Cruz).

Semear: Quem *semeia* ventos, colhe tempestades; quem não *semeia,* não colhe.

Sorrir: A aurora vinha *sorrindo.* «O amor e a poesia *sorrindo* graças, esperanças, ilusões» (Lat. Coelho).

Subir: *Subiu* muito no conceito público. «Dignidade a que o *subira* a munificência de Pombal» (Lat. Coelho).

Suspirar: *Suspirar* tristes endechas; *suspirar* suas mágoas, seus queixumes, sua dor, seus males.

«Agora o velho *suspira* os tempos da mocidade» (A. Cast.).
O rouxinol *suspira* na solidão; *suspira* o sabiá na selva.

Torcer: *Torcer* o pé, o braço, o rosto, os olhos, o caminho, O sentido de algum trecho; *torcer* a vocação, o gênio, a consciência, as orelhas e o nariz.

«Enquanto a natureza *vai torcendo* no fuso o eterno fio» (A. Cast.).
«Homem d'antes quebrar que *torcer o* (Sá de Miranda).

Tornar: «E os donos todos delas se foram a el-rei de França clamar e pedir que lhes fizesse *tornar* o seu» (G. de Rezende). «Despediu-se do capitão *tornando* na ordem em que veio» (Barros).

Trovejar: «O povo trovejava gargalhadas » (Camilo). « O meneio compassado, quando a oração deslizava fluente e remansado; nervoso e arrebatado, se a paixão *trovejava* nos lábios do orador» (Lat. Coelho). «*Troveja* a olímpia sala» (Francisco Man.).

Urrar: *Urra* o elefante na jaula. « *Urrando* ameaças e blasfêmias» (A. Cast.).

Variar: *Variar* o estilo, a frase, as comidas, a dieta. *Variam* as estações, os gostos, os costumes, as modas, os usos. «Em beldades varia a natureza » (Cam.).

«E quando de esmeraldas se toucava
A terra alegre, e de diversas cores
O natural dos prados *variava*».
(Fern. Soropita).

Voar: «A mina com tremendo estampido *voou* pelos ares toda a face do muro » (Jac, Freire). «Sempre eram sete léguas, mas voei-as» (L. Felipe Leite).

«Têm asas todas as novas tristes para chegarem, *voando,* onde mais hão de magoar» (Fr. L. de Souza).

Vozear: «Ei-los prestes às lágrimas e aos risos; à audácia e à execução *vozeiam* loas» (A. Cast.).

«Corre, *vozeia,* ataca, rompe, abate». (Bocage).

Zumbir: «Já desde os seus derradeiros triunfos o anda a morte espiando e *zumbindo-lhe* no meio das vaidades o secreto pressentimento, de que eram acabadas dentro em pouco para ele as batalhas e fúnebres já os louros da tribuna» (Lat. Coelho). «*Zumbia* o enxame popular» (R. da Silva). «Pois só porque a abelha zumbiu aos ouvidos do caçador faminto, arrojara ele para longe de si o mel de seu favo e esmagara o inseto?» (A. Herc.).

Zurrar: *Zurrar* sandices, desatinos, disparates, conceitos tolos e parvos. «*Zurras, zurras* deveras» (Bocage).

Como esses, conta ainda a nossa língua cópia abundante de verbos que, conforme as circunstâncias, são pelos nossos escritores empregados já absoluta ou intransitivamente, já relativa ou transitivamente.

Entre os verbos concretos *intransitivos* alguns há que, afora o atributo que implicam e encerram em seu radical, têm mais um atributo extrínseco, sendo neste ponto semelhantes ao verbo *ser.* Tais são os *verbos ficar, estar, parecer, permanecer, nascer, viver, morrer, existir,* em frases como as seguintes: *Fiquei atento, estou doente, parece louco, permaneceu firme, nasceu, viveu* e *morreu pobre* aquele monumento ainda *existe intacto* como testemunho de seu poder.

«Não fiquei homem não; mas mudo e quedo
E junto de um penedo, outro penedo.»
(Cam.).

Esses verbos ligam aos sujeitos das proposições por eles constituídas um atributo tomado fora dos mesmos, sem o qual ficaria a proposição incompleta e sem sentido ou pelo menos não exprimiria com verdade o que se deseja exprimir.

Designamo-los, por isso, verbos de *atributo duplo, superposto* ou *secundário.*

Verbos essencialmente *intransitivos há* a que se ajunta, às vezes, um complemento cognato ou pleonástico, dando-se-lhes sentido *transitivo;* tais são os verbos *viver, morrer, dormir* nos seguintes modos de elocução: *dormir um somo tranquilo* e *sossegado; morrer morte honrada, morte afrontosa, morte natural; viver uma vida cheia de amarguras.*

« *Morre morte* traidora» (Vieira).
«Antes quisera ser pedra ou ser nada do que *viver vida* semelhante» (Bernardes).
«A *vida viverei* que o céu me ordena» (Tem. Alv. do Oriente).

«Ela vos distinguira daqueles que *dormem o sono* do esquecimento» (Monte-Alverne).
«Oh! minha *vida* que ainda uma vez *te* viverei!» (Garret).

Todos os verbos *transitivos diretos* ou *indiretos* e esses últimos, a que chamamos de *atributo duplo, secundário* ou *superposto,* denomina-os C. P. Mason **verbos de predicação incompleta** e Alexander Bain, em sua *Higher English Gramar,* **verbos incompletos** ou **de aposição.**

Quanto à forma e conjugação são os verbos concretos divididos em **regulares, irregulares, defectivos** e **pronominados.**

Regulares dizem-se os que são inteiramente conformes ao tipo de sua conjugação. Tais entre outros os seguintes: *amar, cantar, contar, livrar, defender, render, partir, admitir.*

Irregulares são os que se apartam do verbo tipo de sua conjugação. Tais os seguintes: *dar, estar, sobrestar, ser, caber, saber, poder, prazer, querer, fazer, ver, ir, vir, pôr* etc.

Defectivos chamam-se os verbos a que faltam tempos, modos, números ou pessoas.

Os *defectivos* ou são de *sujeito indeterminado* ou de *sujeito determinado.*

Os *defectivos de sujeito indeterminado* chamam-se *impessoais.* Esses ou são **essencialmente impessoais,** como *chover, chuviscar, granizar, relampejar, saraivar, trovejar, gear,* ou acidentalmente impessoais, como as locuções *dança-se, brinca-se, corre-se, dorme-se.*

Alguns desses *essencialmente impessoais* há que no sentido figurado podem algumas vezes empregar-se com sujeito determinado: *As balas* **choviam** *de todos os lados;* **chovem-me** *lágrimas dos olhos;* **chovem** *ápodos e baldões; «a ira de Deus que do céu* **chove»; «choviam** *papelinhos de pastilhas* »; «**relampagueie** *a estes olhos a verdade» «a quem Deus* **chovia** *pão do céu»* (Paiva)**;** *«o pavimento juncado de flores e até o teto* **chovendo** *rosas»* (Vieira); *«o céu de todas as partes* **chovendo** *lanças e fulminando raios»* (Idem), *«muitas bênçãos, muitas graças* **chovam** *nesta habitação»* (A. Cast.).

Ocorre o mesmo no latim e no francês: « *Bellaria adorea* **pluebant**» (Statius). «*Sanguinem* **pluisse** *nuntiatum est»* (Cic.).

«*Dieu* **pleut** *sur le champ du juste comme sur celui du pécheur*» (Bossuet).

De modo semelhante empregam os ingleses o verbo *to rain* (chover), de que sejam prova os seguintes versos de Sheley:

« *From one lonely cloud*
The moon **rains** *out her beams, and heaven is overflowed*»

Os *defectivos de sujeito determinado* são **unipessoais** ou **pessoais:** os *unipessoais* só se empregam na terceira pessoa do singular. Tais são as formas verbais *importa, releva, convém, cumpre.*

Todos os mais são *pessoais:* ou careçam de algumas pessoas nos tempos e modos usados na língua, como os verbos *feder, carpir, brandir, remir;* ou se empreguem em todas as pessoas desses mesmos tempos e modos, como *poder, querer* etc.

Os verbos *essencialmente impessoais* contêm em seu radical um atributo que exprime fenômenos meteorológicos, mudanças e variações termométricas, alternativas do dia e da noite e distinguem-se dos *unipessoais,* porque estes têm sempre um sujeito que se pode determinar, exprimido já por um verbo que se lhes segue no infinitivo, já por uma proposição constituída pelo subjuntivo; aqueles, porém, têm um sujeito vago, indeterminado, sem palavra alguma expressa que o precise, defina e individue.

Para indicar esse sujeito indeterminado serve-se a língua francesa do pronome *il*, que evidentemente não tem o mesmo cunho de determinação do pessoal *il*, e por isso lhe chamam alguns *pronome indefinito.*

Verbos pronominados, geralmente chamados **pronominais,** denominam-se os que em toda a sua conjugação se acompanham de um pronome, *complemento direto* ou *indireto,* real ou aparente, como *arrepender-se, atrever-se, prezar-se, manter-se* etc.

A forma pronominada encerra muitos verbos de sentido diferente: são os *pronominados reflexos,* os *recíprocos,* os *de sentido passivo,* os *impessoais,* os *enfáticos* ou *expletivos* e os *de espontaneidade de ação.*

Chamam-se **reflexos** ou **reflexivos** os verbos cujos sujeitos fazem recair sobre si mesmos, por meio dos pronomes de sua mesma pessoa, a ação por eles exprimida: *O vaidoso* **ama-se** *em extremo, o fátuo* **preza-se** *mais do que deve.*

«Coimbra acordando *mirava-se* com todo o orgulho de formosa no espelho que o Mondego arqueava além da ponte» (R. da Silva).

Pronominados recíprocos são os que indicam a ação recíproca de dois ou mais sujeitos. Indicam esses verbos ação e reação entre seus sujeitos e objetos: *Pedro e Carlos* **odeiam-se;** *eles la* **se entendem;** *Eduardo* **carteia-se** *com seus amigos;* **corresponde-se** *com eminentes homens da Europa.*

«O ódio com que em todos os tempos os escritores se expuseram à irrisão dos ignorantes, *mutuando-se* afrontosas injustiças» (Camilo).

«As artes entre si *se comunicam;* Cada uma ajuda a outra em seu ofício» (A. Ferreira).

«Este fortuito mas desde logo amoroso encontrar de dois simpáticos e castíssimos olhares, que de longe e furtivamente *se estão reciprocando* terníssimos afetos » (Lat. Coelho).

Nos casos em que se podem confundir a forma pronominada *reflexa* e a *recíproca,* para evitar toda a ambiguidade e equivocação, empregam-se depois da forma pronominada *recíproca* os advérbios *mutuamente, reciprocamente,* a locução adverbiada *de parte à parte,* ou qualquer outra expressão de sentido análogo e depois da pronominada *reflexa,* as expressões *a si mesmos, a si próprios* ou outra equivalente: Pedro e Carlos *amam-se reciprocamente; mutuamente se prezam e estimam;* os vaidosos *amam-se a si mesmos.*

Pronominados de sentido passivo dizem-se as formas verbais que indicam uma ação sofrida ou recebida pelo sujeito: *Os bons livros* vendem-se *caros; são lindíssimos os dois cavalos que* se compraram *na feira; o monumento que* se ergueu *na praça Duque de Caxias.*

Verbos passivos não os conhece em rigor a nossa língua, que não tem, como a latina, as formas ou desinências passivas.

Para traduzir os *verbos passivos* da língua matriz, o português recorre sempre a uma perífrase, já usando das várias formas do verbo *ser,* ajuntando-lhes os particípios passados do verbo que se apassiva, já empregando a forma pronominada, de que acabamos de falar: não há *verbos passivos,* senão locuções *passivas,* proposições ou sentidos *passivos.*

«Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua»
(Ferreira).

«Que este nome de Olaia, que amo tanto
Será de Albano em verso *celebrado,*
Feliz assunto de mais alto canto »
(X. de Matos).

Já no latim a lição dos próprios clássicos nos depara exemplos desse modo analítico de exprimir a passiva, em certos tempos e modos: *Amatus sum, amati sunt, amatus ero, amati erunt, amatus essem, amati essent.*

Muitas vezes têm em nossa língua sentido *passivo* verbos que não vem revestidos *da forma passiva.*

Assim que se diz em linguagem portuguesa: *é para notar, não é para estranhar, está por fazer, por escrever, está por concluir, é para admirar, é de crer, casas para vender, prédios para alugar, obra começada a imprimir,* em lugar de *é para ser notado, é para ser estranhado, está por ser feito, por ser escrito, está por ser concluído, é para ser admirado, é para ser crido, casas para ser vendidas, prédios para ser alugados, obra começada a ser impressa* ou a *imprimir-se.*

«Está ainda *por escrever* um livro, em que, sem espírito de ocasião, de parcialidade e de sistema, se apreciem e aquilatem os serviços eminentes que fizeram » (Lat. Coelho). « O juízo estético do poema está ainda *por fazer*» (Idem). «Começada *a tratar* a matéria» (Luiz de Souza). «Uma torre já começada *a derribar*» (Duarte *N.* de Leão). «Tornado *a povoar* assim o mundo» (Vieira). «Começado *a povoar* pouco antes» (A. Herc.). São essas construções habituais à língua, modos peculiares de tecer o discurso, em que o infinitivo sob forma ativa implica uma ideia passiva.

Há demais disso verbos que se tomam no mesmo sentido, já revestidos da forma pronominada, já despidos dela. Tais são, entre muitos, os seguintes: *casar* e *casar-se, assentar* e *assentar-se, ajoelhar* e *ajoelhar-se, aumentar* e *aumentar-se, encarecer* e *encarecer-se, derivar* e *derivar-se, harmonizar* e *harmonizar-se, conformar* e *conformar-se, afrouxar* e *afrouxar-se, senhorear e senhorear-se, retirar* e *retirar-se, sobrelevar* e *sobrelevar-se, rematar* e *rematar-se, retrair* e *retrair-se, recolher* e *recolher-se, espraiar* e *espraiar-se, rir* e *rir-se.*

Pronominados impessoais são formas verbais, usadas apenas na terceira pessoa do singular com um sujeito vago e indeterminado: **Dançou-se** *muito naquele baile;* **vive-se** *muito naquele país; ali* **se vive** *de roubos e tropelias.*

Semelhantemente diziam os latinos: «**vivitur** *ex rapto*» (Ovid.); «*Negat Epicurus, jucunde posse vivi nisi cum virtute* **vivatur** » (Cic.); «*Ad me* **curritur** » (Ter.); « *Pacto* **statur** *et arbitrium Romulus urbis habet* » (Ovid.).

Pronominados enfáticos ou **expletivos** apelidam-se aqueles em que o segundo pronome que os acompanha é mero expletivo, que torna a frase mais doce, cheia e sonora:

«Isto feito, *se partiram* de Cochim para Cananor» (Goes).
«O Padre Francisco sai do recolhimento da oração ao convé. . . *sobe-se* no chapitéu, pede uma soldarés a Pedro Vaz, próprio mestre do navio» (Luc.).
«Ao que *se* ele *sorriu* e disse. . .» (Fern. M. Pinto).
«Para casa velozes *se partiram*» (A. D. da Cruz).

«Os campos *secam-se;* as flores *murcham-se; passa-se* o tempo; *passam-se* os anos ».
«A pobre mãe *morria-se* de aflição »
« Por quem ele *se morria* de amores »
(Cast. - *Os Fastos*).

«E vestida de roupas estreladas
Serena e clara a noite *se* lhe *ria* ».

Verbos pronominados de espontaneidade de ação chamam-se as formas verbais que indicam espontaneidade de ação da parte do sujeito:

«Lá *se ficaram, cá me estou* » (Cruz).

«Os olhos *se estacam* docemente
à sombra daquelas sobrancelhas »
(Bern. Ribeiro).

«Os peixes lá *se vivem* nos seus mares» (Vieira).
« ele *se estava* muito descansado em seu palácio » (Idem).
«Lá nas covas marítimas *se entram* os delfins» (Cam.).
«Cá *me vivo* no meu suburbano com tudo o que me é caro» (A. Cast.).
« Em tão bom remanso *me estava,* pois, uma tarde destas cuidando entre mim naquele ruim prognóstico de Pelletan » (Idem).

Verbos há que se não conhecem senão sob a forma pronominada. Tais são os verbos *arrepender-se, atrever-se*[71], *amercear-se, abster-se, queixar-se, refestelar-se, repotrear-se, jactar-se,* etc. Esses são **essencialmente pronominados.**

Outros, porém, há que só por acidente lhes dá a nossa língua a forma pronominada, como *amar-se, enganar-se, iludir-se, chamar-se* etc. A estes últimos lhes chamam os gramáticos **acidentalmente pronominados.**

À ideia fundamental, de que são sinais os verbos concretos, ajuntam-se em alguns as ideias acessórias de aumento ou intensidade, reduplicação, diminuição, frequência, começo de ação, imitação de atos, qualidades, ações, sistema ou doutrina, o que dá lugar a outras divisões menos importantes.

71. As formas intransitivas, com que de primeiro figuravam os verbos arr*epender-se* e *atrever-*se, hoje em dia são inusitadas.

Assim é que, conforme tais ideias, se distinguem ainda os verbos em *aumentativos* ou *intensivos, diminutivos, frequentativos, incoativos* e *imitativos* ou *analógicos.*

Entre os **aumentativos** figuram os verbos *esbombardear, esbravejar, esmurraçar, labutar, resfriar, retorcer, requeimar, estorcer, recuidar, contorcer, recrescer, requentar, repassar, ressecar, tresjurar, tresandar, tressuar, retalhar, conturbar, retinir, reflorir, trescalar, refilhar, rebramar, recalcar, repisar.*

Entre os **diminutivos** contam-se os verbos *chuviscar, chupitar, esparrinhar, fervilhar, escrevinhar, polvilhar, saltitar, saltarinhar, dormitar, depenicar, lambiscar, namoricar* ou *namoriscar, beliscar, dedilhar, tremelicar, choramingar, gemelhicar, molinhar, pipitar, pipilar.*

São **frequentativos:** *farejar, relampejar, folhear, fumegar, gotejar, florejar, vicejar, manquejar, praguejar, sandejar, doudejar, voltejar, manusear, toscanejar, pestanejar, rumorejar, mercadejar.*

Incoativos são *enriquecer, empobrecer, apodrecer, empalidecer, abolorecer, amadurecer, alvorecer, amanhecer, embarbecer, entenebrecer, amolecer, endurecer, emurchecer, embrandecer, embranquecer, amarelecer, empretecer, escurecer, anoitecer, envelhecer, envilecer, enverdecer, envermelhecer, entardecer*[72].

Imitativos são os verbos *acaçapar-se, asnear, narcisar-se abelhudar, abespinhar-se, borboletear, patear, patinhar, apavonear-se, engatinhar, corvejar, pavonear, platonizar, estoicizar, encaranguejar, formigar, mosquejar, cabritar, encorujar, cabrejar, abelhar-se, grecizar, judiar, romanizar, encanzinar-se, empertigar-se, joguetar* ou *foguetear, papagaiar* e muitos outros.

III

Flexões do verbo

Como o substantivo, o pronome e o adjetivo, é o verbo uma palavra de flexão. São várias essas modificações acidentais, que nos apresenta este elemento do discurso para indicar os tempos, os modos, os números e as pessoas, e

72. A terminação *ecer* dos verbos *incoativos* portugueses, assim chamados do latim *inchoo, as, avi, atum, are,* tem por origem a terminação *serre* da terceira conjugação, a qual forneceu à língua francesa o maior grupo dos verbos em *ir* da segunda, que em alguns tempos intercalavam a sílaba *iss,* originaria do grupo consonante *se,* igualmente colocado entre a raiz ou tema e a desinência: Grandescere (lat.), *engrandecer* (port.), *grandissait, grandisse* (franc.); maturescere (lat.), *amadurecer* (port.), *murissait, múrisse* (franc.); rejuvenescere (lat.), *rejuvenescer* (port.), *rajenissait, rajeunisse* (franc.) viridescere (lat.), *enverdecer* (port.), *verdissait, verdisse* (franc.).

nenhuma palavra flexiva as tem nem em maior número, nem mais variadas.

Afora, pois, as modificações que lhes acrescenta a aposição das formas auxiliares, modificações de algum modo exteriores, a que bem poderíamos chamar *modos auxiliares,* são os verbos sujeitos às flexões modais, temporais, pessoais e numerais, as quais se realizam neles mesmos, em sua própria forma e não em elementos extrínsecos, que se lhes aponham.

a) Dos modos

Modos são as diferentes maneiras pelas quais o verbo apresenta a ideia da existência.

Há dois modos gerais: o **definito** e o **indefinito.**

O primeiro compreende o *indicativo* ou *afirmativo,* o *condicional* ou *supositivo,* o *imperativo* e o *subjuntivo.*

O segundo compreende o *infinitivo pessoal* e o *impessoal* e o *modo participial,* constituído pelo *particípio presente* e *passado.*

O **modo indicativo** ou **afirmativo** exprime a ação presente, passada ou futura como um fato positivo: *Amo, amava, amei, amara, amarei.*

Afirmativo lhe chamam por ser o modo em que domina a afirmação. A esse modo denomina Mason *modo de fato,* porque nele é afirmada a ação como um fato atual, independente da concepção de quem fala, por oposição ao subjuntivo a que chama *modo de concepção,* porque nele a existência ou ação se afirma meramente como concepção do espírito e não como matéria de facto.

O **condicional,** que é antes um sub-modo ou modo secundário, indica a existência ou ação como submetida a uma condição: *Sairia* hoje, se não esperasse um amigo; *iria* hoje passear, se não chovesse; se ele fosse meu amigo, *não faria* isso.

Esse sub-modo indica uma modificação acessória, que lhe não pertence só e exclusivamente, mas podem possuí-la outros modos; demais disso a ideia de condição nem sempre o acompanha: Quando *chegaria* o paquete? *Saberia* Antônio de tua viagem a Lisboa? *Teria ele* compreendido todos os teus intentos? Quem tal *diria!* Vós sabíeis que eu *contaria* tudo a vosso pai.

O **imperativo** exprime a existência ou ação como dependente da vontade da pessoa que fala: *Ama, amai; recebe, recebei; aplaude, aplaudi; vê, vede.*

> « *Vede* que fresca fonte rega as flores,
> Que lágrimas são água *e* o nome amores.»
> (Cam.)

«..... eu velo a barca,
tu *ferra* a vela e *dorme* com descanso;
Adeus.»
(A. Cast.).

Ao *imperativo* denomina Mason *modo de volição,* porque por meio dele se exprime uma ordem, um pedido, uma exortação de molde à vontade do que fala.

O **subjuntivo** indica que a ação ou existência por ele enunciada está sob a dependência de outra a que se ela ajunta e liga: Desejo que *venhas;* receio que *sejas* mal sucedido; duvido que *consigas* isso.

É o modo da dúvida, da indecisão, da incerteza.

O **infinitivo** indica a existência de um modo simples, absoluto, indeterminado; o *impessoal,* sem variar de forma, aplica-se a todos os tempos, a todos os números e a todas as pessoas; o *pessoal,* bem que varie de forma, para exprimir o acessório de pessoa, é aplicável a todos os tempos: Julgo *ser* sabedor, julgo ***seres*** sabedor; creio *ter* acertado, creio *termos* acertado, creio *teres* acertado, creio *terdes* acertado.

«Fingiu *serem vindos* os embaixadores d'el-rei da Pérsia a cobrar o tributo» (Bernardes).

O **modo participial** é constituído pelo *particípio presente* ou *gerúndio* e pelo *particípio passado.*

O *particípio presente* indica uma ação que apresenta uma coincidência de tempo com uma época presente, passada ou futura: *Estando* doente, não posso, não podia, não pude, não pudera, não poderei trabalhar.

O *particípio passado* indica uma existência passada; quer forme linguagens compostas com as formas auxiliares, quer entre na composição das proposições passivas: *Tenho amado, tenho trabalhado, tinha recebido, tinha estudado, terá estudado, terei concluído, teremos terminado, sou amado, fui recebido, fomos aplaudidos, é estimado, fora considerado.*

As formas verbais *ante, ente, inte* dos particípios presentes perderam em nossa língua seu caráter primitivo e hoje outra coisa não são que meros *substantivos atributivos* ou *adjetivos verbais: Amante, comandante, mandante, estudante, mordente, temente, pedinte, filante, ouvinte, obediente, crente, andante, falante, assistente, passante, ciente, tirante, oferente, preopinante, conducente, ocorrente, referente, carecente, docente, discente, olente, aderente, fremente, ridente, fluente.*

Em alguns casos pode o particípio presente, cuja forma se identifica com a do gerúndio, ser precedido da preposição *em,* o que comunica à enunciação certo sainete e toque de graça e elegância:

«As estrelas no meio das trevas luzem e resplandecem mais; mas *em aparecendo* o sol, que é luz maior, desaparecem as estrelas» (Vieira).
«Nobreza desunida não pode ser, porque, *em sendo* desunida, logo deixa de ser nobreza, logo é vileza» (Idem).
«*Em nascendo,* já fazem a um clérigo, a outro frade, a outro soldado» (L. de Souza).

«Apenas do universo alguns nomes de amor
Ouvireis ressoar nas preces, que ao Senhor,
Em reflorindo a aurora, *em refervendo* o dia,
Em desmaiando a tarde, o coro entretecia ».
(A. Cast.).

As formas em *ante, ente, inte,* que, segundo acabamos de dizer, só se empregam hoje em dia como substantivos atributivos ou adjetivos verbais, eram até o século 16 características do particípio presente.

Assim que se encontra em Camões:

«Suas perlas ricas e *imitantes* a cor da aurora »;

... e no autor da *Monarquia Lusitana:*

«Eu o Conde D. João Afonso, *temente* minha morte.. .»

Sem embargo da obliteração do caráter participial dessas formas, ainda nos vêm às vezes aos ouvidos as seguintes locuções: ele é muito *temente* a Deus; é uma cor *tirante* a verde, *tirante* a amarelo, onde claro se nos patenteia o caráter participial dos adjetivos *temente, tirante.*

Essas formas antigas do particípio presente eram mais chegadas aos sufixos *antem, entem, ientem* dos particípios latinos da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª conjugações, modelando-se hoje as formas deste particípio português pelas formas peculiares ao gerúndio latino.

Os *particípios passados,* considerados em si mesmos, são essencialmente passivos.

Unidos às várias formas dos auxiliares *ter* e *haver,* são, no uso atual da língua, invariáveis e constituem formas verbais compostas, acompanhadas ou não de complemento na contextura do discurso; associados, porém, aos verbos *ser, estar, ficar, parecer* e outros análogos, variam sempre, inculcando ordinariamente sentido passivo: *Tenho lido, tenho estudado, tinha trabalhado, tinha dormido, havia visto* muitas cidades, *tinha percorrido* muitos países, *havia morrido* muita gente naquele ano; ele *é estimado,* ela *é instruída,* eles *são estimados,* elas *são instruídas, ele é precipitado, ele parece ilustrado,* eles *parecem educados, estou encantado, está admirado, ficou conhecido, ficara irritado.*

Particípios passados há, todavia, de formas variáveis, que apresentam sentido ativo.

Tais são os que entram nas seguintes locuções: *É um homem muito lido, muito conversado, muito reconhecido; criança sabida; já me aborrece subir estas cansadas escadas, é homem muito viajado, muito trabalhado; estas cansadas ladeiras matam-me; bem vestido, bem bebido e bem comido; já estou almoçado, já estou jantado, já estou ceado.*

«A caridade é paciente e *sofrida* nas tribulações ».
«A sua paciência muito *sofrida*» (Vieira).

«Subindo e descendo aquelas *cansadas* escadas» (Idem).
«Venham *ceados*» (R. Lobo).
«Presto andariam *almoçados*» (Fr. João de Ceita).

Ao revés disso, davam os antigos sentido passivo à forma em *ante* do verbo *dar,* dizendo: *Dante* em Almeirim, *dante* em Lisboa por *dado* em Almeirim, *dado* em Lisboa, ou *datado* de Almeirim, de Lisboa.

Por outra parte, os particípios passados, acompanhados do verbo *ter* ou *haver,* os quais são hoje em dia invariáveis, eram antigamente empregados, às vezes, sob a forma variável, como se nota em Camões, Barros, Fernão Mendes, Jacyntho Freire, Luiz de Souza e muitos outros clássicos:

.«E porque como vistes *tem passados*
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus *experimentados*»
(Cam.).

«A qual será posta no catálogo das mercês que este reino dele *tem recebidas* » (Barros).

«Para remissão de quantas culpas *tenham cometidas* » (F. Mendes).
«Como foram os que até agora *tendes feitos*» (Jac. Freire).
«Também nos *tinham mortos* grandes e bons soldados » (L. de Souza).

As formas em *udo* dos particípios passados da segunda conjugação portuguesa, tão em voga até o século 15, em que se dizia *entendudo, sabudo, recebudo, temudo, tangudo,* tornaram-se obsoletas, notando-se apenas no vocábulo *conteúdo,* considerado hoje substantivo, no adjetivo *manteúdo,* de longe em longe usado, e na locução *teúda* e *manteúda,* fórmula bem conhecida e trilhada em linguagem forense, aplicável à mulher que alguém sustenta e mantem à sua conta.

b) Dos tempos

Tempos são as formas ou flexões por meio das quais o verbo determina uma época.

Os tempos dos verbos são relativos a uma época com que se comparam e lhes serve de ponto de partida; é essa época, unidade comparativa dos vários tempos, o momento preciso, o *ato* mesmo da palavra.

Toda a existência que coincide ou é simultânea com esse momento da palavra se chama *presente,* toda a existência que é anterior a esse momento recebe o nome de *passado;* toda a existência que lhe é posterior se diz *futuro.*

Os *tempos,* pois, são o **presente,** o **passado** e o **futuro.**

Dividem-se os *tempos* em *principais* e *secundários:* os primeiros determinam uma época, referindo-a só ao momento da palavra: *Amo, amei, amarei.*

Os tempos *secundários,* porém, enunciam duas relações: uma com o momento preciso da palavra, outra com uma época determinada no discurso.

Assim quando dizemos: «eu *jantava,* quando Francisco *entrou*», as formas verbais *jantava* e *entrou,* cada uma delas indica separadamente um passado com respeito ao ato da palavra, mas ambas consideradas em suas mútuas relações indicam uma coincidência e simultaneidade: a ação de jantar considera-se presente com referência a ação, ao ato da entrada de Francisco e vice-versa.

Na frase: *Tibério foi imperador depois de Augusto,* a forma verbal *foi* indica um passado respectivamente ao momento da palavra e um futuro no tocante ao período do império ou governo de Augusto.

Muitos gramáticos distinguem os tempos em *absolutos* e *relativos.*

Tais denominações, porém, julgamo-las impróprias, porque, sendo, como já vimos, todos os tempos relativos a uma época fixa, a cujo respeito se dizem *presentes, passados* ou *futuros,* não os há em rigor senão relativos.

Sendo o *presente* circunscrito ao instante indivisível, ponto intangível entre o passado e o futuro, só admite um tempo; já não corre assim com o *passado* e o *futuro.* Com efeito, sendo uma ação no passado e no futuro mais ou menos próxima do momento preciso da palavra, força é que tenha a língua diversas divisões nas formas verbais que traduzam os momentos sucessivos da duração no passado e no porvir.

Isto não obstante, o presente, sem deixar de sê-lo, combina-se na linguagem com o futuro e com o passado por maneira, que ora avança e usurpa alguns instantes daquele, ora recua, parecendo com este fundir-se e confundir-se.

*
* *

O modo indicativo conta os seguintes tempos: o *presente,* o *passado imperfeito* ou *simultâneo,* o *passado definito,* o *passado indefinito,* o *passado mais que perfeito, o futuro imperfeito,* e *o futuro perfeito, anterior* ou *passado.*

O condicional tem dois tempos: o *presente* e o *passado.* O **imperativo** tem apenas um tempo, que é o *futuro.*

O modo subjuntivo encerra os tempos seguintes: o *presente,* o *imperfeito,* o *passado indefinito,* o *mais que perfeito,* o *futuro imperfeito* e o *futuro perfeito, passado* ou *anterior.*

O **infinitivo** conta dois tempos. o *presente* e o *passado.*

O modo participial igualmente dois tempos: o *presente* e o *passado.*

O **presente do indicativo** denota que uma coisa se faz no momento da palavra.

Esse tempo não pode dividir-se, porque a atualidade não pode ser mais ou menos presente: *Escrevo, falo, leio, converso, estudo.*

Indica ainda o *presente* uma ação habitual, um fato ligado a uma lei ou regra geral de uma verdade constante ou coisas que são verdadeiras e sempre o serão, sejam quais forem as circunstâncias fortuitas e eventuais: Pedro *fuma*, Carlos *bebe* muito; Henrique *trabalha* sempre; Deus *existe;* a matéria não *morre: transforma-se,* a herança *é* uma grande lei biológica.

«Na vida *são* os Mecenas que *douram* com os brilhos mundanos, que lhes *sobejam,* os louros altivos dos Virgílios; na morte *são* os Virgílios, que *iluminam* e *perpetuam* com os reflexos da sua glória os vultos secundários dos Mecenas» (Lat. Coelho).

Algumas vezes exprime uma ação que não só compreende o momento presente ou atual, senão que se estende ao passado: há *muito tempo* resido *neste bairro.*

Designa outras vezes este mesmo tempo um passado que, pela rapidez e vivacidade do pensamento, se representa e concebe como presente. É o que *se* chama *presente histórico:* « *Venho, vejo-o* e *aperto-o* nos meus braços ». «*Chego, pego-lhe* do braço, *e* o *recolho,* e o *enxugo,* e o *aqueço,* e o *agasalho* no meu colo».

É finalmente o presente empregado pelo futuro, sendo o tempo real determinado e fixado por alguma circunstância deduzida do próprio contexto: *Amanhã* **vou** *jantar contigo; no domingo vindouro* **realiza-se** *a sessão magna da sociedade; depois d'amanhã* **chega** *o vapor do norte;* **sigo** *no primeiro vapor.*

O **passado imperfeito** ou **simultâneo** indica uma ação passada com respeito ao momento da palavra, mas presente relativamente a outra em um tempo igualmente passado; as duas ações coincidem, são simultâneas; **Pensava** *em ti, quando* **entraste.**

Indica também o *passado imperfeito* uma ação habitual ou muitas vezes repetida num passado não determinado ou definido: Outrora eu *lia* muito; Tiradentes *era* amante de seu país; Alexandre *era* ambicioso.

> «Na Grã-Bretanha *floresciam* os maiores engenhos da tribuna» (Lat. Coelho).

> «Do teu príncipe ali te *respondiam*
> As lembranças, que na alma lhe *moravam,*
> Que sempre ante seus olhos te *traziam,*
> Quando dos teus formosos se *apartavam*»
> (Camões).

Os escritores clássicos socorriam-se às vezes desse tempo, em vez do *imperfeito do subjuntivo,* praticando sintaxe análoga à francesa. Testemunhas são os exemplos seguintes:

> «Que os havia de afogar a todos eles e aos montes, e ao mundo *se se não emendavam* » (Vieira).
> « Prometeu-lhe ser sua mordoma, *se lhe dava saúde* » (Souza).

O **passado definito,** chamado geralmente **pretérito perfeito** ou **passado perfeito**, indica uma ação feita em tempo passado, ou seja esse passado determinado, circunscrito e preciso, ou não: A semana passada *estive* com Pedro; ontem *jantei* em casa de um amigo; hoje *veio* Carlos visitar-me; ainda há pouco *saiu* daqui; *recebi* notícias importantes da Capital Federal; o *Guarani* de Carlos Gomes *foi* muito aplaudido no teatro de Milão.

O passado **indefinito** indica uma ação feita em um tempo ou momento indeterminado, não de todo decorrido: *Tenho sentido* muito tua ausência; este ano *tem havido* muitas laranjas; *tenho recebido* muitos telegramas do Rio; *tenho estado* muito receoso do desenlace desta minha moléstia; *tenho empregado* todos os recursos para o desviar do mal.

O **mais que perfeito** exprime uma ação não só passada em si, senão também passada com respeito a outra igualmente passada: *Acabara* ou *tinha acabado* ou *havia acabado* toda a leitura, quando entraste na sala.

> «*Fora* a cidade antigamente habitada de brâmanes » (Jac. Freire). « *Quisera* o governador dissuadi-lo » (Idem).

Emprega-se também esse tempo para exprimir uma existência ou ação condicional, em lugar do *supositivo* ou *condicional:*

> «Se eu *fora* um dos beneméritos, em mim mesmo e no meu próprio merecimento, *achara* tão grandes razões de me consolar, que sem outra mercê nem despacho, me *dera* por mui contente e satisfeito » (Vieira).
>
> «E se Deus não *cortara* a carreira ao sol com a entreposição da noite, *fervera-se* e *abraçara-se* a terra, *arderam* as plantas, *secaram-se* os rios, *sumiram-se* as fontes e *foram* verdadeiros e não fabulosos os incêndios de Phaetonte » (Idem).

Neste caso, como se vê, o *imperfeito do subjuntivo* reveste também as formas do *mais que perfeito:* assim o *fora* do primeiro exemplo e o *cortara* do segundo assumem formas emprestadas, em vez de suas formas próprias *fosse* e *cortasse.*

O **futuro imperfeito** denota que a existência ou ação será ou se fará em um tempo posterior ao ato da palavra: Amanhã *irei* ver-te; amanhã *partirei* para a capital.

Esse tempo é algumas vezes empregado pelo *imperativo* para indicar uma prescrição, uma regra ou norma de procedimento, uma ordem ou mandamento: Não *matarás,* não *jurarás* em vão o santo nome do Senhor.

O **futuro passado** ou **anterior** indica uma ação que se fará, quando outra igualmente futura se tiver executado: Quando vieres, *terei partido* para o campo, quando chegarem os reforços, já *terá entrado* em fogo o exército.

O **condicional presente** exprime uma ação que se realizaria em um tempo presente, mediante certa condição: *Seria* feliz, se seguisse os teus conselhos; *gozaríamos* de muita paz e tranquilidade, se seguíssemos sempre os ditames de nossa consciência.

É outrossim usado o *condicional presente,* quando se pretende indicar uma existência passada, incerta, duvidosa, simultânea com outra existência também passada. Equivale ao *passado imperfeito,* a que acompanha uma ideia de dúvida e incerteza: *Seriam* quatro horas da tarde, quando caiu sobre a cidade uma furiosa tormenta, que desfechou em trovões; *seriam* onze horas, quando começou a festa.

O **condicional passado** indica uma ação que se teria feito no passado, se se tivesse cumprido e realizado a condição de que dependia: *Teria dado* um passeio ao Botafogo, se m'o tivesse o tempo permitido; *teria saído* da capital, se Emílio me não tivesse avisado de sua chegada de Lisboa.

O **imperativo** tem, como já notamos, apenas um tempo, que é o *futuro;* porque, exprimindo uma ordem, uma súplica ou exortação, deve a execução desta ordem ou exortação seguir mais ou menos imediatamente à expressão que a externa e representa: *Amai* ao próximo, como a vós mesmos.

> «A estas criancinhas *tem* respeito» (Camões).
>
> « *Cala-te* e *dorme,*
> __ Lhe disse - é tarde, tudo jaz em calma,
> Todo o céu vai já limpo; eu velo a barca;
> Tu *ferra* a vela e *dorme* com descanso;
> Adeus..... »
> (A. Cast.).

Em certas maneiras de dizer toma este modo as formas do *subjuntivo.* Isto é bem de ver nas seguintes frases negativas; «Não *cedas* às suas rogativas», «*não me fujas*», «*não creias* nisso»: onde, se fora afirmativa a enunciação, disséramos: «*cede* às suas rogativas», «*foge*-me», «*crê* nisso».

O presente do subjuntivo designa uma ação que coincide com um presente: É mister que eu *saia* agora; vosso irmão é modesto, bem que *seja* muito instruído.

Essa mesma forma verbal indica muitas vezes uma existência ou ação futura: É mister que *partas* amanhã; desejo que *sejas* feliz nessa tua empresa; duvido que ele *venha* no fim do ano; receio que *chova;* é provável que *sejas* bem-sucedido.

O **imperfeito do subjuntivo** enuncia uma ação passada em relação ao ato da palavra, mas considerada presente relativamente a outra ação, igualmente passada: «Eu duvidava que ele *fizesse* essa viagem ». A ação exprimida pela forma verbal *fizesse* é passada com relação ao ato da palavra, mas parece coincidir com o momento ou instante da dúvida: ele *não gostou que em sua presença* **escrevesse** *eu essa carta.*

Serve, outrossim, a mesma forma verbal para designar: 1.º um passado considerado futuro relativamente a outro passado: *Carlos receava que eu* escrevesse *a seu pai;* 2.° um presente condicional: *Para saber ele tudo seria mister que eu* **escrevesse** já; 3.° um futuro condicional: *Seria mister que eu* **escrevesse** *amanhã.*

O **passado do subjuntivo** corresponde ao *passado indefinito do indicativo;* por isso o denominamos como um distinto gramático *passado indefinito.* Indica esse tempo do subjuntivo um passado sem outra alguma ideia acessória, além da dependência e subordinação, que é característica de todas as formas do *modo subjuntivo: Não julga que eu* **tenha escrito** *a seu pai.*

Pode esse tempo indicar em alguns casos um *futuro anterior: Não fecharemos esta carta, sem que a* **tenhais lido.**

O **mais que perfeito do subjuntivo** indica uma ação passada anterior a outra também passada: *Não julgava que* **tivesses referido** *tudo a seu pai, ele duvidava que eu* **tivesse escrito**' *aquelas cartas.*

Pode a mesma forma temporal significar uma ação passada anterior a um futuro condicional; *ele não fecharia aquela carta, sem que m'a* **tivesse mostrado.**

O **futuro imperfeito do subjuntivo** exprime já um futuro anterior, já um futuro simultâneo com outro: *Se* **fores** *aplicado, aprenderás; quando lá* **chegares,** *encontrar-me-ás, enquanto* **estiveres** *aqui, ouvirás meus conselhos.*

Encontramo-lo às vezes empregado em lugar do *subjuntivo presente,* como nestes pontos:

> «*Onde quer que se puser* o pensamento» (Lucena).
> «*Apenas raiar* a aurora, eu *serei* contigo » (Herc.).

O **futuro passado** indica uma ação futura, mas sempre acabada e anterior a outra igualmente futura: *Se até amanhã não* **tiver recebido** *notícias de meu pai, telegrafarei para o Rio.*

O **infinitivo,** que por si mesmo nenhum tempo exprime, indica um presente, um passado ou um futuro, conforme o verbo que o rege ou determina está no presente, no passado ou no futuro: *Vejo-o* **passar;** *via-o* **passar;** *vê-lo-emos* **passar.**

O **passado do infinitivo** denota sempre um passado relativamente ao tempo do verbo que o rege: *Julgo* **ter acertado;** *julgava* **ter acertado;** *julgamos* **ter acertado,** *julgara* **ter acertado;** *julgaria* **ter acertado.**

O modo participial, constituído em nossa língua pelas formas verbais *ando, endo, indo, ondo, ado, ido,* originárias dos gerúndios latinos em *ando, endo* e dos sufixos *atum, itum,* compreende, como atrás ficou dito, o *particípio presente* ou *imperfeito,* chamado também *gerúndio,* e o *particípio passado.*

O primeiro, considerado só por só, não exprime determinadamente tempo algum, mas, posto em relação no contexto da frase com outro verbo, designa uma coincidência já com um presente, já com um passado, já com um futuro: **Achando-se** *muito atarefado, não pode, não podia, não poude*[73]*, não pudera, não poderá, não poderia prestar-lhe atenção.*

O *particípio passado* indica sempre um passado: *Tenho* **estudado,** *terei* **concluído,** *terá* **terminado.**

Alguns gramáticos, seguindo neste particular as ideias de Duclos, distinguem os atuais **particípios imperfeitos** portugueses em *ando, endo, indo, ondo* do **gerúndio,** cuja forma é idêntica.

Este, segundo esses gramáticos, enuncia sempre uma ação passageira, a maneira, o modo, o meio, o tempo de uma ação, que se subordina a outra: o *particípio* indica a causa da ação ou o estado da coisa de que se fala.

Em despeito de se acharem esses diferentes sentidos nas formas *ando, endo, indo, ondo,* parece-nos, todavia, mais simples se dê a estas formas a denominação geral de *particípios do presente* ou *imperfeitos,* compreendido, sob essa denominação geral, não só o *particípio presente,* cujas formas originarias desapareceram em nossa língua no sentido que lhe davam no latim, senão também a modificação verbal apelidada *gerúndio.*

Muitos casos há, por outro lado, em que, segundo a doutrina do mesmo Duclos, o *gerúndio* e o *particípio imperfeito* podem tomar-se indiferentemente um pelo outro.

Donde parece tal distinção é mais sutil e capciosa, que positiva e fundamental.

Muitos verbos há que têm dois *particípios passados:* um *inteiro* e *regular,* outro *contrato* e *irregular.*

Assim se diz indiferentemente: tinha *pagado* ou tinha *pago;* tinha *entregado* ou *entregue;* tinha *gastado* ou *gasto;* tinha *expelido* ou *expulso;* tinha *salvado* ou *salvo;* tinha *imprimido* ou *impresso;* tinha *rompido* ou *roto;* mas já não se costuma dizer hoje: tinha *escrevido,* tinha *prescrevido,* tinha *proscrevido,* tinha *transcrevido,* tinha *abrido,* tinha *encobrido* como no-lo testificava a lição dos escritores mais antigos; aqui prefere o uso as formas irregulares *escrito, prescrito, proscrito, transcrito, aberto, encoberto.*

Em muitos outros verbos portugueses se observa ainda essa dualidade de formas de *particípios passados,* nem sempre usados com a mesma frequência. Além dos já apontados servem de exemplos os seguintes: **aceitar,** *aceitado, aceito*

73. Hoje, "não pôde". (n.e.)

e *aceite;* **acender,** *acendido* e *aceso:* **afligir,** *afligido* e *aflito;* **absorver,** *absorvido* e *absorto;* **atender,** *atendido* e *atento;* **aderir,** *aderido* e *adeso;* **anexar,** *anexado* e *anexo;* **abstrair,** *abstraído* e *abstrato;* **cativar,** *cativado* e *cativo;* **descalçar,** *descalçado* e *descalço;* **difundir,** *difundido* e *difuso;* **digerir,** *digerido* e *digesto;* **eximir,** *eximido* e *exempto;* **esconder,** *escondido* e *esconso;* **enxugar,** *enxugado* e *enxuto;* **exceptuar,** *exceptuado* e *exceto;* **expulsar,** *expulsado* e *expulso;* **exaurir,** *exaurido* e *exausto;* **infestar,** *infestado* e *infesto*' **extinguir,** *extinguido* e *extinto;* **expressar,** *expressado* e *expresso;* **fartar,** *fartado* e *farto;* **convencer,** *convencido* e *convicto,* **misturar,** *misturado* e *misto;* **defender,** *defendido* e *defeso;* **frigir**, *frígido* e *frito;* **erigir,** *erigido* e *ereto;* **envolver,** *envolvido* e *envolto;* **corromper,** *corrompido* e *corrupto;* **excluir,** *excluído* e *excluso;* **incluir,** *incluído* e *incluso;* **concluir,** *concluído* e *concluso;* **converter,** *convertido* e *converso;* **suspeitar,** *suspeitado* e *suspeito;* **matar,** *matado* e *morto;* **salvar,** *salvado* e *salvo;* **libertar,** *libertado* e *liberto;* **oprimir,** *oprimido* e *opresso;* **sepultar,** *sepultado* e *sepulto;* **suprimir,** *suprimido* e *supresso;* **nascer,** *nascido, nato* ou *nado;* **tingir,** *tingido* e *tinto;* **assumir,** *assumido* e *assunto;* **limpar,** *limpado* e *limpo;* **surgir,** *surgido* e *surto;* **submergir,** *submergido* e *submerso;* **repelir,** *repelido* e *repulso;* **resolver,** *resolvido* e *resoluto* etc.

É de notar que os particípios passados de forma *regular* são os verdadeiros particípios, já invariáveis no uso atual da língua e conjugados com as formas do auxiliar *ter* ou *haver,* já variáveis e conjugados com o verbo abstrato *ser;* os de forma *irregular, contratos* ou *anômalos,* perderam, pela maior parte, seu caráter de particípios, tornando-se verdadeiros adjetivos.

Sobre o emprego dessas duas formas de *particípios passados* não podem estabelecer-se regras universais e invariáveis. O uso, a lição assídua dos bons escritores, que são textos desenganados e modelos seguros do bom falar, indicarão quando se deve em nossa língua dar preferência a uma ou outra forma.

A antiga forma participial em *udo, uda* dos verbos da segunda conjugação ficou, já o dissemos, imobilizada no adjetivo ou substantivo.

As formas latinas em *andus, anda, andum; endus, enda, endum,* dos particípios passivos do futuro, desapareceram no português, não o fazendo, porém, sem deixar indícios manifestos de sua existência, não só em adjetivos usados principalmente em linguagem poética, em que transparece o sentido que originariamente se lhes atribuía, senão também em substantivos, usados analogicamente com sufixos correspondentes aos sufixos participiais da língua matriz. Atestam-nos isso os vocábulos seguintes *adorando, admirando, miserando, nefando, execrando, abominando, tocando, despiciendo, invejando, expiando,* usados em linguagem poética; e em linguagem comum: *educando, multiplicando, exa-*

minando, doutorando, ordinando, bacharelando, prebenda, colendo, reverendo, dividendo, vianda, vivenda, operando, oferenda, lenda, legenda, moenda, locanda.

«Sem cuidar donde os mármores me venham
Para *invejandos* pórticos» (T. Elys.)

«É *despiciendo* o Garção, o Diniz». (Idem).
«Teu *execrando* amor os céus puniram ». (Garret).
«E da sua conservação não *despicienda*» (Cast.).

Dos *particípios ativos do futuro* em *urus, ura, urum* restam-nos vestígios inequívocos nas palavras *vindoiro, nascituro* (termo jurid.), *perecedoiro, imorredoiro* e com o mesmo sufixo os substantivos portugueses *logradoiro, sumidouro, escoadoiro, babadoiro, sangradoiro, bebedoiro, coradoiro, comedoiro, desaguadoiro, varredoiro, espojadoiro, matadoiro, nascedoiro* e alguns mais, cujo sufixo se representa também por *ouro: vindouro, perecedouro, bebedouro, sangradouro* etc.

c) Do número e pessoas

Número é a modificação na forma do verbo, em virtude da qual esse elemento do discurso indica se falamos de uma só pessoa ou coisa ou de mais de uma.

Há, pois, dois *números* no verbo, como no substantivo: o *singular* e o *plural amo, amas, ama; amamos, amais, amam.*

Pessoas são as várias modificações ou flexões que apresenta o verbo para indicar que o que fala ou fala de *si* mesmo, ou da pessoa ou pessoas a quem se dirige, ou de alguma outra pessoa ou coisa: **Eu** *leio,* **tu** *cantas,* **ele** *dorme;* **nós** *lemos,* **vós** *cantais,* **eles** *dormem.*

Só há três pessoas para cada número, designadas pela denominação de **primeira, segunda** e **terceira.**

A *primeira pessoa* é exprimida pelo pronome *eu* para o singular, e *nós* para o plural; a segunda é exprimida por *tu* para o singular, e *vós* para o plural; a terceira, por *ele, ela* para o singular, e *eles, elas* para o plural.

A *primeira pessoa* representa o sujeito que fala; a *segunda,* o sujeito a quem é dirigido o discurso; a *terceira,* o sujeito de quem se fala.

IV
Da conjugação

O vocábulo **conjugação** é tomado em duas acepções diferentes: ou exprime a reunião sistemática de todas as formas temporais, modais, numéricas e pessoais por que sucessivamente passa o verbo, ou a classe a que esse pertence, conforme a semelhança e analogia de suas várias flexões e desinências.

No primeiro caso emprega Tracy o termo *declinação,* como mais adaptado a denotar essas variações por que passa o verbo em sua terminação, para designar os tempos, os modos, os números e as pessoas.

Mas a palavra *declinação,* embora mais precisa nesse sentido, não está em voga entre os gramáticos. Quer num, quer noutro sentido, portanto, é hoje em dia empregado só o vocábulo *conjugação,* quando se fala do verbo.

Há no português três conjugações, que se distinguem pela desinência do infinitivo.

A primeira conjugação compreende todos os verbos cuja desinência infinitiva acaba em **ar:** *Amar, cantar, dançar, saltar, jogar, brincar* etc.

A segunda abrange os verbos terminados no infinito em **er:** *Defender, receber, fender, render, vender, caber, saber, poder* etc.

A terceira encerra os terminados em **ir:** *Admitir, aplaudir, partir, mentir, cuspir, carpir, subir, tossir* etc.

Além dessas três conjugações há o grupo dos verbos acabados em **or,** que só encerra verbos que têm a mesma raiz, constituído pelo verbo *pôr* e todos os seus compostos, como *depor, dispor, apor, compor, recompor, decompor, descompor, repor, pospor, supor, pressupor, opor, impor, entrepor, interpor, contrapor, sobrepor, superpor, justapor, sotopor, transpor, expor, prepor, propor, predispor, antepor, indispor.*

O verbo *pôr,* que constitui para a maioria dos gramáticos o modelo dos verbos da quarta conjugação, é um verbo que se contraiu do antigo verbo português *poer,* da segunda conjugação, de que ainda nos restam reminiscências nos vocábulos *poente, depoente, expoente, poedouros, poedeira,* dele derivados.

Além dos vinte e sete verbos apontados, que têm por modelo o verbo *pôr* e que em rigor não constituem mais que um só verbo, diferenciando-se apenas pelos afixos, nenhum verbo conhece a nossa língua em *or.* É, pois, essa conjugação, se podemos assim apelidá-la, uma conjugação infecunda e morta; o que não corre com respeito a conjugação em *ar,* a mais fecunda de todas as conjugações, correspondente aos verbos em *are* da língua latina e aos terminados em *er* da língua francesa, os quais, assim nesta, como em nossa língua, formam a verdadeira conjugação viva, fonte perene de novas criações, não existindo em os nossos verbos terminados em *er, ir* a mesma força imanente de vida.

Afora todas essas modificações ou flexões concernentes aos modos, tempos, números e às pessoas, distingue-se nos verbos a modificação particular indicada em nossa língua e nas *novolatinas* não por mudanças de flexões, senão por outros meios subsidiários: é o que se apelida *voz* do verbo.

Voz são as modificações verbais que exprimem ser o sujeito da proposição o que exercita a ação, ou representa, ao contrário, não já o agente, senão o objeto dessa mesma ação indicada pelo verbo.

No primeiro caso a voz se diz *ativa;* no segundo, *passiva.* Assim *amo, amava, amou, amara, amar, amaria,* formas verbais, que entram nas proposições *Emílio ama, Antônio amava, Pedro amou, ele amará, Carlos amara, Pedro amaria,* são formas da *voz ativa* do verbo *amar;* são, porém, formas da *vos passiva* do mesmo verbo as que entram nas proposições *Emílio é amado, Maria era amada, Pedro foi amado, ele fora amado, Pedro será amado, Carlos seria amado.*

Além de traduzirmos a *voz passiva* por meio do verbo *ser,* unido a um particípio passado, é muito comum em nossa língua exprimirmo-la servindo-nos do pronome se dá terceira pessoa, acostado ao verbo, que, neste caso, deve considerar-se formando com o pronome uma só expressão verbal de sentido passivo: **Avista-se** *o morro de muitas léguas de distância;* **levantou-se** *um magnífico monumento na praça Duque de Caxias;* **vendem-se** *bons livros na livraria Berthier.*

> «Há um coração, terra de paraíso, em que só *se devem semear os bons afetos* » (A. Cast.).
> « Homem enfim de quem nunca *se disseram tantos louvores,* que não ficasse merecendo mais» (Luiz de Souza).
> «Que as verdades poucas vezes *se dizem* e menos vezes *se ouvem*» (Idem).
>
> «Por ele o mar remoto navegamos,
> Que só dos feios focas *se navega*»
> (Cam.).

Este modo de apassivar o sentido da proposição não é privativo da nossa língua: no francês, em muitos casos, exprime-se semelhantemente a voz *passiva,* como nos assegura a lição dos bons modelos dessa língua:

> «Tout ce qui *se mange* avec plaisir *se digère* avec facilité» (Bern. de Saint Pierre).
>
> « Et de ce mélange divers
> *Se composent* nos destinées » (Malherbe).

O verbo, considerado em seus elementos mórficos, consta de *raiz* ou *radical* e *terminação.* A *raiz* contém a ideia fundamental do verbo; a *terminação* exprime as ideias acessórias de modos, tempos, números e pessoas.

Como na ordem lógica é o verbo *ser* o primeiro dos verbos, conjugá-lo-emos em primeiro lugar, já em seus tempos simples somente, já em seus tempos simples e compostos ao mesmo passo, apresentando depois a conjugação dos auxiliares *estar, ter, haver,* dos verbos em *ar, er, ir, or,* o paradigma da conjugação passiva, constituída pelo verbo *ser* e o particípio passado do verbo que se apassiva, e a conjugação dos pronominados empregados afirmativa ou negativamente.

I
Da conjugação do verbo SER em seus tempos simples
(MODO DEFINITO)

MODO INDICATIVO OU AFIRMATIVO

Presente

N.S.	Eu *sou*	N.P.	Nós *somos*
	Tu *és*		Vós *sois*
	Ele *é*		Eles *são*

Passado imperfeito ou simultâneo

N.S.	Eu *era*	N.P.	Nós *éramos*
	Tu *eras*		Vós *éreis*
	Ele *era*		Eles *eram*

Passado definito

N.S.	Eu *fui*	N.P.	Nós *fomos*
	Tu *foste*		Vós *fostes*
	Ele *foi*		Eles *foram*

Passado mais que perfeito

N.S.	Eu *fora*	N.P.	Nós *fôramos*
	Tu *foras*		Vós *fôreis*
	Ele *fora*		Eles *foram*

Futuro imperfeito

N.S.	Eu *serei*	N.P.	Nós *seremos*
	Tu *serás*		Vós *sereis*
	Ele *será*		Eles *serão*

Condicional (modo secundário)

N.S.	Eu *seria*	N.P.	Nós *seríamos*
	Tu *serias*		Vós *seríeis*
	Ele *seria*		Eles *seriam*

MODO IMPERATIVO

Futuro

N.S.	Sê tu	N.P.	Sede vós

MODO SUBJUNTIVO

Presente

N.S.	Eu *seja*	N.P.	Nós *sejamos*
	Tu *sejas*		Vós *sejais*
	Ele *seja*		Eles *sejam*

Imperfeito

N.S.	Eu *fosse*	N.P.	Nós *fôssemos*
	Tu *fosses*		Vós *fôsseis*
	Ele *fosse*		Eles *fossem*

Futuro

N.S.	Eu *for*	N.P.	Nós *formos*
	Tu *fores*		Vós *fordes*
	Ele *for*		Eles *forem*

(MODO INDEFINITO)

MODO INFINITIVO

Infinito impessoal

Ser

Infinito pessoal

N.S.	Ser eu	N.P.	Sermos nós
	Seres tu		Serdes vós
	Ser ele		Serem eles

MODO PARTICIPIAL

Particípio presente

Sendo

Particípio passado

Sido

II
Da conjugação do verbo SER em seus tempos simples e compostos

Presente

N.S.	Eu *sou*	N.P.	Nós *somos*
	Tu *és*		Vós *sois*
	Ele *é*		Eles *são*

Passado imperfeito ou simultâneo

N.S.	Eu *era*	N.P.	Nós *éramos*
	Tu *eras*		Vós *éreis*
	Ele *era*		Eles *eram*

Passado definito

N.S.	Eu *fui*	N.P.	Nós *fomos*
	Tu *foste*		Vós *fostes*
	Ele *foi*		Eles *foram*

Passado indefinito

N.S.	Eu *tenho sido*	N.P.	Nós *temos sido*
	Tu *tens sido*		Vós *tendes sido*
	Ele *tem sido*		Eles *têm sido*

Passado mais que perfeito

N.S.	Eu *fora*	N.P.	Nós *fôramos*
	Tu *foras*		Vós *fôreis*
	Ele *fora*		Eles *foram*

Outro

N.S.	Eu *tinho sido*	N.P.	Nós *tínhamos sido*
	Tu *tinhas sido*		Vós *tínheis sido*
	Ele *tinha sido*		Eles *tinham sido*

Futuro imperfeito

N.S.	Eu *serei*	N.P.	Nós *seremos*
	Tu *serás*		Vós *sereis*
	Ele *será*		Eles *serão*

Outro

N.S.	Eu *hei de ser*	N.P.	Nós *havemos de ser*
	Tu *hás de ser*		Vós *haveis de ser*
	Ele *há de ser*		Eles *haverão de ser*

Futuro passado ou anterior

N.S.	Eu *terei sido*	N.P.	Nós *teremos sido*
	Tu *terás sido*		Vós *tereis sido*
	Ele *terá sido*		Eles *terão sido*

(MODO INDEFINITO)

MODO INFINITIVO

Infinito impessoal

Ser

Passado

Ter sido

Infinito pessoal

N.S.	Ser eu	N.P.	Sermos nós
	Seres tu		Serdes vós
	Ser ele		Serem eles

Passado do infinito pessoal

N.S.	Ter eu sido	N.P.	Termos nós sido
	Teres tu sido		Terdes vós sido
	Ter ele sido		Terem eles sido

MODO PARTICIPIAL

Particípio presente

Sendo

Particípio passado

Sido, tendo sido

III
Da conjugação dos auxiliares TER, ESTAR e Haver

(MODO DEFINITO)

MODO INDICATIVO OU AFIRMATIVO

Presente

N.S.	Eu *tenho*	Eu *estou*	Eu *hei*
	Tu *tens*	Tu *estás*	Tu *hás*
	Ele *tem*	Ele *está*	Ele *há*
N.P	Nós *temos*	Nós *estamos*	Nós *havemos*
	Vós *tendes*	Vós *estais*	Vós *haveis*
	Eles *têm*	Eles *estão*	Eles *hão*

Passado imperfeito ou simultâneo

N.S.	Eu *tinha*	Eu *estava*	Eu *havia*
	Tu *tinhas*	Tu *estavas*	Tu *havias*
	Ele *tinha*	Ele *estava*	Ele *havia*
N.P	Nós *tínhamos*	Nós *estávamos*	Nós *havíamos*
	Vós *tínheis*	Vós *estáveis*	Vós *havíeis*
	Eles *tinham*	Eles *estavam*	Eles *haviam*

Passado definito

N.S.	Eu *tive*	Eu *estive*	Eu *houve*
	Tu *tiveste*	Tu *estiveste*	Tu *houveste*
	Ele *teve*	Ele *esteve*	Ele *houve*
N.P	Nós *tivemos*	Nós *estivemos*	Nós *houvemos*
	Vós *tivestes*	Vós *estiveste*	Vós *houvestes*
	Eles *tiveram*	Eles *estiveram*	Eles *houveram*

Passado mais que perfeito

N.S.	Eu *tivera*	Eu *estivera*	Eu *houvera*
	Tu *tiveras*	Tu *estiveras*	Tu *houveras*
	Ele *tivera*	Ele *estivera*	Ele *houvera*
N.P	Nós *tivéramos*	Nós *estivéramos*	Nós *houvéramos*
	Vós *tivéreis*	Vós *estivéreis*	Vós *houvéreis*
	Eles *tiveram*	Eles *estiveram*	Eles *houveram*

Futuro imperfeito

N.S.	Eu *terei*	Eu *estarei*	Eu *haverei*
	Tu *terás*	Tu *estarás*	Tu *haverás*
	Ele *terá*	Ele *estará*	Ele *haverá*
N.P	Nós *teremos*	Nós *estaremos*	Nós *haveremos*
	Vós *tereis*	Vós *estareis*	Vós *havereis*
	Eles *terão*	Eles *estarão*	Eles *haverão*

Condicional presente

N.S.	Eu *teria*	Eu *estaria*	Eu *houve*
	Tu *terias*	Tu *estarias*	Tu *houveste*
	Ele *teria*	Ele *estaria*	Ele *houve*
N.P	Nós *teríamos*	Nós *estaríamos*	Nós *houvemos*
	Vós *teríeis*	Vós *estaríeis*	Vós *houvestes*
	Eles *teríamos*	Eles *estariam*	Eles *houveram*

MODO IMPERATIVO

Futuro

N.S.	Tem tu	Está tu	Há tu
	Tende vós	Estai vós	Havei vós

MODO SUBJUNTIVO

Presente

N.S.	Eu *tenha*	Eu *esteja*	Eu *haja*
	Tu *tenhas*	Tu *estejas*	Tu *hajas*
	Ele *tenha*	Ele *esteja*	Ele *haja*
N.P	Nós *tenhamos*	Nós *estejamos*	Nós *hajamos*
	Vós *tenhais*	Vós *estejais*	Vós *hajais*
	Eles *tenham*	Eles *estejam*	Eles *hajam*

Imperfeito

N.S.	Eu *tivesse*	Eu *estivesse*	Eu *houvesse*
	Tu *tivesses*	Tu *estivesses*	Tu *houvesses*
	Ele *tivesse*	Ele *estivesse*	Ele *houvesse*
N.P	Nós *tivéssemos*	Nós *estivéssemos*	Nós *houvéssemos*
	Vós *tivésseis*	Vós *estivésseis*	Vós *houvésseis*
	Eles *tivessem*	Eles *estivessem*	Eles *houvessem*

Futuro

N.S.	Eu *tiver*	Eu *estiver*	Eu *houver*
	Tu *tiveres*	Tu *estiveres*	Tu *houveres*
	Ele *tiver*	Ele *estiver*	Ele *houver*
N.P	Nós *tivermos*	Nós *estivermos*	Nós *houvermos*
	Vós *tiverdes*	Vós *estiverdes*	Vós *houverdes*
	Eles *tiverem*	Eles *estiverem*	Eles *houverem*

(MODO INDEFINITO)

MODO INFINITIVO

Inifinito impessoal

N.S.	Ter	Estar	Haver

Infinitivo pessoal

N.S.	Ter eu	Estar eu	Haver eu
	Teres tu	Estares tu	Haveres tu
	Ter ele	Estar ele	Haver ele
N.P	Termos nós	Estarmos nós	Havermos nós
	Terdes vós	Estardes vós	Haverdes vós
	Terem eles	Estarem eles	Haverem eles

MODO PARTICIPIAL

Particípio presente

N.S.	Tendo	Estando	Havendo

Particípio passado

N.S.	Tido	Estado	Havido

III
AMAR DEFENDER PARTIR

(MODO DEFINITO)

MODO INDICATIVO OU AFIRMATIVO

Presente

N.S.	Eu *amo*	Eu *defendo*	Eu *parto*
	Tu *amas*	Tu *defendes*	Tu *partes*
	Ele *ama*	Ele *amas*	Ele *ama*
N.P	Nós *amamos*	Nós *defendemos*	Nós *partimos*
	Vós *amais*	Vós *defendeis*	Vós *partis*
	Eles *amam*	Eles *defendem*	Eles *partem*

Presente

N.S.	Eu *amo*	Eu *defendo*	Eu *parto*
	Tu *amas*	Tu *defendes*	Tu *partes*
	Ele *ama*	Ele *defende*	Ele *parte*
N.P	Nós *amamos*	Nós *defendemos*	Nós *partimos*
	Vós *amais*	Vós *defendeis*	Vós *partis*
	Eles *amam*	Eles *defendem*	Eles *partem*

Passado imperfeito ou simultâneo

N.S.	Eu *amava*	Eu *defendia*	Eu *partia*
	Tu *amavas*	Tu *defendias*	Tu *partias*
	Ele *amava*	Ele *defendia*	Ele *partia*
N.P	Nós *amávamos*	Nós *defendíamos*	Nós *partíamos*
	Vós *amáveis*	Vós *defendíeis*	Vós *partíeis*
	Eles *amavam*	Eles *defendiam*	Eles *partiam*

Passado definito

N.S.	Eu *amei*	Eu *defendi*	Eu *parti*
	Tu *amaste*	Tu *defendeste*	Tu *partiste*
	Ele *amou*	Ele *defendeu*	Ele *partiu*
N.P	Nós *amamos*	Nós *defendemos*	Nós *partimos*
	Vós *amastes*	Vós *defendestes*	Vós *partistes*
	Eles *amaram*	Eles *defenderam*	Eles *partiram*

Passado mais que perfeito

N.S.	Eu *amara*	Eu *defendera*	Eu *partira*
	Tu *amaras*	Tu *defenderas*	Tu *partiras*
	Ele *amara*	Ele *defendera*	Ele *partira*
N.P	Nós *amáramos*	Nós *defendêramos*	Nós *partíramos*
	Vós *amáreis*	Vós *defendêreis*	Vós *partíreis*
	Eles *amaram*	Eles *defenderam*	Eles *partiram*

Futuro imperfeito

N.S.	Eu *amarei*	Eu *defenderei*	Eu *partirei*
	Tu *amarás*	Tu *defenderás*	Tu *partirás*
	Ele *amará*	Ele *defenderá*	Ele *partirá*
N.P	Nós *amaremos*	Nós *defenderemos*	Nós *partiremos*
	Vós *amarás*	Vós *defendereis*	Vós *partirás*
	Eles *amarão*	Eles *defenderão*	Eles *partirão*

Condicional presente

N.S.	Eu *amaria*	Eu *defenderia*	Eu *partiria*
	Tu *amarias*	Tu *defenderias*	Tu *partirias*
	Ele *amaria*	Ele *defenderia*	Ele *partiria*
N.P	Nós *amaríamos*	Nós *defenderíamos*	Nós *partiríamos*
	Vós *amaríeis*	Vós *defenderíeis*	Vós *partiríeis*
	Eles *amariam*	Eles *defenderiam*	Eles *partiriam*

MODO IMPERATIVO

Futuro

N.S.	Ama tu	Defende tu	Parte tu
	Amai vós	Defendei vós	Parti vós

MODO SUBJUNTIVO

Presente

N.S.	Eu *ame*	Eu *defenda*	Eu *parta*
	Tu *ames*	Tu *defendas*	Tu *partas*
	Ele *ame*	Ele *defenda*	Ele *parta*
N.P	Nós *amemos*	Nós *defendamos*	Nós *partamos*
	Vós *ameis*	Vós *defendais*	Vós *partais*
	Eles *amem*	Eles *defendam*	Eles *partam*

Imperfeito

N.S.	Eu *amasse*	Eu *defendesse*	Eu *partisse*
	Tu *amasses*	Tu *defendesses*	Tu *partisses*
	Ele *amasse*	Ele *defendesse*	Ele *partisse*
N.P	Nós *amássemos*	Nós *defendêssemos*	Nós *partíssemos*
	Vós *amásseis*	Vós *defendêsseis*	Vós *partísseis*
	Eles *amassem*	Eles *defendessem*	Eles *partissem*

Futuro

N.S.	Eu *amar*	Eu *defender*	Eu *partir*
	Tu *amares*	Tu *defenderes*	Tu *partires*
	Ele *amar*	Ele *defender*	Ele *partir*
N.P	Nós *amarmos*	Nós *defendermos*	Nós *partirmos*
	Vós *amardes*	Vós *defenderdes*	Vós *partirdes*
	Eles *amarem*	Eles *defenderem*	Eles *partirem*

(MODO INDEFINITO)

MODO INFINITIVO

Inifinito impessoal

N.S.	Amar	Defender	Partir

Infinitivo pessoal

N.S.	Amar eu	Defender eu	Partir eu
	Amares tu	Defenderes tu	Partires tu
	Amar ele	Defender ele	Partir ele
N.P	Amarmos nós	Defendermos nós	Partirmos nós
	Amardes vós	Defenderdes vós	Partirdes vós
	Amarem eles	Defenderem eles	Partires eles

MODO PARTICIPIAL

Particípio presente

N.S.	Amando	Defendendo	Partindo

Particípio passado

N.S.	Amado	Defendido	Partido

V
Da conjugação do verbo POR

(MODO DEFINITO)

MODO INDICATIVO OU AFIRMATIVO

Presente

N.S.	Eu *ponho*	N.P.	Nós *pomos*
	Tu *pões*		Vós *pondes*
	Ele *põe*		Eles *põem*

Passado imperfeito ou simultâneo

N.S.	Eu *punha*	N.P.	Nós *púnhamos*
	Tu *punhas*		Vós *púnheis*
	Ele *punha*		Eles *punham*

Passado definito

N.S.	Eu *pus*	N.P.	Nós *pusemos*
	Tu *puseste*		Vós *pusestes*
	Ele *pôs*		Eles *puseram*

Passado mais que perfeito

N.S.	Eu *pusera*	N.P.	Nós *puséramos*
	Tu *puseras*		Vós *puséreis*
	Ele *pusera*		Eles *puseram*

Futuro imperfeito

N.S.	Eu *porei*	N.P.	Nós *poremos*
	Tu *porás*		Vós *poreis*
	Ele *porá*		Eles *porão*

Condicional presente

N.S.	Eu *poria*	N.P.	Nós *poríamos*
	Tu *porias*		Vós *poríeis*
	Ele *poria*		Eles *poriam*

MODO IMPERATIVO

N.S.	Põe tu	N.P.	Ponde vós

MODO SUBJUNTIVO

Presente

N.S.	Eu *ponha*	N.P.	Nós *ponhamos*
	Tu *ponhas*		Vós *ponhais*
	Ele *ponha*		Eles *ponham*

Imperfeito

N.S.	Eu *pusesse*	N.P.	Nós *puséssemos*
	Tu *pusesses*		Vós *pusésseis*
	Ele *pusesse*		Eles *pusessem*

Futuro

N.S.	Eu *puser*	N.P.	Nós *pusermos*
	Tu *puseres*		Vós *puserdes*
	Ele *puser*		Eles *puserem*

(MODO DEFINITO)

MODO INFINITIVO

Infinitivo impessoal

Por

Infinitivo pessoal

N.S.	Pôr eu	N.P.	Pormos nós
	Pores tu		Pordes vós
	Pôr ele		Porem eles

MODO PARTICIPIAL

Particípio presente

Pondo

Particípio passado

Posto

Dos verbos terminados em *or* só conhece nossa língua o verbo *pôr* e seus compostos *apôr, antepor, compor, decompor, recompor, contrapor, depor, descompor, dispor, predispor, indispor, expor, superpor, impor, justapor, entrepor, interpor, opor, prepor pospor, sobrepor, sotopor, supor, propor, repor, pressupor, transpor.*

VI

Verbo conjugado em sentido passivo com o verbo SER

Ser amado

(MODO DEFINITO)

MODO INDICATIVO

Presente

N.S.	Eu sou amado	N.P.	Nós somos amados
	Tu és amado		Vós sois amados
	Ele foi amado		Eles são amados

Imperfeito

N.S.	Eu era amado	N.P.	Nós éramos amados
	Tu eras amado		Vós éreis amados
	Ele era amado		Eles eram amados

Passado definito

N.S.	Eu fui amado	N.P.	Nós fomos amados
	Tu foste amado		Vós fostes amados
	Ele foi amado		Eles foram amados

Passado mais que perfeito

N.S.	Eu fora amado	N.P.	Nós fôramos amados
	Tu foras amado		Vós fôreis amados
	Ele fora amado		Eles foram amados

Futuro imperfeito

N.S.	Eu serei amado	N.P.	Nós seremos amados
	Tu serás amado		Vós sereis amados
	Ele será amado		Eles serão amados

Condicional presente

N.S.	Eu seria amado	N.P.	Nós seríamos amados
	Tu serias amado		Vós seríeis amados
	Ele seria amado		Eles seriam amados

MODO IMPERATIVO

Futuro

N.S.	Sê tu amado	N.P.	Sede vós amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

N.S.	Eu seja amado	N.P.	Nós sejamos amados
	Tu sejas amado		Vós sejais amados
	Ele seja amado		Eles sejam amados

Imperfeito

N.S.	Eu fosse amado	N.P.	Nós fôssemos amados
	Tu fosses amado		Vós fôsseis amados
	Ele fosse amado		Eles fossem amados

Futuro

N.S.	Eu for amado	N.P.	Nós formos amados
	Tu fores amado		Vós fordes amados
	Ele for amado		Eles forem amados

(MODO DEFINITO)

MODO INFINITIVO

Infinitivo impessoal

Ser amado

Infinitivo pessoal

N.S.	Ser eu amado	N.P.	Sermos nós amados
	Seres tu amado		Serdes vós amados
	Ser ele amado		Serem eles amados

MODO PARTICIPIAL

Particípio presente

Sendo amado

Particípio passado

Sido amado

VII

Verbo pronominado conjugado afirmativamente

Queixar-se

(MODO DEFINITO)

MODO INDICATIVO

Presente

N.S.	Eu me queixo	N.P.	Nós nos queixamos
	Tu te queixas		Vós vos queixais
	Ele se queixa		Eles se queixam

Imperfeito

N.S.	Eu me queixava	N.P.	Nós nos queixávamos
	Tu te queixavas		Vós vos queixáveis
	Ele se queixava		Eles se queixavam

Passado definito

N.S.	Eu me queixei	N.P.	Nós nos queixamos
	Tu te queixaste		Vós vos queixastes
	Ele se queixou		Eles se queixaram

Passado mais que perfeito

N.S.	Eu me queixara	N.P.	Nós nos queixáramos
	Tu te queixaras		Vós vos queixáreis
	Ele se queixara		Eles se queixaram

Futuro imperfeito

N.S.	Eu me queixarei	N.P.	Nós nos queixaremos
	Tu te queixarás		Vós vos queixareis
	Ele se queixará		Eles se queixarão

Condicional presente

N.S.	Eu me queixaria	N.P.	Nós nos queixaríamos
	Tu te queixarias		Vós vos queixaríeis
	Ele se queixaria		Eles se queixariam

MODO IMPERATIVO

Futuro

N.S.	Queixa-te tu	N.P.	Queixai-vos vós

MODO SUBJUNTIVO

Presente

N.S.	Eu me queixe	N.P.	Nós nos queixemos
	Tu te queixes		Vós vos queixeis
	Ele se queixe		Eles se queixem

Imperfeito

N.S.	Eu me queixasse	N.P.	Nós nos queixássemos
	Tu te queixasse		Vós vos queixásseis
	Ele se queixasse		Eles se queixassem

Futuro

N.S.	Eu me queixar	N.P.	Nós nos queixarmos
	Tu te queixares		Vós vos queixardes
	Ele se queixar		Eles se queixarem

(MODO INDEFINITO)

MODO INFINITIVO

Infinitivo impessoal

Queixar-se

Infinitivo pessoal

N.S.	Queixar-me eu	N.P.	Queixarmo-nos nós
	Queixares-te tu		Queixardes-vos vós
	Queixar-se ele		Queixarem-se eles

MODO PARTICIPIAL

Particípio presente

Queixando-se

Particípio passado

Tendo-se queixado

VII

Verbo pronominado conjugado afirmativamente

Não se queixar

(MODO DEFINITO)

MODO INDICATIVO

Presente

N.S.	Eu não me queixo	N.P.	Nós não nos queixamos
	Tu não te queixas		Vós não vos queixais
	Ele não se queixa		Eles não se queixam

Imperfeito

N.S.	Eu me não queixava	N.P.	Nós não nos queixávamos
	Tu não te queixavas		Vós não vos queixáveis
	Ele não se queixava		Eles não se queixavam

Passado definito

N.S.	Eu não me queixei	N.P.	Nós não nos queixamos
	Tu não te queixaste		Vós não vos queixastes
	Ele não se queixou		Eles não se queixaram

Passado mais que perfeito

N.S.	Eu não me queixara	N.P.	Nós não nos queixáramos
	Tu não te queixaras		Vós não vos queixáreis
	Ele não se queixara		Eles não se queixaram

Futuro imperfeito

N.S.	Eu não me queixarei	N.P.	Nós nos queixaremos
	Tu não te queixarás		Vós vos queixareis
	Ele se queixará		Eles se queixarão

Condicional presente

N.S.	Eu não me queixaria	N.P.	Nós não nos queixaríamos
	Tu não te queixarias		Vós não vos queixaríeis
	Ele não se queixaria		Eles não se queixariam

MODO IMPERATIVO

Futuro

N.S. Não te queixes tu — N.P. Não vos queixeis vós

MODO SUBJUNTIVO

Presente

N.S. Eu não me queixe	N.P. Nós não nos queixemos
Tu não te queixes	Vós não vos queixeis
Ele não se queixe	Eles não se queixem

Imperfeito

N.S. Eu não me queixasse	N.P. Nós não nos queixássemos
Tu não te queixasse	Vós não vos queixásseis
Ele não se queixasse	Eles não se queixassem

Futuro

N.S. Eu não me queixar	N.P. Nós não nos queixarmos
Tu não te queixares	Vós não vos queixardes
Ele não se queixar	Eles não se queixarem

(MODO INDEFINITO)

MODO INFINITIVO

Infinitivo impessoal

Não se queixar

Infinitivo pessoal

N.S. Não me queixar eu	N.P. Não nos queixarmos nós
Não te queixares tu	Não vos queixardes vós
Não se queixar ele	Não se queixarem eles

MODO PARTICIPIAL

Particípio presente

Não se queixando

Particípio passado

Não se tendo queixado

IX
Da formação regular dos tempos dos verbos

Os verbos portugueses têm dois tempos formativos, a saber: o *infinitivo impessoal* e o *presente do indicativo* ou *afirmativo.*

Do *infinitivo impessoal* formaram-se os tempos seguintes: 1.° o *infinitivo pessoal;* 2.° o *condicional presente,* 3.° o *passado mais que perfeito do afirmativo;* 4.° o *futuro imperfeito* do mesmo *afirmativo;* 5.° *o futuro imperfeito* do *modo subjuntivo.*

Todos os mais tempos têm por tempo formativo o *presente* do *indicativo* ou *afirmativo.*

X
Observações sobre alguns verbos irregulares

As irregularidades dos verbos podem ser atinentes ao radical, às terminações, ao radical e às terminações ao mesmo tempo; outras vezes não respeitam a ortografia; são sim puramente fonéticas.

A chave da explicação dessas irregularidades verbais só no-la pode seguramente sugerir o conhecimento histórico da língua, que nos mostrará como aparentes e meros desvios o que, à prima vista, julgamos aberrações e irregularidades profundas.

Tais observações, porém, saem do plano que nesta obra nos traçamos. Só numa gramática portuguesa meramente histórica se poderão aquilatar e ventilar bem estes factos da língua, reduzindo-se mais e mais o número de tais irregularidades e anomalias.

Muitos verbos portugueses há terminados em **ear** e alguns em **iar,** que mudam essas terminações em *eio, eias, eia* no presente do afirmativo e em *eie, eis,*

eie no presente do subjuntivo: **Ablaquear:** *ablaqueio, ablaqueias, ablaqueia; ablaqueie, ablaqueiem;* **arrear:** *arreio, arreias, arreia; arreie, arreiem;* **arrotear:** *arroteio, arroteias, arroteia; arroteie, arroteiem;* **palmear:** *palmeio, palmeias, palmeia; palmeie, palmeiem;* **reverenciar:** *reverencio, reverencias, reverencia; reverencie, reverenciem;* **diligenciar:** *diligencio, diligencias, diligencia; diligenceie, diligenciem;* **ansiar:** *anseio, anseias, anseia; anseie, anseiem;* **nomear:** *nomeio, nomeias, nomeia; nomeie, nomeiem;* **agenciar:** *agenceio, agenceias, agenceia agenceie, agenceiem;* **pentear:** *penteio, penteias, penteia, penteie, penteiem;* **rodear:** *rodeio, rodeias, rodeia, rodeie, rodeiem,* **rabear:** *rabeio, rabeias, rabeia; rabeie, rabeiem;* **bambolear:** *bamboleio, bamboleias, bamboleia; bamboleie, bamboleiem;* **desnortear:** *desnorteio, desnorteias, desnorteia; desnorteie, desnorteiem;* **rarear:** *rareio, rareias, rareia; rareie, rareiem;* **recrear:** *recreio, recreias, recreia; recreie, recreiem* **menear:** *meneio, meneias, meneia; meneie, meneiem;* **manusear:** *manuseio, manuseias, manuseia; manuseie, manuseiem;* **saracotear:** *saracoteio, saracoteias, saracoteia; saracoteie, saracoteiem;* **cear:** *ceio, ceias, ceia; ceie, ceiem,* **granjear:** *granjeio, granjeias, granjeia; granjeie, granjeiem;* **baquear:** *baqueio, baqueias, baqueia; baqueie, baqueiem,* **mediar:** *medeio, medeias, medeia; medeie, medeiem;* **capitanear:** *capitaneio, capitaneias, capitaneia, capitaneie, capitaneiem;* **espingardear:** *espingardeio, espingardeias, espingardeia, espingardeie, espingardeiem;* **taramelear:** *tarameleio, tarameleias, tarameleia; tarameleie, tarameleiem;* **remediar:** *remedeio, remedeias, remedeia; remedeie, remedeiem;* **zumbetear:** *zumbeteio, zumbeteias, zumbeteia, zumbeteie, zumbeteiem,* **odiar:** *odeio, odeias, odeia, odeie, odeiem,* **papaguear:** *papagueio, papagueias, papagueia, papagueie, papagueiem;* **curvetear:** *curveteio, curveteias, curveteia, curveteie, curveteiem,* **presenciar:** *presencio, presencias, presencia, presencie, presenciem;* **vadear:** *vadeio, vadeias, vadeia, vadeie, vadeiem,* **relampaguear:** *relampagueio, relampagueias, relampagueia, relampagueie, relampagueiem;* **serpentear:** *serpenteio, serpenteias, serpenteia, serpenteie, serpenteiem;* **cambalear:** *cambaleio, cambaleias, cambaleia; cambaleie, cambaleiem* **amercear-se.** *amerceio-me, amerceias-te, amerceia-se, amerceie-me, amerceiem-se,* **tatear:** *tateio, tateias, tateia, tateie, tateiem.*

Premiar, negociar, penitenciar, evidenciar, salmodiar, licenciar, titubear ou *titubear, sentenciar, comerciar, distanciar,* vêm nos escritores com a forma *eio* ou *io.* Assim que se diz *premeio* ou *premio, negoceio* ou *negocio, penitenceio* ou *penitencio, evidenceio* ou *evidencio, salmodeio* ou *salmodio, licenceio* ou *licencio, titubeio* ou *titubio, sentenceio* ou *sentencio, comerceio* ou *comercio, distanceio* ou *distancio,* sendo mais usual entre os clássicos a primeira forma.

Alumiar, gloriar, vangloriar-se, balbuciar, acariciar, ampliar, assobiar, agoniar-se, extÁsiar-se, esfriar, espiar, adiar, afiar, enfiar, copiar, deliciar-se, apreciar, variar, tresvariar, porfiar, paliar, injuriar, avaliar, consubstanciar, crear ou *criar, vadiar,*

dizem-se *alumio* e não *alumeio*[74], *glorio* e não *gloreio, vanglorio-me* e não *vangloreio-me, balbucio* e não *balbuceio, acaricio* e não *acariceio, amplio* e não *ampleio, assobio* e não *assobeio, agonio-me* e não *agoneio-me, extasio-me* e não *etaseio-me, esfrio* e não *esfreio, espio* e não *espeio, adio* e não *adeio, adio* e não *adeio, enfio* e não *enfeio, copio* e não *copeio; delicio-me* e não *deliceio-me, aprecio* e não *apreceio, vário* e não *vareio, tresvário* e não *trêsvareio, porfio* e não *porfeio, palio* e raras vezes *paleio, injurio* e não *injureio, avalio* e não *avaleio, consubstancio* e não *consubstanceio, crio*[75] e não *creio, vadio* e não *vadeio.*

«Tritão que de ser filho *se gloria*» (Cam.)
«Não o *injuria,* nem o difama, nem o *calunia* » (Idem).
«*Premia-o* com lhe aumentar a graça » (Vieira).
«*Premeiam* muito mais facilmente aos que lhes matam a fome» (Idem).
«Esses mesmos gentios os *reverenciam* e adoram» (Idem).
«Senhor Cristo *amercia-te* de nós » (Barros).
«E a caixa não *premeia*» (A. Cast.).
«Claramente se *evidencia* o que deixamos assentado » (Idem).
«Nunca *sentencio* sem provar » (Idem).
« *Diligencia* dar remédio » (Idem).
« *Medeiam* mais de cem léguas da Bahia a Pernambuco » (Camilo).
«Isto é fé e fé que *relampagueia* » (Idem).
«Onde as crianças *consubstanciam* religiões » (Idem).
«O que menos *se distancia* da verdade » (Lat. Coelho).
«Gênios singulares que infinitamente se *distanciam* da média intelectual do seu país» (Idem).
«Por maneira que afinal se *evidencie* a razão ou sem razão » (Idem).
«*Presenciam* com as honras da guerra a entrada do inimigo » (Idem).

Ao verbo *vitoriar,* que, pelo comum, reveste as formas regulares, associou-lhe A. Herculano às irregulares, dizendo: «*Victoreia* a tirania», «*victoreiam* as saturnais da reação ».

Aos verbos terminados em *car* muda-se-lhes o *c* em *qu,* quando ao *c* se tiver de seguir *e: Ficar, brincar, indicar, inculcar, calcar,* fazem *fique, fiques, fiquem; brinque, brinques, brinquem; indique, indiques,*

74. Observa-se às vezes nos antigos textos a grafia *alumear.* Entre eles foram em algum tempo correntes as formas *alumeio, alumeias, alumeia, alumeie, alumeies, alumeiem,* relegadas hoje em dia ao uso popular.
75. v. criar. (n.e.)

indiquem; inculque, inculques, inculquem; calque, calques, calquem.

Nos verbos em *gar* é o *g* mudado em *gu* antes da mesma vogal *e: Julgar, afogar, afagar, pagar,* fazem *julgue, julgues, julguem, afogue, afogues, afoguem afague, afagues, afaguem; pague, pagues, paguem.*

O verbo *resfolegar* faz nas três primeiras pessoas do indicativo *eu resfólego, tu resfólegas, ele resfólega* com o acento antes do *e* da penúltima sílaba e no subjuntivo *resfolegue, resfolegues, resfolegue*[76]. Escreve-se também, suprimindo-se o *e* mudo, *resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgue, resfolgues, resfolgue.*

Com o distinto Dr. João Ribeiro preferimos escrever *resfolgo, resfolgas, resfolga,* mais em harmonia com a pronúncia.

O verbo *aguar* conjuga-se no presente do indicativo *aguo, aguas, agua* e não *agôo, agôas, agôa* e no subjuntivo presente *ague, agues, ague* etc.

Identicamente se conjugam os verbos *desaguar, enxaguar, minguar, averiguar; Diz-se desagua, mingua, dasague, mingue, enxagua, enxague, averigua, averigue.*

Já não passa o mesmo com o verbo *magoar,* que faz nos mesmos tempos *magoo, magoas, magoa, magoe, magoes, magoe,* e no imperativo *magoa, magoai.*

Nos verbos terminados em *cer* toma o *c* uma cedilha, quando é essa consoante seguida das vogais *a, o,* para se dar ao *c* o mesmo som do infinitivo: **Envelhecer:** *envelheço, envelheças, envelheça;* **conhecer:** *conheço, conheças, conheça,* **engrandecer:** *engrandeço, engrandeças, engrandeça;* **anoitecer:** *anoiteça,* **apetecer:** *apeteço, apeteças, apeteça.*

Pela mesma razão nos verbos acabados em *ger, gir* é o *g* substituído por *j,* quando ao *g* se tiver de seguir *a* ou *o: Proteger, afligir, corrigir,* fazem *protejo, aflijo, corrijo; protejam, aflijam, corrijam.*

Antes das mesmas vogais *a, o* trocam o *g* por *gu* os terminados em *guer, guir:* **Erguer:** *ergo, ergas, erga, ergamos, ergais, ergam* **seguir:** *sigo, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam.*

Arguir, redarguir, fazem *arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem, arguia, arguias, arguiam, arguiria, arguindo, arguido, redarguo, redarguis, redarguem, redarguirei, redarguiria, redargui,* soando o *a* em todos os tempos desses dois verbos.

Os verbos da terceira conjugação portuguesa que têm um *e* antes da última sílaba do infinitivo mudam essa vogal em *i,* na primeira pessoa do singular do presente do afirmativo e em todas as do presente do subjuntivo: *Vestir, sentir, ferir,* fazem *visto, vistas, vista, vistamos, vistais, vistam sinto, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam. firo, firas, fira, firamos, firais, firam.*

76. Assim escreveu A. Herc.: «Cuja cólera *resfolega* em maldições e blasfêmias »

São exceções a esta regra os verbos *pedir, impedir, despedir, expedir, medir,* que fazem *peço, peças, peca, peçamos, peçais, peçam, impeço, impeças, impeça, impeçamos, impeçais, impeçam expeço, expeças, expeça, expeçamos, expeçais, expeçam; meço, meças, meça, meçamos, meçais, meçam, despeço, despeças, despeça, despeçamos, despeçais, despeçam.*

Os verbos *despedir, impedir, expedir,* não têm com o verbo *pedir* relação alguma etimológica; foi talvez a influência deste último que trouxe a irregularidade daqueles, tão aparentemente parecidos.

As formas *despido, despidas, despida, impido, impidas, impida, expido, expidas, expida,* acham-se em Vieira, Duarte Nunes e outros escritores de boa nomeada.

> Eia, meu príncipe, *despida-se* vossa alteza dos livros» (Vieira).
> «Com esta última advertência *me despido* de vós» (Idem).
> «Não *me impidas* o gosto da tornada » (Cam.)

Arcaizaram-se de todo em todo as formas *pilo, pilas, pida, mido, midas, mida,* dos verbos *pedir* e *medir,* ocorrentes nos textos antigos da língua.

Agredir, progredir, transgredir, regredir, prevenir, mudam o *e* que precede a terminação infinitiva em *i,* nas três pessoas do singular do presente do afirmativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo: *Agrido, agrides, agride, agrida, agridas, agrida, progrido, progrides, progride, transgrido, transgrides, transgride, progrida, progridas, progrida, transgrida, transgridas, transgrida, regrido, regrides, regride, regrida, regridas, regrida, previno, prevines, previne, previna, previnas, previna* etc.

> «O poder é nulo sem a inteligência; a inteligência é fraca sem o poder. Reunidos, a sociedade *progride;* isolados, é a revolução » (Garret).

As formas verbais infinitivas da terceira conjugação que têm a vogal *u* antes das consoantes radicais ou temáticas finais *b, d, g, l, m, s, ss, sp,* mudam essa vogal em *o* na segunda e terceira pessoa do singular do presente do afirmativo e na terceira do plural do mesmo tempo: *Acudir, bulir, cuspir, consumir, engolir, fugir, subir, tossir* fazem *acodes, acode, acodem, consomes, consome, consomem, engoles, engole, engolem; foges, foge, fogem, sobes, sobe, sobem; tosses, tosse, tossem.*

Exceptuam-se os verbos *assumir, reassumir, resumir, presumir, iludir, tugir, mugir, rugir, estrugir,* que fazem *assumes, assume, assumem reassumes, reassume, reassumem, resumes, resume, resumem, presumes, presume, presumem; iludes, ilude, iludem; tuges, tuge, tugem; muges, muge, mugem; ruges, ruge, rugem; estruges, estruge, estrugem.*

Se a última letra do tema ou radical for a mesma vogal *a*, não se mudará essa em *o*: *Anuir, aluir, concluir, incluir, excluir, puir, instruir, obstruir, influir, afluir, defluir, refluir, instituir, constituir, restituir, arguir* fazem *anuis, anui, anuem, alues, alue, aluem, concluis, conclui, concluem, incluis, inclui, incluem, excluis, exclui, excluem, puis, pui, puem instruis, instrui, instruem obstruis, obstrui, obstruem, influis, influi, influem, afluis, aflui, afluem, defluis, deflui, defluem, refluis, reflui, refluem, instituis, institui, instituem, constituis, constitui, constituem, restituis, restitui, restituem, arguis, argui, arguem.*

> «As antinomias e dissonâncias que *obstruem*, que desarmonizam isto que hoje chamamos em Portugal sistema administrativo, são mil vezes mais clamantes » (Garret).

Exceptuam-se os verbos *construir* e *destruir,* que tomam ordinariamente as formas irregulares: *constróis, constrói, constroem, destróis, destrói, destroem*[77].

A estes dois últimos verbos e ao verbo *consumir* deu-lhes Vieira as formas regulares *construe, construem destrue, destruem, consume, consumem:* «Assim *construem* o texto os que melhor o concordam»; «a tocha se *consume* para alumiar».

Ao verbo *sumir,* que, pelo comum, também se conjuga irregularmente, dizendo: *some, somes, somem,* deu-lhe A. Castilho a forma regular, escrevendo: «*Sume-te,* criatura ».

As formas verbais infinitivas da terceira conjugação que têm a vogal *o* antes das radicais *br, rm,* mudam-na em *u* na primeira pessoa do singular do presente do afirmativo e em todas as do presente do subjuntivo: *Cobrir, descobrir, encobrir, dormir,* fazem *cubro, cubra, cubras, cubramos, cubrais, cubram descubro, descubra, descubras, descubramos, descubrais, descubram; encubro, encubra, encubras, encubramos, encubrais, encubram durmo, durma, durmas, durmamos, durmais, durmam.*

Ao verbo *polir,* da terceira conjugação, muda-se-lhe o *o* em *u* nas três pessoas do singular do afirmativo presente e na terceira do plural do mesmo modo: *Pulo, pules, pule, pulem.*

> «As oficinas onde os vocábulos se forjam e *pulem* » (Duarte Nunes).

É esse verbo mais usado nas formas em que ao *l,* última letra do radical, se segue um *i: Poliu, poliram, polindo, polido* etc.

77. Na ortografia vigente à época da primeira edição, estas formas verbais eram notadas de forma diferente, a exemplo de *constróes, constróe, destróes, destróe*.

Os verbos acabados em *usir,* perdem o *e* da terceira pessoa do singular do presente do afirmativo: *Aduzir, conduzir, deduzir, reduzir, produzir, induzir, traduzir, luzir, reluzir, transluzir* fazem *aduz, conduz, deduz, reduz, produz, induz, traduz, luz, reluz, transluz* e não *aduze, conduze, deduze, reduze, produze, induze,* etc., formas que algumas vezes nos depara a lição dos antigos.

Esses verbos, entretanto, conservam o *e* na segunda pessoa do imperativo.

Passa o mesmo com os verbos *dizer, fazer, jazer, querer, trazer,* da segunda conjugação, os quais fazem na terceira pessoa do singular do presente do indicativo *diz, faz, jaz, quer, traz,* perdendo o *e* da terceira pessoa do singular do presente do indicativo e conservando-o no imperativo os que não são privados desse modo.

Pelo que toca ao verbo *requerer,* diz-se na terceira pessoa do singular do indicativo presente *requere* ou *requer,* sendo mais antiga a primeira forma.

> « *Requere* um pretendente; solicita, negoceia, insta » (Vieira).
> «*Requere* muito maior cabedal» (Idem).

Em relação ao verbo *querer,* contudo, opinam Cândido de Figueiredo e A. R. Gonçalves Viana que deve dizer-se na terceira pessoa do singular do presente do indicativo *quere,* e não, como geralmente se diz, *quer*[78].

Nas suas *Apostilas aos Dicionários Portugueses* é por demais encontradiça no segundo desses escritores a expressão *quere dizer*

No Brasil, ao menos, nunca vimos nem ouvimos o *quere dizer* dos dois notáveis escritores.

Por acréscimo de letras aos radicais são irregulares na primeira pessoa do singular do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo os verbos *caber, crer, ler, requerer,* que fazem *caibo, caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam, creio, creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam, leio, leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam, requeiro, requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.*

Só no subjuntivo é que sofre esse acréscimo de letras o verbo *querer,* que se diz *queira, queiras, queiramos* etc.

Os verbos *dizer, trazer, perder,* mudam o *z* e o *d* do radical em *g* e *c* na primeira pessoa do singular do presente do afirmativo e em todas as do mesmo tempo do subjuntivo: *digo, diga, digas, diga, digamos, digais, digam trago, traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam, perco, perca, percas, perca, percamos, percais, percam.*

78 «E ainda *quere* saber o citado anônimo porque é que se diz *quiromancia* ou *quiiromancia*» (**Falar e Escrever.** Pág. 21). «Ora *corbeille quere* dizer em geral açafate, cesta bastante larga com pé, e não me consta que as noivas, para aparar as prendas, ponham uma cesta a disposição das pessoas suas conhecidas » *(Apost.* aos *Dic.)*.

Com respeito aos verbos *fazer* e *ouvir,* muda-se-lhes o *z* e o *v* em *ç: Faço, faça, faças, faca, façamos, façais, façam; ouço, ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.*

Na conjugação do verbo *valer* é o *l* seguido de um *h* na primeira pessoa do singular do presente do afirmativo e em todas as do presente do subjuntivo: *Valho, valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.*

O verbo *soer* antiquado, do verbo latino *solere,* só conta os tempos e as pessoas seguintes: Indicativo presente - *soe, soem;* imperfeito - *soia, soias, soia, soíamos, soíeis, soíam.*

Ainda assim, a terceira pessoa do plural do presente do indicativo *soem* e as formas do imperfeito *soia, soias* etc. são de uso raro; o que não corre com a forma *soe,* de meneio mais comum.

O verbo *preterir* (do verbo latino *præterire*- de *præter* e *ire)* não segue a conjugação do verbo *ir,* de que se compõe; mas a dos verbos da terceira, que tem um *e* antes da última sílaba do infinitivo: *Pretiro, preteres, pretere, preterimos, preteris, preterem; preteria, preteri; preterirei; preteriria* etc.

O verbo *feder* carece de todas as pessoas cujas terminações começam por *a* ou *o.* Assim que se não diz: *fedo, feda, fedas, fedam, mas fede, fedia, fedendo, fedido.*

Ao verbo *reaver* dão-se-lhe hoje os tempos em que vem o *p* precedido de *a: reaver, reavia, reaverei, reaveria, reavendo, reavido.*

Grassar não é usado nas primeiras nem segundas pessoas de tempo algum; é, porém, empregado nas terceiras do singular ou plural:

> «Duas horas depois *grassava* a notícia de ter fugido Therezinha » (Camilo)
> « Duas epidemias *grassaram* naquela época »
> «as moléstias que *grassam* nas estações do inverno e estio ».

Os verbos *abolir, banir, brandir, bramir, adir, carpir, colorir, delir, demolir, empedernir, exinanir, descomedir-se, discernir, florir, munir, renhir, falir, explodir, extorquir, submergir,* só têm as terminações que começam por *i: aboli, abolirei, abolia, aboliria, abolindo, abolido; bani, bania, banirei, baniria, banindo, banido; discernia, discernirei, discerniria, discernindo, discernido; renhia, renhiu, renhirei, renhindo, renhido* etc.

Os verbos *curtir*[7]*, sortir* conservam o *o* do radical naquelas formas em que a última consoante temática se segue *i;* quando, porém, depois

79. Na ortografia vigente à época da publicação original, escrevia-se "*cortir*"; não se aplica, portanto, ao português contemporâneo a conservação do *o* daquele radical que caiu em desuso. (n.e.)

dessa consoante se seguir *a* ou *e*, o *o* do radical mudar-se-á em *u: Cortia, sortia; curto, curtas, curtam, curtem, surto, surtas, surtam, surtem.*

Tem essa regra aplicação ao verbo *ordir,* quando se lhe conserva a grafia originaria, escrevendo *ordir* (de *ordiri)* e não *urdir,* como hoje se escreve.

Para suprir as linguagens de que carece o verbo *remir,* por se equivocarem com as do verbo *rimar,* recorre nossa língua às formas do verbo *redimir,* de que é aquele apenas uma síncope. Assim que se diz: *redimo, redimes, redime, remimos* ou *redimimos, remis* ou *redimis, redimem; redima, redimas, redima, redimamos, redimais, redimam; remisse* ou *redimisse, remisses* ou *redimisses, remissem* ou *redimissem* etc.

O verbo *precaver* (do latim *precavere)* carece de todo o singular do presente do indicativo, da terceira pessoa do plural do mesmo tempo e de todo o presente do subjuntivo, conjugando-se nos mais tempos do modo seguinte:

Precavemos, precaveis, precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram, precavera, precaveras, etc., *precaverei, precaverás* etc., *precaveria, precaverias* etc., *precavesse, precavesses,* etc., *precavendo, precavido.*

> « *Precaveu-a* do sucedido, para que à sua chegada ao quarto do marido não exacerbasse a agonia do preso» (Camilo).

O verbo *precatar,* que tem o mesmo sentido que o precedente, é de pouco uso, a não ser no infinitivo presente e na expressão familiar *quando mal se precatara,* no sentido de *quando mal pensava, quando menos esperava:*

> «E quando a gente mal se *precatava,* armou-se uma novela» (Camilo).

O verbo *jazer* é só usado nas seguintes formas: *jaz, jazem, jazia, jazias, jaziam, jazer:*

> «Não *jaziam* os ossos de seu pai inquietos por vingança» (R. da Silva).
> «No vale que ficava em meio, a luz de cima embebia-se inutilmente na povoação, que *jazia* extinta » (A. Herc.)
> «O alcaide *jazia* enfermo » (Camilo).
> «E *jazem* teus filhos clamando vingança» (Gonçalves Dias).

As formas *jaço, jouve, jarás, jarão, jaça, jaças, jaçamos, jaçais, jaçam, jouver* do verbo *jazer* e *arço, mouro* dos verbos *arder* e *morrer* são inteiramente obsoletas.

Passa o mesmo com as formas *advirte, compite, minte, sirve, acude, fuge, sacude, cubre, descubre, encubre,* dos verbos *advertir, competir, mentir, servir, acudir, fugir,,*

sacudir, cobrir, descobrir, encobrir, há muito relegadas da língua. Outrotanto se deu com as formas *sento* por *sinto, consento* por *consinto,* hoje em completo desuso.

O verbo *ruir* (do verbo latino *ruere)* é defectivo nos tempos em que há homofonia com os do verbo *roer.* Nos outros tempos é de pouco uso, encontrando-se mais frequentemente, e isso mesmo em poesia, as formas *rue, ruem.*

> « *Ruem* por terra as emperradas portas
> Das eólias horríssonas masmorras » (Bocage).

> «E o pinheiro rue fracassando em torno às árvores» (A. Cast.).

Amade, defendede, aplaudide, eram formas do imperativo dos verbos *amar, defender* e *aplaudir,* que outr'ora se empregavam, em vez de *amai, defendei, aplaudi,* hoje de todo caídas em desuso.

Isto posto, passemos a conjugar os verbos mais irregulares de nossa língua, que não puderam em todos os seus tempos entrar nas observações gerais que acabamos de fazer.

a) Primeira conjugação

Dar

Dou, dás, dá, damos, dais, dão; dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam; dei, deste, deu, demos, destes, deram; dera, deras, dera, déramos, déreis, deram; darei, darás, dará, daremos, dareis, darão; daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam; da, dai; de, dês, dê, demos, deis, deem; desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem; der, deres, der, dermos, derdes, derem; dar; dando; dado.

Para a conjugação do verbo *estar* veja-se a "Conjugação dos auxiliares TER, ESTAR e HAVER".

O verbo *sobrestar* segue a conjugação do verbo *estar.*

b) Segunda conjugação

Caber

Caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem; cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam; coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam;

coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam; caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão; caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam; cabe, cabei; caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam; coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem; couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem; caber; cabendo; cabido.

Dizer

Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam; dize, dizei; diga, digas, diga, digamos, digais, digam; dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem; dizer; dizendo; dito.

Fazer

Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam; faze, fazei; faça, faças, faça, façamos, façais, façam; fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem; fazer; fazendo; feito.

Poder

Posso, podes, pode, podemos, podeis, podem; podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam; pude, pudeste, pode, pudemos, pudestes, puderam; pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam; poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão; poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam; possa, possas, possa, possamos, possais, possam; pudesse, pudesses' pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem; puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem; poder; podendo; podido.

Vieira deu imperativo a este verbo, dizendo: *Se quereis ser onipotentes, podei somente o justo e lícito.*

Prazer

Praz; prazia; prouve; prouvera; prazerá; prazeria; praza; prouvesse; prouver; prazer; prazendo. Por este se conjugam os verbos *aprazer, comprazer*[80], *desprazer.*

---

80. O verbo *comprazer* é conjugado por alguns escritores regularmente.

Assim que disse Latino Coelho: «Dir-se-ia que se *comprazeu* a natureza em trasladar o vale de Tempe»; Vieira: «Quando vossa fraternidade reverendíssima se *comprazeu* de me

Querer

Quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão; quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam; queira, queiras, queira, queiramos queirais, queiram; quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem; querer; querendo; querido.

O imperativo deste verbo acha-se em Vieira na frase seguinte: *Querei só o que podeis, e sereis onipotentes.*

Saber

Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem; sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam; soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam; soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam; saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão; saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam; sabe, sabei; saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam; soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem; souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem; saber; sabendo; sabido.

Trazer

Trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem; trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam; trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram; trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram; trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão; traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam; traze, trazei; traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam; trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem; trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem; trazer; trazendo; trazido.

Ver

Vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; via, vias, via, víamos, víeis, viam; vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam; vê, vede; veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; ver; vendo; visto. Por este verbo conjugam-se todos os seus compostos, exceto *prover,* que faz provi, proveste, proveu etc.; proverá, proverás etc.; provesse, provesses etc.; provido; seguindo nos outros tempos a conjugação do verbo *ver.*

significar a inestimável honra»; e Herculano: «Festins nos quais sabeis que nunca *me comprazi*».

Aliás, fazendo-o irregular, escreveu A. Castilho: «Os belos dias que ele ***se*** *comprouvera* de ir repartindo entre o trabalho e a recriação»; «E a ela, só a ela, que *se comprouve* de a dedicar».

c) Terceira conjugação

Ir

Vou, vais, vai, vamos ou imos, ides, vão; ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; iria, irias. iria, riamos, irieis, iriam; vai, ide; vá, vás, vá, vamos, vades, vão; fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem; for, fores, for, formos, fordes, forem; ir; indo; ido.

Rir

Rio, ris, ri, rimos, rides, riem; ria, rias, ria, riamos, ríeis, riam; ri, riste, riu, rimos, ristes, riram; rira, riras, rira, ríramos, rireis, riram; rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão; riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam; ri, ride; ria, rias, ria, riamos, riais, riam; risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem; rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem; rir; rindo; rido.

Vir

Venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; viria, virias, viria, viéramos, viríeis, viriam; vem, vinde; venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem; vir; vindo; vindo.

Por este se conjugam os verbos *avir, desavir, convir, provir, intervir, sobrevir, advir, revir.* Assim se diz: *Lá se avenham, lá* vos *avinde; os sócios se desavieram, estão desavindos; ele se desaveio*, etc.

VII

Da etimologia das formas verbais; formas do verbo Ser em confronto com as do verbo latino *Esse*; comparação da conjugação latina com a portuguesa.

Há, como já vimos, três conjugações regulares em português: a primeira termina no infinitivo em *ar,* como *amar,* a segunda em *er,* como *dever, defender,* a terceira em *ir,* como *partir. Há* demais disso o verbo *pôr,* antigamente *poer,* que forma o tipo de um grupo de verbos que para alguns constituem uma quarta conjugação, não compreendendo esse grupo senão o verbo *pôr* e seus compostos.

A primeira conjugação portuguesa em *ar* origina-se dos verbos latinos em *are,* como *amar* de *amare; louvar* de *laudare; cantar* de *cantare* e de alguns em *ere* longo, como *estudar* de *studere.*

A segunda conjugação portuguesa procede dos verbos latinos em *ēre,* longo, da segunda conjugação, como *responder* de *respondere, mover* de *movere, dever* de *debere;* e de verbos latinos em *ere,* breve, da terceira conjugação, como *dizer* de *dicere, fazer de facere, reger* de *regere.*

A terceira conjugação portuguesa prende-se aos verbos latinos em *ire* da quarta conjugação e em *ere,* breve ou longo, da terceira e segunda conjugação latina. Assim *partir, vestir, dormir, mentir, sentir, ouvir,* provêm dos verbos latinos da quarta conjugação *partire, vestire, dormire, mentire, sentire, audire, arguir, rir, aplaudir, redigir,* de *arguere, ridere, aplaudere, redigere.*

O verbo português *pôr,* antigo *poer,* a que se sincopou a vogal *e,* tem por origem o verbo latino *ponere* da terceira conjugação.

O verbo latino *esse* na formação de alguns de seus tempos recorria ao antigo verbo *fuo, fuere,* que significava o mesmo que os verbos *nascor, fio, sum* e cujo pretérito era *fui* ou, como mais antigamente se dizia, *fovi, fuvi.*

De feito, em um escritor antigo depara-se-nos, segundo Vóssio, a forma *fuvi,* no seguinte exemplo: «*Quo genere gnata, qui parentes* **fuverint** ».

Ligadas ao mesmo tema verbal *fu* do verbo *fuere* aparecem as formas verbais *fuat, fuant,* de que, segundo Guardia e J. Wierzeyski[81], usava frequentemente Plauto, e a que ainda recorreu o próprio Virgílio.

Era, portanto, o verbo latino *esse* um defectivo.

Em português o verbo *ser* compõe-se não só de elementos que se originam de formas do verbo *esse*, *essere* (ital.), *essere* (lat. bárbaro), senão também de outros elementos mórficos do antigo verbo latino *fio, fuere,* os quais, pelos laços etimológicos e de sinonímia que os aproximam, parece travarem-se de mão

81. Guardia & Wierzeyski. **Grammaire de la Langue Latine.**

para constituir o verbo abstrato *ser,* que em todas as línguas românicas tem formas que se não ligam ao mesmo étimo, notando-se até essa diversidade de formas originárias em idiomas pertencentes a grupo diferente.

Com efeito, assim se enuncia um douto escritor com respeito ao verbo inglês *to be,* correspondente ao verbo português *ser:*

> «Sob o verbo *be (ser)* classificam-se como idênticas, quanto ao sentido, as formas sobreviventes de três verbos originários, independentes, que, suprindo suas faltas mútuas, servem em comum para constituir o verbo substantivo ou cópula; são esses verbos representados pelas formas *be, am e was*[82]».

O verbo **fuere** forneceu ao verbo **esse** o *pretérito* ou *passado definito* **fui,** o *mais que perfeito* **fueram,** o *imperfeito do subjuntivo* **fuissem,** o *futuro* do mesmo modo **fuerin,** donde tirou o português os tempos correspondentes *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem; for, fores, for, formos, fordes, forem.*

O *presente do indicativo* **sou, es, e, somos, são** tem por origem as formas latinas correspondentes *sam, es, est, sumus, sunt.*

A segunda pessoa do plural do presente do mesmo modo *sois* tem por origem a primeira do singular, a que se ajuntou a terminação própria daquela pessoa,

De feito, não só se acham para o presente do afirmativo as formas *so, soy* para a primeira pessoa do singular, senão também *sooes, sondes, sodes* para a segunda do plural.

O imperfeito do indicativo *era, eras, era, éramos, éreis, eram* origina-se das formas latinas *eram* (ant. *eram*), *eras, erat, eramus, eratis, erant.*

Das formas do latim popular *siam, sias* ou *seas, siat, siamus, siatis* ou *seatis, siant* vieram as formas portuguesas *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.*

A forma *sede,* plural do imperativo português, prende-se à forma popular *sedes* ou *seedes,* como analogicamente a estas se liga à forma *se* do singular.

O infinito *ser,* que, segundo opina Diez, se deriva do verbo latino *sedere,* parece proceder antes do mesmo verbo *esse,* emanado do latim popular *essere,* que ao francês forneceu o verbo *estre, être;* ao italiano, *essere;* ao espanhol e português, *ser.*

Os particípios *sendo, sido,* que outr'ora se diziam *sente, siente, seido,*

82. Vide **The Century Dictionary.**

ligam-se ao mesmo infinito *ser, seer,* a que se apuseram os sufixos próprios dos particípios dos verbos de temas em *e.*

O futuro do indicativo *serei, serás, ser, seremos* etc., tem por procedência o infinitivo *ser (seer, essere, esser)* e o presente do mesmo modo do verbo *haver (habere): serei, ser - hei, es - ser -- habeo.*

O condicional *seria* formou-se, por analogia com o futuro do imperfeito do indicativo do mesmo verbo *haver, havia, hia (habebam)* e do infinitivo, figurando este como radical e o verbo *haver* como desinência: *Seria, ser-hia, essere, es-ser habebam.*

Não há verbo que em seu desenvolvimento histórico tenha apresentado formas mais variadas, que o verbo *ser.*

Assim é que na primeira pessoa do singular do presente do afirmativo são de notar as seguintes: *sam, san, só, su, sõo, soy, soe, sejo;* na segunda do singular do mesmo modo e tempo: *ses* e *eres* no espanhol; na terceira pessoa do singular, a forma *est,* usada pelos antigos cancioneiros; no plural, porém, nas três pessoas, notam-se as formas *semos, samos, sais, soum, sodes, sondes, soedes, soes, sooes, sum, som, erêis* (do singular *eres*), *estes.*

Ainda hoje em dia não é raro ouvir na boca do povo a forma *samos* por *somos.*

No imperfeito do indicativo, na segunda pessoa do plural, usou-se *erades* de *eratis,* em vez da forma moderna *éreis* e no singular a forma *sia,* em lugar de *era,* atualmente em voga.

a) Tempos e modos comparados. Primeira conjugação: verbo AMAR (**AMARE**)

Presente do Indicativo

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Amo	N.S.	*Amo*
	Amas		*Amas*
	Ama		*Amat*
N.P.	Amamos	N.P.	*Amamus*
	Amais		*Amatis*
	Amam		*Amant*

Neste verbo, como se vê, há nas terceiras pessoas do presente do indicativo a supressão em português do *t* latino final e na segunda pessoa do plural é a mesma consoante sincopada.

Em documentos antigos esse *t* médio é representado por *d* consoante, que lhe é afim e representa o som brando do *t.*

Assim é que no século 15 se encontram as formas *amades, cantades, chegades.*

Imperfeito do Indicativo

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Amava	N.S.	*Ambam*
	Amavas		*Amabas*
	Amava		*Amabat*
N.P.	Amávamos	N.P.	*Amabamus*
	Amáveis		*Amabatis*
	Amavam		*Amabant*

Passando esse tempo do indicativo do latim para o português, sofreu a apócope do *m* na primeira pessoa do singular; na terceira do singular e plural e na segunda deste número houve a queda da consoante, notando-se, demais, em todas as pessoas a substituição do *b* latino pelo *v* português e na segunda pessoa do plural a conversão da vogal *a* do sufixo latino em *e.*

Releva notar que na primeira e segunda pessoa do plural retrocedeu o acento no português, colocando-se na sílaba que no latim era a protônica: *Amávamos* de **amabamus;** *amáveis* de **amabatis.**

Pretérito ou Passado Definito

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Amei	N.S.	*Amavi*
	Amaste		*Amavisti*
	Amou		*Amavit*
N.P.	Amamos	N.P.	*Amavimus*
	Amastes		*Amavistis*
	Amaram		*Amaverunt*

Todas essas formas derivam das formas latinas correspondentes. Assim é que na primeira pessoa *amei* de **amavi,** o *o* latino sofreu uma síncope, e o ditongo *ai,* resultado dessa síncope, se converteu em *ei.*

Sabe-se que muito comum e usual é no português a permutação do *ai* em *ei.*

Na segunda do singular e em todas as pessoas do plural houve a queda do *ci* ou *ve,* fenômeno que se notava já no latim, que, a par das formas *laudaverunt,*

portaverunt, probaverunt, apresentava as formas sincopadas *laudarunt, portarunt, probarunt.*

Na terceira pessoa do singular houve queda do *it,* e o *a* antes de *v* ditongou-se em primeiro lugar em *au* depois em *ou.*

São muito estreitos os laços de afinidade entre o ditongo *au* e o grupo vocálico *ou.* Certificam-no os vocábulos *ouvir, louvar, ouro, louro, mouro, rouco, ourelha,* de *audire, laudare, aurum, laurus, maurus, raucus, auricula* etc.

As formas da terceira pessoa do plural em *um* e *om* ou *on,* de que fazia uso o português antigo, dizendo: *levarum, levarom* ou *levaron disserum, disserom* ou *disseron; vierum, vierom* ou *vieron* estão mais próximas das formas latinas originárias *levarunt, dixerunt, venerunt.*

Mais que Perfeito

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Amara	N.S.	*Amaveram*
	Amaras		*Amaveras*
	Amara		*Amaverat*
N.P.	Amáramos	N.P.	*Amaveramus*
	Amáreis		*Amaveratis*
	Amaram		*Amaverant*

As formas do **mais que perfeito,** em português, provêm também de formas latinas que lhes correspondem e a que se sincopou o *ve*, havendo igualmente a queda do *m* da primeira pessoa do singular e do *t* das terceiras de um e outro número.

Em *amáramos* retrocedeu o acento, colocando-se no português no radical ou tema.

Futuro imperfeito e **Modo condicional.** As formas em *bo* e *am* dos futuros dos verbos das quatro conjugações latinas desapareceram do português e das línguas românicas, à exceção do *valáquio,* e foram substituídas por outras, constituídas pelo infinitivo a que se pospuseram em nossa língua as formas *hei, has, há, hemos, heis, hão* do verbo *haver* (**habere**), seguindo-se nas línguas congêneres idêntico processo de formação: *Amar-hei, cantar-hei, levar-hei* ou *amar-ei, cantar-ei, levar-ei, amar-has, cantar-has, levar-has* ou *amar-ás, cantar-ás, levar-ás; amar-há, cantar-há, levar-há* ou *amar-á, cantar-, levar-á, dever-hei, mover-hei, estudar-hei* ou *dever-ei, mover-ei, estudar-ei, partir-hei, cobrir-hei, vestir-hei* ou *partir-ei, cobrir-ei, vestir-ei; mover-has, dever-has, estudar-has* ou *mover-ás, dever-ás, estudar-ás.*

Já no latim clássico, em escritores de boa nomeada, certas construções do verbo latino *habere,* acompanhado de um infinitivo, deixavam antever os primórdios da formação desse futuro românico, que, imposto pela necessidade e clareza, pouco e pouco se foi formando e generalizando nas línguas filhas da latina, as quais bem se compraziam com esse novo recurso analítico, que acabou por suplantar a forma clássica do futuro, fazendo-a desaparecer.

Acham-se em Cícero os exemplos seguintes: «*Nihil* **habeo** *ad te* **scribere** »**;** « *quid* **habes** *igitur* **dicere** *de Gaditano fœdere?*», «**habeo** *etiam* **dicere** *quem de ponte in Tiberim dejecerit»;* e em Tito Livio: «*illud* **affirmare** *pro certo* **habeo** »**.**

Essas frases equivalem evidentemente às seguintes: «*Nihil habeo soribendum* »; «*quid habes igitur dicendum?»; «dicendum etiam mihi quem in Tiberim dejecerit*»; «*illud mihi affirmandum est pro certo »,* onde claramente resumbra a ideia de um futuro, que mais e mais se foi acentuando no latim vulgar, originando a nova forma de futuro das línguas que têm o latim por fonte matriz.

Em todas essas línguas é esse futuro de nova formação ou constituído pelo verbo latino *habere* (haver, ter), no presente do indicativo, unido como desinência ao verbo no infinitivo, ou por esse verbo no infinitivo precedido de verbos que significam *dever, querer, ir, vir,* como auxiliares. Assim é que no italiano se diz *cantero (ho, o,* eu tenho, eu hei); no espanhol- *cantaré (he, é,* eu tenho ou hei); no *francês - chanterai (ai,* eu tenho ou hei); no *provençal - cantarai* (*ai,* eu tenho ou hei). Em alguns dialetos italianos, em que *agio* significa *eu tenho,* é formado o futuro, de modo análogo, com esse verbo como elemento formativo e o infinitivo: *cantar-agio.* Noutros idiomas, ainda do mesmo grupo, o futuro *eu farei* equivale à expressão *eu quero fazer;* no ladino ou reto-romano, à expressão *eu venho* ou *eu vou fazer.* No inglês, língua que pertence a outro grupo, é ainda o futuro constituído por um verbo auxiliar, que significa *querer, dever* e o verbo no infinitivo: I *shall come* (eu virei) significa literalmente *eu devo vir; he will come* (ele virá) quer a letra dizer: ele *quer vir; he will go* (ele irá) significa ele *quer ir.*

Por analogia o modo condicional formou-se em português do infinitivo e das formas do verbo *haver* no imperfeito do indicativo: *Amar-hia, amar-hias, amar-hia, amar-hiamos, amar-hieis, amar-hiam* ou *amar-ia, amar-ias, amar-ia, amariamos, amar-ieis, amar-iam; dever-hia, dever-hias, dever-hia, dever-hiamos, dever-hieis, dever-hiam* ou *dever-ia, dever-ias, dever-ia, dever-iamos, dever-ieis, dever-iam; vestir-hia, vestir-hias, vestir-hia, vestir-hiamos, vestir-hieis, vestir-hiam* ou *vestir-ia, vestir-ias, vestir-ia, vestir-íamos, vestir-íeis, vestir-iam.*

Do mesmo modo os futuros e condicionais franceses *aimerai, aimerais, finirai, finirais, recevrai, recevrais, vendrai, vendrais* são adjunções do presente ou imperfeito do indicativo do verbo *avoir (habere)* ao infinito de cada um desses verbos.

Aimerai é *aimer* e *ai, aimerais, aimer* e *avais,* aferesado o *av; finirai, finir* e *ai; finirais, finir* e *avais,* com a mesma aférese; *recevrai, recevoir* e *ai,* havendo queda do *oi; recevrais, recevoir* e *avais,* com a queda do *oi* do primeiro elemento e aférese do *ao* do segundo; *vendrai, vendre* e *ai,* com a queda do *e; vendrais, vendre* e *avais,* com a queda do *e* do infinitivo e do *av* do segundo elemento componente.

Imperativo. O imperativo *ama, amai,* da primeira conjugação, origina-se das formas latinas correspondentes *ama, amate;* havendo a queda do *t* da segunda pessoa do plural: *amate- amai.*

Presente do subjuntivo. O presente do subjuntivo *ame, ames, ame, amemos, ameis, amem* tem por origem as formas do presente do subjuntivo latino *amem, ames, amet, amemus, ametis, ament,* com apócope do *m* da primeira pessoa do singular no latim, do *t* das terceiras pessoas e queda desta última consoante na segunda do plural: *Amem, ame, ames, ames', amet, ame, amemus, amemos, ametis, ameis, ament, amem. Cantem, cante cantes, cantes, cantet, cante cantemus, cantemos, cantetis, canteis, cantent, cantem.*

Imperfeito do subjuntivo. O imperfeito do subjuntivo em português não teve por molde o tempo latino correspondente, senão o mais que perfeito desse modo. Assim que as formas verbais portuguesas *amasse, amasses, amasse, amássemos, amásseis, amassem* correspondem às latinas *amavissem, amavisses, amavisset, amavissemos, amavissetis, amavissent,* em que, além da queda da consoante *t* das terceiras pessoas e da segunda do plural, se observa a mudança do acento nas duas primeiras pessoas do plural e a síncope do *vi* em todas elas.

Esse último fato já se notava no latim: ao lado das formas *amavissem, laudavissem* figuram as formas sincopadas *amassem, laudassem.*

Futuro do subjuntivo. Nos verbos portugueses da primeira conjugação regular o futuro do subjuntivo seguiu o tipo do infinitivo pessoal, cuja forma é idêntica.

Nos casos, porém, em que as formas do futuro do subjuntivo não são idênticas às do infinitivo, o que se observa nos verbos irregulares, servem-lhes de padrões ou tipos as formas *do futuro perfeito* latino: *Der, estiver,* futuros do subjuntivo dos verbos portugueses *dar, estar,* têm por tipo, o primeiro, a forma latina *dedero,* o segundo, as formas do verbo *ter,* a cuja influência obedeceram as formas *estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem,* modeladas pelas correspondentes de *ter: tiver, tiveres, tiver, tivermos* etc.

Infinitivo. O infinitivo português dos verbos da primeira conjugação origina-se do infinitivo latino; *Amar* de *amare, cantar* de *cantare, louvar* de *laudare fumar de /«mare, saltar* de *saltare, cear* de *cenare.*

Particípios. O *particípio presente* em *ando* corresponde ao gerúndio latino em *ando.* Assim, dos gerúndios latinos *amando, cantando, laudando, fumando, saltando,*

cenando, nos vieram os particípios *amando, cantando, louvando, fumando, saltando, ceando,* formas a que damos também a denominação de *gerúndios,* por haverem perdido em nossa língua o caráter de verbos as antigas formas em *ante, ente, inte,* correspondentes às formas latinas dos particípios imperfeitos da primeira, segunda e terceira conjugação.

O *particípio futuro* da voz ativa da língua latina desapareceu em português não só nos verbos em *ar,* da primeira conjugação, mas também nos das outras conjugações, deixando-nos, porém, manifestos vestígios ou reminiscências das formas verbais originárias nos adjetivos *nascituro, imorredouro, morredouro, futuro, vindouro,* alguns dos quais, por sua vez, serviram analogicamente de tipos a novas formações de vocábulos pertencentes a outra categoria gramatical, como se vê nos vocábulos portugueses *ventura, usura, criatura, cozedura, postura, feitura, molhadura.*

Também desapareceu em português o *particípio do futuro* da voz passiva latina em *andas* da primeira conjugação e *endus* da segunda, terceira e quarta, ficando-nos alguns resquícios desses particípios originários nos vocábulos *despiciendo, reverendo, educando, doutorando, multiplicando, diminuindo, subtraendo, operando, dividendo, ordinando* e nos adjetivos *invejando, expiando, admirando,* tão usualmente encontrados nas produções poéticas de Filinto Elysio.

E assim como da forma latina do particípio do futuro da voz ativa se formaram em português alguns substantivos, como deixamos dito, assim também o particípio da voz passiva foi tomado como modelo para a formação de alguns substantivos de nossa língua. Tais são os vocábulos *locanda, vianda, vivenda, fazenda, prebenda, oferenda, legenda, lenda,* que têm por origem os particípios futuros passivos dos verbos latinos *locare, viare, vivere, facere, præbere, oferre, legere.*

O *particípio passado* em *ado* da primeira conjugação tem por procedência o particípio passado em *atum* da conjugação latina correspondente: *Amado* de *amatum; cantado* de *cantatum estado* de *statam, saltado* de *saltatum, ceado* de *cenatum.*

O *supino* desapareceu inteiramente no português em todas as conjugações.

b) Tempos e modos comparados. Segunda conjugação: verbo MOVER (MOVERE)

Presente do Indicativo

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Movo	N.S.	*Moveo*
	Moves		*Moves*
	Move		*Movet*
N.P.	Movemos	N.P.	*Movemus*
	Moveis		*Movetis*
	Movem		*Movent*

Na primeira pessoa do singular nota-se a queda do *e* latino; na terceira do singular e plural, a apócope do *t,* e na segunda do plural, a queda da mesma consoante.

Imperfeito do Indicativo

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Movia	N.S.	*Movebam*
	Movias		*Movebas*
	Movia		*Movebat*
N.P.	Movíamos	N.P.	*Movebamus*
	Movias		*Movebatis*
	Moviam		*Movebant*

Em todas as formas deste tempo houve nesta conjugação a queda do *b* latino, e o *e* que lhe precedia no latim se mudou no português em *i.*

Na primeira pessoa do singular houve demais disso a queda do *m*; nas terceiras pessoas, a apócope ou queda do *t,* e na segunda do plural, a queda ou síncope da mesma consoante e transformação do *a* depois do *b* em *e*.

Pretérito ou Passado Finito

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Movi	N.S.	*Movi*
	Moveste		*Movist*
	Moveu		*Movevit*
N.P.	Movemos	N.P.	*Movimus*
	Movestes		*Movistis*
	Moveram		*Moverunt*

Neste tempo do verbo *mover* apocopou-se o *t,* característico das terceiras pessoas latinas; na segunda pessoa do plural, os dois *ii* do sufixo transformaram-se em *ee* no português; na terceira pessoa do singular o *i* latino ditongou-se em *eu,* havendo demais a deslocação do acento na primeira pessoa do singular e do plural e na terceira do singular.

Mais que perfeito

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Movera	N.S.	*Moveram*
	Moveras		*Moveras*
	Movera		*Moverat*
N.P.	Movêramos	N.P.	*Moveramus*
	Movêreis		*Moveratis*
	Moveram		*Moverant*

Nota-se aqui a apócope do m latino na primeira pessoa do singular na conjugação portuguesa, do *t* característico da terceira pessoa latina; síncope da mesma consoante na segunda pessoa do plural e mudança do *a* que lhe precede em *e.*

Nesse tempo há ainda que notar a deslocação do acento, que, no português, recai em sílaba diversa da que se acentua no latim, e isto em todas as suas formas.

Futuro e **condicional.** O futuro e o condicional dos verbos da segunda conjugação formaram-se, como já vimos, do mesmo modo que o futuro e o condicional dos verbos da primeira conjugação, pela adjunção do presente e do imperfeito do verbo *haver* ao infinitivo do verbo que se conjuga.

Imperativo e **presente do subjuntivo.** O imperativo e o presente do subjuntivo da segunda conjugação originaram-se das formas latinas que lhes correspondem. Assim, do imperativo latino **move, movete; debe, debete** provêm as formas portuguesas *move, movei, deve, devei,* havendo a queda do *t* da segunda do plural da conjugação latina e ditongando-se em *ei* os dois *ee* reunidos.

Das formas do presente do subjuntivo latino **moveam, moveas, moveat, moveamus, moveatis, moveant; debeam, debeas, debeat, debeamus, debeatis, debeant** dimanam as portuguesas *mova, movas, mova, movamos, movais, movam; deva, devas, deva, devamos, devais, devam,* caindo no português o *e* do sufixo das formas latinas em todas as pessoas, o ***t*** das terceiras e o *m* da primeira do singular.

Imperfeito do subjuntivo. Como na primeira conjugação portuguesa, o imperfeito do subjuntivo não teve por modelos as formas latinas do tempo correspondente, mas sim as do mais que perfeito latino: *Movesse, movesses, movesse, movêssemos, movêsseis, movessem; devesse, devesses, devesse, devêssemos, devêsseis, devessem* têm por origem as formas do miais que perfeito latino *movissem, morisses, movisset, movissemus, movissetis, movissent, debuissem, debuisses, debuisset, debaissemus, debuissetis, debuissent.*

Houve, como *se* vê, na transformação da forma latina em português, a queda do *t* das terceiras pessoas, a síncope da mesma letra na segunda pessoa do plural, a mudança do *i* latino em *e* português, queda do *u* nos verbos que tiverem o pretérito perfeito terminado em *ui,* e a deslocação do acento que no português, nas duas primeiras pessoas do plural, recai na sílaba que no latim era protônica.

Futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo tomou por tipo o infinitivo português, como atrás ficou dito, com respeito ao mesmo tempo dos verbos regulares da primeira conjugação.

Em alguns verbos irregulares as formas do futuro do subjuntivo tomaram por tipos as do futuro perfeito latino: *Disser, fizer, vir,* formas do futuro do subjuntivo dos verbos *dizer, fazer, ver,* têm por modelos as formas do futuro perfeito latino **dixero, fecero, videro** dos verbos **dicere, facere videre.**

Infinitivo. O infinitivo português da segunda conjugação tem por origem as formas verbais correspondentes da segunda conjugação latina e da terceira. *Dever, mover, responder* de **debere, movere, respondere;** *dizer, fazer, defender, reger* de **dicere, facere, defendere, regere.**

Particípios. O particípio presente ou gerúndio em *endo* da segunda conjugação portuguesa filia-se no gerúndio latino em *endo: Devendo, respondendo, azendo, tendo, defendendo,* derivam de **debendo, respondendo, faciendo,**

tenendo, defendendo, gerúndios dos verbos latinos **debere, respondere, facere, tenere, defendere.**

A forma do particípio passado em *ido* dos verbos da segunda conjugação portuguesa corresponde à forma latina *itus,* tornando-se ordinariamente acentuada a flexão que o não é em latim: *Devido* de **debitum;** *movido* de **motum** por **movitum;** *tido* de **tentum** por **tenitum,** seguindo aqui o português o tipo da flexão forte, isto é, acentuada, dos particípios passados dos verbos da quarta conjugação latina.

c) Tempos e modos comparados. Terceira conjugação: verbo PARTIR (PARTIRE)

Presente do Indicativo

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Parto	N.S.	*Partio*
	Partes		*Partis*
	Parte		*Partit*
N.P.	Partimos	N.P.	*Partimus*
	Partis		*Partitis*
	Partem		*Partiunt*

Vê-se que na primeira pessoa do singular desse tempo há, na passagem do latim para o português, a queda do *i* e a apócope do *t* nas terceiras; na segunda do plural a síncope da mesma consoante da desinência; na terceira deste mesmo número, além da apócope do *t,* a substituição das vozes *iun* pela nasal *em.*

Imperfeito do Indicativo

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Partia	N.S.	*Partiebam*
	Partias		*Partiebas*
	Partia		*Partiebat*
N.P.	Partimos	N.P.	*Partiebamus*
	Partíeis		*Partiebatis*
	Partiam		*Partiebant*

Em todas as formas desse tempo se efetuou a queda do *eb;* o *m* latino da primeira pessoa do singular caiu no português; nas terceiras pessoas houve igualmente queda do *t* final, característico dessas pessoas no latim; na segunda pessoa do plural sincopou-se a mesma consoante do sufixo e o *a* que lhe precedia transformou-se em *e*. Em todas as pessoas desse mesmo tempo nota-se a deslocação do acento, que no português retrocede para a penúltima sílaba de ambos os números e a antepenúltima da primeira do plural.

Pretérito ou Passado Definito

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Parti	N.S.	*Partivi*
	Partiste		*Partivisti*
	Partiu		*Partivit*
N.P.	Partimos	N.P.	*Partivimus*
	Partistes		*Partivistis*
	Partiram		*Partiverunt*

Em todas as pessoas do passado definito em português houve a apócope ou síncope do *vi;* nas terceiras pessoas, a queda do *t* característico e na terceira do singular a vogal *i* antes do *v* ditongou-se em *in.*

Em algumas pessoas deslocou-se o acento na passagem da forma latina para a portuguesa, recuando sempre: *Partiste* de **partivisti;** *partistes, partiram,* de **partivistis, partiverunt.**

Mais que Perfeito

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Partira	N.S.	*Partiveram*
	Partiras		*Partiveras*
	Partira		*Partiverat*
N.P.	Partíramos	N.P.	*Partiveramus*
	Partíreis		*Partiveratis*
	Partiram		*Partiverant*

Em todas as pessoas se sincopou aqui o *ve;* na primeira do singular houve queda do *m*; nas terceiras, queda do *t*; na segunda do plural caiu a mesma consoante do sufixo latino e o *a* que lhe precedia na língua originaria mudou-se em *e.*

Futuro e **condicional.** O *futuro do indicativo* em *am* da terceira e quarta conjugação latina desapareceu, como o futuro em *bo* dos verbos da primeira e segunda. A língua portuguesa formou esse futuro, como o de todas as conjugações, unindo o infinitivo às formas do presente do indicativo do verbo *haver.* Assim *partirei, dormirei, vestirei* se reduzem a *partir-hei, dormir-hei, vestir-hei* ou *partir-ei, dormir-ei, vestir-ei,* correspondentes às expressões latinas **partire habeo, dormire habeo, vestire habeo.**

Processo análogo seguiu-se relativamente ao *condicional,* empregando-se, como nas outras conjugações, o verbo *haver* não no presente do afirmativo, como se fez para formar o futuro, mas no imperfeito do indicativo: *Partiria, dormiria, vestiria, sentiria* correspondem ao latim **partire habeban, dormire habebam, vestire habebam, sentire habebam.**

Imperativo e **presente do subjuntivo.** O *imperativo* tem por procedência as formas latinas correspondentes: *Parte, parti, dorme, dormi; veste, vesti; sente, senti* descendem do latim **parti, partite; dormi, dormite; vesti, vestite; senti, sentite**. Há no plural queda do *te* da forma latina e no singular o *i* latino muda-se em *e.*

O *presente do subjuntivo* português dos verbos da terceira tem por origem as formas latinas que lhe correspondem: *Parta, partas, parta, partamos, partais, partam; durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam; vista, vistas, vista, vistamos, vistais, vistam; sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam,* trazem origem das formas latinas **partiam, partias, partiat, partiamus, partiatis, partiant; dormiam, dormias, dormiat, dormiamus, dormiatis, dormiant; vestiam, vestias, vestiat, vestiamus, vestiatis, vestiant; sentiam, sentias, sentiat, sentiamus, sentiatis, sentiant.**

Na passagem das formas latinas para o português houve a queda do *m* final da primeira pessoa do singular; do *i* que precede ao *a* em todas as pessoas, no latim; síncope do *t* da flexão na segunda pessoa do plural e queda ou apócope da mesma consoante das terceiras pessoas.

Imperfeito do subjuntivo. Como nas outras conjugações, o imperfeito do subjuntivo tomou por tipo o mais que perfeito latino e não o imperfeito: *Partisse, partisses, partisse, partíssemos, partisses partissem, dormisse, dormisses, dormisse, dormíssemos, dormísseis, dormissem; vestisse, vestisses, vestisse, vestíssemos, vestísseis, vestissem; sentisse, sentisses, sentisse, sentíssemos, sentísseis, sentissem,* correspondem as formas do mais que perfeito latino **partivissem, partivisses, partivisset, partivissemus, partivissetis, partivissent; dormivissem, dormivisses, dormivisset, dormivissemus, dormivissetis, dormivissent; vestivissem, vestivisses, vestivisset, vestivissemis, vestivissetis, vestivissent;**

sentissem (por **sentivissem**), **sentisses, sentisset, sentissemus, sentissetis, sentissent.**

Há em todas as pessoas desse tempo na passagem de suas formas do latim para o português a síncope do *vi,* a queda do *t* característico das terceiras pessoas latinas, do *m* da primeira do singular e a síncope do *t* da flexão da segunda pessoa do plural.

A síncope do *vi* era fato muito comum no latim.

Assim, ao lado de *vestivissem, dormivissem, ivissem, ivissent* figuram as formas latinas sincopadas *vestissem, dormissem, issem, issent.*

Futuro do subjuntivo. O *futuro do subjuntivo* formou-se segundo o tipo do infinitivo pessoal, cuja forma é idêntica nos verbos regulares.

Infinitivo. O *infinitivo* português da conjugação em *ir* tem por origem as formas latinas em *ire* da quarta conjugação e em *ere,* longo ou breve, da segunda e terceira conjugação latina: *Partir, dormir, mentir, fugir, vestir, rir, arguir* têm por fonte os verbos latinos *partire, dormire, mentire, vestire* da quarta conjugação; *fugere, arguere* da terceira; *ridere* da segunda.

Particípios. O *particípio presente* em *indo* dos verbos portugueses da terceira conjugação corresponde ao gerúndio em *endo* do latim: *Vestindo, sentindo, rindo, caindo, arguindo* nascem das formas dos gerúndios latinos *vestiendo, sentiendo,*

O particípio em *ientem* da quarta conjugação latina perdeu em português, como o da primeira em *antem* e o da segunda em *entem,* o caráter de verbo, tornando-se sua forma a desinência de adjetivos ou substantivos verbais, que se originam dessas formas participiais latinas: *Ouvinte* de **audientem;** *dormente* de **dormienten;** *servente* de **servientem.**

A forma do *particípio passado* em *ido* dos verbos da terceira conjugação portuguesa, a qual é idêntica à dos mesmos particípios dos verbos da segunda, corresponde igualmente à forma latina em *itum: Pedido* corresponde a **petitum,** *dormido* a **dormitum,** *vestido* a **vestitum,** *nutrido* a **nutritum.**

O particípio ativo do futuro da terceira e quarta conjugação latina deixou-nos vestígios em algumas palavras: *Vindoiro* ou *vindouro* de **venturum;** *imorredoiro* ou *imorredouro* de **in** e **moriturum;** *vestidura* de **vestituram;** *ventura* de **venturam;** *criatura* de **criaturam.**

Do particípio passivo do futuro dos verbos da quarta conjugação latina nenhum resquício nos ficou em nossa língua.

d) Grupo dos verbos em OR, constituindo um quarto tipo de conjugação. Verbo POR, antigo POER, sincopado (PONERE).

Presente do Indicativo

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Ponho	N.S.	*Pono*
	Pões		*Ponis*
	Põe		*Ponit*
N.P.	Pomos	N.P.	*Ponimus*
	Pondes		*Ponitis*
	Põem		*Ponunt*

Nas três pessoas do singular e na terceira do plural, nasalizou-se o *n* latino, passando para o português; nas terceiras pessoas efetuou-se a queda do ***t*** e mudança do um da terceira do plural em *em,* terminações que se distinguem mais pela figuração que pelos sons, que parece se confundem. Na primeira pessoa do plural houve demais disso a queda do *m* e na segunda do plural a queda do *i* e mudança do *t* latino em *d.*

Imperfeito do Indicativo

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Punha	N.S.	*Ponebam*
	Punhas		*Ponebas*
	Punha		*Ponebat*
N.P.	Púnhamos	N.P.	*Ponebamus*
	Púnheis		*Ponebatis*
	Punham		*Ponebant*

Na passagem desse tempo para o português houve a queda do *eb* latino, do *t* da terceira pessoa do singular e plural e da segunda do plural, nasalização do *n* em todas as pessoas, conversão ou mudança do *o* latino em *n* e do *a* da flexão da segunda pessoa do plural em *e.*

Pretérito perfeito ou definito

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Pus	N.S.	*Posui*
	Puseste		*Posuisti*
	Pôs		*Posuit*
N.P.	Pusemos	N.P.	*Posuimus*
	Pusestes		*Posuistis*
	Puseram		*Posuerunt*

Há nesse tempo do indicativo mudança do *o* latino em *a* português nas duas primeiras pessoas do singular e em todas as do plural, queda do *ui* final da primeira pessoa do singular, do *uit* da terceira pessoa do singular, do *a* da segunda do mesmo número e de todas as pessoas do plural e conversão da flexão *unt* em *am,* cujos sons se aproximam e confundem.

Pela queda do *a* latino no português o acento da primeira pessoa do plural avançou, não se conservando na mesma sílaba em que é notado no latim.

Mais que perfeito

	PORTUGUÊS		LATIM
N.S.	Pusera	N.S.	*Posueram*
	Puseras		*Posueras*
	Pusera		*Posuerat*
N.P.	Puséramos	N.P.	*Posueramus*
	Puséreis		*Posueratis*
	Puseram		*Posuerant*

Houve nesse tempo mudança do *o* latino em *a* em todas as pessoas, queda do *u* latino antepenúltimo, apócope do *t* da terceira pessoa do singular e plural, síncope do *t* da flexão da segunda do plural e mudança do *a* da flexão em *e.*

Merece ainda apontado que em nenhuma das pessoas o acento no português se conserva na mesma sílaba em que o havia o latim, avançando em relação ao latim uma sílaba nas três pessoas do singular e na terceira do plural e recuando nas demais.

Futuro e **condicional.** O *faturo* e o *condicional* formam-se do mesmo modo que o mesmo tempo e modo das outras conjugações, adicionando-se ao verbo no infinitivo as formas do presente do indicativo e do passado imperfeito do

verbo *haver,* **habere** em latim, que perde, em tais casos, o caráter de palavra autônoma para assumir o de elemento formativo.

Imperativo. O *imperativo põe, ponde* procede das formas latinas **pone, ponite,** pela nasalização do *n* latino, passando para o português, e mudança no plural do *t* latino da flexão em *d.*

Subjuntivo. O *subjuntivo ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham* tem por origem as formas latinas correspondentes **ponam, ponas, ponat, ponamus, ponatis, ponant**, pela nasalização em português do *n* latino, queda do *m* final da primeira pessoa do singular, do *t* das terceiras e síncope da mesma consoante na flexão da segunda pessoa do plural.

Imperfeito do subjuntivo. Do tema *paz* do passado definito, derivado da forma latina **posui,** a que *se* aditaram as flexões do imperfeito do subjuntivo dos verbos da segunda conjugação portuguesa, gerou-se o *imperfeito do subjuntivo.*

Assim, do passado definito *pus* (de **posui**) e das flexões da segunda conjugação *esse, esses, esse, essemos, esseis, essem* promanam as formas do imperfeito português *pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos. pusésseis, pusessem.*

Futuro do subjuntivo. O *futuro do subjuntivo* é oriundo das formas correspondentes do futuro do mesmo modo latino. Assim *puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem* originam-se de **posuero, posueris, posuerit, posuerimus, posueritis, posuerint,** pela mudança do *o* latino em *u* português em todas as pessoas, queda do *o* final da primeira pessoa do singular, síncope do *u* latino em todas as pessoas, queda do *i* da flexão da primeira e segunda do plural e mudança da desinência latina *int* em *em* português.

Infinitivo. O *infinitivo* tem origem no infinitivo latino correspondente. Assim *pôr, poner* (arcaico) e *poer,* forma antiga, de que *pôr* é a forma sincopada, são originários do verbo latino **ponere** da terceira conjugação.

Particípios. O *particípio presente* em *ondo* deu por fonte o gerúndio latino em *endo* do verbo *ponere,* a que se sincopou o *en,* primeira sílaba da flexão: *Pondo* de **ponendo.**

Do *particípio presente* em *entem* do verbo latino *ponere* rastejam-se evidentes vestígios nos adjetivos *preponente, proponente, oponente, expoente* ou *exponente, poente, depoente.*

O *particípio passado posto, posta, postos, postas* filia-se nas formas latinas sincopadas do particípio passado; *posto* de **positum,** *posta* de **positam,** *postos* de **positos,** *postas* de **positas.**

Na língua latina, sobretudo entre os poetas, já se nos oferecem as formas sincopadas *postum, repostam,* mais chegadas às formas portuguesas:

«*Manet alta mente* **repostum udicium** *Paridis* » (Virg.).

O *particípio do futuro ativo* do verbo latino *ponere* desapareceu em português, deixando-nos indícios de sua existência nos substantivos *compostura, postura, descompostura* de *composituram, posituram, des-composituram.*

Do *particípio do futuro da voz passiva* latina não nos ficou vestígio algum.

*
* *

Com estas últimas linhas pomos termo ao estudo dos verbos nesta parte de nossa *gramática,* fazendo as seguintes observações:

Verbos há em português cujas formas se radicam em formas procedentes de mais de um verbo latino.

Já vimos que o verbo *ser* apresenta formas que têm seu étimo no antigo *verbo fuere* e no verbo *esse,* derivado do latim bárbaro *essere.*

Na língua latina mesma as várias formas do verbo abstrato *esse* vinculam-se aos temas *es* e *fui.* Corre o mesmo em nossa língua com o verbo *ir.*

Há neste verbo formas que procedem do verbo latino *ire,* outras do verbo latino *fuere*, outras do verbo *vadere.* Observa-se na língua francesa o mesmo fenômeno com respeito ao verbo *etre:* não só possui esse formas que se ligam etimologicamente ao verbo latino **esse** *(essere, estre),* senão também outras que têm por fonte o mesmo antigo verbo latino **fui, fuere** e o verbo **stare:** *je sais, il est, il était, il fat, il fasse.*

O verbo francês *aller* tem também formas, cuja procedência se prende ao verbo **ire:** *j'irai, j'irais,* outras que se originam do verbo latino **vadere,** como *va, je vais, va-t'en,* outras que atestam uma origem ainda não bem conhecida, pensando uns que provém do verbo **ambulare,** outros do verbo **ambitare,** frequentativo de **ambire,** outros de **aduare, aditare**, outros, em suma, do infinitivo romano **allare.** Tais são as formas *j'allais, que j'aille, que j'allasse* etc.

No latim, como nas línguas românicas, distinguem-se nos verbos formas *fortes* e formas *fracas;* as *fortes* são as que têm o radical acentuado; as *fracas* as que tem o acento na terminação. Assim, são *fortes* as formas *ama, deve, dorme, move,* e *fracas, amei, devi, dormi, movi, amar, dever, dormir, mover.*

No latim tem sempre formas *fracas* os infinitivos da primeira, segunda e quarta conjugação, como *amare, movere, dormire,* e, porém, forte a forma no infinito da terceira conjugação, como *legere, tegere, defendere. prehendere.*

É para notar que as formas *fortes* no latim nem sempre correspondem às fortes das línguas que dele se derivam. Essas, ao contrário, parece terem uma tendência a converter em *fracas* as *formas fortes* da língua matriz.

> «As línguas *românicas*», diz Gaston Paris[83], « têm uma tendência manifesta a alongar as palavras, a dar-lhes mais consistência e a conservar tanto quanto possível o radical sem alteração nas flexões e nos derivados. Na conjugação, acentuando-se a terminação, as formas verbais conservam-se muito mais inteiras ».

São estas as diferenças mais notáveis entre a conjugação latina e a portuguesa:

A voz passiva, que no latim clássico era exprimida por desinências especiais e no latim vulgar, no século 6.º, se havia obliterado e perdido, sendo substituída pela combinação do verbo *esse* com o particípio passado, de concerto com as tendencias analíticas dos idiomas românicos; é indicada no português já pelo particípio passado do verbo, precedido de formas do verbo *ser,* como: *sou amado* ou *amada, sou louvado* ou *louvada, seremos amados* ou *amadas louvados* ou *louvadas, era amado* ou *amada, eram amados* ou *amadas,* em vez das formas do latim clássico *amor, laudor, amabimur, amabatar, amabantur;* já por um processo analítico especial, em que a variação pronominal, unida ao verbo, como proclítica ou enclítica, lhe dá esse sentido de passividade, que sinteticamente se exprimia em latim por meio das desinências[84]:

> «Ainda *se imagina* melhor dos que nunca o viram do que *se conta* pelos experimentados » (F. M. de Melo).
> « *Pelejar-se-ão* pelejas como de gladiadores» (A. Herc.).

A forma *depoente* da língua latina perdeu-se no português, como a flexão conhecida sob a denominação de *supino,* sendo as funções deste representadas em nossa língua pelo infinitivo, precedido da preposição *a,* e considerados os *depoentes* como verbos transitivos, obliterando-se e desaparecendo inteiramente as flexões que tinham no latim. .

Já no latim da decadência e nos poetas cômicos alguns desses verbos *depoentes* eram empregados sob forma ativa, perdendo a forma passiva que tinham no latim literário. Assim é que se encontram em Plauto e outros os verbos *arbitrare, mirare, munerare, moderare, venerare* etc., em lugar de *arbitrari, mirari, munerari, moderari, venerari.*

O sentido impessoal é exprimido no latim por flexões passivas, que se

---

83. **Facent Latim.**

84. Só em certos tempos do verbo recorria o latim clássico às formas análogas portuguesas: *Sou logrado, era amado* etc.

ajuntam aos temas dos verbos transitivos e intransitivos, ou pelos particípios do futuro da voz passiva, unidos às formas do verbo latino *esse.*

No português é essa impessoalidade analiticamente exprimida não pelas flexões passivas, senão pelas formas do verbo transitivo ou intransitivo, empregado sempre nas terceiras pessoas do singular, unidas ao pronome se da3.º pessoa, ou pelo infinitivo, acompanhado do mesmo pronome *se* a que se ajunta o auxiliar *dever,* usado sempre nas terceiras pessoas do singular. Assim, aos impessoais latinos *curritur, vivitur, dormitur. pereundum est, credendum est, amandum est* correspondem em português os impessoais *corre-se, vive-se, dorme-se, deve-se morrer, deve-se crer, deve-se amar.*

Os *futuros* em *bo* e *am* das quatro conjugações latinas perderam-se em português, sendo substituídos, como vimos, por um futuro de criação românica, em que entra o infinitivo do verbo e o indicativo presente do verbo *haver,* que perdeu sua individualidade, aglutinando-se ao tema do verbo, onde representa o elemento desinencial.

De modo análogo formou-se o *condicional,* modo que não existia no latim, aditando-se ao infinitivo o imperfeito do mesmo verbo *haver.*

Esses dois elementos, que se fundem e encorpam para constituir o futuro e o condicional, podem em nossa língua e no provençal separar-se, entremeando-se elemento gramatical de categoria diferente.

O verbo *esse* não tem nem *gerúndio,* nem *particípio passado.* O verbo *ser, que,* segundo atrás dissemos, apresenta formas de vária procedência, tem o particípio presente ou gerúndio *sendo,* antigamente *seendo,* que se forma, acrescentando ao tema verbal o sufixo próprio desse tempo. O mesmo corre com o particípio passado *sido,* antigamente *seido,* que deriva do tema do verbo *ser, seer,* a que se une o sufixo dos particípios passados dos verbos da segunda conjugação.

Do *participo presente,* raramente usado, só nos ficou como vestígio o substantivo *ente* do vocábulo latino *ens, entis* (o *ente,* o *ser),* de que, segundo Prisciano, só fez uso César.

O *imperfeito* do *subjuntivo* latino em *em* e o *passado perfeito* em *im* do mesmo modo desapareceram em nossa língua.

O emprego do *passado mais que perfeito* pelo *passado imperfeito do subjuntivo,* fenômeno muito para observar nos escritores do latim vulgar, trouxe a confusão entre eles.

O seguinte passo latino, que nos afirma Boissier existir em Sedulio, «*curavit ut vacuasset* », em vez de *vacuaret,* e outros muitos exemplos de confusão dos dois tempos trouxeram finalmente o sacrifício de uma das formas com o predomínio da outra.

Por isso é que o *imperfeito do subjuntivo* em português não se modelou pelo mesmo tempo latino, senão pelo *mais que perfeito,* que, em luta no latim popular com o imperfeito, acabou pelo suplantar, triunfando nas línguas oriundas do latim.

O *infinitivo,* que era invariável no latim, tomou no português flexões para indicar o acessório de pessoa, fenômeno idiomático, que se não observa noutra língua, e que, sobre dar a nossa mais clareza na expressão do pensamento, oferece ao escritor mais largo ensejo para variar e colorir o estilo, dando mais ensanchas à linguagem, em que se emoldura o pensamento.

CAPÍTULO VII
Das Preposições

I

Preposição é uma parte invariável do discurso que mostra a relação que há entre duas palavras: O *livro* **de** *Pedro; és útil* ***a*** *teu pais; não saias* **sem** *mim; dirige-se* **para** *mim; nada farei* **contra** *ti; estou* **em** *casa, saiu* **de** *casa;* **sobre** *a mesa,* **sobre** o *telhado;* **sob** *minha proteção,* **sob** *bons auspícios;* **por la** e **por cá** *más fadas há.*

As *preposições* pertencem à classe dos *ligativos* ou *conjuntivos.*

As palavras que a preposição liga chamam-se *termos da relação:* desses o primeiro recebe a denominação de *antecedente;* o segundo, de *consequente.* Este recebe igualmente o nome de *complemento,* porque serve para completar **a** ideia total da relação que a preposição enuncia.

Nas expressões *o livro* **de** *Pedro; vou* **para** *a cidade; obedeço* **a** *meu dever; feriu-me* **com** *uma faca; lutar* **contra** *a adversidade; está* **sobre** *o parapeito;* **sob** *a abóbada; estou* **em** *talas; andar* por *caminho errado,* as preposições *de, para, a, com, contra, sobre, sob, em, por* fazem parte dos complementos *de Pedro, para a cidade, a meu dizer, com uma faca, contra a adversidade, sobre o parapeito, sob a abobada, em talas, por caminho errado,* ligando-os a seus antecedentes *livro, vou, obedeço, feriu-me, lutar, está, andar.*

O desaparecimento das flexões casuais, consequente à confusão e enálage dos casos no latim vulgar, trouxe às línguas românicas, dele oriundas, não só a multiplicação das preposições, mas ainda o emprego frequente de *certo* número desses elementos gramaticais, como as preposições *de, a, para, em* e *por,* tão de cotio usadas em nossa língua, sacrificando-se muitas vezes a elegância do dizer a clareza do pensamento.

Em algumas línguas, como no latim, exprime-se por mudanças desinenciais ou casos a maior parte dessas relações enunciadas pelas preposições; mas, como entre dois objetos pode haver uma multiplicidade de relações, não são esses casos em número adequado à variedade de relações que esses elementos conectivos assinalam; por isso é que, ainda nos idiomas em que os há, vêm as preposições concorrentemente aumentar os meios de exprimir essas relações, que o número limitado das mudanças flexionais não poderia significar, senão de modo incompleto.

As *preposições* de nossa língua são *a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre.*

Embora originariamente de outra categoria, no uso atual da língua empregam-se como *preposições acidentais* as palavras *segundo, conforme, mediante, durante, exceto, salvo, afora, não obstante, consoante, tirante, salvante, visto, posto, suposto, atento,* em locuções como as seguintes: **segundo** *essa teoria;* **conforme** *essa doutrina;* **durante** *a campanha do Paraguai;* **exceto** *essa menina;* **mediante** *vossa proteção;* **salvo** *melhor maneira de julgar;* **afora** *estes três livros;* **não obstante** *meus esforços;* **consoante** *a minha opinião;* **tirante** *esse rapaz;* salvante ele, *todos a aplaudiram;* visto *haver-se desencaminhado;* posto *achar-se livre de perigo;* **suposto** *encontrá-lo em casa,* **atento** *haver ele assim procedido,*

Todas as preposições exprimiram de princípio relações entre objetos sensíveis, relações mecânicas, já referentes ao lugar que eles ocupam no espaço, já atinentes ao movimento que no mesmo espaço podem executar. E, como, considerado por ordem ao ponto do espaço que ocupa, a relação principal que o objeto enuncia é a do lugar em que se acha, e, por ordem ao movimento, as relações em que se nos depara são a do lugar donde se move, a do lugar aonde ou para onde se move e a do lugar por onde se move, segue-se que as relações indicadas pelas preposições são: a de lugar *onde,* a de lugar *aonde* ou *para onde,* a de lugar *donde* e a de lugar *por onde.*

Essas relações mecânicas são o fundamento e o ponto donde se derivam e em que assentam as diversas relações, mais ou menos abstratas e gerais, por que, com o progresso da linguagem, foram passando as preposições, na escala ascendente do material, sensível e concreto para o imaterial, racional e abstrato.

Daí a divisão das *preposições* em *preposições* de **estado, repouso** ou **quietação** e *preposições* de **movimento.**

A primeira classe de preposições compreende somente as de *lugar onde;* a segunda, as de *lagar donde, aonde, para onde, por onde.*

As duas preposições portuguesas *com* e *sem* pertencem a uma ou outra das duas classes gerais; porque significam relações entre os objetos, considerados em repouso no espaço ou movendo-se nele, acompanhados ou não, quer no primeiro, quer no segundo caso.

A primeira indica uma relação de concomitância ou acompanhamento positivo, que se pode efetuar no repouso ou movimento; a segunda, a exclusão de todo o acompanhamento, que pode igualmente dar-se na quietação ou no movimento:

Saiu **com** *um livro, saiu* **sem** *guarda-chuva, vive feliz* **com** *sua esposa e seus filhos; janta* sem *vinho.*

A, até, de, desde, para, per, por são *preposições de movimento.*

Ante, após, contra, em, entre, sob, sobre são *preposições de repouso* ou *estado;* umas e outras apelidam-se **essenciais,** por oposição às palavras de outra categoria, usadas como *preposições,* a que chamamos **acidentais.**

As primeiras postas antes dos pronomes da 1.º 2.º e 3.º pessoa *eu, tu, ele, eles* fazem-nos variar, tomando esses as formas *mim, ti, si: de mim, de ti, de si, por mim, por ti, por si, contra mim, contra ti, contra si* as segundas não podem fazer variar os pronomes: não se diz *conforme mim, salvo ti, segundo si, exceto mim, exceto ti, afora mim* etc.

A preposição tem sempre por antecedente, ou um substantivo apelativo ou vocábulo equivalente, ou um adjetivo, ou um verbo, ou, finalmente, um advérbio; o consequente, porém, da preposição é ordinariamente um substantivo, um pronome, um verbo no infinitivo ou uma expressão equivalente: *Amor* **ao** *estudo, rico* de *virtudes, procede* de *pais ilustres, conformemente* **ao** *que havia combinado, posteriormente* **ao** *dia marcado, veio* **para** *ver, viajou* **para** *estudar, longe* **dos** *olhos; longe* **do** *coração, viver* **sobre** ***si,*** *cuidar* **em** *si, rogai* **por ele**.

Duas ou mais palavras que representam o papel de uma preposição constituem o que se chama **locução prepositiva** ou **preposição composta.**

As *locuções prepositivas* ou são constituídas por duas ou mais preposições, que regem o mesmo complemento, ou são formadas tendo por antecedentes uma preposição, um adjetivo, um advérbio ou um substantivo, seguidos da preposição *de, a* raras vezes *com: Por entre, por sobre, de sobre, de per si, após de, para com, longe de, em vez de, perto de, dentro em* ou *dentro de, por causa de, acima de, depois de, abaixo de, conformemente a, posteriormente a, relativamente a, quanto a, enquanto a, através de, junto a, junto de, cerca de, até a, além de, passante de, rez-vez com, à roda de, em torno de, em torno a, atesta de, em roda de, de roda de, derredor de, ao redor de, rente a, rente de, rente com, às mãos com, as testilhas com, em virtude de, por efeito de, a título de, a cor de, a som de, a termos* ou *em termos de, a ponto de, a pique de, a foro de, obra de, à conta de, coisa de, à volta de, a poucos passos de, de concerto com, em consonância com, de concomitância com, a mistura com, a compasso com, a par de, a par com, par a par com, mau grado a* ou *mau grado de, em que pese a, prestes a, a preço de, a troco de, a lanço de, a cobro de, em demanda de, cata de, em busca de, à caça de, a pista de, no encalço de, no alcance de, à espera de, em meio de, ao sopé de, ao socairo de, as sopas de, a sombra de, respeito de* ou *respeito a, a modo de, em ordem a.*

> «E feita sua estima achou que tinha já singrado *obra de* setenta léguas a leste » (L. Coelho).
>
> «Passados uns dez minutos caía (o balão) *a coisa de* uma légua daquela cidade » (Alex. de Castilho).
>
> «São os reis e seus ministros quem *a foro de* consolidar o poder ilimitado antecipam as revoluções » (L. Coelho).

«*A título e cor de* cumprimento e cortesia» (Souza).
«Foram nas suas costas *a som de* acompanhamento» (Idem).

A *preposição,* como dissemos, indica uma relação entre dois termos. Sucede, porém, não raramente vir oculto o primeiro termo da relação, que uma análise cuidadosa das ideias supõe e subentende. Assim nas proposições: O *exército acampou* **de** *noite,* **de** *dia,* **de** *tarde,* **de** *manhã, partiu, saiu* **de** *manhã,* **de** *noite,* a preposição *de* não têm por antecedente as formas verbais *acampou, partiu, saiu;* mas o substantivo *tempo* ou *hora,* que se subentende, ficando a ordem gramatical assim constituída: O *exército acampou* **em tempo** ou **em hora de** *noite;* **em tempo** ou **em hora de** *dia, de tarde, de madrugada; partiu, saiu* **em hora de** *manhã, de noite.*

Nas proposições *chorei* **de** *prazer; tremi* **de** *medo; recuei* **de** *horror; morro* **de** *fome; não foram à guerra* **de** *medrosos; praticaram assim* **de** *velhacos, de finórios,* **de** *sabidos;* há elipse manifesta de um nome para servir de antecedente da *preposição. Chorei* de *prazer* está em lugar de *chorei* por um excesso de *prazer; tremi* de *medo,* em lugar de *tremi* por causa, por um excesso, por um sentimento de *medo; recuei* de *horror,* em lugar de *recuei* por um excesso, por um sentimento de *horror; morro* do *fome,* em lugar de *morro* por causa, por um excesso de *fome,* em consequência de *fome;* de *medrosos,* de *velhacos,* de *finórios,* de *sabidos,* isto é, por causa de *serem medrosos, velhacos, finórios, sabidos* ou em virtude de, em consequência de, por efeito de *serem medrosos, velhacos, finórios, sabidos,* subentendendo-se nestes e noutros exemplos análogos os substantivos *causa, excesso, sentimento, efeito, virtude* ou outra qualquer palavra ou expressão acomodada ao sentido, regida de preposição apropriada para servir de primeiro termo da relação que a *preposição* exprime.

Há igualmente elipse do antecedente da preposição nas *locuções fazer* **de** *tolo, fazer* **de** *galante, fazer* **de** *médico, fazer* **de** *capitão,* **de** *soldado,* **de** *hipócrita,* **de** *estudante,* **e** *frade, chamar* **de** *papalvo,* **de** *sandeu, responder* **de** *não, escrever* **de** *pêsames,* **de** *parabéns, escrever* **de** *mão própria,* **do** *próprio punho,* **de** *mão alheia, cortar* **de** *chicote, picar* **de** *esporas.*

Fazer de tolo, de galante, de médico, de capitão, de soldado, de hipócrita, de estudante, de frade, isto *é, fazer o* papel de *tolo,* de *galante, fazer o* papel de *médico,* de *capitão,* de *soldado* ou *fazer as* vezes de *médico,* de *capitão,* de *soldado, fazer o* papel de *hipócrita,* de *estudante, de frade.*

Chamar de papalvo, de sandeu, isto é, *chamar* nome de *papalvo,* de *sandeu.*

Responder de não, isto é, *responder* resposta de *não. Escrever de pêsames, de parabéns,* isto *é, escrever* carta de *pêsames,* de *parabéns. Escrever de mão própria, do*

próprio punho, de mão alheia, isto é, *escrever* por auxílio, por meio do *próprio punho,* por meio de *mão própria,* por auxílio de mão *alheia.*

Cortar de chicote, picar de esporas, isto é, *cortar* **por meio de** *chicote, picar* **por meio de** *esporas.*

As locuções exclamativas: *Ai de mim! infeliz de ti! pobre dele!* e outras análogas, suprem-se do modo seguinte: *Ai! tem* **compaixão de** *mim, infeliz! tenho* **compaixão de** *ti, pobre! tenho* **compaixão** *dele.*

Nestas expressões familiares *o traquinas* **do** *menino, o tolo* **de** *Pedro, o ladrão* **do** *taverneiro, o demônio* **do** *soldado, o cão* **do** *criado* não só há elipse dos antecedentes da preposição, mas ainda inversão na contextura de semelhantes fraseados, muito de nossa língua no estilo zombeteiro.

O *traquinas do menino* quer dizer: *o menino que bem merece o* **epíteto** ou *a* **qualificação de** *traquinas,* o *tolo de Pedro* quer dizer: *Pedro que bem merece o* **epíteto de** *tolo.*

Em todas as formas verbais compostas do verbo *haver* ou *ter* e dos infinitos precedidos da preposição *de,* deve entender-se como antecedente desta preposição algum apelativo apropriado, como os substantivos *desígnio, intenção, resolução, intuito: Hei* **de** *jantar contigo amanhã* ou *tenho* **de** *jantar contigo amanhã,* isto é, *hei desígnio, hei intenção* ou *resolução, tenho intenção, tenho resolução de jantar* etc.

Passa o mesmo com a preposição *a:* nem sempre é seu antecedente o que figura na construção mecânica do discurso. Deve, em tais casos, subentender-se uma palavra, que por seu sentido se adapte e acomode à natureza da relação enunciada pela preposição, para servir de primeiro termo desta relação.

A maior parte dos gramáticos antigos e muitos modernos, desconhecendo a verdadeira natureza das preposições, sustentam, no tocante a esses elementos gramaticais, ideias que não harmonizam com o caráter essencial das relações de que são sinais.

Assim é que pretendem possa uma mesma preposição indicar relações diversas, comuns a outras preposições e até a palavras de natureza diferente; que a preposição *a,* por exemplo, se emprega por *com* nos seguintes exemplos:

«Estou *a* mil nós atado» (Ferr. - *Bristo*).
«Vão correndo e gritando *à* boca aberta» (Cam.).
« Pedindo *a* altas vozes a Deus misericórdia » (Luc.).
«Foi morta *a* espada na vila de Thomar» (Souza).

Por *conforme, segundo,* nos seguintes exemplos:

«*A* mim é ela boa filha, alva, grande e loura» (Sá de Miranda).
«Segui uma maneira de viver que ao meu juízo era melhor e mais segura» (Ferreira).
« Mais a lei de perjuros e maus homens que de Cristãos » (Dam. de Góes).

Por *de:*

«E que não tirem a esmola dos pobres, senão daqueles que à boa mente a quiserem e puderem dar » (Vieira).

Por *contra:*

«E o sábio sabe sofrer tudo o que lhe sucede, tendo-se como triangulo, em qualquer parte sempre *à* fortuna» (J. Ferreira).
« Lançai-lh'a (a carta) no regaço e vinde como quem lança barro *à* parede; se pegar, pegue» (Idem).
«Grão remédio é ter o espírito armado *à* má fortuna» (Antônio Ferreira).

Por *sobre:*

«O que traz a torre *às* costas » (Sá de Miranda).

Por *sob:*

«Entregar-se no inimigo *à* condição do que ele quisesse fazer» (M**.** Pinto).

Por *para:*

«Diz o Petrarca que o bom rei o dia que começa a reinar, acaba de viver *a* si, e começa a viver para os outros » (H**.** Pinto).
« Olhando *a* todas as partes» (Morais - *Palm.*).
«Que os olhos abrem somente *ao* proveito » (Ferreira).

Por *por:*

«Entre eles não havia ferro e *à* míngua dele rapavam as barbas com pedras agudas » (Barros).

«Entremos com as de Malaca e de Maluco, que sempre guardaremos para o inverno pelas não contarmos *a* pedaços» (Couto).
«Requeiro-lhe *a* honra de Deus que me dê a minha carta » (Jorge Ferreira).

Por *em:*

« Que arte à sua guerra, *à* sua paz achamos?» (Ferreira - Poem.).
«Este canal da serventia da cidade *a* lugares é tão estreito, que uma besta o passará» (Barros).
« Que lhe fosse el-rei falar *à* borda d'água» (Couto).
«Este rio *a* lugares tem quatorze braças de fundo» (Ferreira).
«Lia Alexandre a Homero de maneira / Que sempre se lhe sabe *a* cabeceira » (Cam.).

Por *depois:*

«Viram dentre uns *murtais* muito cerrados sair uma *a* uma nove formosas donzelas» (Diogo Fernandes).
«Se me passam os dias passo *a* passo» (Cam.).

Por *defronte:*

«Para uns tais olhos, que ninguém espera
De face *a* face, grão remédio fora
Acertar o pintor versos dormindo »
(Sá de Mir.).

«Estando com o penedo fronte *a* fronte » (Cam.).

Em alguns casos até consideram ter a preposição *a* o valor de uma conjunção condicional:

«E *a* não no sentir deste modo, me pudera arguir de insensível aquele que me deu este sentimento por castigo» (Fr. Bern. de Brito).
«***A*** não lhe faltar brandura e dissimulação, não tinha que se lhe notar vício algum » (Idem).
«***A*** ser como soia (minha voz), / Pudera levantar vossos louvores » (Cam.).

Em todos os exemplos aqui apontados há elipse do antecedente da preposição *a,* restabelecido o qual, ficam as preposições reduzidas a suas significações normais e próprias, indicando cada uma delas sua relação particular, que releva ao gramático descobrir, estudar e analisar, estremando-a de toda a ideia acidental, que a disfarça e obscurece, e que parece desviar as preposições da simplicidade primitiva e fundamental dessas mesmas relações gerais, que exprimem e significam.

Esses antecedentes elípticos são ordinariamente as expressões *conforme, conformemente, relativamente, com relação* ou *referência, em relação, proporcionalmente, em direção, próximo, imediato, contíguo, sucedendo* ou outras expressões análogas, determinadas pelo sentido da frase.

Se assim não fora, ficariam as preposições confundidas umas com as outras, pela razão de se poderem indiferentemente substituir e revesar; a maior desordem, confusão e obscuridade predominaria no uso e emprego desta parte elementar do discurso, que tanto contribui para a clareza, harmonia e doçura do quadro exterior do pensamento; toda a classificação desses elementos conectivos do discurso seria arbitraria, artificial e não razoada.

Todas essas múltiplas e variadíssimas relações secundárias, que as preposições parecem denotar, se encadeiam por uma série não interrompida de analogias, fundamentos das associações que as aproximam, prendem e vinculam, às relações primitivas exprimidas por estes elementos do discurso, relações sensíveis e mecânicas, que constituem o ponto essencial donde derivam, os alicerces em que assentam.

Pela ignorância dessa conexão é que muitos gramáticos, considerando essas relações gerais e abstratas em si e independentes das relações físicas em que tomam raízes, afirmam que podem as preposições indicar muitas relações, não tendo algumas destas nada de comuns entre si, sem afinidade alguma com as primeiras relações que constituem o único fio que conduz ao conhecimento de sua natureza.

II

Em. A preposição *em* indica uma relação de interioridade, isto é, de existência em um lugar, real ou virtual: *Estar* **em** *casa,* **no** *campo,* **na** *cidade,* **na** *quinta,* **no** *jardim, estar* **em** *boas* ou *más circunstâncias,* **em** *dificuldades,* **em** *apuros,* **em** *embaraços, meter-se* **em** *talas, meter-se* **em** *calças pardas.*

Dá ideia de lugar onde, real ou virtual, a analogia conduz a ideia de "tempo em que" e desta a outras ideias, que muitas vezes tanto se estremam

da exprimida pela relação primitiva denotada pela preposição, que, desconhecendo o fio que as irmana, a associação dos conceitos que as explicam, admitem muitos para esta só e mesma preposição uma multiplicidade de relações, nada tendo de comuns com a relação simples, primitivamente significada por ela: *A extinção dos escravos foi decretada* no *Brasil* **em** *13 de Maio de 1888;* **em** *Janeiro irei ver-te,* **em** *Maio* e *Setembro florescem muito as roseiras* **em** *nosso país.*

Os antigos empregavam muitas vezes essa preposição em muitos casos em que usamos hoje a preposição *a:*

> «Passou *em* Itália» (Barros) em lugar de «*passou à Itália*».
> «Depois que saímos *em* terra» (H. Pinto) em lugar de «*a terra*».
> «Três fustas aportaram *na* praia» (Fern. Mendes) em lugar de «*a praia*».

Ainda em Vieira e alguns escritores modernos de boa nomeada se encontra esse emprego da preposição *em* em vez de *a:*

> «O duque dizem que saía *em* campanha aos oito deste » (Vieira).
> Desejava também Vasco da Gama, saindo *em* terra, ver se descobria algum dos naturais » (Lat. Coelho).
> « Volveu, porém, *em* si, decorridos momentos » (R**.** da Silva).

Por analogia a este emprego foi que o uso sancionou as locuções. *saltar* **em** *terra, ir* **no** *alcance,* **no** *encalço,* **em** *demanda,* **em** *cata,* **em** *caça,* **na** *pista,* **em** *busca de; traduzir, trasladar, traspassar, tornar, transportar, verter uma passagem de uma língua* **em** *outra, andar de terra* **em** *terra, andar de Ceca* **em** *Meca, correr de boca* **em** *boca, passar de mão* **em** *mão, de foz* **em** *fora, de bem* **em** *melhor* e outras análogas, tais como *de longe* **em** *longe; de quando* **em** *quando; de onde* **em** *onde, de ora* **em** *quando, de déu* **em** *déu.*

> «Ao levarem ferro e desferirem as velas os navios para sair de foz *em* fora, as saudações. . . eram lágrimas amargamente derramadas » (Lat. Coelho).

Sob. *Sob* indica uma relação de situação inferior, real ou virtual: **Sob** *a mesa,* **sob** *o banco,* **sob** *a encosta da montanha,* **sob** *o equador;* **sob** *tua direção,* **sob** *o comando do general Argolo;* **sob** *o intrépido Herval;* **sob** *cor de amizade,* **sob** *pena de prisão.*

Da ideia de lugar inferior, real ou virtual, passa esta preposição a indicar a ideia de tempo: **Sob** *Pôncio Pilatos;* **sob** *o imperador Tito;* **sob** *o consulado de Marco Túlio Cícero* **sob** *Leão 10 floresceram as letras na Itália.*

Sobre. A preposição *sobre* designa uma relação de situação superior em um lugar, real ou virtual: *Ali está* **sobre** *a mesa um lindo vaso de cristal, dorme* **sobre** *o colchão, jurar* **sobre** *a sua honra, reinar* **sobre** *muitos estados, vestido verde* **sobro** *escuro,* **sobre** *queda coice,* **sobre** *a tarde;* **sobre** *a manhã,* **sobre** *o escurecer, homem* **sobre** *os dias.*

«Os pilotos *sobre* a palavra de Xavier não vacilaram um ponto na fé» (Luc.).
«E nesta ilha vive esta gente, que é gente bem disposta, mais *sobre* o branco, que *sobre* o baço » (Ir. Gaspar da Cruz).
« *Sobre* a madrugada o somo pousava-lhe de leve nas pálpebras molhadas de lágrimas» (R. da Silva).
«Quase *sobre* a noite houve vista deles » (Barros).
«E *sobre* o duro ferro penetrante Arroja o tenro cristalino peito » (Garção).

«Por serva, por escrava te seguira,
Se não temesse de chamar senhora
A vil Paraguassu, que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é néscia e feia»
(Durão - *Caramuru).*

Entre. Indica esta preposição uma relação de situação no espaço que separa dois ou mais objetos: **Entre** *os meus braços,* **entre** *os dois exércitos,* **entre** *o mar e a terra,* **entre** *a cidade e o campo,* e analogicamente: **entre** *as duas e as três horas,***entre** *lusco e fusco,* **entre** *falar e calar;* **entre** *agradecido e queixoso,* **entre** *o doce e o amargo da saudade,* **entre** *a fome* e o *desespero,* **entre** *vivo e morto.*

« *Entre* vontades iguais
Paga amor tua afeição »
(R. Lobo).

Ante. *Ante* enuncia uma relação de anterioridade ou prioridade de situação, real ou virtual; donde, por analogia, a prioridade ou precedência de tempo, ordem etc.: **Ante** *mim,* **ante** *o tribunal,* **ante** *os remorsos da consciência,* **ante** *o critério histórico.* **ante** *os juízes, mão* **ante** mão, *pé* **ante** *pé,* **ante** *ontem.*

«Quebrou a todos o coração com mágoa o colóquio que *ante* todas as coisas teve com sua mãe» (Souza).
«Sangue estilando *ante* ela pavoroso » (Diniz da Cruz).

Após. Para enunciarmos a relação de posterioridade ou situação posterior temos em nossa língua a preposição *após,* ou *pós* (forma ant.): **Após ele***;* **após** *ela;* **após** *tantos trabalhos;* **após** *alguns instantes;* **pós** *noite o dia;* um **após** *outro;* **após** *se contentar a si;* **após** *a cruz ia a bandeira real.*

«Logo *após ele* leve se sublima / O invisível ar» (Cam.).

Entre os nossos clássicos acha-se muitas vezes essa preposição junta à preposição *de:*

« Levantando da terra *após da* fonte perene de tanta suavidade» (Fr. Manoel da Esperança).
« A morte corre *após de* nós» (Vieira).
«Receio que a minha classe vá *após desses* fantasmas com que a iludem » (Garret).

«E levara à toa ali
Todo o mundo *após de* si»
(Gil Vicente).

Contra. A preposição *contra* indica uma relação de situação fronteira de um objeto que se contrapõe a outro; Daí a ideia de oposição e todas as outras por que foi passando a ideia primitiva sucessiva e analogicamente:

«Trento é cidade situada na raia da Alemanha *contra* Itália» (Souza).
«Fazia que bailassem todos já misturados, já divididos, turma *contra* turma » (M**.** Bernardes).

«Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transformando,
que tivesse *contra* ela resistência?»
(Cam.).

A, para, até. Estas três preposições significam a relação de um termo ou lugar para onde tende ou se dirige um movimento ou ação: *Vou à cidade; vou* **para** *a cidade; vou* **até** *a cidade.*

A significação especial da primeira é um termo próximo; a da segunda, um termo remoto, para onde se encaminha e tende um movimento ou uma ação; a terceira indica a relação de um certo termo ou ponto em que paramos e que não podemos ultrapassar: *Vou* **ao** *Rio de Janeiro e volto dentro de poucos dias, vou* **para** *meu país acabar o resto da minha velhice desceu* **até** *o lugar mais profundo da gruta.*

> «Porque o pai fez uma viagem *para* as conquistas e nunca mais houve novas dele, tomastes por devoção vir aos sábados *a* Penha de França» (Vieira).
> «E vem tudo a dizer que o descer Deus *até* nós, era subirmos nós *até* Deus » (Fr. João de Ceita).

Depois da preposição *até* empregam os modernos ora o artigo só, ora unido à preposição *a,* dizendo: Até ao *Rio;* té ao *porto;* até à *Bahia.*

> «A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalém desde os três *até* aos quatorze anos de sua idade » (A**.** Cast.).

Por analogia à ideia de termo ou lugar para onde se dirige um movimento, a preposição *a* passa a significar outras relações, derivadas todas dessa ideia primitiva, de que é sinal. Tais são as relações de atribuição, termo de duração sucessiva, tendência e direção, contiguidade, conformidade, proximidade, referência, comparação etc.

Do mesmo modo, por analogia, enunciamos pela preposição *para* todo o termo remoto de direção, atribuição, tempo, tendência, proximidade, causa final etc.: *O muro está* **para** *cair, guardar pão* **para** *Maio* e *lenha* **para** *Abril; cruel* **para** *os vencidos, cortes* **para** *todos, estudar* **para** *saber, o projeto ficou espaçado* **para** *a abertura das Câmaras, talhou carapuças* **para** *muita gente.*

Há elipse desta preposição nas expressões seguintes: *Valia com a rainha; «ganhou grande nome com os estrangeiros e naturais »* (Souza); caridade *com* os pobres; piedade *com* os necessitados; desvelo *com* os desamparados; carinho *com* os filhos. *Com a rainha* está em vez de **para com** *a rainha; com os estrangeiros e naturais* o mesmo vale que **para com** *os estrangeiros e naturais, com os pobres; com os necessitados, com os desamparados, com os filhos,* são expressões que tanto montam, quanto **para com** *os pobres,* **para com** *os necessitados',* **para com** *os desamparados,* **para com** *os filhos.*

De. A preposição *de* indica uma relação de separação, apartamento, desvio, lugar ou ponto donde parte uma ação, origem, procedência; e daí, por analogia,

a ideia de causa, modo, matéria e qualificação: *Sair* **de** *casa; vir* **de** *longe; descer* **da** *montanha sair* **do** *bom caminho, proceder* **de** ***pais*** *ilustres, louco* **de** *prazer, não cabe em si* **de** *contente, fez isso* **de** *sabido, homem* **de** *saber, anel* **de** *ouro, andar de rojo, deitar-se* **de** *bruços, andar* **de** *gatinhas.*

> « Com os olhos longos para o grifo alado,
> Que se perde nos ares, ela, a triste,
> *De* joelhos sobre o cume dos penedos
> Erguia para os céus as mãos trementes »
> (Garret).

Desde. A preposição *desde* ajunta a relação de separação ou ponto de partida, exprimida pela preposição *de,* à ideia de continuação não interrompida no mesmo espaço ou lugar; daí, por analogia, a ideia de tempo: Desde *Minas até o Rio de Janeiro;* **desde** *Pernambuco até o Pará;* **desde** *minha infância;* **desde** *os meus primeiros anos;* **desde** Janeiro até Dezembro.

> «Um pobre fradinho sem experiência, *criado* **desde** *menino no deserto da religião» (*Luiz de Souza).

Per e **por.** Os escritores modernos recorrem ao uso destas preposições sem fazer entre elas a distinção que lhes notavam os nossos clássicos.

No uso atual de nossa língua empregam-se estes elementos conectivos, já para indicar a ideia de causa, já para denotar a ideia de espaço por onde e todas as mais relações análogas. *Por* emprega-se quando se lhe não segue artigo e *per,* quando se lhe segue: **Por** *caminhos tortuosos,* **por** *montes e vales, andar* **pelos** *campos,* **pelos** *prados,* **pelas** *ruas,* **pelas** *cidades; passar* **por** *grandes embaraços,* **por** *grandes tribulações*; *dar alguma esmola* **pelo** *amor de Deus; fazer tudo* **por** *amor à verdade.*

Os clássicos, porém, com razão indicavam a relação de espaço por onde e as ideias análogas a esta relação pela preposição *per* e empregavam a preposição *por* exatamente na acepção em que os latinos tomavam a preposição *pro* e *propter,* dizendo: **polo** *amor de Deus;* **per** *caminhos tortuosos,* **per** *montes e vales;* **per** *onde havia de passar;* **per** *ledos é seu contar, morrer* **pola** *pátria, rogar a Deus* **polos** *vivos e defuntos.*

Com e **sem.** A primeira destas preposições indica acompanhamento, concomitância, simultaneidade, instrumento e outras relações que se prendem umas às outras, ligando-se todas à relação primitiva de companhia,

acompanhamento, concomitância: *Veio* **com** *os filhos, o presidente da república* **com** *todos os seus ministros, mudou-se* **com** *tudo o que lhe pertencia; foi ferido* **com** *um punhal; fugiu* **com** *a notícia.*

> «Os quais foram cometidos dos chins, de maneira que vieram *com* sangue e *sem* água » (Barros).
> «Mas isto é comparar a sombra *com* a luz, e a semelhança *com* a verdade » (Vieira).

A preposição *sem* indica uma relação de exclusão ou acompanhamento negativo: *Veio* **sem** *chapéu; vive* **sem** *recursos, saiu* **sem** *um real no bolso, procede* **sem** *dolo.*

> «*Sem* justiça não há reino, nem província, nem cidade, nem ainda companhia de ladrões, que possa conservar-se» (Vieira).

A preposição portuguesa *trás,* em voga até o século 17 e antiquada hoje, a não ser em poesia e na palavra *Trás-os-Montes* ou em algumas expressões antigas, indica uma dupla relação de situação aquém ou além de algum ponto ou lugar:

> «Trazia dois pajens *trás* si» (Barros).
> «Caminhavam todos enfiados um *trás* outro » (Souza).
> «Venha *trás* mim, melhorará de fados » (Filinto Elísio).

A ideia de situação *além* está mais em harmonia com o significado deduzido da origem de *trás, trans (além),* o que bem claramente se nota nos vocábulos que têm por elemento componente o prefixo *trans* e suas variantes: *transmudar, transferir, trasladar, trabucar, tresandar, trafegar, tresvariar, tresjurar, tressuar.*

CAPÍTULO VIII

Das Conjunções

Conjunção é uma parte elementar do discurso que serve para mostrar as relações que as proposições têm entre si:

> «O rústico, *porque* é ignorante, vê *que* o céu é azul; *mas* o filósofo, *porque* é sábio *e* distingue o verdadeiro do aparente, vê *que* aquilo que parece céu azul, *nem* é azul, *nem* é céu » (Vieira).

Os vocábulos *porque, mas, e, que, nem,* escritos aqui em caracteres itálicos, são conjunções, porque são os sinais das relações entre as proposições constituídas pelas formas verbais *é, vê, distingue.*

As conjunções fazem do discurso um todo harmônico e *um*, símbolo dessa unidade que existe no espírito entre nossas ideias e nossos pensamentos, uns relativamente aos outros; elas ligam as proposições umas às outras, constituindo as frases, estas encadeiam-se umas com as outras, tecendo o discurso, o qual sem esses elementos conectivos, que lhe servem de liga e cimento, perderia seu verdadeiro caráter.

As **conjunções** com as **preposições** fazem uma classe especial de palavras, a que se dá a denominação de *relativos* ou *conjuntivos:* estas ligam palavras; aquelas, proposições; podendo, não obstante, reciprocar-se em suas funções, de tal modo que as preposições liguem proposições e as conjunções liguem palavras.

Relativamente à expressão dividem-se as conjunções em *simples* ou *compostas: simples,* quando se não podem decompor, como *e, nem, ou, pois, mas, ora, se; compostas,* quando constam de dois ou mais elementos unidos ou separados, formando uma locução: *Porque, pois que, bem que, ainda que, portanto, contanto que, tanto que, como quer que, logo que, visto que, para que, afim de que, suposto que, assim que, assim como, sem que* etc.

Consideradas quanto à sua natureza ou significação, dividem-se as conjunções em duas classes: *conjunções de simples ligação,* chamadas também *conexivas* ou *coordenativas,* e *conjunções de subordinação* ou *subordinativas.*

As primeiras ligam as proposições, aproximando-as; as segundas ligam-nas, subordinando umas às outras.

As *conjunções coordenativas* deixam subsistir uma perfeita igualdade entre as proposições que elas aproximam e ligam; as *subordinativas* estabelecem, ao

contrário, uma dependência e subordinação de umas com respeito às outras proposições do período ou da frase.

As *conjunções coordenativas* dividem-se em *copulativas, disjuntivas, adversativas, explicativas, transitivas* ou *continuativas* e *ilativas* ou *conclusivas.*

As *subordinativas* compreendem as espécies seguintes: *circunstanciais, causais* ou *causativas, condicionais, concessivas* e *subjuntivas.*

A conjunção *e* é o tipo das *coordenativas,* como *que* o é das *subordinativas.*

As conjunções, sobre serem os sinais das relações entre as diversas proposições ou enunciações do juízo, servem também para determinar a natureza dessas relações.

a) **Conjunções coordenativas**

Conjunções copulativas. As *conjunções copulativas* estabelecem entre proposições semelhantes uma relação de unidade, fundada em sua semelhança mesma. Tais são em nossa língua as conjunções *e, nem* e as locuções conjuntivas *também, outrossim, bem assim, igualmente* etc.

E é a conjunção conexiva por excelência; como toda a conjunção, este elemento do discurso estabelece a relação entre as proposições, e, em alguns casos, entre as palavras, como nas locuções *dois* **e** *dois são quatro, três* **e** *dois são cinco, com bagaço* **e** *tudo, mora entre mim* **e** *vós, de borla* e *capelo, estar a ferro* **e** *a fogo, estar ou viver de fogo* **e** *sangue contra alguém.*

« *Saberá V.S. que N. N. está de fogo* **e** *sangue contra mim*» (Vieira).

A conjunção *e* liga duas proposições positivas, ou uma positiva e outra negativa, ou duas negativas, das quais tem cada uma um sentido negativo que lhe é próprio: *Pedro estuda* **e** *trabalha muito, Carlos lê muito* **e** *não escreve, Eduardo não estudou* **e** *não se saiu mal no exame a que se submeteu.*

Ao vocábulo *mais* dá-se às vezes o mesmo valor que à conjunção *e,* sobretudo em linguagem matemática ou familiar: Dois *mais* dois *mais* dois; veio *mais* seu irmão.

A conjunção *nem* liga duas proposições negativas, quando são ambas submetidas ao mesmo sentido negativo: *Pedro não lê* **nem** *escreve, Carlos não foi ao Pará* **nem** *ao Maranhão.*

Quando há mais de duas proposições ligadas pela conjunção *e,* geralmente é esta clara somente na última:

«A ingratidão perverte o juízo, perturba a razão, cega o entendimento *e* corrompe a vontade » (H. Pinto).

«Arde o ódio, morde-se a inveja, escuma a ira, raiva a desesperação, grita furiosa a dor *e* desafoga-se, sem nunca desafogar-se, a vingança » (Vieira).

«Na faina andavam de amarrar os panos,
Quando um tufão do Noto assalta o lenho,
Balda, escarnece as náuticas manobras,
E os repulsa ao mar largo »
(A. Cast.).

Quando, porém, se intenta encarecer o número dos objetos ou a multiplicidade dos atos e das ações, pode repetir-se a conjunção *e:*

«Remo para ele, chego; pego-lhe do braço; *e* o recolho, *e* o enxugo, *e* o aqueço, *e* o agasalho no meu colo» (A**.** Ribeiro dos Santos).

«Suspira, *e* geme, *e* chora a alma cativa,
Forçada da brandura *e* doce força »
(Ferreira).

«Seca a terra aparece, *e* nela é tudo
Informe, *e* rude, *e* solitário, *e* mudo »
(J. A. de Macedo).

«Ali floreia o fulgido valverde,
Vulcão sonoro que arremete às nuvens;
Voa, remonta impaciente aos astros
O ignívomo foguete estrepitoso;
E a música entretanto! *e* as doces falas!
E os segredos de amor! *e* a prece oculta!
E essa mão dada a furto, *e* a furto aceita !
E esse olhar falador! *e* essas virtudes
Da meia noite em ponto! *e* a flor crestada !
E as sortes que a fortuna extrai às vezes,
E muitas mais a provida malicia !
E a fonte que amanhece entre descantes,
E pasma rindo de se ver c'roada
De festões verdes *e* enlaçadas flores!. . .»
(A. Cast.).

Havendo gradação entre os objetos ou partes enumeradas ou se em sua significação exprimir a última palavra todos os outros objetos, recapitulando-os, calar-se-á a conjunção *e:*

«As cidades, os campos, os vales, os montes, tudo era mar» (Vieira).
«A nossa artilharia, não cessando de jogar dia e noite, levava pelos ares corpos, pernas, braços, cabeças» (Souza).

Com respeito a copulativa *nem* não corre o mesmo, porque a encontramos muitas vezes repetida:

«Tanto que Deus fez o homem, mandou deitar um pregão no paraíso terreal, que nenhum serafim, *nem* anjo, *nem* arcanjo, *nem* homem, *nem* mulher, *nem* santo, *nem* santa, *nem* santificado no ventre de sua mãe, não fosse tão ousado, que se intrometesse nas coisas que estão por vir» (Gil Vicente).
«A sombra dos freixos, faias e castanheiros não cria Fábios, *nem* Scipiões, *nem* Torquatos ».

A conjunção *nem* sempre supõe antes de si uma proposição negativa, clara ou subentendida. *Nem* quer dizer *e não.* Assim nesta frase de Bernardim Ribeiro: «Logo lhe pareceu cavaleiro, ainda que armas, *nem* cavalo trouxesse», deve entender-se a negação antes da copulativa *nem,* deste modo: *ainda que não trouxesse armas nem cavalo.* Neste outro exemplo do P. Vieira em seus *Sermões,* «*Incapaz* de fugir *nem* se defender», a oração de sentido negativo que antecede à conjunção *nem* é a enunciada pelos vocábulos **incapaz** *de fugir,* ao primeiro dos quais vem prefixado o elemento formativo *in,* que lhe comunica a ideia de negação.

Conjunções disjuntivas ou alternativas. As conjunções *disjuntivas* designam entre proposições incompatíveis uma ligação de comparação ou escolha, fundada na incompatibilidade mesma.

Ou é o tipo das conjunções *disjuntivas;* como variantes também se empregam, fazendo de conjunções *disjuntivas,* os advérbios *já, quando, ora, agora,* usados repetidamente, as formas verbais *seja, quer* e as locuções *parte. . . parte, em parte . . . em parte,* também repetidas: Foi *Pedro* **ou** *Edmundo,* **já** *diz uma coisa,* **já** *diz outra;* **ora** *diz que sim,* **ora** *diz que não;* **já** *chora,* **já** *se ri,* **já** *se enfurece;* **quer** *chova,* **quer** *não chova.*

«*Agora* pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos úmidos caminhos »
(Cam.).

«Todos à uma amanhecem vestidos, *quando* de verão, *quando* de inverno» (Luc.).
« *Quer* sejam saudades, *quer* sejam desejos» (G. Dias).
«Nunca povo algum, como o romano, deu maiores e mais constantes ocasiões ao exercício do direito eleitoral, *seja* pela natureza de suas instituições, *seja* pela sua grandeza quase contemporânea da sua existência e fundação » (J. F. Lisboa).
«Desordens e abusos que *parte* a malícia, *parte* a fragilidade humana tinha introduzido nos membros mais sãos da Igreja» (Souza).

Há entre *e* e *ou* a seguinte diferença: a primeira estabelece ao mesmo tempo a junção de ideias e a junção material de palavras; a conjunção *ou,* muito pelo contrário, não é um elemento conectivo, senão porque estabelece materialmente a junção de uma proposição com outra, bem que as separe e desuna logicamente. *Conjunguntur voces materialiter, disjunguntur formaliter,* dizia Vossio, com relação às conjunções *disjuntivas.* A antinomia, portanto, da expressão conjunção *disjuntiva* não é real e lógica, senão aparente e material.

As conjunções *disjuntivas* diferem das *adversativas* em que significam de modo vago e indefinido a ideia de separação e oposição, como: **ou** *é dia* **ou** *noite, foi Pedro* **ou** *Edmundo;* **quer** *Paulo,* **quer** *seu irmão;* **já** *se alegra,* **já** *se enfurece;* as *adversativas,* porém, incompatibilizam as proposições com uma ideia de oposição positiva e definita, como: *não é dia,* **porém** *é noite, não foi Pedro,* **porém** *Edmundo, não foi Paulo,* **mas** *seu irmão, não se alegra,* **mas** *se enfurece.*

Algumas vezes não é exclusiva a conjunção *ou,* não havendo antagonismo ou oposição de sentido, senão distinção de denominação: *Bizâncio* **ou** *Constantinopla, David* **ou** *o rei salmista, Aristóteles* **ou** *o filósofo de Stagira; Byron* **ou** *o autor das Melodias Hebraicas.*

Conjunções adversativas. Conjunções *adversativas* são as que ligam proposições incompatíveis em algum ponto, mostrando entre elas uma ideia de oposição definita e positiva. São *adversativas* as conjunções *mas, porém, entretanto, todavia, contudo, não obstante* etc.:

«Arrebatada é a vida da flor, *mas* sempre dura uma manhã; breve é a duração da árvore, *mas* sempre vive uma primavera; contínuo é o

movimento do sol, *mas* nunca contou menos de um dia» (Troes de Figueiredo).

«Tomavam o padre não por mestre somente para o ouvirem, *mas* por espelho para com os olhos nele se vestirem de Cristo» (Luc.).

« David escolheu o tempo da noite e assim chorava de noite, *mas* de dia não chorava; Pedro escolheu uma cova escura, em que de dia e de noite sempre fosse noite, para que de dia e de noite sempre chorasse» (Vieira).

Quando das duas proposições que se ligam for a primeira negativa e a segunda afirmativa, poder-se-á usar da conjunção *senão* em vez de *mas: Não se deve julgar o homem por uma só ação,* senão *por muitas.*

Às vezes a relação indicada pela *adversativa* tem por expressão a locução *que não:*

«De outras ovelhas cuidarei solícito, *que não* de nós » (Garret).

«Se ainda canto nesta noite tempestuosa de Portugal, é por me distrair, *que não* por cuidar que alguém me ouvira em minha vida» (Ant. Cast.).

Quando de duas proposições que se ligam e combinam contiver a primeira a locução negativa *não só* ou *não somente,* a segunda proposição será ligada à primeira pelas locuções adversativas *senão também, senão, senão que, mas ainda, mas também, mas até* e mais raramente *como:*

«O sol *não só* excede na luz a cada uma das estrelas e a cada um dos planetas, *senão* a todas e todos incomparavelmente» (Vieira).

« *Não só* é indigno da mercê, *senão também* da graça » (Idem).

« *Não só* vemos aqui um brilhante espécimen dos discursos que Lucena atribui aos seus personagens, *senão que* temos também ocasião de admirar a vivíssima pintura de um tufão nos mares do Oriente » (A. Castilho).

« Em tratando de mouros ou infiéis *não* só usa por sua conta, *senão que* atribui ao Apóstolo expressões violentas contra esses mesquinhos » (Idem).

«*Não somente* a sua convicção, *mas* o seu amor próprio de estadista estavam empenhados» (Lat. Coelho).

Conjunções explicativas. Conjunções *explicativas* são as que, designando uma relação de identidade, ligam entre si duas proposições, das quais é uma a explicação da outra.

Tais são as locuções conjuntivas *isto é, a saber, sobretudo, principalmente,* etc.: As virtudes teologais são três, *a saber:* a Fé, a Esperança e a Caridade; eles deram no vinte, *isto é,* perceberam o enigma de tuas palavras; todos se saíram bem, *principalmente* Emílio, que foi além do que se esperava; este país é abundante em tudo, *sobretudo* em minas de tório, oiro e diamante.

Conjunções transitivas ou **continuativas.** *Continuativas* chamam os gramáticos às conjunções que indicam entre duas proposições uma relação de afinidade, fundada no concorrerem ambas ao mesmo fim. Chamam-se também *transitivas,* porque fazem transição ou passagem de uma proposição para outra, em razão dessa afinidade mesma de sentido que guardam entre si as proposições que elas põem em relação.

A conjunção *pois,* anteposta ou posposta ao primeiro vocábulo da proposição, é o tipo dessa espécie.

Pertencem igualmente à classe das *transitivas* o advérbio *ora,* quando não repetido, e as fórmulas conjuntivas *mais, de mais, na verdade, além disso, demais disso, ao demais* etc.

«Sabido, *pois,* que ele foi o vendedor, segue-se que deve sair à autoria». «*Pois* que direi daqueles que em delícias gastam as vidas?» (Cam.).

«O que é bom é amável, *ora* Deus é bom; logo é amável ». «*Ora* transluz da história que D. João 2.° odiara todos os fidalgos» (Camilo).

Conjunções ilativas. *Ilativas* chamam-se as conjunções que designam entre as sentenças uma ligação ou relação de conclusão ou consequente para princípios ou premissas.

A conjunção *pois* pospositiva é muitas vezes *ilativa.*

Como *ilativas* são também empregados os advérbios *logo, finalmente, conseguintemente* e as fórmulas conjuntivas *portanto, por isso, pelo que, por conseguinte, por consequência, enfim, por fim, donde, por onde* e o advérbio latino *ergo,* de que se acham exemplos nos escritores antigos: Pedro é rigoroso e hospitaleiro; nele, *pois,* encontrareis gasalhado e bom tratamento; és fraco e doentio; acautela-te, *portanto,* contra o rigor da estação; a virtude é louvável, *logo* a caridade é louvável; *enfim,* o morte, venceste!

«Acabemos, *pois,* de despertar deste mortal letargo» (Jac. Freire).
«Mas porque há de ser *logo* a preferida a tal mondonga velha?» (A. Cast.).
«Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem têm contratos com os homens, donde lhe possa vir dinheiro: *logo* a moeda que este peixe tinha engolido era de algum navio, que fizera naufrágio naqueles mares» (Vieira).
«Amai ergo a cela *e* essa tende por castelo » *(Vid. Monast.).*

b) Conjunções subordinativas

As conjunções de *subordinação* dividem-se em *circunstanciais, concessivas, causais* ou *causativas, condicionais e subjuntivas.*

Conjunções circunstanciais. As conjunções *circunstanciais* ligam duas proposições das quais uma indica uma circunstância da outra.

Periódicas ou *temporais* lhes chamam alguns gramáticos, pela razão de serem ordinariamente relativas ao tempo.

Entre as *circunstanciais* consideram-se a conjunção *como,* que, segundo para o diante veremos, pode ser também *causativa,* e as fórmulas conjuntivas *logo que, logo como, desde que, afim de que, tanto que, tanto como, para que, como quer que, depois que, enquanto, até que, assim que, assim como* e os advérbios *apenas, mal, quando:* «*Como* o levaram ao suplício, tão contente ficou deste sucesso, como quem tinha por glória fazer males»; *logo que* me viu, lançou-se-me aos braços; *apenas* chegou, fui vê-lo; *tanto que* cheguei, veio visitar-me; *quando* veio, já eu tinha partido.

«*Assim como* pôs o pé sobre a terra…, de repente cobrou vista» (M. Bernardes).

Conjunções concessivas. Concessivas dizem-se as conjunções que exprimem uma ideia de concessão, que é contida numa proposição que se ajunta a outra de caráter adversativo, que traz claras ou subentendidas algumas das conjunções *contudo, todavia, não obstante, apesar disso,* que se contrapõem às *concessivas.*

Entre as conjunções *concessivas* contam-se as conjunções *ainda que, bem que, posto que, mas que, embora, com quanto, apesar de que, sem embargo de que, se bem que: Ainda que* se esforce, não o conseguirá; *ainda que* lhe deva muitas finezas, todavia não me fara cometer isso; *com quanto* tenha a estima de todos, todavia não será eleito deputado.

«Converter uma substância em outra, *ainda que* seja um grão de ouro em um grão de areia, nem todos os reis do mundo juntos o podem fazer» (Vieira).
«E *posto que* a luta fosse longa e encarniçada, venceram» (A. Herc.).
«*Mas que* seja de fugida » (A. Cast.).

A conjunção *que* faz de *concessiva* em frases como a seguinte: *Pedro não tem dinheiro e* **que** *tivesse, não se meteria em empresa arrojada,* onde a conjunção *que* tem o mesmo sentido que as seguintes expressões *ainda que, quando, no caso que, concedido que* etc.

«Escrevê-lo para os outros não o sei, nem *que* o soubera, o tentaria» (A. Cast.).
«O lugar não tinha nenhuns meios de defesa, e *que* os tivesse, são os Paravás gente branda » (Lucena).

Conjunções causais ou causativas. As conjunções *causais* ou *causativas* ligam entre si duas proposições das quais uma se acha contida na outra como o efeito na causa. A que representa o efeito é a *principal,* sendo a outra *secundária* ou *subordinada.*

São *causativas* as conjunções *como, pois, porque, porquanto* e as fórmulas conjuntivas *pois que, já que, visto que, sendo que:*

«*Como* lhe sobejava habilidade e estava fundado na filosofia do tempo que estudou a medicina, tinha bastante mestre em seu engenho e aula na cela» (Souza).
«Aqui se deram por perdidos, *porque* naquelas partes, por causa das correntes e aguagens, a quem falta o batel, falta a esperança da salvação» (Luc.).
«Estes são mil vezes mais desgraçados, *porque* se recordam de que para eles houve já esplendores e harmonias, e podem medir o vácuo tedioso e desconhecido das trevas e do silencio em que vivem » (A. Herc.).
«O piloto mor Pedro de Alenquer não o sabia determinar, *sendo que,* na viagem de Bartholomeu Dias, a primeira vez que dobrava o famoso promontório, navegando muito ao largo, o não pudera descobrir ».

Entre os nossos melhores clássicos é a conjunção *porque* empregada em lugar de *para que:*

«Veio ali *porque* visse com seus próprios olhos os descomedimentos dos seus,» em vez de « veio ali *para que* visse. . .».

«Serra a formiga com os dentes o grão, *porque* lhe não nasça no celeiro» (Luc.).

Conjunções condicionais. São *condicionais* as conjunções que ligam duas proposições pela relação de condição em que está uma relativamente à outra.

Dá-se-lhes esse nome, porque enunciam condicionalmente, e não de modo positivo, a primeira proposição, cuja verdade pende da segunda, que pela condição a limita e restringe.

São também apelidadas *hopotéticas.*

São conjunções *condicionais se* e *senão:* a primeira empregamo-la nas proposições afirmativas; a segunda, nas negativas.

Na mesma classe consideram-se também as fórmulas conjuntivas *com tanto que, a menos que, a não ser que, salvo se, com tal que.*

«*Se* os olhos veem com amor, o corvo é branco; *se* com ódio, o cisne é negro; *se* com amor, o demônio é formoso; *se* com ódio, o anjo é feio; *se* com amor, o pigmeu é gigante; *se* com ódio, o gigante é pigmeu; *se* com amor, o que não é tem ser; *se* com ódio, o que tem ser e é bom que seja, não é, nem será jamais » (Vieira).

«Nenhuma ciência se aprende fundadamente *senão* em escolas, onde a conferência e emulação põe esporas e aviva os engenhos » (Souza).

Emprestar-te-ei o livro que me pedes, *contanto que* m'o restituas antes do fim deste mês. «Fazendo-lhe todas as possíveis concessões, com *tal que* se pudesse ainda salvar a vida a Luiz XVI» (Lat. Coelho).

Conjunção subjuntiva. A conjunção a que se dá o nome de *subjuntiva* é a conjunção *que,* a qual liga uma proposição a outra, que se lhe subordina como parte de um todo representado por ambas.

Girard denominou-a *condutiva,* porque, diz ele, serve esta conjunção para conduzir o sentido a seu complemento e perfeição: *Desejo* **que** *estudes, creio* **que** *não estás bem preparado em tuas lições, receio* **que** *me não compreendas bem. temo* **que** *adoeças, dizem* **que** *teu pai parte amanhã.*

Horne Tooke sustenta que a conjunção inglesa *that* (*que* em português) não é mais que um modo particular de empregar o artigo ou o pronome conjuntivo.

Essa doutrina, sustentada por H. Tooke, em 1778, foi depois abraçada por muitos gramáticos filósofos, e entre outros Jeronymo Soares, que, em sua **Grammatica Philosophica da Língua Portugueza**, afirma que a conjunção *que* sempre se pode converter no adjetivo conjuntivo *que,* dando-se-lhe um antecedente, que ele sempre supõe e demanda. A frase *desejo* **que** *estudes* converte-se nest'outra: *desejo isto,* **que** *e: estudes a virtude e mais preciosa* **que** o *ouro* equivale a seguinte: *a virtude é mais preciosa relativamente à medida* ou *ao grau em* **que** *é o ouro precioso.*

Seguindo o mesmo curso de ideias, em sua **English Grammar**, defende Mason a mesma opinião com respeito à conjunção *that.*

«*That*», diz Mason, «era na primitiva simplesmente o pronome demonstrativo neutro, empregado como o representante de uma sentença para mostrar sua relação gramatical com alguma outra sentença. Assim a frase *sei que ele disse isso* é virtualmente a mesma que a seguinte: *ele disse isso, eu sei isso,* ou *eu sei isto, a saber, ele disse isso* etc.

I know that he said so is virtually - he said so, I know that or I know that, namely, he said so. That he did it is certain is virtually - He did it, that is certain or that, namely, he did it, is certain.»

Às vezes a conjunção liga uma proposição clara a outra que deve subentender-se, como se vê no seguinte exemplo:

«Que tivesse resolução um gentio para arrancar os olhos por amor da pureza, e *que* não tenha ânimo nem valor um Cristão para os fechar!» (Vieira).

Neste exemplo a conjunção liga a proposição enunciada pela forma verbal *tivesse* e a exprimida pela forma verbal *tenha* à principal ou primordial, constituída pela forma verbal *admira* ou pelas expressões *é para admirar, é de admirar, é notável* ou outra de sentido análogo, que subordine as proposições secundárias, *completivas* ou *integrantes,* expressas.

E comum em nossa língua o emprego desta conjunção em lugar da causativa *porque: Far-te-ei restituir-me o que me tiraste,* **que** *quem o alheio veste na praça o despe, embainha a tua espada, Pedro,* **que** *quem com ferro fere, com ferro será ferido.*

Representa essa mesma conjunção de circunstancial, quando faz as vezes das locuções conjuntivas *para que, a fim de que,* como nos dá a perceber o tópico seguinte:

«Deitou-vos Deus a benção,
que crescêsseis e multiplicásseis»
(Vieira - *Sermões*).

Não é raro entre os nossos clássicos a elipse desta conjunção nos seguintes modos de dizer: *Parece se entendem, forçoso lhe foi saísse às escondidas, é mister se conciliem.*

Em algumas locuções portuguesas familiares a conjunção *que* passa a pertencer à classe das *coordenativas,* posta entre duas flexões verbais, que se repetem para dar mais relevo e vivacidade à ação exprimida pelo verbo: *Dá-lhe que dá-lhe, tira que tira, bole que bole, bumba que bumba.*

«Aí anda ele com a veneta, *dá-lhe que dá-lhe,* a passear» (A. Herc.).

Figura ainda de *coordenativa* a conjunção **que** na seguinte frase sentenciosa: *O medo guarda a vinha* **que** *não o vinhateiro.*

A conjunção *se* assume também o caráter de *subjuntiva,* quando estabelece a relação entre uma proposição e outra que lhe serve de *integrante* ou *completiva;* o que ocorre, em geral, quando a primeira tem sentido negativo, dubitativo ou interrogativo: *Não sei* **se** *irei, não sei* **se** *vou, não sei* **se** *vá, não sabia* **se** *iria, sabes* **se** *chegou o vapor?; duvido* **se** *chegarei a tempo de lhe prestar os meus serviços.*

Vê-se que o sentido negativo ou dubitativo da oração principal é que traz a conjunção *se,* a qual, se fosse assertivo o sentido da primeira proposição, se transmudaria em *que.*

Do estudo das conjunções colhe-se que, além das conjunções e locuções conjuntivas, conta a nossa língua várias outras palavras, originariamente de outra categoria, que emprega acidentalmente como conjunções.

Tantos e tão multiplicados são os laços que prendem as proposições umas às outras, ora aproximando-as e coordenando-as de variadíssimos modos, ora estabelecendo entre elas inúmeras relações de dependência e subordinação, que não bastaria o número relativamente diminuto de conjunções simples para exprimir essa imensa variedade de relações.

A linguagem, para enunciar o pensamento em todas as suas gradações, para o debuxar em todas as suas cores, acompanhando-o na diversidade de todos os seus toques, na multiplicidade de todas as suas feições particulares, em toda a sua ligação e concatenação, é forçada a engenhar novos sinais, valendo-se algumas vezes de várias outras categorias gramaticais e adaptando-as à natureza desses elementos conectivos.

Por estes elementos de ordem, conexão, similaridade, dependência, disparidade e subordinação é que as proposições se ligam às proposições para

formar as frases, estas se encadeiam a outras para tecer os períodos, estes, em suma, se associam, se prendem e entrelaçam para urdir, tramar e compor a contextura do discurso, que se torna assim a expressão mais adequada e perfeita do pensamento.

Equivalem, portanto, a conjunções todos os advérbios que exprimem correlação, como: *tanto. . . quanto, tão. . . como, assim. . . como, assim. . . que, tão. . . quão* e qualquer palavra que, afora sua significação fundamental, denota a ideia acessória de uma relação com outra ideia, antecedente ou subsequente.

Não é raro encontrar em alguns escritores clássicos, antigos e modernos, a reunião de duas conjunções, quando o sentido do texto só demanda uma delas. Esse emprego pleonástico das conjunções, bem que o censurem quase todos os gramáticos, que, com justa razão, têm para si que se deve evitar, é, todavia, aforado nos autores de melhor nota, antigos ou modernos, embora menos extensivamente nestes que naqueles.

Boa prova disso sejam os seguintes exemplos:

«O miolo ficara do tamanho de um grande marmelo *e porém* de parecer diferente » (Barros).

«*Mas contudo* não nego que Sampaio
Será no esforço ilustre e assinalado »
(Cam.- Lus.).

«Senhor, grande: *mas porém*
Se a tal e virtuosa,
Quer-lhe a ventura mor bem »
(*Idem - El-Rei Seleuco*).

«*Mas porém* de pequenos animais» (Idem).
« *Mas contudo,* se nas cidades vivia, nos desertos orava» (L. de Souza).
« *Mas entretanto* não se descuidava da cura » (Idem).
«*E todavia* o objeto da conversação era assaz importante» (A.Herc.).
«*E entretanto* vê-se e tolera-se » (A. Cast.- *Vivos e Mortos*).
«*E mas* é o italiano. . . muito mais pronto e domável para todo o uso métrico do que o português» (Idem - *A Primavera*).

Esse modo redundante de empregar as conjunções encontra-se também entre os escritores latinos, que não escrupulizavam em dizer *itaque ergo, quoque etiam, ergo igitur.*

Esse pleonasmo no uso das conjunções só se limita às conjunções da classe das *coordenativas;* entre as *subordinativas* não se conhecem tais redundâncias.

Notemos, por último, que, se entre os modernos ainda de longe em longe se leem as combinações conjuntivas *e mas, e todavia, e contudo, e entretanto,* em nenhum deles se acha sancionado o *mas contudo,* o *mas porém,* em que tanto se saboreavam os antigos escritores e de usança tão vulgar e correntia no falar do povo.

CAPÍTULO IX

Dos Advérbios

Advérbio é uma palavra que modifica o adjetivo, o verbo e o próprio advérbio.

É este elemento do discurso uma espécie de adjetivo, que tem por função característica modificar os adjetivos, os verbos e qualquer palavra de sentido atributivo. Modifica-os, como o adjetivo modifica os substantivos.

Harris denominou os advérbios *atributivos de segunda ordem,* para os distinguir dos adjetivos propriamente ditos, a que chamou simplesmente *atributivos:* estes exprimem *atributos* de *substâncias;* aqueles, *atributos* de *atributos.*

Em sua excelente **Gramática Portuguesa** o distinto Júlio Ribeiro com muita propriedade dá ao advérbio a denominação de *adjetivo anquilosado*[85], recorrendo a essa expressão metafórica para indicar a falta de flexão e a imobilidade dessa espécie de adjetivo, a que Lemare e Sicard chamaram *superadjetivo,* Julien e Morel, *atributo de atributo,* como muito anteriormente já o havia apelidado o autor da *Hermes.* Nos exemplos seguintes: *muito feliz, muito pobre, muito rico, prezo-o muito, estimo-o muito, muito cedo, muito tarde* o advérbio *muito* modifica os adjetivos *feliz, pobre, rico,* os verbos *preso* e *estimo* e os advérbios *cedo, tarde.*

Nest'outros: *Deus é verdadeiramente pai; Pedro é muito homem; Emílio é muito menino,* o advérbio *verdadeiramente* modifica no primeiro caso o substantivo *pai,* que tem aqui uma significação atributiva; o advérbio *muito* no segundo e terceiro exemplo modifica os substantivos *homem* e *menino,* que são igualmente substantivos atributivos.

No exemplo de Fr. Luiz de Souza: «Iam todos atônitos de ver tornar *tão cordeiro* quem *tão leão* viera», e no de J. Freire: «Nunca pareceu *mais filho* de tal pai», os vocábulos *cordeiro* e *leão* do primeiro e *filho* do último, são, é verdade, substantivos, mas usados, como se foram adjetivos: *tão cordeiro* equivale evidentemente à expressão *tão manso, tão brando, tão leão,* a expressão *tão cruel, tão feroz, mais filho, mais procedente, mais oriundo* etc.

Os advérbios concorrem poderosamente para facilitar a expressão do pensamento, tornando-a mais rápida, concisa e viva e desempeçando-a das lânguidas circunlocuções, dos pesados rodeios ou giros fastidiosos, a que, se eles não foram, seria forçoso recorresse a linguagem.

---

85. Na edição original: *ankylosado* (adj.: parado, imobilizado). (n.e.)

As qualidades dos objetos e as ações por eles produzidas podem modificar-se de modos vários: ora por uma ideia de quantidade, grau ou ordem, ora por uma ideia de qualidade ou modo, já pela ideia de espaço ou lugar, real ou virtualmente considerado, já, em suma, por uma ideia de tempo: donde a divisão dos advérbios em *advérbios de lugar, de tempo, de quantidade, de qualidade* ou *modo.*

A maior parte dos *advérbios* considerados de per si não são mais que expressões ou frases *contractas*[86], de significação mais ou menos complexa, implicando a ideia do *substantivo* e do *adjetivo* ou *atributivo* e às vezes sintetizando até uma *proposição.*

Sirvam de exemplos os advérbios *agora, nunca, então, aqui, ali, cá, lá, acolá, aí, onde, quando, como, talvez* etc.

Advérbios de lugar. São *advérbios de lugar* os seguintes: *onde, cá, lá, aqui, ali, aí, acolá, aquém, além, acima, abaixo, dento, fora, diante, perto, longe, atrás, defronte, algures, nenhures* (p. usado) etc.

Advérbios de tempo. Entre os *advérbios de tempo* contam-se: *já, ainda, cedo, tarde, nunca, jamais, hoje, amanhã, ontem, logo, agora, depois, sempre, antes, então, quando, ora, outr'ora, depressa, presto, asinha* (ant.) etc.

Advérbios de quantidade. São de *quantidade* os advérbios *mais, mui, muito, pouco, assaz, tão, quanto, quão, tanto, menos, apenas, quase, bastante, harto (*do esp. *harto)* etc.

Advérbios de qualidade ou **modo.** Entre estes *advérbios* enumeram-se os seguintes; *bem, mal, assim, não, sim, talvez, alerta, docemente, ternamente, prudentemente, sensatamente* e quase todos os advérbios em que entra o sufixo *mente.*

vocábulo *eis* do latim *ece,* classificado geralmente pelos gramáticos entre os *advérbios,* não se deve considerar incluído nessa categoria senão como uma *proposição incompleta, implícita* ou *contracta: Eis-me, ei-lo, eil-os, eil-as,* tanto querem dizer como: *Vós me vedes, me tendes, me haveis* ou *eis aqui; vós o vedes, o tendes, o haveis* ou *eis aqui; vós os vedes, os tendes, os haveis* ou *eis aqui, vós as vedes, as tendes, as haveis* ou *eis aqui;* etc.

Há, por outro lado, advérbios que sintetizam proposições, como o advérbio *talvez* na frase *talvez eu parta amanhã,* onde o vocábulo *talvez* compendia uma oração ou proposição inteira, valendo o mesmo que a oração *e possível, pode ser,* que subordina a do subjuntivo *eu parta.*

86. Preservada a forma original do termo, cujo sentido não se preserva propriamente pela atual "contraída". (n.e.)

O *advérbio* é por sua natureza invariável. Essa propriedade que aparentemente o levaria a considerar de natureza de todo oposta à do adjetivo, inculca, ao contrário, um ponto mais de analogia entre os dois elementos gramaticais.

Efetivamente, se o adjetivo varia em muitas línguas, não é porque esta parte elementar do discurso, considerada só por só, em sua essência e natureza, seja susceptível de variações; mas fá-lo para se acomodar ao gênero e número do substantivo, a que se ajunta, produzindo certa semelhança de sons, certo gênero de concerto ou rima, que naturalmente nos lisonjeia o ouvido.

Se, como já deixamos dito em alguma parte, os adjetivos denotam abstrações, não tendo essas nem sexo, nem pluralidade, segue-se que estas espécies de palavras são por sua natureza invariáveis.

E não tendo por si mesmas nem gênero, nem número as palavras modificadas pelo advérbio, é invariável esse *atributo de atributo,* geralmente apelidado *advérbio.*

Afora os *advérbios* propriamente ditos, há *fórmulas* e *locuções adverbiais,* formadas de duas ou mais palavras, e muitos outros vocábulos, sobretudo da classe dos *adjetivos,* que, por acidente, muitas vezes nossa língua emprega adverbiadamente.

São inúmeras as locuções adverbiais, usadas em nossa língua, de que para amostras apontamos as seguintes: *Donde, por onde, para onde, abaixo, debaixo, embaixo, por baixo, acima, de cima, por cima, à margem, de fora, por fora, de dentro, por dentro, nesse interim, nesse comenos, nestes entrementes, nesse entretanto, neste meio tempo, neste meio termo, neste intervalo, neste entremeio, neste em meio, as vezes, de vez, de vez em quando, de quando em quando, de primeiro, mercê de Deus, a bandeiras despregadas, de oitiva, de ouvida, a troche moche, a miúde* ou *a miúdo, as avessas, ao revés, ao invés, a revés, a reveses, de revés, às cegas, as apalpadelas, às fartadas, a farto, às furtadelas, a furtapasso, à toa, à ventura, revelia, a esmo, a eito, a reio, à escuta, a granel, em barda, a mancheias, às claras, às escuras, às caladas, às tontas, a flux, de veras, de verdade, em verdade, com verdade, à força, de força, por força, de improviso, de momento, de súbito, a súbitas, de repente, em continente, de caso pensado, de um tiro, de um jacto, de golpe, de presto, de tropel, de salto, de sobressalto, sem sobressalto, de presente, a sabendas, a rodo, de roldão, de rojo, de bruços, de afogadilho, a fundo, de raiz, a Deus misericórdia, ao Deus dará, à lufa-lufa, fora parte* ou *de fora parte, senão quando, eis senão quando, vai senão quando, nisto, de ora em quando, ao viés, de raro em raro, de longe em longe, de onde em onde, de chapa, a pleno, em cheio, por dizê-lo assim, pelo assim dizer, porque o digamos assim, porque assim o digamos, por assim dizê-lo, digamo-lo assim, de seguro, de pronto, desde logo, para logo, de logo, logo logo, no mesmo ponto, de rastos* ou *a rastos, de joelhos, de cócoras, de costas. de molde, a jeito, de jeito, a pelo, a repelão, de passo, de passada, de fugida, de caminho, de corrida, de carreira, a fugir, a correr, a voar, a escapar,*

de leve, ao de leve, de ligeiro, de relance, de largo, pela rama, de chofre, de cara a uma banda, de cara a cara, à mata cavalo, à unha de cavalo, entre a espada e a parede, entre a cruz e a caldeirinha, a todo o pulso, à falsa fé, à traição, alto e mal ou *alto e malo, a toque de caixa, de queixo caído, à colação, à própria, à justa, ao justo, ao certo, de propósito, de indústria, de plano, de caso pensado, de sobreaviso, à prima vista, à superfície, a primeira vista, à primeira face, à prima face, sem dúvida, de vagar, de medo, a medo, a horas mortas, além disso, demais disso, ao demais, a demais, pelo demais, a mais, de mais, de mais a mais, de feito, de prumo, a prumo, a pique, a fito, de soslaio, ao soslaio, a olho, a olhos, a olhos vistos, a fio, fio a fio, a oiro e fio, oiro e fio, à vista, à escala vista, a uma, à surrelfa, à socapa, capucha, a capuz, à solapa, pela calada, farta, à tripa forra, a trecheio, ao vivo, de palavra, de viva voz, tintim por tintim, p-a-pá Santa Justa, de sobre mão, de mão beijada, à mão, mão por mão, de boa mão, de mãos dadas, a vozes, a bom recado ou a bom recato, de ponto em branco, sem tirar nem pôr, a seu salvo, a seu seguro, a Cairo largo, a sabor, a primor, de fio a pavio, às rebatinhas, de rota batida, para sempre, para todo o sempre, sem remédio, às mãos ambas, à soldada, à carga cerrada, a lanço, a talho de foice, ao mesmo passo, de espaço, ao cabo, em cabo, a desoras, ao desbarato, ao parecer, de mão posta, de estudo, de intento, adrede, bem deitadas às contas* ou *bem lançadas as contas, tudo bem somado, à surdina* ou *pela surdina, à surda, às surdas, pelo comum, pelo ordinário, de conseguinte, pelo conseguinte, a ponto, ponto por ponto, de sobressalente* ou *de sobresselente, de sobrerrolda* ou *de sobrerronda, a seu talante, de seu talante, a seu bel prazer, de boamente* ou *boamente, a duras penas, assim como assim, voz em grita, a grandes brados, à pura força, à fina força, em comum, em globo, finca, de arrancada* ou *em arrancada,* a *mãos lavadas, a vulto, a monte, a molhos, a borbotões, sem conto* ou *sem conta, a pedaços, a bocados, sem bulha nem matinada, a espaços, a milhares, à tiracolo, à inveja, às invejas, à qual mais, a quem melhor, à qual melhor, qual a qual, à compita, à competência* ou *em competência, a todo o pano, a todo o transe, alto e bom som, ao compasso, ao claro, vai não vai, por um és não és, por um triz, de mão comum, à voga arrancada, em som de guerra, à mão armada, à mão tenente, à queima roupa, sobre as buchas, a galope, a todo o galope, à espora fita, por qualquer palha podre ou por da cá aquela palha, por dez réis de mel coado, pouco e pouco, a pouco e pouco, pouco a pouco, a lugares, a trecho, a trechos, a passos, a lanços, a pouco trecho ou a breve trecho, às cavaleiras, às cavalinhas, à solta ou às soltas, de palanque, por artes de berliques e berloques, sem rei nem roque, sem cruz nem cunho, de ponta a ponta, de cabo a cabo, de cabo a rabo, de todo o ponto, de todo em todo, a pé quedo, a pés juntos ou aos pés juntos, pé ante pé, à larga, ao largo, de mão à boca, ao atar das feridas, à fula-fula, ao cabo de contas, por fim de contas, afinal de contas, por encurtar razões ou de razões, por atalhar razões, às mais das vezes, às mais vezes, o mais das vezes, entre lusco e fusco, à regalada, de uso, de cotio, de assento, de assento e sobre mão.*

Não há porque se confundam as locuções prepositivas com as adverbiais: traços diferenciais característicos as separam e distinguem, quais os seguintes:

As locuções prepositivas têm de ordinário por último elemento componente uma preposição; não assim as locuções adverbiais, cujo vocábulo final, que as compõe nunca é representado por uma preposição. Ao demais, do fato de lhes ser em geral posta de remate uma preposição, resulta manifesto que as locuções prepositivas entretêm relações estreitíssimas com os vocábulos em cujo meio se elas enquadram e engranzam intimamente.

As locuções adverbiais, bem ao revés, são mais independentes, não se prendem tão diretamente, não se subordinam tanto às expressões onde se entremeiam, podem, pelo comum, meter-se entre virgulas, e não raro cercear-se da contextura do discurso, sem se mutilar nem se desfigurar essencialmente o pensamento.

De vocábulos adverbiados, servem-nos de exemplos as seguintes palavras: *Certo, direito, contínuo, infinito, súbito, junto, primeiro, doce, delgado, forte, frio, manso, caro, barato, ligeiro, largo, fiado, duro, exato, raro, rijo, alto, baixo, claro, suave, seguro, mole, manifesto, imenso, sobejo, sério, gostoso, chão, rasgado, afoito, grosso. fino, diverso, folgado, demasiado, nímio.*

«Falo mui *doce* e *cortês* » (Gil Vicente).
«Chegou a ele *passo* e disse-lhe o que havia de fazer » (Barros).
«Corria a gente *rijo* para a praia» (Idem).
«Viu-se *claro* quão bons fundamentos tinha lançado » (Souza).
«*Doce* tanges, Piério, *doce* cantas» (Ferreira).

«O remo compassado fere *frio*
Agora o mar depois o fresco rio »
(Cam.).

«. . . Quem és tu? que esse estupendo
Corpo *certo* me tem maravilhado?»
(Idem).

«Que a neve está *contínuo* pelos montes
Gelado o mar, geladas sempre as fontes»
(Idem).

«Tocada *junto* foi de medo e de ira » (Idem).

«E quando, oh rouxinol, a voz levantas
No mais interior dos arvoredos,
Suas graças gentis *suave* cantas»
(F. D. Gomes)

«E nesta toada há ladrões que, não furtando nada, porque nada lhes fica, furtam quase *infinito* » *(Arte de Furtar).*
« Partiu trotando *largo* e *seguro* por aqueles despenhadeiros escorregadios » (Garret).
«El-rei saltou *ligeiro* do seu agigantado ginete » (A. Herc.).
«Prezo *infinito* a honra singular que um tal genro me traz » (A. Cast.).

« *Manso ! manso!* e *quedo!*
Ronde-se em segredo!» (Idem)

«Vão *mole mole* uns laços invisíveis prendendo os corações » (Idem).
«Iludidos pelas aparências ou mais *exato* pelos próprios preconceitos quiseram que ela tivesse exaltado nos seus cantos o Deus Uno» (R. da Silva).
«Do primeiro papel resulta *manifesto* que, ainda no conceito dos mais ardentes apologistas, esta família havia tido parte nos projetos de uma reunião» (Lat. Coelho).
«Mais *alto* levantaram as pretensões » (Idem).

«Como um ladrão que de medo
Vai *passo, quedo* e *subtil*» (G. Dias).

«Abalos *sobejo* violentos » (Cast.).
«Legislar *sério* sobre instrução pública» (Idem).
«*Gostoso* o confirmo » (Idem).
« Digamo-lo mais *chão*» (Idem).
«Conversar *rasgado* » (Idem).
«Digo *afoito*» (Idem).

« *Comem fino,* bebem *largo* » (Filinto).

Serviam-se igualmente os latinos dos adjetivos neutros no plural, empregando-os adverbiadamente:

Crebra *singultientem,* **crebra** *tundentes.*
« *Et* **diversa** *trahunt unum duo nomina pectus* » (Ovid.).

« *Dulce* ridentem Lalagen amabo,
Dulce loquentem » (Hor.)

Os advérbios em *mente,* que, como já o dissemos, tratando dos sufixos dos advérbios, suprem a falta dos latinos em *ter,* de que não temos correspondentes etimológicos, são constituídos pelo feminino do adjetivo qualificativo de duas formas, ou, sendo *uniformes* os adjetivos, pela forma do adjetivo comum aos dois gêneros, a que se ajunta o sufixo latino *mente* (do substantivo latino *mens, mentis): Honesto, honesta,* **honestamente;** *seguro, segura,* **seguramente;** *sábio, sábia,* **sabiamente;** *destro, destra,* **destramente;** *grave,* **gravemente;** *pobre,* **pobremente;** *nobre,* **nobremente;** *prudente,* **prudentemente** etc.

Diz-se, porém, *portuguesmente* e não *portuguesamente.*

Quando vêm muitos destes advérbios continuados, entra nos hábitos de nossa língua, para evitar o soído monótono que resulta da acumulação do sufixo *mente,* suprimir esse em todos os advérbios menos no último:

«Só de Francisco Xavier dormindo fia Deus uma batalha tão arriscada..., porque sabe que é tão *fina* e *afinadamente,* observante de suas obrigações » (Vieira).

Se, todavia, desejamos encarecer ou dar ênfase à ideia exprimida por cada um dos advérbios, poderemos empregar a desinência *mente* em todos eles:

«Viramos neste mundo, diz o Apóstolo, sobriamente, piamente, justamente» (A. Herc.).
« Friamente, longamente, sem cólera e sem piedade Fernando Afonso punha diante dos olhos de Beatriz o quadro medonho da situação da desventurada com toda a nudez de horrível realidade» (Idem).

Esta repetição sucessiva do sufixo *mente* nesses advérbios parece tende a generalizar-se nos escritores modernos.

Filinto Elísio fugia ao emprego dos advérbios perifrásticos, que dizia aborrecer, aproveitando-se dos adjetivos empregados adverbiadamente.

Aos advérbios latinos em *tus, im, am* correspondem pela maior parte em português formulas ou locuções adverbiadas, ou, em alguns casos, os mesmos advérbios em *mente:* **Divinitus,** *por graça divina* ou *divinamente;* **radicitus,** *até a*

raiz, com a raia ou *radicalmente;* **funditus,** *até o alicerce* ou *fundamento, profundamente;* **furtim,** *às escondidas, à sorrelfa;* **carptim,** *por excertos, por trechos;* **certatim,** *a porfia;* **gradatimi,** *por gradação,* **columbatim,** *à maneira dos pombos;* **clam,** *às escondidas;* **palam,** *às claras, de público;* **coram,** *em presença, diante;* **perperam,** *de través.*

O *advérbio* é sempre invariável ainda quando modifique um substantivo *atributivo.* Assim se diz *era* **muito** *noite; era* **muito** *manhã; é* **muito** *verdade; é* **muito** *mentira* e não *era* **muita** *noite; era* **muita** *manhã; é* **muita** *verdade; é* **muita** *mentira.*

«Não podia ser *muito* gula o apetite de pão seco» (Paiva).
«As fustas andavam *melhor* remeiras» (Barros).
«Sou *muito* parte » *(Eufros.).*
«Era *muito* noite» (Fernão M. Pinto).
«Sendo já *muito* noite» (Leão).
«Isto é *muito* verdade » (A. Cast.).

. . . Isto não obstante, encontra-se em Fr. Luiz de Souza o seguinte exemplo: «Davam-lhe muita (honra) os que sem paixão falavam e *muita* mais os que sabiam de perto qual era sua vida»; onde o segundo *muita,* como advérbio, não deverá variar.

Semelhantemente disse Vieira:

« Dando-lhe *muitas* mais armas das que ele tem » *(Serm.).*
«Estas segundas redenções das esmolas que se pedem são *muitas* mais em número» (*Ibid.*).

E Duarte Nunes de Leão:

« *Tanta* mais honra ganhara» *(Chron. de D. João o 1.°).*

Algumas vezes, principalmente em linguagem literária, são certos advérbios e locuções adverbiadas empregadas sob sua forma latina. Tais são as expressões seguintes: *grátis, maximé, inclusive, exclusive, ad instar, primo, secundo, tertio, supra, infra, retro, bis, ex-abrupto, motu proprio, status quo, abunde, ex-corde, aliunde, ex-ofieio, in-extremis, ex-vi, ab-intestato, ex-cátedra, revera, pró-rata, ad-rem, ipso-facto, a rationi, extra-muros, intra-muros, item, ibidem, per suma capita, currente calamo, invita Minerva, per accidens, ex-professo, a fortiori, nemine discrepante, pari-passu, ab-ovo, in-totum, ab-initio, por fas* ou *por nefas, a priori, a posteriori, una voce, ad-nutum.*

Alguns *advérbios,* sobretudo os de *qualidade* ou *modo,* podem admitir graus de significação, como os adjetivos: *Mais docemente, muito ternamente, belissimamente, mais para lá do que para cá,* está *melhor dos seus incômodos,* está *pior do braço, da febre, do reumatismo, mais além, mais aquém, muito além, muito aquém, muito para lá* das fronteiras, *muito a seu recato, bem avisadamente, muito propositadamente.*

Erro é muito vulgar em nossa língua o uso do advérbio ou locução adverbiada *donde* por *onde; adonde* por *aonde, donde* ou *onde, aonde, por onde, de donde* por *donde.*

Desta confusão não se isentaram os escritores mais bem apontados no dizer, como Camões, Francisco de Morais, Fr. Lucas de Santa Catharina, Bernardes, Vieira, M**.** de Veiga, o autor da *Arte de Furtar* e Garret, onde se encontram os passos seguintes:

«Irei *adonde* os fados ordenaram »
(Cam. -- *Sonetos).*

«O curso das estrelas contemplava
E aquela ordem com que discorria
O céu e o ar e a terra *adonde* estava»
(Idem- Eleg.).

«Dar-vos-ei conta *de donde* ela vem »
(Morais-Palm.).

«E *de donde* havemos nós de tirar vinte mil Portugueses?» *(Arte de Furtar).*
«E achou a mina *adonde* saíam os gastos» (*Ibid.*).
«O conselho, *de donde* só podia sair o remédio» (*Ibid.*).

«Tinha por cabeceira a pedra dura,
Adonde reclinava
A angélica figura »
(M**.** da Veiga - *Laura).*

«Em casa *adonde* tinha a tia Freira do Coro e Prelada » (Fr. Lucas -*Hist. de S. Domingos).*
« Para *donde* o chamava a obediência» (Idem, *Ibid.*).
«Não chegarão ao céu *de donde* já descansa a alma, senão no dia da ressurreição universal » (Vieira - *Sermões*).

«Se não estava ali, *aonde* estava?» (*Ibid.*).
«Irão meus versos ao retiro místico,
Adonde te escondes, procurar-te »
(Garret- D. *Branca).*

Mas, se raríssimo é encontrar entre os escritores modernos as expressões *donde* por *onde, adonde* por *aonde* ou *onde, de donde* por *donde,* tão comuns entre os clássicos antigos e ainda hoje em dia tão frequentes na boca do povo, deparanos a lição de escritores modernos de boa nota a confusão no emprego dos advérbios *onde* e *aonde,* de que são testemunhas os seguintes lanços:

«Não me atrevo a tomar sobre mim o dizer *aonde* ela peca, *aonde* está o vício » (Garret - *Discursos Parlamentares*).
«No meio das continuadas distrações das sociedades, aonde o tom do repentista se exaltava com o entusiasmo dos admiradores» (Reb. da Silva- *Est. Biograf.*).

« *Onde* te vais, Dom Rodrigo,
tão só com tanta agonia?»
(A. Cast. - *O Outono*).

«Este é o caráter dos estados, *aonde* é lei suprema a igualdade e *onde* os influxos democráticos se manifestam com a mesma intensidade na condição política e na esfera da educação» (Lat. Coelho - *Elog. Acad.*).
«*Aonde* está a minha Esther» (Rebelo da Silva - *Raússio*).

O uso desses dois advérbios discriminou-o bem A. Herculano no seguinte passo do *Monasticon:*

«Lá no céu, *aonde* ela subiu, o *onde* nosso pai acolheu no seio a sua infeliz filha ».

Nos nossos melhores escritores, outrossim, notam-se às vezes, dando-se-lhes o papel de adjetivos conjuntivos, os advérbios *onde,* com referência às pessoas e às coisas, e com respeito às coisas *como, quando,* a que por isso chamam alguns gramáticos *advérbios relativos* ou *conjuntivos,* os quais pressupõem então uma palavra expressa ou não, que representa para com esses advérbios a mesma relação do antecedente para com o adjetivo *relativo* ou *conjuntivo,* a que se prende e vincula.

Abonam tal sintaxe os exemplos seguintes:

«Onde Deus me é boa testemunha de *como* as noites dormia» (Bernardim Ribeiro).
«Faço esta jornada para dar fé das galés e ver o modo de *como* estão » (Couto).
« Cometendo-lhe que fossem queimar a cidade, e ensinando-os de *como* haviam de fazer » (Idem).
«Do modo de *como* estavam alojados» (Souza). «Aqueles cavaleiros *donde* vós vindes» (Barros),

isto é, *de que descendeis.*

«Eu chamo vulgo *onde há* baixos intentos» (Ferreira),

isto é, *aqueles em quem há* etc.

«Não ouvistes contar de *como* me costumo haver» (Idem).

«Era no tempo *quando* a luz do dia
Do eoo hemisfério está remota » (Cam.).

No tocante aos advérbios latinos *ubi, unde,* semelhantemente eram eles empregados como adjetivos conjuntivos ainda pelos escritores de maior tomo:

«*Neque nobis prœter te quisuam fuit,* **ubi**» (Cic.).
«**Unde** *te audisse* dicis» (Fer.).
« ***E*** *prœdonibus* **unde** emerat » (Idem).
Caronam **unde** *nilli velarunt tempora musæ* » (Luc.).
Ego omnibus **unde** *petitur hoc consilium dederim*» (Cic.).

Em francês é análogo o emprego do vocábulo *où* (onde): não só se faz às coisas a referência do *advérbio conjuntivo,* o que é vulgaríssimo entre os clássicos, senão também às pessoas, o que menos geralmente se pratica.

«C'est une humiliation **où** je ne puis m'accoutumer» (Sevigné).
«Lattent **où** j'ai vécu n'a point été trompée» (Corn.).
«Ces amés **où** domine l'ambition » (Boss.).
«Les premiers de tous les peuples **où** on voie les bibliothèques est celui d'Egypte » (Hem).

«. . . . . *Il ne reste que moi*
Où *l'on découvre encor les vestiges d'un roi*»
(Rac).

Corre o mesmo no inglês com os advérbios *where, whence, whither, whereabouts,* correspondentes aos vocábulos e locuções portuguesas *onde, donde, para onde, a respeito do que.*

«*Grateful to acknowledge* **whence** *his good descends*» (Milton).
«*O! how unlike the place from* **whence** *they fell*» (Idem).
« She visits that place *where* first she was so happy» (Sir P**.** Sidney, *apud Webster's International Dictionary).*

CAPÍTULO X

Da origem das preposições, conjunções e dos advérbios. Palavras invariáveis; locuções prepositivas, adverbiadas e conjuntivas, cabidas pela maior parte em desuso.

As preposições portuguesas provêm, pela maior parte, de preposições latinas, ou se formaram, depois da decadência do latim culto, de elementos latinos, ou de palavras já existentes no fundo mesmo da língua.

Assim a preposição portuguesa *a* se origina da latina *ad*; *ante,* de **ante;** *até*[87], de **hactenus** ou de **ad** e **tenus;** *após,* de *ad* e **post;** *pós,* de **post;** *com,* de **cum;** *contra,* de **contra;** *de,* de *de*; *desde,* de **de, ex** e **de;** *em,* de **in;** *entre,* de **inter;** *para,* (forma antiga *pera)* de **per** e **ad;** *sem* de **sine;** *trás,* de **trans.** Assim no latim literário, como no português do século 16, se acham exemplos em que a preposição *per* indica uma ideia de referência, relatividade, aproximando-se da significação da preposição portuguesa *a,* com que se combina para formar a preposição *para:*

«*Per me ut stertas licet*» (Cic.) - quanto a mim podes roncar.
«Seriam cento e cincoenta homens *per* todos » (Barros).

No latim da idade média amiúdam ainda mais os casos em que a preposição latina *per* é tomada no sentido que damos à preposição *para:*

«*Per confirmandas eorum libertates aliquam partículan pecuniolae tribuerat*»[88].

A preposição portuguesa *per* tem por origem a latina **per** ou a preposição **por** do latim vulgar; a portuguesa *por* vem diretamente dessa preposição do latim vulgar, que se liga à preposição **pro;** *sob,* de **sub;** *soto* em composição, de **subtus,** por influência do italiano *soto, sobre,* de **super;** *afora,* de *ad* e **foras;** *conforme,* do adjetivo latino **conformem;** *segundo,* do latim **secundum** do verbo **sequor, sequeris, sequi;** *salvo,* de **salvam;** *exceto,* de **exceptum.** Essas duas preposições acidentais são contrações dos adjetivos *salvado, exceptuado,* formas

87. Tinha essa preposição em nossa língua as formas antiquadas *atai, atá, ats, ateu, intés* e sobretudo *inté,* muito encontradiça ainda na boca do vulgo.
88. Trecho citado por Du Cange. **Glossarium Mediæ et Infimæ Latinitatis.**

procedentes do supino dos verbos latinos *excipere, saloare. Mediante* provém de **mediante;** *não obstante,* de **non obstante.**

A conjunção portuguesa *e* procede da latina **et;** *nem,* de **nec;** *ou,* de **aut;** *pois,* de **post;** *mas,* de **magis;** *ora,* de **hora;** *se,* de **si;** *que,* de **quod;** *porém (por ende,* forma antiga), de **pro** e **inde;** *porque,* de **per quod** ou **per quae;** *também,* de **tam bene;** *ergo, er* (ant), de **ergo;** *quando,* de **quando;** *outro sim*[outrossim], de **alterum sic.**

*
* *

O advérbio português *ali*[89] provém do advérbio latino *illic* ou *illi* com *o i* longo e a preposição *a, ad, ad illic.*

Aqui provém, segundo Diez, de *ecce hic* ou, conforme Scheler, da forma latina *eccu'hic.*

Ali provém do latim *ecce hic.*

Cá provém da fórmula latina *eccu'hac.*

O advérbio português *lá* tem por procedência o advérbio latino **illac.** Tinha esse advérbio antigamente as formas *alá, allá* e no sentido de *para aquele lugar* se dizia igualmente *aló, alló.*

Além origina-se do latim **aliunde** por intermédio do castelhano **allende.**

Aquém do castelhano *aquende,* originário do latim **ad** e **eccu'hac;** *acolá* de **eccu'ilac;** *agora* de **hac hora;** *assim (assey, assi,* ant.) de **ad sic** ou **aeque sic:** *aliás* de **alias,** *apenas* de **ad** e **paenas;** *amanhã* de **ad maniana;** *hoje* (*oy, hoge, oje,* formas antigas) de **hodie,** contração de *hoc die; onde* de **unde;** *donde* de **de** e **unde;** *ontem (oyte,* forma antiga) de **ad noctem;** *não (no, non, nom, nam,* formas antigas) de **non;** *sim, si,* forma antiga, de **sic;** *eis (ex,* forma ant.) de **ecce;** *alerta* do italiano *alerta* de *al* e *erta (encosta, lugar elevado),* tendo o vocábulo italiano sua procedência no latim **erectus**, **erecta** - *coisa elevada, enfim* de **in fine**; *assaz* de **ad satis**; *dentro* de de **intro***; amais* de **jam magist** *mais* de **magis**; *longe* de **longe**; *como* (*quomo,* ant.) de **quomodo**, *perto* de **pressum**; *nada* de **natam** (da expressão latina **res nata,** de que o francês formou o substantivo *rien,* utilizando-se do primeiro elemento componente, e o português o vocábulo *nada* do segundo elemento); *arriba* de **ad ripam;** *ainda* de **ad inde;** *depois* de **de** e **post;** *depressa* de **de** e **pressa;** *sempre* de **semper;** *nunca* de **nunquam;** *já* de **jam;** *tarde* de **tarde;** *cedo* de **cito;** *presto* de **praesto;** *antes* de **ante;** *adiante* de **ad, de, ante;** *avante* de

89. No original, "*alli*". (n.e.)

ad ante *(abante,* forma antiga); *só* de **solum;** *quanto* de **quantum;** *quando* de **quando;** *quase* de quase, *quão* de **quam**; *talvez* de **tali vice**; *bem* de **bene**; *mal* de **male;** *acinte,* forma contracta de **ad** e **sciente,** particípio do presente do verbo **seio, seis, seire** - saber; *então (entom, entonces,* formas ant.) de **in** e **tunc;** *quer,* conjunção disjuntiva, é uma forma contracta do verbo português *querer* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo e corresponde à conjunção latina **velle,** que é uma contração do verbo **vele;** *algures* de **alicubi;** *alhures, nenhures,* de **aliubi** ou **aliorsum, ne-aliubi, ne-aliorsum.**

*
* *

As interjeições *simples,* como sinais naturais da linguagem dos afetos e das paixões, como explosões instintivas que traduzem sinteticamente as comoções vivas que nos salteiam, não têm etimologia: confundem-se com os primeiros esforços da organização para reagir maquinalmente contra os agentes que a cercam e responder-lhes às ações; comuns a todas as línguas, aproximam e enlaçam a humanidade inteira, que por elas se retrata, se revela e compreende nas sensações e nas manifestações sensíveis da vida material, que a unifica.

> «Essas vozes ou gritos, que são as expressões naturais de um sentimento muito vivo de alegria, de dor ou de admiração», diz o autor da *Hermes,* «acham-se os mesmos em todos os povos e parecem produzir-se necessariamente em virtude da organização do homem em certas circunstâncias».

As *interjeições convencionais,* que são sinais da linguagem analítica, usados a feição das *interjeições simples* ou *naturais,* emanam pela maior parte do latim. Correlacionadas com a linguagem discursiva, a cujas leis obedecem, variam muito de povo a povo. São ordinariamente frases elípticas, constituídas por palavras de várias categorias e a que a comoção, **a** vivacidade do sentimento dão um tom interjetivo, aproximando-as das verdadeiras *interjeições.*

Estudemo-las:

Apage, interjeição convencional, tomada do latim e que denota repulsa, ódio, aversão, vem de **apage.** Encontra-se em Plauto a frase **apage te a me** - *retira-te da minha presença.*

Apage procede da mesma raiz da interjeição latina **age,** que não é senão o imperativo do verbo **agere,** empregado interjetivamente, como o é **apage** do verbo grego **ipago,** que, por seu sentido, corresponde ao latino **abduco,** *retiro, afasto.*

Arre, que indica enfado, ira, cólera, tomamo-la do árabe *errih. apre, ipra, irra* são variantes da mesma interjeição *arre.*

Oxalá é, segundo afirmam os etimologistas, de origem árabe e significa *praza a Alah! Deus queira! Praza a Deus! prouvera a Deus!* Exprime desejo de que uma coisa suceda ou se realize.

Aqui d'el-rei, expressão interjetiva de quem pede auxílio, de quem implora lhe acudam num grande perigo, em aflitivo transe. Significa *aqui venham os homens da justiça de el-rei.* Essa *interjeição* ou locução interjetiva é de formação puramente portuguesa.

Arreda tem por origem o verbo português *arredar,* no imperativo. Denota ódio, aversão e desprezo.

O verbo *arredar,* donde tirou o português essa interjeição, vem de **ad** e **retro,** a que se deu a desinência *ar* da primeira conjugação.

Eia! Indica animação, coragem; vem do latim **heja, eja,** que parece uma corruptela de *age.*

Caluda! chuta! chiton! chitão! A primeira destas interjeições tem por origem o verbo português *calar;* a segunda e terceira são contrações do verbo onomatopaico francês **chuchoter** - *cochichar, falar baixinho:* «Chuta! cegarrega de bruxa zorra! Engole-me já esses guinchos» (R. da Silva). «Com el-rei e a Inquisição, **chitão!**» (*Adágio*)[90].

Safa! não é senão o imperativo do verbo *safar,* que tem por origem o árabe *saha.*

Sus! Serve essa interjeição para excitar animação, coragem.

Tem por origem o vocábulo latino **susum,** corruptela de **sursum,** de que o português arcaico fez o advérbio *suso* (acima), oposto ao advérbio *juso* (em baixo, abaixo), cuja procedência daremos adiante. As vezes vem esta interjeição unida à palavra *ora,* formando a locução interjetiva composta *ora sus!*

Apoiado! Não apoiado! são interjeições ou exclamações que se usam, quando nas assembleias ou reuniões públicas ou particulares se deseja exprimir o assentimento ou aprovação do que diz quem discursa ou, às avessas, se trata de indicar o não assentimento ou reprovação.

É o particípio passado do verbo *apoiar,* que é formado do substantivo português *apoio* e da desinência *ar,* sendo o vocábulo *apoio* oriundo da preposição latina **ad,** *a* em português, e do substantivo *podium* (muralha espessíssima que cercava e sustentava a arena do anfiteatro romano, onde estavam várias fileiras de bancos e assentos).

Fora! Interjeição que indica desagrado, repulsa. Vem do vocábulo latino

90. *Apud.* A. R. Gonçalvez Viana.

foras. Às vezes ajunta-se essa interjeição ao imperativo do verbo *passar,* formando a locução composta *passa-fora!*

Bravo! Interjeição que indica aprovação e aplauso. Vem do italiano **bravo.** Os latinos exprimiam a aprovação e aplauso pelo vocábulo *feliciter,* que etimologicamente nada tem que ver com a raiz da exclamação *bravo,* bem que fosse empregado no mesmo sentido.

Tá! tá! tá! tate! tate! Interjeição que indica que se deve parar, não prosseguir; originária talvez do verbo latino **stare** no imperativo, e, conforme outros, de *tace, tacete* do verbo latino **tacere.**

Arrenego! T'arrenego! Locução interjetiva, do presente afirmativo do verbo *arrenegar* de **ad e renegare,** de **re** e **negare.**

Holá! olá! holé! olé! Interjeições compostas de *ho* ou *o,* interjeição natural, e do advérbio *lá,* de que se considera *le* como corrução.

Aramá, eramá, ieramá, caramá. Formas interjetivas antigas, que indicam enfado, desgosto, imprecação; procedentes todas da expressão latina **mala hora.** Encontram-se também as variantes *maocha, maochas,* corruptelas da mesma expressão latina *mala hora, malas horas.*

Mal pecado! Antiga interjeição de pesar e lástima, que tem o mesmo sentido que a expressão *por mal dos nossos pecados !*

Reduzem-se igualmente a elementos da linguagem analítica as palavras *mau! bom! basta! vamos! ânimo! bis! coragem! justos céus! espere! paciência! silêncio! hom'essa! viva! hurrah!* (palavra de origem germânica, empregada interjetivamente) *alto lá! credo! misericórdia! Jesus!* e as imprecações e esconjuros *cruz! Mau fim tenhas! o diabo te leve! arruda e salsa! maus raios te partam! vade-retro! abrenuncio! eu te esconjuro! diabo! diacho! decho!*

*
* *

Das palavras e locuções invariáveis, cálidas pela maior parte em desuso, apresentamos as seguintes, indicando a fonte donde procedem:

Pós, empós, depós (do latim *post, in* e *post, de* e *post)* em vez de *após:*

> «*Pós* noite o dia» (Ferreira).
> «Segui *empós* eles, disseram os capitães » (Azurara).
> «Nom sospeitando que Gedeon veesse *depós* eles » *(Ined. d'Alcob.).*

Antre[91] (de *inter*) em vez de *para*:

«E achando um cavouco com alguns corpos mortos, se lançou *antre* eles» (D. do Couto).
«Rompendo por *antre* a gente» (Morais - *Palm.)*.

Pera (de *per ad)* em vez de *para:*

«Fui tal que me vali de vós mesmo *pera* efeituar a execução de hum tão injusto desejo » (Cavaleiro d'Oliveira).

Per e **traz** (do latim *per* e *trans)* em vez de *por* e da locução prepositiva *atrás de:*

«El-rei de Bintão mais dano lhe fazia *per* fome, que *per* armas» *(*Burros).
«Foram pregar a fé uns *per* Itália; *per* Grécia outros; outros *per* Espanha; *per* Etiópia; *per* Armênia; *per* Arábia; per Esclavonia; pela Índia; pela Pérsia; *per* todo o universo» (Luc.).
«Mandava navios uns *traz* outros »"(Souza).

«*Traz* ele vem chegando,
Depois o inverno, o frio »
(Cam.).

Des em vez de *desde* (das duas preposições latinas *de* e *ex).*

«*Des* que homem nasce té que morre » (Sá de Miranda).

À guisa. A locução prepositiva *à guisa de (a modo, maneira de)* provém da preposição portuguesa *a* de **ad** em latim, do germânico *weise* ou do anglo-saxônico *wise,* que tem o mesmo sentido e se emprega ora só nas expressões inglesas *in any wise, on this* wise, *in no* wise, ora como elemento componente nas locuções *likewise, otherwise, lengthwise.*

Irmanam-se-lhe por suas conexões etimológicas o francês *guise,* o provençal, espanhol e italiano *guisa.*

91. Não confundir com "*entre*", que passou a exprimir os dois sentidos: estático, como em "*encontra-se entre os dois outros livros*" e dinâmico, equivalente a "*para*", como em "*jogou a bola entre os arbustos*". (n.e.)

Entre os advérbios notemos os seguintes:

Hum, hu, u (do latim *ubi)* em vez de *onde.*
Quando era esse advérbio seguido do artigo indicativo *o, a, os, as,* intercalavam um *l* eufônico, dizendo: *ulo, ula, ulos, ulas:*

«Onde está o entendimento, *ulo* ser e autoridade de fidalgo*?*»
(Souza).

Ey, hi, y (do advérbio latino *ibi)* em vez de *Aí:*

« Onde hei de progredir*?* há *hi* quem tal me aclare*?*»
(A. Cast.).

Uxi em vez de *onde se* procede de *ubi* e *se.*
Juso de *deorsum, jusum* em latim, donde o provençal *jos* e o português arcaico *juso (em baio).*

«...Levem doze reaes e da sua nota dezesseis reaes, e assy d'ahi a *juso* per esse respeito » *(Ord. Af.).*

Suso do latim *sursum* e por contração *susum,* donde tirou o português o arcaico *suso* (em cima) e o provençal e francês antigo o vocábulo *sus,* que se contrapunha a *jus,* como o arcaico português *suso* a *juso* e o latino *sursum* a *deorsum* e *jusum.*

«E esto *suso* dito he dos mesteiraaes[92]» *(Ord. Af.).*
«**Jusum** *vis facere Deum et te* **susum**» (Sant. Agos. apud Du Cange).
Queres abater a Deus e elevar-te a ti próprio.
« *Palpebras quoque ejus ne connicere posset* **sursum** *ae* **deorsum** *diductas insuebant*» (Tubero *ap.* Gelli).

Solamente por *somente* do feminino do adjetivo latino *solus, sola, solum* e do ablativo de *mens, mentis.*
Hoge, oje por *hoje* de *hodie (hoc die).*
Ogano por *este ano* de *hoc ano.*

92. De "*mesteiral*", trabalhador urbano, artífice, artesão; esp. empregado no português medieval. (n.e.)

Cadanho, cadano em vez de *cada ano.* De *cada,* cuja procedência já vimos e de *ano.*

Adur *dificilmente, mui raras vezes* de *ad* e o advérbio latino *dure.*

Toste por *logo, imediatamente,* do latim *tostus a um,* do verbo latino *torrere,* que forneceu ao provençal *tost,* ao italiano, *tosto* e ao francês, *tôt.*

Bofé, bofá, *na verdade, com toda a franqueza e lealdade.* Provém do latim *bona fide.*

Ensembre em vez de *juntamente* de *in* e *simul,* por intermédio do espanhol *ensembra,* a que se liga também o advérbio francês *ensemble.*

Quiçá *(talvez),* vocábulo de que ainda hoje, a trechos, se encontram exemplos. Tem por procedência a expressão italiana *chi sa,* que se liga à latina *qui sapit.*

Manamano *(logo, imediatamente, no mesmo ponto, sem demora).* Procedente do latim *mant* com elipse talvez do adjetivo *brevi.* De feito, diziam os latinos no mesmo sentido: *brevi manu* e em contraposição *longa manu (lentamente, de vagar, vagarosamente*).

Sabedormente, em vez de *sabiamente,* do adjetivo português *sabedor,* que, como todos os adjetivos em *or,* tinha outrora uma só forma, e de *mente,* sufixo procedente do ablativo *mente,* do vocábulo *mens, mentis.*

Abondo *(suficientemente, com abundância)*do latim *abunde.*

Ooyte, oyte, em vez de *ontem.* Do latim *ad noctem,* segundo opina a maioria dos etimologistas.

Adu em vez de *aonde, para onde.* Do latim *ad* e *unde.*

Acinte *(com conhecimento de causa),* do latim *a sciente* do verbo latino *seio, seis, seire (saber),* cujo particípio presente é *sciens, scientis,* que faz no ablativo *sciente* ou *scienti.*

Adrede. A locução adverbiada *adrede (de propósito)* provém da preposição portuguesa *a* (do latim, *ad*) e do advérbio latino *directe.* Esta locução e a precedente, bem que não mui frequentemente usadas, não são todavia de todo antiquadas, como se vê no seguinte exemplo de autor contemporâneo:

> «Dois livros não bastam para a decisão deste ponto *adrede* e acinte enredado e escurecido » (Pedro Diniz).

Alá, alá, aló, aló. Qualquer destas variantes do mesmo vocábulo significava *nesse lugar.* São corruptelas ou formas diversas do moderno português *lá,* que, como vimos, tem por procedência o advérbio latino *illac.*

À inveja, às invejas, locução adverbiada procedente do latim *ad invidiam.* Outros, a nosso parecer, sem razão, a consideram derivada do latim *ad invicem,* alguns, da expressão latina *ad invitum.* Tem como correspondentes as expressões portuguesas modernas *à porfia, em competência, à compita:*

> «Alguns navios havia, que andavam *às invejas* sobre quem o levaria» (Lucena).

A sabendas (do particípio do faturo passivo do verbo latino *sapere).* Corresponde à expressão *cientemente, com conhecimento de causa.*

A pinchos *(aos empuchões)* do verbo *pinchar* de *ad* e *pincho,* substantivo verbal no plural.

> «...Sem lhe parar diante cousa que não leve *a pinchos* nas pontas» (Luc.).

Asinha *(de pressa).* Tem por forma ainda mais antiga a grafia *aginha.* Liga-se pela etimologia ao verbo latino *agere:*

> «O coração me doeu em ver tão *asinha* morto quem dantes tão pouco havia que vira estar cantando» (Bern. Ribeiro).
> « A mulher e a galinha por andar se perde *asinha* » (Ferreira de Vase.).

Ementre, ementrês, ementes, formas antigas da moderna *entrementes* (*enquanto, entretanto).* Têm por procedência **a** preposição *em* e o vocábulo espanhol *mientras.*

> «Que tais filhos e filhas *em mentre (enquanto)* morarem com seus padres e madres nom sejam obrigados a morar com outros » *(Ord. Af.).*

De maravilha, por maravilha com a significação de *raramente (*do latim *de* e *mirabilia),* empregada por Lucena e outros escritores do século 16:

> «*De maravilha* se mostrara um homem agastado» (Luc.).
> «De muitas naus que tome no terreiro, escapara uma *por maravilha*» (Idem).

De frecha no sentido de *diretamente, sem torcer caminho,* usada também no século 16. Tem por origem a preposição portuguesa *de* do latim

de e o substantivo germânico **Flitsch.**

Arriba (de *ad* e *ripam) acima, para cima.*

A giros *(alternadamente).* Provém de *ad* e do substantivo latino *gyros* no acusativo do plural.

Chus *(mais).* Tem por fonte e vocábulo latino *plus.* Os antigos ou o empregavam só, como se nota nos *Inéditos de Alcobaça,* com a significação de *mais,* ou lhe contrapunham o monossílabo *bus* ou *mas,* formando a locução *sem dizer nem chus nem bus,* em uso ainda hoje, segundo afirma A. R. Gonçalves Viana, equivalente à expressão: *sem dizer palavra.*

> «Cá a quem *chus* é dado, *chus* lhi será demandado» (Inéd. de Alcob.).
> «Recebem trezentas varadas. . . mas outro levou mil sem dizer chus nem *bus* » (Gazet. das Aldeias apud G. Viana).

Nem chique, nem mique, isto é, *absolutamente nada,* do latim *nec* e dos substantivos *cicus (coisa de pouco valor)* e *mica (bocadinho, bocadichinho, parcela*).

Nem migalha provém de *nec* e do substantivo *micacul (migalha),* diminutivo de *mica.*

Entonces, entom, obsoleto, por *então* de *em* (do latim in) como prefixo e do advérbio *tum, tune.*

Crás, palavra arcaica, empregada por *amanhã.* Provém do latim *cras:*

> «E não me descubras nem hoje nem *crás* »

Ende por *daí, deles, delas,* com as várias formas *desende, desen, desi,* de *y.* Provém do latim *inde, deinde.*

> «Aos que se *ende* (delas) queixarem » *(Ord. Af.).*

De siso em vez de *seriamente, sensatamente, com discrição* e *prudência.* Procedente de *de* e *sensu,* ainda empregada por Francisco Manoel do Nascimento no exemplo seguinte:

> «Não era permitido naquele tempo a ninguém falar *de siso* e com franqueza »,

De cóte ou **a cóte,** isto é, *diariamente, todos os dias, cada dia, quotidianamente, a uso.* Corrução do latim da **baixa** latinidade *cotidie,* correspondente ao latim

literário *quotidie* e à expressão portuguesa *cada dia.*

> « Galés que *de cóte* traz armadas » *(Ined. d'Alcob.).*

Ainda hoje por corruptela diz o vulgo *meter no corte o vestido novo* em vez de *meter no cóte.*

De cotio ainda se acha em Filinto no mesmo sentido.

Por ende, porém no sentido de *por isso, por esta razão.* Procede de *pro* e *inde.*

A ufa, isto é, à *custa alheia, sem despesa própria, em abundância, à farta:* do espanhol e italiano *a ufo.*

Esta expressão é ainda usada familiarmente.

De praça no sentido de *publicamente, em público.* De *de* e *platea.*

Analogamente ainda em alguns escritores se encontram as locuções portuguesas *de público, de segredo, de secreto,* procedentes do latim **de publico, de secreto.**

A basto (*em abundância, com abastança).* Locução empregada por Gil Vicente e outros escritores no 1.° quartel do século 16. Provém da preposição *a, ad* e do verbo italiano *bastare,* que nessa língua e no espanhol tem o mesmo sentido que lhe damos em português.

De arrancada (com ímpeto, com grande impulso e violência); da preposição *de* e do particípio passado *eradicata,* do verbo *eradicare.* Locução muito enérgica, usada por **J.** de Barros, e que ninguém hoje escrupuliza em empregar.

De foz em fora, isto é, *pelo mar fora, pela barra fora, em direção ao mar* e metaforicamente *demasiadamente, descomedidamente.* Provém do vocábulo latino *faux, faucis (foz),* da preposição *in* (em) e do vocábulo foras *(fora).*

Às rebatinhas. Significa *em competência, a quem mais, a quem melhor.* Provém da preposição portuguesa *a* do latim *ad* e do verbo *rebater* do latim *rebatuere.*

Esta locução foi modernamente empregada por A. Castilho no passo seguinte:

> «Estou nas minhas três quintas, quando vejo acudir-me gentio *às rebatinhas*. . . e esmurrarem-se à pesca de um bilhete »

Entre as conjunções e locuções conjuntivas notam-se como obsoletas:

Ca, car, quar, em vez de *porque;* procedente do latim *quare.*

Pero, perol, emperol, em vez de *porém;* de *per inde, pro inde,* donde o português antigo *por ende.*

Sed, forma arcaica, derivada da conjunção latina *sed* no sentido de *mas, porém.*

Pero, pero que em lugar de *ainda que, bem que* usada no século 13:

« *Pero* eu dizer quyzesse,
Creo que non saberia
Dizer nem er poderia,
Per poder que eu ouvesse»
(Canc. de Dom Diniz).

Er, contração de *ergo* no sentido de *por conseguinte, portanto.*

No século 15 e no século 16 eram as duas formas empregadas igualmente, dando-se também à primeira a significação de *agora, logo.*

Et em vez de *e.* Forma alatinada da conjunção copulativa e.

Em que, isto é, *ainda que, posto que.* O primeiro elemento da locução é uma contração de *ende,* que tem por fonte o latim *inde,* donde o português *ainda, inda, ende,* e, por abreviação, *em.* Só usada hoje em dia na frase *em que pés, em que pese,* no sentido de *por mais pesar que lhe cause, ainda que lhe custe, mau grado seu, a seu pesar, mal de seu grado.*

« Fala a verdade em *que te pes* » (Garret).
« *Em que pese* isto aos incréos». (Gonç. Dias).

Sicais, locução conjuntiva arcaica, que significava *se acaso.* Provém da expressão latina *si casu* ou *si quà.* Usada por Gil Vicente no século 16:

« *Sicais* não foi morto »

Nego, nega (*senão, exceto)* e **nanja** (*não, nem)* a que se ajuntava muita vez o pronome *eu,* dizendo-se: *nanjeu, nanjaeu (nem eu).* Liga-se etimologicamente à conjunção latina *nec.*

No'mais, non mais, expressão antiga, em vez de *não mais.*

Dela usou o autor dos *Lusíadas* nos versos seguintes:

«**No'mais,** Musa, **no'mais,** que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida ».

CAPÍTULO XI

Da etimologia em geral e dos princípios em que se fundamenta

Etimologia é a ciência que tem por fim ensinar como as palavras derivam umas das outras ou como uma língua deriva de outra.

As palavras de uma língua não existem esparsas e difusas, formando individualidades sem nexo nem ligação, independentes e sós de toda a relação de afinidade e parentesco: prendem-se, pelo contrário, umas às outras, ligam-se por laços estreitos, formando grupos mais ou menos extensos, elos de cadeias mais ou menos longas, famílias mais ou menos naturais, cujo parentesco próximo ou remoto no-lo revela a etimologia, visando em suas investigações às leis da fonologia, em que se arrima e fundamenta.

Só em nossos dias a começar do século passado é que deixou a etimologia de ser um acervo de investigações fúteis, infrutuosas e disparatadas, de adivinhações mais ou menos felizes, em que as sutilezas do engenho e as antecipações da imaginação se substituíam a esmo às lentas e seguras induções da ciência.

A definição que, no século 18, lhe deu sarcasticamente Voltaire prova o pouco em que esse gênio tinha tais investigações: «A *etimologia»,* dizia ele, «é uma ciência em que as vogais nada fazem e pouco fazem as consoantes ».

E porque ainda se não tinha descoberto o verdadeiro critério no estudo desta ciência, que, na frase de Litré, é acessória da história.

A *etimologia* é uma conquista do século 19.

A base da *etimologia* é a indução histórica, que, por sua vez, se fundamenta nos seguintes princípios:

1.° Regras e leis da fonética, isto é, da ciência que estuda os sons e as transformações por que vão passando através do espaço e do tempo.

2.° Estudo comparativo das mesmas palavras, já na mesma língua, nos vários períodos de sua existência, já nos diferentes idiomas do mesmo grupo de línguas.

A *etimologia,* pois, não é, como dizia S. Agostinho, *uma explicação tão arbitrária, como a dos sonhos:* assenta em princípios sólidos, cujo conhecimento escapou aos investigadores anteriores ao século 19; tem por fim, acompanhando as palavras nas diversas formas de que se vão revestindo em seu desenvolvimento histórico,

ligar o vocábulo atual ao primitivo, estudando-lhes as formas intermediárias, que os aproximam e irmanam, atentando na filiação dos vários sentidos que, como elos de uma mesma cadeia, engrazam uns e outros na mesma ideia capital e originária.

Pela *fonética* sabemos que o grupo consonântico latino *pl* corresponde no português aos grupos *ch, pr.*

Assim é que do latim **pluviam** temos em português a palavra *chuva;* de **plus,** o antigo português *chus;* de **plumbum,** *chumbo;* de **planum,** *chão;* de **plenum,** *cheio; de* **plantare,** *chantar;* de **plorare,** *chorar;* de **amplum,** *ancho;* de **plagam,** *chaga;* de **plicare,** *chegar;* de **plicare**, *pregar;* de **placere**, *prazer;* de **planetum**; *pranto;* de placitum, *prazo.*

A *fonética* ainda nos ensina que em geral os grupos consonânticos portugueses *lh, nh* resultam de hiatos nas palavras originarias, os quais são impedidos ou desfeitos em português por esses processos ou transformações fônicas.

O grupo *lh* atalha ordinariamente os hiatos latinos precedidos de *l,* como *palha* de **paleam;** *filha* de **filiam;** *batalha* de **bataliam;** *milho* de **milium;** *folha* de **folia.**

O grupo *nh* opõe-se aos hiatos igualmente latinos precedidos de *n,* como *banho* de **balneum;** *pinha* de **pineam;** *linha* de **lineam;** *vinha* de **vineam;** *cunha* de **cuneam;** *tinha* de **tineam** *aranha* de **araneam,** *tenho* de **teneo.**

Mostra-nos a observação das transformações fonéticas que *o o* do monotongo francês *au* é muitas vezes nessa língua o resultado da vocalização de um *l* originário. Assim os vocábulos franceses *sauver, saumon, chaux, sauge, chausser, chauve, autre, mauve, saucage, paume, aube, peau, chapeat, marteau* se prendem etimologicamente às palavras latinas **salvare, salmonem, calcem, salviam, calceare, calvum, alterum, malvam, selvaticum, palmam, albam, pelem, capelum, martelum,** conservando-se no português o *l* originário ou ditongando-se **o** *a* latino em *ot.*

A *fonologia* faz-nos finalmente ligar às mesmas palavras certos vocábulos, que ao parecer se distinguem ou diferem.

Assim ao mesmo vocábulo latino **plateam** se ligam os nossos dois vocábulos *praça* e *plateia,* sendo o primeiro de formação primitiva e anterior, de origem popular, conservando como nota característica o acento latino, no que se distingue do segundo, o qual, partindo da mesma fonte, foi posteriormente formado e se prende a uma origem erudita.

O estudo comparativo das várias formas que a mesma palavra apresenta, nos diversos idiomas e dialetos românicos, concorre em muito para esclarecer a etimologia de muitos vocábulos.

De feito, tendo esses uma fonte ou origem comum, obedecem todos aos mesmos processos genealógicos, desfiando-se e desdobrando-se do latim vulgar, donde partem.

Assim é que ligamos o nosso vocábulo *mesmo* à forma latina **metipsimus,** contração de **metipsissimus,** comparando-o com as formas diversas de que se reveste a mesma palavra nas outras línguas congêneres.

De **metipsimus** do latim popular originou-se em português a palavra *meesmo, mesmo;* as formas francesas *medesme, medisme, meisme, meesme* e *meme;* o provençal *medesme, mesesme, metessme;* o italiano *medesimo* e o espanhol *meismo, mismo.*

As formas provençais *medeps, meteis, medeis* e a antiga portuguesa *medes* ligam-se à forma latina **metipse,** e à forma superlativa do italiano *medesissimo* ao superlativo latino **metipsissimus.**

Corre o mesmo com os vocábulos *golpe* e *fígado.*

Golpe deriva-se do latim **colafus** *(punhada, murro, bofetão, bofetada)* e dessa significação especial estendeu-se o sentido do vocábulo, indicando *golpe* em geral.

As formas que este vocábulo apresenta no francês, no provençal, no espanhol e italiano levam-nos a essa indução, confirmada, por outra parte, pelas leis da *fonética.*

No provençal encontram-se as formas *colp, cop, colbe;* no francês antigo, *colp,* donde lhe veio *coup;* no italiano, *colpo;* no espanhol e português, *golpe.*

As formas *colpus, colapus, colafus* já se encontram na baixa latinidade.

Do vocábulo **ficatum** (**jecur ficatum** - *fígado de pato* cevado com figos) compusemos o nosso vocábulo *fígado,* que no espanhol se diz *higado;* no italiano, *fegato;* no provençal, *fetye;* no valáquio, *fiet* e no francês, *foie*.

Por uma exceção ainda não satisfatoriamente explicada, a parte a hipótese de Gaston Paris, que atribui essa irregularidade a erronia na acentuação do latim rústico, o acento do vocábulo latino não se conservou nas línguas românicas, à exceção do valáquio, que diz *ficat,* mantendo o acento originário.

Passa o mesmo com o vocábulo francês *seigle,* do latim **secale,** que, como o português fígado, não conservou a mesma acentuação da língua matriz, correndo, neste particular, parelhas com o italiano *ségalo, ségale* e com o provençal *seguel,* os quais são todos acentuados na sílaba *protônica* do vocábulo latino.

Os exemplos de alguns vocábulos em português, em que se nota a deslocação do acento latino, induzem-nos a pensar que no latim popular ou rústico já se lhes dava uma falsa acentuação.

Ao lado de *fígado* colocam alguns filólogos as palavras *cadeira* de **cathedram,** pronunciada rusticamente **cathédram,** e não **cáthedram;** *buzina* de **bucinam,** que tem o *i* átono no latim erudito; *nogado,* ligado ao latim rústico **núcatum,** e não ao literário **nucátum;** *inteiro,* correspondendo ao latim popular **intégrum,** e não ao literário **integrum,** acentuado na primeira.

O vocábulo *menos,* finalmente, que entra como prefixo pejorativo nas palavras portuguesas *menosprezar, menosprezo, menosprezador, menoscabar, menoscabo,* tem por origem o advérbio latino **minus,** *menos* em português.

O estudo das várias formas desse elemento latino nas línguas românicas mostra-nos que, na maioria dos vocábulos dessas línguas, tem este prefixo por procedência a palavra latina **minus,** e não o prefixo germânico *mis, miss,* da mesma forma no italiano e inglês e do mesmo sentido pejorativo.

No próprio inglês, se é manifesta a origem germânica de muitos vocábulos que tem por prefixo *mis,* não o é menos a derivação latina, atribuída pelos mais notáveis etimologistas a algumas palavras inglesas, tais como *mischief, misalliance, mischance, miscount, misprise, miscreant, misadventure.* Donde se colhe que, para chegar à verdadeira fonte de uma palavra, não basta que tenha essa a mesma forma e o mesmo sentido que outra. É mister, demais disso, acompanhá-la em sua evolução histórica, atentando nas formas diversas por que tem passado através do espaço e do tempo, pondo-a em confronto com as formas do vocábulo primitivo e dos vocábulos dos idiomas congêneres,

Com respeito ao prefixo de que tratamos, notam-se no francês as formas *mes, mé;* no italiano, a forma ***mis;*** no provençal, *mes* e *mens;* no espanhol e português, *menos.*

Verdade é que, havendo uma multiplicidade de palavras, compostas com o mesmo prefixo *mes, mis* no italiano e no francês, é provável que a origem de algumas dessas seja devida à influência germânica, mormente quando, segundo a judiciosa observação de A. Scheler, poucas são no espanhol e no português as palavras em que entra o sufixo *menos,* não apresentando o latim medievo exemplo algum do prefixo **minus,** enquanto, de outro lado, já desde o século 9.° se acham verbos como *mis-dicere, mis-facere, mis-docere, mis-evenire.*

PARTE QUARTA
Da Fraseologia ou Sintaxe

CAPÍTULO I

Fraseologia em geral; sintaxe e construção; proposição, oração ou sentença e seus elementos lógicos. Divisão das proposições; frase, período e seus membros.

I

A **fraseologia** compreende a **sintaxe** propriamente dita e a **construção.**

É a parte da gramática que trata da composição da proposição e da frase.

As relações das palavras umas com as outras, o nexo, coordenação, dependência e subordinação das proposições e das frases, sua ordem, boa disposição e concerto, o *laço* que as liga, encadeia e relaciona, aproximando-as e subordinando-as, tudo isso se aprende e estuda na *fraseologia.*

Construção é a parte da *fraseologia* que tem por objeto a ordem das palavras, sua concertada colocação no discurso.

A *construção* nada tem que ver com as formas; atenta sim na ordem local das palavras, concorrendo ambas estas partes da *fraseologia* para a perfeita enunciação de nossos pensamentos no discurso. Nas duas proposições: *Alexandre venceu a Dário* e *a Dário venceu Alexandre,* é a sintaxe a mesma, mas diferente a construção, isto é, a ordem local das palavras, que, num ou noutro caso, exprimem o mesmo pensamento, representando sempre as mesmas funções os elementos que constituem cada uma delas.

Proposição ou **oração,** a que os gramáticos ingleses chamam também **sentença** *(sentence),* outra coisa não é que a enunciação de um juízo.

Quando, percebendo a relação de conveniência entre a ideia de Deus e a de justiça ou entre a ideia de homem e a de fragilidade, formamos em nosso espírito os juízos: *Deus é justo, o homem é frágil,* estas afirmações mentais, consideradas quanto à expressão e enunciação, denominam-se *proposições.*

Logicamente considerada, compõe-se a proposição de três partes ou membros: **sujeito, verbo** e **atributo** ou **predicado;** considerada, porém, *gramaticalmente,* consta de tantas partes, quantas são as palavras que encerra.

Os dois termos da *proposição,* o *sujeito* e o *atributo,* reunidos, constituem o que em linguagem lógica se denomina *matéria da proposição;* o verbo constitui a sua forma.

Decompor uma *proposição* ou *frase* em seus elementos *lógicos* é analisá-la *logicamente;* decompô-la, porém, em seus elementos *gramaticais* é analisá-la *gramaticalmente.*

A **sintaxe** pode ser das *palavras* ou das *proposições:* a primeira estuda as relações que têm as *palavras* umas com as outras; a segunda estuda as relações entre as *proposições.*

Essas relações, ou se trate da *sintaxe das palavras* ou da *sintaxe das proposições,* dividem-se em duas espécies: *relações de identidade* ou *coordenação* e *relações de diferença, dependência* ou *subordinação.*

Toda a *proposição* supõe um objeto que ocupa o nosso espírito e de que afirmamos ou negamos alguma coisa, aquilo que o espírito pensa do mesmo objeto, afirmando ou negando.

Sujeito de uma proposição é a palavra ou palavras que indicam o objeto de que se afirma ou nega alguma coisa.

Atributo ou predicado é aquilo que se afirma ou nega do *sujeito.*

Verbo é a palavra que, exprimindo a existência intelectual com relação a um *atributo,* liga este ao *sujeito.*

No seguinte exemplo: *a caridade é língua universal,* o vocábulo **a caridade** é o **sujeito** da proposição, porque exprime o objeto de que afirmo a qualidade de ser *língua universal;* **língua universal** é o **atributo,** por ser isso mesmo que afirmo do **sujeito caridade; *é*** é o **verbo,** por ser a palavra que liga o **atributo língua universal** ao **sujeito.**

Como a maioria dos gramáticos franceses, tomamos aqui como sinônimos os vocábulos **atributo** e **predicado,** embora o primeiro desses termos seja também tomado, algumas vezes, na acepção de epíteto; e dizemos que há em toda a *proposição* ou *sentença* três termos essenciais: **sujeito, verbo** e **atributo** ou **predicado.**

Os gramáticos ingleses e alemães, porém, admitem apenas dois elementos essenciais: **sujeito** e **predicado,** considerando o **verbo,** que contêm a afirmação, incluído na mesma palavra com o **predicado.**

Assim, em vez de admitirem os três elementos dos gramáticos franceses **sujeito, verbo** e **atributo** ou **predicado,** admitem dois termos essenciais: o **sujeito,** que exprime o objeto de que falamos, e o **predicado,** que contém o que afirmamos do sujeito.

Na proposição: *o sol brilha,* o **sujeito** é *o sol;* o **predicado,** conforme esses gramáticos, é *brilha;* na proposição: *o sol é brilhante,* o **sujeito** é *o sol,* o **predicado** é constituído pela expressão *é brilhante.*

Entre os mesmos gramáticos é o termo **atributo** tomado, em geral, não na acepção de **predicado,** sentido que lhe

93. Goold Brown, autor duma das mais completas gramáticas inglesas, emprega todavia, o termo **atributo** como sinônimo de **predicado.**

dão os gramáticos franceses, senão na de *epíteto*[93].

Toda a proposição consta essencialmente desses três elementos, ou sejam todos explícitos, como quando dizemos. *Deus é bom;* ou não o sejam senão dois, como quando se diz: *o sol brilha, ódio velho não cansa;* ou, em suma, seja a proposição exprimida por um só vocábulo, que compendia e encerra a um tempo o **sujeito,** o **atributo** ou **predicado** e a palavra que indica a afirmação mental da relação desses dois termos e a que chamam os lógicos *cópula* ou *forma,* como nas proposições *chove, chuvisca, troveja, neva, saraiva, relampeja* e em várias outras e como se verifica ainda em todas as proposições ou sentenças que são exprimidas por interjeições: *oh! ah! hui! caspite! caramba! «Ai! Não!»* (A. Cast.) *«Oh! Sim!»*

«*Oh!* tarde, *oh!* bela tarde, *oh!* meus amores!» (Gonç. Dias).

O *sujeito* e o *atributo* podem ser **simples** ou **compostos, complexos** ou **incomplexos.**

É **simples** o sujeito, quando indica unidade de ideia: *«A memória de Deus é* saúde e limpeza d'alma» (Bernardes).

O *sujeito* é **composto,** quando designa, ao contrário, multiplicidade de ideia: *A mineralogia, a geologia, a botânica e a zoologia* pertencem às ciências naturais.

«E ao som de sua voz, sublime e grande,
«*O mar, a terra, o ar* estremeceram» (Porto Alegre).

O *sujeito* é **complexo,** quando é modificado por algum *acessório* ou *adjunto,* segundo a terminologia dos gramáticos ingleses[94].

Acessório ou **adjunto** é uma ou mais palavras que se adicionam a outras para as definir, limitar, qualificar ou modificar de qualquer modo que for.

«No mar não têm número *as sortes dos pescados,* nem preço *as minas das pérolas»* (Luc.).
« *As biografias dos soberanos* não lançam muita luz sobre a ciência social» (Lat. Coelho).
Pedra movediça não cria bolor» (Prov.). «*Cavalo alheio* não cansa» (Prov.).

94. Os gramáticos franceses denominam **complexo** o *sujeito,* quando tem um complemento ou palavra que o modifique; os ingleses apelidam assim o *sujeito,* quando consiste em uma frase infinitiva ou gerundiva, em uma cláusula ou oração substantiva ou em uma citação.

Incomplexo diz-se o *sujeito,* quando nenhum acessório o modifica: **Tu** *és Pedro; ele é feliz;* **pobreza** *não é vileza;* **querer** *é poder.*

«*Eu* nunca vi Lisboa e tenho pena » (Th. Ribeiro).

Diz-se **simples** o *atributo,* quando indica uma só maneira de ser do *sujeito: Carlos é* **inteligente.**

É **composto,** quando significa mais de uma maneira de ser do *sujeito: Carlos é* **inteligente e aplicado.**

É **complexo,** quando um ou mais acessórios o modificam: **É um homem leal à sua pátria** *ce* **a seu rei;** *é* **aplicável** *esta droga à* **destruição das formigas.**

É **incomplexo,** quando nenhum acessório o modifica: *Aquela campina é* **aprazível;** *este sítio é* **pitoresco.**

O *sujeito* **simples** é ordinariamente exprimido por uma só palavra e o composto por mais de uma; pode, todavia, o primeiro ser exprimido por muitas palavras e não perder o caráter de simplicidade, porque esta se afere pela unidade da ideia. Na frase: «*fazer uma coisa e aconselhar outra é querer endireitar a sombra da vara torcida* » o *sujeito* é realmente **simples,** não podendo neste caso o atributo afirmar-se de uma parte só do mesmo, senão das duas, que se ligam e constituem uma só unidade, um todo único, homogêneo e indivisível, de que ele se afirma.

Passa o mesmo com as seguintes proposições: «*Crer em Jesus Cristo e viver como pagão é grande absurdo», o roxo de violeta, o anil, o azul, o verde, o amarelo, o alaranjado e o vermelho, misturados em devida proporção, produzem o branco.*

As partes que constituem o sujeito de que se afirma no primeiro exemplo *ser grande absurdo,* no segundo *produzir o branco,* bem que aparentemente separadas e enunciadas por várias palavras, ligam-se num só todo, indivisível, uno, com respeito ao qual se faz a afirmação, que se não pode realizar de cada uma das partes constitutivas do todo, tomadas em separado.

Quando o sujeito ou o atributo de uma *proposição* ou *sentença* consta de mais de uma palavra, é sempre uma delas a palavra fundamental ou característica do sujeito ou atributo e todas as demais são os *acessórios* desses dois termos ou seus *adjuntos,* como lhes chamam as gramáticas inglesas.

À palavra fundamental dão-lhe alguns a denominação de *sujeito* ou *atributo* **gramatical,** apelidando *sujeito* ou *atributo* **lógico** o conjunto da fundamental e dos *acessórios.*

Assim que na proposição: *A glória, oriunda da virtude, tem brilho imortal,* o **sujeito gramatical** é *glória,* por ser a característica desse termo; o **atributo**

gramatical é representado pela forma verbal *tem,* que encerra em seu *radical* a ideia fundamental do *atributo;* é, porém, sujeito lógico a expressão total *a glória, oriunda da virtude,* e **atributo** lógico a expressão *tem brilho imortal.*

Tal distinção julgamo-la de pouco peso, parecendo-nos que se deve haver por *sujeito* ou por *atributo* não a palavra fundamental, desacompanhada de seus acessórios, senão o conjunto dela e dos elementos que a modificam, visto que não só os termos *sujeito* e *atributo* pertencem privativamente à lógica, parecendo pleonástico o epíteto *lógico,* aposto aos vocábulos *sujeito* ou *atributo,* mas ainda, considerado assim o sujeito, desacompanhado dos acessórios que o modificam, a proposição deixa de exprimir com verdade o que temos em mente enunciar; não é de *toda a glória,* no mencionado exemplo, que dizemos *ter brilho imortal,* não é da *glória* em geral, de que tratamos aqui; é sim *da glória que é oriunda da virtude.*

II

A proposição ou sentença é também **simples**, **composta**, **complexa** ou **incomplexa.**

É **simples** quando consta de um só **sujeito** e de um só **predicado** ou **atributo:** *A virtude é amável; Hannibal atravessou os Alpes; Jenner descobriu a vacina.*

É **composta** quando consta de duas ou mais proposições independentes, ligadas por *conjunções coordenativas,* expressas ou subentendidas.

A *oração* ou *proposição composta,* portanto, ou tem mais de um *sujeito,* ou mais de um *predicado* ou *atributo,* ou a um tempo mais de um *sujeito* e mais de um *predicado:*

O trabalho fortifica o corpo e dá vigor ao espírito.
Hannibal atravessou os Alpes e veio até as planícies da Itália.
Pedro trabalha muito, mas não é feliz.

«Cresce a cegueira com a luz; é o dia noite aos olhos do morcego» (Luc.).

«As flores anoitecem murchas e quase secas; mas com o orvalho da noite amanhecem frescas, vigorosas, ressuscitadas» (Vieira).

«Justiça é tudo, justiça é as virtudes todas; justiça é religião, justiça é caridade, justiça é sociabilidade, é respeito às leis, é lealdade, é honra, é tudo enfim » (Garret).

«Todas são tu; és todas;
Renasces, morres, vives, ressuscitas;
Pranto, invejas, horror, ternura, excitas »
(A. Cast.).

É **complexa** a *proposição* quando consta de uma *proposição principal* e de uma ou mais *dependentes* ou *subordinadas,* que se lhe encadeiam por meio de conjunções de subordinação, expressas ou não[95] .

Tanto que me viu, dirigiu-se a mim. Asseguro-te que estás enganado. Dizem os histologistas que há bactérias que destroem outras bactérias. Não sei quando te verei. Nada tem conseguido, porque lhe falta perseverança.

«Nenhuma ciência se aprende fundadamente senão nas escolas, onde a conferência e a emulação põem esporas e aguça os engenhos» (Luiz de Souza).

Na *proposição* ou *sentença complexa* as *subordinadas* que têm com a *principal* dependência lógica ou gramatical são, pela maioria dos gramáticos ingleses, denominadas sentenças **subordinadas** ou simplesmente **cláusulas.**

Isto não obstante, cai bem aqui notar que para alguns gramáticos ingleses e americanos de justa nomeada não tem o termo *cláusula* essa significação restrita.

Assim é que Sweet, Bain e Whitney dão tal denominação não só a cada uma das *sentenças coordenadas* que formam a *sentença composta, sentenças* a que chamam **cláusulas coordenadas,** senão também já às *subordinadas* da *proposição* ou *sentença complexa,* já à própria *primordial* ou *principal,* de que dependem, e que designam pela expressão cláusula principal.

A *proposição* é **incomplexa,** quando o seu *sujeito* ou *predicado* não encerra acessório algum que possa constituir outra *proposição: Pedro fez anos ontem.* Nesse exemplo, embora seja *complexo* o atributo ou predicado, **a** proposição é *incomplexa,* por não ser conversível noutra *proposição* o acessório do *predicado.*

Na *proposição composta* as partes ou *proposições* que a constituem podem ter de comum ou o *sujeito,* ou o *predicado,* ou o *complemento.* Em tais casos, as proposições que constituem a *composta* denominam-se **contractas:** *ele vê, governa e dirige tudo.*

95. Alguns gramáticos não admitem as *sentenças complexas,* incluindo-as nas *compostas.*

As *compostas,* quando não têm expressos os conectivos que ligam as *proposições* de que se elas compõem, chamam-se **colaterais** ou **justapostas**: *Vim, vi, venci.*

«*Cala, acomete, desbarata, vence, volve, triunfa*» (A. Cast.).
«Pois o idálio farpão, que ri da onipotência, mal nela os olhos pôs, com súbita violência *partiu, chegou, rompeu, lhe abrasa* o coração » (Idem).

Assindéticas lhes chamam alguns gramáticos, designação que só adotamos com certa restrição; porque em sua origem subjetiva, nos juízos de que são expressões, não se podem deixar de admitir laços conectivos, suprima-os embora **a** linguagem, entre as proposições coordenadas; de outro modo nada teriam de inteiriços os juízos, grande solução de continuidade haveria entre os pensamentos, que perderiam seu caráter de harmonia, homogeneidade e unidade: não haveria um pensamento, um juízo, senão retalhos, frações de pensamentos, juízos sem ligação, nem ordem, nem concatenação: a rapidez, a vivacidade da linguagem traz ao discurso aquela supressão, que não pode existir na mente do que fala, na fonte subjetiva da afirmação que a proposição enuncia.

As *orações* que constituem uma *proposição* ou *sentença composta* e que são da mesma natureza, seguindo e desenvolvendo a mesma ordem e série de ideias, podendo cada uma ser principal relativamente às outras, recebem a denominação de **principais coordenadas.**

Pode, porém, numa frase ou num período notar-se a coordenação não já entre as *orações principais,* propriamente ditas, senão entre as subordinadas, porque os elementos conectivos, sinais dessa relação, não coordenam somente as *principais,* senão também as *secundárias* ou *subordinadas,* que estão na mesma ordem umas com relação às outras e desenvolvem a mesma série de ideias por elas exprimidas: há, portanto, *subordinadas,* que também se coordenam umas com as outras, o que esclarecemos no seguinte exemplo:

«Era a hora *em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas; em que pelos cemitérios o orvalho se pendura do topo das cruzes, e sozinho goteja das bordas das campas; em que só ele chora os mortos* » (A. Herc.).

Nesta *proposição complexa há* coordenação nas subordinadas *em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas, em que pelos cemitérios o orvalho se pendura do topo das cruzes, em que só ele chora os mortos.*

Só as *conjunções de simples ligação* ou *coordenativas* é que podem ligar as *proposições coordenadas,* sejam essas *principais coordenadas,* que constituam a

proposição composta, sejam *secundárias coordenadas,* e concorram para a formação da *proposição complexa.*

Num *período* ou numa *frase* pode a *proposição principal,* acompanhada de uma ou mais *subordinadas* de primeira ou segunda ordem, ligar-se por coordenação a outra *principal,* por sua vez acompanhada de uma ou mais *subordinadas,* dependentes desta. Diz-se, neste caso, que a *proposição* no seu todo é a um tempo *composta* e *complexa* ou *mista***.**

Tal é a combinação das seguintes proposições:

«Se não sois dignos do importante cargo que ocupais, não deveis ser tão ambiciosos; se, porém, o sois, não deveis ser tão negligentes»[96.]
«Chove o céu com aquela igualdade distributiva que vemos, mas, em a água chegando à terra, os montes ficam enxutos e os vales afogando-se » (Vieira).
«Se amanhece o sol, a todos aquenta; e se chove o céu, a todos molha» (Idem).

«Da luz que vem e vai, reverte e foge,
os dias se compõem; deles os meses;
e eu, que da *Luz Lucina* me nomeio,
um só mês não terei!?»
(A. Cast.).

Em um *período* em que há mais de uma *proposição* **complexa,** as *principais* só se podem coordenar com as *principais,* as *secundárias* com as *secundárias,* que desenvolvem a mesma série de ideias e a que prendem relações homologas ou de similaridade.

As *proposições secundárias* ou *subordinadas,* a que, como já dissemos, os gramáticos ingleses chamam *sentenças subordinadas* ou *cláusulas,* podem exercer relativamente ás outras proposições a que se ligam e de que dependem, já o papel de *substantivos,* já o de *adjetivos,* já finalmente o de *advérbios.*

Consideradas sob esse aspecto, recebem os epítetos de **substantivas, adjetivas** ou **adverbiais.**

Sei **que estudas;** *não sei o lugar* **em que reside** *Carlos;* **quando Pedro chegou,** *fui visitá-lo.*

96. Tradução do seguinte passo latino: *Si tanto muneri impares, eur tam ambitios! Si pares, cur tam negligentes?*

A primeira dessas proposições aqui escritas em caracteres de corpo maior é denominada *proposição, sentença* ou *cláusula* **substantiva;** a segunda, *proposição* **adjetiva;** a terceira, *proposição* **adverbial.**

As *proposições subordinadas* são-no de duas espécies: de *primeira* e de *segunda ordem.*

As de **primeira ordem,** a que alguns chamam **circunstanciais,** indicam um sentido parcial, que não tem dependência gramatical, senão lógica com o exprimido pela *proposição principal,* que lh'o rege e subordina:

«*Logo que Rumecão teve posta em perfeição a mina,* determinou à sombra dela dar um geral assalto » (J. Freire).

As de **segunda ordem** conservam uma dependência não só lógica, mas ainda gramatical com a *proposição* a que só subordinam e de que fazem parte: *O homem* **que é virtuoso** *merece o respeito de todos; Aristóteles,* **que era natural de Stagyra,** *foi mestre de Alexandre da Macedônia; «fingiu* **serem vindos** *os embaixadores do rei».*

As *proposições subordinadas* de segunda ordem subdividem-se em incidentes e integrantes ou completivas.

As **incidentes** são as que fazem parte de outra, ampliando-lhe ou restringindo-lhe algum dos termos. Estas são, pois, **ampliativas** ou **explicativas** e **restritivas** ou **determinativas.** Assim na frase: « *Deus, que é onipotente, é infinitamente bom e justo»,* a proposição «*que é onipotente* » é *ampliativa,* porque desenvolve o sentido do sujeito da *principal,* sem lhe restringir a extensão.

A ideia que a *incidente ampliativa* acrescenta ao sujeito convém-lhe geralmente e em toda a extensão. Quando, ao contrário, dizemos: «*O homem que é justo respeita os direitos dos seus semelhantes*», é *restritiva a proposição* «*que é justo*» porque determina e limita a extensão do sujeito *homem,* fazendo-o aplicar-se a uma classe menor de indivíduos.

A ideia que a *restritiva* ajunta ao sujeito ou termo gramatical, por ela modificado, não convém a esse em toda a sua extensão.

A *incidente ampliativa* pode cercear-se da frase sem quebra no sentido, sem alterar a verdade e o sentido da *principal.*

A *incidente restritiva,* bem ao revés, cerceada da frase, quebra-lhe o sentido, alterando a verdade da *principal.*

A *ampliativa* pode transformar-se em *principal,* sendo o conjuntivo da *incidente* substituído pelo seu antecedente: já se não pode fazer outro tanto com relação à *restritiva.* Assim no exemplo acima: *Deus, que é onipotente, é infinitamente bom e justo,* o *que* da proposição *incidente* pode ser substituído por seu

antecedente *Deus* e transformar-se a subordinada em principal, do modo seguinte: *Deus é onipotente.*

Pelo contrário, nest'outro exemplo: « *O homem que é justo respeita os direitos de seus semelhantes*», o *que* da incidente não pode substituir-se por seu antecedente *o homem,* tornando-se *principal* a *incidente,* como vimos sucedeu no caso da *ampliativa,* porque se não pode com verdade dizer: *o homem é justo.*

Pode, outrossim, a *ampliativa* transformar-se numa secundária, em que o *que* seja substituído por uma das conjunções *causativas:* **porque, como, visto que** ou por qualquer expressão análoga: *Deus,* **como** *é onipotente, é* etc.; *Deus,* **porque** *é onipotente, é* etc., *Deus,* **visto que** *é onipotente, é* etc.

A *restritiva,* porém, pode converter-se numa *secundária* em que o *que* seja substituído pela conjunção *condicional* **se,** pelo advérbio **quando** ou por qualquer outra expressão análoga, que tenha por fim reduzir, diminuir e limitar a extensão do termo modificado: *O homem,* **se** *e justo, deve* etc., *o homem,* **quando** *é justo, deve* etc.

As proposições *incidentes* fazem as funções de *adjetivos;* por isso é que lhes chamam *orações, proposições, sentenças* ou *cláusulas* **adjetivas.**

Efetivamente, o que essas *proposições* fazem é modificar um substantivo ou uma palavra que representa as mesmas funções dessa categoria gramatical, que não pode ser modificada senão pelos *adjetivos.*

As proposições **integrantes,** chamadas também **completivas,** são **simplesmente integrantes** ou **integrantes comparativas** ou **correlatas:** as primeiras são as que fazem parte de outra, servindo-lhe de *sujeito, predicado* ou *complemento:* Não sei *se Francisco chegou da Europa;* não sei *quando tomarás juízo;* não lhe perguntei *onde morava;* não sei *como suportar esta adversidade;* sei que *partes para o campo;* penso *que estás enganado;* julgo *seres sabedor;* só sabe *contar proezas e bravatas;* espero *chegar cedo em casa.*

> «Necessário é ao bom rei *vigiar, velar* e *desvelar-se* sobre os oficiais, pela administração da justiça» (Arraiz).
> «Começa a *sair* e a *crescer* o sol, eis o gesto agradável do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada » (Vieira).

As *proposições integrantes* **simples,** ou sejam constituídas pelas formas verbais infinitivas ou por formas de outro modo, pela maior parte, preenchem para com as *principais* o papel de substantivos; por isso é que se lhes dá também a designação de *proposições, sentenças* ou *cláusulas* **substantivas.** Dizemos, pela maior parte, porque algumas dessas podem exercer com respeito à *principal* o papel de *advérbios,* e então não serão já *proposições* ou *sentenças substantivas,* senão

adverbiais: Vieram *para ver a feira;* esforçam-se *por ser independentes;* trabalham *por conseguir uma promoção.*

As *proposições integrantes* **comparativas** ou **correlatas** são as que inteiram o sentido de outra proposição, a que se ligam, tendo como sinais dessa ligação ou relação palavras que se repetem ou correlacionam:

> « *Tal* mulher me sejas tu, *qual* te eu sou marido » (Ferreira).

Essas proposições apelidam-nas alguns gramáticos *sentenças* ou *cláusulas* **adverbiais.** Elas trazem sempre uma ideia de semelhança ou analogia, de igualdade, desigualdade, efeito ou consequência:

> « *Tais* vassalos terá o príncipe no amor, *qual* lhes ele for príncipe na brandura » (Paiva).
> « *Tais* somos e fomos sempre os homens, que só nos lembra quem nos fez bem enquanto esperamos que no-lo torne a fazer » (Lucena).
> «Todos enfim obraram *tão* valorosamente, *que* esse só dia bastava para os fazer soldados » (J. Freire).

Nestas espécies de proposições cala-se muitas vezes o antecedente da palavra correlata:

> «As estrelas os céus acompanhavam,
> *Qual* campo revestido de boninas»
> (Cam.).

Aqui é claro que deve subentender-se o adjetivo *tais,* que serve de antecedente a *qual,* sendo o pensamento assim gramaticalmente entendido: *As estrelas os céus acompanhavam* tais. . . qual etc.

As *proposições integrantes simples* são **diretas** ou **indiretas.** As **diretas** são as que fazem um sentido perfeito, ainda cerceadas do contexto do discurso; as **indiretas** não têm sentido fora do contexto.

As primeiras, consideradas de per si, desacompanhadas das proposições a que se ajuntam no contexto, são *orações* ou *proposições absolutas,* de sentido inteiramente independente às outras nunca podem sê-lo:

> *Aristóteles costumava dizer a seus amigos:* meus amigos, não há amigos.
> *Desejo* que sejas feliz em tua viagem.

No primeiro exemplo a *proposição* ou *sentença - meus amigos, não há amigos* - é integrante **direta;** no segundo, porém, é **indireta** a *integrante - que sejas feliz em tua viagem.*

Há uma certa espécie de *proposições* que se intercalam e encravam noutras mais extensas, que lhes servem de complementos, como *integrantes diretas* que são.

A essa espécie de proposições chamamos principais intercaladas.

Estas *proposições,* ordinariamente muito breves, são, em geral, indicadas pelas formas seguintes: *diz ele, disse ele, responde* ou *respondeu ele, repetiu ele, replicou ele, retorquiu, murmurou, acrescentou, acudiu, retrucou, ajuntou ele* e outras análogas.

Alguns as denominam **absolutas;** outros, **parentéticas;** Chassang as apelida **incisas;** mas a designação que lhes damos parece convém mais a esta espécie de *proposições,* pela razão de terem sempre por complementos *as orações integrantes* ou *completivas diretas* em que se entremetem.

Essas espécies de proposições, a que Chassang chama *incisas,* não devem confundir-se com as *incidentes,* porque estas são sempre partes de outras, e as *intercaladas,* de que tratamos, não são partes das que elas cortam e interrompem; representam um todo com est'outras, que as inteiram e completam.

As *proposições* ou *orações* constituídas pelos particípios do presente são já *subordinadas de primeira ordem,* e inculcam uma circunstância de *modo, causa, concessão, tempo, condição,* exercendo com relação à *principal* as funções de *advérbios;* já *subordinadas de segunda ordem,* e pertencem às incidentes, fazendo o papel de *proposições adjetivas,* a que chamam as gramáticas inglesas *cláusulas adjetivas.*

As de *primeira ordem* não têm de ordinário os mesmos sujeitos da regente; as de *segunda ordem* têm os mesmos sujeitos da que as rege e subordina, ou se lhes reconhece por sujeito alguma palavra expressa na *proposição* regente.

Nada obstante, pode haver identidade de sujeito entre a regente e a regida e ser esta última *secundária de primeira ordem,* conforme exerça com respeito àquela mais o papel de um *advérbio,* que de um *adjetivo.*

Essas *proposições subordinadas,* quando podem resolver-se numa *secundária* em que o conjuntivo *que* tenha por antecedente a palavra característica e fundamental do sujeito da principal, ou em que, exprimindo o particípio o modo de ação do verbo da principal, parece fundir-se com esta numa só palavra ou expressão, são *subordinadas de segunda ordem.*

Sirvam-nos de exemplos as seguintes proposições: Carlos estuda *passeando;* Pedro dorme *ressonando;* Antônio fala e lê *cantando;* fala *sorrindo;* caminha *pulando;* fala *agitando a cabeça, meneando os braços;* encontrei-o *escrevendo;* vejo-a

sempre *cosendo, fiando* ou *bordando; Antônio morando ali,* deve conhecê-lo; *residindo, há tempo, ali,* não o conheço; *vivendo sempre com ele,* não o conheces? Achei-me no meio de um inocente bando de meninos, *jogando-me flores e entoando harmoniosos hinos.*

> «Eu o vi por muitas vezes como que sorrindo para as flores suas diletas, extasiando-se nos esplendores da vegetação, haurindo a custo o ar embalsamado pelas flores, seguindo no ar vidente dos céus o vago recorte que desenha a coma franjada dos arvoredos» (Lat. Coelho).
>
> «Também a águia tem o ninho na estreiteza de um rochedo, e dele, abrindo a ampla envergadura, voeja, ascende, alteia-se e perde-se entre as nuvens, librando-se rainha na imensa vastidão da atmosfera » (Idem).
>
> «As plantas revivesciam com viço novo, aspirando por todos os poros a frescura da atmosfera e balançando com movimento apenas perceptível as folhas, em cujos vértices tremiam, semelhantes a perolas soltas, as derradeiras gotinhas da chuva» (A. Herc.).

«Tão temerosa vinha *e* carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão n'algum rochedo »
(Cam.).

Todas as *secundárias* ou *subordinadas* desses exemplos, escritas em itálico, são de *segunda ordem* ou *incidentes,* são, porém, de *primeira ordem* todas as que compõem as frases seguintes: *Entrando o inverno,* recolheram-se todos aos seus quarteis; *imperando Tito,* houve uma erupção do Vesúvio, *entrando Carlos em casa,* achou tudo em desordem, *sendo muito querido,* foi-lhe em extremo custoso deixar aquela agradável companhia; *em saindo a lua,* pusemo-nos todos a caminho.

> «As estrelas no meio das trevas luzem e resplandecem mais; mas, *em aparecendo o sol,* que é luz maior, desaparecem as estrelas » (Vieira).
>
> «. . . . . , *em vindo a lua,* será todo pacífico este lago» (A. Cast.).

Os *particípios passados* também formam às vezes *proposições subordinadas de* **primeira ordem,** subentendendo-se-lhes para as compor o *particípio presente* do

verbo *ser,* unido aos ditos *participios passados,* que fazem de atributos das orações que se organizam: **Morto o rei,** *foi proclamada a república;* **morto Alexandre,** *foi o seu império dividido e desmembrado,* **dissolvida a câmara,** *tornaram os deputados a seus diferentes Estados* **destruída a cidade,** *rendeu-se toda a sua guarnição;* isto é, *sendo morto o rei, sendo morto Alexandre, sendo dissolvida a câmara, sendo destruída a cidade.*

A essas *proposições subordinadas,* que relativamente à *principal* representam as funções de advérbios, chamadas geralmente *subordinadas adverbiais,* dão alguns a denominação de *proposições* ou *orações participiais* ou *cláusulas adverbiais.*

Tais proposições correspondem aos *ablativos absolutos,* chamados também *oracionais,* de uso tão correntio entre os escritores latinos.

As *proposições* ou *sentenças* formadas pelo *infinitivo,* chamadas *integrantes* ou *completivas,* ou, como as denominam outros, *infinitivas,* para as distinguir de outras integrantes enunciadas por outro modo verbal, pertencem às *secundárias* ou *subordinadas* de *segunda ordem.*

Tanto as *participiais,* como as *infinitivas,* não se ligam geralmente às *principais* por *conjunções,* mas pela identidade dos sujeitos, quando são os mesmos, ou pela natureza mesma de tais *proposições,* que se travam com as *principais* e se lhes vinculam tão intimamente, como partes integrantes de um mesmo todo.

Pode, todavia, uma *preposição* ou *locução prepositiva* servir de laço conectivo entre uma *proposição principal* e a *infinitiva* que a inteira e completa: *Trabalham para comer, saiu sem se despedir, estou resolvido a fazer esta viagem, ficou contente com o ver* ou *de o ver, sem trabalhares não seras feliz.*

É bem para notar igualmente que aos *participios presentes,* quando formam *proposições secundárias de primeira ordem* ou *sentenças adverbiais,* se lhes antepõe, às vezes, a preposição *em***: Em entrando a noite,** *retiraram-se todos para as suas moradas,* **em vindo a esta cidade,** *sempre aparecerei'* «**em nascendo Jesus,** *todos os reis julgaram a majestade de suas púrpuras menos brilhantes que a humildade das mantilhas do homem Deus».* «**Em se lhe tratando de Deus,** *logo tornava em si»* (Souza).

Todas as outras *proposições secundárias* começam sempre por uma *conjunção de subordinação,* clara ou oculta, por um *adjetivo* ou *advérbio conjuntivo,* por uma *fórmula conjuntiva* ou por um elemento qualquer subordinativo.

As *proposições* ou *orações subordinadas* dependem sempre de uma *principal* ou de mais de uma, quando há *principais coordenadas,* que regem ao mesmo tempo as subordinadas a que se ligam.

Pode, porém, uma *subordinada* depender de outra: assim, em uma frase constituída por muitas *proposições* ou em um *período* de muitos *membros,* não

é raro encontrar *incidentes* e *integrantes* que se engrazam e enlaçam noutras *incidentes,* e *integrantes,* que o são de outras.

As *proposições* ou *orações infinitivas* podem algumas vezes empregar-se de modo absoluto, devendo, na análise, subentender-se os verbos que as governam e dominam.

Isto ocorre ordinariamente em português em certas frases admirativas, quais as seguintes: *Sujeitar-me eu a tão duras condições! Não ter ele pejo de descer a tanta vilania! Eu a trabalhar; ele a divertir-se! O pai a mourejar, o filho a esbanjar o que à severa economia ajuntou!*

> «As gentes cá como eu assim se tratam?
> *Tratar-me de basbaque!»*
> (F. Elysio).

Em tais casos, há sempre uma elipse, sendo mister subentender uma proposição regente, como uma das seguintes: *é possível, é crível,* ou outra que se acomode ao sentido.

Elipses semelhantes não são raras na língua latina na construção do advérbio interrogativo *ne* com as *proposições infinitivas:*

> «**Mene** *incepto desistere victam?»*
> «**Tene** *hoc dicere tali prudentia atque usu prœditum!»*
> *(«É possível, e crível que eu vencida abandone minha empresa?»*
> *«E crível que assim fales, tu que és dotado de tantas luzes e virtudes!. . .»)*

*
* *

A *proposição* pode considerar-se quanto à sua completa independência de outra, quanto à sua graduação, à sua forma ou à totalidade das partes que a compõem e quanto ao seu sentido.

Quando a *proposição* conserva relativamente à outra ou outras completa independência, não necessitando delas para a integridade do pensamento que enuncia, é denominada **absoluta:** *Deus é eterno, a caridade é língua universal; a dedicação de Leônidas salvou a Grécia; a ociosidade é a mãe de todos os vícios.*

Quando a proposição, para a integridade do sentido que se enuncia, depende de outra, ou tem com outra uma relação qualquer, seja de coordenação, seja de subordinação, chama-se **relativa.**

Assim são relativas não só a *principal* e as *subordinadas* que dela dependem em uma *sentença* ou *oração complexa,* senão todas as orações coordenadas, que se aproximam, prendem e ligam por elementos conectivos de coordenação, claros ou ocultos.

Considerada a proposição no que respeita à sua forma ou à totalidade das partes de que consta, é **plena, elíptica** ou **implícita.**

É **plena,** quando se lhe não omite nenhuma das partes: *O sol é brilhante, a mentira é detestável, as paixões cegam o homem.*

É **elíptica,** se lhe falta alguma dessas partes: *Venho da Bahia, adeus, bons dias boas noites, céu escamento, ou chuva ou vento, hoje por mim, amanhã por ti', aqui d'el-rei.*

É **implícita,** quando em si contém o *sujeito,* o *verbo* e o *predicado* ou *atributo,* completo ou incompleto, sendo todos esses elementos reunidos numa só expressão, que desaparece totalmente ou em parte, reduzida à *implícita* a uma proposição *plena: Ah! ah! ah! sus! olá! ora sus! oxalá!* **Talvez** venha, **Ei-lo** *aqui;* **Ei-lo** *Aí; Carlos* **como** *que adivinha; Fernando* **como** *que sofre, o doente* **como** *que tresvaria.*

Quanto ao seu sentido, a *proposição* recebe os epítetos de *positiva* ou *assertiva, negativa, interrogativa, exclamativa. imprecativa, optativa* e *imperativa,* conforme é o seu atributo afirmado ou negado do sujeito, ou ela indica uma interrogação, exclamação, imprecação, desejo, exortação ou ordem.

Proposição positiva: *Tenho fome fui ao espetáculo; este juiz é justo; esse menino é muito doentio.*

Proposição negativa: *Não tenho apetite, não fui ao espetáculo, este homem não é justo, esse menino não é vigoroso.*

Proposição interrogativa: *«Não lhe fora melhor a Sichem não ver a Dina?»*

> «Nosso amor, nosso vão contentamento,
> Quereis que com as velas leve o vento?»

Proposição exclamativa: *Tanta veneração aos pais se deve! «É ela! Chut! Venham ouvir!. . . É ela! venham todos! Princesa de Carman, pára aqui! Todos! É ela! Chut!...»* (Eça de Queiroz- *A Cidade e as Serras).*

Proposição imprecativa: *Mau fim tenhas, malvado! Sobre tua cabeça caia a maldição do céu!*

Proposição optativa: *Vontade me dê Deus; Deus te pague; Deus lhe acrescente; Deus lhe dê saúde; Deus lhe dê longos anos, faça bom proveito.*

Proposição imperativa: *Obedece a teu dever; não matarás, não furtarás, não levantarás falso testemunho, ama ao próximo como a ti mesmo; com teu amo não jogues as peras; não faças a outrem o que não queres que te façam a ti; faze o bem, não olhes a quem.*

III

Frase é um conjunto de palavras ou de proposições que formam um sentido completo.

A *frase,* pois, pode ser constituída por uma *proposição simples,* por uma *proposição composta* ou por uma *proposição complexa.*

O termo *frase* é tomado pelos gramáticos ingleses num sentido muito diferente do que lhe dão os franceses: enquanto estes consideram a frase como um todo, consideram-na aqueles como uma parte, um fragmento do todo.

Assim os gramáticos ingleses definem **frase** uma expressão composta de duas ou mais palavras, que, sem constituírem uma *sentença* ou *proposição inteira, principal* ou *subordinada de primeira ordem,* exprimem alguma relação de ideias diferentes: *A falar verdade; a ser assim; por encurtar razões; para lhe falar com franqueza; por dizê-lo assim; a bem dizer; tendo tudo determinado; tendo ajustado suas contas.*

Esses mesmos gramáticos dividem as frases em *infinitivas, participiais* e *prepositivas.*

Período. Chama-se *período* a enunciação de um sentido completo e acabado, por meio de uma reunião de *proposições,* que, não sendo partes integrantes umas das outras, se ligam, todavia, de tal modo entre si, que umas supõem as outras para a plenitude do sentido total.

Em sentido menos rigoroso toma-se o vocábulo *período* na mesma acepção que ligamos aqui ao termo *frase,* isto é, no mesmo sentido que lhe atribuem todos os gramáticos franceses:

> «É este nome um século» (Lat. Coelho).
> «A glória *é* uma planta de tal casta, que se quer regada com suor» (Bernardes).
> «Não há nodoas que não possam lavar as lágrimas» (F. Figueiredo).

O *período,* pois, pode ser constituído por uma *proposição* ou *sentença composta* ou por uma *proposição complexa* que tenha uma ou mais subordinadas de primeira ordem.

As *proposições* que em um período fazem um sentido parcial, mas não são partes integrantes umas das outras, denominam-se *membros do período.*

O *membro do período* é constituído por uma só ou por mais de uma *proposição,* que se liguem entre si por elementos coordenativos ou subordinativos.

Nem as *proposições integrantes* ou *completivas,* nem as *incidentes* constituem *membros:* estes só os podem formar as meramente *principais,* as *principais*

coordenadas e as *subordinadas* de *primeira ordem,* a que se associam aquel'outras como partes do todo representado por cada uma dessas *principais* e *subordinadas de primeira ordem.*

O *período* é *bimembre,* quando consta de dois membros; *trimembre,* quando se compõe de três; *quadrado* ou *quadrimembre,* quando encerra quatro.

Ao *período,* porém, de mais de quatro membros dá-se a denominação de *pensamento periódico;* o que tudo ilustram os exemplos seguintes:

Período bimembre:

«Padecer por força é fraqueza; não desmaiar nos trabalhos, necessidade » (Vieira).

«O dia nos teus olhos amanhece;
De teus cabelos, ninfa, o sol se doira» (Ferreira).

«Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar» (Gonç. Dias).

Nos seguintes versos de G. Braga há um *período bimembre* com elipse do verbo do segundo membro:

«Estas porções pequeninas
Do céu, caídas nos lares,
Que têm azul nos sorrisos,
Que trazem sol nos olhares;
Estes enviados celestes,
Que entram assim pelas casas,
Astros, escondendo o fogo,
Anjos, escondendo as asas. . .
São bençãos tomando a forma
Que a gente vê nas crianças;
Bençãos de Deus, todas tremulas
Do vago alvor das espr'ancas »
(Guilherme Braga).

Período trimembre:

«Vim, vi, venci »
«Os dias soma-os a vida, diminui-os a morte e multiplica-os a ressurreição » (Vieira).

«Dize-me, ó bela, / Dize-me: eu te amo! / Basta uma vez!» (Gonç. Dias).
« Minha mãe era bonita, / Era toda minha dita. / Era todo o meu amor» (Junq. Freire).

Período quadrado:

«Os mares pareciam naquela hora recordar-se ainda do rugido harmonioso do estio, e a vaga arqueava-se, rolava e, espreguiçando-se pela praia, refletia a espaços nas golfadas de escuma a luz indecisa dos céus» (A. Herc.).

«Fazem-lhe corte as graças prazenteiras,
Namorados de vê-la os bosques cantam;
Os arbustos, os plátanos florescem
Com seu hálito doce perfumados:
E os virgíneos botões, abrindo os lábios,
Com pudibundo riso se franqueiam
Ao pranto criador da madre aurora »
(Marquês de Paranaguá).

Pensamento periódico:

«Mas quando as águas do céu começavam nos fins do outono a fustigar as faces pálidas dos cabeços, a ossada nua das serras e a unir-se em torrentes pelas gargantas e vales, ou quando o sol vivo e o ar tépido de um dia formoso derretiam as orlas de neve, que pousava eterna nos picos inacessíveis das montanhas mais elevadas, o Sália precipitava-se como uma besta-fera raivosa, e impaciente na sua soberba, arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras, e rebramia com som medonho até chegar às planícies, onde o solo o não comprimia, e deixava espraiar-se pelos pauis e juncais, correndo ao mar, onde enfim repousava, como um homem completamente ébrio, que adormece depois do bracejar e lidar da embriaguez » (A. Herc.).

Diz-se que um período segue a *ordem análoga* ou *direta,* quando vem em primeiro lugar a *proposição* ou *oração principal,* a que se lhe seguem as secundárias; quando, ao contrário, são estas últimas as primeiras do *período,* diz-se estar ele na ordem *inversa* ou *transpositiva.*

A ordem *direta* ou *inversa* do período difere, pois, da ordem *direta* ou *inversa* das proposições: podem todas estas seguir a ordem *análoga* e ser transpositivo o período e *vice-versa.*

Em um *período,* seja qual for o número de membros que o componham, há sempre, como na frase, uma *proposição principal* ou mais de uma, se forem *coordenadas,* a que todas as demais se submetem e subordinam.

Proposição principal de um período define-se a que contém, gramaticalmente considerado, o sentido capital do período.

Numa *proposição absoluta* ou *principal* não pode haver conjunção subordinativa, mas coordenativa ou de simples ligação, o que é de prática no estilo bíblico:

> «***E*** depois, as lousas eram já tão frias!» (A. Herc.).
> «***E*** a cruz ficou por terra, enquanto eles espalhavam prodigiosamente o azougue fugitivo para descobrir o depósito do metal precioso » (Gonç. Dias).

Pode, outrossim, vir oculta em um período a *proposição principal.* Dá-se em geral essa elipse em algumas proposições de sentido optativo e imprecativo:

> «Cessem do sábio Grego e do Troiano
> As navegações grandes, que fizeram;
> Cale-se de Alexandre e de Trajano
> A fama das vitórias, que tiveram »
> (Cam.)

. . . Isto é, *é mister que cessem; é mister que se cale; convém que cessem; convém que se cale.*

Oh! Se eu pudesse! Ah! Se eu soubesse! Morra eu, se te não falei verdade.

. . . Isto é: *Oh seria feliz, se pudesse! Ah! seria feliz, se soubesse; desejo morrer, se te não falei verdade;* devendo-se, em tais casos, subentender as *proposições principais* que regem e subordinam as outras.

A *proposição principal* tem, em geral, o seu verbo no *modo indicativo,* no *condicional* ou no *imperativo,* sem conjunção alguma de subordinação, nem elemento algum subordinativo, que lhe suspenda o sentido.

Em geral, dizemos nós, porque sendo o imperativo acompanhado de negação enunciado pelas linguagens do modo subjuntivo, não se pode deixar de admitir que, em muitas frases portuguesas, sejam as proposições principais exprimidas

por este último modo verbal, cujas formas acidentalmente assumem em nossa língua.

Segundo a índole de nossa língua não se diz: *não faze, não fazei, não crê, não crede, não supõe, não suponde;* mas, empregando o modo subjuntivo: *não faças, não façais, não creias, não creiais, não suponhas, não suponhais;* onde é evidente que, se as proposições *faze, fazei, crê, crede, supõe, suponde* são *principais* em concorrência com outras que lhes são *secundárias,* a negação não lhes tira esse caráter, bem que a enunciação não possa, segundo o gênio e a índole da língua, exprimir-se pelas formas peculiares ao *imperativo,* senão pelas do *subjuntivo,* que as vêm substituir[97].

A língua latina emprega em tais casos já o modo *subjuntivo,* como é usual em português, já o *imperativo,* sendo o emprego do primeiro modo de uso mais frequente em prosa. Assim é que se encontram nos prosadores e poetas latinos as frases:

> «*Noli hoc facere* » (Cic.).
> « *Nolitote existimare*» (Idem).
> « *Ne credas*» (Hor.).
> « *Ne doleas plus nimium*» (Idem).
> « *Injurioso ne pede proruas stantem columnam*» (Idem).
> «*Ne parce malignus arenae ossibus et capiti inhumato particulam dare* » (Idem).
> «*Nimium ne crede colori*» (Virg.).
> «*Ne dubita*» (Idem).
> « *Ne time* » (Plaut.).

Outro tanto sucede, quando em sentido imperativo ou deprecativo nos valemos das formas pronominais *Você, Vosmecê, Vossa Mercê, o Senhor* e outras análogas, tão encontradiças na conversação corrente, as quais têm o valor lógico de pronomes da *2.ª pessoa,* porque representam sempre o ser a quem falamos; as formas do *subjuntivo* vêm, em tais casos, substituir as do *imperativo.*

Assim que se diz: *Francisco você* **vá** *ao Correio e* **veja** *se me vieram cartas da Europa;* **creia** *o Senhor* ou *Vosmecê no que lhe digo;* **confie** *em mim e não se arrependerá;* **dê** *graças à fortuna por se ter livrado deste perigo, agora* **pegue** *Você no homem da capa preta;* **tome** *sentido no que lhe digo; dê-me um abraço.*

---

97. Em Filinto encontra-se, contudo, o passo seguinte, que não harmoniza com as *tendencias idiomáticas no emprego normal do imperativo com a negação; e «Atrevei-vos, Poetas Líricos; ou não fazei odes: fazei Cantiguinhas com seus - Ai lé lê»* (**Obras Compl.**).

Nestes exemplos a mudança do modo nos verbos não arrasta às proposições à perda do caráter de *principais,* que têm quando enunciadas pelas linguagens do imperativo. Nessas maneiras de dizer um modo equivale ao outro.

Assim as proposições acima poderiam ser exprimidas do modo seguinte: *Francisco* **vai** *ao Correio e* **vê** etc.*;* **crê** *no que te digo;* **confia** *em mim e não te arrependerás;* **dá** *graças a fortuna* etc.*; agora* **pega** *no homem da capa preta;* **toma** *sentido no que te digo; dá-me um abraço.*

CAPÍTULO II

Dos complementos e sua divisão; aposto, compelativo ou fórmula vocativa; atributo superposto ou secundário; atributo do complemento. Adjuntos dos gramáticos ingleses.

Complemento é toda a palavra que se ajunta a outra para lhe completar o sentido. Nas locuções *amar a pátria, venerar a velhice, maquinar enredos, construir um edifício, compor poemas, traçar um desenho, concluir um trabalho, obedecer à lei, atender aos pedidos, assistir à sessão, presidir ao júri, tender para a perfeição, aspirar a tranquilidade, proceder de pais ilustres, amigo do alheio, sôfrego de riquezas, amante do jogo, da caça, dos prazeres, da pesca, o amor as letras, ao estudo, o gosto da leitura, dos livros, afeito ao trabalho, inclinado à guerra, propenso à devassidão, falho de virtudes* ou *em virtudes, firme em sua palavra, fiel ao juramento, morto de sede, de fome, de frio, de fadiga, às palavras, à pátria, à velhice, a enredos, um edifício, poemas, um desenho, um trabalho, à lei, aos pedidos, a sessão, ao júri, para a perfeição, à tranquilidade, de pais ilustres, do alheio, de riquezas, do jogo, da caca, dos prazeres, da pesca, às letras, ao estudo, da leitura, dos livros, ao trabalho, guerra, à devassidão, de virtudes, em virtudes, em sua palavra, ao juramento, de sede, de fome, de frio, de fadiga,* são *complementos* das palavras que lhes precedem pela razão de lhes completarem o sentido.

Distinguem-se duas espécies de *complementos: complemento* **direto** ou **imediato,** a que os gramáticos ingleses chamam **objeto direto,** e *complemento* **indireto** ou mediato, designado pelos mesmos gramáticos pela denominação de **objeto indireto.**

O primeiro é assim chamado, por ser pedido direta e imediatamente pela significação do verbo *transitivo direto,* completando-o, em geral, sem interposição de preposição; o segundo denomina-se *indireto* ou *mediato,* pela razão de completar, por intermédio de uma preposição, o sentido do verbo ou de qualquer outra palavra que peça complemento.

Nas frases: *amo a virtude, admiro a caridade, respeito a ciência, venero a velhice, defendo o meu direito, sustento minha opinião, tenho medo, tenho fome, possui muitos prédios, cortei o dedo, quebrou a cabeça, comprou uma chácara, cumpro meu dever,* as palavras *as virtudes, a caridade, a ciência. a velhice, o meu direito, minha opinião, medo, fome, muitos prédios, o dedo, a cabeça, uma chácara, meu dever,* são *complementos* **diretos** dos verbos *amo, admiro, respeito, venero, defendo, sustento, tenho, possui, cortei, quebrou, comprou, cumpro.*

Essa espécie de complementos só a possuem os verbos *transitivos* **diretos** ou usados como tais.

Nest'outras: *obedeço a meu dever, assistiu à sessão, presidiu à cerimônia, agrada a todos, aspira ao poder, preciso de dinheiro, careço de teu auxílio, depende de circunstâncias* são **indiretos** os complementos *a meu dever, à sessão, à cerimônia, a todos, ao poder, de dinheiro, de teu auxílio, de circunstâncias,* porque completam indireta e mediatamente a significação dos verbos *obedeço, assistiu, presidiu, agrada, aspira, preciso, careço, depende.*

Passa o mesmo com as expressões seguintes: *venho de casa, veio de longe, caminhou por montes e vales, oriundo de boa família, rico de ouro, perito na astúcia, cheio de orgulho, útil a pátria, propenso à mentira, inclinado aos vícios, órfão de pai e mãe, falto de ciência, privado de sua liberdade, fecundo em talento, abundante em tradições, falho em recursos, em dinheiro, dócil às admoestações, afeito ao trabalho, sujeito a erisipela, duro de roer, difícil de aprender, encostado ao bordão, cosido com a parede, recamado de estrelas, marchetado de flores, matizado de boninas, amor ao estudo, amor aos livros, paixão da guerra, dedicação ao dever, aplicação ao trabalho, tendência ao vício, o gosto da leitura, da música, da carreira militar,* em que são **indiretos** os complementos *de casa, de longe, por montes e vales, de boa família, de ouro, na astúcia, de orgulho, à pátria, à mentira, aos vícios, de pai e mãe, de ciência, de sua liberdade, em talento, em tradições, em recursos, em dinheiro, às admoestações, ao trabalho, à erisipela, de roer, de aprender, ao bordão, com a parede, de estrelas, de flores, de boninas, ao estudo, aos livros, da guerra, ao dever, ao trabalho, ao vício, da leitura, da música, da carreira militar.*

Quando o *complemento indireto* exprime uma circunstância de *lugar, tempo, meio, causa, modo, matéria, instrumento, quantidade, companhia, exclusão, preço* ou *estimação, fim, excesso, oposição, substituição* é geralmente denominado **circunstancial:**

«*No combate do Riachuelo* a esquadra Brasileira fez prodígios de valor»
«A batalha de Trafalgar ganhou-a Nelson *em 1805*»
«Ganharam os Turcos as casas *pelas quais foram descendo fortaleza*»
(Jac. Freire).

« Algumas destas mulheres se metiam *por entre as esquadras* armadas *a buscar* os seus mortos, mostrando ânimo *para perder* as vidas; lastimosas *nas feridas alheias, sem lástima nas suas*» (Idem).
«*A troco de seu sangue* deram-nos nossos pais a liberdade ».

«Que toma morrer *a troco*
De calar o que padece »
(Cam.).

«Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo colo que a neve escurecia » (Idem).

Aposto é qualquer palavra que, colocada imediatamente depois de outra, exprime com esta uma só e mesma pessoa ou coisa:

Tito, **delícias de Roma;** *Átila,* **flagelo de Deus;** *Sócrates,* **filósofo ateniense, filho de Sofronisco;** *D. Antônio de Macedo,* **bispo do Pará;** *Augusto Comte,* **fundador da escola positiva;** *Deodoro,* **chefe do governo provisório da República dos Estados Unidos do Brasil**; *Santos Dumont* e *Augusto Severo,* **arrojados aeronautas brasileiros**; *Ruy Barbosa,* **o notável embaixador Brasileiro em Haya;** *Floriano Peixoto,* o apelidado **marechal de ferro.**

O *aposto* pode ser de gênero e número diferente do gênero e número do elemento gramatical por ele modificado. *Os romanos,* **nação belicosa,** *fizeram a conquista do mundo.*

Os latinos diziam *aquila* **rex avium** ou **regina avium** e falando de sua filha Tullia, a apelidou Cícero: «Nostræ *deliciolæ Tulliola*».

Ao *aposto* chamam os gramáticos ingleses *adjunto atributivo.*

Todos eles se podem desdobrar numa *incidente ampliativa* ou *sentença adjetiva.*

Compelativo. Chama-se *compelativo* ou *fórmula vocativa* a palavra ou expressão que serve para enunciar a pessoa ou coisa a que nos dirigimos, quando falamos:

«*Orgulho humano,* que és tu mais? feroz, estupido ou ridículo?» (A. Herc.).

«Oh *glória de mandar!* Oh *vã cobiça*
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh *fraudulento gosto,* que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!»
(Cam.).

«*Filha!. . . filha!. . .* enfim és minha !
Só minha! de mais ninguém !
deixa-me ver os teus olhos
as roxas orlas que têm!.. .
a tua boca!. . . o teu riso!. . .
Adeus, *caminhos d'abrolhos !*
achei-te, *meu paraíso !*
Deus! Meu Deus! eu creio em ti!.. .»
(Th. Ribeiro).

Nesses exemplos são *compelativos* as expressões *orgulho humano, glória de mandar, vã cobiça, fraudulento gosto, filha! filha! caminhos de abrolhos! meu paraíso*! *Deus! meu Deus!*

Complemento direto superposto ou atributo do complemento. Verbos concretos há que parece regerem dois *complementos diretos,* sendo um o verdadeiro *regime* do verbo e ligando-se-lhe o outro por modo, que com ele constitui um só conceito, uma só ideia.

Tais são, entre outros, os verbos *chamar, apelidar, nomear, denominar, constituir, instituir, escolher, eleger, proclamar, criar, fazer, tornar, julgar, reputar, considerar* e outros de significação idêntica. A este segundo *regime* chamamos *complemento direto superposto* ou *atributo do complemento.*

Assim, nas frases: ele *o chamava seu mestre; o reputava grande escritor; fê-lo seu mentor; tornou-o seu servo; fê-lo seu cúmplice;* o verdadeiro *complemento* ou *regime direto* é o pronome *o* e as expressões *seu mestre, grande escritor, seu mentor, seu servo, seu cumplice* fazem de *complementos diretos superpostos* ou *atributos do complemento direto.*

> «Este o chamava *herege,* aquele, *judeu,* est'outro, enfim, *feiticeiro* » (J. F. Lisboa).

Nos *verbos pronominados* em que o pronome que os acompanha representa o papel de *complemento direto,* pode este ser igualmente seguido de um *complemento direto superposto: Eu me julguei* **feliz;** *eles se julgaram* **perdidos.**

> «Os ídolos *querem-se* **honrados** » «*Acho-me* **rico** com três cartas de V. S.» (Vieira).
> «Rapazes *querem-se* alegres e bem comidos» (Eça de Queiroz).

A identificação deste segundo complemento com o verbo torna-se patente e manifesta em certos casos, em que verbo e complemento se incorporam e fundem num só vocábulo.

Assim *amplificar um objeto é torná-lo amplo; purificá-lo é torná-lo puro; beatificá-lo é torná-lo beato; rarefazê-lo é torná-lo raro; clarificá-lo é torná-lo* ou *fazê-lo claro; identificá-lo é fazê-lo idêntico.*

O *atributo do complemento direto* é algumas vezes precedido da preposição *de, por, em, a,* do advérbio *como* ou de uma *locução adverbiada ou prepositiva:*

Ele se tem **por ilustrado;** *nós os havemos* **por perdidos**; não se *deu* **por achado;** *qualificaram-no* **de arrogante; ele** *apelida-se* **de Rodrigues;** *tiveram-no sempre* **por libertador** *de seu país; todos o consideravam* **como um aventureiro;** *haver* **por**

melhor *fazer alguma coisa; ter* **por bom partido** *praticar uma ação; graduar-se* e doutor; *ordenar-se* **de presbítero**; *tirar, pôr* **a salvo** ou **em salvo** *alguma coisa; pô-la* **a bom recato**; *taxar alguém* **de ateu**; *taxar a medicina* **de falível**; *alcunhar alguém* **de grosseiro**; *ter* **por menoscabo** *praticar* ou *fazer alguma coisa; ter a vida* **em menospreço**; *eles o puseram* **de imbecil**; *o terrível mal que intitulam* **de peste bubônica**; *havê-la* **a desaire**; *capitularam-no* **de político extremado**; *ter-se* **em seguro de alguma pecha**.

> «E Vasco da Gama houve *por melhor* o recolher-se também a seus navios» (Latino Coelho).
> «Teve *por bom partido* continuar a sua derrota» (Idem).
> «Frequentando o sexto ano, graduou-se *de doutor* » (Idem).
> «Vieira enriqueceu a língua com palavras e modismos que João de Barros houvera taxado *de contrários à* vernaculidade » (Idem).
> «Nos braços dos amigos *a salvo* torno a ver-me» (Garret).
> « Um juiz prevaricador acredita pôr *a salvo* sua consciência lavando as mãos » (Mont'Alverne).
> « De que a maior fortuna nos não pode tirar *a salvo* sem grande detrimento da fama » (Vieira).

A este segundo complemento, a que damos a designação de *complemento direto superposto* ou *atributo do complemento,* chamam os gramáticos alemães *objeto factivo,* por ser de ordinário o verbo *fazer (facere)* o tipo dos verbos com os quais se dá essa construção.

Atributo superposto ou **secundário**. Há, outrossim, alguns verbos concretos intransitivos, que, afora o *atributo* que implicam e encerram, têm mais um *atributo* extrínseco, sendo neste particular semelhantes ao *verbo abstrato* **ser.** Tais são os verbos *ficar, estar, parecer, permanecer, dormir, acordar, cair, nascer, viver, morrer, existir,* em frases como as seguintes: *Fiquei atento; estou doente; parece louco, permaneceu firme; nasceu, viveu e morreu pobre, parto contente; saio satisfeito, durmo tranquilo, acordou triste, caiu doente; chegou são e salvo, entrou risonho.*

A esses *atributos,* pedidos pela significação de tais verbos, denominamos *superpostos* ou *secundários,* pela razão de se ajuntarem aos *atributos primitivos,* implícitos e encerrados nos mesmos verbos concretos, como aos verbos transitivos, de que atrás falamos, se ligam os complementos ditos *superpostos, secundários* ou *atributos do complemento.*

Alguns gramáticos, como Mason, denominam esse *atributo superposto* **complemento subjetivo,** por analogia ao *complemento direto superposto* ou *atributo do complemento,* a que chamam **complemento objetivo.**

Passa o mesmo com certas proposições passivas, em que se nota essa dualidade de atributos.

Tais são, entre outras, as seguintes: *Fui eleito* **senador;** *sou chamado* **Hostilio;** *foi nomeado* **professor;** *é considerado* **sábio**; *fez-se* **pálido** *de medo; tornou-se* **macilento;** *foi proclamado* **orador.**

Processo análogo seguiam os latinos já com respeito ao *complemento direto,* já relativamente ao *atributo,* a que superpunham um complemento ou atributo, dizendo:

« *Homines caccos reddit cupiditas et avaritia*» (Cic.).
«*Nemo nascitur dices*» (Senec.).
«*Omnes se timidos vocant*» (Sal.).
«*Ducebar felix*» (Ovid.).

Como o *complemento superposto* ou *atributo do complemento,* pode também o *atributo superposto* ou *secundário* ser acompanhado de uma *preposição,* de um *advérbio* ou de uma *locução prepositiva,* como no-lo ensinam os seguintes exemplos: *É tido e havido* **por desordeiro;** *é intitulado* de **proclamador da república;** *era tido e havido* **em conta de tolo** *pelos velhacos; é reputado* como o precursor da liberdade; *foi graduado* **de doutor em ciências médicas**, *ficou* **ao abrigo dos doestos**.

Adjunto. Chama-se *adjunto,* segundo a terminologia das gramáticas inglesas, uma palavra ou um certo número de palavras que se ajuntam a outra para a definir, limitar ou qualificar.

São *adjuntos* das palavras a que modificam os *adjetivos qualificativos* ou *determinativos,* os *apostos,* os *advérbios* e os *substantivos precedidos de preposição,* a que chamamos *complementos indiretos* ou *determinativos* dos substantivos.

Os *adjuntos* dividem-se em **atributivos e adverbiais.**

Assim nas expressões; *varão ilustre, soldado valente, homem estimado, país fértil, linguagem fluente, rio caudaloso, mulher virtuosa, menino dócil, cidade industriosa, meu livro, teu engenho, vossos bens, seus haveres, este homem, um pássaro, dois batalhões, cada menino, todos os discípulos, alguns oficiais, o primeiro andar, o quinto batalhão,* os adjetivos *ilustre, valente, estimado, fértil, fluente, caudaloso, virtuosa, dócil, industriosa, meu, teu, vossos, seus, este, um, dois, cada, todos, alguns, o primeiro, o quinto* são **adjuntos atributivos** dos substantivos a que modificam.

Nas expressões: *Camões, autor dos Lusíadas; Dante, o famoso autor da Divina Comédia; Virgílio, cisne de Mântua; Tácito, historiador romano; Thucydides, historiador grego; Edmundo Burke, celebre orador britânico,* são designados **adjuntos atributivos** dos substantivos a que explicam e modificam os *apostos «autor dos*

«Lusíadas », o famoso autor da «Divina Comédia», cisne de Mântua, historiador romano, historiador grego, celebre orador britânico.

Nas expressões: *rico de ouro, pobre de virtudes, cheio de vinho, abundante em cereais, privado de liberdade, falho em dinheiro, ornado de galas falto de discernimento, oriundo de boa família, procedente de pais ilustres, obediente aos mestres, aplicado ao trabalho, dado ao estudo, dedicado aos amigos, afeito aos sacrifícios, acostumado a trabalhar, influído nos estudos, metido nas encolhas, transformado em mendigo, tornado em soldado, transmudado em estudante, comido dos bichos, cosido com a parede, unido ao muro, envolto em trevas, encostado à coluna, empenhado em lutas, fundado em princípios, contente com sua sorte, satisfeito com o bom gasalhado, voltado para o sul, virado para o nascente,* são **adjuntos adverbiais** dos adjetivos que lhes precedem as expressões *de ouro, de virtudes, de vinho, em cereais, de liberdade, em dinheiro, de galas, de discernimento, de boa família, de pais ilustres, aos mestres, ao estudo, aos amigos, aos sacrifícios, a trabalhar, nos estudos, nas encolhas, em mendigo, em soldado, em estudante, dos bichos, com a parede, ao muro, em trevas, a coluna, em lutas, em princípios, com sua sorte, com o bom gasalhado, para o sul, para o nascente.*

Semelhantemente são **adjuntos adverbiais** todos os *advérbios, locuções adverbiadas* ou modos de dizer, empregados como tais, que modificam os verbos a que se ajuntam, como se nota nos seguintes modos de dizer: Morreu *de fome, de medo, de frio,* canta *bem;* canta e toca *maravilhosamente;* dorme *profundamente;* saiu às *escondidas,* olhou-me *de soslaio,* amava-o *com muita sinceridade;* andava *de rojo;* andava *de gatinhas;* andar às *cavalinhas;* ficar *a cavaleiro do inimigo,* come *com voracidade;* riu-se *a bandeiras despregadas,* tomou a praça *à viva força, à escala vista;* levou tudo *de vencida;* fez tudo isso *de mão comum;* soube tudo *por miúdo* ou *pelo miúdo;* soube *de boa mão;* paguei à *minha custa,* conquistou tudo *a troco* ou *em troco de assíduo trabalho,* irrita-se *por dá cá aquela palha, há de pagar tim-tim por tim-tim, vender tudo por hora da morte.*

São ainda chamados *adjuntos adverbiais* os *advérbios,* quando modificam outros *advérbios* ou *locuções adverbiadas* com que concorrem: *Muito cedo, muito tarde, muito pensadamente, muito de concerto, muito mão por mão, bem pausadamente, bem ao seu pesar, muito de veras, bem longe, bem perto, bem a seu contento, muito à sua vontade, multo a seu bel prazer, completamente a seu talante, muito à fresca, muito de propósito, logo em fresco, bem a seu salvo, muito à puridade, muito de atropelo, muito de afogadilho, muito de pressa, bem devagar, bem às escancaras, muito de vontade, muito de coração, tão sem medida, tão sem conselho.*

CAPÍTULO III

Dos sistemas de análise

A dois podemos reduzir todos os sistemas de análise, a que chamaremos *sistema francês* e *sistema inglês,* de que daremos aqui alguns espécimens.

Já vimos que a *análise lógica* é a decomposição da *proposição* em seus elementos lógicos ou essenciais; nela distinguem-se as várias *proposições,* suas relações e os diversos complementos e acessórios, que, unidos a cada um dos termos que constituem a matéria da proposição *(sujeito* e *atributo),* formam um só todo.

Análise Lógica

A mentira é detestável.

Sistema francês

Proposição **absoluta** ou **independente.**

Sujeito - *a mentira (simples* e *incomplexo);* **verbo** ou **copula** -- *é;* **atributo** ou **predicado** - *detestável (simples* e *incomplexo)*[98].

Sistema inglês

Sentença **simples.**

Sujeito - **a** *mentira (simples* e acompanhado do seu *adjunto atributivo- a),* **predicado** - **é** *detestável (simples* e *complexo).*

---

98. Alguns gramáticos franceses só dão o nome de **complexo** ao *sujeito* ou ao *atributo,* quando são esses acompanhados de um *complemento;* mas, se damos esse epíteto ao sujeito ou atributo, quando modificados por algum *acessório* ou *adjunto,* denominando assim toda a palavra que se ajunta a outra para a definir, limitar, qualificar ou completar, apelidaremos de *complexo* o *sujeito* ou *atributo,* quando for acompanhado de um *adjetivo* qualquer, que o determine ou qualifique, de um *complemento,* de uma *oração,* de um elemento gramatical, seja qual for, que lhe modifique o sentido. Na frase francesa *L'herbe est verte* consideram Brachet e Dussouchet o sujeito *incomplexo,* por não ser acompanhado de um *complemento;* mas, sendo *acessório* ou *adjunto* o artigo que acompanha o *sujeito,* devemos antes considerá-lo *complexo.*

A sede do ouro suplanta em alguns espíritos o sentimento da honra.

Sistema francês

Proposição **absoluta** ou **independente.**

Sujeito - *a sede do ouro (simples* e *complexo); do ouro* - **complemento indireto, determinativo** de *sede* (palavra fundamental do *sujeito);* **verbo**- *suplanta* (verbo *concreto* ou *atributivo,* que encerra em seu *radical* a parte fundamental do *atributo);* **complemento direto** *o sentimento da honra,* **complemento indireto, circunstancial** *--em alguns espíritos;* a expressão *da honra* é **complemento determinativo** de *sentimento* (palavra fundamental do *complemento direto);* **atributo** ou **predicado** - *suplanta em alguns espíritos o sentimento da honra* (é *simples* e *complexo).*

Sistema inglês

Sentença **simples.**

Sujeito - *a sede do ouro (ampliado)*[99]; **predicado** - *suplanta em alguns espíritos o sentimento da honra (complexo);* a expressão *do ouro* é **adjunto atributivo** do substantivo *sede* (palavra fundamental do *sujeito);* **objeto direto** - *o sentimento da honra;* **adjunto adverbial** (modificativo da extensão do *predicado)- em alguns espíritos,* a expressão *da honra* figura de **adjunto atributivo** do substantivo *sentimento* (palavra fundamental do *objeto direto).*

«***Tudo cura o tempo, tudo digere, tudo acaba*».**

Sistema francês

Frase composta de três *proposições coordenadas* com o elemento conectivo subentendido.

Sujeito da primeira proposição - *o tempo* (*simples e incomplexo); verbo -cura* (verbo *atributivo,* que em seu *radical* encerra a parte fundamental do *atributo); tudo* é o **complemento direto** do verbo *cura;* o **atributo** e a expressão total *cura tudo (é simples* e *complexo).*

A segunda *coordenada* tem por **sujeito** o mesmo vocábulo *o tempo,* que se subentende; **verbo- cura** (verbo *concreto* ou *atributivo,* que encerra a parte

99. A maior parte dos gramáticos ingleses denominam *ampliados* os sujeitos a que nós chamamos *complexos.*

fundamental do *atributo); tudo* é o **complemento direto** do verbo *digere; tudo digere* é o **atributo** ou **predicado** da proposição (é *simples* e *complexo).*

Na terceira *coordenada* o **sujeito** é *o tempo;* o **verbo** é *acaba* (verbo *concreto* ou *atributivo,* que encerra a parte fundamental do *atributo); tudo* é o **complemento direto** do verbo *acaba, acaba tudo,* e o **atributo** *(simples* e *complexo).*

Sistema inglês

Sentença composta *contracta.*

Sujeito da primeira *sentença - o tempo,* predicado *-cura tudo,* objeto direto - tudo.

Sujeito da segunda - o mesmo vocábulo *o tempo,* **predicado** - *tudo digere,* **objeto direto - tudo.**

Sujeito da terceira - o *tempo;* **predicado - tudo** *acaba,* **objeto direto** da forma verbal *acaba - tudo.* O sujeito das três *sentenças* é *simples* e *complexo* o **predicado.**

***Se eu fosse rico, tu serias feliz*[100].**

Sistema francês

Frase ou *período* composto de duas *proposições* ou *membros:* uma **principal - tu** *serias feliz;* outra, **subordinada** *(de primeira ordem)-se eu fosse rico,* ligadas pelo elemento subordinativo *se,* que subordina a primeira a segunda.

Sujeito da **principal**- *tu* (*simples* e *incomplexo);* **verbo** - *serias,* **atributo** - *feliz (simples* e *incomplexo).*

Sujeito da **subordinada**- *eu* (*simples* e *incomplexo);* **verbo** - *fosse,* **atributo** - *rico* (*simples* e *incomplexo*).

Sistema inglês

Sentença **complexa** que contém uma *sentença* **principal - tu** *serias feliz* e uma *sentença* **subordinada** ou **cláusula adverbial** *-se eu fosse rico,* ligadas pela conjunção de subordinação *se.*

Sujeito da **principal** - *tu (simples* e *incomplexo);* **predicado** - *serias feliz.*

Sujeito da *sentença subordinada* ou **cláusula adverbial** - *eu*; **predicado** - *fosse rico (simples* e *complexo).*

100. Num *período* ou frase, assim constituída, composta de uma *subordinada condicional,* a que se segue a *proposição principal,* recebe aquela o nome de *prótase;* esta, o de *apódose.*

Asseguro-te que serás feliz nessa empresa.

Sistema francês

Frase composta de duas *proposições,* das quais é **principal** a primeira e **subordinada** (de *segunda ordem,* **integrante**) a segunda.

Sujeito da **principal** - *eu* (subentendido), é *simples* e *incomplexo;* **verbo** - *asseguro* (verbo *concreto* ou *atributivo,* que em sua radical encerra a parte principal ou fundamental do *atributo);* o **complemento direto** é a expressão *que serás feliz nessa empresa;* o **complemento indireto** é representado pela *variação pronominal enclítica* **te;** o **atributo** ou **predicado,** pelo verbo *asseguro* e seu *complemento direto* e *indireto.*

Sujeito da **subordinada** - *tu;* **verbo** - *serás;* **atributo** - *feliz* conjuntamente com o seu **complemento indireto circunstancial** - *nessa empresa.*

As duas *proposições* são ligadas pela conjunção subordinativa *que.*

Sistema inglês

Sentença complexa, constituída por uma *sentença* principal e uma subordinada ou cláusula substantiva.

Sujeito da *sentença* **principal** - *eu (simples* e *incomplexo);* **predicado** - *asseguro-te que serás feliz nessa empresa; a enclítica pronominal* **te** é o **objeto indireto** do verbo *asseguro,* cujo **objeto direto** é toda a **cláusula subordinada** que se lhe segue.

Sujeito da **subordinada** - *tu* (que se subentende), é *simples* e *incomplexo;* **predicado** - *serás feliz nessa empresa (simples* e *complexo); nessa empresa* é **adjunto adverbial** do adjetivo *feliz.*

As duas sentenças são ligadas pela conjunção subordinativa *que,* a qual subordina a segunda à primeira.

Quando o orador terminou seu discurso,
aclamaram-no estrepitosas saudações.

Sistema francês

Frase ou *período* composto de duas *proposições* ou *membros,* uma **principal,** outra **subordinada** (de *primeira ordem).*

A **principal** é a seguinte, colocada em segundo lugar, *aclamaram-no estrepitosas saudações;* a **subordinada** é a primeira enunciada -quando *o orador terminou o seu discurso.*

Sujeito da **principal**- *estrepitosas saudações (simples* e *complexo);* **verbo** - *aclamaram* (verbo *concreto* ou *atributivo,* que contém a parte fundamental do *atributo);* **predicado** ou **atributo** - *aclamaram-no;* O pronome *o,* encerrado na combinação *no,* é o **complemento direto** do verbo *aclamaram.*

O **sujeito** da **subordinada** (de *primeira ordem) é o orador (simples* e *incomplexo),* o **verbo** é *terminou* (verbo *concreto* ou *atributivo,* onde se inclui a parte fundamental do *atributo);* o **complemento direto** é *seu discurso;* o **atributo** ou **predicado** é *terminou seu discurso (simples* e *complexo).*

As duas *proposições* são ligadas pelo elemento conectivo *quando,* que subordina a *primeira proposição* à segunda.

Sistema inglês

Sentença complexa em que há uma **sentença subordinada** ou **cláusula adverbial** e uma **principal.**

Sujeito da sentença principal - *estrepitosas saudações (ampliado); estrepitosas,* **adjunto atributivo** de *saudações;* **predicado** -*aclamaram-no;* o pronome *o,* contido na combinação *no,* é **objeto direto** do verbo *aclamaram.*

Sujeito da *sentença* **subordinada** ou **cláusula adverbial** *orador;* o artigo que precede a palavra *orador* é **adjunto atributivo;** o **predicado** dessa **sentença subordinada** é *terminou o seu discurso* (*simples* e *complexo);* o **objeto direto** é *o seu discurso,* sendo o artigo *o* e o possessivo *seu* **adjuntos atributivos** da palavra *discurso.*

As duas *sentenças* são ligadas pelo elemento conectivo *quando,* que subordina a primeira *sentença* ou *cláusula adverbial* à *sentença principal.*

Pasteur, que foi uma glória da França,
abriu novos horizontes ao conhecimento das bactérias.

Sistema francês

Frase que contém duas proposições, das quais é **principal** a segunda - *abriu novos horizontes ao conhecimento das bactérias,* é **subordinada** *(de segunda ordem - incidente)* a primeira, unidas pelo conectivo *que,* o qual subordina uma à outra.

Sujeito da **principal - Pasteur,** *que foi uma glória da Franca (simples* e *complexo);* **verbo** - *abriu*; **complemento direto** - *novos horizontes;* **complemento indireto** - *ao conhecimento das bactérias,* esse *complemento indireto* contém o vocábulo *conhecimento* (palavra fundamental) e seu *complemento indireto determinativo* - das *bactérias;* o **atributo** é o verbo *abriu* com seus dois complementos *direto* e *indireto.*

O **sujeito** da **subordinada** é *Pasteur,* modificado pelo adjetivo *que,* o **verbo** é *foi;* o **atributo** é *uma glória da França; da França* é **complemento indireto, determinativo** do vocábulo *glória,* modificado, por sua vez, pelo adjetivo *determinativo* **uma.**

Sistema inglês

Sentença **complexa,** que encerra a *sentença* **subordinada** ou **cláusula adjetiva**- *que foi uma glória da França* e **a** *sentença* **principal** - *abriu novos horizontes ao conhecimento das bactérias.*

Sujeito da principal - *Pasteur, que foi uma glória da Franca* (sujeito *ampliado); novos horizontes* - **objeto direto** do verbo *abriu, ao conhecimento das bactérias* - **objeto indireto** do mesmo verbo; **predicado** - a expressão *total abriu novos horizontes ao conhecimento das bactérias,* o adjetivo conjuntivo *que* figura de **adjunto atributivo** do substantivo *Pasteur; uma, da França* - **adjuntos atributivos do substantivo** *glória - novos;* **adjunto atributivo** de *horizontes: das bactérias;* **adjunto atributivo** de *conhecimento.*

As duas *sentenças* ligam-se pelo conectivo *que,* o qual subordina a primeira *sentença* à segunda.

A lua, coando os seus raios pelas clareiras do bosque, prateava de luz tremula e frouxa o sítio daquele amorável colóquio.

Sistema francês

Frase, que consta de duas **proposições,** sendo a primeira **subordinada** (de *segunda ordem,* **incidente**) e a segunda **principal.**

Sujeito da **principal**- *a lua coando seus raios pelas clareiras do bosque* (*simples* e *complexo);* **verbo** - *prateava* (verbo *concreto* ou *atributivo,* que em seu radical encerra a palavra principal ou fundamental do *atributo),* **complemento direto**- ***o sítio,*** seguido de seu **complemento indireto, determinativo** - *daquele amorável colóquio; de luz trêmula e frouxa* é **complemento indireto, circunstancial** do

verbo *prateava;* **atributo** ou **predicado** - *prateava de luz tremula e frouxa o sítio daquele amorável colóquio.*

Sujeito da subordinada - *a lua;* **verbo** - *coando;* **complemento direto** -*seus raios,* **complemento indireto, circunstancial**- *pelas clareiras do bosque; do bosque,* complemento indireto determinativo de *clareiras;* **atributo ou predicado** - *coando seus raios pelas clareiras do bosque.*

Sistema inglês

Sentença que contém uma *sentença* **principal** e uma *frase participial,* servindo de **adjunto atributivo** da palavra *lua.*

Sujeito- *a lua coando os seus raios pelas clareiras do bosque;* **predicado** - *prateava de luz trêmula e frouxa o sítio daquele amorável colóquio;* **objeto direto** de *prateava - o sítio, daquele amorável colóquio* - **adjunto atributivo** de *sítio, de luz trêmula e frouxa* - **adjunto adverbial;** *seus raios* - **objeto direto** do particípio *coando, pelas clareiras do bosque* **adjunto adverbial** de *coando; do bosque* - **adjunto atributivo de** *clareiras.*

CAPÍTULO IV
Da Concordância

I
Da concordância em geral; relações das palavras umas com as outras

Distinguem-se na sintaxe duas espécies de relações gerais: *relações de identidade* e *relações de determinação,* chamada também de *diferença, dependência* ou de *regime.*

As relações de *identidade* constituem o fundamento da *sintaxe de concordância;* as de *determinação,* o fundamento da *sintaxe de regência, dependência* ou *regime.*

Estas relações *sintáticas* ou dizem respeito às palavras ou partes da *proposição,* ou às *proposições* mesmas; no primeiro caso a *sintaxe* denomina-se *sintaxe das palavras,* no segundo, *sintaxe das proposições.*

Chama-se **concordância** a correlação que há entre as palavras ou termos da *proposição,* entre as *proposições coordenadas, principais* ou não, e entre as várias frases ou membros do um *período.*

São sinais de *concordância* as *terminações genéricas* e *numerais* dos *adjetivos,* as *numerais* e *pessoais* dos *verbos,* as *conjunções* e a *colocação* ou *posição.*

A *concordância* diz-se **regular,** quando as partes concordantes correspondem às concordadas, sem ser necessário recorrer a suplemento algum; no caso contrário, é a concordância **irregular.**

Estudando as várias relações das palavras umas com as outras na mesma *proposição* ou *sentença* e mirando-as à luz diferente da em que as estudam os gramáticos franceses, distinguem os ingleses quatro classes principais de *relações,* a que chamam **predicativa, atributiva, adverbial** e **objetiva.**

Relação predicativa é a que subsiste entre o *predicado* de uma *proposição* ou *sentença* e seu *sujeito.*

Assim na *proposição - Pedro é virtuoso* - é *predicativa* a relação que liga o *predicado* **é virtuoso** ao sujeito **Pedro**.

Relação atributiva é a que subsiste entre um *adjetivo* ou qualquer palavra equivalente a essa categoria gramatical e o *substantivo* ou *pronome: Oswaldo Cruz, exímio higienista Brasileiro; Pedro é um político de princípios, de honra; é um poeta de grande inspiração.* As palavras *exímio higienista* ligam-se ao substantivo *Oswaldo* Cruz por uma *relação atributiva, brasileiro,* ao substantivo *higienista,* pela mesma relação; ocorrendo o mesmo com o adjetivo *um* e as expressões *de princípios, de*

honra, em relação à palavra *político;* com o adjetivo *um* e a expressão *de grande inspiração* relativamente à palavra *poeta* e ainda com o adjetivo *grande* no tocante ao vocábulo *inspiração,*

Relação adverbial é a que subsiste entre o advérbio ou qualquer expressão que tenha o mesmo valor significativo e o elemento da sentença por ela modificado.

Assim que nas expressões *muito honesto, bem patente, trabalhar com constância, escrever de carreira, proceder com modéstia, falar alto, gritar em altas vozes, falar baixo, falar de fugida, escrever de pressa, rir-se a bandeiras despregadas, dormir a bom levar,* as expressões *muito, bem, com constância, de carreira, com modéstia, alto, em altas vozes, baixo, de fugida, de pressa, a bandeiras despregadas, a bom levar,* estão em *relação adverbial* para com os adjetivos e verbos a que modificam.

Relação objetiva é a que prende o *objeto direto* ou *indireto* (*complemento direto* ou *indireto* segundo a terminologia francesa) ao verbo ou ao particípio que o exige. Nos exemplos. *Emílio venera a velhice, aborreço o vaidoso, a música deleita-me obedeço aos meus superiores, ouvindo o canto do grilo, não podia dormir, aspirava a elevadas honrarias,* as expressões *a velhice, o vaidoso, me, aos meus superiores, o canto do grilo, dormir, a elevadas honrarias* estão em *relação objetiva* relativamente aos verbos *venera, aborreço, deleita, obedeço, ouvindo, podia, aspirava.*

As línguas assemelham-se mais por sua sintaxe de *concordância* que pela de *determinação* ou *regime.*

Assim é que em quase todas as que contam palavras *variáveis* e *invariáveis,* varia o *adjetivo* para indicar as relações que tem com o *substantivo* ou *pronome,* singular ou plural, masculino ou feminino; varia o *verbo* para significar as relações de conveniência com os números e com as pessoas dos *nomes* e *pronomes,* com o modo da enunciação da existência por ele exprimida e com a época em que se realiza a ação ou o acontecimento.

É uma consequência natural do uso, seguido pela maior parte dos idiomas na distinção e discriminação dos elementos do discurso.

Com a *sintaxe de regência* não passa o mesmo, mostrando-se o uso mais vário, arbitrário e caprichoso no modo como os idiomas estabelecem as relações de dependência ou subordinação dos elementos do discurso, uns relativamente aos outros.

Assim, numas línguas são essas relações indicadas pelos *casos* ou pelas *preposições;* noutras, por estas principalmente, nem sempre havendo nos diversos idiomas correspondência exata entre as *preposições* e os *casos,* que empregam como sinais dessas mesmas relações; noutras, em suma, tais relações estabelece-as a simples e mera posição, o que bem ao claro se mostra no monossilabismo.

É de notar que, conforme os intuitos do espírito, pode o mesmo *adjetivo* indicar com o *nome* uma relação dupla, já determinando-o, já denotando uma relação de conveniência entre ambos.

II
Da concordância do adjetivo

O *adjetivo* concorda em gênero e número com o *substantivo* a que se refere: *Um homem virtuoso, uma mulher virtuosa, homens virtuosos, mulheres virtuosas.*

> «A *cidade* em si é *cercada* de muro muito forte e de boa cantaria» (F. Mend.).

O *substantivo,* quando empregado adjetivamente, concorda, de ordinário, em gênero e número, como o *adjetivo,* com o *substantivo* a que modifica: *Um homem gênio na pintura, um rei soldado, uma mulher vivandeira;* Joana d'Arco fez prodígios de valor: era *uma heroína;* os *Scipiões, heróis* de muitos triunfos; *Safo* era *poetisa* inspirada.

Se o substantivo só tem a forma masculina, pode na única forma que possui qualificar um substantivo, ainda que seja est'outro do gênero feminino: Aquela *menina* é um *azougue;* aquela *criança* é um *bobo;* as nossas *naus* eram *coriscos;* aquela *mulher* é *homem* na coragem e no denodo.

Inversamente pode um substantivo feminino ou que só possui essa forma servir de modificativo a um substantivo masculino: É um *homem mulher* na pusilanimidade e na fraqueza; *militar, honra* e *glória* de sua pátria.

Se o adjetivo se referir a dois ou mais substantivos, todos do gênero masculino e do número singular ou plural, irá para o plural, tomando a terminação masculina: Um *soldado* e um *oficial corajosos, comandante* e *soldados dispostos* a morrer por sua pátria.

> «Vinha com o *vestido* e *calçado rotos*».

Se o adjetivo se referir a substantivos do singular ou plural e do gênero feminino, irá para o plural para a terminação feminina: Uma *rosa* e uma *violeta lindíssimas; mãe* e *filhas satisfeitas* com a modesta vida que levavam ali.

> «As *ruas* e *praças cheias* de sangue e tudo de par em par ao ferro e ao fogo» (Luc.).

Sendo os substantivos de gênero diferente, por-se-á o adjetivo no plural, na terminação masculina, quer sejam os substantivos do número singular, quer do plural:

«O *mantéu* e a *roupeta* que (certo clérigo) trazia, além de *rotos,* estavam no último fio de *velhos* e *gastados* » (Souza).
« Os *louros* e *heras* por ti *honrados*» (Ferreira).
« Não são vossos *poderes* e *liberalidade* tão *limitados* » (Paiva).
«De branca seda leva o caro esposo / As *calças* e o *jubão* de ouro lavrados » (Corte Real).

Isto não obstante, não é raro encontrar em escritores de boa nomeada exemplos em que o adjetivo concorda com o substantivo mais vizinho, se são todos do número plural, qualquer que seja o gênero desse substantivo, ou com o substantivo plural, quando todos os substantivos não são desse número: «Seus *temores* e *esperanças* eram *vãs*», «as *fazendas* e o *dinheiro* eram *muitas* ».

«Entre as ervas do prado
Não há *machos* e *fêmeas conhecidas?*»

Mas já noutro passo disse o mesmo autor dos *Lusíadas:*

«Porque essas *honras vãs,* esse *ouro puro*
Verdadeiro valor não dão à gente:
Melhor é merecê-l*os* sem *os* ter,
Que. . . possuí-l*os* sem *os* merecer.»

Também se encontram entre os clássicos, embora mais raramente, exemplos em que, sendo muitos os substantivos do plural e de gênero diferente, a concordância não se faz com o último, mas com o substantivo que indica a ideia mais importante, seja embora este substantivo do gênero feminino:

«Não deixavam os olhos de ver coisas muito grandiosas nas *cidades, vilas* e *lugares,* que ao longo deste grande rio estavam *situadas*» (F. Mendes).

Quando são os substantivos sinônimos ou quase sinônimos, o adjetivo concorda com o último substantivo:

« Sendo **a** *multidão* e **a** *variedade* dos gostos delas quase *infinita*» (Vieira).

«**A** *virtude, valor, magnanimidade* e *esforço próprio*»
«*O amor* e **a** *amizade verdadeira* não nas bonanças, mas na adversidade se conhece »
(Morais-Palm.).

Quando há gradação nas ideias enunciadas pelos substantivos, ou ainda quando o último exprime uma ideia ou conceito que resume todas as ideias significadas por cada um deles, concorda o adjetivo com o último, que é então a palavra dominante: *No cumprimento de seus deveres tinha aquele homem um* **zelo,** *uma* **severidade,** *uma* **exação extraordinária;** *seu* **desinteresse,** *seu* **amor,** *suas* **ações** *gloriosas, sua* **virtude, tudo ficou** *esquecido depois de sua morte, o* **céu,** *a* **terra,** *o* **mar, todo o universo** *e* **cheio** *da glória do Senhor.*

Quando são os substantivos unidos pela conjunção *ou,* põe-se o adjetivo no singular, concordando com o último.

1.° Quando só qualifica este último: Uma flor ou *um fruto* muito *saboroso;* um regato ou um *rio caudaloso.*

2.° Quando o segundo substantivo é apenas uma repetição, um desenvolvimento do primeiro:

«Ordenou que a trouxessem a um *circuito* ou *pátio,* cercado de paredes altas com ameias » (D. de Goes).

Nos mais casos, referindo-se o adjetivo a muitos substantivos, ligados pela conjunção *ou,* fica no singular, ou plural, sendo mais frequente o singular, salvo quando com o emprego desse número se torna a frase obscura e equívoca: *Vivem muito os selvagens da baía de Hudson, bem que se alimentem de* **carne** *ou* **peixe crus;** *procuram contratar um* **homem** ou *uma* **mulher idosos**; *estava nos braços do ancião um* **menino** *ou uma* **menina encantadora;** *vem boiando à tona d'água um cadáver: e um* **homem** *ou uma* **mulher afogada.**

«Mas quando contende o filho com o pai ou com a mãe, a palavra é do *pai* ou da *mãe vencida*» (Vieira).

A expressão **um e outro** pode ser correlata a dois substantivos de gênero diferente e conservar-se sem sofrer variação.

«Eu devia-lhe a vida e o reino, ele um e outro me tirou» (J. Freire).
«Nesta vida há morte, na outra inferno, e ainda é pior que um e outro o esquecimento de ambos » (Vieira).

Com essa mesma expressão fica sempre no singular o substantivo a que se ela refere. Assim se diz: *um e outro menino, ume outro estudante, um e outro general.*

«A casa pia já nos seus primeiros tempos compreendia casas de correção para *um e outro seco* » (Lat. Coelho).

. . . Disse, porém, Fr. Luiz de Souza:

«Não eram bem despedidos de *um e outro arcebispos* ».

Diz-se em português: *os vícios e não as virtudes são* **os** *que entre si discordam* e não: *os vícios e não as virtudes são* **as** *que entre si discordam,* porque o segundo substantivo- as *virtudes - é* excluído da afirmação pelo advérbio. negativo, tornando-se predominante a ideia exprimida pelo primeiro.

O vocábulo *meio,* quando empregado como modificativo de um *adjetivo,* é considerado, já o dissemos, como *advérbio* e conseguintemente invariável:

« *Meio gastados* de tantas mil léguas de navegação » (Lucena).
«Minha *meio rural, meio urbana* paróquia» (Herc.).
«Carnes *meio devoradas* pelos cães» (Idem).
«Olhos mortais e *meio cerrados* » (Idem).
«Algumas destas inscrições eram antigas e *meio gastadas» (Idem).*
« *Meio arrancados* dos cintos» (Idem).
« *Meio despiedadas, meio compassivas*» (A**.** Cast.).
«Doença *meio sentimental, meio erótica*» (Lat. Coelho).
« Idades *meio crentes, meio bárbaras* » (Idem).
«A lenda *meio mitológica, meio histórica* » (Idem).
«Estrofes *meio zombeteiras, meio graves*» (Idem).

Varia, porém, de gênero e número, concordando com o substantivo a que modifica, quando é mero *adjetivo: Meias portas, meias janelas, meias paredes, meias línguas.*

«E assim nascem as crônicas, *meias* novela, *meias* história » (A. Herc.).
«As resoluções *meias* sempre vêm a parar nestes extremos » (Vieira).

Não raramente, porém, ainda modificando um adjetivo, o fazem variar os nossos bons escritores:

«A tudo arremetem, de tudo se valem e pegam, já *meios desacordados* em presença da morte» (Luc.).
« *Meios mortos* do medo» (Luc.).
«Combatiam *meios nus*» (Herc.).
«*Meias mortas* de terror» (Idem).
« Ambições já *meias realizadas* » (Idem).

O adjetivo correlato a um *substantivo coletivo,* seguido ou não de complemento, vai às vezes para o plural, fazendo-se uma concordância lógica ou siléptica:

«A causa de el-rei lançar *esta gente* por toda aquela costa, *vestidos* e bem *ataviados,* eram negros de Guiné» (Barros).
« Abalou *o colégio* quase todo em procissão, pelas ruas de Coimbra, *capitaneados* pelo seu reitor » (Balthazar Teles).
« Estavam *pregados* com ele uma *infinidade* de homens» (Souza).
«E sem mostrarem sinais de fraqueza, *foram a maior parte mortos* a ferro ou *afogados* na água, e alguns cativos com seu capitão» (Idem).
« Começou a quebrantar *o povo* com diversos gravames, tirando-lhes as forças para melhor *os* dominar *tímidos* e *sujeitos*» (J. Freire).
« *Gente* cega nem *os* estimo, nem me vão movendo » (Ferreira).

«Logo todo *o restante* se partiu
Da Lusitânia *postos* em fugida »
(Cam.).

Nos títulos *mercê, senhoria, excelência, reverência, eminência, alteza, santidade, majestade* etc., precedidos do adjetivo *vossa,* concorda o adjetivo correlato aos vocábulos que indicam tais títulos com o sexo da pessoa a quem falamos ou escrevemos. Há nesta concordância uma silepse de gênero:

«O que agora representamos, Senhor. . . é que seja *V. Majestade servido* de mandar acudir-nos» (Vieira).

O adjetivo que se referir aos substantivos invariáveis *alguém, outrem, ninguém* poderá conforme o sentido ficar na terminação feminina:

«*Alguém* andava então bem *saudosa*» (Barros).
« Não havia ali *ninguém* que destas coisas estivesse *isenta*» (Idem).
« *Outrem* mais bem *prendada*».

Corre o mesmo com o substantivo geral e indefinito *a gente.*

Quando empregamos o pronome *vós* em vez de *tu,* usamos do verbo no plural; mas ficam no número singular os adjetivos que lhe são correlatos:

«Se na vida seguirdes a opinião, nunca sereis *rico;* se a conformareis à natureza, nunca fôreis *pobre* » (Luc.).

Com o pronome *nós,* empregado por *eu,* pensam alguns que se deve seguir a mesma sintaxe, dizendo com Barros:

«Antes sejamos *breve* que *prolixo* »;

. . . e com Fernão Lopes:

« *Não* somos *abastante* para cumpridamente louvar».

Outros, porém, julgam e, parece-nos com razão, que deve, em tais casos, variar o adjetivo, dizendo com Luiz de Souza e Vieira:

«E como somos *velhos,* somos *chegados* com a história aos anos do Senhor » (Souza - *Hist. de S. Dom.).*
«Por fim deste ano estamos *obrigados* a dar conta do que nele passou» (Idem - *Anaes*).
« Somos *chegados* a termos com esta história, que a não podemos prosseguir» (Idem - *Vida do Arcebispo).*
«Ficamos *obrigados* a dizer alguma coisa da grande aflição que o Arcebispo padecia nestas visitações» (*Ibidem*).
« Damo-nos por *obrigados* a dizer alguma coisa dela» (Idem -*Hist. de S. Dom.).*
«Somos *chegados* ao último sonho de Xavier» (Vieira -Serm.).
«Somos *chegados* aos escrupulosos da terceira espécie» (*Ibidem*).
«E pois somos *forçados* muito a nosso pesar a vos descobrir este segredo, sabei. . .» (*Ibidem*).

Foi sempre essa a sintaxe que com mão assídua praticaram os dois maiores mestres do classicismo.

Em conformidade com esses dois exímios modelos de vernaculidade abonaram a mesma concordância Latino Coelho, Camilo, os dois Castilhos e Herculano, em cujos escritos se leem os seguintes passos:

«A este digno oficial somos *devedores* pelo que nos tem auxiliado » (Lat. Coelho).
« Bem *avisados,* pois, deliberamos compendiar o principal das lições daquele vernáculo escritor» (Camilo).
«Nisto é que não podemos deixar de insistir, por *convencidíssimos de* que não há escritor português tão para tudo por seu imaginar e sentir, como este» (A. Cast.).
«*Cansados* estamos» (Idem). «*Fundados* nela. . . afirmamos, *seguros* de não sermos *contrariados*» (Idem).
«Medo temos de parecer já *sobejos* na prova» (José Cast.).
«E debaixo da impressão destas doutrinas e *convencidos* da sua importância que vamos escrever» (Herc.)
«Estamos *persuadidos* de que. . . a conversão era fingida » (Idem).

Entre os modernos e no próprio A. Herculano, contudo, deparam-se-nos lugares em que é seguida a sintaxe de Barros e Fernão Lopes; tais os seguintes:

«Mais feliz vivemos em uma época em que a inteira verdade dos factos e a liberdade de pensamento são enfim respeitadas »(A. Herc.).
«*Chegado,* porém, à conclusão deste livro, por-lhe-emos remate com uma reflexão» (Idem).
« *Cônscio* de quanto importa vulgarizar entre os nossos patrícios a leitura dos bons exemplares da linguagem vernácula. . . temos etc.» (In. F. Silva).
«Apesar da extremada benevolência com que fomos *acolhido,* disseram-nos » (José Cast.)[101].

Este último modo de concordância é, não há para que se negue, mais lógico; mas de mau soído e menos conforme à índole da língua.

Nos *adjetivos compostos,* quando constam seus elementos componentes de dois adjetivos, é o segundo elemento só que varia. Assim é que se diz: águas *verde-escuras;* cabelos *castanho-escuros,* sedas *verde-desmaiadas,* meias *azul-claras.*

101. Como se vê, oferecem nos este escritor e A. Herc. exemplos das duas sintaxes.

«Vejo das *verde-escuras* águas da baía erguerem- se aqui e além borbulhões de escuma-» (Th. Ribeiro).

Os adjetivos *salvo, exceto, mediante, conforme, consoante, passante* e a expressão *não obstante* são muitas vezes empregados como preposições acidentais, e, portanto, invariáveis:

«Salvo vossas virtudes costumadas e o amor que todos me tendes e vos tenho » (J. Freire).
«Nenhumas operaram eficazmente *salvo* a indicada» (B. do Grão Pará).
«*Salvo* as que se pegaram a uma pedra » (H. Pinto).
«*Exceto* os sacramentos» (Barros).
« *Mediante* Cristo » (Vieira).
«*Conforme* as suas feridas e a braveza com que andavam » (Morais - *Palm.*).
«*Conforme* as ordens d'el-rei » (Ant. Gouvéa).
«*Consoante* a necessidade, o estado dos cofres públicos, as condições do tesouro nacional. *Passante* o inverno, *passante* a semana santa.»
« *Não obstante* as persuasões em contrário, resolvemos ir Crismar » (B. do Grão Pará).

Outras vezes empregam-se alguns destes vocábulos não já invariáveis, mas mudando de flexão para se ajustarem ao gênero dos substantivos a que modificam.

Assim que são correntes as expressões **salvas** *honrosas exceções;* **salvos** *todos os seus direitos* e disse Antônio Vieira:

« *Excepta* somente a vida do mesmo Job» *(Sermões).*
« *Não obstantes* estas recomendações» (*Ibidem*).
«Tudo chegou a salvamento, *exceptas* as partes líquidas» *(Cartas).*

. . . E Castilho:

«*Não obstantes* as esquivanças ».
«*Não obstantes* os epigramas e comentários».

Os particípios passados - *visto, suposto, atento, posto, incluso,* empregados como adjetivos, variam sempre.

Assim é que se diz: **vistos** *estes autos* e não **visto** *estes autos,* **supostos** *esses princípios* e não **suposto** *esses princípios,* **atentas** *essas razões* e não **atento** *essas*

razões, **postas** *de parte essas considerações* e não **posto** *de parte essas considerações,* **inclusa** *te remeto a lista* e não **incluso** *te remeto a lista.*

Esses mesmos adjetivos, porém, fazem de preposições em certas expressões infinitivas; o que se nota nos seguintes modos de falar: **visto** *não se poder vingar;* **atento** *não lhe haverem comunicado a notícia;* **posto** *não ser dos mais esforçados amigos;* **suposto** *estudar muito a questão.*

Com as palavras *nada, algo, muito* e as expressões *alguma coisa, um que, um quid, o que quer que seja, um não sei que,* seguidas ordinariamente da preposição *de* e figurando de complemento direto numa proposição cujo sujeito esteja no número plural, por-se-á o adjetivo no plural ou singular, conforme pelo sentido estiver em relação com o substantivo ou pronome sujeito ou com o nome de significação geral e indefinida que aquelas expressões encerram: *Não têm estas irmãs* **nada de semelhantes;** *estes escritores têm* o que quer que seja de ímpios *e* ateus; *aquela dama* muito *tem* de engraçada *e* graciosa; *aqueles* poetas têm muito de bom *e* grandioso; nada *tinham os sintomas* de característico ou de característicos; *aqueles estudantes têm* um não sei que de papalvos *e* atoleimados; *eles têm* um não sei que de vago *e* indeciso *no olhar; tem* muito de garridas *e* romeiras *essas raparigas. mostram na linguagem* muito de duro *e* áspero ou de duros *e* **ásperos; algo** *têm elas* **de soberbas** *e* **presunçosas;** *alguns escritos de* **Platão** *têm* **um que de puro, divino** *e* **santo;** *na rijeza de caráter mostram aqueles homens* **um quid de admirável** *e* **heroico.**

Alguns adjetivos há que, colocados antes ou depois dos nomes que modificam, lhes alteram de modo notável a significação. Assim é que as locuções *gentil homem, pobre homem, verdadeiro homem, bom homem, certo homem, um só homem,* não têm o mesmo sentido que est'outras: *homem gentil, homem pobre, homem verdadeiro, homem bom, homem certo, um homem só.*

Um *gentil homem* é um homem nobre, que tem um título de grandeza; um *homem gentil* é um que tem cortesania e gentileza, maneiras polidas, obsequiosas e civis.

Um *pobre homem* é um homem inofensivo, infeliz, um coitado, que atrai a compaixão; um *homem pobre* é um homem de poucas posses, que não tem bens, que é escasso de fazenda.

Um *verdadeiro homem* é um que com verdade ou verdadeiramente é homem; um *homem verdadeiro* é um homem que não engana, um homem de verdade, um homem sincero.

Um *bom homem* é um homem excessivamente benévolo, de notável simplicidade; um *homem bom* é um homem honrado, um homem de virtudes.

Assim disse bem Gil Vicente: «A quem ouvirdes chamar *bom homem,* dai-lhe esmola de dó dele.»

Um *certo homem* é um indivíduo que não queremos nomear com precisão; um *homem certo* é um homem seguro, fiel, de quem se deve confiar.

Um só homem é um homem com exclusão de outro ou outros; *um homem só* é um homem desajudado, desacompanhado, sem outro que o auxilie.

Num mesmo exemplo, antepondo ou pospondo ao substantivo o adjetivo *nosso,* deu-lhe o Padre Antônio Vieira, nos dois casos, uma significação que não oferece exatamente o mesmo sentido:

> «Um príncipe estrangeiro bem pudera ser *nosso rei;* mas vai grande diferença de ser *nosso rei* ou de ser *rei nosso* ».

Assim dizendo, empregou o escritor português a mesma ideia, considerando-a sob novo aspecto e à luz diferente.

Ao parecer de A. Castilho, J. Castilho e Camilo o adjetivo *visto* da conhecida locução portuguesa **a olhos vistos** deve tomar a terminação masculina, feminina, singular ou plural, conforme o sujeito da proposição em que figura, com ele concordando e não com o substantivo *olhos.*

Assim que, conforme alvitram esses escritores, se deve dizer: *esta planta cresce* **a olhos vista;** *este homem definha* **a olhos visto;** *estas instituições desmedram* **a olhos vistas;** *os seus discípulos progridem* **a olhos vistos,** não tendo cabida a expressão **a olhos vistos,** senão quando o adjetivo se refere a um sujeito do gênero masculino e do número plural:

> «As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia» (A. Cast.).
> «A doença agravou-se *a olhos vista*» (Idem).
> «O seu mosteiro nascente *que* foi logo crescendo *a olhos visto,* ao bafo criador da piedade do Senhor D. João 3.°» (Idem).
> «O corpo definhava *a olhos visto* » (Idem).
> « Prosperou *a olhos visto* o comércio de João Evangelista » (Camilo).

Essa maneira de pensar, que indubitavelmente parece mais harmoniza com a lógica, atenta a significação passiva que pelo comum se atribui ao adjetivo *visto,* não está de concerto com o modo como se exprimiram sempre os nossos clássicos e ainda hoje escrevem outros exemplares de nossa linguagem. Ou se explique a concordância, aparentemente ilógica, pelo princípio da eufonia, ou por uma espécie de *antífrase,* se considere aqui o adjetivo tendo significação ativa (*a olhos vistos,* isto é, *a olhos que veem),* o que não raro ocorre em nossa língua, que dá sentido ativo a muitos particípios passados, a despeito de sua forma essencialmente *passiva,* ou, em suma, fazendo correr sempre com o mesmo

cunho a expressão adverbiada, o bom uso a sancionasse, legitimando-a, certo é que a locução *a olhos vistos* é de emprego correntio em nossa língua, nem recorriam a outra sintaxe os nossos antigos escritores.

Assim é que a lição dos melhores modelos de nossa linguagem no-la oferece aforada nos exemplos seguintes:

> « *A olhos vistos* a nau se ia ao fundo» (Barros).
> « S. Thomé *a olhos vistos* foi e vai crescendo» (Luc.).
> «Grande quebra na estatura dos corpos, que *a olhos vistos* se vai encurtando» (Idem).
> «Sendo este um milagre tão provado e *a olhos vistos* tão continuado» (L. de Souza).
> «Mas *a olhos vistos* cresceram nele todas as virtudes» (Idem).
> «Desmedrar *a olhos vistos* » (Filinto).
> « O marquês demudado *a olhos vistos* tinha o semblante lívido, olhos macerados, emagrecido e pálido » (Idem).

Obedecendo à mesma sintaxe, assim sempre escreveram Vieira, Herculano e Latino Coelho, dizendo:

> «Não lhe pareça que *a olhos vistos* fez mais estimação o Filho dos pés dos homens que das dadivas do Padre» (Vieira).
> «Dissimulado à evidência e encoberto *a olhos vistos*» (Idem).
> « Os campos, cobertos aqui de relva, acolá de cearas, que cresciam *a olhos vistos,* verdejavam ao longe» (A. Herc.).
> «Burro era *a olhos vistos* o mesmo que asno » (Idem).
> «A autoridade moral dos seus acórdãos ia afrouxando *a olhos vistos*» (Lat. Coelho).
> «E enganando-se *a olhos vistos* sobre muitos dos pontos que sustentam » (Idem).

III

Da concordância do verbo

O verbo concorda com o sujeito a que se refere em número e pessoa: *Amo, brincas, dança, amamos, brincais, dançam,*

> « Considero eu que há mandamentos da lei da inveja, assim como há mandamentos da lei de Deus» (Vieira).

«A intolerância é a mãe da insurreição; a opressão, o germe da liberdade» (Lat. Coelho).

Quando o sujeito se compõe de muitos substantivos ou pronomes do singular e da terceira pessoa, ligados pela conjunção *e,* clara ou oculta, vai o verbo ordinariamente para o plural e para a terceira pessoa:

«A mansidão, a suavidade do coração, a igualdade de humor são virtudes mais raras que a castidade» (Bern.).

Se os sujeitos ligados pela conjunção *e* forem de diferentes pessoas, ira o verbo para o plural, concordando com a pessoa que tem a prioridade: **Eu e Pedro** o recebemos *com todo o gasalhado e cortesia;* **vós e vossos irmãos** não fostes fiéis ao juramento que prestastes.

«*Tu, Apolo e eu estávamos* feitos para roubar » (Camilo).
« Neste caso tu e mais *eles todos sereis* salvos» (A. Vieira).

A lição de escritores modernos, entre outros A. de Castilho e A. Herculano, autoriza, entretanto, sintaxe inversa, como nos exemplos seguintes, que discrepam inteiramente da regra aqui estatuída:

«Por isso é que eu não quero perder o lanço de t'as explicar bem; a ver se *tu e outros se convencem e se fazem* também pregadores» (A. Cast.-*Coloq. Ald.*).
«*Tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorrearam* na cara lixo e terra» (Alex. Herc.-Monge *de Cister).*

Se os sujeitos do singular forem sinônimos, irá o verbo para o singular, concordando com o último:

«*A sede e o desejo do dinheiro* nunca se farta» (Bento Pereira).
« *A serenidade e quietação* no que governa é mais forte e urgente para ser obedecido ».
«*A luz e a ciência* só veio ao mundo em nossos dias» (A. Herc.).

Se forem os sujeitos ligados pela conjunção *ou,* irá o verbo para o singular: **Teu filho ou teu irmão virá** *ter comigo.* «**O temor ou o pejo destas palavras fez** então aquietar a todos » (J. Freire).

Se, porém, os sujeitos ligados pela conjunção *ou* forem de diferentes números ou pessoas, ou se a conjunção *ou* não for totalmente exclusiva, ira o verbo para o plural: **Vós ou vosso irmão deveis jantar** *hoje comigo.* «**Ou ele ou Pinerfo** *não* **devem** *tardar muito* » (Ferreira).

«**A rua ou a praça** são campo estreito para as suas carreiras, para as suas lutas, para os seus tripúdios, para as suas guerras» (A. de Cast.).
«Onde nem *frio inverno* ou *quente estio*
As murcharam jamais ou secas viram».
«*A porta ou as janelas* lhe dariam entrada »

Os latinos também recorriam muitas vezes à mesma concordância, do que é testemunho o exemplo seguinte:

«*Si quid* **Socrates ant Aristipus** *contra morem* **fecerint locutive sint**» (Cic.).

Ocorre o mesmo na língua francesa, onde a mesma concordância encontra abonação nos seguintes exemplos de Buffon e J. Jacques Rousseau:

«**La peur ou le besoin font** *tous les mouvements de la souris*» (Bufon).
«**Le temps ou la mort sont** nos remèdes » (Rousseau).

Quando são os sujeitos colocados por gradação, sendo o último do número singular, para este número irá o verbo:

Um grito, uma palavra, um movimento, um simples olhar causava-lhe medo.
«*A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessário* para o sustento da vida, *é* o mais forte, o mais poderoso e o mais absoluto império que despoticamente domina sobre todos os quo vivem» (Vieira).

Se depois de um sujeito múltiplo vier um vocábulo, como os nomes *tudo, nada, ninguém* ou outra expressão análoga, que em si resuma a ideia que exprime cada um dos outros sujeitos, concordará o verbo com essa palavra, que recapitula as outras:

«*Uma bolsa* a ímpar de dobrões de ouro, *um palácio, criadagem, coches, vinhos* generosos, *estiradas* sem termo de matas, *vinhas, pastos* e *terras* de semeadura, *nada* disto faz com que um rico seja mais afortunado que o mínimo dos vizinhos» (A. Cast. - *Col. Aldeões)*.
«O *ouro, os diamantes e as pérolas, tudo* é terra e da terra » (Vieira).
«*As cidades, os campos, os vales, os montes, tudo* era mar» (Idem).
«*Jogos, conversações, espetáculos, nada* o tirava de seu retiro »
«*Comandantes, oficiais, soldados, ninguém* escapou com vida naquele dia lutuoso ».

Outrotanto acontece, quando a última parte do sujeito múltiplo é a expressão *cada, cada um,* ou quando o último é a ideia predominante:

«Cada província, cada comarca, cada vila, cada povo se aprestava para o terrível despertar dos oprimidos » (Lat. Coelho).
«Cada individualidade, cada peripécia, cada movimento destaca-se caracteristicamente na sua realidade e na sua cor» (Ruy Barbosa).
«A botica e o colégio está todo às ordens de Vossa Senhoria » (Vieira).
«Nenhuma ciência se aprende fundadamente senão em escolas, onde a conferência e **a** emulação põe esporas e aguça os engenhos» (L. de Souza).
«As plantas, rios, flores, prados, fontes, / Cada um com língua muda ao sol falava» (G. Pereira).

Não é, porém, raro que a lição dos clássicos nos ofereça exemplos em que se faz a concordância levando o verbo ao plural:

«*Cada um* trazia tamanha ledice, como se determinadamente *soubessem* que sem nenhum perigo *haviam* de haver vitória » (Azurara).
«E a vista de um teatro imenso, tão trágico, tão funesto, tão lamentável, aonde *cada reino, cada cidade,* e *cada casa* continuamente *mudam* a cena; aonde cada sol, que nasce, é um cometa; cada dia, que passa, um estrago; cada hora e cada instante, mil infortúnios; que homem (se acaso é homem) haverá que não chore?» (Vieira).
« *Cada década, cada ano, cada dia, estão mostrando* claramente o absurdo de se conservarem terrenos muitas vezes de primeira ordem incultos ou mal cultivados» (A. Herc.).

« Onde se *assentaram cada um* em sua cadeira de espaldar» (D. de Góes).

Quando dois ou mais verbos se referem à mesma palavra *cada* ou à expressão *cada um,* por amor a variedade do estilo, faz-se muitas vezes somente a concordância gramatical com o primeiro, usando-se da concordância lógica com respeito ao segundo ou aos que se lhe seguem:

«Acordou el-rei que cada um se *fosse* para onde *quisesse* para melhor se *poderem* guardar» (Lião - *Chron. de D. Duarte)*.
«Que *cada um salvasse* as vidas por onde *pudessem*» (Idem- Chron. de *D. João I)*.
«A intenção reta dos príncipes não é esta, senão que *cada* um *diga* livremente o que *entende* e *aconselhem* o que mais importa » (Vieira- Serm.).
«Logo *apontava cada um* as que *sabia* ou os casos e exemplos de que *tinha* notícias; e assim *temperavam* os sentimentos que em todos causa sua falta, e *acendiam* e *avivavam* a devoção que lhe *tinham*» (Souza- *Vida do Arceb.*).

Com o adjetivo *quisque* (*cada, cada* um) usavam *os* latinos da mesma sintaxe, já empregando um número, já outro:

«*Oscula* **quisque** *suæ matri properata* **tulerunt**» (Tito Livio)
«*Quo* **quisque est** *sollertior, hoc docet laboriosius*» (Cie.).
« *Ea tempestate* **coepere** se **quisque** *extollere magisque ingenium in prompt habere* » (Sal.).

Havendo muitos sujeitos e vindo o verbo antes deles, fica este do ordinário no singular:

« Era já com eles o conde de Barcelos e seu irmão» (Souza).
«Não foi menor de ver a segurança, a quietação e devoção de quem **a** recebia» (Idem).
«Fugiu dele o céu e a terra» (Vieira).
«A um mesmo tempo se fazia a invasão e o saque» (**J**. Freire).
«Assim desapareceu logo a melancolia, o temor, a desconfiança» (José Castilho).

«Dos elementos que em países menos cultos na educação política dariam nascimento à anarquia, sai ali a ordem e a liberdade » (Lat. Coelho).
«Trazia abertas e sangrentas as feridas que no peito lhe talhara o amor e a saudade » (Idem).

Do mesmo modo disse Cícero:

« *Delectare visus est Sulpicius et Cotta*».

Não é, todavia, raro encontrar nos modelos da boa linguagem exemplos onde, em casos análogos, venha o verbo no plural:

«É la que *surgem* em toda a sua hedionda nudez *a cobiça e* a *rapacidade*» (A. Herc.).

Se entre um e outro sujeito se interpõe o verbo, fica este no singular:

«*A beleza morreu* e *a vaidade* »

«Amor é um brando afeito,
Que *Deus* no mundo *pôs* e *a natureza*».

Quando são os sujeitos ligados pela conjunção *nem,* vai o verbo para o plural ou singular, conforme o sentido que se deseja exprimir: *Nem Carlos nem Eduardo* **é** *meu pai; nem Pedro nem Antônio* **vieram** *hoje aqui* ou **veio** *hoje aqui; nem Jorge nem Frederico* **será** *nomeado tabelião daquela vila*; *nem o sol nem a morte se podem fitar bem.*

« *Nem cão, nem gato, nem adibe, nem outro bicho do mato, chegou* a pôr-lhe boca ». «Todavia *nem a necessidade* de atender à administração do reino, *nem a dor* que o atormentava *puderam* afastá-lo do intentado propósito» (A. Herc.).
« Ali *nem calma, nem frio* / Não *podem* ter jurisdição ».

Se os sujeitos ligados pela conjunção *nem* são de pessoas diferentes, o verbo vai para o plural, concordando com a pessoa que tem a prioridade: *Nem eu nem Pedro* **iremos** hoje ao baile; *nem tu nem os teus colegas* **procedestes** *como devíeis;* «*nem eles nem vós* **sabeis** o que pedis» (Vieira- Serm.).

A lição dos bons escritores sugere-nos, entretanto, alguns exemplos que não conformam com esta regra. Assim em Filinto, Herculano e A. Castilho se nos oferecem os passos seguintes:

«*Nem* eu *nem tu* **entendes** » (Filinto).
« *Nem tu nem os teus ulemas e cacizes* **entendem** estas coisas » (A. Herc.).
«Sem que *nem vós nem os inimigos* **adivinhassem** » (A. Cast.).

Quando o verbo tem por sujeito a expressão *um e outro* ou *nem um nem outro,* põe-se no plural ou singular:

Um e outro é *bem educado;* um e outro são *bem educados;* nem um nem outro *me* apareceu; nem um nem outro *me* apareceram.
«*Uma e outra coisa* o *traziam* ofendido e descontente» (Souza).
«*Um e outro vício negam* os foros da natureza e *inclinam* para tudo o que é torpe » (Bern.).
« *Uma e outra coisa abrasava* os membros abafados do peso das armas» (Souza). «*Um e outro começaram* a ter guerras entre si» (Vieira).
«*Um e outro inimigo continuaram* em rezar o rosário » (Idem).

Na língua latina há também exemplos do verbo já no singular, já no plural, quando tem por sujeito o vocábulo *uterque* (*um e outro):*

«Uterque *in multis causis* versatus est» (Cic.).
«Uterque *exercitam* educunt » (César).
«*Dux* uterque *pari culpa meritus adversa prosperis* defuerunt» (Tac.).

Quando imediatamente após o sujeito vier um substantivo precedido da preposição *com,* que liga este àquele, ficará o verbo no singular: *O arcebispo com toda a clerezia assistiu à cerimônia.*

Se, porém, o substantivo precedido da preposição *com* exprimir alguma coisa que possa também exercer a ação significada pelo verbo, poder-se-á levar o verbo ao plural, quando for intenção de quem fala ou escreve tornar predominante a ideia de cooperação ou simultaneidade. Em tal caso é a concordância lógica ou siléptica:

«*Patecatir com todos os seus padeciam* grande fome » (D. de Góes).
« *El-rei com a corte se divertem* na caça » (Cand. Lusit.).

« Que *eu co'o grão Macedônio e co'o Romano*
Demos lugar ao nome lusitano »
(Camões).

Silepses como estas são também usadas no latim e no francês, onde não são raros exemplos como os seguintes: «*Demosthenes cum cœteris* in exilium *erant expulsi*» (Nep.). «*Ipse dux cum aliquot principibus capiuntur*» (T. Liv.). «*Vertumne avec Pomone ont embelli ces lieux*» (SaintLambert). « *Le singe avec le léopard gagnaient* de l'argent à la foire » (Lafont.).

Se há dois sujeitos ligados pelo vocábulo conjuntivo *como,* ou pelas fórmulas conjuntivas correlatas *tanto. . . como, assim. . . como, do mesmo modo qte,* põe-se o verbo no singular, concordando com o primeiro sujeito: *O tigre, como o leão, é um animal feroz.*

«*Tanto uma como outra explicação se pode* admitir » (A. Herc.)

Algumas vezes, porém, se põe o verbo no plural, dando-se à fórmula conjuntiva o mesmo valor significativo da conjunção *e:*

«*Assim Saúl como David* debaixo do seu saial *eram* homens de tão grandes espíritos, como logo mostraram suas obras» (Vieira).

Passa o mesmo, quando o elemento conectivo é indicado pelas fórmulas conjuntivas *não só . . . . . mas também,* sendo de meneio mais comum o emprego do plural:

« *Não só* a nação, *mas também* o príncipe *estariam* pobres» (A. Herc.).

Se for o sujeito constituído por dois ou mais verbos no infinitivo, ligados pela conjunção *e* ou outra de sentido equivalente, por-se-á o verbo no plural:

«*Destruir e edificar são* dois grandes argumentos do poder»(Vieira).

«Mas *suspirar* por ti, *mas bem-querer-te,*
Que fazem senão mais endurecer-te?»

Latino Coelho, entretanto, assim disse:

«*Humilhar* a aristocracia, *refrear* o clero, *cercear-lhe* os privilégios e imunidades e *forçá-los* a igualar-se com o povo..., *equivalia* a exalçar a plebe» *(***Hist. Pol. e Mil. de Port.***).*

O verbo *ser,* porém, colocado depois de dois ou mais infinitivos, fica de ordinário no singular, quando se lhe segue um substantivo desse número; «*Ler, escrever* e *caçar* é seu único divertimento».

« *Perdoar os erros e engrandecer bons intentos é* de espírito generoso» (Lobo).
« *Nascer e morrer é* a mesma coisa » (Lat. Coelho).

No latim, quando figuram de sujeitos muitos infinitivos, só excepcionalmente vai o verbo para o plural:

«**Delectare et persuadere** *copiam dicendi et spatium desiderant*» (Plin.).

Quando o verbo tem por sujeito gramatical um substantivo coletivo, geral ou partitivo, seguido ou não de um complemento do plural, concorda já com o coletivo, e então a concordância se diz *gramatical,* já com o substantivo plural, complemento do coletivo, já, em suma, com uma ideia que se tem em mente, sendo a concordância nos dois últimos casos *lógica* ou *siléptica.*

O modo de concordância depende da ideia que predomina no espírito de quem fala ou escreve: se a ideia predominante é a exprimida pelo coletivo, faz-se a concordância gramatical; se, porém, não é essa a ideia que prevalece no espírito e que lhe aviva e aguça a atenção, senão a exprimida pelo complemento do coletivo, ou por um conceito oculto, faz-se a concordância siléptica, indo o verbo para o plural: *Um bando de corvos cobria* inteiramente o cadáver do caçador, que lhes servia de pasto. *Uma multidão de soldados,* no saque da cidade, *fizeram* os maiores desatinos.

«Dentro em poucos dias *estavam* em Roma *grande número de porcelanas* de toda a sorte » (Souza).
« *Moravam* no convento *grande número de religiosos* » (Idem).
« Esta *casta de gente toma* ao revés a sentença dos provérbios» (Bern.).
« *Abalou o colégio* quase todo em procissão pelas ruas de Coimbra» (B. Teles).
«Ia o padre com toda *a multidão de gente* que lhe *iam cantando ou chorando* nas exéquias» (Idem).

« Acertou estar a noite tão clara com a lua, que *acudiu todo o campo ao arrecife e mataram* cinco dos nossos » (Souza).
« *Povoavam* os degraus *muita sorte de gente* que *pareciam* pobres » (Idem).
«Por espaço de uma hora esteve duvidoso o sucesso, até que *um grande troço dos moradores,* cortados do temor e do ferro, *desampararam* o campo» (J. Freire).
«Dos Mouros *pereceu a maior parte,* uns no conflito, os mais na retirada» (Idem).
« *A gente do povo é* geralmente fraca e cativa de condição » (Barros).
« Nunca me esquecera aquele dito teu, que mais era para temer um *exército de ovelhas,* quando *tinham* por capitão um leão, que de leões, se os capitaneava ovelha» (J. Ferreira).
«*A grande cópia dos arvoredos* com que se enfeita a tosca penedia daquelas fragas, *temperam* o rigor das calmas» (Brito).
«Como *a gente* de todas aquelas partes *tinham* pouca notícia da fortuna » (Idem).
« *Uma nuvem de frechas e virotes obscurecia* os ares» (A**.** Herc.).
«*Maior parte desta mísera gente dorme* nas árvores mais altas que *acham*» (Conde de Ericeira).
«*Toda esta clerezia tinham* tochas acesas nas mãos » (G. de Rezende)
«Simão Mago apelidou um dia *todo o povo* para o *verem* subir ao céu » (Vieira).
«Logo ao outro dia, ao romper d'alva, *se abalou* o *exército,* ao som de muitos instrumentos bélicos, e, chegando aos muros, *começaram* em torno da fortaleza a arvorar escadas » (J. Freire).

«*A multidão da gente* que perece
Tem as flores da própria cor mudadas,
a as costas *dão* e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas »
(Cam.).

«Logo ao porto acorrendo *um grande povo,*
Aos gritos que *eles dão,* reboa a praia»
(F. M. do Nascimento).

Os latinos, na construção de suas frases e proposições, também faziam uso ou da concordância *gramatical* ou da *siléptica,* dizendo: «*Multitado lapides*

jaciebat ou jaciebant; *omnis multitudo* **abit** ou **abeunt; veniunt** *leve vulgus* **euntque**».

Da lição dos bons escritores, pois, no que toca à concordância do verbo com os coletivos, colhe-se o seguinte:

Que, quando numa frase há duas orações cujos verbos se referem ao mesmo coletivo, com o primeiro verbo se faz de ordinário a concordância gramatical; com o segundo, a concordância lógica.

Que nas construções análogas é em geral mais comum a concordância gramatical e nas construções transpositivas, a concordância *siléptica* ou *lógica.*

Que, quando o coletivo sujeito se acha distanciado do verbo que se lhe refere, este ordinariamente concorda siléptica ou logicamente.

Tudo isso, por outra parte, se subordina à harmonia e cadência da frase e principalmente aos vários intuitos do espírito, à ideia ou conceito que o escritor quer fazer predominar, dando-lhe na linguagem o relevo e realce que o distinguem no quadro do pensamento.

O verbo colocado depois do adjetivo *que,* precedido de qualquer das expressões *um de, uma de, um dos, uma das* põe-se no singular ou plural, segundo a *ação* por ele exprimida é afirmada de um só ou de muitos indivíduos:

«Um dos capítulos da lei de Deus que mais deve consolar a um Cristão é etc.» (Paiva).
«O Vouga é um dos rios de Portugal que entram no mar» (Leão).
«Foi uma das primeiras terras de Espanha que recebeu a fé de Cristo» (Souza).
« Esta cidade foi uma das que mais se corrompeu da heresia» (Idem).
«Uma das coisas que muito se admira em José» (Vieira).
« Uma das grandes coisas que se vê hoje no mundo» (Idem).
« Uma das mais importantes matérias que se deve ensinar ao mundo» (Idem).
«Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente» (Idem).

Sintaxe análoga à portuguesa praticam os franceses após a expressão *un de, un des:* Assim que escreve Bescherele Ainé:

«*C'est un* de mes fils qui m'écrit».
«*C'est* une de vos tragédies qui a été représentée».
« *Charlemagne est un* des plus grands rois qui aient régné ».
« *C'est* une des plus belles tragédies qui aient été représentées ».

A concordância em que se põe o verbo no singular explica-se por mera elipse. A frase «foi *uma de suas ações que* mais *me maravilhou*» resolve-se na seguinte: «foi uma ação que mais me maravilhou dentre as suas ações».

Bem é de notar que nessas espécies de construções se erra muitas vezes, empregando-se o plural. Assim, nas frases: «foi *um de teus filhos que jantou* ontem comigo »; «é *uma das tragédias* de Racine *que se representará* hoje no teatro », será incorreto o emprego do número plural: o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso. Enunciando assim o pensamento, intento dizer, na primeira frase, que não foram todos os teus filhos que jantaram comigo: a ação *de jantar* afirmo-a tão somente de um deles, como a ação do verbo *representar-se,* na segunda, se não entende de todas as tragédias de Racine, senão de uma só, da que se diz ser levada hoje à cena, ser hoje representada.

Algumas vezes por elegância costumam os nossos clássicos fazer concordar o verbo, não com a palavra expressa, que aparentemente figura de sujeito, mas com o pronome *nós* elíptico, representando então o substantivo expresso o papel de aposto:

«Vossas senhorias ilustríssimas são as fontes donde *todos* os *prelados bebemos*» (Souza).
«*Tais somos e fomos sempre os homens,* que só nos lembra quem nos fez bem, enquanto esperamos que no-lo torne a fazer» (Luc.).
«*Todos os filhos de Adão padecemos* nossas mutilações e fealdades» (Vieira).
« *Os que estamos* tão longe e não *temos* notícia do poder que o inimigo traz por mar» (Idem).
«*Todos* geralmente o *adoramos,* porque *todos nos queremos adorados* » (Bern.).
«Eis aqui o que *éramos as gentes* antes da lei evangélica ter domado nossos corações» (Idem).

«*Os portugueses somos* do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente »
(Cam.).

. . . Do mesmo modo disse lito Livio:

«*Hoc tibi juventus romana indicimus bellum* ».

O adjetivo conjuntivo **que,** em sua forma simples ou implícito no substantivo **quem,** o qual por si mesmo não tem número nem pessoa, por *atração* comunica ao verbo, de que é sujeito, o número e a pessoa do pronome a que é correlato: *Eu é que falo, tu é que falas, nós é que falamos, vós é que falais, eles é que falam, eu sou quem sou, eu sou o que sou, eu sou o que digo, eles são os que dizem, sois vós o que dizeis, és* tu *o que falas, és tu quem te enganas, sois vós quem os animais, és tu quem me censuras, eu sou quem bem os compreendo.*

Esse princípio geral é, todavia, sujeito às seguintes observações:

Quando o *sujeito* e o *atributo* ou *predicado* da proposição que precede ao *que* não apresentam ao espírito dois seres distintos, o *que,* referindo-se então ao sujeito dessa proposição, atrai para o verbo da outra proposição, de que *é* sujeito, a pessoa do pronome a que é correlato:

«*Eu sou* a *que ando* nas mexericadas» (Barros).
«*Eu sou* o *que domei* os leões e os ursos no deserto » (Vieira).
«*Fui eu* o *primeiro que clamei...?*» (A. Herc.).
«*Fui eu* o *que* nas trevas *preparei* a discórdia dos homens livres» (A. Herc.).
«*Fui eu* o *primeiro que falei*» (Idem).
«*Vós sois* os *que esmolais,* eu *sou a que mendigo* » (A. Cast.).
«Como *quem recebo* nelas o alento e alimento de que vivo » (Vieira-Cartas).
«Não fui eu *quem* o *privei* dela?» (Filinto).
«*Fomos nós quem* afouta e confiadamente o *propusemos*» (A. Cast.).
«*Sois vós quem* lh'a *deveis*» (Idem).
«Abraça-me, *que fui eu quem te levei* a ele» (Idem).
«*Sou eu. . . quem* lhe *sirvo* de obstáculo » (Idem).
«Fazei de conta que *sois vós quem perguntais*» (L. Felipe Leite).
«*Eu fui quem levei* o tabuleiro para a antecâmara da moça » (Camilo).
«*Es tu quem tens* a culpa de eu viver sempre à sombra e nestas cepas» (F. M. do Nascimento).
«*Nós fomos quem* no berço o *embalamos*» (Idem).

«Ao par amante que inocente vaga
Sou eu quem prendo em derretido enleio »
(G. Dias).

Quando, ao contrário, o sujeito e o atributo da proposição que precede a subordinada formam dois seres separados ou que se consideram tais, o *que* é

então correlato ao atributo e fica na terceira pessoa o verbo da subordinada, de que é ele sujeito:

«Eu sou a que lhe maior bem quer».
«Eu sou um estrangeiro que lhe fala uma linguagem sem significação» (Camilo).
«Foras tu quem deveria perecer» (A. Herc.).
«Sou eu só quem faz tudo (A. Cast.).
«Fui eu quem vos inspirou sentimentos dignos dos vossos antepassados» (Lat. Coelho).

É bem de ver que em todas essas concordâncias é mais rara, posto correta, a sintaxe em que, empregando-se o substantivo *quem,* vai o verbo para a primeira e segunda pessoa, singular ou plural, ou para a terceira do plural, bem como mais frequente e trilhada, entre os melhores textos de nossa linguagem, a sintaxe em que se põe o verbo na primeira ***e*** segunda pessoa de um ou outro número, após as expressões *o que, a que, os que, as que.*

Todos esses modos de construir a frase se encontram sancionados por nossos escritores de melhor nota, cuja lição, a de mais dos exemplos já citados, nos oferece ainda os seguintes:

« *Eu fui o que meti* neste segundo perigo o nosso príncipe » (Vieira).
« *Eu fui aquele que preguei* os primeiros anos do reinado de vossa majestade, *eu sou o mesmo que torno a pregar*» (Idem).
« *Eu sou o que me tenho* por honrado; *eu sou o que me tenho* por valoroso; *eu sou o que me prezo* de entendido; *eu sou o que me prezo* de sisudo» (Idem).
«*Eu fui o que desobedeci*» (Idem).
«*Vós sois os que sustentais* as Cartuxas » (Idem).
« *Eu sou aquele que* tantas vezes *arrisquei* a vida por sua coroa» (Idem).
« *Vós sois os que* a todos os verdadeiros Cristãos *ajudais*» (Idem).
« *Eu sou o que lhe hei de meter* o ferro pelas entranhas? *Eu o que hei* de derramar o sangue que me saiu das veias? *Eu o que* morto com estas mãos *o hei de pôr* na fogueira? *Eu o que* com estes olhos o *hei de ver* arder?» (Idem).
« Não *sou eu o que o digo* » (Idem).
« *Eu sou o que me perdoo* » (Idem).
« *Não serei eu o que,* com menor afeto e aplauso, *celebrarei* sempre os triunfos de V. S.» (Idem).

« *Vos sois o que me tirastes* por força das entranhas de minha mãe » (Idem).
«*Eu sou aquele que,* partindo desta casa, vos *fiz* dono dela» (Souza).
«*Eu sou uma dona que venho* aqui» (Barros).
«Não sabeis que *sou eu o que ensinei* a dar benefícios por agravos?» (M. Bern.).
« *Eu sou a que mereço* ser crucificada por meus delitos, e não vós, meu doce bem» (Idem).
«Sou *um homem pobre que vivo* nestes campos» (Idem).
« *Nós* muitas vezes *somos os que tentamos* o diabo» (Idem).
«*Eu sou aquele Benedicto,* só no nome, *que,* pouco há, *possui* o trono » (Idem).
« *Eu sou o sacristão que,* poucas horas há, *sai* de casa e agora *torno* e tudo *acho* mudado» (Idem).
« Vos *sois o que servis* » (Idem).
« *Vos fostes* o *que* a *buscastes* e *chamastes*» (Idem).
« Sou, disse, um *escravo* por nome Androdo *que. . . fugi* para os montes?» (Idem).
« *Eu sou aquele desventurado landgrave que* algum tempo *fui* teu príncipe» (Idem).
«*Eu* sou o *que mando* a ele» (Ferreira).»
«*Quem és a que me falas?*» (B. Ribeiro).

«*Eu sou aquele oculto e grande cabo,*
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeo, Pompônio, Estrabo,
Plínio e quantos passaram *fui* notório »
(Cam.).

«*Eu sou o ilustre Ganges que* na terra
Celeste *tenho* o berço verdadeiro »
(Idem).

« *Somos uma pobre gente, que* apenas *conhecemos* as nossas necessidades e *queremos* por mandatário quem também as conheça » (A. Herc.).
«Não foram *eles* sós *quem* vos *mataram* » (Diogo Bern.).
«Lembra-me que *fui eu quem* na outra casa do Parlamento *propus que* se pusesse em execução a contribuição de repartição» (Garret).
«E em nome tal *és tu quem falas?*» (Idem).

«E *és tu* o *que andas*... a sustentar essa quimera » (Idem).
«*Fui eu quem* os *sosseguei*» (J. Diniz).
«*Eu sou quem o conheço,* porque procedo dele» (R. da Silva).
«E pois deste delito *hás de ser tu o que me acuses?*» (Lat. Coelho).
«*Fomos nós os que... ministramos* o conhecimento de náuticos processos » (Idem).
«As plumas são *quem dá* a insígnia às aves» (F. M. do Nascimento).
«Todas essas qualidades são *quem tolhe* a imitação de Lafontaine » (Idem).
« Pelo que não sendo só vós *quem padece* » (M. Bern.).

«*Tu foste,* conta a fama, *o que,* tornado
da conquista gangética e domínio
de todo o vasto Oriente, a Jove sumo
reservaste as primícias do despojo»
(A. Cast.).

«És tu, matéria, parte vil do meu ser, és tu *quem* sempre *vem* contrastar do espírito os arrojos!» (Idem).
«És tu, não eu, *quem lhe empeçonha* o leite » (Idem).
«Não fui eu *quem* o *cometeu*» (Idem).
« Quando a idade crescesse, eras tu mesmo / *Quem* lhe *havia* ensinar a usar das forças » (Idem).
«Eu sou / *quem* ao fugir do ergástulo / os teus grilhões *quebrou*» (Idem).
«Sou eu *quem dá* explicação da sua vida aos criados » (Camilo).
«Parece-me até que fui eu *quem* lhe *pôs* a imaginosa alcunha» (Idem).
«Sede vos *quem* lhe *aponte* **a** estrada quo conduz ao céu» (A. Herc.).
«Sede vos *quem abra* os tesouros da misericórdia divina» (Idem).
«Foras tu *quem deveria* perecer» (Idem).
«*Eu,* o *Silencio e a Solidão éramos quem estava* ali» (Idem).
«São *os reis* e *seus ministros quem,* a foro de consolidar o poder ilimitado, *antecipam* as revoluções » (Lat. Coelho).
«Eram os *republicanos* os *mercantes* e *marítimos* da Itália . . . . . *quem* nas mais urgentes aperturas *ministravam* as dinastias de Capeto e de Valois os baixeis, com que prover suas curtas expedições» (Idem).
«Eram *eles quem favoreciam* em Lisboa a convenção » (Idem).

Todos os exemplos aqui apontados em que se põe o verbo da proposição subordinada na primeira e segunda pessoa, singular ou plural, se explicam pela

atração, modo particular de construir a frase em que, sem necessidade gramatical, e uma palavra atraída a mesma forma que outra, ou lhe usurpa as relações sintáticas, unicamente pela conformidade das ideias que ambas representam e significam e pela subordinação lógica, nem sempre justificada pela gramática, de uma em relação a outra.

Não e só em nossa língua que se notam essas espécies de construções, onde as palavras seguem mais a correnteza lógica das ideias, que as leis artificiais da gramática.

Exemplos análogos depara-nos a lição dos escritores franceses, ingleses e principalmente latinos; do que nos dão testemunho os seguintes excertos:

«*Je suis une jeune veuve* **qui ai** *besoin d'un mari*» (Volt.).
«*Je suis tente de croire que vous êtes Minerve,* **qui êtes venue,** *sous une figure d'home, instruire sa ville*» (Fenel).

«*The opinion of several eminent lawyers were in his favour*» (*Apud* Sweet).
«*If thou beest he who... didst out shine myriads*» (Milt).
« *Thou art the God that doest wonders*» (Idem).

«*Corioli oppidum captum est*» (Tit. Liv.).
«*Volsinii, oppidum opulentissimum, concrematum est fulmine*»(Idem).
«*Ita, quod unum vinculum cum Romanis societatis erat, Thrasone sublato e médio, extemplo haud dubie ad defectionem res spectabat*» (Idem).
« *Animal quem vocamus hominem*» (Cic.).
« *Non omnis error stultitia est dicenda*» (Idem).
«*Est in carcere locus quod Tulilanum appelatur*» (Sal.).
«*Quæ* (em vez de *quod) apud alios iracundia dicitur, ea in império superbia appelatur* » (Idem).

«Ille ego *qui* quondam gracili modulatus avena
Carmen, et, egressus silvis, vicina *coegi*»
(Virg.).

A lição de Castilho Antônio e de outros mestres dos mais apontados no escrever fornece-nos não raros exemplos dessas e de outras construções sintáticas, a que chamam alguns *antigramaticais,* tais as que se notam nos seguintes lanços:

«*Isto de meninas* novas sempre lá *têm* os seus segredinhos, que não são para todos » (Cast.)

«*Isto das damas,* em matéria de gosto, *são* singulares » *(Arte de Amar).*
«*Isto dos ricos andam* neste mundo com os olhos, que não sabem nem se lembram senão de si» (A**.** Cast.).
«*Isto de mulheres são* muito finas» (Idem).
«*Isto dos livros* não *são* senão uns retratos mortos» (Idem)
«*Isto de unhas são* como enxertos de mato bravo» *(Arte de Furtar).*
«*Isto,* porém, *de leitores metódicos,* a meu juízo não *apontam* a sua superciliosa censura a poemas» (Camilo).

Diverso modo, porém, de compor a oração encontra-se noutros lugares dos mesmos escritores; tal é o observado nos seguintes exemplos, em que se segue a sintaxe ordinária:

«*Isto de balanças deve* andar sempre muito vigiado »*(Arte de Furtar).*
«*Isto das leis anda* sempre a mudar» (A. Cast.).
« *Isto de campos* depressa me *enfastia*» (Idem).

Por *atração* também é que se explica a seguinte sintaxe de Garret, em seus *Discursos Parlamentares:*

«Não a tiro (a conclusão) por certo, não a tira esta Câmara, não a *podemos* tirar *nenhum de nós,* que nada *somos,* nada *podemos* ser fora do princípio, pelo qual *vivemos* e *somos*».

O verbo **parecer** pode, em alguns casos, ser empregado já pessoal, já impessoalmente e não é idêntica sua sintaxe, quando usado dum ou do outro modo.

Assim se diz *parecem querer* ou *parece quererem* ou ainda *parece que querem:*

«É nesta nova romaria que os perigos e trabalhos *parece andarem à* porfia» (Lat. Coelho).
«Os carmes do poeta *parecem altear-se* mais sonoros» (Idem).
«Também tu *parece que queres* que dentem» (D. F. M. de Melo).
«Aqueles que *parece estarem* mais alagados nas doces águas de seu amor» (Frei Thomé de Jesus).
«Os mares *pareciam* naquela hora *recordar-se* ainda do rugido harmonioso do estio » (A. Herc.).
«O mar andava em serras e montes, e com tal braveza vinha quebrar-se em terra, que *parecia quererem* mar e vento sovertê-la» (Souza).

Na expressão verbal composta *quer-me parecer* guardam sempre o caráter de impessoalidade o verbo regente e o regido, que se liga àquele e com ele se funde para exprimir um só e mesmo conceito: *Quer-me parecer* que não serão bem sucedidos, *quer-me parecer* que não o conseguirás.

Em algumas proposições ou frases construídas com o verbo *ser* em que figura de atributo um nome do singular ou plural com sujeito de número diferente, não exprimindo pessoa, é de corrente meneio entre os nossos melhores escritores pôr o verbo no número correspondente ao do atributo, quando nesta palavra é que se fixa a atenção do escritor. É uma concordância lógica, imposta ao espírito pelo predomínio e realce da ideia indicada pelo atributo. Tais são as frases seguintes: *Tudo* **são** *flores, tudo* **são** *fogos e festas, tudo* **são** *danças. folgares e bona-chira.*

«Se, pois, *a luz que há em ti são trevas,* que grandes foram essas mesmas trevas!» (Padre A. Pereira).
«*Tulo eram armas de fogo*» (J. Freire).
«*A primeira maravilha. . . foram as pirâmides do Egypto* » (Vieira).
«Gastava em cada ceia com seus convidados *mil filipeus, que era* um dobrão de ouro que bateu Filipe» (M**.** Bern).
« Daquele, dia *que eram 3 de Fevereiro*» (Souza).
«*Tudo isto eram germes de beleza*» (A. Cast.).
«Os *Lusíadas,* em que Luiz de Camões cantou as glórias portuguesas, *é a nossa epopeia nacional*» (Lat. Coelho).

«*Tudo eram telas, veludos, brocados, cetins recamados, cadeias de ouro, colares de pedrarias, trancelins de pérolas, diamantes, rubis, esmeraldas, safiras, medalhas, plumas, martinetes,* que admiravam os castelhanos» (Torres da Silva).

«E. . . lhe puseram diante *tudo o que havia em casa, que eram uns ovos e ervas da horta e alguma fruta do tempo*» (Souza).

Disse, porém, R**.** Lobo:

«O maior trabalho que tenho *é os pastores* com quem trato»,

. . . fazendo a concordância ordinária.

Da mesma sintaxe usou A. Castilho no seguinte verso das *Geórgicas:*

«Redobra a ventania; a chuva é *cataratas.*»

Se a ideia exprimida pelo atributo nada tem que a releve e torne predominante no espírito, é com o sujeito que se faz a concordância, como se colhe do seguinte passo de A. Garret:

> «Justiça é tudo, *justiça é as virtudes todas,* justiça é religião, justiça é caridade, justiça é sociabilidade, é respeito às leis, é lealdade, é honra, é tudo enfim »;

…onde é evidente intuito do escritor tornar patente pela concordância o relevo com que se lhe avulta ao espírito a ideia exprimida pelo vocábulo *justiça,* que é aqui manifestamente a predominante e cuja força ele mais e mais encarece, repetindo o sinal que serve para a exprimir na linguagem.

Quando o sujeito representa nome de pessoa, é igualmente com ele que se faz sempre a concordância: *Tito era as delícias de Roma; minha filha é as meninas de meus olhos.*

Tomando-se por sujeito o complemento do verbo, diz-se erradamente: *que fim levou aqueles homens? que fim levou aqueles projetos?* em lugar de *que fim levaram aqueles homens? que fim levaram aqueles projetos?*

Nessas frases o verbo *levar* significa sofrer, ter; tem o mesmo sentido que na expressão *levar caminho.* Diz-se exatamente na mesma acepção: o livro *levou caminho,* o livro *levou fim:* o vocábulo fim não é sujeito, senão complemento ou regime nas duas proposições acima apontadas.

Nas expressões - *deram duas horas, deram nove horas, deu meio-dia, deu uma hora, deu meia noite,* o verbo *dar* significa *soar;* o sujeito, em tais casos, não é, como geralmente só procura inculcar, o vocábulo *relógio* ou *relógios,* que dizem se subentende; é sim a expressão *duas horas, nove horas, meio-dia, meia noite* etc.

Não nos parece, portanto, correto dizer: *deu duas horas, deu quatro horas, deu nove horas;* se o sujeito, nestes casos, é *relógio* ou *relógios,* conforme se emprega o verbo no singular ou plural, como doutrinam alguns, porque se não diz em português, com a pretensa elipse, *deram meio-dia, deram uma hora, deram meia noite?*

Pode-se, é certo, empregar neste último caso o verbo no plural, mas ficando expresso o sujeito: *Os relógios deram meia noite, as igrejas deram meio-dia, os relógios pouco há deram uma hora;* mas em todo o caso nestas locuções é sempre o verbo *dar* empregado no sentido de *soar* com seu sujeito claro, ou seja usado transitiva ou intransitivamente, o que é de uso mais geral nesses modos de dizer.

Neste ponto, pois, julgamos que a opinião de Constâncio prevalece à de Morais.

Sempre assim foi que se exprimiram os ciosos da boa linguagem, como no-lo atestam os seguintes passos:

> «*Deram* nove *horas* na igreja do Loreto» (R. da Silva).
> «Oito horas! *deram* agora *oito horas*» (L. Filipe Leite).

Depois das expressões *mais de um, mais de uma, mais que um* ou *mais do que um, mais que uma* ou *mais do que uma*, empregadas como sujeitos, vai para o singular o verbo que lhes é correlato: Mais de um homem foi vítima daquele assassino; mais de uma pessoa me asseverou esta notícia.

> «*Mais de um taxara* o seu arrojo de temerário» (A. Cast.).
> «*Mais de um gastrônomo comeu das suas queijadas*» (Idem).
> « *Mais de um leitor teve* a extraordinária paciência de a ler folha a folha, linha a linha» *(*Cândido de Figueiredo).
> « *Mais de* um *de meus futuros leitores* me *perguntou* se a obra seria precedida de algumas noções gramaticais » (Idem).
> «Na poderosa Grã-Bretanha, Chaterton acaba desesperado, e *mais de um engenho notável* para se finar jejuando os loiros, *caleja* em rudes profissões a mão que sustenta uma lira» (Mendes Leal Junior).
> «*Mais do que* um *decênio decorreu* antes que os soldados franceses do 1.° Napoleão expiassem nos desastres da Península às efêmeras vitórias dos seus antecessores» (Lat. Coelho).
> «Mais *de um véu obteve* a liberdade a troco de peitas» (A. Herc.).

Sem embargo, disse Castilho Antônio:

> «É um belo e nobre exemplo em que *mais de um escritor* europeu bem *poderiam* aprender » *(Vivos e Mortos).*

Se é intenção do escritor intimar uma ideia de reciprocidade, vai para o plural o verbo que tem por sujeito a locução *mais de um:* O governo nomeou *mais de um oficial,* que se *substituíam; mais de um se esbofetearam.*

> «Mais de *um politico* de princípios adversos *deram-se* as mãos naquela crise medonha do país» «Mais *de um tutor* para *se substituírem*» *(Código Civil Port.).*

Se a expressão *mais de um* é repetida ou se é seguida de um coletivo, acompanhado de complemento do plural, é ao plural que recorrem os nossos bons escritores:

«Mais *de um oficial, mais de um general, foram* mortos nesta batalha».
«E destes doutores há *mais de um milhão, que cursam* as cátedras e escolas de Mercúrio e Caco» *(Arte de Furtar).*
« *Mais de um milhão de cruzados* foram ilegalissimamente desviados das arcas do tesouro » (Lat. Coelho).

É muito comum em nossa língua o emprego do verbo **haver,** na terceira pessoa do singular, com um sujeito elíptico e complemento sempre claro: há *pessoas muito ilustradas; há livros muito úteis; há homens muito malvados,* **havia** *muitos livros na biblioteca;* **havia** *muitos frutos no pomar.* «**lá** *muitos homens infelizes;* completamente felizes não os **há.**»

«Se não *houvesse ingratidões,* como *haveria finezas?*» (Bern.).
«Em maus caminhos há *maus encontros*» (Idem).

«Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns traidores houve algumas vezes»
(Cama.).

O verbo *haver,* em tais casos, sempre se põe no singular, subentendendo-se-lhe para sujeito um substantivo adaptado ao sentido. As frases *há pessoas, há livros, havia frutos* querem dizer o seguinte: *o mundo, a sociedade, a humanidade há,* isto é, *tem pessoas, o mundo, a cidade, a ciência, a humanidade há,* isto é, *tem livros; a quinta, a fazenda, a herdade, o pomar, a chácara havia,* isto é, *tinha* etc.

Confundindo o regime ou complemento direto do verbo com o seu sujeito, diz o vulgo erradamente: *haviam muitas pessoas; houveram muitas mortes, houveram muitos jogos e divertimentos* etc.

O verbo *haver* aqui não tem a significação de *existir;* mas significa *ter, possuir;* é um verbo transitivo direto; a frase em que figura torna-se regularíssima, restabelecido na ordem gramatical o sujeito, que a língua habitual e idiomaticamente suprime.

Diz-se outrossim. *pode haver homens* e não *podem haver homens; costuma haver* e não *costumam haver; deixa de haver* e não *deixam de haver deve de haver* e não *devem de haver: repugna haver* e não *repugnam haver;; começou a haver* e não *começaram a*

haver; cumpria haver e não *cumpriam haver, havia de haver* e não *haviam* de *haver; acontecia haver* e não *aconteciam haver:*

«Desenganem-se os idolatras do tempo passado, que também no presente *pode haver homens* tão grandes, como os que já foram, e ainda maiores» (Vieira).
«Bem pode *haver mentiras* veniais» (Idem).
«Então convosco também, senhores meus, *pode haver pactos?*» (Cast.-Faust.).
«*Costuma* nisto *haver alguns perigos* » (Bernardes -*Luz e Calor).*
«*Deve de haver mais de dez mil estudantes*» (Fernão M. Pinto).
«Numa língua *deve haver palavras* de diversas ordens» (A. das Neves Pereira).
«*Começou a haver doenças* de má qualidade e princípios de peste» (Souza-Anaes).
« *Cumpria de haver pessoas* que soubessem das condições dos povos» (Lião -*Chron. d'el-rei D. Fernando).*
«*Havia de haver lágrimas* no mundo*?*» (Vieira - *Sermões).*
«Nem por isso *deixa de haver outros meios* custosos de advertir» (Idem).
«*Se* do Deus *pudera haver ciúmes*» (Idem).
«*Repugna haver* em uma alma no mesmo tempo *duas consolações* contrarias» (H. Pinto).
«E *acontecia* muitas vezes *haver* numa mesma igreja *pais, filhos* e *netos* todos sacerdotes» *(Couto-Dec.).*

De modo análogo, emprega nossa língua, em alguns modos de dizer, o verbo **fazer,** dizendo: **faz** *hoje três semanas;* **faz** *amanhã trinta dias que estou doente; há* **de fazer** *agora uns dois anos que ele jantou comigo;* **faz** *neste mês seis anos que lhe morreram pai e mãe:*

«*Vai fazer cinco anos* que ele se doutorou; *deve fazer dez anos* que ele saiu mal ferido do combate».
«*Faz quarenta dias* que estou de cama» (Vieira).
«E hoje *faz cinco anos* que foi recebido nesta e começou a reinar D. *João* o quarto » (Idem).
«*Três anos faz* agora que eu recebi uma carta sua » (Bern.).
« *Faz* agora *três anos* e um dia» (Herc.).

« *Faz anos,* me diz ele, que na Líbia
César calcou aos pés as armas pérfidas
Do façanhoso Juba. . .»
(A. Cast.).

«*Faz* agora *vinte anos* que ali se inaugurou a perfectibilidade lírica » (Camilo).

Afastando-se da sintaxe, invariavelmente seguida pelos nossos clássicos, disse João Lisboa:

«*Fazem* agora justamente *dez anos* »; «ainda não *fazem quatro anos* que a guerra civil assolou um dos pontos mais importantes do império ».

Tal sintaxe, porém, não encontra a sanção dos modelos de nossa linguagem.

Não são, logo, para imitar exemplos quais os seguintes, que só de raro em raro acertamos de encontrar entre os nossos bons modelos:

«Confesso que em todos os tempos *houveram semi-filósofos*» (J. A. Macedo).
«Pois que *houveram varões* dotados de tão alta fantasia» (F. D. Gomes).
«E porque nestes joguetes *houvessem risotas*» (Leonel da Costa).
«Quero dar que em francês *hajam* formosas expressões, curtas frases elegantes » (Filinto Elísio - *Obras).*
«*Começaram a haver alguns arrufos* » (Diogo de Couto).
« *Começaram a haver muitas diferenças* » (Lião- *Chron. d'el rei D. Afonso 5.)*
«Na questão assim apresentada não *podem haver bancos ministeriais* nem de oposição » (Garret-Dise. *Parl.).*
«Eu que acho ridículo que *hajam tantos nomes* para um só indivíduo, apeei o gato dessa fanfarrice » (F. Elisio).

Seguindo sintaxe análoga à do verbo *haver* e *fazer,* assim empregados, diz-se em português: *vai para dois meses, vai por dois meses, vai em dois meses* que morreu meu irmão, subentendendo-se para sujeito da proposição o vocábulo *tempo* ou outra palavra análoga, ficando a frase assim gramaticalmente constituída: o tempo decorrido desde que ou depois que meu irmão morreu *vai para dois meses, por dois meses* ou *em dois*

meses; mas não se diz: *vão por dois meses, em dois meses,* ou *para dois meses.*

Levando-se, porém, o verbo ao plural, diz-se: *Já lá* **vão** doze **anos** que ele *desapareceu; lá* **vão quatro meses** *que o* vi, *já lá vão cinco anos que ele partiu para a Europa,*

«*Lá vão cincoenta anos* de merecimento e de penitência em um instante » (M**.** Bern.).
«*Já lá vão vinte anos*» (*A.* Herc.).
«Já *lá vão quatro anos*» (Idem).

De longe em longe e só em linguagem familiar se encontra o verbo *haver* tomado em sentido indeterminado, acompanhado do pronome *ele,* usado de modo vago e indefinido como seu sujeito, do que dão testemunho os seguintes exemplos:

«Pois *ele há* no mundo quem não conheça a senhora Angeliquinha?» (Cast.- *Col. Ald.).*
«*Ele há* um modo de nunca faltarem livros aos que gostam de ler» (*Ibid.).*
«Pois ele há homem quo possa tudo?» (*Ibid.*).
«Nem ele há coisa melhor» (Idem- O *Casamento de Oiro).*
«E *ele* ainda *há* mouras lindas; por exemplo, esta » (Machado de Assis - *Esaú e Jacó).*
«Não que *ele há* marotos muito grandes na tropa » (Camilo).

Esse pronome de sentido vago, inteiramente análogo ao *il* dos franceses, usado com os verbos impessoais, foi também usado pelo mesmo autor dos *Colóquios Aldeões* no seguinte lugar:

«*Ele é verdade* que em tu não tendo que fazer, não tens que comer» (A. Cast.).

Entre os bons escritores varia muito a sintaxe da frase em que figura a locução *haja vista.*

Assim é que se nos oferecem os exemplos seguintes:

« *Haja vista as* tão graciosas e admiráveis fábulas de La Fontaine» (A Cast.- *A Primavera).*
«*Haja vista ao* seguinte passo » (Idem.-Liv. *Clássica).*

«*Haja vista ao* Soares de Passos, que enterrou a musa sob os autos forenses e morreu; *haja vista ao* Alexandre Braga, que está mudo, *ao* João de Lemos, *ao* Pereira da Cunha, *ao* Palmeirim. . . (lá tornava eu...,), enfim *a* tantos e tantos, que *estão* mudos» (Idem-*Convers. Preamb* no *D. Jayme).*

«*Haja vista dos* elos que eles representam na cadeia da criação» (Camilo-Trad. *do Gênio do Cristianismo).*

« *Haja vista a* Plutarco e *a* Xenofonte entre os gregos, e *a* Valerio Máximo entre os latinos » (Tilinto Elisio - *Obr. Comp.* T. 9).

« *Haja vista ao* minuéte de *Belorma misera,* que vem nas Óperas do Judeu» (Idem).

« *Haja vista* minhas *Cartas de Inglaterra,* o último livro meu em cuja revisão alguma diligência empreguei» (Ruy Barbosa - *Réplica* 79, n. 297).

« *Haja vista* os exemplos disso» (*Idem-Ibid.* Nota ao n. 472).

Cândido de Figueiredo dá sempre como sujeito da oração *haja vista* a palavra que vem depois, pondo-se no singular ou plural o verbo *haver,* conforme é essa palavra de um ou outro número.

Assim é que perfilha as seguintes frases «*haja vista* o empenho», «*haja vista* a folha oficial », «*hajam vista* os acontecimentos da África», «*hajam vista* as alegações do nosso colega ».

Para Filinto Elysio, Castilho Antônio e Camilo a palavra que, em tais modos de dizer, vem depois da expressão *haja vista* representa não o papel de sujeito, como opina Cândido de Figueiredo, senão o de complemento indireto, já regido da preposição *a,* como nos exemplos dos dois primeiros escritores, já regido da preposição *de,* como no de Camilo, de jeito que, ou seja essa palavra do número singular ou do plural, o verbo *haver* nada tem que variar; segundo Cândido de Figueiredo, ao contrário, o verbo varia, conforme é singular ou plural o vocábulo ou vocábulos que se lhe seguem e que fazem de sujeito.

Para o Dr. Ruy Barbosa, porém, ao que parece, a expressão *haja vista* reduz-se a uma locução elíptica sempre invariável, equivalente ao vocábulo francês *temoin,* empregado adverbiadamente, como na frase elíptica: **Temoin** *ces deux mâtins,* que se desenvolve nest'outra: *Je prends à* **temoin** *ces deux mâtins.*

O *haja vista* aqui se resolve na expressão verbal *veja,* a que se deve dar por sujeito a palavra *leitor* ou outra de sentido análogo e por complemento ou objeto direto a expressão que vem depois, seja singular ou plural: *Haja vista o empenho, haja vista minhas cartas de Inglaterra, haja vista os exemplos disso,* são equivalentes às

expressões *o leitor veja as minhas cartas de Inglaterra, o leitor veja o empenho, veja os exemplos disso.*

A nós parece-nos que a sintaxe usada por A. Castilho, Filinto e Camilo, em que figura de complemento indireto o vocábulo que vem depois da aludida expressão *haja vista,* é preferível, atento o sentido que se liga a esse conhecido modo de dizer e a explicação natural da elipse que o resume.

Com efeito, na frase «*haja vista as* tão graciosas fábulas de La Fontaine» segue-se uma sintaxe elíptica, que se desenvolve na seguinte: «o leitor ou quem quer que seja *haja* (isto é, *tenha) a vista lançada* ou *dada às* tão graciosas fábulas», noutros termos, «*veja as graciosas fábulas*».

A frase «*haja vista* a Plutarco e a Xenofonte», de Filinto Elysio, tanto monta como a seguinte: «o leitor ou quem quer que seja *haja* (isto é, *tenha)* a *vista lançada* ou *dada a* Plutarco e *a* Xenofonte», a saber, «*veja Plutarco e Xenofonte* ».

A frase de Camilo «*haja vista dos* elos etc.» assim se explica: «O leitor ou quem quer que seja, *haja* (isto é, *tenha) a vista* dos elos», noutros termos, «*veja os elos* ».

A sintaxe, autorizada por Cândido de Figueiredo, em que se dá por sujeito do verbo *haver* o vocábulo ou vocábulos que se lhe seguem, no singular ou plural, bem que diferente, remata no mesmo sentido, de não difícil explicação.

Assim as frases «*haja vista* o empenho», «*hajam vista* os acontecimentos» se desenvolvem do seguinte modo: «o empenho *haja* (isto é, *tenha) a vista* do leitor ou de quem quer que seja », noutros termos, *o leitor veja o empenho,* «os acontecimentos *hajam* (isto é, *tenham) a vista* do leitor ou de quem quer que seja», a saber, o «leitor ou quem quer que seja *veja os acontecimentos*». São sintaxes diferentes, que traduzem o mesmo pensamento.

Não neguemos, todavia, que **a** sintaxe empregada pelo Dr. Ruy Barbosa mais conforma com o falar comum.

Entre os antigos escritores portugueses, onde se não encontra facilmente a expressão *haja vista,* era esta substituída por outros modos de dizer, que nos oferecem o mesmo sentido, exprimidos, embora, por sintaxe diferente.

Eram muito usadas para significar o *haja vista* as expressões *testemunha seja, testemunhas sejam, boa prova seja, boa prova sejam,* como se vê nos seguintes lugares:

«***Testemunhas** sejam* o famoso Belisário. . . e o grande Tarmolão» *(Arte de Furtar).*

«*Testemunhas sejam* os que com certidões falsas pedem mercês a sua majestade» (*Ibid.*).

« *Boa prova sejam* todas as ciências» (*Ibid.*).

> «*Testemunha seja* um capitão que eu vi despedir-se de um amigo nesta cidade » (*Ibid.*),

. . . onde fazem de atributo ou predicado os vocábulos *testemunhas, boa prova, testemunha,* servindo-lhes de sujeitos as expressões que se lhe seguem.

Entre os vários exemplos de Castilho Antônio conhecemos um, em que este escritor se afasta do teor habitual de sua sintaxe, enunciando-se assim no *Tartufo:* «*Haja vista* o seguinte rol, que não é diminuto », onde, segundo parece, deu o papel de sujeito à expressão *o seguinte rol,* sintaxe, como vimos, de que usa Cândido de Figueiredo.

De sintaxe análoga, mas não idêntica, aos exemplos de Filinto e aos primeiros de Castilho, usou o Padre A. Vieira, dizendo:

> «*Se dermos vista aos matemáticos,* hão de achar grande dificuldade neste texto» *(Sermões).*

E Frei L. de Souza, no seguinte passo:

> «Passou com Diogo da Silveira. . . até subir ao alto do oiteiro e *dar vista ao que* faziam às atalaias ».

CAPÍTULO V

Do emprego dos modos

Indicativo e subjuntivo -O *indicativo* ou *afirmativo,* como já vimos noutro lugar, exprime a ação de modo positivo; o *subjuntivo,* ao revés disso, exprime-a sob a dependência de outra, como o termo de uma vontade enunciada em uma proposição antecedente, expressa ou não; é o modo da dúvida, do desejo, do receio, da indecisão e da incerteza.

Sendo, portanto, o subjuntivo um modo que implica a ideia de subordinação, não é o modo próprio para figurar nas proposições *principais.*

Isto não obstante, pode, em certos casos especiais, ser a proposição principal enunciada em nossa língua por formas do modo subjuntivo: **Venha** *cá;* **diga** *o que sabe;* **diga** *com quem quer falar;* **suba, entre, diga** *o que quer;* **faça** *de conta que está em sua própria casa, não* **digas** *nada ao nosso amigo do que se passou; não* **dês** *ouvido ao que te ele contou, não* **suponhas** *que me enganas,* **unamo-nos** *e seremos fortes,* **corramos** *ao seu encontro;* «**não faças** *a outrem o que não quererias que te fizessem a ti».*

Nas proposições *subordinadas* não pode empregar-se o *modo indicativo,* salvo se a ação indicada pelo verbo o é de modo positivo e formal; no caso contrário, é o *subjuntivo* o modo a que se recorre.

Assim se diz, empregando-se o *indicativo* nas *subordinadas: Creio que Francisco* **veio;** *julgo que* **virá;** *dizem que* **vem;** *afirmam que* **veio;** *sei que* **vem;** *sei que* **veio;** *penso que ele se* **engana;** *julgo que se* **enganou;** *afianço que se* **arrependerá;** *asseguro-te que* **irei** *ver-te; afirmo-te que* **estás** *iludido; é obvio, é manifesto, é claro, é evidente que o não* **conheces;** *é certo, é exato que* **veio;** *tenho certeza que não* **farás** *isso; estou convencido de que te* **iludes;** *aposto que não* **resolves** *este problema.*

Emprega-se o *subjuntivo* nas *subordinadas* seguintes: *Não creio que* **saibas;** *não penso que* **consigas;** *duvido que* **venhas;** *admira que* **faças** *tal; temo que* **chegues** *tarde; temo que não* **chegues** *a tempo, receio que* **sejas** *mal sucedido; estimo que* **sejas** *feliz, temo que se* **engane;** *basta que* **chegues** *ao meio-dia, mandam que* **venhas;** *ordenam que* **sigas;** *determinam que te não* **demores;** *exijo que* **compareças;** *peço que te não* **irrites;** *sinto que* **partas,**

Depois das fórmulas propositivas *é possível, é necessário, é conveniente, é mister, é provável, é preciso, é justo, é crível, é fácil, é difícil, é presumível, é impossível, é bom, é vergonhoso* e outras análogas sempre se emprega, hoje em dia, o modo subjuntivo: *É possível, é provável, é necessário, é conveniente que* venha. Entre os

autores antigos não raro se transgrediu essa regra. A lição dos mesmos nos põe diante dos olhos exemplos como o seguinte:

> «*É possível que havemos de fazer* tanto pela vida temporal...? (Vieira - Serm.).

Depois da conjunção *se* fica o verbo da *subordinada* no *indicativo* ou *subjuntivo,* segundo indica um fato formal e positivo ou um lacto duvidoso, uma condição:

> «Se os olhos vêm com amor, o corvo é branco » (Vieira).
> «Se *eu fosse* do mundo rei, / Seria escravo de ti»

Depois das conjunções e fórmulas conjuntivas *embora, quer. . . quer, contanto que, antes que, a menos que, a não ser que, sem que, como se, caso que* entra nos hábitos da língua empregar o modo subjuntivo. Assim se diz: *Embora venha,* não irei com ele; *quer chova, quer faça sol,* sempre o vejo naquele sítio; a tudo cede, *contanto que* lhe *lisonjeiem* o amor próprio; *antes que anoiteça,* devemos estar de volta; *a menos que* lhe *dirijam* a palavra, fica em seu silencio habitual; não briga, *sem que o provoquem, a não ser que chegue* tarde, irei ver-te; *a menos que lhe travem* do braço, não se levantara; fala da tribuna parlamentar, *como se estivesse* na cadeira de professor; *caso que não esteja* doente, irei à festa do seu aniversário natalício.

Com as locuções conjuntivas *ainda que, bem que, se bem que, posto que, suposto que, por muito que, por mais que, apesar de que, com quanto* e outras locuções concessivas, por frequente que seja o uso do subjuntivo, não é raro entre os mestres do bom falar, antigos e modernos, o emprego do indicativo.

Assim, ao lado das frases seguintes: *ainda que o excedas* na riqueza, não o vencerás na generosidade; *bem que sejas inteligente,* não o vencerás neste pleito; *com quanto fosse* muito ilustrado, não pôde fugir às fraquezas que dominam o comum dos homens, e outras análogas, em que, por dizê-lo assim, as fórmulas subjuntivas parecem tendem a estereotipar-se, não escrupulizam os nossos bons modelos de abonar exemplos do emprego do indicativo.

Haja vista aos seguintes excertos:

> «*Ainda que* a noite **era** de Junho e de terras Africanas, o lugar, a grande eminência da montanha não fazia apetecível a temperatura» (Latino Coelho).
> «*Apesar de que* apenas **contava** 26 a 27 anos» (Idem).
> «*Posto que* não **tinha comunicado** a causa de sua vinda» (Barros).

> «*Suposto que* o proveito **será** somente d'alma» (Bern.).
> «*Suposto que* algumas das autoridades só **falam** da oração em comum » (Idem).
> «*Posto que* me vês na terra» (Vieira).
> «*Suposto que* **foi** sentença de morte » (Idem).
> «*Suposto* pois *que* **fugia** » (Idem).
> «*Posto que* já o **li** em Roma» (Idem).
> «*Por mais* forças *que* **fazia** pelas dissimular» (Souza).
> «*Por mais que* **viveu** sempre ocupada» (Fr. Lucas de Santa Catharina).
> «*Com quanto* se **acham** madeiras grossíssimas» (Souza).
> «*Por muito que* **trabalhava** reprimi-las» (Idem).
> « *Suposto que* te **aborrecemos**» (Bern.).
> « *Por mais que* **forcejava**» (Vieira).
> «*Se bem* para mim **é** a maior» (Souza).
> «Vinha do ocidente um grosso marulho, *se bem que* o vento **soprava** de estio » (Camilo).
> « *Apesar,* porém, *de que* a Inquisição **era** coisa antiga neste país» (A. Herc.).

Outro tanto corre com a preposição *por* ou a expressão *por mais* antes de um adjetivo, seguido de *que* na acepção das concessivas *ainda que, bem que, posto que,* em locuções como as seguintes: *por sábio que, por precavido que* ou *por mais sábio que, por mais precavido que,* as quais figuram em linguagens já do subjuntivo, o que é muito comum, já do indicativo: *Por sábio que* **fosse,** *que* **fora** ou *que* **era,** *por precavido que* **fosse,** *que* **fora** ou **era;** *por mais sábio, por mais precavido, por muito sábio, por muito precavido que* **fosse, fora** ou **era.**

> «E *por cego e obstinado que* **estava,** em poucas razões o deixou atado e convencido» (Souza).

Depois das expressões *o único, o primeiro, o último* e de certas locuções superlativas, como *o mais feliz, o mais rico, o mais sábio, o mais eloquente, o mais distinto, o mais extremoso,* seguidas do conjuntivo *que,* emprega nossa língua de ordinário o modo *indicativo,* sendo no francês, pelo contrário, muito mais frequente, em tais casos, o uso do *subjuntivo: É o único político a quem* **venero;** *foi* o *primeiro que* **pisou** *no campo inimigo; foi Nero o primeiro imperador que* **perseguiu** *a Igreja; é o homem mais sábio, mais rico, mais feliz, mais eloquente, mais extremoso que* **conheço.**

Disse, porém, Latino Coelho:

> «O reinado de D. Maria 1.ª é um dos mais escassos em escritos e memorias, *que se* tenham dado à estampa ».

A oração completiva dos verbos *temer, recear* e das expressões verbais *ter medo, receio* exige no subjuntivo o verbo que lhe diz respeito: *Temo que venha; receio que se dê isso; tenho medo que isso se descubra; tenho receio que o doente venha a sucumbir.*

A despeito disso, Barros, Vieira e outros dão-nos sintaxe inversa nos seguintes lugares:

> «Porque *temeu* que indo ele per aquele pequeno pago acima, nas costas lhe *podiam* dar alguma afronta as lancharas da Armada d'el-rei » (Barros).
> «Ah meu Senhor, quanto **temo** que se nos **aparelha** um tremendo açoute e que **havemos de sentir** primeiro os rigores da divina justiça do que cheguem as promessas de sua misericórdia!» (Vieira).
> «Sempre eu **temi** que a relação da vitória, não necessitando ela de cores alheias, lhe **havia de apoucar** a grandeza e escurecer o lustre» (Idem).
> «**Receava** que **era** aquele o seu último tempo » (Lião).

Não é muito comum, em tais casos, o uso do *indicativo.* Nas frases optativas e imprecativas são também as formas do modo *subjuntivo* a que se dá preferência na enunciação do pensamento: Praza a Deus que assim aconteça; Deus queira que tal não suceda; valha-me Deus; Deus te proteja; Deus te dê boa sorte; Deus te leve à paz e salvamento; bons ventos te conduzam; Deus lhe dê bom dia, boa noite; seja feliz; quem tiver inveja que se morda; ande eu quente e ria-se a gente; mau fim tenhas; Deus te dê o que desejas; Deus te dê saúde; a terra te seja leve; maus raios te partam; o diabo te carregue; vivam os bons e morram os maus; fez muito mal em vida, Deus perdoe os seus pecados; morra eu, se não tens pacto com o demo; louvado seja Deus, bendito seja o santo nome de Jesus; **venha** a nós o teu reino; assim seja.

> «Não *permita* Deus que eu morra
> Sem que eu volte para lá »
> (Gonç. Dias).

> «Esperança, filha dos céus! eterno cântico dos anjos!. . . bendita *sejas* tu » (Camilo).

Imperativo - O emprego do *imperativo* nenhuma dificuldade oferece. É, todavia, para notar:

I. Que não costuma nossa língua empregar negativamente as formas deste modo. Assim que lhe não é habitual dizer: *não faze, não dize, não supõe, não fazei, não dizei, não suponde;* porém, usando das formas do subjuntivo: *não faças, não digas, não suponhas; não façais, não digais, não suponhais.*

Na língua latina onde, em tais circunstâncias, é usual servir-se o imperativo das formas adaptadas ao subjuntivo, cujo valor lógico substitui, não raro se encontra o *ne* com o imperativo, principalmente em poesia:

> *Tu* **ne cede** *malis, nimium* **ne crede** *colori*» (Hor),

. . . e as vezes, concentrado no verbo *nolle* (*non* e *vele*), seguido do infinitivo, em prosa ou verso:

> «**Noli** *pati litigare fratres* » (Cic.).

Outras vezes é o futuro do subjuntivo que substitui o imperativo nas formas negativas: *ne tereris, ne dixeris, ne feceris,* isto é, *não cubras, não digas, não faças.*

II. Que, se bem que o imperativo seja exprimido pela segunda pessoa, pela razão de indicar uma acepção feita pelo indivíduo a que nos dirigimos no discurso, ordenando, pedindo ou exortando, é inegável que muitas vezes é esse modo exprimido não pela segunda pessoa, senão pela primeira do plural.

Assim nas frases: *trabalhemos todos pelo futuro engrandecimento da pátria comum, ajudemo-nos mutuamente, unamos-nos; honremos os nossos maiores, é* incontestável que se trata aqui de um *imperativo;* o ser em nossa língua a forma da primeira pessoa do plural do *imperativo* idêntica à da mesma pessoa do *subjuntivo,* trouxe por fim a confusão dos dois modos, que exprimem ideias diferentes.

Compreendendo implicitamente cada uma das primeiras pessoas *trabalhemos, ajudemo-nos, unamo-nos,* o sentido que se liga à segunda, devem distinguir-se na mesma forma verbal da primeira pessoa dois seres que, unidos na forma, se separam no pensamento: um da primeira pessoa, que é o que ordena, pede ou exorta, isto é, o que fala; outro da segunda pessoa, que é o a quem se fala e que realiza o objeto da ordem, do pedido ou exortação.

Há efetivamente um desdobramento dos dois seres, que a mesma forma verbal a um tempo encerra e exprime.

Condicional. O *condicional* supõe uma condição, expressa ou subentendida.

É de ordinário acompanhado de uma oração secundária que lhe precede ou segue e a que se antepõe a conjunção *se: Se viesses,* **iria contigo;** *se outro* fosse *eu, não seria mais teu amigo; se procedesses bem,* **ter-me-ias** *contigo.*

Em nossos escritores é frequente o emprego deste modo sob a forma do *mais que perfeito.* Tal é o seguinte exemplo de Vieira:

> «E se Deus não *cortara* a carreira ao sol com a interposição da noite, *fervera* e *abrasara*-se a terra, *arderam* as plantas, *secaram*-se os rios, *sumiram*-se as fontes, e *foram* verdadeiros e não fabulosos os incêndios de Phætonte ».

Outras vezes reveste a forma do *imperfeito do indicativo,* já em linguagem popular, já em linguagem literária. Assim é que se diz; *eu ia, se tu fosses* e em Castilho Antônio, no *Fausto,* deparam-se-nos os seguintes versos:

> «Eu se fosse a senhora, *atirava* paixões
> pra trás das costas; *punha* um lutozinho d'ano,
> por decência, e entretanto *ia-me* piano, piano
> buscando outra fortuna »
> (A. Cast.- *Fausto*[102]).

O condicional emprega-se já nas orações principais, já nas subordinadas, principalmente depois dos verbos que indicam uma condição: **Seria** muito feliz, se conseguisse isto; suponho que te **arrependerias,** se fizesses isso.

Infinitivo. O *infinitivo* pode ser empregado como sujeito, como atributo ou como complemento. Exemplos: **Viver** é **lutar, mentir** é coisa vergonhosa, quero **trabalhar,** procuro **acertar.**

Depois das orações dos verbos unipessoais ou tomados como tais, como *- convém, releva, importa, incumbe-lhe, cabe-lhe, parece, toca-lhe, compete-lhe, pertence-lhe, é lícito* e de certas expressões como *- é necessário, é mister, é conveniente, é preciso, é urgente, é forçoso, é forçado, força é* ou *é força, é razão* ou *razão é, é de razão, é bem, é bom, é justo* e outras análogas, se vem imediatamente depois um infinitivo, é este

102. *Apud* Júlio Moreira. ***Estudos de Língua Portuguesa.***

considerado o sujeito de *tais* orações; *Convém, releva, importa estudar; parece tresvariarem, parece acreditarem; incumbe-lhe, cabe-lhe, toca-lhe examinar; compete-lhe providenciar, pertence-lhe averiguar* o negócio, *parece serem* useiros e vezeiros nessas tramoias; *é mister, é preciso, é conveniente, é necessário, é urgente partir; é forçoso, força é, é força trabalhar; é bom, é bem, é de razão, é razão conceder-lhe* o que pede.

Também se diz, empregando o *subjuntivo: convém que estudes; forçoso é que partas; bem é que saibas; é de razão que assim procedas,* representando então a oração do *subjuntivo* o papel de *sujeito.*

> «*Foi forçado levantar* o campo com perda de reputação » (Souza).

Em alguns casos, para dar certo calor, certa vivacidade e rapidez a uma narração, é o infinitivo empregado pelo indicativo: *Chegaram à herdade: e meninos a trepar às árvores, a escalar mirantes, a fazer correrias, a colher flores e borboletas.*

> «Porque favas contadas, ele a *dar-me* com a cadeira na cabeça e eu a *procurar-lhe* a barriga com uma navalha, Deus me perdoe» (Camilo).

> «Eis que estala por todo o monte o incêndio,
> E as feras *a fugir, fugir* as aves,
> E as feras *a tremer* na baixa Veiga»
> (Filinto).

O infinitivo assim empregado, a que se dá o nome de *infinitivo de narração* ou *histórico,* supõe um verbo para o reger.

Esse emprego do infinitivo, muito frequente na língua latina e menos na portuguesa, encontra-se igualmente no francês, principalmente no estilo familiar:

> « Grenouilles aussitôt de **sauter** dans les ondes
> Grenouilles **de rentrer** dans leurs grottes profondes » (La Fontaine).
> « Il 's'éloigna tout honteux et nous **de rire** » (Idem).

Empregando o infinitivo de narração, disse Tito Livio: «Omnia teneri custodes rati *alii per murum* **fugere,** *alli* **salire** *de muro,* **praecipitarique** *turba pacentium* ».

O infinitivo era na primitiva um nome verbal, e esse valor nominal do infinitivo transparece em muitas de nossas frases, em que ele concorre com outros substantivos exercendo as mesmas funções:

«Os primeiros jogos que inventaram os homens foram a luta, os cestos, a clava, a lança, a pela, **a** troia, **a** que nós chamamos canas, o *lançar* a barra, o *ferir* o alvo com a seta, o *correr* o estadio, o *saltar* os vales, o *nadar* vestido de armas e outros semelhantes» (Vieira).

«A necessidade é a que leva o soldado à guerra e a *escalar* as muralhas» (Idem).

Por outro lado, encontram-se em Plauto, poeta cômico latino, os substantivos abstratos *tactio, curatio, aditio* empregados como se fossem verbos com um acusativo: *Quid tibi hanc digito tactio est?* que em vulgar traduzimos: *Que necessidade tens de tocá-la com o dedo? Quid tibi hanc curatio est rem?* Em vulgar: *Qne tens com isso, que te importa a ti isto? Quid tibi hanc aditio est?* isto é: *Por que vens ter com esta?*

Onde a palavra *hanc,* do primeiro e último exemplo, e a expressão *hanc rem* do segundo se ligam como acusativos ou complementos diretos aos nomes *tactio, curatio, aditio,* como se verbos foram.

Infinitivo pessoal e **impessoal** - A língua portuguesa, além de ter, como todas as línguas, o *infinitivo impessoal,* possui, de mais, o *infinitivo pessoal,* isto é, o infinitivo modificado pelo acessório de pessoa.

Este idiotismo de nossa língua dá-lhe uma vantagem incontestável sobre suas irmãs, as línguas românicas, já por oferecer ao escritor mais largas ensanchas à enunciação do pensamento, facilitando-lhe a variedade da frase, conforme as exigências da harmonia, a energia dos conceitos e o colorido das ideias; já por desempeçar a contextura do discurso dessas equivocações, não raras noutras línguas, quando têm de fazer aplicação das formas temporais do infinitivo.

As regras, porém, relativas ao emprego dos dois infinitivos de nossa língua são sujeitas a muitas dificuldades, e pode considerar-se este um ponto de nossa gramática, em cuja aplicação a maioria de nossos escritores vacilam e tropeçam.

De feito, os textos mais desenganados, os mais aforados modelos de nossa linguagem, oferecem-nos exemplos não raramente contraditórios e opostos à doutrina considerada mais corrente e assentada, constituindo-se esta questão de nosso idioma o baixo onde muitos naufragam, à míngua de seguros faróis que lhes apontem o bom rumo.

Formularemos, todavia, as seguintes regras, não tendo a maior parte delas nada de rigorosas e absolutas.

Como torrentes caudais, as línguas por vezes rompem e derribam esses diques e represas, onde, em balde, as regras gramaticais se esforçam pelas encerrar e reprimir.

Quando numa frase houver dois verbos, um do modo *definito,* outro do *infinitivo,* precedido ou não de preposição, sendo idênticos os sujeitos de ambos, usaremos, em geral, do *infinitivo impessoal;* quando, porém, não houver essa identidade dos sujeitos, empregaremos o *infinito pessoal: julgo* **poder** *fazer esta viagem, julgamos* **ter sido** *generosos, julgo* **poderes,** *fazer essa viagem; creio* **seres** *sabedor disso; creio* **termos** *adivinhado seus desígnios; ereio* **teres** *compreendido tudo; não te espantes de me* **encontrar** *aqui; eles vieram aqui para* **ver** *a exposição; vieram para* **ver** *o espetáculo; vieram à tua presença para* veres *sua nudez; não te admires de me* ver *nestes apuros.*

« Pode ser **quererdes** saber a que venho » (J. F. Vasconcelos).

«Fingiu **serem vindos** os embaixadores d'el-rei da Pérsia a cobrar o tributo» (Bern.).

«Ordenou o governador **ficarem** ali todos os pedreiros» (Couto).

«Vai preso por culpas, muitas das quais consta **serem** caluniosas» (Vieira).

«Trabalha, meu filho, para **agradarem** tuas obras a Deus» (F. M. Pirto).

«É Sócrates quem afirma **serem** os gregos conjuntos e domésticos» (Lat. Coelho).

«Convidou o Arcebispo muitos Prelados Italianos e de outras nações **para ouvirem** o sermão da vinha » (Souza).

Quando a forma verbal regente estiver distante da forma regida, apesar da identidade dos sujeitos, será preferível o emprego do *infinitivo pessoal,* salvo quando a forma regida for complemento direto do verbo regente;

«Ai dos que põem almofadas e travesseiros debaixo dos cotovelos e das cabeças dos homens, para os **enganarem** a eles e **aproveitarem** a si, para lhes **cassarem** a alma e **darem** a si mesmos vida!»

«Quantos homens, esquecendo o nobilíssimo exemplo do prelado, não cortejaram rastejando a triunfante revolução, e se fizeram os fautores das populares excitações, e invejaram a glória sinistra de Danton e de Marat, para **irem** a pouco trecho ajoelhar reverentes e contritos diante da realeza. . .!» (Lat. Coelho).

Quando depois de um verbo no modo definito vêm dois ou mais verbos no infinitivo, sendo todos complementos já diretos, já indiretos, é de notar que

alguns de nossos escritores, ainda os de melhor nota, para darem variedade e colorido à frase, tornando-a às vezes mais eufônica, costumam empregar como *impessoal* o primeiro dos infinitivos, variando o segundo ou os outros ou vice-versa, sem embargo de terem por sujeitos os mesmos do verbo regente:

«Os cônegos, porém, segundo parece, preferiam **desfrutar** um terço das rendas episcopais em liberdade **a viverem** claustralmente » (A. Herc.).
«Os Titãs modernos não sobem ao céu para **reptar,** como os antigos, a divindade, senão para **a adorarem** de mais alto e lhe **poderem** com a ciência de suas maravilhas entoar o cântico de seus louvores » (Lat. Coelho).
«Enquanto nos descuidosos desembargadores só não deparava lazer e ocasião para **folhearem** os processos e **lavrar** os seus acórdãos criminais» (Idem).

Tal sintaxe, porém, que só assenta na variedade e harmonia do discurso, nada tem de rigorosa.

Quando o *infinitivo* vier antes da forma verbal definida, que o rege, será preferível o emprego do *infinitivo pessoal:*

«Mandou aperceber um caravelão com duzentos e cincoenta soldados, que, por **acharem** os mares grossos, chegaram a Bassam com trabalho» (J. Freire).
« Virtude, sem **trabalhares** e padeceres, não verás tu jamais com teus olhos» (Bern.).
«Os ministros, por não **porem** a perigo a sua fortuna, compunham-se interesseiros ou hipócritas ao espelho místico do rei» (Lat. Coelho).
« Ao **chegarem** ali os ingleses, conheceram quão necessária fora a sua vinda» (A. Herc.).
«Para se **consolarem,** os infelizes dormiam tranquilos em seus leitos macios!.. .» (Idem).
«Outros há que, com **serem** muitos leais, furtam a trecheio com unhas mentirosas» *(Arte de Furtar).*

Disse, porém, Latino Coelho:

«Os sábios **ao ler** o *Kosmos* podiam ver em breve epilogo retratado o universo na sua augusta unidade e harmonia»;

. . . e em Fr. Luiz de Souza e Vieira encontram-se os seguintes exemplos:

«Muitos nobres por **sustentar** a fé chegaram a desamparar as casas e as filhas donzelas» (Souza).
«E tu, sobre o **pôr** na cruz, ainda lhe metes a lança » (Vieira).

Quando entre o verbo do modo definito e o infinitivo houver alguma palavra que possa também ser sujeito deste, para evitar o equívoco, empregar-se-á o *infinitivo pessoal:*

«Temos poder para nos **conservarmos** inteiros»
«Temos autoridade para nos **mantermos** em nossos postos».

Sem a variação do infinitivo poderiam haver-se por sujeito deste os vocábulos *poder* e *autoridade.*

Quando imediatamente depois da forma regente, acompanhada ou não de uma variação pronominal, proclítica ou enclítica, vier a forma regida, apesar da não identidade dos sujeitos, será preferido o *infinitivo impessoal,* salvo se do emprego desta forma verbal resultar obscuridade, equivocação ou mau soído: *Ela os fez* **caminhar** *muito; ele os mandou* **subir,** *os mandou* **entrar,** *mandou-nos* **assentar;** *eu fi-los* **sair;** *fi-los* **empalidecer;** *nada os faz* **corar;** *obriguei-os a* **confessar,** *a* **dizer** *tudo.*

«...Os obrigou a **permanecer** em sua obediência» (Fr. B. de Brito).
« Viu-os **partir** um herege» (Souza).
«E as dores que padeciam os faziam **dar** bramidos como bestas feras» (Idem).
«Vimos **descer** duas donzelas sobre palafrens acobertados de finíssimo brocado» (Fern. Alvares).
«Ela nos recebeu com muita alegria e mandou-nos **assentar** em umas esteiras» (F. M. Pinto).
«O outro monumento não é menos enigmático, e deve estar farto de ver **passar** séculos e **desfazer-se** gerações » (A. Cast.).
«Manda **vir** cheiros, joias, galas, espelhos; veste, compõe, enriquece, esmalta os cabelos, a garganta, o peito, as mãos» (Vieira).
«E assim os traz embelezados sua gulosina, que os faz **esquecer** de sua salvação» (Martim A**.** de Miranda).
«. . . os faziam **vacilar** e **debruçar** sobre os arções» (A. Herc.).
«Deixai-os **morder** uns aos outros, que é sinal de Deus se amercear em nós » (Idem).

«O século 12 viu **pulular** muitas discórdias religiosas» (Idem).
«O século 18 viu **morrer** os grandes pensadores» (Lat. Coelho).
«Ensina-os a **aprender** » (Idem).
« A cúria romana desejosa de que se retrocedesse à antiga forma de censura, viu **desaparecer** mais tarde neste ponto os vestígios derradeiros da legislação Josefina» (Idem).

Quando entre a forma regida infinitiva fazendo de complemento direto e a forma regente vier enunciado o sujeito próprio daquela, exprimido por um substantivo plural, é de frequente uso o emprego do *infinitivo pessoal: Vi agora dois soldados* **saírem** *embriagados daquela tasca, ainda vi os ladrões* **descerem** *precipitadamente as escadas, viu seus filhos* **morrerem** *à fome e à miséria; ouvi as vítimas* **implorarem** ***a*** *piedade daqueles corações endurecidos, vi muitos soldados* **caírem** *mortos nas mesmas fileiras, percebeu os dois vultos* **entrarem** *na espessura do bosque.*

«E o ardiloso cardeal vira os ventos **rondarem** a outro quadrante» (Lat. Coelho).
«Vi muitos peregrinos **fazerem** itinerários de sua peregrinação» (Pantaleão d'Aveiro).

Quando a forma infinitiva figurar como sujeito da proposição regente ou como complemento de um substantivo ou adjetivo, empregar-se-á o *infinitivo pessoal* ou *impessoal:* o *pessoal,* quando, predominando no espírito a ideia de pessoa, se tiver em mira torná-la manifesta na linguagem; o *impessoal,* se o sentido for geral, indeterminado, em abstrato de toda a especificação pessoal: *O desejo de* **conhecerem** *tudo por si mesmos os levou a empreender esta viagem, o desejo de o* **verem** *em casa não lhes cabia nos peitos, o desejo de* **conhecer** *nos é inato, o desejo de* **ser** *felizes leva os homens a muitos descomedimentos, o* **passear** *em manhã fresca e serena nos é muito deleitoso, o* **passearmos** *todas as manhãs naquele bairro era-nos habitual, estão cansados de* **esperar;** *desejosos de* **ouvi-lo,** *demoraram sua viagem, ávidos de* **subir.**

«E condão inseparável dos talentos verdadeiros e completos... o **conglobarem** ao mesmo passo na sua admirável unidade o Belo, o Justo e Verdadeiro » (Lat. Coelho).
«No meio do desregramento e corrução de nossos costumes políticos... é grata consolação o **contemplar**» (Idem).

«As mulheres... aplicadas ao governo de sua casa e a **granjear** com trabalho e indústria das portas para dentro, como os homens fora de casa» (Souza).
«Sedentos de **observar**» (Lat. Coelho).

Ainda não sendo o infinitivo complemento de um substantivo ou adjetivo ou sujeito da proposição regente, mas complemento indireto da forma regente, que vem antes, se levamos a mira em tornar patente no discurso o acessório de pessoa, será a forma *pessoal* a geralmente preferida, a despeito da identidade de sujeito das duas formas verbais:

«Deve ser o éter enredado de fios de luz, que, em todas as direções paralelas, perpendiculares, oblíquas, convergentes, divergentes, remotas, próximas, se *entretecem sem se* **torcerem,** se *cortam sem se* **quebrarem,** se *encontram sem se* **confundirem,** comunicam todos os pontos com cada ponto, fazem que tudo possa ver a tudo e ser de toda a parte descoberto » (A. Cast.).
«As mulheres *têm* ao seu mandar as lágrimas para **chorarem** quando e quanto querem » (Bernardes).
«Logo à quarta-feira seguinte *foram* ao mosteiro três cardeais para **assistirem** em certa solenidade de renunciação » (Souza).
«Os mesmos que *tinham* língua para os **celebrarem** não *tiveram* mãos para os **escreverem** e **autenticarem** » (Idem).
«*Trabalham* continuamente sem **irem** comer a suas casas» (Vieira).
«É uma espada de dois gumes com que os cidadãos estão armados para se **defenderem** a si e a seus filhos» (Herc.).
«Dali *saíram* apóstolos e confessores da liberdade para **agonizarem** nos ergástulos, **mendigarem** nos exílios, **padecerem** nos desterros e **cansarem** a própria tirania com a tenacidade e constância da sua fé » (Lat. Coelho).

Nestes e noutros exemplos análogos temos que a variação do *infinitivo,* por isso mesmo que é sintaxe de meneio menos frequente, torna mais relevado o contexto, comunicando-lhe certo sainete e toque de força e vivacidade.

Sem violarem as regras comuns da sintaxe portuguesa, diríamos antes, de acordo com os preceitos gramaticais, poderiam, é certo, esses escritores enunciar-se, fazendo invariáveis as formas infinitivas; mas, nesses casos, parece muito perderia o pensamento do seu vigor e energia.

Quando antes ou depois de qualquer das duas formas verbais vier um substantivo ou pronome, complemento indireto da forma verbal definita, far-se-á uso do *infinitivo* ***impessoal;***

«A força dos ventos que começaram **a** soprar com grande fúria, não deixava aos marinheiros **obedecer-lhe** » (Lobo).
«Nunca lhe ensinei **a ser** despejadas » (**J.** Freire).
«Evitou **chatinar** aos soldados » (Idem).
«Faltando-lhes valor e acordo para se **defender** ou **morrer** em suas mesmas casas» (Idem).
« Quando o pejo os desencontrou da vontade e lhes mandou **seguir** o caminho das ribeiras » (Francisco Manoel).
«Quem nos ensinou a **esperar?**» (A. Herc.).

Quando há uma frase de sentido impessoal, acompanhada de um complemento ou objeto indireto, e seguida de um infinitivo, servindo-lhe de sujeito, é impessoal a forma infinitiva a que se recorre: *É-nos mister* **trabalhar;** *é-vos preciso* **estudar;** *é-nos necessário* **examinar;** *não nos é mister* **trabalhar** *tanto, não nos é possível* **preparar** *esta lição, não nos convém* **tomar** *este encargo; não nos importa* **examinar;** *releva-nos* **obedecer às** *suas ordens; não nos é lícito* **abandoná-lo;** *foi-lhes vedado* **entrar;** *é-lhes defeso* **prosseguir.**

«Era-lhes necessário **abrir** caminho através d'águas congeladas (Lat. Coelho).

Quando nessas frases impessoais se cala o complemento ou objeto indireto, emprega-se uma ou outra forma infinitiva, conforme o sentido for geral e indeterminado ou particular e determinado: *Convém* **estudar** *para* **saber;** *convém* **examinarmos** *estas coisas; releva* **saldarmos** *esta dívida de honra; cumpre* **estudares** *para dar gosto a teu pai, é mister* **trabalhares** *dia e noite para chegar ao cabo dessa empresa; convém* **examinardes** *tudo; importa* **escutar** *a voz do povo, é forçoso* **partirmos** *em seu auxílio.*

«Poucas vezes ou nunca sucedeu **enviarem** príncipes Cristãos a Roma tão magnífico aparato » (M. Bern.).

Não obstante todas as regras que atrás deixamos expostas, o emprego das duas formas infinitivas varia muito entre os nossos escritores, ainda os de mais

vulto, cuja lição nos deparam alguns exemplos que não são para imitar, quais os seguintes:

«Deleites que servem de *escurecerem* a razão, e apagar de todo a notícia da eternidade» (Luc.).
«Tentaram *difamarem* de mim para indignarem a V. Alteza» (Couto).
«No qual esperavam *concluírem* aquele negócio de todo » (Idem).
« Resistiram a *submeterem-se*» (L. Soriano).
«Com que os devotos do Santo procuraram *mostrarem* todo o gênero de metro e diversidade de língua» (Souza).
«Os inimigos destroçados em toda a parte viram-se constrangidos a *buscarem* refúgio nas montanhas» (A. Herc.).
«Os animais monstruosos e híbridos, os centauros, os sátiros e os demônios. . . pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o escultor, **escarnecerem** da cólera popular» (Idem).
«A maior parte delas tendem a se **irmanarem**» (**J.** Cast.).
«Estende o braço sobre as águas e obriga-as a **abrirem-lhe** passagem» (Reb. da Silva).
«Oh, Netuno, lhe disse, não te espantes / De Baco nos teus reinos **receberes** » (Cam.).
«E folgarás de **veres** a polícia / Portuguesa na paz e na milicia» (Idem).

O infinitivo é algumas vezes empregado pelo particípio presente, formando proposições subordinadas de segunda ordem, equivalendo às proposições que em terminologia inglesa se denominam *sentenças adjetivas.* Tais os infinitivos nos seguintes modos de dizer: *Em sua volta a terra de seu berço, foi recebido entre flores a* **trescalar** *perfumes, por gentis damas a* **sorrir-lhe** *prazenteiras, por meninos a* **entoar-lhe** *harmoniosos cânticos.*

«Andavam em competência com F. Bartholomeu as honras e as dignidades: ele **a aborrecê-las,** elas **a entrar-lhe** por casa» (Souza).
«Andavam com ela em contenda os bens da terra: ela a **enjeitá-los,** eles a **buscá-la**» (Idem).
«Mais vale um pássaro na mão que dois **a voar** » (Prov.)

Quando assim empregado o *infinitivo,* uso é de nossos escritores dar-lhe de preferência a forma *impessoal.*

Outras vezes assume o *infinitivo* a função de um imperativo em certos modos de dizer, em que é o infinitivo empregado absolutamente e nas locuções que indicam vozes de comando militar:

> «*Trabalhar,* meus irmãos; que o trabalho
> É riqueza, é virtude, é vigor;
> Dentre a orquestra da serra e do malho
> Brotam vidas, cidades, amor »
> (A. Cast.).

> Direita *volver!»;* «esquerda *volver!»;* «*descansar!»;* «*preparar!»;* «*carregar!».*

Em linguagem familiar também se diz: *deixá-lo, deixá-la dizer,* onde se vê que se trata de uma linguagem infinitiva, empregada pelo imperativo.

Nesses casos é de rigor dar-lhe a forma impessoal. Outrotanto ocorre com relação ao infinitivo *histórico* ou de *narração,* o qual reveste a forma impessoal.

Empregando o *infinitivo* pelo *particípio presente,* fê-lo variável Latino Coelho no seguinte lugar duma de suas obras:

> «Era a revolução e a democracia a *infiltrarem-se* em toda a parte».

Particípios. Os *particípios presentes* em *ante, ente, inte* dos *particípios imperfeitos* latinos correspondentes em *antem, entem, ientem,* usados antigamente em português, desapareceram, como vimos, sendo tais formas substituídas pelas dos *gerúndios* latinos em *ando, endo, iendo.*

Esses particípios em *ando, endo, indo* eram entre nossos clássicos precedidos outr'ora de preposições: «*Entre lendo* se verão», «*sem sendo* resistidos», «*de acrescentando* o desejo ao pedido». «*Sem curando* doutro estormento» (Fern. Lopes).

O emprego de todas essas preposições caiu de todo o ponto em desuso, menos o da preposição *em,* usada sempre pelos nossos escritores e ainda hoje em dia encontrada a trechos nos exemplares de nossa linguagem:

> «*Em nascendo,* já fazem a um clérigo, a outro frade, a outro soldado » (Souza).
> «Nobreza e desunida não pode ser; porque, *em sendo* desunida, deixa de ser nobreza » (Vieira).
> «Muita rocha parece árida, que, *em lhe tocando* vara de profeta, se desentranha em fontes caudalosas » (A. Cast.).

Os *particípios passados,* quando unidos às formas dos verbos *ter* e *haver,* são invariáveis: *As guerras que tinham* **feito,** *os discursos que haviam* **pronunciado.**

Nos antigos escritores portugueses, como já o deixamos dito, é muito comum encontrar esses particípios variando para concordar com os substantivos nas linguagens compostas;

> «A qual obra será posta no catálogo das mercês que este reino dele *tem recebidas* » (Barros).
> «Nos serviços que lhe *tinha feitos* » (Fern. Lopes).
> «De quantas culpas *tinhas cometidas* » (Fern. Mendes).
> «Também nos *tinham mortos* grandes e bons soldados» (Souza).
> «Como foram os que até agora *tendes feitos* » (J. Freire).

O *particípio passado* figura algumas vezes em proposições infinitivas, de que é *atributo,* constituídas pelo verbo *ser* subentendido:

> «Era tão fácil e natural a disciplina que não havia mister *torcido,* senão *encaminhado* » (J. Freire);

. . . isto é, *ser torcido, ser encaminhado.*

> «Locuções e palavras mais expressivas, as quais por não correrem no uso não desmereciam *apontadas*» (J. Cast.);

. . . isto é, *não desmereciam* **ser apontadas.**

CAPÍTULO VI

Correspondência dos tempos

A correspondência ou correlação dos tempos, quer do indicativo uns com os outros ou com o imperativo, quer do subjuntivo com os do indicativo, depende de uma variedade de combinações que estão subordinadas não só às ideias de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, que modificam os conceitos gerais do presente, do passado e do futuro, senão também às ideias de necessidade ou contingência, enunciadas pelas proposições subordinadas.

I

Correlação entre os tempos do indicativo e do imperativo com os do indicativo e do condicional

Primeira observação. Quando um dos verbos enunciativos *afirmar, asseverar, sustentar, dizer, julgar* se acha ligado a outro verbo de uma proposição subordinada, precedida de *que,* se o verbo da principal estiver no presente, no futuro do indicativo ou no imperativo, terá correlação com todos os tempos do indicativo:

Afirmo	.....	que fazes mal
		que fazias mal
		que fizeste mal
		que tens feito mal
		que tinhas feito mal
Afirmarei	.....	que fizeras mal
		que terás feito mal
		que hás de fazer mal
Afirmai	.....	que farias mal
		que terias feito mal.

Segunda observação. Quando qualquer dos verbos enunciativos *afirmar, asseverar, sustentar, dizer, julgar* estiver num dos tempos do passado do indicativo, devem-se distinguir os dois casos seguintes:

1.° Quando o verbo da subordinada indica uma ação igualmente passada, a qual só refere ao mesmo tempo que a ação indicada pelo verbo enunciativo ou da principal, vai o verbo da subordinada para o imperfeito ou o mais que perfeito do indicativo:

Afirmei .....
Afirmara .....
Havia afirmado .....
Afirmava .....
} que estudavas / que estudaras / que havias ou tinhas estudado.

2.° Quando o verbo da subordinada indica uma ação presente, habitual, ou verdadeira em todos os tempos, vai o seu verbo para o indicativo:

Afirmei .....
Afirmara .....
Afirmava .....
Havia afirmado .....
} que pobreza não é vileza / que Deus é justo / que a ociosidade é mãe de todos os vícios / que Carlos é paralítico / que o Vaticano encerra muitos primores d'arte.

II

Correlação dos tempos do subjuntivo com os do indicativo e condicional

Com respeito a correlação dos tempos do subjuntivo com os do indicativo e do condicional devem-se notar as regras gerais seguintes:

Primeira regra. Quando o verbo da oração principal é um presente ou um futuro, o verbo da subordinada fica no presente do subjuntivo:

Quero .....
Quererei .....
Desejo .....
Desejarei .....
} que faça isso / que Carlos faça isso / que meu pai venha / que o vapor saia bem cedo.

Isto não obstante, pode o verbo da subordinada ir para o passado indefinito do subjuntivo, se a ação por ele exprimida é considerada passada em relação ao verbo da principal:

Desejo .....
Desejarei .....
} que ele se tenha saído bem / que tudo se tenha conciliado.

Segunda regra. Quando o verbo da principal está num dos tempos do passado ou no condicional, o verbo da subordinada ou secundária põe-se no imperfeito do subjuntivo:

Desejava .....
Desejei .....
Tinha desejado .....
Desejaria .....
Teria desejado .....
} que viesses.

Se, porém, a ação exprimida pelo verbo da subordinada é anterior à que exprime o verbo da principal, emprega-se naquela o mais que perfeito do subjuntivo:

Desejava .....
Desejei .....
Tinha desejado .....
Desejaria .....
Teria desejado .....
} que ele tivesse vindo.

Se a ação subordinada exprime um pensamento geral, independente de toda a ideia de tempo, ainda que esteja o verbo da principal num dos tempos do passado, poder-se-á empregar no presente do subjuntivo o verbo da subordinada: *Não lhe disse nada que não* **seja** *a expressão de meu pensamento.*

O condicional nas subordinadas. Nas orações subordinadas, estando o verbo da principal num dos tempos do passado e havendo no espírito alguma ideia de dúvida, emprega-se o condicional:

Não sabia .....
Não soube .....
Não tinha sabido .....
} se ele viria.

Se a principal, porém, tiver o verbo no presente, não se fará uso do condicional, senão do futuro: Não sei se ele *virá;* julgo que *se arrependerá.*

Em vez do condicional, nos exemplos da primeira regra, emprega nossa língua muitas vezes o imperfeito do indicativo, e em vez do futuro, nos exemplos do segundo caso, emprega o presente do indicativo: Estava em dúvida se *vinha,* não sabia se *vinha,* não soube se *vinha;* julgo que *vem,* não sei se *vem,* julgo que se *arrepende.*

Quando a oração principal num dos tempos do passado é interrogativa ou negativa, a subordinada que se lhe segue e liga pela conjunção *que* não se põe no condicional, mas no imperfeito do subjuntivo ou no mais que perfeito do

mesmo modo: Era crível que ele *cometesse* esta infâmia? Acreditas que te *eu fosse,* ou *tivesse sido* tão desleal? Pensou ele que eu *descesse* tanto? Não acreditava que o partido político a que pertences *caísse* tão depressa. Não julgava que tão cedo *ficasse* eu privado deste protetor.

As orações coordenadas, quer pertençam às principais, quer às secundárias, correspondem-se umas com as outras, ficando nos mesmos modos e ordinariamente nos mesmos tempos: Pedro *veio* e não *trouxe* o livro; ele nem *veio,* nem *virá, sou* e *serei* o mesmo para contigo, *veia,* mas não o *vi, trouxe* o livro, mas não mo *entregou, veio,* mas não o *verei' come* e *bebe* a tripa forra; digo-te que *venhas* e te *disponhas* a fazer este sacrifício; gosta de *caçar e pescar* se o *vires* e o *ouvires,* não te *arrependerás,* nem *perderás* o teu tempo.

Só se correspondem e correlatam as principais com as principais e as secundárias com as secundárias do mesmo grau ou ordem. Os sinais dessas relações, já o vimos noutra parte, fornece-os a classe das conjunções de simples ligação ou coordenativas.

CAPÍTULO VII

Do emprego do substantivo, do pronome, do artigo indicativo e de alguns outros determinativos

As regras de sintaxe relativas ao substantivo e ao pronome foram pela maior parte estudadas, quando tratamos da concordância do adjetivo e do verbo.

Aqui exporemos apenas as diferentes funções do substantivo e do pronome, o emprego de alguns determinativos, sobretudo as regras atinentes ao artigo indicativo, de que trataremos mais de espaço, deixando para os dois capítulos seguintes o estudo do *o* sintético, invariável sempre, o desdobramento do vocábulo *quem* e os vários empregos do pronome *se,* cujas funções procuraremos destrinçar, aduzindo copiosos exemplos do modo como sempre empregaram esse elemento gramatical os nossos melhores escritores antigos, e ainda o empregam hoje os zeladores do bom dizer.

I

Emprego do substantivo - O substantivo pode ser empregado como *sujeito,* como *atributo,* como *complemento direto* ou *indireto,* como *aposto* ou como *compelativo* ou *fórmula vocativa.*

Substantivo sujeito: A *ignorância* é o maior de todos os males; o *hábito é* uma segunda natureza enxertada na primeira.

> «Crescera com a nossa paciência o seu *atrevimento*» (J. Freire).
> «O *mimo* e a *ociosidade* são a lima surda que os corta e abrevia» (L. de Souza).

Substantivo atributo:

> «A pátria não é *a terra,* não é *o bosque, o rio, o vale, a montanha, a árvore, a bonina;* e *a oração* ensinada a balbuciar por nossa mãe, *a língua* em que pela primeira vez ela nos disse: *meu filho!*» (A. Herc.).

Substantivo complemento direto: Carlos amava muito **a terra** que lhe foi berço; **afronta** faço, que mais não acho.

«Todas *as deusas* desprezei do céu,
Só para amar das águas *a princesa* »
(Cam.).

«De Juno irosa *o dolo* o irmão percebe;
Euro e *Zefyro* chama: Herdastes, ventos,
Tal *presunção,* que sem meu nume, ousados,
Terra e *céu* confundis e *equóreas brenhas?*»
(Odorico Mendes).

Substantivo complemento indireto: A cavalo dado não se olha o dente; quero muito *a meu irmão;* agrada muito *aos sentidos;* obedece muito *ao patrão;* venho *de Paris;* descendo *de pais pobres;* careço *de dinheiro,* necessito *de teu auxílio; a tudo* se sujeita e submete; aspiro *à vida tranquila;* preside *à sessão.*

Substantivo aposto: Dante, o *autor da Divina Comédia,* e Shakespeare, o *autor do Othelo,* são dois poetas em que mais se pode estudar o que os oradores intitulam de sublime; Voltaire, *o autor da Merope,* escreveu diversos gêneros de composição; Byron, *o autor das Melodias Hebraicas,* morreu muito moço.

O *aposto,* como já vimos, pode não ser do mesmo gênero nem do mesmo número que a palavra a que modifica: Os Americanos, **povo industrioso,** têm em suas escolas o paládio de sua liberdade.

O aposto sempre se pode transformar numa proposição incidente ampliativa: *A doutrina de Platão,* **filósofo ateniense,** *era tão pura, que foi apelidada o prefacio humano do Evangelho,* isto é, *a doutrina de Platão, que foi filósofo ateniense.*

Às vezes o aposto é ligado à palavra a que se ajunta por uma preposição, que neste caso é mero expletivo: A cidade *de Roma,* a cidade *da Bahia.*

Substantivo empregado como *compelativo* ou *fórmula vocativa:*

« *Coração,* porque te agitas*?*
Coração, porque palpitas,
Porque palpitas em vão*?*»
(Laurindo)[103].

«Bem-vindas, minhas *lágrimas,* bem-vindas!
Precisava de vós, tardáveis tanto!...»
(*A.* Cast.).

103. Na norma gramatical vigente à época da publicação, o interrogativo que no português brasileiro contemporâneo é separado da preposição, usava-se como uma só palavra, como segue até os dias de hoje no português europeu. (n.e.)

«*Filha,* não posso agasalhar-te em vida»
(Th. Ribeiro).

II

Emprego do pronome. Os pronomes *eu, tu, nós, vós, ele, ela, eles, elas* são sempre empregados como sujeitos ou atributos: Eu estudo, tu trabalhas, ele canta, nós velamos, vós brincais, eles dormem, elas bordam.

«*Eu* sou *tu* e *tu* és *eu*» (Bern.).
Tu não és *ele,* que fecha os ouvidos à voz da consciência. Se eu fora *tu,*
estaria hoje mais rico. Se *eu fosse* ele, não aceitaria esse encargo.
«*Ah! galantes, sou* eu vós *para ter tal habilidade?*» (Jorge Ferreira).

«Este mármore que toco,
Esta flor tão graciosa,
em esta árvore frondosa,
Nada disto, nada é *eu;*
Mas, ó tu! que ante mim vejo,
que todo o meu peito abalas,
Que tão doce d'amor falas,
Ah! *tu* sim, também és *eu.*
Vem a mim, querido objeto,
Aperta-me nos teus braços;
Convence-me em ternos laços,
Que *eu* e *tu* somos só *eu*»
(Souza Caldas).

De modo idêntico disse o poeta Plauto;

«Eyo *tu* sum, *tu* es *ego»;*

e Vieira:

«*Ele* é *eu* e *eu* sou *ele.*»

Não nos parece sintaxe correta empregar a forma pronominal *eu,* que, como acabamos de ver, faz de sujeito ou de atributo, em lugar da variação pronominal *mim,* dizendo: *entre ele e* **eu,** em vez de *entre ele e* **mim;** *entre el-rei e* **eu,** em vez de

entre el-rei e **mim,** *entre ela e* **eu,** em vez de *entre ela e* **mim.**

Desta locução censurada usou Antônio Castilho nos seguintes versos do *Misantropo:*

> «Odeio toda a gente com tantas veras d'alma e tão profundamente,
> que me ufano de ouvir que *entre eles e* **eu** existe separação final.»

Já, segundo nota Morais em seu *Dicionário,* havia dito antes Pinto Pereira «para *entre el-rei de Portugal e* **eu**» em lugar de *entre el-rei de Portugal e* **mim.**

Embora aforada nesses exemplos e modernamente perfilhada pela respeitável autoridade de Cândido de Figueiredo, temos por melhor sintaxe e correção gramatical os exemplos seguintes, em que se variou o pronome, incontestavelmente submetido à regência da preposição *entre,* que o força a variar:

> «*Entre o Senhor Rei de Portugal e* **mi** D. Ferrant Lopez de Lorden,
> Bacharel em Decretos» (Duarte N. de Lião- *Chron. d'elrei D. Af.).*
> «*Entre ela e* **mim** vou por de encontro imensos mares» (Filinto - *Obras).*
> «Duas razões mo impediam: a primeira conservar *entre ela e* **mim** certa igualdade » (Idem).
> «A cena que *entre ela e* **mim** passara » (Idem).
> « *Entre ti e* **mim** estão estas pesadas abóbadas, que me esmagam » (A. Herc. - *O Bobo).*

Me, *mim, migo, te, ti, tigo, se, si, sigo, nos, vos, nosco, vosco, lhe, lhes, o, a, os, as,* sempre são empregados como complementos.

Me, *te, se, nos, vos* são complementos diretos ou indiretos: ele **me** recebeu com prazer; sempre **mo** estimou e respeitou; eu sempre **te** defendi; não **vos** vejo nunca; o seu procedimento **nos** admirou e espantou; eles se estimam e respeitam. Deu-me um livro de poesias; sempre **me** obedeceu; agradou-te muito o espetáculo; não **me** apraz ver esta cerimônia; lembra-**me** tê-lo visto; esqueceu-lhe o livro; bem **me** lembra ter lido isso; as artes dão-**se** as mãos; escrevi-lhe e não **me** respondeu.

Na primeira série dos exemplos apontados, as variações pronominais figuram de complementos *diretos;* na segunda, de complementos *indiretos.*

Todas estas variações pronominais se empregam sem preposição, ao contrário do que se nota em relação às variações *mim, ti, si, nosco, vosco, sigo,* que se não usam sem as fazer acompanhar de uma preposição.

A preposição que acompanha as variações *nosco, vosco, sigo* é sempre *com; mim, ti, si* podem vir precedidas de diversas preposições: *De mim, de ti, de si; em mim, em ti, em si; para mim, para ti, para si; por mim, por ti, por si; contra mim, contra ti, contra si; a mim, a ti, a si.*

Estas últimas variações pronominais, que são, em geral, complementos *indiretos,* podem algumas vezes figurar de complementos *diretos,* como nos exemplos seguintes: *A mim* procuras? *A ti* procurei mais de uma vez, e não tive a felicidade de te encontrar; *a si* mesmo ele se condena, *a si* mesmo ele louva e aplaude.

As variações - *lhe, lhes,* são sempre complementos *indiretos.*

Entre os antigos encontra-se a variação *lhe* representando o papel de complemento *direto: A duquesa que em extremo* **lhe** *amava,* em vez de **o** *amava; tomou-lhe a noite,* em vez de *tomou-o a noite;* tal sintaxe, porém, é hoje proscrita do bom falar.

Muitas vezes as formas pronominais *a mim, a ti, a ele, a ela, a nós, a vos, a eles, a elas* se ajuntam na mesma proposição, por ênfase e realce, às variações *me, te, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as: A mim* tudo *me faz* falta; *a elas* tudo *lhes* agrada; *a eles* tudo *lhes* convém; *a elas* todos *as* estimam e lisonjeiam; parece-me *a mim* que eles se enganam; *a mim* admira-me que tão alto funcionário descesse a tanto.

Essa repetição enfática do complemento direto ou indireto não somente se dá entre os pronomes uns com os outros, mas ainda entre os pronomes e os substantivos. Tal é aquele elegante texto em que o P. Vieira assim escreve:

> «*A Sansão* arrancaram-lhe os olhos os filisteus, porque os entregou a Dalila. Não *lhe* fora melhor *a Sansão* fechar os olhos para não ver, que perdê-los porque viu? Não *lhe* fora melhor *a Sichem* não ver a Dinna? Não *lhe* fora melhor *a Amon* não ver a Thamar? Não *lhe* fora melhor *a Holofernes* não ver a **J**udith? Todos estes pereceram às mãos de seus olhos» *(Sermões.)*

Tal é ainda est'outro do mesmo distinto escritor:

> «*Ao homem* fê-lo Deus para mandar, aos brutos para servir» *(Ibid.).*

As variações pronominais *se, si, sigo,* são sempre correlatas à palavra que representa o sujeito da oração em que se elas acham como complementos. Assim não nos parece correto dizer: ele *pensa muito* **em si,** em lugar de *em ti, em vós, no senhor, em vossa mercê, em vossa senhoria, em vossa excelência; falou só* **de si,** em

lugar de *de ti, de vós,* etc., *el-rei saiu com a gente que ficou* **consigo,** em lugar de *com ele.*

Alguns escritores portugueses, porém, começam a empregar essas variações ou flexões pronominais, referindo-as à pessoa com quem se fala. Assim é que a leitura de um moderno romancista português nos depara o seguinte passo: «*Há sempre algum misterioso influxo que me vence e me conduz* **para si** », em lugar de **para vós.**

Da mesma sintaxe usou o autor do *Ramalhetinho da Puerícia,* dizendo: «Ai, menina Aninhas, com que ternura que aquela vaca está a olhar **para si!**», em vez de **para ti,** ou **para vós.**

Já Fr. Luiz de Souza havia dito algures: «Saiu o grão-duque a esperá-lo e três cardeais *consigo* », em lugar de *com ele.*

Em despeito destes últimos exemplos, temos que deve lançar-se à conta de faltas e descuidos censuráveis esse emprego das ditas variações, que significariam assim relações equívocas e contraditórias: as línguas quanto mais claras, tanto mais se aproximam do tipo de perfeição a que tendem todas insciente e instintivamente, reproduzindo à justa esse consórcio íntimo entre a linguagem e o pensamento.

Instrumentos de análise, como as denominou Condilac, debuxando o pensamento em todas as suas múltiplas e variadas evoluções, incessante e progressivamente caminhando da síntese para a análise, vão as línguas, por sua essência mesma, favorecendo cada vez mais a maior das aspirações do espírito nas ciências, a saber essa luz que deve ser inseparável de todas as manifestações do próprio pensamento.

O embaraçoso, o ambíguo, o obscuro, portanto, deve-o repelir a ciência da linguagem.

As variações *me, te, lhe, lhes, nos, vos,* em certas frases, indicam uma relação de pertença e equivalem às expressões *meu, minha, teu, tua, seu, sua, dele, dela, deles, delas, nosso, nossa, vosso, vossa,* sendo correlatas ao substantivo sujeito ou complemento da proposição em que se acham: *Já havia muito que* **lhe** *tinham morrido pai e mãe; detesto-lhe o orgulho; louvo-***lhe** *a paciência, admiro-lhe a ilustração, venero-lhe a virtude; desprezo-lhes as descortesias; beijo-***lhe** *as mãos; agradeço-lhe a fineza, alquebram-se-me as forças, dói-me a cabeça, desfalecem-me as pernas, enturvou-te o goso, aguou-te o prazer; rebitou-te os cravos da amargura, envenenou-te a taça da felicidade abrasou-nos os peitos, feria-nos o coração, acaricia-vos os filhos, encareceu-vos os serviços; exaltou-vos o denodo.*

Em frases de sentido análogo, sem nada perderem às vezes da elegância no dizer, também recorrem os bons modelos aos adjetivos possessivos, como o atesta a seguinte passagem de A. F. de Castilho, no seu *Outono:*

> «Se além mundo se pode curar do que se fez cá em baixo ao espólio e ao nome que largamos, glória acidental lhe deve ter sido no céu o afeto com que tantas coroas têm cingido o *seu* túmulo, tantos brados da imprensa lhe deram o sentido *vale,* e em tantíssimas casas se chorou a *sua* partida como de um sócio que todos os anos lhe levava as boas estreias.»

Disse também M. Bernardes: «Tornou então a cerrar os olhos e desatou-se *seu* espírito.» Menos elegantes, é verdade, estes últimos modos de exprimir a ideia de posse ou pertença, inculcam, todavia, às vezes, mais ênfase, precisão e relevo.

O, a, os, as figuram sempre de complementos *diretos: Não quero vê-lo; não quis escutá-lo; obriguei-os a ficar; respeito-o muito; amava-as como se minhas filhas fossem.*

Por eufemismo emprega-se muitas vezes o pronome *nós* por *eu* na sintaxe de concordância.

Assim é que um escritor, para evitar uma individualidade presunçosa, diz: *Fazemos estas considerações, oferecemos este trabalho ao público; não nos parece admissível,* em vez de *faço, ofereço, não me parece.*

O que é mais para notar nessas sortes de concordâncias, e que julgamos se não deve imitar, é a mistura das duas formas pronominais *eu* e *nós* na mesma frase ou período, para indicar uma só e mesma pessoa.

A lição de escritores de boa nomeada depara-nos, entretanto, exemplos dessa sintaxe. Tais, entre outros, são os passos seguintes, colhidos em dois exemplares de bom cunho:

> «*Entremos* na terceira parte deste nosso trabalho; ainda que não é pequeno o que temos por passar, *confesso. . .*» (Souza).
> «Este último acontecimento *lançamos* aqui, inda que *sei* pertencia ao ano seguinte »(Idem).
> «*Nós* é que não *sei* se o fazemos» (Alex. Herc.).

De sintaxe análoga usou Salústio no seguinte trecho: «*Memorare* **possem** *quibus in locis maximas hostium copias populus Romanus parva manu fuderit, quas urbes natura munitas pugnando ceperit, ni ca res longius* **nos** *ab incepto traheret*», onde o escritor romano, falando de si, emprega o verbo *possem* na primeira pessoa do singular, usando pouco depois no mesmo período da variação pronominal *nos* com referência a si mesmo, em vez de *me.*

O emprego da forma pronominal *nós* por *eu* com referência a uma só pessoa tem por origem um modo de falar habitual nos imperadores romanos, que, não

por imodéstia ou vaidade, senão para se confundirem com a coletividade, mais ou menos extensa, de que eram representantes, costumavam em seus atos oficiais dizer: *Nós aprovamos, nós queremos, nos decretamos,* em lugar de *eu aprovo, eu quero, et decreto* etc.

Essa sintaxe, ainda tão frequentemente usada pelos príncipes, arcebispos, bispos e outros funcionários e dignidades elevadas, em seus atos oficiais, generalizou-se depois, sendo hoje muito comum o emprego da forma pronominal *nós* em lugar da forma *eu.* A esse *nós* por *eu* correspondia de modo análogo, na linguagem dos que a tais funcionários ou dignidades se dirigiam, o tratamento de *vós* em vez de *tu.*

Em todas as línguas no que concerne ao emprego dos pronomes certas excentricidades há que só o uso justifica e sanciona, as quais aparentam desvios e aberrações gramaticais.

Assim é que, como já tivemos ensejo de mostrar, na conversação corrente e familiar a terceira pessoa gramatical muitas vezes usurpa em nossa língua a função própria da segunda pessoa: *Diga Você o que quer; receba Você meus agradecimentos; quer Você, Vm.ce, o Senhor, Vossa Senhoria entrar?*

Também é usual o emprego desta pessoa pela segunda na correspondência comercial: A *oito dias de vista pagará Vm.ce ao Snr. e ou à sua ordem a quantia de rs. . .*

Na língua francesa o pronome *vous* por *tu* é o que mais ordinariamente se emprega com relação à segunda pessoa do singular, não se recorrendo à forma *tu,* senão nos tratamentos referentes às pessoas inferiores ou aquelas com respeito às quais há intimidade ou convivência familiar.

Também é empregada no francês a forma *tu,* quando se deseja inculcar uma ideia de desprezo, de menoscabo insultuoso ou, ao revés disso, no estilo oratório, elevado e poético, quando se intenta denotar deferência e respeito.

Essas ideias de intimidade, familiaridade, ternura, menoscabo ou acatamento, deferência e respeito ligam-se também em nossa língua ao emprego da forma pronominal *tu:* **tu,** *meu filho,* **tu** *mesmo terás coragem de partir, deixando-me?*

> *Infame,* **tu** *mentes! . . . . . Quem* **t'o** *disse?*
> «*Tu* coras, Guiomar!» (Th. Ribeiro).
> «Meus primeiros, meus únicos amores,
> *Tu, tu* foste, só *tu. . . . . .*»
> (A. Cast.).

No alemão também se emprega a terceira pessoa do plural em vez da segunda do singular em certas frases, para intimar uma ideia de respeito: *Sie sind weise - és prudente,* proposição que, vertida à letra, significa *eles são prudentes.* No

francês é esta mesma pessoa empregada algumas vezes no singular, quando se intenta inculcar o mesmo tratamento respeitoso: *Madame,* **m'a-t-elle** *appelle? Monsieur veut-*__il se__ *raser?*

No inglês só em casos especialíssimos se emprega hoje o pronome *thou (tu),* recorrendo esta língua à forma *you* (*vós*), no tratamento relativo a todos os homens, seja qual for a hierarquia a que pertençam, a todos os animais e até às coisas.

No holandês, afirmam alguns filólogos, obliterou-se a segunda pessoa do singular na conjugação dos verbos.

No latim clássico não se conhece para a segunda pessoa, com referência a um só indivíduo, senão a forma pronominal *tu,* seja qual for o estilo empregado e a hierarquia das pessoas a quem interpelamos.

Em Virgílio, porém, que pertence à época da literatura clássica, já se encontra o pronome *vos,* empregado com relação a uma só pessoa: «*Vos, ó Calliope, adspirate canenti*» - Vós, ó Calíope, inspirai meu canto.

III

Emprego do artigo indicativo **o, a, os, as** - O artigo indicativo é de grande utilidade e importância à linguagem: limitando, individuando os nomes, traz às línguas a concisão e a clareza.

A língua portuguesa e as românicas, dotadas deste e de vários outros recursos analíticos, evitam em suas construções essas obscuridades em que não raramente empeçam os idiomas puramente sintéticos.

Scaligero não parecia ligar essa importância a este instrumento de precisão e clareza, quando o denominava *otiosum loquacíssimæ gentis instrumentam* e relativamente ao grego, que o possui, o apelidava de supérfluo, *articulus nobis nulus et Græcis superfluus.*

O *artigo indicativo,* é certo, não o conhece a língua latina, mas era por este fato mesmo, como todas as línguas privadas deste recurso analítico, mais favorável aos equívocos que qualquer dos idiomas modernos; era a língua da multiplicidade das interpretações, em que tanto se avantajavam o embuste e a mentira disfarçada dos oráculos fabulosos.

O artigo indicativo põe-se antes dos substantivos, para indicar que são tomados num sentido determinado, isto é, que designam um gênero, uma espécie ou um indivíduo particular:

O homem é sujeito a muitas fragilidades; *os discípulos dóceis* são amados de seus mestres, *o professor* de história fez hoje uma bonita preleção; *o ex-imperador Pedro Segundo* visitou a Bahia em 1859.

«O *silêncio* dos povos é a primeira lição dos reis».

«Como pode ser que coubessem em tão pequeno lugar (a nau de Noé) tantos animais, tão grandes e tão feros? O leão, para quem toda a Líbia era pouca campanha; a águia, para quem todo o ar era pouca esfera; o touro, que não cabia na praça; o tigre, que não cabia no bosque; o elefante, que não cabia em si mesmo!» (Vieira).

«No céu criou Deus *os anjos;* no ar, *as aves;* no mar, *os peixes;* na terra, *as plantas* e *os animais* e finalmente *o homem*» (Idem).

Quando são os substantivos usados em sentido contraposto, levam sempre antes de si o artigo:

«Aqui tendes diante de vós *o bem* e *o mal, a água* e *o fogo, a vida* e *a morte*» (Bern.).

«Se a voz desta trombeta bastou para enterrar *os vivos,* que muito seja poderosa para desenterrar *os mortos?*» (Vieira).

Faz-se uso do artigo antes de qualquer elemento gramatical substantivado:

«Vedes *o pró* e *o contra* » (Castanheda).

«*O grande, o árduo, o escuro* e *o sobrenatural* dos mistérios» (Vieira).

« *O chorar* é o estilado da dor» (Idem).

«*O já* da rainha seria mais do que ela própria pensava» (A. Herc.).

«*Os comes* e *bebes, os dares* e *tomares, o prometido* é devido; *os ais* do moribundo; *o sim* e *o não.*»

«*O não posso* dos negligentes e *o não quero* dos contumazes valem quase a mesma coisa» (Bern.).

«Aqui o português a*o zãozão* da viola chuleira »[104]

104. Alberto Pimentel (*A **Princesa de Bicão**, apud* A. I. Gonçalves Viana)

Quando há diversos substantivos de gênero ou número diferente, de ordinário costuma nossa língua antepor o artigo a cada um deles:

«*O ouro, os diamantes* e *as pérolas,* tudo é terra e da terra» (Vieira).

« *A formosura* e *o luxo* das mulheres, *as figuras* atléticas e *os rostos* varonis dos cavaleiros, *o brunido* das armas, *o loução* dos trajes, *o rico* dos arreios, tudo, enfim, dava clara mostra de que naquela cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal» (A. Herc.).

Nos clássicos, todavia, não é rigorosamente observada esta regra, como no-lo atestam os seguintes exemplos:

«*Os pais e mais* vêm a ser os mestres das filhas» (D. F. M. de Melo).

«*As barbas e cabelos* grisalhos lhe davam certo ar de autoridade sobre o outro» (A. Herc.).

«Chegado ao prazo, toma seus cadernos, junta-se com o *bispo e abades*» (Souza).

«O cauto melodioso *dos rouxinóis e toutinegras* » (F. M. do Nascimento).

Exige, outrossim, o rigor e a exatidão gramatical que se diga *meu pai e minha mãe, meu irmão e minha irmã, meu sobrinho e minha tia, sua irmã e seus irmãos, meus tesouros e minhas joias* e não *meu pai e mãe, meu irmão e irmã, meu sobrinho e tia, sua irmã e irmãos, meus tesouros e joias.*

Disse, todavia Fr. Luiz de Souza:

Tratou de se pôr em salvo com *seus tesouros* e *mulheres »;*

Fernão Mendes:

«Tornou de novo a lamentar a morte de *seu pai, mãe* e *irmãos* com muitas lágrimas e tristezas»;

. . . e Lucena:

«Uns vivem com *suas mulheres e filhas* nas vilas e cidades.»

Certo é que, embora a regra neste particular seja ditada pela razão, casos há em que a enunciação do artigo tira à frase toda a sua concisão, todo o seu vigor, tornando-a fria, languida e frouxa.

Quando concorrem dois ou mais adjetivos, ligados pela conjunção *e,* e indicam qualidades ou ideias incompatíveis, isto é, que não podem simultaneamente pertencer ao mesmo objeto, repete-se o artigo antes de cada um deles, que neste caso não qualificam o mesmo objeto: *O Velho e o Novo Testamento; a idade antiga e a moderna; o velho e o novo teatro, os animais domésticos e os selvagens, os soldados valentes e os pusilânimes, as boas e as más ações, o primeiro e o segundo andar, o primeiro e o segundo pelotão; o quinto e o sétimo batalhão, a primeira e a segunda bateria; julgara os vivos e os mortos.* Diz-se igualmente bem: *A língua portuguesa e a latina* ou *as línguas portuguesa e latina.*

> «Foram as duas melhores espadas *da lei velha* e *da nova*» (Vieira).

Disse, porém, um moderno escritor: «As posições geográficas do *antigo e novo continente*», calando o artigo antes do segundo adjetivo. Em alguns casos, para tornar a frase mais rápida e concisa, embora os adjetivos não modifiquem o mesmo substantivo, é permitido calar o artigo: As ciências *divinas e humanas; o primeiro, segundo, terceiro e quarto andar* daquela casa foram devorados pelas chamas; as conferências do professor efetuam-se sempre nas *terças, quartas e sextas feiras.*

Quando, porém, os dois adjetivos modificam o mesmo substantivo, exprimindo por conseguinte qualidades que podem coexistir no mesmo indivíduo, cala-se o artigo antes do segundo adjetivo: *Os honrados e leais vassalos de V. A*; *os fiéis e constantes soldados de Bonaparte; o bom e sábio D. Romualdo; a valente e intrépida cavalaria do Rio Grande do Sul; a leal e valorosa cidade do Salvador; o douto, eloquente e virtuoso Fernandes da Cunha; o simples e espirituoso La Fontaine.*

Todavia ou em relação às pessoas ou às coisas, podemos repetir o artigo antes do segundo adjetivo, ainda qualificando o mesmo substantivo, se é nosso intuito tornar as qualidades mais intimativas e enfáticas. *O distinto e o benemérito parlamentar Rio Branco.*

> «De todas as artes *a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil* é sem dúvida a arte da palavra» (Lat. Coelho).

Suprime-se o artigo nas frases proverbiais, nas proposições ou sentenças de caráter aforístico, nas enumerações, ou quando desejamos tornar manifesta na expressão a energia, rapidez e viveza do pensamento: *Pobreza não é vileza, ovelha que bala bocado perde; amor, fogo e tosse a seu dono descobre, céu escamento ou chuva ou vento, antes estão dentes que parentes, menina, vinha, peral e faval maus são de guardar' ladrãozinho de agulheta depois sobe a barjoleta; cavalo alheio não cansa, telhudo de igreja sempre goteja, com águas passadas não moem moinho, pedra movediça não cria*

bolor, olho viu, mão andou, o que olhos não veem, coração não deseja, saco vazio não se põe em pé', cão que ladra não morde, galinha de olho torto procura poleiro cedo, a cavalo dado não se olha o dente, onda se me vinha, outra se me ia, mais vale barriga cheia que barbas untadas, mãos frias, coração quente, lua nova trovejada trinta dias de molhada; rei morto, rei posto, comida feita, companhia desfeita, palavra de rei não volta atrás, amor de menino água em cestinho.

> «A estas palavras rei, cavaleiro, frades, povo, tudo se pôs de joelhos» (A. Herc.).
> «O modo era caminhar a pé, sem alforge nem bolsa, capa às costas, breviário nas mãos » (Souza).
> «O mar andava em serras e montes, e com tal braveza vinha quebrar em terra, que parecia quererem mar e vento sovertê-la» Idem).
> « Penitência, zelo, sabedoria, amor, fortaleza, tudo se acha em S. Francisco, cópia de Cristo » (Vieira).
> «Levam âncoras, largam velas, saem sem mais detença via de Malaca» (Luc.).

Antes dos nomes próprios de homens não se costuma empregar o artigo indicativo, salvo em linguagem familiar, em que muitas vezes se enuncia esse elemento gramatical: *O Pedro* não me trouxe ainda a resposta; a *Aninhas* adoeceu; *o Antônio* não apareceu hoje.

Também, quando ao nome próprio se ajuntar um adjetivo qualificativo, será este precedido do artigo: *O eloquente Cícero; o justo Aristides, o profano Humboldt; o sábio Newton, o artificioso Ulysses; o honesto Fabrício; o destemido Augusto Severo.*

Quando por *sinédoque* ou *antonomásia* se converte o nome próprio em comum, levará antes de si o artigo: *Os Andradas, os Castros, os Sipiões, os Horácios e Curiácios, o Homero português, os Vieiras, os Tácitos, os Dácios, os Cúrcios, os Fábios.*

Em se tratando de nomes próprios geográficos, varia o uso, sendo, entretanto, mais ordinário fazê-lo anteceder ao substantivo: nesse caso, o artigo não se refere ao nome próprio, senão à classe, ao gênero ou à espécie, a que pertence o indivíduo designado pelo próprio. Vem de molde referir que entre os autores clássicos corria o uso de o suprimir em casos om que hoje em dia é habitual empregá-lo. Veja-se o seguinte excerto do Vieira:

> «Vimos neste tempo *em França* a morte de Luiz XII, *em Inglaterra* a infelicíssima d'el-rei Carlos, *em Dinamarca* a de Segismundo, *em Polônia* a de Ladisláu IV».

Na linguagem familiar uso é empregar às vezes o artigo indicativo pelo possessivo, dizendo: *O papa está doente; o tio não aplaudiu este meu procedimento; o patrão me ordenou que assim fizesse; o pai lá anda a mourejar na quinta, não se aflija a menina com esse ache passageiro, o sobrinho já lhe escreveu? A mamã e a maninha já acordaram?* Em vez de *meu papá, meu tio, meu patrão, meu pai, minha menina, seu sobrinho, sua mamã e sua maninha.*

Em alguns modos de falar, em que se trata de partes de nosso corpo, o adjetivo possessivo é em nossa língua substituído pelo artigo indicativo. Assim é que se diz geralmente: *sinto dores* **nas** *costas,* **no** *peito,* **no** *estômago,* **no** *coração,* **na** *cabeça,* e não *em minhas costas, em meu peito* etc.; *vou banhar* **o** *rosto,* **os** *olhos* e não *meu rosto, meus olhos; tenho* **os** *pés inchados, dormentes, doídos,* e não *meus pés.* Nestas frases o emprego do possessivo seria um *anglicismo,* que não conforma com a índole de nossa língua.

Noutras circunstâncias é o possessivo substituído pelo artigo indicativo, anteposto ao nome que designa a coisa possuída, e por uma variação pronominal, que se apõe ao verbo na mesma frase ou sentença, para mais determinadamente denotar e fixar a ideia de posse ou pertença, ou se trate de parte do corpo, ou não: *Dói-me o pescoço; doem-lhe os olhos, dói-me todo o corpo, beijo-lhe as mãos; rompeu- lhe as vestes, esmagou-lhe a cabeça arrancou-lhe os miolos, detesto-lhe as intenções, descobriu-lhe os embustes, exaltou-lhe os brios, acendeu-lhes o denodo; lisonjeou-lhes as paixões, adivinhou-me os pensamentos.*

É de rigor a supressão do artigo, quando se trata de nomes apelativos em sentido muito geral e indeterminado:

> «Onde há homens há cobiça.»
> «O historiador não deve ter pátria nem rei.»
> «Galas e mais galas para o corpo, sedas e mais sedas para o corpo, ouro e mais ouro, joias e mais joias, vaidades e mais vaidades para o corpo » (Vieira).
> «Ao buril, nos cabos de uma espada, abre um ourives, entre nós, dificultosamente, o que ali se mostra feito ao picão e aberto na rocha ao escopro: pátios, salas, câmaras, varandas, torres, corredores, como se lavraram em cera, sendo a pedra muito rija» (Luc.).
> «Lua cheia, água quieta, vozes confusas e esparsas, algum tílburi a passo ou a trote, segundo ia vazio ou com gente » (Machado de Assis).

É de ordinário supresso o artigo indicativo antes dos substantivos, quando estes já se acham precedidos e determinados por um artigo combinado ou

determinativo especial. Assim é que se não diz: *o meu pai, a minha mãe, o meu filho, o vosso filho, o teu livro, o seu pomar, o nosso parente, o aquele homem, o este palácio, o esse lar* etc., mas: *meu pai, minha mãe, meu filho, vosso filho, teu livro, seu pomar, nosso parente, aquele homem, este palácio, esse lar.*

Exceto quando, por qualquer circunstância, é nosso fito e intuito designar com mais especialidade e individuação o objeto ou objetos exprimidos pelos nomes, e isso mesmo só ocorre, quando o determinativo é possessivo ou numeral: Esse chapéu que tens é *o meu; o teu,* aquele. As *três Marias, os três Magos, as três Graças, as nove Musas.* Estou com *a minha enxaqueca,* disse isto cá com *os meus botões* Matheus, primeiro *aos teus.*

> «Pois todos estes que aqui tendes presentes não são também filhos vossos? Sim: são meus filhos, mas não são *o* meu filho. Os outros também eram filhos; não o nega Jacob; mas *o* seu filho era José. Vai muito de ser.

Antes dos substantivos empregados como compelativos ou usados exclamativamente não se faz uso do artigo indicativo:

> «Amadas *ribeiras,* em que nasci, em que passei os graciosos anos da minha infância e primeira adolescência, com que saudade vos recordo e vos desejo!. . .» (F. M.).
> « *Mulher!* que misto horrendo és tu na terra. Para unir crimes tais com tantas graças?!» (A. Cast.).

Os adjetivos ordinais levam sempre o artigo, quando precedem aos substantivos, o que só não realiza, quando se lhes seguem: *O primeiro ano, o primeiro século, a primeira infância, a segunda classe, o terceiro e o quinto batalhão, Pedro Primeiro, Pedro Segundo, Leão Décimo, Carlos Quinto, Pio Nono, Leão Treze, Pio Décimo.*

Entre os escritores antigos, todavia, uso era dizer: Pedro *o Primeiro,* Afonso *o Quinto* etc., antecedendo o artigo ao adjetivo numeral ordinal.

Ao adjetivo interrogativo *que* não costumavam nossos clássicos antepor o artigo indicativo: *Que é o mundo? Que é o homem? Que é a gramática? Que é a morte? Que é a vida?*

> «*Que é* o *mundo?* Hospital de doudos; aparência e jogo de títeres; casa cheia de fumo» (M. Bern.).

Nos escritores modernos nem sempre é isso rigorosamente observado, como se vê dos seguintes exemplos:

«*O que* parece ao vilão?» (A. Herc.).
«Na essência, porém, *o que* era ela?» (Idem).
«Logo, se não é drama, *o que* é?» (A. Cast. - *Camões).*
«*O que* é o homem sem Deus?» (Camilo).
«*O que* são as revoluções políticas de nosso tempo?» (A. Herc. - *Opusc.).*
«*O que* era a virtude em Roma na hora em que tudo principia a declinar?» (Reb. da Silva).
«*O que* é a matéria tão abstrata como o espaço ou como o tempo?» (Lat. Coelho).
« Não? pois falemos franco; explique-se sincero:
o que quer que se faça?» (A. Cast. **-** *O Misanthropo).*

Nestas e noutras frases análogas não representa o artigo função alguma gramatical: é um elemento puramente eufônico.

IV

Emprego de alguns outros determinativos

Os adjetivos possessivos *meu, teu, seu* empregam-se algumas vezes como expletivos antes de um adjetivo qualificativo nas frases familiares seguintes: *ele lá ficou seu escançado, eu estava meu quieto, quando principiou ele a provocar-me, estavas teu tranquilo e veio perturbar-te esse grulha, estou meu sossegado, estou meu calado, sou meu velho, não suporto mais essas noitadas.*

Os nossos clássicos antigos e modernos preferiam enunciar a calar o adjetivo possessivo nas frases seguintes: *Aos 13 anos de sua idade, graduou-se de doutor aos 22 anos de sua idade ordenou-se de presbítero aos 20 anos de sua idade; faleceu aos 60 anos de sua idade;* e não *aos 13 anos de idade, aos 22 anos de idade, aos 20, aos 60 anos de idade,* como comumente se diz hoje.

O adjetivo *todo* colocado antes do substantivo, seja qual for o sentido que se lhe dê, será sempre seguido do artigo:

Todo o *homem* é *mortal,* **todo o** *edifício foi devorado pelas chamas.*

As frases antigas *viveiro de* **todo mal,** *pomo de* **toda discórdia** são substituídas hoje pelas seguintes: *viveiro de* **todo o** *mal, pomo de* **toda a** *discórdia,* que são de melhor soído e mais conformes à índole de nossa língua.

O adjetivo *todo* pode, outrossim, colocar-se depois do substantivo, sendo tomado no sentido de todo físico: *O* **homem todo** *não é mortal.*

Todas as vezes que houver ambiguidade no sentido da frase empregando-se o adjetivo *que,* sempre invariável de gênero e número, deve este ser substituído pelo adjetivo *qual: A desobediência dos Israelitas as ordens de Deus,* a qual *é matéria contínua das queixas de Moyses; Dirigiu-se para umas cabanas de lavradores,* **as quais** *demoravam sobre uma linda assomada.*

É de rigor o emprego do adjetivo *que* e não *qual,* se o antecedente do conjuntivo está oculto, ou se é enunciado por um grupo de palavras: *É impossível faltar ao bom pai de família com* **que** *alimentar seus filhos, os jardins, os pomares, as danças, os jogos, a pesca e a caça,* **que** *tanto o encantavam outr'ora, deixaram de ter para ele o mesmo deleite e atrativo.*

A conjunção *que* é conversível no adjetivo *que* e não às avessas. Quando dizemos: *desejo que estudes,* esta frase pode converter-se nest'outra: *desejo isto, que é: estudes.*

Quando usamos do adjetivo conjuntivo *cujo, cuja, cujos, cujas,* o substantivo que designa a coisa possuída e com o qual concorda o adjetivo vem sempre imediatamente depois; quando usamos das expressões *do qual, da qual, dos quais, das quais,* seu equivalente, o substantivo da coisa possuída sempre lhe precede e a concordância se dá não com o substantivo que designa a coisa possuída, senão com o que indica o possuidor: *O homem* **cuja** *virtude admiro, Carlos contemplara o rio, nas margens* **do qual** *colheu tantas flores em sua infância* ou em **cujas** *margens.*

Equivalendo o adjetivo *cujo, cuja, cujos, cujas* às expressões *do qual, da qual, dos quais, das quais,* é incorreto dizer: o *homem cujo* eu vi, *o homem cujo* eu conheço a virtude; deve-se dizer: o homem *que* eu vi, o homem *cuja* virtude conheço.

São, porém, frases de cunho vernáculo as seguintes, onde, sendo o conjuntivo *cujo* equipolente das expressões conjuntivas sobreditas, concorda com a coisa possuída, de que vem às vezes separado pelo sujeito e pelo verbo da oração.

«O poeta lírico italiano, *cujo* sou intérprete» (A. Cast.-*O Outono).*
«Sendo a memória rápida como o pensamento, *cuja* ela se faz tradutora » (Idem - *A Noite do Castelo).*
«O autor *cuja* se diz uma obra » (Idem).
«Hei fé em Deus, *cujas* são as vitórias» (Idem).
«Por Deus, *cujo* sou servo » (Filinto).
«O sangue que há de correr será dos vossos vassalos e dos peões, *cujo* príncipe sois» (Herc. - O Bobo*).*

E mais, se bem rarissimamente hoje, as em que figura o *cujo* de interrogativo, tão ao sabor dos antigos escritores, tais como:

«*Cuja é* esta caveira?» *(Vieira-Serm.).*
«*Cujas* serão estas tiranias...?» (*Ibid.*).

O adjetivo *cujo* vem muitas vezes precedido de uma preposição; mas esta rege o substantivo que está depois e que denota a coisa possuída:

«Senhora, eu vi Polinarda, neta do Imperador Palmeirim, *de cuja* formosura se fala tanto por extremo » (F. de Morais).

«Pastora desleal, *em cujo* rosto
Quiz animar o céu tanta beleza,
Para esconder amor tanto desgosto »
(X. de Matos).

Cujo pode ser empregado com elipse da palavra que indica o possuidor:

«Bem sabe o gato *cujas* barbas lambe » (Adag.).

Não nos parecem puros de incorreção os passos seguintes, colhidos nas obras de Filinto Elysio:

«E *de cuja* lhe não fiz mistérios» (T. 10. Pág. 407).
«E *em cujos* não fio demasiado » (*Ibid.* Pag: 424).
«Comunico a Duprez certa ideia que me sobressaiu, que lhe pareceu bem extrema, mas *de cuja* lhe dei a conhecer a suma necessidade » (*Ibid*. Pág. 407).
«*Cujo* morreu de paixão da morte de minha mãe» (*Ibid*. Pág. 263).
«E me tornasse ao estado *de cujo* me arrebatara » (*Ibid*. Pág. 273).
«Fez-me o mais lisonjeiro cumprimento, *a cujo* respondi friamente» (*lbid*. Pág. 274).
«Eu os pus em seguro; e aí tendes esse famoso Carlos, *de cujo* nos remeteram os sinais» (*Ibid.* Pág. 282).

Quando falamos dos imperadores, reis, papas, príncipes, relativamente à ordem de sua sucessão, costumamos empregar em nossa língua os adjetivos ordinais até o número dez. Assim é que dizemos *Pedro primeiro, Pedro segundo, Pedro quinto, Henrique quarto, Carlos quinto, D. João sexto, Napoleão primeiro, Eduardo sétimo, Pio nono, Leão décimo.*

É, entretanto, de uso mais geral em nossa língua, empregando os cardinais, dizer: *Luiz onze, Luiz quatorze, Luiz dezesseis, Leão treze, Luiz quinze.*

Em relação à ordem das horas, dos dias e anos usamos dos *cardinais* e não dos *ordinais:* A *crucificação de Jesus Cristo realizou-se no ano trinta e três; a revolução inglesa prorrompeu no ano mil e seiscentos e oitenta e oito, a francesa em mil setecentos e oitenta e nove; o Brasil foi descoberto no ano de mil e quinhentos, proclamou sua independência em mil oitocentos e vinte e dois e as Colônias americanas em mil oitocentos e oitenta e três, onze de Junho, treze de Maio, quinze de Novembro, quatorze de Julho, sete de Setembro, dois de Julho, vinte oito de Setembro.*

Diz-se, porém, *primeiro de Abril, de Maio, de Junho,* etc., ou *um de Abril, de Maio, de Junho.*

Alguns adjetivos há, principalmente dentre os determinativos, que se usam na terminação feminina com elipse do substantivo que modificam: Essa é *boa!,* e *por* estas e outras; essa *é de arrepiar cabelo; é* uma *dos pecados, caiu em* uma boa; *com* essa *vou-me embora, fez* uma *das* suas; *aí vem* outra; *por* outra; *temos* outra; noutra *não caio, este homem tem* boas; uma *de duas;* umas *em cheio,* outras *em vão; quer ouvir* uma *de Pedro?,* essa *não me pode esquecer* essa *não lembra ao diabo. se* desta *escapar,* noutra *não me meto, pregou-me* uma *dos pecados, e assim vai o homem* desta *para* aquela, *sem mais nem mais; quem* as *armou que* as *desarme; retirou-se sem mais* aquela.

Nessas e noutras locuções análogas, usadas sempre em estilo familiar, fácil é atinar com a elipse, a que, em tais modos de dizer, recorre o nosso idioma, das palavras *coisa, ação, atenção proeza, peca, pancada, maneira de proceder, emburilhada, trica, vida* ou outra expressão acomodada ao sentido.

CAPÍTULO VIII

Dos substantivos sintéticos O e QUEM

I

O *o* sintético, que faz de sujeito, atributo ou complemento, equivale pelo seu sentido geral aos substantivos *isto, isso, aquilo,* e, como estes, é sempre invariável, seja qual for o gênero ou número do elemento gramatical a que se refira.

Este substantivo sintético representa um substantivo, um adjetivo, uma proposição ou um sentido inteiro.

Serve às vezes de antecedente ao conjuntivo *que,* ligando-se-lhe como sujeito ou complemento da proposição a que pertence o conjuntivo.

Esta parte do discurso não deve confundir-se, como é comum fazê-lo, com a variação pronominal *o,* que varia conforme o gênero e número do elemento gramatical a que se refere.

Ilustram a existência deste *o* sintético os exemplos seguintes: *Sois a rainha do baile; não: vós é que* **o** *sois. São estes os médicos de Carlos? Não; nunca* **o** *foram.*

> «Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nos é que *o* somos» (A. Herc.).
>
> «Mas durarão por muito tempo esses restos da mais formosa de todas as artes? Não *o* esperamos » (Idem).
>
> « São hereges, dizia ele, falando dos Arianos, são-*no*, mas ignoram-no» (Idem).
>
> «Não o imaginava nesse tempo, mas imagino agora por onde vaguearia a mente do velho clérigo, enquanto a bengala ia de um para outro lado, cruzando linhas tortuosas e incertas» (Idem).
>
> «A pátria não é a terra, não é o bosque, o rio, o vale, a montanha, a árvore, a bonina; são-*no* os afetos que esses objetos nos recordam na história da vida!» (Idem).
>
> «Oh! se as viúvas quisessem, soubessem e ousassem correr a cortina escura que nos encobre os seus espetáculos interiores, esses espetáculos com que se elas cevam com tantas delícias, que por elas desdenham quaisquer outras! Oh! *se* o ousassem, se *o* soubessem, se *o* quisessem, quão ao certo se não averiguara *o que*

dizíamos pouco há que a viúva é um misto simpático e adorável da virgem e da casada!» (A. Cast.).

«Teatro das magnificências de Deus é-*o* todo o mundo; mas os campos como que muito mais esplendidamente que as cidades *o* apregoam » (Idem).

«Não são versos musicais de primeira qualidade; mas são-*no*, cuido eu, quanto basta para se conhecerem por versos» (Idem).

«Honrai as viúvas que *o* são verdadeiramente » (Idem).

«Sou a sentinela vigilante da sua honra e posso, sem escrúpulo, dizer que *o* sou também da honra de V. Ex.cia» (Camilo).

«Não sei se vou dizer-lhe novidades. Se *o* não forem, ouça-as repetidas por mim » (Idem).

«Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que *o* sou?» (Idem).

«Um dos respeitos que o bárbaro teve para matar tão cruelmente os Cristãos, foi porque depois de *o* serem, já os havia mais por vassalos de Portugal do que seus; foram-*no* e são-*no* para morrerem e não *o* serão para os defenderem » (Lucena).

«Mas estas petições se bem se consideram, parece que *o* não são» (Vieira).

O *que te afirmo é sua fidelidade;* **o** *que vejo é falsidade em tudo;* **o** *que ele fez todos sabem* e *conhecem; dize-me* **o** *que sabes disso;* **O** *que ele disse é falso;* **O** *que aqui vejo é pobreza* e *miséria; nem tudo* **o** *que luz é ouro.* «**O** *a que não sabem responder*» (Cast.).

II

O vocábulo *quem* é considerado, em geral, como singular, empregado com referência **a** pessoas ou coisas personificadas.

Em nossos clássicos, contudo, encontram-se exemplos em que esse *substantivo sintético* não só é empregado com ideia de pluralidade, senão também com referência a coisas, como se vê nos seguintes passos:

«As boas árvores dão bons frutos; as más como *quem são*» (II. Pinto).

«Chamam-te fama e glória soberana
Nomes com *quem* se o povo néscio engana »
(Camões).

Os nossos clássicos do século 16 usavam já do pronome *ele* em referência ao substantivo *quem,* já do demonstrativo *esse,* de que ainda se acham exemplos em Vieira, no século 17:

«*Quem* semeia estas tâmaras, *ele* nem seus filhos lhe comem os frutos» (Gab. Soares de Souza).

«*Quem* mais as canta, *esse* as vem a chorar mais » (Vieira).

... Era análoga entre os escritores franceses a sintaxe usada no século 17:

«**Qui** *se contraint au monde,* **il** *ne vit qu'en torture* » (Regnier).

«**Qui** *dit prude, ne vous déplaise,*
Dit toujours laide ou mauvaise »
(La Fontaine).

Neste exemplo de La Fontaine antes do segundo *dit* subentende-se o pronome *il,* expresso no exemplo de Regnier e em relação com o *qui.*

Muitas vezes numa frase composta de duas proposições, estreitamente unidas, uma *principal* e outra *subordinada, incidente,* figura como sujeito aparente de ambas a palavra *quem.* Neste caso é mister na análise desdobrar este substantivo nos dois elementos que encerra e implica, isto é, *que* e *homem, que* e *pessoa,* tomando-se o elemento capital, indicado pelo substantivo, antecedente elíptico do conjuntivo, para sujeito ou complemento da proposição *principal* e o elemento acessório, representado pelo adjetivo conjuntivo, e concordando com o mesmo substantivo *homem* ou *pessoa,* para sujeito ou complemento da proposição *subordinada.*

Assim as seguintes frases portuguesas de tão trilhado meneio: *quem me avisa meu amigo é, quem cala consente, quem tem boca vai a Roma, quem canta seus males espanta, quem pergunta quer saber, quem ama ao feio bonito lhe parece, quem lhe dói o dente vai a casa do barbeiro,* se desdobram pela análise nest'outras: o homem ou a pessoa que me avisa meu amigo é; o homem ou a pessoa que cala consente; o homem que tem boca vai a Roma; o homem que canta seus males espanta; o homem ou pessoa que pergunta quer saber; o feio parece bonito ao homem que o ama; vai a casa do barbeiro o homem a que o dente dói.

A esta terminação do substantivo *quem* e de alguns outros vocábulos análogos, como *alguém, ninguém, outrem,* o autorizado gramático João Ribeiro chamou, com razão, *flexão hominal.*

É porventura por essa ideia de homem ou pessoa que o vocábulo *quem* implicitamente envolve, que esse substantivo não se refere, no uso atual da língua, senão às pessoas ou coisas personificadas:

«Dize-me com *quem* andas, dir-te-ei as manhas que tens » (Prov.).
«*Não* falta *quem* por quatro dias de rico compre ignomínia, que nenhum tempo apaga» (Vieira).

«Eu sou aquele oculto e grande cabo,
A quem chamais vós outros Tormentório »
(Cam.).

CAPÍTULO IX

Do pronome SE

Se é a variação oblíqua do pronome da terceira pessoa, o qual serve para ambos os números e ambos os gêneros, derivado do latim *sui, sibi, se.*

Variação oblíqua lhe chamamos nós: porque quer um uso, contrário a maneira como se exprimiram sempre nossos melhores escritores, que o nosso *se* possa ser variação direta, estabelecendo-se uma falsa analogia entre este nosso pronome e o vocábulo indefinito *on* da língua francesa.

No uso atual de nossa língua não há palavra alguma que corresponda exatamente ao substantivo *on* da língua francesa.

O português antigo tinha, é verdade, um vocábulo que reproduzia à justa o nome indefinito *on* dessa língua: era o vocábulo *hom, homem,* palavra de sentido geral e indefinito, empregada sem artigo, derivada do latim *hominem,* donde procede o francês *on* e o inglês *one,* tomado em sentido vago e indefinido, como na sentença *one eats when one is hungry* e noutras análogas.

Mas a palavra portuguesa *hom, homem,* assim empregada, como atrás ficou dito, foi pouco e pouco caindo em desuso, sendo as formas *hom, homem,* substituídas hoje em dia pelas expressões *o homem, um homem, a gente, um, alguém, uma pessoa, qualquer, todos, ninguém, eu, nós* etc., conforme os vários matizes, por que se considera o pensamento que se enuncia.

Às vezes vai o verbo para o plural, tendo por sujeito claro ou oculto a palavra *homens;* outras vezes dá-se à proposição um sentido passivo, e não raro os verbos intransitivos, usados impessoalmente, revestem a latina a forma passiva, encerrando-se numa só expressão o sujeito, o verbo e o atributo; a alguns verbos intransitivos, enfim, costumavam os nossos clássicos ajuntar o pronome *se,* empregando-o como complemento direto aparente, para denotar a espontaneidade da ação ou para realçar mais a frase, tornando-a mais cheia, relevada e harmônica.

Em nenhum caso, porém, se encontram nos modelos do bom falar, antigos e modernos, exemplos como os seguintes e muitos outros análogos, tão frequentes na linguagem descurada do falar comum: *Nomeou-se duas comissões, vende-se muitas flores* naquele mercado; *concerta-se relógios; afina-se pianos, vende-se mobílias* nacionais e estrangeiras, *aluga-se casas;* naquela feira *vendeu-se oito cavalos* árabes; *aluga-se* ali *cômodos* com mobília ou sem ela; *vende-se* muito barato *todas aquelas casas* que *se comprou* por tão alto preço; *as árias que se canta* na Ópera de

Paris são composições dos *maestros que mais se estima* e *aplaude* em toda a Europa; *prepara-se grandes festejos* para receber o presidente; *fez-se duas propostas, construiu-se quatro elegantes palacetes;* não *se descreve* bem *as sensações* que *se experimenta,* quando *se observa* de perto *as pirâmides* do Egito; cantando *espanta-se seus males,* é raro quando *se o vê* triste, *as vantagens desta empresa se conheceu* perfeitamente; sempre *se os vê* assim; áridos nos modos, sombrios no aspecto; durante a febre se *abstém-se* de tomar vinho; são homens de péssimo procedimento; ordinariamente *se os vê* nas tascas e tavolagens.

Todas essas frases consideradas verdadeiras pelos que, não ciosos do falar genuíno, atribuem ao *se* o papel de sujeito, função de todo em todo alheia da linguagem dos nossos bons escritores, encontram formal desmentido nos exemplos que nestes se colhem.

Tais os seguintes:

«Pois, senhores, coração, bofe, baço e toda a outra mais cabidela, não *se podem* comer, senão com cominhos» (Camões - *Seleuco).*

«*Podem-se* pôr em longo esquecimento
As *cruezas mortais* que Roma viu» (Idem).

« Guardai-vos, gente minha,
Do mal que *se aparelha* pelo imigo »
(Idem).

«. . . O mar remoto navegamos
Que só dos feios focas *se navega*»
(Idem).

«E assim mandou fazer outra moeda de ouro, que *se chamava* Espadim» (G. de Rezende).

«Bem sei que *se escreve* diferentemente por alguns *este sucesso*» (Souza).

«E porque ficasse conhecido o favor do Santo foi coisa averiguada que no mesmo dia em Lisboa *se apelidou* vitória pelos meninos das ruas» (Idem).

«Floresça, fale, cante, *ouça-se* e viva
A portuguesa língua; e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva»
(Ferr. - *Poem.).*

«Eis aqui como se desterra o temor e o pejo; e como se estimula a luxuria, e *se concedem licenças amplas à relaxação* » (M. Bernardes - Floresta).

«Morrendo, pois, o avarento, todas estas operações cessam, porque uns entram na herança, a outros *se pagam os salários*, os acredores arrecadam, os devedores respiram, a mulher esconde o que pode, e os servos o que não podiam » (Idem).

«Aqui, finalmente, a cecém branca, o lírio roxo, a rubicunda rosa, o nardo alegre e açafrão salutífero, *se viam desenrolar as tranças* elas em companhia do murici precioso e de outras flores» (I. A. do Oriente).

«Destes Pirineus saem por toda a Espanha *muitos braços ou ramos*, que também tomam diversos nomes por as terras onde *se descobrem* » (D. N. de Leão).

«Ainda *se imagina* melhor dos que nunca o viram *do que se conta* pelos experimentados » (D. F. M. de Melo).

«Fonte limpa é o Deus que naquela casa *se adora*» (F. Mendes).

«Quiseram as árvores fazer um rei que as governasse, e foram oferecer o governo à oliveira, a qual *se escusou*, dizendo que não queria deixar o seu óleo com que *se ungem os homens e se alumiam os deuses* » (Vieira).

«Ontem chegou aqui uma carta em que *se refere* por um religioso nosso que sua alteza tinha acrescentado o título ao senhor marquês» (Idem).

«Às cinco horas da manhã *trava-se* o combate pelos fogos de artilharia » (Lat. Coelho).

«*As ideias jocosas, inúteis, pueris e profanas devem desterrar-se* como inimigas da retórica sagrada, que é grave, seria e frutuosa» (Vieira).

«*Nem a Deus, nem aos que estão em seu lugar se podem perguntar os* porquês » (Idem).

«As comendas em semelhantes peitos não são cruz, são aspa: e quando *se veem tantos ensambenitados da honra*, bem vos podereis honrar de não ser um deles» (Idem).

«À Genova *se pedem* ainda de França os artilheiros, que constantemente *se negam*» (Idem).

« *Viam-se magotes numerosos, fabricaram-se palácios, fizeram-se duas proposições*; *nomearam-se novos comissários*» (D. Francisco de S. Luiz).

« Têm as coisas divinas uma excelência, que quanto mais *se usa* delas, mais saborosas se acham, e mais se fazem apetecer » (Fr Luiz de Souza).

«Acodem os contrários, *põe-se* em meio *um braseiro ardendo*: lançam-se os papeis de cada parte » (Idem).

«A língua portuguesa não desmerece lugar entre as melhores, para nelas *se escreverem matérias* levantadas, aprazíveis, proveitosas e necessárias» (Rodrigues Lobo).

« *Pode-se formar uma biblioteca* dos livros que contra Voltaire *se escreveram*» (F, Dias Gomes).

«A leitura desta obra é sumamente agradável *pela imensidade de luzes, pelas lições de gosto*, que em escrito nenhum *se encontram* como ali » (Idem).

« Assentaram firmemente que, se chegasse **a s**er rei, havia de ter todas as preciosas qualidades, que se requerem para fazer a felicidade dos povos » (Idem).

«*Respeita-se-lhe o juízo* (o escritor refere-se à mulher), *ama-se-lhe* o espírito, a modéstia, a decência, os instintos bons, nobres e generosos, a timidez que não exclui a heroicidade; *colhem-se-lhe* as palavras benévolas como diamantes, que se entesouram e defendem com ciúme; *fazem-se os maiores sacrifícios para lh'as* merecer. O mais soberbo sente-se ufano no dia que obtém a sua mão; o mais avaro daria metade dos tesouros pelo seu primeiro suspiro e os tesouros todos pelo seu primeiro beijo » (A. Cast.).

Neste exemplo de Castilho são tomadas em sentido passivo as expressões verbais *respeita-se, ama-se, colhem-se, se entesouram e defendem e fazem-se* só o *se* do segundo período é que dá à expressão verbal *sente-se* um sentido propriamente reflexo.

Avulta o mesmo sentido passivo nos trechos seguintes:

« Despertadores tais quem entre nós os sofreria? Por lá *querem-se, quer-se-lhes (bem), escutam-se e obedecem-se*» (Idem).

« Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuínos clássicos, e *soltem-se*
As correntes da antiga sua linguagem;
Rompam-se as minas gregas e latinas »
(F. M. do Nascimento).

«Pelos outeirinhos coroados pouco havia de vinhas frondosas, *viam-se* espalhadas *as videiras,* cobertas de folhas ressecadas antes do tempo ou enegrecidas pelo fogo » (A. Herc.).

«Há um coração, terra de paraíso, em que só se *devem* semear *os bons afetos* » (A. de Cast.).

« Recitou pausadamente as palavras; *convenceu-se* por este exame atento, de que a extensão delas era desigual, que *umas se proferiam* num tempo indivisível, outras em dois, outras em três, outras em mais» (Idem).

«Deste fácil exercício nascem ainda dois *proveitos, que se lhe não pediam: aclara-se e apura-se a pronúncia*; *corrigem-se mil barbarismos* de dicção » (Idem).

«Se a este *os balcões doirados* dos palácios *se abrissem*» (Idem).

«Onde *a liberdade do homem, a majestade dos princípios* e *as virtudes das famílias se converteram* em três grandes mentiras» (**A.** Herc.).

«*Viam-se* rojar *as gualdrapas dos mestres* em leis e degredos, dos sabedores e letrados » (Idem).

« *Expediram-se* enfim *ordens* e *instruções* ao arcebispo de Funchal» (Idem).

« *Promulgaram-se* aí *45 resoluções conciliares*» (Idem).

«Assim *os muros de Montemor-novo* principiaram a *erguer-se*» (Idem).

«Entre os parciais de D. Leonor que vinham naquela comitiva, *viam-se,* porém, *muitos fidalgos e letrados*» (Idem).

«Aqui e acolá, *viam-se* nas ruas, alagadas do sangue, *pilhas* de quarenta ou cincoenta cadáveres, que esperavam a sua vez nas fogueiras » (Idem).

«*Tiravam-se* para isso *inquéritos* pelas autoridades eclesiásticas» (Idem).

«*Estes obstáculos* que assim *se buscavam* levantar, eram mais de nome que de substância» (Idem).

«*Os assassinos* que *se puderam prender* foram cruelmente justiçados » (Idem).

« *Vejam-se* também *inexatidões históricas*» (J. de Cast.).

«O uso, porém, traz condenadas *essas supressões* do artigo, que mal *se poderiam* empregar hoje, sem incorrer na taxa ou de exótico ou de afrancesado » (Idem).

«*As pedras se tiram* rudes das entranhas da terra; *os* lenhos *bárbaros se cortam* dos montes aonde *se criam*» (Idem).

«*Vejam-se as tribos da América do Norte,* fugindo mais e mais diante do machado, que rareia as selvas e ante a locomotiva, que dilata as fronteiras da civilização » (Latino Coelho).
«Ao mesmo passo *ordenaram-se preces* em todas as igrejas» (Id.).
«Principiaram a *catalogar-se* em índices *as obras heterodoxas* ou *suspeitas*» (Idem).
«Do soldo dos *militares,* que depois *se chamaram praças de pret*, recebia cada semana apenas uma fração (Idem).
«Há, porém, na língua portuguesa e em *todas as* que hoje *se falam* na Europa, uma espécie de palavras, que inteiramente faltava na latina» (Idem).
«Alguém afirma que *se havia concedido por parte de alguns membros da nobreza* excitar o vulgacho » (Idem).
«É que ali naufragam sem remédio as glórias feitiças, e *dissipam-se* de todo *os falsos esplendores* » (Idem).
«E *poder-se-iam citar numerosos exemplos* da mesma construção em quase todos os escritores de maior autoridade» (Idem).
« Aquele de vós que se acostumar de pequeno a obedecer, saberá, quando chegar a homem, guardar as leis por onde *a sua pátria se governa*» (Filipe Leite).
«Dos sonhos e dos prazeres da infância ficam sempre uns ecos e uns perfumes que nos acompanham na vida e nos fazem rir e chorar. *Encontram-se (esses ecos e perfumes)* nas abstrações dos poetas, nos êxtases dos amantes, nos passeios solitários dos velhos, nas inconsequências e impaciências das mulheres; e *descobrem-se* principalmente no fundo luminoso dos céus, no remanso extenso dos rios, no seio misterioso dos arvoredos. *Traduzem-se* numa palavra só: melancolia » (Th. Ribeiro).

Os ingleses, a fim de trasladarem à sua língua as frases em que figura o vocábulo francês *on,* recorrem a vários meios: ora lhe dão como correspondente a palavra inglesa *one,* que é a tradução mais fiel do nome indefinido francês *on,* ora os vocábulos *we, people, man, you, they* e mui frequentemente se servem da voz passiva, como se vê nos seguintes exemplos: **one** *canot be aware of every thing- ninguém pode lembrar-se de tudo* ou *não pode o homem* ou *um homem lembrar-se de tudo,* **people** *is very fond of giving advice- gostam todos de dar conselhos,* **they** *have taken the thief-prenderam o ladrão;* **it is believed- crê-se,** *acredita-se, julga-se, acreditam, julgam,* **people** *say,* **it is related, it is said, they** *say,* **we are told** *-dizem,* **diz-se, contam, conta-se, refere-se** etc.

No latim não existe palavra alguma que fiel e exatamente corresponda ao vocábulo francês *on,* pelo que usavam os latinos, como nós, de diversos artifícios, empregando de preferência a forma passiva, como o demonstram os exemplos seguintes:

«*Omnia sunt incerta, quum a jure discessum est*» (Cic.).
«*Sol sex mensibus continuis non videtur*» (Varr.).
«*Dicitur eo tempore matrem Pausaniæ vicisse*» (Nepos.).
«*Quo quis versutior est, hoc suspectior*» (Cic.).
«*Dilligitur nemo nisi fortuna secunda est*» (Ov.).
«*Nulla fere nox est qua non sommiemus*» (Cic.).
«*Id intelligitur*» (Idem).
«*Pravitates animi vitia dicuntur*» (Idem).
« *Preparetur animus contra omnia*» (Senec.).
« *Annon justa causa est quo curratur celeriter?*» (Pl.).
« *Magnis opibus dormitur in urbe*» (Juv.).
«*Stabitur consilio* » (T. Liv.).
«*Adusque decem, número crescente venitur*» (Ov.).
«*Ventum erat ad ripam*» (Idem).
« *Ventum erat ad Thebas*» (St.),
«*Si quando ad prœlia ventum esset*» (V.).
«*Dicitur Aegyptus caruisse juvantibus arva imbribus*» (O.).
«*Ad plebem pergitur*» (Cœcil).
«*Sie urbe relicta in bellum fugitur*» (L.).
«*Quamquam expleta sitis, bibitur tamen*» (Idem).
« *Negat Epicurus jucunde posse vivi, nisi cum virtute vivatur*» (Cic.).
«*Perfacile resisti potest*» (Idem).
«*Disputari desitum est*» (Idem).
«*Non debet dubitari*» (Idem).
«*Quœritur quid feri posset*» (Idem).
« *Dicebar felix* » (Ov.).
«*Amicus certus in re incerta cernitur*» (Cic.).
«*Curritur campus*» (Quint.).
«*Ad me curritur*» (Ter.).
«*Tota mihi dormitur hiems*» (Marcial).
«*Vivitur parvo bene*» (Hor.).
«*Vivitur ex rapto*» (Ov.).
«*Vivitur exiguo melius*» (Cl.).
«*Itur in antiquam sylvam*» (Virg.).

«*Illum est in viscera terræ*» (Ov.)
«*Pugnatur cominus armis*» (Virg.).
«*Vituperari possumus*» (Cic.).
« *Gratulatio reprehendi non solet*» (Idem).
«*Conventus feri desierunt*» (Idem).
«*Commodis aliorum invidetur*» (Cic.).
«*Illi ætati favetur* » (Idem).

A língua francesa mesma que, em tais modos de dizer, faz de ordinário uso do nome indefinito *on,* essencialmente do número singular, procedente, como já vimos, do substantivo latino *homo, hominis,* não raras vezes emprega o pronome *se* usando-o exatamente no mesmo sentido em que o tomamos para dar à frase um sentido passivo; e a nenhum gramático francês lembrou atribuir a esse pronome a função de sujeito.

Vejam-se os seguintes exemplos:

« *Quelques rayons de miel sans maître se trouvèrent*» (La Font.).
«*Une sottise ne doit jamais se répéter, fût-elle saupoudrée d'esprit*» (Boiste).
« *Le même mot se répète trois fois dans un rondeau*» (Acad.).
«*Les actes de violences se répétèrent d'une extrémité de l'empire à l'autre* » (Rayn.).
« *Tout ce qui se mange avec plaisir se digère avec facilite*» (Bernardin de Saint Pierre).
«*Le pie de Ténériffe* se *voit de quarante lieues*» (Idem).

«*Nos jours filés de toutes soies,*
Ont des ennuis comme des joies;
Et de ce mélange divers
Se composent *nos destinées,*
Comme on voit le cours des années
composé d'étés et d'hivers»
(Malherbe).

Mais explícito ainda foi Boilean nos versos seguintes:

«… Cependant on apporte un potage;
Un coq y paraissait en pompeux équipage,
Qui, changeant, sur ce plat et d'état et de nom,
Par tous les conviés *s'est appelé* chapon.»

As frases francesas *on dit que les cerfs vivent longtemps* respondem às latinas seguintes : *Cervi dicuntur diu vivere; dicitur cervos diu vivere, dicunt cervos diu vivere, dicimus cervos diu vivere, dieis cervos diu vivere.*

As sentenças francesas *tout ce qu'on mange avec plaisir, on digère avec facilite* e *on voit le pie de Ténérife de quarante lieues* apresentam, é verdade, o mesmo sentido que as construídas com o pronome português *se,* mas a função sintática exercida pelo indefinido *on* é bem diversa da que preenche o *se* nas duas frases *tout ce qui se mange e le pie de Ténérife se voit.*

Na língua italiana o pronome *si* (*se* português) nunca faz de sujeito.

Assim a proposição *louva-se o homem modesto* ou *o homem modesto é louvado* e vertida no italiano: *Si loda fuomo modesto.*

O espanhol traslada de modos vários as frases francesas em que figura o substantivo indefinido *on:* ora recorre ao pronome *se;* ora emprega o verbo no plural na primeira pessoa com o sujeito elíptico; já faz uso do verbo na terceira pessoa do plural, tendo por sujeito o complemento direto da frase francesa; já, em suma, constrói a frase, dando por sujeito o vocábulo *uno.* Assim as sentenças francesas *on dit, on parle* correspondem às espanholas *se dice, se habla;* a frase francesa *on m'a parté de vous,* a espanhola *se me há hablado de Ud;* a frase *le savant auquel on doit une grande découverte,* às espanholas: *el sábio à quien se debe* ou *de quien debemus um gran descubrimento; on n'est pas toujours de bonne humeur,* a espanhola: *uno non esta siempre de humor, on a reçu les lettres - se han recibido las cartas*[105].

Logo, quando, traduzindo-se em nossa língua as frases francesas em que figura o substantivo indefinido *on,* se demonstre a identidade de sentido entre as construídas com esse vocábulo e as em que figura o nosso *se,* não será lógico, inferindo da identidade de sentido a identidade de funções, considerar os dois elementos idênticos em suas funções sintáticas: pode uma frase ter estrita e rigorosamente o mesmo sentido de outra, e não se corresponderem, no que respeita às suas funções sintáticas, os elementos gramaticais de que se compõem; isto numa mesma língua, por maioria de razão em idiomas cuja índole, gênio e caráter tanto se variam e diversificam.

As seguintes frases portuguesas, por exemplo, há *homens muito indiscretos* e *existem homens muito indiscretos* oferecem-nos sentido análogo; mas ninguém hoje dirá que o substantivo plural *homens* exerce em ambas a mesma função sintática; nem ainda que o vocábulo *homines,* sujeito na frase latina *sunt homines, qui dicant,* o é também na frase portuguesa há *homens que dizem.*

105. Vide Guadalupe. **Grammaire Espagnole**.

Não negam os partidistas da opinião que refutamos tenha o *se* algumas vezes a propriedade de, unindo-se a certos verbos, torná-los passivos; mas, dizem, os verbos intransitivos não se podem apassivar, é força, logo, considerar como sujeito o *se* nas locuções *vive-se, morre-se, dorme-se, veio-se* e noutras análogas.

Objeção é essa de pouco momento para quem atentar em que no latim, onde tais verbos são igualmente intransitivos ou *neutros,* como lhes chamam alguns, não é raro encontrar a forma passiva, já nos verbos pessoais, já nos tomados impessoalmente. Assim é que disse Juvenal: *Magnis opibus dormitur in urbe;* Ovídio: *Nunc tertia vivitur ætas;* Horácio: *Vicitur parvo bene;* Terêncio: *Ad me curritur,* e Virgílio: *Si quando ad prælia ventum esset.*

Ora se têm os latinos suas terminações próprias da forma passiva, não poderemos nós considerar o nosso pronome *se,* em alguns casos, como uma espécie de terminação inseparável do verbo, uma partícula, que se lhe pospõe ou antepõe, conforme as circunstâncias, ligada ao verbo e nele talvez incorporada em algum período da língua matriz, e hoje mero sinal indicativo da mesma ideia, que os latinos exprimem por suas terminações e formas especiais, concretando, reunindo e aglutinando o que nós separamos, dividimos e analisamos?

Demais disso, mostra-nos a gramática comparada que o ***r*** da terminação latina dos verbos passivos *laudatur, monetur, laudantur, monentur, legitur, leguntur* se filia no pronome reflexo *sva,* que nos *dialetos itálicos,* no *céltico,* no *leto-slavo* se varia e reduz a *s, r,* fundindo-se com o radical do verbo depois da vogal ligativa ou temática.

Pelas leis fonéticas do latim, esse *s* do pronome reflexo originário, entre duas vogais, transformou-se em *r,* mudança usual, nesta língua e de que são exemplos *arboris* em vez de *arbosis, floris* em vez de *flosis, thuris* em vez de *thusis, ruris* em vez de *rusis; murem* em vez de *musem, vires* em vez de *vises, moris* em vez de *mosis.*

Nas frases portuguesas de sentido passivo, construídas com o *se,* o qual procede de um pronome reflexo originário, encontra o pronome português como seus representantes prováveis as terminações com que exprimiam os latinos os seus verbos médio-passivos, na carência em que se achavam de terminações ou desinências correspondentes às gregas *mai, sai, tai,* que exprimem o sentido médio-passivo.

Ainda bem que concedem os que consideram poder o *se* em alguns casos fazer de sujeito, possa, outrossim, apassivar os verbos. Pois bem; na frase: *odiou-se em todos os tempos a ingratidão,* perguntaremos, é o *se* sujeito, ou é sinal da passiva? A frase reduzir-se-á a seguinte: *em todos os tempos se odiou,* isto *é, foi odiada a ingratidão,* ou a est'outra: *se,* isto é, *os homens, a humanidade, odiou em todos os tempos a ingratidão?*

Se é indiferente reputá-lo aqui como sujeito ou ligado ao verbo para exprimir a passiva, eis uma palavra exercendo a um tempo duas funções incompatíveis.

Se é sujeito somente, que princípio gramatical ou lógico nos obriga a não admitir que é idêntica a forma verbal *odiou-se* à expressão *foi odiada?*

E quem não reputará genuinamente portuguesa a frase seguinte: *a ingratidão foi em todos os tempos odiada?*

Nestas e noutras frases análogas, em que figura o *se,* não é muitas vezes o verbo seguido de um complemento indireto denotando a causa eficiente, regido da preposição *de* ou *por,* correspondente ao ablativo latino regido da preposição *a* ou *ab,* clara ou oculta, que acompanha os verbos passivos ou se lhes subentende?

Na frase acima citada - *ainda se imagina melhor dos que nunca o viram do que se conta pelos experimentados* - não é a expressão *dos que nunca o viram* o complemento indireto circunstancial do verbo *se imagina,* de sentido passivo, como a expressão *pelos experimentados* o é do verbo *se conta,* igualmente empregado em sentido passivo?

Se é sujeito o *se* nas frases *ri-se hoje* e *chora-se amanhã,* por que não exercerá a mesma função sintática nas frases construídas com os verbos pronominados? Qual a razão por que se não diz em português *se arrepende-se, se fina-se, se ri-se, se abstém-se, se atreve-se, se compadece-se, se refere-se, se passeia-se,* representando o primeiro *se* o papel de sujeito, como se procura inculcar, e o segundo o de complemento, como se diz *o homem* ou *a gente ri-se, arrepende-se, fina-se, abstém-se, atreve-se, refere-se,* e como se diz em francês *on se repent, on se rit, on s'abstient, on se rapporte, on se promène?*

Nos anexins e adágios portugueses, nessas sentenças brevíssimas, em que as construções gramaticais se nos mostram em toda a sua desenfeitada simpleza e naturalidade, em que a língua, ainda, digamo-lo assim, sem ciência nem consciência, se fala genuína e espontaneamente, sem liga de impurezas e extreme de lavores artificiais, não emprega o nosso idioma o pronome *se,* atribuindo-lhe a função de sujeito da proposição. Sirvam de exemplos as frases seguintes: *Não se pescam trutas a bragas enxutas, moscas não se apanham com vinagre; nem todas as verdades se dizem; ralham as comadres, descobrem-se as verdades, não se fizeram as boticas para pasto dos gulosos.*

Trazem alguns, para justificar esse emprego abusivo de *se,* a frase seguinte de João de Barros em suas *Décadas: E como nas terras novamente descobertas primeiro se nota pelos mareantes que as descobrem os perigos do mar, onde podem receber dano para aviso dos vindouros,* devendo-se, conforme a boa sintaxe, dizer *se notam.*

O emprego da preposição *por,* seguida de seu complemento *mareantes,* por ela regido, não nos está, por outra parte, a indicar que era intento do escritor empregar o verbo passivamente? Esses perigos, de que fala, não são notados pelos mareantes? Não são, portanto, os mareantes a causa eficiente da ação enunciada pelo verbo?

Não é o *se,* com a pretensa significação de *o homem, alguém,* que *nota primeiro nas terras novamente descobertas os perigos do mar;* são os mareantes, que as descobrem, são estes que notam, apontam, indicam os perigos do mar para aviso dos navegantes que lhes tenham de suceder.

Quando essa escusa não houvera para o clássico português, nem por isso se deverá de ligeiro considerar gramaticalmente verdadeira a sintaxe por ele empregada: não se aquilata a legitimidade de uma frase por uma ou outra oração viciosa, que muitas vezes escapa aos mais distintos escritores: *In magnis quoque auctoribus incidunt aliqua vitiosa et a doctis inter ipsos mutuo reprehensa* (Quint.).

> «Tito Lívio, diz um escritor, era tido entre os romanos por homem de admirável eloquência, e Pólio não deixou de lhe notar um pouco do dialeto de Pádua. De Planto, dizia Varrão que, se as Musas quisessem falar em latim, não tomariam outra linguagem senão a deste poeta, contudo acha-se a sua frase muitas vezes pouco castigada, muitas palavras antigas, muitas fabricadas livremente para mover riso.
>
> «Salústio, um dos historiadores de maior estimação e escrevendo no tempo de César e Cícero, não se lava de ter afetado muitos termos e modos de falar antigos. O mesmo Varrão, oráculo de erudição entre os romanos, carregou os seus escritos de bastantes expressões velhas e construções extraordinárias, que os críticos lhe não perdoam »[106].

Que muito, pois, que o nosso João de Barros, o Tito Lívio português, que tanto polimento deu à língua portuguesa, enriquecendo-a de tantas expressões novas e tão elegantes modismos, adornando-a de tão garridas louçainhas, caísse, como o Paduano, em algum raro descuido, que não será para imitar?

«*Quandoque bonus dormitat Homerus* » (Hor.).

106. Dias Gomes. *Obras poéticas.*

Mas todo o engano dos que julgam poder o pronome *se* exercer na frase o papel do sujeito, provém da suposta analogia, senão identidade, que falsamente cuidam existe, entre esse pronome e o substantivo indefinito francês *on.*

Isto negará quem quer que conheça regularmente os dois idiomas, atentando nos seguintes pontos que separam um do outro os dois elementos gramaticais:

1.° O vocábulo *on* é um substantivo ou nome indefinito, procedente do substantivo latino *homo, hominis,* tendo sido sucessivamente representado pelas formas *hom, home, homs, hon, hons, om, ome, ome, ons.*

O pronome *se* tem por procedência um pronome reflexo, cujos vestígios se acham nas terminações latinas em que o *r* da desinência não é senão o resultado da transformação do *s* originário, posto entre duas vogais.

As locuções perifrásticas *amo-se, amas-se, amat-se,* transformando-se e fundindo-se, tornaram-se em latim *amor, amaris, amatur.*

2.° O vocábulo *on* exige sempre o verbo no singular; é sempre sujeito. O pronome *se* pode figurar em sentenças cujos verbos fiquem no plural e ainda para os que o reputam representando o papel de sujeito, não o é sempre: pode fazer de complemento ou regime do verbo.

3.º O substantivo *on,* bem que essencialmente do número singular, pode estar em relação com um substantivo ou adjetivo do plural, na terminação masculina ou feminina; não corre o mesmo com o pronome *se.*

Na língua francesa encontram-se os exemplos seguintes:

«**On** *est* **égaux** *quand on s'aime* » (Tavart).
« **On** *n'est point* **les esclaves** »
(Molière).

«. . . Quoiqu'on soit *princesses*
On peut parfois causer des maladresses»
(Dumouriez).

«*Si* **l'on** *se convenait, on se touchait la main et* **l'on** *était* **amis** *pour la vie*»
(Marmontel).

«*Quand* **on** *est* **jeunes, riches, et jolies,** *come vous, mesdames,* **on** *n'en est pas* **réduites** *à l'artifice* » (Diderot).

Traspassando-se em português o nome francês *on* por *se,* comete-se grosseiro solecismo.

4.° O nome ou pronome indefinito *on,* sempre sujeito, pode sê-lo de todos os verbos; o pronome *se,* quando o reputem sujeito, forma com os verbos pronominados frases de todo em todo ininteligíveis.

As frases *on se repent, on s'abstient, on se rapporte, on s'approche, on se ressouvient, on s'assied* não se podem literalmente verter nas portuguesas *se arrepende-se, se abstém-se, se refere-se, se aproxima-se, se recorda-se, se senta-se.*

Se o *se* fizesse de sujeito, não haveria razão para o não ser nas proposições constituídas pelos verbos pronominados.

5.° Pode o vocábulo ou nome indefinito *on* ser a palavra inicial de um período ou frase; nenhum período, bem ao revés, pode no português ter como inicial o pronome *se,* que é sempre átono.

Iniciando uma frase francesa, pode-se dizer: *on souffre, on meurt,* on *crie, on coart* já se não pode em português, iniciando a frase pelo *se* atônico, dizer: *se sofre, se morre, se grita, se corre,* mas *sofre-se, morre-se, grita-se, corre-se* ou variando a linguagem: *sofrem, morrem, gritam, correm, sofremos, morremos, gritamos, corremos; a gente sofre, morre, grita, corre.*

6.° O francês além de indicar o sentido passivo, recorrendo ao verbo *ser,* unido ao particípio passado do verbo que se apassiva, indica-o também algumas vezes, já o deixamos dito, empregando o verbo acompanhado do pronome *se,* como costuma fazê-lo a língua portuguesa. Assim, além das frases francesas de que tivemos já ensejo de falar, por este meio apassivadas, analisando est'outras: *ce mot ne s'emploie guère; cette tournure ne s'emploie plus, ces livres se vendirent à bon marche; les blés se sèment em hiver; ce qui s'apprend dès le berceau ne s'oublie jamais, cet air se chante beaucoup; cette maison se bâtit l'année dernière,* ninguém dirá que o *se* representa nelas a função de sujeito, sendo tal função evidentemente aqui exercida pelas expressões, *ce mot, cette tournure, ces livres, les blés, ce qui, cet air, cette maison.*

Entretanto não faltará, entre os que perfilham a opinião oposta à que sustentamos neste nosso trabalho, quem, lendo a tradução portuguesa dessas mesmas frases, atribua ao *se* a função subjetiva que lhe contestamos.

Para provar, finalmente, que os dois elementos gramaticais se não correspondem, basta apresentar alguns trechos de boa linguagem francesa e vertê-los em língua portuguesa, considerando-se os dois vocábulos em tudo análogos e de função idêntica: a obscuridade, a ininteligência, o desalinhado, o mal soante e mal concertado da frase, destoando das normas e exemplares da

boa linguagem portuguesa, atestarão de sobejo a falsidade de tal analogia e identidade de função.

Dentre inúmeros trechos que poderíamos aduzir, escolhemos os dois seguintes passos de Voluey e Bourdaloue:

> «L'on commence à voir ces montagnes factices dix-huit lieues avant d'y arriver. Elles semblent s'éloigner à mesure qu'on s'en approche; on en est encore à une lieue; et déjà elles dominent tellement sur la tête, qu'on croit être à leur pied; enfin, l'on y touche et rien ne peut exprimer la rareté des sensations, qu'on y éprouve» (Volney).
>
> « Combien de malheureux réduits aux dernières rigueurs de la pauvreté et que l'on ne soulage pas, parce qu'on ne les connait pas, et qu'on ne veut pas les connaitre ! Si l'on savait l'extrémité de leurs besoins, on aurait pour eux, malgré soi, sinon de la charité, au moins de l'humanité. A la vue de leur misère, on rougirait de ses excès, on aurait honte de ses délicatesses, on se reprocherait ses folles dépenses, et l'on s'en ferait avec raison des crimes. Mais, parce qu'on ignore ce qu'ils souffrent, parce qu'on ne veut pas s'en instruire, parce qu'on craint d'en entendre parler, parce qu'on les éloigne de sa présence, on croit en être quitte en les oubliant; et, quelque extrêmes que soient leurs maux, on y devient insensible» (Bourdaloue)

Trasladem-se ao português os dois trechos que acabamos de citar, vertendo-se em nossa língua o nome indefinito *on* por *se* português, dando-se a este o mesmo valor, considerando-se sujeito, como o é sempre o vocábulo francês, e ver-se-á a impossibilidade de sustentar essa pretensa identidade de funções.

A mesma embaraçosa e ininteligente algaravia se notará, considerados idênticos os dois pronomes, traspassando literalmente em português o seguinte verso de La Fontaine:

«*On a souvent besoin d'un plus petit que soi*»,

. . . ocorrendo outro tanto em todas as construções francesas em que figura o nome indefinido *on* como sujeito do verbo que tenha por complemento o pronome *soi,* ou um substantivo modificado por um possessivo de terceira pessoa: *on rougit de ses fautes; on a honte de ses folies; on se repent de ses crimes.*

Para nós *se* é essencialmente um pronome, de que usa nossa língua, dando-lhe vários empregos e modificando-lhe diversamente a ideia reflexa que em seus primórdios denotava: ora serve para formar os verbos pronominados ditos recíprocos e reflexivos, representando em tais casos o papel de complemento ou regime direto ou indireto; ora forma os pronominados passivos ou médio-

passivos, pessoais ou impessoais; neste caso o *se* é uma partícula inseparável do verbo, a qual se lhe antepõe ou pospõe; algumas vezes, junto aos verbos intransitivos e a alguns transitivos indiretos, serve de indicar a espontaneidade da ação significada pelo verbo; outras vezes, enfim, é o *se* um mero expletivo, que tem por fim adoçar mais a frase, torná-la mais harmoniosa, mais cheia e talvez mais enérgica.

Em nenhum caso, porém, preenche este pronome a função de sujeito, que lhe atribuem alguns, a menos de se ter em pouco a linguagem genuína e a autoridade dos melhores escritores, largando por mão os zeladores do bom dizer, «*esses homens de gênio, que são os verdadeiros gramáticos, os quais refazem as línguas, as aquecem no seu lar e as forjam em sua bigorna.*»[107]

Mostra-nos, outrossim, o estudo da gramática comparada que a mudança do verbo reflexo em passivo é fato observado em todos os idiomas indo-germânicos ou indo-europeus, servindo a forma pronominada reflexa não já para exprimir os verbos propriamente reflexos, senão também os de sentido passivo.

Quando em apoio da doutrina que sustentamos não viessem a gramática comparada e os mais antigos documentos históricos da língua, quando na análise de certas frases portuguesas parecesse, à primeira vista, mais fácil e por ventura mais explicável considerar como sujeito o *se,* nem por isso deveríamos menosprezar a autoridade dos clássicos portugueses: não se trata de constituir *a priori* uma língua, fundamentando-a numa metafísica mais ou menos sutil e engenhosa, senão de analisar as locuções, os modos de dizer de um idioma, já de há muito constituído; não devemos, pois, aquilatando o nosso bom falar, prescindir da autoridade dos bons mestres, dos verdadeiros modelos de nossa linguagem, com maior e melhor fundamento, quando a gramática comparada e histórica vem roborar e justificar o que eles dizem e escrevem.

A lógica e a metafísica nem sempre constituem o melhor, o mais seguro, o único padrão por onde aferir o bom cunho e os quilates de uma frase; porque, na fatalidade de seus processos, nem sempre os idiomas harmonizam à justa com os ditames da razão.

Nos exemplos seguintes faremos aplicação da doutrina que acabamos de expor:

Os dois irmãos **amam-se** e **estimam-se.**

Verbos pronominados *recíprocos; se* complemento ou regime *direto* do verbo.

107. Philatréte Charles.

Bem que distantes, sempre se **correspondiam.**

Verbo *recíproco; se* complemento ou regime *indireto* do verbo.

Carteavam-se *com frequência.*

Verbo *recíproco; se* complemento *indireto.* « *Os ídolos* **querem-se** *honrados* ».

Se unido aqui ao verbo fá-lo *reflexivo;* o pronome é, neste caso, complemento ou objeto *direto.* A frase vale o mesmo que est'outra: *os ídolos querem a si honrados.*

Ali se **vendem** e **alugam** *as casas por preço muito razoável.*

Os dois verbos acompanhados do pronome *se* dão às duas proposições *sentido passivo.* O *se* sinal da passiva não se lhes pode separar.

Trava-se *o combate nas primeiras fileiras.*

Se sinal de *passiva,* inseparável do verbo. Empregando-o de modo idêntico, diz o francês: *le combat s'engage.*

Neste exemplo, no que lhe precede e em todos os mais exemplos análogos, alguns gramáticos de boa nomeada consideram os verbos como reflexivos, empregando-se uma locução figurada; porque, por metonímia, se atribui a uma coisa a ação de que é o objeto. Eis como se exprime o douto A. Boniface: «**Dans cette maison se bâtit, cette étoffe se vend,** *les verbes sont dits réfléchis, quoique, à proprement parler, une maison* **ne se bâtisse pas, on la bâtit,** *et qu'une étoile* **ne se vende pas, on la vend**. *On parle alors figurément, attribuant a une chose faction dont elle est l'objet: c'est l'effet pour la cause*»*.

«*Muitas estátuas de S. Francisco Xavier* se têm *esculpido, imagens* **se têm** *pintado, muitas estampas impresso* » (Vieira).

Proposição de *sentido passivo,* como se dissera Vieira: *muitas estátuas* **têm sido** *esculpidas, muitas imagens* **têm sido** *pintadas, muitas estampas* **têm sido** *impressas.*

«*Fonte limpa é o Deus que naquela casa* **se adora** ».

* Em **esta casa se constrói, este tecido se vende**, diz-se que os verbos são reflexivos, embora, estritamente falando, uma casa não se constrói, mas sim é construída, e um tecido não se vende, mas sim é vendido. Estamos, então, falando figurativamente, atribuindo a uma coisa a ação da qual ela é o objeto: ela é o efeito da causa.

Se pronome, que, unido a forma verbal *adora,* lhe dá sentido passivo, equivalendo a expressão verbal *é adorada:*

«*Paphos onde* **se honram Vênus** *e Amor co'sacrifícios*»

O pronome, unido aqui ao verbo *honrar* na expressão *se honram,* dá um sentido passivo à sentença, onde representam de sujeitos os substantivos *Vênus e Amor.*

«*Não* **se devem** *julgar as coisas pelo apetite, senão pela razão* » (Barros).

. . . Não se devem julgar, isto é, as coisas não devem *ser julgadas.*

«*Já que* **se não podem** *renunciar os lugares, ao menos* **se deve** *renunciar o amor*» (Vieira).

Neste passo de Vieira, como no de Barros, que lhe precede, o pronome *se* dá igualmente à frase um *sentido passivo.*

«Que eu vos prometo, filha, que vejais / *Esquecerem-se gregos e romanos,* Pelos ilustres feitos que esta gente / Há de fazer nas partes do Oriente» (Cam.).

Neste verso dos *Lusíadas* o verbo acompanhado do *se* oferece o *sentido passivo.*

Vejais esquecerem-se gregos e romanos. isto é, *vejais serem esquecidos* (regos e romanos.

«**Pelejou-se** *renhidamente pelos soldados* ».

Neste exemplo é o *se* sinal de *sentido passivo.* De construção idêntica usou Boileau nos versos que acima citamos: « un *coq y paraissait. . . . . qui par tous les conviés* **c'est appelé** *chapon*» e D. Francisco Manoel de Melo, no seguinte exemplo, também já apontado: «Não *se pode bem referir* a desordem, espanto e confusão deste tempo: ainda *se imagina* melhor dos que nunca o viram, do que *se conta* pelos experimentados ».

«*Onde rosto e narizes* **se cortava** » (Camões).

Neste exemplo representa o *se* o papel de complemento *indireto. Onde ele,*

108. O poeta faz aqui alusão ao fidalgo persa, que, para entregar a Dário 1.° a Babilônia, que se achava a braços com a revolução, *se* sacrificou, cortando a si próprio o nariz e as orelhas.

isto é, *Zopyro cortava a si rosto e narizes*[108]. O verbo é puramente *reflexo* e não *passivo.*

«*Ambos* **se propunham** *por alvo o honesto* » (E. M. do Nasc.).

Propunham-se verbo *reflexo* de que o pronome *se* faz de complemento *indireto.*

«**Prometia-se** *grandes quimeras de gosto com ela*» (Paiva).
«Não *podem os homens desejar nada de Deus que* **se não possam prometer** *dele* » (Idem).

Nos dois exemplos o *se* é também complemento *indireto.* O verbo *reflexo prometer-se* era usado pelos nossos escritores clássicos até Vieira com a significação de *esperar: « Prometia-se grandes quimeras de gosto»,* isto é, *esperava grandes quimeras de gosto; «que se não possam prometer dele »,* isto é, *que não possam esperar dele.*

« *Pouco* **se** *te* **dá** *do muito que se deu*» (Gregório de Matos).

Frase elíptica, em que o sujeito que se subentende é o vocábulo *cuidado* ou outro de sentido análogo; *se* é nesta frase sinal de passiva. As duas sentenças desenvolvem-se assim: *pouco cuidado* **se** *te* **dá** ou **é dado** *a ti do muito* etc.

«*Só a Deus* **se deve** *amar*» (Luc).

Amar vale aqui o mesmo que *amor,* e a frase assim se explica: *amar* é devido *só a Deus:* como se diz: *só a Deus se deve adoração; adoração* é só devida *a Deus;* o *respeito e a veneração que lhe* são devidos ou se lhe devem.

«*E recomendou que com os prelados, capitães e outras pessoas públicas não* **se quebrasse** *nunca*» (Luc.).

Se é neste exemplo sinal de passiva; há na frase elipse do sujeito, que é *harmonia, acordo, aliança, paz, respeito, amizade,* ou outro qualquer equivalente: «E recomendou que com os prelados, capitães e outras pessoas públicas nunca *se quebrasse* ou *fosse quebrada a amizade, a harmonia, o acordo, a paz, a obediência, o respeito, a aliança* etc.

«*Do mais alto lugar* **pode-se** *cair ao ínfimo*» (Vieira).

O verbo é aqui empregado unipessoalmente, tendo o mesmo sentido que a locução *é possível,* que os latinos exprimiam pelo verbo *potest* dizendo:

Potest *ut ilam muletam non comiserit.*

A frase portuguesa será assim analisada: Cair do mais alto lugar ao ínfimo *pode-se,* isto é, *pode ser, pode acontecer,* é *possível.*

O *se,* em tais casos, não é sujeito; forma sim com o verbo uma expressão única, indivisível.

Ainda hoje se notam no falar do vulgo os seguintes modos de dizer: *pode que venha, pode que chegue,* isto é, é *possível que venha, é possível que chegue,* empregando-se o **verbo** *poder* exatamente do mesmo modo como, em algumas circunstâncias, usavam os latinos o verbo *potest* e às vezes o verbo *est,* em frases como as seguintes; *Seire est, versu dicere non est,* isto é, pode-se ou é possível saber; não se pode ou não é permitido dizer em verso.

Empregando nesse sentido o verbo *poder,* disse Castilho nos *Colóquios Aldeões:* «Esses caritativos da vossa laia *poderá* que os haja e *poderá* que não ».

De modo análogo emprega a língua francesa o verbo *se pouvoir,* dizendo: «**Il se peut** *que la vue de toutes ces étoiles favorise la rêverie* » (Fontanele).

E a nenhum gramático francês lembrou, em tais casos, haver por sujeito o pronome *se.*

São frases idiomáticas especiais, nem sempre satisfatoriamente explicadas pela análise, nas quais a natureza pronominal do *se* parece se disfarça e obscurece; são locuções que nos mostram que as línguas, em sua marcha instintiva, nem sempre se torcem às leis da gramática, ou obedecem às sugestões da lógica.

« *Roma não* **se fez** *em um dia*» (Adag.).
«*Mais depressa* **se apanha** *um mentiroso que um coxo*» (Idem).
«*Amor com amor* **se paga**» (Idem).
«*Mentira não* **se escreve**» (Idem).
«Não **se pagam** finezas *com ingratidões*» (Idem).
«*A fonte* **se faz** *em um arco* ».
«*Isto não* se faz, *não* se **diz,** *não* se **comenta**».

Em todos estes últimos casos é o *se* sinal de sentido passivo nas proposições em que figura.

«*A Deus não* **se mente** » (Adag.).

Verbo empregado impessoalmente sob a forma comum aos *reflexos e passivos.* O pronome une-se ao verbo, constituindo na proposição em que figura uma expressão indivisível. Há neste e noutros casos análogos indeterminação do sujeito.

Dança-se, canta-se, come-se e *bebe-se.*

Verbos de sentido *impessoal* de forma comum aos reflexos e passivos portugueses; pronome *se* inseparável do verbo, a que se une, indicando essa impessoalidade e indeterminação do sujeito, como costuma fazê-lo a terminação passiva dos verbos, nas seguintes expressões latinas:

Ad me curritur, pugnatur, magnis opibus dormitur in urbe, usque adeo turbatur agris, stabitur consilio, luditur, itur, vivitur pauco bene.
« *Menos* **se mentira,** *se de mentir* **se pagasse** *sisa* » (Adag.).

Verbo da primeira oração empregado impessoalmente; pronome *se* inseparável do verbo, constituindo com este a expressão verbal *se mentira;* na segunda proposição do modo definito o verbo é empregado apassivadamente se *de mentir se pagasse sisa* o mesmo val que *se de mentir fosse paga sisa.*

«*Ontem chegou aqui uma carta em que* **se refere** *por um religioso nosso que sua alteza tinha acrescentado o título ao senhor marquês*» (Vieira).

A forma verbal *se refere* tem neste exemplo sentido *passivo,* o que é ainda confirmado pelo complemento da causa eficiente *por um religioso nosso,* que a acompanha.

«*Ao mesmo passo* **ordenaram-se** *preces em todas as igrejas*» (Latino Coelho).

Ordenaram-se tem o mesmo sentido que a locução *foram ordenadas,* uma e outra frase de *sentido passivo.*

«**Promulgaram-se** *aí 15 resoluções conciliares*» (A. Herc.).

O verbo é empregado passivamente: *promulgaram-se* equivale *a foram promulgadas.*

«**Expediram-se,** *enfim, ordens ao arcebispo do Funchal*» (Temi).

Expediram-se, isto é, *foram expedidas.* O *se,* unido ao verbo, dá à proposição um sentido *passivo.*

«Assim os *muros* de *Montemor-novo principiaram* **erguer-se** » (Idem).
«*Principiaram a* **catalogar-se** *em índices as obras heterodoxas ou suspeitas*» (Lat. Coelho).

Nestes dois últimos exemplos os verbos *erguer-se* e *catalogar-se* são igualmente empregados em sentido *passivo,* sendo óbvia a impossibilidade de representar o *se* a função de sujeito.

«*Lá* **se está** *com as musas em santo ócio* » (Vieira).
«*Ele* **se estava** *muito descansado em seu palácio*» (Idem).

Se, unido ao verbo, exprime *espontaneidade de ação* nestes dois lugares de Vieira.

Lá **se ficou** *o menino a brincar na campina.*

Se sinal de espontaneidade da ação que o verbo exprime.

«*Como que* **se está** *em casa, entre parentes, à vontade, ouvindo este falar* » (A. Cast.).

Verbo empregado impessoalmente. (*se* não é sujeito; mas une-se ao verbo e constitui uma expressão única, indivisível, que resume em si os três elementos essenciais da proposição; corre o mesmo com os seguintes modos de dizer: «**Entre-se** *em tua escola*» (A. Cast.). «…… *Também não é drama nem tragédia. Que será, pois, visto que é necessário* **ser-se** *alguma coisa, uma vez que* **se existe?**» (Idem).

Esse sentido impessoal davam também os latinos ao verbo *stare,* revestido de forma passiva em frases como as seguintes: *stabitur consilio. fœdere staretur,* onde bem é de ver a indeterminação *e* completa impessoalidade do sujeito, sintetizando o verbo os elementos lógicos das orações, os quais em tais frases se não podem desdobrar.

« *Por tudo isto* **se admira** *a Vieira, a Bernardes* **admira-se** *e* **ama-se**» (A. C'ast.).

Nestas duas sentenças que à primeira leitura ofereciam argumento a favor dos que pensam fazer de sujeito o pronome *se,* vê-se, depois de refletido exame, que as expressões verbais *admira-se, ama-se* têm sentido *impessoal.*

As expressões *a Vieira, a Bernardes* não fazem de objetos *diretos,* senão *indiretos* dos verbos *admira-se, ama-se,* empregados impessoal e indeterminadamente. As

duas proposições têm o seguinte sentido: *experimenta-se um sentimento de admiração relativamente a Vieira; com relação a Bernardes experimenta-se admiração e amor.*

De modo análogo dizem os latinos: *Invidetur divitiis* ou *invidentur divitiae,* como poderia o escritor português dizer: *Admira-se Vieira; Bernardes admira-se e ama-se,* dando preferência ao sentido impessoal por mais elegante e mais claro, visto que, tendo forma comum o sentido *passivo* e o *reflexo,* poderia a frase oferecer equívoco.

« *E* **ficou-se** *amor com elas desarmado* » (Cam.).

Pronome *se,* unido ao verbo, para lhe dar o sentido de *espontaneidade de ação.*

Os olhos **se estavam** *docemente à sombra daquelas sobrancelhas* » (Bernardim Ribeiro);

… isto é, bem se compraziam os olhos com a doce vizinhança das sobrancelhas.

O pronome *se* denota *espontaneidade de ação.*

«*Vejo que as tuas cabras, não querendo gostar as verdes ervas,* **se emagrecem** ».

Se unido ao verbo fá-lo indicar espontaneidade de ação.

«*Quando Deus quis converter. …… Nabucodonosor, para que* **se descesse** *dos seus soberbíssimos pensamentos*».

O *se* é ainda sinal de espontaneidade de ação, como o é nos exemplos seguintes:

«A ramalheira Glicera por quem ele *se morria* de amores» (A. Cast. *Fastos).*
«*Descem-se* os índios do sertão » (Vieira).
«*Seja-se* ele vosso amante » (Idem).
«Morrer às mãos daquele por quem *se morre*» (Idem).
«Ele sempre *se ficava* como dantes era » (Idem).
«Os peixes lá *se vivem* nos seus mares» (Eufros.),
«É um *estar-se* preso por vontade» (Idem).
«Lá nas covas marítimas *se entram* os delfins » (Cam.).

«*Jazia-se* o minotauro » (Idem).
«E alegre *se* entra pelo umbroso rio» (Teo).
«E alguns, vencidos do somo, com a cabeça junto do ruído da clara fonte, de viçosos, *se dormiam*» (Samuel Isque).
«Uns fora sobre as ervas e outros dentro nas choças aqui e ali (como temulentos) dormindo *se caíam*» (Idem).
«Os ventureiros *se ficaram* quedos » *(Jorn. d'África)*. «Enfim lá *se ficaram,* cá me estou » (Cruz).

Nas locuções *vive-se muito aqui, dorme-se muito naquela casa; morre-se muito naquela cidade.* o *se* não é sujeito, mas forma uma só expressão com o verbo, que, nestes casos, é reputado impessoal de forma aparentemente *passiva* ou *reflexa.*

Prisciano, Sanches, Vóssio e Harris não admitem a doutrina dos verbos impessoais; mas seguimos neste ponto as ideias de Lancelot, Stoddart e muitos gramáticos modernos.

> «Nestes verbos, diz Sir. John Stoddart, o fato é simplesmente indicado e afirmado, sem referência a uma causa, ou antes a causa se depreende do contexto mesmo da frase» .
> «Os verbos impessoais, diz Smith, exprimem um acontecimento completo e conservam na expressão toda a simplicidade e toda a unidade do objeto e de sua ideia ».
> «Declarar um verbo impessoal e atribuir-lhe expressamente um sujeito», diz um gramático, «isto é, a palavra da qual o mesmo verbo recebe um caráter pessoal, e fazer uma perfeita antinomia».

Nossa língua emprega ainda o pronome *se,* juntando-o a certos verbos, que sem o pronome significariam absoluta e fundamentalmente a mesma ideia, com menos forca e energia, sem esses elementos de realce, sem essas ensanchas, que arredondam e torneiam mais a frase, tornando-a mais doce e harmoniosa.

Em tais circunstâncias chamamos ao *se expletivo* ou *enfático* e aos verbos a que se ele une e ajunta *pronominados expletivos* ou *enfáticos.* Tal e o emprego do *se* nas frases seguintes:

« *La se foi tudo quanto Martha fiou* ».
Passam-se os anos, passa-se toda a primavera; com a morte tudo se acaba.
Os campos secam-se, as flores murcham-se, as aves emudecem-se.
«A luz da manhã foi descobrindo grandes nuvens de fumaça, *que* em novelos *se subiam* ao céu» (Souza).
«E após isto *subiu-se* a um teso sobre o mar, donde fosse visto dos que iam» (Idem).

«E vestida de roupas estreladas
Serena e clara a noite *se* lhe ria ».
«*O Padre Francisco sai do recolhimento da oração ao convés . . . . . sobe-se ao chapitéu, pede uma soldarés a Pero Vaz, próprio mestre do navio* » (Lucena).

Na língua francesa o pronome *se* junto a alguns verbos intransitivos aproxima-se da natureza desse *se* português, a que chamamos expletivo. Assim *é* que tem essa língua os verbos *mourir* e *se mourir, passer* e *se passer, approcher* e *s'approcher. panacher* **e** *se panacher, pâmer* e *se pâmer, épaissir* e *sépaissir* etc.

A primeira forma indica o fato de modo geral e abstrato, enunciando-o simples e absolutamente; a segunda representa-o circunstanciada e relativamente, com todas as individuações que se a ele prendem: no primeiro caso tem o verbo o caráter puramente enunciativo; no segundo é descritivo e narrativo.

Recapitulando o que atrás deixamos dito, temos, pois, que na forma verbal pronominada, usada passivamente, é o *se* apenas complemento aparente; mas realmente serve para dar ao verbo a que se ajunta a significação ou sentido *passivo,* o que, além dos exemplos noutro lugar apontados, se vê nas frases seguintes: A grita *se levanta, ouviu-se* grande estampido e alvoroto; *fez-se* grande celeuma; os cavalos que *se compraram* na feira são de meio sangue; *tecem-se* sedas; *fabricam-se* velas, *afinam-se* instrumentos; *purifica-se* o óleo; *descaroça-se* e *desfia-se* o algodão; *joga-se* a cabra cega; *jogam-se* as canas, as damas; jogam-se os dados, *abre-se* a barreira; *debulha-se* o trigo; *arroteiam-se* os campos; *sulcam-se* os miares; *destroem-se* os animais daninhos; *tecem-se* enredos, *desmascaram-se* os embustes; *rompe-se* o silencio; *interrompe-se* o discurso, *quebram-se* nozes; *vertem-se* lágrimas; *tomam-se* medidas; *ferram-se* e *desfraldam-se* as velas; *roubam-se* os cofres; *furtam-se* doces olhares; *levantam-se,* coretos; *armam-se* cadafalsos;*esquipam-se* frotas.

«Outros pendem da verga e já desatam
A vela que com grita *se soltava* »
(Cam.).

Corre o mesmo com certas formas pronominadas, em que o *se* se emprega já para intimar uma ideia de espontaneidade de ação, em modos de dizer clássico, pela maior parte antiquados, já para indicar uma ideia de impessoalidade ou indeterminação, já, em suma, como elemento enfático, eufônico ou de puro realce: o *se,* em tais casos, simula um complemento, mas não o é realmente: une-

se às formas verbais para lhes inculcar essas ideias. Não é um elemento puramente gramatical, considerado em abstrato dos verbos a que se vincula; é uma, expressão que faz parte integrante do verbo *e* que se lhe ajunta para modificar o sentido da proposição em que figura.

Parece, pois, ter laivos de francesia ou carecer do selo de genuinamente portuguesa a sintaxe em que figura o verbo *ser,* precedido do pronome *se* e seguido de um atributo; como a dos exemplos seguintes: *Quando* se é infeliz**,** *tudo conspira para aumentar a infelicidade;* é-se *muitas vezes* forçado *a fazer das tripas coração;* é-se solteira, casada *ou* viúva; *ou* se é homem, *ou* não é; é-se enganado *pelas aparências; quando* se é moço, *as diversões sempre agradam; não sucede outro tanto, quando* se é velho; *quando* se é doente, *tulo aborrece;* é-se *muitas vezes* **vencido** *pelo mais fraco; nem sempre* **se é moça** *e* **bela** *e* **feliz,** *como tu.*

Afastando-se do classicismo, sempre seguido no seu modo habitual de tecer as frases de sentido análogo, disse A. Feliciano de Castilho, na 1.ª Cena do 3.º e ***4.º*** Ato do seu ***Misanthropo.***

> «Ora conta-me; conta; ou se é amigo ou não é » (Ato 3.º, Cena 1.ª).
> «Aí está; pois isto ofende? é-se obrigado acaso a pagar foro em metro às deusas do Parnaso? se não **se é,** não se deve andar sem arte e veia a versar. . . . . » (Ato 1.º Cena *1.ª).*

Tais modos de dizer, porém, que têm algo de familiares e se encontram às vezes em alguns escritores modernos, não têm carta de abonação de nenhum clássico antigo e, ao parecer da maioria dos gramáticos, malsinam deslises das normas tradicionais da sintaxe portuguesa, perfilhem-nos embora, de longe em longe, alguns passos de Castilho Antônio e de Camilo.

Não nos podemos eximir, antes de cerrar este capítulo, de consignar aqui as considerações que, no tocante ao assunto, faz o alumiado filólogo português Adolfo Coelho, cujas conclusões filológicas parece revigorarem a doutrina que expendemos:

> «Além de conservar o processo indicado para exprimir a passividade, o português renova (a conexão histórica não é admissível, mas a lógica é evidente) o processo do latim e do slavo para a formação de um médio passivo, isto é, o emprego do reflexo *se;* mas em nossa língua, como nas congêneres, esse emprego fica restrito à terceira pessoa. Nas proposições como *vende-se uma casa, compram-se livros velhos* etc., os verbos construídos com *se,* como *vende-se, compram-se,* exprimem tão bem a passividade, como as formas

> latinas *venditur, emuntur.* O princípio é exatamente o mesmo. A gramática comparativa dá-nos aqui a explicação de um emprego que a gramática ordinária, não podendo compreender, se vê obrigada a justificar com a autoridade dos bons escritores da língua.
>
> A língua tem perdido muito a consciência do caráter de passividade dessas construções; Daí vem o emprego do verbo no singular com o sujeito no plural *(sabe-se notícias, conta-se casos* etc., por *sabem-se notícias, contam-se casos),* tão frequente no falar usual e na linguagem descurada das folhas periódicas. Nessas frases incorretas *se* adquire quase a função de um indefinito, empregado como sujeito da proposição, e corresponde aparentemente ao francês *on.* É assim que as línguas se alteram e que as monstruosidades (o nome convém à coisa) nascem nelas do esquecimento da função primitiva de seus elementos ».

Esta maneira de pensar do distinto escritor português fundamenta-se na opinião dos mais profundos filólogos. Em sua introdução à *Gramática Comparada* de Bop assim se exprime M**.** Michel Bréal:

> «Une autre découverte de M. Bop concerne la création d'un nouveau moyen en slave et en latin.
> «Nous avons déjà dit à propos du pronom *sva,* soi, que l'ancien slave s'emploie à toutes les personnes pour former les verbes réfléchis. On a, par exemple, *citún sán* «je m'honore», *citesi sán* «tu t'honores» *citete sán* «il s'honore». Mais l'agglutination du régime pronominal au verbe est um fait si naturel qu'en différents dialectes lettoslaves il n'a pas manqué de se produire. En lithuanien, par exemple, le pronom réfléchi, dont il ne reste que la lettre initiale *s,* est soudé au verbe actif. Ainsi *wadina* signifie «il nomme» et *wadinas* «il se nomme »; *wadinate* «vous nommez» e *wadinates* «vous vous nommez». Du reste, quoique dans ces formes l'agglutination soit complète, le lithuanien sent encore la présence du pronom réfléchi, et il peut, dans certaines constructions, le placer avant le verbe. Le latin, qui a perdu également l'ancienne voix moyenne, semble l'avoir remplacée de la mémé maniéré. Le *s* et le *r* qui terminent les formes come *lætor, lætaris, lætatur,* ont tout faire d'appartenir au pronom réfléchi; les voyelles *i, u* qui précèdent le *s* ou le *r* servent à la jonction du pronom. D'après cette explication, *lœto-r* est pour *lœto-se, lœtar-i-s* pour *lœtas-se, lœtat-u-r* pour *lœtat-se.*

«M. Bop veut analyser de la même manière toutes les formes du passif latin.

«Notre famille de langues, qui a su se donner une voix réfléchie, et qui, l'ayant perdue, a su la remplacer par une autre de formation nouvelle, parait avoir éprouvé beaucoup plus de difficulté à marquer le passif: C'est en empruntant les formes du moyen et en les confisquant à son profit que le passif a fini par trouver une expression. Même dans nos idiomes modernes, ou *le* passif est habituellement marqué par un verbe auxiliaire et un participe, nous recourons encore souvent a la forme réfléchie. Il suffit de rappeler des locutions come: *Cette écriture se lit bien; Ces événements se sont vite oubliés.* Le grec *legetai,* le latin *dicitur,* l'italien *dicesi* nous montrent donc le langage exprimant trois fois, à bien des siècles de distance, le passif par le moyen. Les seuls idiomes qui soient parvenus à créer quelques formes appartenant en propre au passif sont le sanscrit et le grec; mais c'est par des caractéristiques insérées dans le corps du mot à la suite de la racine, et non par des désinences spéciales qu'ils y ont réussi»*.

---

* Outra descoberta do Sr. Bop diz respeito à criação de um novo meio de expressão em línguas eslavas e latinas. [§] Já dissemos, em relação ao pronome *sva, soi*, que o eslavo antigo o utiliza para todas as pessoas na formação de verbos reflexivos. Por exemplo, temos *citún sán* 'eu me honro', *citesi sán* 'tu te honras', *citete sán* 'ele se honra'. Mas a aglutinação do objeto pronominal ao verbo é um fenômeno tão natural que inevitavelmente ocorreu em vários dialetos do baixo eslavo. Em lituano, por exemplo, o pronome reflexivo, do qual resta apenas a letra inicial *s*, é unido ao verbo ativo. Assim, *wadina* significa 'ele nomeia' e *wadinas* 'ele se nomeia'; *wadinate* 'tu nomeias a ti mesmo' e *wadinates* 'vós vos nomeias'. Além disso, embora nessas formas a aglutinação seja completa, o lituano ainda percebe a presença do pronome reflexivo e, em certas construções, pode colocá-lo antes do verbo. O latim, que também perdeu a antiga voz média, parece tê-la substituído da mesma maneira. O *s* e o *r* que finalizam formas como *lætor, lætaris, lætatur*, têm todos os motivos para pertencer ao pronome reflexivo; as vogais *i* e *u* que precedem o *s* ou o *r* servem para unir o pronome. De acordo com essa explicação, *læto-r* é para *læto-se*, *lætar-i-s* para *lætas-se* e *lætat-u-r* para *lætat-se*. [§] O Sr. Bop deseja analisar todas as formas da voz passiva latina da mesma maneira. [§] Nossa família linguística, que foi capaz de desenvolver uma voz reflexiva e que, tendo-a perdido, conseguiu substituí-la por outra de formação recente, parece ter tido muito mais dificuldade em marcar a voz passiva: foi tomando emprestadas as formas da voz média e apropriando-se delas em seu próprio benefício que a passiva finalmente encontrou expressão. Mesmo em nossas línguas modernas, onde a passiva geralmente é marcada por um verbo auxiliar e um particípio, ainda recorremos frequentemente à forma reflexiva. Basta lembrar frases como: Este texto é bem escrito; Estes eventos foram rapidamente esquecidos. O grego *legetai*, o latim *dicitur*, o italiano *dicesi*, assim, nos mostram a língua expressando a voz passiva três vezes, ao longo de muitos séculos. As únicas línguas que conseguiram criar algumas formas pertencentes especificamente à passiva são o sânscrito e o grego; mas foi por meio de traços inseridos no corpo da palavra após a raiz, e não por meio de terminações especiais, que elas obtiveram sucesso." (n.e.)

CAPÍTULO X

Da sintaxe das partes invariáveis

Preposições - *A* e *de* são dentre todas as preposições as que têm em nossa língua uso mais frequente e mais variedade oferecem nas relações que inculcam; e bem que se possam com todas as preposições portuguesas formar locuções prepositivas e adverbiadas, em que tão rico e fecundo é o nosso idioma, são principalmente estas duas preposições, de tão largo emprego em português, as que entram na estrutura da maior parte dessas locuções, cuja cópia tanto engraça *o* estilo, derramando no dizer tanta variedade, concisão e elegância.

Já na lexicologia consignamos as locuções prepositivas e adverbiadas *a troco de, a lanço de, a preço de, à cata de, à conta de, a peso de, a par de, à volta de, a foro de, a ponto de, a cobro de, à proporção de, a pique de, a eito, a esmo, à viva força, à voga arrancada, a reboque, à toa, a fio, à mão armada, à finca, a súbitas, a seu talante, a seu bel prazer, a seu salvo, de vez em quando, de ora em quando, de arrancada, de vagar, de caso pensado, a soslaio, de soslaio, às cegas, às tontas, às escuras, a fito, fio a fio, à surdina, à própria, de colação, à justa, a trechos, de espaço, ao cabo, à surta, às surtas, a medo, de medo, a duras penas, à ventura, ao acaso, ao desbarato, de cara a cara, a jeito, de jeito, a pelo, de largo, de bruços, de cócoras, de mãos dadas, a furta passo, às furtadelas, à rota batida, a tiracolo,* oferecendo-nos ainda a lição dos nossos clássicos antigos e modernos inúmeras outras da mais viva expressão e exata propriedade.

Bem que em latim preposições existem que se colocam depois de seus complementos, como **tenus** e **versus:** *erurum tenus, laterum tenus, capulo tenus, in Italiam versus navigare, Lutetiam versus,* sendo todas as demais postas antes de seus complementos ou entre o adjetivo ou pronome e o substantivo: *ad cilam, in agrum, apud Cíceronem, multis de causis, suma cum cura, hoc cum animo, paucos post dies, magnis cum viribus;* em português é de regra vir cada preposição junta ao seu consequente ou ao regime que se lhe segue imediatamente, mas, se as preposições *com* e *sem* têm um complemento comum, pode ser este supresso depois da primeira. Assim se diz: *vestido* **com** *ou* **sem** *alamares, palavra usada* **com** *ou* **sem** *artigo; cadeira* **com** *ou* **sem** *encosto,* com *ou* sem *razão, porta* com *ou* sem *bandeira; bugio* com *ou* sem *cauda;* ou empregando-se o consequente depois do primeiro substantivo e uma variação pronominal depois do segundo, do seguinte modo: *vestido com alamares* ou *sem eles, palavra usada com artigo* ou *sem ele, cadeira com encosto* ou *sem ele, com razão* ou *sem ela, porta com bandeira* ou *sem ela; bugio com cauda* ou *sem ela.*

A preposição *sem,* quando rege dois substantivos unidos pela conjunção *e,* pode repetir-se antes do segundo membro da locução ou ser substituída pela conjunção *nem,* que, em tal caso, tanto monta como a expressão *e sem: Sem dolo e sem fraude,* ou *sem dolo nem fraude, sem ódio e sem malícia,* ou *sem ódio nem malícia; sem fruto e sem flores,* ou *sem fruto nem flores, sem pátria e sem lar,* ou *sem pátria nem lar, sem inverno e sem primavera,* ou *sem inverno nem primavera.*

> «Eram poucas mangas de povo, que vagueavam *sem norte e sem acordo*» (Lat. Coelho).
> «O modo era caminhar a pé *sem alforge* nem *bolsa*» (Souza).
> «Sem *rei nem roque* » (Adag.).
> «*Sem pés nem cabeça*» (Idem).
> «*Sem parentes nem aderentes*» (Adag.).
> «*Sem tom nem som*» (Idem).
> «*Sem eira, nem beira, nem ramo* de figueira » (Idem).
> « *Sem cruz nem cunho*» (Idem).
> «*Sem tir-te nem guar-te*» (Idem).
> «*Sem mais nem mais*» (Idem).
> « *Sem tirar nem pôr*» (Idem).
> «*Sem princípio nem fim*» (Idem).
> «*Sem bufa nem matinada*» (Idem).

O segundo modo de dizer é mais vivo, elegante e conciso, muito usual e correntio nos provérbios, adágios e locuções portuguesas.

A preposição *até,* que entre os clássicos antigos era pelo ordinário seguida simplesmente de seu consequente, é entre os escritores modernos comumente seguida da preposição *a* antes de seu regime. Assim se diz: *até ao cabo,* ou *até o cabo, até ao tumulo,* ou *até o túmulo, até à França,* ou *até a França, até ao centro,* ou *até o centro; até aos confins,* ou *até os confins,* sendo mais frequente hoje o primeiro modo de expressão.

A preposição *para* ajunta-se muitas vezes à preposição *com,* tendo ambas o mesmo consequente: Benigno *para com* todos; caridoso *para com* os pobres; cruel *para com* seus inimigos; outras vezes e no mesmo sentido se suprime uma destas preposições, ficando somente a outra para representar a relação. Assim se diz: cruel *para* os vencidos, caridoso *com* os pobres.

> «Era terrível *com os populares,* mas com os poderosos arrogante» (Lat. Coelho).
> «Valia *com a rainha,* ganhou grande nome *com os estrangeiros* e *naturais* » (L. de Souza).

Todas as vezes que duas preposições se ajuntam deste modo, tendo um consequente comum, há uma dupla relação, exprimindo cada uma delas sua relação particular. Assim *benigno para com todos* quer dizer o seguinte: *benigno para todos* e *benigno com todos, indulgente para com as faltas alheias* vale o mesmo que *indulgente para as faltas e com as faltas alheias;* a porta *de sobre o muro,* isto é, a porta *do* muro e que *sobre ele* fica.

A preposição *com,* tendo por consequente um infinitivo, exprime muitas vezes uma ideia, que se afasta de sua significação comum: tem o mesmo sentido que a locução prepositiva *apesar de:*

> «Agitações, que, *com serem* feitas em nome da democracia, só têm por fim o turbar a ordem pública e servir de caminho e de instrumento a demagogos insofridos do poder» (Lat. Coelho).
> «O próprio paganismo, *com figurar-se-nos* e ter sido meado de impurezas, não escurecia o mérito da fidelidade» (A. Cast.).
> «As maravilhas fictícias da primeira Roma, *com serem* de tamanho vulto, foram igualadas e excedidas pelas de Roma, que hoje é nossa » (Idem).

Outras vezes precede esta preposição ao infinitivo, dando-lhe o valor de um *particípio presente:*

> «Acudia eu por parte da ausente *com dizer-lhes* e repetir-lhes isso mesmo » (A. Cast.).
> «Escusou-se Vasco da Gama *com dizer* que ao partir de Portugal não tivera certeza de descobrir o reino de Calecut» (Lat. Coelho).

A preposição *a,* posta depois do verbo *estar* e seguida de um verbo no infinitivo, denota já um futuro próximo, já um presente continuativo: *O muro está* **a cair;** *o vapor está* **a chegar,** *está* **a partir, a entrar** *no porto, o novo ano está* **a entrar;** *o menino está* **a ler;** *o mestre está* **a explicar;** *a menina está* **a cantar.**

No primeiro sentido pode a preposição *a* ser substituída pela preposição *para;* no segundo caso a preposição com o infinitivo, que se lhe segue, equivalem a um particípio presente: *o muro está* **para** *cair, o vapor está* **para** *chegar,* **para** *partir,* **para** *entrar: o menino está* **lendo;** *o mestre está* **explicando;** *a menina está* **cantando.**

O mesmo verbo *estar* seguido da preposição *por* e um infinitivo indica uma ideia de futuro não próximo: *Está por concluir, está por fazer, está por acabar* etc.

As preposições *a, até, em, com, de, para, por, sem, sobre,* podem reger um verbo no infinitivo; as preposições *ante, após (pós), contra, entre, desde, sub,* as demais preposições, quando antes de um infinitivo, ou entram como prefixos, compondo verbos em que se incorporam, ou figuram como regendo infinitivos considerados como substantivos: **a** *ser* assim, **até** *entrar no porto, ocupado* **em** *estudar,* **com** *fizer isso mereceu elogios, desejoso* **de** *ver, forcejar* **por** *aprender,* **sem** *conhecer,* **sobre** *ser-me inferior, antepor, pospor, entreter, supor,* **entre** *o falar e calar,* **desde** *o amanhecer, contradizer, contraindicar, contrafazer.*

As preposições *para* e *por* antes de um verbo no infinitivo a que regem, substituem-se muitas vezes, empregando-se uma por outra.

Assim é que se diz *para assim dizê-lo* ou *por assim dizê-lo, para falar verdade* ou *por falar verdade.*

> «Se ainda canto nesta noite tempestuosa de Portugal, é *por me distrair,* que não *por cuidar* que alguém me ouvirá» (A. Cast.).
> «O santo velho, *por falar* verdade e responder em forma a seu prelado, disse com grande humildade palavras formais» (L. de Souza).
> « O prelado *pelo* não *desconsolar* mudou o propósito » (Idem).
> «*Por evitar* o embaraço *que* podiam ter caminhando por terra» (Tr. Bern. de Brito).

Diz-se *por encurtarmos* ou *para encurtarmos razões; por abreviarmos* ou *para abreviarmos razões.*

A preposição *sobre,* seguida de um infinitivo, não fazendo corpo com ele, tem sentido equivalente ao exprimido pela locução prepositiva *além de:* **sobre ser** *injusto é cruel:*

> «*Sobre* a ternura de mulher tinha a piedade de mãe» (Vieira).
> «*Sobre ser-me* inferior é néscia e feia» (Durão).

Também se diz no mesmo sentido: «*Sobre queda coice*» (Adag.); *sobre pobre infeliz; sobre feia presunçosa.*

Conjunção. Duas sortes de relações prendem e ligam as orações umas às outras: *relações de coordenação* e *relações de subordinação.*

Estas duas espécies de relações são indicadas pelas duas categorias de conjunções que já mencionamos: *conjunções de simples ligação* ou *coordenativas* e *conjunções de subordinação.*

Todas as sentenças ou orações coordenadas, ou sejam principais ou secundárias, se ligam entre si pela primeira classe de conjunções; as orações

subordinadas, porém, ligam-se àquelas a que se subordinam e de que dependem pelas conjunções de subordinação, ou por quaisquer elementos gramaticais de caráter subordinativo.

Todas as vezes, portanto. que numa frase ou num período houver uma conjunção *de simples ligação,* sinal é que há duas ou mais orações *coordenadas.* principais ou não.

Quando, pelo contrário, houver numa frase algum elemento conectivo subordinante, é indício manifesto que existe uma ou mais proposições *subordinadas.*

As conjunções de *simples ligação* podem ser elípticas; as de subordinação mais raramente o são, principalmente na primeira das subordinadas.

Como em certos casos as preposições *para* e *por* se substituem, assim também algumas vezes as locuções conjuntivas *para que, por que,* por elas formadas, se trocam uma pela outra, apresentando o mesmo sentido. Assim que se diz: *para que o reconheça* ou *por que o reconheça; para que assim o digamos* ou *por que assim o digamos.*

Nas locuções conjuntivas *para que, por que* é muitas vezes elíptico o primeiro termo da locução:

> «Calçou as ruas, *que* não despontasse olhinho verde » (.A. Cast.).

. . . isto é, «calçou as ruas *para que* etc.»

> *Tens razão de proceder assim,* **que** *mais valem amigos na praça que dinheiro na caixa;*

. . . isto e, **porque** *mais valem amigos na praça que dinheiro na caixa.*

No estilo bíblico e poético é muito frequente o emprego da conjunção *e* no rosto da frase, sem haver muitas vezes ligação imediata entre esta e as outras frases que lhe são anteriores:

> «*E* estando Jesus olhando, viu os ricos que lançavam suas oferendas no gazofilácio. *E* viu também uma pobrezinha viúva, que lançava duas pequenas moedas. *E* disse: na verdade vos digo que esta pobre viúva lançou mais *que* todos os outros. Porque todos esses fizeram a Deus ofertas daquilo que tinham em abundância; mas ela deu tudo o que lhe restava para seu sustento» *(Evang. de S. Lucas.* Cap. 21: 1-1).
> «*E* o animal que ri e chora, o rei da criação, a imagem da divindade, onde é que se escondera?» (A. Herc.).

Nas frases comparativas o elemento gramatical que serve para indicar a ligação entre os dois termos da comparação é exprimido pela conjunção *que,* ou pela locução conjuntiva *do que: E Antônio mais feliz* **que** ou **do que** *seu irmão; é mais inteligente* **que** ou **do que** *Eduardo;* «um homem *mais de quebrar que torcer*» (Vieira).

É para notar que nas frases sentenciosas e proverbiais, nos adágios é de ordinário suprimida a partícula *do* da locução conjuntiva, que é representada unicamente pela conjunção *que: Mais vale* um *toma* **que** *dois te darei; mais vale barriga cheia* **que** *barbas untadas; mais vale quem Deus ajuda* **que** *quem cedo madruga; mais vale suar* **que** *enfermar, melhor é descoser* **que** *romper; melhor é pedir* **que** *fartar; mais vale tarde* **que** *nunca; mais vale calar* **que** *mal falar.*

Muitas vezes, por elegância, quando a elipse em nada se opõe à clareza do discurso, se suprime na frase a conjunção *que: Forçoso foi recorresse a esse estratagema.*

«Já sei chegou à V. Ex.ca a triste notícia que supunha se tinha encoberto a V; Ex.ca» (Vieira).
«No fim da carta de que V. Majestade me fez mercê, me manda V. M. diga o meu parecer sobre a conveniência de haver neste estado ou dois capitães mores ou um só governador » (Idem).

Frequente é a supressão ou elipse da conjunção *se,* quando se começa uma frase pelo imperfeito do subjuntivo ou pelo mais que perfeito do indicativo, empregado pelo imperfeito daquele modo, implicando uma ideia de condição: **Tivesse ele** *recursos, já de há muito teria feito essa viagem.*

« *Pudesse* uma só nau contê-las todas
E o piloto fosse eu! triunfo eterno!
Livre era o mundo e os séculos vingados!»
(A. Cast.)

Advérbio. Nem sempre é negativo o advérbio *não:* é muitas vezes enfático, em frases admirativas e interrogativas, tornando mais intenso e manifesto o sentido assertivo das proposições em que então figura:

«Quando tantos deleites há na terra, que *não* será no céu!» (A. Cast.).
«Se a felicidade de uma só choupana é tanto, que *não* será a de todo um império?» (Idem).

«Quanto *não* ganharia a pátria honrada,
Não ganharia a língua portuguesa
E os egrégios heróis, se cada César,
Cada Fabrício, Régulo ou Camilo,
Que deu a lusa terra, conseguisse
Um Freire, que lhes desse alto renome,
Por obras, por virtudes conquistado?»
(Filinto Elysio).

«Que prantos que *não* regaram as faces de Dom Martinho!» (Th. Ribeiro).

Ao advérbio *nunca* ajunta-se algumas vezes o advérbio *jamais,* para tornar a expressão mais vigorosa e enérgica:

« *Nunca jamais* naqueles claustros se experimentou nem sentiu ar contaminado » (Souza).
«Enquanto viveu na terra, *nunca jamais* teve um só dia de gosto » (A. Cast.).
«Ó candidíssima formosura da Santa Fé! Vem *e* entra no meu coração e nele estabelece teu assento imóvel, para que *nunca jamais* te desampare » (Bern.).
« Para *nunca jamais* entrar» (Vieira).

«Lembre-vos minha tristeza,
Que *jamais nunca* me deixa»
(Cam.).

Algumas vezes por elegância empregam os nossos bons escritores os advérbios *nunca, ainda, já* em lugar de *jamais,* sem intimar ideia alguma negativa: *Viu-se* **nunca** *beleguim de tão feia catadura? Foi o homem mais pusilânime que* ainda *vi, que* **já** *vi.*

Tem a língua portuguesa, como as línguas românicas, vários artifícios para compor a negação, dando-lhe maior ou menor intensidade, conforme o sentido.

O advérbio essencialmente negativo é *não,* a que se ajunta na mesma proposição, com o fim de reforçar a negativa, o mesmo advérbio *não* ou outras expressões de sentido equivalente.

Assim se diz: *não* quero, *não* quero *não; não* o vejo, *não* o vejo *nunca, não* sabe, *não* sabe *nada, não* entende, *não* entende *nada, não* entende *patavina; não*

encontrou *ninguém, não* encontrou *viva alma, não* disse coisa *nenhuma, não* disse nem *chus nem bus, não* disse *palavra, não* disse *nada, não* disse *nem pitada, não* enxerga, *não* enxerga *nada, não* enxerga nem *boia* nem *pataca, não* o quero ver, *nem por sombras* o quero ver, *nada* tem, *não* tem *nada, não* tem *real, não* tem *nem eira, nem beira, nem ramo de figueira; não* tem *nem migalha* (*nemichalda* ant.); *nem um ceitil. Muita consumição, muita labuta, dinheiro não, nicles*.

«De herança, meu pimpão, *nem chavo* » (A Cast.).
« *Não* faltou *nenhum* dos nossos » (J. Freire).
«Não vacilavam *um ponto* na fé» (Vieira).
«Lá de cima (Deus) vos está lendo no fundo do coração, *nem ápice* lhe escapa, de dia nem de noite, do quanto dizeis, fazeis ou cogitais» (A. Cast.).
« Sem me escapar *udo nem miúdo*» (A. Cast.).
«Não deixei na matéria *udo nem miúdo*» (Idem).
«Não tinha aparecido *alma viva*» (Herc.).
«Sem escapar *pessoa viva* » (Vieira).
«Não entrava *pessoa viva* na Ermida, depois que a fechara» (Souza).
« Foram degolados todos os portugueses e mestiços sem escapar *homem*» (Idem).
«A respeito do tesouro *trefles, bitocles, nicles*»[109]

Os antigos reforçavam a negativa, recorrendo em linguagem chula e familiar a expressões que de todo caíram em desuso. Assim é que usavam dos seguintes modos de dizer:

« *Nem chique, nem mique, nem nada*» (Gil Vicente).
« *Nem passo* não se esquecia » (Idem).
«Se queres ser bem disposto, bebe vinho e *nanja* mosto »,

. . . isto é: *de modo nenhum, de maneira nenhuma mosto.*

A língua francesa emprega certas palavras que semelhantemente têm por fim reforçar a negação.

Tais são os vocábulos *pas, point, goute, brin* e a expressão *mie,* antiquada, como complemento da negação.

Diz-se em português - *sem perigo algum, sem algum perigo* ou *sem perigo nenhum* ou *sem nenhum perigo,* como se diz em francês *sans nul danger;* já não seria correto dizer em latim: *sine nulo periculo,* mas *sine ullo periculo.*

109. **O Economista,** *apud* A. Viana.

O emprego da negação, como se exprime F. Diez, é um dos pontos em que a sintaxe das línguas românicas mais só distância dos princípios da sintaxe latina.

Em latim é destruída a negação pelo advérbio *non,* quando este precede aos adjetivos e advérbios negativos. Assim *non nullus, non nemo, non nihil, non nunquam* correspondem às expressões assertivas *aliquis* ou *quidam, aliquid, interdum;* se, porém, o advérbio latino *non* não precede aos adjetivos e advérbios, mas imediatamente lhes sucede, a frase torna-se intensamente afirmativa, do que será prova o seguinte passo de Salústio, trasladado em vulgar: «*Aperte adulantem nemo non videt*» - não há quem não conheça ou todo o mundo conhece o homem manifestamente lisonjeiro.

Há, outrossim, proposições portuguesas positivas só na expressão e negativas no sentido, como as seguintes, ironicamente usadas no estilo familiar: *há de ver por um óculo,* isto é, *não* o *verá; há de ir com os que ficam,* isto é, *não ira; só possui* o *dia e a noite,* isto é, *nada possui, nada tem de seu; para as calendas gregas,* isto é, *nunca; deixou de cantar, de dançar,* isto é, já *não canta, já não dança; deixou de morar naquele sítio,* isto é, *já não mora naquele sítio.*

O adjetivo *seguro,* em certas construções, dá também às frases um sentido negativo. Assim que disse o Padre Antônio Vieira:

«Terra onde vós estais e onde a devoção dos moradores também vos venera *segura pode estar de ser* subvertida. Convertida sim; subvertida não ».

. . . *Segura pode estar de ser,* isto é, *pode estar sem receio de ser subvertida, não o ser.*

Diz-se no mesmo sentido: *uma praça* **segura** *de ser tomada, de ser assaltada, de ser saqueada,* isto é, que *não teme ser tomada, assaltada, ou saqueada.*

De modo análogo empregavam os latinos os adjetivos *tutus, securus,* dizendo:

«**Tutus** ab hoste » (Ov.) - Sem medo do inimigo.
«Incendio **tuta** est Alexandria» (Hirt.) - Alexandria é segura do incêndio, isto é, não receia o incendio.
«Testudinem **tutam** ad omnes ictus video» (Tit. Lívio) - Vejo que o testudo ou a pavezada não receia golpe algum.
«**Securus** dedecoris » (Tac.) - Não dando apreço a desonra.
«**Securus** amorum germanæ» (Virg.) - Não levando em conta os amores de sua irmã.
«Quid Tiridatim terreat unice **securus**»» (Hor.) - Sem lhe importar o terror de que se tome Tiridates.

Quando no rosto de uma proposição figuram as palavras *nenhum, ninguém, nada,* como sujeitos ou complementos da mesma, não se costuma hoje empregar o advérbio *não*, modificando-lhe o verbo, como faziam algumas vezes os antigos escritores, dizendo: *nenhum mal não é crido; a ninguém não explicou o seu procedimento; ninguém não apareceu; nada não se alcança sem trabalho;* mas, eliminando-se o advérbio negativo, diz-se: *nenhum mal é crido; a ninguém explicou o seu procedimento; ninguém apareceu; nada se alcança sem trabalho.*

Pode, porém, o advérbio não figurar em orações em que venham aqueles elementos gramaticais negativos, sujeitos ou complementos, suceder-lhe: *Não é crido nenhum mal; não explicou a ninguém o seu procedimento; não apareceu ninguém; não se alcança nada sem trabalho.*

Aquele modo antigo de construir a frase portuguesa, proscrito hoje em dia pelo bom uso, encontra analogia nas construções francesas: *Nul n'est cru; personne n'est vent; rien n'est plus beau; pas um seul n'est épargne.*

Nos nossos bons escritores, ainda naqueles cuja linguagem se reputa bom padrão de classicismo, figura às vezes o mesmo vocábulo *não* em frases onde é de todo o ponto supérfluo.

Tal é o uso que dele fazem em certos modos de compor o discurso em que entram as expressões *a menos de, menos que, a menos que,* certos fraseados em que figuram os vocábulos e locuções *até, até que, antes que,* depois de frases comparativas seguidas de *que,* algumas vezes após os verbos que significam *temer, tremer, recear* e locuções de sentido análogo, quando o sentido repele a negativa; *impedir, defender* (na acepção de *proibir), estorvar, vedar, evitar, guardar-se, resguardar-se;* nas subordinadas depois das orações *faltou pouco* ou *pouco faltou, pouco tardou,* e ainda noutros casos em que a gramática lhe não pode assignar função determinada, a não ser o arredondar e encher mais o período.

Sirvam de exemplos os seguintes lugares, colhidos em escritores bem apontados no dizer:

«*A menos que* estas damas *não* tomem a minha defesa» (Filinto -*Obras Comp.)*.
«*Menos que* em muitos animais o riso se *não* tome por arreganhar os dentes» (Idem-*Ibid.*).
«A *menos que* lh'o *não* tolhesse perigo» (A. Cast.-*Fastos)*.
«E não saísse em terra *te ele não* chegar» (Barros-Dec.).
«*Até não* me ouvirdes não me condeneis» (Vieira- Serm.).
«Não se aquietaram *até* o *não* escreverem ao apóstolo» (Luc.).
«Nem uma só palavra dirá *até* lhe *não* responderem à pergunta» (Idem).

«Não pode ter repouso *até* o *não* ir buscar à Macedônia» (Idem).
«Não lhe dão de almoçar *até* o *não* acertarem » (M. Bern.).
«*Antes que* o rico *não* escape das mãos da morte, se escapem os bons das mãos dos ricos» (Idem).
«Minha mulher tem *mais* juízo num dedo seu, *que* eu *não* tenho no corpo todo » *(Tilinto-Obras)*.
«Não descontentarão *mais* aos bons historiadores *que* as outras *não* descontentaram aos bons poetas» (Idem *Ibid.*).
«Diz-me o coração que estes gabinetes de leitura para as vestias de burel haviam de ser *mais concorridos do que o não* são os das cidades pelos casacas e fraques» (A. *Cast.* - *Col. Ald.)*.
«Haviam de cuidar *mais do que não* cuidam» (Idem-*Ibid.*).
«*Temi* que ele se *não* opusesse ao maior sacrifício que eu podia fazer a Deus, o da minha liberdade» (Filinto-Obras).
«Eu *tremia que* a opulência o *não* houvesse corrompido» (Idem-*Ibid.*).
«Eu *tive* muito grande *temor* de que a bicha, como cá chamam à peste, que de S. Thomé nos veio corromper a benignidade destes ares, me *não* matasse, como ainda faz a muitos» (Vieira- *Cartas)*.
«Desejos que nunca me largam de ser Cristão, os quais não cumpri nem cumpro, *temendo não* se me rebelem meus povos» (Luc.).
«*Com medo que* lhe *não* destruíssem a terra » (Barros).
« *Defendendo* aos outros que a *não* comessem» (Couto - *Decad.)*.
« *Vedou-se* a água que *não* entrasse» (Castanheda).
«*Faltou pouco* que *não* caísse de costas» (Vieira -*Serm.)*.
«E *faltou pouco* que lhe *não* tirasse a vida» (Idem-*Ibid.*).
« Por se *resguardar* de se *não* ferirem » (Barros).

Desta negativa exprimida pelo advérbio *não* costuma o vulgo frequentemente usar em construções cujo sentido a proscreve.

Tais as frases seguintes e outras análogas, tão a miúdo ouvidas na boca dos que se não acuram no falar: ele *não pode falar* **sem não** *cuspir, ela não podia falar* **sem que não** *a interrompessem as lágrimas, não pode conciliar o sono* **sem que não** *leia um pouco, não podia sair* **sem que não** *levasse o revólver,* em vez de ele *não pode falar sem cuspir; ela não podia falar sem que a interrompessem as lágrimas, não pode conciliar o sono sem que leia um pouco, não podia sair sem que levasse o revólver,* ou *sem levar o revólver,* ou ainda, exprimindo então a negativa, que *não levasse o revolver.*

Os escritores franceses, que, pela maior parte, suprimem hoje a negativa na subordinada depois da expressão conjuntiva *sans que,* diziam indiferentemente: *il ne pouvait parler sans que l'on ne l'interrompit, il ne pouvait parler sans qu'on l'interrompit, il ne pouvait parler qu'on ne l'interrompit.*

Houve, pois, em algum tempo, indecisão entre os escritores franceses, como nos clássicos portugueses, no que respeita ao emprego da negativa na subordinada depois de **sans que**, *sem que,* **avant que**, *antes que,* e outras expressões análogas.

Se, falando da morte de Turene, M.^{mme} de Sévigné, empregando o *ne* (não) na subordinada, depois de *sans que,* disse: «*Ces cris de toute une armée ne se peuvent pas représenter* **sans que fon n'en soit ému**», exemplo de sintaxe oposta oferece-nos Racine no seguinte verso:

«**Sans que** *père ni mère* **ait daigné** *me sourire.*»

Se, empregando o *ne (não)* expletivo na subordinada depois de *avant que (antes que),* disse V. Hugo:

« *Ouvre* **avant qu'***il* **ne frappe** »,

. . . suprimindo-o, disse J. J. Rousseau:

«*Aristide avait été juste* **avant que** *Socrate* **eût dit** *ce que c'était que la justice* ».

Assim como há, conforme já vimos, frases portuguesas positivas só na expressão e negativas no sentido, também, ao revés disso, as há negativas na expressão e inteiramente positivas com respeito ao sentido. Tais as seguintes: *Não deixa de trabalhar, de estudar; não pode menos de queixar-se; não cessa de cantar; não pode menos de chorar; não pode menos de sair, de passear, de caçar; não deixa de vir, não pode deixar de vir, não posso deixar de falar, não posso deixar de ir visitá-lo, não posso deixar de fazer esta viagem.*

«Agastou-se de tal maneira que *não pôde menos de queixar-se* amargamente de que o andassem com tal noite passeando pela cidade» (Lat. Coelho);

. . . *não pôde menos de,* isto é, *não pôde deixar de.*

«*Não podia menos de cativar* fortemente a atenção de todo o gênero de leitores» (A. Cast.).

O vulgo diz muitas vezes erradamente: *não deixa de não trabalhar; não deixa de não estudar, não pode deixar de não vir, não posso deixar de não sair,* onde é de todo supérfluo o *não* que, em tais frases, precede ao infinitivo.

Pode o advérbio *não,* finalmente, preceder imediatamente a um substantivo, a um adjetivo ou a um verbo no infinitivo, para inculcar uma ideia de falta, ausência ou privação do que é indicado por esse substantivo, adjetivo ou infinitivo antes da justaposição: *A* **não** *existência; o* **não** *eu, o ser e o* **não** *ser.*

«Os outros nascimentos estimam-se pelo sangue, os dos filhos de Deus por não *sangue*» (Vieira - Serm. T. 7. Pág. 331).

Uso é dos nossos escritores empregar o advérbio *onde* pelo adjetivo conjuntivo, já em relação às coisas, já com referência às pessoas: «Há um ímã invencível que nos *liga* à terra *onde* nascemos», isto é, *em que nascemos.*

«Eu chamo vulgo *onde há* baixos intentos » (Ferreira).
« Aqueles cavaleiros *donde* vós vindes » (Bern.);

. . . isto é, *de quem descendeis.*

«É o termômetro por *onde* aferir a quanto se tem levantado o engenho humano » (Lat. Coelho).

De modo idêntico empregavam os latinos o advérbio *unde,* dizendo;

« *E prædonibus unde emerat* » (Terc.).
«*Coronam unde nulli velarunt tempora musæ*» (Lucr.).
«*Eqo omnibus unde petitur hoc consilium dederim* » (Cic.).

Em francês é análogo o emprego do vocábulo *où* (onde): não só se faz às coisas a referência do *advérbio,* o que é muito comum e frequente, senão também às pessoas, o que é menos geralmente empregado. Mas quer num, quer noutro caso, se vê o ponto de analogia entre o advérbio *où* e o pronome ou adjetivo conjuntivo francês;

«*C"est une humiliation où je ne puis* m'*accoutumer.*»
«*Ces âmes* on *domine l'ambition*» (Bossuet).
«*Le premier de tous les peuples* oà *on voie les bibliothèques est celui d'Egypte*» (Idem).

O advérbio *talvez* figura muitas vezes de oração implícita, equivalendo numa frase à oração principal a que se subordina a outra ou as outras secundárias: **Talvez** *a Nictheroy siga amanhã para o Sul.*

Nesta frase à oração principal regente está contida no advérbio *talvez,* que é equivalente a oração representada pela locução verbal *pode ser.*

Corre o mesmo com o advérbio *sim,* quando exprime uma resposta com que intimamos nosso assentimento a uma interrogação ou cláusula ou quando resume uma oração já expressa: *Consentes no que te pede aquele homem?* **- Sim,** isto é, *consinto.*

Vai a Francisco e comunica-lhe isto. - **Sim**, isto é, *vou.*

> «Árvore em flor, que o vento quebrou pelo pé, ainda depois de derribada às vezes continua de florejar; frouxamente *sim,* tristemente *sim,* desesperançadamente sim, mas com maior merecimento por isso mesmo; porque morre como viveu, e ainda morta não desmente do que fora » (A**.** Cast.).

O advérbio *não* quando resposta a uma interrogação é antes uma oração *elíptica,* do que *implícita: Ouviste o que te disse aquele homem?- Não,* isto é, *não ouvi.*

Os gramáticos latinos enumeram igualmente alguns advérbios que fazem de verdadeiras proposições. Tais são *forsitan, duntaxat, utpote* etc.

O advérbio *bem* é as vezes empregado pelos bons escritores como assertivo dos números, no sentido de *seguramente, com certeza, sem erro nem engano.*

Assim que se diz *eram* **bem** *doze; eram* **bem** *trezentos; há* **bem** *dez anos que ele aqui esteve.*

> «Eram *bem* cem moradores com suas casas e famílias» (Luc.).
> «Ficaram estendidos *bem* dois mil corpos mortos» (Barros).

Noutros casos apõe-se este advérbio a outros para lhes dar força aumentativa, dizendo-se *bem pouco, bem mais, bem junto, bem perto, bem longe, bem mal, bem menos.*

> «Um menino pobre e *bem mal* reparado de roupa» (Souza).
> «Carta que contém *bem mais* coisas que palavras» (Lobo).
> «O que lágrimas tristes não fizeram, *bem menos* o farão coisas menores» (Camões - *Eleg.).*
> «O coração *bem mais* largo que as praias do oceano» (Luc.).
> «*Bem mal* cuidei eu, quando dei neste pensamento» (Vieira).

A alguns adjetivos e particípios costumavam os nossos clássicos juntar o advérbio *mal,* para lhes dar forca intensiva; como o atestam os exemplos seguintes:

> «Uma criança toda inchada e *mal doente*» (Luc.).

. . . Isto é, *muito doente, por extremo doente, gravemente doente.*

> «Jazia D. Ignacio de Loyola *mal ferido* de uma bala francesa» (Vieira).
> «Sucedeu entrar um pobre homem *mal ferido* em uma mão» (Souza).

. . . Isto é, *gravemente ferido.*

Outras vezes e o advérbio *mal* empregado antes de adjetivos ou verbos como variante do advérbio *não,* ou da locução *não bem:* Assim e que se diz: *Mal contente, mal avinhado, mal concertado, mal compatível, mal quisto, mal cabido, mal sofrido, mal avindo, mal avisado, mal disposto. mal afeiçoado, mal estreado, mal fadado, mal casado, mal ensinado, mal cheirante, mal condiz, mal se ajusta, mal se adapta, mal harmoniza, mal se tempera.*

> «Sendo todos *mal contentes,* ingratos, murmuradores e descomedidos» (Vieira).

Com respeito ao advérbio *mais,* uso é vulgar entre os escritores brasileiros dar-lhe as vezes o valor significativo do advérbio já, em certas frases negativas, onde intervém como elemento de reforço. Assim que se diz: *O doente não fala* **mais,** *não se move* **mais;** *não resido* **mais** *naquele sítio;* em vez de - *o doente* **já** *não fala,* **já** *se não move;* **já** *não resido naquele* ***sítio.***

Esse emprego do advérbio *mais,* correntio no Brasil, não traz o selo dos escritores portugueses de renome. Vemo-lo, contudo, aforado nos autores franceses. Vejam-se os exemplos: «*Je n'ai* **plus** *auprès de moi cet excellent serviteur; je n'ai* **plus** *mon emploi; il ne me reste* **plus** *le moindre argent*» (Bescherelle).

Os advérbios modificam em certos casos as palavras da mesma categoria, formando locuções adverbiadas compostas, cuja significação muitas vezes difere da que se atribui a cada elemento componente só por só considerado. Tais as locuções seguintes: *ainda bem, ainda mal, assim assim, ainda assim, ainda agora, ainda mesmo indagorinha* (bras.).

Repete-se o mesmo advérbio às vezes para encarecer a ideia indicada por esse elemento gramatical: *já, já; logo, logo, mais e mais; sim, sim; não, não; não, não e renão; agora, agora; agora mesmo.*

A maior parte dos advérbios empregam-se mui frequentemente como conjunções, ou sós ou em locuções conjuntivas, tendo por segundo elemento a conjunção *que:*

Tais são os advérbios *ora, embora, logo, quando, antes, depois, ainda, tanto, bem,* em frases como as que seguem: *Todo o cidadão deve obedecer às leis de seu país; tu és cidadão:* **logo** *deves obedecer às leis de teu país.*

> «Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem têm contratos com os homens, donde lhe possa vir dinheiro: *logo* a moeda que este peixe tinha engolido era de algum navio, que fizera naufrágio naqueles mares » (Vieira).

> «Fora também excesso de prudência aventurar ofensas, *embora* leves e disfarçadas» (A. Herc.).

CAPÍTULO XI

Da Regência

Regência outra coisa não é que a dependência das várias partes da proposição, cujo sentido é determinado por uma delas, por meio de adjetivos, advérbios, verbos e preposições.

Podem as mesmas proposições no contexto do discurso indicar umas em relação às outras essa dependência que se nota entre as palavras, subordinando-se umas às outras, como o fazem estas.

As *relações de diferença* ou *de determinação* constituem, como vimos, o fundamento da sintaxe de regência.

Na sintaxe de regência distinguem-se partes *regentes* e partes *regidas.* As *regentes* são as preposições, os adjetivos que pedem complementos, os verbos, os advérbios, quando demandam igualmente algum complemento que lhes determine e complete a significação, e no tecido do discurso as proposições mesmas, que se ligam às que elas governam por conjunções de subordinação.

As partes *regidas* são todas as mais que ficam sob a dependência dessas, sejam palavras, sejam orações ou proposições.

Todas estas relações de dependência são indicadas pelos complementos *direto* e *indireto* e pelas conjunções de subordinação, sinais da dependência das proposições subordinadas relativamente às que as regem.

Quando as partes regentes têm expressos na proposição ou frase seus respectivos complementos e estes os seus respectivos antecedentes, sem ser mister entenderem-se-lhes de fora, é *regular* a sintaxe de regência e *irregular* no caso contrário.

Só os verbos *transitivos diretos* é que têm *complemento direto* ou *objeto direto.*

Tel-o-ão indireto não só esses mesmos verbos, quando o exijam, senão também todos os outros elementos gramaticais, caso venham a ter complemento.

O complemento *direto,* a que chamam alguns-regime *direto* ou *complemento objetivo* ou *complemento passivo,* é exprimido sem preposição, salvo quando a empregamos para evitar algum equívoco, ou quando, afastando-a de seu sentido próprio, lhe damos um valor puramente eufônico.

O complemento *indireto* ou *mediato,* que compreende o *determinativo,* o *restritivo,* o *terminativo* e o *circunstancial* da maior parte dos gramáticos, é geralmente precedido de preposição.

No seguinte exemplo: «O melancólico sonha coisas tristes e trágicas; o sanguinário sonha felicidades e festas; o colérico sonha guerras e batalhas; o fleugmático creio que não sonha, porque não vive », as palavras *coisas tristes e trágicas, felicidades e festas, guerras e batalhas* são complementos *diretos* do verbo *sonha* e a oração integrante ou completiva- não *sonha* é complemento *direto* do verbo *creio.*

Nest'outros: *Rico de ouro, pobre de sentimentos, louco de amor, ávido de riquezas, sedento de glórias, entralhado na rede, implicado em conspirações, sede de dinheiro, desejo de subir, fome de ganhar, amor do estudo, afeição para com os colegas, esquecimento das injúrias, depende de seu tutor, tende a moléstias pulmonares, aspira a grandes posições, carece de dinheiro, obedece ao seu dever, necessito de teu auxilio, relativamente à ciência, conformemente ao que dizes,* as palavras *rico, pobre, louco, ávido, sedento, entralhado, implicado, sede, desejo, fome, amor, afeição, esquecimento, depende, tende, aspira, carece, obedece, necessito, relativamente, conformemente* têm por complementos *indiretos* as expressões que lhes seguem.

Por uma elegância, a que fr. Francisco de S. Luiz chama *hebraísmo* e outros *semitismo* ou *anacolutia*[110], costuma a língua portuguesa colocar às vezes o complemento direto ou o indireto no rosto da frase, sem preposição alguma, separado de seu antecedente, fixando-se por uma variação pronominal a relação deste com o consequente:

« *Um grande merecimento* nunca *lhe* faltou a inveja » (Vieira).
« De subdiácono não seja ordenado *quem lhe* faltar esta qualidade».
«*Quem* foi rei sempre *lhe* fica a majestade » (Adag.).
«*Quem lhe* dói o dente vai à casa do barbeiro » (Idem).
«*Quem* tão confiado é em seus guardadores, escusado *lhe* seria eu » (Barros).
«Em Diu não estavam as armas ociosas, porque *Rumecão,* valoroso e constante, não *o* assombravam os danos recebidos» (J. Freire).
«Os *brincos,* os *jogos,* os *passatempos pueris*. . . parecia que a natureza o criara isento da inclinação *deles*» (Souza).
«Os *leprosos cai-lhes* o cabelo como lã podre » (M. Bern.).
«E o *desgraçado* tremiam-lhe as pernas e sufocava *o* a tosse» (Garret).
«Este *fio* imaterial que liga entre si os fenômenos dispersos e os conduz *à* lei e *à* unidade só *o* pode ministrar o pensamento »(Lat. Coelho).

110. O mesmo que anacoluto.

«E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lágrimas aumenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem o afaga o choro *lhe* acrescenta ».
(Cam.).

«Vereis *este,* que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer *dele* Neptuno de medroso ».
(Idem).

Quando se trata do pronome *eu,* é essa construção semítica proscrita pela maior parte dos gramáticos. Assim que não é para imitar a sintaxe de que usou Camões, nos quatro versos de uma de suas estâncias, que assim começa:

« *Eu* que cair não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundâncias
O peito de desejos e esperanças ».
(Cam.).

Nem o seguinte passo do mesmo poeta:

« Que eu em sangue e nobreza
O claro céu *me* extremou »
(Idem).

No mesmo caso está o tão trilhado *eu parece-me* de Garret, condenado por muitos e justificado por alguns.

Não nos parecem lograr os foros de corretas estas últimas construções em que o *eu* no rosto da frase exerce uma função de todo o ponto incompatível com a sua própria natureza. De feito, em nenhuma sorte de elemento gramatical em nossa língua e nos idiomas românicos, há essas variações de flexão que caracterizam os casos; estes, que se perderam em todas as mais palavras do discurso, conservam-se nos pronomes geralmente chamados pessoais.

Colocado no rosto de uma frase ou de uma sentença, o pronome *eu* não pode exercer senão a função de sujeito; fazê-lo representar o papel de complemento, como em todas essas frases análogas ao *eu parece-me,* é atribuir-lhe uma função inadequada à natureza deste elemento gramatical. Não corre o

mesmo com qualquer outra parte do discurso: pode representar, conforme a tecedura do discurso, ora o papel de sujeito, ora o de atributo, aqui o de complemento direto, ali o de complemento indireto, além o de aposto ou compelativo. O pronome *eu,* não: estando no rosto de uma frase ou sentença, outro papel não representa que o de sujeito. Nestas construções *eu parece-me, eu admira-me, eu aborrece-me,* o *eu* não faz de sujeito, senão de complemento e esta é a razão que milita contra esses modos de dizer.

O pronome *eu* tem sempre no discurso uma função fixa e determinada: ou é sujeito, ou, em algumas construções mais raras, atributo: complemento é que não pode ser sob essa forma, porque, sendo um elemento gramatical em que se conservam os casos, outras são as formas ou variações com que se exprimem os complementos.

Complementos dos substantivos - Os complementos dos substantivos são regidos das preposições *de, a, para, com, sem, sobre,* da expressão prepositiva *para com* etc.

Tais expressões: *O amor do trabalho, das letras,* ou *o amor ao trabalho, às letras, o gosto do estudo* ou *para o estudo, para a caça, o respeito dos pais* ou *aos pais, a ternura para com a família, o amor para os súditos, o amor para os filhos, o temor de Deus, o respeito com os religiosos, a antipatia com a mentira, a simpatia com a verdade, a piedade com os pobres, o zelo do bem público, a paixão pelo belo, do belo* ou *para o belo, o carinho dos filhos para os pais, para com os pais* ou *com os pais, o gosto da leitura, a felicidade do lar, a vida do campo, a disposição para os negócios, a aptidão, a habilitação para um cargo, para um emprego, a inclinação à ternura* ou *para a ternura, a tendência à embriaguez* ou *para a embriaguez, a obediência à lei, ao dever, às autoridades, a aplicação ao estudo, ao trabalho, às artes, às letras, o interesse por alguém, a aspiração ao poder, às grandezas, à conformidade com a lei, com os bons princípios, o seu entusiasmo pelo belo, para o belo* ou *do belo, o comercio, o trato com os bons, o convívio com a família* ou *da família, o interesse em uma empresa, o empenho em um negócio, homem sem juízo, sem pudor, sem honra, sem brio, sem discernimento, sem princípios, sem educação, sem cruz nem cunho, correia sem fim, gente sem conta, fruta sobre o verde,* o segundo substantivo, precedido da preposição, é complemento do que lhe vem antes.

Todas essas relações exprimidas pelas preposições, as enunciavam os latinos, já pelas preposições mesmas, de que também usavam, já principalmente pelas flexões casuais, de que carecemos.

Substantivos há, complementos de outros, a que se ligam pela preposição *de,* os quais se põem já no singular, já no plural, dando-se-lhes a variação singular, quando se tem em mente determinar, por uma ideia indefinida e geral de classe, a espécie dos seres indicados pelos substantivos

precedentes, e a variação plural, quando é nosso intuito exprimir não a natureza e espécie dos seres, de que eles são sinais, mas sim uma ideia de pluralidade, uma designação especial dos indivíduos, uma circunstância, uma particularidade dos seres que os substantivos precedentes denotam.

Assim se diz, empregando-se no singular o segundo substantivo: *Peles de onça, cortiços de abelha, ninhos de toutinegra, casas de maribondo, padas de pão, cadeiras de vime, lastros de palha, móveis de madeira, pernas de pau, cepas de vinha, troncos de árvore, olhos de couve, pés de algodoeiro, enxertos de laranjeira, mãos de vaca, pés de cabra, unhas de gato, brinquedos de criança, ovos de galinha, cascas de laranja, raspas de veado, aparas de madeira, penas de ganso, de pavão, cordas de tripa, raspas de quássia, hábitos de monge, librés de lacaio, massas de tomate, polpa de tamarindo, trajes de homem, roupas de mulher, geleia de pitanga, colunas de mármore; toros de madeira, frutas de caroço, água de flor, fábricas de tecido, máquinas de costura, feixes de lenha, doce de caju, de goiaba, de umbu, molho de coentro, de hortelã, de carqueja, de erva, fardos de feno, de alfafa, fardos de algodão.*

Dando, porém, o número plural ao substantivo completivo, diz-se: *Ramalhete de flores, troncos de árvores seculares, feixe de varas, feixe de espigas, de canas, doce de ovos, fios de ovos, doce de ameixas, molho de setas, de espigas, água de flores de laranjeira, amostras de madeiras, peles de animais ferozes, prato de lentilhas, maço de papeis velhos. maço de cartas, pés de árvores frutíferas, caixa de charutos, maço de cigarros, de palitos, coleção de estampilhas, penca de bananas, cacho de cocos, corpos de mulheres mutiladas, minas de pedras preciosas, o comércio das sedas, maço de chaves, réstea de alhos, de cebolas* etc.

É de notar que, quando o substantivo determinado designa dualidade de objetos, ou uma ideia coletiva, exprimida pelos vocábulos *par, casal, parelha* ou por um substantivo coletivo qualquer, costuma nossa língua dar o plural ao substantivo determinante, como se vê dos exemplos seguintes: *Um par de botões de punhos, de pulseiras* ou *braceletes, de suspensórios, de meias, de fivelas, de brincos, um casal de pombos, de gansos, de canários, jogo de dicionários, parelha de bestas, grosa de botões, pinha de casas, quarteirão de maçãs, cáfila de ladrões, quadrilha de salteadores, bando de pássaros, nuvem de gafanhotos, vara de porcos, cardume de peixes, enxame de abelhas. milheiro de pregos, cento de laranjas, juntas de bois, grupo de estatuas, de figuras, de colunas, troço de soldados, magote de vadios, sucia de galopins* (pop.), *ror de coisas sem ordem* (pop.), *comitiva de gaiatos, baralho de cartas, cacho de uvas, de bananas, cambada de peixes, caterva de vadios, récua de camelos, malta de ociosos, chusma de maldizentes, rancho de ciganos.*

Emprega-se, porém, o substantivo determinante no singular quando é um nome coletivo ou quando a língua não costuma usá-lo senão nesse número:

Mangas de povo, magote de gente armada, punhado de milho, de arroz, feixe de erva, de capim, feixe de feno, de palha, de centeio, de aveia, mão de papel, pilha de sal, punhado de farelo, de areia, moio de trigo, de sal, de cal, carrada de lenha, de feno, fardos de pimenta, de alfafa, de fumo, de algodão etc.

Complementos dos adjetivos - Os complementos dos adjetivos são sempre, como os dos substantivos, complementos indiretos e são regidos de diversas preposições, sendo para notar que os derivados de verbos costumam pedir as mesmas preposições que estes exigem, podendo um mesmo adjetivo, conforme o sentido que se lhe dá na frase, pedir complementos regidos por preposições diferentes.

Os adjetivos que significam plenitude ou falta, riqueza ou pobreza, privação, apartamento, origem, separação, ponto de partida, dependência ou independência, distância, ciência ou ignorância, qualidade de merecer ou não merecer, poder ou fraqueza, dureza ou moleza, partilha ou não partilha, desejo ou aversão, paciência ou impaciência, apetite ou paixão, lembrança ou esquecimento, pureza ou impureza, companhia ou soledade, são de ordinário seguidos de um complemento regido da preposição *de: Cheio de vinho, abastecido de florestas, nuvens prenhes d'água, país prenhe de matagais, farto de dormir, farto de comer, de vagar, cansado de estudar, de ouvir, de velar, falto de recursos, privado de meios, carecente de proteção, rico de saber, rico de luzes, de sentimentos, pobre de conselho, de dinheiro, escasso da vida, oriundo do Brasil, procedente de família ilustre descendente de nobres e. velhos troncos, distante da pátria, ausente dos seus, separado dos filhos, ciente dos acontecimentos, sabedor dos segredos, cônscio do crime, ignorante de tudo, participe do delito, vazios de lisonjas, vazio de vaidades, olhos vazios de lágrimas, imune de tributos, livre de preocupações, isento de cuidados, limpo de culpas, sedento de luz, sequioso de saber, sôfrego de honras, ávido de riquezas, digno de elogios, merecedor de elogios, de punição, indigno de crédito, destituído dos bens, despido de vaidades, despojado de folhas, de flores, esbulhado de seus direitos, carregado de anos, de serviços, de trabalhos, forte de braços, fraco de pernas, duro de ceder, de sofrer, de andar, mole de coser, mole de dobrar, amigo do alheio, amante dos seus, inimigo de pedir, inimigo dos vícios, desejoso de riqueza, cobiçoso de ganhar, zeloso de sua honra, cioso de seu poder, de sua autoridade, invejoso das glorias alheias, paciente de duros tratos, paciente da penúria, do frio, da fome e da nudez, lembrado dos benefícios, esquecido dos favores, puro de inveja, de avareza, limpo de culpas, sórdido de limo, acompanhado de soldados, só de amigos, órfão de pai e mãe, igreja viúva de seu prelado, viúva dos carinhos da filha, ermo de interesses, cidade deserta de seus habitantes, homem desalumiado de instrução.*

Os adjetivos que indicam aplicação, inclinação, tendência, propensão, habilitação, disposição benévola ou malévola, presença, aptidão, conveniência,

proximidade, sujeição, referência, elevação, superioridade, inferioridade, pedem a preposição *a* ou *para* e às vezes a locução *para com: Inclinado ao jogo* ou *para o jogo. propenso ao mal, ao bem* ou *para o mal, para o bem apto para exercer um cargo; preparado para* ou *a fazer alguma coisa; presente a algum ato, próprio a tudo* ou *para tudo, discurso adaptado ao assunto, acomodado às circunstâncias, afeito ao trabalho, acostumado aos reveses da sorte, habituado a embriagar-se; disposto a pelejar, habilitado a* ou *para fazer alguma coisa, prestes a sair* ou *para sair* e mais raramente *em sair; pronto a partir* ou *para partir, aplicado ao estudo medicação adequada à enfermidade; atencioso, obsequioso, afetuoso, amoroso, carinhoso para com todos; benigno para com os seus, para os seus* ou *com os seus, favorável à saúde afável aos inimigos, para com os inimigos* ou *com o8 inimigos, indulgente par com os seus* ou *para os seus; obediente aos deveres dócil as advertências; dado aos prazeres', entregue aos mais sérios estudos hostil a passagem de um projeto; avesso a todo o progresso; refractário às admoestações; devotado, afeiçoado, dedicado aos amigos; acessível a todos, acessível aos empenhos. aos pedidos; chegado à porta, contíguo ao prédio encostado à janela, casa pegada a outra, número imediato a outro, submetido, sujeito a muitos rigores, submisso aos seus superiores, elevado a grandes alturas; superior aos seus companheiros, relativo a seus interesses; inferior a seus avós, vantajoso, desvantajoso a todos, proporcional a seus haveres, referente às ciências naturais; bens pertencentes à nação, notas e observações concernentes história pátria, conducente ao bem público, atinente à instrução.*

Os adjetivos que indicam destreza, habilidade, pericia, experiência, ocupação, conhecimento prático de alguma coisa, assiduidade, lentidão, diligência, pontualidade, inclusão, introdução têm, de ordinário, complementos regidos da preposição *em: Destro no manejo das armas, experimentado no trabalho, perito numa arte, douto nas ciências experimentais, versado nas ciências naturais, experimentado nas tramoias, nos embustes e enredos hábil no seu ofício, entendido em pintura, em música, metudo em grandes empresas metido nas encospias, imbuído nas tradições e preconceitos, enleado na ramagem das árvores, entralhado na rede, embaraçado nos espinhos, envolto em trevas, entalado na porta estreita, implicado em conspirações engenhoso em astúcias, ocupado em ler, em observar, diligente em fazer alguma coisa, incansável na educação dos filhos, exato no cumprimento de sua palavra, cuidadoso em tudo o que se lhe confia, pontual em seus pagamentos, preguiçoso em fazer alguma coisa, lento, tardo em caminhar, em entender o que se explica, remisso em responder, assíduo no cumprimento dos seus deveres, iniciado nos mistérios, inscrito no registro incluído no número dos sócios; nota incluída na conta; exarado na campa, gravado na memória, na lembrança, entalhado no mármore, burilado n'alma, na memória.*

Muitos adjetivos há, em suma, cujos complementos são regidos de mais de uma preposição, dando-se-lhes o mesmo sentido, ou de várias preposições, conforme é vário o sentido em que se tomam e segundo a contextura do

discurso. Assim se diz: *falho em dinheiro, em recursos* ou *falho de dinheiro, de recursos, abundante de frutos* ou *em frutos, fértil em invenções, em crimes ou fértil de invenções, de crimes, poderoso em dinheiro* ou *poderoso de dinheiro, magro em cereais* ou *de cereais, fecundo de estratagemas* ou *em estratagemas, ótimo em frutos* ou *de frutos, participante dos conselhos* ou *nos conselhos, contente com o resultado* ou *do resultado, contente consigo* ou *de si, apaixonado de alguma coisa, apaixonado por alguma coisa, por alguém* ou *de alguém, alheio a tudo* ou *alheio de tudo, estranho a alguma coisa* ou *de alguma coisa, pendido a um lado, para um lado, pendula a nau sobre as ondas, pendida de um lado, colocado ao lado, de lado, colocado sob seu poder, colocado sobre a cabeça, em sua passagem, contra si, pelos caminhos, pelas estradas, colocado ante ele, depois dele, com ele, sem ele, cuidadoso de alguma coisa, cuidadoso em fazer alguma coisa, doudo com alguma coisa, doudo por fazer alguma coisa, largo de consciência, largo em promessas entrado em anos, entrado em idade, entrado das razoes, entrado de temor, de esperanças, de medo.*

> «Montanha rude e silvestre..... *larga em fontes e penedias, poderosa em tempestades, em frutos magra, mas opima em homens e mulheres de antiga têmpera*» (A. Cast.).

Complementos dos verbos. Os verbos ou se empregam absolutamente, isto é, sem complemento que os acompanhe, ou vêm acompanhados de um ou mais complementos.

Estes ou são *diretos* ou *indiretos.*

O *complemento direto,* que é só pedido pelo verbo *transitivo direto,* não é ordinariamente regido de preposição, e se por eufonia, elegância, clareza do discurso ou modismo particular ao complemento *direto* se antepõe uma preposição, essa é a preposição *a* ou *de: Amo a virtude, respeito a velhice, prezo muito a meu pai; adoro a Deus procuro proceder bem, aborreço e detesto a mentira; desejo ver-te feliz; tenho medo. tenho fome, sede; desejo obter esse emprego, vencer dificuldades; sofrer injúrias; tragar afrontas, suportar infortúnios; devorar magoas; devorar humilhações. A mim procuras? A Dário venceu Alexandre, aprende a ler, a dançar, a tocar; ensinei-lhe a ler, a escrever, a trabalhar; começa de ensaiar os primeiros passos, pegou da pena: pegou da espada; levou da espada travou do braço.*

> «Nasce e alegra-se todo o hemisfério; *dão-lhe as boas vindas* os passarinhos e boninas; eles *explicando as asas,* elas *as folhas*» (M. Bernardes).
> «O meu coração *aprendeu* dos teus olhos *a ser* teimoso» (Lobo).

> «Nunca lhe *ensinei* (às filhas) *a ser* despejadas» (Jorge Ferreira).
> «E *travando-lhe da mão,* levou-o quase nos braços até o meterem na carruagem» (Reb. da Silva).

O *complemento indireto,* ao contrário, é, pelo comum. acompanhado de uma preposição ou é exprimido pelas variações pronominais que a implicam: *Obedeço à lei; obedeço às ordens que recebi, aspiro à vitória, aspiro às grandezas, aspiro às altas posições, resistir aos empenhos, aspiro a vê-lo muito feliz, não me agradou isso, não agradava no procedimento ao patrão, não lhes agrada a minha companhia, isto não me apraz, não lhe apraz, quero-lhe muito, obstar ao esfacelamento do seu partido, queria-lhe como a um bom irmão, eu sempre lhe quis muito, os corpos tendem para o centro da terra, anuiu ao pedido, acedeu ao convite, acudiu ao chamado, aderiu ao projeto, descende de ilustres avoengos, de boa linhagem, cede muito aos empenhos, cedeu ao fatal destino, cedeu aos impulsos do apetite.*

> «Do mal que faz o lobo, *apraz ao* corvo » (Adag.).
> «Um marido *a quem queria* mais que *aos* olhos com que o via» (Fern. M. Pinto).
> «A seiva circula, sobe e desce de contínuo; de *todos os* pontos *vem, para todos os pontos* vai» (J. de Castilho).

Os nossos clássicos, sem necessidade gramatical ou lógica, nem exigência da harmonia do discurso, faziam mui frequente uso da preposição *de* depois de certos verbos ou locuções verbais, seguidas do infinitivo, em casos em que essa *é* hoje de ordinário supressa ou substituída pela preposição *a;* outras vezes empregavam esta última preposição em casos em que geralmente a suprime o uso atual, ou a eliminavam, quando este a exprime.

Confirmam esta observação os exemplos seguintes, colhidos de escritores antigos e de alguns dos nossos modernos, que lhes imitaram a sintaxe:

> «***D**eterminou* **de** *mandar* um rebate » (Dam. de Goes).
> «Não *ousaram* **de** *passar* o vau» (Idem).
> «*Ordenou* **de** *fazer* a fortaleza de madeira» (Barros).
> «Sem *ousar* **de** *se erguer* » (Idem).
> «Assim como o médico ama a pessoa do doente, mas aborrece-lhe a doença e *deseja* e *procura* **de** lh'a *lançar* fora » (D. Fr. B. dos Mart.).
> «*Desejando de valer* **a** estes, amaldiçoavam todos os ministros do crime » (Fern. Pinto).
> «Nenhum *ousou* **a** *se apear*» (Luc.).

«*Tentou* **de** lhe *beijar* as mãos» (Leão).
« *Prometer* **de** *casar* com ele » (Idem).
« *Esperavam* **em** nosso Senhor *de acharem* o que buscavam » (Castanheda).
«*Ordenou* **de** *mandar* fazer dois navios » (Idem).
« *Não ousou* **de** *sair* em terra » (Idem).
«Onde *costumam* **de** *vir* naus portuguesas a mercadejar» (F. M. Pinto).
«E o dia em que esta gentilidade *costuma* **a** *celebrar* uma festa» (Idem).
«*Começou* **de** *tanger* » (R. Lobo).
«*Tivessem por bem* **de** *lhe dar* entre si gasalhado» (**Fr. B.** de Brito).
« *Começou* **de** *cortar* um cacho » (Idem).
«O pé direito com que *começava* **de** *entrar*» (Fern. Aly.).
«No princípio desta semana se *resolveram* os médicos em claustro pleno **de** *tomar* outro caminho» (Vieira).
«*Temem* **de** *dar* conta de uma alma» (Idem).
«*Jurasse* **de** *a cumprir*» (Idem).
« *Tendo* Deus *decretado* **de** *unir* a si a natureza humana» (Idem).
«E vos *prometo* **de** *estar* pelo que ela diga» (Filinto).
«Como *usam* **de** *ser* mãos de velhas» (Garret).
«*Juras-me* tu **de** *o não deixar?*» (Idem).
« *Usa* **de** *sustentar-se* com o fácil rabusco de antigos periódicos» (A. Castilho).
«*Costuma* **de** *ter* o seu ocaso» (Idem).
« *Não merecia* **de** *ter* morrido» (Idem).
«*Determina* **de** *se casar* com a princesa Julieta» (Idem).
« *Continuaram* **de** *consentir* em torpezas deste gênero » (Idem).
«*Continua* **de** *florejar*» (Idem).
«Aos que *desejarem* **de** *o saber*» (Idem).
«*Juro* **de** *o proscrever*» (Idem).
«*Assentou* **de** *ir* ancorar dentro do porto» (Lat. Coelho).
«O ânimo *começou* **de** *ceder* um pouco à natural fragilidade» (Idem).
«*Trabalhasse* **de** *haver à* mão tanta quanta fazenda e especiaria lhe fosse possível» (Idem).
«*Começou* **de** *queixar-se* amargamente da perfídia » (Idem).
«O trato mercantil *principiou* **de** *rasgar* mais largos voos» (Idem).
«Não *ousava* **de** *surgir*» (Idem).
«Sem *ousarem* **de** *esperar*» (Idem).
«*Ameaçavam* **de** *conturbar* as consciências» (Idem).
«*Sucedendo* **de** *passar* pela rua de Santo Antão» (Idem).

«Ela *pegou* **de** *tremer* e chorar» (Camilo).
«*Pegou* **de** *berrar* que tudo aquilo era impostura» (Idem).

Suprimindo a preposição que rege o infinitivo, Filinto Elysio e Castilho Antônio escreveram:

«Nem *se atreveram* os cirurgiões *dar-me,* antes da operação, esperança alguma» (Filinto - *Obras* '1. 10),
«Enfim me *atrevo esperar*» (A. *Cast.-Primavera);*

... imitando os antigos, que diziam muitas vezes: *foi obrigado fazer, não se atreveu perseverar, tornou ler a carta tornou cria,r principiou estudar, cessou cantar, não cessou fazer seu curso, porque se moveram fazer este requerimento, começou entender no governo, tornaram-se recolher, continuava vir, começou reger, começou dar suas ordens, entrasse ele ver a terra, ele me obrigou correr,* empregando uma sintaxe não autorizada pelo uso atual.

Quando alguma das variações pronominais é empregada enfaticamente e vem no rosto da frase, em lugar de *me, te, se, nos, vos,* dizemos *a mim, a ti, a si, a nós, **a** vós,* ou figurem essas variações de complementos *diretos* ou *indiretos: A ti sempre estimei e respeitei, a mim disse uma coisa, a ti, outra, a mim prometeu ele vir, a mim nada respondeu, a mim e não a ti e que ele deseja falar.*

Em muitas locuções, depois dos verbos transitivos *indiretos,* de alguns *intransitivos,* a que por construção se ajunta um complemento *indireto,* emprega nossa língua certos nomes e verbos sem as preposições que os regem, sendo mister se lhes subentendam na análise gramatical: *Venho ver-te, venho dar-te os parabéns; vou visitar um doente, viveu um século, esteve oito anos em Lisboa, dormiu seis horas a bom dormir, um dia apareceu-me aquele homem, aquele dia, aquela tarde, aquela noite esteve comigo, custa preço elevado aquele livro, isto quase que me custa a vida, este edifício custou ao governo muitos contos de réis.*

«Não há contentamento de um povo que *valha o preço* de uma tristeza particular» (Jorge Ferreira).
«*Vale um conto de réis, vale dois contos, vale tudo aquela linda vivenda.*»
«Não *valem* cem prazeres *um de seus desgostos*» (Arraiz).

Davam os antigos escritores complementos *diretos* a certos verbos, que, segundo o uso atual da língua, se não empregam senão acompanhados de complementos *indiretos.* Tais são os verbos *agradar, desagradar, comprazer, obedecer, obstar* (no sentido de *opor-se*), *incorrer, suceder, perdoar (*com regime referente a pessoa), *resistir* etc.; dizendo:

«Mais *os agradava* a inocência daqueles meninos, que todas as riquezas do mundo» (Lucena).
«Outros governadores que *o sucederam*» (Barros).
«Boa vontade tinha de *a comprazer* » (Leão).
«Não pude deixar de *a obedecer* » (Vieira).
«Melhor *os obedecerão* e respeitarão » (Idem).
« *Incorrendo as penas* do duelo » (Vieira).
«Fizeram petição ao bispo que *os perdoasse*» *(Arte de Furtar)*.
«Os quais mal podiam *resistir o peso e tumulto* das gentes quo concorriam a lhe beijar o hábito » (Vieira).

Hoje, porém, dando-lhes complementos *indiretos,* os nossos bons exemplares puseram em voga dizer: isso *lhe agrada* muito; o procedimento do filho *desagradou* muito *ao* pai; *obedeço a* meu dever; *resistiu a* todos os empenhos; a ausência dos dois deputados *obstou à* passagem do projeto; *perdoei-lhe* de coração.

Disse, entretanto, A. de Castilho, dando regime *direto* ao verbo *resistir:*

«É bem que em ceda
ao meu impulso atual ou que *o resista?*»
(Fastos).

Outros verbos há, mui ao revés disso, empregados hoje como essencialmente transitivos *diretos,* a que os escritores antigos davam às vezes complementos *indiretos,* precedidos da preposição *em,* sendo neste particular imitados, uma ou outra vez, por escritores modernos, reputados zeladores estrênuos da palavra. Tais os verbos *morder, cortar, matar, ferir, empolgar;* o que se alcança dos seguintes exemplos:

«Os ginetes castelhanos, vendo fugir os peões portugueses, *matavam neles* quantos queriam » (Leão).
«Começou a *ferir nos que* a guardavam » (Idem).
« *Matam em eles* mui sem piedade » (Azurara).
«Começou a *cortar naquelas armas e carnes* de seu próprio filho» *(Palmeirim)*.
«No qual com grande acordo e esforço se salvou *ferindo* e *matando nos inimigos*» (Leão).
«Para ter *em que morder* e que arguir» (Vieira)
« *Empolgando nas fazendas reais, nos direitos, nos tributos, nos fardos* que desbalizam » *(Arte de Furtar)*.

Tal sintaxe, tão moente e corrente nos escritores do século 15 e 16 e ainda, como vimos, abonada por Vieira, é imitada pelo polido Castilho Antônio, numa de suas obras, onde se lê o seguinte passo:

«Que *nuns matava* o infortúnio como corisco, noutros como doença, noutros como cansaço»,

Dos verbos *testemunhar* e *testar* usaram os bons escritores amiúde como transitivos indiretos, dizendo:

« Esta foi a vida de Fr. Simão. Mas seu fim *testemunha* melhor *dela*» (Souza).
« *Testava* neles *de seu próprio amor* » (Vieira).
«O papa Gregório 13 me tem concedido que eu possa *testar de cinco contos de réis* » (Fr. Luiz de Souza).

Quando há dois verbos ligados por uma conjunção *coordenativa,* exigindo cada um deles um complemento de natureza diferente, deve-se dispor a frase de sorte que tenha cada um o complemento que lhe convém. Não é, pois, correto dizer: *conheço e gosto muito daquele sítio, seu filho estimava e obedecia-lhe muito, assistiu e aplaudia todo o espetáculo,* devemos, dando a cada verbo seu complemento apropriado, dizer: *conheço muito aquele sítio e gosto muito dele; seu filho estimava-o e obedecia-lhe muito, assistiu a todo o espetáculo e o aplaudiu.*

As variações *me, te, se, nos, vos,* quando complementos *indiretos,* empregam-se sem preposição explícita, salvo se vêm no rosto da frase, e neste caso já se não diz *me, te, se, nos, vos,* mas *a mim, a ti, a si* etc.: Ele *me* deu um livro; Pedro deu-me muitos conselhos; ele *vos* obedece como a seu pai; muitas escusas *vos* apresentou; *a mim* parece-me o contrário do que dizes; *a mim* que importam essas tuas bravatas?

Os complementos dos verbos empregados em sentido *passivo* são geralmente precedidos da preposição *por* ou *de: Este edifício foi construído pelo arquiteto Carlos, aqueles meninos são estimados de todos, são de todos queridos e amados.*

«Quem *de* muitos *é temido,* a muitos teme.»
«Ainda *se imagina* melhor *dos que nunca o viram,* do que *se conta pelos* experimentados » (F. M. de Melo).
«Temera *ser desbaratado* e *destruído dos* nossos» (Vieira).
«E ofereceu-lhe traça, que bem pareceu pelo sucesso *inspirada do* Espírito Santo» (Souza - *Vida do Arcebispo)*.

Verbos há que se empregam no mesmo sentido, dando-se-lhes preposições diferentes para lhes regerem os complementos *indiretos;* deles há que, mudando de sentido, pedem complementos com preposições diferentes; outros, em suma, acompanhados de complementos regidos da mesma preposição, indicam sentidos diferentes, conforme a contextura do discurso, o que tudo se exemplifica nos seguintes excertos:

Contentar-se: «Não se *contentava de* lhe *fazer* tanta vantagem» (Barros). «*Contente-se* cada um *de crescer* dentro da esfera do talento que Deus lhe deu. No ar *contente-se* a andorinha *com ser* andorinha. No mar *contente-se* a rémora *com ser* rémora. Na terra *contente-se* a formiga *com ser* formiga » (Vieira). «Nenhuma árvore vereis que *se contente em ficar* no estado em que a plantaram» (D. Francisco M. de Melo). «*Contentara-se* depois *em declarar*» (Lat. Coelho).

Atentar: Diz-se *atentar* em alguma coisa, *a, para* ou *por* alguma coisa:

«Pode dizer isto de minha parte ao Cabido, que *atento por sua honra*» (Souza).
«Como ninguém *atenta por si,* tudo anda desmanchado» (Fr. A. Feo).
«Nos serviços que lhe fazemos, sobretudo *atenta* Deus *à boa vontade* do que obra» (Fernandes Galvão).
«Nem *atentam para algumas venalidades* feitas a furto da razão» (H. Pinto).
«E depois *nos meninos atentando*» (Camões).
«Não *atenta para o número* dos soldados » (Vieira).

Incorporar. Ao verbo *incorporar* junta-se a preposição *em* ou *com* e às vezes *a* para lhe reger o complemento *indireto:*

« *Incorporadas com mais de outras tantas* que tinha enterradas» (A. Herc.).
«*Incorporar* aquelas pobres mulheres com *as recém* vindas» (Idem).
«*Com a qual se incorporou* também de novo a Irmandade da Ressurreição» (Souza).
«*Incorporados com os do nosso presídio*» (Vieira).
«*Incorporou-se na fazenda real* o rendimento das terças dos bens dos Conselhos » *(Arte de Furtar).*
«Despojando-se da substância para a *incorporarem em si*» (Idem).
« Tiveram estas traças para *incorporarem em si* a administração » (Idem).

Comprazer-se. *Comprazer-se de, em* ou *com:*

«*Compraz-se* muito *com a vida solta* que leva»
«Quanto *se comprazerá de que* nós o acompanhemos nos mesmos louvores » (Vieira).
«Como se a arte *se estivera comprazendo em debuxar* a decadência e a condenação do gênero humano» (Lat. Coelho).
« *Compraz-se* ela *de reanimar* com todas as circunstâncias mínimas todos os dias fastos dos seus amores » (A. Cast.).

Impregnar-se. *Impregnar-se de* ou *em:*

«*Impregnar o espírito* **de** *preconceitos, de falsas ideias;* corpo *impregnado* **de** *óleo, de essências, de sal.*
«E irrecusável o mérito que a medicina grega *se impregnou nos princípios* fundamentais da filosofia itálica » (Lat. Coelho).
«E as novas sociedades civis *impregnaram-se* fundamente *do elemento espiritual*» (Idem).

Limitar-se. *Limitar-se a* e *limitar-se em: Limitar-se* a *responder* ou em *responder; limitar-se* **a** *dizer* ou **em** *dizer.*

«Não se *limitavam em elucidar* o poema» (A. Cast.).
«*Limitamo-nos em* dizer que forcejamos pela fazer fiel » (Idem).
«*Limitei-me a declarar* que votava » (Herc.).

Eximir-se. *Eximir-se* **do** *cumprimento de* um *dever; eximir-se* **de** *um encargo* ou *eximir-se* **o** *cumprimento de um dever,* **a** *um encargo.* «**Para** *se eximirem ao encargo*» (Lat. Coelho). « Conseguiram quase sempre *eximir-se do extermínio* ou *da miséria*» (Reb. da Silva).

Filiar-se. *Filiar-se em* e mais raramente *filiar-se a: Filiou-se* **no** *partido republicano* ou **ao** *partido republicano.*

«E depois de o forçar com instâncias a reler os citados autores. . . *filiou-lhe* a frase *no Latim*» (A. F. Barata).

Ferrar. *Ferrar em* ou *de: Ferrar* **no** *estudo; ferrar* **no** *trabalho* ou *ferrar* **do** *estudo,* **do** *trabalho.* «As duas filhas lhe *ferraram do pulso*» (Camilo).

No sentido de *atirar, lançar, arremessar* os escritores de melhor voga fazem-no seguido da preposição *com: ferrar com o fardo* no chão, *ferrar com o soldado* na muralha do jardim.

«Heitor da Silveira animava e consolava a todos, sendo o que dormia menos e comia pior e o primeiro que *ferrava do trabalho* » (D. de Couto).

Servir. *Servir de* ou *para: Serve* **para** *tudo; serve* **para** *o que desejas; serve* **de** *empenho; serve* **de** *remédio.*

«A dignidade principesca. . . *serviu de o abroquelar* contra o golpe derradeiro da fortuna palaciana » (Lat. Coelho).

Impetrar. *Impetrar* **de** *alguém, alguma coisa,* ou *impetrar* **a** *alguém alguma coisa.*

«*Impetrou vida ao moribundo*» (Vieira).
«Uma sentença capital que os vates *impetravam da real justiça*» (Lat. Coelho).

Forrar-se. *Forrar-se* **a** ou *forrar-se* **de:** *Forrar-se* **aos** *trabalhos,* **aos** *incômodos; forrar-se* **dos** *trabalhos,* **dos** *empenhos,* **das** *obrigações.*

Acercar-se. *Acercar-se a alguém* ou *acercar-se de alguém.* Semelhantemente os verbos **achegar-se, avizinhar-se, aproximar-se, abeirar-se** podem vir seguidos da preposição *a* ou *de.*

Fugir. *Fugir* **de** *alguma coisa* ou **a** *alguma coisa: Fugir* **da** *vista, fugir* **dos** *olhares indiscretos; fugir* **à** vista, **aos** *olhares.*

«*Fugindo a tudo* o que pode ser de gosto e alento à natureza » (Luc.).

Os bons escritores às vezes lhe dão também objeto direto.

Socorrer-se. *Socorrer-se a* ou *de; Socorrer-se* **dos** *seus povos,* **dos** *seus vizinhos,* **dos** *seus haveres,* e *suas alfaias* ou **a** *seus poros,* **a** *seus vizinhos,* **a** *seus haveres,* **a** *suas alfaias.*

«Viúva pobre, desamparada, que faria? *Socorrem-se às* lágrimas» (Paiva).

«*Socorrendo-se* por único remédio *das tinas* d'água para refrigerar-se » (J. Freire).

Esquivar-se. *Esquivar-se de, a* e às vezes *com: Esquivar-se* **da** *escola* ou *esquivar-se* **à** *escola; esquivar-se* **dos** *recifes,* **da** *costa; esquivar-se* **à** *influência dos grandes* e poderosos. *Esquivar-se* **com** o *ministro,* isto é, *fugia dele, evitava-lhe o trato.*

« *Esquivava-se à convivência* e trato dos homens» (In. da Silva).

Proceder. *Proceder a* ou *proceder em. Proceder* **à** *autopsia; proceder* **à** *vistoria* ou *proceder* **na** *autópsia,* **na** *vistoria.*

«Determinou *proceder no que tinha* começado» (D. de Góes).
«Antes que *procedamos em outra coisa* » (Barros).

Conformar-se. *Conformar-se com* ou *conformar-se a* e às vezes *em:* aquelas coisas que se não *conformam* **com** *o seu entendimento* e **com** *a sua pouca experiência*» (Heitor Pinto). «*Conformar-se* **aos** *usos* de sua terra». «*Conformo-me* como dantes **em** *ser ouvinte* » (F. M. de Melo). «*Conformo-me com a minha sorte* » (Garret).

Acomodar-se. *Acomodar-se a* ou *com:* Acomodar *se às circunstâncias* ou *com as circunstâncias.*

«Parece na verdade incrível que um ouvido português *se acomode com este modo de falar*» (Fr. Frane. de S. Luiz).
«Esperando que se reputem *acomodadas ao merecimento* de Fr. Luiz de Souza (Franc. A. Lob).
«*acomodou-se* David *à fortuna do tempo.*»

Fraudar. *Fraudar* alguém ou alguma coisa de; *fraudar* **a** alguém alguma coisa:

« *Fraudando de seus frutíferos esforços* a final libertação de seu Brasil» (Lat. Coelho).
«Nem pretende *fraudar à natureza* a sua própria atividade» (Idem).
«Não quero *fraudar-me da delicia* de vos enviar uma simples amostra em que vai comparação, descrição e sentença, tudo junto » (A. Cast.).

Trabalhar. *Trabalhar em, por, para* ou *de. Trabalhou* **em** *querer a paz; trabalhou* **por** *conseguir o que desejava; trabalhou* **de** *agradar ao seu chefe.*

«*Trabalharam* todos **de** *o terem* por amigo» (Barros).
«*Trabalharam* **por** *que* o incêndio não lavrasse por diante» (F. M. do Nascimento).
«Com as marlotas nos braços e os alfanges nas mãos *trabalharam* **por** *defender* as mouras e vender as vidas caras» (Fr. Bern. de Brito)

Acertar. *Acertar de, acertar a, em* e *com:*

«*Acertou* **de** *ir ter* ao mesmo bosque» (A. Cast.).
«*Acertou* **a** *ser* mais tesa» (Luiz de Souza).
«Tinham para isto uns moldes **com** *que* nenhum outro *acertava*» (Souza de Macedo).

Às vezes, antecedendo ao infinitivo, vem este verbo sem preposição: «*Acertou estar* a noite tão clara com a lua...» (Souza). «*Acertaram ser* dianteiros » (Idem).

Forcejar. *Forcejar por, em* e *para: Forceja* **por** *vencer os embaraços* ou **em** *vencer* ou **para** *vencer.*

«Havemos de *forcejar por apertar* e *reduzir* sempre ao mínimo as notas pertencentes à mitologia» (J. Cast.).
« *Forceja por adaptar-se às* formas sociais» (Lat. Coelho).
«*Forceje-se* em *lhe mostrar* alguma complacência» (A. Cast.).

Timbrar. *Timbrar de* ou *em: Timbrava* **de** *tê-lo por mestre* ou *em tê-lo por mestre; timbra* **de** *entendido nisso.*

«*Timbra* **em** *ser justo* e exato» (Reb. da Silva).
«O sábio que sempre *timbrou* **de** *cosmopolita* é também nosso pela fraternidade da ciência» (Lat. Coelho).

Arremeter. *Arremeter a, com, contra* ou *para:*

«*Arremeteu* **a** *ele* um mouro» (Gavi.*)*.
«O cão *arremete* **à** *pedra* e não atenta em quem lh'a tira »(Fernandes Galvão).
«*Arremetiam* de quando em quando **à** *sua figura*» (Samuel Usque).

«E *arremetendo* com estas palavras outra vez **à** *tranqueira*» (H. Pinto).
«Depois de tomar a lança *arremeteu* **contra** *ele*» (Morais-*Palmeirim).*
«**Com** *todos os fidalgos arremete*» (Corte Real).
« A plebe estimulada pela tropa *arremeteu* enfurecida **contra** *as casas*» *(*Reb. da Silva).

Assistir. O complemento indireto do verbo *assistir* é regido da preposição *a* ou *em.* Assim se diz: *assistir* **à** *sessão, assistir* **a** *missa, assistir* **ao** *enfermo, assistir* **à** *parturiente* e *assistir* **na** *assembleia, assistir* **no** *conselho, assistir* **na** *congregação.*

«Das quais considerações ficaram persuadidos e convencidos que verdadeiramente *assistia* **n***aquela sagrada congregação* o Espírito Santo» (Souza).

Outrotanto sucedo com o verbo **presidir.** Assim é que se notam os seguintes exemplos:

«A constelação da lira *preside* **à** sua derrota» (A. Cast.).
«Tribunal **em** *que* V, S. *preside*» (Vieira).
«*Presidindo* **n***a igreja* de Deus o papa Leão 10.°» (Souza).

Investir no sentido de *saltear, arremessar-se* pede para lhe reger os complementos indiretos as mesmas preposições que o verbo *arremeter:*

«*Investindo* depois **com** *o touro,* tornado imóvel com a raiva concentrada, rodeou-o.» (Reb. da Silva).

Dir-se-ia do mesmo modo: *investindo* **ao** *touro,* **contra** *o touro* ou **para** *o touro.* também de primeiro e no mesmo sentido os nossos melhores escritores lhe associavam complemento direto. Haja vista ao seguinte passo de Vieira: «Eis que *o investe* um grande peixe ».

Prover. Prover *a, em, de, com, sobre: Prover* **à** *saúde,* **ao** *bem da República, às honras fúnebres; prover* **em** *um ofício,* **em** *um cargo; prover* **em** *uma pessoa* ou **em** *alguma coisa; prover* **de** *víveres,* de *munições,* **de** *petrechos bélicos,* **de** *armas,* **de** *remédio; prover* **com** *trincheiras e valos; prover* **sobre** *os mantimentos,* **sobre** *as necessidades da expedição militar.* «Depois de prover **na** ceia frugal (Herc.).

Este verbo muda de sentido com a mudança das preposições que lhe regem os complementos indiretos.

Entrar. Entrar *em, por, a, de, com: Entrou* **em** *si,* **em** *combinação,* **em** *ajuste,* **em** *dúvida,* **em** *idade; entrar* **na** *barra,* **no** *porto; entrar* **em** *voga,* **na** *moda; entrar* **pela** *porta,* **pela** *janela,* **pela** *terra dentro,* **pelo** *desfiladeiro,* **pelo** *estreito; entrar* **pelo** *vinho,* **pelas** *bebidas alcoólicas; entrou-lhe o instrumento* **pelo** *crânio; entrar* **para** a *sala, entrou* **para** *a escola aos seis anos* e **para** *a Academia aos dezesseis; entrar* **de** *semana,* **de** *serviço,* **de** *guarda,* de *dia; entrou o dia* **de** *escurecer-se; entrou* **de** *cantar,* **de** *dançar,* **a** *cantar,* **a** *dançar; entrou* **para** *a empresa com avultados capitais; cada um entrou* **com** *sua quota.*

Estar *a, para, em, de, por, com, sobre, sem: Estar* **a** *ler,* **a** *estudar,* **a** *trabalhar,* **a** *vir,* **a** *morrer,* **a** *expirar; estar* **para** *vir, estar* **para** *sair,* **para** *partir; estar* **em** *pé,* **em** *apuros,* **em** *talas; estar* **de** *bruços,* **de** *cócoras, estar* **de** *espreita,* **de** *passagem,* **de** *caminho,* **de** *partida,* **de** *viagem,* **de** *volta; estar* **à** *bica,* **a** *espera,* **a** *cavalo,* **à** *mira,* **à** *escuta,* **à** *mão; estar* **por** *horas,* **por** *dias; estar* **com** *febre,* **com** *fome,* **com** *o rosto ferido; Pedro está* **por** *tudo, não estou* **por** *isso; está-me este laboratório* **em** *seis contos de réis; estar* **sobre** *si; não estar* **em** *si; estar* **em** *camisa; estar* **sem** *somo,* **sem** *emprego,* **sem** *recursos.*

Prevalecer. *Prevalecer a, contra, em* e *sobre:*

« A rêmora *prevalecendo ao impulso* de tantos remeiros » (Vieira).
« *Prevaleceu contra ele, prevaleceu contra os injustos* » (Idem).
«E não *prevaleça as demais* em conceito de muitos» (A. Cast.).
«Para que a ira de seu rigor não *prevalecesse no sangue* dos tristes» (E. M. Pinto).
«A opinião nacional venha a *prevalecer sobre todas as opiniões* exclusivas e apaixonadas» (Garret).

Verbos há que têm o mesmo sentido, revistam ou não a forma pronominada; tais são, entre outros, os seguintes: *casar* e *casar-se, ajoelhar* e *ajoelhar-se, conformar* e *conformar-se, harmonizar* e *harmonizar-se, remontar* e *remontar-se, enfraquecer* e *enfraquecer-se, abalar* e *abalar-se, aumentar* e *aumentar-se, derivar* e *derivar-se, deslizar* e *deslizar-se, secar* e *secar-se, retirar* e *retirar-se, finar* e *finar-se, acabar* **e** *acabar-se, definhar* e *definhar-se, passar* e *passar-se, abater* **e** *abater-se, destacar* e *destacar-se, recolher* e *recolher-se, retrair* e *retrair-se.*

A alguns verbos ajuntam-se às vezes complementos cognatos *diretos* ou *indiretos: Sonhei* o mesmo *sonho.* Saberei assim de que *morte morro.*

« Rogamos a Deus que não *morramos* de *morte* supitânea[111].»

111. ~súbita. (n.e.)

«Quem nunca sente a ideia compelida
De imódica ambição, pouco lhe importa
Vida viver escura e abatida.»
(F. D. Comes).

Quando numa oração há um verbo no modo definito e outro no infinitivo, acompanhados de um pronome de variação oblíqua, este pode ser complemento do verbo regente ou do verbo regido: no primeiro caso o pronome representa dupla relação sintática: é complemento do verbo regente e sujeito do verbo regido, sendo o infinitivo às vezes atributo do mesmo complemento, outras vezes complemento indireto do verbo do modo definito: *Eu fi-los sair, eu a ouvi cantar, vi-o morrer, vi-os pelejar, obriguei-os a confessar o crime, compeli-os a restituir o alheio, deixou-os entrar, ouvi-os dizer, deixou-os cair, ela os mandou subir, lhes deixou ver, forcei-os a confessar o delito.*

«Os excessos que *lhes via fazer* de bárbara crueldade » (Fr. F. de Santa Maria).
«*Fazendo-lhes aceitar* as suas ideias, as suas artes, os seus costumes e as suas instituições» (Lat. Coelho).
« *Fazendo-as ocupar* novas posições» (Idem).
« *Ensinou-as a ser* sóbrias e *a guardar* silêncio» (l. A. R. Gusmão).
« *Ensina-os a aprender* » (Lat. Coelho).
« *Ensinava-os a conhecer* os erros» (Vieira).
«Que *os ensinasse a orar* » (Idem).
«Eu *lhe via deixar* pender a fronte calva sobre o peito» (Herc.).
«*Fizeram-lhe perder* o equilíbrio » (Idem).
«Este ruído *o fez erguer* a cabeça» (Idem).
«*Fazendo-lhe obter* a mão de Dulce» (Idem).
«Ainda, mercê de Deus, *os não fez suspender* as danças» (Cast.).

Nestes exemplos o pronome é complemento *direto* ou *indireto* do verbo regido, representando este já o papel de atributo do complemento, já o de complemento indireto.

Nos exemplos seguintes, porém, o pronome é complemento *direto* do infinitivo: *Pedro os mandou ver; os fez procurar; os quis escutar, ele os mandou prender; os mandou buscar, fê-los curar.*

Casos há, em suma, em que a variação pronominal figura de complemento indireto do verbo regente e o infinitivo de complemento direto do mesmo

verbo: ele *me ensinou a escrever, a cantar, a dançar, a desenhar, aprendi dele a ser cauteloso.*

«O meu coração *aprendeu dos teus* olhos a ser teimoso » (Lobo).
«Nunca *lhe ensinei* (as filhas) *a ser* despejadas » (J. Ferreira).
«Os burgueses e vilões se rissem dos golpes que o próprio clero *lhes ensinava a desprezar*» (Lat. Coelho).
«Vedou-lhes o uso do vinho e não *lhes permitiu falar* das coisas mais necessárias na presença de seus maridos » (F. A. R. Gusmão).

Acompanhando os dois verbos, pode vir um substantivo complemento do verbo regente, que tenha por atributo o verbo no infinitivo, como se vê do seguinte exemplo: **Ouvia** *sempre* **ao velho militar dizer** que *nunca entrou numa batalha sem ser tomado de um tremor convulsivo.*

Complementos dos advérbios. Os complementos dos advérbios são geralmente regidos da preposição *a, de, em* ou *com,* constituindo as locuções, chamadas *prepositivas.* Assim se diz: *dentro* **da** *praça,* ou *dentro* **na** *praça,* e mais raro hoje em dia *dentro à praça, dentro* **de** *Portugal* ou *dentro* **em** *Portugal, dentro* **do** *mar* ou *dentro* **no** *mar, antes de, depois de, rente a, rente com, rente de, de longo de, ao longo de, ao invés de, ao revés de, resvés com*[112]*, relativamente a, conformemente a, proporcionalmente a, à proporção de, em proporção de* ou *em proporção com, anteriormente a, posteriormente a, respectivamente a, independentemente de, de acordo com, em concorrência com, em competência com, concorrentemente com, repartidamente com, a cavaleiro de, a respeito de, vista de.*

112. No original, grafado como "*rez-vez*". (n.e.)

CAPÍTULO XII
Da Pontuação

Pontuação é a arte de indicar por meio de certos sinais convencionais a proporção das pausas que faz quem fala ou lê.

A *pontuação* é de máxima utilidade: distinguindo os vários sentidos parciais ou totais, a ligação e subordinação de uns aos outros, sua dependência e relações, aclara e esclarece o discurso, adaptando a palavra aos altos destinos a que ela obedece na vida da humanidade.

Esses sinais, como diz a *Encyclopedia,* são de alguma sorte *as notas musicais do discurso.*

Nos primeiros tempos era inteiramente desconhecida a arte de pontuar.

Traduzindo a Bíblia, afirma S. Jeronymo não haver encontrado no original hebreu sinal algum de distinção, sendo mister, para facilitar a inteligência do texto, recorresse ao emprego de notações distintivas para separar os membros das frases e os versetos: *Quoniam per cola scriptus et commata manifestiorem legentibus sensum tribuit* [113].

Já trezentos e tantos anos antes de Cristo, comentando Aristóteles os escritos de Heráclito de Éfeso, havia notado a dificuldade de os pontuar sem exprimir pensamentos diversos dos que tinha em mente o autor, visto que no texto original não se lhe oferecia notação alguma distintiva para lhe elucidar o sentido e lhe segurar a interpretação.

Vê-se, pois, que, se nesse tempo não era por miúdo conhecida a arte de exprimir o discurso, marcando-lhe as pausas por notas distintivas, já o era em substância, intimando-nos o sábio de Stagyra a conveniência e a necessidade desta arte, de todo o ponto desconhecida em épocas anteriores.

Mas, se entre os antigos aparecem sinais com que se distinguiam uns dos outros os membros dos períodos, as sentenças, as frases e as palavras, a prática da arte de pontuar, com seus vários sinais, de tanta utilidade à clareza e distinção das ideias e dos pensamentos e à inteligência do leitor, não foi introduzida na gramática, submetendo-se-lhe obrigatoriamente às regras e preceitos, senão depois da invenção da imprensa, esse *clarim vivo que soa a alvorada dos povos,* aproximando os Manucci de Veneza, no século 16, o sistema da pontuação do que hoje em dia se pratica,

113. Vide Beauzée.

«Existe», diz a *Encyclopedia,* «um grande número de manuscritos antigos em que nem os sentidos, nem as proposições se distinguem de modo algum, o que levaria a acreditar que a arte de pontuar era ignorada nos primeiros tempos.

«Ainda hoje tão incertos são os princípios, com tanta escassez os tem fixado o uso comum e constante dos bons autores, que, a primeira face, tudo nos induz a crer que é uma invenção moderna.

« Acha-se, todavia, nos escritos dos antigos uma série de palavras que demonstram que com cedo se fez sentir a necessidade desta distinção razoada e se estabeleceram caracteres a esse intento».

«Verdade é», diz Girard, «que relativamente à pureza da linguagem, à beleza da expressão, à delicadeza e solidez dos pensamentos, é de pouca valia a pontuação. . . Mas alivia e conduz o leitor, indica-lhe os lugares onde é mister repousar para colher folego e que tempo deve respirar.

«Contribui para a honra da inteligência, dirigindo a leitura, de feição que o ignorante pareça, como o homem de inteligência, compreender o que lê; regula a atenção dos que escutam e lhes fixa os limites do sentido; remedeia enfim as obscuridades do estilo ».

Uma pontuação diferente altera muitas vezes o sentido da frase; a ausência da pontuação traz constantes obscuridades e equívocos. O fim, pois, da pontuação é a clareza da linguagem, a qual, por sua vez, leva clareza ao pensamento, precisão e distinção às ideias.

O seguinte letreiro da ermida de que fala Heitor Pinto:

A vida que sempre morre, que se perde em que se perca?

. . . oferecerá sentido diferente conforme a pontuação que se lhe der.

Pondo a virgula no vocábulo *vida,* separado da ampliativa *-que sempre morre,* indicamos que não é o viver deste ou daquele homem que consideramos uma espécie de morte; é, sim, o viver de todos, a vida da humanidade inteira, pela razão dos reveses, das tribulações inúmeras e constantes que nos assaltam e contristam.

Supressa, porém, a vírgula depois do vocábulo *a vida,* é determinativa a oração *que sempre morre* e varia o sentido da frase: não é já à vida de todos os homens que se reputa morte, senão o viver de alguns, de quem se diz nada perderem em morrendo, porque o viver que levam é constante morrer.

A diferença de pontuação traduz aqui a diferença de sentido. Aos sinais da pontuação também se dá a denominação de *notações sintáticas,* porque se ligam principalmente à clareza do discurso; nada tem que ver com a palavra considerada só por só, mas em suas relações com outras explicitas ou implícitas.

Os fundamentos da arte de pontuar são: 1.° a necessidade fisiológica de respirar; 2.º a distinção dos sentidos parciais; 3.° a distinção dos sentidos totais; 4.° a ligação de uns sentidos aos outros, sua dependência recíproca, sua coordenação e subordinação.

Os principais sinais da pontuação ou as *notações sintáticas* são as seguintes: a *vírgula* (,), o *ponto e vírgula* (;), os *dois pontos* (:), o *ponto* (.), o *ponto de interrogação* (?), o *ponto de exclamação* (!), os *pontos de reticência* ou *suspensão* (...), o *parêntesis* (()), as *vírgulas dobres* («») e o *travessão* (-).

A *vírgula* indica a pausa mais breve; o *ponto e vírgula* e os *dois pontos,* a pausa intermédia; o *ponto,* a pausa mais longa.

I

Separam-se por meio de *vírgulas* os sujeitos e os atributos, quando são múltiplos, os complementos da mesma natureza, as orações principais coordenadas e as secundárias de primeira ordem, quando de pouca extensão:

«O ouro, os diamantes e as pérolas, tudo é terra e da terra» (Vieira).

«A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo » (Idem).

«Estes débeis inocentes, estes cidadãozinhos ainda sem direitos formulados, estes esboços de homens e mulheres ainda sem encargos, estes espíritos que um arrebol de razão apenas ilumina, vão ser dentro em breves anos a nação inteira » (A**.** Cast.).

«Porque só em vós acharei bondade pura, perfeição absoluta, formosura admirável, felicidade eterna «(Bern.).

«Quando apontamos pura as leis rasgadas, para os princípios postergados, para os cânones e para as liberdades da igreja nacional vilipendiados, para a mulher portuguesa insultada e caluniada, acusam-nos de rancorosos e de violentos » (A. Herc.).

«Levam âncoras, largam velas, saem sem mais detença via de Malaca» (Lucena).

« Abre, desce, olha, geme, abraça e chora
A malfadada Ignez na sepultura» (Bocage).

« Renasces, morres, vives, ressuscitas;
pranto, invejas, horror, ternura, excitas »
(A. Cast.).
«A gente voou, não airosamente como a andorinha ou a pomba em busca do ninho ou do alimento, voou de atropelo, pula aqui, pula ali, pula acolá, para todos os lados » (Machado de Assis).
«Se os olhos veem com amor, o corvo é branco » (Vieira).

Se, entre os sujeitos e atributos múltiplos, entre os complementos da mesma natureza e entre as proposições, vierem as conjunções de simples ligação *e, nem, ou,* não se fará a separação por meio da vírgula, salvo se os elementos da proposição ou da frase tiverem uma extensão tal, que exceda o alcance do fôlego:

Pedro e Carlos são muito doceis. Não veio **nem** nos escreveu.
Fernando **ou** Rodrigo presidirá a sessão.
Jorge **ou** Emílio, Paulo **ou** Antônio, não afirma **nem** nega.
«Os mares pareciam naquela hora recordar-se do rugido harmonioso do estio, e a vaga arqueava-se, rolava e, espreguiçando-se pela praia, refletia a espaços nas golfadas de escuma à luz indecisa dos céus » (A. Herc.).
«Os dois membros do conselho não compareceram, nem mandaram justificar a sua ausência ».
«Votariam contra o projeto, considerado nocivo ao Estado, ou não compareceriam na câmara ».
«Depois da calorosa discussão que tiveram não voltaram ali, **nem** escreveram mais uma palavra sobre o assunto».

A *vírgula* empregamo-la ordinariamente para separar termos enumerativos, sejam embora reunidos pelas conjunções *e, nem, ou,* quando são estas enfáticas ou puramente expletivas, ou ainda, em relação à *disjuntiva,* quando é intuito nosso dar mais realce e relevo à ideia de oposição e contraste entre os termos ou palavras unidas por este elemento conectivo:

« Apodera-se do seu domínio: esvoaça, *e* borboleteia, *e* suspira, ***e*** canta, *e* adormece, *e* recorda, e dança, *e* beija» *(Arte de Amar* - Prefação).
«Estou certo que, *nem* a morte, *nem* a vida, *nem* os anjos, *nem* os principados *e* potestades, *nem* o presente, *nem* o futuro, *nem* tudo o

que é forte no mundo, *nem* o mais alto, *nem* o mais profundo, *nem* alguma outra criatura nos poderá separar da Caridade de Deus» (Vieira).

«. . . . . Quanto eu daria
por me ver onda, *ou* rocha, *ou* tronco, *ou* vento !»
(A. Cast.).

«Com tal distinção do que confessou, *ou* não confessou; dos propósitos que teve, *ou* não teve; da satisfação que fez, *ou* deixou de fazer» (Vieira).
«Que lugar apontaremos no mar, *ou* na terra, *ou* debaixo da terra, próximo, *ou* remoto, profano, *ou* sagrado, a que a cobiça se não atrevesse e a fome do ouro não penetrasse?» (M. Bern.).
«E *ou* ele vá, ou pare, *ou* retroceda » (A. Cast.).

Serve a vírgula para separar os *apostos,* os *compelativos,* as orações *incidentes ampliativas,* as *intercaladas,* toda a palavra, enfim, ou reunião de palavras, toda a oração que se pode cercear da frase sem lhe alterar o sentido:

«Tu, Anaz, ministro aleivoso, peitaste a Judas com dinheiro. Tu, Caifás, sacrílego pontífice, agenciaste e subornaste as falsas testemunhas que me acusaram. Tu, Pilatos, infeliz político, antepuseste a amizade de César à graça de Deus» (Bluteau).
«É de crer que andou aqui especial proteção da mesma Senhora, torre de David, de que pendem escudos contra muito maior número de lanças» (Bern.).
«Olha, alma minha, para essas altas serranias e talhados penhascos, que assoberbam os vales e a campanha » (Bern.).
« Sócrates, que foi um filósofo grego, foi o primeiro sábio que nobilitou o trabalho mecânico».
«Irmãos, disse, estes examinam da parte de Deus minha paciência» (Souza).
«Um mouro, pensou Fr. Lourenço, mensageiro de uma Cristã, que pede confissão?!» (Herc.).

Se, porém, as incidentes forem *determinativas,* já se não devem separar por meio da vírgula dos elementos gramaticais que elas determinam e restringem:

«A glória *que vem da virtude* tem brilho imortal».
«A vida ***que*** *levais* trará grandes amarguras a vossos pais».
«Na casa ***onde*** *falta pão* faltam os amigos ».

Com efeito, sendo a oração incidente, *determinativa* ou *restritiva,* essencial à verdade do que exprime a que ela modifica, seja o elemento restringido sujeito ou atributo, com essa forma um só todo lógico e indivisível, que a *vírgula* não deve separar e desligar.

A oração incidente, bem que determinativa, deverá separar-se por meio da *vírgula* quando a oração restringida exceder a medida comum de uma pausa ordinária:

«Amonio Sacas, Plotino, Porphyrio e Proclo, foram dentre os partidistas do novo-platonismo os filósofos, que mais se distinguiram em Alexandria».

Se entre a oração determinativa e o elemento que a restringe mediar uma oração, será sempre separada por meio da *vírgula:*

« Naquele país, seja qual for o seu grau de civilização e poderio, onde falece o amor da pátria, onde os vícios hediondos virem à luz do sol, onde a todas as ambições é lícito pretender e esperar tudo, onde a lei, atirada para o charco das ruas pelo pé desdenhoso dos grandes, vai lá servir de joguete às multidões desenfreadas, onde a liberdade do homem, a majestade dos princípios e as virtudes das famílias se converteram em três grandes mentiras, há Aí uma nação que vai morrer» (A. Herc.).

Quando é múltiplo o sujeito e entre as duas últimas partes componentes se interpõe a copulativa *e,* antes do verbo, põe-se pelo comum uma vírgula na última parte componente, para que a ação que o verbo exprime não pareça referir-se mais em especial à parte que lhe é imediatamente anterior, que a todas as outras:

«Os Ferreiras, os Camões, os Barros, os Bernardes, os Souzas e os Vieiras, ilustraram e enriqueceram maravilhosamente a língua portuguesa».

Se, porém, a última parte do sujeito múltiplo for a palavra *todo, tudo, nada,* ou uma expressão qualquer que recapitule as ideias indicadas pelas outras partes ou

ainda se houver gradação entre estas mesmas partes componentes, não se porá a vírgula antes do verbo:

«Jogos, conversações, espetáculos, nada o tirava de seu retiro».
«O céu, a terra, o mar, todo o universo proclama a onipotência de Deus ».
«Seu amor, sua amizade, sua honra, seu próprio dever impunha-lhe esse sacrifício ».

Quando uma palavra se repete enfaticamente, é de uso frequente separá-la por meio da vírgula:

«No ambicioso todo o seu cuidado é *subir, subir, subir*» (Neves Pereira).
«E, remoinhando nas correntes da ventania, *iam, iam,* até rastejar pelo chão e empeçar na grama seca dos prados » (Herc.).

Quando um verbo, exprimido numa proposição, se subentende por zeugma na outra, que lhe é imediata, sendo as duas separadas pelo *ponto e vírgula,* emprega-se a vírgula no lugar do verbo supresso:

Pedro come maçãs; Carlos, figos.
«O roubar com pouco poder faz os piratas; o roubar com muito, os Alexandres».

Separam-se geralmente pela vírgula as palavras quando transpostas de sua ordem natural:

«Ao falador, calo-me; ao calado, descubro-me com tento; ao doudo, não lhe atalho a fúria; ao néscio, não trabalho por lhe dar razão; ao pobre, não lhe devo; ao rico, não lhe peço; ao vão, nem o gabo, nem o repreendo; ao lisonjeiro, não o creio; e deste modo com todos estou bem e nenhum me faz mal » (Lobo).
«Ribeiros, fazia-os galgar de um pulo ao meu ginete; veigas, fazia-lhas desaparecer debaixo dos pés; outeiros, obrigava-o a transpô-los, como se fossem planos» (Herc.).

As conjunções *porém, pois, todavia* e as locuções *contudo, não obstante, portanto, entretanto, por exemplo, porventura, em suma, enfim, em verdade* e outras análogas,

quando pospositivas, são por alguns escritores de boa nota metidas entre vírgulas; quer para tornar mais patente e manifesta a relação que exprimem, quer porque estas locuções podem de alguma sorte reputar-se como umas espécies de orações mutiladas:

«Deixemos, porém, as descrições de tempestades e de pelejas»
«E, todavia, o objeto da conversação era assaz importante» (Herc.).
«Seja, pois, assim » (Idem).

II

O **ponto e vírgula** emprega-se para separar umas das outras as orações principais coordenadas, quando não são demÁsiado curtas:

«Cantam as salas e os teatros; cantam as oficinas e as fábricas: os exércitos marcham, pelejam e triunfam ao som dos seus instrumentos; a religião mistura com os incensos as melodias em suas festas; por que razão a escola, que é um ninho, só a escola seria excluída desta comunhão universal da música?» (A. de Cast.).

Quando as orações principais, breves ou não, indicam ideias ou pensamentos opostos, separam-se pelo ponto e vírgula: *Ricardo é muito corajoso; Antônio é excessivamente pusilânime.*

«O egoísmo vê na revolução um fato que destrói; o gênio contempla na revolução uma ideia que edifica » (Lat. Coelho).
«Mas que infinita diferença de Roma a Roma! lá por sacramento o ferro; cá o pão e o vinho; lá a guerra, a devastação; cá o amor, a paz, o convite, o banquete do céu à terra ». (A. Cast.).

Quando as orações principais exprimem ideias não já opostas, mas somente diferentes, comparadas duas a duas, separam-se por *ponto e vírgula* os membros que encerram uma comparação, e por simples vírgulas as partes subalternas desses membros comparativos:

« Uma coisa é sabiamente falar, e outra sabiamente viver; uma é chamar-se sábio, e outra sê-lo ».

Quando os membros de uma frase ou de uma proposição *complexa* estiverem subdivididos pela *vírgula* em partes subalternas, separar-se-ão uns dos outros pelo *ponto e vírgula:*

«Se o homem peca nos maus passos, paguem os pés; se peca nas más obras, paguem as mãos; se peca nas más palavras, pague a língua; se peca nos maus pensamentos, pague a memória; se peca nos maus juízos, pague o entendimento; se peca nos maus desejos e nos maus afetos, pague a vontade » (Vieira).

O *ponto e vírgula* indica distinção e separação de sentido; os *dois pontos,* como vamos ver, indicam uma ligação ou concatenação de sentido; o primeiro, portanto, é uma notação sintática discriminativa; os *dois pontos,* um sinal ligativo.

III

Empregam-se os **dois pontos:**

Quando enunciamos que vamos referir um discurso direto, quer seja dito ou escrito por nós mesmos, quer o atribuamos a outrem: *Ninguém pode dizer: Deste pão não comerei nem desta água beberei.*

«Diz S. Martinho: Velho ajuntando é fazer alforge no fim da jornada » (Bern.).

Quando enunciamos uma enumeração:

«Três coisas, dizia Sócrates, que queria seus discípulos tivessem: prudência no ânimo, vergonha no rosto, silencio na língua » (H. Pinto).
«Três sortes de pessoas são infelizes na lei de Deus: o que não sabe e não pergunta; o que sabe e não ensina; o que ensina e não faz » (Bern.).

Quando numa oração de sentido completo fica em resumo uma ideia ou um pensamento que desfiamos, explicamos, esclarecemos ou completamos: *Fazia horror a cidade: as ruas eram desertas, as casas desabitadas, os templos desmoronados, os portos sem navios, o comercio sem movimento, tudo, enfim, era a imagem da consternação e da morte.*

«Porque em desenhar as paisagens do Douro a natureza empregou um pincel semelhante ao de Miguel Ângelo: foi robusta, solene e profunda » (A. Herc.).
«Quem sofre sempre vence; e quem ofende sempre é vencido: porque não há coisa mais abatida que o vício, nem mais poderosa e dominante que a verdade » (M. Bern.).

Por isso que com os *dois pontos* anunciamos alguma ideia, algum pensamento sumário que vamos desnovelar, digamo-lo assim, nas expressões ou sentenças que se lhes seguem, esta notação sintática provoca, acera e aviva a curiosidade do leitor, tornando-se-lhe como que um rebate ou clamor de alerta para a explicação e desenvolvimento do que ficou sintetizado na oração a que ela põe termo.

IV

O **ponto simples,** que é a pontuação mais forte, empregamo-lo quer no fim de uma oração ou frase, quando está com todo o pensamento nela encerrado se conclui; quer no fim das frases de um período, quando independentes das que se lhes seguem:

«No céu todos são reis » (M. Bernardes).
«Tão formosa é a virtude, que até aqueles lhe querem muito que nada querem dela » (Lucena).
«Enlevado na saudade que fazem as montanhas e as serranias vistas ao longe, que parece se juntam com as estrelas e levam trás si o espírito » (Souza).
«Dando a nau um arranco, como último suspiro de um moribundo, entranhou-se pelo mar dentro, e desapareceu para sempre com quanta gente tinha, ficando muita dela sobre água bracejando e pelejando com a morte, até que de todo se afogou » (Couto).
«Passou os primeiros anos cultivado nas letras e virtude que sofre aquela idade, sendo tão fácil e natural à disciplina, que não havia mister torcido, senão encaminhado » (J. Freire).
«A povoação onde se sabe ler e se lê, floresce mais, é mais pacífica e morigerada, mais unida e rica, mais poderosa, mais contente, mais amável e mais amada» (A. de Cast.).
«Não se podem conter que não desfechem em longa estrepitosa cachinada» (Idem).

«Por ti a bela Aurora mais formosa
O áureo gesto erguia no horizonte,
De ver tua beleza cobiçosa»
(T. D. Gomes).

Emprega-se também o ponto nas abreviaturas. Neste caso não impede esta notação que se use conjuntamente de outra, depois da palavra escrita em breve, conforme o exigir o contexto: *Sup.r, S. C. V. A., V. M. I., Vm., V. S., Sñr., P.S., P.*

V

O **ponto interrogativo** usa-se no fim de toda a palavra, de toda a expressão ou frase interrogativa:

«Lance cada um os olhos pelo campo, e a primeira bonina ou flor em que acaso der com eles, essa colha e tome na mão, que por nenhuma não ser muito para isso, de todas disse o Senhor: *Considerai os lírios do campo.* E se acertou de ser dos brancos, onde é mais pura a cor da neve*?*» (Lucena).
«A Sansão arrancaram-lhe *os* olhos os filisteus, porque os entregou a Dalila. Não lhe fora melhor a Sansão fechar os olhos para não ver, que perdê-los porque viu*?* Não lhe fora melhor a Sichem não ver a Dina*?* Não lhe fora melhor a Amon não ver a chamar*?* Não lhe fora melhor a Holofernes não ver a Judith*?* Todos estes pereceram às mãos de seus olhos» (Vieira).
«Que famas lhe prometerás*?* que histórias*?*
Que triunfos, que palmas, que vitórias*?*
(Camões).

Bem que esta notação sintática seja uma só, liga-se, contudo, a vários cambiantes de tom interrogativo:

Quem vem lá? Não vês quanto me aflige o teu procedimento? Quantas são as virtudes cardiais? Procedes assim comigo? Entendeste bem o que te eu expliquei?

Certo ninguém lerá com o mesmo tom interrogativo os seguintes versos de Camões:

«Contra uma dama, oh peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavaleiros*?* “

« Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a guarda soberana
Não acudir à fraca força humana*?*» (*Ibid.*).

VI

O **ponto exclamativo** usamo-lo no fim de toda a palavra, expressão ou frase, que indica, por exclamação, a admiração, a cólera, o terror, o sobressalto, a compaixão, a piedade ou outro sentimento afetuoso qualquer:

> «A rosa, desatando do nó verde a sua rubicunda pompa, amanhece dizendo: Oh! como nosso Deus é suave e engraçado! A açucena responde da outra parte: Oh! como é cândido e puro! E os lírios, com o seu azul finíssimo, parece estão gritando: Oh céu! oh alturas!» (M. Bern.).

> «Oh glória de mandar! oh vã cobiça
> Desta vaidade a quem chamamos fama »
> (Cam.).

> «Doze *anos*!; preso!; mudo !; opresso!; envilecido!;
> Descorado das cãs!; infame no vestido!;
> Um número por nome!; o trabalho sem fim!;
> É impossível a esp'rança!! (olhos de serafim,
> Perdoai se vos baixo a este horror profundo!)
> Doze anos num jazigo; extinto e moribundo!
> Viúvo de mulher que traz por ele o dó!
> Pai de filhos sem pai! com família e tão só!
> (Olhos de serafim! banhai-m'o em vosso pranto!)»
> (A. de Cast.).

> «Lembrou-me até fugir, com medo que esses olhos à minha salvação não fossem dois escolhos!» (Idem)
> « Admirável harmonia a do universo!; duas forças contrarias se ajudam e se completam!: a aspiração e a inercia !; a evaporação e o peso!; o fogo e o gelo!; a alma e o corpo!; a raiz e a rama!; a terra e o céu!» (Th. Ribeiro).

> «Ah! não ser eu o mármore que pisas!
> Calçava-te de beijos!»
> (João de Deus).

Às vezes a notação exclamativa se duplica no fim da mesma expressão ou frase, às vezes *se* une ao ponto interrogativo:

> «Ai! que serão doze anos de agonia!!
> Doze! doze!! sem ar, sem luz, sem dia?!»
> (Th. Ribeiro).

VII

Os **pontos de reticência,** chamados também *pontos de suspensão,* indicam uma interrupção no sentido:

> «O rústico veste como rústico e fala como rústico: mas um pregador vestir como religioso e falar como. . . não o quero dizer em reverência do lugar » (Vieira).

> «Mas morra enfim nas mãos das brutas gentes
> Que pois eu fui. . . E nisto de mimosa
> O rosto banha em lágrimas ardentes;
> Como com o orvalho fica a fresca rosa ».
> (Camões).

> «Ingrata. . . Oh! não te chamarei ingrata;
> Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
> Terra da minha pátria, abre-me o seio ».
> (Garret).

> «A febre. . . a febre. . . o incêndio que devora. . .
> une o teu rosto ao meu; Aninhas, chora...
> assim. . . assim. . . em fio, anjo formoso!
> deixa cair teu pranto abençoado
> neste rosto enrugado,
> neste peito calmoso!»
> (Thomaz Ribeiro).

> «Agora, Guiomar. . . adeus. . .
> . . . . . .
> . . . . . .»
> (Th. Ribeiro).

VIII

O **parêntesis** empregamo-lo, quando nos termos de uma oração intermeamos uma frase, que lhe interrompe o sentido, mas o explica ou ilustra:

«Morre, Afonso d'Albuquerque (dizia ele a si mesmo), que cumpre à tua honra morreres» (Couto).
«Ninguém escolha amigo notavelmente mais honrado do que ele, porque havendo qualquer encontro (que é força havê-lo na instabilidade das ondas deste século), o mais fraco é que padecerá todo o dano» (Bernardes).

«Eu só com meus vassalos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca d'outrem subjugada ».
(Camões).

IX

Vírgulas dobres ou **aspas,** chamadas também **comas,** são duas espécies de *vírgulas* juntas que incluem uma citação, colocadas no princípio e no fim da mesma, para a distinguir do texto ordinário:

«Se algumas vezes queria ir folgar e caçar, mandava-me recado: «Vai dizer a meu mestre se dá licença para ir » (André de Rezende).
«Quando estávamos à lição, fazia-me sentar tão chegado a si, que eu me afrontava e corria a dizer-lhe: «Senhor, deixe-me V.A. estar mais arredado, que anda o Rocio cheio de fidalgos, que passeiam; e como estas janelas estão todas abertas, veem-nos estar, e julgar-me-ão por mal ensinado e descomedido » (Idem).

X

O **travessão,** chamado também **separação,** exprime em um diálogo mudança de interlocutor:

«Tomaram-me desarmado e eles carregados de ferros
__E creio ainda que te faltava a espada.

_Sim, mas eu de uma punhada lancei um no chão e levei-lhe a sua» *(Ferreira-Bristo).*

«__Donde vens, viajor?
__De longe venho.
__Que viste?
__Muitas terras.
__E qual delas
Mais te soube agradar?
__São todas belas,
Fundas recordações de todas tenho.
__E admiraste o que?
__Ah! onde as flores
Cada vez a manhã tornam mais linda,
Onde gemeu Paraguaçu de amores
E os ecos falam de Moema ainda ».
(Gonçalves Dias).

É, outrossim, empregado este sinal, quando se quer dar à palavra, expressão ou frase, compreendida por ele ou que se lhe segue, mais relevo que entre vírgulas ou parêntesis:

«Reuniu Deus para compor a mulher - remate, coroa e epílogo da criação - a quinta essência de tudo quanto derramara de melhor no paraíso» (A. Cast.).
«Foi campeão sem divisa de uma causa apenas profetizada, vaga, confusa, remotíssima - a civilização pela moral, pelo amor, pelo trabalho e pelo saber » (Idem).

Do que deixamos dito, vê-se que o *travessão,* segundo o uso que dele fazem os nossos escritores, substitui algumas vezes a *vírgula,* o *parêntesis* ou os *dois pontos.*

*
* *

Não ponhamos o selo a este capítulo, sem notar que, com respeito ao emprego dos vários sinais da arte de pontuar, muito há ainda de arbitrário e inconsistente, sobretudo no que toca ao uso da *vírgula* e do *ponto simples,*

os quais são multiplicados por uns e usados com excessiva parcimônia por outros. Entre os dois extremos cumpre-nos guardar um meio justo e razoável, não perdendo de mira os dois seguintes princípios, que dominam o emprego da pontuação: a *necessidade fisiológica de respirar* e a *distinção dos sentidos parciais ou totais, sua ligação, relação íntima, concatenação e clareza.*

Estes princípios devem combinar-se harmonicamente sem usurpações nem sacrifícios.

CAPÍTULO XIII

Das alterações sintáticas

As *alterações sintáticas* são atinentes à oração e à frase. No caminhar incessante das línguas, consorciando-se à justa com o pensamento, de que são espelhos, não são as palavras somente que se modificam e transformam, aparecem e desaparecem, se revocam e desprezam, se substituem e alternam, se renovam e envelhecem, rejuvenescem e morrem; o discurso em seu todo, em sua contextura, sofre também várias alterações, não sendo em todos os tempos sempre a mesma a maneira de urdi-lo, trancá-lo e entretecê-lo.

É o que podemos apelidar de *neologismos sintáticos* por oposição aos chamados *arcaísmos sintáticos.*

É de verdade incontestável a concepção do poeta venusino, contida nos seguintes versos de sua *Arte Poética:*

> «*Ut silvæ foliis pronos mutantur in annos,*
> *Prima cadunt: ita verborum vetus interit aetas,*
> *Et juvenum rita florent modo nata vigentque*»
> (Horácio).

O que diz Horácio em relação às palavras, pudéramos dizer, à própria, com respeito a sua urdidura no discurso.

Em certas construções com o auxiliar *haver,* seguido de um infinitivo, regido da preposição *de* e acompanhado das variações pronominais átonas *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as,* era frequente entre os nossos melhores escritores, ao inverso do que se faz hoje, colocar o pronome logo após o verbo *haver,* quando na frase nenhuma palavra ocorria que forçasse sua anteposição.

Assim é que em Vieira principalmente é por extremo trilhado o seguinte dizer: **Hão-se de** *acabar;* **há-se de** *arar a terra,* **há-se de** *semear e guardar o trigo* **há-vos de** *pedir a conta a vós*; **há-se de** *ofender a verdadeira lealdade;* **há-vos de** *pôr em balança o menos e o mais,* **há-se de** *advertir* **hão-se de** *julgar;* **hei-me de** *guardar,* **hão-me de** *dar pão,* **hão-se de** *pesar;* **hão-me de** *dar a capa por amor,* **há-o de** *recolher,* **há-o de** *meter nas entranhas* **há-nos de** *servir no rio;* **há-nos de** *servir nas nuvens;* **há-nos de** *servir na terra,* **hão-se de** *fundar e estabelecer, eu* **hei-vos de** *meter na* mão *uma palma feita de cinzas.*

Estes modos de construir a frase, tão bem aforados nos antigos escritores, ainda são de longe em longe empregados pelos modernos esgrimidores da linguagem.

Assim é que disse Antônio de Castilho nos *Fastos:*

> « Constelação de Mílvio *há-se* esta noite
> *de* ver ir-se inclinando para a Ursa»
> (T. 2. Pg. 91).

. . . E Camilo:

> «*Ia-se de* arranjar o que você quer» (*Vulcões de Lama.* Pg. 198).

Também se vai tornando de mais em mais raro aquele modo de construir a frase, tão ao sabor dos nossos clássicos, em que se separavam dos verbos as variações pronominais atônicas *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos,* intercalando uma ou muitas palavras, como nos seguintes lugares de Jeronimo Osório, Damião de Goes, Severim de Faria, Diogo de Couto, Barros e Castilho Antônio:

> «Que tão verdadeiro amor *lhe* sempre *teve*» (J. Osório).
> «Mas o que *se* depois *fez* destas coisas. . . eu não o pude saber» (D**.** de Góes).
> «Sem *lhe* as delícias da Índia *poderem* fazer mudança nos costumes em tão largos anos » (M**.** Severim de Faria).
> «Ao que *lhes* o tempo *oferecesse* » (Couto).
> «De passada não dissemos o que *lhe* neste caminho de Goa té Cochij *aconteceu* » (Barros).
> «Por isso também reina por essas duas obras uma não sei que monotonia e peso, que *me* agora *cansa*» (A. Cast.).
> «De que *se* a fortuna *costuma namorar*» (Idem).

Nos nossos antigos escritores eram muito encontradiços exemplos do verbo *haver* auxiliar, seguido de um verbo no infinitivo sem a preposição *de,* elipse que, pelo comum, é havida hoje em dia por inelegante e de mau soído.

Esta sintaxe, muito comum no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, em Camões, no autor da *Eufrosina,* em Bernardes, em Duarte N. de Lião, em D. Francisco Manoel, em J. Freire, em Vieira e em Filinto, ainda, a trechos, se encontra em alguns lugares de Castilho Antônio.

As frases, porém, de Filinto *hão dar* por *hão de dar; que há dizer?* por *que há de dizer?; não hás morrer* por *não hás de morrer; hei crer* por *hei de crer, hei já destruir* por

hei já de destruir, hei sair por *hei de sair, hão responder* por *hão de responder, não mais te hei ver* por *não mais te hei de ver, no meu te hei pôr* por *no meu te hei de pôr, havia despejá-los* por *havia de os despejar; heis prometer-me* por *heis de me prometer não hei mudar* por *não hei de mudar, hás colher* por *hás de colher haviam cantar* por *haviam de cantar,* ferem-nos hoje tão mal o ouvido, que serão poucos os escritores modernos que não as tenham por viciosas, sejam embora abonadas pelos clássicos.

Não há ouvido, já o dissemos algures, que se conforme com o *hão ser, hão saber, hão trabalhar, hei tirar, hei ir, há ser feliz, há ser grande, havemos jantar juntos, hei esperá-lo, hei embarcá-lo, hei levá-lo a bordo, há voltar comigo, há cantar no teatro, há divertir-se muito, há sair bem nos exames, hei ajudar-te, hei acompanhar-te, hei dar-lhe uma lição, há fazê-lo deputado, o vapor há chegar amanhã, há trazer o irmão, há sucumbir na luta, hei morrer de paixão, há morrer de desgosto, há ir com os que ficam, se estudasse, havia fazer muito, ela há sentir sua ausência, havia sentir muito a morte do amigo.*

Aferidas, entretanto, todas essas frases, tomando-se por padrão a sintaxe de Filinto, que nos não parece dever imitar-se, nada teriam de censuráveis.

Com o verbo *fazer,* seguido de um complemento, compunham os nossos antigos escritores algumas locuções havidas hoje por antiquadas. Tais são as expressões seguintes: *fazer noite* por *anoitecer, fazer um salto* por *assaltar, fazer esmola* por *dar esmola, esmolar, jazer resposta* por *dar resposta, responder, fazer um tiro* por *atirar, disparar um tiro, dar um tiro; fazer erros* por *errar, fazer salvas* por *dar salvas; fazer pranto* por *prantear, chorar; fazer vantagem* por *ser superior, avantajar-se; fazer satisfação por alguma coisa* por *pagar a pena que se por ela devia; fazer fruto* por *tirar proveito, tirar utilidade; fazer preço* por *abrir o preço por que deve ser vendida alguma coisa, determinar-lhe, taxar-lhe, talhar-lhe o preço, fazer vida* por *viver, fazer naufrágio* por *naufragar; jazer caminho* por *seguir caminho, fazer juntas* por *convocar, reunir juntas Jazer noite* por *pernoitar; fazer conta* por *calcular, contar com, fazer campo* por *deixar o campo ou o lugar livre; fazer gala* por *jactar-se, fazer maridança* por *fazer vida de casado, fazer conselho* por *convocar, reunir conselho, fazer uma cavalaria* por *praticar um ato de valentia, de cortesia, uma ação de cavaleiro, fazer fim* por *morrer, fazer as unhas* por *aparál-las.*

E o que mais é, à semelhança do que se nota no francês, onde o verbo *faire* em um modo pessoal pode ter por complemento o mesmo verbo *faire* no infinitivo, em alguns dos nossos escritores antigos é às vezes o verbo *fazer* em qualquer dos seus tempos, seguido do mesmo verbo, de que são exemplos os seguintes lugares de Castanheda e Azurara:

«*Fizeram fazer* outra manta» (Castanheda. Liv. 6.° Cap. 114 Pg. 218).
«Onde lhe Álvaro Fernandes fez *fazer* todo gasalhado que pôde, mandando-lhe dar de comer e de beber» (Azurara-Chron. *de Guiné*. Pg. 354).

Tal sintaxe, porém, reputa-se de todo em todo fora de voga,

Usual era também entre os clássicos o emprego do verbo *prometer,* de que já atrás falamos, sob forma pronominada, no sentido de *esperar* alguma coisa. Assim é que ao citado exemplo de Paiva:

«**Prometia-se** grandes quimeras de gosto com ela »,

. . . em vez de **esperava** grandes quimeras de gosto com ela; ajuntemos o de Vieira numa de suas cartas:

«Muito é que o Snr. Marquês das Minas não tivesse chegado a Madrid aos 13 de janeiro, quando se prometia estar muito antes em Lisboa ».

No mesmo sentido empregou-o o autor do *Cerco de Diu,* nos seguintes versos:

«Esta gente infiel que, de ufania
E de soberba cheia e confiança,
vitória com louvor *se prometia* »
(F. de Andrade).

Hoje em dia mais raro se vai tornando o uso do verbo *prometer* nesse sentido.

A expressão *quanto eu, quant'eu* em lugar de *quanto a mim, enquanto a mim* ou *enquanto para mim,* atribuída por Antônio das Neves Pereira a uma elipse e de que nos dão exemplos Ferreira, Nunes de Lião e Manoel Bernardes, já de há muito esta proscrita do bom falar.

Não são, pois, para imitar os seguintes lugares, onde estes autores recorreram a essa locução vulgar, justamente censurada hoje:

«*Quanto eu,* não sei como pode ser nascer de amor obras de ódio e de crueza » (O *Cioso*).
«*Quanto eu,* digo-vos que venho Henricado» (Lião - *Chron. d'el-rei D. Fernando).*

«*Quanto eu,* dou-me por vencido dos conselhos deste bom varão» (Bernardes - Nova *Floresta).*

O vocábulo *homem,* empregado sem artigo, numa acepção vaga e indeterminada, era sintaxe muito usual entre os nossos clássicos antigos e hoje raro empregada pelos justadores da palavra escrita.

Com esse substantivo geral e indeterminado significavam os nossos escritores os indivíduos sem discriminação de sexo.

Empregado neste sentido vago, tem o vocábulo *homem* uma variante em português, ainda muito em voga, sobretudo em linguagem familiar: é o substantivo *a gente* nas seguintes frases: *Isto amofina muito* **a gente;** *com tal barulho não pode* **a gente** *dormir; não sabe* **a gente** *como se haver com semelhantes farelos; só vive este menino a consumir* **a gente;** *aquele patrão maltrata muito* **a gente;** *está* **a gente** *com sua fome e não lhe dão de comer.*

Empregando neste sentido a expressão *a gente,* disse Alexandre Herculano no *Monge de Císter:*

«Mas eu não o quereria para meu padre espiritual, se faz andar assim *a gente* com o coração agastado ».

Já numa de suas belas estancias havia dito a musa Camoniana:

«Oh grandes e gravíssimos perigos !
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde *a gente* põe sua esperança!
Tenha a vida tão pouca segurança!»
(Lus. Canto 1.°)

A palavra indeterminada *homem,* que tem por variante a expressão indefinida *a gente,* corresponde ao francês *on,* que tem tido nesta língua as formas *hom, home, homs, hon, hons, om, ome, ome, ons, em* e a atual *on,* como em nossa língua o mesmo vocábulo indeterminado tem oferecido as formas *hom, home,* ligando-se todas elas, quer no francês, quer no português, à palavra latina *homo hominis,* donde derivam.

Ainda hoje em dia, imitando-se a linguagem popular, se escreve algumas vezes *home, homes* em português:

«Se tu não andasses sempre por essas feiras, em jogatina, talvez que o pobre *home* não fosse lá com esse tempo » (Bento Moreno, ***A Comédia do Campo***).

«Lembrou-se de tombar as cadeiras, quebrar os vidros, atirar abaixo aqueles *homes* » (Idem. *Ibid.*).

Os nossos antigos escritores fornecem-nos vários exemplos do emprego do vocábulo indeterminado *homem.* apocopado muitas vezes em *hom,* associando-lhe sentido análogo ao que dão os franceses ao nome indefinito *on.*

Atestam-no os seguintes passos:

«Ca sem razon seria ao afflicto acrescentar *hom* afflição» (*Ord. de D. Duarte.* - Vide Morais *Diec.)*.

«Em que não havia casa nem choça em que *homem* cuidasse que eles se podiam alojar» (Azurara- *Chron. de* Guiné).

«Mas como os sonhos não venham senão do que *homem* traz na fantÁsia » (B. Ribeiro - Men. *e Moça*).

«Porque, à verdade, de ninguém *homem* corre tanto risco como de si» (Paiva-Serm.).

«Anda *homem tão* diferente daquele outro si, que trouxe de Adão » (Heitor Pinto-Vide Morais *Dice.)*.

« Grão trabalho e custosa coisa é fazer *homem* o que deve» (Souza - *Vida do Arceb.*).

« Anda *homem* a trote para ganhar capote » (Prov.).

Numa de suas *Éclogas* disse Camões:

« Para subir fica *homem* mais ligeiro
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro»

«Sempre esta casa há de estar
Acompanhada de gente,
Que não possa *homem* passar!»
(Camões -- Filodemo).

Neste passo do *Filodemo* de Camões o substantivo abstrato ou indeterminado *homem* diz-se de uma mulher: é Solina, em cuja boca o poeta põe as palavras *que não possa* **homem** *passar!*

Passa o mesmo naquele lugar dos *Anfitriões,* onde Brômia, uma criada, assim se enuncia:

«Há-os *homens* de trazer
Nos amores assim mornos,
Só para ter que fazer?
(Camões -*Anf.)*.

É a uma freira que se refere o nome *homem* no exemplo seguinte de Paiva, citado por Morais:

«Se *com* esse hábito se despisse *homem* de si mesma».

De sintaxe análoga usam os escritores franceses, quando recorrem ao nome abstrato *on,* pondo-o em relação já com um nome no singular, já com um nome no plural, já com um adjetivo na terminação masculina ou feminina, singular ou plural; o que se colige dos seguintes trechos:

«Le commencement et le déclin de l'amour se font sentir par l'embarras où l'*on* est de se trouver seuls» (La Bruyére).

«*On* n'est pas plus belle que cette femme-là» (Moliere).

«*On* est toujours séparés, mais *on* se rapproche par de longues et fréquentes visites» (J. J. Rousseau).

«Il faut être coiffée et vêtue simplement, quand *on* est jolie pour avoir plus de grâces; et quand *on* est laide, pour être moins laide » (Madame Necker *cit. por* Soulice *et* Sardou - Dic. des Dif.).

Ainda entre alguns modernos se nos depara, a espaços, o uso dessa sintaxe dos antigos, em que o indeterminado **homem** corresponde à própria ao indefinido ***on*** da língua francesa.

Assim é que, por amostras, citaremos os seguintes lugares de Filinto Elysio e Castilho Antônio:

«Nunca *hom*'acerta
C'o que deve pedir ».

«Nada há mais repugnante e indecoroso do que falar *homem* de si» (A. Cast.- *Vivos e Mortos*).

«Também sei que *homem* sentado não sobe» (Idem- *A Primavera).*

«O que *homem* herda só pode chamar seu, quando o utiliza» (Idem - *Fausto*).

Perfilhado embora por escritores do fino quilate de Castilho Antônio, é sintaxe antiquada essa que dá ao vocábulo *homem* o sentido vago que se atribui ao nome indefinito francês *on* ou à nossa expressão *a gente,* tão usada em linguagem familiar.

Acabar consigo por *persuadir-se, convencer-se, resolver-se* é expressão mui frequente no autor do *Palmeirim de Inglaterra,* em Paiva e Fr. Luiz de Souza e noutros clássicos antigos, que no mesmo sentido diziam «*acabar com o seu selo*» ou «*com o seu coração*».

São exemplos os seguintes excertos:

> «Para se dar de todo a uma e àquela só ser servida dele, não podia *acabar consigo* desesperar-se das outras» (F. Morais - *Palm.).*
> «Quem ama a Deus não pode *acabar consigo* ofendê-lo e descontentá-lo» (Paiva - *Serm.).*
> «E porque não podiam *acabar consigo* largar da vista quem lhes era luz dos olhos, alívio da vida» *(*Souza- Hist. *de S. Domingos).*
> «Mal *acabara consigo* largar o corpo que tem em sua mão» (Idem - *Vida do Arceb.*).
> «Sem poder *acabar com o seu coração* de os ver apartados» (Brito - *Chron.*).
> «Não pode *acabar com seu zelo* que leixasse. . .» (Idem).

A locução *acabar consigo* nesse sentido é hoje escassamente empregada pelos escritores.

Entretanto Castilho não desdenhou usá-la no seguinte lugar: «Poderia *acabar consigo que emitisse* opinião sobre um livro»; e Latino Coelho: «Quisera esquecer-se dele, mas não pôde *acabar consigo desterrá-lo* da memória».

Dar saco, por saco ou *meter a saco,* por *saquear* é frase que raro se encontra nos escritores modernos. Usou-a Francisco de Morais no *Palmeirim,* dizendo:

> «Que por vos servir *meteria a saco* todo este exército ».

É viciosa a sintaxe em que, nas frases comparativas, em vez da forma pronominal *tu* empregavam alguns escritores antigos a variação oblíqua *ti,* dizendo com Ferreira: «Eu tenho mais poder sobre tua filha que *ti*» e com Sá de Miranda: «Tinha mais experiência que *ti*». Nestas e noutras frases análogas há sempre uma segunda proposição elíptica, onde o pronome faz de sujeito e não de complemento, devendo corrigir-se assim a sintaxe das mencionadas frases:

«Eu tinha mais poder sobre tua filha que tu», isto é, *que tu tinhas,* «tinha mais experiência que tu», isto é, *que tu tinhas.*

Sintaxe análoga à de Ferreira e Sá de Miranda encontra-se em alguns escritores ingleses nas frases comparativas depois da conjunção *than,* correspondente a nossa conjunção *que* ou à expressão *do que,* onde, em vez do emprego do pronome no nominativo, como prescreve o uso clássico, se nota a variação pronominal oblíqua, dizendo-se: *You were wiser than me,* em vez de *than I; he is taler than me,* em vez de *than I,* dando-se a *than* o valor de uma preposição.

No português popular é às vezes substituída a conjunção e fórmula conjuntiva por cá e *do cá,* ouvindo-se frequentemente dizer, como no-lo observa Júlio Moreira: *é mais alto cá ti, e mais velho cá mim ou do cá mim.*

Tais modos de dizer são muito mais raros de ouvir no português popular falado no Brasil.

Aos escritores antigos era-lhes frequente confundir as relações indicadas pelos advérbios *onde, aonde,* dizendo com Vieira:

> «Mas se não estava ali, *aonde* estava?»

Tal confusão não é raro se nos depare ainda nos escritores, havidos por exemplares do dizer. Assim disse Fr. Francisco de S. Luiz: «A falta de um bom dicionário de ambas as línguas, *aonde* se veja com clareza e precisão a mútua correspondência de vocábulos e frases». Neste lugar do escritor português o advérbio *aonde* está em vez de *onde.*

Também usou de um desses advérbios pelo outro Latino Coelho, no seguinte ponto de seus *Elogios Acadêmicos.*

> «Este é o caráter dos estados, *aonde* é lei suprema a igualdade e onde os influxos democráticos se manifestam com a mesma intensidade na condição política e na esfera da educação ».

Já A**.** Garret havia semelhantemente escrito:

> «Não me atrevo a tomar sobre mim o dizer *aonde* ela peca, *aonde* está o vício » (*Disc. Parlam.).*

Não é raro, outrossim, entre os escritores antigos o emprego da expressão *de donde,* em lugar de *donde.*

> «**De donde** *vens?*» em lugar de «**donde** *vens?*»

Esta última confusão, porém, não se encontra nos modernos escritores, que com razão a reputam vício de linguagem, totalmente caído em desuso.

De memória de homens, por *desde que existem homens, desde que os homens são homens, de tempo imemorial,* e frase clássica, raramente usada hoje, a que se socorreram igualmente Herculano e Latino Coelho entre outros.

Na *Vida do Arcebispo* disse Fr. Luiz de Souza:

> «Temos para escrever um caso novo e prodigioso e *da memória de homens* não ouvido).
> «Nunca *de memória de homens* tinha sido tão profunda a desorganização da fazenda pública» (Herc.).

Os franceses dizem em sentido idêntico *de mémoire d'home,* e, numa de suas *fabulas,* disse La Fontaine, atribuindo à expressão pensamento análogo:

> «*Thémis n'avait point travaillé,*
> **De mémoire de singe,** *a fait plus embrouillé».*
> *(Liv. II Fab.* II).

Nas assembleias de qualquer gênero, sejam deliberativas ou não, nos comícios ou ajuntamentos, é de cotio a frase *tomar a palavra,* para indicar que algum membro dessa reunião ou ajuntamento entra de falar sobre algum assunto ou o discute.

Não se exprimiam assim os nossos clássicos para significarem o mesmo pensamento: usavam sim da locução *tomar a mão,* dizendo como Souza, na *Vida do Arcebispo:* «*aqui* **tomou a mão** *o provincial»,* «**tomou** o Arcebispo a **mão,** vendo consumida a tarde » e como Castilho Antônio: «Com que a outra interlocutora fica advertida de que pode *tomar a mão* no colóquio por ter chegado a sua vez ».

A frase *tomar a palavra* empregada nesse sentido não se nos oferece em nenhum escritor clássico.

A esta expressão ligavam os nossos clássicos outro sentido: para eles valia o mesmo que *alcançar, conseguir de alguém a promessa de fazer alguma coisa, ganhar-lhe o empenho da palavra.*

É, portanto, um *neologismo sintático* a expressão *tomar a palavra* no sentido que geralmente se lhe dá hoje.

Empregavam os nossos clássicos de preferência a preposição *em* em certos modos de dizer, em que, pelo comum, recorrem os modernos à preposição *a* ou

a outro elemento conectivo. Assim que diziam: *todos os lugares que estacam* **em** *vista da ribeira; eram* **em** *parecer que não convinha pelejar com eles; resolver-se* **em** *fazer alguma coisa; serra que sobe* **em** *altura de sete léguas,* **em** *altura de dois graus do norte, havendo passado* **em** *cama todo* o *oitavário de S. Francisco de Borja, estar* **em** *cama, cair* **em** *cama, vir* **em** *pós mim; passar* **em** *África,* **em** *França,* **em** *Europa, saíram* **na** *ilha, assentar-se* **em** *joelhos.*

Tais fraseados já se nos vão tornando estranhos ao ouvido.

Em vez da preposição *em* recorre-se hoje geralmente a outra preposição, substituindo esta sintaxe por est'outra: *todos os lugares que estavam* **à** *vista da ribeira, eram* **de** *parecer que não convinha. . . , resolver-se* **a** *fazer alguma coisa, serra que sobe à altura de sete léguas,* **à** *altura de dois graus do norte havendo passado* **de** *cama todo o oitavário. . ., estar* **de** *cama, cair* **de** *cama, vir* ***após*** *mim, passar* **à** *África,* **à** *França,* **à** *Europa.*

Em certas frases interrogativas usavam às vezes alguns dos nossos antigos escritores empregar o verbo *haver* com a significação de *ser possível, ser crível, acontecer.*

É modismo não muito comum entre os próprios antigos.

Desta sintaxe servem-nos de prova os dois lanços seguintes da *Arte de Furtar:*

> «Pois como há *de haver* no mundo que o carro vá diante dos bois?»
> «Como há *de haver* no mundo que se tolere e permita provarem cursos em Coimbra mais de um cento de estudantes todos os anos, sem porem pé na Universidade?»
> «Senhor, como há *de haver* no mundo que estejam os hortelões de melhor condição que nós?»

E em Camões:

> « Pode isto *haver,*
> Que outrem minhas coisas tome!»
> (*Anfitriões*).

A locução de Fernão Mendes: «*mulher muito inclinada de fazer bem aos pobres*» e proscrita do bom falar moderno, sendo aqui a preposição *de* substituída por *a* ou *para.*

Sucede outrotanto com a locução «*não querendo ser ingratos daquele benefício*» do autor do *Palmeirim de Inglaterra.*

A frase *contar com alguém* ou *alguma coisa* em lugar de *confiar em alguém* ou *alguma coisa, por sua confiança em alguém* ou *alguma coisa, ter nela toda a sua segurança, fiar-se nela* ou *dela,* é *neologismo sintético,* hoje admitido, correspondente à expressão francesa *compter sur quelqu'un* ou *sur quelque chose.*

A expressão antiga *bona chira* ou *bona xira,* a despeito da sua origem francesa, foi empregada por Ferreira no *Bristo* e mais tarde por Filinto e Castilho Antônio.

Os franceses dizem de modo análogo *faire bonne chère,* isto é, *passar bem de barriga,* como vulgarmente se diz, *ter mesa esquisita e regalada* e em sentido oposto *mauvaise chère, maigre chère.*

Fazer banca rota, como se diz hoje, *por falir, cessar um negociante* ou *uma casa comercial de fazer seus pagamentos, quebrar de bens,* é frase hoje trivial, que substituiu a antiga *fazer banco roto,* empregada no mesmo sentido e de que, no sentido metafórico, usou Heitor Pinto, dizendo: «*fazer* **banco roto com Deus**» por *afastar-se dele, romper, quebrar com ele.*

Também usavam os antigos a expressão *levantar o banco* para significar *fugir para outra terra, levando dinheiro de outrem,* donde a mesma frase ainda hoje em voga, figuradamente empregada com a significação de *fugir, separar-se de um sítio, abalar, abandonar.*

As expressões *ter cujo* por *ter dono, ser cujo* por *ser dono* caíram, já de há muito, em desuso.

A locução prepositiva *de longo de,* de onde em onde manejada por Damião de Góes e outros clássicos antigos, é substituída hoje pela locução *ao longo de:* «Neste caminho indo sempre *de longo da costa,* viu muitas ilhas», assim disse Damião de Góes, em vez de «*ao longo da costa*», como, pelo comum, diríamos hoje.

A expressão *desno,* em vez de *desde o,* usada pelo mesmo escritor, e tantas vezes ouvida da boca do vulgo, que a miúde se exprime, dizendo: *desno rio, desno país, desno cabo,* é de todo em todo proscrita do bom dizer.

É de pouco uso, bem que de cunho vernáculo, a sintaxe em que se dá ao vocábulo *cujo,* interrogativo, a significação de *de quem.* Assim se reputa antiquado o seguinte modo de dizer: «*cujo* é aquele escandaloso tabernáculo?», «*cujas* são estas ricas armas?», «*cuja* é esta caveira?», em vez de **de quem é** *aquele escandaloso tabernáculo?,* **de quem** *são estas ricas armas?* **de quem** *é esta caveira?*

Barros, Nunes de Leão e outros clássicos antigos empregaram às vezes o adjetivo *cujo, cuja,* em lugar de *o qual, a qual.* Esse emprego, havido geralmente por impróprio, ainda foi no século findo sancionado por Filinto, em muitos lugares de suas obras.

Encontra-se em Barros o passo seguinte:

> «O *Senhor* **de cujo há** *de ser o edifício*», e em Leão: «*Sant' Iago Interciso* **de cuja** *nação fosse não nos consta*», em vez de: *O Senhor* **cujo há** *de ser o edifício, O Senhor* de quem há *de ser o edifício; Sant'Iago Interciso* **de que** *nação fosse não nos consta.*

Essa sintaxe, que com a maioria dos gramáticos não defendemos, é abonada, já o dissemos, por Filinto, em cujas obras se encontram os seguintes fraseados:

> «A suave satisfação de fazer bem de *cuja* marca ele soube avaliar o preço»; «*cuja* encontrou já fora de todo o perigo»»; e o único pesar que o consumia era a perda de um sobretudo, *de cujo* o tinham os marinheiros despojado»; «só o comendador, *a cujo* ela tinha tanto respeito como veneração, lhe fazia algumas visitas»; «*cujo* morreu de paixão da morte de minha mãe»; «e me tornasse ao estado, *de cujo* me arrebatou»; «fez-me o mais lisonjeiro acolhimento, *a cujo* respondi friamente»; «recorreu às Musas, *de cujas* desconhecido não era »; «e em *cujas* não fio demasiado »; «*de cujas* lhe não fiz mistério ».

CAPÍTULO XIV

Da construção: ordem das palavras nas proposições e das proposições no período; colocação dos pronomes empregados como complementos.

A *construção,* como já o dissemos atrás, tem por objeto o concerto das palavras e das proposições na frase e no período.

Duas disposições ou ordens diferentes guardam-se na textura ou trama do discurso: a ordem *análoga* ou *direta* e a *transpositiva* ou *inversa.*

A primeira segue a ordem da sucessão analítica do pensamento: *Dário, um dos reis da Pérsia, foi vencido por Alexandre, filho de Filipe da Macedônia.*

Segundo a sucessão da ordem analítica do pensamento na construção do discurso, enuncia-se em primeiro lugar o sujeito com tudo o que o modifica; em segundo lugar, o verbo; finalmente o atributo e todos os seus modificativos, como se vê no citado exemplo.

Toda a construção que se afasta dessa ordem analítica do pensamento recebe o nome de *transpositiva* ou *inversa; Foi vencido por Alexandre, filho de Filipe da Macedônia, Dário, um dos reis da Pérsia.*

Ao passo que os idiomas se vão desenvolvendo e aprimorando, vão deitando à margem essas construções transpositivas e sintéticas, favoráveis e adaptadas aos grandes movimentos das paixões, e essas disposições mecânicas e artificiais vão, pelo desenvolvimento mesmo do espírito humano, cedendo o passo às construções analíticas, mais consoantes à linguagem da ciência, onde o espírito tem fome e sede de luz.

A construção transpositiva segue na colocação das palavras para constituírem as proposições e os períodos, a influência da harmonia, o interesse e a impetuosidade das paixões, a vivacidade dos sentimentos e afetos, o predomínio e a importância dos conceitos, o fogo e a veemência da imaginação.

Deve evitar-se toda a construção transpositiva que se opõe à clareza do discurso, tornando o sentido embaraçoso, obscuro ou equívoco.

Na prática ou conversação familiar, no estilo epistolar corrente, só com muita parcimônia e reserva terá cabida a construção transposta; e quando, para dar mais vida e harmonia à frase, evitando-se esse conflito de vozes, esse encontro e concurso de articulações que a fazem áspera, frouxa e desatada, seja mister recorrer às inversões, deve proscrever-se toda a afetação, empregando-se inversões simples e naturais, relativas a uma só palavra ou a poucas da mesma frase ou período.

À construção, ao número e ao ritmo dos períodos que a ela se liga e dela depende, é que o engenho dos antigos oradores deve principalmente o efeito maravilhoso que deu imortalidade a seus nomes e a suas produções.

Demosthenis nom tam vibrarent fulmina, nisi numeris contorta ferrentur.

No estilo oratório, histórico e poético é que são mais comuns as inversões. As duas primeiras estâncias dos *Lusíadas* são exemplos de uma das mais ousadas inversões em poesia.

A ordem do discurso ou se considera em relação às palavras na proposição, ou em relação às proposições na frase ou no período.

I
Ordem das palavras na proposição

A ordem na colocação dos elementos lógicos da proposição, isto é, do *sujeito, verbo* e *atributo* e sujeita às seguintes regras:

a) O sujeito de uma proposição emprega-se de ordinário antes do verbo: *Eu te aconselho, eu bem t'o dizia, a casa reedificou-se; Pedro morreu, Carlos saiu mal nos exames, eles não sabem o que fazem.*

b) Nas duas pessoas do imperativo, em que a língua portuguesa habitualmente suprime o sujeito, se este houver de exprimir-se, virá ordinariamente depois do verbo: *ama tu, amai vos, dize tu* a que vens, *vede vós* em que pararam vossos desatinos, *recebe tu* esta lição e *sê* de futuro mais cauteloso.

Isto não obstante, disse Damião de Góes, na *Crônica de Manuel:*

> «Vós *o recebei* como de vossa própria pessoa, e o crede, porque ele *é* o principal que para isso temos ».

E abrindo o terceiro *Canto* de seus celebrados *Lusíadas,* disse Camões, nos primeiros versos da Estância:

> «Agora *tu,* Calíope, *me ensina*
> O que contou ao Rei o ilustre Gama».

c) Em algumas proposições, ordinariamente intercaladas, que se empregam para citar palavras enunciadas por alguém ou nossas próprias palavras, o sujeito

coloca-se depois do verbo: Sou infeliz, *disse ele,* mentes, *retorquiu ele;* não aceito o teu conselho, *disse-lhe eu;* feliz do pai, *ajuntou ele, respondeu ele, acrescentou ele, acudiu ele, replicou ele,* que tem tão bons filhos para lhe felicitarem a existência!

d) Em certas frases interrogativas, exclamativas e optativas: *Queres tu vir comigo? Onde reside ele? Tomara eu que venhas! Louvado seja Deus! Pudesse eu! Viva o rei! Viva a República! morram os tiranos* !

e) Nas orações que começam por *que* interrogativo, quando este, com a palavra a que modifica, figura de complemento ou atributo, emprega-se usualmente o sujeito depois do verbo ou entre o verbo auxiliar e o principal, sendo o tempo composto: *Que veio fazer aqui aquele homem? Que te parece este procedimento? Que horas são estas? Que é isso? Que é gramática! Que é o homem? Que te disse o homem? Que fim levou Pedro? que importam aos justos as calúnias dos maus? Que hei de eu fazer? Que quer Você que lhe diga? Que é a virtude? Que são todas estas galas senão vaidades? Que há de o homem fazer em tais aperturas?*

f) Os sujeitos das orações subordinadas constituídas pelo particípio presente, quando sobretudo são diferentes dos sujeitos das orações regentes, colocam-se ordinariamente depois do verbo: *Estando a praça nestes apuros, o general rendeu-se a discrição,* e não *a praça, estando nestes apuros; entrando o inverno, começa a minha enxaqueca,* e não *o inverno entrando.*

g) Coloca-se ainda o sujeito depois do verbo em certas frases proverbiais, em algumas locuções consagradas pelo uso. *Largos dias têm cem anos, no frigir dos ovos é que se vê a manteiga, a cavalo dado não se olha o dente; antes estão dentes que parentes, vontade tenho eu de fazer isso; vontade me dê Deus.*

h) Nas orações infinitivas de sentido exclamativo, com sujeito expresso, é este usualmente colocado depois do verbo: *Não estar eu aqui para lhe dar a devida resposta! Não estar eu aqui para lhe fechar as pálpebras e lhe recolher o último suspiro! Não lhe poder eu valer em tal conjuntura! Dar-lhe eu tantas provas de confiança e pagaram'as ele assim !*

i) O atributo da oração põe-se ordinariamente depois do verbo, quando é explícito; ou vem incorporado nele, quando é concreto o verbo, e neste caso a ideia que o atributo exprime pode ou não ser modificada por um complemento: *Cícero foi orador, Salústio foi um grande estilista; Aristides amava muito a justiça, Epaminondas estremecia a verdade; Pedro dorme* e *Francisco estuda.*

j) É usual a anteposição do atributo em certos modos de dizer que o uso consagrou: *Bem-aventurados os que choram; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça; tolo seria eu, se o fizesse; raríssimas são as vezes que o vejo; feliz o pai que tem filhos que o honram filhos; sois, pais sereis.*

k) A oração, em suma, pode principiar pelo verbo, precedendo este ao sujeito e ao atributo:

> «É sentença antiquíssima de todos os sábios que ninguém comprou mais caro que quem pediu» (Vieira).

l) Em relação aos complementos é regra colocá-los junto às palavras que os demandam: (*livro* de Ernesto, *amor às* letras, *inclinado* aos prazeres, *amado* de todos, *livre* de perigos, *sujeito* a vis condições, *rente* com a terra, *rente à* beira mar, *cativo* do agrado, *pronto* para tudo, *disposto* a tudo fazer, *obedeço à* minha consciência, *venero* a justiça, *respeito* a opinião dos outros.

Com o verbo no imperativo, em frase afirmativa, vem ordinariamente o complemento depois do verbo: *Vede-o; ouve-me; atende-me as súplicas; dá-me a tua palavra; consola-me com tuas cartas, dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens.*

Em escritores de bom nome não é muito raro de encontrar, em tais casos, a anteposição pronominal, como ao diante veremos.

Nas frases negativas em que o imperativo toma em nossa língua a forma do subjuntivo, vem o complemento antes, quando expresso por variação pronominal: Não **me** *aflijas, não* **me** *consumas não* **te** *fies no biltre, não* **me** *faças tal, não* **me** *digas isso.*

m) Os *apostos* colocam-se de ordinário imediatamente depois das palavras a que modificam: *Alexandre,* **rei da Macedônia,** *venceu a Dário,* **rei dos Persas.**

Os *compelativos* podem vir antes ou depois do verbo da oração em que figuram: *Vem cá.* **Pedro; Pedro,** *vem cá.*

n) Quando na proposição há precedência de dignidade, ordem, tempo ou espaço, esta mesma deve seguir-se na disposição da oração: *Deus e o mundo; eu e tu; eu, tu e ele; o pai e a mãe, o pai e o filho; o papa e os cardeais, o amo e os criados, o patrão e os caixeiros, os homens e os animais, o marido e a mulher, o comandante e os oficiais, o general e seu estado maior, o presidente da república e sua casa militar, o céu e a terra, a terra e seu satélite, os impérios, os reinos, as cidades, vilas e aldeias, os patrícios e os plebeus, o viver e o morrer; a ordem episcopal e a clerezia, o dia e a noite; dá aulas nas quintas e sextas feiras; da Bahia em direção ao norte o paquete fara escala por Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e pelos outros estados até o Pará; das duas às quatro horas da tarde deve de entrar o vapor*.

Não nos parece muito consoante à índole da nossa língua a construção empregada por Barros no seguinte passo:

> «Uma coisa folgaríamos de saber *este cavaleiro e eu,* cujas são estas ricas armas?»

A língua francesa em casos semelhantes enuncia por último o pronome da primeira pessoa, dizendo: *ce monsieur et moi, vous et moi nous irons à l'Opera.*

As preposições colocam-se antes de seus consequentes; se, porém, estes forem exprimidos por verbos no infinitivo, entre eles e a preposição que os rege pode colocar-se o sujeito e qualquer das variações pronominais *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as: Sem nós querermos; com lhe eu ser grato, não farei esta baixeza; forçou-me a lhe dizer duras verdades, não saia sem eu chegar, disposto a nos abrigar e proteger; para lhe obedecer estava sempre pronto, cansado de o aturar, aborrecido de o ouvir contente de os ver felizes, o desejo de o verem junto a si, o desejo de lhes serem agradáveis.*

o) Quando à preposição *com* e *sem* acompanham dois complementos que se contrastam ou opõem, deve na construção a primeira dessas preposições anteceder à outra: Assim que se diz; *com dinheiro ou sem ele* e não *sem dinheiro ou com ele; casa com quintal ou sem ele ou com quintal ou sem quintal,* ou ainda *com e sem quintal* e não *casa sem quintal ou com ele; bugio com cauda ou sem cauda* ou ainda *com cauda ou sem ela* e não *sem cauda ou com ela.*

p) Nas orações cujo sujeito ou atributo ou ambos forem modificados. se a modificação lhes for feita por um adjetivo determinativo, este de ordinário virá antes do termo modificado, se, porém, o modificativo for um adjetivo qualificativo de caráter restritivo, virá depois do nome restringido; se, em suma, for mero adjetivo ampliativo, poderá vir antes ou depois, conforme a harmonia da frase; **Todo** *o homem é sujeito ao erro, o homem* **justo** *não menospreza o direito de ninguém, a* **descuidosa** *mocidade* ou *a mocidade* **descuidosa** *nem sempre conhece o valor do tempo.*

Diz-se, porém, *Padre-nosso,* falando da oração dominical e não *nosso-Pai.*

A inversão do adjetivo determinativo dá às vezes à expressão certo sainete de vigor e energia. Assim disse Vieira:

> «Um príncipe estrangeiro. . . bem poderá ser *nosso* Rei; mas vai grande diferença de ser *nosso* Rei ou ser Rei *nosso* ».

q) Na ordem direta põe-se usualmente o complemento *direto* ou objeto *direto* antes do *indireto* e este antes do *circunstancial: Dei um livro a Carlos para estudar a resolução daquele problema de álgebra.*

r) Se forem complexos os complementos, virão em primeiro lugar os mais curtos ou menos complexos: *Deu a Pedro inúmeras provas de amizade por ocasião da grande calamidade que este sofreu.*

s) Quando os objetos *indiretos* forem expressos pelas variações pronominais *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes,* estas precederão aos complementos ou objetos diretos: Deu-me muitos parabéns; eu te mostrarei o caminho; eles dão-se as mãos; agradeço-lhe as finezas; respeito-lhes as intenções.

Na colocação dos complementos devemos atentar sempre nas seguintes regras gerais:

Nunca pôr depois do verbo mais de dois a três complementos, entre os quais deve ter o primeiro lugar o regime *direto* e depois os *indiretos* mais imediatamente requeridos pela significação do verbo; se, porém, houver maior número de complementos, serão estes antepostos ao verbo: *Hoje às quatro horas da tarde, mandarei Francisco ver minhas cartas no correto.*

Na disposição, enfim, das palavras no discurso, ou se empregue a ordem analítica ou se prefira a transposta, devemos evitar toda colocação que torne a frase languida, embaraçosa, arrevesada, frouxa e de mau soído: como a poesia tem sua música, suas simulcadências, assim tem a prosa seu ritmo, seu concerto, sua melodia particular.

II

Ordem das proposições no período

As orações principais coordenadas e as subordinadas, quando igualmente coordenadas, dispõem-se e ordenam conforme o sentido, o sincronismo ou a sucessão das ideias ou ações que elas exprimem: Pedro *entrou* em casa, *saiu* e *voltou* para jantar. *Vim, vi, venci.* Enquanto Carlos *tocava,* eu *dançava* e *saltava. Veio* muito *cedo, jantou* comigo, *jogou* uma partida de voltarete, e sobre a noite *pôs-se* de volta para casa. É homem falso: *morde* e *assopra.*

> «*Toma* Abrahão ao filho, *leva-o* ao monte, *ata-o, põe-no* sobre a lenha, *tira* pela espada ».

Seguindo essa ordem de ideias na colocação das orações coordenadas, foi que disse Camões:

> «O touro busca e pondo-se diante,
> *Salta. corre, assovia, acena* e *brada;*
> Mas o animal atroce neste instante
> Com a fronte cornígera inclinada,
> Bramando, duro corre, e os olhos cerra,
> *Derriba, fere, mata e põe por terra».*

Mas já, afastando-se, noutra parte dessa ordem de sucessão nas ações ou nos atributos exprimidos pelos verbos, disse o mesmo poeta, falando de Thyonéu:

> «Arde, morre, blasfema e desatina»,

. . . submetendo aqui a sucessão das ideias à cadência e à harmonia do ritmo.

Fim obediência à mesma harmonia foi que Virgílio disse semelhantemente, antepondo-a à sucessão lógica das ideias: «**Moriamur** *et média in arma* **ruamus**»

Quando há gradação entre os atributos, a ordem dessa gradação será ascendente ou descendente: Carlos é muito *poderoso, magnânimo, sábio e virtuoso.* Carlos nem é *virtuoso,* nem *sábio,* nem *magnânimo,* nem muito *poderoso.*

> «Muito é que Jacob e Esaú não coubessem numa *casa;* mais *é* que Loth e Abrahão não coubessem em uma *cidade;* muito mais *é* que Saul e David *não* coubessem em um *reino;* mas o que excede toda a admiração é que Caim e Abel não coubessem em todo o *mundo* » (Vieira).

As orações subordinadas de segunda ordem, *integrantes,* quando começam pela conjunção *que* e servem de sujeitos da principal, vêm ordinariamente depois desta: É evidente *que ele se engana;* é claro *que foste iludido,* é obvio *que se arrependeu.*

Corre o mesmo com as integrantes constituídas por infinitivos, tendo por principais regentes proposições formadas pelo verbo *ser* com um atributo explícito, ou formadas por um verbo tomado unipessoalmente: É necessário *trabalhar,* é força *reconhecer,* releva *atender,* isso importa *resistir às* paixões; forçoso lhe foi *fazer* essa digressão; é glorioso *morrer* pela pátria.

As orações infinitivas que servem de complementos *diretos* ou *indiretos* costumam igualmente vir depois das principais que as regem: Não querem *trabalhar,* procuram *iludir,* veio *jogar* e *dançar.*

As orações subordinadas de segunda ordem *incidentes.* que começam pelo adjetivo conjuntivo *que,* vêm sempre juntas ao termo que modificam, ampliando-o ou restringindo-o:

A virtude, que *realça* tanto os dotes naturais, brilha muito mais que o talento; sobre o ardente braseiro colocou Múcio a mesma destra com que *tinha* ferido o secretário de Porsenna.

As orações subordinadas de *primeira ordem* não têm lugar fixo no período: sua colocação depende às vezes da harmonia e ênfase da frase, outras vezes é puramente arbitraria. *Se vieres,* irei; irei, *se vieres: quando chegar o vapor,* avisa-me; avisa-me, *quando chegar o vapor, tanto que chegou,* veio ver-me; veio ver-me, *tanto que chegou.* Ah! *Se a vísseis,* ficaríeis tocado de seus encantos, *dê-me um conto de réis,* não o levará: *seja quem for,* não entrará. *fosse ele um César,* não o faria.

Devemos, todavia, notar que, segundo a ordem direta das ideias, a proposição que encerra o sentido capital na frase ou período, em outros termos, a proposição *principal* ou *primordial* deve ter o primeiro lugar na enunciação do pensamento, seguindo-se-lhe a *subordinada* ou *subordinadas.*

Releva ainda notar que certos elementos conjuntivos há que forçam a anteposição da oração subordinada. Esta neste caso a conjunção causativa *como: Como ele sabia isso,* não quis vir; *como o não achou em casa,* foi procurá-lo à praça.

Entretanto, se em vez de *como* empregarmos a conjunção *porque,* a oração *subordinada* virá depois da *principal: ele* não quis vir, *porque sabia isso;* foi procurá-lo à praça, *porque o não achou em casa.*

Quando uma oração *subordinada* principia pelas conjunções concessivas *posto que, ainda que, bem que,* havendo na *principal* as conjunções *contudo, todavia,* correlatas aquelas, é a oração *subordinada* anteposta à *principal: Ainda que Pedro se esforce e trabalhe,* todavia não conseguirá o mesmo resultado; *bem que, posto que* ou *ainda que tenham fortuna,* todavia não conseguirão comprar a justiça desse tribunal.

Quando, enunciando-se um pensamento, se empregarem duas proposições, contrastando uma com a outra, sendo uma de sentido positivo, outra negativo, devemos, guardando a ordem lógica das ideias, exprimir a afirmativa em primeiro lugar. Assim é que se deve dizer: *escreve* e *apaga, pinta* e *despinta, manda* e *desmanda; vai* e *não vai, quer* e *não quer, afirma* e *nega, aceita* e *recusa, nem ata nem desata, faz* e *desfaz; diz e desdiz* e não às avessas.

III

Colocação dos pronomes empregados como complementos

A lição dos bons escritores mostra-nos que nem sempre é indiferente a colocação do pronome empregado como complemento em relação ao verbo da proposição em que ele figura.

Assim é que as vezes e de rigor a sua anteposição; outras vezes, bem que mais frequente a *próclise,* não e raro encontrarem-se exemplos da posposição ou *ênclise,* casos há em que se recorre forçosamente a *ênclise,* outras vezes, finalmente, e de todo indiferente a *próclise* ou *ênclise* pronominal com respeito ao verbo.

Registremos aqui o que sobre o assunto se observa nos bons exemplares da linguagem:

Não se começa frase alguma em português pelas variações pronominais oblíquas *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os as.* Assim que não se deve dizer: «Me parece que te enganaste »; «*se* meditou muito sobre isso»; «*se* acharam perdidos», «*nos* é impossível »; «*vos* é indiferente»; «*o* encontraram quase morto»; «*lhe* não quero mal»; «*lhes* apresentei mil desculpas», «*o* obriguei a sair»; «*me* remeteu logo à resposta »; « *os* amava como se foram filhos»; «*te* provarei o contrário do que afirmas», «*me* deixe»; «*me* perdoe»; «*me* desculpe»; «me permita », «*nos* ajude Deus ».

Só se conhecem duas expressões de uso popular em que a variação pronominal oblíqua abre a frase: São, como já vimos atrás - *T'arrenego,* expressão interjetiva, onde o pronome e o verbo se incorporam e fundem por modo que equivalem a uma palavra única; e «*me melem*», locução inusitada entre nós, mas de voga em Portugal. Como já o notamos, assim escreveu A. Castilho:

«**Me melem,** se eu percebo o tal conluio » (*O Casamento de Oiro).*

Os dois lanços por nós algures apontados[114], um de Vieira, outro de Jacinto Freire, não infirmam nem invalidam a regra a que neste particular se adstringe o bom uso.

Cai a lanço aqui observar que a variação pronominal oblíqua pode figurar no rosto de uma oração que não é a inicial de um período ou frase. Nesse caso, se bem mais correntia a ênclise, o uso da próclise, todavia, tem nos bons exemplares seguros fiadores, que a legitimam.

Atente-se para os tópicos seguintes, onde, em tais casos, é bem abonada a próclise:

«E eis aqui, *me parece,* o como l[a para os outros me hei de haver» (Cast.).

«Em ele chegando na estalagem do cais, *nos avistaremos* como ontem» (Idem).

«Meus filhos, *lhes disse* o sr. Mascarenhas, pouco mais estamos que a 10 léguas de Lisboa » (L. Felipe Leite).

«Quando o sol nasce, *se lhe inclina* e o saúda; quando sobe, *se* levanta com ele; quando está no zenith, *o contempla* direto; quando desce, *se torna* a dobrar» (Vieira).

«Tornando a Portugal, *se retirou* à sua quinta de Cintra» (Jac. Freire).

«Feito isto, *se embarcou* o capitão mor» (Couto).

---

114. Vide **A Redação do Projeto do Código Civil** e a **Réplica do Dr. Ruy Barbosa.** pp. 33.

«Se me tratardes como rei, *vos tratarei* como irmãos; se me tratardes como irmãos, *vos tratarei* como rei » (Bernardes).

«Enquanto à carta que pedis, *vos daremos* de muito boa vontade » (Fernão Mendes Pinto).

*
* *

Com o adjetivo conjuntivo *que, cujo, o qual* ou com os vocábulos *quem, onde, donde, não, nem, nunca, nenhum, ninguém, nada, como, enquanto, porquanto, quando, jamais, sempre, só, embora, se* (conjunção) costumam os bons escritores recorrer à construção proclítica, tratando-se de verbos no modo definito.

Assim é que se diz:

O *homem* **que se preza,** *a riqueza* **que se perde** e não *o homem* **que preza-se,** *a riqueza* **que perde-se;** *a cidade* **cujos** *jardins* **se admiram** e não *a cidade* **cujos** *jardins* **admiram-se;** *a felicidade dos homens* **a qual se julga** *efêmera* e não **a qual julga-se** *efêmera; terra* **onde se vive** *com pouco* e não *terra* **onde vive-se** *com pouco, torre* **donde se descortina** *a cidade* e não *torre* **donde descortina-se** *a cidade, castelo* **donde se avista** o *mar* e não **donde avista-se** o *mar, caminho* **por onde se vai** *à glória* e não *caminho* **por onde vai-se** à *glória, em casa de ladrão* **não se fala** *em furto* e não *em casa de ladrão* **não fala-se** *em furto;* **não se apanham** *trutas a bragas enxutas* e não **não apanham-se** *trutas a bragas enxutas, moscas* **não se apanham** *com vinagre* e não *moscas* **não apanham-se** *com vinagre, mentira* **não se diz** e não *mentira* **não diz-se;** *quem não quer ser lobo* **não lhe veste** *a pele* e não *quem não quer ser lobo* **não veste-lhe** *a pele;* **não lhe digas** *isso* e não **não digas-lhe** *isso;* **não o conheço, não lhes faças** *mal,* **não me atende** e não **não conheço-o, não faças-lhes** *mal,* **não atende-me; nem me vi** *ainda tão abarbado como vosmecê* e não **nem vi-me** etc.; **quem me avisa** *meu amigo e* e não **quem avisa-me** etc., **nunca o vi, nunca o conheci** e não **nunca vi-o, nunca conheci-o; nem o amo nem o odeio** e não **nem amo-o nem odeio-o**; *hei de acompanhá-lo,* **porquanto lhe devo** *o coração* e não **devo-lhe**; *tudo sucedeu,* **como lhe disse** e não como **disse-lhe**; **enquanto se der** *aos divertimentos, nada fará* e **não enquanto der-se** etc.; **quando me embarcar** *para Europa, avisar-te-ei* e não **quando embarcar-me**; **ninguém me viu** *sair* e não **ninguém viu-me** *sair;* **nada o tirava** *de seu retiro* e não **nada tirava-o** *de seu retiro,* **nada o demovera** *deste propósito* e não **nada demovera-o; só se fala** *nisto* e não **só fala-se** *nisto;* **só se conhece** *o bem quando se perde* e não **só conhece-se** etc., **só lhe aconselho** *prudência* e não **só aconselho-lhe** *prudência,* **só lhe disse** *isto* e não **só disse-lhe** *isto,* **só o vejo** *aos domingos* e não **só vejo-o** *aos domingos;* **embora o preze**, *não lhe farei isso* e não **embora preze-o**; **se me**

disseres *a verdade, perdoar-te-ei* e não **se disseres-me** etc.; **sempre lhe quiz** *muito bem* e *não* **sempre quis-lhe** *muito bem,* **jamais se houve** *mal* e não **jamais houve-se** *mal.*

Os casos em que se encontra a construção enclítica depois do advérbio *sempre,* aliás raros, e alguns exemplos da mesma construção com o adjetivo *o qual* não invalidam a regra a que neste particular, quase invariavelmente, obedecem os nossos bons exemplares.

Relativamente ao advérbio *sempre* conhecemos o seguinte lanço de A. Castilho:

«*Sempre* as necessidades corporais e as necessidades espirituais que não são menos, e às vezes trazem piores consequências, *deixam-se* desatendidas» *(Felicidade pela Instrução*).

O *que* toca ao adjetivo *qual* entre os exemplos que conhecemos mencionaremos os seguintes:

«O *qual* vendo-se perdido e sem remédio, *valeu-se* de seu artifício e mandou visitar o capitão mor » (Diogo de Couto. *Dec.* 81.

«*O qual,* como era homem malicioso e de grandes cautelas, *ofereceu-se* a el-rei» (Barros. «*A qual,* enquanto não está cheia, *dilata-se* e *suspende-se*» (Vieira- *Serm.).*

*
* *

Nas orações em cuja construção entram as conjunções *porque, que,* o advérbio *assim,* e as locuções conjuntivas em que figura como segundo elemento a conjunção *que* ou o vocábulo *como,* é preferida pelos nossos escritores a anteposição do pronome complemento. Encontram-se, todavia, nos melhores textos da língua não raros exemplos da ênclise pronominal, sobretudo, em se tratando das locuções conjuntivas, se o verbo não vem imediatamente após os dois elementos que as constituem; como o demonstram os seguintes exemplos:

«E a causa foi porque, aparecendo Fernão Peres a tiro dele, *mandaram-lhe* os Mouros que tirasse » (J**.**de Barros)

« *Porque,* tendo os inimigos vista deles, *parecer-lhes-ia* que eram navios de mercadorias » (Idem).

«Lacsamana também ficou com tanta gente morta e ferida, *que,* não tendo quem lhe remasse os navios, *foi-se* meter no rio de Muar » (Idem).
« *Porque* os outros navios *tinham-se* apartado » (D. do Couto).
« *Porque,* como o galeão era alteroso, *passavam-lhe* os mais dos tiros por alto » (Idem).
«*Porque* em perder a espada *afronta-se* um soldado » (Nunes de Leão).
«*Assim* acompanhado lançou-se na praia de Querimba» (L. de Souza).
«*Assim* el-rei *privava-o* do cargo» (A. Herc.).
«*Assim expediu-se, assim apressou-se*» (Idem).
«Assim *resolveu-se* » (Idem).
«*Assim declarava-se* (Idem).
«*Porque* a companhia da rainha D. Leonor, sua mulher, *deu-lhe* ocasiões de crescer » (L. de Souza).
«*Eis que,* a vista de todos e pasmando todos, *lança-se-lhe* aos pés aquele tigre encarniçado » (Idem).
« *Porque,* varando os Mouros na praia, *juntou-se* a gente da terra a defendê-los ». (Idem)
«*Porque,* ao Senhor natural, ao rei verdadeiro, *há-se-lhe* de dar o amor e *há-se-lhe* de dar a capa por amor » (Vieira).
« *Eis que* no mesmo ponto *chegam-se* os escribas e fariseus » (Idem).
«*Porque* no mundo, se o superior é sarça, *sente-se* como sarça» (Idem).
«*Porque* el-rei naquele estado *achava-se* com filha e com mulher » (Idem).
« *Porque* a alma de David *livrou-a* Deus duas vezes » (Idem).
«É verdade *que* Cristo, Senhor nosso, no Sacramento vê-nos com os olhos da divindade»(Idem).
«*Porque* as figuras *vão-se* e o teatro fica» Idem).
«*De sorte que* Cristo *defendeu-se* do Diabo com a escritura» (Idem).
«*Eis que* um dia subitamente *sai-se* com todos os seus daquela terra» (Idem).
« *De maneira que* os dois primeiros escusaram-se com a fazenda e o último *escusou-se* com a mulher » (Idem).
«O certo é *que* em Lisboa ouvem-se os repiques »(Idem).
«*Porque* o povo *paga-se* muito desta virtude» (*Arte de Fartar).*
«*Porte,* como disse Santo Agostinho, este mundo *ri-se* de todos os que se na riem dele » M. Bernardes).
« Sim *que ele* a ti *poupou-te* » (A. Castilho).

« *Porque,* se bem só lançarem as contas, *achar-se-*» (Idem).
«O pior é *que* no meio destes campos, onde Troia fora, no meio destas areias, onde se acoitavam dantes os pálidos medos do pinhal da Azambuja, a minha querida e benfazeja traquitana *abandonou-me* » (Garret).
«*Porque* em tais lembranças *alarga-se* o âmbito de nossos afetos » (A. Herculano).
« *Porque* Deus *ergueu-se* no seu furor » (Idem).
«A verdade era *que* nuns *davam-se* ambições» (Idem).
«É verdade *que* Vossa Excelência *pede-me* apenas reflexões ao correr da pena » (Herc.).
« *Porque* D. Thereza *ergueu-se* imediatamente» (Herc.).
« *Porque* o grande perigo de turbação na ordem pública *cifrava-se* no abade Corrêa» (Lat. Coelho).
«*Porque* em virtude das leis antigas, *era-lhes* permitido associar-se » (Idem).
«É certo *que* a filha do ex-professor de línguas *dotava-se* com vinte mil cruzados » (Camilo).
« Observo-te, minha irmã, *que* nos conventos *chora-se* pouco» (Idem).
«Vai, que eu logo *procuro-te*»(Idem).
« *Porque* o sangue *queimava-lhe* a cabeça » Idem).

«Senhor Harpagão, repito
que, se lhe eu contasse tudo
quanto se diz do senhor,
danava-se»
(A. Cast.)

Com o *porque* figurando na frase, é comuníssima em Vieira a ênclise pronominal.

*
* *

Quando antes do verbo no modo definito ocorrem as palavras *já, aí, ali. acola, e, la. agora, ora, também, logo, acaso, bem, mal, muito, pouco, tanto, quanto, tal, cada. qualquer, tolo. tudo, mais, segundo, conforme, antes, depois,* far-se-á uso de uma ou outra construção, sendo, porventura. mais frequente entre os nossos escritores o emprego da próclise pronominal:

Boa prova sejam os seguintes excertos:

«*Já me parece* que vos considero cansados de esperar a solução » (Vieira -Serm.).
«*Já nos vem* metendo os dedos nos olhos» (F. M. de Melo).
«*Daqui se vai descendo à* horta» (Souza).
«*Aqui* de joelhos, ante o venerando túmulo que te encerra, *te admiro, te adoro,* ó benemérito de Deus e dos homens» (H. Ribeiro).
«A um príncipe virtuoso tudo *se lhe rende*» (Vieira).
«*Todas as portas se lhe abrem, todas as mãos* avidamente *se lhe estendem, todos o desejam* com as comoções mais fortes e com as mesmas o seguem » (Lat. Coelho).
«A reputação é espelho cristalino: *qualquer* toque *o quebra. qualquer* bafo *o empana* » (F. M. de Melo).
«*Quantas* mães aflitas com ânsia *lhe arrancam* das mãos a carta do filho e do marido ausentes?» (Lat. Coelho).
«Agora *o temos* em olho» (F, M. de Melo).
«.*Agora lhe digo* que me hão de ver com os olhos e comer com a testa» (Idem).
«*E logo lhe foi tirada* da mão» (G. de Rezende).
«*Logo lhe acham* uma culpa» (Barros).
« *Mais depressa se apanha* um mentiroso que um coxo» (Prox.).
«*Agora se abre* a arena mais larga e mais brilhante ao estadista Brasileiro» (Lat. Coelho).
«*Agora trata-se* de outra coisa» (A. Herc.).
«*Aí vive-se de* uma excitação febril» (Idem).
«*Logo* se me enxugarão as lágrimas» (Idem).
«*Agora deu-lhe* a telha de querer casar com um cabo de artilharia » (Camilo)
«Agora *navegava-se* para a Índia » (Lat. Coelho)
«*Aqui desmoronara-se* um pavilhão, *ali levantava-se* um celeiro » (Júlio Diniz).
« *Lá dizia-se* que Amélia, a doida, veementemente apaixonada, iria depois ele » (Camilo).
« *Lá* na extrema do estreito para a banda do mar interior *viam-se* na ponta da África os cimos das torres de Septum» (A. Herc.).
«*Aqui* o pobre rapaz *atirou-se* de joelhos a chorar » (Idem).
« Contudo, *agora dava-se* por diverso modo» (Idem).

« *Agora chamou-lhe* manifestamente Maria e *dantes calou-lhe* o nome » (Vieira).
« *E logo mandou-lhes* que elegessem entre si prelados » (Souza).
«*Lá come-se* Deus exposto e descoberto, *aqui come-se* coberto e encerrado» (Vieira).
«*E ora ele sentia-se* ferido» (Filinto).
«*Aí fez-me* o hospedeiro um ninho de ferro, *deu-me* um lençol de estopa. . . e *deixou-me às* escuras para precaver incêndio» (Camilo).
«*Cada* chefe armado em guerra *sentava-se* em um feixe de ervas» (Idem).
«*Cada* chefe neste vasto corpo *rodeava-se* de guerreiros de sua família » (Idem).
« *Muito me edificam* as lutas» (Vieira).
«*Cada* príncipe *se havia* por desairado» (Lat. Coelho).
«A Vasco da Gama *pouco lhe* pesava o perigo próprio» (Idem)
«*Tudo* mais *despiu-o*» (A Cast.).
« *Muitas* das linguagens do Novo Continente *haviam-lhe* merecido singular predileção» (Lat. Coelho).
« Portugal não evangelizou a liberdade, *antes* largos anos *se mostrou* rebelde em a aprender » (Idem).
«*Aqui dão-no* por doido » (A. Cast.).
«Bem claro *aqui* se vê» (Idem).
« *Depois anoiteceu-se* ainda mais o siso» (Idem).
«*Também me persuado* por bons fundamentos que teve a origem desta jornada uma história» (Luiz de Souza).
«E *também vinguei-vos*» (Filinto).

*
* *

Se, como dissemos atrás, é forçado o emprego da próclise pronominal com as formas verbais definitas, procedidas do *que,* adjetivo conjuntivo, ou do substantivo *quem,* outro tanto não sucede quando esses elementos gramaticais. sós ou precedidos de preposição, antecedem ao verbo no infinitivo.

Neste caso não faltam exemplos da ênclise do pronome, ainda nos escritores ávidos por padrões da boa linguagem.

Apontemos aqui espécimes de uma ou outra construção.

«Não sabia coisa *com que a* poder comparar» (Souza).

«Ele ficou sem ter *com que se* cobrir» (Idem).
«Não tendes *de que* vos queixar» (Vieira).
«Não há *para que nos* determos em mais prova» (Idem).
«E não tem *com que lhes* matar a fome» (Idem).
«Não tive *de que me* arrepender» (Filinto).
«Não há *de que vos* arguir» (Idem).
«Não havia *por* que de novo *o* semear em público» (A. Cast.)
«E com tão poucas certezas fixas *a que me* apegar» (Idem).
«Não tens *de que te* arrecear » (Herc.).
«Teremos *com que os* contentar » (Idem).
«Buscasse traça *com que lhe* quebrar o ímpeto» (Lat. Coelho).
«Não tinham *de que se* manter » (Idem).
«Não tendo *de que* sustentar-*se*» (Souza).
«Não tendo *de que* envergonhar-*se*» (Vieira).
« Bom penhor tendes *em que* prendar-*vos*» (M. Bern.).
«Por falta de sinais *com que* explicar-*se*» (Idem).
«Não tem *que* inquietar-*se* » (Idem).
«Para ter na outra *com que* regalar-*se* (Idem).
«*Não há* 'aqui *de que* assustar-*vos*» (Filinto).
« Não achou *com que* refrescar-*se*» (A. Herc.).
«*Não* achava *em que* saciar-*se* » (Idem).
« Buscando traças *com que* desfigurar-*vos* a verdade » (Lat. Coelho).
«Não sabia *a quem* dirigir-*me*» (Camilo).
«Explicai-*vos* se tendes *que* dizer-*me*» (Idem)
«*Não há de que* arguí-lo ». (Idem).
«Não sabendo *a que* atribuí-l*as*» (L. Felipe Leite).

*
* *

Quando antes do infinitivo figuram os vocábulos *onde, como, quem, quando* ou a conjunção *que,* compondo as locuções *ter que, haver que,* equivalentes a *ter* ou *haver de,* ao lado da próclise, que é o mais comum, oferecem-nos os melhores textos exemplos da ênclise do pronome. Assim é que disse Castilho Antônio: «*não sabendo para* **onde se** *refugiar* » e «*tenho* **que** *anunciar-lhe*»; «*do modo* **como se** *resolver*» e *não há* **que** *nomeá-lo*»; «*não tendo* **que os** *assear*» e «*não há* **que** *notá-los*». Disse também Vieira: «*não haver* **onde se** *recolher o pão* » e M. Bernardes; «*tendo as raposas* ***suas*** *covas e as aves seus ninhos* **onde** *recolher-se*»; «*aqui tens um seguro couto,* **onde te** *acolher*» e *buscando estreita funda por* **onde** *escorregar-*

se dentro », «não sabem **como** *dar-se a entender».* Alexandre Herculano. «*por não saber* **como o** *ocupar melhor».* Latino Coelho: « *um abrigo* **onde** *reformar-se e fortalecer-se»; «campo e teatro* **onde** *exercer-se* » e «*não há sequer* **por onde** *seguramente* **o** *avaliar* ». Camilo: «**onde se** *encostar*» e «porto **onde** *salvar-se»; «cevo* **onde** *medrar-se; planos* **onde** *librar-se».* Em suas *Cartas d'Inglaterra* escreveu Ruy Barbosa: «*não sabia* onde feri-lo, onde lhe *prevenir os golpes,* onde *enfrentá-lo com vantagem*»; **como** *obtê-lo eis a questão das questões»,* e em sua *Réplica,* «*não houve* **como** dar-lhe ».

Quando, porém, ao verbo no infinitivo precede a conjunção *que, senão* ou *como,* correlata com outra palavra anterior ou o verbo *haver* na acepção de *ser possível,* a ênclise ou posposição pronominal é a construção de que quase invariavelmente se valem os nossos bons escritores, como se colhe dos exemplos seguintes:

«Não havia mister *mais que* provê-lo de algumas coisas» (Barros).
«Sem receber *mais* dano *que* ferirem-lhe cinco homens» (Idem).
«Não havia *outra* salvação *senão* recolher- *se* aos bateis» (Idem).
«Não podia *tal* fazer *senão* entregarem-se» (D. do Couto).
«Tão mau é envergonharem-se os reis, *como* enganarem-nos a eles» (Idem).
«Para o ganhar não lhe falecia *mais que* pô-lo em obra» *(Palmeirim).*
«Porque lhe lembrava que os bens *melhor* é possui-los *que* podê-los possuir» (Idem).
« Para não saber desejar *mais que* salvar-se » (Idem).
«E *menos* glória vingá-la *que* perdê-la» (Idem).
«Não tem que fazer *mais que* assentar-se» (Fernão Mendes).
«Nenhuma coisa os entristeceu *mais que* vê-lo tornar a ele» (Duarte N**.** de Leão).
«Que não poderiam *al* fazer *senão* render-se» (idem).
«Não havia *outro* remédio *senão* perder-se » (Idem).
«Respondeu que *antes* aceitaria morrer logo, *que* ver se em tal honra» (Luiz de Souza).
«Não há *negá-lo*»; «não há *fartar-lhe* a ambição»; «não há *corrigi-lo*»; «*não há conter-lhe* os ímpetos»; «não há *saciar-lhe* a gana»; «não há *amainar-lhe* a rudeza».

Sem embargo do uso constante da ênclise nas construções deste gênero, depara-nos a lição de Barros os três exemplos seguintes:

«Determinaram morrer *antes que se* leixar cativar» *(Décadas).*
«*Mais* enxotaram os mouros *que lhes* fazer outro dano» *(Ibid.).*
« Primeiro per elles quiz tentar a vontade de Affonso de Albuquerque, que se ver com elles » *(Ibid.).*

*
* *

Com os vocábulos *como, onde, quando, porque, em que* e outras locuções compostas de *onde* ou *que* antes de um infinitivo e usadas interrogativamente, é de e meneio habitual em nossa língua o emprego da ênclise.

Assim que se diz:

Como livrar-me dessa meada*? Como* defender-me*? Como* arrancá-lo daquele abismo*? Onde* esconder-me*? Onde* abrigar-me*? Por que* acusar-me*? Para que* maltratar-me assim*? Para que* cansar-se*? Por que* evitar-me*? De que* queixar-me*! Por onde* escapar-me*? De que* acusá-lo*? Quando* descartar-me deste importuno*?*

«*Por que* imitar-me o som, coar-m'o ao peito
Dos cortados ouvidos*?*
Por que lembrar-me os ditos engraçados*?*
Por que na face pálida
Renovar-me a impressão, que foi tão meiga,
Dos ósculos lascivos*?*»
(Garret).

«Mas também *como* tê-los abertos*?*» (A. Cast.).
« *Como* discriminá-lo*?*» (Idem).
«Mas *porque* repel*ir-te?*» (Idem).
«*Como* distribuí-los*?*» (Idem).
«*Como* esquivar-me no caso sujeito à satisfação de um desejo.. .*?*» (In. da S.).
« *Como* resolvê-la*?*» (A. Herc.).
« Mas *como* vingar-se*?*» (Idem).
«E *para que* apontá-los*?* (Idem).
« Mas *onde* achá-la*?*» (Mendes Leal).
«Mas *por que* afadigar-me em condenar estas calúnias, se outras mais acerbas urdiu e fabulou*?*» (Latino Coelho)

«*Como* compreender-se a sabedoria e profundeza dos decretos do Altíssimo*?*» (Camilo).
« *Para que* oferecê-la em painéis ao público*?*» (Idem).

*
* *

É proclítica ou enclítica a variação pronominal unida ao infinitivo, quando esse é precedido de qualquer preposição, havendo-se em muito, na posição do pronome, a eufonia e harmonia do discurso.

Bem é de notar que os nossos antigos clássicos davam preferência à próclise, nessas construções do infinitivo precedido de preposição; hoje, porém, os bons exemplares da linguagem usam de uma ou outra construção, atendendo, repitamo-lo ainda, à doçura e cadência da frase.

Se, todavia, é a preposição *a* a que precede ao infinitivo, recorrem os modernos escritores, pela maior parte, ao uso da construção enclítica.

Testemunhas sejam de uma e outra construção os seguintes passos:

«El-rei folgou *de os ver* e lhes foz bom gasalhado » (D. de Góes).
« Acabando o cavaleiro do Tigre *de lhe beijar* as mãos » *(Palmeirim).*
«Não contentes *de o ver* em tal estado » (Idem).
« Onde deu fim à sua vida *sem valer-lhe* nenhum socorro» (Idem).
«E tentou *de lhe beijar* as mãos» (Duarte Nunes).
«E trabalhando cada um *de se avantajar* naquela água envolta» (Luc.).
«São obrigados *a os sustentar*» (Idem).
«Ajuntou-se o convento *a lhe dar* os parabéns» (Souza).
«O pouco gosto que tinham *de se acharem* nesta santa junta» (Idem).
«*Com lhes fazer* resposta » (Idem).
« *Para lhes ficar* mais perto » (Idem).
« *Por lhe devassar* suas terras» (Idem).
«Que mais obrigação tinha *de a servir* e ajudar» (Idem).
« Parecia desnecessário *de mandar-lhe* por hora maiores declarações » (Idem).
« Para *as povoar, reger* e *governar*» (Balthazar Teles).
«Todos pregaram a boca *para defender-vos,* todos soltaram as línguas *para caluniar-vos* »(M. Bern.).
«*Até o por* em seguro » (Idem).
«Que só *de ouvir-lhe* o nome mudam a cor e estremecem» (Idem).
«Contínuo estudo *de agradar-lhe*» (Idem).

«Para *enterrá-las à* parte » (Idem).
«Começou *a ouvi-lo* » (Jac. Freire).
«Virá com a espada na boca a *socorrer-nos*» (Idem).
«Que lhes desse esperança *de ganhá-la*» (Idem).
« Para o mesmo intento de *lhe furtar* a terra » (Idem).
«Até *se juntar* com D. Álvaro» (Idem).
«Que isso não lhe dava justiça *para tomar-lhe* a capa » (Idem).
«E *sem dizer-lhes* mais do seu perigo» (Durão).
«Foge sem se domar a gente insana»(Idem).

«Por serva, por escrava te seguira,
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguaçu, que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é néscia e feia » (Idem).

«Não cansou ainda de *tratá-la* de fato como serva » (A. Cast.)
«Alumiemos-lhes o espírito que será ensinarmos-lhes *a amarem-se* e *a benfazerem-se*» (Idem).
«Há no menino um corpo medranҫoso, mas frágil; importa coadjuvar a natureza *a desenvolvê-lo*» (idem).
«Estudai-as sem pensar *em as dissecar*» (Idem).
«Levam já o fito *em dilacerá-lo*» (idem).
« Não paga *com martirizar-me*» (Idem).
«A natureza, *sobre dar-lhe* com profusa mão graças corporais, lhe bafejou espírito raro» (Idem).
«Chegou, pois, *a se refugiar* por desertos língua que a nenhuma cedera » (Idem).
«Corre *a se purificar* nas fontes vivas e copiosas de nossos clássicos» (Idem).
«El-rei comprometia-se *a deixar-lhes* levar livremente quanto possuírem » (A. Herc.).
«Esforçando-se *por altear-se à* estatura dos heróis » (Lat. Coelho).
«Amigo de Filipe *até lhe vender* Olintho» (Idem).
« Feliz e sequioso *de abeberar-se* nas límpidas fontes da amena literatura » (Idem).
«O duque, *após ouvi-los* com edificado ânimo, disse » (Camilo).
«E agora me dói do muito tempo que, *pela* não *conhecer,* desperdicei para o seu cultivo »(Cast.).
«Chorávamos ainda mais *pela ver* chorar »(Idem).

«Na faculdade de ciências administrativas se inscreveu, *pelas achar* mais chegadas e afins às ciências da natureza » (Lat. Coelho).
«O prelado *pelo* não *desconsolar* mudou o propósito » (Souza).

*
* *

É também proclítica ou enclítica a variação pronominal, unida à forma verbal infinitiva que vem depois das locuções prepositivas ou de palavras que acidentalmente assumem o papel de preposições; tais as expressões *visto, afora, não obstante, salvo, suposto, posto.* Assim é que se diz: **visto** *desencaminhar-se* ou **visto se** *desencaminhar;* **não obstante** *achar-se doente* ou **não obstante se** *achar doente,* **antes de** *dirigir-se* ou **antes de se** *dirigir;* **suposto** *vencê-la* ou **suposto a** *vencer;* **em vez de** *obrigar-se* ou **em vez de se** *obrigar;* **depois de** *obrigá-lo* ou **depois de o** *obrigar;* **salvo** *render-se* ou **salvo se *render.***

São dos melhores escritores portugueses os seguintes exemplos:

«*Salvo entregarem-se* nas mãos de seus inimigos» (D. de Góes).
«se aceitaria o Papa a renunciação, *visto ter-lh'a* enjeitado outras vezes» (Souza).
« *Visto pedi-la* o lugar» (Idem).
« *Visto* ela *se achar* em uma cama» (Fr. Lucas de Santa Catharina).
«Se *antes de perder-se* esta ovelha, perguntáramos ao pastor quanto à estimava, respondia» (Vieira).
«Há de ser contrastado por muita reação *antes de completar-se*» (Garret).
«*Antes de a saber* » (A. Cast.).
«*Antes de dar-lhe* a mão» (Idem).
« *Visto achar-se* a temperatura e o estado barométrico da atmosfera numa idiossincrasia» (Idem).
«*Não obstante me asseverar* o abade que sua majestade não estudara lógica » (Camilo).
« *Não obstante ponderar-lhe* » (A. Herc.).
« *Não obstante reputar-se* o consórcio com viúva uma espécie de bigamia aborrecida» (A. Cast.).
«*Antes de a saber* » (Idem).
« *Depois de apoderar-se* do tímido soberano» (Lat. Coelho).
«E *depois de o forҫar* com instancia» (Barata).
«*Em vez de abrigar-se*» (Idem).

«*Em vez de a enviar* » (Idem).
« *Posto havermo-lo* já outra vez repreendido » (A. Cast.).

Com os advérbios negativos *não, nunca,* os quais precedendo ao verbo no modo definito forçam a anteposição pronominal, não é raro nos bons escritores o uso da ênclise, se esses elementos gramaticais vêm antes do infinitivo:

«Porque procurava aproveitar, não escandalizar, ganhar almas, *não endurecê-las*» (Souza).
«*Não inclinar-se* somente, senão debruçar-se por terra diante de seus olhos secos» (Idem).
«*Não* vê-lo é dano meu, blasfemá-lo é injuria sua» (Vieira)
«É o mesmo que semear-se de novo e não *dá-lo à* terra para que o leve o mar» (Idem).
«Para *não desatar-se* jamais eternamente» (M. Bern.).
« Aquele *no falar-lhe* senão com ambos os geolhos em terra » (Idem)
«Colhe por fruto *não fiar-te* de semelhantes fundamentos para formar juízo das coisas» (Idem).
«Navegaram sem *nunca achar-lhe* termo» (Idem).
« Para *nunca* mais *encobri-la* » (Idem).
«*O não encetá-lo é* o que faz guardar-se tão inteiro» (Idem).
«Não *queimar-me* na fogueira de meu querido esposo »(Filinto).
« Por tudo rompi por *não perder-vos*» (Idem).
«Cumpria *não limitar-se às* simples proporções de um catálogo de livreiro » (In. da Silva).
« Sobre *não criá-los* o sítio nada reluz na poisada que os atraia» (A. Cast.).
« Possa eu *nunca* mais *ver-te* o rosto e esquecer-me, na hora de morrer, de que nessas veias gira o sangue de nossos nobres e generosos avós» (Idem).
«Era preciso ser igual a Ovídio pelo menos e *não imitá-lo* » (Mendes Leal).
«Lastimava-se como um erro funesto à realeza o *não haver-se* antecipado à revolução» (Lat. Coelho).
« *Não chamar-lhes* oriundos e nativos do solo fecundíssimo da Grécia» (Idem).
«Que puderam abandoná-lo, mas *não escarnecê-lo*» (Camilo).
«Para *não tornar-se* suspeito com a sua seriedade, ria-se também contrafeito» (Idem).

«E desafoga-se sem *nunca desafogar-se* a vingança» (Vieira).

*
* *

Nas frases negativas muito comum é entre os clássicos antepor as variações pronominais oblíquas ao advérbio negativo, quando lhe antecedem os vocábulos **que** (adj. ou conjunc. e locuções conjuntivas compostas de *que)*. **quem, o qual, cujo, se** (conjunc.). **como, onde, enquanto, quando, quanto, porquanto, embora, já, ainda, quão, para** (prep.). Testemunhas são os exemplos seguintes:

«Dize-lhe **que te não** *vendam* as pedras de teus templos » (Garret).
«**Que** homens e **que** mulheres **se não** *devem* esperar das crianças instruídas e educadas em tais ninhos?» (A. Cast.).
«E **que** invejáveis predicados **lhe não** *repartiu* com mão generosa a natureza, **lhe não** *aprimorou* a meditação, **lhe não** *aquilatou* o trato dos negócios?» (Tat. Coelho).
«Não havia gênero de letras que se não *condecorasse* com os triunfos. . .» (Idem).
«Tao estreita fidelidade **quem a não** *chamará* consórcio?» (Cast.).
«**Se os não** *colhiam às* mãos, confiscavam-lhes os bens» (Camilo).
«**Se os não** *socorrer* a tua graça, são dignos do inferno » (M**.** Bernardes).
«Se eu for vivo **quando já se não fizerem** versos, deitar-me-ei no loureiral dos cisnes que foram» (Cast.).
«**Enquanto me não disseram** que o pé e a mão delicada eram condições de um nascimento ilustre, imaginei-me filho de sapateiro, de soldado raso, de aguadeiro » (Camilo).
«É o tradutor dos dois opúsculos de Droz, cuja *leitura* se não pode *fazer* sem que, ao cabo de 2 horas, o coração se não sinta melhor » (Idem).
«Mas o amor e o ódio ambos sentenciam sem vista, um porque a não tem e outro porque a não dá» (Vieira).
«Porque nós não havemos de valer, na nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares, dos nossos comércios?» (Idem).
«Quanto me não devo eu lastimar de ver o meu Osório coberto de erratas. . .!» (Filinto).

«Quantos vocábulos e giros forasteiros se **não deparam** nos escritos de Fr. Bernardo de Brito?» (Lat. Coelho).
«Tu já me **não amas,** Georgina, tu!» (Garret).
«Já te **não via** na minh'alma» (idem).
« Porquanto se **não pode negar** que elas acertaram entre nós com mais admiradores » (Filinto).

Entre os autores clássicos também ocorrem, de onde em onde, exemplos em que entre a variação pronominal proclítica e o verbo se intercala uma ou mais palavras: Assim disse Luiz de Souza:

«Ah! dulcíssimo Jesus, no coração, é razão *que* vos *eu traga*».

Praticada essa sintaxe hoje em dia com muito menos frequência. ainda a vemos aforada sobretudo nas obras de Castilho, Latino e Camilo: Vejam-se as passagens seguintes:

«Isto não são palavras de animação que lhe eu deseje» (Cast.).
«Por isso também reina por essas duas obras uma não sei que monotonia e peso, que me agora cansa » (Idem).
« Não era o lance tão perigoso como se a eles afigurava » (Lat. Coelho).
«Recursos de imaginação se os eu tivera, não viria consumi-los em uma tarefa inglória » (Camilo).

*
* *

Quando antes do verbo no infinitivo ou no particípio presente figuram no contexto as locuções *não só, não já,* em correlação no outro membro da frase com as expressões *mas, mas ainda, mas também, senão, senão ainda,* costumam os nossos melhores escritores empregar invariavelmente a ênclise pronominal.

Assim é que se diz: **não só** *instruir-se,* **mas** *educar-se bem;* **não já** *sendo-lhe indiferente,* **senão** *mostrando-se-lhe inimigo;* **não só** *repreendê-lo,* **senão também** *puni-lo rigorosamente;* **não** só *amá-lo,* senão ainda *adorá-lo.*

Nos modelos do bom falar encontram-se os exemplos seguintes:

«*Não já pedindo-lhe, mas oferecendo-lhe* a vida temporal» (Lucena).

«O que fez foi *não só* mandar-lhe que se calasse, *mas emudecê-lo* totalmente » (Vieira)**.**

*
* *

Ensina-nos também a lição dos bons textos que com os particípios presentes se vale usualmente nossa língua das construções enclíticas, quando a essa forma verbal precedem as conjunções disjuntivas *já... já, ora... ora, ou... ou, agora... logo* e outras expressões de sentido análogo:

«*Já* chamando-lhe cálix, *já* batismo» (Vieira).
«*Já* largando as rédeas a um, *já estreitando-as* a outro » (Idem).
« *Ora beijando-lh'os, ora abraçando-o* pelos joelhos » (A. Herc.).
«Lançava os braços a uma e outra parte, como costumam as nossas pélas, *já levantando-os, já abaixando-os, já circungirando um com outro*» (M. Bern.).
«*Ora mudando-lhe* as desinências... *ora* formando palavras compostas» (Constâncio).
«*Agora revelando-me* regras, *logo insinuando-m'as* com exemplos » (A. Cast.).
« *Ora* bracejando, *ora rindo-se* » (Idem).
«*Ora* exultando de prazer, *ora recordando-se* colérico da ofensa que recebera» (Idem).
«*Ora arrependendo-se* de haver tratado tão duramente o moço Afonso Henriques, *ora ferrando-lhe* n'alma desejos de vingança » (Idem).
« *Ora afagando-o, ora incitando-o* a falar de sua vida passada » (Camilo).
«*Ora* tornando à terra, *ora afastando-se* » (Lat. Coelho).
« *Ora* tomando o bordão de peregrino para escalar as empinadas serranias, *ora embrenhando-se* na espessura das florestas » (Idem).

*
* *

É usual em nossa língua o emprego da próclise em certas frases optativas e imprecativas, nas construções em que figura o sujeito no rosto da frase: *Deus* **me** *dê paciência; Deus* **me** *livre; Deus* **o** *console; Deus* **me** *defenda; Deus* **te** *ajude; Deus* **te**

acompanhe; mil raios **te** *partam; o diabo* **o** *carregue; o diabo* o *leve; Deus* **te** *dê saúde; Deus* **te** *abençoe; Deus* **lhe** *pague, a terra* **lhe** *seja leve, Deus* **te** *dê uma boa sorte, Deus* **te** *dê o reino do céu Deus* **o** *favoreça, Deus* **o** *ouça; Deus* **lhe** *de o que deseja, Deus* **lhe** *dê muitos anos de vida; Deus* **te** *crie para o bem, bons ventos* **te** *conduzam.*

*
* *

Em algumas frases em que o pronome complemento está em relação pleonástica com outra palavra recorre nossa língua de preferência à construção enclítica, quando nenhuma palavra vem antes que force a anteposição pronominal:

> Desejos tinha-os ele muitos, frutos tinha-os em abundância, aos mestres deu-lhes Deus muitos encargos, as flores colheu-as todas no jardim, aos prisioneiros matou-os todos, as mulheres criou-as a natureza cheias de vaidades e caprichos.
> «Ao homem fê-lo Deus para mandar, aos outros animais para servir» (Vieira).
> «As cartas dela comeu-as o mar» (Idem).
> «Também todas as árvores são árvores; mas umas criou-as Deus para nos manterem; outras para nos curarem; outras pira nos abrigarem e defenderem; outra- para nos vestirem; outras para nos transportarem por terras e mares » (A. Cast.).

Disse, todavia, Latino Coelho:

> «A liberdade política dentro do mesmo século *a evangelizaram* os filósofos e *a impuseram às* velhas monarquias os canhões da revolução». «As seguintes linhas do manuscrito, por altamente significantes, *as trasladamos* neste lugar».

*
* *

Nos futuros simples o pronome complemento sempre se coloca antes do verbo: ele **nos** *dirá, tu* **lhe** *escreverás, Deus* **te** *recompensará, eles* **te** *contarão tudo.*

Às vezes, neste tempo, há a intercalação da forma oblíqua do pronome: *dir-***nos-***á, escrever-***lhe-***á, contar-***lhe-***ão tudo.*

«Dize-me com quem andas, *dir-***te-** *ei* as manhas que tens» (Adag.).

No condicional presente o pronome complemento também precede sempre ao verbo: *Eu* te *daria um presente, se estudasses, nós* **te** *recompensaríamos. se trabalhasses.*

Como ocorre no que respeita ao futuro, algumas vezes também se emprega a intercalação pronominal no condicional, dizendo: *dir-nos-ia, escrever-lhe-ias, contar-lhe-iam tudo.*

No condicional passado o pronome complemento coloca-se antes do auxiliar: *Eles* **se** *teriam prevenido,* se o soubessem.

*
* *

Com o verbo no imperativo costuma nossa língua empregar o complemento depois: *Ora, pois, dize-me a que vens, dize-me o que queres, conheces bem estas paragens, ensina-me o caminho que devo seguir, meu filho, ouve-me os conselhos, Senhor, perdoa-me.*

Encontram-se, todavia, em escritores de boa nomeada, antigos e modernos, não raros exemplos da anteposição. Tais os seguintes:

> «Vós *o recebei* como de nossa própria pessoa, e *o crede,* porque ele é o principal que para isso temos» (Damião de Góes).
> «Esse pardau, disse, *lhe dai*» (Souza).
> «Vós que só podeis fortalecer a nossa fraqueza, *nos defendei* deste cruel inimigo » (Vieira).
> « Por estas graças, que vos damos, e por estes mesmos benefícios, tão singulares de vós recebidos, *nos concedei,* Senhor, as que para os anos futuros, com igual confiança em vossa divina bondade e sabedoria, humildemente vos pedimos » (Idem).
> «O que mais convém à minha salvação só vós o sabeis, vós *o encaminhai,* vós *o disponde,* vós *o resolvei*» (Idem).
> «Não escandalizes o teu próximo, antes *te compadece* dele» (M. Bern.).
> «As causas tu *me conta,* ó musa» (Barreto Feio).
> « De quinhentistas *vos presai,* alunos» (Filinto).
> «De quinhentistas *vos honrai,* briosos» (Idem).
> «Vós também *lhe ofertai* devidos cultos» (A. Cast.).
> «Antes *lhe* inspirai mais retas intenções » (Lat. Coelho).

Nas linguagens compostas dos verbos pronominados o pronome complemento sempre precede ao particípio passado, que entra nessas formas: *Eu* **me** *tinha perturbado, eles* **se** *tinham esquecido; ele* **se** *havia portado bem; ele* **se** *havia lembrado.*

Não se diz em português: *eu tinha perturbado-me; eles tinham esquecido-se; ele havia portado-se; ele havia lembrado-se.*

Não são, logo, para imitar os seguintes exemplos de Filinto:

«*Tinha* eu feito o retrato de meu amigo e *metido-o* numa bocetinha».
«*Tinha* d'Olmancé *trazido-me* já o meu sustento nesse dia ».

*
* *

Com o particípio presente, se por ele começa a frase, é óbvia a posposição do pronome complemento; se, porém, é o particípio regido da preposição *em,* o complemento vem ordinariamente antes do particípio: *Em* **me** *vendo, fugiu; em* **me** *dizendo estas palavras, desatou em dorido pranto.*

« *Em se lhe tratando* de Deus, logo tornava em si» (Luiz de Souza).
«Mas *em lhe dando* o ar da vizinha e o cheiro que por tudo rescendia, a moça se levantou sã e salva» (Idem).
« *Em me tocando* nas orelhas, que são heregistas, já lhes não dou audiência» (F. M. de Melo).
« *Em os vendo. . .* os mandou matar a todos com uma morte cruelíssima (Fern. M. Pinto).

*
* *

Quando numa oração concorrem duas variações pronominais, das quais é uma complemento direto, outra indireto, enuncia-se primeiramente a variação que figura de complemento indireto: *Eu t'o direi, eu t'o disse, ele m'o deu. ele vô-lo disse, eu vô-lo agradeço, eu lh'o expliquei.*

«O que vos deu a virtude, não *vo-lo* pode tirar a inveja; o que vos deu a fama, não vo-lo pode tirar a ingratidão » (Vieira).
«Lidam por *no-lo encamparem* para o lugar do nosso período vernáculo» (A. Cast.).

*
* *

Quando antes de um infinitivo vier outro verbo no modo definito, acompanhados de complemento exprimido por variação pronominal, por-se-á ordinariamente depois do infinitivo o pronome complemento deste: *Desejo vê-lo; vou visitá-lo; quero ouvi-lo; convém, e mister, é preciso, é necessário puni-lo; é mister permitir-lhe a entrada.*

«Não pôde nunca mirar-lhe o coração nem amesquinhar-lhe o espírito» (Lat. Coelho). «Quisera demorar-me a contemplar o sábio diante das cenas da natureza » (Idem).
«Eu serei sua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser» (Machado de Assis).

Disse, todavia, Vieira:

«Não perdoaste a teu filho e quiseste-o sacrificar».

Há também bom número de exemplos em que o pronome complemento do infinitivo se coloca antes do verbo do modo definito. Assim é que disse Rodrigues Lobo:

«Ele que nada perdia o cuidado de se mostrar cortês, *se mandou retratar* no estado em que recebera sua visita» (Fernão Mendes Pinto).
«Ele em nos vendo *os mandou matar* a todos com uma morte cruelíssima» (Idem).
«Destes escrúpulos o *veio* a pouco trecho *aliviar* o despotismo » (Latino Coelho).

*
* *

Quando na frase vierem dois infinitivos, acompanhados de um pronome, complemento do segundo, por-se-á o pronome ou antes do primeiro infinitivo, ou entre os dois ou depois do último. Assim diremos: Sem *nos poder explicar,* sem *poder nos explicar* ou *sem poder explicar-nos.*

Quando antes de um infinitivo vem a conjunção *nem,* ligando imediatamente este a outro sem elipse de um verbo, usualmente recorre nossa língua à anteposição pronominal:

«Sem se disparar um arcabuz *nem* se desembainhar uma espada» (Vieira).
«Sem falar nem *se* lembrar » (Idem).
«Sem torcer os rostos *nem se* queixar » (Souza).
«Sem lhes guardar mais ordem de justiça, *nem os querer* ouvir de sua boa ou má razão » (Fern. M. Pinto).
« Sem atentar nele *nem lhe* saber da existência» (A. Cast.).
«Sem o aceitar em toda a plenitude *nem lhe negar* inteiramente o crédito» (A Herc.).
«Sem o saber *nem o* querer » (Idem).

Se, porém, antes do infinitivo se subentende um verbo, já enunciado, é usual entre os escritores de melhor nota o emprego da posposição pronominal. Assim que se costuma dizer em português: Não *quero vê-lo* **nem ouvi-lo;** *não quis explicar-se* **nem entender-se** *sobre o assunto, não querendo emendar-se* **nem corrigir-se;** *não pôde persuadi-lo* **nem convencê-lo;** *não procuro descontentá-lo* **nem magoá-lo.**

«Não lhe quis aceitar o partido *nem fazer-lhe* outro » (Duarte unes).
«Naquele tempo não podia ajudá-lo *nem vê-lo*» (Idem.)
«Nunca quis ver aquela mensagem *nem ouvi-la*» (Idem).
«Mas nem lhe valeu alegar as vitórias. . . *nem dizer-lhes* como o meio para os confundir não era embuçar » (Lucena).
«Nenhuma merecia tratar-se mais fundamentalmente, *nem resolver-se* com mais consideração» (Souza).
«Nem ele podia dar a quantia com boa consciência, *nem* o fidalgo *levá-la*» (Idem).
« Não se pode sacudir do pó *nem lavar-se* do lodo» (Vieira).
«Não a pôde deixar *nem apartar-se* dela» (Idem).
«E não vos hei de largar *nem apartar-me* deles» (Idem).
«Nem a Roboão aproveitou ter por pai a Salomão, nem a Nero ter por mestre a Sêneca, *nem* a César *ter-se* esmerado nele a natureza» (Idem).
«Vendo que *não* podiam fugir *nem defender-se,* mandaram à capitania dois mouros mercadores » (Jac. Freire).
«Não duvidava combater os seus mais íntimos aliados, *nem destruir-lhes* os castelos e propriedades» (A. Herc**.** *Hist. de Port.).*

*
* *

Quando o advérbio *não* modifica um verbo no particípio presente, é ordinariamente a anteposição pronominal de que se servem os bons escritores nas construções das frases. Assim é que se diz:

Não lhe sendo possível; *não o julgando* capaz disso, *não se vendo bem* acomodado, *não lhe ouvindo* os conselhos, *não me dando tempo* para responder.
«Não *me dando* nenhumas novas do mundo».
«Não *se vendo* mais que os reflexos dos lumes».

Encontram-se, todavia, os exemplos seguintes, colhidos no *Palmeirim* de Morais, em Vieira, A. Herculano e Camilo, onde é abonada a posposição:

«O imperador ficou tal, que, *não podendo-o* sofrer, se levantou e recolheu a seu aposentamento» (Palm.).
«*Não espantando-se* de suas coisas, que nelas nenhuma é de muito espanto» (Idem).
«As quais dizem que tomou o Senhor a forma de servo, *não jazendo-se,* senão feito homem» (Vieira).
«*Não pondo-o* sobre os altares, mas metendo-o na arca ou debaixo da terra » (Idem).
«*Não atando-lhe* as feridas, senão preservando-a delas» (Idem).
«Pagando tributos e *não desfrutando-os*» (A. Herc.).
«*Não desmembrando-os,* mas incluindo no grêmio municipal os nobres colonos que el-rei lhe enviara» (Idem).
«Ainda *não conhecendo-a,* ideá-la-ia, amá-la-ia» (Camilo).

Se é o *nem* que precede ao verbo no particípio presente, é igualmente a próclise de que geralmente se faz uso em nossa língua, como o confirmam os seguintes exemplos:

«Não lhes valendo sua desculpa, nem lágrimas, *nem lhe querendo* ouvir a defensão de sua inocência» Leão).
« Não sabendo a gente que fizesse *nem se atrevendo* a abalar» (Idem).
«Não acabando de crer no irmão tanta maldade, *nem se assegurando* em sua fé » *(Monarquia Lusit.).*
«Não guardando o paraíso *nem se abstendo* da árvore proibida » (Vieira).
«Não sendo tal a sua tenção, *nem lhe tendo* vindo tal coisa ao pensamento» (Idem).

Há, todavia, exemplos que autorizam a posposição pronominal. Tal é o seguinte verso do autor dos Lusíadas:

> «Não sendo seu soldado experimentado *Nem vendo-se* num cerco duro e urgente ». (Cant. X. Est. 48).

Se, porém, antes do particípio precedido do *nem* há elipse de um verbo que reja o particípio, os bons exemplares da linguagem recorrem invariavelmente à posposição pronominal, de que são exemplos os seguintes lugares:

> «Mas nem ouvindo todos a todos, *nem ouvindo-se* cada um a si, ouviam o que é a glória » (Vieira).

Neste exemplo de Vieira subentende-se depois do *nem* o verbo *ouvir,* como se fora construída a frase do seguinte modo: *Mas nem ouviam o que é a glória, ouvindo todos a todos, nem ouviam o que é a glória, ouvindo-se cada um a si.*

Do mesmo modo disse o brilhante tradutor dos *Fastos* de Ovídio:

> «Nem o próprio que o experimentou conseguiria recordar-se, *nem recordando-se,* compreendê-lo em linguagem, *nem compreendendo-o,* ser dos estranhos entendido » (A. Cast.).

Nesse passo de Castilho vê-se claramente a elipse do verbo, desenvolvendo-se assim o pensamento: *Nem o próprio que o experimentou conseguiria recordar-se, nem conseguiria compreendê-lo, recordando-se, nem conseguiria ser dos estranhos entendido, compreendendo-o.*

Disse também Camilo:

> «Sabendo que *nem adorando-o,* aumento a sua glória, *nem amando-te,* faço a tua felicidade».

Isto é, *sabendo que nem aumento sua glória, adorando-o, nem faço a tua felicidade, amando-te.*

Se o *nem* que vier antes do particípio presente, acompanhado de variação pronominal, tiver o mesmo sentido que o advérbio *não* e modificar não o particípio, senão o verbo principal, temos por de rigor a posposição do pronome, complemento do particípio, como se nota em todos os seguintes trechos:

«Pois se *nem Salomão pondo-se* do melhor de sua guarda-roupa, saiu nunca vestido como os lírios, as boninas, as fores, as ervas, o mesmo feno; que corte se pode comparar nos trajos dos seus à formosura que vestia o campo, onde estáveis d'antes?» (Lucena).

«*Nem ela, tendo-o* tão obrigado, chegou à ventura de ser obedecida de tal ré, como mãe» (Vieira).

«*Nem nos referindo-a* os podemos separar» (Idem).

« *Nem vendo-se* velho e cansado se lembrava de pátria » (Souza).

CAPÍTULO XV

Da diferença de estrutura entre as orações no latim popular e no latim clássico ou literário. Tipos sintáticos divergentes

I

Um dos fatos mais bem assentados e a que mais e mais revigoram e confirmam os estudos da filologia, é que as línguas quanto mais se afastam de sua origem, quanto mais se apuram e refinam, tanto mais claras se vão tornando, deixando as construções sintéticas pelas analíticas, acompanhando o pensamento de que são manifestação, o qual elaborando-se aspira sobretudo a luz e a clareza.

Comparando-se as construções do latim literário com as do latim popular, bem se comprova essa lei, a que se submetem todas as línguas: naquele predominam a ordem e as construções sintéticas; neste, as construções analíticas.

O latim literário era um instrumento mais apropriado aos lances violentos das paixões. às fortes impulsões e aos arroubos e ousados surtos da poesia; o latim popular e as línguas analíticas, a que deu origem, são mais apropriados a traduzir as necessidades reais do espírito, são instrumentos que mais se adaptam à precisão e à clareza das ciências.

A perda das inflexões casuais produziu com a ordem analítica a multiplicação das preposições.

O próprio imperador Augusto, segundo o testemunho do historiador Suetônio, e na idade de mais florescimento da literatura latina, reconhecia a obscuridade que a enunciação do pensamento trazia em certos modos de construção de sua língua, e muitas vezes por amor à clareza e concisão multiplicava o número das preposições e repetia as conjunções, antecipando de certo modo as construções dos idiomas modernos.

> « Præcipuam curam duxit, sensum animiquam apertissime exprimere: quod quó fácilius eficeret, aut necubi leetorem rel auditorem obturbaret ac moraretur, neque præpositiones verbis addere, neque conjunetiones sæpius iterare dubitavit, quæ detractæ aferunt aluquid obscuritatis et si gratiam augent»[115].

115. Suetônio *apud* Vilemain. **Cours de literature française.**

A ignorância das variedades dos casos pelas variedades desinenciais trouxe ao latim popular barbarismos e solecismos extravagantes, em que se notam preposições regendo casos inteiramente impróprios. Assim é que se observam sintaxes, como as seguintes: « *Donabo ad conjux, donnatio de omnia bona, in præsentiam de judices* ».

O latim literário dizia: *do panem Petro,* o latim vulgar dizia: *dono panem ad Petrum;* o literário tinha os vocábulos *felis domus, pugna;* o vulgar, os vocábulos *eatus, casa, batualia;* o primeiro dizia: *equus Petri:* o segundo, *cabalus de Petro;* este empregava as expressões *unnus de circunstantibus, monticellos de terra,* desconhecidas daquele.

As expressões clássicas *lassus viæ maris, militix, belli* contrapõem-se no latim vulgar est'outras: *lassus de via, de mari, de militiæ. de bello.*

O emprego do pronome *ille* no sentido que as línguas modernas ligam ao artigo indicativo e o uso do verbo *habere* como auxiliar, bem que não fosse um fato de todo desconhecido no latim literário, tornou-se frequentíssimo no latim vulgar com as tendências analíticas da língua.

Do século sexto por diante são muito comuns no latim vulgar as expressões: *ille pater. illa mater, illa filia, ille rex, ille teloneus* em vez de *pater, mater, filia, rex, teloneus* e as seguintes construções em que figura de auxiliar o verbo *habere: Inclussum habebat, habeo scriptum, habebat cognitum, vectigalia habebat redempta, habere donatum, habere factum.*

As flexões da voz passiva do latim clássico foram no latim vulgar substituídas pela combinação do verbo *esse* (ser) com o particípio passado do verbo a que se queria dar o sentido passivo. Dizia-se em latim vulgar: *Hoc volo esse donatum* por *hoc volo donari, omnia quæ ibi sunt aspecta por omnia quæ ibi aspectantur.*

No latim clássico, se algumas vezes se usava o verbo *esse* para formar a passiva, limitava-se esse emprego a um ou dois tempos: o *passado* e o *futuro passado.*

O latim vulgar, porém, deu-lhe maior extensão, empregando-o unido ao particípio passado, para exprimir a passiva em todos os tempos.

No latim literário muitas vezes recorriam os escritores ao verbo *habere,* seguido de um infinitivo, para significar a intenção ou o desejo de alguma coisa em uma época futura: era tomado em sentido análogo a nossa frase *ter de, ter que.*

Assim se acha em Cícero a seguinte frase: *De re publica nihil habeo ad te scribere,* nada tenho que te escrever sobre a república.

Essa construção do latim clássico deu origem ao emprego do mesmo verbo *habeo* como auxiliar, unido a um infinito para formar o futuro: *Venire habeo, respondere habeo, amare habeo* vieram substituir no latim vulgar as formas clássicas dos futuros *veniam, respondebo, amabo.* que desapareceram. Assim os

futuros de nossa língua: *virei, responderei, amarei,* são realmente tempos compostos do verbo *haver* no presente do afirmativo *(hei)* e do infinitivo dos verbos *vir, responder* e *amar,* a que aquele se aglutinou, formando um só corpo.

O mesmo processo se observa na formação do futuro de todas as línguas românicas.

No francês. por exemplo, o futuro *j'aurai* compõe-se de *j'ai* e do infinitivo *avoir, j'aimerai,* de *j'ai* e do infinitivo *aimer, finirai,* de *j'ai* e *finir, recevrai* de *j'ai* e *recevoir, rendrai,* de *j'ai* e *rendre,* infinitivo do verbo.

Todos estes fatos se explicam pelas tendências analíticas das línguas, as quais, à medida que se vão desdobrando e desfiando da síntese da língua matriz, que as enfeixa e congloba, se vão tornando mais analíticas, separando, decompondo e subdividindo os sinais que representam as ideias e os conceitos.

Tais tendencias das línguas em suas fases progressivas têm sua origem nessa necessidade de luz, que de contínuo agita o pensamento, a qual mais e mais imperiosa se torna, à proporção que se desenvolve o espírito, que elas externam e traduzem.

> «Comparem-se, assim escreve o douto Eugênio Burnouf, ao latim as línguas que dele se derivam; aos antigos dialetos teutônicos, as línguas da mesma origem; ao grego antigo, o grego moderno; ao sânscrito, os numerosos dialetos populares da Índia: ver-se-ão desenvolver os mesmos princípios, aplicar as mesmas leis: as inflexões orgânicas das línguas mais subsistem em parte, mas, em evidente estado de alteração; geralmente, porém, desaparecem e são substituídos os casos por partículas, os tempos por verbos auxiliares. Estes processos variam de uma língua a outra, mas o princípio é sempre o mesmo; é sempre **a** análise; quer uma língua sintética se ache de chofe falada por bárbaros que, em lhe não compreendendo a estrutura, lhe suprimem e substituem as inflexões, quer entregue a seu próprio curso, e, à força de cultura, tenda a decompor e subdividir os sinais representativos das ideias e das relações mesmas».

II

Tipos sintáticos divergentes dizem-se certas construções oracionais, cláusulas ou frases, que partem de um tipo sintático latino, que lhes é comum.

Assim a expressão latina *filius regis* tem como formas divergentes em português as seguintes expressões. *o filho do rei, filho de rei, o filho de*

um rei, filho de um rei, filho do rei, o filho de um rei.

A frase latina *scribendum est* corresponde aos seguintes tipos sintáticos portugueses: *deve-se escrever, devemos escrever, é mister escrever, convém escrever, é necessário escrever, cumpre escrever* etc.

A frase *nune est bibendum* tem como correspondentes os tipos sintáticos portugueses: *agora é mister beber, agora convém beber, devemos agora beber, agora devemos beber, devemos beber agora, é mister agora beber,* etc.

A frase latina *sunt qui dicant* tem como correspondentes, em português, os tipos sintáticos divergentes: *há quem liga, há homens que dizem, há pessoas que dizem, homens há que dizem, alguns há que dizem,* etc.

A expressão latina *at ita dicam* ou *ut sie dicam* tem por correspondentes em português est'outras: *para assim dizer, por assim dizer, por dizê-lo assim, para dizê-lo assim, pelo assim dizer, porque assim o diga, para que assim o diga, porque assim o digamos, para que digamos assim, para que assim o digamos* etc.

A expressão *dices* corresponde às portuguesas: *dirás, dir-se-á; fertur,* às portuguesas: *conta-se, contam, diz-se, dizem.*

CAPÍTULO XVI

Dos vícios de linguagem

Podem diversos vícios alterar a clareza, harmonia, pureza **e** exação da linguagem, desfigurando-a e defraudando-a de suas feições vernáculas.

Esses vícios ou dizem respeito a cada palavra considerada de per si, ou as palavras consideradas em seu conjunto, em suas relações no contexto do discurso.

São os principais o *barbarismo,* o *solecismo,* a *anfibologia* ou *ambiguidade,* a *obscuridade,* o *hiato,* o *cacófato* e o *eco.*

Barbarismo é o vício pelo qual se empregam palavras erradas, já em relação à ortografia, já quanto à fonologia, ou se introduzem na língua vocábulos formados contra toda a analogia, inteiramente desnecessários e contrários à índole da língua: *Perca* em lugar de *perda, amásteis, fôsteis* em lugar de *amastes, fostes poses* em lugar de *pós, polia* em lugar de *polilha, pelancas* em lugar de *pelhancas, saloba* em lugar de *salobra, crisantêmo* em lugar de *crisântemo, pensil, textil* em lugar de *pênsil, têxtil, hipodromo* em lugar de *hipódromo; ductil* em lugar de *dúctil; sejamos* (com acento na primeira sílaba) em lugar de *sejamos, pia* (de sal) em lugar de *pilha, obstróe, instroi* em lugar de *obstrui, instrui, catiçal* em lugar de *castiçal, carramanchão* em vez de *caramanchão bonecro* em lugar de *boneco, cotoco* (de vela) em lugar de *coto; alparca* (animal) em lugar de *alpaca, popalaça* em lugar de *populacho, gentalha, vulgacho, infima ralé, infima plebe crachá* em lugar de *comenda, insígnia, venera, constatar* em lugar de *reconhecer, verificar, certificar,. sastifução* em lugar de *satisfação; cocarda* em lugar de *divisa, penacho, tope* (nos chapéus militares), *barricar, barricada* em lugar de *entrincheirar, atulhar com tranqueira, trincheira, eclusa* em lugar de *comporta, represa, extração* em lugar de *linhagem, descendência, orlem, nascimento, entreti* em lugar de *entretive, desouveram-se* em lugar de *desavieram-se, inflingir* em lugar de *infligir; impor* em lugar de *embair, iludir, enganar; mistificar* em lugar de *iludir, lograr, mofar, escarnecer, chasquear; mistificação* em lugar de *mofa, escarneio, logro, laço* em que se faz cair alguém, *brincadeira, astúcia* ou *fraude; escombros* em lugar de *entulho, destroços; alterado* em lugar de *ávido, sequioso, sedento; revanche* em lugar de *despique. desforra, represália, desforço, satisfação, compensação, amparar-se* em lugar de *assenhorear-se, apoderar-se, apossar-se; costume* em lugar de *fato, trajo, traje; descosido* (no sentido figurado) em lugar de *solto, desatado, sem conexão nem propósito; proposital, propositalmente* em lugar *de*

intencional, propositado, intencionalmente, propositadamente, de propósito, sobrepensado, de caso pensado, de intento, de estudo; parchola em lugar de *pachola; pife* em lugar de *pífio; relé* (adj.) em lugar de *reles; bobeche* em lugar de *dirandela, arandela; esmagrecer* em lugar de *emagrecer; desconjurar* em lugar de *esconjurar; toilete* em lugar de *trajo, vestuário, **ves**timenta, vestidura, vestido* e *toucador* para exprimir o móvel a que de costume se compõem as senhoras, *comité* em lugar de *comissão, junta; unido* em lugar de *liso, igual, plano; susceptibilizar-se* em lugar de *melindrar-se, escandalizar-se; conducta* em lugar de *procedimento; calembourg* ou *calemburgo,* como escrevia Garret, em lugar de *joguetes de palavra, trocados, trocadilhos, equívocos; croquis* em lugar de *esboço, borrão; meeting* em vez de *união,* como sempre se exprimiram os clássicos; *banal* em lugar *de fútil, frívolo, trivial; despacho* em lugar de *telegrama; madona* em lugar de *Nossa Senhora; calcado,* no sentido de *imitado com exatidão, imitado servilmente,* do francês *calquer,* imitar com a maior exatidão: *desenho, discurso calcado sobre outro, calcar os modos parisienses* em lugar de *desenho, discurso imitação de outro, copiar, imitar os modos parisienses; entestar-se* em lugar de *obstinar-se, porfiar; carnagem em* lugar de *matança, carniceria, mortandade, trucidação; alarmante, alarmar* em lugar de *assustador, aterrador, assustar, atemorizar; afazeres* em lugar de *ocupaçoes, negócios* ou *quefazeres,* como dizia Garret; *éters, alcools* em lugar de *éteres, álcoois; confeção* em vez de *roupa, vestuário que se vende já feito; soirée* em lugar de *serão, sarau, rendex-vous* em lugar de *conferência, entrevista, prazo dado, ponto dado, parada, estância, aprazamento; supercheria* em lugar *de velhacaria, embuste, fraude, engano, trapaça, embaçadela, sortida* em lugar de *repreensão áspera e veemente, invectiva; petimetre* em lugar de *garrido, adamado, pintalegrete, casquilho, peralta, pisa-flores, taful, peralcilho, janota, arruador, quebra-esquinas, brusco* em lugar de *assomado, precipitado, coquetismo, coquete* em lugar de *garridice, tafularia, tafulice, loureira, pretensioso* em lugar de *presumido, fátuo, detalhe, detalhar, detalhadamente* em lugar *de minadência, minúcia, miudeza, minuciosidade, particularidade, individuação, relação por menor, relação circunstanciada, miudear, esmiudar, esmiuçar, esmiunçar, individuar, particularizar, circunstanciar, pormenorizar, pelo miúdo, por miúdo, circunstanciadamente, particularizadamente, individuadamente, minuciosamente, miunças* (d'alhos) em lugar de *maunças, deboche* em lugar de *devassidão. desregramento, dissolução, soltura de costume, despejo' debochar* em lugar de *depravar, corromper, prostituir, abandonado* em lugar de *despejado, sem pudor nuanças* em lugar de *meias tintas, tons, cambiantes, matizes, bizarro* em lugar de *excêntrico, extravagante, merejar* em lugar de *marejar, intervistar-se* em lugar de *avistar-se, entrave* eu lugar de *estorvo, óbice, obstáculo, embaraço, lâmpeda, abóbeda* em lugar de *lâmpada, abóbada, estantua* em lugar de *estátua, mociço* em lugar de *maciço, mulher, alheio, colher, talher,* pronunciados como se por grafia houvessem *mulér, aleio, colér, talér, descarrilhar* em lugar de

descarrilar, esgarranchar em lugar de *escarranchar, massacre* em lugar de *morticínio, mortandade, sangueira* (pop.), *solipa,* corrução do termo inglês *sliper,* em lugar de *dormente, imbróglio* em lugar de *embrulho, emburilhada, enviasado* em lugar de *enviesado, pose* em lugar de *postura, entono; azafama* em lugar de *azáfama, catraflar* em lugar de *catrafilar, evaporado* em lugar de *estouvado, leviano, tonto; barguilha* em lugar de *braguilha, quodorio* em lugar de *quod ore; escondrijo* em lugar de *esconderijo, montolia, almontolia* em lugar de *almotolia, bouquet* em lugar de *ramalhete* ou *ramilhete, feérico* em lugar de *mágico, maravilhoso, deslumbrante; formalizar-se* em lugar de *picar-se, ofender-se, melindrar-se, abajur* em lugar de *quebra-luz, guarda-luz, tapaluz, bandeira motorneiro* em lugar de *motoreiro, guarda-freio; matutagem* por *matalotagem, imposant* em lugar de *aprumo, aprumado, entono, alzibeira* em lugar de *algibeira, Brízida* em lugar de *Brígida; dessert* em lugar de *pospasto, sobremesa, postres, pesponto* em lugar de *posponto, púdico* em lugar de *pudico, ópimo* em lugar de *opimo, massacrar* em lugar de *assassinar, matar com crueza, martirizar, molestar, causticar, penível* em lugar de *penoso, trabalhoso; decano* em lugar de *decano, percisa, percurar* em lugar de *precisa, procurar; interdito* por *suspenso, atalhado, enleado. interditar, interditado* em lugar de *interdizer, interdito; adresse* em lugar de *endereço, envelope* em lugar de *sobrecarta; reclame* em lugar de *reclamo; dentrifício, dentrífico* em lugar de *dentifrício, dentífrico, debutar* em vez *de estrear, engajar, engajado* em lugar de *empenhar, empenhado.*

Solecismo é toda a falta contrária à sintaxe regular ou figurada, toda a locução ou combinação de palavras, todo o modo de travar e tecer o discurso alheio inteiramente da índole e do caráter da língua.

Tais são os exemplos seguintes: *Haviam muitas pessoas no baile* por *havia muitas pessoas no baile fazem três semanas, fazem dois meses, fazem quarenta dias* por faz *três semanas, faz dois mexes, faz quarenta dias, parecem serem* por *parece serem, parecem ser, hão de me obedecerem* por *hão de me obedecer; custei muito a fazer essas obras* por *custou-me muito a fazer essas obras* ou ainda *custaram muito essas obras a fazer; custei muito a encontrá-lo* por *custou-me muito encontrá-lo* ou *custou-me muito a encontrá-lo, deparei com muitos erros naquele livro*[116] por o *acaso* ou *tal ou tal circunstância me fez deparar muitos erros naquele livro, teve lugar a inauguração da estrada* por *efetuou-se, realizou-se, celebrou-se a inauguração* etc. *e o homem o mais sábio, o mais modesto que conheço* por *e o homem mais sábio, mais modesto que conheço* ou e *o mais sábio e mais modesto homem que conheço, estar ao fato de tudo*

116. Filinto Elysio e Garret não escrupulizaram em recorrer de quando em quando 1 essa expressão, cuja sintaxe não tem por si nem a tradição e ancianidade clássica, nem a autoridade e chancela dos escritores modernos mais asseados no dizer.

por *estar ciente, estar inteirado* ou *estar ao cabo de tudo, estar a par de tudo; ter muito amor, muito gosto pelo estudo, pela caca, pela pesca, pela música* por *ter muito amor ao estudo, ter muito gosto para a caça, para a pesca, para a música, não lhe passou desapercebido este fato, esta circunstância* por *não lhe passou despercebido este fato, esta circunstância. partilhar as ideias, os sentimentos, a opinião, a doutrina* por *participar das ideias, dos sentimentos, da opinião* ou *compartir as ideias, os sentimentos, a opinião* etc., *trazer ~ coleção* por *trazer a colação. detratar de alguém* por *detrair de alguém, dizer mal dele, deprimir-lhe a reputação, preferir antes fazer uma coisa do que outra* por *preferir fazer uma coisa a fazer outra; a que serve tanto luxo, tanta riqueza?* por *de que serve tanto luro, tanta riqueza? não saia sem eu, não vá sem et* por *não saia sem mim, não vá sem mim entre Pedro e eu* por *entre Pedro e mim* ou *entre mim e Pedro, entre vós e eu* por *entre* vós *e mim* ou *entre mim e vós, não crede, não suponde* por *não creiais, não suponhais hão de fazerem, hão de cederem* por *hão de fazer, hão de ceder, traz minhas cartas, faz fogo, diz o que ouviste, conduz este menino ao professor,* por *traze minhas cartas, faze fogo, dize o que ouviste, conduze este menino ao professor falar, enunciar-se em profeta* por *falar, enunciar-se como profeta, não havendo mais nada a tratar, levantou o presidente a sessão* por *não havendo* ***mais*** *nada que tratar* ou *para tratar* etc.; *ou bem* por *ou então* em frases alternativas, como a seguinte *ou obedecereis a lei* **ou bem** *sereis punido severamente* por **ou então** *sereis* etc., *chefe de obra* por *obra prima, primor d'arte, avançar proposições absurdas* por *aventurar proposições absurdas, abalançar-se, aventurar-se a apresentá-las dizer em si mesmo* por *dizer consigo mesmo, dizer entre si, todos dois, todas duas* por *ambos, ambas, eu tinha permitido-lhe, tinha dito-lhe* por *eu lhe tinha* ou *havia permitido, havia-lhe dito, chame ele, chame eles* por *chame-o, chame-os; pediu-me de* ***os*** *visitar* por *pediu-me que os visitasse; tirar partido* por *tirar proveito, tirar vantagem, aproveitar-se; confeccionar programas, regulamentos, projetos, estatutos* por *organizar, redigir, fazer programas* etc., *seus haveres consistem de prédios e muitas apólices federais* por *seus haveres consistem em prédios* etc., *proceder de modo, de maneira a satisfazer a todos* por *proceder de modo, de maneira que a todos satisfaz, copiado sobre uma antiga fotografia* por *copiado de acordo com uma antiga fotografia, conforme uma antiga fotografia; modelar o seu procedimento sobre o de seu amigo* por *modelar o seu procedimento pelo de seu amigo; golpe de vista, golpe d'olhos* por *olhadela, olhadura, olhar, relance d'olhos, lanço d'olhos, mirada, vista de olhos, volver de olhos, volta de olhos, empregos d'olhos, vista, lance de vista* e as vezes *perspectiva, painel; não se o compreende, não se o entende* por *ninguém o compreende, ninguém o entende, afina-se pianos, aluga-se cômodos, concerta-se relógios* por *afinam-se pianos, alugam-se cômodos, concertam-se relógios prevalecer-se da ocasião, da oportunidade* por *valer-se, servir-se, aproveitar-se da ocasião, da oportunidade* ou *aproveitar a ocasião, a oportunidade, são qualidades que repugnam entre elas* em vez de *são qualidades que repugnam entre si; mais de trinta e tantos homens*

por *mais de trinta homens, cair das nuvens* por *ficar inteiramente maravilhado* por ocorrência imprevista; *isto salta aos olhos* por *isto é de evidência imediata, é claro como o sol, como a luz do meio dia, isto entra pelos olhos, mete-se pelos olhos a dentro; aspirar altas posições, cargos elevados* por *aspirar a altas posições, a cargos elevados, eu parece-me que não obterás isso*[117]*, eu admira-me que tivesses assim praticado, eu convém-me que fiques a meu lado, eu aborrecem-me os maldizentes, eu releva-me, eu importa-me, eu apraz-me que assim procedas* por *parece-me que não obterás isso, admira-me que tivesses assim praticado, convém-me que fiques a meu lado, aborrecem-me os maldizentes, releva-me, importa-me, apraz-me que assim procedas,* ou *a mim releva-me, a mim importa-me, a mim apraz-me, erigir-se em censor, em juiz* por *constituir-se censor, constituir-se juiz, arrogar-se a autoridade de censor, de juiz, deu-me recursos para mim fazer essas despesas* por *deu-me recursos para eu fazer essas despesas* ou, calando o pronome sujeito do infinito, *deu-me recursos pera fazer essas despesas, a barbas enxutas* por *a bragas enxutas, senhor de braço e cutelo* por *senhor de baraço* e *cutelo; ter largas vistas, lançar suas vistas* por *ter largos ou grandes intuitos, grandes projetos, lançar a vista, lançar os olhos ter a recear, a temer muito de seus inimigos, ter deveres a cumprir, ter obrigações a fazer, ter queixas, reclamações a fazer* por *ter que recear, ter que temer muito, ter de cumprir deveres, ter deveres para cumprir, ter de satisfazer obrigações, ter de fazer queiras, reclamações* etc. *abstração feita* por *fazendo abstração;* objecto *em questão* por objeto *de que se trata pequeno litro, pequeno sopro, pequeno seminário, pequena refeição, pequena choupana, pequeno lar, pequeno canto, pequena mão, o puno Carlos, o pequeno João, pequeno pedaço* por *livrinho, livreco, leve sopro, seminário pequeno, breve refeição. humilde choupana, humilde, obscuro lar, cantinho, mãozinha, breve mão, Carlinhos, Carlito, Joãozinho, Janico, pedacinho, as pequenas flores do campo* por *as florinhas do campo, as mimosas fores do campo, as boninas do campo,* e *mais forte que ti* por é *mais forte que tu de resto* por *todavia, porém, contudo; isto não obstante, apesar disso, a despeito disso, ainda assim*[118]; *guardar o leito* por *estar de cama* ou, como diziam os nossos clássicos, *estar em cama, estar sobre suas guardas* por ***estar*** *prevenido, andar de sobre aviso, conhecido do estrangeiro, mandar vir do estrangeiro* por *conhecido fora do país, mandar vir de fora do pais, de país estrangeiro, crime de lesa-patriotismo* por *crime de leso-patriotismo, o bom Deus* por *nosso Senhor, o Pai do Céu, influi sobre* a existência por *influi* na existência; *insistir sobre* alguma coisa por *insistir em* alguma coisa; *regular-se sobre* alguém em vez de *regular-se por* alguém, *fazer as delicias* em vez de *ser as delicias, cair nas boas graças* de alguém em

117. A locução *eu parece me* é censurada, e julgamos com razão, pela maior parte dos gramáticos, é, todavia, empregada por Almeida Garret e outros.

118. A expressão *de resto,* que é geralmente censurada, encontra se, todavia, em Alexandre Herculano e Camilo.

vez de *cair-lhe na graça* ou *em graça, no fundo* estes escritores estão acordes em vez de *na substância, no essencial, no principal, substancialmente, essencialmente,* estes escritores estão acordes, *abordar um assunto, uma questão* por *tratá-la, ventilá-la, discuti-la, obras, artefatos, lavores em prata, em ouro, em platina* por *obras,* ***artefatos, lavores de prata, de ouro, de platina, estátua em bronze,*** ***em*** *ouro* por *estátua de bronze, de ouro, mesa, colunas, escadas, balaustrada em mármore* por *mesas, colunas, escadas, balaustrada de mármore, homem, soldado, guerreiro, intemerato* por *homem, soldado, guerreiro destemido, intrépido, denodado, sem temor. Intemerato* diz-se em bom português no sentido de *inviolável, sem mancha, puro, incorrupto.* E muito conhecida a expressão *Virgem intemerata,* aplicada à Nossa Senhora, e o epíteto de *intemerata* com relação à *verdade, a fé, a virgindade. Intemerata* vem do verbo latino *intemerare, atum, are,* cujo tema nada tem que ver com o tema de *timere (temer), timoratus,* (*timido, medroso*). *Temerare* quer dizer *manchar, profanar, desonrar,* a que o *in* privativo lhe dá sentido oposto.

Quando numa frase de dois membros começa o primeiro pelas conjunções *quand, comme, si, puisque,* é muito comum no francês o uso da conjunção *que* antes do segundo membro, que se liga assim ao primeiro. Vertendo a letra tais frases em português, é de todo alheio da índole de nossa língua fazer conta do *que* do segundo membro da construção francesa, copiando-o servilmente.

Tais são os seguintes passos, em cuja tradução para o português deve elidir-se esse *que:*

> « Neptune, **quand** il élève son trident, et qu'il menace les flots soulevés, n'apaise point plus soudainement les flots » (Fénelon, *appud* Bescherele).
>
> «**Comme** l'ambition n'a pas de frein, et **que** la soif des richesses nous consume tous, il en résulte que le bonheur fuit à mesure que nous le cherchons» (**Th.** Corn., Idem).
>
> «**Si** Voltaire eut également soigné toutes les parties de son style, et **qu'il** eut plus tendu à la perfection qu' la fécondité, il serait incontestablement le premier de nos poétes» (Palissot, Idem).
>
> «Puisqu'on plaide, et **qu**'on meurt, et qu'on devient, malade, Il faut des médecins, il faut des avocats» (La Fontaine, apud Bescherele).

Em português, suprimindo o *que* do segundo membro, dizemos limpamente:

> «Quando Neptuno levanta seu tridente e ameaça as vagas revoltas, não as amaina mais repentinamente».

> «Como a ambição não tem freio e a sede das riquezas nos consome a todos, resulta que a felicidade foge à medida que a procuramos».
>
> «Se Voltaire tivesse igualmente limado todas as partes de seu estilo e aspirado mais à perfeição que à fecundidade, seria incontestavelmente o primeiro de nossos poetas».
>
> «Já que o homem pleiteia, adoece e morre, é mister que haja médicos e advogados ».

Corre outro tanto, quando o primeiro membro da frase principia no francês pelas conjunções ou locuções conjuntivas *quoique, lorsque, tandis que, après que, jusqu'à ce que* e outras, em que o segundo elemento componente é a conjunção francesa *que:* na tradução para o português nunca se enuncia o *que* do segundo membro da frase, sem cair em censurável galicismo.

Os substantivos franceses adjetivados, designativos de cores, tais como *paille, marron, lilas, crème, orange, citron, saumon, grenat,* sempre invariáveis em tais casos, transladados à letra em nossa língua, produzem expressões alheias do bom falar português. Assim, em vez de *sedas lilás, veludos marrom, vestidos creme, noisete, fitas, tafetás, limão, laranja, cereja, carmim, luvas gris-perle, blusas grená,* como descuradamente é correntio no falar vulgar, em que tão mal se disfarça e confeita a estranha vestidura, devemos dizer: *vestidos cor de palha, cor de castanha, sedas cor de lilás, cor de salmão, cor de cereja, de avelã, de limão, de laranja, de creme, de carmim, luvas cor de pérola, blusas cor de granada* ou *de romã,* e, analogamente, comparando a cor do objeto com a de objetos comumente conhecidos: *cor de telha, cor de cinza, cor de barro, cor de rosa, cor de tijolo, cor de lírio, cor de carne, cor de flor de algodão, cor de chumbo, cor de abóbora, cor de rapé, cor de ouro, de azeviche, de canela, de azeitona, de casca de carvalho, de melão, de rubi, de púrpura, de vinho, de café, de ferrugem, de chocolate, de enxofre, de gema d'ovo, de sangue.*

Colocamos, pois, na classe dos *barbarismos* e *solecismos* todos esses *estrangeirismos* escusados, todas essas palavras e construções que se não adaptam ao gênio de nosso idioma, que tendem a desfigurá-lo, roubando-lhe a pureza e graça nativa, desvirtuando-o e defraudando-o de suas feições vernáculas.

Isto não obstante, havemos por necessária a introdução em nosso idioma de alguns vocábulos, que, formados por boa analogia, não pertencendo embora ao fundo tradicional da língua, correndo com o cunho ou selo nacional, sem lhe desvirtuarem o caráter, concorrem para lhe enriquecer o vocabulário, fazendo-a corresponder ao movimento progressivo dos povos que a falam.

> «. . . . . *Licuit semperque licebit*
> *Signatum praesente nota producere nomen».*

Nenhuma língua há, por mais abundosa que seja, por mais copioso e opulento que tenha o seu vocabulário, que, não por míngua ou pobreza, senão por uma condição ligada à sua própria vitalidade, como instrumento do homem na vida social, não recorra a um ou mais idiomas para com propriedade e exação exprimir na linguagem todas as necessidades do espírito. «*An hoc dubium est quin neque verborum tanta copia sit, non modo in nostra língua quae dicitur esse inops, sed in alia quidem ulla, res ut omnes suis certis ac propriis vocabulis nominentur?*» (Cic.).

Se o pensamento é o verbo interior, a palavra é o pensamento fotografado, que transparece vivamente na linguagem, quais entrevistas de ouro através de vestes brilhantes e diáfanas.

«A linguagem», disse-o muito sensatamente A. de Castilho, «é consequência e causa, companheira e condição de todo o progresso social. É, pois, fanatismo, além de absurdo», continua o mesmo escritor, «pretender, como alguns, que a linguagem, uma vez chegada a certo desenvolvimento a que aprouve chamar-se clássico, se conserve nele perpetuamente estacionada; é negar a perfectibilidade, lei suprema da Providência ».

Chama-se **anfibologia** ou **ambiguidade** o vício pelo qual se dá tal construção à frase, que esta apresenta dois sentidos diversos:

«Batto, que em dura pedra converteu
Mercúrio, pelos furtos que revela »
(Lobo).

«Ama o povo o bom rei e é dele amado » (A. Ferreira).
«Heitor Achiles chama a desafio » (G. Pereira).

Obscuridade é o vício de linguagem que consiste em construir a frase, de modo que se torna seu sentido obscuro e embaraçoso:

«Certo é que quaisquer histórias muito melhor se entendem e lembram, se perfeitamente e bem ordenadas, que o sendo por outra maneira » (F. Lopes).

«..... que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno»
(Cam.).

O *arcaísmo,* o *neologismo,* as *elipses* e os *hipérbatos* viciosos, as *inversões* afetadas, a *ambiguidade,* os *parêntesis* extensos, o emprego exagerado dos *homônimos,* a

acumulação das orações *incidentes,* a *perissologia,* as *circunlocuções,* os períodos demasiado longos e a má pontuação, são circunstâncias que, pela maior parte, trazem ao discurso o vício da obscuridade.

Hiato é a concorrência de vozes que produzem um soído desagradável:

«*Há almas* cativas do dinheiro ».
«Tanto mais vale o dinheiro se *à arte se ata*» (C. Ferreira).

Ao concurso dos mesmos sons dá-se o nome de **eco:** *Coração são de paixões. De longe venho, porque tenho empenho de te ver. Clemente sente constantemente dores de dente.*

«Lançar habilidosamente *mão,* entre um sem número de razões que resolvam a condenação, da que com o auxílio de uma interpretação vem a favorecer o réu, e o faz merecedor de perdão, talento é superior e sempre digno da nossa admiração ». (J. R. de Vilalobos e Vasconcelos, cit. por A. F. Barata).

O *eco* é tolerado em poesia, dando-lhe até às vezes, quando empregado com gosto, certo sainete de graça e vivacidade, como no seguinte passo de Felipe Leite no seu *Ramalhetinho da Puerícia:*

«Quereis saber tudo?
Um dia de entrudo
Deixaram-no ir só
À casa da avó,
Fez la tropelias
E más criações
De marca tamanha,
Que às Ave-Marias
Em papos de aranha
Andou à saída:
E por despedida
Levou beliscões,
Levou cachações,
Levou pescoções,
Levou bofetões,
Sem saber de quem...»
(L. F. Leite).

Cacófato é o concurso de consoantes ásperas da mesma espécie ou de sílabas ou palavras que produzem um vocábulo, que é sinal de uma ideia ridícula, torpe ou desonesta, ou que a excita e desperta:

«*Hás no* dizer tantas graças,
Que eu *as não* posso contar ».
«Sofrer aqui não pôde o *Gama mais*». (Cam.).

«Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá *nunca cansado* ».
(Cam.).

O concurso das consoantes ásperas, porém, para produzir certos efeitos de elocução, adaptando-se àquele artifício do estilo a que se dá o nome de *harmonia imitativa,* nem sempre se deve reputar vicioso. Só o gênio sabe *fina e afinadamente* sangrar as minas preciosas das línguas, sondar-lhes, colher-lhes e recolher-lhes os tesouros escondidos, apurando-lhes os quilates, como fez Camões, numa de suas *Éclogas,* dizendo: «As roucas rãs soavam ».

E o maravilhoso e inimitável tradutor dos *Fastos,* nos seguintes versos:

«Súbito foge o sol, negrejam nuvens;
O céu se obumbra; horríssono chuveiro
Se desata precipite; rebrama
Trovão tetro; relâmpagos tremulam;
Roxos coriscos pelas sombras giram;
Foge-se.....».

Enumerando os requisitos do orador, exemplifica-nos Cícero o efeito desagradável das consoantes ásperas ainda na prosa, quando, querendo-o sempre doce e harmônico, lhe inculca **o** ditame - *ac nula re rudis.*

O *ac nula re rudis* é a um tempo preceito e exemplo.

Há uma sorte de *cacófato,* que se denomina *colisão* e que reside no emprego de articulações ásperas e sucessivas: *Rosa rompeu o roupão, às duras e rudes rochas de granito.*

«As armas e os barões assinalados
Por mares nunca dantes navegados »
.....
.....

CAPÍTULO XVII

Dos Idiotismos, Brasileirismos, Provincianismos

Idiotismos são locuções, frases e modos de construir o discurso próprios de um idioma em particular.

Não há língua que não tenha os seus idiotismos: essas locuções subtraem-se pela maior parte as regras e às leis gramaticais; são louçainhas que adornam e engraçam às línguas, traduzindo o que estas têm de próprio, de ingênuo, de nativo e original.

Os idiotismos têm nomes particulares conforme o idioma a que se referem. Assim os de nossa língua se chamam *lusitanismos, lusismos* ou *portuguesismos;* os da língua francesa, *galicismos* ou *francesismos;* os do inglês, *anglicismos;* do espanhol, *espanholismos* ou *iberismos;* do italiano, *italianismos;* do latim, *latinismos,* do grego, *helenismos* ou *grecismos,* do hebraico, *hebraísmos* ou *semitismos.*

Entre os idiotismos portugueses nota-se a existência de um *infinitivo pessoal,* isto é, de um infinitivo que se modifica e varia para exprimir acessório de pessoa: *Amar eu, amares tu, amar ele, amarmos nós, amardes vós, amarem eles.*

Esta particularidade só a possui a língua portuguesa e o galego, seu dialeto[119].

Outro *idiotismo* de nossa língua é o emprego de certos nomes no plural, quando o sentido pediria, pelo contrário, o singular. Assim se diz: *dar os bons anos a alguém, dar-lhe as boas festas, dar-lhe as boas-vindas,* e não *dar-lhe o bom-ano, a boa-festa, a boa-vinda; que horas são?,* e não *que hora é? dar as boas noites, as boas tardes, dar os bons dias,* e não *dar a boa noite, a boa tarde, o bom dia, a boas horas chegaste!, a que horas chegaste?,* e não *a boa hora chegaste !, a que hora chegaste?; a quantos estamos do mês?, quantos são hoje do mês?* e não *a quanto estamos do mês?, quanto é hoje do mês?* etc.

Verdade é que em algumas dessas frases fora talvez mais gramatical e lógico o emprego do singular, de que mais raramente se usa; mas seria menos natural: as locuções perderiam o seu caráter idiomático, que nem sempre se compadece com as regras da gramática ou as sugestões da lógica.

Nas frases: *eu é que sei, tu é que sabes, nós é que sabemos, vós é que sabeis, eles é que sabem* e noutras análogas, em que depois dos pronomes *eu, tu, nós* vós, *eles* vêm o verbo ser num número ou pessoa que não parece consoante às regras

119. João Ribeiro. **Gram. Port.**

gramaticais, há também um *idiotismo,* que resiste à análise e a que a nossa língua constantemente recorre:

«Nós *é que não sei* se o sabemos » (A. Herculano).

«*Eu* é *que sou* herói, Marília bela,
Trilhando da virtude a honrosa estrada»
(Gonzaga).

A partícula expletiva *do* antes de *que* para ligar os dois termos de uma frase comparativa, pode também considerar-se como um *idiotismo* de nossa língua:

«Nenhuma ação mais dramática, mais trágica *do que* esta» (Garret).
«Nenhuma coisa deu a natureza ao homem melhor *do que* o engenho» (Bluteau).

A expletiva *de* na expressão *a fim de que é* também um *idiotismo* da nossa língua.

São, enfim, considerados *idiotismos* portugueses todas as expressões, todos os modos de dizer que não têm verdadeiros e exatos correspondentes nos outros idiomas, sendo totalmente particulares ao nosso.

Tais são as seguintes expressões e frases; *Por artes de berliques e berloques, casamento, festa à capucha; a trochemoche; lenga-lenga; lufa-lufa; dar as gâmbias; dar sebo às canelas; sem dizer água vai; sem tir-te nem guar-te; lua com circo, água traz no bico; sem pés nem cabeça; e sem que nem para que; não pôr pé em ramo verde; tremer como varas verdes; é um pé de boi; entradas de lião e saídas de sendeiro; estar com a caninha n'água; esperar pela vinda de el-rei D. Sebastião; fino como lã de cágado; andar com pés de lã; ir buscar lã e sair tosquiado; chorar pelas cebolas do Egito; chorar pitanga; el-rei tem costas; andar a matroca; correr a matacavalo; há de ver por um óculo; febre de assar ovos; está bem de seu; eu sou meu velho; estou meu cansado; eu sou meu pobre; estou meu quieto; meu sossegado; ele anda seu triste; é seu moço; pode fazer destas proezas; comprar nabos em saco; Aí vem Maria-das-pernas-compridas, isto é, Aí vem a chuva; há de dar bom burro ao dízimo; o não sei que diga do taverneiro, ou o taverneiro de não sei que diga; procurar o homem da capa preta.*

Além dos *idiotismos,* outros modos singulares e excepcionais, outros fatos existem na língua, que se distinguem dos *idiotismos,* por não serem peculiares a um idioma, senão comuns a muitos, e a que se tem dado a denominação de *anomalias gramaticais,* e que com mais propriedade talvez poderíamos denominar *anomalias idiomáticas.*

Essas anomalias, portanto, formam um gênero, de que são espécies os *idiotismos.*

Neste caso estão as seguintes frases construídas com os verbos *haver, fazer, ir. Houve grandes festejos no Brasil pela promulgação da humanitária lei que aboliu a escravidão, não há nem pode haver homens de mais abnegação, na discussão daquele projeto houve muitos discursos importantes, faz hoje quatro meses que não o vejo, vai para quinze dias que jantou comigo, faz dois anos que não me escreve, dar com os burros n'água, pôr os podres de alguém na rua, tem muito de seu, tem alguma coisa de seu, é muito do rico, e muito do orgulhoso.*

Identificando a sintaxe do verbo *ter* com a de *haver* neste sentido, diz erradamente o vulgo: *Na quinta de Carlos tem muitas frutas,* em lugar de *há muitas frutas, na cidade tem muito lindos arrabaldes,* em lugar de *há muito lindos arrabaldes, teve hoje reunião dos acionistas da companhia,* em lugar de *houve hoje reunião dos acionistas da companhia.*

Entre as *anomalias* deve também incluir-se o uso do *que* e do *de* ou *do* expletivo em frases como as seguintes: *Que lindo que é aquele sítio!, que valentes que foram aqueles soldados! o ladrão do taverneiro, o bobo do menino, o ambicioso e sovina do agiota, o traquinas do Pedrito quebrou o braço; o pobre de mim, o pobre do cego,* e certos modos de dizer, que têm seus correspondentes noutras línguas, embora sintaxe diferente os explique; tal é a conhecida frase: *dar às de vila Diogo,* que responde à espanhola: *tomar* ou *coger las de vila Diego.*

Brasileirismos são vocábulos ou locuções da língua portuguesa falada pelos Brasileiros, ou modos de dizer especiais do idioma luso-brasileiro.

Os *Brasileirismos* ou são *léxicos* ou *sintáticos:* os primeiros respeitam às palavras, já consideradas em seus elementos fônicos, já em sua própria forma; os segundos dizem respeito à frase, ao tecido mesmo do discurso.

Dentre os *brasileirismos léxicos* notam-se certos vocábulos tomados às línguas e aos dialetos americanos e africanos, tais os seguintes, que a língua timbra com a chancela nacional: *tapera, caipora, cacique, quilombo, quiabo, maniva, tocaia, tujupar, tabu, taquara, acaçá, taquari, umbu, açu, mirim, peva, pindoba, pucumari, patativa, piaçava, jiló, mucujé, sucuruiuba, sapiranga, sicopira, lundu, oiti, taba, cuia, taboca, muriçoca, sururu, guaiamu, cutucar, imbira, cupim, coivara, coco, coité, catapora, carimã, cara, patuá, sagu, samba, samburá, traíra, uru, urupema, tanga, xará, tipoia, arapuca, moquem, moqueca, mucuim, monde, mingau* e os vocábulos de tratamento infantil *nhonhô, nhanhã, nenê, iaiá, ioiô.*

A pronúncia das vozes portuguesas, principalmente das mudas ou surdas que precedem ao acento fonético, não é a mesma do idioma português falado no Brasil que a ouvida entre os portugueses. Assim nos vocábulos *beleza, verdade, tomar, trocar, colega, passar, fazer, Alemanha, alquebrar, polegada, jornal, mortal,*

molhar, mostrar, memória, menino, gostar, dicionário, veloz, telhado, semana e noutros análogos, é notavelmente sensível a um ouvido bem educado a diferença fonética que estes vocábulos lhe oferecem nos dois países.

Corre o mesmo com a primeira voz dos vocábulos *vadio, sadio, ativo, corado,* em que o *a* e o *o,* abertos e longos, se tornam, entre nós, breves e surdos; entretanto, ao *a* breve da preposição portuguesa *para* damos a pronunciação do *a* longo, identificando-o neste ponto a prolação do penúltimo *a* da terceira pessoa do indicativo presente do verbo *parar.* Outrossim pronunciamos sem distinção o *e* longo e bem aberto do verbo *pregar* (sermões), e o *e* do verbo *pregar* (pregos), que foi sempre pelos Portugueses pronunciado breve e surdo.

Os vocábulos - *paixão, baixo, caixa, caixeiro, deixar* e outros análogos são no Brasil pronunciados, em geral, como se se escrevessem com *a* ou *e* simples e não com os ditongos *ai* ou *ei,* cujas vozes componentes se fazem bem ouvir em Portugal.

Na sintaxe notam-se também *Brasileirismos,* entre os quais predominam as construções em que são dispostos os pronomes complementos de modo contrário à ordem que, no tecido da frase, sempre lhes deram os escritores, textos desenganados do bom dizer.

Assim não é raro encontrar frases como as seguintes: *o homem que preza-se,* em lugar de *o homem que* **se** *preza; quem avisa-me meu amigo* é, em lugar de *quem* **me** *avisa meu amigo* é; *o homem cuja casa incendiou-se,* em lugar de *o homem cuja casa* **se** *incendiou; o escritor cujo estilo admira-se em todo o país,* em lugar de *o escritor cujo estilo* **se** *admira em todo o país; quando viu-se perdido, desanimou de todo,* em lugar de *quando* **se** *viu perdido, desanimou de todo; quando encontrar-se comigo, eu lho direi,* em lugar de *quando* **se** *encontrar comigo, eu lh'o direi; se eles fizerem-se,* em lugar de *se eles* **se** *fizerem; não conheço-os,* em lugar de *não* **os** *conheço, não apanharam-no desapercebido,* em lugar de *não* **o** *apanharam desapercebido, não far-lhes-ei injustiça,* em lugar de *não lhes farei injustiça; nenhum homem viu-***se** *em tantas dificuldades, como aquele ministro,* em lugar de *nenhum homem* **se** *viu em tantas dificuldades* etc.*; é um país onde* vive-se *com pouco,* em lugar de *é um país onde* **s**e *vive com pouco; sempre estimei-o e respeitei-o, em* lugar de *sempre* **o** *estimei e respeitei; nunca* **vi-o** *tão alegre,* em lugar de *nunca* **o** *vi tão alegre; quem atreveu-se a tanto?,* em lugar de *quem* **se** *atreveu a tanto?; onde* **viu-se** *tanta audácia, tanta imprudência,* em lugar de *onde* **se** *viu tanta audácia, tanta imprudência?; como viu-se preso, Logo que viu-se preso, visto que* viu-se *preso, tanto que viu-se preso,* em lugar de *como* se *viu preso, logo que* se *viu preso, visto que* só *viu preso, tanto que* **se** *viu preso.*

Provincianismos ou **provincialismos** são modos de falar particulares a uma província ou a uma circunscrição maior ou menor de um país.

São conhecidas as corruptelas que introduzem na língua portuguesa os diversos modos de falar, peculiares às diversas divisões territoriais do mesmo país.

Tais corrupções não respeitam somente a modificações prosódicas dos vocábulos, senão muitas e muitas vezes à significação mesma dos termos, que nem sempre se tomam exatamente no mesmo sentido em Portugal e no Brasil.

No Minho é notável a tendência para transformar o *o* fechado, longo, e o *u* longo em *õ, ũ,* nasalados, sendo muito comum entre os habitantes dessa província ouvir dizer: *bõa, ũa, lũa,* em vez de *boa, uma, lua.*

No Algarve os vocábulos *pedir, pedaço, cegueira* são pronunciados como se se figurassem *pilir, pidaço, cigueira,* outras vezes trocam o *i* pelo *e*: em vez *de fizer, fizera, dizer,* dizem *fezer, fezera, dezer.*

Os habitantes do Minho fazem ainda as permutas do *b* e ***v,*** dizendo *binho* por *vinho, fevre* por *febre, berde* por *verde, lovo, vraço, São-Vento* por *lobo, braço, São-Bento, bisconde* por *visconde, barão* por *varão.*

Nos coimbrenses nota-se-lhes o defeito da intercalação de um *i* para evitar o *hiato.* Assim dizem: *a-i-alma* em vez de *a alma, a-i-aula* em vez de *a aula, a-i-água* em vez *de a água.* Na Beira observa-se o vício de transformar o *ou* em *oi,* dizendo os beirões, *coive, oivir* em vez de *couve, ouvir.*

Os habitantes da própria capital portuguesa não se isentam de provincianismo, pronunciando *mensa, manjor,* em vez de *mesa, major, todo dia, todo tempo,* em vez de *todo o dia, todo o tempo.*

No Brasil há muitos *provincianismos,* observados já nos estados do norte, já nos do sul do país.

Na Bahia, além de muitos americanismos, limitados a essa circunscrição do país, e que se estendem às vezes ao estado de Sergipe, referentes pela maior parte a produções animais ou vegetais, peculiares aos dois estados, a utensílios e termos da arte culinária, notam-se alguns outros provincianismos. Assim é que se não ouve bem distintamente o *l* molhado (*lh)* na pronúncia das palavras *mulher, bilhete, alheio, colher, talher,* dando-se a estes vocábulos a prolação do *l* simples.

Também é comuníssimo ouvir da boca de muitos as expressões *me parece, me perdoe, me deixe,* em lugar de *parece-me, perdoe-me, deixe-me* e a locução admirativa *oh gente!* pronunciada como se escrita *oh chente!*

Abusa-se ainda habitualmente do advérbio *mesmo,* pospondo-o ao adjetivo ou substantivo, e dando-se-lhe uma significação superlativa. São comuns e trilhadas as frases: *Pedro é soberbo mesmo, é sabido mesmo, é inteligente mesmo, tem dinheiro mesmo.*

No Pará é habitual o trocar o som do *o* ou *ou* por *u* e vice-versa, dizendo-se; *canua* por canoa; *cuco* por coco, *pupa, prua,* por popa, proa; *Jouca* por Juca.

Do Rio de Janeiro para o sul os sons das vozes, *e, o* vão se tornando de mais a mais agudos. Assim no Rio se pronunciam as locuções adverbiadas - *de tarde, de noite, de manhã, aparecer, desaparecer,* como se fossem escritas *dê noite, dê tarde, dê manhã, aparecer, desaparecer.*

Essa acuidade de sons, já sensível na capital dos Estados Unidos do Brasil, torna-se muito mais notável em S. Paulo e no Rio Grande do Sul, onde se ouvem as expressões - *dê noite, dê tarde, dê manhã, feche, colégio, dê pressa, copinho, moderno, um conto dê réis,*

No último destes Estados é notável o emprego de certo número de interjeições convencionais, desconhecidas nos outros Estados, certos modos de dizer, a que dá origem à vizinhança das repúblicas espanholas. Os nomes *churrasco, charque, charqueada, estancias* são provincianismos, que ali se ouvem frequentemente.

Na capital do país é para notar o uso do advérbio *sim* interrogativo imediatamente depois de uma oração, para consultarmos a aquiescência ou consentimento de alguém com respeito a realização do ato ou ação contida na proposição anteriormente enunciada: *Vens jantar conosco amanhã. Sim? ele te ama com muito afeto. Sim? Tu gostaste muito do Rio. Sim? És muito feliz com teu marido. Sim?*

Esse *sim* interrogativo, que se pode considerar como um *provincianismo,* difere do *sim* interrogativo, empregado só e absolutamente, e que exprime a admiração e estranheza a respeito de um fato ou ação que se nos diz ou relata. Assim, dizendo-se-nos que tal ou tal homem foi chamado para fazer parte de uma comissão importante, acudimos logo comi um *sim* interrogativo: *Sim?*

O primeiro *sim,* que é um *provincianismo,* equivale à expressão francesa - *n'est-ce pas?* ou a nossa frase *não é assim?* O segundo, porém, que não é um *provincianismo,* corresponde às locuções portuguesas *de veras?, é certo o que dizes?, não estarás por ventura iludido?, não será gracejo teu?* ou a outras de sentido análogo.

Na conversação é usual também entre os fluminenses o uso desapropositado do verbo *saber* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, sem relação alguma gramatical com os elementos da frase, em que se ele intercala, como parêntesis, constituindo uma espécie de veso ou sestro no falar.

Com os residentes na capital do país difícil é entreter uma conversação, por breve que seja, que nos não venha, amiúde, ferir o ouvido esse repisado *sabe,* empregado sem propósito, estrangulado, porque assim o digamos, entre os elementos da frase, onde inutilmente figura.

CAPÍTULO XVIII

Das Figuras de Sintaxe

Figuras de sintaxe são os desvios intencionais da construção ordinária das palavras.

As principais figuras de sintaxe são: a *elipse,* a *zeugma,* o *pleonasmo,* a *silepse,* a *anástrofe* ou *inversão,* o *hipérbato,* a *enalage,* a *repetição,* o *assíndeto,* e o *polissíndeto*

Elipse é uma figura pela qual, para dar mais rapidez à expressão, se suprimem palavras que a construção gramatical exige, as quais facilmente se subentendem:

> «Em Dina matou a formosura a Sichem; em Dalila matou a Sansão; em Judith matou a Holofernes; em Helena, a toda a Troia; em Lucrécia, a toda a Roma; em Florença, a toda a Espanha» (Vieira).

Neste exemplo de Vieira nota-se a elipse do sujeito na segunda e terceira oração do período; do sujeito e do verbo na quarta, quinta e sexta oração.

Das figuras de sintaxe é a *elipse* a de uso mais geral nas construções gramaticais: a cada passo deparam-se-nos exemplos desta figura, já na linguagem familiar e correntia, já no estilo elevado: *Adeus, bons dias, boas noites, até amanhã, até logo, hoje por mim, amanhã por ti, aqui d'el-rei!, Deus te ajude, valha-me Deus, umas em cheio outras em vão, não dizer uma nem duas, Jazer uma das suas, essa é boa, essa cá me fica, que de Francisco, que dele?, a direita, esquerda, em maus caminhos, há maus encontros, é por estas e outras que aborreço os políticos, os políticos sim, não a política, mais vale barriga cheia que barbas untadas a grande cão, grande osso.*

Em nossa língua faz-se geralmente elipse do sujeito da oração, quando é indicado pelos pronomes, sempre que do emprego desta figura não resulta equívoco ou obscuridade.

> «Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, dura, informe; e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem: primeiro membro a membro, e depois feição por feição até a mais miúda: ondea-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços,

espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos;
aqui desprega, ali arruga, acolá recama; e fica um homem perfeito»
(Vieira).

Falando-se, porém, com ênfase, ou fazendo-se contraste de pessoas ou coisas, repete-se o pronome sujeito:

«E *eles* (o amor e o ódio) são os que pesam os merecimentos; *eles* os que qualificam as ações; *eles* os que avaliam as prendas; *eles* são os que repartem as fortunas; *eles* são os que enfeitam e descompõem; *eles* são os que pintam ou despintam os objetos, dando e tirando a seu arbítrio a cor, a figura, a medida e ainda o mesmo ser e substância » (Vieira).

« Andavam em competência com Fr. Bartholomeu as honras e as dignidades: ele a aborrecê-las, *elas* a entrar-lhe por casa » (Souza).

« *Eu* pasmo! *eu* tremo! *eu* gelo! *eu* me arrepio!. . .
Foge-me a cor e a voz! . . . . .»
(Cast.).

«E *tu,* virgem do Pindo, *tu* da Grécia
Filha engenhosa, desce do Helicônio».
(F. M. do Nascimento).

«*Ele,* neto de Afonso IV rejeitou os socorros de seus valorosos vassalos, que de toda a parte haviam corrido, lança em punho, para combaterem debaixo da signa real, ao esvoaçar dos pendões inimigos; ele, cavaleiro, fora vil instrumento de vingança covarde; ele, rei de Portugal, foi o destruidor de seu povo; ele, português, recebera o nome de fraco de um castelhano, sem que ousasse desmentir a afronta » (A. Herc**.**).

Zeugma é uma figura pela qual uma palavra já exprimida numa oração se subentende na outra, que lhe é análoga ou ligada:

«A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo» (Vieira).

Neste exemplo a *zeugma,* que é uma espécie de *elipse,* faz subentender o sujeito *aurora* e o verbo *e* antes das expressões - *a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e o alento do mundo,* do modo seguinte: *a aurora é a alegria dos campos; a aurora é a respiração das flores; a aurora e a harmonia das aves; a aurora e a vida e o alento do mundo.*

Pleonasmo é uma figura pela qual se empregam palavras que, se bem não sejam necessárias para a perfeita expressão do pensamento, lhe dão, todavia, mais força ou energia:

«Onde há vergonha e honra, não se pode afirmar, senão o que *se vê com os olhos,* ou se ouve dos dignos de fé» (Arraiz).

«Este crucifixo *vi-o eu com os meus olhos,* e está hoje em dia naquele mosteiro » (H. Pinto).

«Tantos outros assombros da natureza e prodígios inauditos, *vistos com os olhos, palpados com as mãos* e *pisados com os pés*» (Vieira).

« *Mentistes mui grande mentira*» (Idem).

« *Morrer mil mortes* ao dia por vosso amor » (Fr. Lucas de Santa Catharina).

« Sendo livre mui isento,
Vio dos olhos Catharina ».
(B. Ribeiro).

«*Vi* claramente *visto* o lume vivo,
Que a marítima gente tem por santo ».
(Cam.).

«Grande *fineza* de amor! Mas onde está o mais *fino* desta fineza!» (Vieira).

« Louvamos em Deus uma *excelência,* que é mais *excelente* que todas » (Idem).

«Não há *dureza* de mármore tão *dura* nem de diamante tão impenetrável ainda ao mesmo sangue de Cristo, como a de um tal coração » (Idem).

«Não há *aspereza* tão *áspera,* que não abrande, nem *amargura* tão *amarga,* que não adoce » (Idem).

É vicioso o pleonasmo, quando é uma estéril e fastidiosa redundância de palavras, que, sem trazerem luz, nem graça, nem energia à oração e à frase, enfraquecem o pensamento, dando-lhe as mesmas vestes, representando-o sob as mesmas cores, ou sob cores ainda mais fracas e desbotadas.

As construções pleonásticas viciosas denominam-se *perissologia, tautologia* ou *batologia.*

Na classe dos pleonasmos colocamos certas partículas expletivas, que não entram rigorosamente na construção da frase, podendo suprimir-se sem por isso deixar esta de ser clara e correta.

São elementos gramaticais que dão à frase mais força e realce ou mais ênfase e eufonia, e por isso lhes chamam também *partículas eufônicas* ou *partículas de realce.*

Tais são os vocábulos *cá, lá, de, do, que, não, me, nos, se, lhe, lhes,* nas frases seguintes. *Eu cá me entendo, eu cá sei o que faço, eles lá se entendem, eu sei lá o que ele quer fazer? posso lá com isto? estou lá para isso? eu sei lá, homem?*

«Os peixes *lá* se vivem nos seus mares;
lá nas covas marítimas se entram os delfins».

«Dizem *lá* que melhor é uma arte que um reino » (Ferreira).

« Mano, faze hoje lanço de mestraço;
Pilha-*me* essas castanhas»
(Filinto).

«Canzarrão, que em dois trancos
Vos despachava um lobo »
(Idem).

« Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; *diga- lhes ditos* o papagaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas piozes; *faça-lhes* bufonerias o bugio, mas no seu cepo » (Vieira).
«Como as flores *se murcham* e *se secam* » (Idem).
«E acabada esta grande cerimônia de justiça, se desceram todos do cadafalso » (G. de Rezende).
«E minha mãe, que bondade, que afagos que *não* eram os seus!»
«Quão delicadas *não* são estas flores!»
«Que animal *que* aquilo era!»
«Que saudade *que* me *não* fazia também olhar para a igreja!»
«Que prantos, *que não* regaram as faces de Dom Martinho!» (Th. Ribeiro).

A partícula *do* antes de *que* depois de uma comparação é do mesmo modo partícula eufônica ou de realce: É mais feliz *do que* Eduardo, é mais político *do que* seu irmão.

Os nossos melhores escritores de ordinário só empregam a partícula *do* antes de *que* nessas espécies de frases, para evitar um mau soído ou uma

cacofonia, como na frase seguinte: *e mais rico do que Pedro,* onde a ausência da partícula produziria desagradável dissonância.

É para notar que em nossas frases proverbiais, em que se tenham de ligar dois termos de uma comparação, é constante a supressão desta partícula eufônica: *Mais vale um toma que dois te darei, mais vale quem Deus ajuda que quem cedo madruga, mais vale barriga cheia que barbas untadas, mais vale suar que enfermar, melhor é descoser que romper; melhor é pedir que furtar.*

Em linguagem familiar diz-se também, recorrendo por eufonia ou realce as partículas *do, da: E muito do rico; é muito do atrevido, do presumido; é muito da vaidosa; é muito da malcriada.*

Silepse é uma figura pela qual uma palavra não concorda com a com que devia fazê-lo gramaticalmente, mas com a ideia que se temi no espírito: *Vossa Excelência é muito justo e generoso; Sua Majestade foi sempre magnânimo.*

«Povoavam os degraus muita sorte de *gente* que *pareciam* pobres» (Souza).
« *Gente* desarmada e atrevida cortava o ferro por *eles*» (Idem).
«Vendo ali o *seu cuidado* (a sua dama) *vestida* da própria roupa» (Morais - *Palm.*).
«Achou *o segredo de sua alma* (Clarinda) *vestida* de umas roupas índias » (Barros).
«Das ovelhas *a maior parte* ao desamparo dos pegureiros *se perderam* » (Lobo).

Silepses como essas conhece-as a língua latina, onde em autores de boa latinidade se encontram os exemplos seguintes: « *Quod* unquam *monstrum* vidimus *qui* cum reo transigat, post cum accusatore decidat» (Cic.). «*Capita* conjurationis ejus virgis *cæsi* ac securi *percussi*» (Livio). «*Capiti* ab Jugurtha *pars* in crucem *acti, pars* bestiis *objecti* sunt» (Salustio). «*Juventus ruit certantque*» (Virg.).

Anástrofe ou **inversão.** Dá-se o nome de *anástrofe* ou *inversão* a toda a construção que se afasta da ordem da sucessão analítica do pensamento, sem quebrar a ligação imediata que as palavras têm umas com as outras: *A Dário venceu Alexandre.*

Segundo a ordem análoga ou a disposição analítica do pensamento, como já deixamos dito, deveria dizer-se: *Alexandre venceu a Dário,* pondo em primeiro

lugar o *sujeito Alexandre,* em segundo lugar o *verbo* e o *atributo,* nele concentrado, e em terceiro lugar *o complemento,* representado pela expressão *a Dario.*

Neste outro exemplo, porém, *Dário, um dos reis da Pérsia, foi vencido por Alexandre, filho de Filipe,* a construção diz-se *análoga,* porque corresponde à ordem da sucessão analítica das ideias no pensamento, onde em primeiro lugar se enuncia o *sujeito* e os seus modificativos, em segundo lugar o *verbo* e em último lugar o *atributo* com tudo o que o modifica.

O uso, a rapidez, a concisão, o vigor, a harmonia do discurso, a impetuosidade das paixões e dos sentimentos que salteiam o espírito na enunciação das ideias e muitas vezes a clareza do pensamento e a perspicuidade do estilo, contrapondo-se a essa ordem analítica ou ordinária, obrigam a linguagem a recorrer constantemente às inversões para com mais exação debuxar o mesmo pensamento de que é ela transunto fiel. Como as cordas de uma lira se temperam e ajustam com a concepção musical do gênio que as tange e anima, assim se afinam e concertam as palavras ao diapasão dos movimentos e impulsos d'alma.

Cada sentimento, cada conceito, cada paixão, cada pensamento, tem o seu tom, o seu acento, o seu caráter, a sua expressão, que a língua deve fielmente interpretar e traduzir. *Ejus (animi) omnis vultus, omnesque voces, ut nervi in fidibus, ita sonant, ut a motu animi quoque sunt pulsœ.*

As inversões podem dividir-se em duas classes: *inversões obrigatórias* ou *necessárias* e *inversões facultativas.* As primeiras são de uso tão comum na língua, que se podem de algum modo considerar como locuções gramaticais habituais, ligadas à sua constituição mesma; *as facultativas* são determinadas por circunstâncias especiais, quando o espírito, fitando o mesmo pensamento a várias luzes, intenta comunicar à frase mais movimento, concisão e rapidez, mais variedade ao estilo, mais cadência, concerto e colorido ao contexto. Empregadas mais geralmente nas línguas de construção transpositiva, em que a ordem mecânica, as variações casuais, dão mais ensanchas ao discurso, as inversões não são todavia raras nas línguas, ainda as menos sintéticas, quando a linguagem, para produzir vários efeitos, inverte a ordem ordinária, fazendo a disposição das palavras corresponder à ordem dos sentimentos, das comoções, das paixões e dos conceitos, espalhando-se na manifestação exterior do pensamento esse movimento, essa vida, que torna as línguas, por analíticas que sejam, doces e flexíveis instrumentos do gênio, que lhes imprime os selos de sua varonilidade e poder,

Se, quanto à harmonia do discurso, a rapidez, elegância, energia, concisão e varonilidade da expressão, as línguas transpositivas, favorecendo mais os grandes movimentos das paixões, adaptando-se mais ao sublime na oratória e na

poética, levam vantagem às línguas de construção analítica; estas, por sua vez, de concerto mecânico menos artificial, menos engenhoso, menos complicado, porém mais simples e claro, casando-se admiravelmente com esses hábitos de associações de ideias que tudo ligam, coordenam e harmonizam no espírito, se avantajam incontestavelmente àquelas, como meios de expressão mais consentâneos e adequados às necessidades das ciências e aos intuitos do espírito filosófico. Á construção, à cadência dos períodos é que o engenho dos oradores antigos deve principalmente o efeito maravilhoso que deu imortalidade a seus nomes e a suas produções.

A língua portuguesa, que não é tão transpositiva quanto a latina e a grega, nem, como a francesa e a inglesa, tão analítica, não se empece, disfarça e assombra tanto pelo equívoco e obscuro, como aquelas, nem, como estas, se arrasta lânguida, fria e pesada pela monotonia e frouxidão. Herdando da língua matriz sua nobreza e majestade, conservando, porém, seus ares, suas feições particulares e características, ocupando por sua construção um justo meio entre os idiomas antigos e os modernos, nossa língua já acompanha, sem destoar, os voos arrojados da poesia, já auxilia o orador, ferindo a tecla das paixões, já baixa à familiaridade do colóquio, subindo e descendo, sem desdouro, a corda dos sentimentos e das paixões, percorrendo a gama de todos os conceitos, tocando todos os assuntos sempre com nobreza e gravidade.

Hipérbato. Toda a construção que, afastando-se da ordem da sucessão analítica do pensamento, quebra a ligação imediata que têm as palavras umas com as outras se denomina *hipérbato,* que se exemplifica nos seguintes lugares de Jacintho Freire, Camões e Francisco Dias Gomes:

> «A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente »
> (J. Freire).
> «Eles tinham a vantagem do número; a do lugar, os nossos» (Idem).
> «A grita se levanta ao céu da gente». (Cam.).

> «Farás no mundo ilustres e preclaras
> Suas virtudes nobres, e teu nome
> Não morrera nas mãos do tempo avaras ».
> (F. D. Gomes).

Quando o *hipérbato* perturba a ordem, a disposição das palavras de uma frase ou de um período, de sorte que se nota uma certa confusão nas relações destas, é denominado **sínquise**, a qual não é uma beleza, senão um vício de construção, que se deve evitar:

«Por ver em que montanhas se dos mares
Livrou, anda vagando, e em que lugares».
(F. Barreto).

«Entre todos com o dedo eras notado
Lindos moços de Arzila, em galhardia»
(M. de Quebedo)

Enalage é uma figura pela qual se emprega uma palavra exercendo função gramatical diversa da que essencialmente exerce: O *escuro da noite, o escabroso do caminho.*

« *O logo* destes é como o *nunca* dos desenganados ».
«*O não posso* dos negligentes e o *não quero* dos contumazes valem quase a mesma coisa » (M. Bernardes).
« A mais trilhada parvoíce é *não cuidei*» (Lobo).
«*O eu não furto, eu não mato,* que se me dá a mim não fazeres nada disto?» (Paiva).
«Por mais que confeiteis *um não,* sempre amarga; por mais que o doureis, sempre é de ferro » (Vieira).
«*Os porquês* de Deus são só a ele manifestos» (Idem).

«Se olhas ao sol corrente, e às luas sucessivas
Sabes logo o *amanhã* »
(Cast.).

«Saboreando-se já em espírito no *só-por-só* da sua ceiasinha frugal »
(Idem).

«Eis que um Libréo lhe faz tomar *o tole*
E procurar guarida ».
(F. Elysio).

Repetição é a figura pela qual se repetem as mesmas palavras ou locuções.

Esta figura indica um espírito embebido na ideia que o absorve e fortemente o empolga, na verdade que o subjuga, ou na paixão que o arrebata e domina:

«*Abri, abri* estas entranhas, *vede, vede* este coração » (Vieira).
« *Fora, fora* com essas velhices » (Souza).

«Fim tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício os grandes *em que* os não carreguem, *em que* os não multem, *em que* os não defraudem, *em que* os não comam, traguem e devorem» (Vieira).

« A cabeça arrancada ao colo de alabastro
Ia-se a volutear no Hebro, na corrente
Do Eagro, de seu pai, mas inda a voz cadente
Co'a língua regelada - « *Eurydice* » dizia;
« *Eurydice* infeliz » - chamava na agonia;
E em todo o rio ao longo, as margens em tom brando
« *Eurydice* infeliz »- ficavam murmurando ».
(Cast., *Geórgicas).*

«*Quem manda* à ideia que não pense angústias?
Quem manda ao peito que não sofra mágoas?
Quem manda à voz que não se expanda em queixas?
Quem manda ao pranto que não corra em fios ».
(Junq. Freire).

Quando a mesma palavra se repete no começo da oração ou cláusulas sucessivas, dão alguns a esta figura o nome de **anáfora** e de **epizeuxis**, se a repetição é meramente enfática, de que Cícero nos dá um bom exemplo no passo seguinte de suas *Catilinárias:*

«**Fuit, fuit** *quondam in hac republica virtus* ».

Assíndeto, chamado por alguns *disjunção,* é uma figura pela qual se tiram às orações todas as conjunções:

«Entram de assuada os demônios pelo templo. . . Soam, roncam, bramem como leões; representam as forças, o ódio, a crueldade, o furor em formas horrendas» (Luc.).
«As lanças e arcos tomam; tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam ».
(Cam.).

Polissíndeto, a que outros chamam *conjunção,* é uma figura pela qual se empregam muitas conjunções ou **a** mesma conjunção muitas vezes, como se nota no exemplo seguinte:

«Chego, pego-lhe do braço *e* o recolho *e* o enxugo *e* o aqueço *e* o agasalho no meu colo» (A. R. dos Santos).
«Uma procissão de rendas *e* sedas *e* leques *e* véus *e* diamantes *e* olhos de todas as cores *e* linguagem » (Machado de Assis).

«Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrelas, *e* o céu, *e* o ar vizinho,
E tudo quanto a via a namorava».
(Cam.).

A linguagem reduzida sempre às suas formas regulares, tornar-se-ia lânguida, monótona, árida e frouxa, sem vigor nem colorido. São as figuras que, rompendo essa monotonia, acompanhando o pensamento em suas gradações, reproduzindo-o com todos os seus variadíssimos cambiantes, derramam na linguagem, que o manifesta, a vida, que o anima o realça.

CAPÍTULO XIX

Da Sintaxe e do Estilo

A *sintaxe,* como vimos, é a parte da gramática que trata da composição da oração e da frase. Ela estuda os vários modos por que uma língua emprega as suas formas na expressão do pensamento, e as normas diversas da construção das sentenças ou proposições.

A palavra *estilo* é um termo tão geral, que é difícil defini-lo de modo exato; é a expressão do pensamento ou mais restritamente a maneira particular de que cada homem se serve para exprimir suas próprias ideias.

Pelo estilo dizemos as coisas, dando-lhes força, vivacidade, interesse e encanto.

> «Menos nos impressionam as coisas que dizemos, diz Voltaire, que o modo como as dizemos; todos os homens têm pouco mais ou menos, as mesmas ideias do que está ao alcance de todo o mundo; toda a diferença esta na expressão ou no estilo».

O estilo liga-se muito estreitamente ao modo de sentir e pensar do escritor: denuncia e revela sua têmpera, seu caráter, sua individualidade mesma, que nele transparece e ressumbra, *não está,* di-lo bem Buflon, *fora do homem;* é o homem mesmo.

> «O *estilo*», assim se exprime Goold Brown, «tem sempre alguma relação com o modo peculiar de pensar do autor; implica, até certo ponto, e mostra não somente seu caráter literário, senão seu caráter moral; é, considerado de modo geral, a sorte de expressão de que seus pensamentos mais prontamente se revestem; e por vezes participa não só do que é característico do homem, de sua profissão, seita, tribo ou província, senão também da peculiaridade nacional ou de alguma pronunciada feição de idade»[120].

Pode uma obra qualquer ser escrita com pureza e propriedade nas palavras, observando-se na construção das sentenças e frases todas as regras gramaticais relativas às leis sintáticas; se, porém, o escritor, na distribuição dos vocábulos, na

120. Grammar of English Grammars.

escolha dos termos, na seleção e expressão de seus conceitos e pensamentos, lhes não imprimir gosto, vivacidade, graça e nobreza, o produto de seu espírito não logrará o qualificativo de perfeito, nem lhe imprimirá o seu autor o selo da imortalidade, conquista somente do bom estilo.

A *sintaxe* é das partes da gramática de uma língua a que mais se modifica e sujeita às influências intrínsecas e individuais; a ela se prende o *estilo* por laços estreitos, não sendo este senão a representação, o expoente, a medida da individualidade, porque manifesta e representa o complexo de todas as influências físicas, fisiológicas e morais sob cuja influição se desenvolve essa individualidade.

O gênio, o caráter de uma nação, a que as circunstâncias mesológicas tanto modificam e tão variamente costumam colorir e esmaltar, patenteia-se no estilo que lhe é peculiar: os orientais, povo das grandes revelações, dos sacerdócios formidáveis, dos mitos portentosos, dos momentos soberbos e gigantescos, eram de um estilo cheio de calor, entremeado de fortes figuras, de arrojadas hipérboles; a polidez, a finura e elegância dos Atenienses transluzia em seu estilo claro, perspícuo, terso, preciso e elegante; o estilo florido, efeminado e difuso dos asiáticos irmanava-se com o seu caráter de moleza e voluptuosidade; o estilo dos americanos, vivo, brilhante e pomposo, rico de imagens, fértil de figuras e de tropos, apresentando a trechos toques e visos de orientalismo, harmoniza e concerta com seu céu risonho e esplendido, com sua viçosa e luxuriante vegetação, com suas densas e vicejantes florestas e comi seus rios caudalosos, que não são fatores estranhos ao gênio e caráter desse povo.

A *sintaxe* é, digamo-lo assim, um estilo geral: é a maneira normal de exprimir os pensamentos, comum à generalidade dos indivíduos que falam uma língua; o *estilo* é uma sintaxe individual, isto é, esse mesmo modo de exprimir-se, particular a um indivíduo, ou a um grupo muito restrito de indivíduos.

No *estilo* distinguem-se duas espécies de qualidades: qualidades *gerais* e qualidades *particulares.*

As primeiras são essenciais a todo o *estilo,* devem possuí-las todos os gêneros de composição; as segundas dependem da natureza mesma dos sentimentos e das ideias ou conceitos que o escritor tem em mira exprimir.

Um idílio, um madrigal, uma comédia, uma cançoneta, uma fabula, não se recitam nem escrevem no mesmo tom ou no mesmo *estilo* que um discurso acadêmico, uma tragédia, una epopeia, ou um elogio fúnebre. A voz nem sempre tem o mesmo tom: As chancas e ditos agudos de um discurso ou conversação familiar malcondizem com a expressão dos sentimentos de mágoa *e* tristeza de uma carta ou visita de pêsames. «É grande defeito, diz Voltaire, a mistura dos

estilos. Imitemos os pintores, que fogem de ajuntar atitudes de Callot com figuras de Rafael».

As qualidades gerais do estilo são: *correção, propriedade, clareza* ou *perspicuidade, precisão, naturalidade, nobreza* e *harmonia.*

A *correção* do *estilo* consiste no respeito das regras da gramática e do bom uso; a *propriedade,* na seleção e boa construção das palavras que esse mesmo uso, geralmente adotado pelos bons escritores, apropriou as ideias que intentamos exprimir.

É com respeito a essas duas qualidades do *estilo* que, em sua *Arte Poética,* assim preceitua Boileau:

> «*Sans la langue, en um mot,*
> *l'auteur le plus divin*
> *Est toujours, quoi qu'il fasse,*
> *un mauvais écrivain*».

Por amor à correção e propriedade do estilo devemos evitar as expressões baixas e triviais, que só servem para degradar o pensamento; o emprego em prosa de palavras e frases do domínio exclusivo da poesia; o uso de uma palavra em diferentes sentidos, a repetição desnecessária dos mesmos vocábulos, de modo que denunciem pobreza de linguagem; o emprego de palavras e frases equivocas ou de sentido ambíguo; os estrangeirismos escusados; os neologismos forçados, formados contra a boa analogia.

A *clareza* ou *perspicuidade* é uma qualidade fundamental do *estilo;* consiste em exprimirmos o nosso pensamento sem obscuridade ou ambiguidade.

«Sem esta qualidade», diz o Dr. Blair, «os mais ricos ornatos luzem apenas por entre as trevas e deslumbram o leitor em vez de lhe agradarem». A palavra não deve ser máscara, que disfarce o pensamento, senão espelho, que o reflita com fidelidade.

A *clareza* nas palavras, nas expressões e nas frases arrasta não só a *pureza,* senão a *propriedade* e a *precisão.*

Para conseguirmos a *clareza* ou *perspicuidade* do *estilo,* devemos colocar as palavras, as locuções explicativas e orações junto às que se lhes correlacionam, em forma que se não quebre a relação que as liga e de que dependem; devemos evitar todo o modo de travar e tecer o discurso que torne o sentido ambíguo e embaraçoso, não se alcançando, à prima vista, o sentido do escritor; devemos proscrever todas as *elipses* e *inversões* viciosas, todos os *hipérbatos* exagerados e todos esses vocábulos e fraseados, que não sejam sancionados pelas tradições da língua, nem autorizados pelos bons escritores. É mister fugir às palavras e

construções inteiramente obsoletas, relegar esses neologismos nebulosos e construções entufadas, que tanto desfiguram o nosso idioma, transmudando-lhe a graça e beleza nativa.

«Importa», diz Quintiliano, «que seja tal a clareza, que a mais fraca atenção baste para compreender e o pensamento impressione os espíritos, como o sol impressiona a vista. «Não basta que o ouvinte possa compreender-nos; mister é, mais do que isso, que de nenhum modo nos possa deixar de compreender ».

A *precisão* é a qualidade do estilo pela qual não devemos empregar senão os termos necessários à enunciação das ideias, abreviando a expressão, de feitio tal que seja cópia fiel de pensamento que intentamos traduzir.

A regra única relativa à precisão do *estilo* é assim enunciada: devemos, para tornar o *estilo* preciso, suprimir todos os termos supérfluos.

A *naturalidade* exclui toda a afetação, toda a expressão que denuncia esforço penoso e prolongado; é a verdade dos sentimentos, da comoção e das imagens denunciada sem enfado nem fadiga da parte do escritor.

Deve-se evitar tudo o que se oponha a essa doce simplicidade, que constitui a beleza, a graça e o encanto desta qualidade do *estilo,* que tanto se adapta à simplicidade do pensamento.

A *nobreza* consiste em fugir sempre aos termos baixos e às imagens grosseiras, que degradam o pensamento, em vez de lhe dar força e elevação.

A *harmonia* é essa espécie de música do *estilo,* que resulta da judiciosa escolha das palavras e das suas várias combinações para tecer o discurso.

Quer na poesia, quer na prosa, o ouvido deve ser sempre lisonjeado; uma e outra têm seu número, sua cadência, seu compasso musical.

É principalmente em relação às qualidades gerais do *estilo,* que mais evidentes se mostram as relações entre este e a *sintaxe:* não pode o escritor ser correto e claro, nem suas composições oferecer o cunho da precisão, da naturalidade, da nobreza e harmonia, se desconhecer as regras que presidem a coordenação e subordinação das palavras e das proposições, se não atentar bem nessas combinações e construções dos termos, das sentenças, das frases e dos períodos, donde depende todo o segredo da unidade e elevação, do número, da cadência e harmonia do discurso, toda a beleza, graça, vida e interesse da elocução.

Essas regras relativas à coordenação e dependência dos termos e proposições, essas construções das palavras, sentenças ou frases notas ensina a sintaxe.

A correção e propriedade do *estilo* opõem-se o excessivo purismo e a túmida afetação, o arcaísmo e os neologismos ou inovações escusadas ou irrefletidas; à clareza opõe-se a prolixidade das frases, os períodos longos em extremo, a

multiplicação e atropelo de proposições incisivas, as combinações abstrusas e construções equívocas, desusadas e embaraçosas; à precisão, a difusão e o emprego de palavras supérfluas; à naturalidade, a afetação, os enfeites estranhos e rebuscados; à nobreza, o emprego de termos baixos, de construções triviais e imagens grosseiras; à harmonia, o emprego de sons ásperos e duros nas palavras e nas proposições, as consonâncias monótonas, os hiatos, os ecos, as colisões e os cacófatos.

As qualidades particulares do estilo dependem, já atrás o vimos, dos sentimentos e das ideias que o escritor pretende exprimir.

Por esse gênero de qualidades o *estilo* se ajusta e concerta com o assunto de que se trata, e como se distinguem três sortes principais de assuntos: o *simples,* o *temperado,* e o *elevado* ou *sublime,* assim se notam três gêneros de estilos, que lhes correspondem: o *estilo simples,* o *temperado* e o *sublime.*

O *estilo simples* é o que convém às narrativas, às cartas familiares e à argumentação. Neste *estilo* empregam-se as figuras com muita reserva e parcimônia; as frases dispõem-se tais quais natural e espontaneamente se apresentam e antolham ao espírito; com ele é incompatível todo o esforço, toda a afetação, todos esses lances sem naturalidade, que sobressaltam a alma, a maravilham e enlevam.

Os caracteres do *estilo simples* são a naturalidade, a brevidade e a ingenuidade. É o *estilo simples* os moldes em que pela maior parte se vazam as composições da *escola literária* chamada *realista.*

O *estilo temperado,* que ocupa o meio entre o *simples* e o *sublime,* resulta da fusão dos dois. Suas qualidades características são a riqueza, a elegância e a finura. Constitui esse *estilo* os modelos a que em suas composições recorre geralmente a *escola clássica.*

O *estilo elevado* é o que convém às paixões ardentes, às grandes comoções, às concepções vivíssimas; é o estilo do heroísmo, das composições épicas. As qualidades que o distinguem são a veemência, a magnificência e o sublime. É o *estilo* em que, de ordinário, se manifestam as composições literárias da *escola romântica.*

O estudo, porém, desses três gêneros de estilos não é da alçada da *gramática,* senão da *retórica.*

